





0-Rua Nova do Almada-74

Telef. 32 44 22

LISBOA

Inte 488

RB17303



Library  
of the  
University of Toronto





misses.









# DIALOGOS

D E

## VARIA HISTORIA,

EM QUE SE REFEREM AS VIDAS DOS SENHORES  
Reys de Portugal, com os seus mais verdadeiros Retra-  
tos: e Noticias dos noslos Reynos, e Conquistas,  
e varios successos do mundo.

AUTHOR

PEDRO DE MARIZ.

DIVIDIDOS EM DOUS TOMOS,

DEDICADOS

A O SENHOR

DUARTE SALTER  
DE MENDONÇA,

Fidalgo da Casa de Sua Magestade, do seu Conselho, e  
do de sua Real fazenda, &c.

E SENDO JA ACCRESCENTADOS

até a vida do Senkor Rey D. João IV. por Antonio

Craesbeek de Mello, sahem com segundo supplemento

até a vida do Magnanimo Rey D. João V.

Nosso Senkor.

POR

FRANCISCO XAVIER

DOS SERAFINS PITARRA.

LISBOA:

Na Officina de MANOEL DAS SILVA.

---

M. D. CC. XLIX.

Com as Licenças necessarias.

Vende-se em casa de Luiz de Moraes, mercador de Livros: à Praça da Palla.

# DIALOGOS

DE

## VARIAS HISTÓRIAS

EM QUE SE REFEREM AS VIDAS DOS SENHORES  
Reys de Portugal, com os seus mais verdadeiros  
Reys de Navarra, de Castella, e de Leão,  
e de outros Reynos de Espanha.

AUXTOR

## PEPPO DE MAMMA

DIVIDIDOS EM DOUS TOMOS

DE DOIS VOLUMES

A O S E N H O R

## DUARTE SALTE

### DE MAMMA

Publicado em Lisboa, na Officina de Manoel Bastião, e  
de João de Deus, Rua da Mouraria, 80.

A 22 DE OUTUBRO DE 1844

Em uma edição de João de Deus, Rua da Mouraria, 80.

Com a approvação do Excmo. Sr. D. João de Deus, e

de João de Deus, Rua da Mouraria, 80.

João de Deus

R. O. R.

## FRANCISCO XAVIER

DOS SERAENS PITARRA.

### LISBOA:

Na Officina de MANOEL BASTIÃO.

M. DEUS

Com a approvação do Excmo. Sr. D. João de Deus, e

de João de Deus, Rua da Mouraria, 80.



AO SENHOR DESEMBARGADOR.

# DUARTE SALTER DE MENDONÇA.

Fidalgo da Casa de Sua Magestade, do seu Conselho,  
do de sua Real Fazenda, do Conselho, e Estado da  
Rainha Nossa Senhora, Vereador do Senado da Ca-  
mera de Lisboa, Provedor da Real Casa de Santo An-  
tonio, Juiz Conservador dos Privilegiados da Casa  
da Moeda, e da Nação Hespanhóla, Ministro depu-  
tado para fazer concertar as estradas, quando a Corte  
faz jornada para as Caldas.

**A** HISTORIA dos Reis de  
Portugal, escrita por Pedro  
de Mariz, e agora reimpressa, e au-  
gmentada com as açcoens dos ultimos

Soberanos,, que mais illustraraõ o seu felicissimo Imperio, he a que com justo destino busca o seu nobilissimo amparo; segundo o acerto de Theofilo, que querendo expor segunda vez á luz publica os estimaveis escritos de Tullio, este Corifeo da Romana Eloquencia, os dedicou ao Senado de Roma, dizendo-lhe:

Theofilo  
ad Senat.

Hæc tibi compensatio: repetita opera Tullii; e o Senhor Dezembargador entre outros honorificos empregos, que sublimiza no serviço de Sua Magestade, he hum dos mais excellentes Ministros do Arcopágo Lusitano, e como tal tem no Senhor Duarte Salter de Mendonça segunda vez esta Historia Mecenas, que equivále a hum Senado, inflexivel emulação do Romano.

O motivo, que me obrigou a esta deliberação, foy entender, que fazia hum beneficio á Nação, e á Patria; porque considerava quasi exctincta huma Obra, em que mais, que nos bronzes, e



nos marmores merecia eternizar a sua  
duração; pois nella sem os ingenhosos  
desvelos dos Fídias, e Policletos se vem  
em mais sublimes Simulacros aquelles  
Heróes, que tanto encheraõ com suas  
acçoens de reverente espanto o Mundo  
todo, sem inveja dos Alexandres, e Ce-  
sares: podendo-lhes servir aquellas ideas  
de desenho para as suas conquistas; por-  
que neste estampado incentivo do valor  
leráõ os generosos, e Marciaes espiri-  
tos, mais que nas Historias dos Cesares,  
Pompeios, Pyrrhos, e Alexandres, co-  
mo se ensayáraõ os peitos para as con-  
quistas de taõ reconditos, e dilatados do-  
minios, quantos reconheceráõ triunfan-  
tes as Sagradas Quinas Portuguezas;  
mais que na lealdade dos Scipiões, Mar-  
cos, e Metellos a incontrastavel fê de  
todos aquelles Esclarecidos Varoens, que  
illustráraõ a Patria.

Aqui estudará o nobre a lição mi-  
litar das empresas em laminas grava-  
das

das com rubricas de sangue, que deraõ  
ao pincel do aço seus illustres progeni-  
tores. Daqui passarão aos gabinetes dos  
seus palacios, e enriquecendo o animo,  
e os olhos nas estatuas dos Ascendentes,  
acharão contra seu ócio em cada Vulto  
hum forte argumento. Inventarão-se as  
Estatuas, e as Chronologias para prè-  
mio de buns, e para doutrina de outros:  
em hum bronze, e em hum livro celebra  
a memoria os Heroes elevados, e avi-  
sa aos que herdarão suas obrigaçoens na-  
quelles pollidos semblantes. No mudo  
aviso de huma imagem, e de hum escri-  
to se adverte o passado, e o futuro; nes-  
tas duas ideas se repassão historias, que  
illuminaõ a posteridade, dos que forão,  
e á mesma luz se divulga a divida, dos  
que lhe succedem.

Pronuncia vozes o metal, e a pen-  
na, dos que morrêrão gloriosos nas em-  
prezas, contra os que vivem indignos;  
porque estando na balança da Estatua, e  
da



da Historia o pezo da obrigação, sim go-  
zaõ da vaidade da semelhança, porẽm  
com a penção de delinquentes. Nestes  
escritos se lerá, que ainda he difficil a  
resoluçoens gloriosas, exposta para per-  
suasão desta maxima a Magestosa Ima-  
gem de hum Augusto D. João IV. In-  
vadido se vio o povo Judaico, de quan-  
tos Capitaens herdáraõ as conquistas do  
Grande Macedonio; emprenderaõ a de  
Palestina Ptolomeos, Antiochos, e Nica-  
nores; e parando as ultimas reliquias do  
valor Hebrêo em alguns Magnates,  
que soffrendo mal o jugo Babylonico,  
obrigáraõ seu valor á illustre sombra  
do Magnanimo Machabêo, que inflam-  
mado do zelo da Pátria, e respeito das  
Leys, resistio a exercitos numerosos com  
tropas desiguaes; atè que appellidando  
liberdade, e assustada a tyrannia, gozá-  
raõ de huma gloriosa tranquillidade, que  
costuma adquirir-se na immunidade do  
ferro: empunháraõ as armas em obse-  
quio

Mach, I.  
c. I.

quio da razão, e correio por conta da Providencia sua suspirada liberdade.

Foy desenhado este successo, do que no seculo passado renova na Estampa este escrito, para que não acabassem de todo estes preciosos fragmentos da Historia Portugueza, que com alguma honrosa emulação não sey, se se preza França de fazela immortal em seu idioma. Breve sacrificio parecerá offerecer-lhe estes dous volumes, em que dividi o do Author, quando, attendidas as maximas de sua nobreza, e literatura, o respeito Senhor de tantos; porém desculpa-me o exemplo de Merodach, mandando dous volumes ao Grande Ezequias, discorrendo nesta offrenda, que ainda que lograsse infinitos na sua Biblioteca, não podia lisongear-lhe o gosto com melhor alfaya: Misit Merodach libros ad Ezequiam.

Isai. c. 39  
v. 1.

São os livros legitimos partos do entendimento, assim como os filhos são natu-



naturaes effeitos de seu immediato principio, como os analogizou S. Clemente Alexandrino: Filii quidem corporum, animæ autem libri sunt; per-  
tendendo a arte com mais nobres magistros emular a natureza com tantos excessos, quantos vão da porção intellectiva á terrena. E se para os filhos se buscão Padrinhos, para os livros se fazem preciosos os Patronos, como canton Virgilio: Cui donem Lepide librum.

Clem.  
Alex. lib;  
1 Stro-  
mat.

Virgil.  
apud  
Theat;  
Vit, hum

Estes dous volumes patrocina o Senhor Dezembargador contra a mordacidade dos Aristarcos; porque lido com veneração o seu nome, elle só basta para commutar em respeito a censura, como a outro intento, em discreta allusão desse generoso jeroglifico dos Dominantes, cantou hum Ingenho ao Quarto Philippe Rey de Hespanha:

Diffugiunt gentes veluti cum fortè Leonem  
Videre extantem campis imbellia Cervi  
Agmina, qui rapido quatiant velocia saltu  
Arma pedum, afflatique horrent in tergoe murfus-

*Honre estes escritos , com repetir  
a sua lição naquella espaço de tempo,  
que lhe permittirem as altas occupa-  
çoens , em que o tem posto o seu excel-  
lente génio , e a que o tem conduzido  
os seus distintos merecimentos ; porque  
nelles, como sabe, se encontraõ entre os  
estrondos de **M**arte aquella soccegada  
**P**olitica, com que os **M**onarcas Portu-  
guezes souberaõ felicitar seus dilatados  
dominios ; servindo sem duvida o tempo,  
que gastar em correr os olhos por estes es-  
critos , á diversão , e ao nobre emprego  
de huma sábia , e doce utilidade , que es-  
ta he a condição, de que se reveste huma  
bem escrita *Historia*: Qui miscuit uti-  
le dulci.*

*N*a *Historia* do primeiro *Author*  
terá advertido com aquella reflexão , de  
que



que he dotada a sua bem instruida capacidade, o valor, a felicidade, a prudencia, a fortaleza, e a magnificencia dos primeiros Soberanos Portuguezes, cujas acçoens forão gloriosa inveja de todos aquelles espiritos, que a Fama celebra nos Annaes da antiguidade. E nos Supplementos lerá em succinta Chronologia não só assimilhados, mas ainda excedidos aquelles heroicos progressos; especialmente pelo nosso Potentissimo, e Magnanimo Monarca, que Deos prospere, cujo nome lido com summo respeito, como especial dom, dado por Deos a hum Imperio, que he todo seu: Joannes, id est, Domini: Dominum. Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire, basta só para pôr em obsequioso silencio o Mundo todo, como de Alexandre o refere a Escriitura: Siluit omnis terra in conspectu ejus.

Sanctis  
Pagn.

Mach. 1.  
c. 1.

Soberano, que sem pizar as balizas da adulação, são suas obras Ethi-

cas, e Theologicas pasmos da admirã-  
ção, sem servir ao imitavel de exem-  
plo. Aos Illustres Heróes, cujos glorio-  
sos triunfos deraõ abundante materia  
para o assombro da posteridade, collo-  
cava o Gentilismo no numero dos Deo-  
ses, erigindo-lhes templos, e levantau-  
do-lhes altares, em que se fizesse immor-  
tal a sua memoria; assim o praticáraõ  
com Alcides solemnizando suas vitorias:  
In Deorum numerum relatus est;  
porque ha execuçoens tão estranhas á  
natureza, que parecem procedidas do  
portentoso braço de alguma Deidade oc-  
ulta.

Apud  
Calep. v.  
Hercul.

Este delirio da Gentilidade bem pó-  
de revindicar a nossa idolatria; pois com  
mais sólido fundamento podemos os Por-  
tuguezes applicar por templos a tão  
grande Rey para seu politico culto a  
Memoria, Entendimento, e Vontade,  
para que em repetidas aras se vejaõ re-  
petidos os holocaustos, devidos á eterni-  
nidade



nidade de tão distinto, Real, e sublime  
Espírito. No templo da *Memoria*,  
para que se admirem presentes suas supre-  
mas acçoens; no do *Entendimento*, que  
tambem tem seus sacrarior, onde guar-  
de como reliquias seus arcanos: Tem-  
pla mentis pro interioris animi se- Lucret  
lib. 5.  
cretis: onde se ponhaõ á publica vene-  
ração suas heroicas virtudes. E no de  
*Amer*, onde adcrem seus amantes vas-  
sallos aquelles prudentissimos dictames,  
com que como *Sabio*, e *Rey*, para perpe-  
tuar feliz a lealdade em seus Reynos tan-  
to se emprega em felicitar es n azeres in-  
teresses dos seus subditos.

Estes são os altares, que o *Escri-  
tor* das acçoens do nosso *Monarca* eri-  
gio nestes escritas, para que do grande  
templo da *Memoria* passassem da penna á  
estampa, e todo o *Mundo* respeite tão ini-  
mitavel gloria: Et in templo ejus om-  
nes dicent gloriam. Pf. 28.

*Veja agora, que justos são os me-  
tivos,*

tivos, que o obrigão a proteger esta Historia, sendo o Senhor Duarte Salter de Mendonça o mais favorecido Vassallo de hum Principe, que tanto sabe premiar a qualidade de seu merecimento. Não deixo tambem de lembrar-me ser antiquado estyllo nas Dedicatorias tocar por extenso as qualidades herdadas, e adquiridas dos sujeitos, a que se dirigem; mas não sigo este costume neste escrito, que pedia mayor extensão pela materia; e eu, como advertio Sidonio, Non historiam, sed epistolam efficere curavi. Com tudo só direy pelo sonoro clarim da Fama, que o dotou o Ceo de todos aquelles attributos, que constituem hum Ministro perfeito, destinado para tantos empregos Civis, e Politicos, cujas doudas, e serias resoluçoens ouviraõ como Oraculos os Tacitos, e Justinianos.

Concluo emfim desta Dedicatoria com rogar-lhe aceite a grande vontade,



de , com que lbe consagro esta Obra , e a  
mim proprio , para que com este voluntario  
sacrificio se me perpetue aquella benigna  
protecção , de que se prezaõ os seus  
criados ; felicitando-me este auspicio a  
doce harmonia do Sulmonense:

Vestri non immemor unquam;  
Qui mala solliciti nostra levastis, ero.  
Semper inoblita repetam tua munera mente,  
Et mea me tellus audiet esse tuum.

Ovid. lib.  
4. do Pöt.  
Epist. 6.  
Ibid. Ep.  
15.

*Senhor Duarte Salter de Mendonça.*

*Seu obsequioso Criado.*

*Luiz de Moraes.*

My dear Mr. [Name],  
I have just received your letter of the 10th inst. and am  
glad to hear that you are well. I am  
also well and hope this finds you the same.  
I have not much news to write at present.  
I am, dear Sir, very respectfully,  
Your obedient servant,  
[Signature]

1841  
1842  
1843  
1844  
1845

I have not much news to write at present.  
I am, dear Sir, very respectfully,  
Your obedient servant,  
[Signature]



# INDEX

## DOS CAPITULOS, QUE SE CONTE'M nesto primeiro Tomo.

**D**IALOGO I. *Em que se descreve a fundação de Coimbra, derivação de seu nome, e exposição das armas, pag. 1*

Cap. I. *De alguns louvores da Cidade de Coimbra, ibidem.*

Cap. II. *Da derivação do nome Coimbra, pag. 7*

Cap. III. *Da antiga fundação de Coimbra pag. 11*

Cap. IV. *Da conta, em que se hão de ter os Authores antigos, e das insignias, que as Cidades de Portugal tem por armas, p. 17*

Cap. V. *Da exposição das armas de Coimbra. pag.*

23

DIALOGO II. *Em que se conta o principio dos Reis de Portugal ao que chamamos infancia, e primeira idade sua, pag. 35.*

Cap. I. *Em que se dividem as cousas dos Reis de Portugal em quatro partes, ou idades, ibidem.*

Cap. II. *Das cousas antigas de Portugal, até que chegou à dignidade Real p. 39*

Cap. III *Do Conde D. Henrique, e como deu principio ao senhorio de Portugal, e do nascimento do Principe D. Affonso, que foy o seu primeiro Rey, pag. 45*

Cap. IV. *Do invencivel Rey D. Affonso Henriques I. em o nome, e na soberania Real, p. 53*

Cap. V. *De algumas confirmaçoens necessarias ao credito da visão, que vio El Rey D. Affonso, p.*

57

Cap. VI. *De algumas conquistas del Rey D. Affon-*

Tom. I,

\*\*\*

Cap.

so Henriques, pag. 84.

Cap. VII. Da morte delRey D. Affonso Henriques, e da nobilissima progenie da Rainha sua mulher, p. 87.

Cap. VIII. Dos Reynos, e grandes senhoririos, e muitas outras cousas notaveis, que com o Reyno de Portugal tiverão principio, p. 96

Cap. IX. Das cousas delRey D. Sancho primeiro do nome, e segundo Rey, pag. 107.

Cap. X. Das cousas notaveis, que em tempo delRey D. Sancho no mundo florecerao, e tiverao principio, p. 116

Cap. XI. DelRey D. Affonso segundo do nome, e terceiro Rey, a que chamarao o Gordo, pag. 125

Cap. XII Das cousas notaveis, que em tempo deste Rey succederao no mundo, pag. 133

Cap. XIII. DelRey D. San ho, que chamarao o Capello, segundo do Nome, e quarto Rey, pag. 145

Cap. XIV. DelRey D. Affonso terceiro do nome, a que chamarao Conde de Bolorha, e muitas cousas notaveis de seu tempo, pag. 147

DIALOGO. III. Em que se referem as cousas de Portugal, a que chamamos Adolescencia, e segunda idade sua, pag. 155.

Cap. I. Do generoso Rey D. Diniz, unico do nome, e sexto Rey de Portugal, ibidem.

Cap. II. Do principio do falso Profeta Mafoma, e de sua nefanda seita, e da Origem dos Turcos, e fundação do Imperio de seus Othomanos, p. 164

Cap. III. DelRey D. Affonso o quarto do nome, que chamarao o Bravo; e da innocente morte da formosa Dona Ignez de Castro, pag. 175

Cap. IV. DelRey D. Pedro por cognomento o Cru, mas por sua inteira justiça venerado, p. 185

Cap. V. Das cousas delRey D. Fernando unico do nome



me, e ultimo Rey da idade segunda de Portugal, p.

193.

Cap. VI. Das cousas notaveis, que neste tempo acontecerão no mundo, p. 203

DIALOGO IV. Em que summaria/nente se referem as conquistas do Reyno de Portugal, que chamamos idade varonil, p. 207.

CAP. I. Do felicissimo Rey D. João o primeiro do nome, que chamarão de Boa memoria, *ibidem*.

Cap. II. Das conquistas del Rey D. João ate sua morte, pag. 220

Cap. III. Dos filhos, e descendentes del Rey D. João de Boa memoria, p. 233.

Cap. IV. Do Infante D. Henrique, filho del Rey D. João de Boa memoria, e como deu principio ás gloriosas conquistas do Reyno de Portugal, p. 241

Cap. V. Del Rey D. Duarte unico do nome, e undecimo Rey de Portugal, pag. 257.

Cap. VI De algumas cousas notaveis, que no mundo tiveram principio, quando começou nelle a idade varonil de Portugal, p. 263.

Cap. VII. Del Rey D. Affonso quinto do nome, que chamarão Africano, pag. 271

Cap. VIII. Das Conquistas del Rey D. Affonso V. de Portugal, p. 283.

Cap. IX. Diferenças, que El Rey D. Affonso trouxe com Castella, seus trabalhos, e morte, p. 293.

Cap. X. Das cousas del Rey D. João segundo do nome, que por suas excellencias chamarão o Magno p. 307

Cap. XI. Das novas Conquistas, e descobrimento de incognitos mares, o navegacoes, a que El Rey D. João segundo deu felice principio, pag. 317.

Cap. XII. Dos costumes, vida, e morte del Rey D. João segundo, p. 335.

Cap. XIII. De muitas cousas notaveis, que neste

tempo acontecerão no mundo, p. 345

Cap. XIV. Das cousas do Inviçtissimo Rey D. Manoel, e como se descobrio, e conquistou o riquissimo Imperio do Oriente, pag. 353

Cap. XV. De como o Almirante D. Vasco da Gama passou segunda vez á India, e do que passou em sua Conquista, até que a elle foy o primeiro Vice-Rey, pag. 381

Cap. XVI. Do primeiro Vice-Rey D. Francisco de Almeida, e do que succedeo no tempo de seu governo, p. 404

Cap. XVII. Do grande Affonso de Albuquerque segundo Governador, e Capitão General da India, e do que succedeo em sua Conquista, em vida del Rey D. Manoel, p. 428

Cap. XVIII. Das conquistas, que El Rey D. Manoel fez em Africa até o tempo, em que passou a elle o Duque de Bragança, p. 455

Cap. XIX. Das mais conquistas, e obras heroicas, que em Africa se fizeram até a morte del Rey D. Manoel. p. 473.

Cap. XX. Das mais obras del Rey D. Manoel, e de todas as mais cousas, que em sua vida, e morte acontecerão neste Reyno, p. 495.

Cap. XXI. Da amplissima geração de filhos, e filhas del Rey D. Manoel, pag. 511.



# LICENÇAS.

## DO SANTO OFFICIO.

**P**O'de reimprimir-se o livro, de que se trata, e tambem o supplemento, menos o riscado; e depois de reimpresso tornará conferido por qualquer Qualificador do Santo Officio, para se dar licença que corra, Lisboa 4. de Fevereiro de 1749.

*Fr. R. Lanc. Abreu. Amaral. Almeida. Trigofo.*

## DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. P. M. *Fr. IGNACIO da Graça, Religioso da Ordem de S. Francisco da Provincia dos Algarves, &c.*

### EXCELLENT. E REV. SENHOR.

**E**Ste supplemento aos Dialogos de varia historia de Pedro de Mariz faz mais appetecida a sua obra para os curiosos pela narrativa de mais noticias, que douda, e engenhosamente expõem o supplemento; e porque não tem cousa dissonante à Fé, e bons costumes se faz merecedor da licença, que pede. V. Excellencia ordenará o que for servido. Convento de S. Francisco de Xabregas, em 6 de Setembro de 1749.

*Fr. Ignacio da Graça.*

Vic-

**V**ista a informação, pôde imprimir-se o  
supplemento, de que se trata, e tambem  
reimprimir-se o livro, de que se faz menção, e  
depois de impresso torne, para se dar licença  
para correr. Lisboa 2 de Setembro de 1749.

*D. J. A. de L.*

## DO PAÇO.

**CENSURA DO M.R.P. PEDRO CORREA**  
*da Congregação do Oratorio de Lisboa, &c.*

## SENHOR.

**P**Or mandado de V. Magestade vi o sup-  
plemento ao Dialogos de Pedro de Ma-  
riz, e não encontrey nesta pequena Obra cou-  
sa alguma, porque se faça desmerecedora da  
licença, que pede para correr impressa. He  
o que entendo. V. Magestade mandará o que  
for servido. Lisboa, e Congregação do Ora-  
torio, 24 de Setembro de 1749.

*Pedro Corrêa.*

**Q**Ue se possa imprimir, vistas as licenças  
do Santo Officio, e Ordinario; e depois  
de impresso tornará á Mesa para se conferir,  
e taixar, e dar licença para correr, e sem esta  
não correrá. Lisboa 27 de Setêbro de 1749.

*Castro. Mourão. Doutor Quintella*

DO



## DO SANTO OFFICIO

**V**isto estar confôrme com o original, pôde correr. Lisboa, 4 de Novembro de 1749.

*Fr. R. Lancaſtre. Sylva. Abreu.  
Almeida. Trigozo.*

## DO ORDINARIO.

**P**O'de 'correr. Lisboa 6. de Novembro de 1749.

*D. J. A. de L.*

## DO PAÇO.

**Q**ue possa correr, e taixaõ o primeiro tomo 00 reis; e o segundo em 250 rês. Lisboa, 8. de Novembro de 1749.

*Marquez P. Carvalho. Mouraõ.*

DO NOT WRITE IN THESE SPACES

DATA OF

0317



# DIALOGO I.

## DE VARIA HISTORIA,

*Em que se refere a antiga fundação da Cidade Coimbra, a derivação de seu nome, e exposição de suas Armas.*

### CAPITULO I.

*De alguns louvores da Cidade Coimbra.*

**E**M huma tarde do calmoſo Eſtio hum Eſtudante Portuguez, verſado na lição dos Filoſofos, e Hiftoriadores antigos; e modernos, depois de ſatisfazer às obrigaçoens de ſeu eſtudo, ſe ſahio da Cidade Coimbra, e ao longo do rio Mondego ( que aquella Cidade rega ) ſe foy paſſeando por baixo dos verdes cenſeiraes, que da parte do Meyo dia, e Occidente lhe fazem alegre companhia, com muitas, e deleitoſas ſombras: até que chegou a hum lugar ſaudoso, onde as agoas de huma pequena ribeira, que de hum valle mansamente deſcem, ſe merem em o meſmo rio, e dalli eſtendendo os olhos por todas as partes, vendo a formoſura daquellas cryſtallinas agoas, e os ſombrios boſques, deleitoſas quintas, e pomares, de que todas aquellas prayas eſtão cobertas; e o ſingular artificio, com que a natureza veſtio de ſua formoſura as terras viſinhas áquella Cidade, que como ſenhora dellas, ſobre todas ſe moſtra, e ſe conhece. Elevado neſta contemplação, não eſteve muito, quando vio, que para aquella parte atraveſſava a eſtrada hum homem de meya idade, e grave preſença, em habito de Peregrino, o qual era de nação Italiano, e havia muitos dias que com occaſião de peregrinar andava diſcorrendo todos os Reynos, e Provincias de Europa: e com a diligencia, e curioſidade, em que os ſeus naturaes ſão excellentes, procurava ſaber todas as couſas notaveis, e di-

gnas de memoria, que em cada Reyno, e Provincia se podiaõ alcançar, assim das Cidades, e Lugares insignes, Fortalezas, e Castellos, como de Reys, e Varoens illustres, que ou com heroicos feitos na guerra, ou com eminentes letras na paz, ou com sua prudencia no governo, as illustraõ, e fizeraõ conhecidas no mundo, e encommendaõ á memoria. E depois de se saudarem com a cortezia, que sua criaçaõ, e entendimento lhes ensinava, começou a dizer o Italiano. Depois que entendi, quam breve era a vida dos homens, e que para hum vir nella a ser verdadeiramente sabio, além de outros requisitos, lhe era necessario ter particular noticia de muitas cousas; e que esta se não podia alcançar, sem ver primeiro muita parte do mundo; como já em outro tempo fizeraõ Pythagoras, e Strabaõ, Diodoro Siculo, e o grande Apolonio Tyaneu, o qual por ouvir os Bracmanes do Oriente, e os Gimnosophistas da Ethyopia, e outros muitos sabios da terra, atravessou a mayor parte della; como conta Philostrato. Com este exemplo provocado, depois que me offereci aos trabalhos de taõ larga peregrinaçaõ, e difficullosa empreza, alcancey ver muitas Provincias, muitos Reynos, e Cidades, e muitas gentes de varios, e diversos costumes: mas nunca achei terra, que taõ saudosa lembrança me representasse de minha patria, como esta vossa; porque assim em a natureza, e frescura della, como na benignidade dos ares, e quietação dos moradores, lhe he taõ semelhante, que se não soubera estar esta em Portugal, e a minha em Italia, já podéra ser, que me enganára. Não me espanta (respondeo o Portuguez) com taõ boa occasiaõ, e em taõ vivo retrato, como este vos parece, representarfe-vos a vossa patria, e elevardes-vos em as saudades della. Porque não sómente a vossa, que muitos chamaõ Jardim do mundo, mas qualquer outra, que o não seja, he taõ doce a cada hum, e se lhe representa taõ formosa, que ainda as que o são muito mais, lho não parecem tanto. Mas eu mais folgaria, que suspendendo estas saudosas contemplações, me contaísseis algumas cousas maravilhosas, que pelo mundo achastes, e eu nunca vi, e me podem servir de melhores mestres para governar a vida, que os dialogos de Plataõ, ainda que seja o Divino, nem os preceitos de Aristoteles.

Posto

D. Hier. in  
Epist. ad  
Paul.



Posto que aos exemplos (respondeo o Italiano) chamao os Filoſofos antigos razoens vivas, e que estas para perſuadir tem notavel forca; todavia esta hoje o mundo tao inficionado de vicios, que alguns tem por mais seguro viver hum homem em perpetua ignorancia delles, pois de sua noticia tanto perigo procede. Senao se me quizerdes dizer, que a peçonha com outra semelhante se cura. Mas inda que o mundo esta mais abastado de costumes vicioſos, que de heroicas virtudes; e mais vario nelles, que o Cameliao nas cores; nem porisso em algumas partes delle deixa de haver alguns dignos de louvor, e imitacao. Bem entendendo eu (disse o Portuguez) de vossa curiosidade, e grande entendimento, que acharieis nos Reynos, e Provincias, que peregrinaſtes, couſas grandes, virtudes excellentes, e costumes louvaveis: posto que alguns homens; que neste nosso tempo peregrinarao o mundo, ou naõ acharao estas couſas grandes, e louvaveis costumes, de que fazeis mencao; ou se os alcançarao, foy de tal maneira, que naõ lhe durou mais a lembrança, que a presenca delles. Porque quando muito nos dizem alguma couſa da grandeza de Paris, e da nobreza de suas elcolas, por Carlos Magno instituidas. Da riqueza de Veneza, e da grande authoridade, e excellente governo de seus Senadores: da magestade de Roma, e de suas veneradas ruinas: da formosura de Napoles; da fortaleza de Constantinopla, da admiravel grandeza do Cayro no Egypto; e de outras algumas, que por suas excellencias saõ tao louvadas, como pelos vicios de seus moradores vituperadas. Mas ousarey a afirmar, que posto que visseis muitas Cidades mais ricas, e populosas que esta, e na opiniao dos homens muito mais estimadas, pode ser, que na antiguidade de sua fundacao, e laudaveis ares, de que se alimenta; na formosura do sitio, e em outras excellencias; de que a natureza a enriqueceo, muy poucas achareis, que lhe sejaõ iguaes; ou em muito superiores. E parecervos ella tao semelhante a vossa, naõ cuideis que he, por ser tao differente de todas, que com ella só se pareça; mas porque achais, que se pode contar entre as melhores do mundo: couſa, que cada natural deſeja na sua. E se eu o naõ fora desta, e porisso suspeito em seus louvores, já podera ser, que mostrara ser ella

Claudio  
Ptholomeu  
L. 3. epist.

merecedora de a terem em muito. Antes estou tão satisfeito de suas mostras, (disse o Italiano) e pareceme tão bem a eleição do lugar, em que os antigos a fundarão (causa principal de felicidade no edificar das Cidades) que não haverey que he maravilha ouvir dizer muitas de sua antiguidade. Na qual, suspeito, devia ser muito estimada; segundo a fôrma de seu assento, authoridade de seus edificios, e bella vista, de que goza. E porque sobre outras cousas excellentes, que tem, me parece muito antiga, não vos seja pezado, aliviando com vossa companhia o enfadamento desta ardente festa, fazerme mercê de me dizer, quem foy o que lhe deu principio. Porque o alteroso, e guerreiro sitio, em que está edificada, parece me está persuadindo, que o antigo Dardano, author da famosa Troya, seria seu primeiro fundador. Os temperados ares, e tão conservadores da vida humana, de que goza, me querem mostrar, que o grande Ptholomeu; príncipe da Astrologia, a mandaria aqui fundar; porque (segundo me dizem) residindo nella tantos estudantes, naturaes de tão diversos climas; como ha em Portugal, de maravilha morre hum: cousa, que em nenhuma outra atégora se tem visto. A grandeza, e sumptuosidade desta ponte, me persuade, a que tenha para mim, que Alexandre o Macedonio; Monarca naquelle tempo do universo, podia ser, o que a edificasse. Os deleitosos pomares, e frescos bosques, regados de perennes fontes, e saudosas ribeiras, acompanhadas de formolas arvores, e flores, como vemos, me mostraõ, que o author daquelles tão celebrados Hortos; chamados Pensiles, que por seu artificio, e compostura, forão contados entre as sete maravilhas do mundo, podia ser o que os plantasse: ajudando-o no artificio, com que estão compostos, o engenhoso Archimedes Siracusano; porque de nenhum outro, me parecia a mim, semelhantes cousas podiaõ ser obradas. Pois vejo, que vindo eu hoje de ver as Escólas, espantado da authoridade, e sciencia dos Lentes, que ha nellas, vim passeando até a ponte, encostado nella, fiquey muito mais admirado: quando, lançando os olhos pelo Mondego acima, vi baixar suas claras aguas tão brandamente, que não podia julgar, para que parte corriaõ; cercadas de huma, e outra parte de muitas, e deleitosas

quin-

Plin. Natur.  
hist. lib. 3.  
Strab de si-  
pporbia 1. 3.



quintas, abundantissimas de todo o genero, e diversidade de frutas: todas tão boas (segundo me disserão) como as mais excellentes de toda Hespanha. E virando-me da outra parte, alarguey a vista por elle abaixo, considerando aquelles naturaes meandros, e costeadas voltas, que por esse formoso campo vay fazendo, esprayando-se por elle humas vezes, e outras repartindo-se em muitas, e muy vivas correntes; causa de ser abundantissimo. Nem me ficáraõ por ver as muitas, e formosas oliveiras, que não sómente com sua perpetua verdura daõ huma alegre recreação aos olhos; mas tambem com sua sombra saõ causa de os verdes prados se esmaltarem de diversas flores, e boninas; aformoseadas com varias cores. Do qual collegi, que se os antigos, que com tanto cuidado buscavaõ os campos Elisios, tiveraõ conhecimento desta Cidade, participando das maravilhosas excellencias, de que a natureza a dotou, sem duvida descansando, nella parariaõ, julgando-a por digna de mayores louvores, do que eraõ os grandes, que aos seus tão celebrados campos attribuaõ: e que a teriaõ por gloria, pois ainda a que elles imaginavaõ, não era igual a esta. Não me parece, que tendes razão ((disse o Portuguez) em cuidar, que para esta Cidade ter as excellencias, que lhe imaginais, lhe foraõ necessarios os Authores, que lhe attribuis. Porque tendo ella por fundador ao famoso Hercules, filho de Osiris, antiquissimo Rey do Egypto, podia muito bem escular a fortaleza de Dardano, e a sabedoria de Ptholomeu. E tendo por amplificadores os esclarecidos Reis de Portugal, principalmente o invencivel D. Afonso Henriquez, e o Christianissimo Monarca, unico do Oriente, D. Manoel, e seu filho; não lhe era necessario a grandeza de Alexandre, nem o artificio de Archimedes, para ser sumptuosa, bem afortunada, e aprasivel. Porque estes não sómente a enobrecéraõ com edificios magnificos, e de grande magestade, como hoje vemos (alguns dos quaes não tem inveja aos antigos amphitheatros de Roma) mas ainda a quizeráõ engrandecer com muitos privilegios, e prerogativas, que tem sobre todas as outras do Reyno: com que os naturaes della vivem tão contentes; como que se lhe sobejara tudo, o que para o necessario uso ás vezes lhe falta. Muito duvido eu ((disse o Italiano)

que

Beros. anti-  
quit l. 5.  
Diod. Sicul  
de antiquo  
gestis. l. 1.

S. Aug. l.  
confess.

Idem Tho.  
lom. l. 5.

D. Hier.

que haja homens no mundo tão amigos da pobreza; que vivaõ com ella contentes; porque natural he aos pobres invejarem os ricos, e onde reyna inveja, não póde haver alegria. Quanto mais os desta terra, que cuidão não são tão pobres de fazenda, que fação fundamento só no espirito; nem tem tanto d'elle, que desprezem a ella, e a não desejem. Para hum homem ( respondeo o Portuguez ) ser na pobreza contente, não he necessario que despreze as riquezas, nem que tenha tanto de espirito, que só nella se mantenha: basta-lhe governarse mais conforme á necessidade da natureza, que ao appetite da opiniaõ; por não vir a dar nos pensamentos do outro, que desejava ser senhor até dos mundos de Anaxagoras. Além disto, estes, de que fallamos, por padecerem todos igualmente esta humana infelicidade, a não sentem tanto; pois he certo, que os nossos olhos são a principal occasião de nos parecer tão aspera, e pesada a pobreza. E com razão; porque se tirarem da vista dos homens pobres as riquezas do mundo, subitamente a pobreza se lhe fará mais leve; e como não virem em outrem as pompas, e os thesouros, os apparatos de vestidos, e servidores, que costumão os ricos; não sómente não os procurarão, mas nem ainda não os ter, lhes dará molestia. E he isto tanto assim, que tendo-me eu já por confirmado nos temperados desejos do animo, quando alguma hora me acho nas pompas das Cidades, sinto subitamente nascerem-me certos fumos de vãos appetites, os quaes por ventura me seriaõ causa de alguma grave enfermidade no entendimento, se logo com a tempestade de negocios os não desbarataffe. Donde vem, que todas as vezes que me vejo na quietação desta nossa Cidade, logo sem nenhuma duvida me acho, como se andasse por hum quieto mar, levado de ligeirissimo vento, sem inchação de ondas, nem perigo de tempestade alguma. Porque aqui a quietação da gente, a mesma solidaõ, o apartamento do trafego do mundo, a simplicidade dos passarinhos, a descansada amplificação dos animaes, a saudosa corrente das ribeiras, a continua diligencia, com que as arvores produzem seus frutos, e as ervas suas flores; e a natural providencia, com que a terra mostra sua liberalidade em seus ordenados tempos com os homens: e sobre tudo, tendo ante os olhos a igualdade



dade, com que a mesma natureza reparte suas cousas; e a obediencia, com que cada huma se contenta, e que nisso só se sustentaõ, nos servem de melhores mestres, para nos consolar, que toda a escola dos Philosophos de Athenas. Verificando bem aquella sentença tão celebrada dos Sabios, e por longa experiencia approvada, que a natureza de pouquissimas, e muy pequenas cousas se contenta, vivendo aqui contentes com pouco; porque (como diz Cleante) não desejaõ muito: pois aquelle está mais longe de alcançar o fim de seu desejo, que conforme a elle mais cousas possui; porque as mayores riquezas criaõ mayores desejos,

## CAPITULO II.

*Da derivação do nome de Coimbra.*

**M**As porque não cuideis, que todo o tempo quero gastar em louvores de minha patria ( ainda que para o fazer me dêstes grande occasiõ, e eu tinha materia amplissima ) deixando isto, para que sem palavras artificiosas, os exemplos clarissimos, que ante os olhos temos, vo lo manifestem, tratarey sómente algumas cousas de sua fundação, e antiguidade: porq̃ para proseguir todas, nem eu pela variedade dos tempos poderey confirmalas de modo, que vos tire de duvida; nem vós, por ellas serem pouco costumadas, lhe dareis o inteiro credito, que á verdade se deve. Porque depois que esta Cidade se fundou, houve no mundo tão pouca constancia no senhorio d'elle, que padecendo em cada espaço quasi de cem annos, ou pouco mais, huma notavel mudança; assim como o senhoreáraõ diversos Principes, e Monarcas, assim foraõ nelle introduzindo diversos costumes, differentes leys, e religioens, e varias linguagens. E assim como são muitas as qualidades, e especies dos homens, assim seguindo suas condiçoens, e vontades, cada hum usava das cousas como lhe parecia. Porque os que se viaõ mais poderosos, mudavaõ as Cidades de huns lugares para outros; outros lhes mudavaõ os nomes de tal maneira; que tantos appellidos vieraõ a ter algumas Cidades, quantos foraõ os Principes, que as senhoreáraõ: e segundo a vontade de cada hum, assim se mudavaõ as terras, e edificios. Donde vem, que não ha hoje Cidade,

nem

Geneb. in  
sua Chrono  
log. l. 4. in  
princ.  
Perfius Sa  
tyr. 1. Joan  
de Bar. Lu  
sit in antiq.  
interament  
provinc.



Dion. Hali-  
carnas. de  
antiq Rom.  
l. 1. Leand.  
Albin Geo-  
graf. Ital.  
Trogus Póp  
l. 13:  
Raphael Vo-  
laterr. l. 6.  
geogr. Joan.  
Zonar. t. 2.  
Monarch.  
Eccl. l. 2. c.  
16. & c. 17.  
qui multos  
allegat Joan  
Valeus in  
Chron. Hisp.  
c. 10. Ignat.  
Moral. in en-  
comio Co-  
limbr. Joan.  
de Bar. ubi  
sup. Georg.  
Coel. in re-  
gi. antiq.  
Hisp. And.  
Resend. in  
annos sup.  
vira, quam  
scripsit de  
B. Vinc. ubi  
sup. Monar-  
ch. Eccl. l.  
1. c. 4 § 3.  
Raf. Volat.  
l. 2. geogra-  
ph.

nem lugar algum notavel, que retenha seu primeiro, e ori-  
ginal nome; senão algumas, que escaparaõ, por serem taes,  
que a cobiça dos homens tinha nellas pouco que fazer; ou  
por estarem taõ desviadas, que não chegaraõ á noticia dos  
cobiçosos: que doutra maneira, nem escapou Roma, que  
não se chamasse Valença, Latina, Gotica: nem a Provincia  
de Italia; que não tivesse por nome Hesperia, Latio, Au-  
sonia, Enotria, e Saturnia: nem menos ficou Babylonia, e  
Athenas de lhes mudarem o sitio: nem a nossa Hespanha,  
que se não chamasse primeiro Iberia, Betica, Hesperia,  
Tarthesia, e Hispania, e Vandalia; nome, que ainda lhe  
ficou na Andaluzia: nem outras muitas, em quem a con-  
fusão dos barbaros, e a vontade, e vangloria dos soberbos  
causou o mesmo. E foy isto taõ geral em todas, que até  
àcerca do nome da nossa Coimbra ha tantas opinioens en-  
tre os Authores, que della alguma cousa trataõ, que huns  
lhe chamaõ Conimbrica, outros Colimbrica, e outros Co-  
nimbriga, e alguns Lancobriga, como lhe chama Ptholo-  
meu, e Pomponio Mella: sendo o seu verdadeiro, e antigo  
nome Colimbria. E a cada hum destes nomes daõ os Au-  
thores delles sua derivação; dizendo, que se chamou Co-  
nimbrica de conus, que quer dizer pinha, porque o sitio,  
onde ella está, o parece: e Colimbrica de colis, que signifi-  
ca colhado, ou monte levantado; e Colimbriga, ou Lanco-  
briga, de Brigo, antigo Rey de Hespanha, do qual, por ser  
muito dado a edificar muitas terras, tomaraõ o nome. Mas  
lembra-me, que diz o nosso George Coelho, que este Rey  
Brigo, não sómente não deu o nome em Hespanha a mu-  
ltas povoaçoens, mas antes o tomou elle de Briga, ou Bri-  
ca, palavra antiga Hespanhola, que segundo elle diz, sig-  
nificava Cidade: segundo diz Estevão de Garibay, queria  
dizer povoação grande, que he quasi o mesmo; porque em  
Cantabria, donde este Author era natural, onde elle diz,  
que ficou a primeira, e originaria linguagem dos Hespá-  
nhoes, affirma o mesmo, que ás povoaçoens grandes cha-  
mavaõ Brigas, e ás pequenas Irias; como ainda neste tem-  
po diz, que algumas villas pequenas tem o nome de Iria.  
Donde entenderéis, quanta razaõ eu tenho de razear pro-  
seguir o começado, pois ha tanta variedade nisto, que se  
não póde com verdade affirmar cousa certa; confundindo-

se humas com as outras, de modo, que lendo eu os dias atrás o oitavo Concilio Toletano, que se celebrou no anno do Senhor de 655. ou de 652. segundo Vaseu, e reynando em Hespanha o Catholico Rey Flavio Reccesuin-do, achei, que na confirmação d'elle se acharaõ presen-tes, entre outros muitos, dous Bispos de Lusitania; hum dos quaes se assinaua *Celidonius Colibriensis*, ou *Caliabren-sis episcopus*: e mais abaixo dizia outro, *Sisebertus Conim-bricensis episcopus*. Do qual se póde collegir, que havia em Portugal naquelle tempo duas Coimbras, ambas Ci-dades episcopaes, não havendo neste presente mais que hum. Senão se se ha de dar credito, ao que João Valeu ácerca disto refere do mestre Andre de Resende, que teve por opiniaõ ser esta, em que estamos, chamada antigamen-te Colibria; e que a Conimbrica, de que se faz menção no Concilio, estava em hum lugar, que hora se chama Condexa a velha, que dista daqui duas legoas, onde inda hoje estaõ muitos sinaes de nobreza, e antiguidade; como saõ arcs de pedraria bem lavrada, pilares, e alicesses bem fundados, e muitos letreiros de diversas lingoas, final cer-to de ter tambem diversos senhores; e sobre tudo o sitio, e fórma de seu assento o mostraõ. Mas não deixarey tam-bem de lembrar, que em alguns originaes antigos, princi-palmente Romanos, lhe chamaõ Condenha, que he muy semelhante ao nome, que hora tem, pois se diz Condexa. Hora vede, o que nisto se póde ter por mais certo, ou o que se póde afirmar por menos duvidoso; porque quanto a mim, parecem-me aquellas ruinas de Condexa muito anti-gas. E não aver nas historias Romanas, nem nas de Hes-panha memoria alguma de sua perdição, me persuade a crer que os Mouros, ou os Alanos, ou outros barbaros; dos muitos que a estas partes vieraõ, quando entraraõ em Hespanha, e a senhorearaõ, fazendo-lhes esta Cidade algu-ma resistencia, a destruiriãõ; e como eraõ barbarissimos, não era muito não ficar memoria de tal crueldade; porque as terras habitadas de gente barbara, saõ pobres de memo-rias pela falta dos escriptores; e não ha curiosidade taõ diligente, que baste para satisfazer ás de taõ longe. Se-não se he verdade, o que alguns dos naturaes dizem por relação de seus avós; que a gente daquella Cidade veyo



a povoar esta em que estamos. O qual seria por estar muito perto huma da outra, que causaria entre os moradores muitas differenças; e entre os governadores muitos odios, que virião algumas vezes (como em outras tem acontecido) a parar em cruéis guerras. Do qual he muito possivel, que movido algum Principe, que então a senhoreasse, lhe pareceo, que para se escusarem tantos males, era bem, que se extinguisse huma dellas, e que esta só ficasse; por estar em melhor sitio, e ter melhores ares, e ser regada deste alegre rio; e sobre-tudo, por ser muito mais antiga em sua povoação, que a outra. Assim que o verdadeiro nome, que esta Cidade antigamente tinha, he Colimbria, como em muitos Codices Romanos, e Bullas Apostolicas claramente se manifesta; e em todas as doações dos primeiros Reys de Portugal, e de outros mais antigos, bastantemente esta verdade se mostra; chamando-lhe algumas vezes Colibria, e outras Colimbria, que vem a ser o mesmo. E digaõ os que lhe chamaõ Conimbrica; ou Colimbriga, o que quizerem, que este nome que digo, he mais semelhante ao que hora tem, que nenhum dos outros; e he mais conforme à propriedade da terra, que foy a principal causa de sua fundação, como logo mostraremos. E ainda que por elRey Brigo, por ser muito amigo de edificar muitos povos, tomaraõ d'elle o nome, acabando-se em Briga; nem porisso se ha de ter por sem duvida, que esta nossa Cidade foy huma dellas. Porque se em algumas partes se achaõ escrituras, e letreiros, que fazem menção de Conimbriga, quem pôde com verdade afirmar, que essas letras de pedras antigas fallaõ nesta nossa Coimbra, e naõ na outra; de que se faz menção no Concilio acima referido; pois estavaõ taõ perto huma da outra, que quasi quantos letreiros se acharem, se podem attribuir a qualquer dellas. Quanto mais, q̃ pois he certo, que os nossos primeiros pays, conforme á natureza, e propriedades das cousas, assim lhes punhaõ ordinariamente os nomes; bem se pôde sem muita força confessar, que puzeraõ a esta Cidade o nome que tem, por causa de sua frescura, e fertilidade; pois pelas muitas vezes que nella chove; com que qualquer terra se costuma fazer aprazivel, e fertil, lhe derivaraõ o nome de Colis imbrium, que he o mesmo que

Volater. l. 2.  
Geogr. ap.  
pel. Colim.  
br. D. Isidor.  
relatus à Jo.  
an. Vasco  
ubi supr. c.  
Jo. Plin. l. 4.  
nat. hist. c.  
12. Monarc.  
Eccle. l. 2. c.

Eron. de  
Nal. l. 1.



que outeiro de chuvas, e lhe vieraõ a chamar Colimbria, que hora, corrompendo-o pouco, mudamos em Coimbra; e ainda que se ignorem os authores deste nome, a causa delle parece está manifesta. E posto que algumas cousas (principalmente povoaçoens) chamassem os autores dellas algumas vezes dos nomes, que mais conformes lhes pareciaõ á occasiaõ, que tiveraõ para as fazer, ou á fama gloriosa, que da tal obra queraõ lhes ficasse no mundo, e que o mesmo aconteceria nesta nossa Coimbra; não he bastante razãõ para crer, que elRey Brigo lhe deu o nome, pois nella ainda hoje permanecem obras de outro mais illustre, que não sómente as edificou, mas nellas deixou seu nome. E já que permittio que não ficasse por proprio appellido desta Cidade, que elle fundou ( como logo diremos ) pois elle se chamava Hercules, e ella tem nome Coimbra, não parece haver duvida chamar-se ella assim, por causa de sua frescura, e fertilidade: nem vós tambem a tereis para lhe dardes crédito, nem em me perdoar minhas faltas; pois quem faz o que pôde, fica desobrigado de tudo o mais que lhe pedem.

## CAPITULO III.

*Da antiga fundação de Coimbra.*

**E**Sta he a derivação do nome desta Cidade, e para a antiguidade de sua fundação haveis de saber, que no anno 134. depois do diluvio universal, em que todos os mortaes, pelos peccados contra a Divina Magestade commettidos, pereceraõ, senaõ foy Noé, que com seus tres filhos Sem, Cãm, e Japhet, já casados, se salvou, veyo Tubal neto de Noé, filho de Japhet, a povoar Hespanha: para o qual trouxe consigo muita gente; cujo Rey, e Senhor foy cento e cincoenta e cinco annos, governando-a com a paz, e igualdade, que para homem, que tão grande cousa começava, era necessario. Mas sobre a Provincia de Hespanha, a que primeiro aportou este nosso Patriarcha, ha tanta controversia entre os Autores ( querendo cada hum que se deva este principio á sua patria ) que não sey o que por mais certo tenha. Principalmente vendo que alguns escriptores ( e não de pouca authoridade nas

Joan. de  
Barr. ubi  
supr.  
Joseph de  
antiq. l. 3.  
Berof. de  
antiquit.  
chald. l. 4.  
Lactan.  
Firmian. de  
divin. insti-  
tut. l. 1. c. 17.  
Strab. de ge-  
og. lib. 1. c. 3.  
& 8.

Idem Berof.  
l. 3. Vase. 1.  
l. c. 10.  
Joseph de  
antiq. l. 1. c.  
11.  
Joan. Zon-  
ar. tom. 1.

Step. Garib.  
lib. 2.  
Joan. Tar-  
cagnol ib.

hist. mundi  
l. 1. Nicol.  
Lir. supr.  
Gen. cap. 3.  
Florian.  
Camp. in  
hist. sua, l.  
1. 2. c. ubi  
supr. Pero  
de la Hera  
l. 1. Garib.  
ubi supr. &  
Cron. de  
Valenc. ubi  
supr. D. Arias  
Montan. in  
commem.  
sacrae Bibl.  
ult. vol. in  
princ. Pero  
de la Hera  
ubi sup.

cousas antigas) dizem, que tomou porto em Setuval, hum  
ma formosa povoação, sita em hum das mayores, e mais  
formosas enseadas do mar Oceano; e que dalli se come-  
çou a povoar Hespanha, estendendo-se ao longo daquella  
costa, como diz Fr. João de Pineda na sua Monarquia Ec-  
clesiastica, e Florião do Campo na historia geral, que  
escreveo de Hespanha, que com muitas razoes pertende  
de confirmallo. Os quaes Autores (segundo parece) se mo-  
veraõ pela afinidade do nome, e por ser porto grande, e  
muito occidental, que era quasi o fim da terra, que elle  
por ordem de seu pay, e avô, vinha buscando com sua ar-  
mada: sem de Hespanha ter mais noticia, que desejar al-  
cançar a de todo o mundo para a restauração, que nelle  
queriaõ fazer, elle, e seus companheiros. Outro ha, que  
diz, que aportou em Cantabria, pelos muitos sinaes, que  
daquelle tempo alli se achaõ. E outro, que na Betica, que  
hora he Andaluzia; para o qual trazem muitos argumen-  
tos, com que confirmaõ suas opinioens. E não falta algum,  
que não contente com dar a primeira habitação a Tubal  
em huma Provincia, ou na outra, affirma com muitas ra-  
zoens, que Noé, e seus dous filhos Cám, e Japhet a po-  
voaraõ, e viveraõ nella por algum tempo; e que muito  
depois vieraõ os Iberos de Iberia, Provincia de Asia, a  
Hespanha, e que habitaraõ huma pequena parte della, a  
que chamaraõ Iberia; os quaes, por serem descendentes de  
Tubal, filho de Japhet, quizerãõ alguns dar a este Tubal  
a primeira entrada, e povoação de Hespanha. Mas o que  
mais me espanta destas opinioens, he o muy douto Arias  
Montano nos seus eruditissimos cõmentarios, que sobre  
a Biblia escreveo, querer dar por primeiro povoador de  
Hespanha a hum Sepharat; confirmando esta novissima  
opiniãõ com muitas razoes, que, segundo elle diz, sãõ  
as mais verdadeiras; e segundo outros, tem mais de sub-  
tileza, e engenho, que de solida verdade. Porque a po-  
voação de Tubal está já tão recebida, e confirmada, assim  
por muitos Autores Santos, e Catholicos, como tambem  
pelos barbaros, e gentios; que não digo eu hum doutissi-  
mo Arias Montano, mas ainda que o mesmo Tubal, le-  
vantando-se da antiga sepultura, em que está, viesse ao mun-  
do, não persuadiria o contrario, posto que o procurasse.



com muitas razoens , e força. O qual , ou aportasse em huma Provincia , ou na outra , he opiniaõ constantissima , que foy o primeiro povoador de Hespanha ; como affirma o antigo Josepho Hebreo , Santo Agostinho , e Santo Thomás , e todos os mais , que sobre o texto da sagrada Biblia alguma cousa escreveraõ. E tambem consta por authenticas escrituras , que lhe deu leys , e doutrina , assim tocantes ao culto Divino , como à policia humana. E que além de muita gente , trouxe consigo todas as cousas , que para cultivar a terra , e sustentar a vida dos homens , eraõ necessarias ; e reynou nella cento cincoenta e cinco annos : como diz o antigo Berofo , e o seu commentador Fr. Joaõ de Viterbo , que isto fez mais largamente , que nenhum outro , até seu tempo. Depois do qual houve em Hespanha vinte e quatro Reys , que a senhorearaõ , dos quaes muitas Cidades , povos , e castellos , montes , e rios tomaraõ nome , ou lho deraõ a elles , que he o mais certo : como foy chamar-se Hespanha Iberia delRey Ibero , ou do rio Ebro , a que elle deu o nome , ou delle o tomou ; e Betica delRey Beto , Hesperia de Hespero , Hispania de Hispan : e chamar-se Portugal Lusitania delRey Luso , ou Liso , filho , e companheiro de Bacco , quando a estas partes veyo : e Sevilha teve nome Hispalis delRey Hispalo : e o rio Guadalquivir Betis delRey Beto , e o rio Guadiana de Sicano : e o rio Tejo de Rey Tago ; e outros muitos , que o mesmo fizeraõ. Entre os quaes , que todos foraõ Principes , e senhores de Hespanha , diz Joaõ de Viterbo , e o seu Berofo , que foy hum chamado Hercules Libio , filho de Osiris Dionysio , Rey do Egypto , o primeiro , que mostrou aos homens , como se havia de lavrar , e semear o paõ , e outras cousas proveitosas ao uso da vida. O qual Rey Osiris dizem , que depois de as andar ensinando pela mayor parte do mundo , e de fazer outras obras dignas do nome , e honras Divinas , que os mortaes lhe attribui-raõ (chamando-lhe Jupitero justo) se tornou para o Egypto , e que ahi foy logo cruelmente morto por seu irmaõ Typhon , a quem elle deixára por governador do Reyno em sua ausencia. E porque foraõ muitos os conjurados nesta morte , dizem que seu filho Hercules , depois de se vingar de seu tio Typhon , e de todos os mais conjurados , se veyo a Hes-

Frans. de Orig. Hisp. Str. l. 3. Mel. l. 3. c. 1. Volat. l. 2. Re- tend. nober in n. ult. loc. D. Hier. in 66 c. Isaix, & 27. Ezech. Red. Archip. Tol. l. 1. c. 1. Luc. Tug- denus , & alti quam- piurim. Añ- loni de Vill- leg 2. part. Martin. Fernand. de Enciso. in sua ge- ogr. Mon. Erc. ubi sup- qui plures allegat. Ber- cronic. de Valenc. Si- lius Italicus l. 3. Ignatius Moral. in encomio Cenimb. Pando ph. l. 1. hist. Napolit.



a Hespanha, para fazer o mesmo aos Gerioens Lomninhos, complices tambem na conjuração. E que depois de os vencer em batalha, os matou em desafio a cada hum per si, no anno depois do diluvio 550, que passa hoje de tres mil, e duzentos annos. E dizem mais; que andando-se apoderando de Hespanha, e dos thesouros dos vencidos nella, para que a novidade do caso não causasse algumas, com que os moradores della se levantassem, lhe pareceo tão bem a frescura, e fertilidade sua, que determinou deixar nella moradores de sua companhia; e assim edificou muitas torres, e castellos em os lugares mais aprasiveis, e de melhores ares, e sobre tudo mais altos, e fortes; para que os seus, por serem novos no senhorio, se pudessem melhor defender dos naturaes da terra, quando delles fossem opprimidos. Entre as quaes povoações não foy (segundo parece) a de menor estima esta nossa Coimbra, onde fabricou aquella torre de cinco cantos, que naquelle alto vedes situada, a que ainda hoje chamaõ de Hercules. E deixou o seu nome, não sómente a esses campos, que ao longo do Mondego se estendem, a que os Autores antigos chamaõ Herculeos; mas tambem a toda a mais terra, e á mesma Cidade, que por elles he chamada de Hercules; final evidentissimo de ser por elle fundada; pois como diz o outro, não he de todo falso, o que em muito tempo he divulgado por muitos, quando por outra mór certeza o contrario não apparece. Quanto mais, que todas as razoes, que elle podia ter, quando em Hespanha escolhesse algum lugar para o mandar povoar, havia de achar nesta Cidade muito mais evidentes, do que elle podia de-sejar. Porque além de os habitantes della terem mais occasião de executar, o que seu pay Osiris lhes ensinara, na fertilidade desses campos; e de gozarem da abundancia de mantimentos, que elles com sua industria lhes produzirão, e de lograrem de toda a mais frescura da terra, e de seus temperados ares, podiaõ tambem aqui viver tão seguros, que nem temessem os inimigos por mar, pois não estavaõ tão perto delle, que estivessem sujeitos aos impetos de suas armadas: nem tão longe, que quando dos da terra se não podessem defender, pelo mar lhe fosse muito difficultoso virlhe algum soccorro. E melhor que tudo o

mais,

mais; escolheo hum sitio taõ alteroso, e forte, como vedes; em que se criaraõ sempre animos ferozes, e bellicosos, que souberaõ tambem vender as vidas a troco da liberdade, e defensão de sua patria, como alguns já por experiencia sentiraõ; sem adjutorio, e favor Divino, não puderaõ nesta Cidade ser vencidos homens desemparedados delle, e de todas as mais virtudes; verdadeiras favorecedoras das humanas obras. Pelo que parece não haver duvida em ser por este Principe fundada: porque se os Gallos, Celtas, e os Bracchatos, e os Gregos de Tyro, e de Sydonia (como alguns dizem) muito depois a fundaraõ, a que fim aos seus campos, e a toda a mais terra haviaõ de chamar de Hercules? Com tudo não duvido eu, que quando elles naquelle tempo, e em outros, per aqui passassem a povoar a Provincia de entre Douro, e Minho, e outras partes de Hespanha, a amplificaßem, deixando nella muita gente, e refazendo o que das guerras atrás estivesse danificado; e que os Authores, que esta opiniaõ seguiraõ, teriaõ para si, serem estes seus primeiros fundadores, enganados com a amplificaçaõ; que nella fizeraõ. Senaõ se se ha de crer o que hum nosso Portuguez afirma com outros, por authoridade de alguns Poetas, mais occupados em saber escrever cousas alegres, e favorecedores de suas opinioens; e gostos; posto que fabulosas, que em dizer cousas desenganadas, e porisso não muito proprias para seus intentos, ainda que verdadeiras fossem. Dizendo, que este Hercules, de que fallamos, foy o Grego, natural de Thebas, filho de Amphitriaõ, e de Alcmêna. Mas não sey, com que razaõ se póde crer reynar tempo algum em Hespanha homem, que vindo em huma não, posto que fosse a famola Argos; e ainda que desembarcado em Caliz; como elles dizem, desse batalha aos Gerioens, e os vencesse, e mataße; que podia mais fazer, que roubarlhes seus thesouros, exercicio, em que elle (como diz Trogo Pompeyo) e os seus Argonautas, mais se occuparaõ na sua celebrada navegaçaõ. Pois os mesmos Autores contaõ: que deixando elles feito esta boa obra a Hespanha, partidos della, e com huma grande tormenta do mar (que lhes queria dar o galardaaõ de suas obras) indo aportar á Ilha de Corcira, deraõ tantos tormentos aos moradores della, para que

Plin. l. 3. nat. hist. Mela ubi sup. Justin. hist. lib. 44.

Georgius Caelius, ubi sup. Ant. Nebricensis

Justin. hist. l. 42.



Garib. l. 3: que lhes descobrissem ouro ( de que traziaõ grande fome ) que sem conhecerem sua valia, lhes trouxeraõ grande quantidade d'elle, com o qual, e com o que de Aristoteles refere Joaõ Vaseu ( dizendo, que Hercules fez grande guerra aos moradores de Hespanha, por lhe haver suas riquezas ) houve occasiaõ de se fazer ley em Hespanha, que prohibia poderse possuir ouro, nem prata. A qual ley, diz o mesmo Aristoteles, que durou até o tempo, que os Carthaginezes vieraõ a Hespanha: e tambem, pois elle o escreveo, duraria a fama da causa porque se promulgou: quanto mais, que o nosso Hercules Libio, floreceo mais de quatrocentos annos antes que o Thebano nascesse, segundo todos dizem. E principalmente Martim de Viciana na sua Chronica de Valencia, bastantemente o confirma; e outras muitas cousas notaveis dos tempos antigos de Hespanha, que poderá ver quem duvidar destas que digo. Onde vireis em claro conhecimento qual destes dous Hercules (pois de ambos ha muitas memorias em Hespanha) com mais occasiaõ, e potencia, podia fazer povoações fortalecidas com taõ formosas torres, como essa que vemos: obra muy differente das Gregas, e Romanas em sua fórma, e Architectura, e outras muitas, como foy a torre encantada de Toledo, chamada tambem de Hercules, que foy denunciadora da miseravel perdição de Hespanha em tempo del Rey Dom Rodrigo: e outra que ainda hoje se vé na Cidade Sagunto, ou Monvedre, da mesma fórma, e fortaleza desta. Em as quaes obras, e outras Cidades, que mandou povoar; antes, e depois da viagem, e conquista de Italia, mostrou muy differente poder, do que o Grego trouxe, quando nestas partes aportou; e muy desviada tenção, da com que os piratas, e roubadores do mar executã suas obras. Pois não sómente não levou de Hespanha suas riquezas, como alguns outros, a que tem por mais piedosos, fizeraõ; nem perseguiu com grandes males aos moradores della, ( muy certas obras de estrangeiros poderosos ) mas antes lhes fundou muitas Cidades, e fortaleceo muitos lugares, e povos, pertendendo mais fortalecer a elles, que defenderse a si, pois nenhuma fez em lugar maritimo, em que facilmente as podera edificar, e com que elle, e sua gente ficavaõ mais seguros. Com as quaes obras, e outras

Tom. I. c. 1.

In lib. de  
mirab. au-  
cultatione.  
Laurent. de  
Anani na  
sua univer-  
sal fabrica  
do mundo  
lib. 1.

Monarch.  
Ecl. ubi  
sup. & Garib.

U. testantur  
auth. supra  
cit. multis  
in locis

e com outras, que faria como filho de tão justo Rey, como foy seu pay Osiris, mereceo, que na sua sepultura (que foy em Caliz) lhe edificassem huma sumptuosissima casa, dedicada á sua honra, e nome. A qual, com ser a terceira que no mundo houve, dedicada a falsos deoses, foy a primeira na devoção, com que os moradores de Hespanha continuárao sempre seus sacrificios, e romarias; pagandolhe em a morte com honras, que elles chamavao Divinas, as boas obras humanas, que na vida delle receberaõ. Ensinandonos com isto, que tão natural he ao homem generoso vingar com mão armada as injurias recebidas, como proprio do Varão sábio pagar com obras semilhantes as boas, que lhe fazem: pois, segundo Seneca dizia, ló no animo do sábio cabe o agradecimento.

Arrianus  
in vit. Alex  
Magni Pō-  
pon. Mel

## CAPITULO IV.

*Da conta, em que se hão de ter os Autores antigos. E das insignias, que as Cidades de Portugal tem por Armas.*

**B**Em entendeo o Portuguez, que folgou o Peregrino tanto de o ouvir, como elle de o contar: e assim querendo continuar a pratica, o Italiano lhe tomou a mão dizendo: Parece-me tão bem a derivação do nome desta Cidade, e as conjecturas, com que provastes sua antiga fundação, me satisfizerao tanto, que de haver alguma duvida na authoridade dos Escretores, com que as confirmastes, me pesa muito, principalmente nas cousas, que escreveo Frey João de Viterbo, e o seu Beroso Sacerdote Caldeu. Porque ha Escretores no mundo, e póde ser, que sejaõ alguns Portuguezes, e naõ os de menos authoridade nas cousas antigas, os quaes naõ somente dizem, que João de Viterbo interpretou muitas cousas em o seu Beroso, que elle nunca disse, mas que o mesmo Beroso naõ he o de que faz menção Joseph nos seus fragmentos Berossianos, e o Abulenfe, e outros, que nisto o seguem. Senaõ, que elle por alcançar a graça dos Reys Catholicos de Hespanha, e por fazer seus escritos venerados no mundo, fingio aquelle Beroso, de que achava menção em alguns Autores muito antigos: e que seguindo aquellas cousas, que

Gaspar  
Barreira na  
sua censura  
Georg.  
Coelho An-  
dre R send  
in annot.  
super v, D  
Vinc,



elles referiaõ ; foy entremetendo as outras, que faziaõ a seu caso, e nellas se não fallava. Pelo qual houve occasiaõ de huns o accusarem de furto, outros de crime de fallario, e outros de muy pouco verdadeiro : até que hum vosso Portuguez, tomando á sua conta de desacreditar as coulas de Beroso, não sey se alcançou para as suas pouco credito: porque as censuras em todos os homens são suspeitas, e muito mais em Portuguezes, que em todas as coulas querem pôr o risco mais alto. Mas o que mais me move a ter este receyo, he ver, que Genebrardo na sua Chronologia pertende com muitas razoes, argumentos, e authoridades deitalo fóra da boa opiniaõ dos homens: com cuja authoridade he para temer, que se vão as coulas Berosianas desacreditando tanto, que de todo se extingão. Antes, acudio o Portuguez, he Deos tão pròvido favorecedor dos bons intentos, que no tempo, que em Portugal Gaspar Barreiros censurou Beroso, não muitos annos antes houve em Castella hum Antonio de Nebrissa, que o defendeo: e neste, em que dizeis, que Genebrardo pertende desacreditálo de todo, temos Fr. João de Pineda da ordem de São Francisco, na sua Monarquia Ecclesiastica, que com tantas razoes, e authoridades tomou a seu cargo authorizarlo, que não sómente o segue quasi em tudo, o que elle escreveo; mas ainda affirma, que o seguirão outros muitos, e muy doutos, muito mais antigos, que o Viterbiense, e alguns mais modernos, e entre outros, que allega, he hum, que eu vi, chamado Leandro Alberti Bolonhez, da ordem dos Prégadores, na sua descripção de Italia; o qual respondendo pelo Beroso, diz, que ou he de grande falsidade dizerem tal cousa contra as admiraveis lettras de antigualhas de Frey João de Viterbo; ou que se movéram com inveja a querelo infamar. E affirma, protestando por sua honra, que elle na livreria publica da Cidade de Viterbo lêo os Authores, que alguns tem por suspeitos no Viterbiense, e que lhe parecêrão muito antigos, e authorizados, e diz, que pelos não haverem visto os que os condemnaõ, fallaõ o que não devem. Não sey (disse o Italiano) com quanta razãõ esses Authores, que dizeis, querem desacreditar estes, de que falamos: pois os mais finalados Historiographos, que depois d'elle escreverão, se aproveitaram muitos de suas cou-

Lib. 1.

In Prolog.  
censuræ  
authorum,  
quos alle-  
gat. Hi sunt  
Georg. Ce-  
drin: in cõ-  
pend. hist.  
Episcop.  
Preculp. l. 1  
Chron. c. 25  
Abul. in c. 8  
Gen. l. 7.  
& 9. 10 in c.  
11 Genes.  
Albertus  
Cransins,  
lib. 2 de  
Metroria  
mediterra-  
nea.

fas. E elles mesmos que o condemnão em muitas, não labem proleguir, em seus elcritos sem seus documentos; e os outros, que o tem por duvidoso, o trasladaõ, e seguem; e os que o tem por verdadeiro, e na estima, em que elle merece, não sòmente defendem suas cousas, mas antes se prezaõ muito de serem seus defensores; estimando tanto defenganarem o mundo deste grande erro, como o douto Viterbiense podia ter em muito as grandes duvidas, e confusoens, que desfez com sua profundissima erudição. E na verdade he grande miseria humana haver homens, que se prezaõ de doutos, prezaremse muito mais de perseguidores de outros, de cuja doutrina se aproveitãõ em algum tempo, e cujas letras mais saõ merecedo as de favor, e imitação, que de calumnia; por onde me parece bem dizer Leandro Alberti, que a inveja de alguns foy causa da perseguição do doutissimo Viterbiense. Antes me parece, tornou o Portuguez, ser o que Tullio affirma, dizendo, que mais faceis somos a reprehender as obras alheias, que a fazer outras semelhantes, posto que leves sejaõ: e com razão, porque (segundo diz hum nosso Portuguez) como os gostos dos homens sejaõ diferentes; louva cada hum o que lhe bem sabe; condemna o contrario, que he causa de não haver cousa saã em qualquer obra; ainda que seja a repulica de Plataõ, ou o Siro de Xenophonte: pois ha no mundo huma sorte de homens, que tendo em conta de saberem mais, que os outros, sabem menos. E ordinariamente mais se occupaõ em ver, se em hum livro achaõ algum pequeno erro, com que lhe possaõ deslustrar tudo o mais, que tiver bem composto, do que em ajudar a muitos, que aproveitariaõ na escriptura, se fossem favorecidos. Donde vem, que regendose alguns homens por hum enganoso, e delicado concerto de palavras daõ muito credito a escriptores infames, e o negaõ aos muitos acreditados. Nenhuma razão vejo (disse o Italiano) em pôrdes em tão baixo lugar elles censores das obras alheias; pois houve muitos sabios de approvada, e santa vida, que fizeraõ o mesmo, como foy Plataõ em reprehender a Socrates; Aristoteles a Plataõ, e muitos a Aristoteles Strabão a Eratostenes, e Ptholomeu a Marino Tyrio, Eschiano a Demostenes, e Quintiliano a Seneca, S. Jerony-

Alexandrê  
Velurell in  
primo canto  
de Dante

Monarch  
Ecclesi. 1.  
in prolog



mo a Origenes, e S. Agostinho a S. Jeronymo, e Sarmiento a Navarro, e muitos a Sarmiento, e outros. Estes (respondeo o Portuguez) ainda que se reprehenderão huns aos outros, foy mais estimulado de huma virtuosa emulação, que de acanhada inveja, pois o faziaõ mais por exercitarem seus engenhos nobres, e lubidos, que por fartarem as vontades baixas, e avarentas, como no tempo presente fazem alguns, que lhe serve a inveja, que tem da sabedoria dos outros, de acrescentar a sua. E assim cuido, que fazem, os que contradizem a Fr. João de Viterbo, e ao seu Beroão, e não pelo descreditar. Porque senão havemos de dar credito ás escrituras, senão naquillo, que Deos manda por revelação sua; muitas cousas importantes ao governo politico do mundo haviaõ de ficar encubertas aos homens. Pelo que não he discredito do que disse da fundação desta Cidade, confirmalo com os Authores, que alleguey; e pois vos parecêrão bem as conjecturas, não devem descontentarvos as authoridades, com que foraõ confirmadas. Porque ainda que contra ellas acheis muitas dos escriptores Gregos, não vos receeis dessa parte; pois sabemos muito bem, quam almagrados andaõ por Tullio, e por Jamblico, de leves, e inconstantes; e pelo Satyrico Juvenal, e Ravisio, na sua Officina, de mentirosos, e por Valerio Maximo, de arrogantes palavreiros, e pelos vossos Guebrardo, e Pineda, de pouco verdadeiros, inventores de fabulas, e presumptuosos. E he isto tanto assim, que a Sibilla Erithrea (como he Author Fenestella) quando vaticinou a destruição de Troya, juntamente disse, que o Grego Homero havia de escrever mentira: havendo por cousa tão notavel, e maravilhosa, a destruição de huma Cidade tão populosa, e forte, e de hum Reyno tão poderoso, e soberbo; como empregar-se o mais sublime engenho, que no mundo houve, em fingir fabulas, e cousas rediculosas, que nunca foraõ, nem podiaõ acontecer. Donde cuido ficareis bem entendendo, e sem duvida confessareis, que Hercules Egypcio foy o que fundou esta Cidade; e que lhe puserão o nome, que tem, pelas causas, que tenho dito. Senão se me quizerdes dizer, que sendo elle Egypcio, não era possibile, que puzesse o nome, que digo: pois eu faço a divisaõ della na lingua Latina, muy differente da que se falla no Egypto. Mas a isto

Chron. de  
Volaterra  
lib. c. 3. l.

In orat. pr  
L. Placo, &  
pro Qui já  
bilo. de  
myst. Juve-  
nal Sat. 1  
Valor. 1;  
c. 2.

Exl. lect:  
antiq. 1. 16  
c. 14 Fe-  
nestel. relat.  
per Pet.  
Garc. de  
Evang. inf.  
lib. 1. 5. c. 12

a isto se responde, que quando na povoação desta Cidade se não achassem em sua companhia alguns Latinos (que podia muito bem ser, pois elle trouxe muitos de Italia, quando a conquistou) não faltariaõ alguns Gregos, ou Romanos, que não muito depois vieraõ por estas partes; os quaes vendo, e conhecendo bem a propriedade, e natureza desta terra, lhe derivassem o nome como ouvistes: ainda que entãõ tivesse o de Hercules, que foy seu primeiro appellido. E mais vos digo, que ousarey a affirmar a insignia, que esta Cidade tem por Armas, ser tambem obra deste grande Hercules, que assim lhe chamou a gentildade, em respeito do outro Grego, que depois d'elle floreceo no mundo mais de quatrocentos annos; com que acabareis de entender a superioridade, que esta Cidade tem sobre todas as outras do Reyno. Muito prometteis (disse o Italiano) desta vossa Cidade; e se na declaração de suas Armas corresponderdes ao muito, que sua apparencia, e authoridade mostraõ, não duvido ser em mim o contentamento grande; porque já ouvi dizer, que era hum das cousas, a que senão sabia causa, e que houve muitos, que querendo dar-lha, ficáraõ tanto áquem da verdadeira significação, que o mayor fruto, que de suas opinioens colhêraõ, foy serem huns louvados de artificiosos Poetas, e outros de engenhosos moralizadores, e huns, e outros de hirem naquella materia totalmente afastados da verdade; cousa, que em semi hantes mais se requiere que nenhuma outra. E sendo isto assim (respondeo o Portuguez) que houve homens de engenho, e erudição, que na interpretação dellas goztaõ algumas noites: imaginais tanto de mim, que possa eu, o que elles não alcançaraõ? Já póde ser (acudio o Italiano) estar tambem fundada a opiniaõ, que de vós temos, que não sejaõ estas as cousas, em que ella nos ha de faltar: nem em nos dizerdes as insignias, que as mais Cidades de Portugal tem por Armas: porque sey que algumas dellas as tem illustres, e de authoridade, cousas semelhantes não são para deixar atrás, nem vós de me fazerdes esta mercè. Posto que o dia se vay chegando muito ao fim (respondeo o Portuguez) não consentirey, que o tenha fazervos eu a vontade. Lisboa rica, coroa das Cidades do mundo, e gloriosa triunfadora do mar Oceano; Indico,

U. tere  
omnes au  
ther sup.  
citati affir  
mant.

Ignat Mo  
ral inen  
com. Co  
limbr. Pinr.  
in fine 1  
dialogor.  
Joan. Ro  
der. de S  
in tract. pe  
culiari hu  
jus civit. &  
alti indigni  
relat.



Starbo de  
 sua orbe  
 lib. 3 Plin.  
 nat. hist.  
 lib. 4 c. 21  
 Antonia. in  
 O taporizo  
 Volaretr. 2  
 Andr. Re-  
 fend. noſt.  
 & Vafe. c.  
 21 & P.  
 O ofius  
 Joann. de  
 Barr. ubi  
 ſup. c. 2.  
 Joan. Vafe.  
 c. 12 Plin.  
 1. 3 Volatr.  
 2 Id Vafe,  
 ibidem.  
 Rod. Ar-  
 chiep.  
 Tol. Val. e.  
 20 Ptholom  
 in georgi:  
 Plin. l. 3  
 Nolas l. 2

Indico, e Boreal, fundação antiga do Grego Ulyſſes, tem por Armas em humeſcudo coroado (como todas as mais Cidades) huma Não com dous corvos, diſcendendo da pôpa á prôa. Evora, nobre ſepultura do Romano Sertorio, tem em campo branco hum homem armado a cavallo, com huma eſpada nua, e na outra mão huma cabeça de huma Moura moça pelos cabellos. Porto, ſobra (ſegundo alguns dizem) de Cayo Ceſar, pelo caſtello antigo, que nella eſtá, chamado Gaya, tem por Armas duas Torres, e no meyo dentre ambas, em hum caixilho, huma Imagem de noſſa Senhora com o Menino Jeſus nos braços. Braga, antiga povoação dos Francezes Braccatos, chamada antigamente *Braccara Augusta*, que tanto fez ſuar aos Romanos em ſua conquista, tem por diviſa, no meyo de duas Torres, ou Baluartes, outra Imagem de noſſa Senhora em ſeu caixilho óvado, com o Menino Jeſus tam- bem nos braços, com huma Mitra Pontifical encima: e ao pé eſta letra, *Inſignia fidelis. & antiqua Braccara*. Santarem, povoação antiga dos Romanos, e bem conhecida delles, e dos Mouros, tem huma Torre com tres Baluartes, e hum Rio ao pé: e ſobre a porta no frontiſpicio da Torre as Armas Reaes de Portugal. Viſeu, ſepultura del Rey Dom Rodrigo, que perdeu a Heſpanha, tem huma Torre com tres Baluartes, e de huma parte hum pinheiro, e da outra hum homem com huma buzi- na. Lamego, chamado por Ptholomeu Locobriga, e por iſſo povoação dos Reys mais antigos de Heſpanha, tem por armas huma Torre com tres Baluartes, cercada por cima de Ceo ornado de Sol, e Lua, e Eſtrellas, e da outra parte huma Arvore com huns pomos. Guarda, que ſucce- deo na Cadeira Epifcopal á antiga Igeditania, e por iſſo chamada de alguns Egitania, tem huma Torre com tres Baluartes, e no meyo as Armas Reaes de Portugal. Bragança, Cabeça do Real Ducado de ſeu nome, tem em hum eſcudo branco huma Torre, ou Caſtello. Beja. Colonia antiga dos Romanos, e por iſſo chamada *Pax Julia*, na parte direita do eſcudo a hum canto delle tem ſobre hum campo ameno huns muros com torres a modo de Cidade, e no meyo huma cabeça de touro até o peſcoço: e ſobre os cornos, e cabeça, as Armas Reaes de Portu- gal,

gal, com huma Aguiã á parte direita, e outra à esquerda. Leiria, povoação antiga, e forte, chamada antigamente Leria, de huma mulher, que a senhoreou; chamada Labe-ria Galla, Flaminea da Lusitania, que com sua morte lhe deo o nome: tem por Armas hum Pinheiro verde. Portalegre, muito celebrada pelo seu monte Arminho, tem huma Torre, ou Castello, com suas anéas, e cubellos. Estas são as Cidades deste Reyno, que tem Armas: porque Elvas em Alentejo, e Sylves no Algarve, estão ainda com seus escudos em branco. Bem sey (disse o Italiano) que receareis de mim querer também, que me digais a causa, e interpretação dessas Armas, que ora acabastes de referir: mas por ser curiosidade importuna, vo lo não peço. Das insignias desta Cidade (respondeo o Portuguez) direy somente alguma coisa: porque das outras, nem nós temos tempo, nem eu sufficiencia para o poder fazer. Seja como quizerdes (acodio o Italiano) que isso será o mais acertado: pois ordinariamente os bons principios sempre annunciãrão melhorados fins em todas as cousas.

Episcopo:  
Portalegre:  
in dialog.  
Lusitan. 3  
Joan. Vasc.  
c. 10 l. 4  
con ment.  
Czl. an.  
Hini de  
bel. Alex.  
xandra

## CAPITULO V.

*Da expozição das Armas de Coimbra.*

**T**Em esta Cidade por Armas (disse o Portuguez) huma Donzella metida em hum vaso: por cima do qual se está vendo dos peitos para cima, com as mãos, e os olhos levantados ao Ceo; como que lhe está pedindo favor, e ajuda contra hum leão, e huma Serpente, que de huma parte, e da outra a estão combatendo: mas com tudo, como favorecida do alto, tem na cabeça Coroa de vitoria, em final de seu vencimento. A estas Armas nenhum outro deu principio, senão o mesmo Hercules, que esta Cidade fundou, como dissemos: mas porque a interpretação dellas se deseja mais, do que se alcança, como são todas as cousas excellentes, nesta direy alguma coisa, que mais provavel parecer, e mais conforme à tenção, que o seu Author podia ter: porque affirmar o mais, são Deos he o que descobre as cousas escondidas, e revella as que se não sabem. Assim que, querendo hora hir descobrindo nisto a verdade, até nossos tempos tão escondida, he força-



Joseph an.  
sq. lib. 1

Genebrl.  
1 chron.  
log. Nicol.  
de Lyr. in c.  
42 Genes.  
Zonaras t. 2  
D. Aug. l.  
1 c. 16 in  
Genes.

Vider con-  
firm. Tal.  
de divinat  
Polit.

Virgil. de  
Invent.  
rer. l. 1 c. 17  
Philo Ju-  
deus in l.  
Abrah.

Joan. Tar-  
cagnor, in  
hist mundi  
lib. 1

Methast. de  
judic. temp.  
& anual  
perficoru u  
Luc. Apul.  
mult. in  
loc de hoc  
Proph Dai  
niet c. 1 &  
n. 50 & 41

do ser mais prolixo nesta exposição, do que o tempo, e  
esses habitos me estão pedindo. Para o qual he necessario  
saber, que huns dos primeiros homens, que no mundo  
aprenderão a Arte de Astrologia, ou os que com mais von-  
tade a exercitaraõ, foraõ os Egypcios: pois Josepho; e  
Nicolao de Lyra, que o defende de muitos, dizem, que  
depois do diluvio universal, ponco mais de quatro centos  
annos, o Patriarca Abraham lhe servio de Mestre, ensi-  
nando-lhe o que della souberaõ, e naõ a mátençaõ, com  
que depois a usáraõ. Porque antes que elle aportasse no  
Egypcio, quando por mandado do Senhor se sahio de sua  
terra de Cananá, affirma o mesmo Josepho, que naõ havia  
naquelle terra noticia alguma da tal sciencia: pois só os  
Sacerdotes Caldeos, segundo diz Methastenes, eraõ na-  
quelle tempo os eruditos nella. E como os Egypcios ti-  
veraõ taõ bom mestre, sahiraõ taes discipulos, que dalli  
em diante foraõ, os que nella se avantajaraõ mais, que ne-  
nhuns outros do mundo, se souberaõ usar bem della: e con-  
fôrme aos movimentos das Estrellas alcançaraõ a de de-  
nunciar algumas cousas, que naõ dependem da vontade  
humana. E as mais das vezes neste seu trabalho eraõ ajuda-  
dos do demonio, que muito os favorecia, como faz a  
todas as cousas de perdiçaõ, e por aqui vieraõ a interpre-  
tar os sonhos, e fazer outras obras, á vista dos homens  
maravilhosas, e quasi impossiveis: como de alguns a sa-  
grada Biblia em alguns lugares faz mençaõ. Com o qual  
alcançaraõ pelo mundo taõ grande fama de Astrologos,  
e encantadores, que o buscavaõ da mayor parte delle,  
para saberem o que desejavaõ, cuidando, que o saberiaõ.  
E como os Reys, e principes em potencia sejaõ mais que  
os outros homens, assi n naõ faltaraõ alguns delles, que  
em a mesma natureza (cõmun máy de todos os mortaes)  
se lhe quizeraõ fazer muito superiores. Para o qual costu-  
mavaõ trazer em sua companhia muitos Astrologos, en-  
cantadores, e agoureiros: para que as cousas, que aos ho-  
mens naõ eraõ reveladas, lhes fossem a elles notorias, e  
manifestas, por aquella via do demonio, como elles cui-  
davaõ: prezando-se tanto disto, que aquelle se havia por  
mais bemaventurado, que mayor multidaõ destes trazia  
em sua casa. E os que este diabolico exercicio mais con-

tinua-

tinuáraõ foraõ os Reys, e Pharaones do Egypto, como a Escriptura Sagrada em muitos lugares aponta, e Diodoro Siculo o refere: porque como naquella infernal arte eraõ mais eminentes os Egypcianos, assim se serviaõ delles os seus naturaes senhores, mais que os estranhos. E como todas as cousas em seus principios sejaõ mais estimadas, não he temeridade afirmar, que o nosso Hercules, sendo Rey do Egypto, e pouco tempo depois de Abrahão, trouxesse em sua companhia alguns destes Astrologos, de cujo conselho tanto caso se fazia no mundo: para que as cousas grandes, que nesta sua viagem lhe acontecessem, fossem por elles governadas. E ser isto assim, consta claramente, pois he opiniaõ entre os bons Authores approvada; principalmente o Arcebispo Dom Rodrigo o affirmava, que a torre encantada de Toledo se chamava ainda de Hercules, quando em tempo del Rey Dom Rodrigo (como dizem) foy denunciadora da lamentavel perdiçaõ de Hespanha: e ainda hoje ha memoria disto em Toledo em huma grande, e espantosa cova, que se chama de Hercules. E tambem se acha authenticadamente escrito, que querendo Hercules fazer huma povoação no lugar, apõde hoje está a Cidade Sevilha, que hum Astrologo lhe estorvou que a não fizesse. E assim como este lhe impedio aquella povoação, bem se pòde crer, que por conselho do mesmo, e de outros, fabricaria aquella famosa torre de Toledo: pois o nome de Hercules, e as obras dos seus encantadores, e Astrologos, permaneceraõ tanto tempo nella. E tambem os mesmos (já que elle foy Author desta Cidade, como temos provado) seriaõ os que lhe aconselhassem que a fizesse: pois sem grande trabalho, e especulação, pela natureza da terra, temperança de ares, sitio, e fertilidade della, podiaõ muy bem conjecturar, que se se habitasse, produziria homens de espirito, e natureza conveniente a exercicios altos, e de grandes cousas. Porque assim como os rios; e ribeiras, conforme a propriedade das terras, por onde passaõ, vem tomando os sabores: e os animaes, segundo o fruto, que ella lhes produz, tambem mudaõ a natureza; assim os homens (que são tambem creaturas animadas) conforme ao sitio das terras, que habitaõ, e dos ares, de que vivem, e dos mais mantimen-

Genes 2  
lib. 1. sec.  
Lyr. &c.

Florio  
do Campo  
na hist. ge-  
ral de H-  
panha, lib. 5.  
Hist. de  
Valencia  
lib. 1.  
Rodrig.  
Archiep.  
Toletan.



tos da terra, e a agua, de que se alimentaõ ; assim mudaõ os humores, e com elles as condiçoens. Porque de diferentes humores, e inclinaçoens são os habitantes da ardentissima Africa, do que tem os moradores da Sitia frigidissima ; porque huns cortados da quentura do Sol, que naquellas partes lhes he muito visinho ( como diz Plinio ) são fracos, e debilitados ; e por isso fraudulentos, e enganadores, como lhe chama Blondo : proprio, e particular vicio de animos acanhados, e fracos. E os outros traspasados do ar, que sem a presença do Sol he muito frio, são muito fortes, e robustos dos corpos, e por isso de cruel, e deshumana natureza, como diz Julio Materno : mas no pouco engenho, e entendimento para cousas boas, são iguaes aos outros. Ficando por opiniaõ constantissima entre os Filosophos, que das cousas naturaes escrevem, que sómente das terras temperadas, como he Author Aristoteles, são os de grande animo, e engenho. Por onde não cuido eu faltariaõ conjecturas aos Astrologos, que na fundação desta Cidade se achassem, para que, sem serem Profetas, se persuadissem, que nella se haviaõ de criar grandes engenhos : ou pelo menos podiaõ entender, que vivendo ( nella homens temperados, e pacíficos assim no animo, como no corpo, não podia deixar de ser bem afortunada ; pois conforme ao que diz o Sabio, o governo de cada cousa he, o que lhe dá o ser. Assim que fica concluido, que os Egypcios foraõ os mayores Astrologos, e encantadores ) que no mundo houve ( como a elles, e aos Babylonios o attribue Ravião na sua officina ) e que por isto os Principes, que os senhoreavaõ, traziaõ em sua companhia muitos destes, a que chamavaõ Sábios, e que por seu conselho faziaõ, e desfaziaõ muitas cousas grandes, e que pelo mesmo caso, que elles lhe aconselhariaõ, que esta Cidade fundasse. E o que mais nos importa, e em que elles haviaõ de cuidar, que mais perpetuavaõ sua fama, e os apregoava para mayores sabios, havia de ser nas insignias das armas, que aqui deixáraõ, de que hora fallamos, se ellas são tão antigas ; como a Cidade. Porque indo pouco mais, ou menos conjecturando, que pelas boas partes dos moradores desta Cidade haviaõ elles de ser invejados, e que por isto ; ou por outras occasioens ( que nunca no mun-

Plin. l. 5  
c. 1 not.  
hstor.  
Blondus  
Solin. c. 30  
Volater. l.  
22,

Aristot.  
meltis in  
locis

Officin?  
Raviã  
texto.

do faltáraõ) lhes fariaõ guerra muitos, e os conquistariaõ; e porque estes, hora haviaõ de ser homens de grãde animo, hora debaixo, e acanhado espirito (cõmo ordinariamente acontece) quizerãõ, que huns se entendessem pelo Leaõ, que a Donzella estã combatendõ; e outros pela Serpente, que da outra parte lhe fez o mesmo. Com tudo, como seja ordinario de animos temperados, nãõ se acanharem aos soberbos, e levantados, nem se ensoberbecerem com os baixos, e apoucados (que he ficar sempre com a vitoria) quizerãõ, que aquella Donzella, a que figurããõ por esta Cidade, estivesse coroada em final de nunca ser tãõ vencida, que de todo se extinguisse. E porque com o que depois succedeo, acabemos de verificar, o que os outros podiaõ hir raltejando: pelo Leaõ, que a Donzella estã combatendo, se pòdem entender os Castelhanos Leonezes, que muitas vezes conquistaraõ esta Cidade, principalmente no tempo do invencivel Rey de gloriosa memoria D. Fernando o primeiro de Castella, e Leaõ, que a combateo com cerco trabalhoso, e de muitos dias, dandolhe muy duros assaltos, a que os moradores della sabiaõ tambem resistir, que com quanta gente, com que a combatia, era muy esforçada, e no seu exercito trazia Capitaens muy valerosos; entre os quaes dizem as historias, que vinha D. Rodrigo de Bivar, chamado por excellência Cid Ruidiaz, e por seu grande, e invencivel animo temido em toda Europa, e na mayor parte de Africa; nunca a pòde entrar com força humana, até que da Divina foy ajudado; vindo o Apostolo Santiago em pessoa a fazerlhe tãõ bom soccorro, que lhe abrio as portas da Cidade, por onde elles entrããõ triunfantes. E sempre se mostrou o divino Apostolo padroeiro desta Cidade, e em Compostella de Galliza (onde seu Sagrado corpo estã sepultado) no mesmo dia, em que ella se tomou aos Mouros, o disse em sonhos a hum Bispo estrangeiro, que destas suas gloriosas appariçoens duvidava. E el Rey D. Fernando estimou tanto esta vitoria, que de quantas o invencivel Rey tinha alcançado, (que foraõ muitas, e gloriosas) nenhuma outra lhe pareceo digna, de com ella solemnizar as alegres festas, que se haviaõ de fazer no dia, em que se havia de armar cavalleiro o esforçado Cid. Dandolhe aqui esta dig-

Archlepa  
Tolerant  
Morales in  
vita Ferdin  
nandi  
Reg. Castelle  
Garibai  
ibi & ceteris  
Hisp.  
scriptoris  
Volat l. 2  
Ut in ejus  
chr. refert;  
& alibi.  
Idem scrip  
tores ubi  
supra.



nidade (divino exercicio de altos animos, se devidamente se exercitasse) com a qual fez taes coulas, que ninguem as julgava por humanas. E porque suas obras são notorias, e tambem ser esta Cidade conquistada outras vezes pelos Castelhanos Leonezes, e seu animo invencivel ser bastantemente conhecido; não gastarey o tempo em vos provar, que elles são semelhantes á gloriosa insignia de hum Leão rompente, que tem por Armas. Nem em vos dizer, que foraõ sempre tão costumados a derramar o barbaro sangue dos Mouros infieis, e de outros inimigos do nome de Christo, e de sua Igreja; que com razão se pôde afirmar, que elles se entendem pelo Leão, que a Donzella está combatendo. Cujá natureza (porque com este exemplo acabemos) he tão similhante aos Hespanhoes, como se pôde entender da resposta, que o invictissimo Imperador Carlos V. deu ao Embaixador do grão Turco Solimano, quando em Ungria se encontráão no anno do Senhor 1532. Porque dizendolhe o Imperador, que tinha criado hum curral de feros Leoens; com cuja braveza, e esforço, esperava em Deos abaixar a soberba ao barbaro Turco, e vendo o Embaixador, que os Leoens, com que o ameaçava, era hum formoso esquadrão de soldados Hespanhoes, que a huma parte do campo se andavaõ exercitando, logo se despedio do Imperador, e se foy ao grão Turco, seu senhor: ao qual, dizendolhe o que vira, e o que o sacro Imperador disse; ficou o barbaro Principe tão espantando, e medroso, que o que lhe parecia, que o restante do universo com mão armada não era bastanste a effectuar; com só hum bramido do invicto Capitaõ de tão fortes Leoens escolheo por remedio de sua salvação, fugindo vergonhosamente, como animal baixo, que era, da presença do Imperial Leão, com cujo aspecto as mais crueis feras, e embravecidos animaes ficaraõ tão mansos, como o soberbo Solimano neste presente successo mostrou. Pois pela Serpente, que a Donzella está combatendo, não duvido eu, que já tereis entendido, quererem os Authores destas insignias com ella demonstrar, quantas vezes pelos Alarabes Mauritanos, chamados corruptamente Mouros, e outros barbaros da terra, havia de ser conquistada esta Cidade. Porque assim como o Leão, comparado aos Hespanhoes,

Manbrin  
Rosenlib.

Mleca  
In pontific  
hist. l. 6.  
Marcus  
Gazz. in  
hist. sui  
temporis.  
Mambr.  
Ros. l. 2.  
& alij.

panhoes,

panhoses, entre todos os animaes he o mais excellente; assim a Serpente, que comparamos com estes barbaros, he o mais baixo, e acanhado animal de todos elles, como da a entender o Santo Moylés, e o entendem a hi muitos, principalmente Santo Thomàs, dizendo, que, ainda que de natureza seja animal venenoso, que depois da maldição de Deos ficou aos homens muito mais odioso. E he de opiniaõ, que aquella maldição, posto que moralmente se entenda ser imposta ao diabo, todavia conforme á letra se pôde entender, que tambem abrangio á mesma serpente, como instrumento, de que o diabo usou naquella obra: e segundo diz Joseph, em castigo de sua maldade, que com a lingua executára, lhe poz Deos nella peçonha, para que dos homens fosse mais aborrecida. E a differença, que estes animaes, Leão, e Serpente, tem entre si, haveis de achar, que he a mesma, que tem os Hespanhoses com os barbaros, que digo e os effeitos, que sua natureza nesta Cidade causou, tambem foraõ diferentes. Porque os Hespanhoses, como furiosos Leoens, a conquistáraõ, e tomáraõ, não para lhe beberem o sangue, como he proprio de Leoens, pois o não eraõ, senão no esforço, e grandeza de animo, mas para em defensão da Pé de Christo derramarem o seu, com o qual a esta Cidade fizeraõ digna de glorioso triumpho, e a elles de immortal fama. E os barbaros, e Mouros, quando a entraraõ, com muita crueldade a senhorearaõ, destruindo, e assolando toda a terra, e enchendo-a de misérias, e lagrimas. E mostrando, que assim como Africa, donde elles sahiraõ (segundo Plinio afirma) foy sempre nova em produzir feras horrendas, e monstruosas: que tambem em dar de si homens barbaros, e peçonhentos, senão podia chamar velha: pois sabemos, que os ares, e a terra, que cria os tygres, e as panthéras, e outras feras, de que Africa he abundantissima, são os mesmos, de que os homens nella se alimentão. Donde se segue, que a natureza não deve ser muy dessimilhante, como se pôde ver do que aconteceu em tempo del Rey Dom Rodrigo o ultimo Godo, que reynou em Hespanha: quando pela desordem, que cõmetteo com huma filha, ou mulher do Conde Dom Juliaõ, chaniada Cava, entraraõ os Mouros

C. 3. Gē  
ncl: & ib.  
D. Th. hōj  
mil.

Lib. 1, an  
tiquit.

Aristot.  
de anim?  
r Elianur  
de venat.

H'esca's  
in pontific  
hist. l. 4 c.  
25 & alii  
multi  
Plin. l. 9  
nat. hist.  
Volater,  
l. 12 Solyn?  
Poly. his-  
tor. cap. 30  
Vasæ 9 c.  
ultim. Mo-  
ral l. 9 Gai-  
rib. 9 Mo-  
narc. ec-  
cles. l. 17  
c. 18 & l.  
18 c. 3.



Chr. de  
val. 1. 1  
c. 18 Villeg.  
2 part. Luc.  
Tudensis.

ros em Hespanha por traição do Conde, vencendo ao Rey della, e a toda a mais gente, que consigo trazia. A qual trataraõ com taõ barbara fereza. e inmanidade, como he boa testemunha a destruição de muitos lugares, e Cidades illustres, e Templos sumptuosos, que de suas impias mãos ficáraõ bem finalados. E nella como contagio-  
sas Serpentes derramáraõ sua peçonha, a qual deixáraõ taõ arraigada, que nem a poder de brancos unicornios da Igreja de Christo se pôde por muito tempo alimpar, o que ella tinha inficionado. Atéque, sendo ainda estes barbaros senhores de quasi toda Hespanha, Dom Affonso o Magno de Castella, sexto do nome, ajudado dos Condes de Tolossa, e de Sant-Gil, e Dom Henrique de Lothoríngia, illustre progenitor dos esclarecidos Reys de Portugal, e de outros nobres, e esforçados cavalleiros, que de diversas partes da Europa vieraõ com o mesmo proposito, desarraigou os barbaros infieis das principaes partes, que em Hespanha senhoreavaõ, alcançando delles gloriosas vitorias. Com que ficou taõ poderoso, que deo a todos, os que o ajudáraõ nesta guerra, em remuneração de taõ bom serviço, muitas terras, e senhórios, casando-os com filhas, e parentas suas, para que do trabalho passado descançassem. Pelo que fica claro, que não faltaria razão, a quem estas Armas aqui deixou ( se alguma cousa sabia das cousas futuras ) para por conjecturas entender pelo Leaõ, que a Donzella está combatendo, os valerosos Castelhanos Leonezes, que por algumas vezes a conquistáraõ. E pela Serpente as muitas entradas, que os barbaros Mouros nella fizeraõ. E se das futuras cousas não tinhaõ mais noticia, que a que humanamente se pôde alcançar, bem podiaõ ( como já disse ) dar a entender com ellas, que humas vezes havia de ser combatida por animos ferozes, e esforçados, e outras vezes por acanhados, e baixos. E que nem as valerosas conquistas de huns, nem os assaltos feros, e deshumanos de outros ( como já ouvistes ) seriaõ bastantes para de todo a extinguirem: sendo-o outras, que na fortaleza do sitio, e edificios, e na multidão dos defensores lhe levaráõ muita vantagem: como foy a famosa Carthago, a soberba Troya, a invencivel Numancia, e outras, de que no mundo

do não ha outra memoria, senão a que de seus lamenta-  
 veis fins mostraõ suas ruinas. Mas esta Cidade figurada por  
 aquella Donzella, ajudada do favor do Ceo, como ella pa-  
 receo està pedindo, a pesar de tantos conquistadores per-  
 maneceo: até que o primeiro Rey de Portugal, que foy  
 D. Affonso Henriques, a ennobreceo com triunfos, e vito-  
 rias, e sumptuosos edificios, de tal maneira, que mandan-  
 dose nella sepultar, a fez digna de mais alta gloria, e fa-  
 ma, do que foy a provincia da Caria com a soberba sepul-  
 tura, que nella edificou a famosa Arthemisia a o seu Mau-  
 soléo. Deixando por costumado privilegio nesta Cidade,  
 para acabar de fazer verdadeiras suas armas, que os Reys  
 seus descendentes viessem tomar a Coroa nella. E com ra-  
 zaõ, pois ella foy sempre, não somente Coroa, mas uni-  
 ca cabeça deste Reyno, em quanto os Reys d'elle se não  
 occupáraõ em suas maritimas conquistas, como diz João  
 Vaseu, e outros. Dando com isto o Santo Rey a entender,  
 que, já que elle desta Cidade com a gente della sahira a  
 conquistar as principaes terras, que hora são da Coroa de  
 Poitugal, ella era bem que a desse, aos que d'elle fossem  
 Senhores, para descansada gloria de seu trabalho. Esta  
 me parece a verdadeira declaração das Armas desta Cida-  
 de, ainda que alguns haverá, a que não pareça tal; mas  
 por não acharmos causa propria, porque se saiba seu prin-  
 cipio; parece, que sendo Hercules fundador della (como  
 temos provado) por conselho daquelles seus Sábios lhas  
 poria, deixando-as assim encubertas, para que os en-  
 genhos delicados (que nunca no mundo faltáraõ, e  
 nesta Cidade podiaõ com razaõ presumir, tambem não fal-  
 tariaõ) em sua exposiçaõ se occupassem: e ainda que ou-  
 tros fossem seus Authores, a causa dellas parece foy a mes-  
 ma. Não sey como isso assim seja (acudio o Italiano) por-  
 que vendo-me eu os dias atrás com hum Religioso de São  
 Bernardo, que aqui nesta Universidade estuda; e de que  
 eu tinha conhecimento do tempo, que elle esteve em Ita-  
 lia, onde se criou: e estando em boa conversação, trazen-  
 do á memoria deleites de minha patria, de que elle tinha  
 muita noticia, viemos a caso a fallar nesta Cidade, e em  
 suas armas, que eu achava muito mysteriosas, como vos  
 já disse. E entendendo elle, que eu desejava tanto saber, o  
 que

Ur testantur  
 omnes scri-  
 ptore Hist-  
 pan. ut infra  
 citabimus

Vaseus c:  
 20 Morale  
 lib. 10 Arg  
 chiepa  
 Tolera



que dellas se alcançava, como então me mostrava, maravilhado de haver tanto tempo, que tão notavel cousa estava encuberta: determinou communicarme, o que dellas sabia, affirmando, que para elle era hum novo contentamento, que o trazia alvoroçado, e alegre, e era elle tal, que a qualquer curioso entendimento parecera o mesmo. Porque me disse, que chegára a alcançar a verdadeira causa das Armas de Coimbra; mas, segundo o que lhe ouvi, muy differente da que tendes reterido: mais digna do vosso engenho, que da verdade necessaria, se aquella memoria, que me mostrou, tem tanto credito, como a antiguidade. Por vida vossa (disse o Portuguez) menaõ dilateis o que lhe ouvistes dizer; porque esse Religioso tenho eu em grande conta, e as suas cousas em muita estima. E mais essas de descubrir antiguidades, em que elle parece quer vencer o mesmo tempo, que tudo consome: pois tem alcançado algumas tão encubertas, como merecedoras de o não serem. Não passeis mais ávante em suas cousas (acodio o Italiano) porque vos faz suspeito o gosto, com que as explicais, que costuma ás vezes causar menos credito nas palavras, do que as vossas merecem. E ouvi o que me disse, que não he tão pouco, que vos não cause summo contentamento. E já pôde ser, que depois mudeis a opiniaõ, que ácerca dellas tendes: e quando isto fenaõ seguir, não vos pesará saber, o que nisto tem alcançado. Porque haveis de saber, que em hum memorial antigo, em que estão os successos de dous Concilios, que na Lusitania se celebráraõ, muito antes, que o primeiro de Toledo tivesse principio (donde a Primazia de Braga claramente se manifesta) me affirmou, que achára posto em memoria a verdadeira causa destas illustres Armas. Dizendo, que reynando em Lusitania os Alanos (que antes dos Godos, como já me dissestes, vieraõ a Hespanha, e della começáraõ a lançar os Romanos) hum seu Rey chamado Attaces, mancebo nos annos, e esforço, mas anciação na prudencia, e militar governo, depois que deitou os Romanos da vossa Coimbra, tratou de reedificala, por que das guerras atrás ficára muy damnificada. E occupouse com tanto cuidado nesta obra, que deu occasiaõ, a que Hermenerico Rey dos Suevos em Galiza, e seu competidor

tidor muy antigo nas Conquistas, viesse contra elle com grande poder de cavallos, e gente, com a qual pertendia senhorear-te de algumas, que recebidas tinha. Mas o animoso Alano, deixando a nova reedificação, e convocando sua gente, se foy encontrar com seu inimigo ao caminho. E de tal modo se houve com elle, que Hermenerico ficou vencido, e sempre passara a mayores males, senão se submettêra ao vencedor, pedindo lhe pazes, e promettendo-lhe por mulher huma sua filha muito formosa. Com que o Alano aquietando-se, se tornou à sua começada obra de Coimbra, como cabeça, que era de todo seu estado. E estando nella, veyo o sogro com a filha, e se celebraraõ as vodas sumptuosamente: e ficou taõ satisfeito da nova esposa, que mandou que aquella sua Cidade tomasse por tymbre a sua effigie posta entre hum Leaõ, que elle tinha por Armas; e hum Dragaõ verde, que o sogro trazia nas suas bandeiras. Para que a todos fosse notorio, que aquella formosa Donzella fora causa daquellas duas insignias, Leaõ, e Serpe ( pouco tempo antes taõ contrarias) estarem já iuntas em paz, e amizade. E nem parece podia menos acontecer, senão que as insignias de huma Cidade, em quietação taõ insigne, fossem occasionadas da constante paz, com que estes dous Principes se tratáraõ dalli em diante. Não sey (acudio o Portuguez) com que palavras declare o muito, que estimey ouvirvos as que hora distestes. Mormente vendo, que considerando bem o que tenho dito, não discorrendo muito dessa verdadeira causa das insignias desta Cidade: antes parece se pôde affirmar, ser, o que hora acabastes de referir, muy proprio exemplo do que na minha exposição me ouvistes. Porque se eu entendi pelo Leaõ, que a Donzella está combatendo, os homens fortes, e bellicosos, que esta Cidade conquistáraõ; quem haverà, que não veja, poderem-se por elles entender os bellicosos Alanos, que tantas vezes vencerãõ os Romanos, e esta Cidade de suas mãos tiráraõ com porfiada conquista. Quanto mais, que sô em o seu Rey trazer por insignia o Leaõ rompente, nos tira de duvida. Pois quando eu disse, que pela serpente, que da outra parte tambem a Donzella combatia, se podiaõ entender os homens fracos, e fraudulentos, que esta Cidade conquistaraõ;



itaraõ: tambem se pôdem entender os Suevos, que com este nollo Alano troxeraõ taõ continua guerra; mas no processo della quasi do meſmo modo, que o Leaõ, e Serpe, entre ſi combaten. Porque além de os Alanos, como generoſos Leoens, ficarem em tudo superiores; tambem mostráraõ baixeza de animo os Suevos, em os virem buscar no tempo, que elles mais occupadõs andavaõ: donde se pôde inferir ſua fraqueza, e fraudulenta natureza de Serpente, a que os comparamos, e que elles em ſuas bandeiras traziaõ por insignia. E se vos fizer duvida o claro intento do Author deſtas Armas ſer muy differente, do que me ouvistes: a isto ſe responde, que quando elle naõ quizeſſe ſignificar com ellas mais que aquillo, que hora diſſeſtes, nem por isto merece ſer reprovada a minha expoſiçaõ, pois he taõ conforme. Quanto mais, que algumas vezes aconteceo fazerem os homens ( quando me nos o cuidavaõ) couſas cheyas de myſterios, e dignas de ponderaçãõ; que vos eu confirmára com muitos exemplos, ſe do voſſo entendimento preſumira, que naõ ficava quieto. Naõ me pêza (acudio o Italiano) ſe naõ porque vay o Sol acabando ſua jornada, tirando nos a luz com ſua auſencia, e a mim, e ao meu companheiro a alegria, com cuidar, que he forçado apartarmonos hoje; que meu goſto fora naõ faltar aqui o herdeiro do eſpirito de Moyſés, que fazendo parar o Sol em ſeu apreſſado curso, eſte dia nos accreſcentaſſe, e o contentamento em nós ſe naõ diminuiſſe, ouvindovos tratar taõ alegres couſas. Mas vendo o Portuguez ſer já taõ tarde, que com difficuldade o Peregrino acharia na Cidade agafalho conveniente, lhe offereceo a ſua pouſada, e ſe foy com elle, até que chegaraõ a ella: onde naõ lhe faltou, o que humana vontade ſingella, e nobre podia em taõ pouco tempo miniſtrar; porque quando ella he tal, o menos fruto, que de ſi produz, he o mais, a que ſua poſſibilidade ſe eſtende.

# DIALOGO II.

*Em que summariamente se conta o principio do Reyno de Portugal, que chamamos Infancia, e primeira idade sua.*

## CAPITULO I.

*Em que se dividem as cousas dos Reis de Portugal, em quatro partes, ou idades.*

**N**ÃO pôde o Peregrino repouzar tanto, que ao outro dia, em elle mandando os primeiros Embaixadores de sua nova chegada, não estivesse já levantado. E porque o apolento, onde foy agasalhado, servia de estudo ao Portuguez, que na Universidade tinha nome de curioso, não deixou de achar nelle algumas cousas, em que os olhos se occupárao: mas porque, as que mais se estimaõ, são as que recreaõ o animo, não se contentando com aquellas; foy dar com huma, que lhe satisfizes o desejo, que era hum Promptuario de medalhas de pessoas illustres. Em cuja escriptura, por ser em lingua Italiana, o Peregrino, a quem ella era natural, começou a ler algumas cousas, que mais o deleitavaõ. Tanto se occupou nisto, que não deu fé do Portuguez, que já com elle estava, com o qual não usando de palavras, para lhe agradecer o em que se sentia obrigado, pois o effeito dellas não podia estar tão perto, como elle desejava; não fizeraõ mais, que declarar hum ao outro aquellas vontades nobres, e agradecidas, que cada hum em si sentia. E depois de praticarem em diversas cousas, de que o livro estava cheo, vieraõ a achar os Retratos dos Reis de Portugal; que o Portuguez tinha accrescentado ao Promptuario. E porque era obra nova, não deixou de fazer tambem novo alvoroço sua vista ao Peregrino. E muito mais, quando vio, que cada retrato tinha seu Epigramma, em que, com a brevidade, que aquelle genero de poema requer, se dava bastante noticia de sua condiçaõ, e obras principaes, que na vida fi-



zeraõ. Mas porque a linguagem era differente da que elle usava, e as muitas, e grandes cousas, que tão poucas palavras compreheadiaõ, as faziaõ escuras, principalmente aos que na historia de Portugal não fossem muito versados, o Italiano pediu ao Portuguez lhe declarasse, o que elle não entendesse. São as cousas dos esclarecidos Reys de Portugal (respondeo o Portuguez) tantas, e tão espantosas, que me he necessario muito tempo para referillas, e a vós muita fé, para lhe dardes credito. Porque assim como elles foraõ sempre os mais zeladores da honra de Deos; assim d'elle foraõ favorecidos mais, que nenhuns outros da terra. E senaõ consideray o pequeno patrimonio, com que deraõ principio a tão alta gloria. Ainda que os Reys de Portugal (disse o Italiano) começassem com pouco, e tambem em pouco tempo alcançassem muito de gloria, e fama; nem por isso deixaraõ de ser os Portuguezes sempre valerosos, e de grande animo, e que liberalmente sabião fazer bom barato da vida a troco da liberdade. Senaõ digaõ os nossos Romanos, sendo tão poderosos, quanto lhes custou o seu senhorio. Pelo que se pôde afirmar, que ainda que os principios destes esclarecidos Reys fossem pequenos, e pobres em terras, e vassallos; que de animos valerosos, e grandes (comque se costuma conquistar o senhorio do mundo) foraõ muito ricos, e abastados. E sendo isto assim, não cuidaõ, que terey tanta razaõ de me maravilhar, como dizeis: nem vós de me accusardes de incredulo, pois he certo, que de taes animos não se podem esperar pequenas obras. E seja este trabalho a troco de eu tambem vos referir com a rudeza de meu engenho, o que da minha Italia, e outros Reynos visinhos, tenho lido, e visto, com muitas cousas; que em diversos tempos nelles succederaõ: que por ventura vos serãõ tão agradaveis, como a mim, as que espero ouvirvos. Afeiçoouse tanto o mancebo Portuguez ao aviso, e curiosidade do Italiano, que determinou fazer-lhe a vontade. E assim começou, dizendo: Já que assim o quereis, para que profigamos esta historia com mais clareza, e brevidade, não será cousa prolixa dividir o discurso della em quatro partes, que podem responder ás quatro idades, em que o Filosofo Pythagoras

Just. hist.

lib. 44.

Luc. Florus,

lib. 4.

thagoras dividio toda a vida do homem, comparadas por elle aos quatro tempos do anno: e por outros Filozofos ás quatro comprehoens, de que o corpo humano consta; e aos quatro elementos, de que ellas se compoem: e ás quatro partes, em que tambem se divide o dia. Entre as quaes ha a mesma semilhança, que eu pertendo mostrar-vos nesta nossa historia, e na que Lucio Floro escreveu no seu Epithome Romano, fazendo a mesma divisaõ, e comparaçãõ, que nós pertendemos. Porque se elle, pelo muito, que as Armas Romanas se estenderão pelo mundo, enchendo-o de vitorias suas, diz, que quem ler as suas cousas, não ha de considerar, que são de hum povo, ou republica: mas que os feitos de todo o genero humano nellas se comprehendem; com muita mayor razão podemos nós dizer o mesmo. Porque sendo Portugal em seu principio, em comparaçãõ do povo Romano, huma pequena Centuria, das muitas, em que elles dividiaõ a sua Cidade Roma, estendeo tanto suas Armas, e senhorio, que não ha ilha, nem Provincia, ou Regiaõ alguma do Mar Oceano, Indico, e Austral, que experimentando suas forças, e esforço, a gloria de seu nome não confessasse. Alcançando tão maravilhosas vitorias, com taes perigos, e milagres confirmadas, que se não foraõ relatadas por testemunhas de vista, hoje seriaõ havidas por fabulosas. Donde com razão podemos tambem dizer, que para constituir o Imperio Lusitano, a virtude, e fortuna contenderão, huma com gloriosos trabalhos; outra com miraculosas façanhas, qual mais o illustraria. Pois as mais cousas, em que os Romanos de Floro, e estes passos são semelhantes, o discurso da historia nos las hirá mostrando; e principalmente a divisaõ de Pythagoras nos fará isto mais claro. Porque (segundo he Author Diogenes Laercio na sua vida) diz elle em sua divisaõ: que a Infancia, e primeira idade do homem, he o Veraõ da vida, onde todas as cousas estão em flor, e em verdura, e começaõ a crescer, e augmentar-se. As quaes propriedades acharemos em os primeiros cinco Reys de Portugal, se os successos de suas vidas bem consideramos. Porque o glorioso principio do Conde Dom Henrique de Lotharingia, e o florido, e venturoso augmento, com que Dom Affonso

Diogenes  
Laerc in vit  
Pyth. Cen-  
sorin. de  
die natal c.  
12 D. Augu-  
c. 23 Gen-  
Id. l. 22 c.  
ult. de civit.  
Dei Laet.  
de divin.  
inst.

Laerc. id. vij  
ta Pyth.



Henriques, e os mais até Dom Afonso o terceiro, accrescentárao seus Estados, Coroas, e Dignidades, claramente nos mostraõ ser esta a infancia, e primeira idade de Portugal, em que não fez mais, que crescer, e augmentar-se. E porque na idade da Adolescencia, além de os homens terem mais vigor, e força (por razaõ da quentura, que se compára ao Egitto) costumão nelle aprender as artes, e sciencias, que nas outras exercitaõ, não serãõ fora de proposito constituirmos esta idade em os quatro Reys, que immediatamente se seguem, de Dom Diniz até Dom Fernando. Porque considerando suas obras, acharemos nellas serem instituidas as primeiras escolas publicas de sciencia, e as mais bem ordenadas Leys, que até entãõ se usãõ em Portugal, e hum fervor, e calor natural, em fortificar, e conservar, o que os outros adquiriraõ, tão vehemente, que com razaõ lhe attribuiremos a Adolescencia, e segunda idade do Reyno de Portugal. Mas se quizermos considerar o homem chegado á idade varonil, comparada ao Outono, em que já tem experiencia, e perfeito conhecimento de muitas cousas, e maduro juizo para se saber governar nellas; não nos faltará razãõ, para lhe attribuirmos os successos dos cinco Reys de Portugal, que se seguem de Dom João de boa memoria até Dom Manoel. Porque não se contentando estes, com o que os outros conquistáraõ, e accrescentáraõ, aspirando (como em idade mais madura, e juizo mais perfeito) a outras cousas mais altas, e gloriosas, exercitáraõ o animo, e o braço em senhorear á força de armas o melhor, e mais perigoso de toda Africa, e todas as Ilhas (até aquelle tempo quasi incognitas) adjacentes na ribeira do Mar Oceano: até que ultimamente chegados ao distantissimo Oriente, domando ferozes gentes, poderolos Reys, e riquissimas Provincias, fizeraõ arvorar o Real Estandarte, e Lusitanas Quinas nas mais remotas partes da terra. Com que fizeraõ mais ditosa, e bem afortunada a varonil idade ao nosso Portugal, do que foy a que Lucio Floro tanto engrandece no seu povo Romano. E porque diz Pythagoras, que o Inverno he a velhice do homem, tempo sem fructo, e trabalho, e n que já não se gozaõ, senãõ os fructos das outras idades, pode-se comparar aos outros

Reys,

Reys, que se seguem. Pois em tão pouco tempo declinaraõ tanto as Lusitanas forças, e sua potencia, que parece, que ao principio de sua venerada velhice, que começou em ElRey Dom Joaõ terceiro, se seguiu logo tão repentina infirmitade nos animos Portuguezes, que com a continuação della vieraõ de todo desfigurar-se. Senaõ que no tempo presente, debaixo do amparo de tão poderolo Principe, e fraca velhice do Imperio Lusitano (fóra de toda esperança) restituida sua antiga, e florescente mocidade, parece que reverdece, e torna ao seu primeiro, e glorioso principio. Mas porque a grandeza, e variedade de tamanhas cousas, perturbaõ os olhos do entendimento, farey em sua narração, o que costumão os famolos artifices, quando em huma pequena taboa abreviaõ a grande maquina do mundo. Ainda que ha de ser forçado tratar primeiro algumas cousas antigas deste Reyno, porque de outra maneira, nem vós ficareis satisfeito, nem eu contente, nem a historia bastantemente declarada. Antes ellas (disse o Italiano) haveis de passar em silencio, porque não ha muito tempo, que vi hum Dialogo da gloria, e triunfo dos Lusitanos: com tanta razaõ chamado triunfo, pelos feitos heroicos, e obras maravilholas, que relata; como se póde ter por gloria a sabedoria do mundo, por sua eloquencia, e alto estylo. Em o qual o Author delle summariamente conta todas as cousas antigas, e modernas, que pódem dar louvor, e gloria á sua nação: e principalmenté nas mais antigas della, por serem mais difficultosas, estende mais sua pratica, porque os homens sábios, naquillo, que os outros não alcançaõ, costumão mostrar a viveza de seu engenho.

## CAPITULO II.

*Das cousas antigas de Portugal, ate que chegon á dignidade Real.*

**M**As porque entendo de vós, que assim na verdade das cousas, como na ordem da relação dellas, o fareis de modo, que fique eu contente, he forçado pedir-vos menaõ dilateis o que tanto desejo, começando donde vos parecer, que mais perfeitamente ficarey satisfeito. Porque



Porque me fez tão afeiçoado a este Reyno, o que vos ouvi d'elle, que qualquer breve dilação me será peçada. Não merece tão pouco (acudio o Portuguez) esta afeiçoão, que mostrais de saber as cousas de minha patria, que me não sirva de poderoso estímulo para vos fazer a vontade, ainda que seja com igual molestia á que sentem alguns, quando ouvem cousa, que já sabião: mas em huma, e outra pertenderey, sendo breve, fugir o enfadamento, que causa o contrario. Se bem vos lembra, já me tereis ouvido, como depois que o Patriarca Tubal povoou Hespanha, reinavaõ nella vinte, e quatro Reys, alguns dos quaes fizeraõ muitas povoações, e outras de seus apellidos denominaraõ. E atéqui chegou o que hontem dissemos. Pois hora haveis de saber, que antes, e depois del Rey Abides, o ultimo destes Reys, de que fazem menção as historias, contaõ ellas, que houve em Hespanha naquelle tempo antigo muitas cousas tão notaveis, como merecedoras de se não ignorarem neste. E principalmente na nossa Lusitania aconteceraõ algumas, que podem causar admiração, e duvida. Porque era naquelle tempo a terra de Hespanha tão fertil de gados, e mantimentos, e tão abundante de ouro, e prata, que muitos homens de diversas, e apartadas Províncias vinhaõ a ella com mayor cobiça, da com que hoje se navegaõ ao Perú, e ás Indias. Que foy tambem causa de ser tão vario o senhorio della, como as nações dos cobiçosos eraõ diferentes. E assim dos primeiros, que à Hespanha vieraõ, foraõ os Egypcios, com seu Rey Osiris, que deixou as primeiras idolatrias, junto ao anno quinhentos depois do diluvio geral. Pouco depois seu filho Hercules Lybio trouxe tambem muitos, com que deu principio a esta Cidade, e outras muitas, como já dissemos. Os Phenices da Asia com huma grande armada aportaraõ em Hespanha, e souberaõ-se tambem aproveitar do ouro della, que com a sua sede ser insaciavel, foraõ satisfeitos. Pois os Argonautas com o seu Hercules Alcêo (que na Capitania succedeo ao Grego Jasão) depois dos grandes roubos, que conta Strabaõ, e Diodoro Siculo, tambem nas riquezas de Hespanha fizeraõ o que costumavaõ. De cujo exemplo ensinados os Troyanos, quando da sua Cidade arrazada sahiraõ fugitivos, a Hespanha se acolheraõ,

Plin. l. 3  
Vase, &  
alil.

t. Vase/  
alii omnes  
sup. relat.

500.  
depois  
do dilu-  
vio.

140.

raõ, e em varias partes della foraõ Authores de muiras povoaçoens, algumas das quaes hoje saõ na Lusitania insignes. Os Celtas famosos povos da França, tambem vierão a Hespanha, e depois de varios calos unidos como os Ibèros, que já do tempo antigo na Hespanha habitavaõ, foraõ chamados Celtibèros; e Lusitania tambem por elles foy chamada Celtibearia, pelas muitas povoaçoens, que nella fizeraõ. Até os da Ilha de Rhodes vierão a Hespanha, segundo he Author Tito Livio. Mas do que mais vos espantareis he, que não contentes os Phenices com o ouro, que de Hespanha tinhaõ levado, tornàraõ outra vez a ella, e de tal maneira se entregàraõ, que toda a Asia o soube, e Africa não ficou ignorante. Do que se seguiu senho-rearem os Carthaginezes por muito tempo Hespanha, com cuja gente, e riquezas fizeraõ muitos annos tal guerra aos Romanos, que os puzeraõ no estado, que as historias contaõ. Mas como o valor Romano naquelle tempo era só no mundo; nem Hespanha pôde valer aos Carthaginezes, que não fossem extinguidos, nem elles a deixàraõ em estado, que pudesse muito tempo resistir aos Romanos. Cujã larga conquista em Hespanha estõu certo não desejaeis de ouvir, nem a ordem, e modo de governo, que nesse tempo usaraõ. Nem quantas vezes se lhe rebellaraõ muitos povos; dando, e recebendo muitas calamidades, vingadas algumas vezes com esforço de valerosos soldados, e outras com as baixeças de fracas, e acanhadas traiçoens da parte dos Romanos commettidas. Nem taõ pouco me parece necessario trazervos á memoria os grandes feitos, e miraculosas façanhas, com que o esforçado Portuguez Viriato (outro Romulo de Hespanha, como lhe chamou Floro) soube vingar a cruel traiçaõ, que o Pretor Sergio Galba usou com tres grandes companhias de Lusitanos, contra todas as Leys da humanidade, e do que a valentia dos Romanos costumava. O qual em espaço de quatorze annos fez taõ cruel guerra aos Romanos, que foraõ por elle vencidos, e desbaratados por vezes, quatro Confules, com muitas legioens de veteranos Soldados, com que elles costumavaõ soçobrar todo o mundo. Mas o animoso Portuguez os tratou de maneira, que hum delles morrendo na batalha, em que Plaucio foy vencido, atemori

13508

1370.

1500;

Liv. li 3

decad. 2

Florus li. 21

c. 7.

P. Ofor. 1.

5. c. 3 Pl.

illust. Vir.

c. 71 Cicera

offic. l. 2

Eutropus,

l. 4 c. 3

Maxim. l. 6

c. 4 Syl. Ital

l. 3 &amp; multa

Vale. c. 14

1170



Val. Maxi-  
mus l. 9 c. 9  
e late Liv.  
ubi sup. va-  
se ubi sup.  
Garbay

Dial. da  
gloria dos  
Lusit. c. 12  
Flor. l. 3 c.  
21 Plaut. &  
Plin. in vita  
Sertorii  
Otor. c. 22  
Frontin. l. 1  
B. II

zão de Viriato passara Italia, e chegar aos muros da sua Cidade vitorioso, mandou em seu testamento, que lhe levassem os ossos a Roma, se a patria estivesse ainda em sua liberdade. Pois de lastimado, bem entendendo não quereis ouvir a ignominiosa morte, que ao forte Viriato deraõ os seus mesmos Embaixadores (posto que não Lusitanos) por ordem de Quinto Servilio Romano, que com dinheiro a isto os persuadio: mas o prudente Senado, não somente negou a Servilio o premio, que pedia, mas ainda publicamente estranhou muito o pouco animo, que mostraraõ os Romanos em lhe procurar a morte. Confessando o genero della (como consideraõ muitos Authores) que o animoso Portuguez não podia ser de outra maneira vencido, nem da Romana potencia. Cujos dignos louvores, com que todos celebraraõ suas cousas, não será necessario repetirvos, pois sua prospera fortuna não foy mais liberal em lhe conceder as glorias, e triunfos naquelle tempo por sua extremada valentia alcançados, do que foy liberalissima em lhe dar neste, quem perpetuasse sua fama. Pois para louvar os illustres feitos, que pela liberdade obraõ os famolos Braccarenses, a que pertenciaõ vinte, e quatro Cidades da Hespanha Citerior, basta contentarse hum Author com dizer, que suáraõ sangue os Romanos quarenta annos em os conquistar. Tambem escusarey de vos lembrar, que o valeroso Quinto Sertorio Romano, depois de achar em Africa os animos de diferente brio, do que elle havia mister para resistir aos Capitaens de Sylla, que o tinha desterrado de Roma, patria sua, por seguir as partes de Mario, e Cina, seus inimigos, se veyo a Hespanha, e juntandose com seus naturaes, principalmente Lusitanos, peleijou taõ brevemente por espaço de dez annos contra os Romanos, que houve muita duvida no mundo, se ficaria Roma, ou Hespanha, com a suprema vitoria. Mas depois, começandolhe os successos da guerra a ser contrarios, veyo a ser morto, como Viriato, por traição de Perpenna taõ particular amigo seu, que em hum testamento que lhe acharaõ, o instituia por seu universal herdeiro. Nem me parece que vos direy muito dos tempos, que correráõ em Hespanha depois de Sertorio, até o principio de nossos esclarecidos Reys: porque dos Godos com seu Ca-  
pitão

pitaõ Alarico, dos Alanos com Attaces, dos Suevos com Hermenerico, e dos Vandalos com Stilico Vandal, os quaes sahindo de suas terras Septentrionaes, vieraõ a saquear Roma, devastar as Gallias. e pôr duro jugo á Hespanha: da qual os Alanos principalmente occuparaõ Lusitania, os Suevos Galiza, os Vandalos Andaluzia, e os Godos ficáraõ depois senhores de tudo. Bastará dizer hum historiador, que como eraõ ferozes, e barbaros, e por isso inimigos das letras, não se sabe com certeza, o que passou ao menos na Lusitania. Cujos moradores não duvidareis, que com valerosa braveza, e animos generosos, resistiraõ ao impeto, e immanidade destas barbaras Naçoens Septentrionaes. Pois sabemos, que na noita Hespanha, huns fizeraõ muitas povoaçoens illustres, outros introduziraõ novos ritos, e ceremonias, e outros alcançaraõ muitas vitorias, e muitas mais calamidades padeceraõ. Finalmente huns, e os outros, não somente lhe mudaraõ os edificios, mas ainda forçaraõ a que os seus naturaes mudassem a linguagem, e os costumes. Até que ultimamente vieraõ os enxames dos barbaros Alarabes da Mauritania, que de todo a destruiã, puseraõ por terra, e desfiguraraõ. Pelo qual com razão se disse, que se vingaraõ as letras dellas, e de sua crueldade; pois sendo valerosos, e esforçados, ficou sua gloria escurcida, e seus feitos, e vitorias enterradas em perpetuo esquecimento. Tambem da miseravel perdição de Hespanha, que foy no anno do Senhor setecentos, e quatorze, havendo trezentos, e quarenta, que os Godos nella reinavaõ, não direy cousa alguma: pois dizem as historias, que tanto tiveraõ os nossos que entender nesta miseravel perseguição, que nenhum teve ocio para escrever historia: nem havia para que, senão para recontar desaventuras, e renovar suas magoas. Nem os Mouros mereceraõ que algum Christão fizesse menção de suas abominagoens em historia sua: pois hum seu Rey Abderramem affligio os Christãos della taõ cruelmente, que não havendo em toda Hespanha quem lhe pudesse resistir, queimou muitas reliquias dos Santos; e destruiu os Templos sumptuosos, de que Hespanha estava ennobrecida. Cujos moradores (poucos em numero) fugiaõ para os

Bene. Léo  
nard,  
Aretin de  
orig. Gole

360.  
Do nasci  
mento  
de Chri  
sto.

Monarchi  
Ecc. l. 17  
c. 18 & l. 1.  
& aui  
H (pan.  
scrip. ut  
sup.

714,



montes de Astorga, e Asturias: onde pelo Christianissimo Pelayo, que entao era Duque de Cantabria, forao recolhidos, amparados, e defendidos, com mais favores do Ceo, que milicia, e poder da terra. Com que se fez merecedor de ser levantado pelo primeiro Rey, que depois dos Mouros houve em Hespanha, e começou a reynar cinco annos depois desta sua lamentavel perda. Cujá recuperação elle principiou, e deixou em tal estado, que puderao os seus descendentes ( ainda que em largo tempo ) lançar de todo fóra de Hespanha a barbara multidão dos Mauritanos, que tanto tempo a tyrанизárao. Nem será justo repetirvos, que por este tempo esteve Portugal encerrado na Provincia de Entre Douro e Minho, donde depois, guiado por D. Fernando o I. de Castella, e Leão, se melhorou á força de sua lança, e á custa de seu sangue: estendendo seu senhorio até esta nossa Coimbra, posto sobre o rico Mondego, que gera ouro, e pedras preciosas. Porque estas, e todas as mais cousas, que podem accrescentar o nome, e gloria da Nação Portugueza, entendey, que estaõ collocadas no lugar, que ellas mereciaõ: de tal maneira, que as obras saõ envejadas dos mais valerosos cavalleiros, e a eloquencia, com que se recontaõ, dos mais sabios, e doutos. E com razaõ; porque onde o merecimento he muito, sempre o louvor está certo.

Dialogo da  
gloria, e tri-  
unfo dos  
Lusitanos.







## CAPITULO III.

*Do Conde D. Henrique, e como deu principio ao Senhorio de Portugal. E do nascimento do Principe D. Affonso, que foy o seu primeiro Rey.*

**M**As porque o Conde Dom Henrique, que chamaõ de Lotharingia, foy o tronco; e fundamento desta generosa progenie, e principio desta florescente idade de sua infancia, e original bemaventurado, dos grandes feitos, e heroicas virtudes, que nestes successores com tanto fervor resplandecerão, de cujas cousas desejas ter larga noticia, será necessario, entre o pouco, que d'elle escrevem nossas historias, dizer alguma cousa de suas gloriosas obras. E deixando á parte as varias opinioens, que sobre a origem, e patria sua os escriptores trataõ; direy lómente, o em que todos concordão, e nenhum delles duvida. Porque ainda que não determinaõ, quaes forão seus progenitores, e antepassados, todos apreçoão suas virtudes, e gloriosa fama, e posto que duvidaõ de sua patria, testemunhaõ muito de sua nobreza: dizendo, que era do sangue Real de França, Inglaterra, e Alemanha, Borgonha, e Aragoã; e nem se pôde crer menos, pois o fruto da Arvore he o que mostra a excellencia della. Assim que, ou este glorioso Conde seja de huma provincia, ou da outra, he opiniaõ constantissima, que em tempo del-Rey D. Affonso o VI. de Castella, e Leaõ, chamado Imperador das Hespanhas, que tomou Toledo aos Mouros e começou a reynar em o anno do Senhor mil e sessenta e tres, aportaraõ em Hespanha; movidos com devota cavallaria, tres grandes Senhores de esclarecido sangue, e generosos animos, com outra muita gente nobre de França, e Alemanha, os quaes sabendo a continua guerra, que os Reys de Hespanha faziaõ sempre aos Mouros seus vizinhos, e comarcãos, vinhaõ a servir a nosso Senhor nesta santa obra. Em a qual com tanto zelo, e com desejo de ganhar honra, e clara fama, se houveraõ taõ valorosamente em favor del-Rey D. Affonso, que elle com sua ajuda alcançou dos perfidos Mouros gloriosas victorias; entre outras lhe ajudaraõ a tomar Lisboa, que de-  
pois

De hoc ubi  
tra vulg.  
Chronol.  
manu-  
script. facte  
unt men-  
tionem  
Volat. l. 2  
Archiep.  
Tolet. l. 8  
Genebr. l. 5  
chron.  
Illecasin  
pentific. l. 3  
5 c. ult. Mo-  
narch. Ec-  
cl. l. 18  
c. 3 Chrona  
de Valenc  
l. 1 c. 32  
Jean. Tar-  
cagnot 2 p.  
l. 12 & ex  
professo  
scribit Ste-  
ph. Garib.  
l. 13 hist. l.  
lux & Hic-  
ron. Franch-  
in suo lib.  
de fratricid.  
portugues  
jan emen-  
cacio Nobl.  
de Ardal. l.  
1 c. 43  
1063.



pois os Mouros recobriaraõ. Com que ficou taõ temido; e poderoso, que muitos delles desamparavaõ as terras, que tantos annos havia que possuiaõ, e alguns outros, que da furia de seu vitorioso braço se viaõ livres, se metiaõ debaixo de seu jugo, e obediencia. E porque entre estes tres Principes o nosso D. Henrique naõ tinha o menor lugar de nobreza, e esforço (como aquelle que era sobrinho, e parente muy propinquo de ambos, como diz o Arcebispo D. Rodrigo) naõ ficou tambem no galardão de suas obras inferior a nenhum delles. Porque ainda que o Conde Dom Reymaõ deu ElRey Dom Affonso em casamento Dona Urraca, filha sua legitima mais velha, com o Condado de Astorga, e Galiza: e ao de Tolossa, e Sangil, deu D. Elvira filha sua, tambem legitima (como diz o Mestre Andre de Refende, lib. 4 de antiquitatib. Lusitaniæ) e de Dona Ximena Nunes de Gulmaõ: com tanto dote em ouro, e prata, que comprou com elle o senhorio de Tolossa (segundo diz Garibay) nem por isso deixou de dar ao nosso Dom Henrique de Lotharingia outra filha sua, chamada Dona Tharasia, ou Thareja (como vulgarmente lhe chamaõ) e filha da mesma mãy, que Dona Elvira; mas com mais avantajado dote, que nenhum dos outros. Porque lhe deu com titulo de Conde (que era o mayor que depois de Rey havia em Hespanha) todas as terras, que naquelle tempo em Portugal eraõ possuidas de Christãos, e foraõ as Cidades, Coimbra, Braga, Porto, Vileu, e Lamego, com toda a mais Comarca da Beira, e Trallos montes, e toda a terra, que está de Guimarães até o Castello de Lobeira, duas legoas além de Pontevedra em Galiza, com certo tributo, e homenagem: concedendo-lhe mais que toda a mais terra, que elle em Hespanha conquista-se de Mouros, de Coimbra até o Rio Guadiana (que divide Alem-Tejo de Castella) a pudesse senhorear como sua. O qual foy taõ glorioso patrimonio para seus descendentes, que e t: h: uveraõ por mayor: pois delle usaraõ, e se gloriaraõ mais, que de todas as riquezas, e nobrezas do mundo; ainda que á custa de seu sangue, e perigo de suas vias, como saõ todas as cousas grandes; que com honra se alcançaõ. E nota hum Chronista Castelhana, que ElRey Dom Affonso, conhecendo bem o grande esforço;

e vale-

Dom. de

Goës na

Chron. del.

Rey. D.

Man. 4. p.

n. 71. 3.

e valeroso animo do Conde D. Henrique, o quiz por  
neites estados de Portugal, como fronteiro, e defensor <sup>s. eph.</sup>  
desta terra, contra os infieis; pois ella estava sujeita por <sup>Gar. l. 16.</sup>  
terra, e agua ao impeto de suas armadas, e exercitos,  
mais que nenhuma outra de Hespanha. E não se enganou  
nisto: porque o nosso D. Henrique, e seus descenden-  
tes a souberão tambem defender, que fizeraõ mais verda-  
deiro o intento do vitorioso Rey, do que elle podia cui-  
dar, quando lha entregou. Com este calamento, que foy  
no anno do Senhor, mil e noventa, deu principio o nos-  
so D. Henrique ao seu Senhorio em Portugal, com ti <sup>1090.</sup>  
tulo de Conde, que era aſtaz honrado: e começou tam-  
bem o seu santo zelo, e virtuoso deſejo de ſervir a Deos,  
a reſplandecer no mundo; fazendo taes obras contra os <sup>Id. Garl.</sup>  
barbaros infieis, que claramente ſe via o illuſtre ſangue, <sup>lib. 10</sup>  
donde deſcendia, e as virtudes de ſeu animo, e peſſoa,  
merecedoras de outro mór estado. E porque foy ornado de  
tantas virtudes, não permittindo Deos, que lhe faltaſſem  
deſcendentes, que dellas foſſem herdeiros, lhe deu hum  
filho de ſua mulher a Rainha Dona Thareja, no anno do  
Senhor mil e noventa, e quatro, tão formoſo, e bello, <sup>1094.</sup>  
que não havia nelle mais que deſejar, a que puſeraõ no-  
me D. Afſonſo, como ſeu Avó. Mas como Deos orde-  
na as couſas ordinariamente muy differentes do que os  
homens as imaginaõ, e deſejaõ, acháraõ, que o formoſo  
menino tinha as pernas tolhidas, pegadas por detraz hu-  
ma na outra: com o qual ficáraõ todos tão tristes, que o  
Conde ſeu pay o não queria dar a criar a Dom Egas Mo-  
niz, grande ſeu privado, como das tes llo tinha prometti-  
do. Mas depois movido de ſua bondade, e amor; lhe en-  
tregáraõ o menino, e o hom vaſſallo o fez criar com tan-  
to reſguardo, como ſe em ſaude fora perfeito. Mas a Vir-  
gem Noſſa Senhora, como fonte, que he de miſericor-  
dias, apiedando ſe de quem ella ſabia, que na vida lhe  
havia de fazer muitos ſerviços; e depois de ſua morte,  
ſeus deſcendentes os haviaõ de continuar, de maneira;  
que não contentes com fazerem reverenciar ſeu ſanto  
Nome em muitas partes de Hespanha ( onde o contrario  
naquelle tempo ſe fazia ) não deſcançariaõ, até que os  
mais remotos moradores das terras Orientaes conſtran-  
geſſem,



gilem, que o venerailem; passando nestas conquistas tantos trabalhos, que primeiro nos faltaria o tempo para os contar, que a causa de nos doermos delles. E assim inflâmada no amor, que aos seus Reys de Portugal já então tinha, e ouvindo as orações, e piedosas lagrimas dos pays do dito menino, appareceo a Dom Egas Moniz em sonhos, e lhe disse, que fosse a hum lugar junto á Cidade Lamego, que se chamava Carquere; e que mandando ahi cavar acharia nelle hum Igreja, que em outro tempo fora começada em seu nome, com hum sua imagem, e que concertando tudo, e fazendo nella vigilia, pusesse o menino, que criava sobre o Altar, e que logo faria. E o que mais he, dizerem as Chronicas, que lhe encômendou a piedosa Virgem Mãe de Deos, que dahi em diante o criasse com o mesmo resguardo, que até então tivera, porque seu filho tinha determinado por elle, e seus descendentes destruir muitos inimigos de seu santo Nome. E como a quem isto dizia, não lhe faltava poder para o effectuar, fazendo D. Egas Moniz, o que em sonhos lhe fora mandado, tudo succedeo melhor do que se podia dejetar, porque o menino ficou tão saõ, como se nunca fora doente. Pelo qual, e pela grande, e particular devoção, que o Conde D. Henrique sempre teve á Sagrada Virgem Senhora Nossa, mandou naquelle lugar edificar hum Mosteiro ao seu nome dedicado, onde depois se tiverão Conegos Regrantes do Glorioso Padre Santo Agostinho, e hora estão os Religiosos da Companhia de Jesu. E foy esta mercê feita ao nosso Conde, e seu filho, no anno do Senhor, mil e noventa e nove. Anno muy signalado, em que os Principes Occidentaes ganháraõ aos Sarracenos a Cidade Santa de Jerusalem, e levantáraõ por Rey della o famoso Godfredo de Bulhaõ, Duque de Lotharingia (parente muy chegado ao nosso Dom Henrique) por ser o primeiro, que na conquista da Santa Cidade subio aos altos muros della: e deitando por terra a pesar dos perfidos Mouros as insignias de seu falso Profeta, arvorou no mais alto lugar o Real Estandarte de nossa Redempção. Nem o nosso Conde estava ocioso neste tempo; porque não se contentando, como esforçado cavalleiro, de accrescentar seu estado nas cousas temporaes, quiz tam-

bem,

1099

Genebr. l. 4  
chor. Illel.  
cas in pon-  
tific. l. 4 c.  
25 Plat. &  
Pauvin in  
vito Pascal.  
& Tarcagn.  
p. p. lib. 12  
Volaterr. &

bem, como Catholico, e Religioſo Principe; que nas ei-  
 spirituaes, e Eccleſiaſticas, ſe illuſtraſſe, fazendo á ſua cuſ-  
 ta reſtaurar, e reedificar as ſuas Igrejas Cathedraes, reſti-  
 tuindo-as, pelo direito poſtliminio, em os ſeus antigos  
 Biſpados, que em tempo dos Godos tiveraõ: que foraõ  
 Braga, Coimbra, Porto, Viſeu, e Lamego. Dando com  
 eſta obra catholico principio ao ſenhorio de Portugal,  
 cuja cabeça no eſpiritual era Braga, como Metropolita-  
 na, e Primaz de Heſpanha: e no temporal era Coimbra,  
 que por muito tempo foy unico aſſento, e morada dos  
 ſeus antigos Reys: como tambem a Real Cidade Toledo  
 he o verdadeiro aſſento dos Reys de Heſpanha, Pariz de  
 França, Londres dos Reys de Inglaterra, e de Eſcoccia  
 Endemburgo, Praga de Boemia, de Dinamarca he Cobena,  
 e de Suecia Stocholmo; Vienna do Imperador da Caſa  
 de Austria, Conſtantinopla do graõ Turco, Tauris do  
 graõ Sophi da Perſia, e Marrochos do tyranno Xariphe da  
 Mauritania; Pêchim do graõ Rey da China, e a Cidade  
 Odia do Rey de Siaõ, e Meacho do grande Principe de  
 Japaõ, e do graõ Caõ do Cathayo he a Cidade Cambalo,  
 e do Rey de Tartaria he Sarmachanda, Mexico da no-  
 va Heſpanha, e Cuſco do Perû. E foy neſte tempo pri-  
 meiro Arcebiſpo de Braga Saõ Giraldo, e de Coimbra foy  
 Biſpo Mauricio, ambos da naçaõ Francezes. Concluida  
 eſta, e outras obras pias, que o noſſo Conde fazia, di-  
 gnas de quem elle era, não ſe havendo por ſatisfeito com  
 a guerra, que fazia continua aos Mouros de Heſpanha,  
 ſeus viſinhos, determinou de os hir buscar ao Oriente;  
 ajudando os Principes Chriſtãos Occidentaes nas ſantas  
 conquiſtas ultramarinas, e juntamente por viſitar os Sa-  
 grados Lugares da Santa Cidade. E aſſim no anno do Se-  
 nhor mil cento e tres, acompanhado de muita gente,  
 e de tudo o mais, que para viagem taõ comprida era ne-  
 ceſſario, e do que convinha á authoridade de ſua peſſoa,  
 e de ſeu poderoſo ſogro, e dos Principes ſeus parentes,  
 que na meſma Santa Terra militavaõ, partio para o Ori-  
 ente em companhia de Ugo de Luſignano, irmão de D.  
 Reynaõ de Tolofa, ſeu parente, e cunhado, e com ou-  
 tros muitos Principes, e Cavalleiros Francezes, e Ale-  
 mães, e muita outra gente de diverſas partes: que com o  
 Tom. I. G meſmo

ali non  
 pauci Joan  
 Zonara,  
 tom. 3. Mo  
 nar. Eccl. 13  
 20. c. 8  
 Laurent de  
 Anania na  
 Univerſ.  
 fabric. do  
 mundo,  
 traç. 3.  
 Anania ubi  
 ſupra:

1103:

Garibay:

Tarcag.

no 2 p. 1

19.



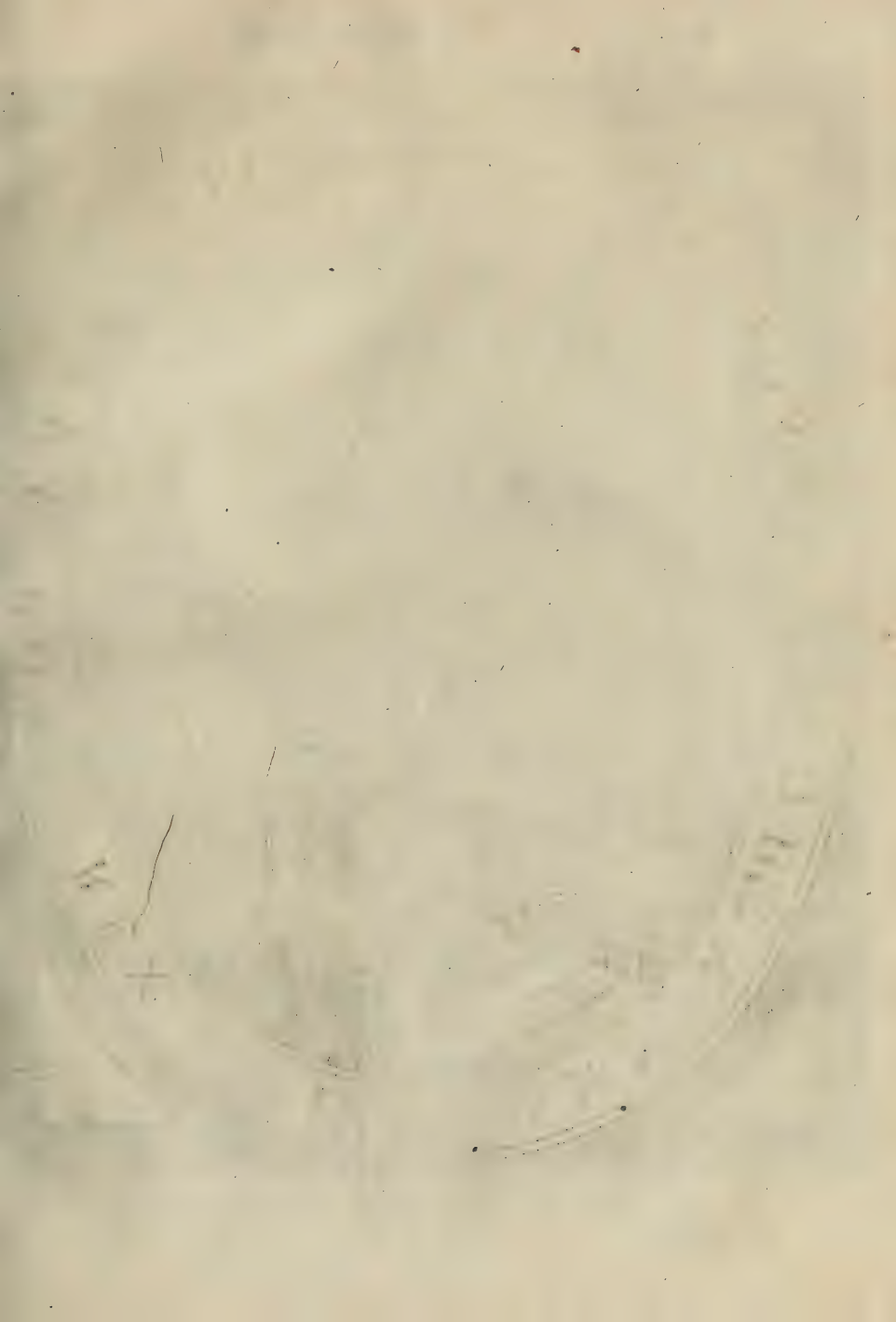
mesmo santo intento querião servir a Deos naquelle caminho. Os quaes chegando a Constantinopla, onde reinava o tyranno Imperador Aleixo Comaeno, foraõ hem recebidos delle, no que de fora parecia, mas clandestinamente vendidos, se as historias nisto naõ erraõ. Porque dizem, que atravessando o estreito de Constantinopla, e passando a Asia Menor, se dividiraõ os Principes Christãos por conselho do Imperador, tomando cada hum seu caminho: onde foraõ salteados pelos Turcos, que o Imperador induzira, e rogará, que naõ permittissem passar tantas gentes a Asia, porque em damno de todos redundaria. E foraõ dos Christãos presos, e mortos mais de cincoenta mil; e os mais, em que entrava o nosso Conde D. Henrique, se recolheraõ com muito trabalho em Tharsis, e da hi á Cidade de Antiochia: e sendo nella melhor hospedados, que em Constantinopla, passáraõ ávante, onde o Conde Dom Henrique achou seu cunhado Dom Reymaõ de Tolosa. Em cuja companhia tomáraõ huma Cidade maritima, chamada Tortosa, que deraõ ao Conde Dom Reymaõ, por consentimento de todos, porque signalou muito sua pessoa na sua Conquista, donde partio, e chegou á Santa Cidade de Jerusalem, onde se occupou em outras guerras, e actos de catholica milicia. E depois de ter visitado os lugares Sagrados daquellas provincias, se partio para o seu senhorio, trazendo consigo, entre outras muitas Reliquias, hum braço do Evangelista S. Lucas, que o Imperador Aleixo lhe deu, quando tornou por Constantinopla, o qual poz na Sé de Braga, onde hora está. Em todo o mais tempo, que de vida lhe restou, se occupou o nosso Conde em governar, reparar, forticar, e povoar suas terras, e em fazer continua guerra aos Mouros, que á porta tinha: como homem, a que naõ sabia bem a ociosidade nas suas proprias terras, quando nas alheyas, e taõ remotas foy buscar por sua propria vontade as armas, e os trabalhos, que passa, quem as exercita. E tambem junto ao anno mil e quinhentos e onze ajudou aos que seguiaõ o regimento da Rainha Dona Urraca sua cunhada contra o Imperador Dom Affonso, Rey de Navarra, e Aragaõ, seu marido segundo, e vencendo-lhe suas gentes o nosso Conde, foy entregue do Principe D.

Affonso

Affonso, sobre cuja tutoria aquellas guerras se faziaõ. E chegado o tempo, em que o Senhor o chamava, adoeceo em Galiza na Cidade Astorga, e conhecendo ser de morte, chamou seu filho Dom Affonso Henriques, que em Guimarães estava. E como verdadeiro pay, lhe lembrou naquella ultima hora as cousas, que devia fazer para servir a Nosso Senhor, e governar bem seus subditos, encômendando-lhe sobre todas as cousas o augmento da Religião Christãa, e administração da Justiça, de que havia de ter muy particular cuidado. E ordenadas todas suas cousas, como Catholico Christão; mandando, que seu corpo se enterrasse na Sé de Braga em huma Capella pequena com toda a humildade, faleceo na mesma Cidade Astorga no anno do Senhor mil cento e doze: havendo 1112. vinte e hum annos, que gozava de seu senhorio. Seu corpo está sepultado na Capella mór da Sé de Braga, que elle mandou povoar, e restaurar da grande destruição, que nella fizeraõ os Mouros; a cuja barbaria, e fereza esteve entregue mais de duzentos annos; e ahi em hum rico monumento, que para a parte do Evangelho mandou fabricar Dom Diogo de Sousa, Arcebispo que foy de Braga, onde o fez trasladar de huma humilde sepultura, em que até seu tempo estivera. Este illustre Conde, de sua mulher a Rainha Dona Thareja (chamada assim, porque todas as filhas dos Reis naquelle tempo em Hespanha se chamavaõ Rainha) houve, além do primogenito Dom Affonso Henriques, duas filhas: huma chamada Dona Urraca, que casou com Dom Bermudo, Conde de Trastámara, e outra Dona Thareja, que casou com Dom Fernando Mendez, grande senhor de Galiza. E de huma nobre Donzella houve hum Dom Pedro Henriquez, que depois de muitas cavallarias, que em ajuda delRey seu irmão fez, entrou em a Religião de São Bernardo, no Mosteiro de Alcobaça, onde morreo, e está sepultado. Delle não dizem mais as historias, senão, que na conquista de Santarem, em ajuda delRey seu irmão, mostrou a excellencia de sua pessoa, e esforço de seu animo. E não he muito, porque costumadas obras são do tempo triunfar com mais rigor das que são mais illustres.











XIII OBIT ANNO MCLXXXV

ALFONSVS PORT. REX

I VIXIT ANN

## CAPITULO IV.

*Do invencivel Rey D. Affonso Henriques, primeiro em o nome, e na soberana Dignidade Real.*

**P**Or morte do Conde Dom Henrique succedeo em os Estados, e senhorios de Portugal Dom Affonso Henriques seu filho primogenito, tendo dezoito annos de idade: affaz conveniente para menores trabalhos, do que forão, os que neste seu principio padeceo nas differenças, que teve com o Conde de Trastamara, a que venceo, e prendeo, por conselho, e ajuda de seu ayo D. Egaz Moniz, que o fez tornar á batalha, de que elle sahira deseperado; e o animou de maneira, que alcançou perfeita vitoria. E com seu primo D. Affonso, Rey de Castella, a que tambem venceo em batalha no anno do Senhor, de mil cento e dezasete, como diz a Chronica, que vulgarmente delle anda escrita, e nesta batalha mais verdadeira, que na causa della; ainda que Garibay diga o contrario: porque nem faltou tempo a este D. Affonso de Castella para queimar seu estado, pois teve nove annos, em que se pôde quietar o mundo, quanto mais hum Reyno: nem o de Navarra, que elle faz Rey de Castella, reynou nella algum tempo: pois nunca esteve quietamente casado com Dona Urraca, por cuja causa o pertencia, como affirmão muitos Authores, e dos mais diligentes de Hespanha. Mas como o nosso Principe era de animo invencivel; produzido daquelle florente ramo, gloria da generosa casa de Borgonha, e do Reyno de Leão, e Cantabria (taõ illustres em nobreza de sangue, como bem affortunadas nos Principes excellentes, que deraõ ao mundo) não foraõ bastantes aquelles trabalhos (que pelo pouco, que Portugal entaõ podia, foraõ grandissimos) para que acabados elles em breve tempo, não começasse a buscar outros de novo, mas na causa mais gloriosos. Porque lembrando-lhe o que seu pay lhe deixara tanto encommendado, partio desta Cidade com bom exercito a fazer cruel guerra aos Mouros, que na provincia da Estremadura viviaõ, a qual succedendo-lhe prosperamente, lhe tomou alguns lugares fortes. E porque entre elles

De hoc Rege fere omnes sup. citati in eisd. legib. Et principue Garibay l. 5. Volaterr. lib. 2. Geob. l. 4. chron. Archiep. Tol. lib. Marin. Sicul. frater Alphonsi. Venerus Chron. de Valenc. Hoc confirmant. quam plurima privill. divers. person. & monast. concess. quibus hist. max. verificatur. Ille scilicet in pontific. Ambrosii de Moral.



foy o primeiro Leiria; fez della doação (como primicias de tão gloriosos frutos) a S. Theotónio, que naquelle tempo era o primeiro Prior do Mosteiro de Santa Cruz desta Cidade, de Conegos Regrantes de Santo Agostinho, cujo primeiro instituidor elle foy, sendo Varaõ de religiosa, e santa vida, e em claras virtudes insigne, e a que o Principe Dom Affonso (que assim se chamou até o levantar em por Rey) era muito afeiçoado. Não serviaõ estas pequenas vitorias de tão pouco, que lhe não estimulassem o seu catholico desejo a determinarle, não se occupar em outra cousa: pois entendia, que o melhor serviço, que a Deos podia fazer na terra, era estender sua Igreja, e Ley Evangelica, e destruir, e aniquilar o falso Alcorão dos perfidos Mauritinos, que em muita parte a tinhaõ tyrannizada, e pondo os olhos de sua determinação em conquistar a Provincia do A'em-Tejo, por ser toda habitada de infieis, e povoada com poucas fortalezas, ajuntou nesta Cidade toda a mais gente, que seu poder alcançava, com que partio para a Catholica Conquista, em idade de quarenta e cinco annos, e no de nossa redempção, mil cento e trinta, e nove. Mas não proseguio seu principio tão alegre, como levava o desejo, pela morte de seu ayo Dom Egas Moniz, que neste caminho faleceo: fidalgo de grande prudencia, e muito valeroso nas armas, e que por elle muitas vezes aventurára a vida, e a quem só achava por descanso de seus trabalhos, como vulgarmente se sabe; cuja morte foy tão sentida, como a vida fora merecedora de lha desejarem todos. Com tudo isto, começou o Principe sua conquista com tão grande perda, e destruição dos lugares, que os Mouros possuiaõ na Estremadura, que o seu Rey Ismar, ou Ismael, senhor da mayor parte de Hespanha, veyo a entender, que para resistir a tão victorioso contrario, era necessario mais poder, do que se costumava juntar contra os outros Principes. E assim mandou alguns Cacizes (a que elles tinhaõ por santos) que publicamente com effeito convocassem todos os Mouros, que em Hespanha viviaõ; declarando lhes, que senaõ acudissem, se perderia a ley do seu Mafamede. A este modo de ajuntamento chamaõ os Mouros gazua: como inda hoje costumaõ em Africa, quando por defender

der a sua feita tomão armas, convocandose huns aos outros. Por esta ordem se ajuntou hum dos mayores exercitos, que de semilhante gente em Hespanha se vio; o qual poz os animos Portuguez em tanta desconfiança, que não bastava a lembrança das vitorias passadas, para lhes esquecer o temor do perigo presente. Mas o invencivel Principe com hum razoamento cheyo de esforço, e valor militar, os animou de maneira, que perdido todo o temor, com grande ousadia se aparelharaõ para a santa batalha. Ainda que debaixo destas necessarias mostras de ousadias não deixava de temer a grande multidão da barbagente, que ante si tinha; porque (como depois se soube, havia para cada Christão cem Mouros, segundo diz Refende libro 4 de antiquitatibus Lusitaniæ.) E diz, que eraõ mais de quatrocentos mil. Mas Christo nosso Senhor, apparecendolhe em o Ceo sereno a noite antes do dia, em que a batalha estava aprazada, lhe poz taõ grande esforço com sua presença, que o animoso Principe com hum fervor novo, e confiado, formou logo seu exercito, fazendo delle quatro batalhas, mayores em valor, e esforço, que em numero de gente; pois não chegavaõ todos a doze mil homens. Os quaes alvoroçados com o novo esforço, que no seu Principe viaõ, determináraõ darlhe tambem novo titulo, e dignidade, em dia do Apostolo Santiago, vinte e cinco de Julho de mil e cento e trinta e nove annos. E posto que elle com muitas palavras, forjadas no seu grande animo, lho contradisse, não foraõ bastantes, para que elles deixassem de fazer o que desejavaõ, levantando-o por Rey de Portugal, com tanto contentamento, e esperança de vitoria, que logo se foraõ á batalha, que se deu no campo de Ourique em hum lugar, que hora chamaõ Cabeças delRey: e de tal maneira se envolveraõ com os inimigos, que posto, que pelejavaõ valentissimamente, era tanta a barbara multidão dos Mauritânos, que até o meyo dia senaõ conheceo melhora: porque os Mouros eraõ muitos, e esforçados, e pelejavaõ como homens, que defendiaõ sua ley, e pelloas, e fazenda: não sem confusão de ambas as partes, porque a braveza da batalha era digna de fazer temor, e espanto. Mas o invencivel animo do novo Rey, e o valor catholi-

Gonsal.º de  
Molina In  
nobilitat. de  
Andal. l. 1. c.  
43 & alij.

1139



co de seus Soldados, fizeram tanto aquelle dia como favor Divino, que lançando do campo os inimigos, alcançaram delles huma das grandes vitorias, que no mundo se virão em campal batalha, aprazada de tantos a tão poucos. Em a qual foram vencidos El Rey Ismael, e outros quatro Reys, que com elle vinhão: e mortos tantos infieis, que senão pôde saber o numero certo delles. E nem era muito, pois quando a multidão delles lhe impossibilitou poderem-se contar em vida, melhor o faria depois de desbaratados, e mortos: entre os quaes se acharam humas molheres, que pelejavão como as antigas Amazonas. E diz mais o Mestre André de Resende, que foram tantos os mortos naquelle dia, que os dous rios visinhos foram tão ensanguentados, que com a cor mudada, ainda em sangue, chegaram ao rio Guadiana. Donde se pôde colligir, que foy mayor o ajuntamento, do que se publica; e que sendo assim, não se pôde escusar de incredulos, os que duvidão desta gloriosa appareção ao nosso primeiro Rey; pois nunca vimos cousas, que excedem as forças humanas, sem o favor Divino serem bem acabadas. Vencida esta formosa batalha, que chamaõ do campo de Ourique (a honra da qual se deve aos moradores da Beira, e entre Douro, e Minho, porque o mais ainda estava de Mouros occupado) não estimou o novo Rey tão pouco tão gloriosa victoria, que não illustrasse a honra della, e da nova dignidade, com accrescentar tambem em o seu escudo novas insignias de Armas, que fossem como testemunhas das mercês, que Deos lhe fizera naquelle dia. Porque para significar, que Jesu Christo crucificado lhe appareceo em o Ceo, pôs em campo de prata no meyo do escudo, que então trazia por Armas, huma Cruz toda azul de cor celestial, dividida em cinco partes, ou escudos, em louvor das cinco chagas de Christo, que no Ceo viu aquelle dia, e em memoria dos cinco Reys Mouros, que alli venceo. Em reverencia da paixão do Redemptor do Mundo, vendido por trinta dinheiros de prata; os meteo em cada hum dos escudos. Mas porque faziaõ confusão tantos dinheiros, depois os Reys seus descendentes, aperfeiçoando tão illustres insignias, meteraõ em cada escudo sómente cinco: os quaes com os mesmos cinco escudos fazem os trinta, que o Au-

Resend. l. 4  
antiq. Lusit.

Garibay In  
sua vita

thor das Armas pertendeo. E porque nestas Armas senão declarava o sangue, que se derramou nesta batalha, em que ellas se ganharaõ, nem o grande Senhorio, que á Coroa de Portugal alli se accrescentou, ElRey D. Affonso o III. de Portugal, Conde que foy de Bolonha, accrescentou no mesmo escudo por Orla das sagradas Quinas sete castellos de ouro em campo vermelho. Ou, como dizem outros, porque em seu tempo se accrescentou á Coroa deste Reyno o dos Algarves, por aquelles castellos significado. Muita razaõ tem Portugal (disse o Italiano) de se prezar destas suas Armas: porque saõ ellas insignes, e maravilhosas, e conforme ás regras mais necessarias, que para organizar hum escudo perfeitamente usaõ os mais escrupulosos, além de outras excellencias, de que algumas mais estimadas carecem.

## CAPITULO V.

*De algumas confirmações muito necessarias ao credito, que se ha de dar a esta Visão, que vio, e revelação, que teve ElRey D. Affonso Henriques.*

**P**Or ventura saõ estas excellencias; acodio o Portuguez, as que com tanto louvor deste Santo Rey saõ celebradas de tantos, e foraõ de alguns incredulos, como cousa vã, aborrecidas? Porque, respondeo o Italiano, ha no mundo atrevimento, que intente achar labéo, e nota em cousa taõ perfeita, e quasi divina? Houve, e ha, respondeo o Portuguez: e dos que algumas honras tem alcançado em Hespanha. Mas eu para mim tenho, que em pessoas, que a prudencia, e governo real, acháraõ mercedores de honra, não pôde haver tamanha falta, como desta incredulidade se pôde conjecturar; senão cuido que com algumas apparencias do contrario se enganariaõ de modo, que chegassẽ a publicar seu conceito: por ventura cuidando tiravaõ nossa nação de hum grande erro: e se assim não foy, bem se lhe pôde esperar o castigo do Ceo, quando na terra se descuidarem.

Muito sentido vos mostrais com essa lembrança; disse o Italiano, e muito vos magõa esta chaga. He fresco; respondeo o Portuguez, e por isso se faz sentir com tanta

Hæc sũt Ec-  
teph. Gari-  
bay Catha-  
briensis in  
suo compẽ-  
dio Histo-  
riarum  
Hisb. 3.  
Et Joan.  
Marian. To-  
letan. in  
hist. Hisp.  
l. 10 c. 17.



vehemência. E mais sendo contra a verdade de hum Rey Christianissimo, que vio a humanidade do Omnipotente; e contra a honra de Deos, que se lhe quiz mostrar face a face, e contra o juramento de tantos, que de vista testificação esta verdade; e contra a consolação de todo hum Rey, no tão catholico, e pio, e que neste fundamento tão misterioso edificárao sempre todas suas esperanças de felices successos em suas empresas; e nem esta confiança se lhe mostrou frustratoria, nem a Misericordia divina lhe faltou com o cumprimento della. Deixay estas queixas para outro tempo, acudio o Italiano, e dizeime, que novidade he essa, de que vos mostrais tão magoado, porque já ouvi fallar em hum juramento do vosso primeiro Rey Dom Affonso Henriques, e que havia algumas pessoas, que duvidavao d'elle; e toda via a outros ouvi o contrario, defendendo-o com muita instancia; e hora por certa circumstancia entendo deve ser a causa de vossas queixas. E se assim he, sobre todos os contentamentos da vida estimarey saber tudo, o que passa em cousa tão misteriosa, porque estou afeiçãoadissimo a este primeiro Rey, e tenho para mim, que todas suas obras foraõ catholicas, e pias, e que foy elle digno fundamento das excellencias, em que a nação Portugueza he tão só no mundo. Não vos enganais nestas suspeitas, respondeo o Portuguez, nem estimarey pouco ouvir o defengano dellas. Porque he Deos tão solícito em acudir pela honra dos seus mimosos, que neste tempo, em que havia de haver, quem duvidasse de huma tão grande mercê, como tinha dito ao nosso primeiro Rey; permitto que a caso, e não de proposito, se achasse, e descubrisse ao mundo huma certidão jurada; e corroborada com testemunhas, e sellos, para confusão dos incredulos, e consolação dos que com tal negação se affligiaõ. E porque a relação de novas alegres, quanto mais se dilata, mais se diminue, haveis de saber, que querendo o Doutor Frey Lourenço do Espirito Santo, Abbade Geral de Alcobaça, da Ordem de Cister, e reformação de São Bernardo, chegar á Corte de Madrid a negocios da sua Ordem, lhe pareceo, que pela uzança dos Reys antigos de Persia não iria com as mãos vazias ante a Magestade del Rey Dom Filippe primeiro no nome em Portugal,

se lhe levassem hum antigo pergaminho, que poucos dias havia hum Religioso daquelle casa tinha achado em hums Archivos antigos, em que conservadas estavaõ grande forma de escrituras, e doaçõens dos Reys passados. E para mayor certeza o mandou trasladar a hum Notario Apostolico da Cidade Lisboa, e que em sua Nota ficasse *ad perpetuam memoriam*. O qual, comò era curioso, o fez com a solemnidade devida a taõ grande cousa. E parecendo-lhe, que téntaõ se tivera feito hum grande roubo á consolação publica, e particular deste Reyno, logo o publicou, como tal cousa merecia. E sabida a verdade, era hum certidaõ jurada, e firmada com muitas testemunhas, e sellos pendentes, em que ElRey Dom Affonso Henriques dà verdadeira noticia ao mundo, do que lhe aconteceo com Christo Nosso Senhor a noite antes do dia, em que elle alcançou a vitoria do campo de Orique: tudo por extenso referido, e por hum estyllo, e palavras taõ proprias, e excellente, que nem se póde duvidar dellas, nem deixar de ter muita consolação todo Portugal: pois nestes tempos taõ calamitosos nos acudio com taõ salútil remedio a todos estes trabalhos, a fonte, donde de novo brotaraõ novas consolaçoens a todos os bem intencionados, e grave tormento aos do contrario parecer.

Logo estavaõ cinco sellos pendentes, todos de cera amarella: o do meyo era das armas, e Quinas de Portugal, com letras góticas antigas, que se não podiaõ ler, por estarem gastadas, e faltas, e estava pendente por corréas do mesmo pergaminho; e os outros quatro sellos estavaõ pendentes, dous por cordoens de retroz carmesim, e os outros dous de fitas vermelhas, que pareciaõ de cadaço, em os quaes pareciaõ armas impressas, que deviaõ ser dos Prelados, e Fidalgos, que ao Juramento foraõ presentes. A qual certidaõ hum zeloso da honra de Portugal trasladou em a nossa vulgar linguagem Portugueza, para que a todos fosse notoria taõ maravilhosa mercê, e divina consolação. E diz assim.

**E**U DOM AFFONSO Rey de Portugal, filho do illustre Conde Dom Henrique, Neto do grande Rey Dom Affonso: sendo presente vós o Bispo de Braga, e o



Bispo de Coimbra, e o Ineotonio, e os mais magnates, Officiaes, e Vassallos do meu Reyno: Juro por esta Cruz de metal, e por este Livro dos Santissimos Evangelhos, em que ponho a mão, que eu misero peccador com estes meus olhos indignos vi a Deos Nosso Senhor Jesu Christo, posto em huma Cruz, nesta forma. Eu estava com meu exercito nas terras de Alem-Tejo, no Campo de Ourique, para pelejar com Ismael, e outros quatro Reys dos Mouros, que tinhaõ consigo infinitos milhares de homens. E a minha gente atemorizada com esta multidão, estava enfadada, e muito triste: em tanto, que muitos diziaõ ser temeridade começar a guerra. E eu triste poraquillo, que ouvia, comecey a cuidar comigo, que faria: e tinha hum livro na minha tenda, no qual estava escrito o Testamento Velho: e o Testamento de Jesu Christo: abri-o, e li nelle a Vitoria de Gedeão, e disse entre mim: Vós sabeis, Senhor Jesu Christo, que por vosso amor faço esta guerra contra vossos inimigos, e que na vossa mão está dar-me a mim, e aos meus fortaleza, para que vençamos aquelles blasfemadores do vosso nome. E dizendo isto adormeci sobre o livro, e logo vi hum velho, que se vinha para mim, e me dizia: Affonso, confia, porque viverás, e desbaratarás estes Reys, e quebrantarás os seus poderes, e o Senhor se te hade mostrar. Estando eu vendo isto, chegou-se a mim João Fernandes de Sousa, Vassallo de minha Camara, e disse-me, *Senhor, levantai-vos, está aqui hum homem velho; que vos quer fallar:* entre, disse eu então, se he fiel. E entrando elle onde eu estava, conheci ser aquelle mesmo, que eu tinha visto na visão. O qual me disse: Senhor, está de bom animo, vencerás, vencerás, e não serás vencido: es amado do Senhor: porque sobre ti, e sobre teus descendentes depois de ti, tem posto os olhos de sua misericordia até a decima sexta geração; na qual se diminuirá a descendencia: mas na mesma assim diminuida, o mesmo Senhor tornará a pôr os olhos, e verá. Elle me manda dizerte, que tanto que ouvires esta noite, que vem tanger a campainha da minha Ermida, na qual vivi sessenta e seis annos entre os Infeis, guardado com o favor do altissimo, sahirás do teu arrayal só, e sem companheiros, e mostrarte-ha

sua muita piedade. Obedeci, e com reverencia posto em terra, venerey o Embaixador, e a quem o mandadava. E estando em Oração esperando pelo som da campainha, já na segunda vigilia da noite, a ouvi. Então armado com espada, e escudo sahi do arrayal, e vi subitamente para a parte direita contra o Oriente hum Rayo resplandecente, e o resplandor crescia pouco, e pouco em mais: e quando naquella parte puz os olhos com efficacia, logo no mesmo Rayo mais claro, que o Sol, vejo o final da Cruz, e Jesu Christo nella crucificado, e de huma, e outra parte multidaõ de mancebos alvissimos, que eu creyo eraõ os Santos Anjos. A qual vizaõ tanto que eu vi, posta á parte a espada, e escudo, deixados os veltidos, e calçado, humilhado me lancey em terra: e a hi derramando muita cópia de lagrimas, comecey a rogar pelo esforço dos meus Vassallos. E nada turbado disse: Vós a mim, Senhor; porque, a quem já crê em Vós, quereis accrescentar a Fé? Melhor será, que vos vejaõ os Infieis, e creão, e não eu, que com a agua do Baptismo vos co-nheci, e conheço pelo verdadeiro Filho da Virgem, e do Padre Eterno. A Cruz era de admiravel grandeza, e levantada da terra quasi dez covados. O Senhor com hum suave orgão de voz, que meus indignos ouvidos recebê-raõ, me disse. Não te appareci desta maneira para te accrescentar a Fé, mas para fortalecer o teu coração neste conflicto, e para estabelecer, e confirmar sobre firme pedra os principios do teu Reyno. Confia, Alfonso, porque não somente vencerás esta batalha, mas todas as outras; em que pelesares contra os inimigos da Cruz. Tua gente acharás alegre para a guerra, e forte, e pedindote, que com nome de Rey entres nesta batalha: não duvides, mas concedelhe liberalmente o que te pedirem. Porque eu sou o que faço, e desfaço Reynos, e Imperios. He minha vontade edificar sobre ti, e sobre tua geração depois de ti, hum Imperio para mim, para que o meu nome seja levado a gentes estranhas. E porque os teus Successores conheçaõ quem te deu o Reyno, fabricarás o teu Escudo de armas com a divisa do preço, com que eu comprey o genero humano, e com o que eu fuy comprado dos Judeos: efermeha hum Reyno santificado, puro na Fé, e pela



pela piedade amado: tanto que eu ouvi estas cousas; prostrado em terra o adorey, dizendo: Senhor, porque merecimentos me annunciaes tanta piedade; farey o que mandais: e vós ponde os olhos de misericordia em os meus descendentes, como me prometteis; e á gente de Portugal guarday, e salvay: e se contra elles algum mal tiverdes determinado, antes o convertey todo em mim, e a meus successores, e o meu povo, que amo tanto como unico filho, absolvey. Consentindo o Senhor disse: Não se apartará delles, nem de ti alguma hora minha misericordia; porque por elles tenho aparelhado para mim grande sementeira; porque os escolhi por meus semeadores para terras muy apartadas, e remotas. E dizendo isto desapareceo: e eu cheyo de confiança, e suavidade torney ao exercito. E que tudo passou assim, eu ElRey D. Affonso o juro pelos Santissimos Evangelhos de Jesu Christo, em que ponho a mão. Pelo que mando a meus successores, que tragaõ por divisa, e insignia cinco escudos partidos em Cruz, por amor da Cruz, e das cinco Chagas de Jesu Christo, e em cada hum trinta dinheiros de prata, e em cima a Serpente de Moysés, por ser figura de Christo. E esta será a divisa de nossa nobreza em toda nossa geração. E se alguma outra cousa intentar, seja maldito do Senhor, e com Judas traidor atormentado no Inferno. Feita em Coimbra a vinte e oito de Outubro, da era de Christo, mil cento e cincoenta e dous.

*Eu Dom Affonso, Rey de Portugal.*

D. Joaõ, Bispo de Coimbra. D. Gonçallo de Sousa, Pro-  
 D. Joaõ, Metropolitano de Braga. curador de Guimarães.  
 D. Theotonio, Prior. Payo Mendez Procurador de Braga,  
 Soeiro Martinz, procurador de Coimbra,  
 D. Fernaõ Pirez, Mordomo Mór,  
 Pedro Paez, Alferez Mór.  
 Vasco Sanchez.  
 Affonso Mendes, Alcaide Mór de Lisboa.  
 Mendo Pirez, por Mestre Alberto, Chanceller Mór.

Hora todavia, disse o Italiano, quem bem consider as soberanas mercês, que a misericordia do Altissimo fez

fez a este primeiro Rey, não icy, como senão desfaz em seus louvores, nem como sofre haver no mundo quem lhos queira diminuir : e mais quando são todas em tanto proveito, e honra da nação Portugueza, que só por esta pôde com muita razão desprezar todas as outras glorias; em que as mais bemaventuradas nações do mundo se tem por mais excellentes, se esta certidão he tão verdadeira, como a suavidade de seu estylo mo está persuadindo. Porque nesta duvida, acudio o Pottuguez, acompanhais alguns bons entendimentos, que pelo contentamento, que recebêraõ com a noticia deste bem, o não podiaõ crer; quero, que em mudar a opiniaõ lhe façais tambem companhia. E entre outras razoes, que confirmavaõ esta verdade, esta me defenganou de todo. Porque indo eu a calo ver a Chronica deste nosso primeiro Rey, no Capitulo XV. que conta esta gloriosa Visão, achei, que tudo, o que a Chronica alli escreve, he tirado desta certidão; e allega com ella dizendo estas palavras: *E o Principe sahiose fóra de sua tenda: e segundo elle mesmo deu testemunho em sua Historia, vio nosso Senhor em a Cruz, na mesma maneira, que disse o Ermitão, e adoren-o, &c.* O qual testemunho não he outra coisa, senão este Juramento, e como esta Chronica ha mais de oitenta annos, que foy recopilada de outra antiquissima por Duarte Galvão Chronista Mór destes Reynos, e por mandado delRey Dom Manoel, fica sem duvida a authoridade desta certidão, e juramento. E confeslovos, que tenho lido aquelle Capitulo muitas vezes, e de nenhuma notei, nem fiz caso daquellas palavras, senão agora, que tenho por notavel mysterio: pois em confirmação do que eu tinha já escrito havia alguns annos, e tão calumniado foy de algumas pessoas, que não podiaõ sofrer affirmar eu com razões, o que elles hora hão de confessar por força com tamanha authoridade: e ainda que as razoes eraõ vehementes, a authoridade he vehementissima, e de muita consolação. Principalmente para mim, que com estas calumnias estive em condição de tornar atraz. E se o tivera feito, não o recebêra em igual perda, que a da vida. Mas, já que Deos me fez esta mercê, quero, que saibais o que respondi ás objecções de muitos, que de serem Authores dellas

se



se prezávaõ muito. E tudo aconteceu para mayor confirmação, e certeza. Primeiramente aos que diziaõ, que por ser a letra da Certidaõ a mesma, de que estaõ escritos o final delRey, e das mais testemunhas, arguiaõ não ser muy verdadeira: pois não era possivel escreverem todos aquelles homens de huma maneira. Foi-lhe respondido, que esta Certidaõ he hum traslado da propria, em que ElRey D. Affonso Henriques assinou com os demais nella nomeados de seus proprios sinaes, e se fez nesta Cidade Coimbra, e ficou em o Mosteiro de Santa Cruz, que era ordinario aposento deste santo Rey. E se neste insigne Mosteiro senaõ acha a propria, entende, que se perdeu com outro grande numero de escrituras, que se perderaõ com hum grande diluvio de aguas, que descendo subitamente pelo valle da quinta do Mosteiro, o allagou todo, e do cartorio levou todos os papeis, que nelle havia. Porque eu vi os annos passados hum instrumento de grande numero de testemunhas, tirado á instancia deste Mosteiro, para que ElRey lhe fizesse mercê, que vista a innundação do seu Cartorio, pudessem reformar suas doações, e escrituras pelos traslados, que fóra do Mosteiro andassem authenticos, e ElRey lhos houvesse por proprios originaes. E como estes Religiosos faziaõ isto para não perderem suas terras, e privilegios, não fizeraõ mais que reformar as doações, e escrituras, que para isso lhe eraõ necessarias. E as outras antigualhas, que naquelle Cartorio estavaõ enferradas, não havia para que os traslados dellas andassem pelas mãos de seus caseiros, e Ministros.

Outros havia, que em razão de suas duvidas diziaõ ser o latim, e estylo da certidaõ mais puro, e certo do que naquelle tempo se costumava em Portugal, como se podia verem muitas doações, e privilegios, que de barbaros, e mal compostos, com difficuldade se achava quem os entendesse. A estes se respondeo, que se elles tiveraõ noticia de outras muitas doações, e escrituras, feitas por aquelle Mestre Alberto, que era estrangeiro de nação, e Chanceller Mór delRey D. Affonso Henriques; não estariaõ nesta opiniaõ: pois era pessoa de muita authoridade, e eloquencia na lingua latina; de que daõ claro testemunho muitas escrituras por elle subscriptas, todas

das de tão bom estylo, e latim puro, como he o desta certidão; e algumas de muito melhor, como he huma carta, que elle mesmo escreveo de mandado del Rey Dom Affonso Henriques ao Papa Innocencio II. sobre a primeira confirmação deste Reyno. E como nisto não ha duvida, pois em a Torre do Tombo, em o Mosteiro de Alcobaca, e de Santa Cruz desta Cidade, e em outras partes estaõ conservadas estas memorias antigas: nem tão pouco os Authores desta duvida a tiverão mais; antes se fizeram da minha parte, e contra outras novas objecções me ajudaraõ. Porque não faltaraõ alguns homens menos zelófos da honra de sua patria, do que convinha, que authorizavaõ sua duvida dizendo, que como era possivel; sendo esta certidão huma cousa tão notavel, e a materia del'a huma mercê tão miraculosa, e estranha no mundo; estar tanto tempo encuberta. E que sô em se publicar nesta occasião, e tempo de tantas novidades, mostrava ser huma dellas, a que confôrme os fundamentos haviamos de dar o credito: e que estes lhe não viraõ em mais de quatro centos annos, tantos milhares de homens. A isto lhe respondemos, que assim como em todos estes quatro centos annos atraz não houve homens, que com tanta vehemencia negassem esta divina visão, como hora sabemos, que ha, assim não permittio Deos, que ella se publicasse no mundo com tanta evidencia, como agora; para mayor certeza desta mercê, e grande confusão dos que a negaõ. Quanto mais, que era cousa tão publica, e divulgada neste Reyno por aquelles tempos, que não sómente não havia quem della duvidasse; mas a todos era tão notoria, e manifesta, que o Chronista a escreveo com a chaneza, que a simplicidade daquelle tempo costumava. E se na Chronica senaõ faz menção de tantas cousas, como hora vemos na certidão (que tambem alguns puzeraõ por objecção) não cuideis, que he por lhe não serem manifestas ao Author della, como hora nos saõ a nós, pois elle no capitulo, que digo allega com esta certidão. Mas como elle escrevia historia, e não profecias, não tratou mais, que aquillo, que lhe pareceo necessario para os homens entenderem, quam maravilhosa foy aquella batalha, e as mercês, que Deos fizera ao nosso primeiro Rey, e



Cap. 49:

daqui ficássemos entendendo, e conhecendo a obrigação, que tínhamos de o venerar, como pessoa, com quem Deos tão particularmente fallou; e quando quizeramos accuar ao Author da Chronica de muito breve em coula, que elle devia escrever mais copiosamente, que todas as outras; que contava, não nos faltará alguma razão para isso; além disto os Reys antigos de Portugal, que depois del Rey Dom Affonso Henriques reynárao, usárao destas armas da maneira, que elle lho mandou, como em alguns edificios ainda hoje permanecem, e de modo as usárao; como se entre elles fosse cousa muito antiga, e costumada; porque segundo me lembra, já eu li na Chronica del Rey Dom Affonso V. que vinha o Infante D. Pedro seu Tio, e seu tutor, quando governava o Reyno, por huma rua desta Cidade com seu lmao o Infante D. Henrique, e chegando à porta da ponte, onde estavao as armas da Cidade, que são as que já me ouvistes, disse o Infante D. Henrique estas palavras: bem se pôde, Senhor lmao, comparar a vós esta figura, pois tambem de huma parte dais mantimento ao Leão, que he Castella: e da outra a Portugal, que he a Serpe do nosso Timbre: e elle lhe respondeo, o que adiante diremos. Donde claramente se manifesta não ser cousa nova; nem desacostumada em Portugal, pois ha tantas memorias, que confirmao esta verdade, principalmente com a noticia tão antiga, que temos deste Timbre da Serpente de Moylés, em que aquelle santo Rey D. Affonso Henriques quiz conservar a memoria naquelle mysterioso Hieroglyphico da divina visao de Jesu Christo crucificado, que elle vio aquella noite; e tão particularmente se lhe communicou, e lhe fez tão altas mercês, como desta certidao se entende. De cuja data não duvideis tambem; como alguns fizerao; porque na era 1152, em que ella foy feita, ha se de entender do anno de Christo, e não de Cesar, que he trinta e oito annos mais; porque naquelles tempos em Castella, Galiza, e Portugal usavao destas duas eras indifferente-mente; hora entendiao de Cesar, hora de Christo, como diz Ambrosio de Morales em hum discurso da maneira de contar os annos, e no livro 7 cap 51 de sua Historia, e outros, e as pedreas, que nesta certidao estaõ assina-  
todas

D. Cracfa  
Lozil. nunc  
Archiep.  
Tolet. in  
Annorat. ad  
Concil. III-  
heritanum.

todas se acha por memorias authenticas, que concorreraõ naquelle tempo, contando-se a data do anno de Christo; e de outra maneira não; porque em os Archivos da Sé desta Cidade Coimbra, e no Real Mosteiro de Santa Cruz, se achão muitas memorias authenticas, que do anno do Senhor 1146, até 12 de Fevereiro de 1169, foy Bispo de Coimbra D. Joaõ Anhaya VI. em ordem, e primeiro de Nome, dos Bispos desta Cidade, depois que ElRey D. Fernando de Castella a tomou aos Mouros. A este Bispo consta, que ElRey Dom Affonso Henriques fez muitas mercês: e entre ellas a seu requerimento concedeo ao Cabido muitos Coutos, que ainda hoje possuem, e por sua morte deixou por herdeira de todo seu patrimonio esta sua Sé, e está nella sepultado; posto que falleceo em Camóra, Cidade de Castella. Tambem consta do Cathalogo dos Arcebispos de Braga, e de outras memorias authenticas, que governou aquelle Arcebisnado Dom Joaõ Melheiro, do anno do Senhor 1137, até tres dias de Novembro de 1175, em que elle morreo. E S. Theotonio, primeiro Prior de Santa Cruz desta Cidade, e sobrinho de D. Cresconio, segundo Bispo della, consta por muitas memorias sem duvida, que entrou em seu Priorado no anno do Senhor 1121, e passou desta vida a 18 de Fevereiro de 1162. E das testemunhas seculares consta por memorias authenticas, que eraõ vivos naquelles tempos o grande Dom Gonçallo de Sousa, a mayor Personagem, que havia em Portugal; e Dom Fernaõ Pirez, Mordomo Mór delRey Dom Affonso Henriques, e Pedro Paez, Alferes Mór, que era da Casa dos Sylvas. E Vasco Sanches, tambem grande pessoa: e Affonso Mendes Alcaide Mór de Lisboa: e Mestre Alberto, Chanceller Mór: e posto que o grande Dom Gonçallo de Sousa se affina Procurador de Guimaraens, não cuideis, que he por ter entaõ esta pèquena Villa mais preeminencia, que as Cidades Coimbra, e Braga, senaõ que como neste juramento, e confirmação de cousa taõ grave, mais se requeria a authoridade das pessoas, que das Cidades, e Villas, que elles representavaõ; por isso senaõ guardou a ordem em outras muitas Cortes daquelles tempos costumadas: porque Coimbra era Cabeça deste Reyno no temporal; e

Petr. Mesia  
in Sy'va  
3 p. c. 36  
Valense 22  
Garib. l. 6.  
c. 39 Rezē.  
dius noster  
in ep st ad  
Vase & in  
vita Vincē  
iii Marty.



Braga nó espirital. E como o legundo solar dos Soufas era no termo de Guimaraens, parece que Dom Gonçallo de Sousa quiz honrar a patria de seus avós, aceitando sua procuração naquellas Cortes. Que El Rey D. Affonso Henriques não teve ocio para celebrar mais cedo, de pois da Vitoria do Campo de Ourique, pelas muitas Conquistas, em que até então andou occupado assim das terras de Alem-Tejo, como de Santarem, que conquistou no anno do Senhor 1147, e de Lisboa, que conquistou no anno seguinte 1148, e outras muitas, e que fez até o anno 1152, tempo em que esta certidaõ se fez em Cortes, segundo se pôde colligir ser tem duvida: pois os Procuradores das Cidades, e Villas, estão primeiro assinaados nella, que os Officiaes Móres da Casa, e Camera del-Rey: que he contra o que ordinariamente se vê em todas as doações, e privilegios daquelles tempos, que não são feitos em Cortes, onde depois da Rainha, e Infantes, os Officiaes da Casa, e Camera del-Rey, são os que primeiro assinaõ.

E por aqui fica concluido, que se não pôde com razão pôr nóta, nem labéo nesta certidaõ; antes he merecedora de a escrevermos com letras de ouro, e de a conservarmos em laminas de bronze, para perpetua memoria: pois por ella fica o mundo desenganado da superioridade, que a nação Portugueza tem sobre todas as outras, principalmente em o processo, e descendencia dos seus Reys Christianissimos. E quam prompta esteve a misericordia do Altissimo em cumprir o que nesta Visão lhe prometteo em as vitorias, e Conquistas deste Reyno, como da relação de sua Historia claramente se manifestará, a quem com alguma consideração as passar pelo entendimento. E se em algumas occasioens vimos o contrario, do que digo, a nossos peccados, e sem justicas ponhamos a culpa, a tantos milhares de Judeos blasfemadores do nome de Jesu Christo, como a experiencia do Santo Officio tem mostrado, que entre nós andaõ; e a outros muitos peccados; que não faltaõ. O que tudo junto ( dizia hum Religioso de muita virtude, e eloquencia ) nos entregou algumas vezes nas mãos de nossos inimigos: que Deos sempre está com os braços abertos para nos recolher como filhos,

e com

e com a vontade prompta para nos ajudar, como amigos. Aqui se me representarão no entendimento alguns discursos proveitosos, e catholicos, com que logo vos satisfizerá nas muitas duvidas, e confusões, em que por ventura estareis posto, se para isso sentira em mim tanta sufficiência, como a vontade está prompta. Mas não cuido eu, que alguns varoens sabios de nossos tempos deixarão tão bella occasião de doutrina, e desengano, mais necessario hoje no mundo, que todas as honras, e riquezas delle. E o proveito, que deste nosso colloquio pertendo, não he outro, senão que considerando vós tudo o que hora me ouvistes, fiqueis com o desengano de todas as duvidas; que contra a authoridade desta certidão se vos representavao no entendimento, como cuido, que tereis já concluido. E sendo assim, não he possivel, que não tenhais aos Incredulos na conta, que merece huma tão grande sem razão, e hum tão barbaro atrevimento, querendo attribuir aos homens as obras conhecidamente de Deos: pois nunca vimos as que excedem as forças humanas, como estas foraõ, sem a mão poderosa do Altissimo serem bem acabadas. Do que me ouvistes fica concluido bastantemente, que esta certidão he muito verdadeira, e que he traslada da propria, que se perdeu, e que foy feita por hum grande Latino, e que esteve encuberta atégora para mayor confusão dos que negão tamanha mercê de Deos, e consolação deste Reyno.

E para que de todo acabeis de entender os mayores segredos desta certidão, e suas profecias, ou prenuncios, parece que se alcançará este fim com hum breve discurso do cuidado, que Deos teve de guardar tanto dante-mão, e preservar em a pureza Christãa as duas nações, Portugueza, e Castelhana; para como duas firmes Columnas lhe sustentarem sua Igreja nestes calamitosos tempos; e os bens da união, e concordia; e os males, que o contrario della causou no mundo. E eu fio do vosso entendimento; que tudo aquillo, que á cerca do intento desta certidão desejais saber, ficareis conjecturando, se conferirdes com o que hora disser huma, e outra das profecias della: porque para o eu fazer como convem, nem o tempo presente basta, nem as cousas delle o permittem, o sofrem.

E para



E para isto haveis de saber, que pelo discurso das cousas, que succedéraõ em Hespanha, depois que ella começou a ser conhecida no mundo, se pôde muy bem conjecturar ser das mais mimosas Provincias de Deos; pois tão miraculosamente sustentou nella sua Christandade, não consentindo, que fosse, como outras Provincias, onde se extinguiu o verdadeiro zelo della: ou fosse isto por tua misericordia infinita, ou por sua incomprehenivel sabedoria, estar tanto dantes presente no zelo, com que nestes nossos tempos esta só Provincia havia de tratar as cousas da Religião Christãa, e com quanto fervor havia de procurar o augmento da Igreja Catholica, e defensão sua. E começando dos mais antigos seculos; depois que a Fé Catholica começou a lançar suas raizes em Hespanha, que foy em tempo dos Apostolos de Christo, e por elles mesmos plantada, logo Deos começou de a eximir da obediencia dos Romanos idololatrias, que então senho-reavaõ os habitadores della; revelandose-lhe por muitas partes, e soffrendo com catholica constancia os crueis martyrios, e perseguiçoens de seus Ministros, com que pertendiaõ extinguir o nome de Christo por to do seu Imperio. Entaõ alcançaráõ esta Coroa de martyrio em Braga São Pedro de Rates, primeiro Bispo, e prégador daquella Cidade. Em Evora São Manços Discipulo de Christo, e Apostolo, em tempo do Imperador Trajano. Em Lisboa, e della naturaes, São Verissimo, e suas irmãas Santa Maxima, e Santa Julia, em a perseguição de Diocleciano. Em Valença S. Vicente natural de Çaragoça, martyrizado por Daciano. E em a Provincia de Entre Douro, e Minho, São Vitouro, e São Cucufate, e Santa Susana Martyres. Em Çaragoça Santa Engracia Portuguesa, martyrizada por Daciano com dezoito Cavalheiros Portuguezes de sua companhia, que com a mesma constancia a acompanharão no martyrio. Em a Cidade Avila São Vicente, e Santa Christetta, e Santa Sabina; irmãos, e Portuguezes, martyrizados pelo mesmo Daciano: e outros muitos assim em Portugal, como em Castella, que como perolas preciosas desta Provincia no Ceo resplandecem. E porque estes mesmos Romanos eraõ tão crueis contra os Christãos de Hespanha, como poderosos

Moral na  
Chron. ge-  
ral de Hesp.  
l. 9 & 10  
Garibay no  
comp. His-  
tor. de  
Hesp. l. 7  
Mariano l.  
4 Hist.  
Hisp. Va-  
seus c. 23.  
Chro. Hesp.  
Villeg. no  
Flos san-  
tor. p. 1  
Fr. Diogo  
do Rosar.  
no Flos san-  
tor. Mart-  
tyro. Portug.  
Ces Baron.  
nos seus  
Annaes Ec-  
clesiast. 1 &  
2 tom. Ga-  
ribay l. 3  
Morales 11  
& 12 Vasc.  
c. 13 Ma-  
riana l. 5  
Esp. 14.

los nella, não durou muito tempo o seu senhorio; permittindo a divina Providencia, que a ella viessem tantas outras naçoens estranhas, tão bellicosas, e fortes, que os lançassem de todo fóra della: dos quaes os Vandalos ficárao com Andaluzia, os Suevos com Galiza, os Alanos com Lusitania, e outros muitos com diversas partes, como já vos disse, e depois os Godos, não tão barbaros, como os passados, descerao dos confins de Alemanha, e passando por Italia, e França, se aposentarao em Hespanha, e se fizerao de todo senhores della, e o seu Rey Relaredo foy o primeiro, que recebeu a Fé de Christo; e mandou por publicos edictos, que outra adoração se não fizesse; e como já em Hespanha havia grandissimo numero de Christãos do tempo dos Apostolos Santiago, e São Paulo, foy cousa muito facil reduzirse toda em breve tempo á nossa Santa Ley, e Religião, e em nome della alcançavao mil vitorias, assim dos mesmos Romanos, como tambem de outros barbaros, que sua quietação pertendiao perturbar. Nestas occasiões foraõ sempre favorecidos notavelmente de Deos. Mas muitos destes Godos, novos habitantes de Hespanha, não querendo usar, como convinha, destes Divinos favores, se engolfarao em tantos vicios, e peccados, que não sofrendo Deos, que os Hespanhoes fossem contaminados mais tempo com a barbaria, e torpeza Gotica, mandou sobre elles os enxames dos barbaros A'rabes de Mauritania, communmente chamados Mouros, que de todo os desbarataraõ, e extinguiraõ o nome Gotico, em tempo de seu ultimo Rey Roderico, onde elle, e todo seu povo foraõ castigados conforme á culpa de cada hum, e ficou a gente de Hespanha em huma pura servidaõ debaixo da obediencia dos Mouros: que sendo menos crueis, que os Romanos, deixavaõ viver os Christãos em sua Ley, como tributarios, e elles na sua feita senhoreavaõ tudo. Mas como Deos determinava servirse desta nação para o accrescentamento de sua Igreja, como hoje vemos, não se passaraõ cinco annos que Dom Pelayo, Hespanhol de nação e da real nobreza della, se não levantasse em a provincia de Asturias contra estes barbaros; e pello que começou com poucas forças humanas, teve tanto favor das

Pontifical  
l. 3 c. 17

Illecl. m  
Penit. l. e  
25 Garbay  
l. 8 c. 67  
60. 69 Ma  
riana l. 6 c  
12. 13 Vale  
ubi sup. Ar  
chiep. To  
let Arras  
Dial 3 42  
gl'ia des  
l. 1 c. 1  
l. 1 c. 1  
l. 1 c. 1  
c. 35



Divinas, que alcançou muitas vitórias dos Mouros em os montes de Astorga, e Galiza, como terras mais fortes, e aparelhadas a seu levantamento. Aqui recebo da mão poderosa de Deos muitas mercês contra aquelles inimigos de seu nome; vencendo-os muitas vezes com tão deligual poder, que mais se desbaratavaõ estes barbaros com a confusão de tamanhas maravilhas, que com a força de seus braços. Aqui foy a vitória de Covadonga, onde menos de mil Christãos venceraõ, e matáraõ mais de vinte mil Mouros, e outras muitas, todas miraculosas. E destes pequenos principios começou a restauração de Hespanha: em todo o processo della sempre favorecida de Deos com evidentes milagres. A Dom Pelayo succedeo seu filho D. Favilla, e outros muitos Reys de sua descendencia, que nesta restauração trabalharaõ todos com muita constancia, e mercês recebidas do Ceo. Como foraõ quasi todos os Reys Affonfos, Sanchos, e Fernandos, que nesta Provincia reináraõ. E porque Hespanha era muito grande, e de varios climas, e naçoens habitada, e os Mouros por toda ella estavaõ extendidos; por isso foy necessario, que os restauradores della fossem muitos, cada hum com a parte, que lhe coube em sorte. Desta providencia procedeo por humna parte o Reyno de Leão, por outra o de Navarra, por outra o Condado de Castella; por outra o Reyno de Galiza, por outra o de Aragaõ. Té que querendo o mesmo Senhor fazer de toda ella hum braço forte, e invencivel, permittio, que as mayores partes destas Reynos se juntassem em El Rey D. Fernando primeiro do Nome, que o foy tambem de Leão, Castella, Aragaõ, Navarra, e Galiza. O qual como Ministro escolhido do Omnipotente para esta obra, a começou de maneira, que em breve tempo livrou de poder de Mouros a mayor parte de Portugal, Castella, e Galiza: conquistando á força de armas esta Cidade Coimbra, as Cidades Lisboa, Lamego, Viseu, Porto, e Braga, e outras muitas, que as historias contaõ: e em todas estas Conquistas sempre de Deos era acompanhado com mercês miraculosas, sem as quaes era impossivel proceder ávante com felicidade. E porque elle tinha tres filhos, em que cuidava haveria hum constante uniaõ, e amor fraternal para

Misc. in  
pontifical  
l. 16. 51  
Garibay lib.  
II Mariana  
lib. 9 c. 1  
& 2 Valens  
c. 16 Job.  
Mariano l.  
9 c. 11, Ga-  
ribay l. 1  
Walsley  
supra II.

para continuarem a santa guerra contra os infieis; deixou-lhes os seus senhórios repartidos por elles. A D. Sancho, que era ó mayor, deixou Castella, a D. Gracia Portugal, e a Dom Affonso Leão, e Galiza. Mas porque depois elles se houveraõ tanto ao contrario, do que deviaõ á uniãõ por seu pay só pretendida, e naquelles tempos tão necessaria, tratando-se huns aos outros com descuberta guerra, permittio Deos, que hum delles, ElRey Dom Affonso, ficasse com a mayor parte de tudo, o que os Christãos livremente possuião em Hespanha. E continuando com santo zelo a Conquista, em que, como os mais, sempre foy favorecido de Deos, lançou os Mouros da Cidade de Toledo, e de outras muitas partes. E porque eraõ varias as Conquistas, e estavaõ já os Mouros tão apoderados dellas, que huma só pessoa não podia acudir ao governo, e Conquista de tantas, e tão varias partes, permittio Deos, que elle repartisse o seu Senhório em duas partes sómente, casando duas filhas, que tinha com dous Principes Estrangeiros, de cuja cavallaria, e Christandade se podiaõ fiar muy grandes cousas. Entaõ teve o nosso Portugal principio em nome de Condado, casando Dom Henrique de Lotharingia com Dona Tareja, filha legitima deste Rey D. Affonso; e o senhório de Castella ficou com D. Raymundo casando com Dona Urraca, outra filha do mesmo Rey. E nestes dous Principes se continuou o senhório destes dous estados até o tempo presente. E em o discurso destes quinhentos annos, que passaraõ, se occuparaõ estas duas naçoens sempre em a santa Conquista dos Mouros de Hespanha, até que os lançaõ de toda fóra della. E em todas estas obras foraõ sempre acompanhados de grandes mercês, com que Deos mostrava, que desta provincia de Hespanha determinava fazer alguma cousa muito de seu gosto. Entaõ succedeo a vitoria das Navas de Tolosa, onde ElRey D. Affonso VIII. de Castella fez tanto estrago nos inimigos, que em muitos dias se não fez o comer de seu exercito com outra lenha, senão com setas dos vencidos. Entaõ succedeo a miraculosa vitoria do Campo de Ourique, que agora acabey de referir, cheya de tantas maravilhas: e nem podia ser menos; pois o mesmo Jesu Christo appareceo a este Santo

leucas l. 6  
Idem ubi  
sup. Chron.  
de Rey D.  
Affonso  
Henric. c.  
15. Garibay  
l. 30 c. 1  
Mariana l.  
11 c. 25  
Garibay l.  
12 lilecas l.  
5 c. ult. See  
denho in  
ejus vita  
Nobilit. An-  
dalu. l. 1 c.  
2 Resendius  
l. 4 antiq.  
Lusitan.  
Garibay l.  
30 Duarte  
Galvão, c.  
17 Vase c.  
19 Volateri  
lib. 2 Gene  
br. l. 4.  
Chrono-  
graph. Ma-  
riana l. 10  
Roderic. &  
Pina Invita  
Regis Al-  
phonfi 4.  
Portug. c.  
55 & 56.  
Garibay l.  
4 Nobil. de



Andalof. 1. seu Imperio, Reyno santificado, puro na Fé, e pela pie-  
 u Ilhelc. lib dade amado; e que nunca delle, nem de seus descendentes  
 8 c. 3 Jo. tes se apartaria sua misericordia: e claramente confirmou  
 Mariana 1. o intento deste nosso discurso; pois lhe disse, que esco-  
 16 c. 7 Ga- lhera os descendentes deste santo Rey, e o seu povo, pa-  
 rib. 1. 15 ra levarem seu nome a terras muy apartadas, como do-  
 Jo. Maria- que espero dizervos, ficareis entendendo. Então succede-  
 al, 10 c. 13 raõ as mercês, que Deos lhe fez em as conquistas das Ci-  
 dades Lisboa, Evora, Santarem, Leiria, e da mayor par-  
 te de Portugal, que ainda entãõ os Mouros possuaõ, pa-  
 ra cada huma das quaes era necessario outro mayor vo-  
 lume; entãõ se vio a famosa batalha do Salado junto a  
 Tarifa, onde os Reys Affonfos de Portugal o IV, e de  
 Castella o Undecimo, se ajuntãraõ com seu poder, e pel-  
 loas, para podereu resistir a taõ grande multidãõ de Mou-  
 ros, que se affirma morrerãõ nella mais de quatro centos  
 mil, e sómente cincoenta Christãos foraõ alli mortos. E  
 nem o tendeis por impossivel; pois se sabe de certo, que  
 as settas, e lanças de remêço dos inimigos se voltavaõ  
 contra elles, e ahi empregavaõ sua furia. E por estas ma-  
 ravilhas, e outras, que os Mouros confessavaõ, e por ser-  
 taõ importante a conservação da Christandade de Hespa-  
 nha, he celebrada em muitas Igrejas de Portugal, e Cas-  
 tella com titulo de *Victoria Christianorum*. Entãõ succe-  
 deraõ as Conquistas tambem miraculosas das Cidades,  
 Cordova por El Rey D. Fernando o Santo, e Sevilha por  
 Dom Affonso o Sabio seu filho, e a conquista do Reyno  
 de Granada pelos Reys Catholicos D. Fernando, e Dona  
 Isabel. Com que de todo se acabãraõ de lançar do Senho-  
 rio de Hespanha os barbaros Mauritinos, que oitocentos  
 annos nella permanecêraõ. Té que por estes mesmos Reys  
 de Castella se deu principio á conquista, e conversão da  
 gentilidade do novo mundo, a tempo, que já os Reys de  
 Portugal havia muitos annos trabalhavaõ nesta santa obra  
 da conquista, e conversão dos Mouros, e gentios das  
 partes Orientaes, e Ilhas do mar Oceano, com tanta  
 constancia, e zelo da Religiaõ Christãa, que desprezados  
 os grandes perigos, e trabalhos, que o mundo sabe, le-  
 vãraõ a Fé Catholica a quasi infinito numero de Ilhas,  
 Cidades,

Cidades francas, e Reynos, e Provincias muy populosas, e fortes, fazendo humilhar ao final da Santa Cruz innumervavel multidão de Barbaros, a cuja noticia nunca se milhante adoração chegara. E à sua imitação a nação Castelhana tambem fez o mesmo em as grandissimas Provincias do Perú, e Antilhas, que communmente chamaõ Novo mundo. Nestas duas conquistas se mostrou Deos tão particular favorecedor destas duas naçoens, que facilmente se pôde conjecturar serem as mais mimosas suas em o tempo presente. Nellas se virão milagres nunca vistos dos homens, mercês não merecidas delles, e as mais estranhas, e extraordinarias obras em serviço de Deos executadas, que todas as mais, que por excellencia a memoria dos homens celebra. E ainda que estas duas naçoens cada huma por sua parte trabalhavaõ por dilatar a Fé, e extinguir seus inimigos, toda-via o demonio vendo quanto lhe hia nesta uniaõ, e conformidade, procurou por muitas vezes o contrario della. E que os Reys destas duas naçoens, sempre muy conjuntos em sangue, e afinidade, se tratassem como não taes, com inimizades publicas, e secretas. Mas Deos para chegar ao fim, que pertendia, de fazer de toda Hespanha hum braço forte, determinou juntalla debaixo de huma só cabeça. E posto que o successo das cousas tem mostrado, que pertendeo isto muitas vezes; toda-via 'o successo das mesmas bem consideradas deu a entender, que nossos peccados pelo demonio grandes, e negociados prohibiaõ esta mercê, e divina invenção. Como se vio em o tempo del Rey D. Fernando de Portugal, a quem de direito os Reynos de Castella pertenciaõ, como sobrinho, e mais chegado parente do morto Rey de Castella Dom Pedro, para o qual foy chamado por muitos dos grandes daquelle Reyno. Em tempo del Rey Dom Affonso V. de Portugal, a que por parte de sua sobrinha, e Esposa Dona Joanna, os mesmos Reynos de Castella vinhaõ de direito, como por muitos dos Senhores, e grandes delles, foy para isso convocado, e de suas pessoas, e poderes ajudado. Em tempo del Rey Dom João II de Portugal; a cujo filho primogenito D. Affonso os mesmos Reynos de Castella, e Aragoã se juntavaõ, por estar calado com a Princeza Dona Isabel filha mais

Rodericus  
Pina in ejus  
vita Garib/  
ibidem 4 p.  
lib. 36

Chron. vult  
gar Lusitani  
Damiani;  
Goes in  
Histor.  
Principis  
Joan. Portu.  
Marian. l. 25  
Garc. Re-  
spondens in  
ejus vita Et  
Rodericus à  
Pina ibid.  
Goes



In ejus vit.  
Ofora ibide  
Et Garibay  
lib. 35

velha dos Reys Dom Fernando, e Dona Isabel. E finalmente em tempo del Rey Dom Manoel de gloriosa memoria, que por parte de sua primeira mulher, filha dos mesmos Reys de Castella, foy por elles chamado, e por seus vassallos jurado por Rey de Castella, Leão, e Aragoão, em quanto o Principe Dom Miguel seu filho primogenito, e indubitavel herdeiro de toda Hespanha, não fosse de idade. E todas estas occasioens tão proximas desta uniaõ ficáraõ sem effeito por casos desfeztrados, e desaventuras bem conhecidas, e lamentadas, como em o discurso da Historia deste Reyno espero contarvos. Té que Deos permittio, que em vida de sua Magestade morresse em a este Reyno dezaseis pessoas, que legitimamente nelle podiaõ reinar primeiro; para que elle só, por Deos escolhido, succedendo nelle, ficasse o mayor Senhor do mundo; e tão poderoso, que não houvesse Mahometanos, Gentios, nem Hereges, nem outros alguns inimigos do Nome de Christo, que não podessem por elle ser metidos debaixo da obediencia da Igreja Catholica: ou que pelo menos, nestes calamitosos tempos podesse melhor sustentalla, e defendella contra tantas invençoens diabolicas, e esfratagemas infernaes, como contra ella cada dia se provaõ. Mas nem por esta uniaõ ser a que desejamos, deixa de ficar conhecido o valor, e merecimento de cada huma destas naçoens, que com tanto fervor nesta santa obra trabalhaõ.

Paul. Emilius in H. st. Francie.

Robertus Gaguinus ibidem Genebrard l. 4 Chron. Genebrard ubi sup Pan.olph. Ca. lenat in Histor. Neapolit. Mles. in Bondi. l. 6.

E para que acabeis de entender, que só estas duas Naçoens preservou Deos para a sustentação de sua Igreja nestes calamitosos tempos, lançay os olhos do entendimento pelas historias passadas, e achareis, que sendo os Reys de França tão Catholicos, e obedientes á Igreja de Deos, e em seu serviço tão promptos; que mereceraõ, por excellencia o nome de Christianissimos, chegáraõ a estado os peccados de seus habitadores, que duvidou Deos do seu antigo zelo da Religiaõ Christãa. E por isso os lançou fóra do senhorio, que por tantos annos possuirãõ em Italia.

E confiando Deos da Nação de Hespanha toda sua honra, lhe meteo na mão em Italia os Reynos de Naples, e Sicilia, e os grandes estados de Milão, e Lombardia.

bardia, que os mesmos Francezes possuião: como que só com Hespanha estas importantes portas, e fortalezas da Igreja Catholica estavam seguras, e para sempre firmes. Com Napoles se enfrea a soberba ao grao Turco, que estando tão perto de Constantinopla, e de Roma, bem se podia reear qualquer desaventura com visinhança tão perversa, e poderosa: Com Lombardia, e Milão se tem fechada a porta aos hereges Francezes, e Inglezes, e outros inimigos da Igreja Catholica. E por esta prevenção, depois que estas duas portas foram entregues á Coroa de Castella, logo dahi em diante gozou Italia de paz, e tranquillidade; e os Senhores della feudatarios da Igreja, e Sacro Imperio, começaram a respirar das turbulencias passadas, com que França os trouxe a estado da ultima perdição.

O senhorio, e grande estado, da Provincia de Santa Cruz, chamado vulgarmente Brasil; depois que Portuguezes o descobrião, e começaram a habitar, não com tanto cuidado, como convinha a tão grande Provincia, pelas muitas conquistas, em que então andavam occupados, quizerão os Francezes lançar mão delle nesta occasião, e desamparo: e posto que com continuas armadas procuráram, e procuraõ apoderarse daquella Provincia, sempre foram rebatidos pelos poucos Portuguezes, que nella residiaõ, alcançando delles grandes victorias. E mostrou-se Deos nesta conquista tanto contra os Francezes, que permittio, que os proprios naturaes da terra os não quizessem receber, e lhes fizessem guerra, sendo os mais barbaros, e inconstantes, que atégora se tem descoberto no mundo. E sendo os Inglezes tão famosos assim em guerras maritimas, como em navegaçoens; que com elles os mais peritos nesta arte são mais aflombrados, e andando sempre neste exercicio poderosos, nunca Deos permittio, que se podessem fazer senhores de alguma das muitas Ilhas do mar Oceano, por elles com tanto cuidado procuradas, e todas meteo debaixo da Coroa de Portugal. E com tanta providencia lhe procurou sempre este bem; que até as Ilhas Canareas, que Jorge de Bentacour, Francez de nação, descobrio, e conquistou, foram logo vendidas ao Infante de Portu-

Carosca Ju  
lian. del  
Castilho  
Sphorliada  
Histor.  
Mambrino  
Rolo in  
Hist. mundi

Gabriel  
Soares in  
Hist. hujus  
Provin.  
Dial. 5  
de Varia  
Historia co

João. de  
Barros de  
I. 1. 12.



Hist. Regis  
 1 Portugal.  
 Barros d. c.  
 Fl. 1 Joan.  
 Maph. Hist.  
 Indiar. l. 1  
 Barr. dec. 1  
 l. 1 c. 1  
 Illesc. l. 6  
 Garib. l. 29  
 Mambrin  
 Ref. l. 6.  
 nebrard. l. 4  
 Chron.

gal D. Henrique de gloriosa memoria, que deu principio ao descobrimento dos Mares, e conquista das Indias Orientaes. O qual por andar nesta obra todo occupado, e porque aquellas Ilhas eraõ mais convenientes ao senhorio de Castella, as largou a El Rey D. Henrique, depois de deixar nellas muitos dos seus naturaes convertidos á Fé Catholica, que era o principal proveito, que este Infante sempre procurou em suas conquistas. Assim que sendo aquellas Ilhas descubertas por Fança, e taõ ricas, e poderosas, como sabemos, logo Deos lhas tirou do poder, e as meteo na Coroa de Portugal, e depois na de Castella. O senhorio da Cidade Cepta em Africa, porta, e chave de Hespanha, e por onde os Mauritanos faziaõ suas entradas, e traiçoens, confiando Deos cousa taõ importante da nação Portugueza, lha meteo na maõ em tempo do seu Rey D. João de boa memoria, tambem miraculosamente. O descobrimento do mundo novo tambem Deos guardou só para Castella: porque Christovaõ Colon, que ensinado de Portuguezes foy o que o descobrio, primeiro veyo a este Reyno, que por andar entaõ todo occupado na conquista, e descobrimento do Oriente, naõ aceitou seu offerecimento. E elle depois se foý a Inglaterra, depois a França, e Flandes; até o Reyno de Dinamarca pertendeo provocar a este descobrimento. E permittio Deos, que de nenhum fosse recebido, e o andou dilatando com esperanças, até que os Reys de Castella D. Fernando, e Dona Isabel acabassem a conquista dos Mouros de Granada, para que entaõ ficassem desembaraçados, e com mayor poder pudessem intentar taõ nova empresa, como fizeraõ. E com seu foyor, e á sua custa, e em seu nome fez Christovaõ Colon taõ famosa obra, com a qual se descobrio de novo muito mayor terra, que toda a de Africa, Asia, e Europa, até aquelle tempo sabida no mundo.

Todas estas mercês, e maravilhas concedeo Deos a estas duas naçoens, para que com mais poder servissem o dia de hoje de firmes columnas da Igreja Catholica; permittindo, que a liberdade das outras naçoens se fosse perdendo com igual curso de seus peccados, e desobediencias. O senhorio dos grandissimos Estados de Borgonha,

nha; e Flandes, que por tantos seculos se conservou em seus proprios, e naturaes Senhores: vendo Deos quanto a visinhança de França, e Inglaterra havia de inficionar nelles, tanto de antemão os meteo na Coroa de Castella, que por sustentar esta divina vontade, tem gastado em poucos annos em os conservar Catholicos, e obedientes á Igreja Romana, muito mais do que elles valem de propriedade; mas o demonio, e a companhia de França, e Inglaterra, os tem postos em estado, que se sua Magestade não fora tão pio, e tão Catholico, já os mandára extinguir, e acabar de todo, para que não houvesse mais memoria de sua apostasia, e rebelliaõ. Mas esperando permittirá a Misericordia de Deos nelles, o que nos outros estados a elle encomendados, lhes vay esperando sua conversão dos costumes, e reducção ao gremio da Igreja Catholica: dilatandolhes até entãõ o castigo, que merecem, e lhes hade dar sem duvida, se não se emendarem: porque maldades publicas, e geraes, com publica, e geral pena se castigaõ.

E porque entendo estareis certo não ser cousa nova, e desacostumada no mundo, com a uniaõ, e concordia acabaremse grandes, e difficultosas empresas, como tenho dito, que a divina Providencia determina fazer, com a que permittio nestas duas naçoens Portugueza, e Castelhana, e com o contrario della, as cousas, que mais firmeza tinhaõ, serem de todo acabadas, e extinguidas, não gastarey o tempo em vos provar esta verdade. Porque como da uniaõ, e concordia de todas as cousas, que se achaõ nesta grande maquina do mundo tão formosa, tão estupenda, e maravilhosa, se sustentaõ, mediante a bondade summa de Deos, que as criou, em tão firme, e perpetua ordem, assim tambem da divisaõ, e discordia não samente dos elementos, mas tambem das cousas maximas, nascerá o seu ultimo fim dellas, quando a divina sabedoria, que assim as ordenou, o permittir. O mesmo vemos que a contece nas outras cousas particulares da vida dos homens; porque todas se sustentaõ, e crescem, mediante a uniaõ, e concordia, e com o contrario della todas se arruinaõ, e acabaõ, não havendo alguma tão firme, e sephorica, ou Reyno tão bem fundado, que a discordia não possa

Garibay l.  
20 Mábrico  
Rocio l.  
Geneb. l. +  
chronogra  
phi



poſſa desfazer, e acabar. E deixando as authoridades da Eſcritura Sagrada, ditos de Filoſofos Gentios, e ſentenças de varoens ſabios, e Santos, que tão ordinarios, e frequentados ſão na bocca daquelles, que louvaõ a concordia, e ao contrario della vituperaõ, e aborrecem: no-  
tay de paſſagem, que o diabo ſe chama pay de diſcordias; e Deos noſſo Senhor ſe despreza tanto do contrario, que elle meſmo diz, que veyo trazer paz á terra, e que elle he ſumma, e verdadeira paz. Além diſto diſcordia não he outra couſa, como diz o Filoſofo, ſenaõ huma acer-  
baira, concebida dentro no intimo do coração, mediante o odio; da qual, quem ſe deixa vencer, fica eſcravo; e offuscado o lume do entendimento, não pôde julgar bem, nem obrar com virtude couſa alguma, e daqui nasceo ſem-  
pre a ruina, não ſómente das caſas, e eſtados particu-  
lares, mas tambem dos publicos, e univerſaes. Hora vede vós, de tão boa couſa como eſta, que faz hum livre en-  
tendimento, cativo de ignorancia, e he ſempre cauſa da propria perdição, e miſeria, ſe haverá alguém, que diga bem della; ou que não ſe affine em publicar ſeus males. E por eſta razeõ, nem do grande numero de exemplos de huma, e outra hiſtoria, divina, e humana, com que determinava provar eſta verdade, me aproveitarey agora: mas uſarey ſómente daquelles, a que nem a muita anti-  
guidade pôle trazer alguma duvida, nem a pouca fé de ſeus eſcritores pôde diminuir a authoridade. Todos ſe-  
raõ modernos, todos verdadeiros; e authorizados, e de quem a memoria dos homens, como de chagas freſcas, moſtra ainda ſentimento, e magoa

Plasc. l. 4.º.  
85 Mariana  
l. 7.º c. 13  
Garibay l. 9

Quem cauſou a vitoria, que chamaõ de Calvijo em Heſpanha, ſenaõ a união, e concordia, que houve en-  
tre os Principes Chriſtãos della, e na meſma poucas ve-  
zes viſta, juntando-ſe quaſi todos em hum corpo, para reſtitirem a huma nunca viſta multidaõ de Mouros, que em deſtruição de Heſpanha outra vez conſpiravaõ? Quem alcançou a vitoria das Navas de Tolofa; tão im-  
portante, e miraculoſa, que he celebrada com titulo de Triunfo da Cruz, ſenaõ os Reys D. Affonſo VIII de Caſtella, e D. Pedro de Aragaõ, e outros muitos Gran-  
des, e Fidalgos, e Prelados de muitas partes de Heſpa-  
nha,

Authors  
ſup: citat.

nha; e de fóra della: os quaes todos com seus poderes,  
 e pessoas se avantajáram, e concordáram, deixando suas  
 pertençaens, e odios, com que muitos delles se desama-  
 vaõ. E esta união de vontades favoreceo Deos de ma-  
 neira, que foy havida a vitoria por humas mayores,  
 que em muitos seculos no mundo succederão. Quem foy <sup>Author</sup> quasi unica causa da famosa vitoria do Salado, cheya de <sup>sup. citat</sup> tantas maravilhas, como já vos disse, senão a liga, e  
 união, que fizeraõ os Reis Affonso de Portugal, e Cas-  
 tella, e em hum corpo darem batalha ao exercito dos  
 Mouros tão numerozo, que morreraõ delles aquelle dia  
 mais de quatrocentos mil? E foy digno de mayor louvor  
 este ajuntamento, e concordia, pelo contrario della, em  
 que estes dous Principes estavaõ ambos. Podéra por ven-  
 tura cada hum delles com seu poder sómente resistir  
 a tão poderoso exercito? Não houveraõ de ser vencidos  
 de tanta multidão, e barbaria? Sendo assim não houvé-  
 ra Hespanha de tornar á servidaõ dos Mouros de Africa?  
 Não houvéra a Christandade della de ser outra vez bar-  
 barizada, e quasi acabada? Não houvéra de tornar á la-  
 mentação de suas desaventuras? Quem vos parece, que  
 conquistou a Cidade Santa de Jerusalem? Senão huma  
 concorde união, e liga, que Deos permittio houvesse en-  
 tre os Principes Christãos de Europa. Porque ajuntando-  
 se o graõ Duque de Borgonha, e Flandes, El Rey de Ci-  
 cilia, e Gottfredo de Bulhaõ, e outros Principes; e ele-  
 gendo-o a elle por Capitaõ General de todo o exercito, che-  
 gáraõ a tanto, que podéraõ atravessar toda Grecia, Da-  
 masco, e Palestina; e recobrar do poder de Mouros a San-  
 ta Cidade de Jerusalem: vencendo tanto numero de inimi-  
 gos, que he quasi sem credito sua estimação. E parece,  
 que permittio Deos a recuperação daquella Cidade, en-  
 tre outras cousas sómente pela constante união, e amor,  
 com que estes Principes se ajuntáraõ para esta liga. Por-  
 que não sendo passados cem annos, e vindo sobre ella  
 muy grandes exercitos de Mouros, permittio o mesmo  
 Deos, que fosse perdida; porque não houve em aquelle  
 tempo Principe em Europa, que deixasse a discordia de  
 suas particulares pertençaens, por acodir a huma tão uni-  
 versal gloria, e honra de toda a Christandade. Por esta

Hist. syriz  
 Genebrard  
 l. 4 Chron.  
 Tarcagneta  
 Histor.  
 mundi l. 11  
 2 p. Joan.  
 Zonaras t. 3  
 Monarch.  
 Eccles. l.  
 20 c. 8  
 Illesc. lib. 4  
 c. 25 Plati  
 na in vit.  
 Pal. Pont.  
 Monarch.  
 Eccles. l. 26  
 c. 20 Plati  
 na in vita  
 Nic. 5  
 Illesc. ibi



Sabelices  
Enad. 10  
lib. 6 Ca-  
guin 1. 20  
Genebr. 1.  
826

discordia, em que os mesmos Principes de Europa andavaõ occupados, causada de seus particulares interesses, permittio Deos, que se perdesse a Cidade Constantinopla; cabeça de tão grande Imperio, e que tanto tempo rora senhora do mundo, fundada pelo Imperador Constantino, Christianissimo, e unico amplificador da humana potencia da Igreja Catholica Romana, e hora por esta discordia possuida pelo barbaro Turco, o mayor inimigo, que a Igreja de Christo nunca teve. Por esta discordia dos Principes Christãos de Europa pôde o Turco Solimano lançar os Cavalleiros do Hospital de São João da Ilha de Rhodes, donde faziaõ tanto proveito a toda a Christandade, que foraõ as mayores perdas, que a Igreja de Deos padeceo nestes tempos. Ha por ventura algum, que não sayba, que as differenças, e discordias dos Principes Christãos de Europa, foraõ causa da perdição de muitos delles, e da grandeza do Turco? Mas estaõ alguns tão cegos nesta pertinacia, que conhecendo claramente, que sua destruição, e ruina se vay manifestando pouco, e pouco com a potencia do Turco, que pelo mesmo modo vay crescendo: pois sabe muy bem, que, mediante a sua uniaõ, e hum concordia liga de todos, o valor de seus soldados, a grandeza de seus thesouros, e sobre tudo com a graça de Deos, que não os deseparará, sairão vencedores, como já outras vezes foraõ; e entãõ não se temeriaõ de cada hum por si, como ordinariamente fazem, mas ainda seriaõ senhores, não sómente de toda Grecia, mas tambem de todo Oriente, recuperando Ungria. e Rhodes, e o Santissimo Sepulchro de Jesu Christo Nosso Senhor, e toda a mais terra Santa, onde largamente poderiaõ amplificar, e extender os confins de seus Imperios. Quem lançou o Turco Solimano de Ungria, quando com mais de quinhentos mil homens de guerra pertendeo fazer-se Senhor de toda a Christandade, senaõ a uniaõ, com que alguns dos Principes Christãos de Europa mandaraõ suas ajudas ao Imperador Carlos V. Rey de Hespanha; que com hum poderoso Exercito, quasi miraculosamente ajuntado, foy encontrar o inimigo: o qual sendo o mais bellicoso, e bem afortunado, que houve da casa Othomana, e estando em poder, e armas tão superior

Carola?

Illebr. 61

Genebr. 1. 4  
Chron.  
Mambrino  
Bolgoin

perior ao Imperador, no mayor fervor de suas soberbas, e insolencias, virou as costas, e vergonhosamente se recolhio em Constantinopla; e se esta uniaõ, e ajuda não fora, nem o Imperador mostrára entaõ tão grande animo; nem, ainda que com elle se achara, e cometera a empresa, podera alcançar tamanha vitoria: como foy fazer fugir hum tão grande exercito, e fazer temor, e espanto a hum tão poderoso, e animoso Rey barbaro. Quem alcançou a vitoria de Lepanto? Senaõ ajuntar-se a Magestade Catholica, Pay del Rey Nosso Senhor, com a Senhoria de Veneza, com Malta, e o Papa pio V, e outros Principes Catholicos, e todos em huma concorde liga, pelo mesmo Pontifice sollicitada, sendo Capitão General della o bem afortunado Senhor D. Joaõ de Austria: da qual uniaõ, e vitoria resultou tanta gloria á Christandade, e tanta ousadia, e proveito, que se aquelle Santo Pontifice vivera mais dous annos, sempre a potencia do Turco fora acabada de todo, ou em grande parte diminuida. Mas porque faltou quem negociasse outra liga, se perdeu tamanho bem. Assim que tendes visto os bens da uniaõ, e concordia, e os males, que o contrario della costuma causar na terra; e sobre tudo quanto Deos favoreceo os intentos, dos que em seu serviço se unirão, e ajuntarão. Donde claramente fica concluido, que ajuntar Deos o poder de Hespanha em huma só cabeça, principalmente estas duas naçoens Portugueza, e Castelhana, he para alguma notavel obra de seu serviço; e porque ao presente não pôde haver outro mayor, que a extirpação das heresias, facil cousa será persuadirmo-nos, que para este tão necessario fim será encaminhado. Pois por estas duas naçoens quiz Deos, que fossem ministradas as obras de mayor honra sua, e de seu nome na terra, como deste discurso te-reis comprehendido; e não permittindo Deos esta uniaõ de toda Hespanha, senaõ em pessoas, que elle sentio capazes de tamanha cousa, escolheo a Sua Magestade Pay del Rey nosso Senhor, que santa gloria haja, cuja prudencia parece, que excedeo os limites das humanas forças: e mostrou claramente em o progresso de tantas cousas, que elle só entre todos os do mundo era capaz de tão grandes obras, como vimos; e experimentamos; e assim per-

Historia  
mundi l.  
Monarch l.  
17. c. 10.

Hieron:  
Corte Real  
Illhesc. l. 6:  
6 Austria  
de Jo. Raso

Vida de  
Pio V. Ge  
nebr. l. 4  
Chron.  
Mambrino  
Roscoe.



mittirá o Senhor, e delle se pôde esperar, que todos os que para esta uniaõ de toda Hespanha forem eleitos, não sejam inferiores aos passados em grandeza de animo, e militar prudencia, e sabedoria politica: antes tanto mais advantageous, quanto as necessidades o vão pedindo; pois com igual curso ao de nossos peccados se vão accrescentando.

## CAPITULO VI.

*De algumas Conquistas del Rey D. Affonso Henriques.*

**A**inda que com isto confessais ( respondeo o Portuguez ) que com nenhuma outra cousa, quem as alcançou, podia melhor illustrar suas gloriosas obras, não deixarey de vos referir algumas, que deis ás sagradas Quinas por bem empregadas. Entre as quaes não foraõ as de menor estima, as que obrou na Conquista de Santarem; porque sabendo, que era Cidade populossissima, muito fortalecida, e por natureza de sitio quasi inexpugnavel, se foy á sua Conquista, mais acompanhado da confiança de seu catholico zelo, que de grande numero de soldados; com os quaes se fez senhor della dentro em huma noite, deitando fóra os barbaros Mouros, que da portugueza furia ficáraõ livres, a quatro de Mayo de mil e cento e quarenta e sete annos. Poisa gloriosa Conquista da Cidade, e Commarca de Lisboa, Princeza do Mar Oceano, Indico, e Austral, bem merece ser collocada entre as suas famosas obras: porque se se considera a grandeza da Cidade, a multidaõ de defensores, que dentro tinha, e o pouco, que Portugal naquelle tempo podia, bem se pôde haver por huma grande cousa; e porque antes que entrasse, a teve primeiro cercada, por mar, e terra, por espaço de cinco mezes, em que se fizeraõ muy signalados feitos, quando entráraõ, que foy por força de armas, e dia de S. Crispim, e Crispiniano, vinte e cinco de Outubro de mil cento e quarenta e oito, de tal maneira se houveraõ com os moradores, que dentro acháraõ, como os irados vencedores, e vencidos desesperados costumaaõ averiguar suas contendas. Mas porque huma das grandes ajudas, de que nesta Conquista usou, foy huma poderosa

47.

148.

poderosa armada de Francezes, Alemaens, e Inglezes, que naquelle tempo na costa de Portugal se acharão, quiz o magnanimo Rey, gratificando tão boa ajuda, dar-lhes parte da Cidade; e despojos, como no principio da guerra lhes fora promettido; mas não a querendo elles aceitar, lhes fez tantas mercês de mantimentos, e dinheiro, que se houveraõ por tão satisfeitos de sua liberalidade, que muitos della movidos, de ver seu generoso animo occupado em tão santas obras, se deixaraõ ficar em Portugal, para o ajudarem nellas: onde receberaõ delle terras, que povoáraõ; e muitas mercês, e privilegios, com que nellas viveraõ descançados, ricos, e honrados; e destes muitos Nobres de Portugal trazem sua origem. Havida esta Cidade, e sua Commarca, que tão importante foy ao augmento da Religião Christãa, e entregue o espiritual della a Gilberto, que foy seu primeiro Bispo depois da destruição de Hespanha; não cessou o vitorioso Rey de sua conquista; até que em espaço de seis annos em catholica, e generosa guerra, se fez senhor de todas as mais fortalezas, que havia na Extremadura. Donde continuando suas gloriosas victorias, atravessando o Rio Tejo, estendendo os limites de seu estado pela fertilissima Provincia de Alem-Tejo, conquistando Alcaçar do Sal, Moura, Serpa, e a Cidade Evora, que por ordem, industria, e inaudito esforço, e valentia do famoso Geraldo sem pavor alcançou de poder de mouros, e Elvas com toda a mais terra até Béja. Em cujo cerco, sabendo, que os Mouros na Provincia da Beira, depois de tomada a Villa de Trancofo, a despovoáraõ, levando toda a gente, que nella estava, apertou tão fortemente com os cercados, que lhes foy ganhada a Cidade no anno do Senhor mil e cento e cincoenta e cinco, mandando, que em vingança de Trancofo, nenhum Mouro ficasse com vida. Com as quaes victorias se tornou a sua Coimbra, tão rico de triunfos, e despojos, que se podia duvidar caberem nella tantas glorias: e poderaõ resultar em tão breves tempos tão grandes conquistas, por causa das guerras Africanas entre as duas grandes familias dos Mouros Almoravides, e Almohades, que sobre o Caliphado contendiaõ. Dos quaes, vindo a prevalecer os Almohades, e adquirindo o domi-

Menetor  
l. 5 de antiq.  
qui Lusit

1155.



1165.

1169.

Inlec. in  
pontifica!  
in vita Eu-  
genii Pap.

nio dos Mouros de Hespauha, e Africa, crescerão tanto suas forças, que ElRey D. Affonso, como prudente Capitão, cessando de pertender mais terras, entendeo em reparar, tortificar, e povoar as conquistadas; e depois que nesta necessaria obra gastou alguns annos, não lhe faltando outras commodidades de continuar a santa guerra, alcançou dos Mouros grandes vitorias, e lhes tomou a Villa de Cezimbra, e Palmella, e outras muitas, no anno do Senhor mil e cento e sessenta e cinco. Depois do qual, a vinte e tres de Mayo de mil e cento sessenta e nove, lhe foy á sua supplicação confirmado o titulo, e dignidade Real pelo Papa Alexandre III, recebendo a elle, e aos Reys Catholicos seus successores em a protecção da Santa Sê Apostolica. Mas como as mundanas cousas então estejaõ menos seguras, quando mais prosperas, não foy bastante o invencivel animo do nosso Rey, para deixar de receber em sua pessoa hum grande contrahite da fortuna. Porque vindo a discordar-se com seu genro Dom Fernando, Rey de Leaõ, e Galiza, por alguns damnos, que nas suas terras lhe fizera, mandou o Infante seu filho a satisfazer-se desta perda. Mas sendo-lhe certificado, que elle fora vencido, e alguma gente preza pelos Leonezes, que á resistencia lhe sahiraõ, tanto sentio esta desacostumada québra, que não lhe soffreo o seu alto animo, não se sanear logo della: antes sem esperar pelo Infante, nem haver respeito á sua muita idade de oitenta e cinco annos, entrou poderosamente contra Galiza, e tomando por força de armas alguns lugares della, se tornou ao seu Reyno. Em o qual, não se havendo ainda por satisfeito, refez o exercito, e passando as aguas de Guadiana contra a Cidade Badajóz, que cahia na conquista do Reyno de Leaõ, de tal maneira a combateo, que depois de ter ganhado as duas partes da Cidade, fez encerrar os Mouros no alto della. Não tardou ElRey de Leaõ, que com hum poderoso exercito lhe não viesse arrebatard a mão a principiada vitoria, havendo entre elles huma porfiada batalha, em a qual, vendo ElRey Dom Affonso os seus quasi desbaratados, se retirou a Badajóz. Onde não se dando ainda por seguro; acordou de se sahir da Cidade, e tornar-se ao seu Reyno; porém ao sahir della, o fez com tanta

tanta pressa, e destino, que deu com huma perna em o ferrolho da porta, com que a tratou de tal maneira, que não se podendo ter no cavallo, foy cahir junto da estrada, onde depois de bravissima resistencia, que em sua defensão fez seu irmão Dom Pedro, foy ElRey prezo pela multidão dos Leonezes, no anno do Senhor mil e cento e setenta e nove; e levado ante ElRey Dom Fernan- 1179.  
do seu genro, elle o recebeo benignamente, e tratou como a pay verdadeiro, assim na cura de sua pessoa, que lhe procurou com muita diligencia, como em não aceitar cousa alguma de muitas, que por sua liberdade lhe offerecia: contentando-se só com a inteira restituição do que lhe tinha tomado em Galiza, e a conservação da vassallagem, que Portugal devia ao Reyno de Leaõ; e ficando entre elle paz firme, e perpetua confederação de amizade, se apartarão os dous valerosos Principes com muitos sinaes de amor, que conservarão sempre inviolavelmente: porque não era bem, que houvesse obras desiguaes; onde as vontades eraõ taõ conformes, e o parentesco taõ propinquo.

## C A P I T U L O VII.

*Da morte delRey D. Affonso Henriques, e da nobilissima por-  
gonie da Rainha sua mulher.*

**C**hegado ElRey Dom Affonso Henriques a Portugal, ainda que procurou sua saude com muita diligencia, não pôde convalecer taõ perfeitamente, que para o resto da sua vida ficasse bem saõ. Não bastou este desgosto, que era affaz grande, que traz elle não viesse outro, que tambem o poz em cuidado. Porque hum Airaes Mou-  
ro, chamado Abel Aben, ou Bulquez (como lhe chamaõ outros) não contente com se rebelar a ElRey de Leaõ, de cuja mão estava em Badajoz, e de entrar poderosamente contra Portugal, com muito damno dos moradores del-  
le, chegou a tanto sua ousadia, que no anno do Senhor, mil e cento e oitenta e hum, com favor de Miramolím poz em cerco o mesmo Rey Dom Affonso Henriquez em Santarem, onde ao presente se achava, e ainda que ElRey se defendia animosamente, era tanto o poder dos Mou-  
ros,



ros, e sua vinda tão epentina, que poz em duvida sua defensão: até que ElRey Dom Fernando de Leaõ, seu gearo (que sempre com mão armada se achava) como bom amigo, o veyo favorecer com hum exercito, que os Mouros não oulâraõ esperar: antes constangidos delRey Dom Affonso Henriques, que sahindo da Cidade animosamente os accommetteo, fugiraõ todos de sua real presença: e elle ficou muito agradecido de tão generoso beneficio; e em tanta paz, e quietação, que a turbulencia das guerras lhe deu tempo conveniente para em o anno do Senhor mil e cento e oitenta e tres trasladar o Corpo do Martyr São Vicente, que no Reyno dos Algarves estava havia alguns annos: com que deu o nome áquelle Sacro Promontorio, pelos historiographos muy celebrado, e da antiquissima gentilidade muito venerado. Precedendo em sua invenção, e trasladação tantas diligencias, e fervor espirital, que, não perdoando ElRey á sua trabalhosa idade de oitenta e nove annos, foy duas vezes pessoalmente ao cabo dos Algarves embusca do Santo Corpo: e como Catholico, e Religioso Principe, o collocou com grande veneração em a Séde Lisboa, cujo Patraõ he. E polto que o fervor, e trabalho de tantas conquistas, e guerras, eraõ bastantes para occupar qualquer grande entendimento, era tão diligente Principe, que a milicia das guerras não lhe diminuiõ cousa alguma em o cuidado, que tinha do augmento da Religiaõ Christãa, e na devoção propria de seus subditos. Do qual não sómente resultou mandar edificar os tres Reaes Mosteiros de Santa Cruz de Coimbra, e S. Vicente de fóra em Lisboa, no lugar, onde teve o exercito, quando a conquistou; ambos de Conegos Regrantes, da Ordem de Santo Agostinho: e o Mosteiro de Alcobaça, da Ordem de S. Bernardo, que em seu tempo florescia em Borgonha em muita santidade; mas tambem refez as Igrejas Cathedraes das Cidades, Lisboa, e Evora: e lhe deu os primeiros Bispos; e outros muito Templos sumptuosos edificou, e restaurou, que dotou de tão grandes rendas, e patrimonios, que parecia só para Deos fazia suas conquistas. A o qual não degenerando a Rainha Dona Mafalda sua mulher, antes correspondendo á sua devoção, edificou á sua custa a Igreja

183.

De hoc.  
scripsit nos.  
ter. Refend.  
elegantiissi-  
mum Poc-  
ma.

Igreja de São Pedro da Cidade do Porto ! e o Mosteiro de Leça, da Ordem de S. João, junto à mesma Cidade, e a Igreja de Santa Maria de Agoas Santas, e a de S. Salvador, da Cidade Guarda, e S. Pedro de Rattes, junto a Braga, e a de Santa Maria de Goyos: e junto de Guimaraens o Mosteiro da Costa da Ordem de S. Jeronymo, e outras casas de Religião, e Igrejas, que em companhia de seu marido edificou, cujo numero he coula maravilhosa, porque affirmão chegarem todas a cento e cincoenta: e chegou a tanto sua caridade, que até na barca de Meijão Frio sobre o Douro; junto de Lamego, deixou perpetua renda, para que os pobres tambem, como os ricos, podessem passar o rio. Em quanto estes virtuosos Principes em sua velhice entendião em tão catholicas obras, mandou ElRey ao Infante D. Sancho, seu filho, com bom exercito a guardar as fronteiras do Alem-Tejo, e fazer cruel guerra aos Mouros seus vizinhos; e porque sua idade o requeria, e seu coração o desejava, elle o fez tão animosamente, que vencendo no caminho muy arduas contradicçoens, e afrontas, entrou pela Provincia de Andaluzia com naõ pequena destruição de muitos lugares; té que chegando vitorioso á Cidade Sevilha (cabeça, e título então de grande Reyno) poz o seus moradores em tanta confusão, que aquella nova empreza, que dava aos Portuguezes gloria, e ousadia, causou nelles temor, e espanto. Havendo-se por afrontados de hum exercito Christão chegar àquella famosa Cidade, onde, depois da destruição de Hespanha, nenhum outro semelhante foy tão ousado, posto que mais poderoso fosse. Mas confiados na grandissima soberba, e opiniaõ, em que estavam de muito ricos, e poderosos, lhe sahiraõ á resistencia; em a qual, depois de grande, e trabalhosa contenda, forão desbaratados, e forçados a retirar-se; deixando no campo tantos mortos, e feridos, que a multidão do sangue, que correu no rio Guadalquivir (que aquella Cidade rega) o fez outro Mar Roxo. Partido daqui o Infante com muita gloria, e ricos despojos, e cobrando mayor animo, e ousadia, cercou poderosamente a Villa de Niebla; mas querendo antes defender o seu, que conquistar o alheyo, levantou o cerco por soccorrer a Cidade Beja



184.

que os Mouros da Extremadura tinhaõ em grande aperto! Dos quaes alcançando grande vitoria, lhes fez levantar o cerco, e se veyo a Santarem vitorioso, e triunfante; em a qual não pode estar muitos dias quieto, porque Aben Jacob, segundo Rey dos Almohades, passando com grande poder o rio Tejo, no anno do Senhor mil e cento e oitenta e quatro, taõ estreitamente cercou ao Infante, e taõ bravamente o combateo, que lhe foy necessario, para resistir a taõ grande furia, ser o primeiro, que ao perigo se aventurava, acudindo com sua pessoa aos lugares de mayor importancia; em hum dos quaes, sendo elle mesmo ferido, esteve muito perto de ser entrado. Mas pelo seu grande esforço, e pela chegada del Rey seu Pay, que com muita gente, e grande diligencia o foy soccorrer, foraõ os Mouros taõ mal tratados, que ao quinto dia do cerco começáraõ a desmayar de maneira, que quando se retiravaõ, taõ valerosamente os acommetteraõ os Portuguezes, que chegou hum delles, (e naõ de espõra dourada) a que se naõ soube o nome, a ferir o Miramolim taõ mortalmente, que passado o rio Tejo, as muitas feridas, que leváva, lhe acabáraõ a vida. Dando muitas graças a Deos El Rey, e seu filho por esta vitoria, se passáraõ á Cidade Coimbra; costumada sempre a receber em si semelhantes triunfos. Em a qual depois de muitos dias, postas em prospero estado as cousas da paz, e da guerra, El Rey Dom Affonso Henriques veyo a adoecer de sua ultima infirmitade, de que faleceo como Catholico Principe, em leis de Dezembro de mil e cento e oitenta e cinco annos, sendo de idade de noventa e hum, e havendo setenta e tres, que ao Pay succedera nos estados, e quarenta e seis, que reinava: Seu corpo foy por seu mandado sepultado em o Mosteiro de Santa Cruz da mesma Cidade em hum monumento de páo: sepultura para taõ grande Rey naõ sumptuosa; e depois, passados mais de trezentos annos, El Rey Dom Manoel, de gloriosa memoria; seu descendente por linha masculina, o fez trasladar a hum magnifico tumulo, que lhe mandou edificar em o arco da Capella mór, á parte do Evangelho, no mesmo Mosteiro.

185.

Foy El Rey Dom Affonso Henriques, segundo de  
suas

suas maravilhosas obras se collige, hum dos mais excellentes Principes, que em algum tempo no mundo florescêraõ, e em valentia de forças, e coraçãõ grande, e animoso, igual aos mais famosos, que a antiguidade teve; e nesta, e outras raras excellencias de esforço, foy superior a todos os de seu tempo, e muy invejado dos que depois delle por valerosos foraõ estimados no mundo. Foy hum David no zelo da honra de Deos; hum Sansão nas forças; hum Josué nas vitorias; e na grandeza de animo hum Judas Machabêo. Vio-se nelle evidentissimamente o animoso fervor, e ardente esforço de Julio Cesar, e a muy celebrada confiança de Scipião Africano: porque nunca a confiada dilaçãõ lhe tolheo a victoria, nem com a diligencia deixou de alcançar muitas; na estimaçãõ dos homens maravilhosas. Foy a sua fortaleza de animo taõ acompanhada de espantosas forças corporaes, que nas batalhas, onde sempre era o primeiro, não dava golpe, a quem lhe esperase o segundo: nem com taõ pouca força, que lhe fosse necessario mais, que o primeiro, parecendo aos animosos Leão furioso, e aos covardes aguiã accelerada. Foy emfim hum claro espelho de generosos Principes, ornado de raros exemplos de valor, e virtude: de cujos feitos muito menos se escreveo, do que elle obrou, ou por culpa do tempo, que tudo consôme, ou dos escriptores, que mal se valeraõ delle, porque nem os grandes feitos, que os Templarios em seu serviço fizeraõ, se achaõ escriptos, nem dos Cavalheiros de Santiago, e de Aviz, que elle em Portugal instituiu, se faz menção alguma: e só algumas coufas, que a excellencia dellas fez livres da injuria dos tempos, se contaõ delle; porque estas, ou de todo se haõ de extinguir, (que he quasi impossivel), ou a memoria dellas ha de ficar para sempre. E porque suas excellencias nos não levem todo o tempo, concluindo digo: que na guerra excedeo a todos os Capitaens famosos, e na paz foy igual a todos os Religiosos em humildade insignes, rezando no choro o Officio Divino, como qualquer delles; e em memoria desta devoçãõ permaneceu no mesmo Mosteiro até o tempo del Rey Dom João III. huma porta; que chamavaõ da Espada-cinta, onde o Santo Rey costumava



mava deixar a espada, quando hia a rezar no Chôro, pelo qual mereceo na terra ser unico, e no Ceo glorioso; e porque dilatou no mundo o Imperio da verdadeira Cruz, mereceo ver no Ceo o Divino final della, em o qual vencesse. E tem mostrado Deos por intercessão deste Santo Rey, quanto diante delle merecem obras tão pias, e catholicas, como elle obrou em sua vida. Mas porque a illustre descendencia deste esclarecido Rey não merece passar-se em silencio, he necessario recorrer atraz ao anno do Senhor mil e cento e quarenta e seis, em o qual se faz menção, que depois de vencida a batalha dos cinco Reis Mouros no campo de Ourique, casou com Dona Mafalda, a mais formosa Princeza daquelle tempo, e filha do grande Amadeu II do nome, e IV Conde de Maria-na, da nobilissima casa dos Imperadores de Alemanha, Duques de Saxonia, e dos Condes de Mariana, que hora são Duques de Saboya, e Principes de Piamonte; e de sua mulher Dona Guigone, filha do Conde Albonense; e porque se tem por sem duvida, que foy a Rainha Dona Mafalda, chegada em parentesco com El Rey seu marido, como procedente da illustissima casa de Borgonha, donde o Conde D. Henrique (segundo a mais verdadeira opiniaõ) tambem trazia sua origem; e por não fazer duvida, a razaõ deste parentesco passou desta maneira. No tempo, que o Imperio Romano passou de França a Alemanha, havendo cem annos (como diz Baptista Ignacio) que na geraçaõ de Carlos Magno permanecia, foy eleito o excellente Imperador Otho I. senhor da bellicosa Provincia de Saxonia; ao qual, depois que com suas victoriosas armas reprimio as tyrannias dos Berengarios de Lombardia, e de outros inquietadores da paz commum da republica, succedeo em o Imperio seu filho Otho II. por cujo falecimento foy eleito seu filho Otho III. herdeiro dos estados, e virtudes paternas; em cujo tempo, no anno do Senhor mil e deus (como diz Blondo) o Papa Gregorio V. tirou de todo ao povo Romano o poder, que tirha de eleger os Sacros Imperadores, por evitar as tyrannias, e sobôrnos, que nas eleiçoens intervinhaõ. Este Imperador, a que por suas excellencias chamaraõ Milagre do Mundo, deu o Ducado de Saxonia a hum ir-

maõ

In Epith  
Princip.  
Romano  
Genebr. l. 4  
Chron.

maõ seu chamado Hugo, que nelle viveo poucos annos, deixando tres filhos em tão tenra idade, que o Imperador seu tio os mandou criar em sua casa; e sabião todos homens de altos pensamentos, e bons cavalleiros: e sobre todos Beraldo (o mais moço delles) em prudencia, discriçaõ, e esforço, era muito avantajado; do qual lhe nasceo animo; e ousoadia para acudir pela honra do Imperador seu tio, matando a Imperatriz sua mulher, que com hum seu veador commettra adulterio: e com ella ao mesmo adultero: e porque desta merecida morte nasceo outras muitas não merecidas entre a gente do pay da morta Imperatriz, e os Sãxones por parte do Imperador, offendendo-se huns aos outros com descuberta guerra, foy necessario, que alguns Principes, e Senhores de Alemanha metessem a maõ em quietar estas differenças; e de tal maneira se houveraõ nellas, que fizeraõ paz entre elles com condiçaõ, que Beraldo fosse excluido, e degradado por tempo de dez annos de toda a Provincia de Alemanha: o qual obedecendo á sentença, se partio logo com intençaõ de visitar a casa do Apostolo Santiago em Compostella de Galliza, e da volta ficar em Hespanha, ajudando algum dos Reys della na guerra, que traziaõ continua contra os infieis; mas porque passando por terra de Genova, fez hum bom serviço a El-Rey de Borgonha, Senhor della, e de outros grandes estados; El-Rey lhe pediu quizeffe tornar por sua casa, o que elle fez, e esteve nella alguns annos; em os quaes fez tais serviços a elle, e a seu irmão Rodolfo, que no Reyno lhe succedeo, que mereceo fazeremno Governador de alguns estados grandes, e Senhor de outros não pequenos: confiando tanto de sua prudencia, que sempre lhe encomendavaõ as cousas mais importantes. Como foy a defenõa do Condado de Mariana, que os Genovezes seus inimigos, com outras ajudas, lhe inquietavaõ, e destruiã; dos quaes alcançou Beraldo tão illustres victorias, vencendo-os por cinco vezes, que ficaraõ elles impossibilitados a fazerem outra guerra tão cedo; e o Condado de Mariana para sempre pacifico, e quieto: e porque tambem Rodolfo não deixou herdeiro, que lhe succedesse, ficou o Reyno de Borgonha devoluto ao Imperio.

*Este*

Damião de  
Goes na  
Chronic  
del Rey D:  
Manoel 4  
parte Mo-  
narch. Ec-  
clesi. l. 23 c:  
26.  
Julian. Ta:  
boetius de  
genealog.  
Princip.  
Sabaudio:



Este Beraldo teve hum filho, chamado Humbert das Mãos brancas, que por sua morte lhe succedeo em seus estados, sendo já Imperador Henrique I. que succedeo a seu tio Otho III. O qual sabendo da morte de Beraldo, chamou a Roma seu filho Humbert, e nella lhe deu, e o investio de juro, e herdade no mesmo Condado de Mariana pelos serviços de seu pay, em fazer aquella Condado pacifico aos Reys de Borgonha. Este Humbert, que foy o primeiro Conde de Mariana, Senhor de outros muitos estados, que por casamento adquirio, houve hum filho, que lhe succedeo, chamado Amadeu, tão esforçado cavalleiro, e valeroso Capitaõ, que foy grande parte, e principal ajuda, para o Conde Geraldo de Borgonha alcançar huma grande vitoria dos Condes de Lorena; e Barri. Pelo qual, e pelas excellencias de sua pessoa, e nobreza o Conde Geraldo o casou com huma sua filha, chamada Joanna, de quem o Conde Amadeu houve Humbert, seu filho, e herdeiro; que foy pay do famoso Amadeu, Conde de Mariana, que de sua mulher Dona Guione houve a Rainha Dona Mafalda, mulher, que foy de Dom Affonso Henriques; e sua parenta, por razã do Conde Geraldo de Borgonha, bisavô do Conde Amadeu seu pay. Este he aquelle Amadeu, que tornando de Syria, onde foy duas vezes por Capitaõ da gente do Papa á gloriosa conquista de Jerusalem, faleceo em Chypre, indo em companhia de Philippe Augusto Rey de França; e foy sepultado nobilissimamente na Abbadia do monte de Santa Cruz, junto da Cidade Nicocia, no anno do Senhor mil e cento e cincoenta e quatro. Delle se contaõ muy illustres feitos, entre os quaes he muy celebrada aquella grande vitoria, que em defenõ dos cavalleiros de Rhodes alcançou dos Turcos. Pelo qual, e por outras qualidades, que em sua pessoa concorrẽão, mereceo, que o Imperador Henrique V. o fizelle Principe; e Vigario geral do Sacro Imperio em Italia, e primeiro Conde dos grandes senhorios de Saboya, com outros muitos estados, e preeminencias. Desta Rainha tão nobre, e de tão generosos progenitores, houve El Rey Dom Affonso Henriques duas filhas; e hum filho, que foy o seu primogenito, Dom Sancho, que lhe succedeo em

1154.

Illes. in  
pontificali  
l. 4 c. 25.

Et Garib.  
Ibidem.

em o Reyno, e as filhas foraõ a Rainha Dona Urraca; que casou com Dom Fernando o segundo, Rey de Leaõ, e Galliza; do qual depois foy apartada por sentença do Summo Pontifice, por haver entre elles parentesco de primos segundos; sendo todavia já nascido de entre ambos Dom Affonso o IX, que nos Reynos succedeo ao pay, e o foy del Rey Dom Fernando o Santo, que restituiu aos Christãos as Cidades Sevilha, e Cordova, livrando-as das tyrantias dos barbaros Alarabes. A outra foy Dona Thareja, que casou com Philippe, primeiro do nome, e decimo settimo Conde dos Estados de Flandes, que morreo de peste no cerco de Ptolemaida, andando nas guerras ultramarinas. E ella chamando-se Madama Matildes (que he o nome, em que os Flamengos mudaõ o de Thareja) depois de mostrar ao mundo, que em nada degenerava do grande Dom Affonso seu Pay (na grande prudencia, e fortaleza de animo, com que governou os Flamengos em ausencia de seu marido) veyo a morrer de hum infelice caso, no anno do Senhor mil e duzentos e dezoito, e está sepultada em o nobilissimo Mosteiro Claravalense em Borgonha; e porque deste nobre matrimonio não ficaraõ filhos, herdou os estados de Flandes Madama Margarita, irmãa do Conde Philippe, casada com Baldunio, Conde de Henão, pay dos dous Imperadores, que foraõ de Constantinopla, Balduino, e Henrique. Houve mais El Rey D. Affonso hum filho natural, chamado Pedro Affonso, cuja successão, e dignidade, ainda que se não sabe, não devia ser pouco illustre. Teve tambem huma filha bastarda, chamada Urraca Affonso, que casou (segundo diz o Conde Dom Pedro no titulo vinte e seis) com Pedro de Valladares, cuja filha foy huma Sancha Pires, que casou com Dom Pedro Rodrigues Giron; irmão de Dom Gonçallo Giron, que com outros seus irmãos, e parentes, foraõ grande parte na vitoria das Navas de Tolosa, que alcançou dos Mouros Dom Affonso III, Rey de Castella, dos quaes descendem os Asturias, Castanhedas, Vellascos, e Hinojolas. Outros dizem, que esta Urraca Affonso casou com Dom Sancho Nunes, cujo neto foy o Conde Men-de Sousa, que deu honrado principio á illustre familia deste appellido. Estes são os descendentes, que o

Ambrosio  
de Morales

1218.

Doct. H.  
ronim. Gu  
diel in  
Chronica  
Girionum  
c. 9.

posso



nosso primeiro Rey deixou no mundo, e suas famosas obras, as que ouvistes, em cuja narraçãõ mais se respeitou á angustia do tempo, que á grandeza dellas.

## C A P I T U L O VIII.

*Dos Reynos, e grandes Senhorios, e muitas outras cousas notaveis, que com o Reyno de Portugal tiveram principio.*

**N** Aõ sey eu ( disse o Italiano ) que houvesse no mundo Principe tão excellente, que tão alto principio dêse á sua nova Coroa, como este nosso primeiro Rey; e posto que estes seus descendentes fossem tão insignes no mundo em obras illustres, como a fama publica, não pôdem deixar de lhe conceder a palma, que seus maravilhosos feitos merecem. Antes ( respondeo o Portuguez ) forão elles taes, que sendo este, que poz a primeira pedra de virtude esclarecida, e bastante para ser grandissimo edificio, houve muitos, que depois d'elle succederão, tão grandes edificadores no sumptuoso Templo da Gloria, e Fama, que o passado, que bastava para o fazer altissimo, tomirão sómente por assento, e fundamento d'elle. Resultando nesta heroica familia tão insigne grandeza, que não foy hum só o Principe, nem singular, e desacompanhada a virtude, que os presentes tem para imitar com gloria sua. Mas pondo de parte ( acudio o Italiano ) esta contenda, que de seus merecimentos se vay levantando; he muito para considerar o breve tempo; em que este edificio ( como lhe vós chamais ) de Lusitanos triunfos se poz tão alto, porque outros Reynos, Monarquias, e Senhorios, que muitos annos antes tiveram principio, a velocidade, que os levantou essa mesma os poz por terra: e aos que forão crescendo com vagaroso passo, ou seu descuido de todo extinguiu, ou mudou a fórma. Como forão essas quatro monarquias, que tantas voltas déraõ ao mundo, pelo Santo Daniel profetizadas. Porque a primeira dos Babylonios, que começou em Nabucodónosor, pouco menos de quinhentos annos antes da vinda de Christo ( como diz Genebrardo ) durou pouco mais de cem annos; se se ha de computar o tempo, em que absoluta-

Ezechiel c.  
I D. Hieron. ibidem  
Dan. c. 2.  
Idem c. 7.  
Zachar. c. 6.

solutamente senhoreou o mundo. Pois a segunda ennobrecida por Cyro, que chamão dos Perlas, e a terceira dos Macedones, que o Grande Alexandre arrebatou das mãos ao soberbo Dario, e depois foy dividida em diversos Reynos pelos seus successores, não duraraõ mais, que até o tempo de Augusto Cesar, que foy tambem o de nossa redempção, em que elle com os seus Romanos, muy sollicitos, e cubiçosos de senhorear, meteo debaixo de seu jugo, e Monarquia todos os Reynos, que ainda das outras permaneciaõ. A qual Monarquia Cesárea, e Augusta, e o seu Romano Imperio, não permaneceu em seus naturaes senhores muito tempo; porque passados cem annos, vieraõ a imperar nelle Nerva, Trajano, e Hadriano, Hespanhoes, e outros Estrangeiros, que abriãõ as portas da ousadia a muitos de obscura, e baixa sorte; chegaraõ à dignidade Imperial, com que causaraõ em o Imperio muita divisaõ, e em seu subditos soberba, e poder para se fazerem isentos; até que o mesmo senhorio Romano se passou por Carlos Magno aos Reys de França, depois aos Longobardos pelos seus Berengarios, e aos Alemaens pelos Saxonos, em que a Igreja Catholica passou muitos trabalhos, perseguiçoens, e tyrannias; e ultimamente, sendo já chegado o tempo de seu descanço, permittio a Providencia Divina, que a Inclyta Casa de Austria nelle entrasse por Alberto VI, e Federico III, que foraõ os primeiros Imperadores daquella felicissima Casa; para que Deos fosse mais glorificado, e sua Igreja exaltada, defendida, e accrescentada. Pois as grandes mudanças, que nos Reynos de Italia, França, e Hespanha causaraõ as tumultuosas entradas dos barbaros Septentrionaes, Godos, Alanos, Suevos, Vandalos, Unhos, Burgundiones, Simbros, Francos, e Longobardos, e as que depois nos Reynos, que estes mesmos fundaraõ, causaraõ os perfidos Alarabes Mauritanos, cuja multidão, e barbaria parecia, que senaõ podia extinguir em algum tempo: bem mostraraõ a boa fortuna deste Reyno em crescer, e augmentar-se; pois não sómente com a velocidade se levantou, mas com o lento passo se foy accrescentando

Naõ he este Reyno (respondeo o Portuguez) o que

Genebr. 11  
4 chro. in  
Princip.

Baptista  
Egnat. l. 1  
in epitome  
Imperator.  
Fr. Joan. de  
Pineda in  
genealog.  
Austriacæ  
domus Et  
in M n Eccl  
cles. l. 23  
c. 25 E. Ge  
nebr. in  
Chronolog.  
lib. 4 Leo  
nardus  
Aretin. de  
Orig. Goto  
rum Ar  
chiep.  
Toler. l. 1  
Ecomnes  
hist. uni  
vers velut  
Tarcagnota  
Genebr.  
Monarci  
Eccles. Plas

II.



Eleição Petr. 10 no tempo, em que elle começou, teve essa prerogativa  
 Mexia, Eu- de perpetuidade; porque foy aquelle seculo o mais flo-  
 scbi in hist. rescente, que houve no mundo, em principiar grandes,  
 Eccles. & e singulares cousas, que por muito tempo permanecêrao.  
 alii Geneb. Porque a ordem, que ainda hoje se guarda na eleição dos  
 h 4 Distinc. Sacros Imperadores (como dissemos) foy instituida no  
 23 c. 1. anno do Senhor mil e dous, pelo Papa Gregorio V. na-  
 Monarch. tural de Saxonia: ordenando, que fossem leis os Eleito-  
 Eccles. lib. res, e todos naturaes de Alemanha: os tres, os Arcebis-  
 16 c. 12. pos de Moguncia, Colonia, e Treveis, os outros tres Prin-  
 Mescas in cipes seculares, o Conde Palatino do Rhin, o Duque de  
 Pontific. 1. Saxonia, e o Marquez de Brandenburg: e que partindo-  
 5 & 2 Ge- se os votos em iguaes partes, aquelle seria legitimamen-  
 neb. l. 4. te eleito, a quem o Duque, ou Rey de Bohemia (porque  
 Chronolog. ainda entao era Ducado) desse o seu voto, o qual para is-  
 Pandolp. so havia de ser chamado com as mais solemnidades, que  
 Calene. in hist. Napol. do ceremonial Romano se collige, que até nossos tempos  
 Pontific. lib. se costumárao inviolavelmente.  
 1. 5 c. 20.

Monarch. A eleição do summo Pontifice foy tirada ao povo  
 Eccles. lib. Romano, e a outra multidão de Eleitores, que muitas  
 26 c. 5. vezes o faziao como não deviaão, e concedida ao consis-  
 Geneb. l. 4. torio dos Cardeas da Igreja Romana pelo Papa Nico-  
 Monarch. lao II natural de Saboya, em o mez de Abril de mil e  
 Eccles. lib. cincoenta e nove, como se contém no Decreto, que co-  
 19 c. 5. meça: *In nomine Domini.*  
 Volat. l. 7.

Tarcagnota O Reyno de Ungria começou em o anno do Se-  
 lib 15. Joan uhor mil cento e dous, sendo seu primeiro Rey Ste-  
 Vas. in fine phano, o qual por alcançar por mulher a Rainha Gisella,  
 Mescas in irmãa do Imperador Henrique II, se converteo á Fé de  
 Pontificali Christo com todos os seus, e dahi a pouco tempo deix-o o  
 l. 4 c. 81. Reyno; e se recolheo em o Mosteiro do Monte Cassino,  
 Volat. l. 2. da Ordem de São Bento em Italia, onde floresceo em vir-  
 Geographi tudes de maneira, que foy collocado no Cathalogo dos  
 Tarcagnota Santos.  
 libro 25.

O Reyno de Napoles, e Sicilia começou em Ro-  
 gerio Normando; que, pelo aquietar, lhe concedeo o  
 Papa Innocencio no anno do Senhor mil e cento e trinta  
 e oito, com titulo de feudatario da Igreja, por ser do seu  
 patrimonio, que a Condesa Mathildes lhe deixou em  
 Italia.

O Reyno de Bohemia teve principio em Uladislao, a que o Imperador Henrique IV declarou por Rey em Moguncia, no anno do Senhor, mil e oitenta e seis (como diz Aeneas Sylvio) porque venceu a Leopoldo, Marquez de Austria, seu inimigo; ainda que Volaterano, e o Mestre Joao Tarcagnota dizem, que o Imperador Frederico I, foy o que deu o primeiro titulo de Rey a Uladislao, filho de outro, que venceu a Leopoldo. Tambem os Reynos de Castella, Gascunha, e Aragoa tivérao principio naquelle bem afortunado seculo. Porque Dom Sancho Garcia, Rey de Navarra, pelas excellencias de sua pessoa chamado Imperador, vindo a casar com Dona Elvira, filha mayor, e herdeira do Conde D. Sancho de Castella, houve della tres filhos, Dom Garcia, Dom Fernando, e Dom Sancho. Os quaes por certo desgosto, que com a Imperatriz sua mãy houveraõ, deraõ favor a Dom Garcia; que era o mais aggravado, para que accusasse a Imperatriz ante o Imperador seu pay de adulterio. Restando já a sentença para se pronunciar, Dom Ramiro, filho bastardo do Imperador (ou segundo outros dizem, filho de outra mulher, com que dantes fora casado) se poz em campo para mostrar pelas armas, conforme ao fôro de Hespanha, que os outros irmãos mentiaõ; e sempre houvera de vir a effeito; senaõ que Dom Garcia persuadido de hum Santo Hermitaõ, confessou o seu peccado, e ficou a Imperatriz livre, e perdou aos filhos, com condiçaõ; que Dom Garcia não herdasse no seu Condado de Castella, e que o houvesse Dom Fernando com titulo de Rey, que foy o primeiro: e que a Dom Ramiro seu enteado se lhe desse Aragoa: e a Dom Garcia deraõ Navarra, e a Dom Sancho Gascunha, e todos se chamáraõ Reys. De sorte, que em hum mesmo dia tivérao principio os Reynos de Castella, Aragoa, e Gascunha, que foy (segundo dizem Illescas, e Vaseo) em o anno do Senhor mil e dezasete, ou mil e trinta e quatro, como diz Caribay.

Garib. l. i. 112

Monrrch.

Ecclesi. l. 19

c. 24.

Tambem em tempo do Papa Victor II. Alemaõ, Imperando Henrique III, ainda que Pineda diz IV, e sendo Rey de Castella Dom Fernando o Magno, em o anno mil e cincoenta e seis foy Hespanha declarada por



Chron. 1  
Carmelit.  
l. 2.

livre da superioridade, que o Imperador de Alemanha pretendia ter sobre todos os Principes Christãos: fazendo disto hum decreto em o Concião, que naquelle tempo se celebrou em Florença, onde se poem largamente as causas, que para isto houve; e como por conselho do Cid Ruy Dias se negou o tributo em Hespanha, e se moveo guerra contra o Imperador, ainda que já havia algum tempo, que hum cavalleiro Portuguez tirara o feudo da espada, que Hespanha aos Romanos pagava, vencendo em Roma (onde elle fora em romaria) a hum cavalleiro Romano, que por parte do Imperador defendia os tais tributos, e homenagens. Chamavase este Portuguez D. Soeyro Mendes, o bom irmão de Dom Gonçallo Mendes da Maya o Lidiador, illustre progenitor da nobilissima familia dos Pereiras neste Reyno, como refere o Mestre André de Resende. Quasi todas as ordens militares, que houve em Hespanha, e algumas de outros Reynos tambem foraõ naquelle dourado seculo instituidas. Porque em tempo do Pontifice Gelasio II. no anno do Senhor mil e cento e quatorze, teve principio a ordem dos Cavalleiros Templarios em Jerusalem, fonte, e origem de todas as mais ordens de milicia, que houve em Europa. Foraõ seus primeiros fundadores nove Cavalleiros Latinos, hum dos quaes se chamava Hugo de Paganis, e outro Canfredo, ou Iofre de Santo Adelmano, ou Adelmaro (como diz Genebrardo;) os quaes indo visitar o Santo Sepulchro de Jerusalem, se recolheraõ com outros companheiros em o Templo de Salamaõ, reedificado por Santa Helena, para nelle servirem a Deos, como faziaõ, assegurando os caminhos aos peregrinos; e com o mesmo zelo se ajuntaraõ a elles outros muitos; e vieraõ a ser muy estimados: porque quando sahiaõ armados, faziaõ maravi'har o mundo de seu valor, e despidas as armas, eraõ da mais suave, e alegre conversação, que podia haver. Militavaõ debaixo da regra de S. Bento; e S. Bernardo lhes deu estatutos, e regra, e confirmou a o Summo Pontifice; dandolhes huma Cruz vermelha, que trouxessem sobre a veste branca, que dantes costumavaõ; com a qual fazendo maravilhosas obras contra os infieis, vieraõ em poucos annos a crescer em riquezas

Genebr. l. 4  
Chrono-  
Volat. l. 21  
Monarch.  
Ecclef. lib.  
2 c. 2.  
Polid. de  
inv. rerum  
l. 7 c. 5.  
Platin. in  
vita Gelasii  
2. Illecl. ibi  
Joan. Tar-  
cagnola l.  
22.  
P. Æmil.  
lib. 5.  
Anton. 2 p.  
tit. 17 c. 1  
Guilh. Tyr.  
l. 12 c. 7.  
Boccat l. 9  
decafib. vir  
illust. Sabel  
Æne. 9 l. 4  
Volater.  
Genebr.  
Polyt. Tra-  
cag. Mo-  
narch. Ec-  
clef. ubi su-  
pra Pon-  
tiff. l.

quezas

quezas, e ser muito poderosos, e depois, passados duzentos annos, forão extinguidos no tempo do Papa Clemente V. no anno do Senhor mil e trezentos e dez.

Nesta mesma occasião, ou pouco depois (acudio o Italiano) começou a ordem dos Cavalleiros do Hospital de São João, que hoje dura, e durará com mais felice progresso, do que foy a dos Templarios. A cuja imitação foy seu primeiro fundador Geraldo, Cavalleiro Francez, natural da Provincia de Tolosa, o qual, e outros seus companheiros, que por occasião das santas guerras naquellas partes andavaõ, tinhaõ cuidado de recolher, e curar os peregrinos enfermos, em hum hospital da invocação de São João Baptista, que desde o tempo antigo estava fundado junto ao Rio Jordaõ, onde Christo foy baptizado. E se morriaõ os enfermos, elles mesmos lhes davaõ sepultura, e aos vivos acompanhavaõ até visitarem os Lugares sagrados. Pelo qual continuando elles sempre este tanto exercicio, vieraõ a ser dos Principes Christãos muy favorecidos, e a sua santa Irmandade recbida na protecção da Santa Sé Apostolica pelo Papa Lucio II, e depois a confirmou Eugenio III, e lhe deu regra de Santo Agostinho, com os tres votos de castidade, pobreza, e obediencia; dandolhe habito negro, e Cruz branca de oito pontas, que significavaõ as oito Bemaventuranças do Evangelho. Seu primeiro assento, e cabeça, foy em Jerusalem, a qual perdendo-se, esteve em Acre, e lançados della, se trasladou á Ilha de Rhodes, que lhe deu o nome, a qual os seus Cavalleiros tomáraõ de poder de Turcos, e Sarracenos, com cerco de quatro annos, e no do Senhor mil, e trezentos e nove. Mas perdida ella por descuido, ou occupaçoens dos Principes Christãos de Europa, havendo duzentos e quatorze annos, que a sustentavaõ, se passáraõ á Ilha de Malta, que lhe deu o Imperador Dom Carlos V. E nella com seu antigo, e costumeado esforço enfreaõ a feberba ao barbaro Turco, segurando de sua furia a Christandade. Pelo qual a sua Religião está hoje dilatada por quasi todas as Provincias do Occidente, e tem nelle muy ricas commendas em Italia, Alemanha, França, Provença, Albornia, Aragoes, Valença, Catalunha, Castella, Navarra, e Portugal.

A' imi-

5 cap: 17  
Garib. l. 1.  
Antoni ubi  
sup & t. 15.  
c. 20 Guil.  
Tyr. l. 18  
c. 5. Blond.  
l. 9 dec. 2.  
Genebr.  
& Volateri.  
Blond. & P.  
Æmi.

1523.

Monarchi  
Ecclesi. l. 2.  
c. 22.



Tarcag. Ge:  
nebr. Polid.  
dor ubi sup.  
Joan Bo:  
hem. l. 4 de  
morib.  
gent.

A' imitação destes, e no mesmo tempo, huns cavalleiros, Theutonios de Alemanha, querendo-se mostrar diferentes das outras nações, instituirão huma ordem militar, edificando hum sumptuoso Templo da Invocação de Nossa Senhora, com seu hospital, em que curavaõ os enfermos peregrinos, e havendo necessidade, tambem com as armas os defendião, e pelejavaõ animosamente pela Religião, e para isso andavaõ sempre aparelhados. Foylhe da lo por divisa Cruz preta em habito branco. Esta ordem, ainda que teve pequeno principio, veyo depois a ser tão rica como as outras, sendo pelas catholicas obras de seus cavalleiros favorecida dos Principes Christãos.

Polid. ubi:  
sup. Mo:  
narc. Eccl.  
l. 22 c. 22.  
Volaterr.  
Garibay  
Genebr ubi  
sup. Tarcag.  
l. 9 in fin.  
Nobl de  
Ancal. l. 1  
c. 32 Cassin  
p. 9 confid.  
& 8 Nau:  
cler vol. 2  
fel. 19 Ra:  
des de An:  
dra in hist.  
ordin. H. l.  
paniz.

Tambem a ordem dos Cavalleiros de Santiago, (diz-se o Portuguez) e que em a nossa Hespanha foy tão importante (ainda que alguns digaõ, que seu principio foy mais antigo) neste tempo, no anno do Senhor mil e cento, e cincoenta e cinco foy solememente instituida. Foy seu primeiro Mestre, e fundador Dom Pedro, natural de Puente Encalada, lugar do Bispado de Astorga. O qual querendo servir ao Senhor nas santas conquistas, que os Reis de Hespanha naquelle tempo faziaõ, se juntou com outros doze companheiros (como alguns dizem) tomando por seu advogado particular o glorioso, e bemaventurado Apostolo Santiago (Patrão das Hespanhas já desde o tempo, que ElRey Dom Ramiro alcançou a milagrosa vitoria de Clavijo, e se foy comelles aos exercitos, e fronteiras, que contra Mouros pelejavaõ, fazerlhe cruel, e continua guerra, em habito chaõ, e cabellos curtos, que naquelle tempo era documento de grande humildade. E perseverando nesta obra com muito fervor espirital, não faltaraõ muitos varoens nobres, e esforçados, que nelle os imitassem, fazendo-se seus companheiros no zelo de augmentar a Fé Catholica, e na sua Religiosa vida. Foraõ recebidos na protecção da Santa Sé Apostolica, e lhe déraõ habito branco com huma Cruz vermelha a modo de espada, que o Vulgo chama lagarto; e as armas da Ordem são a mesma Cruz vermelha, com huma concha no meyo della, em campo de Ouro. As conchas são insignias do Apostolo Santiago, que usão

usão os peregrinos trazer nos sombreiros, em testemunho de sua romaria: assim como quando hiaõ a Jerusalem, traziaõ palmas os peregrinos, e por isso de alguns eraõ chamados Palmeiros. E vieraõ a ser taõ estimados estes Cavalleiros de Santiago que alcançaraõ (juntamente com a regra, e ordem de viver) muitas graças, e privilegios; e pela largueza, e liberalidade santa dos Catholicos Reys de Hespanha, vieraõ a ser senhores nella de tantas terras, possessões, e proventos Ecclesiasticos, e seculares, que com o progresso do tempo chegou sua potencia a ajuntar mil lanças grossas, postas em campo, só dos Reynos de Leaõ, e Castella. Possuem hoje muitas dignidades, Conventos, e Mosteiros, Hospitaes, e Collegios, e outras casas pias, onde incessavelmente se serve ao Senhor. Ha nesta Ordem sómente nos Reynos de Leaõ, e Castella noventa e duas commendas de grandes rendas, e mais de seiscentos Cavalleiros do habito, e duzentos e vinte Clerigos Freires, que residem em os Conventos, e benefícios.

Dom Sancho o terceiro Rey de Castella; estando em Toledo, no anno do Senhor mil e cento e cincoenta e oito, lhe veyo nova, que grande multidão de Mouros vinhaõ sobre a Villa de Calatráva, e naõ tendo El Rey ao presente commodidade para lhe dar soccorro; porque os Templarios, cuja ella era, naõ bastavaõ a defendella, aconteceu, que Raymundo, Abbade do Mosteiro de Santa Maria de Fitero, em Navarra, na Ordem de Cister, por conselho de Fr. Diogo Vallasques (que já fora soldado, e Cavalleiro do mesmo Rey) se offereceo a soccorrella, e com sua licença tomou a cargo aquella catholica empreza, e com ajuda do Arcebispo de Toledo se aparelhou para sustentalla. Mas, ainda que desta vez naõ vieraõ os Mouros, naõ deixou El Rey de fazer mercê daquella fortaleza ao Abbade Raymundo, por lhe gratificar taõ bom desejo, e os gastos, que já tinha feito, nos aparelhos necessarios para defensão della. O Abbade a aceitou, e de sua mão poz nella gente de guarda em habito monacal; e depois dahi a muitos annos lhe foy dado huma Cruz vermelha com quatro flores de lyrios nas pontas, que chamaõ floreteada, que tomáraõ por divisa em os peitos,

a imitar

Nobl. de  
Andaluz. c.  
32 l. 1. Pontific  
l. 5 c.  
ult. Et fere  
omnes sup.  
citati elidit;  
Cassan. 9 p.  
confid. 8  
Rades de  
Andrade, in  
l. ordinum  
milit. Hisp.



à Coitação dos Cavalleiros da Santa Cruzada, que por aquelles tempos passavam as santas guerras de Jerutalem; e deste modo foy instituida a Ordem Militar, que chamaõ de Calatráva, e foy seu primeiro Mestre Dom Nuno Peres de Quinhøens. Nella os seus Cavalleiros professáraõ sempre castidade, junto com outros votos; até que o Papa Paulo III em o anno do Senhor mil e quinhentos e quaren-  
ta, lhe deu licença para casarem.

1540.

Nobl. de

Andaluz 1.

11 c. 22

Monarch.

Eccl. l. 22.

Tambem em o nosso Portugal por este tempo, junto ao anno do Senhor, mil e cento, e quarenta e sete, El-Rey Dom Affonso Henriques instituiu huma Ordem Militar, naõ menos insigne, que as mais. E chamou-se ao principio Cavallaria de Evora, porque teve seu primeiro Mestre Dom Fernando Monteiro. Depois em o anno do Senhor mil e cento e oitenta e hum, o mesmo Rey D. Affonso Henriques lhe fez mercê do Castello de Aviz, na Provincia do Alem-Tejo, pelo muito, que os Cavalleiros desta Ordem na sua Conquista se signaláraõ. E sendo alli trasladado o Convento, se chamou de Aviz. Tem por Armas em suas bandeiras huma Cruz verde em campo de Ouro, da fôrma da de Calatrava, e ao pé della duas aves negras, por allusão do nome de Aviz. No anno do Senhor, mil e cento e setenta e sete teve principio em Castella a Ordem de São Julião do Pereiro, e foy approvada pelo Papa Alexandre V. a petição de Dom Gomes, primeiro Mestre della, que dantes se chamava Prior de hum lugar, chamado Pereiro, que deu nome á Ordem. Depois, no anno mil e duzentos e dezoito, trasladando se á Villa de Alcantara, mudou o nome, e ficou sujeita á Ordem de Calatráva, que com esta condição lhe fez doação daquella Villa. Trazem por divisa a Cruz de Calatráva verde, e a mesma tem por armas, em campo de ouro. Milita debaixo da Ordem de S. Bento, moderada, e limitada. Estas Ordens, que para pelejar contra Mouros, e outros inimigos da Fé Catholica, foraõ instituidas no tempo passado, no presente, em que vivemos, tem interpretado as couzas de maneira, que muy poucos saõ os que pertendem alcançar, naõ sómente as commendas, mas nem ainda os habitos para este intento: procurando só accrescentar o estado á Commenda; ou adquirir honra militar com o habito.

Alén

Rades de

Andrala,

c. 2. Roder.

Archiepsco.

Toletan. l. c.

23.

1177.

1218.

Além destas Ordens, a que, pelos professores dellas *Illeſcā in Pont: l. 5* ſerem Cavalleiros, chamáraõ Militares: tambem naqu- *c. 13 Polid. de invent. l. 7 c. 3. Et fere omnes ſup. citati in eĩdem locis* le bem afortunado ſeculo foraõ instituidas outras de Religioſos de approvada, e ſanta vida. Porque no anno do Senhor, mil e oitenta e ſeis aconteceo em a Cidade Pariz, que hum Letrado, havido por virtuoso, veyo a ſer condemnado por graves culpas, que contra a Fé cometteo: do qual eſtimulado hum Sábio Varaõ, chamado Bruno, grande Filoſofo, e Theologo ſapientiffimo, natural de Colonia em Alemanha, ſe recolheo com ſete diſcipulos (que achou conformes á ſua devoção) em o deſerto da Cartuxa, no Delphinado de Vienna, que hoje he patrimonio dos herdeiros da Real Caſa de França; e ahi fundando aquella inſigne Caſa, chamada da Cartuxa, instituiu a Ordem do meſmo nome; a qual por ſer taõ eſtreita, e ſua vida rigorosa, e de perpetua penitencia, he de alguns ſantos, e doutos varoens, chamada a muy formosa columna da Igreja de Deos, como diz Garibay. Esta Ordem por ſua perfeição tem privilegio, para ſe poderem paſſar a ella de todas as outras, ſem diſpenſação Apoſtolica.

A Ordem de Cister, ſendo fundada no anno mil e noventa e oito por Roberto, nobre Cavalleiro, deſcendente da Imperial Caſa de Alemanha, com ajuda de Odom Duque de Borgonha, pouco depois veyo a ſer nella Religioſo S. Bernardo, celeberrimo Doutor da Igreja, natural de Caſtilhon em Borgonha; o qual edificando em ſua vida dezaseis Moſteiros, a amplificou de maneira, que o povo, mudando o ſeu primeiro nome de Cister, lhe chamaõ em muitas partes de S. Bernardo. A Ordem Grandimontenſe, muy eſtimada em França, foy instituida no anno do Senhor mil e ſeſſenta e cinco: ſendo ſeu primeiro Fundador hum ſanto varaõ, chamado Eſtevaõ.

Outras muitas couſas houve notaveis, obras daquelle dourado ſeculo, em que o noſſo Portugal teve principio, que deixo de referir, por eſtas parecerem baſtantes a moſtrar, que foy elle bem afortunado, e na prerogativa de perpetuidade aſſas floſcente. Quanto mais, que ſo a Coroa de Portugal o póde fazer celebradiſſimo,

*Plat. in vita Urbi 2 Christian Maſſ. l. 16 Pontific. l. 5 c. 15 & aliĩ ubi ſup. Laur. Sur. in vita S. Roberti Anton. 2 p. tit. c. 5 Idem ib.*



From the collection of the  
Library of the City of New York  
Purchased by the City of New York  
in the year 1824  
The City of New York  
has the honor to acknowledge  
the receipt of the above  
volume from the  
Library of the City of New York  
and to express its appreciation  
of the gift.  
The City of New York  
has the honor to acknowledge  
the receipt of the above  
volume from the  
Library of the City of New York  
and to express its appreciation  
of the gift.







## CAPITULO IX.

*Das cousas del Rey D. Sancho, primeiro do nome, e segundo Rey.*

**E** Spantado ficou o Peregrino da numerosa relação de tão preclaras cousas, todas com a Coroa de Portugal instituidas, e muy satisfeito da brevidade, com que foraõ relatadas; e desejando, que as mais cousas de Portugal com a mesma lhe fossem declaradas, pedio ao Portuguez, proseguisse o que tinha principiado; e porque elle já estava offerecido, e para o fazer aparelhado, começou dizendo.

El Rey Dom Sancho, segunda pedra neste nobre edificio, de que fallavamos, tambem illustrou em grande parte com suas gloriosas obras esta inclyta Coroa, e florescente idade de sua infancia. Porque ao tempo, em que devidamente foy obedecido por Rey de Portugal, além do real sangue, donde procedia, merecedor de outros mórres estados, já por suas claras obras, sendo ainda Infante (como atraz dissemos) se fizera digno de ser benemerito successor das virtudes, e estados do Grande Dom Afonso seu pay. Ao qual succedendo no anno do Senhor mil e cento e oitenta e cinco, ainda que nos primeiros tres annos em estado felicissimo se achava, governando seu Reyno em muita paz, e quietação, e povoando de novo muitas terras, e fazendo a seus subditos muitas mercês, e doaçoens dellas. Toda-via no fim delles sobreveyo tal cousa; que o poz em muito cuidado, e tristeza; sendo-lhe certificado, que a Casa Santa de Jerusalem era outra vez occupada pelo barbaro Saladino famoso soldado, e Calipha do Egypto: depois que do tempo de Godtfredo, primeiro Rey della, em poder de Christãos estivera oitenta e oito annos; e vendo tambem, que não podia corresponder com o que desejava, indo em pessoa, como os outros Principes Christãos faziaõ, á recuperação da Santa Cidade, por não estar ainda o seu Reyno tão confirmado, e fortalecido, que podesse resistir aos barbaros Alarabes, que por visinhos tinha, cujo sangue, por suas mãos derramado, os estimulava a cruel vinhança;

Volater 12  
21 Garib. in  
ejes vita  
Archiep.  
Toler. Roj  
deric. à Pinã  
Reg. script.  
Lusitan. &  
alii ibid. F.  
Alphonf  
Venet. &  
Marineus  
Siculus

1185.

Genebr. l. 4  
Chron. Mos  
narch. Ec-  
cles. l. 20  
c. 29



a qual elles não dilatarião muito tempo; se sua pessoa em Portugal faltasse; e que, sendo assim, estava a Christandade de Hespanha em grande perigo de ser outra vez occupada, destruida, e tyrannizada por estes perfidos Mauritinos. Pelo qual deixando de hir á catholica Conquista, mandou grandes ajudas, e esmolas a Jerusalem, e em Portual concedeo muitas Villas, e Castellos ás novas Ordens Militares do Templo, e do hospital de S. João, para melhor expedição da santa guerra: vendo, que a causa para Christãos era muito justa, e as necessidades, para remediar; erão urgentes, e piedosas: e entre outras terras, que deu á Ordem dos Templarios, foy a Cidade Idanha, bem conhecida dos Romanos, dos Godos e dos barbaros Mauritinos: e muito celebrada, por ser patria do famoso Wamba, vulgarmente chamado, Bamba, que foy Rey dos Godos em toda Hespanha ha mais de novecentos annos; e ainda que naquelles tempos foy muy estimada de todas estas naçoens, pelo discurso do tempo veyo a ser tão maltratada de huns, e outros, que não ha nella hoje setenta visinhos, todos moradores entre aquellas ruinas da vangloria dos Romanos, da barbaria dos Mouros, e do descuido dos Portuguezes. E com tudo isto muy contentes; porque ElRey Dom João III lhe chamou Cidade em huma sentença, e provizaõ, que eu vi: he regada do Rio Ponsul, a que hum Proconsul Romano, que nelle se affogou, deu esse nome, como em memoria dos seus naturaes, de huns em outros conservada se confirma esta opiniaõ. Esta Cidade de Idanha povoou depois seu neto ElRey Dom Sancho Capello, estando de todo destruida, como diz a sua Chronica capitulo ultimo; e não obstante estas verdadeiras testemunhas de sua grande devoção, e a bondade, e grandeza de seu coração, ainda não satisfeito, determinou em seu Reyno ser-lhe companheiro com as obras; já que com a pessoa em Jerusalem não podia; e começando com prospera guerra a fazer grandes males, e damnos nas terras, que os Mouros possuíão na Provincia de Andaluzia, com cerco trabalhoso do Castello de Serpa em Alem-Tejo, foy tal sua ventura, que aportou em Lisboa naquelle tempo, com elle contrario, huma armada de cincoenta e tres

velas de gente de Dinamarca, Phrisia, e Olanda, que para a santa guerra de Syria navegavaõ. Aos quaes elle recebeo benignamente, e agasalhou com real clemencia; mas como era catholico, e prudente Principe, tratou logo com elles, que pois sua partida por curlo dos tempos contrarios se dilatava: na terra, em que estavaõ, lhe não faltaria occasiaõ, em que pudessem com muita razã commutar seus votos, e desejos, que traziaõ de servirẽm a Deos contra os infieis. Porque se elles quisessem ajudallo, com pouco trabalho se faria senhor de algum lugar grande, e forte na costa do mar, donde os Mouros costumã fazer muito damno; e que se o tomassem, elles levariaõ toda a fazenda, que se achasse; e porque elles disto foraõ contentes, e tambem se determinou; que o lugar, que se havia de conquistar, fosse a Cidade Sylves no Reyno do Algarve, por ser Couto muy antigo dos piratas Mauritanos, donde sahiaõ a fazer suas presas em toda a costa de Hespanha: não houve mais dilaçaõ, que em quanto as cousas para a Conquista necessarias com muita brevidade se aparelháraõ. Das quaes providos, foy logo a Cidade cercada muy estreitamente, dando-lhe muy bravos combates asperos, e perigosos, que pelo Conde Men-de Sousa (nesta importante Conquista principal Ministro) foraõ animosamente governados, posto que de ambas as partes se recebia allã damno. Em hum dos quaes, pelo valor dos Portuguezes, sendo-lhe quebrantada, e tomada huma forte courassa, que nas necessidades lhe escufava fontes, e cisternas, foy a Cidade entregue a ElRey; mais por falta de agua, que diminuia as forças aos moradores della, que de esforço, que nelles não houvesse para se defenderem. Na qual entrando os vencedores; os Estrangeiros se fizeraõ senhores de hum riquissimo despojo, com que para suas terras se tornáraõ ricos; e contentes; e ElRey ficou satisfeito, e honrado; ainda que por sua morte se tornou a perder esta importante força. Neste mesmo anno de mil e cento e noventa e nove Dom Pedro Fernandes de Castro, chamado o Castellaõ, rico homem de Castella, e grande pessoa, andando por aggravos do seu Rey lançado entre os Mouros, ajuntou hum exercito deilles, e não sey de que



Rodericus á  
Plna in ejus  
vita.

de que movido, se veyo a Portugal pela provincia de Alem-Tejo, entrou roubando, e destruindo toda a terra; a Villa de Abrantes, que tambem tomou, e roubou, e reconhecendose com rica preza, e muitos cativos, lhe sahio ao encontro Martim Lopes, cavalleiro Portuguez, e com pouca gente accommetteo os Mouros, e fazendo grandes maravilhas em armas, os venceo, e desbaratou, e tomou toda a preza, e cativos; e ao mesmo Pero Fernandes prendeo, e levou triunfando a ElRey D. Sancho, que depois lhe deu liberdade. Mas não lhe durou muito o contentamento destas, e das outras vitorias; porque precedendo primeiro grandes, e espantosos prodigios, annunciando os males futuros, e entre elles aquelle grande Eclypse do Sol, pelos Historiographos tão celebrado, foy em seu tempo o Reyno de Portugal tão perseguido de trabalhos, e excommunhoens, e interdictos, doenças contagiosas, e infirmitades nunca vistas, que causaraõ assim em os homens; como em os animais muitas mortes subitaneas, e espantosas, abrazandolhes as entranhas com ardores fortissimos, e huma tão estreita, e rigorosa fome, por falta dos mantimentos necessarios, que muitos lugares de Galiza, e entre Douro, e Minho foraõ de todo despovoados; e nenhuma casa houve em todo o Reyno, que izenta se achasse de taes males. Havendo tambem grandes tormentas no mar, e bravissimos terremotos, de que morreo grande numero de gente. Até que por remate delles, e ultima destruição, e castigo, Abem Juceph, terceiro Rey dos Almohades, e Miramolim de Marrochos, descendente daquelle, que em Santarem matáraõ; por vingar a sua morte, e os mais damnos, e injurias; que de Portugal recebiaõ os seus vassallos, entrou em Portugal por diversas partes d'elle, trazendo em sua companhia os Reis de Sevilha, e Cordova, com grande multidão de Mouros de Hespanha, e Africa convocados. Com os quaes fez muy cruel estrago em toda a terra assollando Cezimbra, e Palmella, e outros Castellos, e fortalezas; talando campos, roubando póvos, e cativando homens, e mulheres, e mininos: e não perdoando a nenhum genero de crueldade, assim neste Reyno, como nos de Castella, Toledo, e Extremadura, se foraõ recolhen-

do para suas terras, por causa de huma infirmitade, que ao Miramolim sobreveyo, e podéraõ estes perfidos Mauritanos fazer todos estes males, sem os Reis de Castella, e Portugal lhes resistirem; por ser este barbaro Principe taõ poderoso, que era senhor dós Mouros de Hespanha, e da mayor parte de Africa. As quaes cousas sentindo ElRey Dom Sancho com aquelle animo piedoso, de que os Reis de Portugal se prezáraõ sempre, naõ entendeo em mais, que em reparar, fortificar, e fazer tudo, o que em suas terras os barbaros deixáraõ damnificado, e destruido; naõ parando aqui os trabalhos deste miseravel Reyno; tambem com ElRey de Leaõ Dom Affonso seu sobrinho, e genro, trouxe trabalhosa, e quasi domestica guerra; daqual depois de muitos damnos, e males de huma, e outra parte recebidos, resultou ficar elle senhor da Cidade Tuy em Galiza, e das Villas de Sampayo, e Pontevedra, e outros lugares, que em sua vida teve; os quaes depois os Reis de Portugal seus descendentes restituiraõ aos de Leaõ por concertos de paz, e amizade; e nos ultimos annos de sua vida, levando consigo o Infante Dom Affonso seu filho, e herdeiro, conquistou de poder de Mouros o Castello de Elvas, ultima obra das que em serviço de Deos obrou, e foy no anno mil e duzentos: depois disto, vindo ElRey a adoecer de sua ultima infirmitade, faleceo em Coimbra em o anno do Senhor mil e dozentos e doze, tendo cincoenta e oito de idade, e de Reyno vinte e seis. Seu corpo foy sepultado junto com o de sua mulher em o Mosteiro de Santa Cruz da mesma Cidade: e depois com os mesmos traslادado a huma rica, e honrada sepultura, á parte da Epistola, defronte de outra delRey seu pay, as quais seu descendente por linha masculina, ElRey D. Manoel, mandou fabricar sumptuosamente.

1212.

Foy ElRey Dom Sancho excellente; e generoso Principe, e hum verdadeiro successor do esforço, e heroicas virtudes do Grande Dom Affonso seu pay, que nelle florescêraõ admiravelmente: e sobre tudo foy hum diligentissimo executor de suas determinaçoens; e como Rey, em quem naõ faltava valor, e grandeza de animo para defender, accrescentar, e ennobrecer seu Reyno, fez



fez nelle taes obras, humas vezes conquistando terras de Mouros, outras desbaratando grandes exercitos delles, com muito perigo de sua pessoa; e outras fazendo de novo, e reedificando tantos póvos, castellos, e fortalezas, que justamente mereceo (entre as outras muitas prerogativas, em que foy excellente) cognomento de Povoador; e entre as mais notaveis, refez, e ennobreceo Torres-Novas, a Sé da Cidade Viseu, as Villas, Cêa, e Gouvea: povoou Penamacôr, e a Villa, e Castello de Sortelha: edificou de novo a Villa de Contrasta, que hora he Valença do Minho, e Monte-Mor o novo, Penella, e Figueiró; Covilhã, e Folgozinho; e a Cidade Guarda, segundo alguns dizem: e ennobreceo Cezimbra, e Pinhel, e outros muitos, que reedificou, ennobrecêo, e povoou. Foy casado com a Rainha Dona Aldonça, Infanta de Aragoão, filha primogenita de D. Reymão Berengario, duodecimo Conde de Barcelona, chamado commumente o Principe de Aragoão, e de sua mulher a Rainha Dona Petronilla, senhora proprietaria do Reyno de Aragoão, por razão de seu pay ElRey Dom Ramiro o Monge; a qual recebeo em Coimbra, quatro annos antes, que ElRey seu pay falecesse: e della houve quatro filhos, e cinco filhas. O primeiro foy D. Affonso, que lhe succedeo em o Reyno, e nasceo em vida do avô no anno mil e cento e oitenta e cinco.

1185.

O Infante Dom Fernando, que foy vigesimo Conde de Flandes, e outros muitos estados, por razão de sua mulher Dona Joanna, filha, e herdeira de Balduino XIX. Conde de Flandes, que falleceo sem filhos varoens, sendo Imperador de Constantinopla. Ao qual succedeo seu irmão Henrique, posto que este nosso Infante lhe houvera de succeder no Imperio, por ser casado com a primogenita, e universal herdeira do Imperador Balduino. Trouxe este Infante muitas guerras com os Francezes, e delles foy estimado por muy esforçado cavalleiro, e singular Capitaõ; e sendo ajudado do Imperador Otho IV, e de João Rey de Inglaterra, e de Reynaldo, Conde de Bolonha, e de outros senhores de Inglaterra, e Alemanha, na batalha, que deu a Philippe o II Rey de França, Cognominado Augusto, foy vencido, e preso, e reteudo em

Pariz

Pariz alguns annos, no fim dos quaes, pôr intercessão da Rainha de França Dona Branca, tia de Dona Joanna sua mulher, foy solto por Ludevico IX. Rey de França, e depois veyo a morrer, sem deixar filhos, no anno do Senhor mil e duzentos e trinta e tres.

O Infante Dom Pedro, que indo-se de Portugal por algumas differenças, que com ElRey seu irmão houve, ou com desejo de peregrinar o mundo, andou muito tempo na Corte delRey de Marrócos, e trouxe della a Portugal os cinco corpos dos Martyres, que chamaõ de Marrócos, que estão no Mosteiro de Santa Cruz desta Cidade Coimbra, e no magnifico de Lorvão de Freiras da Ordem de São Bernardo; cuja historia não digo, por ser tão vulgar, e notoria, como seus milagres excellentes, e maravilhosos. Depois disto se foy ao Reyno de Aragoão, onde casou com huma filha, e herdeira de Armegol, Conde de Urgel em Catalunha; e com ella houve o Condado. E delRey Dom Jaime de Aragoão, seu parente muito chegado, recebeo muitas mercês em satisfação de certas pertençaens, que naquelle Reyno tinha por parte de sua mãy Dona Aldonça, e tambem por seus altos mercimentos, e grandes couzas, que em seu serviço fez, dando-lhe o Reyno, e Ilhas de Malhorea, e Menorca. Mas porque o Infante não era poderoso a sustentalas contra a furia dos Mouros, que cada dia se lhe rebelavaõ, tornou ElRey D. Jaime a tomalas para si, e deu ao Infante a Cidade Segorbe, e a Villa de Morella, no Reyno de Catalunha; que elle com o seu Condado possuio, e nelle faleceo sem deixar herdeiros.

O Infante D. Henrique, que faleceo moço, e está sepultado em Santa Cruz.

A Rainha Dona Thareja, que foy casada com Dom Affonso, Rey de Leaõ, e Galiza, o IX do nome, e tendo já delle hum filho, e duas filhas, foy apartada delRey seu marido por authoridade, e mandado do Papa Celestino III por haver entre elles parentesco de primos; filhos de irmãos; e tornando-se ella para Portugal, lhe deu ElRey seu pay as Villas de Monte-Mór o Velho, e Esigueira, e outros lugares, com cuja renda fez o Mosteiro de Lorvão, de Religiosas da Ordem de Cister, que



dantes era de Frades da Ordem de S. Bento. Edotando-lhe quasi todos os lugares, que ainda hoje tem, e com que he riquissimo, viveo, e acabou nelle com toda a Religiao, e recolhimento, que a tao alta pessoa convinha, e no mesmo esta sepultada. E posto que se desfez o matrimonio, o filho, que herdou os Reynos de Castella, se chamou D. Fernando; e a filha Dona Sancha foy mulher de Dom Henrique o primeiro do nome, Rey de Castella, depois que se apartou da Rainha Dona Mafalda, filha del Rey D. Sancho de Portugal, com quem fora casado.

A Rainha Dona Mafalda, que sendo a mais formosa Princeza do seu tempo, e de outras graças, e virtudes rarissimas ornada, calou com Dom Henrique, primeiro Rey de Castella: mas porque tambem com elle tinha estreito parentesco dentro no quarto gráo, foy apartada por mandado do Papa Innocencio III, e tornando a Portugal, fundou o Mosteiro de Arouca, de Freiras de S. Bernardo, da Ordem de Cister, onde ella viveo, e acabou com muita religiao, e virtude, e nelle mesmo esta sepultada.

A Infanta Dona Sancha, que vivendo sem casar, foy Governadora, e Abbadessa do Mosteiro de Lorvaõ, edificou o Mosteiro de Xellas, junto a esta Cidade, tambem da Ordem de Cister, e invocação de São Bernardo; e estando na Villa de Alemquer, que seu pay lhe dera, fundou nas proprias casas, onde ella morava, hum Mosteiro da Ordem de São Francisco, sendo elle inda vivo: ella está sepultada no Mosteiro de Santa Cruz, com El Rey seu Pay.

A Infanta Dona Branca, que foy a Senhora de Guadalaxára, e vivendo sem casar, morreo em Castella, e mandou trazer seus ossos ao Mosteiro de Santa Cruz, onde estaõ.

A Infanta Dona Biringela, que criando-se com a Rainha sua irmã em o Mosteiro de Lorvaõ; viveo sem casar, e está sepultada em o Mosteiro de Santa Cruz.

Teve mais El Rey Dom Sancho, depois da morte da Rainha sua mulher, e de huma Maria Ayres de Fornello, huma filha bastarda, chamada Urraca Sanches, e hum filho muy esforçado cavalleiro, chamado Martim Sanches

Sanches; o qual sendo casado com Dona Oláya Pires, filha do Conde D. Pedro de Castro, chamado o Castellaõ, veyo a ser Senhor de quatro Condados em os Reynos de Castella, em que entrava o de Trastamara em Galiza, e morrendo sem filhos, foy sepultado em hum lugar da Ordem do Hospital de S. Joaõ de Castella, em terra de Campos.

De outra mulher muito formosa, e a que elle foy muito afeiçoado, chamada Maria Paes Ribeira, a quem deu a Villade Conde, houve ElRey a Dona Thateja Sanches, que foy casada com Dom Joaõ Affonso Telles o velho, que povoou Albuquerque, e foy pay de D. Joaõ Affonso Telles de Menezes, de quem procedem nobilissimas geraçoens. Houve mais da mesma dous filhos, e huma filha: Dom Gil Sanches de Portugal, que morreo sem casar; Dona Constança Sanches, o qual vivendo sem casar, acabou no Mosteiro de Religiosos de S. Francisco da Cidade Coimbra, que em vida do mesmo Santo fora começado, e está sepultado no Mosteiro de Santa Cruz. Dom Rodrigo Sanches, que morreo em huma batalha, que se deu junto da Cidade Porto, que não devia ser de Mouros: e está seu corpo no Mosteiro de Grijó, da invocação de S. Salvador, da Ordem de Santo Agostinho, de Conegos Regulares, junto da mesma Cidade Porto.

A todos estes filhos, e filhas, que foraõ nove legitimos, e seis bastardos, todos ainda vivos á hora de sua morte, deixou ElRey D. Sancho em seu testamento seus dotes repartidos neste modo.

Ao Infante Dom Affonso, seu filho mayor, declarou por herdeiro, e deixou duzentos mil cruzados de ouro para sustentar seu Real Estado. E a cada hum dos filhos, e filhas legitimas, dez mil cruzados: e a cada hum dos filhos bastardos, oito mil cruzados: e às filhas, tambem bastardas, sete mil cruzados, e certos marcos de prata a cada hum de todos elles. Porque em seu testamento declarou, que deixava juntos quinhentos, e tantos mil maravedis de ouro, que entaõ tinhaõ a valia, que hoje tem os cruzados, e mais mil e quatrocentos marcos de prata. E os cento e sessenta e nove mil cruzados, que restavaõ



dos quinhentos mil, repartio neste modo. Ao Santo Templo de Jerusalem, e ao Hospital da mesma Cidade da invocação de São João Bautista, e para se fazer a ponte de Coimbra, e para se instituir o Hospital de São Lázaro da mesma Cidade, e para se edificar hum Mosteiro da Ordem de Cister deixou dez mil cruzados para cada huma destas obras, e cinco mil para a fabrica, e bemfeitorias do Mosteiro de Alcobça. E ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra deixou dez mil cruzados, e huma baixella de ouro de muito preço, de que mandou se fizesse huma Cruz, que inda hoje permanece, e hum Caliz, e mais certos marcos de prata para se fazerem os frontaes dos Altares de S. Pedro, e de Santo Agostinho. Deixou tambem para resgate de Cativos quinze mil cruzados; e cinco mil para satisfação de algumas cousas, em que o achassem obrigado á restituição; e ao Papa Innocencio III. deixou cem marcos de ouro, e lhe pedio; que lhe fizesse comprir seu testamento inteiramente; e mandou, que os oitenta, e tantos mil cruzados, que restavaõ, se distribuíssem pelos Mosteiros pobres do Reyno; Igrejas, e Casas de Oraçãõ; declarando logo o que cada huma havia de haver. Deixou mais, além deste dinheiro, que todo era amoedado, muitas joyas ricas, e pannos de preço, e muitos cavallos, e grande copia de gado, que tambem repartio por seus filhos, e outras obras pias: de maneira, que não houve em seu Reyno necessidade alguma, a que não acudisse, nem falta de Oraçãõ, que fosse pobre, a que não fizesse esmola

## CAPITULO X.

*De muitas cousas notaveis, que em tempo del Rey D. Sanebo no mundo florescerão, e tiverão principio,*

**N**ÃO he logo certa (disse o Italiano) a opiniaõ daquelles, que affirmão, serem os Reys antigos de Portugal tão pobres de ouro, e prata, como ricos de esforço, e valor militar: pois este, de que fallastes, segundo o muito, que deixou, e as poucas riquezas, que entãõ havia em Portugal, foy riquíssimo; e já que seus descendentes foraõ crescendo em poder, e Conquistas, de

força

força havia de ser tambem nas riquezas: e quem as tem, não se póde chamar pobre. Por vida vossa (respondeo o Portuguez) que deixamos esles censores das vidas alheyas, pois mais cedo veremos a emmenda nos que lhe daõ credito, que nelles. Porque como a natureza quasi universal de todos os homens está mais aparelhada a crer o mal, que o bem; por isso alguns, que ao commum delles se querem fazer aceitos, amplificaõ á sua vontade qualquer pequena apparencia de defeito, que nos outros enxergaõ, ou imaginaõ; e como isto não he concedido a todos, querem singularizar-se com essa leve complacencia; porque ordinariamente folgamos de ouvir aquillo, que não podemos dizer. Mas se elles fossem taõ obrigados a certificar o que dizem, como são soltos em afirmar o que não sabem, ou deixariaõ a empreza, ou seus damnados animos ficariaõ manifestos; e a sua ignorancia conhecida, que he bastante pena de semilhantes culpas. Porque não houve Rey em Portugal, antes, e depois de suas riquissimas conquistas, que não emprestasse grande cópia de dinheiro a outros Principes; ou em outras cousas se mostrasse delle muito abundante, e em o gastar liberalissimo, como fez este, de que fallámos. Mas porque a fama destes esclarecidos Reys apresentará ante o acatamento dos homens estas verdadeiras queixas de sua honra, e credito, deixallas-hemos para outro mais conveniente tempo, por nos hora ficar algum, em que saibamos algumas cousas notaveis, que com este Rey no mundo floresceraõ.

Com não pouca razaõ vos parece; (respondeo o Italiano) porque nesse tempo, em o anno do Senhor mil e cento e noventa e oito, sendo dignissimamente levantado á sua dignidade Pontifical Innocencio III, que foy famosissimo Pontífice, de naçaõ Italiano, e em sangue muito illustre, e Honorio leu successor, foraõ tantas as cousas excellentes, que em seu tempo tivéraõ principio, e no mundo florescêraõ, que se póde haver por cousa maravilhosa; e entre ellas foy muito insigne a instituiçaõ de tantas Ordens de Religiosos, de approvada, e santa vida, que elle recebeo, confirmou, e favoreceo. E não parece sem mysterio, no tempo, em que o Pastor da Igreja de Christo tomou o nome de Innocencio, abraçarem suas ovelhas



ovelhas á innocência da vida, que nestas Religioens flo-  
 reſceo ſempre. Das quaes foraõ muy notaveis aquellas  
 duas celebradiffimas Ordens de São Domingos, e de São  
 Francisco, hum de nação Heſpanhol de Callarroja, ou  
 tro natural de Affis em Italia. O primeiro, ſendo Conego  
 Regular de Santo Agostinho, admoestado pela Sacratiffi-  
 ſima Rainha dos Anjos, ſe apartou com alguns compa-  
 nheiros, que achou á ſua devoção conformes. Com os  
 quaes tomando o habito ſemilhante ao que hoje uſaõ ſeus  
 Religioſos, ſe foy pela mayor parte de Europa a prégar a  
 verdade do Evangelho com tanto fervor, e zelo de  
 accreſcentar a Religião Chriſtãa, que confundio com ſua  
 doutrina muitos hereges; e entre elles os Albigenſes de  
 Tolofa, que naquelle tempo trabalhavaõ muito a Chriſ-  
 tandade, e com o exemplo da vida fazia emmendar mui-  
 tos Catholicos, que do caminho direito andavaõ erra-  
 dos: pertendendo accender nos coraçoens dos fieis a quaſi  
 extincta charidade Chriſtãa; e não era menos douto, que  
 Santo. Pelo qual creſceo tanto a ſua Religião em numero,  
 e ſantidade, que ſe tem por certo, que algum tempo hou-  
 ve no Mundo mais de quatro mil e duzentos Conventos,  
 e Moſteiros de Religioſos deſte Santo Prégador; que por  
 ſer niſto muy excellente, e ſua eloquencia admiravel;  
 e porque ſua familia no meſmo o imitou ſempre, veyo a  
 ſer a ſua Ordem intitulada dos Prégadores, por authoridade  
 dos Summos Pontifices; e houve nella ſempre Varoens  
 conſumadiſſimos em virtudes, e ſciencias.

A outra foy dos Menores, que instituio o Patriar-  
 ca da Pobreza São Francisco, aſſim chamado ( como diz  
 Volaterrano ) porque ao tempo de ſeu nascimento vinha  
 o pay de França com ſuas mercadorias feliciffimo. Eſte  
 Santo eſcolhendo habito mais humilde, e pobre, toman-  
 do conſigo alguns homens, que quizerão ſeguir ſua vo-  
 luntaria pobreza, e viver em obediencia, e caſtidade;  
 deixando o mundo, e ſuas riquezas, á imitação da ver-  
 dadeira perfeição do Evangelho, instituio a ſua ordem,  
 que por mais humilde chamou dos Menores. Para que  
 lembrados de taõ baixo nome, mais facilmente aborre-  
 ceſſem o vicio da ſoberba, e preſumpção, muy certos  
 adverſarios da ſantidade, e virtude, que elle no mundo  
 queria

queria renovar, e accrescentar, como fez, e nós bem vemos. Ha hoje tres regras deste Serafico Patriarca, cada huma dellas muy aspera na vida, e em santidade admiravel; e em todas ha tambem Religiosas, que á imitação de Santa Clara, particular discipula de São Francisco, e natural da mesma Cidade Assis, quizerão escolher aquella santa vida, em que florescerão sempre muitas Donzellas, e Matronas nobilissimas, em tão humilde habito, voluntariamente a Deos consagradas. Destas tres religiões sahiraõ muitas mulheres em santidade insignes, e tantos homens doutissimos, e Santos, tantos Bispos, Arcebispos, Cardeaes, e Summos Pontifices, que he cousa maravilhosa, e quasi sem credito o numero certo delles. Porque em tempo de Sabelico, que ha hoje mais de oitenta annos, diz elle, que havia noventa mil Religiosos de São Francisco; e com serem tantos, he tão grande o proveito, que fazem no mundo com seu exemplo, e doutrina, que nem a multidão delles enfada, nem o seu pedir cansa; antes he toda a gente tão liberal com elles, que tudo o necessario lhe sobeja, não sómente entre Christãos, que a isso são obrigados, mas tambem muitos Mouros, e infieis se mostraõ com elles liberalissimos: e diz São Boaventura, que viu este Santo Patriarca em sua vida, onze annos depois de sua primeira regra, em o valle Espoletano, que chamaõ das esteiras, mais de cinco mil Religiosos do seu habito, que á sua imitação admiravelmente dilatavaõ a Religião Christã até as ultimas partes da terra, dando a conhecer a verdadeira Fé Catholica a gentes barbaras, e feras, com sua profunda doutrina, e rarissimos exemplos de virtude, e santidade.

Tambem a ordem dos Ermitaens de Santo Agostinho nesta mesma occasião se poz na perfeição, em que hora está. Porque ainda que desde o Santo Doutor viviaõ os Ermitaens seus companheiros no Ermo, onde elle os deixou com seu habito, e regra, quando o fizeram Bispo de Hyppona, e a estes succederaõ outros muitos no mesmo genero de vida santa, e Eremitica; todavia, como era em lugares desertos, e solitarios, não eraõ tão conhecidos, nem de tanta gente seguidos, como os das Religioens, que em povoado habitavaõ. Até que

Fr. Marc. 2  
p. l. 3 c. 20

Fr. Marc. 2  
p. lib. 9 c.  
37 In vita  
D. Francisc



que Guilhelmo Conde de Pictavia, aconselhado por São Bernardo, em o anno do Senhor mil e cento e cincoenta e oito, deixando o mundo, tomou o habito destes Ermitaens. Onde florescendo em santidade, alcançou dos Summos Pontifices Romanos, que podessem viver em povoado, pelo qual se chamárao muito tempo Guilhelmitas, até que o Summo Pontifice os confirmou (segundo alguns) em tempo deste Rey D. Sancho, e lhe mudou o nome em Agostinhos, em cuja regra viviaõ, e dalli em diante perfeitamente a continuáraõ, florescendo em sciencia, e santidade, e em tanto numero, que houve já em algum tempo mais de mil e cincoenta Conventos de Frades, e trezentos de Freiras, da mesma Ordem.

Neste mesmo tempo começou a ser conhecida no mundo, e entre as outras insigne, a ordem de nossa Senhora do Carmo: a qual dizem os seus Religiosos, que foy principiada já desde o tempo dos Santos Profetas Elias, e Eliseu, no monte Carmelo, e continuada pelos filhos dos Profetas, que eraõ os verdadeiros religiosos da Ley velha; os quaes viveraõ naquelles ermos do monte Carmelo, junto da fonte de Elias, onde estava hum oratorio, que nossa Senhora muito frequentava até o tempo, que o Salvador do mundo sobio ao Ceo, em que foraõ convertidos facilmente pelos Apostolos de Christo: a cujo exemplo, descendo do sagrado Monte, semeáraõ com muita constancia a Fé Catholica pelas provincias de Galliléa, Samaria, e Judéa. E continuando esta apostolica vida por algum tempo, vieraõ a receber a regra de viver em commum dos Santos Basilio, e Paulino, pelo Patriarca de Jerusalem São Joaõ Jerosolymitano, que floresceo junto do anno do Senhor, de quatrocentos. Na qual regra, e ordem vivéraõ muitos annos até o tempo de Aymerico frade seu, Patriarca Antiochêno, que a ennobreceo, e amplificou de maneira, que dahi a pouco tempo, sendo seu Geral São Brocado, no anno do Senhor mil e cento e noventa e nove, Alberto Patriarca de Jerusalem, renovando a antiga Capella, que tinhaõ de nossa Senhora, e aperfeiçoando a ordem de viver, e o culto Divino, ceremonias, e habito, lhes deu a regra, que hoje guardaõ, á imitação da de São Basilio, e confirmou-a

Sabel. ubi  
supra.

Chron.  
Carmelita.  
Iam Anton.  
p. tit. 20.  
Poldor. de  
Invent. l. 7  
c. 2. Cassan.  
p. 4 cõsidera  
7. Mantuan  
clogio 10.  
Illele Platina,  
Genebrardus.  
Tarcag.  
Monarch  
Ecciel. ubi  
proxime.

mou-a o Papa Innocencio III e a recebeo no gremio da Igreja Catholica, e favoreceo com muitos privilegios. Com o qual, segundo alguns dizem, com a vida virtuosa, e tanta de seus religiosos, veyo a ser muito estimada no mundo, e em santos, e doutos varoens florecente, e estendendo-se em Conventos, e casas de religião por toda a Palestina, Syria, e Europa: até que chegou ao estado, em que hoje a vemos.

Pois a Ordem da Santissima Trindade, também acompanhou a felicidade deste grande Pontifice. Forão seus primeiros fundadores, João da Mata, e Felix Ermitão. Os quaes havendo algum tempo, que em territorio Maldense em França se exercitavam em vida religiosa, e contemplativa, amoeitados do Ceo, se forão a Roma pedir regra, e ordem de viver ao Papa Innocencio III. Do qual sendo alegremente recebidos, e determinando elle já com acordo do conselho dos Cardeaes dar-lhe, o que pedião, aconteceo, que em a Missa, que para isso celebrou, ao tempo, que levantava o Santissimo Sacramento, lhe appareceo hum Anjo vestido de branco com as mãos postas em Cruz, e em cada huma dellas hum cativo, hum Mouro, e hum Christão, como que trocava hum pelo outro. E porque o Anjo appareceo com huma Cruz no peito de duas cores, azul, e vermelha: o Papa lhe deu habito branco com a Cruz das mesmas cores, que o Anjo trazia, com titulo de Ordem da Santissima Trindade, de Redempção de cativos, que o habito, que lhe deu, significa. O branco, por ser principio de todas as cores, significa Deos Padre, principio de todas as cousas: o azul o zelo, com que o filho nos remio, e o vermelho o fogo, ou caridade, com que o Espirito Santo nos ensinou. Com este habito mysterioso, titulo santo, e regra approvada, começaraõ alguns Religiosos desta Ordem a exercitar aquillo, para que fora instituida: pedindo esmola aos fieis para remir muitos cativos, e fazendo nisto, o que a possibilidade sua se estendia: com que não se mostravaõ indignos de sua angelica instituição: e hoje se exercitaõ em vida religiosa, e pia, como vemos, e juntamente na redempção dos cativos.

No anno do Senhor mil e cento e noventa teve

Gaguinus  
l. 6 Polidor.  
de inv. re-  
rum lib. 7  
c. 4 Illecas  
in vita Inoc  
3 Genebr.  
l. 4 Chron.  
Monarch.  
Ecclesi. l. 22  
c. 23 qui  
multa allegat

Illecas in  
Pontific. in  
vita Innoc.  
3. Illecas  
in vita In-  
noc. 3 Ge-  
nebr. Joann  
Tarcag. ubi  
sup. Repu-  
blica del  
mundo l. 7  
Genebr l. b. 4



Chronol.  
Ihesus in  
Pontific. 5  
c. n. t. Garib.  
l. 19. Ar-  
chiepisc.  
Toler. Ihes.  
l. 5 c. ult.  
Gariba. in  
ejus vita  
Joan. Se-  
deniarib.  
Monarch  
Becket lib.  
Gondifal.  
Molina in  
nobilitat.  
Andalusia l.  
1 c. et au-  
thor est do-  
ctor Hyero-  
nim. Gu-  
diel in  
Chron. gi-  
rerum c. 7  
in fine id  
refert Gódi-  
alus Argo-  
te de Moli-  
na in suo  
nobilit. An-  
dal. lib. 2  
c. 7.

principio a Ordem Militar, que chamamos dos Marianos, instituindo-se em Ptholomaida á imitação, e da forma dos Theotonios; edificando hum sumptuoso hospital, e a invocação da Virgem Maria, em que elles se reco-lhiaõ, e exercitavaõ muitas obras de caridade. Depois crescendo muito em numero, se vieraõ muitos delles a Europa, e com maõ armada conquistáraõ muita parte da Esclavonia, e outras terras Septentrionaes, tirando-as do poder dos inimigos de Christo, com o qual se fizeraõ muito poderosos, e no mundo muito conhecidos.

Tambem no anno do Senhor, mil e duzentos e nove (disse o Portuguez) ElRey D. Affonso de Castella o VIII, fundou em a Cidade Palencia huma insigne Univer-sidade; fazendo trazer de França, e Italia, homens dou-tissimos em todas as sciencias, e faculdades, para que os Hespanhoes illustrassem as armas, em que até naquelle tempo eraõ excellentes, com as letras, que dalli em diante aprenderaõ, e em que foraõ eminentes.

E no ultimo anno do nosso Rey Dom Sancho, que foy o do Senhor mil e duzentos e doze, ou segundo ou-tros sendo já Rey de Portugal seu filho Dom Affonso, se deu a famosa Batalha, que chamaõ das Navas de To-losa, por ElRey Dom Affonso oitavo de Castella, na qual alcançou dos Mouros huma das mayores vitorias, que no mundo se viraõ: porque sómente dos vencedores morreraõ mais de vinte e cinco mil homens; e foraõ tan-tos os vencidos, e mortos, segundo affirma o Arcebispo Dom Rodrigo, que nella se achou presente, que em os dias, que se deteve alli o campo para descansar do tra-balho da peleja, não se fez o comer de todo elle com ou-tra lenha, senão com lanças, e settas dos inimigos, e que não eraõ tantas, que o fogo as podia acabar de consu-mir. E porque esta importantissima vitoria se alcançou mi-raculosamente (segundo diz Valerio da historia Ecclesiás-tica de Hespanha) em Hespanha se introduzio não come-rem carne em os dias de Sabbado, por serem dedicados á Virgem Maria, Mãe de Deos, cuja Imagem elles levá-vaõ nos Estandartes, e bandeiras desta guerra, depois que já estava decretado pelos Canones, no Cap. *Sabbato de consecrat. dist. 1. et*, 3. desde o anno mil e setenta, e nove,

rove} pelo Papa Gregorio VII em Concilio geral, celebrado em Roma: mas em Hespanha se não guardava, como se póde colligir do *Cap. Conflicrum, de observatione jejuniorum*. Na qual se fizeram tão heroicas façanhas, que os Authores de algumas com a gloria dellas déraõ principio a muitas geraçoens em Hespanha muito illustres em fama, e meritos, e assim era bem, que fosse; pois semelhantes obras são o verdadeiro tóque da verdadeira nobreza.











## CAPITULO XI.

*Del Rey D. Affonso, segundo do nome, terceiro Rey, que chamavaõ o Gordo.*

Rodericus  
Pina Lusitan.  
in ejus  
vita Archiep.  
Toletibidem  
Garib. ibid  
& alii.

**M**orto El Rey Dom Sancho, e depositado seu corpo em conveniente sepultura, como atraz dissemos, logo foy levantado, e obedecido por Rey de Portugal D. Affonso o II. seu filho primogenito ( que chamaraõ o Gordo ) havendo já alguns annos, que era casado com a Rainha Dona Urraca, filha segunda del Rey Dom Affonso o VIII de Castella, que venceo a famosa batalha das Navas de Tolosa, e de sua mulher Dona Leonor, filha del Rey Henrique II. de Inglaterra; e posto que em seu tempo lhe faltou occasião em seus Reynos para mostrar, que não degenerava de seus illustres progenitores; todavia, sendo Infante, depois que a idade o permittio, se achou com seu Pay em muitas cousas notaveis, e grandes feitos de armas, que naquelles tempos aconteceraõ; em os quaes se houve sempre comobom, e esforçado cavalleiro. Ainda que depois da morte de seu pay escureceo esta clara fama, mostrando-se com seus irmãos; e irmãs, menos benigno, do que a seu Real estado convinha; porque, ou por cubiça movido, ou por homens de má consciencia aconselhado, elle se houve taõ asperamente com elles, que huns se desterravaõ do seu Reyno, por se verem livres de sua odiosa presença; e outros dentro nelle, confiando-se mais de seus Ministros, que de sua Real Pessoa, eraõ constrangidos a negarlhe a obediencia, que como superior sobre todos tinha, como foraõ suas irmãs, a Rainha Dona Thareja, mulher, que fora del Rey Dom Affonso de Leaõ, e a Infanta Dona Sancha. Porque sem respeitar serem suas irmãs, e huma dellas Rainha; pertendeo tomar-lhe as Villas de Monte-Mór o Velho, e Alemquer, e outras terras, que El Rey Dom Sancho seu pay em sua vida, e depois em seu testamento lhes deixára. As quaes, para remirem esta vexação, não sómente negando-lhe a obediencia se encerraraõ, e fizeram fortes com seus criados, cada huma na sua Villa; mas ainda lhe foy necessario virem em seu favor por ordem



dem delRey D. Affonso de Leão, o Principe D. Fernando seu filho; e da mesma Dona Thareja, e seu irmão della o Infante D. Pedro, Conde que foy de Urgel; os quaes com outros muitos nobres, e esforçados cavalleiros, e outra muita gente de guerra, entráram em Portugal, onde não se houveraõ tão piedosamente, que não recebessem huma grande perda os moradores delle.

E porque de huma, e outra parte a odiosa contumacia causava tantos, e tão grandes males, que o fim delles parecia sem remedio, acudio o Papa Innocencio III, testamenteiro delRey seu pay, e com os meynos laudaveis, que a necessidade do tempo requeria, mandando, depois de bastante informaçãõ, a ElRey Dom Affonso, primeiro com rogos, e amoestaçoens, e depois com excommunhoens, e interdictos, que a suas irmãs deixasse gozar livremente tudo, o que seu pay lhes tinha dado: ao qual elle obedeceo, cessando de sua contumacia, e ElRey de Leão restituindo-lhe o seu, depois que nestas, e outras differenças gastou mais de cinco annos. E determinando occupar o tempo dalli em diante em cousas mais pias, e catholicas, governando seu povo em paz, e justiça, começou a fazer guerra aos Mouros de Hespanha, dos quaes alcançando algumas vitorias; se fez por seus Capitaens Senhor da Villa de Alcaçar do Sal em Alem-Tejo, muy importante fortaleza à segurança de seu estado; cujo principal Ministro foy Dom Matthews Bispo de Lisboa, Varaõ de catholica vida, muita prudencia, e valeroso animo. O qual com prudentes razoamentos persuadio, e trouxe ao seu generoso desejo huma grande companhia de Catholicos Christãos de Hollanda, Phrisia, e Flandes, que em huma armada de cento, e cincoenta velas; navegando para a santa guerra de Syria, aportaram em Lisboa naquelle tempo, forçados de contrarios ventos, e furiosas tempestades; que muita parte dellas lhes tinhaõ desbaratado. Com os quaes partio o Christianissimo Prelado para a catholica conquista, levando mais em sua companhia vinte mil homens, que de Portugal se ajuntaram: entre os quaes hiaõ os Mestres das Ordens do Templo, de S. Joã, e outra nobre gente. E chegados a Alcaçar, e posto o cerco muy estreitamente, começaram

os combates com tanto valor, e esforço, que foy necessario virem em soccorro dos cercados quatro Reys Mouros, que inda em Hespanha estavam, que eraõ os Reys de Cordova, Jaem, Badajóz, e o de Sevilha. Os quaes trouxeraõ tanta gente, e taõ bem se houveraõ no primeiro encontro, que aquelle dia ficou por elles o campo. Mas ao outro, que Deos tinha guardado para mostrar seu poder contra aquelles inimigos do seu nome, de tal maneira pelejaraõ os Christãos, que com morte de dous dos Reys, que presentes se acháraõ, alcançaraõ dos Mouros taõ perfeita vitoria, que até os cercados por causa della se renderaõ logo, entregando a fortaleza aos dezoito de Outubro de mil e duzentos e dezafete. 12 17.

Em o anno do Senhor 1220 cinco Frades naturaes de Tolcana, Provincia de Italia, da Ordem dos Menores de S. Francisco, por elle mesmo, e por inspiração divina enviados a pregar a Fé pelo mundo aos infieis, e ajudar, e confirmar nella os Christãos, foraõ martyrizados em marrócos, Cidade Metropoli de Mauritania em Africa, pelas mãos de Miramolim Imperador dos Mouros daquellas Provincias. Depois de muitas vezes convencidos da doutrina, e prégação destes Santos: e depois de confundidos com muitos milagres, que entre aquelles barbaros Deos obrava por intercessão destes seus escolhidos, e no fim de tudo, notavelmente indignado de não poder com tormentos abrandar sua santa constancia, chegou a fazer taõ grande crueldade. Ao que o barbaro povo acompanhou, arrastando os santos corpos, até que ainda não satisfeitos os lançaraõ em grande fogo, que para isso logo preparaõ: o qual mostrando mais conhecimento do verdadeiro Deos, e mais obediencia a seus mandados, que os proprios homens à sua semilhança cercados de nada, miraculosamente não se pegou nos santos corpos, antes afastando-se delles, causou grande admiração nos Mouros, que lhe dobrou a contumacia para depois os espadacharem logo, e lançarem nos monturos. Mas sobreveyo do Ceo taõ grande tormenta de aguas, e escuridaõ, que os Mouros se recolheraõ, e os Christãos tiveraõ tempo, para com a luz dos relampagos acharem as Santas Reliquias de noite, por ordem do Infante Dom Pedro, irmão

Hist. vulgar  
Lust. de  
quinq. Mart.  
tyrib. Mart.  
roquior Et  
omnes qui  
scripserunt  
vit. sancto-  
rum videll.  
cet. Fr. Ja-  
cobus do  
Rosar. Lu-  
ficanus Al-  
phonfus de  
Villeg. Hist.  
panes de  
vit. Sanctior  
& alii,



Fr. Marc.  
na Chron.  
de S. Fran-  
cisco. 2. p.

irmão deste Rey Dom Affonso de Portugal; que por differenças, e perseguições, com que o tratava, passou áquellas partes, e em serviço daquelle Rey Mouro vivia naquella Cidade Marrocós; mas como catholico Christão, elle, e seus criados se tratáram sempre. Este Infante não podendo estorvar aos Martyres seu martyrio, ainda que para isso fez muitas diligências, contra as quaes o desejo, que elles tinhaõ, vencia tudo, recolheo as reliquias com a veneração devida, e miraculosamente as trouxe a Hespanha, passando pelo caminho grandissimos perigos, e mortaes perseguições; de que pelos merecimentos dos gloriosos Santos eraõ sempre livres; e porque ainda não estava em graça com El Rey seu irmão, ficoule em o Reyno de Leão com seu primo El Rey Dom Affonso: e mandou as santas reliquias a este Reyno por Afonso Pirez de Arganil, seu criado, e de quem muito confiava. Chegando elle, huma legua desta Cidade Coimbra, El Rey Dom Affonso já avisado, as foy receber com grande apparato, e procissão solemníssima. Vinha a mulla com as caixas das santas reliquias sempre diante, sem ninguem a guiar, e assim chegando ao terreiro de Sanção, defronte da porta do Mosteiro de Santa Cruz, parou, sem querer ir mais ávante, até a Sé desta Cidade, como o Rey tinha mandado: alli esteve; até que enfadados de posar com ella, lhe abrião a porta do Mosteiro, por onde a mulla logo entrou; e defronte do Altar Mór da Igreja poz os joelhos em terra; e não se levantou, até que lhe tiráram as santas reliquias. Neste lugar mandou El Rey fazer hum rico reliquario, onde ellas estiverão muito tempo, depois se mudaraõ ás capellas, onde hoje estão. Deu este Rey as reliquias inteiras de hum destes Martyres ao Mosteiro de Lórvaõ, onde sua irmã estava. Parte das quaes estão hora em o Mosteiro do Espirito Santo de Gouvea, da ordem dos Menores de S. Francisco,

Antes que estes Santos chegassem a Africa, passáram por esta Cidade, e daqui por ordem da Rainha Dona Urraca foraõ a Alemquer, onde estava a Infanta Dona Sancha, irmã del Rey, senhora daquelle Villa: onde já tinha feito hum Oratorio, ou Ermida, junto ao rio; para se agasalharem huns Frades Menores, os primeiros

que

que vieraõ a este Reyno no anno do Senhor mil, e duzentos e dezaete, com os quaes estes cinco Frades estiveraõ por mandado da Infanta, que pela devoçaõ, que tinha á Santidade de S. Francisco, e pela vista destes seus discipulos, por elle meſmo eſcolhidos para taõ grande empreſa, ordenou logo em cima das proprias caſas, em que vivia, hum Moſteiro ſumptuoſo, e de todo o neceſſario á vida dos Frades bem provido. E já delle (poſto em bom eſtado) ſahiraõ os cinco Frades para Lisboa, e dalli a Sevilha, ainda entaõ de Mouros, até chegarem a Marrócos; não gaſtaraõ muito tempo em alcançar a coroa de martyrio, que tanto deſejavaõ. Do qual tanto que o ſeu Patriarca da pobreza S. Francisco foy certificado, rompeo a alegria do ſeu animo em muitas palavras, cheyas de louvor destes ſeus discipulos; e com o meſmo eſpirito lançoũ muitas bençoens a este Moſteiro de Alemquer, donde estes Santos partiraõ, dirigidos a Marrócos, com cartas, e favor da Infanta para o Infante D. Pedro ſeu irmão: e não parando aqui o grato animo de S. Francisco, ainda alcançoũ de Deos a este Moſteiro, que nelle nunca faltaſſem Frades Menores, que cumpriſſem a perfeiçaõ do Evangelho de Chriſto.

Teve Deos tanto cuidado da honra destes ſeus Martyres, que não ſómente entre Chriſtãos fez muitos milagres por ſua interceſſaõ, mas tambem entre os Mouros obroutantos, e taõ maravilhoſos, que eſpantados, e atemorizados os barbaros Mauritanos, dos grandes caſtigos, que da mãõ de Deos logo ſobrevieraõ depois deste martyrio, e chegou a tanto ſua neceſſidade, e eſtimulada maldade commettida contra estes Santos Martyres, que ſe encomendáraõ a elles por ordem de alguns Chriſtãos, que lá andavaõ: e foy Deos taõ miſericordioſo, que para mór confuſaõ ſua lhes concedeo o que pediaõ, depois de bem caſtigados elles, e a peſſoa do meſmo Rey, Miſtiro deſta crueldade.

Foy este ſanto exemplo no mundo taõ notavel, e de tanto eſfeito, que até o meſmo São Francisco ſeu Meſtre, eſtimulado de taõ horendas mortes, ſe foy com doze Frades ao Soldaõ do Egypto; e ainda que fez muito para ſe igualar com estes ſeus discipulos, não foy Deos



servido. O mesmo aconteceu a Santo Antonio de Padua; e a outros, que no mesmo trabalháráo.

Nesta Cidade por intercessão destes novos Apostolos, e Martyres, fez Deos tantos milagres cada dia, que o numero delles he quasi infinito, e sua grandeza quasi miraculosa. E entre outros, que o mundo celebra, ainda hoje permanece huma clara memoria de huma estranha maravilha.

1412.

Em o anno do Senhor, mil e quatrocentos e quarenta e dous, traz os grandes infortunios, que este Rey no padeceo naquelle tempo: sobreveyo tão terrivel peste, que nos lugares, onde entrava, não deixava homem com vida; e mostrando se mais cruel nesta commarca do campo de Coimbra, hum Vasco Martins, o grangeeiro de alcuinha, natural do lugar de Falla, no mesmo campo, menos de huma legua desta Cidade, vendo-se assombrado do que via em seus vizinhos, desconfiando dos humanos remedios, recorreo-se á santidade, e merecimento dos cinco Martyres de Marrócos, de que toda esta commarca tinha claro conhecimento, e elle alguma devoção; e continuou em visitar o lugar de seu deposito, até que fez hum constante, e voluntario voto, que em nome de todos os de seu lugar iria nũ, e descalço em romaria, visitar suas santas Reliquias, cada anno huma vez, em quanto vivesse; e que cada hum de sua geração faria o mesmo, em quanto durasse o mundo, e que os Santos lhe alcançassem de Deos, que elle, e os demais moradores daquelle lugar fossem preservados da furia daquelle contagioso mal. E porque logo vio sua petição cumprida, não morrendo de peste daquelle dia em diante pessoa alguma naquelle lugar, continuou o bom homem em seu voto; e com o seu exemplo cresceu tanto o conhecimento desta mercê naquella gente, que daquelle lugar, e de outros do mesmo campo, e desta Cidade, se ajuntão muitos homens em o dia, que a Igreja lhe celebra a festa, e em huma bem ordenada procissão, e todos nũs da cinta para cima, e descalços, saem do Mosteiro de São Francisco, e atravessando toda a Cidade, vão assim até o Mosteiro de Santa Cruz, onde estão as santas Reliquias.

E sendo isto em dezaleis de Janeiro, tempo inverno, e frio, nunca deixaraõ esta devoçaõ, por mais tempestades, que sobreviessem: cousa bem notavel no mundo. E mais notavel a Fé, que toda a gente tem em estes cinco Martyres, por quem Deos se mostra taõ solícito em não lhes faltar em suas esperanças, que cada dia acontecem tantas maravilhas, que se não souberamos de certo serem obras da Omnipotencia de Deos, poderamos duvidar dellas: mas quando são taes, entaõ lhe havemos de dar mais credito, por se parecerem com seu Author.

Era Santo Antonio natural da Cidade Lisboa, nascido, onde hoje está a Casa de sua invocaçaõ. Seu pay se chamava Martim de Bulhoens, e sua mãy Dona Thareja Taveira, ambos nobres em sangue, e virtudes. Aprendeo Pernaõ Martins de Bulhoens (que assim se chamava o Santo) a lingua latina, e outras artes com muito recolhimento, e cuidado, até idade de quinze annos; entaõ se meteo em o Mosteiro de São Vicente de fora, da Ordem de Conegos Regulares de Santo Agostinho; e sendo por sua virtude, e nobreza alli muito visitado, se passou ao Mosteiro de Santa Cruz desta Cidade, da mesma Ordem. E nella se achou ao tempo, que passaraõ os cinco Frades Menores, e depois quando as suas Reliquias vieraõ de Marrócos áquelle Mosteiro, tambem as recebeo nelle: Ficou taõ deseioso de lhe ser semelhante na morte, que logo determinou mudar a vida, e habito. E communicando este seu desejo com huns Frades da mesma Ordem dos Menores de S. Francisco, que junto a esta Cidade viviaõ; e a ella vinhaõ pedir esmola, elles lho louváraõ, e deram logo ordem, com que no mesmo Mosteiro de Santa Cruz, onde elle estava, recebesse o habito da sua mãõ, com licença dos seus mayores; e com a mesma se foy com os Frades para a Ermida, em que se recolhiaõ, que era da invocaçaõ de Santo Antaõ Abbade, e lhe foy causa delle mudar o seu primeiro nome de Fernando em Antonio. Aqui esteve alguns dias; em os quaes, havida a licença; que já lhe tinhaõ promettida, se embarcou, e foy á Cidade Marrócos: e posto que nella fez muita diligencia para alcançar a coroa, que tanto invejava aos cinco



companheiros, não permittio Deos, que morresse cavalleiro de huma lança, senão acompanhado, e seguido de grandes exercitos, que á sua imitação, e com sua doutrina dilatassem a Fé, até morrer por ella. Antes determinando fazer delle grande casa, lhe deu tal enfermidade, com que se vio impossibilitado este seu heroico desejo.

Então se embarcou para Hespanha, com esperança de tornar á santa obra; mas sobrefalteado de huma grande tormenta, foy aportar a Italia, onde foy recebido; e achando-se em hum capitulo geral, que cada anno se costumava fazer, alcançou de hum Br. Graciano, que assim doente como estava, o levasse á provincia de Roman-diola em Italia a hum Mosteiro da sua Ordem, em que viveo algum tempo vida solitaria, e santa, em huma cella apartada das outras, feita em huma lapa: aqui foy tanta sua abstinencia, que quasi se não podia ter em pé, quando vinha tomar refeição com os Frades. Desta maneira o varão de Deos, não conhecido, cheyo de sabedoria, viveo como simplez entre os simplices, e fóra de toda a arrogancia, em qualquer sabio muy ordinaria: escondendo o lume de tanta graça, e eloquencia em seu humilde coração muito tempo com apparencia de indouto. Até que achando-se acafo em o Mosteiro de Forlivio, em Italia, entre outros muitos Religiosos de varias casas, e Religioens, que todos hiaõ tomar Ordens, foy constrangido a prégar no refeitorio, de que todos os Frades presentes se tinhaõ escusado com o caminho. Santo Antonio obedecendo ao mandado, começou a pratica muito espiritual, mas de todo simples, e sem arte, nem eloquencia; e nenhum dos presentes esperava mais delle; porque não lhe tinhaõ visto outro sinal de sciencia, senão algumas poucas vezes, que fallava latim. Mas porque tinha recebido a graça do Altissimo, e a memoria lhe servia de livros, tanto se levantou na prégação em eloquencia de palavras fantas, e muy doutas, e em profundeza de mysticas sentenças, que suspendeo; e allumiou o entendimento de todos os presentes, que como pasmados de cousa não esperada, confessavaõ, que nunca tal tinhaõ visto, nem em homem humano tal imaginaraõ, e dalli em

em diante o veneravaõ como celestial sabedoria. Veyo aos ouvidos de São Francisco esta nova; e com ella o mandou chamar; e achando nelle o que se dizia, o instituiu prégador; e o constrangeo a que exercitasse a graça, que de Deos tinha recebida. Neste apostolico exercicio prometendo o Santo de si cada dia mais grandezas, e conhecendo São Francisco serem dons do Ceo, ordenou com que fosse o primeiro estudante em santa Theologia naquella Ordem com Frey Marisco Inglez, ordenado em hum Capitulo geral. Onde aproveitou em poucos dias tanto, que os Mestres se espantavaõ, e em seu louvor diziaõ maravilhas: das quaes provocado São Francisco mandou, que senfinasse, e lesse a Santa Theologia aos seus Frades: e a elle o tinha em tanta estima, que lhe chamava o meu Bispo. Lêo Santo Antonio em Mompelher de França, e em Bolonha, e Padua de Italia, e em outras partes, communicando sua celestial sabedoria, e sciencia Angelica; e com a vida rigorosa, e santa, em que era excelente, começou a fazer taes obras, que mais se espantavaõ da grandeza dellas, que do grande numero, sendo que infinito. Porque mandado por Custodio de Lemóges em França para prégar aos hereges, que naquelle tempo perseguiaõ a Igreja Catholica notavelmente, de tal maneira se houve com elles, que com a eloquencia os convencia, e com milagres os confundia, e em huma, e outra se fazia maravilhoso ante os olhos de todos. Nesta santa, e heroica empresa obrou Deos pelo seu Santo infinitas maravilhas nas provincias de Italia, e França, que hora vos não direy, por entender, que não estareis sem a noticia dellas. Basta saber, que lhe viraõ o Menino JESU nos braços por muitas vezes, e que os peixes fóra da agua ouviraõ sua prégação, que os homens tinhaõ engeitado; e que bebeo peçonha de hereges, sem lhe fazer mal; e que prégando a diversas naçoens, era de todos entendido, e em hum mesmo instante era visto em varias partes; e que delle foy o demonio muitas vezes vencido publicamente; e que os Anjos da luz lhe levavaõ cartas. Em fim depois de ser Ministro de muitas obras da mão da Omnipotencia, de poucos vistas no mundo, e de muitos chamado Arca de letras sagradas, vevo  
a passar



1230.

a passar desta vida ( delle antes profetizada ) em a Cidade Padua , do senhorio de Veneza em Italia, anno do Senhor mil e duzentos e trinta, de sua ida le trinta e seis: quinze em casa de seu pay, dous no Mosteiro de S. Vicente de fóra em Lisboa, nove no de Santa Cruz de Coimbra, e na Ordem dos Menores mais de dez annos, cheyos de admiravel doutrina, virtudes, e milagres.

Morto Santo Antonio, e continuando Deos por elle as obras, que fizera na vida, o povode Padua, e de muitas outras Cidades visinhas de cômum sentimento movidas, pedirão ao Papa canonizalle Santo, de que tantos bens tinhaõ recebido. Para isto se fez larga prova dos milagres, que em menos de hum anno tinha feito. Depois de seu transito achouse, que subitamente dera saude a muitas pessoas, tolhidas de varias infirmitades, em diversas vezes: cinco paraliticos: cinco corcovados muy feiamente: seis cegos allumiados: tres surdos; seis mudos: dous curados de epilepsia, e outros muitos de febres: dous mortos resuscitados. Com isto, e com a certeza de sua santa, e milagrosa vida, foy de commum consentimento canonizado pelo Papa Gregorio IX onze annos depois que passou desta vida, e ordenouse, que sua festa se fizesse a treze dias de Junho.

1242:

Neste mesmo dia, que foy em a Cidade Spoleto canonizado; se fez em Lisboa, patria sua, hum subito alvoroço, tangendose por si mesmos sinos, e campas; de que todos estivéraõ admirados, até que soubéraõ a verdade; com a qual ficaraõ ensinados a fazer em o tal dia grandes festas, como sempre costumáraõ, sumptuosamente; masnaõ com mais alvoroço, e contentamento, que a Cidade Coimbra, que todos os annos por esse dia arde toda em festas, e alegrias, muito para ver, e louvar. Os moradores de Padua, obrigados das mercês, que recebiaõ deste Santo, o tomáraõ por seu Padroeiro, e Defensor, e consagráraõ o Altar mór da sua Sé em seu nome; e sua festa celebraõ todos os annos com muita solemnaidade, e sempre acompanhada de milagres. E naõ satisfeitos os Paduanos, em o anno do Senhor mil e duzentos e cincoenta e nove, edificáraõ hum grande, e custoso templo, em honra, e nome de Santo Antonio: e no

e no anno de mil e duzentos e sessenta e tres, trasladárao a elle suas reliquias. Em que o Cardeal S. Boaventura se achou presente, e abriu a arca, onde o Santo corpo estava havia trinta e dous annos: e achandose o corpo já resolvido, a lingua estava ainda inteira, e fresca, com sua cor, como se fora viva. A qual depois de varias mudanças, que a devoção dos homens causou, esta hoje em rico sacramento transparente, em que se mostra inteira aos devotos, e peregrinos.

Depois de canonizado, resuscitou hum seu sobrinho em Lisboa, e mais outras quinze pessoas em diversas partes; e entre os infinitos milagres, que d'elle se celebrão, contarey hum notavel, e gracioso. Huns hereges, por escarnecerem dos milagres de Santo Antonio, e da Fé, que o Povo nelle tinha, se foraõ á sua sepultura, hum delles com hum panno ensaguentado posto nos olhos, dizendo, que áquella hora lhe foraõ arrancados por força; e rogáraõ ao povo lhe alcançasse do Santo saude: o zombador, e ministro desta damnada obra, começou logo a gritar, e tirando o panno, acharaõlhe os olhos arrancados, e pegados nelle; com admiração dos Catholicos, e tanta confusão dos hereges, que convencidos confessáraõ sua maldade; e reduzidos á Fé, alcançáraõ do Santo saude ao companheiro, e emmendáraõ a vida. Além de todas estas grandezas; temse por averiguado, que não ha pessoa em toda a Christandade, que deste Santo tenha alguma noticia, que não tenha tambem d'elle recebido alguma mercê miraculosa.

E na Cidade Padua he taõ venerado, que estando nella outros corpos de Santos, só a este por excellencia chamaõ o Santo, e logo se entende Santo Antonio. E sua sepultura lança de si taõ suave cheiro, que parece couro do Ceo: etemse averiguado por larga, e exquisita experiencia, que nenhum Judeo, nem infiel sente aquelle cheiro, só aos Catholicos suavissimo: e ainda que se cheguem perto, não alcançaõ a celestial suavidade. E pessoa deste Reyno, e nelle de muita authoridade em virtude, e nobreza; fez experimentar esta maravilha com muito cuidado, e prudencia, e achouse taõ verdadeira, que me deuõ ousadia para a publicar neste registro de heroicas obras.

Depois



1224.

Depois disto veyo ElRey a fallecer nesta Cidade, no anno do Senhor mil e duzentos e vinte e quatro, tendo de idade trinta e oito annos, dos quaes reynou doze. Seu corpo foy sepultado em o Real Mosteiro de Alcobaça junto com a sua mulher, a Rainha Dona Urraca, que no tempo, que os corpos destes cinco Martyres vieraõ a esta Cidade, passou desta vida. Della houve ElRey D. Affonso ao seu primogenito, e herdeiro Dom Sancho, que lhe succedeo no Reyno. O Infante Dom Affonso, que foy Conde de Bolonha, e depois Rey de Portugal. O Infante Dom Fernando, que chamandose o Infante de Serpa, foy casado com Dona Sancha Fernandes, filha do Conde D. Fernando de Lára: da qual houve huma filha, que casou com o primogenito de Dácia, que hoje he Dinamarca. Houve mais ElRey D. Affonso huma filha chamada Dona Leonor, que foy mulher delRey de Dinamarca.

## CAPITULO XII.

*Das cousas notaveis, que em tempo deste Rey succederaõ no mando.*

**E**Stas são as cousas notaveis, que em tempo delRey D. Affonso em Portugal succederaõ: porque as mais, que nos outros Reynos passáraõ, não foraõ os seus naturaes tão avarentos da fama dellas, que em seus escritos as não celebrassem com copiosas palavras. Mas porque em alguns destes annos atraz (acudio o Italiano) florescia ainda o felicissimo Pontifice Innocencio III, não faltáraõ nelle tambem muy notaveis cousas, que seu Pontificado sempre acompanháraõ, e outras, que o tempo do mesmo Rey fizeraõ notavel; algumas das quaes foraõ as seguintes.

Como em tempo do grande Basilio Bispo de Cesaréa, e dos Imperadores Juliano apóstata, e Valentiniano, se começasse junto a Jerusalem huma santa obra de caridade, em hum antigo hospital da invocação de São Lázaro, onde alguns homens, que nelle residiaõ, se exercitavaõ em grandes hospitalidades, curando os Soldados, e peregrinos, que no caminho da terra Santa adoe-

ciaõ

Sarib. l. 15  
c. 3. Geneb.  
l. 4 Chro-  
nolog. Vo-  
l. 1. Tar-  
cag. l. 50.

Bergo:  
ment. l. 18  
Cassan. 9. p.  
confid. 10  
Monarch:  
Ecclef. lib.  
12. c. 21 &  
22 qui  
mult. allega

ciaõ, principalmente de lepra, e sarna, doenças pegadi-  
ças, de que os judeos antigos se receavaõ muito. Chegado  
o tempo do Papa Innocencio III, em que estes Cavalleiros  
continuando taõ santo exercicio vieraõ a ser conhecidos, e  
estimados no mundo, o mesmo Pontifice, considerando a  
antiguidade, e cousas notaveis desta companhia, e a uti-  
lidade, que della se seguia á republica Christãa, lhe deu  
fôrma, e ordem de viver, debaixo da regra de Santo Ago-  
stinho, com muitas graças, e privilegios, e por divisa hu-  
ma Cruz verde, da fôrma da Cruz branca da Ordem de S.  
João, a quem elles são muito semelhantes no exercicio da  
vida, e de cujos privilegios gozaõ por concessão dos Sû-  
mos Pontifices, Honorio III, e Gregorio XI, e Pio IV, que  
muito os favoreceo, e amplificou.

No anno seguinte de mil e duzentos e quinze, foy  
tanta a multidão dos Hereges Albigenes em Roma, que  
parecia sem remedio poderem-se extinguir em algum  
tempo, a que o Papa Innocencio III querendo acudir,  
encômendou aos Peregrinos, que hiaõ, e vinhaõ de Je-  
rusalem, e em sua santa conquista trabalhavaõ, que in-  
quirissem, e castigassem todos, os que achassem naquella  
nefanda feita comprehendidos; e mostrando-se elles nisto  
diligentissimos, fizeraõ de maneira, que em poucos dias  
os acabaraõ, de todo extinguiraõ; e porque o fervor,  
e santo zelo, com que isto obraraõ, foy havido por digno  
de grande louvor, e merecimento, o Summo Pontifice  
lhes concedeo muitos privilegios, e a seu requerimento  
lhe deu regra, e ordem de viver, que logo foy confirma-  
da pelo Concilio Lateranenfe Maximo. E porque estes  
Peregrinos hiaõ todos signalados com a Cruz (como eraõ  
todos, os que na santa conquista militavaõ, que por isso  
eraõ chamados commumente Cruzados) se intitulou Or-  
dem Militar dos Crucigeros, ou Crucesignatos, como lhe  
chamaõ alguns, que tambem lhe ficou por divisa: com a  
qual dalli em diante exercitando-se em Catholica milicia,  
vieraõ a ser muito estimados, e favorecidos dos Romanos  
Pontifices. Alguns Authores daõ a esta ordem mais alto  
principio, attribuindo sua origem a Cleto Pontifice III  
depois de S. Pedro, dizendo, que amoestado elle de hum  
Anjo, a instituiu, edificando hum Hospital, em que os

Il'escas in  
ejus vita  
Geneb. l. 4  
Tarcag. l.  
12 Volat. 11  
21 Mo-  
narch. Ec  
cl. 22 c. 22  
ubi multa  
dicite.



Peregrinos se agasalhavaõ. Outros dizem, que Ciriaco Patriarca de Jerusalem (aquelle, que sendo Judeo, mostrou a Vera Cruz á Rainha Santa Helena) foy o que a instituiu, em memoria daquelle Divina invocação.

No mesmo anno de mil e duzentos e quinze; sendo ainda Summo Pontifice da Igreja Innocencio III, se celebrou o generalissi no Concilio Lateranense Maximo, em que se acháraõ presentes mil e trezentos Prelados da Igreja Militante, Latina, e Grega. Nelle se determinaraõ tantissimas cousas, e á Religiaõ Christãa muito importantes, e entre ellas sahio a luz, *Sacra Synodo approbante*, aquelle famosissimo Decreto, que começa: *Omnis utriusque sexus*, no titulo de *pœnitentiis, & remissionibus*: em que se declara, decreta, e manda, que todos os Christãos, chegando o uso de ração, se confessem huma vez cada anno. Preceito santissimo, e taõ necessario no mundo, como hoje he contrariado dos Heresiarcas delle.

Tambem nesta occasiaõ succedeo huma cousa, taõ digna de espanto entre os homens, como poderosa para envergonhar muitos, que na Conquista da Santa Cidade se mostraõ taõ remissos, e descuidados, como os daquelle tempo andavaõ sollicitos. Em o qual era tanto o fervor Catholico dos Principes Christãos da Europa, por recuperar o Santo Sepulchro de Christo, e a sua Cidade; que em poder do Soldaõ do Egypto estava tyrannizada, e taõ ardente o cuidado, com que todos os homens Christãos nisso trabalhavaõ, que vieraõ tomar ousadia os meninos, a pertender acabar o que elles não podiaõ. Para o qual se ajuntáraõ em França (onde o principal deste bellico aparelho ordinariamente se fazia) mais de vinte mil moços, e tomarão o final da Vera Cruz para hirem á conquista de Jerusalem, dizendo: que para elles estava guardada a recuperação da Santa Cidade, segundo aquillo do Real Profeta, *Ex ore infantium. & lactentium percipisti laudem, propter inimicos tuos: ut destruas inimicum, & meliorem*. E pondo-se ao caminho, huns dizem, que seus proprios pays os fizeraõ voltar de sua determinada tenção: outros affirmaõ, que não lhe podendo dissuadir ninguém aquella heroica determinação, chegáraõ a se embarcar. Mas que depois de engolfados no mar alto, os

Líb. 5. De  
cretal.

Genob. 1. 4  
Gronol. Ga.  
Ab. nbi sup.  
Illelca. 1. 5  
c. 33. Hist.  
Valerian. de  
Hespanh.  
Hench.  
dos temp.  
de Alons.  
Vena

Psal. 1.

corsarios, e piratas, que os levavaõ, ou com elles se en-  
contraraõ, os tomaraõ todos com engano, de maneira,  
que nenhum ficou livre de ser morto, ou preso. Junto  
deste tempo, sendo já Pontifice Romano Honorio III,  
aconteceo, que o tyranno Alexio Comneno, sogro de  
Theodoro Lascar, aggravado do genro, porque não qui-  
zera defender o Imperio de Constantinopla, que elle ti-  
nha tyrannizado ao cego Isacio, se lançou com os Turcos,  
em companhia dos quaes, querendo-se vingar do genro,  
lhe deu batalha, e nella sendo os Turcos vencidos, tor-  
nou Alexio a juntar sua gente, e com a mais, que pôde con-  
vocar, fez hum poderoso exercito: com que conquili-  
tando as provincias de Capadocia, e Colchos, e outras  
junto a ellas, se fez senhor dellas, e deu principio, e  
origem aos Imperadores de Trapizonda, e de que elle  
foy o primeiro. Dividindo-se com isto o Imperio Oriental  
em dous, Europeo, que he o de Constantinopla, e Asiatic-  
co, que he o de Trapizonda.

Tambem no anno do Senhor, mil e duzentos e vin-  
tee dous (como diz Blondo) comecaõ a ser conhecido  
no mundo os Tartaros, que muy grande parte d'elle se  
nhorearaõ, sahindo da frigidissima Scitia com seu Ca-  
pitão Camguista, que foy taõ valeroso, e elles taõ bel-  
licosos, que em breve tempo depois de destruirer as  
Provincias de Polonia, Ungria, e Moravia, e outras,  
se fizeraõ senhores da mayor parte de Armenia mayor, e  
toda a terra até o mar Cáspio, e Monte Caucaço, ambas  
as Scitias, e muita parte da Persia, Sericania, e outras  
vastissimas provincias do Oriente, e da grande Ethyopia,  
extinguindo o nome do Imperador della, chamado Pres-  
te Joaõ, até aquelle tempo muito celebrado, e muy po-  
deroso naquellas partes. E deraõ principio, e origem ao  
potentissimo Imperio da graõ Tratária: o mayor em ter-  
ras, e gente, que no mundo se sabe. E té hoje se tem con-  
tinuado a sua successão amplissimamente, fazendo-se cada  
vez mais poderoso, sendo em ley Mahometanos, e na fei-  
zeza barbarissimos.

Depois no anno do Senhor, mil e duzentos, e qua-  
renta e cinco, o seu terceiro Imperador se converteo á  
fé de Christo, e foy nella taõ constante, e zelador de

Geneb. l. 4  
Chronolog.  
Nicet cu-  
niat in vitæ  
Baldu Im-  
perat. Cõst.  
Nicephor  
Græg. in  
princip.  
hisor. suz  
Constant.  
Geneb. l. 4  
Chronol.  
Illeacas l. 5  
cap. 35  
Paul. Veng  
de regionib  
orientalib.  
l. 1 c. 51 &  
seq. Mo-  
narch. Ec-  
cles. de hoc  
late l. 21 c.  
7. & seq.



sua honra, que trabalhou muito na recuperação da Santa Cidade, e continuando alguns successores seus esta empreza, alcançaraõ na conquista della muy grandes victorias dos Turcos, e Mahometanos. Mas como pelo discurso do tempo se veyo a duvidar o seu Imperio em ley, e senhorio, não continuaraõ ja catholica conquista, por falta dos Príncipes Christãos da Europa, que os não poderã ajudar no tempo, que elles mais solícitos andavaõ: muy certo termo das humanas confianças, na mayor necessidade serem mais fracas.







## CAPITULO XIV.

*Del Rey D. Sancho, que chamaraõ Capello: segundo do nome, e quarto Rey.*

**N**Ão sendo ainda chegado o fim dos trabalhos, que Portugal neste seu principio havia de passar (disse o Portuguez) antes parece, que para serem renovados, e accrescentados, foy logo por morte del Rey Dom Affonso obedecido por Rey seu filho primogenito, e herdeiro D. Sancho II, que chamaraõ Capello pelos vestidos chãos, e largos, que trazia, mais a modo de Religioso, que de Rey, nem cavalleiro. O qual correspondendo com suas humanas condiçoens ao vestido, que usava, foy em todo o discurso de sua vida mais inclinado a servir a Deos, que ás pompas, e glorias do mundo. Porque sendo Principe manso, pacifico, e honesto; e apartado de guerras, e escandalos, e não havendo em seu coração aquella verdadeira fortaleza para os Reys muy necessaria, antes com hum pura simplicidade desejando, que seus Reys nos, e Vassallos se governassem pela ley da natureza, e regras, e conselhos de boa condiçaõ: foy taõ brando, e remisso na execuçaõ das cousas da justica, e no rigor, com que as culpas de seus vassallos mereciaõ ser castigadas, que muitos delles estimando em pouco o seu supremo poder, em desprezo da dignidade Real, se atreverã a grandes desordens, com grande opprobrio da justica do Reyno, que em seu tempo se administrou pouco, assim por sua brandura, como pela inquietaçaõ de seus vassallos. Alguns dos quaes servindolhe de mãos, e dissolutos conselheiros, fizeraõ com que o Reyno, e todos os naturaes delle, em todas as cousas temporaes, e ecclesiasticas, padecessem em seu tempo muitas perdas, e damnos insupportaveis, que não se poderaõ remediar de outra maneira, senão com abatimento de seu nome, e privaçaõ de seu estado: o qual passou desta maneira.

Sendo El Rey casado com Dona Mecia Lopes, mulher viuva, e filha de Dom Lopo Dias de Haro, undecimo senhor de Biscaya, ainda que era sua parenta em grão prohibido, muy inferior lhe ficava para a nobreza

Roderic.  
à Pina Lusit.  
tan. in cju.  
vita Garib.  
ibidem  
Gloss &  
occtor in  
c. grandi  
de suppl.  
negl. praxat



de sua pessoa, e grandeza de seu estado. Pelo qual lhe foy muitas vezes requerido pelos grandes de seu Reyno, que della se apartasse: o que ella sabendo, de tal maneira soube agradar a ElRey seu marido, que elle nunca quiz consentir em o divorcio, posto que muito intervieraõ os Summos Pontifices, e muitos Religiosos, e pessoas de santa vida, e muita authoridade: com o que deu occasião, a que o povo publicamente affirmasse, que a Rainha trazia enfeitiçado, e cego do juizo. E porque alguns homens tomáraõ por instrumento de seus damnados animos favorecerem a Rainha, para que ElRey, que tanto lhe queria, por esta causa permittisse, como permittio, a execucao de suas maldades: logo aspuzeraõ por obra matando homens, e tomandolhe as mulheres, e a fazenda por força, e perseguindo as Igrejas, e pessoas Ecclesiasticas, cujas liberdades quebravaõ, e asrendas para si adquiriaõ. Com o qual de tal maneira se fizeram odiosos ao povo, elles, e a Rainha, por ser causa da dilacao de seu castigo, que alguns nobres portuguezes, mais zelozos do bem commum, que de seus particulares interesses, parecendolhes, que a Rainha dava ouzad a aos tyrannos, a tomáraõ por força a ElRey seu marido aqui nesta Cidade, e levando-a a Galiza, nunca mais tornou a Portugal. E porque nem com tudo isto cessou a soltura de tantas tyrannias, naõ parou tambem aqui o Catholico zelo dos nobres Portuguezes, soccorrendose aos Summos Pontifices, que muitas vezes a ElRey escreveraõ conselhos saudaveis, e outras asperamente a mostráraõ com excommunhoens, e interdictos. E depois que entenderaõ, que todas estas diligencias naõ aproveitavaõ, antes pela pertinacia dos máos conselheiros, os povos, e as Igrejas eraõ mais maltratadas, e vendo todo o Reyno em o suppremo grão de sua perdição, se ajuntáraõ os mais nobres d'elle, e depois de largo conselho, D. João Arcebispo de Braga, que era hum dos que tinhaõ recebido grandes perdas, e Dom Thiburcio, Bispo de Coimbra undecimo, e Ruy Gomez de Briteiros, e Gomez Viegas, ambos fidalgos, e de muita estima no Reyno, se foraõ a França, onde na Cidade Leão o Papa Innocencio IV celebrava universal Concilio, no anno do

Senhor

Senhor mil e duzentos e quarenta e quatro. Em o qual propondo os Portuguezes sua embaixada, e mostrando por publicos instrumentos, e escrituras authenticas, como passava de vinte annos, que no Reyno de Portugal senão administrava justiça; antes ElRey nelle consentia muitas forças, e tyrannias, que junto com sua pertinacia, e desobediencia, e outras inhabilidades, que contra elle apresentaraõ, bem incapaz se fazia de governar seus subditos: pelo que, pedindo elles a sua Santidade, lhes desse hum conveniente Governador, que justiça inteiramente administrasse: por authoridade do Santo Padre, e de todo o Sacro concilio, e com acôrdo dos mesmos Portuguezes, que já tinhaõ bem consultado, foy eleito por Vigario, e Regedor deste Reyno, o Infante Dom Affonso, irmão delRey Dom Sancho, e Conde entaõ de Bologonha em França por razaõ de sua mulher a Condesa Dona Mathildes. O qual sendo por mandado do Papa chamado ao Concilio, e aceita da por elle a administração deste Reyno, se foy á Cidade Pariz em França, onde solememente prometteo com juramento, que bem, e verdadeiramente governaria o Reyno, e com toda inteireza administraria justiça, castigando os más, e remunerando os bons, e sobre tudo favoreceria as Igrejas fazendo-lhes restituir suas antigas liberdades, e faria todas as mais cousas necessarias, e proveitosas ao bem commum da republica. E mandou o Papa, que reservando para ElRey Dom Sancho sómente a superioridade, e soberania no nome de Rey, e a legitima, successão se a houvesse, e tudo o mais, que necessario fosse para sustentar seu estado, ao Governador obedecessem todos os Alcaldes, e justiças do Reyno, com inteira entrega de todas as rendas, e thesouros Reaes: como mais largamente se contém em o Capitulo Grandi, do titulo de *Supplenda negligencia pralatorum*, que por esta causa se fez. Com estes poderes se veyo o Conde a Portugal, e sendo nelle pela maior parte recebido, e obedecido por Governador, só ElRey, por conselho dos seus adherentes, que o castigo de suas graves culpas com razaõ receavaõ, não quiz obedecer aos mandados apostolicos, e bullas, que o Conde trazia, antes querendo resistir, e não podendo, se foy a



Castella a pedir ajuda a seu primo ElRey Dom Fernando; que chamárao o Santo: o qual cuidando ser sua causa justa, mandou em seu favor com muita gente o Infante de Leão D. Affonso, chamado communmente, o Infante de Molina, e Dom Diogo Lopes de Haro, e outros nobres cavalleiros. Os quaes entrando com ElRey em Portugal, não tardou muito o Conde Governador, em lhe mandar notificar suas bullas, e authoridade, que tinha do Santo Padre para o seu regimento. O que visto por elles entendendo, que lhe não podiaõ fazer justa guerra, se tornáraõ para Castella: não sem algum damno de Trancofo, e outros lugares, por onde passáraõ; aconselhando a ElRey Dom Sancho, que aos mandados Apostolicos obedecesse, e se ficasse em seu Reyno. Mas elle, porque isto aos dissolutos conselheiros não aprazia, se tornou com elles para Castella: onde depois de dous annos, em que seus costumes passados foraõ convertidos em grandes virtudes, falleceo com muitos sinaes de arrependimento, e mostras de Catholico Christaõ; e foy sepultado na Sé de Toledo na Capella dos Reys, que elle edificou, em o anno do Senhor, mil e duzentos e quarenta e seis, em idade de trinta e oito annos, dos quaes reynou vinte e dous: porque os dous ultimos governou por elle em Portugal com grande alegria, e satisfação dos moradores d'elle seu irmão Dom Affonso, Conde de Bolonha. A quem todas as fortalezas, e Castellos foraõ logo entregues, senaõ foy Coimbra, e Celorico da Beyra, que dous fidalgos Portuguezes defenderaõ animosamente, a todo o poder do Conde Governador, tanto tempo, até que foraõ bem certificados da natural morte del Rey Dom Sancho, de cuja maõ tinhaõ aquellas fortalezas. Mas porque a de Coimbra era mais importante, foy primeiro cercada, e mais asperamente combatida, estando o mesmo Conde de Bolonha sobre ella mais de hum anno, com taõ estreito cerco, que padeceraõ os que a defendiaõ, a mais rigorosa fome, e sede, que em muito tempo se vio, sem nunca a sua lealdade perder hum ponto de sua constancia. Principalmente D. Martim de Freitas, que era o Alcaide, e o que por nenhum modo quiz consentir; que se entregasse, Antes se conta d'elle o mais estranho

tranho exemplo da lealdade, que está posto em memoria. Porque affirmão as Chronicas, que vendo o Conde de Bolonha a constancia de D. Martinho, fez voto solemne de não levantar o cerco, até lhe ser entregue aquella fortaleza: e o Alcaide della, de a não entregar, em quanto ElRey D. Sancho fosse vivo, ou ellelho mandasse: e por esta causa não faltáram em huma parte mortos, e feridos, e na outra misérias, e necessidades, Até que a morte delRey Dom Sancho poz termo a ellas, e o Conde de Bolonha ficou com a fortaleza; permittindo primeiro, que D. Martim de Freitas se fizesse certo della, como lhe parecesse. O qual escolhendo fazello por sua pessoa, se foy a Castella, e na Cidade Toledo, sendo por muitos certificado, que ElRey Dom Sancho era morto, não contente com isto, mandou levantar a pedra, que sobre seu corpo estava, e perante muitas pessoas, que tomou por testemunhas, poz em o braço direito do morto Rey as chaves do Castello de Coimbra, e lhas houve por entregues, e a sua pessoa por desobrigada da homenagem, que delle tinha. E feito destas diligencias authenticico instrumento, se tornou a Portugal, e na fortaleza entregou as chaves della ao Conde Governador. O qual, vista a sua lealdade, com muitas palavras de louvor lhe tornou a fazer mercê della para elle, e todos seus descendentes. Mas elle agradecendo-lhe a mercê, se escusou de aceitalla, mandando debaixo de sua maldição a seus filhos, descendentes, que nunca homenagem de alguma fortaleza aceitassem da mão de Rey, ou de outra alguma pessoa. O que visto pelo Conde, lhe fez outras mercês, e a fortaleza deixou a bom recado, e foy sobrea de Celorico, aonde estava D. Fernando Martinz Pacheco, que sabida esta verdade, logo lha entregou. E ficou então o Conde de Bolonha absoluto senhor de Portugal por morte delRey seu irmão, a quem logo devidamete, e com muita satisfação de todos succedeo em o Reyno. E com razão: porque a grandeza, e boa prosperidade mais consiste em o bom uso das cousas, que na posse dellas.











## CAPITULO XV.

*Del Rey D. Affonso o III do nome, que chamão Conde de Bolonha, e de muitas cousas notaveis de seu tempo.*

**P**orque não ficaraõ filhos a ElRey Dom Sancho, que no Reyno lhe succedessem, foy por concordia, e consentimento de todos os Portuguezes, e authoridade do Summo Pontifice, levantado por Rey o Conde de Bolonha Dom Affonso, que governava o Reyno, e foy o terceiro do nome dos Reys delle: por ser immediato successor, e mais propinquo herdeiro delRey seu irmaõ. Mas porque a Condesa de Bolonha Madama Mathildes, com quem ElRey era casado, quando veyo a governar Portugal, era de tanta idade, que não podia della esperar filhos: depois que se vio posto na dignidade Real, detejando accrescentar seu estado, e ter quem nelle lhe succedesse, e conformando-se com a opiniaõ daquelles, que só o reynar achão ser sufficiente causa, para as leys justas se violarem, deixou o primeiro matrimonio, e casou a segunda vez com Dona Beatriz, filha bastarda delRey Dom Affonso o decimo de Castella, que chamaraõ o Sábio; e de Dona Maria Guilhem de Gusmaõ, muy formosa Dama Castelhana, filha de Dom Pedro de Gusmaõ. com o mais rico, e avantajado dote, que até aquele tempo se vio em Hespanha. Pelo qual dizem, que a Condesa sua primeira mulher, que em França ficara governando o seu condado de Bolonha, depois que lhe não aproveitaraõ as muitas diligencias, que fez para alcançar a vontade delRey seu marido, por meyo delRey S. Luiz de França, seu parente, e de outros muitos Senhores da Casa Real, seus parentes, e amigos, se queixou ao Papa Alexandre IV da sem justica, que ElRey lhe fazia. O qual depois de processado legitimamente, e bem consultado o negocio, julgou por sentença, que da segunda mulher se apartasse, e ficasse com a primeira. E porque sendolhe notificada a sentença, não quiz obedecer a este mandado, procedeo o Papa contra elle com censuras Ecclesiasticas, pondo geral interdicto em todo o Reyno de Portugal, que por sua contumacia (em sennaõ querer apar-

Roderic. &  
Pina Lus in  
ejus vitGa  
rib. ibidem  
& alii Ge-  
neb. l. 4. C.  
Grandi de  
supplem  
neg. Et  
Garib. in  
vita Ferdin-  
nandi San-  
A. Castelle  
Reg.



tar da Rainha Dona Beatriz, sua segunda mulher) durou nelle doze annos, que foraõ os que a Condessa Mathildes depois disto viveo. Por cuja morte, ficando ElRey desembaraçado deste impedimento, tambem logo foy livre das censuras Ecclesiasticas, que o seu Reyno tinhaõ muito affligido; e a Rainha Dona Beatriz havida por sua verdadeira mulher, e os filhos, que já della tinha, por legitimos, por dispensação Apostolica, que'o Papa Clemente IV lhe concedeo liberalmente a rogo, e petição dos Prelados, e Nobres de Portugal. Por este casamento se ajuntaraõ á Coroa deste Reyno muitas Villas, e fortalezas; na Provincia de Alemtejo, e o Reyno dos Algarves, que foy dado a este Rey com todas as terras, que ElRey seu sogro nelle tinha, e que pudesse conquistar as mais, que ainda os Mouros possuiaõ. Com tal condição, que elle, e seus descendentes servissem a ElRey seu sogro em sua vida, sómente com cincoenta de cavallo, todas as vezes que para isto fossem requeridos. Mas desta homenagem, e obrigação foy ElRey livre dahi a poucos annos por intercessão de seu filho o Infante Dom Diniz, a quem ElRey seu avó fez esta, e outras mercês, quando em idade de oito annos o foy visitar a Castella; posto que contra vontade dos grandes daquelle Reyno. Mas a liberalidade delRey, e o muito, que queria a esta sua filha (que as historias de Hespanha muito engrandecem) valeraõ nesta parte mais; que todas as contradicções de seus vassallos: ficando ElRey de Portugal, e seus descendentes, livres, e absolutos senhores de todo o Reyno dos Algarves.

E além disto, lhe fez doação em Castella da Villa de Niebla, com todas as Villas, e Castellos, e Commarcas, que lhe pertenciaõ, a que chamavaõ Reyno, e na Provincia, que hora chamaõ Alem-Tejo, lhe fez tambem doação das Villas Serpa, Moura, e Mouraõ, e Moudar, sobre que depois houve muitas differenças. E moveo-se este Rey D. Affonso de Castella a fazer esta liberalidade a Portugal em gratificação das grandes ajudas de dinheiro, e gente, com que a Rainha sua filha o favoreceo em todo o tempo, que elle foy maltratado, e perseguido de seu filho Dom Sancho, que com outros  
ao seu

ao seu animo cónformes, se levantou contra elle, e o desappareárao de mayor parte de seus Reynos, e constrangeráo a viver em tanta miséria, que, se a Rainha de Portugal sua filha depois de viuva, não fora a Sevilha acompanhá-lo em tanta tribulação com muito dinheiro, e todas suas joyas, sempre moriéra miseravelmente. Mas com isto, e com trezentos homens de cavallo Portuguezes, que El-Rey seu genro lhe mandou, pagos á sua custa por muito tempo, pôde este Rey resistir aos rebeldes, e alcançando delles algumas vitorias, segurar sua vida, que elles procurááo chegar ao ultimo fim.

Mas porque neste Reyno do Algarve, quando lho dérao, havia ainda muitas fortalezas pelos Mouros possuidas, El-Rey Dom Affonso, a quem a ociosidade não aprazia, ajuntou muita gente de armas, e levando em sua companhia o Mestre de Aviz, e Dom Payo Correa, de nação Portuguez, Mestre da Ordem de Santiago em Castella, homem de muita fama, e grande casa, e muito esforçado Capitaão, e que a Cidade Sylves em nove de Janeiro, de mil e duzentos e quarenta e dous, e outras principaes fortalezas dos Algarves tinha já conquistado, quando em serviço del-Rey de Castella andava. Com esta companhia começou o nosso Rey sua conquista com tanto favor de Deos, valentia de seus Capitaens, e soldados, que em breve tempo (mas não sem grande resistencia) se fez senhor da Villa de Faro em o mez de Janeiro de mil e duzentos e setenta, hoje já honrada com titulo de Cidade; e das Villas de Loulé, e Albufeira, e outras muitas, lançando por força de armas os Mouros de todo fóra daquelle Reyno. Pelo qual não sómente ajuntou este novo Reyno á sua Coroa, e Titulo; mas tambem accrescentou em o seu escudo das Quinas a Orla, que o cerca, de Castellos de ouro, em campo vermelho, que erao as Armas daquelle Reyno, e seu novo senhorio na Coroa de Portugal significão.

Na conquista destes lugares, e Reyno do Algarve, aconteceu hum caso estranho, e digno de memoria. Hum Garcia Rodriguez Portuguez, no officio mercador, e no animo cavalleiro, e nobre, com quem o Mestre D. Payo Corrêa nesta conquista se aconselhava, vindo de Faro para  
Tavira



Tavira com suas mercadorias, como muitas vezes costumava, soube, que certos Christãos cavalleiros do Mestre estavam em meyo daquella terra, cercados de grandissimo numero dos Mouros, que com grande crueldade lhe procuravaõ a morte. Seguiu o mercador o rasto, até que chegou á vista delles: entãõ conhecendo, que os Christãos não eraõ mais que seis, e que não poderiaõ escapar do grande numero dos inimigos, que com muita fereza, e barbaria os combatiaõ, foyse aos homens, que traziaõ a récoa de mercadorias, e lhes disse, que fossem com ella, e entre si a repartissem igualmente, que elle hia morrer com aquelles Christãos, que em tanto aperto estavaõ; e que se elle vivesse, não lhe faltaria, de que se sustentasse. Forãõ-se os criados para suas terras, e o illustre mercador, para onde os cercados Christãos estavaõ, e com sua presença, e ajuda não esperada, cobrãõ de novo animo para vingarem bem suas mortes, que os Mouros lhe não dilatãõ muito, ainda que logo forãõ elles, e outros da mesma terra bem castigados pelo Mestre, que vindo tarde ao socorro destes, mandou, que a nenhum Mouro que achassem, dessem vida; o que foy logo feito animosamente, e com notavel estrago de toda aquella terra, que por estar entãõ de paz com o Mestre, poderaõ fazer aquella crueldade, e depois serem tambem castigados.

1279. Todo o mais tempo de sua vida gastou El Rey Dom Affonso em continua guerra, que com suas armadas fazia aos Mouros de Africa, e em outras obras de Catholico, e generoso Principe. Até que vindo adoeecer de sua ultima enfermidade, falleceo em Lisboa no anno do Senhor mil e duzentos e setenta e nove: tendo de idade setenta annos, e de Reyno trinta e dous. Foy seu corpo sepultado em o Mosteiro de São Domingos de Lisboa, que elle mesmo fundou, e depois no anno mil e duzentos e oitenta e nove foy trasladado ao real Mosteiro de Alcobaca, onde hoje está com a Rainha sua mulher Dona Beatriz, que fez esta trasladação.

Foy El Rey Dom Affonso, antes, e depois de alcançar a dignidade Real, hum dos mais justos, e verdadeiros, e prudentes Principes, que houve no mundo, e de hum coração muy esforçado, e animoso, muito amigo da

da justiça, que executou sempre em os culpados com tanto rigor, que muitos ladroens, e malfeytores, escolherão por sua vontade andarem desterrados, por terras estranhas, antes que serem justamente castigados pelo seu Rey natural: com o qual extinguião as grandes quadrilhas dos famosos ladroens, que desde o tempo delRey seu irmão Dom Sancho andavaõ nas serras. Governou sempre seu Reyno com devida, e inteira equidade, e sua casa, e fazenda, com singular regra, e louvada ordem. Fez novas povoaçoens em muitas partes do Reyno, que eraõ deshabitadas, das quaes a reedificação, e povoação da Villa de Extremoz, e a reformação, e nova povoação da Cidade de Bej foraõ as principaes.

Fundou de novo, edificou, e dotou o Mosteiro de São Domingos de Lisboa, e o Mosteiro de Santa Clara de Santarém. Mandou lavar, e aproveitar os termos de muitas Villas, e fortalezas, para se reparar a terra, que dos tempos atraz estava muy damnificada. Pelo qual, e por outras obras nascidas de sua generosa liberalidade, foy havido por singular, e excellente Principe. E todas as excellencias nelle lustraraõ muito mais, se com a Condesa, sua primeira mulher, e que muito lhe merecia, se mostrara mais benigno, e menos ingrato. Pois ainda ella em seu testamento se lembrou d'elle, para lhe deixar hum riquissimo legado. E elle sempre duro em sua ingratidão, e escandalo da republica Christã, foy bem estranhado das principaes pessoas della.

Houve ElRey Dom Affonso da Rainha Dona Beatrix sua mulher dous filhos, e duas filhas. Dom Diniz, que lhe succedeo no Reyno, chamado assim, por lhe trazer este nome o dia de seu nascimento. O Infante Dom Affonso, que neste Reyno foy Principe muy estimado; e Senhor de Portalegre, Castello de Vide, Marvão, Arronches, e de muitos outros lugares, e fortalezas, e foy casado com Dona Violante, filha do Infante Dom Manoel, que era filho de Dom Fernando o Santo de Castella, e de Dona Constança, filha delRey Dom Jayme de Aragoã. Da qual houve amplissima geração. O Infante Dom Affonso, que foy Senhor de Leiria: Dona Isabel, que casou com Dom João, Senhor de Cantabria: Dona  
Constança



Constança, que casou com Dom Nuno Fernandes de Lara: Dona Maria; que casou com Dom Tello, filho de Dom Affonso, o Infante de Molina: e Dona Isabel, que casou com D. João Affonso, Senhor de Albuquerque, filho de D. Affonso Sanches, sobrinho del Rey D. Diniz. Este Infante, de que procedem nobilissimas gerações, está sepultado no Mosteiro de S. Domingos de Lisboa, que seu pay fundou.

Huma das filhas foy Dona Branca, que sendo ainda de pouca idade, foy recebida por Senhora do Mosteiro de Lorvão, e depois permudada á Cidade de Burgos em Castella por Abbadessa do Mosteiro de Santa Maria, que chamaõ *de las Huelgas*. Onde vivendo em muita religião, e virtude, acabou seus dias, depois de gozar riquíssimo patrimonio, assim em Portugal por doações del Rey seu pay, e irmãos; como em Castella pela liberalidade del Rey D. Affonso seu Avó.

A outra filha foy a Infanta Dona Constança, que sua mãy a Rainha Dona Beatriz, depois de viuva; levou a Castella, quando foy ver El Rey D. Affonso seu pay; onde faleceo em Sevilha; e foy depois sepultada em o Mosteiro de Alcobaga.

Teve mais tres filhos bastardos, e huma filha, Gil Affonso, que foy pay de Dom Lourenço Gil, Baylio da Igreja de S. Braz de Lisboa, da Ordem de S. João. Dom Fernando Affonso, que foy cavalleiro da Ordem do Templo Santo de Jerusalem, e foy sepultado na mesma Igreja de S. Braz: A filha se chamou Dona Leonor de Portugal; que casou com D. Gonçallo Gracia de Sousa, riquíssimo Conde em Portugal. E de huma mulher de nação mourisca houve hum Martim Affonso, de quem affirmão, que procede a nobre familia dos Chichorros.

Em seu tempo, e no del Rey seu irmão Dom Sancho, tambem succederaõ no mundo algumas cousas notáveis. No anno do Senhor, mil e duzentos e vinte e oito confirmou o Papa Gregorio IX a Ordem dos Religiosos da Merced, que no tempo del Rey Dom Jayme primeiro de Aragoã se instituiu pela mercê, que Deos lhe fizera em o livrar da prizaõ, em que estivera muitos annos em poder do Conde Dom Raymundo de Tolosa, a quem

Illeso. in  
vita Gre.  
gorii 9  
Chron. de  
Aragon. de  
Bernardino  
Gomes, c.  
9. l. Mo-  
narch. Ec-  
clesi. l. 2.  
c. 1. Garib.  
in ejus vit.  
lib.

quem fora dado em guarda por morte delRey seu pay, sendo ainda de muy pequena idade. E porque quasi miraculosamente se livrou das mãos do Conde, que o retinha mais tempo do necessario, intitidou esta Ordem de redempção de cativos. Na qual os Religiosos, que a professaõ, fizeraõ sempre, e fazem muy catholicas obras, e de muita caridade: floresciaõ muitos delles em letras, e santidade. Trazem habito branco, e no peito hum escudete com as armas de Aragoã, e Catalunha, que o mesmo Rey lhes deu por insignia.

O mesmo Pontifice Gregorio IX junto a este tempo recupilou o volume das Decretaes, pondo o em mais perfeiçaõ da que tinha, quando Honorio III as ajuntou: e aproveitou-se nesta taõ importante obra da doutrina, e industria de Fr. Raymundo, varaõ doutissimo, natural de Barcelona, da Ordem dos Prégadores, e de outras pessoas eminentes em letras.

No anno do Senhor, mil e duzentos e sessenta e tres, sendo Pontifice Romano Urbano IV se instituiu a festa de *Corpus Christi*, que com tanta solemnidade, devoção, e frequencia, se celebra na Christandade. Concedo este Pontifice (que devotissimo era do Santissimo Sacramento do Altar) muitas graças, e indulgencias a todos, os que aos Officios Divinos daquelle dia se achassem presentes: fazendo disso hum Decreto doutissimo, e muy copioso, que depois approvou o Papa Clemente V, e o collocou nas suas Clementinas: o qual Officio do Santissimo Sacramento fez o glorioso Santo Thomáz, de mandado do Summo Pontifice.

Reynando em Castella D. Fernando o IV se trasladou a universidade de Palencia á Cidade Salamanca, sendo seus primeiros fundadores os mais doutos homens, que na Europa se sabiaõ; com que pelo tempo em diante se fez huma das mais insignes Universidades do mundo: e muito mais depois que veyo a reynar Dom Affonso o Sábio, Rey de Castella, que a favoreceo, e ennobreceo tanto, que veyo á grandeza, em que hoje a vemos. Este mesmo D. Fernando III sendo muito amigo da justiça, foy o primeiro, que em Castella instituiu o Conselho Real; escolhendo para isso doze pessoas em diversas sciencias

Geneb. l. 4  
Chron.  
Illescas in  
vite Grego  
ril 9.

Pontific.  
in ejus vita  
Plat ibidem

Cunicum de  
reliq. & ve  
neration.  
Sanct. Ga  
rib. l. 16  
Illesc. ibi  
D. Franc  
Monf. in  
spec. suo  
Principis  
Christiani  
Garib.  
ibidem.



inígnies, e em direito Civil, e Canonico consumadas. As quaes para melhor, e mais facilmente administrarem justiça, começaraõ a ordenar as Leys, e Ordenaçoens, que chamaõ as sete partidas, que depois em tempo del Rey D. Affonso o Sábio, seu filho, se acabaraõ. O qual foy o primeiro, que mandou, que mais se não usasse em instrumentos publicos a lingua Latina, que desde o tempo dos Romanos, e Godos se costumava: mandando tambem, para mais illustrar a lingua Castelhana, traduzir muitos livros de outras linguas nella. E bem se vio nisto, como em outras cousas, sua sabedoria; pois foy o mais conveniente meyo, que podia haver, para esta copiosa lingua chegar á perfeição, em que hoje está.

Este he o fim da florescente Infancia do Reyno de Portugal, que não se apartando de sua piedosa mãy a provincia de Hēspanha, não fez mais, que crescer, e augmentarse dentro nos termos della. O qual principio; ainda que foy affaz glorioso em se accrescentar em terras, e senhorio; nem por isso faltaraõ nelle, no meyo tempo desta primeira idade, muitos trabalhos, e desaventuras, como proprias lagrimas da infancia dos homens: taõ breves na causa, que as faz derramar, como na continuação; que he o seu castigo, que os males de Portugal em sua pouca dura representáraõ ao vivo. Porque ainda que fôraõ muitos, e por muitas vezes, foy pouco o tempo, em que permaneceraõ, como do que me ouvistes, tereis bastante noticia. E posto que diz Salustio, que a guerra facilmente se começa, e com difficuldade se acaba, e que não ha mal só, que não seja principio de muitos, e que as reliquias, que delles, e das guerras ficaõ, são bastantes a causar outros de novo; todavia, o nosso Portugal nesta primeira idade foy felicissimo em tudo: e não vos espanteis disso; porque costume he das mercês de Deos, não serem pequenas,







DIONISIUS  
FORT  
REX



VI  
LIXIT  
ANN  
LXIII  
OBIIT  
A. MCCCXXV

# DIALOGO III.

## DE VARIA HISTORIA.

*Em que se referem as cousas de Portugal, a que chamamos Adolescencia, e segunda idade sua.*

### C A P I T U L O I.

*Do genroso Rey Dom Diniz, unico do nome, e sexto Rey de Portugal.*

**E**Mextremo folgou o Peregrino de ouvir a compendiosa historia das cousas do Reyno de Portugal nesta sua primeira idade; e desejando, que o Portuguez proseguisse as mais, como lhe tinha promettido, se poz prompto, ao que elle diria; o qual depois de cobrar alento, e de revolver na memoria o que havia de dizer, começou neste modo. Tanto que ElRey Dom Affonso, ultimo desta florescente idade (como já dissemos) foy enterrado em conveniente sepultura, logo foy levantado, e obedecido por Rey, seu filho primogenito Dom Diniz, glorioso principio da Adolescencia deste Reyno, como logo mostraremos. O qual, por ser Principe, de que muitas grandezas se esperavão, mereceo, que ElRey Dom Pedro III de Aragaõ lhe desse por mulher a Infanta Dona Isabel, sua filha charissima, engeitando por elle aos Reys de França, e Inglaterra, que com muita instancia apertenderão. E não se enganou nisto, porque foy Dom Diniz (segundo de suas obras se collige) entre todos os do seu tempo o mais excellente Principe, que no mundo houve; e hum raro exemplo de Nobreza, e Justiça, e verdade: virtudes tão dignas de hum real peito, nas quaes floresceo tão perfeitamente, que lhe não levaraõ vantagem nellas os Augustos de Roma, nem Aristides de Athenas, de alcunha o Justo, nem o verdadeiro Cataõ Uticensẽ. Saberdo com a Nobreza honrar, e fazer mercês aos bons, e com a Jus-

Roderic. & Pina Lusitan. in ejus vita Garib. l. 34 Ge. neb. l. 4. Et in vita Sancti ferocis, & alii Augusti del Cast. disc. curso Jo. Sedenho in vita Ferdinandi 4. Annal de Aragaõ in vita Petri 3 & ibid. Garibay D. August. de civit. Del Lx



tiça; punir, e castigar aos mãos; e com a verdade conservar, e augmentar seu decóro, e authoridade Real: e não como Alexandre Magno, que na sua liberalidade era vanglorioso: nem como o Tamorlaõ, e Epaminondas, que com a severa justiça se fizeraõ crueis, e odiosos. Porque no senharear resplandeceo nelle huma sciencia nunca ouvida, mostrando gravidade na deliberação, presteza nas obras, e fervor, e zelo da justiça em governar seus subditos; usando com elles de maravilhosa modestia. singular benignidade, e grandissima liberalidade; sabendo temperar o rigor da justiça com a clemencia de sua humanidade, de tal modo, que com razão se afirma, que excedeo a todos os Principes do seu tempo. Porque foy dignissimo; ditofo, e excellente, magnanimo nas armas, e fortissimo. E para que em tudo fosse perfeito, não lhe faltou hum amenissimo ingenho, muito affeição- do ás letras, e sciencias; das quaes exercitando-se muito na Poesia, foy havido naquelle tempo por excellente Poeta: eo primeiro, que em Hespanha, e na vulgar lingua Portugueza compoz versos, e rimas, como se vê em alguns poemas, que em louvor de Nossa Senhora ainda hoje permanecem. Não se esquecendo de ser Author de muitas leys justas, e santas, com que seus subditos se governassem, e a justiça devidamente se administrasse. Foy tambem muito dado a cultivar, e aproveitar a terra; cujos labradores costumava chamar nervos da republica: por cujas mãos, sem oppressão de seus vassallos, se fez senhor de grandissimos thesouros, e a elles de muita fazenda. Com o qual foy sempre dos seus muito venerado, e amado dos estranhos; e dos Principes da terra muy louvado: e de todos os homens em geral tão estimado, que em diversas provincias o vinhaõ a ver, como a huma grande, e maravilhosa cousa. E era elle tão generoso, que nenhum se partia de seu Reyno, sem primeiro conhecer a fama, que os alli trouxera, ser verdadeira, e certissima, que a sua confiança os não enganara, no que de suas grandezas pelo mundo se publicava. E ainda que nelle concorreraõ estas excellencias de sua Real pessoa gloriosas, não lhe faltou outra de sua benigna fortuna gloriosissima, e que seu nome; e fama mais engran-

engrandeceo, illustrou, e fez immortal, que foy o matrimonio, que com grande Magestade na Villa de Trancoso celebrou com a Rainha Dona Isabel, filha de Dom Pedro o III de Aragoão, e de sua mulher a Rainha Dona Constança, neta do Imperador Federico II. Na qual a mais alta perfeição, e formosura humana, era a menor excellencia, de quantas com liberal fortuna foy dotada. E entre as outras suas santissimas, e gloriosas virtudes, se conta della, que os descuidos del Rey seu marido em a não estimar nos primeiros annos, como ella merecia, soffria a Santa com exemplo raro da unica prudencia, e singular virtude, procurando sua emenda com modos tambem unicos, e extraordinarios. Porque aos filhos bastardos del Rey (que não foraõ poucos) tratava taõ benignamente, provendo-os sempre de tudo, o que haviaõ mister, que El Rey seu marido, vendo-se confuso de sua admiravel bondade, e virtude, conheceo seu erro, e se emendou dos excessos commettidos, e a ella amou dalli em diante perfeitamente. Dando com isto a Santa Rainha unico exemplo a todas as virtuosas Princezas, e mulheres, de qualquer estado, que valendo-se de diferentes meys, Garib. ubi  
sup. damnaõ mais do que aproveitaõ. Della houve El Rey seu marido o Principe Dom Affonso, que lhe succedeo no Reyno, e a Rainha Dona Constança, que foy mulher del Rey Dom Fernando o IV. de Castella. E de diversas mulheres, a que foy algum tempo afeiçoado com menos decencia, do que a seu Real estado convinha, houve El Rey, em quanto foy mancebo, cinco filhos, e duas filhas. D. Affonso Sanches, que foy Senhor de Albuquerque, o qual pelo muito amor, que lhe mostrou seu pay, foy causa, e instrumento de todas as desobediencias do Principe seu filho. D. Dom Pedro, Conde de Barcellos, que nos deixou escrita com muita diligencia a Genealogia dos fidalgos de Portugal, Outro D. Pedro, que casou com Dona Branca, filha de D. Pedro Annes senhor de Portel; da illustre progenie do Grande Conde Mend de Souza. D. Joaõ Affonso, e D. Fernando Sanches, que está sepultado em Santa-rém, no Mosteiro de S. Domingos. Dona Maria, que casou com D. Joaõ de Lacerda, e outra Dona Maria, que morreo Freira em o Mosteiro de Odivellas.



E sendo este Rey enobrecido de sciencia, e valor militar, determinou perseguir com mão armada os inimigos do nome de Christo; assim fez sempre cruel, e continua guerra com suas poderosas armadas aos Mouros de Africa, vendo que os de Portugal já eraõ lançados fóra delle; e houve-se com elles tão alperamente, que não se acha posto em memoria, que alguma hora lhes concedesse tregoas, nem com elles fizesse pazes; e para que o seu generoso animo mostrasse mais sua grandeza, não lhe faltáraõ occasioens, em que isto se effectualle em muitas differenças entre elle, e os Reys de Castella Dom Sancho seu tio, e Dom Fernando o III seu primo. Com os quaes, por não cumprirem certos contratos de pazes, confederaçoens, e casamentos, trouxe tão cruel, e alpera guerra, que por espaço de hum anno, e trez mezes receberaõ estes dous Reynos grandes oppressões, perdas, e damnos, mortes de gente, e destruição de fazendas: andando tão acceso o fogo da crueldade, que a nenhuma pessoa se perdoava, assim os que se acolhiaõ ás Igrejas, como os que fóra dellas se achavaõ, que he o ultimo grão de toda a soltura, e insolencia. Até que entrando ElRey D. Diniz pela commarca da Beira em Castella por espaço de quaranta legoas, e sem nenhuma resistencia, destruindo, e assolando toda a terra, por onde passava, chegou a Simancas, duas legoas de Valhadolid, onde ElRey D. Fernando estava com sua mãy, e seus tutores, e ahi accendendose mais a furia da vingança, com tanta alperiza, e crueldade se houve nestas contendas, que foraõ contrangidos ElRey, e seus tutores, mandárem requerer a ElRey Dom Diniz, que retendo seu poderoso braço, da começada guerra desistisse; que as pazes, e concordias se fariaõ, como elle quizesse. O qual logo vindo a effeito, resultáraõ daqui os dous matrimonios, hum de seu filho, e herdeiro Dom Affonso, com Dona Beatriz, filha del-Rey Dom Sancho de Castella: e outro de sua filha Dona Constança com ElRey Dom Fernando, o III de Castella, filho tambem do mesmo Rey Dom Sancho. Pelo qual, e por outras cousas, cujo successo lhe seguiu sempre a vontade (como foraõ as muitas differenças, que teve com seu irmão, e vassallos) não sem causa se disse vulgarmente

mente, que ElRey D. Diniz fez tudo quanto quiz.

Pessados estas, e outras cousas, succedendo grandes discordias, e differenças entre ElRey D. Fernando de Castella, e ElRey Dom Jayme de Aragoã, sobre o Reyno de Murcia, e entre o mesmo Rey Dom Fernando, e o Infante Dom Affonso de Lacerda seu primo, que tambem se chamava Rey de Leão, e Castella: por ser filho primogenito herdeiro do Infante Dom Fernando de Lacerda, que morreo em vida de seu pay ElRey Dom Affonso o Sábio de Castella, contra quem o Infante Dom Sancho seu filho segundo, e pay deste Rey Dom Fernando, se levantou com o Reyno, foy nomeado o Invicto Rey Dom Diniz pelo Santo Padre, e a requerimento das partes, dado por Juiz arbitro, para que estas differenças concordasse: pois elle melhor, que nenhum outro Principe, o podia, e devia fazer, assim por sua authoridade, e inteira justiça, como pelo estreito parentesco, que com todos tinha. O qual sendo por elle aceitado de boa vontade, de tal maneira se houve elle, e os mais juizes para o caso deputados, que eraõ o Infante Dom João, tio delRey Dom Fernando, e Dom Ximeno, Bispo de Çaragoça, e com tanta inteireza terminou todas as differenças, que entre os Reys havia, que da justa conclusão, que nellas tomou, não houve algum, que se queixasse, e ao por elle pronunciado não obedecesse. Dando a Dom Affonso de Lacerda pelo titulo de Rey, que logo deixou, muitas terras em Castella, que seus descendentes possuem: entre os quaes os Duques de Medina Cali são os primogenitos por linha de varaõ, e legitima. E usou elRey Dom Diniz em todas as terras de Castella, e Aragoã, por onde andava, de tão generosa liberalidade, que se conta delle por muy certo, que pedindo-lhe ElRey Dom Jayme de Aragoã, seu cunhado, para suas necessidades dez mil dobras de ouro emprestadas sobre certas fortalezas, elle lhe deu vinte mil graciosamente: dizendolhe mais, que pois elle astinha, razaõ era, que lhas dêsse, e elle, que as aceitasse, pois dellas tinha tão justa necessidade. Dando tambem a todos os Principes, e Princezas, e Infantes seus parentes, muitas joyas ricas, e pedras finissimas

1304.

Garib, ubi  
sup. Hieron.  
nim. curata  
in annal de  
Aragon.  
Roderic, á  
Pinaç



mas, preciosas; e outras muitas peças de grande preço, e estima. E não se esquecendo dos grandes Senhores daquelles Reynos, e homens Nobres, e Fidalgos delles, fez tambem mercês a muitos, muy avantajadas, e pouco costumadas naquelle tempo: porque até aos que naquella occasião ausentes se acháram, mandou muitas peças ricas, joyas, e perolas. Com o qual era naquellas partes sua nobreza, e liberalidade tão conhecida, que deu ousadia a hum Cavalleiro Castelhana (de quem a nobreza del Rey por ventura se esquecera) que estando elle hum dia comendo, lhe disse, que nenhuma de quantas mercês a todos fazia, chegara a elle. Ao que El Rey respondendo com alegre rosto, que lhe pesava muito, lhe mandou dar a mesma mesa, em que estava comendo, que era toda de prata, e a ultima peça, que de seu thesouro ainda em seu poder estava. E não fazendo aqui termo sua liberalidade, pedindo-lhe El Rey Dom Fernando seu genro ajuda para fazer guerra aos Mouros, lhe mandou setecentos homens de cavallo, com o Conde D. Martim Gil de Sousa seu Alferes Mór, bem apercebidos, e pagos á sua custa: e mais lhe emprestou dezaseis mil e seiscentos marcos de prata, que vem a ser de moeda deste tempo, mais de cem mil cruzados.

De hoclate  
Dialog 4.º c.  
2.º hoc libro.

Rades de  
Aodrada in  
ordinarium milit.  
Hispan.

Tornando El Rey Dom Diniz ao seu Reyno, não cessou sua grande perfeição de resplandecer em claras obras, fazendo muitas, que da excellencia dellas lhe nasceu immortal fama: como foy instituir nesta Cidade as primeiras escolas geraes, que em Portugal houve: para o qual (desejando ennobrecer seu Reyno com sciencias, já que nas armas era tão exercitado) mandou trazer doutissimos Mestres de outros Reynos, a que fez grandes mercês, e assignou salarios avantajados, para que com melhor vontade ensinassem seus subditos, a que procurou sempre todos os bens, e proveitos. Hum dos quaes, e não o menor, foy livrar, e eximir os Cavalleiros da Ordem de Santiago de Portugal da sujeição, e obediencia, que devião ao Convento de Uclés em Castella: fazendo esta isenção por authoridade do Sumo Pontifice Nicoláo IV. E depois de haver litigio, foy confirmada pelo Papa Celestino V. mandando, que obedecessem á Sé Apostolica, e aos

e aos Reys de Portugal sómente, e que em tudo o amis ficasse como dantes. O seu primeiro Mestre foy D. Lourenço Annes, com inteira superioridade sobre todos os Cavalleiros, que neste Reyno havia da mesma ordem, ordenando seu Convento, e cabeça a Villa de Alcaçar do Sal, donde depois se trasladou a Palmella.

Tambem em tempo deste grande Reyno no anno 1310<sup>o</sup> do Senhor, mil e trezentos e dez, sendo pelo Papa Clemente V. em o Concilio de Vienna de França annullada a ordem dos Templarios, e seus bens confiscados (como atraz dissemos) e applicados á Ordem de São João, todavia na sentença, que em privado Consistorio publicou o Summo Pontifice, foraõ reservados á disposição da mesma Sé Apostolica todos os Cavalleiros, que militavaõ nos Reynos de Portugal, e Castella, e Aragaõ, pelas boas informaçoes, que ElRey Dom Diniz deu dos do seu Reyno: e pelas diligencias, que fez com os Reys de Castella, e Aragaõ, que o mesmo impetrassem. Mas vindo depois entre a gente a ser odioso o nome destes Cavalleiros, que pela Sé Apostolica, precedendo Concilio, eraõ já condemnados, succedeo o mesmo nos de Portugal, Castella, e Aragaõ: ainda que em Portugal, nenhum delles foy prezo, nem condemnado, sómente a fazenda foy confiscada, e a ordem desfeita: e o mesmo se fez em Alemanha no anno de mil e trezentos e doze. Do qual resultou, que ElRey Dom Diniz, como Principe Catholico, e augmentador das Religioens, sentindo a falta, que os Cavalleiros Templarios fariaõ em seu Reyno, se deliberou de instituir nelle huma nova Ordem Militar de Cavalleiros, que nas catholicas obras succeddessem aos outros, com titulo, e nome de Religião de Jesu Christo: assignando-lhe por patrimonio os bens, que dos Templarios ficaraõ, com authoridade do Papa João XXII, que foy o que a confirmou, e recebeu na protecção da Santa Sé Apostolica. E foy seu primeiro Mestre Dom Fr. Gil Martins, Mestre, que até entãõ era da Ordem de Aviz: e seu assento, e cabeça a Villa de Castro-Marim, por estar mais perto da conquista dos Mouros; que foy o principal intento, para que ella se instituísse no anno do Senhor, mil e trezentos e vinte. E dalli a al-

Dial 2. c. 6.  
ubi multa  
allegavimus

Genéb. l. 4.  
Chronol.

Ultra nostra  
Lusitanos  
Piat. in ejus  
vita. Illefc,  
ibidem,  
Monarch  
Ecclet. l. 2. r.  
c. 22. Gon-  
çal. de Mo-  
lina in no-  
bilic. de  
Andal. l. 2.  
c. 32.  
1320.  
Garib. in  
ejus vita



guns annos, lhe deu ElRey muitos privilegios, e outras cousas competentes á authoridade, e ornamento desta Santa, e nobre Religião, cujo assento, e cabeça se mudou depois á Villa de Thomar, onde hora esta, e onde estava o Governador da Ordem dos Templarios. Milita esta Ordem de Jesu Christo debaixo da regra de S. Bento, e reformação de Cister, e por habito tem manto branco com huma Cruz vermelha aberta em branco, como trazem os Cavalleiros da mesma Ordem: e era visitada pelo Abbade de Alcobaca, até que ElRey D. Joaõ III impetrou bulla do Summo Pontifice de izençaõ, quando reformou aquelle Convento, como hoje esta, obrigando os Freires delle a trazerem habito monachal.

ElRey D. Manoel tambem a esta Ordem fez muitas mercês, e lhe concedeo a vintena dos direitos das grandes riquezas, que a este Reyno vem das terras Orientaes da India, Persia, e Arabia.

E para que ElRey Dom Diniz conhecesse, que a humanidade sua tambem era sujeita aos contrastes do mundo, não lhe faltaraõ alguns nos ultimos annos de sua vida, que o pozeraõ em cuidado, e lhe causaraõ sentimento. Porque o Principe Dom Affonso seu filho, e herdeiro, em quem era bẽm, que sua velhice descansasse, pelo amor, que ElRey mostrava a Dom Affonso Sanches, seu filho bastardo, que o Infante mal soffria; o tratou com tantas desobediencias, e quebras de sua nobreza, e fidelidade, que foy algumas vezes constrangido a applanar estas inquietacoens com maõ armada. As quaes, ainda que foraõ muitas, e de maneira, que parecia não haver recurso nellas sem grandes males, e damnos, de ambas as partes executados, toda-via eraõ taõ continuas as oraçoens, e jejuns, disciplinas, e esmolas, que a Santa Rainha Dona Isabel fazia continuamente a Deos, pedindolhe, que a tantos trabalhos possesse ter. mo, que todas as vezes, que o marido, e filho a tal estado chegavaõ, era taõ admiravel a ordem, que tinha em os aquietar, indo pessoalmente aos exercitos, que se recolhiaõ logo com suas gentes, e dos odios antigos se esqueciaõ. E ultimamente pelas oraçoens desta Santa Rainha, e intercessaõ da Rainha de Castella, e do Papa Joaõ,

vigefimo segundo, se vieraõ a concordar. E sendo já chegado o tempo, em que mais pacificos estavaõ, e as cousas de seu Reyno em summa concordia, e prospero estado, veyo ElRey Dom Diniz a fallecer em Santarém, com grande sentimento de seu povo, a sete de Janeiro de mil e trezentos e vinte e cinco, sendo de idade de sessenta e quatro annos, dos quaes reynou quarenta e seis. Seu corpo está sepultado em o Mosteiro de São Diniz de Odivellas, de Freiras da Ordem de Cister, e reformação de São Bernardo, que elle mesmo alli fundou, edificou, e dotou de grandes rendas, com obrigação, que as monjas d'elle guardassem clausura, que até então não tinhaõ as outras Freiras daquella Ordem. E houve logo então naquella Mosteiro oitenta Freiras, todas de cugûla. E posto que sua liberalidade, em quanto viveo, parecia exceder a potencia de seu estado, ainda em seu testamento por sua morte deixou, que tirassem de seu thesouro cento e quarenta mil cruzados de ouro, para se repartirem por hospitaes pobres, orfaõs, viuvas, e casamentos de donzellas, e redempção de cativos, e outras obras piãs, como á Rainha sua mulher bem parecesse. Ordenou tambem, que hum cavalleiro de boa vida, estivesse em Jerusalem, e servisse em seu nome na guerra contra os infieis dous annos, e para isso lhe deixou mil e duzentos cruzados de ouro. E que outro bom homem, e de boa vida, fosse estar em Roma duas quarentenas, e nellas andasse em seu nome todas as estaçoens das Indulgencias; e a este deixou quatrocentos cruzados de ouro. E se nas cousas Ecclesiasticas, piãs, e catholicas, ElRey Dom Diniz se occupou, como temos visto, não se descuidou das seculares, e que á reedificação, e magnificencia de seus Reynos convinhaõ. Ainda que querer particularizar os povos, que fez de novo, e os que reedificou, e engrandeceo, e fortaleceo, e o grande numero de Castellos, Torres, e Muros, que com seus grandes thesouros acabou, seria para nosso breve discurso cousa impórtuna; e larga; porque fez quasi de novo todas as Villas, e Castellos de Alem Teio, junto ao rio Guadiana, que são Serpa, Moura, Olivença, Campomayor, e Ouguella: cujos Castellos fez de novo, com muita despeza de seus thesouros. E na



meíma commarca mandou edificar os castellos de Monforte, Arronches, Portalegre, e Marvão, Arrayolos, Alegrete, Castello de Vide, Borba, Halandroal, Villa Viçosa, Evora-monte, Veiros, Monçaraz, Noudar. Mandou accrescentar o Castello de Jerumenha, e fazer o Redondo, e o Açumar, e a torre, e castello de Beja. Na commarca da Beira mandou fazer de novo os castellos de Avó, Sabugal, Alfaiates, Castel-Rodrigo, Villa-mayor, Cnstelbom, Almeida, Castelmilhor, Castelmendo, S. Felices dos Gallegos, e mandou de novo edificar a Villa de Pinhel, e seu castello, Nas commarcas dentre Douro, e e Minho, e Tralos-Montes, cercar Guimaraens, as Cidades Braga, e Miranda do Douro, e seu Castello, e as Villas de Monção, e Castro Leboeiro. E mandou fazer de novo, e povoar os castellos de vinhaes, Villafior, Mirandella; Freixo de espadacinta, Villa-Nova de Cerveira: e de novo, e do primeiro fundamento Villa Real, que fazem numero de quarenta e quatro. Além disto mandou povoar Muja, Salvaterra, Atalaya, Ceteira, Montargil, e outros lugares, e Villas semilhantes. E entre estes tambem foy Author da Rua nova de Lisboa, bem conhecida neste Reyno. Mandou plantar o grande Pinhal de Leiria, sem o qual era impossivel poderle conservar a navegação da India, pelas grandes embarcaçoens, que para ella são neneffarias, que senão podem fazer senão de muitas, grandes, e antigas arvores, que neste Reyno não havia. Pelo que não parece sem mysterio inspirar Deos no coração deste Rey, que tanto dante mão desse principio a tamanha cousa.

## C A P I T U L O II.

*Do principio do falso profeta Mafema, de sua nefanda seita, e da origem dos Turcos, e fundação do Imperio de seus Othomanos*

**A**Ntes que chegasseis (disse o Italiano) com a vossa compendiofa historia aos successos do anno do Senhor, mil e trezentos, tinha para mim, que não houvéra em todos os seculos tempo algum mais calamitoso, e triste: pois nelle teve principio o soberbo Imperio dos Tur-

cos Othomanos. Mas agora, que ley, que o vosso esclarecido Rey Dom Diniz, de gloriosa memoria, instituiu nelle a insigne Ordem Militar de Jesu Christo, quando este tyrannico dominio se levantava, vim em claro conhecimento ser maravilhosa obra, e mercê particular da Providencia Divina, que com semelhantes meyoas aos bem intencionados favorece: e assim he bem, que os inimigos do nome de Christo, pelos Cavalleiros do mesmo appellido sejam contrastados, e extinguidos. Ainda vós não considerais (respondeo o Portuguez) quam particular cuidado tem a Divina Providencia de acudir com saudaveis remedios a semelhantes necessidades: pois no tempo, em que essa soberba, e importuna Monarquia começou no mundo a mostrar sua fereza, nesse mesmo (como he Author Genebrardo, e Pineda) começou tambem a ser conhecida nelle a sempre Augusta familia, e Catholica progenie de Austria: entrando a sua generosa casa no Sacro Imperio Alemanico por Alberto VI, e Federico III, que com seu valeroso animo, e favor Divino, mostraraõ ao mundo, que a nenhuma fereza, posto que Othomana, podia ser vencida: dandonostantos Principes, tantos Reys, tantos Imperadores, Monarcas, e Potentados, que nesta necessaria obra trabalháraõ sempre com taõ Catholico zelo, como saõ boas testemunhas as calamidades, que este commum inimigo recebeo em Ungria, em Tunez, em Malta, em Lepanto, em a Cidade de Dio no Lusitanico Oriente, e junto de Ormuz na Persia, e em outras muitas, todas ministradas pelos descendentes daquella Austriaca prosapia, taõ venturosa nas insignes vitorias, como feliz, e bem afortunada em a numerosa progenie, com que enriqueceo o mundo, e a si se faz famosa, e a Deos muito aceita. E não he isto mercê desacostumada da poderosa mão do Senhor, nem conjectura inventada dos modernos; pois diz Dulphilas, e refere Affonso de Vilhegas, que no proprio dia, que em Inglaterra nasceo o impio Heresiarca Palagio, nesse mesmo em Africa veyo ao mundo o doutissimo Santo Agostinho, taõ accerimo perseguidor seu, como todos sabemos. Fernando Cortez Castelhano nasceo em o mesmo anno, que Martim Luthero: este para preverter

muita

Geneb. l. 4  
Chronol.  
Pineda in  
geneal.  
Austriac.



Pontifical l.  
6 c. 24 § 17

muita parte da Christandade com diabolicas heresias; e aquelle para recuperar esta perda, com tanto mayor ganho, e usura, como saõ boas testemunhas o infinito numero de Christãos do mundo novo, que elle converteo à Fé de Christo, e a mayor parte conquistou para a Coroa de Castella. E tambem he Author o mesmo Genebrardo; ser tradição antiga dos Judeos, que no dia, em que Nabuchodonosor Babilonico destruiu, e poz por terra o santo Templo de Salamão, neste mesmo nasceo Cyro Persa, que extinguiu a soberba Monarquia dos Babilonios, destruindo, e aniquilando os descendentes deste tyranno Rey, e restaurando o Templo; que elle damnificou. Dando com isto a entender, que no dia, em que se pozera por obra tão sacrilega maldade, nesse mesmo permittio Deos, por sua infinita misericordia, que tivesse principio o instrumento de tão justa vingança, e que memoria de tão nefanda familia se extinguisse, cujo semilhante permittirá o Senhor, que seja sempre a Augusta, e generosa casa de Austria, em o desejado fim, pois o foy no principio; varrendo da memoria dos homens o pesado jugo da tyrannia Othomana, e metendo debaixo de seu Imperio a soberba Monarquia dos seus Solimanos, Bayazetos, Amurathes, e Mahometos: com que fique sempre invencivel; como até hoje temos visto, e daqui em diante seu Catholico zelo lhe annuncia, para que entendamos, que o clementissimo Deos, Senhor do mundo, com huma mão nos dá a doença, e castigo, e com a outra a medicina, e remedio. Mercê soberana foy essa, (acudio o Italiano) e bem merece gratificada com catholicas obras, que eu hoje não vejo: pois saõ tantas nossas maldades, que impedem, ou pelo menos dilataõ o effeito de tão divina invenção.

Geneb. l. 4  
Baptist.  
Egnat. li. 2  
In epitome  
Rn. Inp  
Maff lib. 23  
Chron.  
Bloud. l. 6  
Decad. I  
Joan. Diac.  
l. 18 rer. R.  
Joan Leo  
in descript.  
Africa Ar.  
chiep. To.  
let in histo.  
ria Sarrac

Mas deixando á parte (disse o Portuguez) essas verdadeiras queixas de nossa fragilidade, que magoaõ mais, do que aproveitaõ, folgára saber a vossa opiniaõ, ácerca do principio, e nascimento dessa bellicosa, e barbara nação; porque assim nisto, como na origem de seu preverbo, e falso profeta Mahomet, vulgarmente chamado Masamede, ha tantas opinioens entre os Authores, que difficulosamente se póde affirmar coula certa. Porque

huns

huns o fazem Peria, e outros Arabio, ou Ismaelita, e outros Sarraceno, de hum lugar chamado Saraco. Muitos ha, que lhe dão baixos progenitores, e outros o fazem descendente de nobre familia: alguns dizem, que foy cavalleiro esforçado, outros industriofo mercador, e tratante, e não faltaõ muitos, que lhe dão ainda outro exercicio mais vil, e abatido. Mas todos apregoão sua maldade, e nosso descuido. E eu digo com Nicolão de Lyra, que foy elle hum certo precursor do Anti-Christo, e muy digno açoute de nossas culpas. Mais dizia o Portuguesez, segundo a materia era copiosa, senão lhe tomara a mão o Italiano dizendo: Inda que esses Authores sejaõ taõ diferentes em opinioens, como vós dizeis, não deixa de haver alguns dignos de credito, e entre elles he muy notavel Genebrardo, diligente historiographo de nossos tempos, que das mesmas chronicas Sarracenas tirou o que disse. Segundo o qual, posto que haja duvida no tempo, em que este nefando legislador nasceo, he opiniaõ constantissima entre os Arabicos, e suas Chronicas (que he, o que para isto nos importa saber) que começou o seu Reyno, e senhorio, e promulgação de sua abominanda ley, no anno do Senhor seis centos e dezafete. Mas, porque huma cousa taõ grande, como esta, não podia ter principio, senão de alguma grande occasiaõ, seguiremos nisto, o que diz o muy douto Paulo de Santa Maria, Bispo de Burgos, nas addiçoens, que fez sobre o grande postilador Nicolão de Lyra. O qual no fim do livro do Genesis affirma, que se ensoberbeceo tanto o Imperador Eracleo com a gloriofa vitoria, que Deos lhe concedeo de Gofroe, (Rey dos Persas, cruel tyranno de todo aquelle Oriente) com que ficou taõ absoluto Senhor do mundo, que começou a usar algumas tyrannias, por seus Capitaens exercitadas, com os seus novos subditos, e Persas Arabios e Caldeos, até que chegou a tanto extremo o pezado jugo, com que os tratava, que ousaraõ alguns delles a tratar de se rebelarem. Mas como não tinhaõ quem os guiasse, cessaraõ deste intento, sofrendo com paciencia as insolencias dos Capitaens do Imperador. Até que hum Mahomet, chamado tambem Mesoma, de raçaõ Arabio, e em ley gentio, tomou occasiaõ a' afeitar, e que

late Monarc. Eccl. lib. 17 c. 25 & seq. Joar. Vase tem. 1 c. 12 Joan Zonara, tom 2 Polydorus Virgilius de invenit. rer l. 7. c. 8. Joan. Terzag. l. 8 Illeic. l. 4 c. 6. & bene Jacob de victriac. hist. Orientali.



elles tanto desejavaõ. Porque a liberdade perdida sempre estimulou os homens a recuperalla, e as injurias recebidas ordinariamente provocaõ a cruel vingança. Era este Mahomet filho de hum Abdala, e de sua mulher Henima, ou Imina: o pay era gentio, e a mãy judia, e ambos de geraçaõ não tão obscura, nem tão baixo estado, como vulgarmente se affirma. O qual ficando por morte de seu pay, e mãy, em idade muy tenra, affirmaõ os Arabios, que se criou com huma sua ama lavradora, a quem alguns tem por mãy verdadeira, e por isso variaõ em os nomes de ambas. Esta deve ser tambem a causa, porque não soube ler, nem escrever. Mas como chegou à idade de quatorze até quinze annos, se foy a casa de hum Abdemonaliph, marido de huma sua parenta, chamada Hadissa, ou Cadiga, O qual, porque era mercador muito rico, e poderoso, servia-se de Mahomet, quasi como feitor, no seu trato, e mercancia, mandando-o com grande cópia della a muitas partes do mundo. E porque ordinariamente hia em camelos, e outros animaes de carga, daqui lhe erguem alguns Authores a sua baixeza. No qual exercicio se mostrou tão astuto negociador, que morto o amo, se casou com elle a mulher Hadissa: por cuja morte, que não lhe tardoü muito, ficou Mahomet herdeiro de todos seus bens, e riquezas, que as historias engrandecem muito. E como era muy sagaz, e de agudo engenho, e sobre tudo ambiciosissimo, quando se vio tão prospero em riquezas (muy proprios estimulos de grandes atrevimentos) começou a aspirar a mayores cousas, vigiando sempre occasiã a isso conveniente. E porque as guerras são a mais ordinaria origem dellas, ajuntou huma companhia de Arabios, com os quaes em serviço do Imperador Eracleo, e contra os Persas, alcançou entre elles nome de esforçado cavalleiro, e reputação de prudente Capitaõ. Até que, chegada a occasiã das tyrannias do Imperador (que atraz diziamos,) o fizeram os Arabios seu Capitaõ em a sua rebelliaõ, de hum máo pagamento occasionada, a que elle tambem com vehemencia os persuadio. Neste officio elle se houte com tanta sagacidade, e industria, que vencendo os Capitaens do Imperador, trouxe á sua opiniaõ, e dominio muita parte de

de Arabia } Syria ; e Caldea. E crescendo-lhe com o poder a ousadia, ajuntou muitas gentes, que com pretexto da liberdade perdida, não faltavaõ; e com elles alcançou da gente do Imperio muitas vitorias, e em sua pessoa accrescentou reputação, e credito. Para cuja confirmação, e amplificação de seu estado, e senhorio, que elle tanto desejava, determinou dar-lhe huma nova ley, e modo de viver, debaixo do qual perseverassem em sua rebelião; porque os homens aos seus Reys desobedientes facilmente mudaõ a ley, e com ella os costumes, a que seguem sempre as vontades, que sóem ser ministradoras das humanas obras. E como o seu ingenho era maligno, e para toda a ousadia prompto, e aparelhado, e tambem ajudado do conselho, e industria de dous Judeos apóstatas, com quem tinha familiaridade; e de hum Sergio, e João, hereges Arrianos, e Nestorianos, de quem se quiz valer nesta nefaria obra; veyo a fazer a mais abominada ley, que a maldade luciferina poderá inventar. Porque de todas as leys, e feitas, que naquelle tempo no mundo havia, e de que elle, pelo seu trato, e exercicio, tinha sufficiente noticia, escolheo todos os preceitos, que os homens em seus humanos appetites mais licenciavaõ: e como estes eraõ barbaros, e elle astuto, e sagaz, facilmente os persuadio, não sómente com palavras artificiosas, e mentiras, de que era grande artifice, e com as superstições da Pomba do Turco, e da sua infirmitade; mas tambem com armas (principal preceito, e fundamento de sua nefanda feita) trouxe ao seu parecer infinita multidão delles, que para recuperar a liberdade perdida, mais facilmente se lhe ajuntáraõ. E principalmente descendo da raiz do monte Caucazo huma fera gente, chamada Nabathéa, de Nabaothe primogenito de Ismael, de que tambem se chamavaõ Ismaelitas: com elles se fez tão poderoso, que aspirou a grande senhorio. E como era homem em extremo ambicioso, determinou fazer-se Senhor dos Perlas, que enfraquecidos andavaõ pelo Imperador Eracléo, e começando a conquistallos, lhes deu huma porfiada batalha, na qual sendo vencido pela ajuda, que contra elle deraõ os Turcos, esteve quieto algum tempo, em que refazendo o exercito, torpou contra elles



tao poderosamente, que os venceo por muitas vezes, e se fez senhor delles, e de outras muitas terras circunvezinhas. Valendo-se em todas estas conquistas de sua fallia religiao, que com grande industria ousadamente apregoava (principal meyo, que o poz em tao alto estado) dizendo, que elle era o verdadeiro executor de ambos

L. 4 Chro.  
nologiz.

os testamentos, Novo, e Velho, como descendente do Patriarca Abrahaõ: para cuja confirmação chamou á sua ley Alcoraõ, por excellencia, que na lingua Arabia significava ajuntamento de preceitos sagrados, como diz GENEBRARDO. E porque a ley era tao ridiculosa, e mal fundada, como os que a abraçavaõ, barbaros, e de pouco entendimento, mandou-lhe Mahomet por principal preceito, que as armas fossem as ordinarias razoes, com que a defendessem. Com o qual, crescendo-lhe o poder, lhes nasceo tanta ousadia, que tambem molestou muitas terras, que naquellas partes eraõ sujeitas aos Romanos, e lhes diminuiu muito do seu Imperio, até que ultimamente se veyo a fazer tao poderoso, que constituiu em seus descendentes hum grande senhorio, que elles foubereaõ tambem sustentar, e amplificar pelos seus Caliphas, Miramolins, Sultanos, e Almanfores (ajudando-os nosllos peccados), que em pouco tempo, se fizeraõ senhores de toda Persia, Syria, Judéa, e ambas as Armenias, e da mayor parte de Africa, e Hespanha: levando por todo o mundo a malvada, brutal, e diabolica feita deste seu nefando legislador Mahomet. O qual no tempo em que suas cousas mais floresciaõ, veyo a morrer de peçonha, que hum seu discipulo muito estimado lhe deu, para ver se era verdade o que elle dizia de sua resurreiçaõ ao terceiro dia, que o amado Discipulo, e outros muitos esperaraõ, guardando o corpo com muita veneração, cuja alma ardendo estava no Inferno: até que não podendo soffrer a sua contagiosa companhia, se afastaraõ por algum espaço, em que permittio Deos, que huns caens o comecem quasi todo, posto que não faltaõ Authores, que testificaõ outra cousa de sua morte mais infame, e baixa, mas mais conforme á sua nefanda, e torpe vida. Chamão-se estes perfidos de vários nomes, e appellidos: Mahometanos deste seu Mahomet, Ismaelitas, e Agarenos,

Jacob. de  
Vigriaco de  
hist. orient.  
al. c. 7.

Hist. dos  
Xarifes

renos ; como descendentes de Ismael ; filho de Abra-  
ham, e de Agár sua escrava: e porque se gloriaõ de procede-  
rem de sua mulher Sara, se chamaõ Sarracenos: e tambem,  
porque sua principal morada, e habitação foy na Mauri-  
tania, Provincia latissima de Africa, lhe chamaõ Maurita-  
nos, e communmente Mouros, e como descendentes da  
Provincia de Arabia, Arabios.

Bapt. Ig-  
natus in vic  
Imperator.  
Roman. l. 2

Estes são os pequenos principios, que déraõ taõ  
alto estado a este malvado homem, em o qual não sey se  
mais me espante a sua grande sagacidade, e grandeza  
de ingenho, se a barbara ignorancia de seus sequazes,  
ou o tubejo descuido dos Principes Christãos daquelle  
tempo, que em seu nascimento não quizerão extinguir  
esta infernal scintilla, naquella occasião taõ facil, como  
depois difficulosa, pelos grandes excessos, e desaven-  
turas dos Principes Christãos, com que se accrescentou  
tanto.

Paul. Jov-  
de reb.  
Turcic. &  
in tempore  
Andr.  
Cambrin.  
de origine  
dei turchi.  
s. Anton. 2  
p. hist. tit.  
16 c. 4.  
Theodorus  
Gazza  
in epistol.  
ad Fr. Phil.  
leph. d e  
origine  
Turcorum.  
Sabellic. de  
bello Turci.  
Volater lib.  
9 Et latia.  
Monarch.  
Ecclef. 19  
c. 23 Illeca  
l. 4 c. 39.

Deste infernal fogo sahio huma ardente facha,  
que abrazou toda Asia, e a mayor parte de Africa: fez  
em cinza a venerada Palestina, e assombrou toda Euro-  
pa, destruindo Grecia, e extinguindo lhe seus Impera-  
dores: matando o poderoso Ussuncassano da Persia, e o  
Calipha do Egypto, e Soldaõ de Babilonia, abatendo a  
fama dos seus Mamelucos, superando a famosa cavallaria  
dos Persas, e Alarabes, as antigas astucias dos Gregos,  
e o valor indyto dos Latinos em Syria, em Rhodes,  
em Ungria, e em Bohemia; affugentando suas armadas  
de todo o mar Mediterraneo, Asiatico, e Septentrional.  
Este foy o duro Imperio dos Turcos Othomanos, que  
huns fazem descendentes de Thracia, outros de Scitia, e  
outros de Traconia, ou Turcomania: outros dizem, que  
são dos Sauromatas, que habitavaõ as ribeiras do Rio  
Tanais, que divide Europa de Asia: outros ha, que os  
fazem descendentes dos antigos Troyanos, por outro  
nome chamados Teucros, de que o soberbo Solimano se  
jaçtava muito. Mas segundo o que affirma Paulo Jovio,  
nesta historia diligentissimo, foraõ naturaes da Scitia Eu-  
ropea, que hoje chamamos Tartaria, de huma fragosa  
habitação além do mar Caspio, onde tiveraõ sua antiga  
morada. E a sua mais frequente residencia (como diz o



Filosofo Ethico) foy em huma lma, que elle chama Taraconida, donde alguns Authores lhes querem derivar o nome. Sahiraõ estes barbaros dos Montes Ripheos, ou Hyperboreos, onde pelo grande Alexandre encerrados estavaõ; e passando poderosamente pela terra dos Alanos, que hoje são Ungaros, houveraõ com elles huma grande batalha, na qual deixando mortos, assim dos seus, como dos inimigos huma grande multidão, fizeraõ seu caminho, roubando, e destruindo as provincias de Ponto, e Capadocia, e outras muitas; até que cansados de tantas crueldades, se recolheraõ a humas montanhas em lugares fortes, e fragosos, onde se sustentavaõ de roubos, e latrocinios, a que eraõ muito inclinados. Depois vindolhe a crescer as forças com multidão, que delles se multiplicava, se dividiraõ em certas quadrilhas á maneira de ordem militar, e começaraõ a molestar com descuberta guerra os povos daquellas Provincias. Com o qual, não sómente em breve tempo se fizeraõ Senhores de Ponto, e Capadocia, mas tambem com barbara fereza assaltáraõ a Asia menor, chamada Natholia, que tomando delles o nome, he hoje Turquia: conquistaraõ Gallacia, Bitinia, Pamphilia, Pisidia, e ambas as Phrygias, Cilicia, e ambas as Armenias, e Caria: e restituindo Persia aos seus antigos senhores, que os Sarracenos tinhaõ tyrannizados, tomaraõ nella a ley de Mahomet, em que sempre foraõ, e são eminentissimos, por ella ser em maldade, e torpezas tão insigne, como elles a ellas affeioados. E finalmente extenderaõ os confins de seu Imperio desde o mar Jonio até o Pelago Egêo. O qual senhoraavaõ, estando divididos em certas companhias, como Capitancias; ou Ducados, e nellas viveraõ; até que chegado o tempo, em que o Grande Gotfredo de Bulhaõ conquistou a Santa Cidade, ajuntando elles todas suas forças, que não eraõ pequenas, debaixo do governo de hum Capitão seu, chamado Solimaõ, sahiraõ ao encontro ao invictissimo Francez; e havendo com elle huma cruel batalha, foraõ os Turcos vencidos, e desbaratados junto da Cidade Nicêa, depois de grande contenda, e muitas mortes. Com esta tão grande quebra ficaraõ elles por algum tempo quietos, sem Rey, nem Capitão, nem certo Imperio;

Platina Ge.  
neb. l. 4  
Chronol. &  
alii non  
pauci Joan.  
Sedenius in  
vita Otho-  
mani

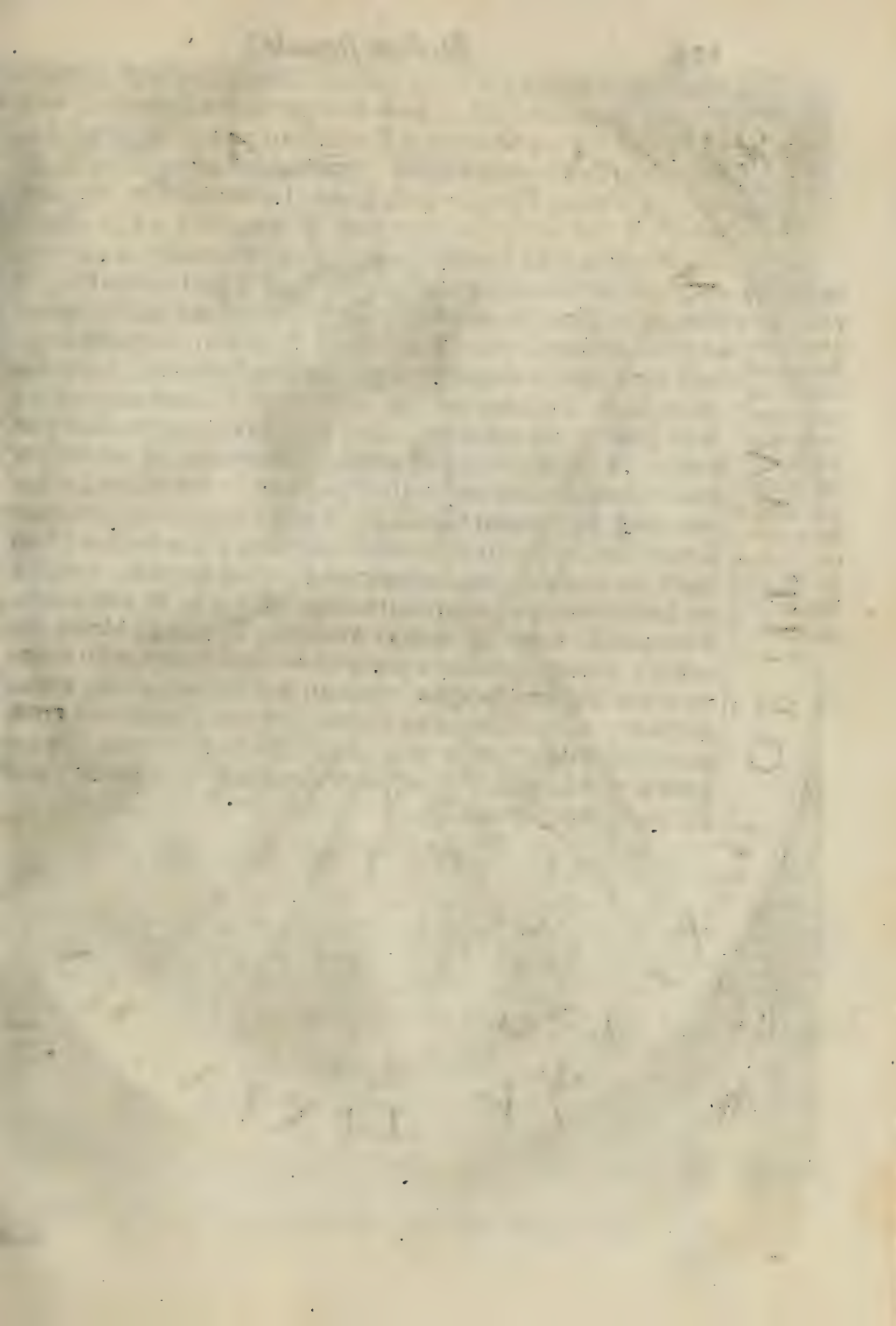
Omnia. his-  
torici gene-  
rales Bapti-  
Eggenius L. 2

perio ; nem ordem de viver , e em sua barbaaria confundi-  
dos. Até que junto ao anno do senhor, mil e trezentos,  
reinando em Portugal o Rey Dom Diniz, e em Castella  
Dom Fernando o IV , e presidindo na Igreja de Deos Bo-  
nifacio VIII, hum certo Othomano, homem entre elles  
de mediocre nobreza , e casa , mas de grande animo , e  
destreza nas armas , e de ingenho tão agudo , como em  
forças corporaes eminente , ajuntando a si com ardis, e  
artificios (que hoje no mundo valem muito) hum grande  
numero de ousados homens , amigos de novidades, come-  
çou a exercitallos em o que sabia, que ao universal de  
todos elles era mais agradavel. Sahindo muitas vezes con-  
tra os Christãos , que ainda na Syria permaneciaõ , cujas  
terras roubavaõ , e pessoas tyrannizavaõ : com o qual , e  
com a sua liberalidade, de que muito se valia, veyo a  
ajuntar hum poderoso exercito de homens, que por viverem  
á sua vontade, voluntariamente o acompanhavaõ,  
em tão bastant numero, que podia commetter qualquer  
grande empreza. E parecendolhe a mais conveniente fa-  
zerse senhor dos mesmos Turcos, que em diversas par-  
tes habitavaõ divididos sem Rey, nem Capitaõ, que elle  
temesse , começou a conquistar huns, e fazerse amigo  
de outros, favorecendo estes, e ámanhã estoutros ; e mu-  
dando cada dia com os successos seus o favor , que lhes  
dava , os veyo a enfraquecer de maneira, que quando se  
levantou contra elles, não poderaõ resistir á sua furia  
pelas discordias, que entre si tinhaõ : antes foraõ todos  
superados á força de armas, e constangidos a obedecer-  
lhe. Com o qual se fez senhor de toda a Asia menor, por  
elles chamada Turquia, e outras muitas terras, que os  
Turcos habitavaõ : e á volta dellas conquistando tambem  
algumas de Christãos, especialmente a antiga Sebastia,  
Cidade formosissima, e muy populosa, veyo a ser muy  
venerado dos seus , e sua valentia muy conhecida no mun-  
do ; e aslax temida nelle a prospera fortuna, com que tu-  
do superava. Até que ultimamente chegando o seu va-  
lor, e esforço ao ultimo da Magestade humana, usur-  
pando o titulo de Rey , e senhor, deu principio ao gran-  
de estado, e Monarquia dos Reys Turcos, que em me-  
moria sua se chamaõ Othomanos. Cujos descendentes,  
que



que nos estados, e valor militar lhe succederaõ, contra nuáraõ suas conquistas com taõ prospero successo, que chegáraõ o seu Senhorio á grandissima potencia, e magestade, em que hoje o vemos, que não he a mayor, que elles já tiveraõ. Porque o famoso Tarmolaõ lhe impedio muito a sua prospera corrente de vitorias: e o famoso Ulluncaflano da Persia alcançou delles todas, as que cometteo. E seu descendente, o Graõ Sophi da Persia, lhe diminuiõ grande parte de seu Imperio: e o animoso George Castrioto, por excellencia chamado Scandeborg, poz em duvida a conservaçãõ de seu senhorio; e o valeroso Joaõ Uniades os fez encerrar em Constantinopla, e os tratou de maneira, que foy havido entre elles por terror, e espanto dos Turcos Othomanos. E em noslos dias estando elles no mais alto cume de seu poder, o invencivel Imperador Carlos V. Rey de Hespanha teve quasi rendido, e prezo o famoso Solimano: e o senhor Dom Joaõ de Austria, lhe desbaratou a mayor armada, que seu poder alcançava: e o Catholico Monarca de Hespanha Philippe II. além de outras vitorias, lhe tirou Malta das mãos, e com o seu grande poder tirará tambem do mundo a sua barbara soberba, extinguindo seu Imperio, e magestade, aniquilando sua gloria, e nome. Porque aos grandes tyrannos, ainda que Deos dissimule algum tempo com a pena, não lha perdoa: deixando accumular mais culpa, para mór castigo.

De hoc Ge-  
nebr. lib. 4  
Mambrin.  
Roseus in  
histor. del  
mundo.  
Monarch.  
Ecclef.  
Marc. Ga-  
zus in hist.  
sui tempo-  
ria. Illecas  
in Pontific.  
Garib. in 4  
p. & alii.







OBIIT ANNO MCCCLVII

ALFONSVS REX

ANNI LXIX

## CAPITULO III.

*Del Rey D. Affonso o IV do nome, que chamavaõ Bravo, e da innocente morte da formosa Dama Inez de Castro*

**C**Oncluida a breve relação da tyrannica Monarquia Mahometana, continuou o Portuguez a sua historia dizendo. Ao tempo, que **ElRey** Dom Diniz faleceo em Santarém (como já dissemos) logo foy levantado por Rey seu filho Dom Affonso IV do nome, e por sua dura, e aspera condição, e forte animo, chamado Bravo. O qual pela admiravel prudencia, e Real nobreza delRey seu pay, achou os Reynos de Portugal, e dos Algarves, em que lhe succedeo, ém grande prosperidade, concordia, epaz; porque todos os Principes Chriãos achou em sua antiga amizade constantes, e seus vassallos ricos, e para si herdou muita fazenda, e riquissimos thesouros; com o qual se fez hum dos mais poderosos Principes de seu tempo, e muy temido de todos, pela accelerada execução de suas determinações. E ainda que em sua mocidade foy tão inquieto, que causou a seu pay muitos desgostos, e em seus Reynos muitos trabalhos, e valendo se de alguns revoltosos; lhe soffria muitas defenvolturas, insolencias, e maldades; todavia depois que reynou, foy amigo da justiça, e favorecedor della, fazendo muitas leys, e pragmaticas justas, e necessarias, com que em grande maneira reformou seus Reynos, e administrou a seus vassallos inteira justiça, castigando, e punindo asperamente todos os ladroens, e malfeitores. Mas com tudo foy grande o seu extremo em perseguir seu irmão bastardo Dom Affonso Sanches: porque não se contentando com as perseguições passadas, e males, que pertendeo lhe fossem feitos: tanto que reynou, lhe procurou tantos, que o desterrou de seus Reynos, lhe tomou todas as terras, e rendas, que nelles tinha, fazendo pronunciar contra elle huma rigorosa sentença, mais fundada em razoes córadas, e apparentes, que em solida verdade. Pelo qual, indo-se Dom Affonso Sanches a Castella, onde era muy aparentado, não tardou muito, que

Roderic. 2  
Pina Lusit.  
regius historiographi  
in ejus vita  
Garib. 4 p.  
historiz  
suz. Et in  
vita Alph.  
12 Volat. 1, 2



as injurias recebidas não vingasse, entrando poderosamente em Portugal pelas Provincias de Alemtejo, e Tral-os-montes, e fazendo nellas muitos males, e destruições, foy ElRey constangido a acudir pelloalmente a suas terras. Onde encontrando-se com os inimigos, depois de muitos males de parte a parte recebidos, fez com que o irmão se tornasse a Castella, e da desejada vingança mais não curasse, pela concordia, que logo entre elles se effeituou a rogo; e intercessão delRey Dom Jayme de Aragoão, seu tio, e de outros Principes, e Senhores, que ao mesmo intervieraõ. Tambem teve grandes differenças, e crueis guerras com ElRey Dom Afonso Undecimo de Castella, seu sobrinho, e genro: assim porque, sendo casado com a Rainha Dona Maria, sua filha, a não tratava como metecia, nem como a sua Real clemencia convinha; entregando-se todo a Dona Leonor Nunes de Gusmaão, sua amiga, que conservava como verdadeira mulher, e por amor da qual a Rainha sua mulher era cruelmente d'elle desprezada; como tambem, porque pretendendo estorvar o casamento, que entre o Principe seu filho Dom Pedro, e a Infanta Dona Constança, filha de Dom João Manoel estava contratado. Coula, que ElRey de Castella em extremo invejava, sentindo muito, que o Principe Dom Pedro de Portugal casasse com a Infanta Dona Constança, a mais formosa Princeza de Hespanha, que elle já muito amára, e com quem estivera desposado. Pelo qual chegou ElRey de Castella a fazer tão baixas obras, negando muitas vezes o promettido; e o de Portugal a dizer tão soltas palavras, declarando-lhe seus engan-os, que se delles não ficara memoria autentica, bem se podia haver por cousa fabulosa. Senão que a simplicidade daquelle tempo pode muito bem authorizar a soltura das palavras, e o appetite da afeição (que sempre trastornou os humanos entendimentos) pode fazer credito á baixeza das obras, posto que fosse entre pessoas muito mais qualificadas; porque estes dous Principes em todas as mais cousas foraõ muito excellentes. E ainda que estes odios, differenças, e guerras entre elles correm tão soltamente, que a nenhum mal se perdoava, nem por isso deixava ElRey de Portugal de

ajudar

1340.

Mobl. de  
Andal. l. r.

ajudar muitas vezes ao genro em suas necessidades, com sua pessoa, e thesouros: doendo-se mais de seus trabalhos, que lembrando-se das injurias recebidas, e real fé quebrada. Como foy na famosa batalha, que chamaõ do Salado, que se deu a 28 de Outubro de 1340 nos campos de Tarifa ( que já foy Cartheia ) contra Hali-Boacem, Imperador de Marrócos, e Aben-Hamet Juseph, Rey de Granada. Os quaes com hum numeroso exercito de toda Africa, e dos confins do Egypto, e do Reyno de Granada convocado, entraraõ por Hespanha, passando o estreito de Gibraltar: hum a vingar a morte do filho Aben-elique, e outro a satisfazer-se das perdas, que tinha recebidas, em lhe quebrarem as treguas, e impedirem o commercio, quê por via dellas em Castella tinha; e hum, e outro, com desejo animoso, e vontade determinada, de tornarem a recuperar nesta occasião o antigo senhoria, que já sobre Hespanha os seus passados tiveraõ. Para o qual vinhaõ tambem aparelhados, que fóra a gente de guerra, traziaõ cem mil homens, que de diversas partes, com suas mulheres, e filhos, determinados vinhaõ a habitar na Hespanha. Nesta batalha o nosso Dom Affonso, a requerimento del Rey seu genro, e da Rainha sua filha, e não admittindo o conselho contrario de seus vassallos, entrou em pessoa acompanhado de Fidalgos, e Cavalleiros de seu Reyno, e outra muita gente d'elle, que nesta empresa o seguio voluntariamente; e por isto mais em numero, e esforço; do que se houveraõ de ajuntar, se foraõ compellidos por força: certa, e particular natureza dos Fidalgos, e Cavalleiros Portuguezes, e louvada nelles, quererem antes perder a desejada vida, por guardar a do seu Principe, que deixando-a em perigo, conservar a sua propria. E permittio Deos, que ao excessivo numero dos Mouros se igualasse de tal maneira o esforço dos Catholicos Soldados, que chegaraõ a alcançar naquelle dia tão miraculosa vitoria, que affirmãõ alguns Authores, que morreraõ nella quatro centos mil infieis; e outros dizem, que não foraõ mais os mortos, que duzentos mil, não passando os Christãos, que morreraõ nella, de vinte e cinco, e estes ao principio da batalha. Mas, o que destes numeros eu ley, he, que todos

Geneb I 4  
Chronol.  
Garib. ubi  
sup. Mo-  
narch. Ec-  
cles. Illecas  
l. 6 c. 3.  
Joan. Sede-  
ntia in vita  
Alph. vit.  
Castel. reg.  
Julianus del  
Castilho  
difficile



elles concluem, gastar esta gente em passar a Hespanha cinco mezes continuos, em sessenta galés, que de outra cousa não serviaõ; e que os que se salvaraõ, foraõ em cinco dias, e em doze galés só nente, posto que ordinariamente o temor empreste azas para fugir. Donde se pôde colligir a grandeza da vitoria, e o excessivo numero dos infieis, que nella morrerãõ, e foraõ cativos. Em a qual pelos dous Reys Catholicos foraõ vencidos os dous Principes barbaros: ainda que o de Granada, que cahio na parte delRey de Portugal (posto que foy o primeiro, que se venceo) deu tanto trabalho, e dilatou tanto a vitoria em se alcançar delle, por trazer consigo a mayor força do exercito, e a mais bellicosa gente delle, que não poderaõ tão poucos Soldados aturar tanto, senão foraõ pela braveza do esforçado animo do Lusitano Rey, e pelo valor Catholico, que aos seus Soldados se accrescentava com a vista da Vera-Cruz, que Dom Alvaro Gonçalves Pereira, Prior do Crato, da ordem do hospital de S. Joã em Portugal, trazia em alto levantada por mandado delRey, que esta batalha commetteo animosamente com o Psalmo: *Exurgat Deus, & dissipentur inimici ejus*, e o nome de JESU na boca, muitas vezes repetido: o qual, e com estarem seus soldados confessados, e commungados, não sómente foy ElRey de Granada de todo vencido, e todos seus Mahometanos desbaratados, mortos, e cativos; mas tambem aconteceu o mesmo a toda a mais multidãõ delles, que no campo de Hali-Boacem, Rey de Marrócos, ainda permaneciaõ. Contra os quaes ElRey de Portugal foy logo, e com a presença de seu bravo coração se acabou de alcançar a duvidosa vitoria, com morte de tantos, como já disse. E ficáraõ os vitoriosos Reys gozando de gloriosa vitoria, e riquissimos despojos. Dos quaes não querendo ElRey de Portugal mais, que alguns jaezes, e arreyos de Cavallos, que como franco cavalleiro aceitou, e acompanhado só de gloriosa fama, se tornou a seus Reynos, trazendo consigo hum filho delRey de Granada, que elle por sua mãõ cativou no campo, ao qual depois de lhe fazer muitas mercês, mandou a seu pay graciosamente: posto que pelo seu resgate lhe offereceraõ grande soma de ouro. E

por estas maravilhas, e ser. tão importante esta victoria, com razão se chama miraculosa pelas mercês, que Deos fez aos Christãos naquella dia, confessadas pela bocca de seus inimigos: porque affirmarão logo os Mouros, que contra elles se mostrou vencedora huma grande companhia de homens divinos, fazendo nelles muito estrago, em favor dos Christãos. Muitos dos quaes, dos de cavallo, que conseguirão os Reys Mouros, quando tornarão por onde haviaõ passado, acharão tantos barrancos, que se apearaõ para poderem caminhar, ainda com difficuldade; quando pelo mesmo caminho seguiãõ os inimigos, o fizeram sem impedimento algum. E foy tão estimada em toda a Christandade, que por causa della foraõ estes dous Reys sempre muy louvados; e o dia, em que ella se alcançou ( que foy 28 de Outubro ) ainda que nesta Cidade se celebra a 30 ) he hoje nas Igrejas Cathedraes da mór parte de Hespanha, com muita veneração celebrado com titulo, e nome de *Victoria Christianorum*, pelo grande perigo, em que a Christandade de Hespanha esteve de se perder, se ella se não alcançara. Logo depois desta batalha, ajudou ElRey de Portugal a tomar a Cidade Aljezira em Castella, de que os Mouros já se tinhaõ apoderado, e nella se defendiaõ bravamente: com estas, e outras cousas, em que o generoso animo delRey de Portugal se mostrou invencivel contra todos os respetos, e appetites humanos delRey seu genro. e depois que o Summo Pontifice por seus Legados, e ElRey de França por seus Embaixadores trabalháraõ muito em esta concordia, ficáraõ estes dous virtuosos Principes dalli em diante pacificos, e quietos, e fóra de todas as differenças; odios, e contendas passadas; e viveraõ sempre em summa concordia, e amizade, como á sua Christandade, e estreito parentesco convinha. Muitas outras obras heroicas, e excellentes fez ElRey Dom Affonso dentro, e fóra de seus Reynos; pelas quaes era bem, que de todos fosse muy louvado, e havido por excellente Principe: senaõ escurecia esta clara fama, em quanto foy mancebo, com as desobediencias, com que tratou seu pay, e o odio, com que perseguio seu irmão; e se nos ultimos annos de sua idade não permittira a innocente morte da

Ut ex le-  
tionib,  
patet.



Omni his-  
torici His-  
pani, & no-  
tri in hoc  
convenjunt.

formosa Dona Ignez de Castro, sua nora, que o Infante seu filho tanto amava, e de quem já tinha alguma geração: cujo successo foy neste modo. No tempo, que a Infanta Dona Constança, filha de Dom João Manoel, casou com o Infante Dom Pedro, veyo em sua companhia hum Donzella, chamada Dona Ignez de Castro, sua parenta, e do Infante seu marido; porque era filha bastarda de Dom Pedro Fernandes de Castro, grande senhor em Galiza, e Camareiro Mór del Rey D. Affonso de Castella, e filho de Dona Violante Sanches, irmã bastarda da Rainha Dona Beatriz, mãy do nosso Infante Dom Pedro. Era tambem esta Donzella irmã de Dom Alvaro Pires de Castro, que foy Condestable de Portugal, e Alcaide Mór de Lisboa, e o primeiro Conde de Arrayolos, e illustre progenitor da nobilissima Casa de Bragança, por parte de Dona Joannia de Castro, que foy mulher do Duque de Bragança Dom Fernando. A esta Dona Ignez, que pela sua especial gentileza, era chamada *Cuêllo de Garça* por excellencia, amou em tanto extremo o Infante Dom Pedro, que não se havendo por satisfeito de a ter em seu poder muito tempo, e de haver della quatro filhos, chegou a tanto extremo, o que lhe queria, que determinou fazella Rainha: não querendo por sua causa aceitar muytos casamentos, que lhe eraõ commettidos, e de que lhe vinha muito descanço, e a seus Reynos muita honra, e proveito. O que sentindo El Rey seu pay gravemente, depois de procurar por muitas vias, que della se apartasse, sem aproveitarem quantas diligencias sobre isso se fizeraõ, permittio por ultimo remedio, que a matastem: mais por satisfazer á murmuração de seu povo, e queixas de seus vassallos, que por outro nenhum respeito; porque a innocencia della lhe magoou a alma, quando foy para o fazer, e a formosura dos filhos, netos seus, o moverão a piedade. Mas em fim poderáõ mais os respeitos alheys, que a benignidade propria: querendo antes ficar nisto com nome de cruel, que dissimular hum pouco com o de republico. Mas não ficou com esta innocente morte tão quieto, como elle cuidava. Porque o Infante seu filho, tanto que o soube, determinou logo tomar vingança de tanto rigor, e ajuntando-se com dous irmãos, e outros

Hoc satis  
famare-  
feri, & su-  
per æthera  
tollit

tros parentes da morta Dona Ignez, tanta gente convo-  
cárao, que com bastante exercito entrarao em Portugal,  
onde tao cruelmente começarao a tomar vingança da in-  
juria recebida, que ElRey, por atalhar aos males, que  
em suas terras faziao, foy constringido a consentir em pa-  
zes (e ainda por meyo de bons intercessores) com mais  
favoraveis, e avantajados partidos, do que foraõ, os que  
ElRey Dom Diniz seu pay lhe fez, quando elle com se-  
milhantes desobediencias, e com menos causa commetti-  
das lhe perturbou o descanso de sua veneranda velhice.  
Com o qual cessando a furia da guerra, cada hum se tor-  
nou a sua casa, e o pay, e o filho ficaraõ em summa concor-  
dia, e paz em o anno do Senhor 1355. Mas não gozou El-  
Rey Dom Affonso della muitos annos; porque yeyo a  
fallecer em Lisboa, no anno do Senhor 1357, sendo de  
idade de 67, dos quaes reynou 31. Seu corpo, como da  
Rainha sua mulher, está honradamente sepultado em a  
Capella Mór da Sé da Cidade de Lisboa, que elle mesmo  
amplificou, e dotou de grandes rendas, instituindo nella  
as mercearias, e capellarias, que hora tem: e a mandou  
fazer mayor, e em mais perfeição, do que estava desde o  
tempo delRey D. Affonso Henriques. E porque depois em  
tempo delRey D. Pedro hum rayo a abriu, e deltroçou  
por muitas partes, ElRey D. João I. seu filho, por outra me-  
lhor invenção a mandou reedificar, e ennobrecer, como  
hora está.

Foy ElRey D. Affonso casado com a Rainha Do-  
na Beatriz, filha delRey Dom Sancho o Bravo de Cas-  
tella, e de Dona Maria, filha de Dom Affonso, que cha-  
maraõ o Infante de Molina. Della houve ElRey quatro  
filhos, e duas filhas: Dom Affonso, que morreo moço  
em a Villa de Penella, e está sepultado em Sant arém, no  
Mosteiro de São Domingos. Dom Diniz, que morreo de  
hum anno de idade, e foy sepultado em Alcobaça aos  
pés do tumulo delRey Dom Affonso, seu bisavo. Dom  
João, que morreo tambem de pouca idade, como de sua  
effigie, e monumento se mostra no Mosteiro de Odivel-  
las, junto da sepultura delRey Dom Diniz, seu Avó; e  
o Infante Dom Pedro, que lhe succedeo no Reyno. Hu-  
ma das filhas foy a Rainha Dona Maria, que casou com  
ElRey



ElRey Dom Affonso, undecimo de Castella, que venceu a batalha de Salado, e foy pay delRey D. Pedro, a que vulgarmente chamaraõ o cruel. A outra Dona Leonor, que sendo casada com ElRey D. Pedro o IV de Aragaõ, morreo sendo ainda de muy pouca idade: deixando já huma filha, chamada Dona Beatriz, que trouxeraõ a Portugal, depois da morte delRey seu avó, e nelle falleceo muito moça: e esta sepultada juntamente com a Rainha sua avó, na Sé de Lisboa.

Mas porque me parece estareis magoado da innocente morte da formosa Dona Ignez de Castro; e pela mesma razão lhe desejareis illustre descendencia: quero-vos mostrar como a deixou illustrissima; não somente nas Casas Reaes de Aragaõ, Napoles, e Cicilia, Navarra, Castella, e Portugal; mas tambem na Imperial Casa de Alemanha. Se bem vos lembra, já tereis ouvido, como della o Infante Dom Pedro houve tres filhos, e hum filha. Dom Affonso, que morreo de pouca idade. Dom Joaõ, e Dom Diniz, que indo-se de Portugal, morreraõ em Castella, e estaõ sepultados no Mosteiro de Santo Estevão de Salamanca, da Ordem de S. Domingos. Mas de ambos, assim desterrados, e perseguidos, ainda ficou illustre geraçãõ. Porque o Infante Dom Joaõ ( que assim lhe chamaõ as historias ) foy casado clandestinamente com Dona Maria Telles de Menezes, irmã da Rainha Dona Leonor sua cunhada, e della houve hum filho chamado Dom Fernando Deça, nome, que lhe deu a terra Deça em Galiza, de que lhe fizera mercê o Duque de Arjona Dom Fadrique, seu parente. O qual foy casado com muitas mulheres juntamente, viuvias, de que houve quarenta e dous filhos, e entre elles Dom Fernando Deça, e hum filha chamada Dona Isabel, de que nasceo a Duquesa de Villa Formosa em Castella, por ser casada com Dom Affonso de Aragaõ, Duque da mesma Villa, e filho bastardo delRey Dom Joaõ de Aragaõ. E andando o Infante Dom Joaõ desterrado em Castella, casou com Dona Constança, filha bastarda do Infante Dom Henrique, e della houve Dona Beatriz, Condeça de Valença em Castella, e outra Dona Maria, tambem Condeça, mulher do Conde Dom Pedro Ninho. Houve mais bastardos. D.

Affonso

Affonso de Cascaes, que foy casado com Dona Branca, filha do Doutor João das Regras, que lhe deu em casamento a terra de Cascaes, e outras muitas dellas houve Dona Isabel de Castro, que foy mulher de Dom Alvaro de Castro, primeiro Conde de Monsanto. E de Dona Maria de Vasconcellos, com que depois casou, filha herdeira de Joanne Mendes de Vasconcellos, houve a Dom Fernando de Vasconcellos, que tendo casado com humra filha de Dom Pedro de Menezes, primeiro Capitão de Ceuta, foy pay de Dom Affonso de Vasconcellos, primeiro Conde de Penella. O qual de Dona Isabel da Sylva, filha de Dom Lopo de Almeida, primeiro Conde de Abrantes, houve entre outros a Dona Beatriz da Sylva, mulher de Dom João de Ataide, Conde de Atougua, e a Dona Joanna da Sylva, mulher de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Mogadouro. Os outros filhos do Infante, foram Dom Pedro da Guerra, que de Dona Thareja, filha do Conde de Andeiro, houve Dom Fernando, que foy Arcebispo de Braga, e o primeiro Regedor da Casa da Supplicação, e Chanceller mór do Reyno; e outro Dom Luiz, que foy Bispo da Guarda; e Dona Ignez da Guerra, primeira mulher de Alvaro Pires de Tavora, Senhor do Mogadouro. O outro foy Dom Fernando, Senhor de Bragança.

O Infante Dom Diniz, andando em Castella, houve humra filha, que foy casada com Dom Lopo Vaz da Cunha, Senhor de Buendia, e Jazayno em Castella; e outras, que morrerão Freiras. A filha foy Dona Beatriz, que casou com Dom Sancho, Conde de Albuquerque, filho delRey Dom Affonso Undecimo de Castella, e irmão inteiro delRey Dom Henrique, que succedeo a ElRey D. Pedro seu irmão. Destes foy filha Dona Leonor, que por excellencia de seus grandes estados foy cognominada a Rica Femea; e casou com o Infante Dom Fernando de Castella, Senhor de Lara, e Duque de Penhasivel, e depois Rey de Aragoão, e Cicilia, o primeiro do nome, e filho delRey Dom João o primeiro de Castella. O qual houve della amplíssima geração de duas filhas, e cinco filhos, que foram aquelles cinco Infantes, que chamaão de Aragoão, por suas grandes excellencias muy celebrados

Omnes sup.  
citati in  
hoc conveniunt.

nas



nas Chronicas de Hespanha. O primeiro foy Dom Affonso, cognominado o Sábio, ou Magnanimo, que lhe succedeo em o Reyno, e foy o primeiro da Casa de Aragoão, que se intitoulou Rey de Napoles, por doação da Rainha Dona Joanna. O segundo foy Dom Joaõ, Rey de Navarra, que tambem foy Rey de Aragoão, e pay del Rey Catholico Dom Fernando o V de Castella. O terceiro o Infante Dom Henrique, Mestre de Santiago em Castella. O quarto o Infante Dom Sancho, Mestre de Alcantara. E o quinto o Infante Dom Pedro, que morreo de hum tiro de bombarda em Italia, na guerra, que El Rey Dom Affonso seu irmão fez em Napoles. As filhas foraõ Dona Maria, que casou com seu primo, El Rey D. Joaõ o II de Castella, donde procedem os Reys daquella Casa. A outra Dona Leonor, que foy mulher del Rey D. Duarte de Portugal: cujos filhos foraõ o Infante Dom Fernando, pay del Rey D. Manoel, e Dona Leonor, que foy mulher do Imperador Federico III. Os quaes são dignos progenitores de toda a Real Nobreza, que hoje no mundo se sabe.

Estes são os descendentes desta formosa Donzella, contra a qual não poderaõ tanto os invejosos, que a nobreza de seu sangue não illustrasse o mundo na melhor parte d'elle: para os homens conhecerem, que não podem haver contrastes humanos, em o que Deos tem ordenado:







## CAPITULO IV.

*Del Rey D. Pedro, per cognomento Cru; mas por sua ineira  
justiça venerando.*

**L** Astimaço ficou o Peregrino da cruel morte desta for-  
mosa Donzella, mas muito satisfeito da Nobilissima  
descendencia, que deixou no mundo; que achou ser igual  
galardaõ a tão altos merecimentos, como de sua formo-  
sura testificavaõ os historiadores. E mostrando-se afeiçoado  
do a suas cousas, pedio ao Portuguez, lhe não dilataste-  
o mais, que della sabia. O qual continuando sua breve his-  
toria, a proseguio neste modo. Não ficou ao Infante D.  
Pedro tão pouca lembrança da crueldade, com que tra-  
taraõ a sua Dona Ignez, que logo depois de ser levanta-  
do por Rey de Portugal, não procurasse dos Authores  
della tomar igual vingança ao seu sentimento; porque as  
culpas contra o amor commettidas sempre tem o castigo  
muy accelerado. Para o qual, fazendo certos contratos  
de permutação de culpados, não muito honestos, e a sua  
Real pessoa, e sangue pouco convenientes, com El Rey  
Dom Pedro de Castella o Cruel, seu sobrinho; por meyo  
delle alcançou em seu poder a Pero Coelho, e Alvaro  
Gonçalves, Meirinho mór; que desterrados andavaõ na-  
quellas partes, ambos culpados na innocente morte. Aos  
quaes tão asperamente castigou, que não se contentou de  
lhe mandar em sua presença arrancar os coraçoes, estan-  
do ainda vivos, a hum pelos peitos, e a outro pelas cos-  
tas; mas ainda depois de mortos lhes mandou queimar os  
corpos. Pelo qual, e pelo seu natural rigor, e aspereza,  
e porque em castigar culpas, se podia dizer, que exerci-  
tava mais crueldade, que justiça, alcançou do vulgo no-  
me de Cru, e de outros justiceiro. Porque não sómente da-  
va muitas sentenças sem conhecimento da causa, mas  
tambem as penas excediaõ em rigor, ao que pelas Leys  
estava determinado. Castigando muitos delictos antigos,  
e de que já não havia memoria, com mayor escandalo, do  
com que foraõ commettidos. E porque em seu tempo rei-  
nou em Castella seu sobrinho, El Rey Dom Pedro, que  
chamáraõ Cruel, não he muito, que os rigores tambem

Roderic. 2.  
Pina. Lucio.  
regiu. histo-  
riograph.  
in ejus vita  
Garib. 4. pa  
historiz  
lux Et in  
vita Alpho.  
12 Petri  
crudel. reg.  
Castellæ, &  
passim alibi  
Volater. 1. 2



do nosso Rey Dom Pedro fossem julgados de muitos por cruezas, ou crueldades. Fez tambem muitas Leys, e ordenações necessarias, e proveitosas ao governo de seu Reyno, e bem de seu povo: na execucao da quae era tão rigoroso, que não exceptuava pessoa alguma, de qualquer estado, e condicao, que fosse. Porque com a mesma inteireza, e igualdade castigava os crimes nos Ecclesiasticos, que o fazia nos seculares. Mandando muitas vezes, por qualquer delicto, executar penas corporaes em Religiosos, Sacerdotes, e Prelados: em tanto extremo de rigor, que aconselhando-lhe alguns de seus vassallos, que as pessoas Ecclesiasticas remetteste aos seus Juizes superiores, e competentes: respondia, que padecessem huma vez com os outros culpados, e dalli os entregassem a Deos, como Juiz soberano, competente, e superior, para que no outro mundo fizesse a summa justiça, já que seus Ministros na terra se descuidavão. Aos ladroens, e malfeteiros, que à sua noticia vinhão (ainda que muito longe fosse) com tal ordem, e diligencia os procurava, que poucos lhe escapavão: e achandose em sua presenca, os mandava muitas vezes atormentar, e a alguns elle mesmo o fazia por sua propria mão, com tanta vontade, e zelo, que algumas vezes se levantava da mesa para o fazer, ou estando comendo os mandava castigar, como lhe parecia. E se aos seus vassallos seculares, e Ecclesiasticos tratava desta maneira, não por isso perdoava aos seus proprios criados, e Fidalgos da sua casa, e a que elle era muito affeccionado: como fez a muitos de igual amizade, a que hoje, quando he excessiva, faz quebrar as Leys humanas, e Divinas. Mandando, que nenhum de seus despendeiros, ou compradores, tomasse mantimentos alguns (ainda que fossem para sua propria pessoa) sem primeiro serem pagos á vontade de seus donos, com pena de serem acontados pelo lugar, onde o fizessem, e lançados fóra de sua casa, e mercê. E que os seus azemeis, que tomassem palha aos lavradores, sem primeiro lha pagarem por certo preço, logo por elle taxado, pela primeira vez fossem acontados, e desorelhados, e pela segunda enforcados. E porque lhe parecia, que os muitos advogados cautavão muitas demandas,

e con-

e contendas; mandou, que nem em sua corte, nem em todo o seu Reyno os houvesse. Ordenando taes Juizes, Corregedores, e mais ministros, e officiaes de justiça, que logo as partes eraõ despachadas sem procuradores, nem perderem cousa alguma de sua justiça. Para o qual fez Ley, que nenhum official da justiça recebesse cou-  
sa alguma de pelloa, que com elle tivesse negocio; sob pena de morte, e confiscação de todos seus bens para a Coroa. Em sua Corte, e Delembargo, guardava tão boa ordem, que no dia, que as partes apresentavaõ suas peti-  
ções, nelle mesmo, ou até o meyo dia seguinte haviaõ de ser despachadas, e suas cartas feitas, afinadas, e af-  
selladas. E se depois de serem despachados, faziaõ outro novo requerimento, ou eraõ achados na Corte, logo os acoutavaõ publicamente, e os mandavaõ para suas ter-  
ras: e se eraõ pelloas nobres, e de qualidade, eraõ con-  
demnados em certa quantia de dinheiro, que não devia ser pequena. E para que em execução da justiça, e casti-  
go dos malfeitos, lhe não faltasse cousa alguma de perfeição, costumava andar pelo Reyno, assim como quem faz correição, e visitava hum, e outro lugar, e todos de maneira, que poucas vezes em cada hum delles se lhe acabava o mez; de maneira, que todas as suas ri-  
gurosas leys, pragmaticas, eraõ ordenadas para escu-  
sar gaitos superfluos, (donde ordinariamente nascem má-  
les, e tyrannias) e castigar culpas commettidas; que he o mesmo, que pertender descansada paz, e quietação em seus subditos. E se lhe diziaõ, que castigava pequenas culpas com graves penas, respondia, que assim lhe parecia serviço de Deos, e proveito de seus Reinos; porque a cousa, que os homens no mundo mais estimavaõ era a vi-  
da; e a morte, a que mais temiaõ; e que se por esta se não emendassem, menos o fariaõ por outras, que a este extre-  
mo os não chegassem.

Mandou matar dous escudeiros de sua casa, que eraõ entãõ os Fidalgos daquelle tempo; porque tinham roubado hum Judeo, dos que já naquelle tempo em Por-  
tugal eraõ senhores dos commercios, e rendas. E ainda que isto era já prohibido pelos santos Canones, e espe-  
cialmente a este Reyno, e tambem já odioso n' elle, tod

Cap. pen. de  
Judeos, &  
Saracenis,  
& c. un. sit  
cod. tit. &  
c. nulla 54,  
Distin.



ElRey D. Pedro não deixou sem castigo seus criados, dizendo, que aquelles assim se ensinavaõ nos Judeos, para depois fazerem o mesmo aos Chriştãos.

A outro escudeiro seu, e muito seu privado, por galante, e bom cavalleiro, mandou capar, porque tinha suspeita conversação com huma mulher, casada com hum Corregedor. Sabendo ElRey, que a mulher de hum mercador da rua nova de Lisboa lhe fazia adulterio; e entendendo, que em quanto elle andava em humas justas folgando diante do proprio Rey, seria tempo de boa preza, mandou a justiça a casa do mercador, e achado o adultero no crime, o degoláraõ logo, e a mulher queimaraõ, sem o marido o saber. O qual acabadas as festas, aviado do que passára, se foy queixoso a ElRey, que o recebeo com muita alegria, pedindo-lhe alviças, do que tinha feito em satisfação de sua honra. A hum escudeiro dos bons dentre Douro, e Minho, mandou cortar a cabeça; porque cortara os arcos de huma cuba de vinho a hum pobre lavrador. Mandou enforcar hum escrivão do thesouro; porque recebeo sem o thesoureiro onze libras, que da moeda de agora valiaõ bem pouco, e não lhe valeo o Conde (diz a Chronica) nem Beatriz Diz, manceba delRey: palavras dignas de muita consideração! Mandou cortar a cabeça a hum escudeiro, sobrinho do Alcaide-mór de Lisboa; porque deu huma punhada, e depenou as barbas a hum porteiro, que por mandado do Juiz o hia penhorar: e queixou-se com tanto extremo desta injuria, como se fora feita em sua propria pessoa. E sendo inclinado a mulheres, castigava com tanto rigor as alcoviteiras, e feiticeiras, que ninguem ousava aproveitar-se dellas. E porque o Almirante Lançarote Paçanha, por ordem de huma alcoviteira Helena, alcançou huma moça, chamada Violante, mandou logo queimar a alcoviteira, e que cortassem a cabeça ao Almirante: o qual sendo avizado, quiz antes perder o officio, e tudo o mais, que tinha no Reyno, que experimentar o pouco, que aproveitavaõ rogos contra justiça com ElRey: mas passado muito tempo, com huma carta da Senhoria de Genova, tornou o Almirante em a graça delRey, por ser pessoa de muitos serviços, e merecimentos no Reyno.

Fazem-

Fazendo com isto este Rey fallar aquella celebrada sentença de Solon, quando comparava a justiça com a têa da aranha, em que não cahem senão as fracas moscas, e pequenos mosquitos. Mas esta aspereza del Rey Dom Pedro não era acompanhada de alguma especie de avareza: antes de todos os bens, que se confiscavao, fazia mercês a seus vassallos. Nem executava este seu rigor, senão nos criminosos, ou nos que por taes erao havidos: sendo em tudo o mais benigno, e liberal, em tão alta perfeição, que se affirma delle, confessar-se por indigno do seu real nome no dia, em que não fizesse mercê alguma. Lembra-va muitas vezes aos seus criados, quando o vestiaão, que lhe alargassem o cinto, para que podesse estender a mão á sua vontade: dando a entender, que he proprio do Rey ser largo, e liberal. Para o qual mandava em cada hum anno lavar muitos marcos de prata em cópos, e taças; além de outras muitas joyas de ouro, e pedras preciosas, de que elle mesmo fazia mercê a quem lhe parecia. Pelo qual, e por outras obras, em que o seu generoso animo se mostrou claro, he de alguns, com justa razão, cognominado o Justiceiro. E desejando muito a nobreza de seus vassallos, tinha notavel cuidado na criação dos que erao Fidalgos de linhagem conhecida, dando no berço honrada tença, aos que taes nasciaão. E não sómente os accrescentava com senhórios, rendas, e dignidades; mas ainda com sua pessoa benignamente os honrava. Como fez a Dom João Affonso Tello, seu privado, quando lhe deu a dignidade de Conde, que foy o primeiro de Barcellos. Porque em a noite, que elle vellou ás armas em o Mosteiro de São Domingos de Lisboa, mandou El Rey, que dalli até os seus Paços (que então erao no Limoeiro) estivessem cinco mil homens com tochas accezas, em tal ordem postos, que tudo ficasse claro: e por entre elles andava El Rey com muitos nobres dançando toda a noite, com outra muita gente, que com alegres invenções ajudavao a solemnizar as festas. Para as quaes estava ordenado junto do Mosteiro grandissima cópia de mantimentos, de que todos comiaão, e bebiaão esplendidamente. E póde-se crer isto delle; porque foy muito afeiçoado a danças, e festas, em as quaes elle mesmo se achava muitas

Roderic. 3  
Pina ibi-  
dem;

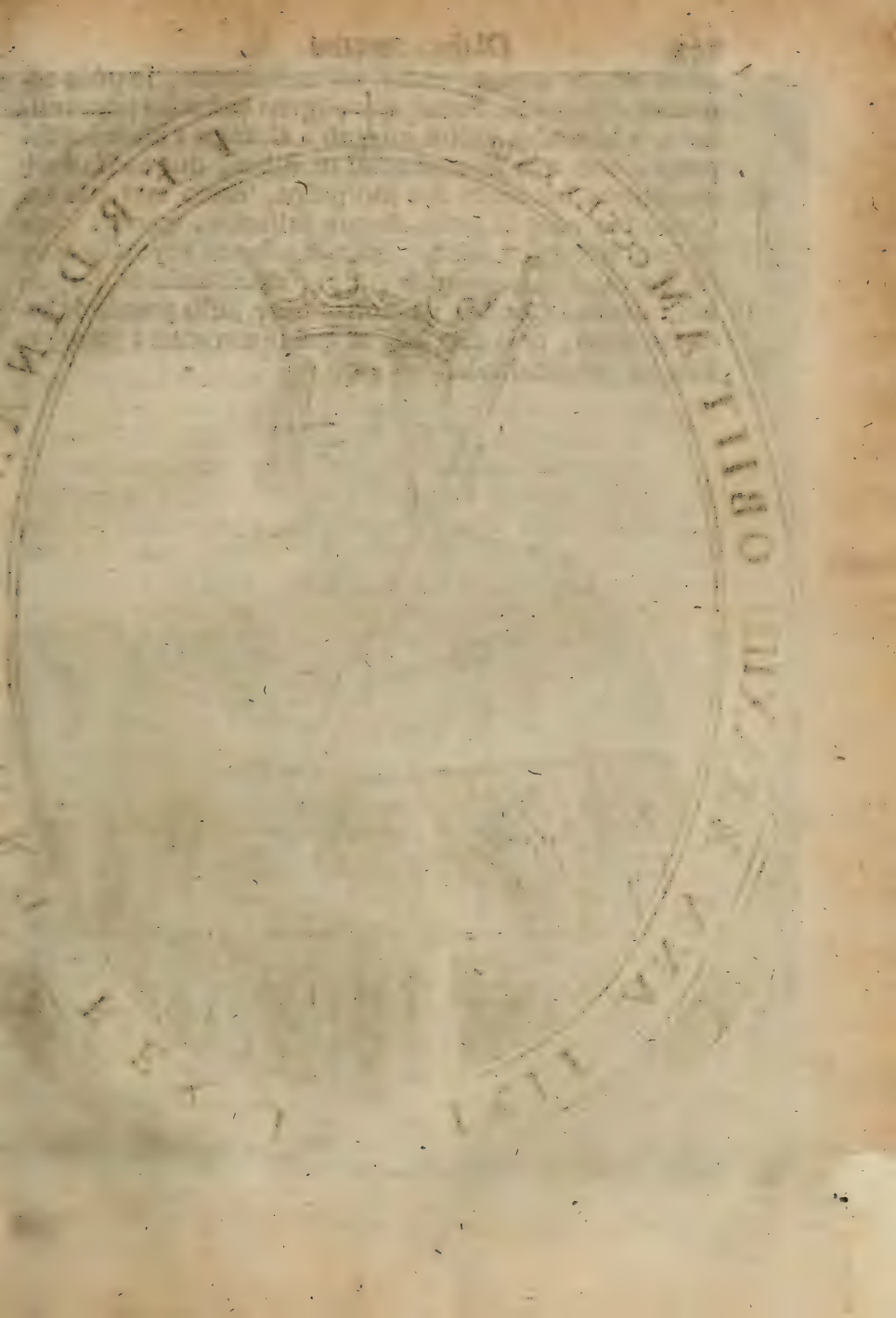


muitas vezes, e deleitava-se tanto das, que quando vinha de Almada para Lisboa, os nobres da Cidade, por ordenado costume, o fazião a receber com muitas danças, e jogos alegres, e aprazíveis, com que elle hia pela Cidade até seus Paços. E era isto nelle tão natural, que algumas vezes, não podendo dormir de noite, se levantava da cama, e fazia levantar todos os homens da sua guarda, e ao som de humas trompas de prata, de que muito gostava, se hia pela Cidade dançando, com muito prazer, e alegria de todos os moradores della. Com esta facilidade, em que foy excellente, pagando bem os serviços, que lhe fazião, com mercês, e nas que seu pay deixara feitas não diminuindo, antes accrescentando, se fez dos seus vassallos tão amado, que foy delles mais sentida sua morte, que a de outros muitos, que melhor nome deixaraõ no mundo. Quatro annos depois que Reynou, confessou publicamente, e confirmou com testemunhas, que a formosa Dona Ignez de Castro fora sua verdadeira mulher, e que os filhos, que della tinha, erão legitimos: mandando, que de todos fosse havida por Rainha, e seu corpo, como de tal, venerado. O qual fez trasladar do Mosteiro de Santa Clara desta Cidade de Coimbra, ao Real de Alcobaca, com solemníssima pompa, e apparatus, e muy nobre companhia de Prelados, Sacerdotes, e Religiosos, e de todos os mais Fidalgos, e Nobres deste Reyno, e grande numero de illustres matronas. Aonde no cruzeiro da Igreja á parte da Epistola foy sepultado em hum grande, e perfeitissimo monumento de alabastro, com a sua figura da mesma pedra artificioosamente lavrada, e esculpida como Rainha, para a todos ser notorio, que ella o fora. E sendo a distancia do caminho de dezasete legoas, ordenou, que aquelle corpo em todo elle passasse sempre por entre tochas, e candellos accesos, que de huma, e outra parte estivessem em mãos de muitos mil homens, para isso alli dispostos. Mas não bastaraõ todas estas diligencias, e solemnídades, para que os filhos, que della tinha, fossem pelo Santo Padre havidos por legitimos. Feitas estas cousas, e outras obras, e fabricas sumptuosas, em que elle mostrou, que seu rigor, e aspereza, era fóra de todo o respeito de interesses

teresses humanos, veyo a adoeecer em a Villa de Ex remoz, e sendo allegado o termo de sua vida, faleceo em o mez de Janeiro de mil, e trezentos sessenta, e oito, 1368. tendo de idade quarenta e seis annos, e de Reyno dez. A seu corpo foy dada a sepultura, por seu mandado, em o Mosteiro de Alcobaca, junto de Dona Ignez de Castro, em outro monumento da mesma obra, e tamanho. Em este Mosteiro de Alcobaca deixou ElRey Dom Pedro bastante, e perpetua renda para seis Capellaens, que lhe dissessem cada dia huma Missa cantada, e sobre sua sepultura hum responso com Cruz, e agua benta. Foy casado (como já vos disse) com a Infanta Dona Constança filha de Dom João Manoel, muy poderoso Senhor em Castella, e filho do Infante Dom Manoel, que era filho delRey Dom Fernando o Santo. E recebeo com ella em dote trezentas mil dobras de ouro, que são da moeda de hoje trezentos mil cruzados, e outro riquissimo patrimonio de terras, e senhories, e pertencas, que em Castella tinha. E della, em vida delRey seu pay, houve dous filhos, e huma filha: o Infante Dom Luiz, que morreo de pouca idade: Dom Fernando, que lhe succedeo no Reyno: a filha Dona Maria, que casou com Dom Fernando Infante de Aragoa. Marquez de Tortosa, e Senhor de Alvarazim, e filho delRey Dom Affonso o IV. de Aragoa, e de sua mulher a Rainha Dona Leonor, irmãa delRey Dom Affonso XI de Castella, o que venceo a batalha do Salado. Morta a Infanta Dona Constança, e seu corpo sepultado em Santarem no Mosteiro de São Francisco, houve ElRey Dom Pedro da Formosa Dona Ignez de Castro, quatro filhas, como já ouvistes. Depois de cuja morte, em o primeiro anno, que reynou, lhe nasceu de Dona Thareja, nobre Senhora em Galiza (que segundo a opiniaõ de alguns, era da geração dos Pinheiros de Barcellos) hum filho bastardo chamado Dom João o I. filho bastardo de Rey, que as Chronicas antigas nomeão com Dom; porque até entã, como qualquer do povo, tinha o nome do baptismo, e com elle o de seu pay, ou avós, em differença dos legitimos: mas deste tempo em diante, foy este novo titulo em tanto crescimento nos Reys, e nos Vassallos, que com difficuldade,



allim em os nomes, como em os braçoens, se póde co-  
nhecer differença. Senão que alguns bastardos por caval-  
laria, e honrados feitos chegaõ a alcançar a illustre diffe-  
rença, com que se conhecem os filhos, que não são pri-  
mogenitos herdeiros dos morgados, como taes criados.  
Como foy este D. Joaõ, de que fallamos, que em idade  
de sete annos foy Mestre de Aviz: e depois veyo a ser Rey  
de Portugal o L. do nome, e por excellencia de sua pei-  
soa, chamado de boa memoria. Muy justo premio de he-  
roicas obras, pois ellas são, as que só merecem a preroga-  
tiva de perpetuidade.







## CAPITULO V.

*Das censas del Rey D. Fernanao, unico do nome, e ultimo Rey da idade segunda de Portugal.*

**A** ElRey Dom Pedro succedeo seu filho Dom Fernando em idade de vinte e dous annos. E foy levantado por Rey de Portugal em a Villa de Extremoz no anno do Senhor mil e trezentos e sessenta e oito: e succedendo tambem nas grandes riquezas, que ElRey seu pay, e avós deixárao juntas: e está posto em memoria, que sómente na torre do Castello de Lisboa neste tempo se acharao oitenta mil peças de ouro, e quatrocentos mil marcos de prata, e grande soma de moedas de ouro, e prata, e outras muitas cousas ricas, e de grande valór, que com outros thesouros, que tambem estavao conservados dos Reys passados, em outras partes do Reyno, chegaõ a dizer as historias daquelle tempo, que eraõ estas as mayores riquezas, que no mundo se sabiaõ juntas em mão de algum Principe da terra. E não pareça novidade estranha: porque havia entao em Portugal tao grande contratacao de vinho, azeite, e sal, e outras cousas, que sómente na barra da Cidade Lisboa acontecia algumas vezes no anno acharemse quatrocentos, e quinhentos navios de carregacao juntos, de que ElRey tinha grandes direitos, e estas carregacoens se faziao cada anno tres, e quatro vezes. E por serem tantos, e tao continuos os navios dos estrangeiros, ordenou a Cidade Lisboa certos homens, que pelas ruas armados andassem vigiando de noite, e guardando a Cidade de alguma traicao. Mas ElRey Dom Fernando cheyo de tantas riquezas tao mal se soube aproveitar dellas, que não sómente as gastou, e consumio em breve tempo, mas ainda com ellas chegou o seu Reyno, e Vassallos a estado de ultima perdigao, e miseria. Porque reynando naquelle tempo em Castella ElRey Dom Henrique o bastardo, que Montiel matou, a ElRey Dom Pedro de Castella seu irmao, não faltaraõ muitos homens. mais amigos de novidades, que zelosos da honra de seu Principe, que com pretexto de vingarem a morte delRey Dom Pedro se vieraõ a ElRey Dom Fernando de Portugal.

Chronica  
vulgaris  
Lusitana  
Garib. 4  
parte

1368.

Et in vit  
Henrici no  
chi Et non  
paucis pri  
vilegia, e  
denation  
illis tem  
poris Vola  
ter. lib. 2



gal, e como mais chegado parente do morto Rey, lhe persuadirão, que a devida vingança logo tomasse, e juntamente do Rey no se fizesse senhor; como legitimo procedente delRey Dom Sancho o Bravo de Castella; pois ElRey Dom Henrique lhe ficava muito inferior na pertença, assim por ser filho illegitimo, como tambem pela sanguinolenta morte, que deu a ElRey seu irmão, com que se fizera indigno de lhe poder succeder. E porque os Authores deste conselho eraõ muitos, e homens de grande nobreza, e estados, e que para o ajudarem com suas pessoas, e poder se offereciaõ, e as Cidades, e fortalezas, que em Castella seguiaõ sua voz de commum sentimento, eraõ populosas, e fortes, e em bastante numero para qualquer bom effeito, ElRey Dom Fernando, que em idade florescente se achava riquissimo, e ambiciosissimo de gloria, e sobre tudo de animo inconstante, e de pouca prudencia dotado, não desprezando tão voluntarios offerecimentos, antes confiando mais nelles, e em suas riquezas, que na razaõ, e justiça, que de sua parte houvesse, determinou de se fazer senhor de Castella, pelas incapacidades, que em ElRey Dom Henrique imaginava, e lhe eraõ representadas, ou pelo menos, que a morte delRey Dom Pedro de Castella seu primo ficasse vingada. Com esta pertençaõ commetteo a empresa poderosamente muitas vezes, fazendo-se senhor de cinco Cidades, e muitas Villas, Castelllos, e fortalezas de Castella, e Galiza: mas com tão pouca prudencia, e animo a proseguio, que mais mal fez aos seus Vassallos a sua inconstancia, que aos inimigos a furia de suas armas. Porque ainda que muitas vezes foraõ reconciliados, e entre elles se celebraraõ com solemne juramento contratos de paz, e amizade, nunca por ElRey Dom Fernando foraõ guardados mais tempo, que em quanto elle lhes dava occasiaõ para fazer o contrario. Pelo qual os Reys de Castella

Roderic. à  
Pina in ejus  
vita, & Ge-  
nib.

entraraõ algumas vezes com maõ armada em Portugal, e fizeraõ grandes males, e damnos, conquistando muitos povos, destruiundo muitos Lugares, Castelllos, e fortalezas, entrando em Braga, e Bragança, e combatendo Lisboa, e Guimaraens, e outras muitas terras, que da furia dos seus Soldados ficáraõ bem signaladas; com que

ElRey

El Rey Dom Fernando ficou muy quebrantado, e sua presumpção, e vangloria de todo abatida: e entrou nelle de tal maneira o temor, que da furia dos inimigos concebeo, que, não se havendo por seguro com todo o seu poder, e força de seus Reynos, inda mandou à sua custa vir grande cópia de Soldados estrangeiros de Inglaterra, e França, que lhe foraõ mayores adversarios, que os proprios inimigos, contra quem os convocava. Porque os animos Portuguezes, pela fraqueza, que no seu Rey conheciaõ, esquecidos de sua anriga fortaleza, lhe sofriã muitas injurias, maldades, e latrocínios: e El Rey, porque delles esperava a segurança de sua pessoa, e estado, as permittia todas. Donde resultou ficar este Reyno tão perdido, que não achavaõ os inimigos nelle cousa, em que a natural cubiça dos Soldados se empregasse, havendo em qualquer parte total destruição de todas as cousas, não sem grande damno, que os Castelhanos tambem recebiam dos Portuguezes, que por muitas vezes fizeraõ famosas entradas em Castella, destruindo, e assolando tudo, o que alcançavaõ, até que chegáraõ a ter quasi cerca da a Cidade Sevilha, tão famosa no mundo, com hum armada de galés Portuguezas, que no seu porto esteve hum anno, e onze mezes, tolhendo a contratação, e mantimentos, pondo-a em tanta estreiteza, que, se os Portuguezes tiveraõ entaõ outro Rey mais bellicoso, poderale fazer hum grande feito. Sobre todos estes males, que a imprudencia del Rey D. Fernando causou em Portugal, foy elle mesmo tão sujeito ao que os seus privados, e governadores queriaõ, que em seu tempo foy este Reyno delles mais tyrannizado, que governado; porque não havia males, que se castigassem, nem bens, a que o devido premio se dêsse: tudo era confusão, e tyrannia, fazendo huns do mayor poder, mais justiça, para não serem castigados, e outros da mayor maldade mais innocencia, dissimulando culpas publicas por interesses particulares. A isto se accrescentou, para mais trabalho, os infelices matrimonios del Rey; porque com os que contratou, e não cumprio em Castella, e Aragoã a seu estado, e pessoa assaz convenientes, alcançou destes dous Reynos pouco amor, e muito odio. Porque El Rey Dom



Pedro de Aragoã, porelle deixar a Infanta Dona Leonor sua filha, que elle mesmo mandára pedir, lhe não foy bom amigo em suas necessidades: antes mandandolhe El-Rey Dom Fernando quatro mil marcos de ouro que são sessenta e duas arrobas, para se pagar certa gente de cavallo, que contra El-Rey de Castella para Portugal haviaõ de vir; El-Rey de Aragoã nem lhe mandou a gente, nem deixou tornar o dinheiro, tomando-o por força a hum Affonso Domingues Barreiro, mercador Portuguez, que o tinha em seu poder: e El-Rey Dom Henrique de Castella, por não effectuar o casamento entre elle, e a Infanta Dona Leonor sua filha contratado, lhe foy inimigo descuberto em suas adversidades; e de hum, e de outro, e de todos os bons de seu Reyno com justa razão desprezado, desobedecido, e maltratado, pelo indigno matrimonio, que em Lisboa effectuou com Dona Leonor Telles de Menezes, filha de Martim Affonso Telles, que era irmão de Dom João Affonso Telles, poderoso Conde naquelle tempo em Portugal, e filha de Dona Aldonça de Valconcellos, de geração de grandes Reys. Porque, ainda que ella era muito nobre, todavia estava actualmente casada, e não das mais quietas de seu tempo. Mas pôde mais com elle a galantaria discreta, e desenvolta, e a formosura graciosa, de que ella era dotada, que toda a nobreza, e proveito, que á sua pessoa, e Reyno se accrescentava, com os dignos matrimonios de tão altas Princezas, que por ella deixou. E posto que Dona Leonor Telles era casada com João Lourenço da Cunha, fidalgo de nobre sangue, e senhor de Pombeiro, e d'elle tinha já hum filho, que chamáraõ Alvaro da Cunha, não bastou isto para que El-Rey Dom Fernando, que afeiçoado estava, deixasse de effectuar, o que pretendia. Ordenando, que entre ella, e seu Marido se fizesse divorcio; dizendo, que estavaõ casados contra a prohibição dos Canones, por haver entre elles parentesco, e não admittindo, serem já legitimamente dispensados pelo Summo Pontifice, foy tanta sua diligencia, e tão expressa a vontade, com que mostrava desejallo, que João Lourenço da Cunha, receando outro mayor mal, se ausentou destes Reynos, e se foy para Castella; onde, passado largo tempo sem

sua mulher, acabou seus dias. E ficando ElRey em Portugal sem este impedimento, logo se casou com ella, diante do Conde seu tio, e de sua irmã Dona Maria Telles, sómente. Tanto que se publicou em Lisboa, que ElRey deixando tão generoso; e util matrimonio, como era o de Castella, era casado com Dona Leonor Telles, logo lhe foy muy estranhado pelos de seu conselho, e contrariado pelos seus povos de tal maneira, que se ajuntáram em Lisboa mais de tres mil homens armados, e levando por Capitão hum Fernão Vasques, alfayate, homem oulado, e entre todos de mais concertada lingoagem, e authorizada pessoa, se foraõ a ElRey, ao qual notificando as desordens de tão indecente casamento, elle lhe mandou dizer (agradecendolhe muito seu bom zelo) que ao outro dia no Mosteiro de São Domingos os ouviria. Mas como sua afeição não soffria conselho de amigos, nem requerimentos de vassallos, em quanto hum grande multidão delles naquelle lugar o esperavaõ, ElRey se sahio de Lisboa com a sua Dona Leonor, e não parando até a Cidade do Porto, se foy casar com ella publicamente, fazendo-a Rainha de Portugal no Mosteiro de Leça da Ordem de São João, não longe da mesma Cidade, havendo já quatro annos, que reinava, e em o do Senhor, mil e trezentos e setenta e dous. Com o qual ficáraõ seus Vassallos enganados, e elle contente, e os 1372. que o contrariavaõ, foraõ depois castigados com grande crueldade, e escandalo, por ordem da Rainha: que por esta razaõ dizem; que sempre encontrou a geraçaõ dos Cunhas com animo cruel, e vingativo. Mas como ella era sagaz, e astuta, conhecendo, que reinava contra vontade de muitos nobres, fez subir a muitos delles a grandes estados, principalmente aos seus parentes, que por ella foraõ todos accrescentados em honra, poder, e senhories, e aos que com facilidade pôde reconciliar, obrigou com mercês, a que lhe guardassem fidelidade, e aos de mais, que por suspeitos tinha, perseguiu de maneira, que fez a muitos desnaturar dos Reynos de Portugal. Nesta occasiã a D. João Affonso Telles de Menezes seu irmão fez fazer Almirante de Portugal; e a Dom Gonçalo Telles tambem seu irmão fez dar o Condado de Neiva, e Faria,



Faria, na Provincia deentre Douro e Minho. A dous filhos do Conde Dom João Affonso Tello seu tio fez fazer Condes, Dom Affonso Conde de Barcellos por morte de seu pay, e Dom João Conde de Vienna, que foy pay de Dom Pedro de Menezes; primeiro Capitão de Ceuta a Dom Henrique Manoel seu cunhado, Conde da Séa a Alvaro Pirez de Castro, irmão da formosa Dona Ignez de Castro Conde de Arrayolos; a Dom Lopo Diz de Sousa seu sobrinho, filho de Dona Maria Telles sua irmã, fez dar o Mestrado da Ordem de Jesu Christo; a Dom Fernando Affonso de Albuquerque, irmão das mulheres de seus Irmãos, fez dar o Mestrado de Santiago; a João Affonso Pimentel, que casou com Dona Joanna, sua irmã bastarda, fez dar a Cidade Bragança de juro; a Pedro Rodrigues da Fonseca, que casou com Ignez Diz Botelha sua criada, e parenta, fez dar o Castello de Olivença; a Martim Gonçalves de Ataíde, que casou com Mécia Vaz Coutinha, fez dar o Castello de Chaves: este foy pay do primeiro Conde de Atouguia Dom Alvaro Gonçalves de Ataíde, que era avô do primeiro Conde da Castanheira Dom Antonio de Ataíde; a Fernão Gonçalves de Sousa, que casou com Dona Thareja de Meira, fez dar o Castello de Portel. E para se assegurar mais, fez dar a Alcaidaria mór da Cidade Lisboa, cabeça do Reyno, a Dom João Affonso Tello seu irmão: e ordenou, que todos os honrados homens, que havia na Cidade, fossem vassallos deste seu irmão. E para este mesmo intento ordenou outros muitos accrescentamentos, e casamentos com muitos Fidalgos, e nobres do Reyno: e foy com elles tão liberal, e solícita, que não havia algum, que de suas mercês, e boas obras não houvesse parte, e desta maneira, entregando a mayor parte dos Castellos, e fortalezas do Reyno, a homens de sua geração, e amizade, e fazendo aos outros outras muitas mercês, pôde esta Rainha fazer com que fosse obedecida em Portugal mais de doze annos, e sempre fora com mais obediencia, e quietação, se não lhe parecerao tambem as cousas de João Fernandes de Andeiro, Fidalgo Galego, natural da Corunha, e que em ajuda del Rey seu marido se passára a este Reyno, entregando-lhe sua patria.

Por-

Porque chegando elle em breve tempo a ser Conde de Ourem, e nas cousas do governo a mais principal pessoa, e por outras conjecturas, que o mesmo persuadiaõ, veyo a ser suspeita a sua particular amizade com a Rainha. Mas ella nem com tudo isto se deu por segura, receando com razão, que pela morte del Rey, que suas muitas indisposições cedo annunciavaõ, e de quem não tinha mais, que huma filha, podia haver algum alvoroço no Reyno, para lho tirarem a ella, e o darem ao Infante Dom João seu cunhado, filho de Dona Ignez de Castro, mancebo de rara gentileza, e disposiçaõ, e o melhor Cavalleiro, que em Hespanha se sabia, e sobre tudo muito bem quisto, e venerado de todos, por sua benignidade, e generosa condiçaõ, que as historias engrandecem muito; pelo qual determinou de lhe procurar a morte deste modo. Sendo este Infante casado clandestinamente, e por amores, com Dona Maria Telles de Menezes, mulher viuva, mas ainda em boaidade. e formosa na pessoa, e muito virtuosa, e prudente, a Rainha, cuja irmã ella era, invejando sua felicidade, ou receando a fortuna do marido, fez crer ao Infante, que ella lhe fazia adulterio, e lhe persuadio, que a mataste, e que logo o casaria com sua filha: pois ninguem melhor, que elle, podia sustentar estes Reynos, por morte del Rey, que cedo se esperava. O Infante, cujo esforço, e nobreza, não soffria tal quebra em sua honra, poz logo em execuçaõ a innocente morte da sua virtuosissima mulher, estando ella em Coimbra. Mas a Rainha, que outra cousa não esperava, senão huma occasião semelhante, se foy a El Rey, e ante elle accusou, e se queixou muito do Infante; o qual vindo a entender sua perversa maldade, se ausentou da Corte, e depois do Reyno, e se foy para Castella, onde depois de vários successos, e perseguiçoens, e trabalhos acabou seus dias com o Infante Dom Diniz seu irmão, que já lá andava, por não querer beijar a mão á Rainha no seu principio. A qual desejando tambem fazer o mesmo a Dom João Mestre de Aviz, irmão bastardo del Rey, que só no Reyno achava, lhe podia impedir suas determinaçoens, fez prender no Castello de Evora a elle, e a Gonçalo Vasques de Azevedo, que tambem tinha por suspeito em seus segredos:

fazen:



fazendo crer a ElRey, com cartas contrafeitas; e informaçoes falsas, que elles tinhaõ intelligencias com ElRey de Castella, com quem naquelle tempo andava em guerra. E sempre os fizera matar, se Vasco Martins de Mello, Fidalgo muito nobre, e de muita prudencia, tendo por suspeitos seus mandados, não dilatará a execução delles até o outro dia; em o qual fallando com ElRey, se descobrio a verdade, e a Rainha ficou defenganada do pouco, que podia contra a virtude do Mestre de Aviz seu cunhado: e começando recealla, o favoreceo dalli em diante descubertamente. Mas pouco lhe aproveitaraõ todas estas diligencias; pois veyo a perder a vida com desgosto, e o Reyno com elle, e juntamente as amizades, que todos estes extremos causavaõ, como adiante diremos.

1374.

Houve ElRey D. Fernando da Rainha Dona Leonor huma filha chamada Dona Beatriz, que lhe nasceo nesta Cidade no anno do Senhor 1374, sendo ainda vivo João Lourenço da Cunha, verdadeiro marido da Rainha. E porque os outros filhos, que della houve, falleceraõ de pouca idade, determinou ElRey; e a Rainha, já que esta filha era unica, e universal herdeira de taõ grande senhorio, de a casar com tempo; para segurar melhor suas cousas. E buscandolhe quasi tantos maridos como ella tinha de annos, por derradeiro ( renunciando todos os outros casamentos ) veyo a ser mulher delRey Dom João o I. de Castella, que vivo estava: sendo já esposada com tres filhos seus, ede idade de onze annos. Outra filha teve ElRey Dom Fernando, sendo solteiro, chamada Dona Isabel, que casou com D. Affonso de Castella, Conde de Gijon, filho bastardo delRey D. Henrique o II. de Castella, donde procede a Illustrissima Familia dos Noronhas deste Reyno.

1383.

Com este casamento, ficando ElRey Dom Fernando pacifico, e as cousas de seu Reyno em bom estado; e elle muito arrependido dos males passados, veyo a fallecer de sua porlixa infirmitade em Lisboa a 20 de Outubro de 1383, sendo de idade de 43 annos, e dez mezes; dos quaes reynou dezaseis. Seu corpo está sepultado no Mosteiro de São Francisco de Santarém, que elle mesmo edifi-

edificou, junto com a Rainha Dona Constança sua mãy, e com elle (segundo alguns) a Rainha sua mulher, em huma honrada sepultura.

Foy ElRey Dom Fernando, em quanto foy mancebo, muito valente, alegre, e namorado, e amador de mulheres; e muito afeiçoado a andar entre ellas: e em todo o discurso de sua vida de rara gentileza dotado; e representava sua pessoa tanta magestade, que, ainda que desconhecido estivesse entre muitos mil homens do mesmo traje, logo á sua presença, e authoridade era claro testemunho de sua real nobreza. Foy muito amigo de se criarem bem os Fidalgos, e Nobres, e muito companheiro com elles, e para todos, os que com elle viviaõ, tão brando, e humano, que não chbrava menos por hum seu escudeiro, que lhe morresse; como se fora seu filho. E de nenhum, a que bem lhe quisesse, ouvia males, e a todos amava de coração os bens, que tinhaõ. Era de sua pessoa muito valente, e grande Cavalleiro, muito exercitado em torneyos, e justas, e lançar a barra, e entre todos os seus vassallos nisto muito avantajado. Era tão braceiro, que não achava alguém, que o fosse mais, e cortava muito com huma espada. Era muito afeiçoado á caça de toda a forte, e dava-se tanto a ella, e levava tantos instrumentos, e ministros, que não lhe podiaõ escapar os peyres na agua; nem os animaes na terra, nem as aves no ar. Porque tinha sempre muy grande numero de açores, falcoens, nebris, e gerifalcos, e todos primazes, que de muy diversas partes os mandava tazer por grande somma de dinheiro: e dizia, que não havia de descansar, até que em Santarém não povoasse huma rua, em que houvesse cem falcoeiros. Em sua casa trazia Mouros, grandes caçadores, e nadadores; e outros muitos Estrangeiros destros nestes officios de caça, todos com grandes salarios, e mercês. Amava muito seu povo, e trabalhava de o governar bem, e com justiça. Porque na Cidade de Lisboa havia muitos roubos, a que se não podia dar remedio com os Ministros de justiça, ordenou em cada Freguezia houvesse dous homens, que cada mez soubessem como viviaõ, os que moravaõ nella; e os que se recolhiaõ com elles. E achando alguns, que não viviaõ bem, ou com es-



candalo, logo o faziaõ saber a Estevaõ Vasques, e Afonso Furtado, seus escudeiros ( que entaõ eraõ como hora os Fidalgos) a que disto tinha dado cargo , e elles os mandavaõ prender por seus homens, e os entregavaõ á justiça para se castigarem. Naõ consentia, que casa nenhuma, nem bairro de Fidalgo, ou Senhor, se dêsse por conto a nenhum malfetor, e dentro nelles os mandava prender. Mandava, que se lavrassem as terras com muito cuidado; porque a naõ ser assim causava muita pobreza. Aos pedintes, que podiaõ ganhar de comer, fazia logo açoutar. Dava muitos privilegios a todos, os que comprassem, ou fizessem navios. E ainda que este Rey foy mais remisso no governo, do que a necessidade do tempo mais pedia, todavia em algumas cousas mostrou ser filho delRey Dom Pedro seu pay, imitando-o em algumas obras, em proveito dos povos de seu Reyno, a que os Reys d'elle; que bem governavaõ, foraõ muito afeiçoados. Masa este, de que fallamos, durou pouco este bom zello; sobrevindolhe tantas, e taõ mal governadas guerras, com que se vio logo outro mundo novo, muy differente do passado, trocadas as alegrias em dobradas tristezas, com que muitos choravaõ suas desaventuras. Foy o Rey, que mais terras, e senhoriõs deu a Fidalgos, que quanto o precederaõ, e depois d'elle houve. Porque além de tantos senhoriõs, e dignidades, como já tendes ouvido, criou de novo o officio de Condestable; e foy o primeiro, Dom Alvaro Pirez de Castro Conde de Arrayolos. Tambem fez o primeiro Mariscal, que houve neste Reyno, que foy Gonçalo Vasquez de Azevedo, filho de D. Francisco Pirez, Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Com estas, e outras semilhantes obras, e com huma prodiga liberalidade, em que sua imprudencia muito se exercitava, fazendo grandes, e descompassadas mercês, assim aos seus vassallos, como aos Estrangeiros, se fez taõ amado delles, que todos os males, que por sua causa padeciaõ, que naõ foraõ poucos, sofriaõ com alegre rosto, e dos que elle padecia, se compadeciaõ todos. Muy certo fruto da generosa benignidade, alcançar-se com ella, o que a força naõ pode.

## CAPITULO VII.

*Das cousas notaveis, que neste tempo acontecerão no mundo;*

**A** Qui se acabou a Adolescencia, e segunda idade do Reyno de Portugal, que começou no anno do Senhor mil e duzentos e oitenta, e se acabou em o de mil e trezentos e oitenta e tres, em que os Reysdelle levantados já do berço de sua infancia, tratáram em se exercitar em letras, e sciencias; muy proprio exercicio nos homens de talidade. E foraõ neste particular taõ excellentes, que não faltáram alguns, que entre os mais doutos homens de Hespanha se avantajáram nellas, e principalmente na Poesia (para que todas ellas são necessarias) o nosso Rey Dom Diniz foy entre os do seu tempo eminente. E foy taõ notavel esta segunda idade de Portugal em letras, e sciencias, que não sómente em Hespanha, mas também em Italia, França, e Alemanha por estes cem annos resplandeceo grandemente esta scientifica prerogativa. Porque foraõ tantos os doutíffimos varoens, que nella florescéram em varias sciencias, taõ insignes, que he cousa maravilhosa. E entre elles foraõ os mais notaveis Alberto Magno, Alexandre de Alves, o Angelico Doutor Santo Thomàs, Nicolão de Lyra, e o subtilíffimo Fr. João Scoto, Bartholo Baldo, e Angelo seu irmão, e Saliceto, João André, e Petro de Bella-pertica, Guilhelmo Durando, Petrus de Palude, Dino Mugeliano, que ajudou no livro Sexto das Decretas: Nicephoro Calixto, Francisco Petrarcha, e o grande João Boccacio, e outros muitos gravíffimos Poetas, e Historiadores.

Genebr. l. 4.  
Chron.

Genebr.  
Illece. l. 5.

E ainda que nesta Adolescencia (como em qualquer idade dos homens acontece) não faltáram em Portugal alguns trabalhos, e desaventuras, em huns causados de suas paixoens, e nos outros de sua pouca prudencia, todavia também foy notavel em principiar grandes, e signaladas cousas. Porque no anno do Senhor mil e trezentos, reynando em Portugal Dom Diniz, publicou o Papa Bonifacio VIII huma solemníffima Indulgencia, para que della gozassem todos, os que pessoalmente visitassem

Sabell.  
Joan. Tar.  
Plat in vitis.  
corum Ge.  
nebr. lib. 48



**Monarch.** os Santos corpos dos sagrados Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, e os mais lugares sagrados de Roma em todo  
**Ecclesi. l. 22** aquelle anno; e que a mesma indulgencia se alcançasse  
**c. 22** quísa- perpetuamente todos os annos centellimos, chamandolhe  
**ris hoc.** Jubileo à imitação, do que na Ley velha N. Senhor concedia de cincoenta em cincoenta annos. E depois o Papa Clemente VI. determinou se alcançasse cada cincoenta annos como o da Ley Velha, e ultimamente Xisto IV o abreviou a vinte cinco annos.

**Garib. in**  
**vita Al-**  
**phonfi ult.**  
**Reg. Cal-**  
**tellz,**  
**Antonius**  
**Guevara de**  
**hoc. multa**  
**dicat,**

E reinando em Portugal Dom Affonso o Bravo, foy instituida a ordem Militar da Banda em Castella no anno do Senhor, 1332, por El Rey Dom Affonso VI. que venceu a batalha do Salado; e sendo elle hum dos Cavalheiros della, e o seu primeiro Mestre, lhe deu por insignia huma Banda vermelha de largura de huma maõ, que atravessava do hombro direito até a faldá esquerda. E entre outros estatutos lhe deu hum muito notavel, que nenhum primogenito de grande senhor podia ser cavalleiro desta Milicia, e os de mais haviaõ primeiro de residir na guerra, ou na Corte dez annos. E ainda que esta ordem no seu principio, e alguns tempos depois, foy muito estimada, depois veyo a perecer com o discurso do tempo, que tudo consome.

**Genebr. l. 4**  
**Chronol.**  
**Polidorus**  
**Virgil. l. 10**  
**híst. Mas-**  
**seus lib. 12**  
**Chron.**

Junto ao anno 1403 em Almas, Cidade pequena do Reyno de Napoles, se achou primeiro, que em outra alguma, o uso da pedra de Ceval, e o artificio do Nautico instrumento, com que os navegantes olhando a Estrella do Norte infallivelmente incaminhaõ seu curso. Invenção divina, e taõ proveitosa ao commercio dos homens, como perigosa á vida delles a invenção da Bombarda, que nesta mesma idade da Adolescencia de Portugal, junto do anno do 1380 se inventou em Veneza por hum Bertholdo Alemaõ, na arte de Alchimia peritissimo, segundo he Author Genebrardo, referindo a Platina, e Herbuto, e outros, que eu vi, que o mesmo affirmaõ.

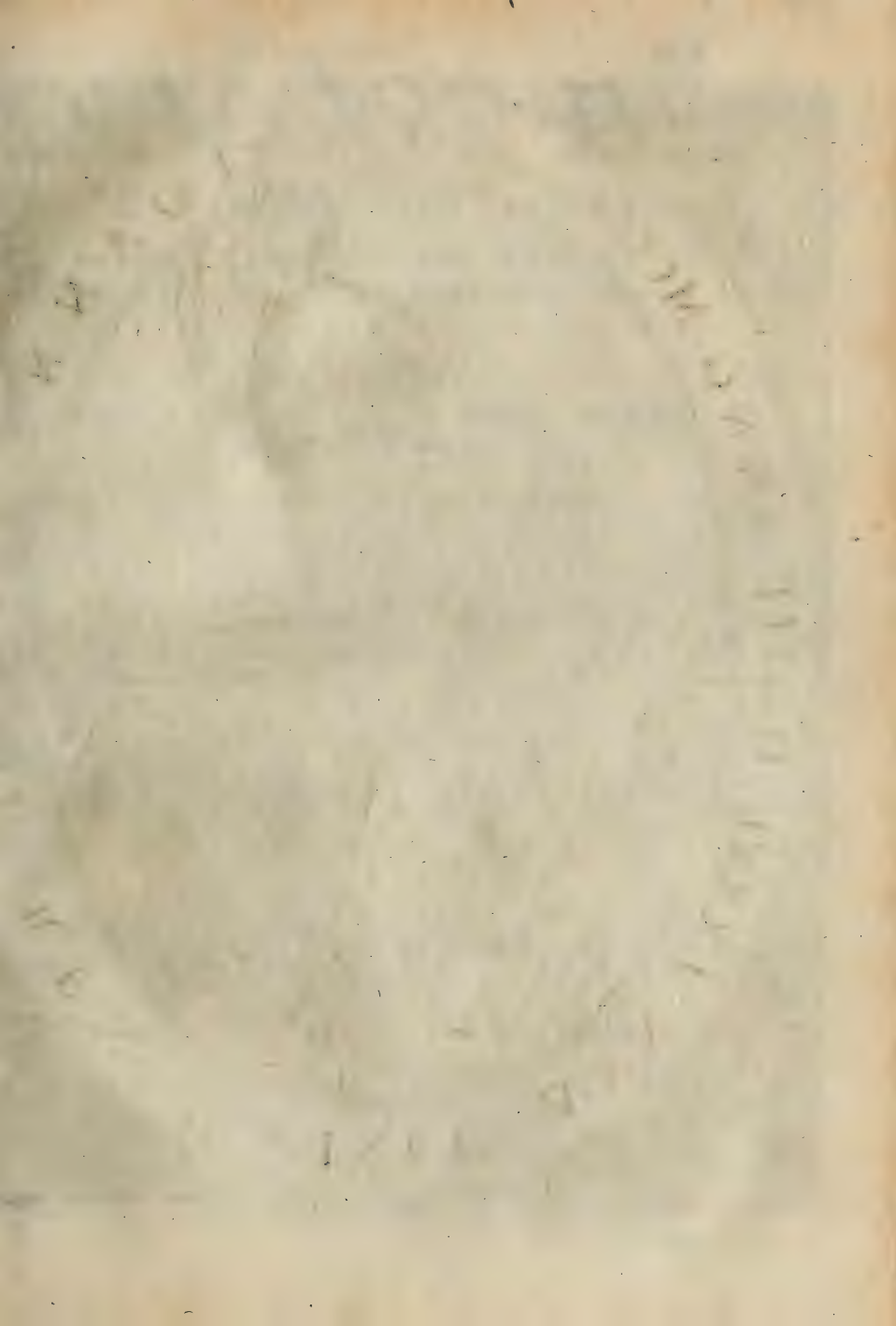
João Rey de França, que reinou junto do anno 1240 instituhio huma ordem Militar, que chamou da Estrella, ordenando, que em hum lugar publico dos vestidos trouxessem seus cavalleiros huma Estrella por insignia, com huma letra em lingua Franceza, que dizia: *Mosrant Regibus Astra*

A' sua imitação, e no mesmo tempo, El Rey Dom Duarte de Inglaterra, instituiu tambem outra ordem de Cavalleiros da invocação de São George, que intitulou da Gartera, ou Gartotea (como vulgarmente lhe chamaõ) porque Gartera em lingua Inglesa significa o que em nós he ligabamba, que os Cavalleiros desta ordem trazem por insignia, de ouro, e pedras preciosas guarnecida, ligada em a perna esquerda, com esta letra em Francez, *Vivipereur, qui male cogitat.* O seu Mestre he sempre o Rey de Inglaterra, que este o quiz assim, porque a elle aconteceu a occasião, que foy causa de sua instituição. A qual por ser variamente referida dos **E**scritores, e por alguns delles havida por muy leve, a não digo. Porque em referir discreditos de Principes, melhor he ser havido por ignorante, que atrevido.

Polidorus  
eb. sup. J. 1.  
Rebilus in  
Rep. An.  
glia. Gene.  
br. lib. 4.











# DIALOGO IV.

## DE VARIA HISTORIA.

*Em que summariamente se referem as Conquistas do Reyno de Portugal, que chamamos idade Varonil.*

### CAPITULO I.

*Do felicissimo Rey D. João o Primeiro do nome, que chamã-  
rao de Boa Memoria*

**P**orque ao tempo, em que o Portuguez deu fim á segunda idade do Reyno de Portugal, hia já o Sol no mais alto de seu curso, e a hora da ordinaria sustentação dos corpos humanos era já chegada; cessando com a relação da historia, se deu principio, ao que aquelle tempo requeria, em que do necessario se satisfizerão ambos, acompanhando aquelle acto, com huma nobre, e honesta conversação, mais para desejar, que as invenções de varias inguarias, que em semelhante acto se podiaõ achar; porque o Peregrino eradouto, e experimentado, e o Portuguez mancebo, e muito curioso. O qual, porque entendeu nisto lhe fazia avontade, proseguio a sua compendiosa historia neste modo.

Quando ElRey Dom Fernando falleceo, acharaõ-se os Prelados, e Fidalgos, e Póvos de Portugal, em muita confusão, antevendo os grandes infortunios, e calamidades, que ao Reyno estavão ameaçando á cerca da pessoa, que em sua Coroa lhe havia de succeder. Porque ElRey Dom João I. de Castella, estava legitimamente casado com Dona Beatriz, filha do morto Rey Dom Fernando, e da Rainha Dona Leonor, a que tinhaõ declarado por sua universal herdeira, com pacto, e condição, que ElRey seu marido naõ entraria em Portugal, sem primeiro desta sua mulher ter algũ descendente. Os Infantes

Chronic:  
vulgar. e  
vera Chro-  
nic. Nonii  
Alvarez  
Pereira Ga-  
ribi. 4: p. 22  
in vita Joa-  
nnis I. Reg:  
Castel. L.  
lesc. l. 6  
Velas. lib. 2  
Et quam  
plurimæ  
marmore  
inscriptione  
donationes,  
& privile-  
gia illius  
tempor.



fantes Dom João, e Dom Diniz, filhos de Dona Ignez de Castro andavaõ em Castilla esperando pela morte del-Rey seu irmão, cujos filhos não haviaõ por legítimos. E cá em Portugal estava o Mestre de Aviz seu irmão bastardo, que pelos merecimentos de sua pessoa, e favor, que no povo sempre achava, também podia aspirar a qualquer honrosa pertençaõ: assim que de qualquer parte se podiaõ esperar successos perigosos, e de muito trabalho. Não deixando também de ser aos Portuguezes muito pesada a grande familiaridade, que o Conde D. João de Andeiro tinha com a Rainha Dona Leonor, que o Reyno governava, com a qual valia tanto, que não sómente a hum aceno se movia todo o governo, mas ainda com sua estreita amizade chegavaõ a mais as suspeitas dos homens. Pelo qual não faltáraõ alguns, que ao Mestre de Aviz, como a mais principal pessoa, persuadiriaõ, que aquelle impedimento tirasse do mundo, declarandolhe quão perto estivera da morte por seus conselhos, e que estes, valendo hora tanto com a Rainha, podiaõ vir a obrar algum máo effeito contra sua pessoa. Quanto mais, que só pela honra del-Rey seu irmão (que por razãõ deste Conde não ficou muito limpa) podia commetter qualquer grande feito em sua satisfação. O Mestre de Aviz, que ao Conde não tinha por amigo, pondo ante os olhos a honra del-Rey seu irmão, que cada dia mais o estimulava, e confiando no favor do povo, que sempre achava propicio, e em seu valeroso animo, de que nelle a natureza foy liberalissima, tanto se deixou levar desta determinação, que chegou a matar com suas proprias mãos, e com grande perigo de sua pessoa, ao Conde Dom João de Andeiro, na sala real da Rainha, que entãõ era nos Paços do Limoeiro. A qual tanto sentio sua morte, como lhe aprazia a vida, se as Chronicas nisto não excedem a honestidade, e inteireza da historia. Mas não foy com tão pouco alvoroço, que a Cidade Lisboa; onde o caso aconteceu, por industria de hum antigo Cidadãõ della; senãõ pusesse toda em armas em favor do Mestre de Aviz, a que (contra todos os mandados, e valias da Rainha) leváraõ triumphante a sua casa, chamandolhe em altas, e alegres vozes, Restaurador da pu-  
bli

blica liberdade. Perseguido de tal maneira a Rainha, que lhe foy necessario, por dar lugar ao desenfreado povo, recolherse a Alemquer, e da hi a Santarém, donde mandou recado a ElRey seu genro. Mas a popular furia, não fazendo excepção de pessoas, tratárao tão mal ao Bispo de Lisboa Castelhano de nação, mas Prelado virtuoso, e de religiosa vida, que não se compadecendo de sua innocencia, e virtude, nem respeitando ao decóro, que á sua sagrada pessoa se devia, o matárao cruelissimamente, lançando-o de huma alta torre dos fins da sua Sé, onde se recolhera com alguns dos seus, e seu corpo com furia diabolica arrastrárao pelas ruas da Cidade, que em semelhantes desenvolturas andava toda occupada. Passando pelo mesmo fio ao Prior de Guimaraens, e a todo o homem, que seu furioso intento não seguia. A cuja imitação da Cidade Evora, e outras algumas terras de Portugal fizerao o mesmo, não perdoando a Freiras, nem Religiosos, nem às mais pessoas Ecclesiasticas: tudo era confusão, e crueldade abominada. Andando o Reyno fluctuando nestes trabalhos, cheyo de opinioens, e guerras, e infelicidade, e não sabendo os mayores d'elle, em que parariao estes desordenados principios, nem se seria mais saõ conselho tomar, ou deixar a Rainha Dona Batriz. E receando com razaõ a ElRey de Castella seu marido, que chamado pela Rainha sua logra vinha poderosamente contra Portugal, e que antes de se determinarem se faria senhor de tudo: vendo-se em tal aperto, elegerao nesta estreita necessidade por capitaõ, e defensor deste Reyno o Mestre de Aviz, que contra ElRey de Castella os defendesse; porque vinha contra os Capitulos, e condiçoens, tratados, e jurados entre elle, e ElRey Dom Fernando de Portugal seu sogro. Mas o Mestre de Aviz, cujos pensamentos por ventura já chegavao a reynar, ou accrescentar suas coufas com estas divisoens, e odios, fez pintar em hum estandarte (por indignar mais o povo) ao Infante Dom João seu irmão (em quem a mayor parte da gente tinha seu pensamento) preso em ferros, muy carregado de grilhens, e cadeyas, como diziaõ, que elle em Castella estava. Pelo qual se antes o povo de Lisboa estava rebelde

Tom. I. Dd

Garib. 4.º

contra



contra a Rainha Dona Beatriz, com este espectáculo aos seus olhos lastimoso, se tornáraõ tão contumazes em sua rebelião, que antes quizeráo soffrer o trabalho cerco, que El-Rey de Castella, vendo sua contumacia, logo poz sobre elles poderosamente por terra, e mar, que viver em paz debaixo de seu amparo, gozando dos favoráveis partidos, que lhe commettia. A cujo exemplo muitos Fidalgos Portuguezes, e alguns delles chegados em parentesco com a Rainha Dona Leonor, se fizeram fortes nos castellos, e fortalezas, que lhe eraõ encômendadas, e que em seu poder estavaõ, não querendo admittir a voz de Castella: antes em sustentar o contrario se mostravaõ tão valerosos, que muitas vezes alcançáraõ grandes victórias de muy poderosas companhias de Cavalleiros Castelhanos, que a destruir as terras de Portugal nelle entravaõ armados. Mas sendo muitos delles, e alguns dos grandes de Castella, muitas vezes desbaratados, mortos, e prezos, por muy desigual numero de Portuguezes, vieraõ a cessar destas entradas por algum tempo, e tratar de acompanhar o seu Rey, que dentro em Portugal andava com igual cuidado ao poder, que trazia. O qual vendo a turbação presente, e a difficil, e prolixa empresa, tendo por suspeita a inconstancia da Rainha Dona Leonor pela resistencia, que em seus parentes achava, não lhe querendo entregar o castello de Coimbra (que em semelhantes lealdades foy sempre muy notavel) e outras muitas fortalezas, que o mesmo fizeraõ, chegou sua desconfiança a tal extremo, que prendeo a Rainha sua sogra, contra o parecer de todos os do seu conselho: mas com muita veneração, e decencia, a mandou a Tordeilhas em Castella, onde, andando o tempo, falleceo, e foy sepultada no claustro do Mosteiro da ordem da Mercê da Villa de Valhadolid. E parece, que foy justo juizo de Deos, que fosse ella tambem a Castella quasi em peor condição; da com que foraõ os Infantes seus cunhados, que pelas excellências de suas pessoas, e sangue, ella houvera de tratar melhor, e perseguir menos. Mas não desistindo El-Rey do cerco de Lisboa, nem seus defensores cessando em sua valerosa constancia, vieraõ as cousas a estado, depois de muitos combates rijos, e escaramuças perfidas, que

que não podendo os Castelhanos aturar o trabalho da guerra, pela continua peste, que pelo arrayal igualmente fazia seu ordinario officio, mandou El Rey levantar o cerco, e se foy a Sevilha com grande perda de gente, e sentimento na alma, por tão infelice successo. Deixando todavia na mayor parte do Reyno muitos principaes delle de sua opiniaõ, e muitas fortalezas em sua obediencia. Mas com determinação de tornar á começada empreza com dobradas forças: para o qual se aparelhava com diligente cuidado. Ainda que pudera elle conjecturar facilmente, que não era vontade de Deos ser elle em tão Rey de Portugal; porque quando, sabida a morte del Rey Dom Fernando seu sogro, se fez levantar por Rey de Portugal em Castella, cahiraõ as armas de Portugal da bandeira, e o cavallo, em que hiaõ, quebrou huma espada com tão pouca occasião á vista dos presentes, que havendo-o por máo agouro; aconselharão a El Rey não trouxesse assim as armas de Portugal debaixo das de Castella.

Em quanto nestas cousas se entendia em Castella; não dormiaõ em Portugal Dom João, Mestre de Aviz, defensor do Reyno, e os Fidalgos, e Cavalleiros; a que o amor da liberdade, e honra da Patria fazia de sua opiniaõ. Entre elles Dom Nuno Alvares Pereira se avantajou muito; vencendo com poucos Portuguezes a muitos Castelhanos, que muitas vezes com poderosa companhia pelo Reyno se metiaõ. Mas Dom Nuno Alvares Pereira, e os outros Fidalgos, que no mesmo o acompanhavaõ, se houveraõ nestes encontros com tanta valentia, que deraõ principio a huma tão grande restauração, e que tão difficultosa se mostrava. Porque com estas anticipadas vitorias lhes crescia animo para não deixar empresa alguma por difficultosa, e se lhes augmentavaõ as forças, para de todas sahirem vencedores. Princiamente os ajudavaõ muito as muitas oraçoens, que o Mestre de Aviz, á custa de sua fazenda, por pessoas de conhecida virtude mandava fazer continuamente pelo estado, e defensão do Reyno. E tambem eraõ bastantemente provocados das muitas mercês, e novas honras de officios, e dignidades, com que sempre o Mestre procurava honrallos. Até que



depois de passados muitos dias alegres, e tristes; parecendo a todos muy necessario mais ordem, e mais poder para huma taõ grande cousa, como entre mãos traziaõ, se ajuntaraõ em esta Cidade Coimbra os Fidalgos, e Prelados do Reyno, e procuradores das Cidades, e Villas delle, a que a honra da Patria mais lembrava, para em Cortes determinarem, o que mais convinha. E quando para o mesmo o Mestre de Aviz veyo a esta Cidade, foy recebido nella com procissãõ solemne, e de mais de huma legua acompanhado de grande numero de moços, eminhos da Cidade, que de si mesmos movidos sahiraõ della com seus cavallinhos de cana, e outras por lanças, com pendoens, e bandeiras de seu modo galantes: os quaes com grande alegria vinhaõ em tropel, correndo diante delle, bradando em altas vozes, Portugal, Portugal, por El-Rey Dom João nosso Rey, que em boa hora venha. E assim acompanhado entrou na Cidade quasi triunfando, que foy como prenuncio do felice successo, com que daquelle dia em diante suas cousas foraõ acompanhadas. Com este popular contentamento se começaraõ as Cortes, que diziamos, e nellas depois de grande variedade de opinioens, e pareceres, vieraõ todos em ultima conclusãõ, que pois o Infante Dom João estava prezo em Castella; e a Rainha Dona Beatriz não era legitima; e na vagarosa determinação havia perigo, que o Mestre de Aviz, posto que bastardo, lhe havia de preceder, por ser varaõ, e mayor em idade. Ainda que elle, por ser professo da Ordem de Aviz, e por outros inconvenientes de sua lealdade, e juramento, mostrava ser de parecer contrario, e contentar-se só com ser defensor do Reyno; até que da Rainha Dona Beatriz houvesse descendente, a que elle tinha jurado obedecer como vassallo. Mas os Portuguezes, quasi com divinos espiritos movidos, havendo aquella sua humildade por alto merecimento do que recusava sem mais outro parecer ouvido, nem parecer contrario; o declaráraõ, e levantaraõ por Rey de Portugal, e dos Algarves dentro na Igreja do Mosteiro de São Francisco desta Cidade, onde as Cortes se celebraraõ, e de todos em commum, e de cada hum em particular foy alegremente recebido; acclamando, e laudado por seu Rey, em

anno do Senhor mil, e trezentos, e oitenta e cinco, tendo Q 4385.  
de idade vinte e oito, e havendo hum anno, e seis meses,  
que durava o interregno.

E para que ao novo Rey não faltassem Ministros convenientes a seus altos pensamentos, nestas mesmas Cortes, e de commum sentimento, fez Condestable do Reyno, que foy o segundo, a seu grande amigo, e servidor Dom Nuno Alvares Pereira, e seu Mordomo mór. E os outros officios da paz, e da guerra, dividio por pessoas benemeritas, e para isso com muita consideração bem escolhidas. E todas as mais cousas, ao governo do Reyno necessarias, se determinaraõ com muita prudencia, e se fizeram novas mercês aos povos, que na liberdade da Patria tinhaõ trabalhado, e em tudo houve tal ordem, que o Reyno ficou contente, os Fidalgos satisfeitos, e os mais acrescentados em honras, e titulos.

Neste mesmo tempo, ou pouco depois, aconteceu, que El Rey de Castella, por se fanear de algumas perdas, que de Portugal tinha recebido, mandou ao Arcebispo de Toledo Dom Pedro Tenorio, que com huma boa companhia de Cavalleiros, e Soldados, entrasse em Portugal, e destruísse tudo, o que achasse, para que quando o proprio Rey fosse em pessoa, como cedo determinava, achasse os Portuguezes mais atemorizados. Com este recado se ajuntaraõ em Ciudad Rodrigo alguns Fidalgos Castellhanos, para dalli fazerem sua entrada: e vendo-se em bastante numero, e forças, para commetter qualquer grande feito, partiraõ sem o Arcebispo, levando por Capitães João Rodrigues de Castanheda, Pero Soares de Toledo, Alcaide mór da Cidade de Toledo, Alvaro Garcia de Albrenoz, Copeiro mór del Rey, e outros bons, e notaveis Fidalgos, e com elles quatro centos homens de armas de cavallo, entre muitos escolhidos, e muitos ginetes, e grande numero de besteiros, e homens de pé: E huns, e outros taõ esforçados, que poderaõ entrar com maõ armada em Portugal, e atravessar a mayor parte da Beira até a Cidade Viseu, que está vinte e duas leguas de Ciudad Rodrigo, roubando, e destruindo tudo, quanto achavaõ, sem haver em toda esta terra, quem lhe oulhasse resistir. E andaraõ por muitos dias sem lhes abster de toda



toda a campanha. Até que já muy carregados de roubos, e riquezas, de que levavaõ carregadas mais de sete centas azemellas, quizerão tornar-se a Castella a gozar de tão bem afortunada viagem. E sempre o fizeraõ a seu salvo: e se alguns Fidalgos Portuguezes, até entãõ entre si diferentes, se não vieraõ a concordar por industria, e grande prudencia, e astucia de João Fernandes Pacheco, Fidalgo muy conhecido na Corte. Com o qual se ajuntaraõ Gonçalo Vasques Coutinho, Capitãõ de Trancoso, e Martim Vasquez da Cunha, e Gil Vasquez da Cunha seu irmão, que estavaõ no Castello de Linhares, e Egas Coelho, e outros seus parentes, criados, e amigos, que por todos seriaõ trezentos homens de armas de cavallo, todos escolhidos, e costumados a pelejar, e hum bom numero de lavradores do termo; e todos em hum corpo sahirãõ ao encontro aos inimigos, e aos primeiros golpes se envolverãõ de maneira, que não deraõ fé dos lavradores, que apartando-se delles para se pôem em salvo, cahiraõ nas mãos dos ginetes Castelhanos, que mataraõ nelles muitos, e prenderãõ, e feriraõ: e cobraraõ com esta pequena vitoria tanto animo, que acommetterãõ os Portuguezes com mais ousadia. Mas como eraõ hunos, e outros todos valentes Cavalleiros, e Fidalgos nobres, e bem curfados na guerra, houverãõ-se de maneira, que durou a batalha a mayor parte do dia, e de ambas as partes foy a maisbem feita, que de tão poucos Cavalleiros em Portugal se vio nunca. Na qual os Portuguezes trabalharaõ tanto em armas, que venceraõ, e mataraõ todos os homens de armas Castelhanos, vendendo primeiro as vidas com muita valentia, e esforço, e assim acabaraõ na empreza quasi todos os Fidalgos, e Capitaens desta companhia: só alguns ginetes, e pagens de cavallo se salvarãõ em sua ligeireza confiados, e todos os mais ficaram mortos; ou prezos, deixando na mão dos Portuguezes toda sua bagagem, e cavalgada, que foy estimada em muy grande cousa: dos Portuguezes não morreo algum, mas quasi todos muy mal feridos, e muitos dos lavradores mortos. Chamase esta a batalha de Trancoso.

Tanto que foy levantado por Rey de Portugal Dom João I. do nome, tão alto, e valeroso foy o seu animo,

mo, que não obstante as grandes difficuldades da guerra, que emprendia contra tão poderoso Principe, que cedo esperava em sua destruição, bem armado, e forte, e todos os mais inconvenientes, que se lhe representavaõ; se oppoza tudo, o que a varia fortuna dispõesse de suas coulas. Sem dinheiro, que he o nervo da guerra; por serem já consumidos os theouros publicos do Reyno, pela imprudencia delRey Dom Fernando seu irmão: sem fortaleza de sua opinião, que he a segurança dequalquer conquista; por estarem quasi todas entregues a parentes, e criados da Rainha Dona Leonor sua inimiga: e sem a mayor parte da fidalguia, que inda por Castella toda se mostrava; sómente com o favor do povo, e alguns amigos, e criados seus, e outros alguns Fidalgos, e Cavalleiros, que o desejo da liberdade estimulava, determinou este Rey libertar sua Patria, ou morrer na empresa. E assim começando animosamente a guerra, em breve tempo se fez senhor de muitas Villas, Cidades, e Fortalezas, que pela Rainha Dona Beatriz se mostravaõ constantes. Sendo principal Ministro destes felices principios Dom Nuno Alvares Pereira, Condestable do Reyno, que com ardentissimo zelo, e invencivel animo, noites, e dias trabalhava nesta liberdade tão desejada, e a contraria tão mal soffrida da nação Portugueza. E já pôde ser, que este incançavel espirito, e os mais Fidalgos, e Cavalleiros, que no mesmo o acompanharaõ, fizeraõ tão altas provas de valor, e esforço, que em sua comparação ficou abatida a fama dos mais famosos, que o mundo estima, como a sua Chronica particularmente reconta com mais verdade, e pureza na historia necessaria, que artificio, e eloquencia, muy costumada nellas. Com todos estes bons successos de Portuguezes incitado ElRey Dom João de Castella, e notavelmente estimulado do grande desejo, que tinha de se ver Rey de Portugal, não admitindo os saõs conselhos dos mais verdadeiros vassallos, que o contrario lhe diziaõ, tornou a commetter a empresa com numerozo exercito da principal nobreza de Hespanha fortalecida, e de muitas outras ajudas de França, e outras partes acompanhado. Com o qual determinando conquistar Lisboa, que já tinha cercada pormar, entrou em



em Portugal poderosamente ; parecendo-lhe, que sendo senhor da Metropoli, e cabeça do Reyno, todas as mais forças d'elle lhe ficavaõ fracas. Mas ElRey Dom João de Portugal, que naquelle tempo se achava em Abrantes, ainda que estava com mayor cuidado, que nunca, por se ver muito inferior a ElRey de Castella, com quem, além dos Castelhanos, e Francezas, vinhaõ muitos Fidalgos, e Portuguezes de grande nobreza, e valentia, todavia não deixou por isso de se aparelhar para qualquer successo, determinando sahirlhe ao encontro. E posto que lhe foy muito contrariado de todos os do seu conselho; mais pôde o ousado animo, que o Condestable Nuno Alvarez Pereira neste tempo mostrou, dizendo, que pelejassem, que todos os mais, que o contrario lhe persuadiaõ. Pelo qual, e pelo grande animo, que ElRey mostrava, se deu a batalha na charneca junto de Aljubarrota, levando a vanguarda o Condestable, Cavalleiro de florescente idade, e invencivel animo. O qual com seis centas lanças de cavallo, e nellas muitos Fidalgos, e valentes Cavalleiros e hum formoso batalhaõ delles, que chamavaõ dos namorados, acõmetteo os inimigos animosamente: mas sendo da Cavallaria Castelhana, e de sua multidão, e valentia constangido, que do campo perdesse algum espaço, acudio ElRey de Portugal com o resto de seu exercito, e sua real bandeira, dizendo com grande esforço em alta voz. Avante. Senhores avante, S. Jorge, S. Jorge, Portugal, Portugal, que eu sou ElRey. E com estas animosas palavras fez taõ valerosas obras, que não sómente foraõ causa de recuperarem o perdido, mas ainda venceraõ com grande animo a batalha, que impetuosamente commetteraõ, a qual com a soberba, e pouca estima, em que tiveraõ aos poucos portuguezes ( mas valerosos) perderaõ os Castelhanos muitos, e bem armados. Os quaes voltando as costas, e em menos de meya hora, que durou a batalha, deixaraõ nas mãos de seus inimigos a mais insigne vitoria, que em muitos annos se alcançou em Hespanha. Porque se considera o grande excessõ, que os Castelhanos lhes faziaõ em numero de gente, fortaleza de armas; e nobreza das pessoas, que consigo traziaõ, e a celeridade, com que foraõ vencidos, e o Estandarte Real, e bandeira

e bandeiras tomadas : bem se pôde haver por cousa maravilhosa. ElRey de Castella, que em Portugal entrara doente de quartans, e aquelle dia estava com a cezaõ, vendo tamanha adversidade, se sahio da batalha tristissimo, e caminhando toda a noite, foy antes de amanhecer a Santarem, que saõ onze leguas, e da hi embarcando-se em Lisboa; se foy a Sevilha com tanta paixãõ, e tristeza, que não queria admittir consolação alguma. Não tanto por se ver vencido ( pois não era cousa nova no mundo ) como porque o fora por tão poucos Portuguezes, e que elle estimara em pouco, e porque toda a flor da nobreza de Hespanha, e dos grandes della trinta e nove, e a mayor parte dos Francezes deixava mortos no campo. Tanto se sentio esta desacostumada nova em Castella, que com publico motim, e alvoroço quiserãõ matar a Rainha Dona Beatriz em Toledo, onde entãõ se achava; e sempre a popular furia se houvera de executar, se o Arcebispo de Toledo Dom Pedro Tenorio com todo seu poder, e industria, o não estorvara. Com tão prospero successo, e tão notavel vitoria descansou ElRey de Portugal alguns dias, nos quaes se recolherãõ do campo vencido requissimos despojos, em que tambem entrava hum a Cruz de ouro de muito preço, e pedraria, e que dentro tinha o Lenho da Vera Cruz, que ElRey trouxe da Sé de Burgos, a qual está hoje em o Mosteiro do Carmo de Lisboa, que o Condestable edificou. O numero da gente, que entrou nesta batalha, dizem, que da parte dos Portuguezes eraõ mil e sete centas lanças de cavallo, muito mal armados; oito centos besteiros, e quatro mil homens de pé. Da parte dos Castelhanos havia seis mil lanças de cavallo, todos bem armados, dous mil ginetes, oito mil besteiros, e quinze mil homens de pé; sete centas carretas, oito mil cabeças de gado, dezaseis bombardas, a que chamavaõ troens naquelle tempo. Foy esta vitoria, que chamaõ a Batalha Real de Ajubarrota, alcançada em hum a segunda feira, quatorze de Agosto de mil e trezentos e oitenta e seis annos, que era vespera da Assumpção de Nossa Senhora, dia com muita razaõ venerado, e digno de memoria.

1386.

E não cessando aqui o animo invencivel do Condestable,

Tom. I.

Ee

table,



table, a que ElRey tinha já feit, Conde de Ourem, antes com a gloria de taõ insigne vitoria, aspirando a outras cousas mais altas; em quanto ElRey se andava apoderando de algumas terras, ajuntou duas mil lanças grossas, e ginetes, e muita infantaria, que com o bom successo da vitoria passada, de boa vontade se accrescentavaõ em numero, e ousadia, e entrando animosamente contra Castella, atravessou o Rio Guadiana, e por Badajoz, Almedral, Casra, e outros lugares, passou a Valverde, onde de novo alcançou taõ grande vitoria, como foy a de Aljubarrota. Porque dizem as nossas Chronicas, e o não contradizem as Castelhanas, que á resistencia do Condestable acudiraõ com mais de trinta mil homens, os Mestres de Santiago, Calatrava, e Alcantara, e os Condes de Medina, e Niebla, e outros grandes de Castella, que com os vinte e quatro de Sevilha com o Pendão da Cidade faziaõ hum formoso exercito.

Mas pelo valor, e esforço do Condestable, todos foraõ vencidos, e desbaratados, e o Mestre de Santiago morto, e sua bandeira tomada, alcançando hum riquissimo despojo de cativos, cavallos, e outras cousas, com que o Condestable, vindo-se a Portugal triunfante, foy delRey taõ bem recebido, como a obra merecia, fazendo-lhe logo mercê do Condado de Barcellos com toda sua jurisdicção. Esta, e outras muitas vitorias alcançou o Condestable com muita gloria sua, com que illustrou seu nome, accrescentou seu estado, e ennobreceo sua casa, e descendentes. Depois das quaes receando ElRey Dom João o poder Castelhana, e não se dando por satisfeito de possuir até aquelle tempo em muita paz os Reynos de Portugal, e dos Algarves, tratou de impedir os Castelhanos de maneira, que mais o não inquietassem: e assim entrando em pessoa poderosamente contra Castella, fez nella grandes males, e damnos, rendendo tudo até chegar á Cidade Coria, a qual não pode entrar com o primeiro combate, que se lhe deu fortissimo, por não levar os instrumentos necessarios para escalar a Cidade; cuidando por ventura, que a lembrança das vitorias passadas era poderosa para arrazar os muros de Constantino. E desengana-

nado desta imaginação, se tornou triste ao seu exercito. Onde estando fallando com os Fidalgos, e Cavalleiros d'elle, lhes disse com mostras de tristezas estas palavras, que naquelle tempo eraõ as mais polidas, e cortezans. Certamente grande mingoa nos fizeraõ hoje aqui os bons Cavalleiros, que comiaõ á Mesa redonda; porque se elles aqui estiveraõ, nós tomáramos hoje este lugar: ao qual respondeo Men Rodriguez de Vasconcellos, que era hum dos presentes: Por certo senhor não fizeraõ aqui mingoa os Cavalleiros da Tábola redonda; porque a hi no combate era Alvaro Pereira vosso Mariscal, que d'elle mal ferido veyo, que he taõ bom Cavalleiro como Dom Galaz; e Martim Vaz da Cunha, que he taõ bom como D. Tristão; e eys aquí Joaõ Fernandes Pacheco, que he taõ bom como Lançarote; e eys aquí Gonçalo Vasques Coutinho, que val tanto como Dom Quea; e eu, que não cuido, que menos, que cada hum delles valho; assim que não fizeraõ delles aqui mingoa. Mas saltounos o bom Rey Artur senhor delles, que conhecia os bons Cavalleiros, e leaes servidores, e fazendolhes muita mercê, os obrigava a que folgassem de o servir. Do qual entendendo ElRey, que o haviaõ por injuria, respondeo; que nem aquelle tirava fóra, pois tambem era companheiro na Tabola redonda, como cada hum delles; e mudando a pratica fallou em outras cousas. Mas não lhe aproveitando esta, e outras muitas diligencias, que fez, para entrar a Cidade, se tornou a Portugal. Onde se ajuntou, para melhor proseguir a começada guerra, com hum irmão delRey de Inglaterra chamado Joaõ, Duque de Lancastre, que desembarcado estava na Corunha, e vinha com grande poder conquistar o Reyno de Castella, e Leão, de que já se intitulava Rey por razaõ de sua mulher Dona Constança, filha mayor, e legitima delRey Dom Pedro de Castella, da qual tinha huma filha, chamada Dona Catharina, que trazia consigo em companhia de outra chamada Dona Filippa, e de sua segunda mulher Dona Branca; Duqueza, e herdeira de Lancastre. Das quaes o Duque Joaõ, para mayor confirmação da liga, lhe offerreceo qual elle mais quizesse; mas ElRey de Portugal, depois de largo conselho, não querendo casar com Dona Cathari-



na, pelo direito que tinha na Coroa de Castella, de que se haviaõ de seguir muitas guerras, que elle já queria escusar, aceitou por mulher Dona Filippa com menos dote, mas de muy excellentes virtudes rica, e acompanhada; havendo primeiro dispensação do Papa em o voto solemne de castidade, como professo, que era da Cavallaria de Aviz da ordem de S. Bento, na qual os Cavalleiros ainda então guardavaõ com todo o rigor o voto da castidade. Da qual houve ElRey amplissima geração de filhos, e filhas, que foraõ claro lustre da nobreza de Europa.

## CAPITULO II.

*Das conquistas delRey D. João até sua morte.*

1387.

**C** Oncluido este felicissimo ajuntamento em o anno do Senhor 1387, começaraõ ElRey, e o Duque a guerra contra Castella tão prosperamenre; que foy necessario a ElRey Dom Joaõ, por se livrar de sua furia, fazer contratos de paz, e amizade com o Duque, casando o Infante seu filho, e herdeiro Dom Henrique, com Dona Catharina, filha do Duque de Lancastre, pois a elles sôs o Reyno de Castella de direito pertencia. E dando mais ao Duque, e a sua mulher muitas terras em Castella, e quarenta mil francos de ouro postos em Bayona, em cada hum anno, em quanto elles vivessem, e para as despezas da guerra sessenta mil francos de ouro, pagos em certos tempos, deixaraõ, e renunciaraõ o nome de Reys, com todo o mais direito; que em Castella podiaõ ter; com o qual se tornou o Duque, deixando duas filhas casadas com dous tão poderosos Principes, e ElRey de Portugal descansou alguns dias, entendendo em fortificar, e governar seus Reynos. Nestas guerras entre a muita variedade de successos, quasi todos em favor de Portugal acontecidos, Mmartim Vasquez da Cunha com dezafete lanças de cavallo se defendeo com invencivel animo de quatrocentos homens de armas Castelhanos, que o tiveraõ cercado por alguns dias; em os quaes tratando-se entre elles de mandarem pedir soccorro ao Condestable, nenhum da companhia o quiz aceitar, parecendolhes perdisõ muito de honra, e fama, se naquellẽ extremo perigo se não achas-

achassem presentes: e nesta duvida apertando com elles a necessidade; e multidaõ dos inimigos, hum bom Escudeiro de Martim Vasques perguntou, qual era mayor facanha, esperar seus inimigos, e ajudar seus companheiros, ou aventurar-se por entre elles a dar recado ao Condestable? e porque lhe respondéraõ quaõ grande cousa era atravessar hum exercito de inimigos taõ fortes, e vitoriosos; fazendo o final da Cruz, se meteo com elles, e dando, e recebendo muitos golpes, o fez de maneira, que por entre todos, defendendo-se animosamente, passou da outra parte, e dando aviso ao Condestable, tornou brevemente com o soccorro, e no desbarato dos inimigos ainda alcançou boa parte da muita honra, que naquelle feito acompanhou a todos. Mas naõ querendo ElRey de Castella desistir de se chamar Rey de Portugal, lhe tornou ElRey Dom Joaõ a fazer cruel guerra, tomando-lhe a Cidade Tuy, Salvaterra, e outros muitos lugares de Galiza, que possuio, até que sendo reconciliados, fizeram treguas por seis annos. Dentro nos quaes, no anno do Senhor mil e trezentos e noventa e hum faleceo ElRey Dom Joaõ de Castella, no qual succedendo ElRey Dom Henrique seu filho, o terceiro do nome, que chamaraõ Enfermo, se renovaraõ as treguas por quinze annos com certas condiçoens, todas em favor delRey de Portugal. As quaes naõ sendo guardadas por ElRey Dom Henrique, se tornou a renovar a guerra; que durou tres annos, em os quaes muitos Fidalgos Portuguezes se passaraõ a Castella. Mas ElRey D. Joaõ continuando animosamente a conquista, primeiro por Estremadura, e depois por Galiza, tornou a tomar a Cidade Tuy, e fez outras muitas entradas, e recontros; em que cada hum por sua parte fazia o mal, que podia. Até que restituindo cada Rey, o que hum ao outro tinha tomado, vierã a fazer treguas por alguns annos; que da hi a poucos se converteraõ em perpetua paz, que depois de grandes consultas, se concluiu com muitas cautellas em Agosto de 1411 pela grande prudencia delRey de Portugal pedida, e solicitada. O qual como Principe nas cousas da paz, e da guerra, entre todos os do seu tempo muy avantajado, logo depois desta ultima conclusaõ de perpetua amizade, trahiu



tou com os de seu conselho, o que mais convinha, para seus vassallos se governarem com justiça, e viverem contentes, e seguros das molestias passadas. Os quaes, para que nem a esperança ficasse a seus contrarios, para os poderem inquietar em cousa alguma, entre outras muitas ordenaraõ, que em o Reyno houvesse sempre tres mil e duzentos homens de armas, a que chamavaõ lanças de cavallo, repartidos conforme ao poder, dos que os haviaõ de sustentar. Pelos Capitaens do Reyno 500, e que de Escudeiros de huma lança houvesse 2360 pelas Ordens Militares de Jesu Christo, de Santiago; e de Aviz; e o Prior do Hospital trezentos e quarenta. E além disto ordenaraõ tambem, que houvesse sempre limpos, e aparelhados mil e quinhentos e cincoenta arnezes, com a mesma igualdade repartidos: El Rey tivesse quinhentos, o Condestable, e Dom Affonso, filho bastardo del Rey, os Mestres da Ordem de Christo, e Santiago, e o Bispo de Coimbra, os Arcebispos de Lisboa, e Braga; cada hum tivesse 50 arnezes, e o Mestre de Aviz, e Gonçalo Vazques Coutinho, o Bispo do Porto, e o Prior de Santa Cruz de Coimbra, cada hum tivesse trinta; e o Prior do Crato, Bispos de Silves, Viseu, Guarda, Lamego; e o Abbade de Alcobaca, cada hum tivesse vinte; que saõ os mil e quinhentos arnezes, que acima disse: com os quaes, e as mais armas, que havia no Reyno, lhe parecia, que ficava elle bastantemente armado para qualquer repentina guerra. A que todos, os que bem governaõ, deviaõ estar sempre prevenidos, pelas calidas cautellas, que em semelhantes accommettimentos a malicia dos homens ordinariamente inventa. Isto quanto ao governo da guerra. E tratando da casa, e fazenda del Rey, e da Rainha, acharaõ, que lhe rendia o Reyno huma grande somma de dinheiro, e que todo se gastava em o ordinario de sua casa, pela grandeza, e subegidaõ (como diz o Chronista) dos moradores della. E provendo nisto com a prudencia, e zelo, que nas mais cousas, diminuirãõ os ordinarios criados, e gastos, de maneira, que El Rey fosse servido, como a taõ grande Principe convinha, e lhe não faltasse dinheiro para outras necessidades da republica, que de força muitas vezes se offereciaõ. E que-  
rendo

rendo galardoar aos povos os trabalhos passados, lhes concederao muitos privilegios, e liberdades, e que não pagassem dalli em diante a terça parte das fizas, que ordinariamente já pagavao todos. Direito, que se não acha posto em memoria, que antes delRey Dom Affonso Bravo, houvesse neste Reyno. E quando se começou nelle, nem ElRey, nem os senhores das terras de alguma maneira entervinhao nelle, mas os mesmos povos, quando taes necessidades lhes sobrevinhao, a que o Erario publico não bastava, lançavao entre si este direito de fiza, que chamavao Grados, nas mercadorias, que se vendiao, e elles mesmos tomavao contas, e faziao thesoureiros. E quando as necessidades se acabavao, tiravao de todo as fizas, ou parte dellas, como elles entendiao ser mais seu proveito. E a primeira, de que se acha memoria, foy no tempo delRey D. Affonso Bravo, como diziamos, que o povo de Setúval lançou ente si, para fazerem o muro, de que está cercada. E chegava, a que se pagava dos vinhos, a 1300 dobras cada anno. E a outra fiza miuda rendia 500 dobras, que todas se dispendiao na mesma obra; até que em alguns annos se acabou de cercar. Depois em tempo delRey Dom Fernando, pelas necessidades, que sua imprudencia causou no Reyno, lançavao os povos entre si estas fizas, da maneira, que já disse, para poderem com os muitos encargos, que cada dia sobrevinhao. Principalmente a Cidade de Lisboa, que desta maneira fez a cerca grande. E vendo os Reis (que entao não tinhao minas dentro, nem de prata) que estas fizas importavao muito, desejando, que lhes ficassem perpetuas, mostravao ao povo necessidades passadas, ou as que já se esperavao, e pediao graciosamente por dous, ou tres annos este direito, e que logo o largariao. Mas como desta maneira lhas outorgavao, logo accrescentavao outra necessidade, e pediao-nas por mais tempo, até que de todo ficarao em posse dellas, como estão hoje. Outras muitas cousas se ordenarao neste conselho em accrescentamento da Casa Real, e proveito do Reyno; cousa que raramente em semelhantes acontece. Com estas necessarias obras á quietação, e conservação de hum Reyno tao necessarias, e citando ElRey Dom João com todos os

Prin,



Principes Christãos da Europa em paz, e amizade, não bem satisfeito com o ocio (tao louvado em muitos) e não permittindo, que tua velhice lhe fosse impedimento a alcançar qualquer pequena gloria, quiz mostrar por ultima doutrina a seus filhos, que as guerras pelos Principes Christãos contra outros emprendidas, haõ de ser forçadas, e as voluntarias contra os infieis sómente. Desejando tambem, que o nome Portuguez, já dantes sabido nas terras Africanas, fosse nos feitos da guerra conhecido, illustre, e famoso. Para o qual passou com grande poder a Africa, onde com invencivel animo, e accelerado impeto acompanhado de seus valerosos filhos, nesta empreza muito importante, e de outros esforçados Capitaens na sua militar escola criados, conquistou do poder de Mouros, e com grande perda, e destruição delles, dentro em hum dia, que foy 21 de Agosto de 1415, aquella M tropoli Ceuta, situada no famoso estreito de Gibraltar, na Mauritania Tingitana; Cidade muito populosa, opulenta, e muito forte, e mais cruel competidora de Hespanha, do que foy Carthago de Italia. De cujo porto sahiraõ todas as armadas, que tantas vezes pozeraõ nossa Hespanha em estado de ultima perdição, com aquella grande multidão de barbaros Alarabes, que nella por tantas vezes lançaõ: pelo qual com justa razão he chamada chave de Hespanha. Tomada a Cidade Ceuta por El-Rey Dom Joaõ, como já ouvistes, e armados Cavalleiros os tres Infantes seus filhos, com aquella honra, e solemnidade, como tamanha obra merecia, tratou o mesmo Rey em conselho geral de seus Capitaens, e Fidalgos, o que mais convinha se fizesse daquella Cidade, que Deos tao miraculosamente lhe entregara, e que tao importante parecia podia vir a ser em seu serviço. Proposta esta vontade delRey, houve muitas pessoas, e não em pouco numero, e autoridade, que com muitas razoes quise- raõ persuadir, que aquella Cidade totalmente se destruísse, e se pozesse por terra; pois Portugal não era naquelle tempo tao poderoso, que a podesse defender a tao grande numero, e barbaria de Mouros, como logo sobre ella haviaõ de vir armados, como á commum perdição de todas as provincias de Mauritania convocados; e mais havendo

1415.

De hoc ul-  
tra sup. ci-  
tatos scri-  
bunt In his-  
tor. gene-  
ral. Africae  
Et de rebus  
Scriptheo-  
rum. Joann.  
de Barros  
Decad. I. l.  
I Joann.  
Maphzus  
Societat.  
In principio  
historiar.  
Indiar.  
Episcopus  
Olorus de  
reb ab  
Emanuel.  
gestis I. I.

havendo tão largo, e procelloso mar, em meyo dos soccorros, que lhe podiaõ mandar deste Reyno, para o qual haveria mil difficuldades. E que sómente por huma vangloria, e fama da honra, e cavallaria, deixar tantos, e tão bons Cavalleiros, como alli eraõ necessarios, em notavel, e extremo perigo de suas vidas, parecia cousa sem consideração, e querer tentar a Deos, que até então o ajudara, em quanto elle defendia, e recuperava seu Reyno, o que em conquistar os alheyos com tão pouca necessidade, e proveito, podia ser não fizesse. E com estas ajuntaraõ tantas outras razoes, que aos de parecer contrario foy necessario responderlhes com grande elegancia, e ousadia, mostrando com vehementes razoes, que El Rey não devia largar, e destruir esta Cidade, antes defendela, e sustentala com todas suas forças, porque não sendo assim, ficavão de nenhum fruto os grandes trabalhos, e gostos daquella jornada, que elles haviaõ pela mayor cousa do mundo; e que tamanha mercê, como Deos lhe fizera naquella vitoria, ficaria ociosa, e mal agradecida, e a empreza, porque elles se imaginavaõ quasi eternos na memoria dos homens, de tanto menos louvor, quanta mais razão havia para ser julgada, antes por obra de roubo, que facto de cavallaria. E que os grandes males, e perdas, que esta Cidade dantes causava em Hespanha, estando em poder de Mouros, sendo logo então recuperada, e fortalecida, se accrescentariaõ notavelmente sem esperança de remedio. Além disto affirmavaõ, que sustentando-a El Rey, se lhe seguiaõ dous muy certos, e desejados fins em todas as boas obras. O primeiro o serviço de Deos, e impedindo-se ella, e com ella, os muitos roubos, e atrocinius em os Christãos ordinariamente executados, e abrindo-se por ella porta da conversão de tantos infieis, como naquellas partes habitaõ. O segundo fim era a grande fama do louvor, e honra, que se seguia de huma tão grande maravilha, como era nas proprias terras de inimigos tão poderosos sustentar contra sua vontade tão grande força, e tão importante a suas emprezas. Quanto mais que sómente, por ella servir de militar escola aos ousados animos Portuguezes, que com o continuo exercicio da cavallaria, nella se fariaõ famosos em outras mais



proveitosas conquistas, se podia haver por bem empregado todo o trabalho, e receyo, e os grandes gastos, com que o ameaçavaõ. Mórmente sendo o proprio Rey naquelle tempo cada dia importunado de seus criados, e vassallos, pedindolhe licença, e ajuda para passarem a Africa, outros a Inglaterra, outros a França, e Italia, onde determinavaõ em serviço de Deos, e de outros Principes serem avantajados no exercicio da guerra com o continuo uso das armas. O que tudo se escusaria sustentando aquella Cidade, indo estes; a que chamavaõ aventureiros, provar, e accrescentar suas forças, onde outros muitos, com virtuosa emulação movidos, no mesmo não faltariaõ. E que para a outra gente mais miuda serviria de desterro, que ás culpas de muitos se costumava dar, para Castella, e França. Com estas razoes apresentáraõ outras muitas a El-Rey, que para aquelle intento trouxe aquella conquista tanto tempo encuberra em seu peito, parecéraõ tambem, que logo assentou de o fazer assim. E começou a tratar da pessoa, que nelle havia de ficar em seu nome, representando seu poder na paz, e na guerra, áquelles barbaros. E ainda que para isso foraõ apontados alguns Fidalgos, em feitos de armas; e na militar prudencia bem conhecidos no mundo, e que so delles parecia se podia fiar tamanha cousa, todavia todos se escusáraõ, huns por muito velhos, e cançados, e outros parecendolhes aquella empreza de muy grande, e certo perigo, e pouca honra. Em fim não bastando em presença de tantos, e taõ famosos cavalleiros nomear o mesmo Rey alguns delles, e pedir-lho com muita instancia, chegou o negocio a termo em tal gente bem mal esperado. Mas Dom Pedro de Menezes, Conde de Vienna, illustre progenitor, e fundamento da Real casa de Villa Real, e que naquella conquista em liberaes gastos, e valentia tinha dado de si esperança de mayores cousas, quiz logo confirmallas, offerecendo-se de sua vontade, ao que tantos rogados recusavaõ. E ainda para que El-Rey o aceitasse, se aproveitou do Mestre de Christo seu Tio, e do Prior do hospital de São João, que juntos com os Infantes, o apresentáraõ a El-Rey. Que considerando bem o animo, som que aquelle mancebo se offerecia a cousa de tantos

bons

bons receada, logo o aceitou com alegre rosto, imaginando por ventura as muitas, e miraculosas vitorias, que depois alcançou daquella barbara gente. Mayormente quando lhe ouvio dizer, que com hum pão de zambujo, que na mão a caso tinha, se atrevia a defender aquella Cidade: o qual pão, assim como era, o proprio Rey lhe entregou por honra, e divisa do soberano dominio, que daquella Cidade naquella hora lhe entregava, que, como se elle em pessoa fosse, governaria, sem della, e da fortaleza lhe querer aceitar a homenagem costumada, dizendo-lhe, que delle confiava aquella, e outras mayores; e que nas mercês, que já de antemão lhe promettia, mostraria o gosto, com que estimava aquelle seu Offerecimento, e quanto sentira o contrario naquelles, de quem elle mais o esperara. E fazendo primeiro huma honrada, e prudente pratica publica, toda fundada em louvores da nobre geração, e cavallarias do novo Capitaõ, e no real agradecimento, que por tal obra merecia, lhe entregou a Cidade com o seu pão de zambujo por insignia; que seus descendentes naquelle officio, e dignidade tiveraõ sempre; e ainda hoje tem por alvo, e lembrança desta grande, e primaria honra. E para defensão da Cidade lhe deixou El Rey dous mil e quinhentos homens de cavallo, e outros alguns de pé, todos especialmente escolhidos, e bem armados, e governados por taes Capitaens, como a taõ grande cousa convinha. Lopo Vasques de Castelbranco, Monteiro mór del Rey, ficou por Capitaõ de trezentos escudeiros, todos criados do mesmo Rey. O Infante D. Duarte deixou outros trezentos de sua companhia, dizendo, que não lhe assignava outro Capitaõ, senão aquelle Conde; nem queria, que outrem tivesse cuidado de suas cousas.

O Infante Dom Pedro deixou Gonçalo Nunes Barreto, parente do Capitaõ mór, com duzentos e cincoenta dos melhores Escudeiros, que levava consigo. João Pereira Agostinho ficou por Capitaõ de trezentos Escudeiros do Infante Dom Henrique. Alvaro Mendes Cerveira por Capitaõ dos Escudeiros das Cidades, Evora, e Beja. Fernão Barreto por Capitaõ dos Escudeiros da Cidade Lisboa; todos armados de arnezes, e passavaõ de



tento. Ficáraõ tambem outros Fidalgos por Capitaens d'outra gente de pé, e de cavallo, todos em valentia, e esforço não inferiores aos já nomeados, e chamavaõ-se Ruy Gomez da Sylva, que depois foy genro do Conde Capitaõ mór: Alvareanes Vieira, Anadel mór dos besteiros; Luiz Vasques da Cunha, e Lopo Vasques seu irmão, e Pedro Gonçalves Malafaya, que depois foy Veador da fazenda delRey, e do seu conselho, Luiz Alvares da Cunha, Pero Lopes de Azevedo, e Ruy de Sousa, e outros, que por vos não enfadar, não nomeyo. Aos quaes foraõ logo entregues, e repartidas as fortalezas, e estancias da Cidade, e o Conde Capitaõ mór se recolheo no Castello com mil homens bem armados, e fortes. A todos estes Capitaens, e Soldados, fez ElRey hum publico razoamento, em que encarecia o muito, que estimava aquelle serviço, e o cuidado, com que lhes havia de remunerar todos, os que nella lhe fizessẽ.

Ordenadas estas, e outras cousas á defenõ daquella Cidade necessarias, se partio ElRey para este Reyno, e nella não esteve muito, sem ouvir ás novas proezas, que cada dia faziaõ os seus novos conquistadores em aquella Cidade. Cujã perda os Mouros lamentáraõ muitos dias com as mayores mostras de sentimento, que em taõ barbara gente se podia esperar, deixando-se andar pelos campos, e varredas, como homens sem sentido, e sem lembrança de comer, nem beber, e sómente lagrimas achavaõ; que era o seu conveniente pasto, que o Author da Chronica com grande cópia de palavras engrandece muito.

Mas deixando as lagrimas a seu tempo, não distatáraõ muito a execuçaõ; do que determinavaõ fazer, em satisfacã de tamanha perda; ajuntandose em numero quasi infinito, e bastantes armas, e infernal furia, para recuperarem a sua amada Cidade, se nella não estivera o Conde Dom Pedro, acompanhado de taõ valerosos cavalleiros, que a todas suas forças, e barbaria fizeraõ fracas, e domaveis. E o esforçado Conde em sua defenõ se mostrou sempre taõ incançavel, que lhe acontecia muitos dias pelejar em cada hum duas vezes; e não dormir grande numero de noites, em continua vigia sempre occupado; com as armas às costas, taõ continuas, que se afir-

ma delle; trouxe huma cota vestida deza seis annos, e da continuacão por algumas partes tão gastada, como se fora de pano, ou seda. Com este cuidado, e diligencia, e valentia no mundo rara, defendeo aquella Cidade vinte e dous annos, vencendo sempre, sem nunca ser vencido, posto que foy duas vezes cercado por mar, e terra junta; mente, tão poderosamente, e com tanta contumacia, e fereza combatido, que muitas vezes esteve quasi todo desbaratado: mas fazendose por elle, e seus Capitaens, e Soldados, os grandes feitos em armas, que na sua chronica estão postos em memoria, e nós aqui não podemos referir mais largo, por esta nossa relação não ser mais, que hum breve registro de heroicas obras, como já vos disse.

Pouco tempo depois, ou no mesmo anno da conquista desta Cidade, ElRey Dom João estando em seu Reyno em paz, e contentamento, estabeleceo, que as datas das escrituras, e instrumentos publicos, que até então se contavao da Era de Cesar, da hi em diante fossem feitas do anno de Christo. Passadas todas estas, e outras muitas cousas, todas a este Reyno gloriosas, tendo ElRey Dom João a quietação desejada, mediante a perpetua paz, que com Castella effectuara, cousa, que para ficar mais firme, e estabelecida a Coroa Real de seus successores, desejou em extremo, se lhe chegou o fim de seus dias, estando em Lisboa, onde falleceo a quatorze do mez de Agosto (em que tambem nasceo) de mil e quatrocentos trinta e tres, em idade de setenta e seis annos, dos quaes reynou 48. Sua morte foy muy sentida, e chorada de muitos, assim naturaes, como estrangeiros. Porque como em sua vida foy Portugal cheyo de insignes vitorias, e gloriosos triunfos, e muitos outros Reynos aslombados de sua clara fama, assim elle, como outras partes do mundo, forão em sua morte banhados em copiosas lagrimas. Seu corpo foy sepultado no Real mosteiro da Batalha, que elle mesmo fundou, e dotou, com solemnissima pompa, e apparatus, até áquelle tempo não costumado, mas pelas excellencias de sua grandeza, delle bem merecido. E foy levado a modo de triunfo em hum soberbo, e insigne carro, por grande numero de Prelados, Sacerdotes, e Reli

1433i



e Religiosos, e acompanhado de seus illustrissimos filhos, e de todos os mais Fidalgos, e nobres de seus Reynos. Onde a inveja dos maliciosos, nem a soltura dos maldizentes, nem todo o esquecimento dos homens, poderaõ algum tempo diminuir coua alguma da gloriosa fama de seus louvores.

Foy ElRey Dom Joaõ hum raro exemplo de valor militar, e o mais venturoso Principe, que até seu tempo houve no mundo, porque nem a multidão de inimigos o venceu nunca, nem com temor della deixou de cometer arduas, e difficultosas emprezas, de que sua ditosa sorte o fazia sempre vencedor. Foy tão bellicoso, que excedeo nisto a muitos Reys seus progenitores, que forão, os que ouvistes. Foy magnanimo, e generoso Principe, fazendo muitos edificios, grandes, e sumptuosos, e para a nobreza de seus Reynos muito necessarios. Trouxe as armas Reaes em cima da Cruz da Ordem de Aviz, de que elle era Mestre, e appareciaõ dellas fóra do escudo sômente as pontas, como em alguns edificios seus ainda hoje permanece. E das cousas Ecclesiasticas não tendo menor cuidado, que das seculares; fez muitas obras de charidade as Religioens. Especialmente para sepulturas suas, e em memoria da Batalha de Aljubarrota; onde arriscou sua pessoa, estados, e Coroa, mandou fazer hum real Mosteiro da Ordem dos P.égadores, muy sumptuosamente fabricado da Invocaçãõ de Nossa Senhora da vitoria, onde hoje he a Villa da Batalha, que tambem com elle teve principio: casa de muita authoridade, e real grandeza, e de muitas letras, que por razãõ da agua fez naquelle lugar; e onde foy a batalha, fez a hermida de São Jorge. E em o anno do Senhor 1390 á sua supplicaçãõ se fez Metropolitana a Igreja Cathedral de Lisboa, que entãõ era suffraganea ao Arcebispado de Braga, em tempo do Papa Bonifacio IX. Foy tambem muito liberal, e benigno, e de tanta clemencia dotado, que aos conjurados contra elle, não Sômente perdoou, mas ainda, passando todos os limites da benignidade, lhes fez muy signaladas mercês, approvando o parecer do outro, que até os inimigos vencia com boas obras. Foy tão amigo da honra, e honestidade de sua ca-

sa, que a hum Camareiro seu, e muito seu privado, mandou queimar publicamente, por ser achado em o aposento de hum dama da Rainha, contra a prohibiçaõ delRey; que lhe tinha mandado se fosse de sua casa, e Corte; por se não querer apartar daquella conversação, com quem dizia estava casado. Mas nem isto, nem todos os mais rogos, e petiçoens aproveitaraõ para não ser castigado tão asperamente, que os mais criados delRey atemorizados deste, e outros exemplos, perdiaõ a ousadia, que naturalmente acompanha os Portuguezes em semelhantes obras, e viveraõ sempre recolhidos, e quietos; e de tal maneira os coraçõens de todos eraõ satisfeitos das perfeiçoens deste esclarecido Rey, que mais digno de reinar lhes parecia por virtudes, e obras, e condiçoens generosas, que pela alta, e real geraçaõ, de que descendia. Finalmente concorreraõ nelle tantas perfeiçoens em todo o discurso de sua vida, que se póde haver por cousa maravilhosa, como impedido em tantas guerras, e contendas com os estranhos, pode dar tão grande expediçaõ aos negocios de seu Reyno, e administraçaõ de seus subditos. Pelo qual, entre todos os Reys de Portugal, ainda nelle permanece o honorifico cognomento de Boa Memoria: servindo aos que depois lhe succederaõ, de notavel exemplo, para estimarem mais saber governar bem seus Reynos, que ganhalos por combate de armas,

Em tempo deste Rey aconteceu tambem aquelle grande feito em armas dos doze de Inglaterra, a que o nosso Camoens deu igual gloria, ao que mereciaõ. Porque sendo naquelle tempo em Inglaterra algumas damas do Paço motejadas pelos Cavalleiros Inglezes de muito feyas, e pouco para serem amadas, e taes, que nenhum Cavalleiro por força de armas lhes ousaria contradizer isto, e mostrando ellas igual sentimento á magoa, que tinhaõ de não haver Cavalleiros no Reyno, que com estes se ousassem combater, por serem os melhores, e mais esforçados de todo elle. A isto acudio o Duque de Lancastre, que presente se achava, á petição dellas, dizendolhe estas palavras. Eu em minha Corte não acho cavalleiros, que se queiraõ combater com estoutros, porém darvos-hey hum conselho, se vòs quizerdes, e he tal. Quando eu andey em Portu-

Chronle  
antiqua  
habet temp  
poris.



tugal, vi na batalha, que El Rey meu genro deu a El Rey de Castella muitos, e bons Cavalleiros em feitos de armas; se vós quizerdes, eu vos nomearey doze, os quaes eu conheço, e escreverey a El Rey meu genro, que lhes dê licença, se elles quizerem tomar esta empreza, e vós escreverlhes-heis a cada hum sua carta, e eu tambem, e querendo elles vir, sereis satisfeitas de vossa injuria. Então fez logo o Duque escrever os nomes daquelles, que lhe parecêrao, cada hum em seu papel, e os nomes dellas da mesma maneira; lançárao sortes, e aconteceu a cada Cavalleiro sua Dama, que erao doze as mais aggravadas, de maneira, que pelo nome sabia já cada Dama, qual era o seu Cavalleiro pela sorte, que lhe acontecera. Depois disto, fazendo ellas, e o Duque a cada hum sua carta, e havida licença del Rey de Portugal, e por elles alegremente aceitado o partido, todos se pozerao ao caminho: onze delles se embarcarao em a Cidade do Porto, e hum se foy por terra, para mais á sua vontade exercitar as armas, mas com protesto, que se a vida lho não atalhasse, elle seria com elles ao dia aprazado, que era pelo Espirito Santo. Estes Cavalleiros, se affirma, que erao os mais delles dos lugares, que estao pelas faldas da Serra da Estrella; e que hum se chamava Alvaro de Almada, outro Alvaro Gonçalves Magriço, outro Pacheco, outro Pedro Homem, e outros. Dos quaes chegados os onze a Inglaterra, dous dias antes do Espirito Santo, todas as Damas estavao muy contentes com taes defensores de sua honra; senão aquella, a que coube em sorte Alvaro Gonçalves Magriço, que era o que por França caminhava. Mas a esta tristeza acodiraõ os onze, promettendo-lhe, que quando a morte impedisse seu companheiro ( porque só isso o podia fazer ) elles se combateriao por todas, e cada hum delles tomaria á sua conta o desagravo desta Dama. Estando nestas desconfianças, chegou o Cavalleiro, e junto com os companheiros, assegurando o campo, e ordenadas as mais cousas em taes actos de armas costumadas, feitos grandes cadafalços, em que grandissimo numero de gente estava presente, em a Cidade Londres, Metropoli de Inglaterra, entraraõ os competidores, e de novo se deffiaõ. Então começaraõ de se combater primeiro com

maças

Alvaro  
Gonçalves  
Coutinho o  
Magriço!  
Alvaro Vaz  
de Almada  
Conde de  
Abranches  
João Pereira  
Agostinho, Ruy  
Gomes da  
Silva Alva-  
ro Mendes  
Cerveira.  
Ruy Men-  
des Cervei-  
ra. Martim  
Lopes de  
Azevedo.  
Luiz Gon-  
çalves Ma-  
lafaia. Lo-  
po Fernan-  
des Pacheco.  
Soeiro  
da Costa.  
Alvaro de

maças de ferro, e depois com espadas: de modo, que a batalha foy muy cruel, e taõ dura, e bãm pelejada, que começaram pela manhã, e a hora de terça descansaraõ: e quando veyo a segunda batalha, apertaraõ os Portuguezes tanto com elles, que os lançaõ do campo, com oito delles muy mal feridos, em que fizeraõ grandes provas em armas, e se deraõ golpes, que pozeraõ espanto a todos, os que os viaõ. E assim do Duque, como dos Fidalgos, e mais gente foraõ os Portuguezes victoriosos muy louvados, e acompanhados com grande alegria, e das Damas recebidos, como taes obras mereciaõ. Feito isto, os nove se tornaraõ a Portugal, e os tres ficaraõ por aquellas partes, fazendo taes obras em armas, que hum delles alcançou del Rey de França o Condado de Abranches em França, pelas obras, que em seu serviço fizera. Este he o que depois veyo a morrer na batalha de Alfarrobeira, como adiante diremos.

Almada  
Pedro No  
mem da  
Costa. Estes  
saõ os doze,  
que foraõ a  
Inglaterra  
no anno de  
1396.

## CAPITULO III.

*Dos filhos, e descendentes del Rey D. João de Boa Memoria*

**E** Para que vejaõ (continou o Portuguez) o ultimo grão da felicidade deste grande Rey Dom João de Portugal, ouvi a relação de sua illustrissima descendencia de seis filhos; e duas filhas, que houve da Rainha sua mulher Dona Filippa.

A Infanta Dona Branca, que morreo em idade de oito mezes, e está sepultada em a Sé de Lisboa aos pés del Rey seu bisavó D. Affonso o III. em huma sepultura de pedra.

O Infante Dom Affonso, que nasceo em Santarém a trinta de Julho de 1428, e falleceo moço de dez annos, e está sepultado em a Sé de Braga em hum rico monumento de metal. que lhe mandou a Duqueza de Borgonha sua irmãa. Em o baptismo deste Infante ordenou El Rey seu pay humas justas reaes, em que elle justou em pessoa, e foraõ feitas outras muitas festas, e alegrias.

O Infante Dom Duarte, que lhe succedeo no Rey.



no, e nasceo em a Cidade Vileu em Outubro de mil quatrocentos e vinte e nove.

O Infante Dom Pedro, que nasceo em Lisboa a nove de Dezembro de mil e quatrocentos e trinta, o qual foy homem de grande corpo, e em seus membros bem proporcionado, e de poucas carnes. Teve o rosto comprido, nariz grosso, os olhos hum pouco molles, os cabellos da cabeça crespos, e os da barba algum tanto ruivos. Seu andar a pé era vagaroso, e com grande repouso. Suas palavras graciosas, e com doce orgão de dizer, com sentenças graves, e substanciaes. Quando alguma sanha o tocava, era seu rosto muy temeroso; porém não lhe durava muito, porque por ciso, ou condição natural, logo se lembrava da mansidão, ou temperança. Foy algum tanto culpado em crer de ligeiro, e vingativo, ainda que o desejo da vingança pareceo não ser nelle de grande, e vicioso ardor; pois dilatou, e temperou a que teve em sua mão, e que para sua vida fora muy segura, e necessaria. Suas roupas, e trajes, e maneira de viver, forão sempre de homem honesto, e prudente, e de grande authoridade. Foy de maduro conselho, e felice memoria, e sobre todos os homens benigno, e affavel; porque nem ainda quando veyo a governar o Reyno, consentio, que pessoa alguma se puzesse ante elle de joelhos; nem lhe beijasse a mão. Entre outras virtudes tinha esta em extremo de perfeição; fer para as execuções de sua sanha muy temperado, e muy facil de mover por rogos e intercessões de bons. Em todas as idades sempre foy muito Catholico, e temente a Deos, e de grande oração; porque cada dia por sua devoção rezava as horas Canonicas, e outras muitas orações. Foy muy temperado em todos os actos da carne, não conhecendo outra mulher senão a sua, e ainda della se apartava em todos os dias de jejum, e solemnes da Igreja: e no tempo da Quaresma com as roupas, que de dia trazia, se lançava sempre de noite vestido sobre palha, sem outra roupa, nem cama ordenada. Fez sempre huma muy louvada provisão do tempo; que nunca em seus dias lhe passou sem beneficio, ou louvor, ordenando para todas as cousas hora certa, e limitada. Foy tão amigo da verdade, como

aborre-

abhorrecido por ella, dos que a não conhecem. Foy contante, e liberal sem medida, e muito afeiçoado a pessoas Religiosas, cujos Mosteiros edificava, e dotava, e ennobrecia, e honrava muito as pessoas Ecclesiasticas. Foy amigo de letras, e sciencias, e a seu estudo se dava tão notavelmente, que por elle deixava outros reaes passatemplos, a que a natureza era muito afeiçoada; e participou dellas mais, que nenhum outro Principe de seu tempo, fazendo muitos tratados para bom governo dos Principes, e Respublicas, em que elle era excellente, e outras obras em verso, e prosa, cheyas de muita doutrina, e erudição, e prudencia. Traduzio de latim em lingua Portuguesa o Regimento de Principes, que Fr. Gil Correya compoz: traduzio tambem o livro de Officiis de Marco Tullio, e Vegecio de re militari. Compoz o livro de virtuosa bemfeitoria. com huma consiliação a qualquer Christão muy proveitosa. Foy o primeiro, que ordenou neste Reyno comerem os Reyes, e Principes em publico, o que dantes se não fazia; dizendo, que as mesas dos taes devião ser escola de sua Corte: e para isso mandava ler proveitosos livros, e ter alli praticas, e disputas, de que se tomava doutrina. Fez muitos Mosteiros, Igrejas, e edificios sumptuosos, e necessarios: especialmente em a Villa de Penella a Igreja de S. Miguel, a que foy tão afeiçoado, que trazia o seu pezo, e ballanças por divisa, por hum milagre, que Deos fez por intercessão deste Archanjo em huma sua infirmitade, em que desconfiado estava de todos, sendo de pouca idade: em cuja memoria, e por sua gratificação fez muitas obras, como foy em a Villa de Aveiro outra Igreja da mesma invocação de S. Miguel, e o Mosteiro da Piedade da Ordem dos Prégadores: em a Villa de Tentugal a Igreja de Nossa Senhora; em a Cidade Lisboa; ao tempo, que governava o Reyno, fez os Estaos para aposento, dos que seguião a Corte necessariamente: e deu causa de grande nobreza à Cidade, e a desanressou de tantas aposentadorias. Deu aos Conegos de Santo Eloyo as casas para o Mosteiro Collegial, que hora tem; porque dantes estavaõ em hum Hospital: e fez tambem outras muitas obras boas, e boas proveitosas leys, e ordenações para o go-



verno do Reyno, pelas quaes sua alma receberá de Deos o galardão, pois á sua vida este mundo foy tão ingrato. E não era muito acharem-se nelle todas estas excellencias; pois a muita experiencia, que tinha no mundo, lhe engrandecia todas as virtudes da natureza, que nelle não foraõ poucas. Porque, segundo se affirma, alcançou muito conhecimento de muitas Provincias, de muitas gentes, e de varios costumes dellas, achandose pessoalmente nas Cortes de muitos Principes da Europa, Africa, e Asia; naquella sua famosa peregrinação da Casa Santa de Jerusalem, em cujo caminho ajudou com grandes mostras de seu valor, e esforço, a Sigismundo Imperador de Alemanha; nas guerras, que trouxe contra os Turcos; e outros inimigos do nome de Christo, e fez outras cousas, que em muito louvor seu estão postas em memoria.

Foy casado com Dona Isabel filha de Dom Jemes, da Casa Real de Aragaõ, e Conde de Urgel em Catalunha, e de Dona Isabel filha del Rey Dom Pedro IV. de Aragaõ. E houve della amplissima geração, Dom pedro, que foy quarto Condestable de Portugal, e Mestre de Aviz, e a mais formosa, e bem proporcionada creatura, que entãõ se sabia no mundo. O qual em idade de quinze annos foy a Castella em ajuda del Rey contra os Infantes de Aragaõ, e foraõ com elle dous mil homens de cavallo; e quatro mil de pé, e muitos Condes, e Nobres de Portugal, e lá se houve de maneira nas causas da paz, e da guerra, como se fora Rey de hum grande Reyno, ou tivera igual poder á sua formosura. Foy eleito pelos Cathalaens Rey de Catalunha por razãõ de sua mãy; onde depois de ser jurado, e obedecido por Rey, dahi a pouco tempo falleceo com suspeita de veneno, e sem legitima geração, andando em guerras, e competencias com El Rey Dom João pay de Dom Fernando Rey Catholico de Castella, e Aragaõ. E está sepultado honradamente em Barcellona. Dom João de Coimbra, que sendo casado com Carlota filha, e herdeira de Dom João Rey de Chypre, falleceo sem filhos em vida do sogro, estando em Borgonha com a Infanta sua tia: e Dona Isabel, que foy mulher del Rey Dom Affonso o V. de Portugal seu primo; E fora estes filhos, que chegarão todos a alcançar titulos;

Reaes, houve o Infante Dom Pedro, a Dom Jemes, que sendo Cardeal de S. Eustachio eleito pelo Papa Calixto, e Arcebispo de Lisboa, mancebo de rara modestia, e muita gravidade, grande engenho, e erudição, falleceo em idade de vinte e seis annos: querendo antes acabar a vida tão cedo, que contaminar a pureza de seu corpo, que só lhe davao por remedio de sua saude: está honradamente sepultado em o Mosteiro de S. Mancato fóra da porta Romana em Florença, onde falleceo. Houve mais duas filhas, Dona Fillippa; que sendo Princeza de unica perfeição em virtude, nobreza, e sciencias, em que valeo muito, morreo recolhida em muita honestidade, e santamente em o Mosteiro de Odivellas. A outra foy Dona Beatriz, que foy casada com Adolpho Monsius de Claves, e sobrinho do Duque Philippe de Borgonha, estando em casa de sua tia Dona Isabel, Duqueza de Bórgonha, unico amparo de todos estes seus sobrinhos, que acossados de Portugal a ella se acolhiao, que foy tambem causa de não ficar delles outra geração neste Reyno, se não a nobilissima Casa de Aveiro. Estes forao os filhos, e descendentes do Infante Dom Pedro, que governando o Reyno de Portugal por seu sobrinho ElRey Dom Affonso com muita inteireza, e justiça, veyo a ser tão invejado de alguns, que não descansarao, até lhe procurarem a morte, a cujas mãos acabou na batalha, que chamao de Alfarnoubeira, em o anno do Senhor mil e quatro centos e quarenta e oito. E esta sepultado na Batalha, na sepultura, que El-Rey seu pay lhe deixara feita, e assinada como adiante diremos. 1448.

O terceiro filho foy o Infante D. Henrique, de que logo vos darey mais copiosa relação, pelo alto fundamento; que deu á nobreza deste Reyno, á amplificação da Fé nas mais remotas terras da Christandade.

O Infante Dom Joao, que foy Regedor do Mestrado de Santiago, e Condestable de Portugal, Principe de muita prudencia, singular benignidade, e muy zeloso das cousas da Republica. Foy casado com Dona Isabel filha de seu meyo irmão Dom Affonso, Conde de Barcellos, e Duque de Bragança, da qual houve filhos, e duas filhas, O primogenito Dom Diogo, que sendo já Regedor



dor do Mastrado de Santiago, e Condestable de Portugal, que seu tio o Infante Dom Pedro lhe deu, quando governava o Reyno, morreo de pouca idade. Dona Isabel, que casou com o Rey Dom João o II de Castella, e foy mãy da Rainha Catholica Dona Isabel, mulher del Rey Dom Fernando, que sendo chamados os Reys Catholicos, ajuntaraõ à Coroa de Castella o Rey de Aragoã, Napoles, Sicilia, Catalunha, e os Reynos de Navarra, e Granada, e a riquissima Coroa dos Reynos das Indias Occidentaes, que por sua grandeza chamaõ o Novo mundo. Dona Beatriz, que sendo casada com o Infante Dom Fernando, filho del Rey Dom Duarte de Portugal, foy mãy do grande Rey Dom Manoel. Dona Philippa, que viveo sem casar, em singular virtude, e recolhimento. Morreo o Infante Dom João na Villa de Alcaçer do Sal, em idade de quarenta e dous annos, e no de nossa redempçaõ mil e quatro centos e quarenta e dous, e foy sepultado na Batalha. A morte deste Infante foy muy sentida no Reyno; porque era Principe de grande casa, e muitas bondades para todos proveitosas, sem nenhum vicio. Era em especial muito zeloso do bem commum deste Reyno, que por sua morte mostrou claro com a grande falta, que a sua presença causou nelle. Foy tão amado do Infante Dom Pedro seu irmão, que quando soube sua morte, esteve em outro mortal perigo muitos dias, que por ventura lhe fora melhor, por não chegar a experimentar o miseravel estado, em que depois se vio.

De const. ex  
libro de ajur  
rita,

O Infante Dom Fernando, que foy Mestre de Aviz, Senhor de Atogia, e Salvaterra. Varão de singular virtude, inteireza de vida, e santidade. Morreo em Africa estando em poder dos Mouros, em pênhor da Cidade Ceuta, que lhe prometteraõ os Christãos, quando foy aquella lamentavel perda, que em vida del Rey seu irmão padeceraõ em Tangere os Portuguezes. Onde muitos annos padaceo muitas injurias, asperezas, e crueldades soffridas com muy grande exemplo de piedade Christãa. Passou desta vida a sua virtuosa alma em o anno do Senhor mil e quatro centos e quarenta e tres, em idade de quarenta e hum. Depois de ter espantado toda Mauritania com estranhos milagres, que em sua vida, e morte Deos

fez

fez por intercessão sua, dando miraculosamente saude a aquellos Barbaros, que ao Santo Infante se encomendavao, e seu corpo, posto em desprezo, com alguma veneração visitavao. Como se pôde ver de sua vida santa, e miraculosa, que vulgarmente anda escrita com titulo do Infante Santo Dom Fernando. Seu corpo trouxe a Portugal hum sobrinho delRey de Fez, anno do Senhor 1442 em tempo delRey Dom Affonso V. Pelo qual com muita veneração, e solemnidade, foy sepultado no Mosteiro da batalha junto delRey seu pay. Suas Santas Reliquias foraõ neste Reyno taõ veneradas, como o podera ser a conquista das Cidades Tangere, e Arzilla, que foy a causa do cativeiro, e martyrio deste Santo Infante, que o descuido de Portugal tem quasi em esquecimento; naõ devendo ser assim, pelas miraculosas mercês, que Deos fez, aos que a elle se encomendaõ.

A Infanta Dona Isabel, que foy terceira mulher de Filippe Duque de Borgonha, e Brabancia, Conde de Flandes, Limburgo, Holandia, Arthesio, Zelandia, e Geldres, e senhor de outros muitos Estados travados a estes. O qual celebrou este Matrimonio com mais mostras de alegria, e mayor magnificencia, e apparatus, do que fez a nenhum dos outros, que tambem foraõ nobilissimos, assim pela Magestade delRey seu sogro, como pelas excellencias da nova Princeza; que foy de taõ valeroso animo, e de tanta prudencia dotada, que sem seu parecer naõ fazia o Duque seu marido cousa alguma, tudo ella governava, e regia. O primeiro dia das vodas deste Matrimonio, e em memoria delle instituio o Duque Filippe aquella famosissima Ordem Militar do Thusaõ, da Invo-

Garib, ubi  
supra,

1429;

Ruscello no  
l. 1. das Cruz  
prezas  
Moyerius l. 6  
16 annal  
Bandr. Ge.  
nebrar. lib.  
4. Monarch  
Ecclesi. l. 2  
c. 22. Eclesi  
cas in Pon  
tiff. l. 6. Gar  
pre



dbe 2. p. & pre este Meſtrado. Tem por diviſa hum collar de ouro, li-  
 gado todo artificioſamente com fuzis, e pederneiras de  
 ferir fogo, e nelle como joya, pendurado hum vello in-  
 teiro de lã de hum cordeiro, tambem de ouro. Sobre o  
 intento da instituição deſta Ordem, e ſignificação de ſua  
 diviſa, ha varias opinioens entre os homens doutos, que  
 deixaremos hora; porque em as Chronicas dos noſſos Reys  
 com muita razão eſtã poſto em memoria, o que na ver-  
 dade paſſou, como já vos diſſe de ſua instituição. E da  
 ſignificação de ſua diviſa, deixadas as varias moralidades  
 de Jeronymo Ruſſello, do Paradino, e do Jovio, e outros,  
 que no meſmo trabalharaõ, he muy digno de ficar em me-  
 moria, o que em figura do Imperador Carlos V, tambem  
 Meſtre deſta Ordem, hum Poeta diſſe a eſte propoſito,  
 dizendo: A los que quero cordero, y alo al, ſoy qual  
 yeſca, y pedernal. Deſte nobre ajuntamento naſceo o Du-  
 que Carlos de Borgonha, pay da Princeza Dona Maria,  
 mulher de Maximiliano Celar, primeiro do nome, Rey de  
 Romanos, cujo filho foy o Archiduque Philippe, do Impe-  
 rador Carlos V. Rey de Heſpanha.

Claudius:  
 Paradinus:  
 Paulus Jo-  
 Stas:

E antes que o noſſo Rey Dom Joã chegaffe á diſ-  
 gnidade Real, houve de Dona Ignez huma nobre don-  
 zella, que depois foy Commendadeira do Moſteiro de San-  
 tos o Velho, hum filho, e huma filha: Dom Affonſo,  
 que foy caſado com Dona Beatriz filha, e herdeira do  
 grande Condeſtable de Portugal D. Nuno Alvares Perei-  
 ra, e houve com ella em dote o Condado de Barcellos, e  
 as Villas Chaves, e Guimaraens com ſeus termos, e toda  
 a terra de Penhaſiel de Baſto, Monte-alegre, e a Pico-  
 nha, e Portelo de Barroſo, e certas quintas, que o Con-  
 deſtable tinha em entre Douro, e Minho. E depois pedio  
 a El Rey, que, já que fizera mercê do Condado de Bar-  
 cellos a Dom Affonſo ſeu genro, lhes' deſſe o titulo de  
 Conde. E iſto, porque El Rey lhe tinha promettido, naõ  
 fazer outro Conde, em quanto elle viveſſe. Depois o In-  
 fante Dom Pedro o fez Duque de Bragança no tempo,  
 que governou o Rayno. E della houve dous filhos, e hu-  
 ma filha: Dom Affonſo, que foy Conde de Ourem, e  
 Marquez de Valença. E Dom Fernando, que tambem  
 foy Conde de Ourem, e Marquez de Villa Viçofa, e o

ſegunda

segundo Duque de Bragança, donde procedeo toda a nobreza desta illustrissima Cata, entre todas as de Hespanha indigne, assim em grandeza de estado, como em propagação de muy altos, e generosos descendentes. E a filha foy Dona Isabel, que foy mulher do Infante D. João seu meyo irmão, de que já dislemos. Morreo o Duque D. Affonso no anno do Senhor 1462, e foy seu corpo sepultado em Chaves.

A filha foy Dona Beatriz, que casou com D. Thomaz, Conde de Arrondel, e de Soria, muy chegado parente do Rey de Inglaterra.

Estes forão os filhos del Rey D. João de gloriosa memoria, cujas excellencias requeriaõ outro mayor volume dos quaes, como tereis entendido, procedem todos os Reys, e Principes Christãos de Europa, que de nobilissimos progenitores se gloriaõ.

#### C A P I T U L O I V.

*Do Infante D. Henrique, filho del Rey D. João de boa memoria; e como deu principio ás gloriosas Conquistas do Reyno de Portugal.*

**T** Ambem foy filho del Rey Dom João de boa memoria o Infante Dom Henrique, e terceiro em o nascimento, que foy em a Cidade Porto em quarta feira de Cinza do anno mil trezentos e noventa e quatro. Foy Duque de Viseu, Senhor de Covilhã, e Regedor do Mestrado da Ordem de Jesu Christo, cuja militar religião reformou com authoridade do Papa Eugenio IV, e accrescentou em rendas, e patrimonio com as mercês dos Reys seu pay, irmão, e sobrinho. A estatura de sua pessoa era de compassada medida, de largos, e fortes membros, accompanhados de carne, e a cor branca, e córada. Tinha os cabellos hum pouco levantados, e o acatamento, á primeira vista, hum pouco temeroso, a quem delle não tinha conhecimento, e quando era provocado a ira, mostrava huma vista esquiua, e isto poucas vezes, porque na mayor força de qualquer desprazer, estas eraõ as palavras de mayor escandalo, que dizia: *Don-vos a Deos: Sejaes de boa ventura.* Tinha o vulto grave, e as palavras mansas, e Tom. I. Hh e honest.



e honestas: esta religião de honestidade guardou não sómente nas obras, mas ainda nos vestidos, e trajos de sua pessoa, e serviço de sua casa. Todas estas cousas parece, que procedião da limpeza de sua alma, pois temos por tradiçãõ, que morreo virgem. Em ambas as fortunaserá muito humilde, sofrido, e senhór de si, e tão benigno em perdoar erros, que lhe foy taixado. Teve grande memoria, e conselho em os negocios, e muita authoridade em os graves, e de muito pezo. Foy magnifico em dispende, e edificar, e tão amigo de provar novas experiencias em proveito commum, que trazia em sua divisa esta letra: *Talan de bien fayre*. Foy tão zeloso da criação, e doutrina dos Fidalgos, que se pôde com razão afirmar, ser sua casa huma escola de virtuosa nobreza; e nella se criou a mayor parte da Fidalguia deste Reyno, que elle liberalmente sustentava, e satisfazia de seus serviços, e tão confiado na criação, e pessoa de cada hum delles, que encommendando em seu testamento a ElRey Dom Affonso, e ao Infante Dom Fernando seus sobrinhos, que seus criados houvessem as tenças, que tinhaõ delle, disse mais, que lhes pedia recebessem seu serviço como de criados, porque, louvores a Deos, taes eraõ, que nelles haveriaõ por bem empregada toda a mercê, que lhes fizessem. E ainda que em honestidade, e trato de sua pessoa, palavras, jejuns, rezar o Officio Divino, e institutos de sua Capella, toda sua vida parecia huma perfeita religião; não lhe faltaraõ pensamentos de altas emprezas, e obras de generoso animo, de que nasceo tão alta honra a este Reyno, como aodiante ouvireis. Porque em seu tempo muitos Principes foraõ Senhores de mais terras, gentes, e rendas: mas não houve em seus dias algum, ante quem elle em perfeição de virtudes, e bondade de armas, e esforço de coração se podesse contar por segundo. Entre as letras sagradas, que elle por devoção, e veneração muito amava, tambem das humanas foy muito estudioso, e com ellas chegou a ser grandissimo Cosmographo, e alcançou tanto desta sciencia, que mediante sua profunda erudição, e diligencia, mostrou ao mundo, que havia Antipodas, e que a Zona torrida era habitada, cousa ignorada de todos os Cosmographos, e

Mathematicos, que até seu tempo florescerão. Descobrimo contra a opiniaõ dos homens muitas Ilhas do Mar Oceano, até aquelle tempo incognitas, que forão principio do felice descobrimento do riquissimo Oriente, de cujas navegaçoens elle foy author, e principal demonstrador, e cujas riquezas a elle só se devem; pois Deos o escolheo por Ministro de tão importante, e necessaria obra, concedendo-lhe, que seus criados, por seu mandado enviados, descobrissem a mayor parte da Costa de Africa, e da Ethyopia, e outras terras ao commercio humano quasi encubertas, em que elle especialmente se occupava, e foy nellas o mais bem afortunado Principe, que no mundo houve. E com não ser Rey, nem ter filhos, entre o zelo, que tinha da salvaçaõ das almas dos infieis, era tão desejofo do accrescentamento da Coroa de Portugal, que para estes effeitos não receou gastar a vida, dispendendo a fazenda, e occupar-se todo nelles; antes as estimou tanto, vendo-as tão bem empregadas, que de nenhuma outra cousa se gloriava mais. E se elle, quando Christovão Colon veyo a este Reyno, fora vivo, com quanto alvoroço o recebera, ajudara, e favorecera. E não sómente aqui deixou este testemunho do amor, e inclinaçaõ, que tinha ás letras, mas tambem na liberdade, de que usou com as Escólas Geraes de sciencias, e artes; que ElRey Dom Diniz neste Reyno instituiu, sendo author da reformaçaõ, e amplificaçaõ dellas, accrescentandolhes a renda, ordenandolhes Estatutos, e alcançandolhes privilegios: etão sollicito se mostrou na perfeiçaõ dellas, que lhes deu as suas proprias casas, em que vivia em a Cidade de Lisboa, onde por muito tempo se ensinaraõ as leys, e doutrina, com que o Reyno se governava. E em remuneraçaõ de tantos bens, a memoria delles he celebrada com oraçoens a Deos, e aos homens, em o principio de cada hum anno; passadas as vacaçoens d'elle nesta Universidade de Coimbra. E estando este Infante em a Villa de Sagres do Reyuo dos Algarves, que este escolheo por lugar mais accommodado a suas proveitosas contemplaçoes, diligencias, e descobrimentos, falleceo em idade de senta e sete annos a treze de Novembro do anno do Senhor mil e quatro centos e sessenta. Depois de

Barros foy

1460;



muitos triunfos pelo seu braço, e animo invencivel alcançados em Africa. na conquista de Ceuta, Tangere, e Alcecer, onde mostrou exceder em valentia a todos, os que por esforçados foraõ estimados no mundo, e em prudencia aos mais prudentes delle. Não ficou delle alguma geração, que lhe succedesse; porque viveo sem casar, e em pureza virginal, como já dissemos. Sómente deixou por seu herdeiro, assim nos bens humanos, como nas virtudes, ao Infante Dom Fernando seu sobrinho, que foy pay del Rey Dom Manoel, que os estimulos destas santas conquistas, parece teve como hereditarios. Seu corpo foy sepultado na Villa de Lagos nos Algarves, e depois no anno de mil quatrocentos e sessenta e hum seu sobrinho, e herdeiro o Infante Dom Fernando, foy em sua pessoa buscillo, e por sua ordem, e á sua custa se trasladou em o Real Mosteiro da Batalha. El Rey D. Afonso, tambem seu sobrinho, o sahio a receber, e acompanhou com toda a Corte, e com a mesma, e muy digna veneração lhe fizeraõ honradas exequias.

E já que neste Infante as grandezas de Portugal tiveraõ notavel principio, bem parece, que entre suas obras, que ás mais famosas tanto escureceraõ, seja collocada a primeira pedra de tão grande edificio.

Depois que El Rey Dom João I. de gloriosa memoria tomou a Cidade Ceuta aos Mouros, ficou o Infante Dom Henrique seu filho, muy deseioso de continuar a guerra contra os infieis. Porque não sómente esta victoria se accrescentou á natural inclinação, que sempre teve, de exercitar este officio de milicia, por exaltação da Santa Fé Catholica; mas ainda outra causa muita mais efficaz para com elle, que era a obrigação do cargo, que tinha de Governador da Ordem de Jesu Christo, que El Rey Dom Diniz para a guerra dos infieis sómente ordenara, e novamente instituirá. E se antes da tomada de Ceuta não poz em obra este seu natural desejo, foy porque nem em o Reyno havia já Mouros, nem elle tinha tanto poder, que em Africa os podesse hir buscar, como era necessario. E posto que por esta via parecia muito leve a conquista dos Mouros Africanos, para o Infante não lhe faltavão razoes de honra, e proveito, muito em o contra-

rio. Porque como os Reynos de Fez, e Marrócos cahião na conquista de Portugal, não podia elle fazella sem vontade del Rey, e disposição do Reyno, que a grandeza de seu animo mal soffria, e por estas razoes assentou em sua vontade mudar esta conquista em outras partes mais remotas, onde a despeza, e ordem fosse toda sua, e não taixada por outrem, e os meritos de seu trabalho ficassem metidos na Ordem de Jesu Christo, que elle governava, e a gloria, e honra de primeiro descobridor, e conquistador de gente idolatra fosse somente sua, como empreza, que até seu tempo nenhum outro Principe ousou tentar, pelo menos com tantas difficuldades.

Com este fundamento, que foy affás bastante a tão grande edificio, depois que com diligentes informações, que tomou dos Mouros de Ceuta, veyo a ter noticia dos desertos de Africa, a que elles chamaõ çahará, e dos Póvos, a que elles chamaõ Azenégues, que confinão com os negros de Jalof, onde se começa a região, a que os Mouros chamaõ Guinaula, e nós Guiné, de hum Cidade chamada Genná, pelo commercio do ouro muito celebre, situada não muito longe do mar daquellas partes, mas muy remotas em Africa aos Reynos de Fez, e Marrócos. Esta pequena, e confusa informação, ajuntou o Infante a todas as mais especulaçoens, e considerações mathematicas; em que tinha trabalhado muito com as quaes depois de varios pensamentos, veyo a determinar comfigo, que poderia fahir com hum grande empreza, se com cuidado, e diligencia a procurasse. E para isto mandava todes os annos dous, e tres navios; para que lhe fossem descobrindo a Costa além do Cabo de Nam, que era o termo da terra descuberta aos navegantes de Hespanha por aquella parte. Mas os navios, que por algumas vezes foraõ, não descobrirão mais que até o Cabo Bojador, sessenta leguas além. Até que vindo o Infante do grande cerco de Ceuta, dous Cavalleiros de sua casa lhe pediraõ os mandasse em os navios, que armava, para descobrir a Costa de Barbaria, e Guiné; porque sentiaõ em si, que nisso o poderiaõ bem servir. Vendo elle taes vontades, e conhecendo bem suas peccas, e cavallarias, mandou armar hum navio, e lho entregou  
com



com regimento, e ordem, pela qual governados, antes que chiegassem à Costa de Africa, saltou com elles tão grande temporal de ventos contrarios á sua viagem, que facilmente perderão a esperança das vidas. Mas como eraõ espiritos sem medo, e com a difficuldade lhes crecia a ousadia, forão tão constantes nellas, até que Deos foy servido, que a tormenta cessasse; com a qual, ainda que se desvieraõ da derrota, e ordem, que levavaõ, não erraraõ de sua ventura, descobrindo a Ilha, a que agora chamamos Porto Santo: nome, que elles lhe poseraõ, porque os segurou sua vista do perigo passado. Chamavaõ-se estes Cavalleiros, João Gonçalves Zarco de alcuinha; e Tristaõ Vaz. Com a nova desta novidade ficou o Infante tão contente, qual o nunca fora, parecendo-lhe, que era Deos servido della. E assim continuando a empreza, mandou logo armar tres navios, em que foraõ estes primeiros descobridores, cada hum em seu, e no outro Bartholomeu Perestrelo, Fidalgo da Casa do Infante D. João, os quaes, e a mais companhia hiaõ muy alvorocados, pelas boas esperanças, que os primeiros lhes davaõ. E chegado a Ilha descuberta; multiplicou tanto hum coelha prenhe, que levava Bartholomeu Perestrelo, que em breve tempo tudo, quanto semeavaõ, lhes rohiaõ os coelhos daquella produzidos. E depois de dous annos passados, vieraõ a desgostar tanto da terra, que muitos se vieraõ ao Reyno, quasi importunados daquella praga. Mas como os primeiros descobridores eraõ chamados para mayor ventura; não se quiserão tornar, nem menos fazer alli assento; antes cada hum em seu barco se partiraõ a descobrir hum grande sombra; que á vista lhes fazia a Ilha, que chamaraõ da madeira, pelo espesso arvoredo, de que a acharaõ cuberta: e ambos, cada hum por sua parte, a descobriraõ, e aquellas houve o Infante por bem, que lhes ficassem em senhorio, dando-lhas com titulo de Capitania; a João Gonçalves a do Funchal, e a Tristaõ Vaz a de Machico com suas demarcaçoens: os quaes em povoar, o que a cada hum coube em sorte, ambos são dignos de muito louvor: começaraõ esta obra anno do Senhor mil e quatrocentos e vinte. E porque as qualidades, e fertilidades desta Ilha são a todos já muy manifestas;

direy

direy sómente; que em menos de tres leguas da terra da Capitania do Funchal se dava tanta novidade de açucar em o tempo, que João de Barros escreveu a sua primeira Decada, que alguns annos rendeo o quinto ao Mestrado da Ordem de Jesu Christo mais de sessenta mil arrobas. Com esta boa fortuna de João Gonçalves, alcançou para si, e seus descendentes, novo nome, novas armas, e novo senhorio, e patrimonio. Dando principio ao nobre appellido das Camaras deste Reyno.

O descobrimento destas duas Ilhas confirmou ao Infante a esperança, com que, dous annos havia, trabalhava nesta obra contra o parecer de muitos, que com copiosas razoes pretendiaõ persuadir o contrario, trazendo as authoridades de Santo Agostinho, e Lactancio Firmiano, que em muitos lugares negaõ haver antipodas, que são habitadores das terras, que o Infante queria descobrir. Allegando tambem a São Gregorio Nazianzeno, que approvando a opiniaõ de Pindaro famoso Poeta Grego, dizia, não se podia navegar o Oceano além das Columnas de Hercules, que he o estreito de Gibraltar. Não lhe esquecia o lugar de Aristoteles, onde affirma com seus sequazes, que a Zona torrida não podia ser habitada; e que o mesmo diz Plinio, e Virgilio nas Georgicas, e no 7 da Aeneida, e Ovidio no 1 da metamorphoseos, e outros muitos; e todos os que desta materia alguma cousa escreveraõ. A estas, e outras authoridades accrescentavaõ huma, para com elles de muito credito, dizendo, que havendo sempre em Hespanha Reys, e Principes tão desejosos de grandes tempæzas, como o Infante, nenhum houve, que mandasse descobrir esta terra, tendo-a por tão vizinha; e contentavaõ-se só com a que Deos dera para habitaçaõ dos homens, e não de brutos, como devia ser, a que o Infante buscava, ainda que se achasse. Porque nem ainda os mayores Monarcas, que senhores saõ o mundo, chegaraõ com sua ambiçaõ a alcançar noticias dellas, authorizando esta opiniaõ com a Sagrada Escriitura, quando diz: Sahio hum edicto de Augusto Cesar, que se descrevesse todo mundo: e que Alexandre Magno chegou ao fim da terra, e que toda ella obedecera a seu Imperio. Além disto do grande damro, que

L. 16 de civitat. Del. c. 61. 7. Divin. li. 1. c. 23. Epist. 72 ad Post. humis; num.

Plin. L. 2 c. 68.

Luc. 2. Machab. ult. c. 4.



fez a multiplicação da coelna, argumentavaõ fer terra; que Deos fomenta criara para animaes brutos. Estas, e outras muitas razoes, que o medo, e carrancas de empreza tão nova imprimia nos coraçoes dos homens, e as dilacões, e impossibilidades, que, doze annos havia, cada dia sobrevinhaõ, traziaõ o Infante em notavel desconfiança de si, parecendo-lhe, como a Principe Catholico, que não merecia a Deos confiar d'elle tamanha obra, como a edificação de sua Igreja nestas partes da idolatria: havendo tantos mil annos, que por nossos peccados, ou pelas torpes idolatrias de seus moradores, ou por outro qualquer juizo occulto, estavaõ bem esquecidas, tem haver algum Principe dos muitos, que reynaraõ em Hespanha, que esta empreza commetteffe, occupando-le em outras, que não podiaõ trazer á Igreja de Deus tanto louvor, nem a suas Coroas tanta gloria, e accrescentamento. Todas estas difficuldades mostraraõ a magestade deste descobrimento, permitindo Deos, que tambem passalle pela ley, que ordinariamente guarda nas grandes cousas, dando-lhes principios muy trabalhosos, e de grande admiracão. E parece ser isto tanto assim, que nem a authoridade de S. Jeronymo na Epistola ad Ephesios, nem a de Clemente Romano na Epistola aos Corinthios, nem a de Seneca tragico *in Medea*, nem a do divino Plataõ *in Timeo*, nem a dos Profetas *Isaias cap. 18. Abdias, & Sophonias*, que todos alguma noticia parecia, que davaõ deste descobrimento, nem o lugar de Plinio na sua natural historia, contanto de Hanno Capitaõ Carthaginez; nem a de Cornelio Nepos, dizendo de hum Eudoxo, com que se podia conjecturar esta nova navegacão ser já por outros descuberta, nem todas as mais informaçoes, que o Infante Dom Henrique tomava em Africa, e as conjecturas, e consideraçoes mathematicas, em que totalmente se occupava, lhe deraõ tanta ousadia, e confiança, que podesse passar por tantos inconvenientes, e resistencias, como sempre de novo achava. Até que Deos Nosso Senhor, como a outro Salamão, escolheo para esta fundação hum Varão tão ouro, tão limpo, e de coração tão virginal, como foy este nosso Infante. Revelando-lhe divinamente, como alguns dizem, esta sua eleição; para que

Cap. 2. Actu  
3 in fine.

Lib. 2 c. 67.

Barros ubi  
supra;

que assim as maravilhas de sua Omnipotencia mais se manifestassem, descobrindo elle só, o que tanto tempo elle mesmo, por seus occultos juizos, tivera encuberto ao mundo. E bem dizem, os que affirmão, que os marinheiros, que a Christovão Colon descobrião a navegação do mundo novo, eraõ Portuguezes; que podião muy bem ser dos muitos, que o Infante Dom Henrique mandava a este descobrimento; alguns dos quaes não tornãrão ao Reyno, pois até seu tempo não se sabia no mundo a navegação daquellas partes. E da nação Castelhana, que nega esta verdade, se pôde bem confirmar muy facilmente, pelo que João de Barros escreve de hum Roteiro feito por hum Castelhana, que elle tinha em seu poder bem authorizado. Onde se dava conta de certas Nãos, que no anno do Senhor mil e quinhentos e vinte e cinco, indo para as Ilhas de Maluco, atravessaraõ da Costa de Guiné para a do Brazil, e alli acharaõ hum Náo Portugueza, de cujo Piloto souberaõ, que os Portuguezes estavaõ já em Maluco, e que seguindo os Castelhanos sua viagem, sendo dous grãos da parte do Sul, achãrão hum Ilha sem gente, que se chama hora S. Mattheus, em a qual em duas grandes arvores estava escrito, como havia oitenta e sete annos, que nella estiveraõ Portuguezes, que vieraõ ser no anno mil e quatro centos e trinta e oito, tempo em que o Infante Dom Henrique andava todo occupado neste descobrimento, e mais de quarenta annos antes de Christovão Colon, e que tinha mansira de ser povoada, por haver nella muitas frutas, e galinhas, como as de Hespanha. Assim que nem os que querem dar a invenção do descobrimento do mundo novo a Christovão Colon, nem os que dizem, que eraõ náos Biscainhas, são dignos de credito; pois só os Portuguezes naquelle tempo eraõ, os que trabalhavaõ nesta obra com tanta admiração do mundo, que das mais remotas partes de Europa vinhaõ pessoas curiosas a este Reyno certificar-se desta verdade, como a mayor cousa, que em muitos seculos se sabia: e não se tenha por cousa estranha achar-se esta memoria de escriptura nas arvores; porque os Portuguezes naquelle tempo o costumavaõ muito, e alguns em louvor do Infante escreviaõ o mote de sua divisa: *Talans de bien faire.*

Decad. 1.  
lib. 2. c. 9.

1525

1438.



Porque sómente esta memoria eicrita na casca das arvores; e algumas Cruzes de pao ordenadas haviaõ os Portuguezes, que bastavaõ por posse real, do que descobriaõ. E se Christovaõ Colon, antes que fosse ao seu descobrimento, promettia nelle grande somma de ouro, e prata, e assim succedeo; claramente se pôde inferir, que de alguma outra pessoa foy elle certificado desta verdade, que a tivesse já visto com seus olhos; como fizeraõ aquelles Portuguezes, que estando Christovaõ Colon em a Ilha da Madeira morador, e bem pobre, se agasalháraõ em sua casa, e nella logo morreraõ, deixando a informação, que lhes tinha custado as vidas. E estarem encubertos os nomes, e nação de homens, que a taõ grande cousa déraõ principio, se parece muito com o que diziamos, querer Deos a si mesmo attribuir esta honra sómente, como do que aconteceu ao Infante Dom Henrique claramente se mostra. Porque affombrado elle de tantas difficuldades, e contradicções, e hiado já enfraquecendo nestas obras o favor, que no seu animo tinha, acordou huma manhã com tanto alvoroço, e confiança, que logo sem mais preparaçoens mandou armar hum navio, e por Capitão Gilianes, natural de Lagos, já experimentado em semelhantes aventuras; e o enviou com sua ordem, e regimento. E como era já chegada a hora, em que Deos tinha limitado o curso de tanto receyo, como todos tinhaõ; de passar além daquelle espantoso Cabo Bojador, a que Ptholomeu chama Ganaria Promontorio; Gilianes o passou facilmente, e da outra parte saltou em terra, que achou taõ fresca, e aprazivel, que trouxe della em hum vaso humaservas, que se parecêraõ com outras, que cá em Portugal tem humas folhas, que chamaõ de Santa Maria, que seteve por prenuncio de felice successo. E ainda que a obra desta passagem neste tempo de agora não seria havida por cousa grande, todavia naquelle antigo houvêraõ, que era igual a hum dos mayores trabalhos do Grande Hercules; pela confusão; em que Hespanha estava á cerca da navegação daquelle Promontorio, que com esta obra ficou taõ facil, que não faltou, quem logo a proseguisse animosamente.

O anno seguinte de mil e quatrocentos e trinta e quatro

433.

Barros ubi  
sup

434.

quatro; partito o mesmo Gilianes, e Affonso Gonçalves Baldaya, copeiro do Infante, cada hum em seu navio; e alem do Cabo Bojador correraõ trinta leguas, e achando rasto de gente, mandáraõ dous moços em dous cavallos a descobrir pela terra dentro. Os quaes depois de largo caminho passado por aquella deserta Lybia, acháraõ dezanove Mouros com suas azagayas, e com elles se envolveraõ tão animosamente, que ferindo muitos, os fizeraõ acolher todos a huma cova, ainda que por não levarem armas defensivas, foy á custa de seu sangue. Chegados ao navio com esta nova, se partiraõ logo para o Reyno, onde o Infante os recebeu honradamente, e aos moços fez muitas mercês por tão grande se vallaria; os quaes se chamavaõ Heytor Homem, e Diogo Lopes de Almeida, ambos homens Fidalgos, e especiaes cavalleiros, criados na escola da nobreza, e virtude daquelle tempo.

Deste anno até o de trinta e nove não se fez cousa notavel neste descobrimento; porque o Infante o não mandava proseguir, como desejava, pelas differenças, e alteraçoes, que no Reyno entaõ havia sobre a tutoria do Principe Dom Affonso, como adiante mais largo contarey. Mas tanto que os negocios deraõ lugar, e no anno do Senhor mil e quatrocentos e quarenta e hum, mandou o Infante hum navio, e por Capitão Antaõ Gonçalves homem mancebo, e seu Copeiro, para que lhe trouxesse alguns daquelles homens, de que já tinhaõ noticia. Partido elle, chegando ao lugar sabido, sahio em terra com oito companheiros escolhidos, e caminhando pelo deserto de Africa, e muito mais deserto na opiniaõ de todos os homens doutos, tomáraõ hum mouro com duas azagayas, que hia tangendo hum camello; e logo mais avante acháraõ quarenta, e á vista delles lhes tomáraõ huma mulher, com que entaõ se houveraõ por contentes, por ser já quasi noite, e os Mouros se acolherem a hum oiteiro: mas chegando com elles ao seu navio, acháraõ outro, e por Capitão Nuno Tristaõ, criado do Infante, a rogos do qual tornáraõ em busca dos Mouros, e achando hums poucos deraõ nelles Santiago, e tomáraõ dez, depois de perigosa contenda, com os quaes todos Antaõ Gon-

1439

1441



galves se veyo ao Infante, que por este, e outros serviços lhe fez mercê da Alcaidaria mór de Tomar, e humma commenda, e escriptão da Puridade. Com estes cativos soube o Infante muitas coulas das que tanto desejava: e forão ellas de qualidade, que o Infante as mandou significar ao Papa Martinho V. como primicias de tão novos frutos. O qualla petição do Infante fez perpetua doação á Coroa destes Reynos de toda a terra, que se descobrisse por este mar Oceano do Cabo Bojador até as Indias *inclusive*, e para todos, os que nesta conquista morressem concedeo Indulgencia plenaria. E depois confirmaraõ esta doação o Papa Eugenio IV, e Nicolão V, e Sixto IV que mais, que todos, a ampliou, pondo excomunhão, e interdicto aos outros Príncipes, e pillos, que nas ditas terras entrassem sem licença dos Reys de Portugal. E além dos quintos, que o Infante para a ordem de Christo já tinha por ElRey concedidos, tambem o Infante Dom Pedro seu irmão, que então governava o Reyno, lhe fez mercê, que ninguem podesse passar àquella conquista sem sua especial licença. Com estas mercês, e graças começou o Infante proseguir sua conquista com mais poder, e authoridade, e com menos pragas, e maldicoens. E porque Antão Gonçalves lhe disse, que alguns daquelles Mouros queriaõ dar por seu resgate certos escravos de Guiné, de cujos ardores a gente tanto fabulava, o mandou o Infante outra vez continuar em seus descobrimentos, e estando para partir, aconteceu, que hum Balthasar, gentil-homem da casa do Imperador Federico III que elle mandara ao Infante, para na conquista de Africa ganhar honra, e se armar cavalleiro, pedio licença ao Infante para hir naquelle descobrimento de Guiné, como á mais nova cousa, em que então se fallava no mundo; porque desejava ver-se sem humma grande tormenta, que depois podesse contar na sua terra; e succedeo-lhe tanto ao certo, que partidos elles, lhe sobreveyo hum temporal tão grande, e temeroso, que chegou a confessar o estrangeiro tinha já visto, o que desejava; mas não sabia se o poderia hir contar. Todavia soccegado o vento, chegaraõ ao cabo, já delles conhecido, onde alcançaraõ pelo resgate dos cativos, que

levaraõ, dez negros de terras differentes, e huma boa quantidade de ouro em pó, que foy o primeiro, que nestas partes se resgatou,

Depois no anno mil e quatrocentos e quarenta e tres. Nuno Tristaõ descobrio a Ilha de Arguim, e ou- 1443.  
tra junto della, a que chamáraõ das Garças, por haver nella tantas, que serviraõ de refresco ao navio; e dellas trouxe a este Reyno mais de quarenta negros cativos, que cá se estimaraõ muito, por sua estranha figura. Com a visto do ouro, e dos escravos, e com a esperança, que davão os Ministros deste descobrimento, começou o povo a confellar a bondade da conquista, rompendo todos a huma voz em louvores do Infante, em tudo, o que elle queria, servindo o animosamente. E os primeiros foraõ os moradores de Lagos, por serem mais vizinhos ao Infante, os quaes se offerecerão liberalmente, e aimarão á sua custa seis caravellas, e por Capitão hum Escudeiro honrado (diz a Chronica) chamado Lançarote, que fora moço da Camara do Infante: e não fizeraõ mais em sua viagem, que trazer cento e cinccenta cativos; que era para o Infante preza de mais estima, pelas informaçens, que delles tomava.

No anno seguinte de quatrocentos e quarenta e cinco mandou o Infante a Gonçalo de Cintra, escudeiro de sua casa, o qual fazendo sua viagem, morreo pelejando com duzentos Mouros em a Ilha de Arguim, em huma angea, que por isto se chama de seu nome, e os companheiros se tornarão ao Reyno com duas Mouras sómente. E com este ser o primeiro homem, que morreo a ferro neste descobrimento, e conquistas, nem porisso lhe faltou quem mandasse o anno seguinte em outros navios. E no mesmo anno Diniz Fernandes morador em Lisboa, Escudeiro, que fora del Rey Dom João Primeiro, 1446.  
movido das mercês, que o Infante fazia a todos, armou hum navio á sua custa, e nelle foy tão bem afortunado, que descobrio Cabo Verde, que assim chamou pela mostra, e parecer, que então lhe vio. E não o enganataõ as esperanças, que levava; porque o Infante lhe fez notaveis mercês. E tanto delejavão os homens de o contentar nest- Barros ubi  
te seu descobrimento, que hum Escudeiro chamado João Ferna-



Cap. 10

Fernandes, se foy meter entre os Mouros dos Ilheos de Arguim, para delles aprender a sua linguagem, e depois de andar lá alguns mezes, trouxe ao Infante a mais notavel relação dos costumes daquelles barbaros, que até então se sabia no mundo.

Com estes novos acontecimentos andava já os Portuguezes tão engolfados neste descobrimento, que de Lagos partirão juntas quatorze velas, e outras de outras partes; e todas forão a Arguim, onde depois de hum breve vitoria, hum Soeiro da Costa, que fora moço da Camara del Rey Dom Duarte, depois de se ter achado em grandes trances de armas em França, e Inglaterra, e Proença, Castella, Valença, e Africa, enelles ter mostrado muito esforço, e cavallaria, só nesta terra quiz armar-se cavalleiro, dizendo, que não merecia a honra de cavallaria nas guerras contra Christãos, em que se achára, e que no cerco de Ceuta não fizera cousa, que a merecesse; sómente aqui pela estranheza da terra, e pelo bom principio, que via à amplificação da Igreja Catholica por aquellas partes, que receberia mais honra, que quanta tinha alcançado em sua vida.

Tanto era o desejo, que o Infante Dom Henrique tinha da conversão dos infieis, que a hum Monsieur Marcot Betancour, Francez de nação, e sobrinho de Monsieur João de Betancour, que conquistou as Ilhas das Canárias, lhas comprou a dinheiro de contado, e na conquista, e navegação das almas dellas; gastou hum grande somma de dinheiro. Mas tudo havia por bem empregado, pois elle era o primeiro, que naquellas partes lançava também a primeira pedra do edificio da Igreja Catholica. Depois a rogo, e petição del Rey D. Henrique de Castella, e porque andava nas partes de Guiné mais occupado, e por ter já dellas alcançado, o que desejava, que era a conversão daquelles infieis, lhe largou o senhorio dellas.

Par. 6. II

1446.

No anno mil e quatrocentos e quarenta e seis tornou Nuno Tristaõ, e descobrio além do Cabo Verde sessenta leguas: mas esta conquista lhe custou a vida, e de todos seus companheiros, que com frexas hervadas morrerão peleijando, e sómente quatro moços, que não sabião

sabião governar o navio, o trouxêraõ ao Reyno.

No mesmo anno Alvaro Fernandes da Camara, filho de João Gonçalves da Camara Capitão da Ilha da Madeira, passou á costa de Guiné, e descobrio além do Cabo Verde mais de cem leguas, onde pelejou com gente tão esforçada, que ousou hum senhor de huma Aldeya desafiarse com elle, e com trabalho ficou Alvaro Fernandes com a vitoria matando o barbaço. E como a fama deste novo descobrimento corria por toda a Christandade, hum Fidalgo chamado Balarte, da Corte del Rey de Dinamarca, por ser muy curioso de cousas novas, veyo a este Reyno, para ver esta maravilha. O Infante o mandou com hum cavalleiro da Ordem de Christo, chamado Fernão de Affonso, em modo de Embaixador ao Rey do Cabo Verde: onde por meyo de duas linguas lhes mandava, trabalhassem por converter aquella gentildade; mas nem fizêraõ isto por hum temporal, que lhes sobreveye, nem o curioso Balarte pode levar á sua terra noyas, do que vira nestas; porque no Cabo Verde acabou a vida com outros muitos de hum desastre pela curiosidade, com que quísera haver hum elefante vivo.

No anno mil e quatrocentos e quarenta e nove mandou o Infante, de licença del Rey, povoar as sete Ilhas dos açores, que já naquelle tempo eraõ descubertas; e nellas, por mandado do mesmo Infante, lançado algum 1449 gado por Gonçalo Velho Commendador de Almourol. E porque em as Ilhas de Arguim concorria resgate de ouro, e negros da Giné, mandou El Rey Dom Affonso V. fazer o castello de Arguim, por conselho do Infante, por Soeyro Mendes, Fidalgo de sua casa, morador em Evora, e isto foy no anno do Senhor mil e quatrocentos e sessenta; 1460 e nelle mesmo descobrio as Ilhas, que hora chamaõ do Cabo Verde, por hum Antonio de Nolle Genovez, e homem nobre, que por alguns desgostos da Patria veyo a este Reyno com duas nãos, e hum barinel, e dous seus sobrinhos; ambos do mesmo appellido, aos quaes o Infante deu licença, que fossem descobrir, e elles ao primeiro dia de Mayo descobriraõ a Ilha, que por isso chamáraõ de Mayo, e no seguinte de Santiago, e São Philippe descobriraõ duas, e lhes déraõ estes nomes. No qual tempo eraõ



João de  
Barros De.  
cad. 1 lib. 1

erão também idos a descobrir huns criados do Infante D. Fernando, que descobrião as outras, que são por todas dez, e se chamão do Cabo Verde, por estarem ao Poente delle em distancia de cem legoas, e por os antigos Geographos são chamadas as Fortunadas. Que foy a última obra, que em vida do Infante Dom Henrique se fez neste seu edificio da nova Igreja de Deos, a que elle deu glorioso principio, trabalhando nelle a mayor parte de sua vida com o mais vehemente cuidado, e diligencia, que em obra alguma ainda das mais heroicas se vto nunca. E deixando averiguadas muitas informações importantes ao descobrimento do Oriente, que elle sobre todas as cousas desejava, e o fundamento desta santa obra com firmes raizes em bom estado, foy da mão do Omnipotente chamado, quando elle mais perto andava de ver seus ultimos desejos cumpridos; que quando elles são taes, a terra, e o Ceo os reconhece, e paga.

Anat. na  
fabr. del  
tractat. 3  
Barros De.  
cad. 1 l. 1  
cap. 1

Tambem se acha posto em memoria, que em vida do mesmo Infante, e por seu mandado se descobrio a costa, donde veyo a primeira Malagueta, e a que antes havia em Italia, era por mão de Mouros de Guiné, que atravessavaõ a grande região de Mandinga, e os desertos de Lybia até o mar Mediterraneo em hum porto, chamado Mundi Barca em Italia, e porque os Italianos lhe não sabião o lugar de seu nascimento, e achavaõ ser especiaria tão preciosa chamandolhe: *Grua Paradysi*.







## CAPITULO V.

*Del Rey D. Duarte, unico do nome, e undecimo Rey de Portugal*

**D**Om Duarte, unico do nome, succedeo a El Rey seu pay, assim nos estados, e coroa, como nas mais excellencias de pessoa, e animo, que nelle com muito louvor resplandeceraõ. Mas fazendo termo as glorias, e triunfos deste Reyno, tiveraõ principio as desaventuras delle, e os trabalhos, que em seu felice tempo nunca faltaraõ: começando com o novo Rey huma continua, e contagiosa peste, que até o fim de sua vida com os males, que ella costuma causar, sempre em seu Reyno o acompanhou. Não faltando tambem no meyo della, e depois de sua morte, da brevidade della causados, tantos infortunios, que mais era para desejar a horrenda morte sem elles, que a amada vida, tendo-os presentes. Porque em seu tempo, e depois das solemnißimas exequias, com que celebraraõ a morte del Rey seu pay, desejando os Infantes Dom Fernando, e Dom Henrique dilatar a Santa Fé Catholica, e seguir a felicidade del Rey seu pay nas terras Africanas, determináraõ passar a ellas: e não obstantes as grandes difficuldades, que por El Rey seu irmão, e os mais Infantes, e pessoas nobres, e experimentadas lhes eraõ representadas, ordenáraõ a expedição da Santa guerra Africana. E sendo decretada a conquista de Tangere, partiraõ deste Reyno a doze de Agosto de mil e quatrocentos e trinta e sete, com illustre companhia de nobres, e esforçados Cavalleiros, com voz, e fama de levarem quatorze mil homens de guerra, dos quaes depois fazendo rezenha em Ceuta, não acháraõ mais que seis mil. Mas a esta falta da gente supprindo o generoso animo dos Infantes, começaraõ a desejada conquista em treze de Setembro, e combateraõ a Cidade de Tangere valerosamente em espaço de 38 dias continuos: mas de tal maneira se defenderaõ os Mouros della, que a não poderaõ entrar naquelle tempo; em o qual acudiraõ os barbares Alarabes, ao uso Africano, com espantosa cavallaria de setenta mil homens de cavallo, e seiscentos mil

Chron.  
vulgaris  
Garib. in  
ejus vita  
Volaterran.  
l. 24

14374



infantes: com 'cuja vista retirando-se os Portuguezes, foram logo rodeados daquelle innumeravel multidão Mahometana, que pelo desigual numero, e forças, os poz em muito aperto, depois de se defenderem animosamente doze dias; em os quaes pela falta de mantimentos, que os apertava muito, e pelas impossibilidades de seu remedio, que os fez desesperar de todo, e depois de muitos combates, se renderão aos Mouros, que com elles usarão de clemencia; com condição, que em quanto lhes não entregassem a Cidade Ceuta, com que se haviaõ por satisfeitos, estivesse em seu poder o Infante Dom Fernando. Os Portuguezes a aceitáráõ, querendo antes perder humma Cidade, posto que muito importante, que todaa flor da nobreza, e cavallaria de hum Reyno, porque a perda desta ficava sem remedio, pois se lhes seguia o fim, e a outra podia-se recuperar em algum tempo. Este successo tão contrario ao Catholico desejo del Rey Dom Duarte, que a seus irmãos desejava augustissimos Imperios, e aos seus vassallos descansada paz, e prospera fortuna, de tal maneira traspassou o seu generoso coração com tão mortal tristeza, que sentindo em extremo a prizaõ de seu irmão, e as mortes, e destruição de seus vassallos, se abbreviaraõ seus dias, e se causou sua anticipada, e lastimosa morte, vendo-se entre dous extremos, cada hum delles poderoso a perturbar hum grande entendimento. Porque ou havia de perder hum irmão, que muito amava, e entregallo à fereza dos barbaros Alarabes seus inimigos; ou a troco d'elle largar aos Mauritanos a Cidade Ceuta, unica fortaleza; e chave de toda a Hespanha; e com ella abrir a porta á ultima perdição da mayor parte da Christandade de Europa, Ajuntou-se a isto a lastimosa prisaõ dos Infantes de Aragoã seus cunhados; que junto de Caeta em Napoles hum Capitaõ dos Genovezes venceu em naval batalha, e a morte da Rainha de Aragoã Dona Leonor sua sogra. Assim que nestas angustias metido, e principalmente porque nas Cortes, que convocou para este fim, se determinou, que por nenhum modo se podia entregar Ceuta, veyo a fallecer cercado de trabalhos, acoitado de pestíferas infirmitades, e perseguido de pensamentos, e cuidados. Aos quaes não acertando prevenir com os necessarios

cessarios remedios, ou pela turbulencia do tempo, ou pelo muito, que amava a Rainha sua mulher, e a deixou por Governadora dos Reynos de Portugal, em quanto o seu primogenito não fosse de idade conveniente. Não attendendo, que deixava no Reyno quatro irmãos, cada qual delles em idade, disposição, e entendimento para administrar mil Imperios: a' hum dos quaes, ou a todos podera deixar aquelle cuidado, e não a huma mulher; posto que nobilissima, differente da linguagem, e natureza, entendimento, e idade. Cujos successos foy tão lastimoso, depois de sua morte, como a desordem grande em elle assim o determinar na vida. A qual lhe acabou em a Villa de Tomar, não sem suspeita de peste, que naquele tempo comia todo o Reyno, no mez de Agosto de mil e quatrocentos e trinta e oito annos, tendo de idade quarenta e sete, e de Reyno cinco. Seu corpo foy sepultado junto de seu pay, no Real Mosteiro da Batalha. Foy El-Rey Dom Duarte em todas as virtudes do animo excellentes, e na destreza, e forças corporaes tão eminente, que em quanto foy mancebo, excedeo a todos os de seu tempo no exercicio da caça, e em lutar, e cavalgar hum cavallo. E com o seu florido ingenho alcançou tanto de letras, e sciencias, que não somente teve conhecimento de muitas cousas (que he a verdadeira profusão da sabedoria) mas tambem foy author de muitos tratados de erudição, e ingenho. Porque escreveo para a Rainha sua mulher hum livro do verdadeiro conselheiro, de que ella pouco usou, quando de seus preceitos mayor necessidade teve. Compoz hum curioso volume de arte de cavalgar, e domar hum cavallo, em que foy unico. E entre outros muitos, que da reformação dos bons costumes deixou escritos, ainda hoje permanecem alguns fragmentos, do que doutamente escreveo sobre a administração da justiça. Foy dotado de tanta humanidade, e eloquencia, que só com ellas attrahia a si as vontades de todos. Foy vigilantissimo zelador das cousas da Religião Christãa, e muito affeiçãoado aos homens doutos, e letrados, e tão benigno, e humano para com todos, e em tudo tão perfeito, que não houve nelle mais, que desejar, senão ser dotado de melhor fortuna. Foy casado com a Rainha Dona

1438.



Leonor, filha delRey Dom Fernando o I. de Aragoã, e Sicillia, e de sua mulher a Rainha Dona Leonor, que dissemos ser neta da formosa Dona Ignez de Castro. E della houve dous filhos, e quatro filhas: o primogenito Dom Affonso, que lhe succedeo no Reyno, e foy o primeiro, que em Portugal, antes que reynasse, se chamou Principe. O Infante Dom Fernando, que foy Duque de Viseu, e Mestre das Ordens de Christo, e Santiago, e o quinto Condestable de Portugal. O qual sendo casado com Dona Beatriz filha do Infante Dom João seu tio, houve della a Rainha Dona Leonor, que casou com ElRey Dom João II. de Portugal, seu primo: Dona Isabel, que casou com Dom Fernando II. Duque de Bragança: Dona Catharina, que morreo moça: Dom João, que no Ducado succedeo ao pay: Dom Diogo, que succedeo ao irmão, e Dom Duarte, D. Diniz, e D. Simão, que em tenra idade falleceraõ, e o grande D. Manoel, que foy inclyto Rey de Portugal: Dona Filippa, que de idade de doze annos morreo em Lisboa.

Dona Leonor, Princeza formosissima, e de muitas graças, e virtudes ornada; á qual, sendo de idade de desaseis annos, foy casada com Federico III. Imperador de Alemanha. Para onde partio deste Reyno com nobilissima companhia. E chegando a Italia, onde o Imperador havia de vir de Alemanha, foy recebida nella com solemnissima pompa, e apparato, e especialmente em Sena, como consta de huma pedra, que na mesma Cidade permanece em memoria sua, e daquellas festas fabricada. E sendo levada a Roma pelo Imperador, que acompanhado vinha de Ladislao Rey de Ungria; e de Alberto Archiduque de Austria, foy por elle legitimamente recebida das mãos do Summo Pontifice Nicolao, que com espantosa solemnidade lhes deu a ambos as dignissimas Coroas do Sacro Imperio.

Dona Catharina, que sendo esposada com Dom Carlos, Principe de Navarra, e depois com Duarte IV. Rey de Inglaterra, veyo a fallecer antes que se effectuasse o matrimonio, em Lisboa no Mosteiro de Santa Clara, no mez de Junho de 1473, e está sepultada em Santo Eloy.

De hoc:  
multi multa  
scripserunt.

O Doutor  
Hyeronim.  
Gudiel na  
Chronica  
dos Giron.  
c. 39. Gon-  
çalo Argote  
de Molina.  
l. 2. c. 38  
da nobreza  
de Andaluz.  
Simão Coe-  
lho Carme-  
lita, Fr.  
Francisco  
de Lisboa.

Dona

Dona Joanna mulher del Rey Dom Henrique IV. de Castella, cuja filha foy Dona Joanna, jurada Rainha de Castella, que depois sendo espolada com El Rey D. Affonso de Portugal seu tio, foy lançada fóra do Reyno, aonde nasceu: e viveo neste de Portugal muitos annos em muita honestidade, e nobreza, com titulo de Excelente Senhora. A qual, dizem as Chronicas, que em todo este tempo trazia por divisa as armas de Castella direitas no seu escudo, e por orla huma letra, que dizia: *Memoria de mi derecho*. Depois sendolhe mandado, que mais as não usasse, tomou outra muito galante para seu intento, huns alforges metidos pelo pescoço, deitados por diante, e por detraz.

Houve mais El Rey Dom Duarte hum filho bastardo, chamado Dom João Manoel, de huma Dama, e parenta da Rainha Dona Leonor sua mulher, que com ella viera de Aragão, e chamava-se Dona Joanna Manoel, da nobilissima geração dos Manoeis de Castella, que trazem origem do Infante Dom Manoel, filho legitimo del Rey Dom Fernando o III. de Castella, que chamaraõ o Santo. O qual tomou o nome de Manoel, como descendente de Manoel Imperador de Constantinopla. E porque Isacio Angelo tambem Imperador de Constantinopla, era avô da Rainha Dona Beatriz sua mãy, em memoria desta descendencia touxe por Armas o Infante D. Manoel, e seus descendentes trazem hoje, o mesmo (ainda que em escudo quarteadado) huma aza dourada, com huma mão de Anjo, e nella huma espada nua em campo vermelho, em sinal de Valor, Vitoria, e Imperio: trazia tambem hum Leaõ vermelho em campo branco, como descendente das casas Reaes de Castella, e Leaõ. Desta nobre familia era descendente Dom João Manoel, que, pormorte del Rey Dom Duarte seu pay, ficou de tão pouca idade, que elle o deixou entregue, e encômendado ao grande Dom Nuno Alvares Pereira, que no Mosteiro do Carmo de Lisboa estava recolhido: e sendo ahi criado com o grande segredo, que El Rey seu pay deixara muito encômendado (e que as memorias antigas engrandecem muito) veyo a ser Religioso da mesma Ordem. E crescendo nelle com os annos a prudencia, e louvaveis costumes,

Francisca  
no huma  
memoria  
antiga do  
Mosteiro do  
Carmo de  
Lisboa el-  
crita de  
mão. Outra  
memoria de  
Alcobaça.  
Nobilitar  
de Fernão  
Moxia. Et  
in hoc se-  
cunda edi-  
tione suit  
hoc com-  
probat satis;  
superque,  
visis, & re-  
visis multis  
codicib fide,  
& veritate  
conspicuis



veyo a ser conhecida a sua real nobreza, em tempo del Rey Dom Affonso V. seu meyo irmão, de quem foy sempre como tal tratado, e estimado, fazendo-o Bispo de Ceuta, e da Guarda, e seu Capellão mór, e em tudo o mais tanto do seu Conselho, que parecia, que elle só governava tudo. Este Dom João Manoel, depois de ser Bispo, e neste Reyno hum principal pessoa, veyo a ter amizade com hum mulher nobre, e ainda parenta de Dom Nuno Alvares Pereira, chamada Justa Rodrigues: e della houve dous filhos, Dom João Manoel, e Dom Nuno Manoel; que foram colassos del Rey Dom Manoel, e seus Primos, filhos de dous meyos irmãos. E esta he a verdadeira Origem de seu appellido, enão a que diz hum nosso Historiador, em todas as mais cousas authorizado, e grave; porque nem diz, quem era esta Justa Rodrigues, a quem fora dado a criar El Rey Dom Manoel, de que tantas grandezas desde seu nascimento se esperavaõ, nem de que homem ella houvera estes dous filhos, de que El Rey fazia tanto caso, que a hum fez seu Camareiro mór, e ao outro seu Guarda mór, e em tudo o mais os teve sempre em muito. Mas não he maravilha esquecer-se hum Historiador da Origem de hum familia, cujos descendentes se lembraraõ tão pouco della, que ainda esta breve relação faço mais magoado desta falta, que estimulado de suas lembranças.

Deste Dom João Manoel foy filha Dona Maria, que casou com Dom Pedro de Menezes, filho de Dom Jorge de Menezes Senhor de Cantanhede, e de Dona Leonor, filha do Senhor de Alchonchel. E deste Dom Pedro de Menezes foy filho Dom Jorge de Menezes Senhor de Alchonchel, de quem nasceu Dom Antonio de Menezes, Senhor de Alchonchel, e Formoso, filho.

De Dom Nuno Manoel, o outro filho do Bispo D. João filho bastardo del Rey Dom Duarte, foy filho Dom Fadrique Manoel, que de Dona Maria de Ataide, filha, e herdeira da casa do grande Nuno Fernandes de Ataide houve entre outros filhos a Dom Nuno Manoel. O qual sendo casado com Dona Joanna de Ataide, filha do primeiro Conde da Castanheira o grande Dom Antonio de Ataide,

Ataide, foy pay de Dom Francisco Manoel primeiro Conde de Atalaya, que hoje está casado com Dona Iria de Brito filha do Nobilissimo João de Brito, e de huma irmã do Conde de Atouguia D. Luiz de Ataide, que morreu famoso Vice-Rey da India.

## CAPITULO VI.

*De algumas cousas notaveis, que no mundo tiveram principio, quando começaram a idade varonil de Portugal.*

**T**Odavia, disse o Italiano, quem considerar o miseravel estado de Portugal, no tempo de seu Rey Dom Fernando, e a prospera fortuna, com que o invictissimo Rey Dom João I. levantou suas cousas ao mais alto gráo de humana gloria, é a accelerada corrente, com que logo no tempo del Rey Dom Duarte seu filho, se poseraõ em tão baixo lugar, forçosamente ha de vir em claro reconhecimento da inconstancia, e variedade da fortuna, tão certa nesta verdade, como nós duvidosos no credito della. Porque neste tempo, que dizeis, heuve no mundo tantas mudanças nos principaes senhorios d'elle, que haveis essas de Portugal por muito pequenas em sua comparação. E bem vemos nisto quam diferentes são os tempos huns dos outros, pois quando Dom João de boa memoria, de hum pobre Mestre de Aviz, foy levantado (fora de toda esperança) ao estado, e dignidade Real: nesse mesmo tempo subiraõ muitos homens de mais baixo estado a tão alta Magestade humana, que hoje são lembrados no mundo por hum notavel exemplo da inconstancia de suas cousas. E entre os que mais ajudaraõ a confirmar esta verdade, foy o barbaro Tamorlaõ, que de muy baixo estado subio ao mais alto da humana potencia, vencendo os mayores Principes, que no mundo havia, e metendo debaixo de seu tyrannico dominio as mais feras, e bellicosas naçoens, que nelle se sabiaõ.

Era o Tamorlaõ, ou Themir Lang, de nação Partho, ou Scythia (que he o mesmo) de obscuros progenitores nascido, mas de raras excellencias de corpo, e animo dotado. E sendo criado na guerra, sabio no militar exerci-

Paul. Jov?  
de reb. turc  
cicis And.  
Cambin. de  
le orig. de-  
gli turchi  
Genebr. lib  
4. Petr. Mes  
xia in sua  
Sylva Pau-  
lus / Emilius  
l. 10 Pius a  
in descrip-  
terra. Pan-  
dolph cal:  
lenur. 1. 1  
hist. Neapol  
litan. Jean  
tarcagnora  
l. 17 histor  
mundi Plac  
in vita Bo-  
nifac. Mo-  
narch. Ec-  
cles. 1. 13 ca-  
5 Sabel. co-  
1 libe



exercício tão avantajado, que poz em duvida; qual nelle de suas excellencias mais resplandecia: a galhardia do corpo, e prudencia do animo, ou a destreza nas armas? Com a qual alcançou entre a gente da guerra reputação, e credito, e para si adquirio grande fama. Da qual estimulado começou a aspirar a grandes cousas, trazendo em sua companhia alguns pastores, e soldados, que voluntariamente o quizerão seguir, começou a exercitallos em roubos, e latrocínios: e era com elles tão igual na repartição das prezas, e tão largo em lhas conceder todas, que a esta fama se moverão outros muitos a acompanhallo, em tão bastante numero, que chegou a ter ousadia, e poder para libertar sua patria, que tyrannizada estava pelos Sarracenos, e para se fazer senhor da Persia em certa divisaõ; que nella havia. Onde engrossando o exercito, e aspirando ao Imperio de todo o Oriente, assaltou com grande impeto ás Provincias circumvisinhas, conquistando em poucos annos a grande Scythia Aziatica; Iberia, Albania, Assyria, e Media. E finalmente domando Mosopotamia, e a grande Armenia, passou o Rio Eufrates com hum exercito muito mayor, que o de Dario, nem aquelle, com que Xerxes passou a Grecia: pois se affirma, que trazia em campo 400 mil homens de cavallo, e mais de 700 mil infantes. Era na militar disciplina tão eminente, que nem a espantosa multidão o confundia, nem a sua barbara fereza o perturbava; antes se governava tudo, como se fora huma pólitica Republica. Porque era tão inteiro no rigor da justiça, que ninguem ousava passar os seus mandados: e assim no seu exercito, nem se via dissençaõ alguma, nem os mantimentos necessarios lhes faltáraõ algum dia. Com esta companhia chegando á menor Armenia, lhe sahio ao encontro Bayazet Imperador da Graõ Turquia, com o mais poderoso exercito, que seu poder alcançava, e encontrando-se junto ao Monte Stella (pela gloriosa vitoria de Pompeyo Magno, e pela calamidade de Mithridates insigne, e celebre) se déraõ batalha, que foy a mayor em numero de gente, e valor, e esforço, que em grande tempo se vio no mundo. Nella se combateão com tanta ferocidade, e braveza, que não se podia determinar, a que parte se inclinasse a vitoria. A qual per-

tendend.

tendendô Bayazet alcançar, pela destreza, e antigo esforço dos seus Soldados, foy atalhado da grande multidão dos soberbos Parthos, que refrescando sempre o exercito, apertaraõ tanto com os Turcos, que os fizeraõ respirar, e deixar a vitoria na mão de seus inimigos, e o campo cuberto de mortos em tão excessivo numero, que morreraõ aquelle dia nelle mais de 200 mil homens: e o soberbo Bayazet foy prezo em ferros, e metido em hum gayola de ferro, onde o barbaro Tamorlaõ o levou por toda Asia, Natalia. e Persia, servindo-se de suas costas todas as vezes, que cavalgava, naõ lhe dando mais comer, que, as migalhas de sua mesa, debaixo da qual estava sempre. Até que ultimamente, depois de tres annos, nella morreo miseravelmente, e como sua tyrannia merecia. Consta deste barbaro Tamorlaõ, que naõ havia por vitoria, a que lhe naõ custava muito trabalho, e que alcançou todas, as que commetteo. E discorrendo por toda Asia, desde o Rio Thanais até o Egypto, ganhou por força, destruiu, assolou, e queimou as famosas Cidades Smyrna, Antyochia, Sebasie, Trypoli, e Damasco, e outras muitas, as quaes, mortos os habitantes, deixou feitas em cinza com tanta crueldade, e fereza, que nem perdoava a innocentes, nem se compadecia dos miseráveis: tudo nelle era abominação, e barbaria. E prezava-se tanto dislo, que a hum seu familiar amigo, que estas crueldades lhe estranhava, disse hum dia, que se enganava muito, se cuidava, que elle era homem, pois naõ era outra cousa, senaõ ira de Deos, e destruição do mundo. E pode-se crer tudo delle, porque tinha em costume, que guardava inviolavelmente, ao primeiro dia, que chegava a huma Cidade, armar huma tenda branca, ao segundo vermelha, e ao terceiro preta, dando a entender, que ao primeiro dia perdoaria, se se entregassem: e ao segundo já naõ seria, sem morrerem os principaes: mas ao terceiro, que todos haviaõ de padecer, e a Cidade se havia de arrazar, e fazer em cinza. Depois de todas estas crueldades, tendo vencido muitas Provincias, destruindo infinitas Cidades, e morto innumeravel cópia de homens, mulheres, e mininos, carregado do despojo de toda Asia, se tornou á sua patria, e Imperio: onde

Tom, I. LI edificanç



edificando huma grande Cidade, que chamou Sarmacanda, a fez a mais populosa, e rica, que em todas aquellas partes havia. Depois do qual em breve tempo veyo a fallecer junto do anno do Senhor 1422, deixando ja tao atemorizado o mundo de sua tyrannica potencia, e crueldade como espantado de seu valor, e militar sciencia, em que foy excellentissimo. Mas a morte, tragadora das humanas cousas, dando fim á sua vida, deu principio á declinaçao de seu Imperio e descendencia, de tal maneira, que não ha hoje memoria delle, se não dizer hora o grande Rey dos Mogores, que he seu descendente.

Pouco depois, estimulado de sua clara fama, Artimbeo, por outro nome chamado Ulluncassano, de hum mediocre estado da nobreza, se veyo a fazer senhor de ambas as Armenias; depois da riquissima Persia, e ultimamente vencendo os Bactrianos, Medos, e Parthos, e a mayor parte do Oriente, chegou a tanto seu poder, e ousadia, que teve quasi rendidas as Cidades Molopotami, e Babilonia. E querendo passar a Syria, e Egypto, se encontrou com o famoso Mahometo Rey Turco dos Othomanos, que pouco antes havia conquistado o Imperio, e Cidade de Constantinopla, e para quem o mundo parecia pequeno. E chegando á vista hum do outro, se derao batalha cruel, e bem pelejada; mas pelo grande esforço de Ulluncassano vencida, e o soberbo Mahometo constrangido a que se recolhesse com pouca gente em Constantinopla. Onde refazendo o exercito huma, e muitas vezes, todas foy vencido pelo vitorioso Persa, que sempre contra os Turcos em qualquer occasião se achava armado, e delles sahia com vitoria tao prosperamente, que veyo a alcançar por cognomento: *Terror, e espanto dos Turcos Othomanos*. E com ser este, tanto que elle morreo, logo se extinguiu o seu Imperio de maneira, que da hi a poucos annos senão soube delle no mundo; senão quanto o Sophi da Persia se quer hora fazer seu descendente no sangue, pois o foy no Reyno, e ventura.

Tambem neste tempo se levantou em Italia, de muy baixo estado de nobreza; Esforça Flamicio, por seu valor, e esforço assim chamado, e pay do grande Francisco Esforça Duque de Milão, E seu competidor Nicolao Piccino,

João de den  
in vita Ulluncassani  
Andr. Camo  
bin. de le  
origine dei  
turchi Paul.  
Jovius ibid.  
Joan Tar-  
cag. l. 16  
Genebr. l. 4  
Cronolog. h  
Et omnes  
qui de tur-  
cis scripse-  
runt.)

cinio; a nenhum segundo, e outros alguns, que ás mesmas revoluçoens padeceraõ, alguns dos quaes, primeiro, que a morte acabasse seus dias, o tempo deu fim a suas obras,

Pois a famosa Pastora, que chamaõ Doncella de França, tambem pôde ser claro exemplo dos varios successos deste tempo. Em o qual junto do anno do Senhor mil e quatro centos e vinte e nove, estando o poderoso Reyno de França tyrannizado, e opprimido, e quasi sem esperança de remedio a recuperaçãõ d'elle, estava o seu Rey Carlos VII. muy affligido, angustiado, e pobre, sem Pariz, nem Cidade alguma nobre de França, posto em fim no ultimo de toda a miseria. Porque o Duque Philippe de Borgonha (que naquelle tempo era muy poderoso senhoria) por vingar a morte de seu pay, em que o pay del Rey Carlos VII. forã culpado, convocou em seu favor aos Inglezes, antigos inimigos daquella naçaõ, e que o Reyno tambem pertendiaõ, com os quaes assaltando impetuosamente a bellicosa França, se fez senhora da melhor parte della, tratando toda a gente da maneira, que seu vingativo animo lhe ditava: matando muitos homens, arrazando muitas Cidades, casas, e Portalezas. Estando em fim tudo cheyo de miserias, e lagrimas, e o affligido Rey Carlos em Burgos, vigiando alguma me-  
thoria a tantas desaventuras; trouxeraõ para remedio dellas, e consolaçaõ sua, ante sua Real presença, huma pobre pastora, chamada Joanna, e em idade de dezoito annos natural de Lotharingia, nos seus campos criada, e ao pastoral officio exercitada, a qual dizia, e quasi por divina inspiraçaõ o affirmava, que ella havia de lançar os tyrannos Inglezes de França.

Quando El Rey a viõ, e a constancia, com que se determinava, ficou attonito, e pasmado de tal ousadia; mas parecendolhe, que senaõ podia mover a taõ heroica obra huma mulher, e de taõ pouca idade, e experiencia, sem alguma divina ordem, consentio, que ella se armasse como quisesse, e paraõ fazer lhe mandou dar todo o necessario, e que todos os seus vassallos lhe obedecessem em tudo; que ella delles ordenasse, para ver em que parava taõ grande maravilha. Como se ella vio

Genebr. l. 4.  
In Chrono-  
log. Baptis-  
ta Falgoutus  
l. 5. Gagninus  
l. 10. Tar-  
cagnot. l. 10.  
Monarch.  
Ecccl. l. 13.  
cap. 2.



armada, e com exercito bastante a commetter qualquer honrado feito, logo se partio a soccorrer a Cidade Orliens, que cercada estava pelos inimigos, e quasi entregue a elles. E tanta industria mostrou naquelle primeiro commetimento, e tão alto animo em o levar ao cabo, que a pezar de tantos inimigos, meteo dentro na Cidade o soccorro, que levava: com o qual não sómente seguiu a Cidade, dos que fortemente a combatiaõ, mas ainda chegou a tanto seu ousado animo, que sahindo a elles muitas vezes, de tal modo os comettia, que lhes fez levantar o cerco vergonhosamente. Em cujo seguimento ella sahindo, e encontrando-se com elles, lhes deu animosamente batalha campal, em que os venceo, e matou grande numero delles, e mandou fazer em pedaços mais de 3000. Com esta grande vitoria, e outras muito insignes, que dos mesmos Inglezes alcançou, e com os muitos lugares, que em breve tempo conquistou, fez espantar o mundo de seu esforço, e animo varonil, e a El Rey persuadio, e animou, que deixadas as lagrimas, e tristeza, se fosse á Cidade Rhems a tomar a Coroa do Reyno, que até entã tyrannizada lhe traziaõ os Inglezes. Movido el Rey de tão animosas palavras, e confiado em suas prosperas cousas, fazendo o que esta valerosa Doncella lhe aconselhava, foy recebido na Cidade Rhems, e como Rey coroado, e de outros muitos povos, que ao contrario permaneciaõ, como a tal obedecido. Mas a famosa Doncella, cuidando, que a fortuna sempre lhe havia de mostrar o seu rosto alegre, se aventurou a soccorrer huma Cidade, na qual entrando animosamente, e com sua costumada ousadia, e valor, sahindo muitas vezes aos inimigos, foy huma vez delles tomada, e preza, e depois de tantos triunfos alcançados, como magica encantadora, queimada miseravelmente. Dando com isto fim ao mayor exemplo, que de varonil esforço em mulher alguma se vio nunca; considerando a multidãõ dos inimigos; sua soberba, e barbaria, e della a pouca idade, pouco poder, e pouco tempo, em que acabou tão grandes cousas, com as quaes começou o tyrânico Imperio; que os Inglezes em França tinhaõ, a declinar de tal maneira, que em breve tempo foraõ todos destruidos.

Tarcago in  
histor. mun.  
lib. 27.

tados, e lançados fóra della. Pelo qual na Cidade Orlieus, em memoria desta varonil Donzella, lhe levantou o povo de commum consentimento, huma publica estatua, em habito de Cavalleiro vestida, com letra, que seus triunfos, e façanhas referia, e manifestava: E ainda era pouco para tão altos merecimentos; porque elles excedem as humanas forças, deſido parece a seu louvor ser, tambem celebrado com semilhantes honras:











## CAPITULO VII.

*Del Rey D. Affonso V. do nome, que chamaraõ Africano.*

**T**Anto que o Italiano deu fim á sua pratica, que não foy pouco alegre, continuou o Portuguez sua compendiola historia neste modo. Ficando o Principe Dom Affonso por morte delRey seu pay em idade de seis annos ( sendo logo levantado por Rey de Portugal com solemne pompa, e apparato, na Villa de Tomar, onde seu pay fallecera ) começou a Rainha sua mãy a governar o Reyno, como por ElRey seu marido fora mandado. Mas não soffrendo bem os Povos, e Fidalgos de Portugal, que huma mulher sem experienciavelle sobre elles tão plenaria administração, onde havia os Infantes seus cunhados, cada hum delles merecedor de governar o mundo, pediu ao Infante Dom Pedro (que entre elles era o mais velho, de mais experiencia, e authoridade) que havendo compaixão de hum Reyno, onde elle nascera, tomasse a administração delle, pois nenhum outro o podia melhor fazer. E porque deste parecereraõ tambem os Infantes seus irmãos, e a mayor parte dos Fidalgos, e o Povo todo geralmente pertendia o mesmo, e para defensão da causa da Rainha não faltavaõ tambem alguns em nobreza, e poder insignes, começaraõ entre elles a haver as differenças, que semilhantes competencias trazem consigo, de que se seguia à Republica notavel deteriorimento, e perda. Ao qual querendo atalhar os mais bem intencionados, fizeraõ celebrar Cortes, para se determinar o que mais convinha. E nellas entre outras cousas, por ordem do Infante Dom Henrique ( Principe zelosissimo do bem commum) se concluiu, e assentou, que a Rainha ficasse a tutella, e cura de seus filhos, e a administração da fazenda delRey seu marido, e dos filhos, e o Infante Dom Pedro fosse Defensor do Reyno; e Dom Fernando Conde de Arrayolos, e depois Marquez de Villa-viçosa, filho do Conde de Barcellos, irmão bastardo dos Infantes, tivesse o cargo das cousas da justiça. E foy eleito nestas Cortes por Ayo delRey Dom Affonso

Dom

Chronica  
vulgaris  
Garib. ibid  
dem Vola-  
ter. lib. 2  
Anton. Ni-  
brissa quan-  
quam in  
aliquib. non  
parum sus-  
pietis Da-  
mian. de  
Goes in lib.  
Joan Prin-  
cipis. An-  
ton. de Gu-  
evara in  
Chronica  
reg. cathol



Dom Alvaro Gonçalves de Ataíde, que foy o primeiro Conde de Atouguia, e tinha ido já em companhia do Infante Dom Pedro. Mas nem ainda este tão conveniente meyo satisfazendo a alguns, ( que seus particulares interesses mais pertendiaõ, que o bem commum da Republica ) fizeraõ com a Rainha, que tal não consentisse. Pelo qual não cessando os alvoroços, e males, com que o Reyno se perdia, foy o Infante Dom Pedro forçado ( por atalhar a tantos males ) a aceitar contra sua vontade, o que por ella tantas vezes recusara; e tambem por satisfazer aos legitimos requerimentos de tantos povos, que em suas cousas achava sempre propicios. O que não podendo soffrer os conselheiros da Rainha, que o castigo de suas culpas por ventura; com razão receavaõ, fizeraõ com ella, quasi constrengendo-a, que procurasse, por via dos Infantes de Aragoão seus irmãos haver alguma satisfação, ou vingança dos quaes. ainda que eraõ tamanhos senhores; não pode alcançar mais alivio de seus trabalhos, que tornarem-lhe suas fortunas dobradas com os enganos, em que a trouxeraõ sempre: até que acabaraõ de consumir tudo, o que para suas extremas necessidades, e dos que a seguiraõ, lhe podia valer. Pelo que ella depois que humma cousa, nem outra pode alcançar, deixando o Reyno em principio de ultima perdição, e miseria, se foy para Castella, contra vontade dos Infantes de Portugal, seus cunhados, que todos os meyos, e commodos á commum concordia possiveis lhe buscáraõ. Mas ella viveo em Castella pouco tempo, e acabou em mais misérias, do que á sua Real pessoa convinha; e tão desemparrada dos que mais obrigação lhe tinhaõ, que Dom Fernando de Menezes, Conde de Villa Real, e Capitão mór, e Governador da Cidade Ceuta, lhe mandou a Castella liberalmente grande somma de dinheiro, e outras peças ricas, que não lhe causaraõ pequena inveja; nem menor louvor entre todos, os que o souberaõ. Morreo a Rainha em a Cidade Toledo a 19 de Fevereiro de 1445, com violenta presumpção de peçonha, ordenada pelo Condestable de Castella Dom Alvaro de Luna, por recear, que ella queria fazer entregar a Cidade Toledo a seu irmão o Infante Dom Henrique. E não como alguns mal dizem, porque quando

Rodericus à  
sua histo-  
riographia  
regius.

quando ella morreo, já havia dias, que estava em claro conhecimento dos errados conselhos, porque se governara; e della se entendeu, que para toda a paz, e quietação do Reyno de Portugal, teve sempre muy virtuoso desejo: mas por ventura, por occultos juizos de Deos, sem vontade della os seus conselheiros fazião duvidoso seu proposito, damnando tudo de maneira, que o povo, cujo natural he obedecer, eraõ os que governavaõ, lançando fóra de Lisboa o Arcebispo della Dom Pedro de Noronha, factura da Rainha; e pondo-se em armas contra tudo, o que a vária fortuna naquelle caso dispoesse, executando todas as mais desaventuras, que semelhantes desenvolturas trazem consigo. E tomáraõ esta pertençaõ tanto a peito, que em huma junta, que se fez em Lisboa, que como cabeça a tudo dava principio, fizeraõ hum acordo por escrito; que o Infante Dom Pedro governasse tudo sem mais outra companhia: e foraõ tantos os assinnados, que se não pode ouvir sem muita consideração, porque allint pertendia, e trabalhava com tanto fervor qualquer do povo por plantar, e declarar alli seu nome, como se na postura delle accrescentasse em sua honra, e fazenda, ou consistisse toda a necessidade do Reyno. Depois deste, e outros ajuntamentos, e conselhos de amigos, e erradas contradicções de inimigos, ficou o Infante Dom Pedro com o plenario poder, e administração de todas as cousas do Reyno; e da pessoa delRey. E ainda que em todos os dez annos, que elle com muita inteireza, e satisfação as governou, não deixáraõ os seus adversarios de o encontrar em tudo, que podiaõ, que não foy taõ pouco, que lhe não desse mais, em que entender, que toda a administração de tantas cousas. Mas era tal sua prudencia; que, não obstante taõ errados intentos, lhes fazia em nome delRey, muitas, e grandes mercês, dando liberalmente a muitos, que por suspeitos tinha, ou, como alguns dizem, por inimigos descubertos, muitos officios, estados e dignidades. Podendo mais com elle, o que seu generoso animo lhe ditava, que a obrigação natural; que tinha a seus proprios filhos, de que se descuidou tanto, que criou, e amparou primeiro com real liberalidade aos sobrinhos, que a elles: alguns dos quaes, se alguma honra



alcançáraõ, foy depois de sua morte, e por ordem da Duqueza de Borgonha sua tia, que a todos, os que a ella se foraõ, favoreceo, e chegou a grandes senherios, e dignidades.

E foy taõ notavel a perfeiçãõ, e prudencia, com que o Infante Dom Pedro governou o Reyno, que naõ achavaõ os moradores d'elle outra igual gratificaçãõ a seu merecimento, senãõ por publico decreto, e ordem, levantarlhe estatuas nos mais nobres lugares de toda a republica: e querendo pôr por obra este seu intento, em que elles cuidavaõ punhaõ o risco mais alto, ao que o Infante podia desejar, foy a sua humanidade taõ notavel, que quando os Cidadãos da Cidade de Lisboa lhe pediraõ para isso licença, lhes respondeo com o rosto carregado, e triste estas palavras: Amigos, se minha imagem alli, onde dizeis, estiveis esculpida, ainda virãõ dias, que em galardaõ dessa mercê, que vos fiz, e de outas muitas, que com a graça de Deos espero fazervos, vossos filhos a derribaraõ, e com pedras lhe quebrãrãõ os olhos: por tanto Deos por isso me dé bom galardaõ, cá de vós em fim naõ espero outro, senãõ este, que digo, e por ventura outro peyor. Destas palavras foraõ os Cidadãos taõ maravilhados, como depois certificados, que fallára verdade. E pode-se d'elle presumir, que alguma revelaçãõ tinha de sua violenta morte; porque estando em Coimbra, quando governava o Reyno, e passando pela porta da ponte, onde estavaõ esculpidas as armas da Cidade, como já me ouvistes, o Infante D. Henrique olhando para ellas, disse com alegre rosto:

Bem se pôde, senhor irmão; comparar a vós esta figura, pois tambem de huma parte daís mantimento ao Leão, que he Castella, e da outra a Portugal, que he a Serpe do nosso Timbre. He verdade; acudio o Infante Dom Pedro; mas vede a mulher, e consideray, que está sobre Caliz, que significa sangue; com que mais claro parece, que de meus trabalhos, serviços, e beneficios, elle hade ser meu galardaõ. E com trazer estas imaginaçoens taõ peladas, que podiaõ resfriar o mais zeloso animo, nunca cessava de procurar ao Reyno, e ás pessoas del-  
le todo o proveito, que sua industria podia alcançar, e

entre outras muitas ob as ao bem commum muito convenientes, e necessarias, a sua instancia o Papa Eugenio fez mercê a este Reyno de izentar dos Bispados de Tui, e Badajoz as terras, que nelle possuhiaõ entãõ os Portuguezes, que eraõ Valença do Minho, e Olivença em Alem-Tejo: e affirmo mais izentou tambem as Ordens, e Mestrados de Aviz, e de Santiago deste Reyno da superioridade, que deviaõ aos Mestrados de Calatrava, e Uclez em Castella. Pondo aos Reys della silencio perpetuo com graves censuras naquelle caso. E porque esta doação havia muitos annos, que pelos Reys passados se requeria em Roma com muita instancia, foy havida por 1448 hum grande cousa, que foy no anno de mile quatrocentos e quarenta e hum. Fez mais o Infante Dom Pedro, em nome del Rey Dom Affonso, a Dom Lope de Almeida, primeiro Conde de Abrantes: a Lionel de Lima primeiro Visconde de Villa nova de Cerveira; junto de Caminha, em a provincia dentre Douro, e Minho: a seu meyo irmão Dom Affonso, Conde de Barcellos, fez primeiro Duque de Bagança. Tratou tambem com muita instancia a liberdade de seu irmão o Infante Dom Fernando, consentindo, contra vontade de todos os Principes Christãos de Europa, que por elle se desse a Cidade de Ceuta, que só os Mouros achavaõ era igual preço. Mas ainda que para isso fez muitas diligencias, nunca o pode acabar com El Rey de Pez, que em seu poder o tinha, escusando-se sempre com razoes apparentes, das quaes claramente se veyo a entender, que, posto que Ceuta era tamanha cousa, recebia o Rey Mouro tanto proveito da militar exercicio, que por ella estar em poder de Christãos, os seus vassallos sempre continuavaõ, que a não queriaõ trocar por elle, que achava ser a segurança de seu estado, hum Cidade, sem a qual ainda ficava Rey muy poderoso. Quanto mais, dizia o Mouro, que em quanto Dom Fernando de Menezes, Conde de Villa Real, Capitão de Ceuta, não fosse terceiro para lha entregar, não cuidava, que podiaõ cumprir, o que diziaõ os Embaixadores.

Em quanto estas, e outras varias cousas se passavaõ, chegou El Rey Dom Affonso á idade de quatorze annos, em que segundo antigo costume de Hespanha, qual-



quer Principe della ha de haver inteira posse, e administração de seus Reynos: conforme ao qual logo pelo Infante Dom Pedro lhe foy entregue o Sceptro, e Coroa: e durando ao novo Rey a doutrina, que em poder do Infante seu tio aprendera, lhe pediu, que em seu nome quisesse governar o Reyno, como ate então fizera, até que elle se sentisse em idade conveniente. E além disto cumprio logo o testamento, e vontade del Rey seu pay, casando com sua prima Dona Isabel, filha deste Infante D. Pedro. A qual El Rey estimou sempre tanto, que nem as differenças, que com o Infante seu pay depois teve, nem os mexericos de seus adversarios, nem todas as mais invençoens do diabo, que neste tempo em algumas pessoas Reaes mais dominava, lhe poderaõ apagar o amor, que lhe tinha por suas muitas perfeiçoens. Mas depois que com a mulher se apartou da estreita conversação do Infante Dom Pedro, que para governar suas terras, se ausentou da Corte, por tomar alivio de tão continuo trabalho, e inquietação, em que até então vivera, os seus adversarios de tal maneira se apoderáraõ del Rey, que, por sua pouca idade, não pode conhecer a verdade do muito, que devia ao Infante seu tio, e sogro. Antes em lugar de lhe gratificar o que merecia o resguardo, e doutrina com que o criara, e a inteireza, e justiça, com que lhe governara seus Reynos, começou ouvir contra elle todas as cousas, que seus contrarios lhe representavaõ. E o que peyor he, que dando credito a algumas dellas, fez com que de sua Real pessoa se ausentasse mais, do que já estava. Em que padeceo as mayores perseguiçoens, que nenhum miseravel nunca experimentou: fulminando-se contra sua innocencia cartas falsas, e contrafeitas, lançando-lhe escutas doubles, e muitos concertos fingidos; em tanto extremo chéyos de cautellas, que cuidava o moço Rey, que o não podia ser o Infante vivo: e elle desconfiado de sua vida, em quanto El Rey estivesse naquella opiniaõ tão duro, deu ordem, com que lhe lembrassem, se não esquecesse da mais perfeita criação, que nunca Principe algum teve, e o mais perfeito governo, que em nenhum Reyno se vio, e os mais verdadeiros sinais de amor, que nunca se fizeraõ, e o mais estreito

parentesco ; que podia ser , pois era seu tio , e Sogro e Mestre, Tutor, Curador, e muy leal Vassallo. Mas tudo isto não aproveitou, nem as muitas diligencias do Infante Dom Henrique, nem os rogos do Conde de Arraiolos, nem as vivas razoes, e esforço do Conde de Abranchedes, que com grande, e louvada ouzadia em publicos conselhos; e fora delles, cada dia sem contradicção representava : nem todos os Religiosos, e homens de santa vida, que nisto tambem trabalhárao, em que o Chronista se estende tanto, que parece quasi impossivel a taõ bons serviços taõ máo galardão, como este Infante recebeo. Cujá innocencia, não podendo mais soffrer as calumnias, com que sua honra, e lealdade era maculada, determinou ante o mesmo Rey mostrase sem culpa: para o qual partio desta Cidade Coimbra ( que era seu ordinario aposento ) para Santarém, onde ElRey então estava ordenando exercito bastante, para o vir prender, ou matar. Mas porque em guarda de sua pessoa ( que tantos inimigos tinha ) o Infante levava alguma gente de armas, tomarao daqui occasião alguns, que contra elle conjurados estavao, para fazerem crer a ElRey, o que lhe tinhao dito contra o Infante, e contra sua lealdade, e amor. Dos quaes induzido ElRey determinou sahirlhe ao encontro com maõ armada: mas por ventura parecendo-lhe subeja melancolia, e a que a presença, de quem em tanta perfeicção o criara, poderia facilmente resistir, mandou estes seus adversarios. Os quaes sabendo, que o Infante receoso da sanha delRey se hia de Alcoentre para Lisboa, que já em algum tempo por elle fizera maravilhas, e então com razão se podiao esperar mayores, receosos de tudo isto, lhe foraõ atalhar o caminho com todo o exercito delRey, que era o mayor, que em Portugal até então se vira, trinta mil homens de pé, e de cavallo. Sabendo isto o Infante, que hia já além de Alverca, quatro leguas de Lisboa, parou junto a hum ribeiro, que se chama Alfroubeira, e alli se fortificou de maneira, para que resistindo á furia de seus inimigos, seus amigos, e irmãos, e a Rainha sua filha, e seus criados tivessem tempo para abrandar ElRey. E quando isto assim não succedesse, e o rompimento se não escusasse, que ao menos tinha es-

colhido



colhido lugar, onde como Príncipe acabaria, e não sem alguma vingança. Mas não aproveitando todas estas diligencias, e discurso, contra o desejo, que seus inimigos traziaõ de o extinguir; se tratou a batalha de parte a parte; e no mayor furor della, andando já o Infante apé, para mais á sua vontade soccorrer, e animar os seus, em que fazia maravilhas de sua pessoa, foy atravessado pelos peitos com hum a setta, que sahio dentre hum a cópia dos mais déstros besteiros do exercito, que para aquelle effeito foraõ escolhidos com dobrado soldo, e promessa de mayores mercês. Porque com a morte do Infante, entendiaõ seus inimigos, ficavaõ suas maldades encubertas, e El Rey cuidava, que ficava seguro. Logo o Infante cahio com o coração atravessado da setta, e muito mais atravessado de bem justo sentimento, que levava, por se não poder mostrar sem culpa de tantas maldades contra elle inventadas, ou vingar-se dos Authores dellas. Foy acompanhado na morte, e sentimento de muitos Fidalgos, amigos, e criados, e entre todos foy mais famoso o Conde de Abranches D. Alvaro Vaz de Almada, de quem dizia o Infante D. Henrique, que não sómente Portugal, mas toda Hespanha se devia deter por muy honrada em criar tal Cavalleiro. Ao qual, andando em seu esquadrão, na mayor furia do trabalho, foy dito, que o Infante jera morto. E porque, segundo depois se soube, elle, e o Infante tinhaõ feito entre si pacto jurado de morrer hum quando o outro: ainda que esta nova por esta razão era a da morte, não perdeu o animo, antes sahindose fóra da batalha, determinado já no que depois fez, comeo, e bebeo, e accrescentou mais armas: com asquaes apé, e novo coração, e forças renovadas se tornou á batalha, que ainda os soldados do Infante, ignorando sua morte, sustentavaõ: e tanto fez contra seus inimigos, que cansado de matar, e ferir nelles, sem em seu corpo receber alguma ferida, sendo de hum exercito todo accõmettido, vendo-se já do muito trabalho quasi sem alento, disse em altas vozes estas palavras. Oh corpo, já sinto, que não podes mais. Tu, minha alma já tardas; hora fartar rapazes, ou, como alguns dizem, hora vingar villanagem. E com isto se deixou cahir em terra, com os braços abertos

tos, e sem armas, onde como se fora algum bravo Leão que ainda depois de morto he temido, foy accommettido dos mais esforçados do exercito, e tão mal tratado, que hum delles, e não dos menores amigos na vida, lhe cortou a cabeça, e a levou a E Rey com esperança de mercê. E aquelle tronco, nunca vencido, foy logo feito pedaços, e sem sepultura desprezado, até que a requerimento de seu irmão bastardo João Vaz de Almada, Veador da fazenda del Rey, foy enterrado honradamente. Os outros Fidalgos, e Soldados companheiros, vendo se desbaratados, e em ultima perdição, quasi desesperados, se espalharaõ pelo arrayal, e primeiro que morressem, vingaraõ bem suas mortes. E os mais foraõ tratados de maneira, que se não pode dar sepultura ao corpo do Infante mais cedo, que dahi a tres dias; em os quaes esteve no campo sem candeya, nem cobertura, nem oração, que por sua alma se ouzasse dizer publicamente, nem com mais solemnidade, que a de qualquer soldado, e ainda contra vontade del Rey, e de seus conselheiros, que neste Infante quiserãõ mostrar o extremo, a que a miseria humana podia chegar. E seus filhos, e todas as mais cousas suas foraõ dahi em diante tratados com mais ingratição, do que sua fé merecia, e com menos clemencia do que convinha a Rey em todas as mais obras tão generoso. E com razão neste passo o Author da Chronica faz huma larga exclamação contra a fortuna, accusando a de cruel, ingrata, e injusta, com tanto desejo de a convencer com razoes, como se ellas fossem seu ordinario pasto, e mantimento: não querendo considerar, que he invenção de animos baixos, conceder tanto dominio á fortuna; pois o homem prudente, e cauto, domina as Estrellas, como diz o Sabio, zomba da fortuna, e faz mentirosos os Fados.

Passados os tres dias, que os conselheiros del Rey lhe persuadirãõ serem necessarios para a perfeição da victoria, por seu mandado se tirou exactissima inquirição entre os prezos criados do Infante: e nem nelles, nem em sua guardarroupa, e escritorios secretos, se achou contra sua lealdade cousa, que mais o offendesse, que seguir elle seu grado parecer, em se sair de Coimbra. Onde,



ou pela fortaleza da Cidade, ou pelo esforço de seu coração, ou pelos naturaes effeitos do tempo; se annunciava com razão bom successo em suas cousas. Esta foy a miseria da morte deste Infante, e as excellencias de sua vida, as que já delle me ouviste.

Com este lastimoso successo se causou tanto espanto em to to o Reyno, que dalli em diante, atemorizados os moradores delle de tão estranho acontecimento, a que cada hum approvava, ou condemnava, conforme sentia das cousas; começaram a gozar todos da paz, e tranquillidade: ainda que ella lhe não durou muito, porque a grandeza do animo del Rey Dom Affonso não cabia em tão estreita terra. Alguns neste passo carregão a mão em Dom Affonso, Conde de Barcellos, e Duque de Bragança, seu meyo irmão. Se tal he, parece, que ella injuria se vingou depois de neto a neto. Mas ainda que El Rey Dom Affonso permaneceu muito tempo em a grande fanha, que contra o Infante seu tio, e Sogro concebeo, todavia eraõ tantas, e tão raras em louvada excellencia as virtudes, e perfeições da Rainha sua mulher, e sabia elle conhecellas, e estimallas com tanto extremo, que não ouvindo, o que contra ella alguns errados entendimentos lhe diziaõ muitas vezes, nunca diminuiu cousa alguma em o muito, que lhe queria. Antes por entender lhe faria a vontade, e contra a de muitos, que o contrario lhe persuadiaõ, houve de dar honrada sepultura aos óstos do Infante Dom Pedro, em a Capella do Mosteiro da Batalha, no lugar, que por El Rey seu pay já tinha ordenado, e com muita pompa, e apparatus, ordenada pela Rainha sua filha, e solicitada pela Duqueza de Borgonha sua irmã, com hum a solemne embaixada, em que pedia a El Rey satisfação da honra do Infante seu irmão, e moderação de sua fanha contra seus filhos, e criados: oulhos mandassem todos, com os venerados óstos de seu pay, e senhor, para devidamente lhe fazer a mais honrada sepultura de Europa. Além disto perdoou El Rey a todos os culpados no caso do Infante Dom Pedro, e lhes mandou restituir todos seus bens: e em resposta desta embaixada declarou por carta sua; que nem o Infante Dom Pedro, nem os que com elle foraõ, cahiraõ em caso de traição.

As quaes cousas vistas pela Rainha sua mulher, e que seu coração estava satisfeito das duas cousas, que desejava verantes de sua morte, que eraõ deixar a ElRey seu marido filho varão, que succedesse nestes Reynos, e alcançar honrosa sepultura para os ossos do Infante seu pay; logo dahi a pouco tempo succedeo sua morte de fluxo de sangue, com suspeita de veneno, a dous de Novembro de mil e quatrocentos e cincoenta e cinco. A seu corpo mandou ElRey seu marido dar sepultura em huma Capella das do Cruzeiro da Igreja da Batalha, e se lhe fizeram as mais honradas exequias, que até aquelle tempo se tinhaõ visto nestes Reynos. Esta Rainha foy dotada de raras perfeições de pessoa, e animo, acompanhadas de muita prudencia, e religião, e de huma inaudita paciencia, e moderação de animo em as desaventuras, que vio a seu pay, e irmãos, sem nunca se diminuir nella hum ponto do amor, que a ElRey seu marido devia. E neste pouco tempo, que viveo Rainha, fundou de novo o Oratorio de S. Bento de Xabregas, junto a Lisboa, e o Mosteiro da Ordem de S. Joã, que chamaõ dos azuys de Santo Eloy: e lhe deixou vinte oito mil coroas de ouro, que ElRey seu marido lhe devia, que tudo elle cumprio inteiramente, comprandolhe com ellas muitas rendas, e herdades, de que aquelle Mosteiro se sustenta.

Depois destas tribulaçoens, e trabalhos, tendo ElRey Dom Affonso muita paz no seu Reyno, e firme amizade com ElRey Henrique IV. de Castella, mediante o matrimonio entre elle, e sua irmã Dona Joanna, que o Infante seu tio, no tempo de seu regimento solicitou, e acabou, o Papa Calixto III de nação Valenciano convocou os Principes Christãos de Europa, para com hum poderosa liga fazerem cruel guerra ao Turco inimigo commum da Christandade, e entre todos elles só ElRey Dom Affonso de Portugal, por ser Principe muy Catholico, e de grande coração, em que o Real sangue para muy grandes cousas sempre fervia, aceitou a empresa, promettendo servir a Deos nella com doze mil homens pagos á sua custa por hum anno: e o Papa lhe concedeo a cruzada, para a conquista de Jerusalem, inventada havia muitos annos: e por ElRey Dom Affonso solemnizada,



mandando em memoria della, e desta empreza, e para effeito della, lavrar nova moeda de ouro, que lhe vinha da Mina da Costa de Guiné, que o Infante Dom Henrique seu tio descobrira, e negociara, e poz-lhe nome Cruzados, que foraõ os primeiros neste Reyno, e do mais fino ouro, e sobido em toda a perfeição, mais que todos os Ducados da Christandade, para que por terras tão apartadas, que elle havia de passar nesta empreza, estimassem muito esta sua moeda, o que dantes senão fazia. Mas aproveitáraõ pouco todas estas diligencias, e o grande apparatus de guerra, que já tinha feito; porque succedeo no melhor tempo a morte do Papa Calixto, principal Ministro desta empreza: e os outros Principes Christãos para ella convocados, se envergonharaõ tanto, que ElRey de Portugal, que elles tinhaõ por menos poderoso, fosse só, o que aceitasse a Cruzada contra Turcos, e que para ella com tanto fervor se apparelhasse, como diziaõ, que claramente déraõ a entender, que se elle tal movimento fizesse; para com todos elles de tanto abatimento, em vingança da injuria, e quebra, que nisto recebiaõ, lhe haviaõ de ordenar taes cousas, e com tanta cautella, e astucia maquinadas, que por força desistisse da empreza com pouca honra sua, e muita perda de sua fazenda, e vassallos. Pelo que ElRey D. Affonso, cujo animo mal soffria não ver o fim ás cousas grandes, a que desse principio, pelas razoes sabidas, duvidando desta, que entre mãos trazia, mandou em seu conselho examinar todas estas conjecturas, e estratagemas menos catholicos, e pios, do que á necessidade presente convinha. As quaes bem consideradas, e conferidas com a honra delRey, e o pouco, que seu poder, sendo só, aproveitaria contra tão grande inimigo, apresentaraõ todos com muito zelo, prudencia, e Christandade, que ElRey devia mudar a empreza para a memoravel conquista de Africa, onde o exercicio de sua devoção lhe não faltaria, nem muitas occasioens; em que mostrasse o verdadeiro ramo dos reaes troncos, donde procedia. O qual elle aceitou, como mais conveniente meyo à sua inclinação, e contentamento, e na execucao delle não achou menos do que seu coração tanto desejava, nem o galardão, que aos semelhantes com muita razão se deve.

## CAPITULO VIII.

*Das conquistas del Rey D. Affonso V. de Portugal.*

**T**Anto que no conselho delRey Dom Affonso se asentou, que elle devia mudar sua bellicosa devoção contra infieis, na conquista de Africa, sobre que os Reys passados tanto tinhão trabalhado, logo elle se começou a apparelhar com cuidado, e diligencia, ajuntando em os portos de seu Reyno huma grande armada de duzentas e vinte vélas, com que deu principio á catholica conquista, passando em pessoa ao maritimo de Africa, em o anno do Senhor mil quatro centos e cincoenta e oito, e em sua companhia o Infante Dom Fernando seu irmão, Duque de Vileu; e o Infante Dom Henrique seu tio, Mestre da Ordem de Christo, e ouros muitos grandes, e Fidalgos. e toda a flor da Cavallaria de seus Reynos. Com os quaes desembarcou animosamente junto de Alcaccer Caguer, Cidade maritima, e muito forte, seis leguas de Ceuta, não longe do estreito: e ainda que a desembarcação era muito difficullosa de natureza, e em sua defensão muitos Mouros de cavallo se mostraraõ valentes, todavia os Portuguezes o fizeraõ com tanto animo, e ousadia, que sobre todas estas difficuldades, não se pode averiguar, quaes foraõ os segundos, dos que primeiro á força de armas tomaraõ terra. E porque se tinha entendido, que, se a Cidade fosse soccorrida, seria a conquista sem effeito, logo a mandou combater, e se fez com tanto valor, e esforço, que não valendo aos Mouros, que dentro se acháraõ em sua defensão; fazerem maravilhas, foy entregue a Cidade em o primeiro combate, que se lhe deu fortissimo por ordem, e esforço do Infante D. Henrique, que com sua admiravel prudencia d'elle mandou senaõ desistisse, nem se aceitassem os partidos de treguas, que os Mouros commettiaõ de muy poucas horas, em que elles esperavaõ o remedio de sua salvação. Com o qual ficou a vitoria perfeita; e os Portuguezes seguros de serem molestados; e os cercados soccorridos dos bellicosos Alarabes, que não longe dalli em seus Aduares andavaõ para semelhantes ajudas diligentissimos. Mos-



traraõ-se neste dia todos os Fidalgos, e Cavalleiros Portuguezes com tanto fervor, e competencia de honra; que, o que menos trabalhava, parecia toda a empreza tomava á sua conta. E assim com este brio, e com a presença delRey, que aos mayores perigos achavaõ sempre diante, e com a do Infante; velho na prudencia, no esforço; e no bellico artificio, alcançaraõ humas das grandes vitorias, que naquellas partes se viraõ, e com menos damno, e perda, que muitas mayores. Foy esta vitoria em dia de S. Lucas, deoito de Outubro de 1458, em o qual entrou ElRey com tanta, e triumphal procissão, em Alcacer Ceguer, que quer dizer Villa-pequena, e nella, depois de bem fortificada, deixou por Governador, e Capitão general a D. Duarte de Menezes, famoso Cavalleiro; que por muitas obras de Cavallaria o tinha bem merecido: e por estas, e outras, que depois fez, veyo a ser Conde de Vianna. Era filho bastardo de Dom Pedro de Menezes, Conde de Valença, e primeiro Capitão, e Governador da Cidade Ceuta, em tempo delRey D. João de Boa-memoria, que a conquistou. Deixadas as cousas de Alcacer em conveniente estado, se foy ElRey Dom Affonso a Ceuta, e vendo a fortaleza, e grandeza della, e trazendo á memoria a'presteza, com que seu avô a conquistou, e o muito, que lhe custara Alcacer, principalmente considerando o nome Ceguer, que em Arabigo quer dizer cousa pequena, não se houve por satisfeita a grandeza de seu alto animo; que suspirava por mayores cousas. E ainda ElRey de Fez lhe servio de mayor estímulo, antes que elle se partisse para este Reyno; por que ajuntando o Mouro trinta mil de cavallo, e de pé grandissima quantidade; muitas bombardas grossas, em que havia hum, que lançava pelouro de pedra de quatro quintaes de pezo; grande numero de tiros de fogo, e outros instrumentos bellicos: com esta maquina de guerra veyo sobre Alcacer, e com tanta estreiteza o cercou, que nem ElRey de Portugal, que em Ceuta estava com todo seu poder, lhe pôde dar soccoro, e nem bastou aos cercados fazerem maravilhas em sua defensão, para que os Mouros desistissem do trabalhoso cerco, parecendo-lhes aquella pequena empreza, regulada com o seu grande poder,

poder, e pertinacia. Mas nem todo elle, nem as invençoens bellicas, e acceza vontade dos Mouros, nem a falta de mantimentos, que aos Portuguezes apertava muito, lhes fez mudar a opiniaõ, nem enfraquecer o animo. Antes determinando-se entre elles ser necessario matarem os cavallos, para se aproveitarem delles, e da cevada, que comiaõ, Dom Duarte de Menezes, seu Capitaõ mór, não consentio, que tal se fizesse; e foy de parecer lhes não dêssem a comer, lenaõ palha. Mas que antes de os meterem nesta provisãõ, sabissem primeiro com elles, e dessem hum assalto aos Mouros, que tinhaõ entendido, estavaõ já os cavallos mortos, ou comidos, pelas necessidades, que sabiaõ havia entre elles. E parecendo bem este heroico conselho, pouco mais de trinta, todos Fidalgos, e grandes Cavalleiros, sahiraõ em os melhores cavallos, e por Capitaõ Dom Henrique de Menezes filho do Capitaõ mór, que este dia deu clara mostra do esforço, e cavallaria, que depois lhe viraõ, os quaes de tal maneira se houveraõ com os Mouros com o seu braço, e espanto de cousa taõ pouco esperada, que pozeriaõ em desbarato hum a grande multidãõ delles, matando muitos, e fazendo cada hum delles taes maravilhas, que sem alguma se não pôde fallar nellas. Nesta escaramuça usou Martim de Tavora de huma estranha, e confiada fidalguia, livrando dentre os Mouros, e em notavel perigo da vida a Gonçallo Vaz Coutinho, seu grande inimigo, e depois de salvo, e livre, ficaraõ como dantes em sua inimidade mortal. Com estas obras taõ espantosas, e fóra das que elles podiaõ esperar de taõ pouca gente, e que elles comrazaõ imaginavaõ taõ fraca, e vendo sua contumacia sem remedio de effeito, entrado já o anno de mil quatrocentos e cincoenta e nove, a dous de Janeiro levantáraõ o cerco vergonhosamente, depois que nelle permaneceraõ cincoenta e tres dias. E estimou El Rey D. Affonso tanto esta vitoria, por ser alcançada quasi ante seus olhos, que todo seu poder não foy bastante a dar soccorro, que a todos, os que lhe pediaõ alviçasas, fazia mercê: e era esta sua alegria a elles taõ notoria, que muitos corriaõ a esta parte de cobiça, e todos vinhaõ contentes.



Queixoso ElRey de Fez, e com razão sentido de os Reys de Portugal se arreigarem tanto em suas terras, considerando, que de dia em dias lhas iriaõ conquistando todas, por atalhar isto, (que com razão receava, e depois se vio claramente) ajuntou hum grande, e poderoso exercito, fazendo, que os Mouros se convocassem huns aos outros, como á commum perda de todos, e como os Alcaldes, e Fidalgos de sua Corte, veyo outra vez, e no mesmo anno, sobre Alcacer, e appareceo com tão espantosa mostra, e soberba, que, se dentro naõ estiveraõ Portuguezes, cujo animo nas cousas mais perigosas acha seu conveniente pasto, podera causar grande temor, e espanto. Dom Duarte de Menezes, como prudente Capitão, conjecturando com receyo tão grandes apparatos de guerra, tinha já mandado pedir soccorro ao Reyno: e nelle se poz tanta diligencia, que grande numero de Fidalgos, e pessoas principaes de todaa idade, se embarcaraõ voluntariamente: os moços, para ganharem honra, fugiaõ para o cerco, e os velhos, para conservação da ganhada, nenhum quera ficar. Com este soccorro, e com o incançavel animo do Capitão, naõ estimavaõ os cercados o poder contrario, posto que de humas bombardas grossas, com que muito a miudo os combatiaõ, podera nascer grande pavor a qualquer oulado animo. Mas o Capitão mór Dom Duarte, cujo coração com esforço, e segurança, destes medos, e de outros mayores andava sempre privilegiado, a tudo acudia com tão admiravel providencia, que seu trabalho, e diligencia parecia sobre natural, e sendo no mesmo acompanhado de muitos, veyo ElRey de Fez com todo seu numeroso Arrayal a levantar o cerco, depois que nelle esteve cincoenta e tres dias, em vinte e quatro de Agosto de mil quatro centos e cincoenta e nove.

1459.

Com tamanha vitoria alcançada veyo o Capitão D. Duarte de Menezes a Portugal ver ElRey, e darlhe conta do que lhe parecia ácerca da conquista daquellas partes, a que ElRey se mostrava notavelmente afeiçoado. O qual, em remuneração de tão bons serviços, o fez Conde de Vianna de Caminha no anno do Senhor mil quatro centos e sessenta.

E por

E porque entre Alcacer, e o mar, havia certo espaço de terra, em que os Mouros continuavaõ com suas ordinarias emboscadas a impedir os mantimentos, e mais cousas, que aos Portuguezes se levavaõ: a seu requerimento mandou ElRey fazer della até o mar hum muro dobrado, e fortissimo; com tanta diligencia edificado, que quando os Mouros o souberaõ, já estava feito; mas não com tanta facilidade, que não custasse muito sangue de Portuguezes, e vidas de Mauritanos. Mas com elle ficou a Cidade segura, e o impedimento dos barbaros atalhado, e ElRey D. Affonso com tanto animo para continuar as conquistas Africanas, que determinou aposentar-se em Ceuta com dous mil homens de cavallo sómente, para que dahi, mais como Capitão, que como Rey, fizesse guerra aos Mouros. Mas sendo-lhe muito contrariado do Infante seu irmão, e o Senhor D. Pedro seu cunhado, e tambem porque lhe sobreveyo grave enfermidade, não proseguio deste modo a guerra.

Dom Fernando filho mayor do segundo Duque de Bragança, querendo accrescentar em sua honra a cavallaria, que he o melhor ornamento della, se foy a Africa, e com Dom Affonso de Vasconcellos, que depois foy Conde de Penella, e o Conde Dom Duarte de Menezes, Capitão mór de Alcacer, fez honrosas entradas, e cavalgadas de proveito, com que alcançou nome em Africa, e em Portugal foy feito Conde de Guimaraens; e depois, quando casou com Dona Isabel filha do Infante D. Fernando, ainda em vida do Duque seu Pay, foy intitulado Duque de Guimaraens.

Com tão fervente cuidado entendia ElRey Dom Affonso na conquista de Africa, que logo no anno seguinte mil quatrocentos e sessenta e tres, passou outra vez áquellas partes com poderosa armada, e lustrosa companhia de Cavalleiros; e Nobreza de seu Reyno. Com os quaes, porque lhe faltava o Infante Dom Henrique, em semelhantes cousas já muito experimentado, não fez mais, que algumas entradas pelas terras dos inimigos, em que, se algum damno fez; tambem trouxe sua parte; porque o fresco sentimento, que ainda os Mouros tinhaõ da perda de Alcacer, os estimulava á cruel vingança.



vingança, e em semelhantes perigos! hez ensinava não serem preguiçosos. E por esta causa, e pela pouca ordem, e pouco segredo, com que o Infante Dom Fernando, sem licença del Rey, commetter o escalamento de Tãgere, succedeo tão delestrado fim. Porque, ainda que foy commettido com trato, e estratagemã, e com os principaes Fidalgos, e Cavalleiros em nobreza, e esforço, ainda que poucos, to lavia depois de entrados na Cidade em huma noite escura, tão mal se souberão ordenar, que sendo sentidos dos Mouros, que naquelle Cidade estavaõ entãõ de fresco em grande numero, e entre muitos escolhidos, foraõ mortos duzentos Portuguezes, e cativos trezentos, que foraõ todos, os que dentro entraraõ. E assim pagáraõ huns a subeja outadia de seus animos, e outros a desordenada lealdade, em que se quíseraõ mostrar notaveis contra o parecer de outros muitos, a que a longa experiencia, e idade fazia conhecer de longeos perigos. Mas o Infante passou por todos os inconvenientes, porque o seu alto coração, que sempre suspirava por grandes empresas, não se contentava fazer alguma de baixo da capitania de outro, ainda que fosse hum grande Imperador, opiniaõ, que lhe houvera de custar a vida, pela desordem de todos. A qual foy tão conhecida, e estranhada dos proprios Mouros, que preguntando alguns, se entre os mortos, e cativos se acharia o Conde Dom Duarte de Menezes, que à sua custa elles conheciaõ bem, e desejavaõ muito, respondeo hum Mouro velho, e de muita authoridade: Que não buscassem o Conde, porque na desordem, que vira nos Christãos, entendera, que não vinha entre elles. E porque El Rey Dom Affonso, que a este tempo estava em Ceuta, com todas estas empresas senaõ mostrava satisfeito; porque nellas senaõ vira ainda em alguma travada peleja de Mouros, em que desejava provar o seu braço, mostroulhe sua fortuna este desejo tão cumprido, que lhe houvera de custar a vida, indo correr a Serra de Bannacostu, entre os Alarabes famosa em bellicosos Cavalleiros. E experimentou El Rey esta verdade tanto á sua custa; que chegaraõ os Mouros, na força da escaramuça, a lhe dizer muy alegres, que não queriaõ com elle mais paz, nem tréguas; porque aquelle era

ora o alegre dia de sua vingança. E apertárao tanto com elle, que senão atreueo a mais, que retirárlle, encômen- dando a sua gente ao Conde Dom Duarte de Menezes, que, por defender ElRey, e salvar os Cavalleiros, fez tantas grandezas em armas aquelledia, que se podem haver por compendio, e recopilação das muitas, que ja tinha feito em sua vida, que aqui lhe faltou: mas ainda para mayor gloria sua foy ordenada com desastre. Por- que tendolhe os Mouros morto o cavallo, e a elle mal ferido; e querendo cavalgar em outro, que seu cunhado, o Conde de Montanto, lhe deu, não pôde alcançar a sella com a perna, que tambem ferida tinha, antes tocando com a espora na anca do cavallo, elle se parou tão furio- so, que aos couces o lançou de si tão atormentado, que sobreveyo grande numero de valentes Mouros, depois que a pé quedo (como dizem) vingou bem sua morte. ElRey, e os mais se recolherão com grande trabalho, e não menos louvor do Conde de Villa Real D Fernando; o qual vindo sempre atraz com seu braço, e acôrdo, escu- tou muito damno a ElRey, que em satisfação desta obra lhe disse depois de estar em salvo: A fé, Conde, ficou hoje toda em vós: e partindo-se para Ceuta, no caminho fez vir entre si Dom Henrique de Menezes, filho herdeiro do Conde Dom Duarte, e o consolou com louvores da hon- rada morte de seu pay, esperanças de mercês, que lo- go cumprio, fazendo o Conde de Valença, e depois de Loulé, e as mais terras, que seu pay tinha, tirando Vi- anna. Desta vez estando ElRey em Ceuta, vieraõ Embai- xadores dos estados de Catalunha buscar o Condestable Dom Pedro, seu primo, e cunhado, para o levantarem por seu Rey, e de Aragoão, que diziaõ lhe pertencia por parte de sua mãy, filha do Conde de Urgel, e de Dona Isabel, filha delRey Dom Pedro IV. de Aragoão. Com os quaes o Condestable, depois de pedida licença a ElRey seu cunhado, se foy sem ella, bem acompanhado de al- guns Fidalgos, e Cavalleiros deste Reyno, que volun- tariamente, e contra parecer de alguns grandes, o quise- raõ seguir, assim por suas nobres condiçoens, como tam- hem pela clara memoria do Infante Dom Pedro, seu pay: cujos criados eraõ alguns delles, e cutton particulares



amigos: hum dos quaes nella occasião se mostrou muito; que foy o Conde de Villa Real Dom Fernando, Capitão mór de Ceuta; porque não podendo acompanhalo em pessoa, lhe fez hum presente de muita prata lavrada, rica tapeçeria, cavallos, e camas, em tanta abundancia, e perfeição, que muitos lhe invejaraõ esta grandeza, e nenhum o imitou nella. Com esta nobre companhia chegando a Barcelona o Condestable (que dignissimo era, por sua formosa presença, de augustissimo Imperio) foy pelos Catalaens, segundo os fóros, e privilegios de Aragoã, levantado, e jurado por Rey de Barcelona. Onde sendo obedecido, e como tal sempre tratado, depois de muitas contendas, guerras, e batalhas, que animosamente passou com El Rey Dom João de Aragoã, pay de Dom Fernando, Rey de Castella, veyo a fallecer com su' peita de veneno: genero de morte, que muito se ulava naquelles calamitosos tempos.

E não cessando El Rey Dom Affonso de continuar a santa guerra, mandou da hi a poucos annos o Infante Dom Fernando, seu irmão, a Africa; em a qual entrando poderosamente, fez muita guerra aos Mouros, alcançando delles algumas vitorias, com que tornou a Portugal vitorioso, deixando conquistada Anafé Cidade maritima naquella costa. Com a qual não se havendo El Rey ainda por satisfeito das quebras passadas, e vendo-se florescente, e seu Reyno cheyo de esforçados Cavalleiros, e apercebido de armas, e riquezas para commetter qualquer grande empreza, determinou tornar em pessoa a Africa; tão poderosamente, que nella não achasse resistencia. E assim executando logo, o que desejava, fez em muito breve tempo grandes aparelhos de mar, e terra, em duzentas e vinte velas, com que partio de Lisboa em quinze de Agosto de mil quatro centos setenta e hum, com o mayor, e mais poderoso exercito, que elle, nem seus progenitores, nem os que depois d'elle succederaõ, levarãõ a Africa; porque dizem, que seu numero chegava a trinta mil combatentes. Levando tambem em sua companhia toda a nobreza, e cavallaria de seu Reyno, e entre os de mayor conta levava, Dom Fernando, Duque de Guimaraens; Dom João, Conde de Marialva; Dom Alvaro de Castro,

Castro, Conde de Monsanto, e seu filho Dom João de Castro; Dom Henrique de Menezes, Conde de Valença; Ruy de Mello seu Guarda-mór, que depois foy Conde de Olivença; Dom Affonso de Vasconcellos, que depois foy Conde de Penella, e outros muitos, ainda que por dignidades de honras, e estados não conhecidos, por seu esforço, e militar excellencia ahlás insignes. E tanto desejavaõ todos estas occasioens de honra, e fama em serviço de Deos alcançada, que sabendo ElRey, que muitos delles permaneciaõ em mortaes odios, e excõmunhoens publicas, e mandando, que nenhum se embarcasse, até que todos fossem primeiro absolutos, e reconciliados, elles o fizeram com tanta nobreza, e cuidado, que logo se concordaraõ em amor, e amizade, e satisfizerãõ inteiramente. E pode mais com elles a esperança de ganhar honra na guerra contra os inimigos de Christo, que todos os mais interesses, e mandados, e prohibiçoens da Igreja Catholica. Causa, que poucas vezes acontece no mundo, trocar as suas honras, e interesses, pelo perigo, e trabalho de servir a Deos na guerra contra Infieis. E porque naquelle tempo em Portugal não havia poder bastante para se conquistar a Cidade Tangere, contra a qual as perdas passadas mais estimulavaõ a todos, determinãõ se conquistasse Arzilla, Cidade nobre, e tambem naquella maritima costa situada. A' vista da qual chegando com toda a força ElRey Dom Affonso, foy o primeiro, que saltou em terra, e pelo menos se affirma, que não foy o segundo: no que foy acompanhado de todos os mais, que animosamente logo tambem desembarcaraõ. E dia de S. Bartholomeu commetterãõ a Villa com tanto fervor, e esforço, que por escadas, por lanças, e com toucas de lenço subiaõ aos muros, muito fortes, e bem defendidos. Mas elles ajudados de Deos, em cujo serviço aquella obra se fazia, daquella maneira entraraõ na Villa, e não foy com tão pouca resistencia, que não morressem muitos, e honrados Cavalleiros, e Fidalgos bem conhecidos, e entre elles o Conde Dom João Coutinho acompanhou o numero com a morte, e com obras fez companheiros a seu corpo muitos outros de valentes Mauritanos. E Dom Alvaro de Castro, Conde de Monsanto, Camareiro mór delRey, e



a elle muito aceito por sua prudencia, e esforço, que com outros muitos, e muy nobres Cavalleiros, e Fidalgos, em feitos de armas já muito experimentados, que também alli acabaraõ as vidas: foraõ estimadas estas mortes em muito mayor preço, do que valia tamanha vitoria: na qual foraõ mortos dous mil Mouros, e cativos cinco mil, e o despojo, que nesta Cidade se tomou, foy estimado em oito centos mil cruzados, de que ElRey fez mercè a cada hum, como lhe coube em sorte. E o Principe Dom João se mostrou tanto, assim no valor de sua pessoa, como no conselho, e prudencia, com que a tudo açudia, e provia do necessario, que sua vista para ElRey seu pay foy o mayor gosto da vitoria. E em memoria deste seu bem occasionado contentamento, o armou Cavalleiro em idade de deza seis annos, e quando as ceremonias se faziaõ, estando junto delles deitao o corpo do bom Conde de Marialva, disse ElRey ao filho, que Deos o fizesse bom Cavalleiro, como aquelle Conde. Fez também a Mesquita em casa de Oração da Invocação de Nossa Senhora da Assumpção, em memoria; e porque naquella dia partio ElRey Dom João seu avó, quando tomou Ceuta aos Mouros, e porque em tal dia venceo a batalha Real de Aljubarrota, e no mesmo nasceo, e morreo, e elle também no proprio dia partio de Lisboa para aquella conquista, de que Nosso Senhor entaõ lhe fizera mercè acabar com vitoria. Depois querendo gratificar taõ gloriosas mortes, deu liberalmente os Condados aos successores dos Condes mortos, e aos outros fez tantas mercês, que se houveraõ por satisfeitos, e fez Capitaõ mór de Arzilla, e de Alcacer, ao voleroso Dom Henrique de Menezes, Conde de Valença, filho do famoso D. Duarte de Menezes.

Esta taõ breve vitoria, e conquista de Arzilla poz tanto temor, e espanto aos Mouros da Cidade Tangere, que logo como della foraõ certificados, naõ ousando esperar a potencia de taõ invencivel Principe, se sahiraõ della com muita pressa, deixando-a deserta, e a seus inimigos entregou huma Cidade muito populosa, e forte, nobilissima Colonia dos Romanos, feita pelo Imperador Claudio, e por elle mesmo chamada Julia Tradusta, e

taõ antiga, que a fundação della attribuem ao Gigante Anthêo. Sendo ElRey avisado deste desamparo, entrou logo nella a vinte e oito do meſmo Agosto, ſem contradicção alguma, mas com muita alegria, e gloria de todos. Ainda que não falta quem afirma, que entrou ElRey muy triste, e póde ſe crer tudo delle; porque era taõ bellicoſo, que não eſtimava a vitoria, que lhe não custava muito: quanto mais, que o faria, por não achar reſiſtencia, em que o ſeu alto animo quebraſſe ſua furia, pela morte, que alli padeceo o Infante Santo Dom Fernando ſeu ſtio. Affim que apoderado ElRey de taõ nobre Cidade, e deixando por Capitaõ della Dom Rodrigo de Mello, ſeu Guarda-mór, que depois foy Conde de Olivença, e naquella provincia muitas terras debaixo de ſeu Imperio, e muitos Mouros tributarios, ſe tornou ao ſeu Reyno glorioſo, e triunfante. Onde com novas dignidades, novos ſenhorios, e avantajadas mercês, gratificou a ſeus vaſſallos o trabalho, que neſta jornada paſſáraõ, fazendo neſta occaſiã Conde de Penella a D. Affonſo de Vaſconcellos ſeu ſobrinho. E he couſa digna de muita conſideração, que em trinta e tres dias, deſde que ElRey partio de Liſboa, começou, e acabou tantas, e taõ grandes couſas.

## C A P I T U L O IX.

*Das differenças, que ElRey D. Affonſo trouxe com Caſtella; ſeus trabalhos, e morte.*

**N**ÃO foraõ baſtantes todos eſtes triunfos; e vitorias, alcançadas em Africa, para que a varia fortuna deixaffe de fazer ſeu ordinario officio cá em Heſpanha, ordenando as couſas delRey Dom Affonſo de maneira, que eſtimulado do ſeu bellicoſo animo, e com deſejo de accreſcentar ſeu eſtado, acceitaſſe o Matrimonio de ſua Sobrinha Dona Joanna, filha de Dom Henrique IV. Rey de Caſtella, e com ella a Coroa de Caſtella, pelos grandes daquelle Reyno offerecida: donde ſe lhe ſeguirãõ os trabalhos, que variamente ſe contaõ em Portugal, e Caſtella, e pelas Chronicas de ambos os Reynos ſãõ baſtante-mente referidos, e taõ encontrados em ſuas relaçoens, que



que só para os conciliar, era necessario outro mayor volume. Alguns dos quaes o fizeram com menos decencia, do que a tão altas peiloas convinha, e era licito a alguns dos Authores dellas: a quem mais toleravel fora serem havidos por ignorantes, que com tanto atrevimento afirmar cousas sem certeza, e de tanto escandalo. E não considerando El Rey Dom Affonso, que o mal da guerra era tão certo, como o bem da vitoria duvidosa, entrou em Castella com cinco mil e seis centos homens de cavallo, e quatorze mil de pé. E em lembrança da Rainha Dona Isabel sua mulher, de que estava viuvo, levava em o seu Guiaõ Real por divisa hum rodizio com gottas de agua esparzidas ao pé. Chegado á Cidade Placencia foy publicamente jurado por Rey de Castella, e juntamente espozado com Dona Joanna sua sobrinha: e com ella se foy á Cidade Touro, que era huma das que sua voz sustentavaõ: onde logo appareceo El Rey D. Fernando de Aragoã, que estava casado com a Rainha Dona Isabel, irmã del Rey Dom Henrique IV. de Castella, a quem alguns do Reyno fizeram, que succedesse, e fosse jurada por Rainha: e por esta causa El Rey seu marido com todo seu poder sahio ao encontro a El Rey de Portugal. Mas não ousando commettello, pela prova, que experimentou em algumas escaramuças, se voltou tão vergonhosamente; que, se entãõ El Rey Dom Affonso se quileira aproveitar da occasiãõ, tinha o negocio acabado. Mas todavia dalli se foy á Cidade de Çamora, a Penhafiel, e a Baltanaz, que tomou por força de armas; e junto a ella prendeo o Conde de Benevente, muy poderoso Senhor em Castella, que vinha com bom exercito de vassallos seus, fazer alguma boa cavalgada no exercito Portuguez. Desta maneira se andou El Rey apoderando de muitos lugares e fortalezas: etendo já muitos de sua opiniãõ, estando em Çamora vitorioso, foraõ-lhe mortos muitos Fidalgos, Soldados, e Cavalleiros em a ponte della por traição do Alcaide, que a tinha da sua mãõ. O qual metendo dentro gente del Rey Dom Fernando, e ajudado da fortaleza da Ponte, pode tratar tão mal a El Rey Dom Affonso, que quasi defatinado, vendo a inconstancia dos Castelhanos, que por amigos tinha; receando muito mais as

traições,

traçoens, tanto contra seu gosto começadas, se sahio da Cidade, e se foy a Touro com a Rainha Dona Joanna. Donde acompanhado já do Principe Dom João seu filho, que de Portugal era chegado com gente de pé, e de cavallo, foraõ ambos cerca Camora. Mas não a podendo entrar logo, estando nesta confusão, chegou ElRey Dom Fernando, que não cessava de ajuntar gente de guerra, como para tão importante empreza era necessario, e com hum poderoso exercito, que apresentou a batalha; que por ElRey Dom Affonso não foy aceita, determinou retirar-se a Touro, e ahi ajuntando todo seu poder; que espalhado tinha, acabar de huma vez a guerra: mas encontrando-se ambos os Reys nos mesmos conceitos, foy o delRey Dom Affonso impedido, e quasi constringido, e sem ordem a esperara batalha, entre aquellas duas Cidades: onde se pelejou com tanto fervor, e tão grande desejo de vitoria, que ambos os Reys ficaraõ vencidos, e os seus Capitaens vencedores: caso digno de muita consideração: o Principe Dom João de Portugal venceo a parte do Exercito, em que ElRey Dom Fernando estava, que da batalha se sahio, quando a vio já quasi desbaratada. E ElRey Dom Affonso fez o mesmo, depois que o exercito contrario se mostrou superior, pela muita multidão dos Soldados, e Fidalgos de Castella. Mas ficaraõ tão espantados da vitoria do Principe D. João, que não bastou, a que tinhaõ alcançado, para que o medo não fizesse seu natural effeito, não osando commetter o Principe antes, se anoite, que sobreveyo, não fora tão escura, e medonha com aguas, e relampagos, e frio insupportavel, sempre ficaraõ tambem como seus companheiros, e neste temor estiveraõ, até que chegou o dia, em que logo vergonhosamente desapareceraõ, e o Principe victorioso, sem receber em sua gente rota, nem destroço, houve-se por herdeiro de toda a vitoria, e em confirmação della esteve toda aquella noite, e ao outro dia no campo: e querendo estar mais, o Arcebispo de Toledo lhe aconselhou o não fizesse, porque em tão aspero tempo tres horas bastavaõ pelos tres dias, que o costume requeria. Estaõ se recolheu á Cidade Touro, e tratou de buscar ElRey seu pay D. Affonso, de que se não sabia partes:



parte; porque aquella noite, em que se deu a batalha, se sahio della, e sem alguma outra companhia, foy ter á Villa de Castro Nuno, que ainda por elle estava, e sendo recebido do Alcaide como senhor della, comeu, e repousou, e diz o nosso Chronista, que se chamava Pedro de Mendanha, e que era de nação Fidalgo Castelhana, mas no amor, e lealdade bom, e verdadeiro Portuguez.

Depois desta batalha passáraõ mais alguns encontros os Reys Dom Fernando de Castella, e Dom Affonso V. de Portugal, em que sempre os Portuguezes ficavaõ vencedores, e fienãõ fora hum aviso secreto, houveraõ de prender a Rainha Dona Isabel de Castella, em huma emboscada; e com outra tambem por outro aviso, se livrou de ser desbaratado El Rey Dom Fernando. Mas os Fidalgos Castelhanos, que antes ajudavaõ El Rey Dom Affonso, depois da batalha de Toro, e traicão de Camora, se resfriaraõ muito, e se recolheraõ quasi todos a suas terras. Neste desamparo deixou El Rey Dom Affonso em os lugares de Castella, que sua voz sustentavaõ, bastante guarnição de Soldados Portuguezes, para se poderem defender, até que elle voltaße de França, onde determinava hir em pessoa buscar ajuda para recuperar a perdida honra, e Reyno: e para isto se veyo a Portugal, onde ainda de caminho em a Cidade de Miranda fez primeiro Conde de Abrantes a Dom Lopo de Almeida, que era seu Veador da fazenda, e em outras obras o tinha bem merecido:

E porque o seu animo, costumado sempre a vencer, não sofria aquietar-se com tamanha quebra, logo se partio para França, acompanhado, e servido de dous mil homens os mais delles Fidalgos, e especiaes Cavalleiros: e o Principe seu filho continuou com o governo do Reyno, que por seu mandado já exercitava. Mas em França, ainda que foy bem recebido del Rey Luiz XI. foy do mesmo indignamente enganado. Porque lhe respondeo, que pedisse ajuda ao Duque de Borgonha seu primo, e que quando lha não podesse dar, acabasse com elle lhe não fizesse guerra, para que entaõ o podesse ajudar como á necessario le convinha: com este desengano se foy El Rey Dom Affonso a Borgonha, e representada sua necessidade;

é a resposta de França, o Duque lhe respondeo; que o não podia ajudar, pelas porfiadas guerras, em que andava occupado contra o Duque de Lorena, mas que o aconselhava procurasse por outra via seu intento; porque já ouvira dizer, que os Castelhanos folgavaõ de vender fortalezas, e que elle sempre houvera por melhor, e mais barato compralhas por dinheiro, que por guerra: com tudo isto lhe offereceo tudo, o que podesse, e fez logo paz, e amizade com ElRey de França: mas como logo depois succedeo morrer o Duque nas guerras, em que andava junto á Cidade Nanzi, por esta morte não pouco famosa, vendo-se ElRey de França desallombrado desta parte, que notavelmente o inquietava, negou logo a ElRey Dom Affonso, o que lhe tinha promettido, entretenendo-o com enganos, e falsas mostras tão descubertas, que logo foraõ de todos entendidas. Pelo qual vendo ElRey, que a esperanza para as cousas de Castella não lhe respondia conforme a seu proposito, e sabendo, que não fora por falta de animo, e diligencia, e que em Portugal, e Castella, Roma, França, e Borgonha tudo, o que para sua empresa pareceo conveniente, e necessario, lhe faltara, e que todos os outros meyoys, e caminhos estavaõ occupados, consideradas todas estas cousas, parecendo-lhe, que todas estas contradicções não podiaõ ser sem vontade de Deos assim ordenadas, determinou consigo, como desconfiado dos remedios do mundo, deixallo, e passar se a Jerusalem, onde servindo a Deos na guerra contra os Infiéis, acabaria a vida, que de tantos infortunios via cercada. E para o fazer com mais segredo, se partio quasi ló, e deixando em hum cofre certas cartas, e regimento para o seu Reyno, em que mandava toda a ordemja todas as cousas de sua obrigaçõ, e que o Principe Dom João seu filho fosse logo levantado por Rey, e como a tal lhe obedecessem todos: e deixando toda sua companhia sem sua presença confusos, e de o não acharem lastimados, se poz ao caminho a vinte e quatro de Setembro de mil e quatro centos e setenta e sete. Mas não lhe valeraõ todas estas diligencias, para que não tornasse a seu Reyno, onde foy recebido de seu filho, e vassallos com o respeito, e alegria, que sua benigna con-

1477



479.

dição mereceo sempre. E não querendo, que o Príncipe deixasse o titulo de Rey, e soberano dominio, como logo pertendeo fazer: veyo todavia por importunaçoens de muitos a aceitallo, pedindo com muita instancia ao filho, que se chamasse, e fosse Rey de Portugal, que elle se contentava ser Rey dos Algarves com a parte de Africa já conquistada, onde na guerra contra Mouros folgaria acabar a vida. E porque nem ainda este meyo, conveniente a seu desejo, consentio o Principe, ficou elle outra vez com o Plenario poder, e dignidade Real; e em estado, a seu parecer, de notavel abatimento, em o qual depois de varios acontecimentos de guerra entre Portugal, e Castella, em que de huma, e outra parte havia perdas, e proveitos, vieraõ a se concluir pazes entre ambos os Reynos a quatro de Setembro de mil e quatrocentos e setenta e nove, que foraõ perpetuas sem alguma limitação: mas que cada hum deixasse o titulo do outro, e Dona Joanna tambem, nem se chamasse Rainha, nem Princeza, nem Infanta, e outras muitas clausulas, e condiçoens, aqui pouco necessarias, e entre ellas, que o Principe D. Afonso de Portugal, cazasse com Dona Isabel Infanta de Castella, e a Senhora Dona Joanna com Dom João Principe de Castella. E que se pozessem todos em deposito de terceiros (que por isso naquelle tempo se chamava terçaria) em poder da Infanta Dona Beatrix, mulher de Dom Fernando Infante de Portugal: e se o Principe de Castella, chegando a idade conveniente, não quisesse casar com a senhora Dona Joanna, ella fosse livre da terçaria; e lhe fossem entregues todas suas escrituras, e mais houvesse para si em Castella cem mil dobras de ouro da banda ou a Cidade Touro em penhor, com suas rendas; e jurisdicção, e de sua pessoa podesse fazer, o que mais quizesse, e que se nenhum destes partidos quizesse aceitar, que entrasse em Religião de clausura em hum de cinco Mosteiros, logo alli nomeados. Mas ella, vendo dous meyos para seu gosto tão duros, escolheo o que mais conveniente lhe pareceo para sua alma, e não com menos força alheya, que sua propria tristeza, acompanhada de tristes lamentaçoens suas; e de seus criados, deixou o titulo de Rainha, despio os brocados, e sedas, tirou da cabeça a

Coroa

Coroa de Castella, e Portugal, e com ella os seus prezados cabellos, e como qualquer pobre denzella entrou em o Mosteiro de Santa Clara de Santarém com titulo de excellente senhora. Mas porque na execucao destas cousas, a que a necessidade de outras muitas mostrava ser assim conveniente, o principal Ministro, e diligente executor, foy o Principe de Portugal Dom Joaõ, mostrando exceder o modo contra esta senhora, por ventura pela esperança de ver a seu filho Rey de Castella: querem alguns haver, que elle ficou bem castigado, quando em vida da mesma excellente senhora, e ante seus olhos, vio em tão breve tempo a seus pés morto o seu querido filho, para quem tantos mundos desejava: trocando todas as Reaes pessoas nesta morte os brocados, e sedas por burel; a gloria, e alegria por tristeza, a conversação alegre, e serviço de criados, pela solidão, comendo todos no chão, e querendo-se alguns meter em Religião com a dor, e sentimento de tão desestrado caso. Nem o simulado juramento dos Reys de Castella, sobre o casamento da excellente senhora, ficou sem castigo, segundo a opiniao dos mesmos, que acima fizeraõ a consideração, que diziamos. Porque o Principe seu filho viveo pouco mais tempo do necessario para o matrimonio jurado, estando já casado com Madama Margarita, filha del Rey dos Romanos Maximiliano de Austria, sem de nenhum destes Principes de Portugal, e Castella, de que tantas esperanças havia, ficar algum herdeiro: antes a falta d'elle em hum, e outro Reyno, causou depois varias, e importunas necessidades.

Em quanto estas differenças em Castella duravaõ, cá em Portugal aconteceraõ algumas cousas merecedoras de não ficarem em esquecimento. Junto ao anno do Senhor mil e quatrocentos e setenta e quatro; estando por Capitão de Ceuta Ruy Mendes Ribeiro, foy posto cerco 1474 à Cidade muy trabalhoso; porque de huma parte os apertava muito hum grande exercito de Castelhanos, que com as revoltas daquelle tempo cuidavaõ se fizessem senhores della, e da outra, grande numero de valentes Mouros pertendiaõ o mesmo, de seu antigo odio provocados, e todos assim juntamente, cada hum por sua parte, apertavaõ



tavaõ tanto com o negocio, que pozeraõ em condiçaõ a lealdade Portugueza, que nesta occasiaõ fazendo rosto a todos, sempre ficava vencedora. Mas vendo os Mouros, que os Portuguezes eraõ mais bravamente combatidos, e apertados pelos Castelhanos, que por elles, cometeraõ hum partido, para barbaros digno de admiraçaõ, dizendo, que elles eraõ contentes levantar logo o cerco com tal condiçaõ, que os deixassem passar pela Cidade, para pelejarem com os Castelhanos; que da outra parte tanto mal lhe faziaõ, e dariaõ primeiro todas as seguranças, que elles quizessem; porque de outra maneira bem viaõ elles, que naõ podia ser: e que vencidos, ou vencedores, sempre os Portuguezes ficavaõ ganhando. O Capitão da Cidade, ainda que este partido em tamanha necessidade parecia conveniente, naõ o quiz aceitar, antes como catholico, e esforçado Cavalleiro, se offereceo a soffrer tudo, o que a varia fortuna dispozesse em taõ certo perigo, que ser traidor á sua Santa Ley, e Religiaõ, ainda que por aquella via os que o queriaõ matar, o seguravaõ, com naõ pequena vingança, dos que lhe procuravaõ a morte. Caso bem digno de consideraçãõ. Durando ainda as differenças entre Portugal, e Castella no anno do Senhor mil e quatrocentos e setenta e nove, sabendo o Principe Dom João, que hum armada de Castella andava na Mina reigatando ouro, sem sua licença, e contra sua prohibiçaõ, mandou logo contra ella outra, por Capitão Jorge Correya, Commendador do Pinheiro, e logo depois outra com seu Capitão Mem Palha, ambos especiaes Cavalleiros. Os quaes achando os Castelhanos fazendo seu reigate, deraõ nelles com tanto esforço, que os desbaratarãõ, e lhes tomaraõ sua frota com muito ouro, e mercadorias: e prezos todos, os que escaparaõ, os trouxeraõ a Portugal, onde pelas pazes, que no mesmo anno se concluireã, alcançaraõ liberdade.

1479.

Pouco tempo depois, sendo a Ilha de Rhodes cercada de hum grande exercito de Turcos, e postos em grande afronta os Cavalleiros da Ordem do Hospital de São João, que entãõ nella habitavaõ, foy de Portugal; para se achar naquella trabalho, Dom Diogo Fernandes de Almeida, filho do Primeiro Conde de Abrantes. E ainda

Ha que tinha o habito de São João sem alguma renda da Ordem, amou hum grande navio á sua custa com cento e vinte homens de peleja, entre muitos escolhidos, e bem armados. E no caminho encontrando-se com hum cruel collario, que com duas grandes galés em o mar de Genova andava continuamente roubando, e destruindo tudo com notavel temor daquella Provincia, pelejou com elle com tanto animo, e valentia, que o desbaratou, e tomou huma das galés, que logo mandou ao Papa Sixto IV. E chegando a Rhodes, e achando-a já desalombada dos Turcos, continuou contra elles a guerra por aquelle mar de Asia com outros navios, que o Graõ Mestre lhe entregou por companheiros, com os quaes destruiu, e queimou muitas povoaçoens de Turcos, e trouxe muitos cativos na terra, e no mar desbaratados, com que entrou em Rhodes vitorioso, mas com muitas feridas, e muito feyas, que elle sempre estimou como a mais formosa cousa do mundo. Nesta viagem lhe aconteceu em o mayor furor de huma batalha cahir todo armado no mar, e do profundo d'elle veyo duas vezes acima, e já sem esperança de vida foy miraculosamente soccorrido por hum homem não conhecido, que por hum cabelo da cabeça o levantou do profundo do mar, e poz em salvo em o navio. Por esta, e outras obras, que elle fez, todas contra infieis, e entre as epistolas de Cathaldo estaõ bastantemente ao Papa Innocencio VIII. referidas, mereceo que o fizessem Prior do Crato da Ordem de S. João, e neste Reyno veyo a ser a mais principal pessoa d'elle, em prudencia, e cavallaria.

E ainda que depois da morte do Infante Dom Henrique, assim pela conquista de Africa, como pelas guerras, e differenças de Castella, foy pouco continuado o descobrimento das Ilhas, e Indias Orientaes, todavia por alguns cavalleiros Portuguezes se fizeraõ algumas cousas em tempo deste Rey Dom Affonso, que não merecem esquecimento. Porque andava já neste tempo taõ corrente entre Portuguezes o negocio, e commercio de Guiné, que Fernaõ Gomes Cidadão honrado de Lisboa arrendou a ElRey este commercio por duzentos mil reis cada anno, em o do Senhor mil e quatrocentos e sessenta



lenta e nove, com certas limitações, e condigoens, e entre ellas, que em cada hum destes cinco annos (que por tantos era o contrato) fosse obrigado a descobrir pela costa em diante cem leguas, e que todo o Marfim havia de ser del Rey, a preço de mille quinhentos reis por quintal, e hoje val em Lisboa a mais de vinte mil reis. E por cousa muy estimada tinha Fernão Gomes poder resgatar cada anno hum gato d'algalha. Mas elle foy taõ diligente, e bem afortunado neste descobrimento, que em Janeiro de mil e quatrocentos e setenta, e hum, descobrio o reigate do ouro, onde hora chamamos Mina, que por esta causa lhe ficou por appellido de nobreza: e foraõ ministros desta obra João de Santarem, e hum Escovar, ambos Cavalleiros da casa del Rey, e Pilotos Martin Fernandes de Lisboa, e Alvaro Estevez de Lagos, que naquella arte foy o mais extremado homem, que havia em Hespanha. Acabou Fernão Gomes o seu arrendamento, e fazendo-se nella muito rico, El Rey tambem gratificou com honras, armando-o cavalleiro nas guerras de Africa, e lhe deu nome, e armas, demonstradoras de suas obras. Nesta occasião se descobrio tambem a Ilha de Fernão Pó, por hum de seu nome. E o ultimo descobridor em vida del Rey D. Affonso, foy hum de Sequeira, que descobrio o Cabo de Catharina em o dia desta Santa. Tambem nestes ultimos annos deste Rey se descobrirão as Ilhas de São Thomé, Anno Bom, e a do Príncipe, e outras muitas terras, e commercios, a que a turbulencia do Reyno em aquelle tempo não deu ocio para se escreverem: porém não ha duvida, que muitas mais cousas se passaram neste descobrimento. Porque como todos os Príncipes a mayor parte da vida gastaõ em obras de sua inclinação, veyo El Rey D. Affonso a descuidar-se destas conquistas, e celebrar muito as da guerra de Africa.

Estas taõ as obras notaveis, e conquistas, que El Rey Dom Affonso fez em sua vida: e sua morte passou desta maneira. Quando a Excellente Senhora Dona Joana sua sobrinha em o anno de 1480 fez proffissão, como estava ordenado, sentio El Rey tanto esta mudança taõ violenta, que de pura magoa, e paixão cahio em humã infirmitade, que o chegou quasi á morte; mas ainda

que,

que com exquisitos remedios della se achou melhor, todavia nunca mais foy alegre, e sempre andou retrahido, mais como homeni, que aborrecia as cousas do mundo, que como Rey, para que as mais perfeitas se ordenaõ. E para que de todo confirmasse esta suspeita, tratou convocar cortes geraes, e nellas tornar a dar ao Principe seu filho inteira administraçaõ de todos seus Reynos, e recolherse com habitos honestos de leigo em o Mosteiro de Santo Antonio de Varatojo, da ordem de São Francisco, que elle de novo fundára, para que nelle servisse a Deos, e em vida remediassem os odios, e trabalhos, que já entendia, por sua morte senão podia escusar entre o Principe seu filho, e a casa de Bragança. E justa cousa parecia entaõ permittir a bondade, e misericordia de Deos este bem; porque tantos males depois este receyo não fizeraõ certo. Mas porque as cortes não houvêraõ effeito, ElRey se foy a Sintra, onde adoeceo de hum febre aguda, de que falleceo em a propria camera, em que nasceo, cercado de cuidados, paixoes, e tristezas, que de seus infortunios lhe nasciaõ, e seu generoso animo mal soffria, em o anno de Senhor mil e quinhentos e citema e hum, tendo de idade quarenta e nov, e de Reynado quarenta e tres, dos quaes os primeiros dez governou por elle o Infante D. Pedro seu tio. Seu corpo foy levado ao Real Mosteiro da Batalha, com muy solemne pompa, e apparatus, e na casa do capitulo está depositado, até haver sua propria sepultura.

1581.

Foy ElRey Dom Affonso de mais que meam estatura, e em todos seus membros bemfeito, e proporcionado; ainda que em os ultimos annos de sua vida foy algum tanto envolto em carnes, e para que assim não parecesse, costumava sempre vestiduras soltas, e largas. Tinha o rosto redondo, e bem povoado de barba preta, e em todo o mais corpo era muito cabelludo, salvo na cabeça; porque depois que teve trinta annos de idade, começou a ser calv. Foy Principe de graciosa presença, grande humanidade, e suave conversação, em tanto extremo para o que a Rey, e Senhor convém, que de muitos esta sua humanidade foy reprehendida. Teve grande memoria, e muy subtil ingenho. A sua ordinaria lingua-



linguagem era tão elegante, e concertada; com tão gracioso orgão de dizer, que mais parecia obra premeditada, que de natureza sem artificio, e escrevia tão perfeitamente, como se nisto, e na oratoria gastara muitos annos de estudo. Nas letras foy erudito, e favorecedor dellas, e de todos os homens doutos, e o primeiro Rey da Portugal, que em seus Paços ajuntou livreria de livros bons, e exquisitos. E também primeiro que outro Rey pelas ruas, e praças publicas de seus Reynos costumou fazer sua vista, e presença familiar a todos. Foy muy Catholico; e em notavel extremo ferventena Fé, e zelador da Igreja de Deos, cujos Divinos Officios ouvia com muita devoção. Deleitava se muito com homens Religiosos, e honestos, e de boa vida; e muitas vezes apartado com elles os conversava a seu modo com tanta devoção, e humanidade, que a muitos servia de occasião á oulada hipocrisi; de que muitos naquelle tempo se aproveitaraõ. Foy no comer, e beber, e dormir temperado, e na mayor parte de sua vida continentissimo. Deleitava se muito com a musica, e de seu natural sem algum artificio teve para ella hum sentimento. Poucas vezes, e de poucas cousas, recebia ira, nem sanha, e as em que a consciencia o não contradizia, levemente perdoava com natural piedade, e condição muy afeiçoada a fazer esmolas; e na pobreza, e liberalidade teve sempre tanta parte, que mais propriamente se podia dizer prodigo; que verdadeiro liberal, especialmente nos bens da Corôa; porque sem respeitar a merecimentos, e a muita necessidade, de qualquer artificio persuadido, fez nelles notavel diminuição, e muito prejudicial a sua casa, e Real Estado. E seguindo o que a grandeza de seu animo lhe ditava, foy sempre zelador de emprender cousas arduas, e proseguias por armas como cavalleiro, mais que de entender como Rey no regimento civil, e politico de seus Reynos: e por esta causa foy na administração da justiça descuidado; e a seus privados muito sujeito, dandolhes sobej; mão em o governo, e consentindo a alguns povos receberem delles vexações, e agravos. Desprezou sempre em suas empresas os conselhos alheys, que sendo quaes deviaõ, lhe podiaõ aproveitar muito; e seguia em todas

todas as cousas o seu proprio parecer, que ordinariamente engana, a quem d'elle se confia. E mostrava se esta verdade mais ao olho nas guerras de Mouros. Porque foy sempre a ellas tão inclinado, que todos seus appetites nelle lhe pareciaõ sempre razoens vivas, e sem fallencia. Mostrava tanta caridade em resgatar cativos, que por esta excellente virtude, a Deos tão aceita, foy cognominado Redemptor de cativos, prerogativa, que fez certa com tanta vontade, e vigilancia, que impetrou para Portugal a Santa Cruzada de Redempção de Cativos: em memoria da qual mandou bater de novo humas moedas de ouro da Mina, e lhe poz nome cruzados. E em todas as mais cousas foy dotado de muita clemencia, e sobeja humanidade.

De sua mulher a Rainha Dona Isabel, filha de seu tio o Infante D. Pedro, houve o Rey D. Affonso dous filhos, e huma filha. D. João, que falleceo menino. A Infanta Dona Joanna, que viveo em muita religião em o Mosteiro de Jesu da Villa de A'veiro, onde morreo em idade de trinta e seis annos, e do Senhor mil e quatrocentos e noventa. O Principe D. João, que lhe succedeo em o Reyno, e nas virtudes: muy lustroso patrimonio em qualquer nobre, ou Principe.

1490.











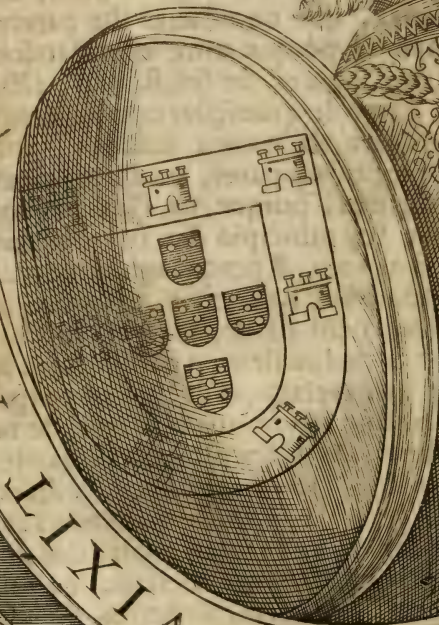
I O A N N E S . I I I . R

X I I I R E X

V I X I T

A N N . X L O B I T

A . M C C C C L X X X V



## CAPITULO VIII.

*Das cousas del Rey D. João, segundo do nome, que por suas excellencias chamarão o Magno.*

**P**Or morte del Rey Dom Affonso foy logo levanta- do por Rey de Portugal seu filho Dom João, que foy o II. do nome, mas não nas excellencias de sua pessoa; que iguaes forão ás dos mais illustres seus progenitores. E querendo logo em principio de sua nova Coroa, fazer também novas diligencias, para extinguir as velhas infolencias, que aos povos de Portugal faziaõ os nobres delle, celebrou cortes em a Cidade de Evora, em o mez de Novembro de mil e quatro centos e oitenta e hum, em que ordenou muitas cousas, que necessarias lhe parecraõ para este bom intento. E porque entre ellas mandou, que todos os Alcaldes dos lugares de seu Reyno, assim de Duques, e Condes, como de quaesquer outros senhores, lhe dessem homenagem da mesma maneira, que se lhe dava a dos seus proprios lugares, para que podesse ver os titulos, e doçoens, porque os Fidalgos possuíõ seus senhórios, que foy principio das paixoens entre elle, e o Duque de Bragança. E porque também mandou Corregedores por todo o seu Reyno, e terras dos senhores, que reformando todos os abezos, as cousas á devida justiça, e equidade reduzissem, e porque fazia isto com mais rigor, do que a relaxação daquelles tempos soffria, veyo a ser aborrecido de muitos Fidalgos, de tal maneira, que alguns chegáõ a lhe procurar a morte, ordenando contra a sua Real pessoa conjuraçoens diabolicas, que não serviraõ de mais, que de trazerem a miseravel fim os authores dellas, que forão alguns dos mayores senhores do Reyno em sangue, e estado, e a seus companheiros a virtuperosas mortes, desterro de suas pessoas, e infamias de suas descendencias; muy certo fructo de errados pensamentos. E em el Rey cauáraõ huma continua inquietação, e cuidado taõ pezádo, e trabalhoso, que lhe veyo a dar breve fim á sua desejada vida, e naquella tempo muito importante. O que tudo pôde ser que escufára, senão carecera de duas principaes

Garcia de Resende in ejus vita. Roderic. Pina ibi. Volater. lib. 2.

14814

Cenebr. lib. 4. Otorius de reb. ab Emanuele Reg. gestis in principio Joan. Mazphus societate Jesu de historia Indiar. in principio. Jo de Barros Decad. 2. lib. 1.

Garcia de Resende in sua Chronica



cousas, em qualquer Real animo muito necessarias, e  
 Rey de Pl. convenientes, Clemencia, e Dissimulaçaõ. Mas em todo  
 na na me- o tempo, que reynou, assim pelas notaveis justicas, que  
 221. nos conjurados executou, que a sua Chronica copiosa-  
 mente reconta, como tambem por outras muitas obras  
 excellentes de justica, inteireza, e liberalidade, e pru-  
 dentissimo governo, que sempre exercitou, viveo em  
 grande honra, e reputaçaõ, temido, e reverenciado dos  
 inimigos, respeitado dos amigos, e obedecido dos sub-  
 ditos. E chegado o anno de mil e quatro centos e oi-  
 tenta e oito, em que se veyo a concluir o matrimonio  
 (nas pazes entre Portugal, e Castella contratado) do  
 Principe Dom Affonso com a Infanta Dona Isabel, filha  
 dos Reys Catholicos, determinou ElRey solemnizar com  
 grandes, e custosas festas, as vodas do Principe seu fi-  
 lho, que entaõ seria de idade de treze annos. Para o qual  
 ordenou as mayores prevençoens, que em algum tempo  
 se fizeraõ para semelhantes apparatus, naõ sómente fabri-  
 cando grandes, e sumptuosos aposentos na Cidade Evora,  
 mas tambem mandando trazer muitas joyas, brocados, e  
 telas, e outras cousas ricas, e preciosas, das Provin-  
 cias de Italia, Hespanha, França, Inglaterra, e Flan-  
 des; e da mayor parte de Africa. Para o qual o serviraõ  
 os seus Reynos nas Cortes, que se fizeraõ em Evora em  
 o mez de Março de mil e quatrocentos e noventa, com  
 cem mil cruzados de ouro, que para taõ grandes expensas  
 era ahlãs pouco. Preparadas estas, e outras cousas para  
 este solemnissimo auto necessarias, chegado o anno de mil-  
 e quatrocentos e noventa, entrou a Princeza em Portu-  
 gal. Em cujo extremo sendo recebida pelos mais nobres  
 delle, se veyo a Villa de Estremoz, onde em presença  
 delRey se celebrou o matrimonio de taõ excellentes Prin-  
 cipes, e as solemnidades delle se fizeraõ em Evora, onde  
 entrou a Princeza com as mayores festas, e grandezas,  
 que se poderaõ celebrar, e depois se continuáraõ com tan-  
 ta magnificencia, que o mesmo Rey sustentou huma jus-  
 ta, dando cavallos, e armas, e outras peças ricas, a quan-  
 tos Fidalgos quisessem justar nellas. Pois a perfeiçaõ, e  
 grandeza das outras festas, jogos, e danças, banquetes,  
 e collaçõens, chegáraõ a tanto extremo, que nenhuma  
 idade

idade vio mayores apparatus; nem algum ministro de iguarias mais exquisitas, e excellentes variedades dellas; nenhum artifice mais artificiosos vasos, com mais delicadeza, e arte bem lavrados; e nenhum ingenho sahio com mais invençoens; á vista dos homens maravilhosas, e aos animos alegres, e das vontades de todos bem recebidas, louvadas, e engrandecidas, e com razão; porque estas cousas chegáão todas ao ultimo da perfeição, e galantaria. Pois as magnificencias, liberalidades, e mercês deste grande Rey, foraão tantas, que todos os presentes, assim Ecclesiasticos, como seculares, nobres, e plebeos tornáão com grande contentamento a suas casas, huns admirados da grandeza de seu animo, da gloria de tantos triumphos, e da authoridade de sua casa, e todos igualmente ricos com as recebidas mercês, alegres com as festas, e satisfeitos de tão digno ajuntamento, a que alegremente annunciavaão illustrissima descendencia. Mas acontecendo nisto, o que no estado das humanas cousas mais claramente se manifesta, que he a variedade dos successos dellas, vieraão estas alegrias a parar em lagrimas, lamentaçoens, e tristezas, e os magnificos apparatus de tão desejadas vidas, se convertêrao em funeraes pompas da mais lastimosa morte, que a tristeza humana nunca lamentou. Porque não sendo passados oito mezes, estando a Corte em Santarém, onde por causa da peste, abreviando as festas passáão, andando El Rey (como outras vezes costumava) em huma terça feira do mez de Julho ao longo do Tejo, gozando a frescura daquelle alegre rio, e algumas vezes nadando nelle, e fazendo-lhe então o Principe companhia; succedeo que correndo elle hum cavallo, lhe quebrou huma estribeira a tal tempo, que cahindo debaixo d'elle, foy tão furiosamente maltratado o seu delicado corpo, que lhe não durou a vida nelle, mais que vinte e sete horas, em as quaes se passou aquella desconsolada noite em muitas lagrimas da Rainha mãy, e da Princeza Esposa, e em todas as diligencias, e remedios á humana industria possiveis, pelos seus vassallos buscados, e inventados. Os quaes não aproveitando cousa alguma, deu a alma ao Senhor, estando o corpo em huma humilde cama de hum pescador, em



treze de Julho de mil e quatrocentos e noventa e hum ; sendo de idade de dezafeis annos. Accrescentou o sentimento de sua morte, em todo o genero de homens, a compaixão da flor de sua tenra idade tão acerbamente cortada, a sua rara gentileza, e a alta excellencia de seus reaes costumes. Em fim, pôde-se affirmar, que nunca se virão em tão breve tempo tantas alegrias, e tão grande sentimento, como nas vodas, e morte deste Principe acontecerão ; que foraõ dous extremos tão notaveis, que a memoria delles durará para sempre.

Passadas estas lastimas, e outras cousas, em que a prudencia del Rey resplandecia, vendo se elle sem filhos legitimos, e herdeiros, e a pouca confiança, que se podia ter das humanas cousas, determinou occupar-se nas divinas, que com tão larga usura são sempre gratificadas: e assim querendo particularmente servir a Nosso Senhor, de quem se sentia tocado com tantos trabalhos (que são os seus ordinarios animos) começou a fazer muitas obras ao culto Divino dedicadas, e entre ellas em quinze de Mayo de 1492 deu principio á magnifica fabrica do Hospital Real da Cidade de Lisboa, unindo a elle todos os Hospitaes, que havia em Lisboa com suas rendas, que eraõ muitos, e por isto lhe poz nome de todos os Santos: obra tão i signe, sumptuosa, e necessaria, como o seu Fundador era excellente nas virtudes, generoso nas merces, e grandioso nas obras, e edificios. E porque a tão louvaveis intentos não faltasse a possibilidade para o necessario delles, permittio Deos, que em ajuda de tão santa obra, junto ao tempo, em que ella teve principio fossem descobertos em a grande Provincia do Gambia muitos, e muy ricos Reynos, e os Senhores, e Reys de alguns recebassem o santo Bautismo á instancia del Rey Don João, que com muitas diligencias, e despesas, o sollicitava, como em sua Chronica copiosamente se refere, e neste registro de heroicas obras tambem em seu lugar vos será relatado. E ás guerras de Africa sendo tão afflicto como seus avós, procedeo rellas de modo, mediante o valor, e esforço de seus Capitaens, e soldados, que cada dia se faziaõ naquella Provincia grandes, e famosas cavallarias, das quaes affombrados os mo-

radores

radores de Azamer, Cidade na Colla da Mauritania situada, e muito populosa, e forte, receando a prudencia del Rey, lhe mandárao offerecer vassallagem com certo tributo de saveis em cada hum anno, e no do Senhor mil e quatro centos e oitenta e seis. E no mesmo mondou 1486. aquellas partes Dom Diogo Goncalves de Almeida, que depois foy Prior do Crato, com mil homens de pé, e cento cinquenta de cavallo, para reduzirem á obediencia de vida certos Aduares, que confiados em sua multidaõ, e valentia, começavaõ a levantar-se, e negar o tributo, e obediencia de sua obrigaçaõ. E ainda que hum delles, em que os Portuguezes primeiro déraõ Santiago, se achava entaõ muito forte, e bem armado com muita gente, e bons Cavalleiros, todavia, depois de grande resistencia, e perigo, e muitas mortes, foraõ desbaratados, e mortos nove centos Mouros, e quatro centos cativos. E em tudo o mais causárao tanto espanto naquelles barbaros, que o seu Rey mandou agradecer aquella obra por mercê particular a elle feita; porque aquelles Aduares eraõ taõ bellicosos; e inquietos, que nem elle mesmo podia com elles: mas que dalli em diante ficavaõ ensinados a saber, que cousa era morte, e cativoiro. A que acompanhou tambem em o anno seguinte de mil e quatro centos e oitenta e sete, Alé Barraxe, famoso Alcaide, e muito bom Cavalleiro, e grande nosso inimigo, e por isso muito estimado entre os Mouros, sendo vencido; e prezo por Dom João de Menezes, que depois foy Conde de Tarouca, e entaõ era Capitão de Tangere, que com notavel, e desigual numero de gente fez esta obra, que se houve por huma das grandes, que naquellas partes aconteceraõ em muitos tempos. O anno seguinte, estando em a Cidade Arziila degradado Dom Vasco Coutinho, Conde de Borba, e sendo enganado de hum Mouro confederado, que lhe promettia grande preza, entrou pela terra dentro com setenta de cavallo; mas quasi todos Ridalgos, e especies Cavalleiros; pela qual não caminhou muito, que não encontrasse com o Alcaide de Alcacer Quibir, homem de grande poder, e estima entre aquella naçaõ, e continuo guerreiro contra Christãos: o qual com quinhentas lanças escolhidas vinha com determinação de tomar as 1488.  
mãos



mãos o Conde, e toda sua companhia. Mas Deos ordenou de maneira o recontro, e escaramuça, que os Mouros foraõ desbaratados, e o mesmo Alcaide prezo, e dous sobrinhos seus mortos, e cincoenta homens de muita estima, e cavallaria. E ElRey Dom João estimou tanto esta obra, que fez mercê ao Conde da Capitanã de Arzilla, e outras mercês, em agradecimento a elle, e aos companheiros.

Estas breves vitórias accenderaõ o animo delRey de maneira, que logo mandou fazer huma grande armada, para em esta Provincia de Africa continuar a santa guerra poderosamente. Estando já de todo aparelhada, foraõ os Mouros avisados, e logo pozeraõ em salvo suas fazendas com diligencia, e para se defenderem, se apparelharaõ com muito animo. Que foy causa de não haver effeito, o que se pertendia: mas para que de todo não ficassem izentos de trabalho os Mouros, mandou cento e cincoenta Fidalgos, e Cavalleiros de sua guarda, e casa; com Dom Fernão Martins Mascarenhas seu Capitão dos ginetes. O qual, e Dom João de Menezes Capitão de Tangere, e o Conde de Borba D. Vasco Coutinho, juntos em hum corpo com quinhentas lanças, correrã a terra até Alcacer Quibir, Cidade tão grande, e forte, que nenhum Christão com mão armada tinha nunca chegado á vista della, mas elles alcançaraõ tantas vitórias, que a memoria dellas durou muito tempo naquella Provincia:

E parecendo a ElRey cousa conveniente para aquella conquista, mandou edificar em o Rio de Larache daquella costa huma Villa, que chamou Graciosa. Mas depois da obra animosamente começada, acudiraõ tantos Mouros, por ElRey de Fez convocados, que não poderaõ os Christãos continuar com ella: antes se viraõ em tanto aperto trabalhando, e pelejando, que nem, de quem muito o desejava, podiaõ ser soccorridos; porque a multidão dos inimigos tinha occupado o mar, e a terra, e trabalhavaõ com tanto fervor desbaratalos, e elles com tanto esforço se defendiaõ, huns, e outros com tanta instancia, como a quem não hia menos, que a vida, e liberdade. E porque os mais dos Portuguezes, que alli se mostravaõ

invenci-

invenciveis eraõ Fidalgos, e peſſoas de qualidade na Republica, determinou o meſmo Rey D. Joaõ paſſar em peſſoaa ao loccorro, parecendo-lhe tambem, que alguma grande ventura o chamava áquellas partes com huma occaſiaõ taõ honrada. Mas ElRey de Fez, encontrandose nes conceitos, vendo a armada taõ poderoſa, e tambem apparelhada, temendo as variedades, e mudanças naquella Provincia muy ordinarias, que com a preſença delRey, que por ſeus Capitaens era taõ temido, tratou, e commetteo pazes, e deſiſtio da guerra, e a Villa ſe deſfez, e os Fidalgos, e Cavalleiros Portuguezes foraõ pela fama de ſua preſença libertados com louvor, e honra de todos, deixando em notavel temor toda Mauritania.

Onde em o anno do Senhor mil quatro centos e noventa Dom Fernando de Menezes, filho do primeiro Marquez de Villa Real Dom Pedro, e ſeu irmão Dom Antonio de Menezes, que entaõ ſervia de Capitaõ de Ceuta, foraõ conquistar a Villa de Tangere, naquella Maritima coſta ſituada, e depois de entrada a ſaquearaõ. E naõ ſatisfeito deſta preza, que naõ foy julgada por pequena, aproveitando-ſe da boa occaſiaõ, e com acordo de Dom Martim de Tavora Capitaõ de Tangere, foy combater a Villa de Camice, edificada nas mais altas, e aſperas Serras de toda Africa, e a quem os Mouros, por ſua grande fortaleza, e muita povoação, chamavaõ Encantamento: e ſómente com quatrocentos de cavallo, e mil e duzentos homens de pé, a tomou, ſaqueou, e queimou. 1490.

E chegando o anno de mil quatro centos e noventa e quatro, em que as conquiſtas, e deſcobrimento da Ethyopia hiaõ muito avante, eſtando ElRey Dom Joaõ em Setuval, depois de muitos experimentos, e imaginaçoens de architectura; elle meſmo inventou, e ordenou, em pequenas caravellas poderem jogar grandes bombardas, e fazerem ſeu officio taõ raſteiras, que hiaõ tocando na agua. E porque elle foy o primeiro Author, deſta Invenção, foraõ as ſuas caravellas, aſſim armadas, as mais temidas ſembarçaçoens, que no mundo ſe ſabiaõ. Neste meſmo anno ordenou tambem, que certos letrados e m alguns do conſelho entendeſſem em todas as cou- 1494.

Tom. I. Rr ſas



las do governo do Reyno, e com justiça as despachasse: deixando sómente algumas, que ao proprio Rey se haviaõ de requerer. E para que tudo se affinasse, sem a sua doença lhe ser impedimento, mandou talhar em ouro dous finaes leus, grande, e pequeno, e com elles em sua presença, qualquer official, ou criado o fazia. E esta ordem de Letrados, parece que he hoje o Tribunal dos Desembargadores do Paço, e que este foy o seu principio; porque não achamos posto em memoria, que algum Rey nestes Reynos assim o costumasse.

E para atalhar certos bandos, e odios, em que andavaõ alguns Fidalgos, de que cada dia com razão se receavaõ mortes, e desaventuras, ordenou hum Meirinho do Paço. E foy Estevoã Fernandes, Cavalleiro de sua casa, e de sua pessoa valente homem, e deu-lhe doze homens de sua guarda, entre todos escolhidos, por mais bem dispostos, e mais animosos: os quaes vestidos das cores delRey, e nas mãos alabardas, estavaõ sempre ás portas do Paço assentados com ordem, que se alguma pessoa dentro no Paço, ou terreiro, levasse da espada, o mactassem logo, sem mais prisão, nem processo. Os quaes fizeraõ tambem seu officio, que os revoltosos com medo, do que receavaõ, e os mais com espanto, do que viaõ, viveraõ todos quietos. E porque foy esta invenção julgada por muito importante á quietação da gente, e veneração, que se deve á presença delRey, determinouse, que sempre houvesse este Meirinho.

E parecendo-lhe, que o descobrimento de novos mares, em que tanto trabalhava, senaõ podiaõ continuar, como desejava; pelo modo do navegar antigo, que era sempre ao longo da costa, e a grandeza do mar Oceano mal soffria, deu ordem, com que se inventasse a navegação por altura do Sol, engolfando-se no mais alto, e largo: o que aquelles descobrimentos haviaõ mister, e hoje se costuma. E por ser cousa, que tanto proveito deu ao mundo em as navegaçoens delle, não he bem, que se perca a memoria do modo de sua invenção. Em o tempo, que o Infante Dom Henrique começou o descobrimento de Guiné, como já ouvistis; toda a navegação dos Mareantes era ao longo da costa, levando-a sempre por rumos,

da qual tinhaõ suas noticias por finaes, de que faziaõ roteiros, como ainda hoje uzaõ em alguma maneira, em algumas partes, e para o modo de descobrir daquelle tempo aquillo só bastava. Mas depois que os homens, principalmente Portuguezes, quizerãõ navegar o descuberto, perdendo de vista a costa, e engolfando-se em o mais alto mar, conhecerãõ quanto engano recebiaõ na estimação, e juizo das sangraduras. Porém como a necessidade he a mais certa doutrina de todas as artes, em tempo del Rey Dom João II. como vos dizia, foy por elle encõmendado este negocio a Mestre Rodrigo, e Mestre Joseph Judéo, ambos seus Medicos, e a hum Martim de Bohemia natural daquellas partes, que se gloriava ser discipulo de João de Monte Regio, famoso Astronomo entre os professores desta sciencia. Os quaes depois de muitas considerçoens, e especulaçoens Mathematicas, acharãõ esta maneira de navegar pela altura do Sol, de que fizeraõ suas taboadas, para declinação delle, como se hora usa entre os navegantes já mais apuradamente, do que começou; como são todas as cousas em seus primeiros principios. E não foy pequena mercê do Omnipotente conceder a Portugal esta prerogativa, que por ella lhe não esteja em grande divida toda Europa: e pela difficuldade, que dantes havia em a navegação de Oriente a Poente, parecia, que Deos tinha impedido aos mortaes esta invenção; e porque naquelle tempo se descobrio para seu serviço, e accrescentamento de sua Igreja, com alguma razaõ se pode a elle attribuir esta proveitosa invenção, sem a qual era quasi impossivel a obra, que por ella se seguiu.

Em o anno de mil quatro centos e noventa e dous passaraõ a Portugal grandissimo numero de Judeos, que os Reys Catholicos Dom Fernando, e Dona Isabel lançaraõ fora de seus Reynos, por incorrigiveis, e obstinados em sua porfiada esperança, e El Rey Dom João os recebeu, á conta de lhe darem por cada cabeça certa quantidade de dinheiro, que veyo a ser taõ grande somma, que o guardava elle para passar a Africa, como sempre desejou; e por sua abreviada morte, não podendo effectuar este seu desejo, se achou ainda todo este dinheiro junto, e guardado sem faltar delle algum. E além deste tributo,

1492



os deixou entrar com condição, que não estariaõ em Portugal mais de oito mezes, e nelles lhes daria ElRey embarcaçoens para Africa, ou outras partes, onde mais quizessem, fóra de suas conquistas. E de todas estas gentes, a que sua obstinacão não consentio se reduzillem á Igreja Catholica em Castella, morrerão em Portugal muitos de peste, que consigo traziaõ, e em Africa passaraõ as mayores infamias, e perseguiçoens, que se ouviraõ nunca. E ainda que esta multidão passou neste tempo a Portugal, já ElRey Dom João por authoridade, e licença do Summo Pontifice, tinha mandado em o anno do Senhor mil quatrocentos e oitenta e sete, inquirir, e devassar sobre os Christãos novamente convertos á Fé, que com medo da Inquisição de Castella (que para acudir á sua maldade nella se instituiu naquelle tempo) se lançavaõ neste Reyno; e fez-se esta diligencia por certos commissarios para isso escolhidos.

E para que as novas conquistas, em que com tanto fervor se occupava, se continuassem sem algum impedimento, e o credito de seu poder em alguma cousa se não diminuísse com algum repentino, e não esperado infortunio, em o anno do Senhor mil quatrocentos e noventa e quatro mandou edificar a Torre de Cascaes, quatro leguas de Lisboa, e a Torre, e baluarte de Caparica; e tinha ordenado huma formosa Torre, onde hoje está a de Belém. E para que em cousa nenhuma faltasse o zelo do bem commum, que muito estimava, e com cuidado sollicitava, tambem deu principio, que a Evora viesse a agua da prata: tendo já para isso compradas muitas fontes, e outras muitas concertadas, e medida a agua, que á Cidade podia vir, que não era pouca.

E dos homeis, que o mereciaõ, não tendo menor cuidado, que das outras cousas á Republica proveitosas, honrou a muitos com titulos, e dignidades, e accrescentou seus estados com rendas, e patrimonio. E entre ellas foy muy notavel a dignidade de Marquez, que primeiro, que outro Rey en Portugal solemnizou com as devidas ceremonias, e fez della mercê a Dom Pedro de Menezes, Capitaõ mór, e Governador da Cidade Ceuta em Africa, com titulo de Villa Real, donde elle era já

Conde

Conde, e juntamente lhe deu tambem o Condado de Ourém em o anno do Senhor mil quatrocentos e oitenta e nove, estando El Rey em a Cidade de Beja. E não pareça muito; porque aos grandes merecimentos da Cavallaria são com muita razão devidas grandes honras. 1489;

## CAPITULO XI.

*Das novas conquistas, e descobrimentos de incognitos mares, e navegações, a que El Rey D. João II. deu felice principio.*

Tanto que começou a reinar El Rey Dom João, logo entendeu em as novas conquistas por seu tio, e Pay, com tanto trabalho começadas: e vendo por experiencia, que o negocio de Guiné respondia com proveito de ouro, marfim, escravos, e outras cousas muitas, e que cada dia se descobriaõ outas muitas terras; com que o descobrimento da India se hia manifestando, por onde esperava na conversão das almas fazer notavel augmento á Igreja Catholica; para que esta obra se proseguisse com mais firmeza, mandou huma armada bem aparelhada de todo o necessario, e por Capitaõ mór della Diogo de Azambuja, Fidalgo muito experimentado nas cousas da guerra, em que logo edificou huma fortaleza, que chamou de S. Jorge da Mina, pela afeição, que El Rey tinha a este Santo. Partido este Capitaõ de Lisboa, e chegando a salvamento áquella costa da Ethyopia a dezanove de Janeiro de mil quatrocentos e oitenta e dous, logo mandou dizer a primeira Missa, que naquella torrida Zona se disse, ao pé de huma grande arvore, que estava em o lugar, onde hoie está a Igreja de S. Jorge, e onde se diz cada dia huma Missa pela alma do Infante Dom Henrique primeiro Author de tamanho bem. E a primeira cousa, que este Capitaõ Diogo de Azambuja tratou com o Rey daquella costa, chamado Caramança, foy, que quizesse receber a agua do Santo Baptismo, que por ser o principal intento, que os Reys, e Principes de Portugal pertenderão nestas suas novas conquistas, vieraõ ellas a ser de tanto proveito, como depois se vio. Passado este auto dos divinos louvores, que deve ser ordinario principio em todas



todas as cousas, que se deseja tim bem affortunado: logo se começou dalli a dous dias a fortaleza por consentimento delRey Caramança. O qual quando se vio com o Capitaõ mór, o fez com grande apparato de gente, tão disformes em suas invenções a seu modo, para mostrarem ferocidade de homens de guerra; que mais movião arizo, que a temor. E como de Portugal se levava toda a fabrica necessaria para a nova fortaleza, deraõ-se tanta pressa na edificação della, que em vinte dias a poseraõ em estado, que bem se podiaõ todos nella recolher, e defender. A qual, com o commercio do ouro fino, e das outras cousas, que a ella logo começaraõ a acudir de todo o serraõ de Ethyopia, veyo em menos de quatro annos a extender-se tanto, que ElRey Dom João lhe deu titulo de Cidade, que he hoje huma das notaveis do mundo: e as pazes, e commercio, que nella se assentaraõ, foraõ conservadas sempre com o conhecido proveito de muitos. E por ser esta dalli a tres annos, accrescentou ElRey D. João ao Real titulo, o de Senhor de Guiné; e ordenou, que dalli em diante nas tetras novamente descobertas se pozessem Padroens de pedras de dous estadios de homens de altura, com as Armas Reaes entalhadas nelles, e em cima huma Cruz, e no reverso dous letreiros em Portuguez, e Latim, em que dizia o Rey, que mandara descobrir aquella terra, e em que tempo, e porque Capitaõ se pozera aquelle Padraõ.

E o primeiro descobridor, que usou desta invenção foy Diogo Caõ, Cavalleiro da Casa delRey, e que já em aquellas partes fora descobrir. O qual passando pela Mina, e cabo de Lopo Gonçalves, que está hum grão da banda do Sul, e pelo de Chatharina, que foy o ultimo, que se descobrio em tempo delRey D. Affonso V. chegou a hum rio pelos naturaes chamado Zaire, e em sua foz, ou boca meteo hum Padraõ. He este rio tão notavel, que dizem delle ser hum dos mayores braços do grãde Nilo, e que corre mais de trezentas leguas, e na boca tem duas de largura: e no Inverno daquellas partes entra pelo mar tão soberbo, que a vinte leguas da costa se achaõ suas aguas doces.

Entrando Diogo Caõ por elle acima, achou alguma

ma gente como a de Guiné, mas de tão estranha lingua-  
gem, que nenhum, de quantos linguas levava, se pode  
entender com aquella; mas por acenos vieraõ a conjectu-  
rar, que tinhaõ Rey muy poderoso, que estava pelo ser-  
taõ tantas jornadas. E porque o modo, e brandura desta  
gente, e a segurança, com que se chegava á conversaçõ,  
lhe promettia grande esperança de algum bom successo,  
mandou com alguns delles certos Portuguezes com pre-  
sente ao Rey, que diziaõ, e embaixada. Mas tardáraõ tan-  
to, que a elle se lhe acabou a tronsaõ da navegaçaõ da-  
quella paragem: entaõ por vontade dos mesmos tomou  
quatro daquelles, que mais honrados lhe parecêraõ, e com  
elles se partio para este Reyno, aonde determinou vir, em  
quanto os outros faziaõ sua embaixada, e logo havia de  
tomar, e a fim o deu a entender, como melhor pode, á  
gente da terra. Pelo caminho tanto trabalhou com os ne-  
gros, que trazia, que quando chegáraõ a este Reyno, já  
sabiaõ dar razãõ do que lhes perguntavaõ. El Rey os re-  
cebeo com notavel contentamento, e admiraçãõ de seu  
grande entendimento: e por acudir aos Portuguezes, que lá  
ficavaõ, os tornou logo a mandar bem providos de favores,  
e de mercês, e para o seu Rey huma embaixada, e bom pre-  
sente; e sobre tudo huma longa Oraçaõ, em que lhe perlua-  
dia se tornasse Christaõ, promettendolhe por isso grandes  
coufas. E com elles mandou o mesmo Diogo Caõ, o qual  
chegando ao rio do Padraõ, e mandando pedir os Portu-  
guezes, que alli ficáraõ, logo lhe foraõ entregues: e pelos  
outros mandou dizera El Rey, que hia mais avante, e da  
volta se veria com elle, como fez, depois que passou  
além do Reyno de Congo mais duzentas leguas, em vin-  
te e dous grãos da parte do-Sul: entaõ se vio com o Rey,  
e com sua conversaçãõ, e boa fama o fez muito seu affei-  
çoado, porque eraõ tantos os bens, que d'elle, e dos mais  
Portuguezes tinhaõ dito ao Rey os seus, que não sabia  
estar sem elle: e quanto mais isto fazia, mais accrescen-  
tado se achava em contentamento. Porque, ainda que  
Diogo Caõ era especial cavalleiro, e nas coufas da guer-  
ra muito destro, e experimentado, era tambem na poli-  
cia, e Christandade muito prudente, e pelas coufas, que  
elle sabia dizer ao barbaro Rey, dos Mysterios da nossa  
Santa



Santa Fé, gostava tanto dellas, que lhe perguntava muitas, nascidas de espirito já alumado da Divina graça. E em prova desta verdade mandou a ElRey D. João hum presente por hum daquelles Fidalgos, que vieraõ com Diogo Caõ, e alguns moços nobres: e por elles, com titulo de embaixadores, lhe mandou dizer, que por amor de sua amizade, e do que lhe dizia do seu Deos, e sua Santa Ley, se queria bautizar com todo seu Reyno, e que para isto lhe mandasse os Ministros necessarios; e o mesmo fizesse áquelles Embaixadores, que por serem dos principaes do seu Reyno, seria grande augmento da Fé, ser ensinada por elles em aquellas tão remotas partes. O contentamento, que ElRey Dom João recebeu com esta nova, e o alvoroço, que no Reyno se vio com este principio de tamanho bem, deu clara mostra dos Catholicos desejos de todos. E como ElRey era o mais principal nesta obra, assim tambem no galardão della quiz ter o mais avantajado, fazendo bautizar com muita solemnidade aquelles novos Christãos, e de hum mais nobre foy elle mesmo Padrinho com a Rainha, e houve nome Dom João da Sylva, e os mais houverão os nomes, dos que os apresentáraõ.

E quanto fructificou em louvor de Deos a Christandade destes homens de Congo, pela conversão do seu Rey, tão pouco aproveitou, o que ElRey fez em o requerimento de Rey de Benii, cujo senhorio está entre o de Congo, e o Castello de São Jorge da Mina. Porque em o anno do Senhor mil quatrocentos e oitenta e seis, tambem este Rey de Benii mandou pedir a ElRey Dom João lhe mandasse Sacerdotes para o doutrinarem na Fé de Christo, a que se queria de novo converter: e trouxe este Embaixador hum João Affonso de Aveiro, que tinha já descuberto naquellas partes huma grande Ilha, que se chamou de seu nome; e tambem foy o primeiro, que trouxe a este Reyno pimenta de Guiné, que nós chamamos de rabo; e não tão boa, como a da India. Mas como ElRey de Benii pediu os Sacerdotes; mais por se fazer poderoso com nosso favor contra seus inimigos, que com desejo de Bautismo, aproveitáraõ pouco os Ministros delle, que ElRey lhe tinha mandado, com huma feitoria para o pro-

o proveito, que davaõ os escravos de Benii ao trato do ouro da Mina, os quaes ElRey mandou logo vir todos, por esta razãõ, e por ser a terra doentia; e entre as pessoas, que falleceirão nella, foy o mesmo Joã Affonso de Aveiro, que primeiro assentou aquelle trato, feitoria, e commercio.

E porque muito tempo este resgate de escravos de Benii, e Congo, para a Mina, sempre correu por navios, que do Reyno os hiaõ lá resgatar, e nelle intervinhãõ pezados inconvenientes de se fazerem Mouros, ou se tornarem gentios, por naõ serem escravos, ElRey Dõm Joã III. até cujo tempo durou este resgate nesta forma, lembrado mais da salvaçaõ de tantas almas, que do proveito de sua fazenda, mandou, que cessasse este trato. E por ser esta obra em louvor de Deos, elle deu logo a ElRey o galardãõ della com dobrado proveito, abrindolhe a outra Mina abaixo da Cidade São Jorge, donde começou a correr grande cópia de ouro, que importava muito mais, do que se havia pela venda dos escravos.

Entre muitas cousas, que ElRey D. Joã II. soube do Embaixador de Benii, e de Joã Affonso de Aveiro, foy huma, que lhe naõ deu pequena esperança em o que tanto delejava; porque lhe affirmãõ, que ao Oriente daquelle Reyno até duzentas e cincoenta leguas, havia hum Rey o mais poderoso daquellas partes chamado Ogané, que entre os seus Principes era taõ venerado, como entre nós o Summo Pontifice. Ao qual os Reys de Benii, quando novamente reinavaõ, costumavaõ mandar seus Embaixadores com grande presente, pedindolhe confirmaçaõ de sua successãõ. Em final da qual este grande Rey lhe mandava hum bordãõ; e huma cubertura da cabeça, da feiçaõ dos capacetes de Hespanha; tudo de lataõ luzente, em lugar de Sceptro, e Coroa, e humma Cruz do mesmo lataõ da fôrma das de São Joã, para trazerem ao pescoço, como cousa religiõsa, e santa, sem as quaes peças o povo havia, que naõ eraõ verdadeiros Reys, nem reinavaõ justamente. E em quanto este Embaixador andava na Corte, nunca via a este Rey, sõmente de dentro de huma cortina de seda, em que elle andava metido; lhe mostrava hum pé, quando o despachavaõ, em final,



que estava alli, e contentia. E em modo de premio do trabalho do caminho, dava ao Embaixador outra Cruz pequena como a del Rey, e com ella ficava tão privilegiado, como entre nós são os Commendadores. E porque neste tempo quando se fallava na India, sempre era nomeado o Preste João das Indias, Rey muito poderoso, que diziaõ ser Christão, parecia-lhe a El Rey D. João, que por sua via poderia entrar na India; porque dos Abexins Religiosos, que vinhaõ a estas partes, e de alguns Frades, que de cá foraõ a Jerusalem, a que elle encommendava muito se informassem deste Principe, veyo a saber, que seu estado era a terra, que está sobre o Egypto, e se extendia até o mar do Sul. O que El Rey considerando com os Cosmographos deste Reyno, e conferindo as taboas de Phtolomeu com os Padroens por seus descobridores armados, e as duzentas e cincoenta leguas para Leste, onde os de Benii diziaõ estava o grão Rey Ogané, achava, que elle devia ser o Preste João, por ambos andarem metidos em córtinas de seda, e trazerem o final da Cruz em grande veneraçãõ. E tambem lhe parecia, que proseguindo seus navios a costa, que hiaõ descobrindo, haviaõ de chegar ao Prazo Promontorio, fim daquella terra. Assim que conferindo todas estas cousas, que tanta esperançã lhe davaõ, determinou mandar logo este anno de mil e quatro centos e oitenta e seis, dobrados navios por mar, e homens por terra, e logo em o fim de Agosto mandou dous navios bem armados, e fortes, e huma naveta com mantimentos, e por Capitãõ Bartholomeu Dias, Cavalleiro de sua Casa, e hum dos descobridores desta costa, com outros Capitaens, e Soldados, e Pilotos, todos muito experimentados na guerra, e nõ mar. Com ordem, que em aquellas terras, que fosse mais descobrindo, lançasse certos negros, e negras, que consigo levava já industriados, para que chegasse á noticia do Preste João este seu desejo. Partido Bartholomeu Dias do porto de Lisboa com sua armada, chegou com bom tempo 120 leguas além do que descobrio Diogo Caõ, e posto alli hum padraõ Santiago, em altura de 24 grãos, fizeram sua viagem, na qual depois de andarem 5 dias ás voltas em a angra, lhe chamaraõ das voltas. E dalli feitos na

volta do mar, o mesmo tempo o fez correr treze dias com as velas em meyo mastro; e porque os navios eraõ pequenos, e os mares já mais frios, que o de Guiné, houveraõ aquelles pelos mais feyos, e mortaes, que podiaõ achar. Mas cessando o vento caualador daquelle furia do mar, que tanto o espantava, vieraõ demandar a terra pelo rumo do Leste, cuidando; que corria ainda a costa Norte-Sul em geral, como alli trouxeraõ. Porém vendo, que por alguns dias cortavaõ sem dar com ella, carregaraõ sobre o rumo do Norte, com que vieraõ ter a hum angra, que chamaraõ dos Vaqueiros, pelos muitos, que nella viraõ com suas vaccas: mas não poderaõ haver falla delles, por se não entenderem com as linguas, que levavaõ: antes espantados da novidade se recolheraõ com seu gado, não deixando de si mais noticia, que serem negros de cabello retrocido, como os de Guiné. Correndo mais avante a costa por novo rumo, de que todos folgavaõ, chegaraõ a hum Ilheo, que chamaraõ de Santa Cruz, e está em trinta e tres grãos, e tres quartos da parte do Sul: em o qual vendo-se a gente da armada já cançada, e muy temerosa de tornar a ver os mares, que passaraõ, todos a hum voz, queixando-se muito, requereraõ ao Capitaõ Bartholomeu Dias, se contentasse com tanta costa, como tinha descoberto, e com taõ grande novidade, como tinha experimentado, e não permittisse, que morressem todos à fome: e tantas outras razoes disseraõ, que moveraõ ao Capitão, depois de fazer hum largo instrumento do que elles lhe requeriaõ, não foy mais avante, que 25 leguas; chegaraõ ao numero de trezentas e cincoenta, por este Capitaõ descobertas, que com as outras que descobrio Diogo Caõ, saõ 750, que estes dous Principaes descobridores descobrirão, e foy o termo, té onde se navegou por aquellas partes em tempo del Rey Dom Joaõ. Partio Bartholomeu Dias deste ultimo Padrão da Cruz com tanta magoa, como se deixara hum filho desterrado para sempre: houveraõ vista daquelle grande, e notavel promontorio por tantas centenas de annos encoberto, a que chamarão Tormentoso, pelos muitos perigos, e tormentas, que no dobrar d'elle passaraõ. Mas El Rey D. Joaõ, vindo elle ao Reyno, lhe deu outro mais



Dec. 113  
E. 4.

illustre, chamando-lhe Cabo de boa Esperança; pela que lhe promettia do descobrimento da India, tão esperada, e por tantos annos requerida. O qual nome, diz João de Barros, como foy dado por Rey, e tal, que toda Hespanha se gloria della, permanecera com louvor de quem o mandou descubrir, em quanto esta nosla lembrança durar. Bartholomeu Dias, depois que notou d'elle, o que convinha á navegação, e assentou hum Padrao chamado S. Philippe, tornou a seguir sua derrota em busca da não de mantimentos, que atraz deixara, e havendo nove mezes, que della se partiraõ, ainda a acháraõ: mas de nove homens, que nella ficaraõ, só tres estavaõ vivos: hum dos quaes João da Costa, Escrivaõ da não, de tal maneira o sobressaltou o contentamento, e alegria, vendo os companheiros, que por mortos tinha, que morreo logo, posto que já andava enfermo. Dalli se foy Bartholomeu Dias à Mina, e entregue do ouro, que havia, se partio para o Reyno, onde entrou em Dezembro do anno de mil quatrocentos e oitenta e sete, havendo dezaseis mezes, e dezasete dias, que eraõ partidos d'elle.

487.

Pelas informaçoes, que ElRey Dom João tinha da Provincia, que habitava o Preste João, determinou, antes que Bartholomeu Dias viesse, mandalla descobrir por terra. E porque tendo a isto já mandados por via de Jerusaleem dous Religiosos, que por não saberem a lingua Arabia não ousaraõ fazello; mandou ElRey a Pedro de Covilhã, Cavalleiro de sua Casa, que sabia muito bem a lingua Arabia, e em sua companhia Affonso de Paiva, natural de Castello Branco: e foraõ despachados em Santarém a sete de Mayo de mil quatrocentos e oitenta e sete, estando presente o Duque de Beja Dom Manoel, que depois foy Rey, e gozou o fructo destas diligencias. Despedidos ambos delRey; foraõ por Napoles à Ilha de Rhodes, e dalli a Alexandria, oade estiveraõ doentes à morte, e dalli se passaraõ à Cidade de Cairo, e em companhia de Mouros de Tremecem; e de Fez, passaraõ à Cidade Adem, em o estreito do mar de Arabia, que vulgarmente chamaõ Roxo; e por serem as monçoens daquellas partes differentes, se apartaraõ os companheiros, Affonso de Paiva para Ethyopia, e Pedro de Covilhã para

para a India; com ordemento se, que em hum certo tempo se ajuntassem ambos em Cairo. Aqui se embarcou Pedro da Covilhãa em humanao, que hia para Cidade Adem posta na boca do estreito do mar Roxo, e por outro nome mar de Arabia Feliz: donde foy ter a Cananor, Calecut, e Goa, Cidades principaes na costa da India, e cada hum das cabeças de hum Reyno, e dahi se embarcou para a Mina de Çofalla, que he na Ethyopia sobre o Egypto. Tornado outra vez á Cidade Adem, embarcou-se para o Cairo, e nella foy certificado, que era já fallecido de doença seu companheiro, pelo qual determinou vir-se a este Reyno com a relação destas cousas: e estando já de caminho soube, que dous Judeos o buscavao, hum chamado Rabi Habram, natural de Beja, e outro Joseph, çapateiro da Cidade de Lamego, que havia pouco viera da Cidade Babilonia, e sabendo o desejo del-Rey, deulhe noticia do que cá foubra das cousas de seu desejo, e por esta razão os mandou com cartas a Pedro de Covilhãa, para lhe trazer a resposta do que já tivesse sabido; e o outro para hir com elle vera lha de Ormuz de que tinha noticia de haver nella grandes cousas, e dahi se foy ao Preste João. Despedido Joseph para este Reyno, se partio Pedro de Covilhãa a Ormuz, e notadas as cousas, que achou, e enviado o Judeo com recado dellas a El-Rey Dom João, elle se foy ao Preste João, que entao era Alexandre, a que elles chamao Escander. O qual o recebeo com honra, e agasalhado, e estimou muito a Embaixada: mas fallecendo dahi a poucos dias, succedolhe Naut seu irmão, que fez pouca conta de Pedro de Covilhãa, e não lhe quiz dar licença para sahir de seu Reyno, nem seu filho David, que lhe succedeo; pelo que vendolhe deste modo impossibilitado, casou-se lá muito rico, e honrado, por ser homem de qualidades; que em qualquer parte valem muito: e já póde ser, que pelas não perderem de seu Reyno estes Reys, o retinhao nelle, para se aproveitarem dellas. E porque El-Rey em todas as partes de Levante tinha intelligencias para este seu desejo, lhe mandaraõ de Roma hum Lucas Marcos, Sacerdote da terra do Preste João, que elle estimou muito, e delle se informou do que sabia, e por elle mandou recado



do, e por outras quatro vias fez escrever Marcos ao Preste Joaõ, o que d'elle sabia, e como desejava sua amizade, e que recebesse bem seu Embaixador, que lá tinha mandado, e que por via do Cairo, Jerusalem, e Roma se podia escrever, até que Deos mostrasse outro caminho, porque se communicassem com obras de irmãos, pois o eraõ na Fé, que professavaõ. Mas da Provincia, onde habitava o antigo, e verdadeiro Preste Joaõ das Indias, tão famoso no mundo, e de cujo se perdeu o seu Imperio, e o nome se conservou nestes Reys da Abbassia, e de seus costumes, e religião, e cousas notaveis, fallaremos outro dia, e por hora seguindo o errado vulgo, tambem lhe chamaremos Preste Joaõ das Indias.

Sentia toda a gente em ElRey Dom Joaõ tanto desejo de converção daquella gentildade, que movia a muitos valerem-se della a esta conta em suas necessidades; e mostrava-se elle tão solícito nesta santa obra, que a nenhum negou a confiança, que nella imaginavaõ, como foy hum Boemii Rey poderoso na região de Jaloph entre os dous notaveis rios Çanagá, e Cambéa. O qual confiado em algumas boas obras, que tinha feito aos descobridores delRey Dom Joaõ; e nas mercês, com que elle se achava satisfeito, que junto com a sua liberalidade, e grandeza, de que a fama naquelle tempo apregoava muito, se veyo a Lisboa pedir-lhe favor contra hum seu irmão, que lhe tinha usurpado o Reyno. ElRey o recebeu, e mandou agasalhar, e servir, como se fora hum dos Principes de Europa; mas que todavia, se elle queria alguma ajuda, recebesse primeiro o Bautismo, e entaõ o ajudaria como irmão por ley, e fé, e como amigo pelas obras, que d'elle tinhaõ recebido seus vassallos. Mas ainda que o Rey era barbaro, lá tinha hum entendimento tão claro, e juizo tão maduro, que facilmente se deixou persuadir, e depois de catequizado, recebeu o santo Bautismo, e se chamou Dom Joaõ. Ao outro dia sobre esta honra de alma, que he eterna, houve outra temporal, armando-o ElRey Cavalleiro, e dando-lhe brazaõ, e armas de nobreza, e elle em retorno fez homenagem a ElRey de todo o estado, que tinha, e adiante ganhasse, e por hum Cômmissario do Papa lhe mandou sua obediencia em forma, como

como qualquer Principe Christão. E depois se baptizaraõ vinte e quatro Fidalgos dos seus. E em quanto duraraõ estas novas solemnidades, sempre houve festas publicas, e Reaes, com notavel contentamento delRey, e de todos. E os de Beomii tambem a seu modo mostraraõ sua cavallaria, porque fizeraõ alguns tantas desenholturas a cavallo, que mostraraõ serem mais destros, que os Alarabes de Mauritania, que se prezaõ mais; que todos os do mundo. Mandou ElRey vinte caravellas com muy luzida gente, bem armada, e provida, e por Capitaõ della Pero Vaz da Cunha, de alcunha Bizagudo.

A este tempo, que era em Mayo de mil e quatrocentos e noventa, havia dous annos, que o Embaixador delRey de Congo era baptizado elle, e os moços nobres bem instruidos em a Fé, segundo a capacidade de seus entendimentos; pelo que mandou ElRey fazer prestes todo o necessario para a passagem delles, e dos Religiosos, que haviaõ de ministrar as cousas desta conversão, e por Capitaõ da viagem Gonçallo de Sousa Cavalleiro de sua Casa, a que succedeo seu sobrinho Ruy de Sousa, por elle fallecer chegando ao Cabo Verde. Donde partidos, a primeira terra, que tomaraõ de Congo, foy do senkorio de Sono, que era hum tio delRey, e se chamava Mani Sono. Este sabendo da chegada dos nossos, e do grande bem, que traziaõ áquella terra, movido do espirito de Deos, acompanhado de grande numero de vassallos, e com grandes mostras de alegria a seu modo, os recebeu, e agasalhou: pedindo logo lhe mandassem dar o Santo Baptismo; porque por sua muita idade receava não chegar, a que fossem primeiro a ElRey seu sobrinho, e entre tanto perderia a mercê de Deos, que tinha em casa. Ruy de Sousa vendo a constancia de seu requerimento, deu logo ordem, com que em meyo de hum grande campo baptizassem este Senhor, que houve nome Dom Manoel: o qual fazendo primeiro huma larga pratica, não como barbaro, mas como a quem o espirito de Deos movia aos beijos, pedio baptizassem tambem hum filho seu pequeno, que tinha pela mão, por não ter idade para o poder pedir. E o filho mayor, e outra muita gente se aggravaõ muito de não alcançarem o mesmo. E foy este o primei-



1491:

primeiro Baptismo, que naquellas partes da idolatria se fez, dia de Pascoa a tres de Abril de mil quatrocentos e noventa e hum: sendo a elle presentes mais de vinte e cinco mil homens vassallos deste Mani Sono. E como a nova deste Baptismo chegou a El Rey de Congo, logo mandou ao tio em gratificação della grande mercê, e acrescentamento de estado. Com o qual final de contentamento, e provocado pelos Portuguezes, se atreveo este novo Dom Manoel a queimar em auto solemne quantos idolos havia em sua terra. Depois disto partio logo Ruy de Sousa, bem acompanhado dos vassallos daquelle Principe: e antes que chegasse á Cidade Ambasse Congo onde El Rey estava, o vierão receber ao caminho quatro Capitaens seus, cada hum em sua paragem, com grande numero de gente em notaveis alegrias toda occupada, e del Rey foy recebido com a mayor solemnidade a seu modo, que nunca alli se tinha visto; e a cortezia foy, pondo a mão no chão, como que tomava pó d'elle, e correo esta mão pelos peitos de Ruy de Sousa, e depois pelos seus, que era o ultimo, que se podia fazer. E logo alli quiz, que diante aquelle povo, que eão mais de cem mil almas, lhe fossem mostradas as cousas santas, que lhe traziaão para o auto de seu Baptismo, para que todos tomassem gosto, e sabor na vista dellas, e em seu proposito o seguissem. O que se fez por mão dos Religiosos, tirando peça, e peça com grande acatamento, e ao levantar de huma Cruz, todos os Christãos, e Gentios, que alli se achavaão, quasi a hum tempo se poseraão em joelhos. E com tanta vontade perguntava El Rey pela declaração de todas aquellas peças, que depois quando em casa as mostrou á Rainha, e a alguns privados, elle mesmo declarou quasi tudo, o que necessario pareceo naquelle acto. E nisto se gastou todo aquelle dia, e bom espaço da noite. Logo depois se começou a Igreja dia da Invenção da Santa Cruz, que lhe deu o nome, a tres do mez de Mayo, e se acabou ao primeiro de Junho. E porque quasi em chegando os nossos, déraão recado a El Rey, que se lhe rebellárao certas Ilhas de hum grande lago, donde sahe o rio Zaire, foy causa, para que El Rey logo se baptizasse sem aquella solemnidade, que elle deter-

minava

minava, e foy em o proprio dia, que se poz a primeira pedra na Igreja: ainda que Garcia de Resende afirma, que durando a obra, e sendo ElRey defenganado, que bem se podia baptizar fóra da Igreja, dissera publicamente, que até então estivera naquelle erro, esperando, que aquella Igreja se acabasse, mas que já que assim era, logo o baptizassem, como fizeraõ, e chamou-se Dom João, e a grande requerimento da Rainha permittia, que fosse ella baptizada antes de sua tornada, e houve nome Dona Leonor. E para esta guerra levou huma bandeira, que ElRey de Portugal lhe mandou, com huma Cruz, em virtude da qual lhe prometteo Ruy de Sousa que venceria, como venceu, mais com a Fé, e final; que levava, que com o apparato de guerra, posto que chegava a oitenta mil homens, segundo diz João de Barros; e segundo Resende, eraõ oitocentos mil. Os quaes hiaõ tão confiados, e animosos com a nova saude; que hum chamado Dom Jorge, Fidalgo, e Christão, disse a ElRey, que aquella noite em sonhos huma mulher muito formosa lhe dissera, que ao seu Rey dissesse, que agora estava elle, e todo seu Reyno ganhado, e ao mesmo deu tanto esforço, que oufou dizer, le combateria elle só com cem homens animosamente. E logo outro Fidalgo, chamado Dom Diogo, disse tambem, que por aquella mesma maneira, com aquella propria mulher lhe acontecera o mesmo, e que já tinha determinado contallo como sonho, mas que agora o tinha, e cria por verdade. E mais, que sahindo pela manha de casa, achara huma cousa santa de pedra, que elle nunca vira, feita como aquella, que os Frades tinhaõ na mão, quando os fizeraõ Christãos; e isto dizia pela Cruz. A qual vista, acharaõ ser de huma pedra negra muito liza, que não parecia pedra, e era do tamanho de dous palmos, e os braços lavrados em rodondo, e não se parecia com pedra alguma, que na terra houvesse: pelo que a estimaraõ muito, e levarãõ com solemne procissão, e posta em huma Igreja, onde a tem por grandissima reliquia pelos milagres, que em sua adoração cada dia são vistos. Acabada a guerra, veyo o Principe herdeiro, e com outros muitos Fidaigos, se baptizou, e houve nome D. Affonso.



Mas como o de noito com esta santa obra perdia muito de seu poder, traçou de maneira as couias, que ElRey por não iargar tanta cópia de mulheres, que com diabolicos affagos se lhe faziaõ aceitas, veyo a resfriar-se no zelo da religião Christãa, e ouvir contra o filho algumas maldades pelo demonio inventadas, com que o lançaão de sua graça, e mataão o filho genti, que se quiz bautizar. Mas permittindo Deos, que esta verdade se foubesse, tornou a ser restituído em sua honra, e terras; e com esta restitução ficou tão avantajado em oulradia Christãa, que mandou com pena de morte, todos os idolos fossem queimados, pelas terras, onde elle andava, com que o animo delRey, pouco antes reconciliado, acabou de se damnar de modo, que para o contrario mandou chamar o Principe á Corte, mas elle dilatando com razões a ida, assentou consigo perder antes a vida, que nesta parte obedecera seu pay. E não deixou de proseguir na obra, trabalhando nella, como novo apostolo, até que com a morte do pay, que de sua doença falleceo, começou a entrar em novo cuidado, por saber. que o irmão estava com muita gente de guerra para se apoderar da Cidade Metropoli, e do Reyno. Mas Deos ordenou de modo o proveito desta sua Igreja de Ethyopia, que o irmão inimigo não pode saber sua vinda á Cidade, onde encubertamente com poucos se meteo; fenaõ depois que nella estava, e já levantado por Rey; mas com tão pouca gente, que ousaão logo commettello, sem o mais apparato de guerra, porque estavaõ esperando, tendo a vitoria por certa. E ainda que com este novo Rey D. Affonso não estava mais gente, que o acompanhasse, que trinta e sete Christãos, elle era tão industriofo na guerra, e sobre tudo allumiado da Divina graça, que lhe mandou, que esperassem o irmão dentro em hum grande cerco a modo de curral, porque alli lhes havia Deos de dar vitoria. E não lhe sahio em vão esta esperança, porque chegado o irmão com a primeira batalha furiofo, e tanto numero de frechas, que escureciaõ o ar, foy cousa maravilhosa, que travada a peleja, chamando aquelles poucos Christãos pelo Apostolo Santiago, e o seu Rey com o nome de Jesu na boca, foraõ todos nesta invocação tão constantes, que não cessaraõ della,

della, té que o irmão, e o seu grande exercito virou as costas, e foy dar na segunda batalha, e ambas se desbaratao miraculosamente. Com que o Catholico Rey ficou tao vitorioso, que até o mesmo irmão inimigo, indo fugindo, cahio em hum cepo, que estava armado para alguma fera, onde o tomarao, e a hum seu principal Capitaõ, que logo pedio o baptismo, dizendo, ser aquelle o verdadeiro Deos, que os homens deviaõ adorar, por quanto em o tempo de peleja elle vira grande numero de gente armada a cavallo, que seguia hum sinal, como aquelle, que adoravaõ os Christãos. E porque estes foraõ os que os venceraõ, e nelles fizeraõ tanto estrago; e porque desta opiniaõ foraõ outros muitos dos contrarios, El. Rey vendo esta confissao, e vontade, lhe mandou dar o baptismo, e com elle lhe deu a vida, e muita mercê; com tanto, que em memoria de tamanha maravilha, elle, e todos seus descendentes fossem obrigados a varrer, e alimpar a Igreja, e trazer agua para se bautizarem todos, os que novamente se fizessem Christãos. Mas o irmão del. Rey assim das feridas, como do desastre falleceo em sua obstinaçaõ. Com esta vitoria, e mercê de Deos, ficou El. Rey Dom Affonso de Congo pacifico em seu Reyno, posto que não lhe faltou trabalho com alguns Principes del. le, que por razaõ da idolatria, que não queriaõ deixar, se lhe rebelavaõ por muitas partes: mas Deos, em cujo serviço elle trabalhava, de todos lhe deu perfeita vitoria, lhe concedeo tantos annos de vida em aquelle estado real, que reynou mais de cincoenta annos, e em todo o tempo, depois que recebeo a Fè Catholica tè o ultimo dia de sua vida, mostrou não sómente virtudes de Christianissimo Principe, mas ainda exercitou o officio de Apostolo de Christo; prégando, e convertendo por sua propria pessoa grande parte de seu povo, e zelando em tudo tanto a honra de Deos, que neste exercicio empregou o mais tempo de sua vida. E para o fazer melhor, aprendeo a ler a nossa linguagem, e estudava sempre pela vida de Christo, e seus Evangelhos, vidas dos Santos, e outras doutrinas Catholicas, que com ajuda dos Religiosos fazia capazes de seu entendimento, e tudo declarava a seu barbaro povo. E para o mesmo fim mandou a este



Reyno filhos seus, netos, e sobrinhos, e alguns moços nobres, para que nelle aprendessem a nossa linguagem, e as letras latinas, e sagradas: e elles o fizeram com tanto cuidado, e diligencia, que houve já de sua geração naquella Reyno de Congo alguns Bispos, e Sacerdotes, que em seu officio servirão a Deos, e dêrão contentamento a nossos Reys, a cuja despeza todas estas obras se faziaõ. E por memoria desta miraculosa vitoria, em que aos inimigos da Cruz ella se lhes mostrou horrenda, e a cavallaria celeste dos Anjos em companhia do Apostolo Santiago, que nelles fizeram grande estrago; ElRey de Congo, a quem todas estas mercês se fizeram, tomou armas, que bem o demonstravaõ, e a nossa brevidade não sofre a relação dellas: mas espero ainda; que com a origem, e declaração de outras muitas cousas vos serão referidas outro dia, que intitularemos segunda parte dos Dialogos de Varia Historia.

Jeau. de  
Barr. Dec.  
l. 3 c. 10j

E ainda que a armada, que ElRey Dom João mandou em favor do Principe Beomii, como já vos disse, por sua anticipada morte não fez o effeito, para que foy enviada; todavia quando os Principes barbaros daquella Ethyopia virão tantos navios, tanta, e tão luzida gente, e tamanho apparato de guerra, como alli junto se via, tudo muy differente do que té então viaõ em seus portos, assim se espantaraõ, que de huns em outros se extendeo a fama por toda aquella costa; redundando tudo em se levantar cada vez mais a estima da amizade delRey de Portugal. E como os mais delles entre si andavaõ em continuas guerras, vendo então, que para a restituição do Beomii mandava ElRey de Portugal tão grande armada, sem mais outras outra obrigação, que pelo aviamento, que costumava dar nossos portos aos Portuguezes, cada hum destes tratava de se avantajár nisto, para depois se valem do favor delRey em suas necessidades. E nisto accrescentou tanto o credito Portuguez em aquellas partes, que não houve Principe nellas, por barbaro, que fosse, que não procurasse sua amizade, e por elle não fizesse, ou deixasse a guerra. E era ElRey Dom João tão humano, que se carteva com elles; e tratava particularmente: tudo porém para descobrir o estado do Preste João, e com

e com elle ás Indias, de que tantas grandezas se publicavaõ pelo mundo. E para este seu desejo mandava tambem por terra, e fertaõ dentro da Ethyopia muitos Christãos, assim Portuguezes, como naturaes da terra: em o qual tanto se occupava, e com tanto fervor o sollicitava, principalmente depois que vio, e gostou de muitas cousas, de que os Elcritores antigos não tiveraõ noticia, que não lhe repousava o espirito; commettendo muitas vezes por varias partes esta grande balça de Guiné, que até hoje se não deixou penetrar. Té que cansado desta continuacão, e despeza de sua fazenda, e dos grandes cuidados, que lhe déraõ os pezados negocios do Reyno, se deixou algum tanto repousar deste seu fervor; mas não, que deixassem os navios ordinarios de fazer suas viagens, até que o levou Deos para si. Do qual (diz Joaõ de Barros) notaraõ em summa tres cousas, que este Reyno lhe deve por estes seus descobrimentos: Louvor de Deos, Gloria, e honra da Coroa Real, e accrescentamento de seu patrimonio. Que mayor louvor de Deos póde haver em sua Igreja, diz este famoso Historiador, que por industria deste Principe em o mais encuberto lugar da terra, e na gente mais remota do nome de Christo, onde poderos crer, que não chegou a pregação dos Apostolos, hoje em Sé Cathedral estarem Altares cheyos de oblaçoens, e sacrificios, offerecidos em nome de Christo, que hum Rey barbaro por sangue cre, adora, e confessa, com tão grande povo, como tem o Reyno de Congo, indo sempre em crescimento do que professa; com termos d'elle Bispos, Sacerdotes, Theologos, e Ministros da publicacão evangelica? A segunda saõ duas fortalezas; huma acabada, e authorizada em Arguim; e a outra de S. Jorge da Mina em meyo da grande região de Ethyopia, pelas quaes, e pelo que por este caminho esperava, accrescentou a esta Coroa o senhorio de Guiné. E porque não deixasse duvidas a seus successores, logo se determinou com os Reys Catholicos de Castella, affinando de commum consentimento os termos do que cada hum havia de conquistar. Quanto á terceira, eu não sey neste Reyno jugada, portagem, dizima, siza, ou algum outro direito Real mais certo, nem que regularmente cada anno assim responde,

Barros

femo



sem rendeiros allegarem esterilidade, ou perda; do que he o rendimento do commercio de Guiné, e tal, que se o souberamos grangear, e agricultural, com pouca semente nos respondera com mayor novidade, que os reguengos do Reyno, e liziras de Santarém. E mais he propriedade tão pacifica, mança, e obediente, que sem termos hum a mão em o murreão acceso sobre a escorva da bombardá, e a lança na outra, nos dá ouro, marfim, cera, couroma, açúcar, pimenta, e malagueta: e daria mais coufas, se tanto quisessemos della descobrir, como descobrimos além dos povos Japoens, que passaõ á cerca de nós por antipodis, ou antichthoens. Finalmente dá muito, e bom povo fiel, Catholico, e serviçal, e que nos ajuda em nossas necessidades, e tão animoso para com elle conquistarmos as outras regioens, que conquistamos, que isto não daõ: que se fosse criado em a doutrina militar, de melhor vontade iria fazer gente á terra de Guiné, que á terra dos Soigos. E ainda mal, porque os Mouros de Africa, principalmente o Xerife de Marrócos, neste nosso tempo se servem mais delles, que nos. E não fallando em as policias, ou malicias de Asia, cuja gente he muy viciosa neste uso dellas, de que Salustio já clamou, por serem causa da corrupção da modestia, e temperança do povo Romano, culpa, em que a mayor parte da Nação Portugueza ao presente jaz. Mas tratando dos frutos da natureza sem humano artificio, que esta terra de Ethyopiadá, bem lhe podemos chamar Paraíso de naturaes delicias. Porque não só nente ella dá os necessarios á vida humana; mas ainda dá almas criadas em a innocencia de seus primeiros pays, que com mansidão, e obediencia meten o pescoço por fé, e bautismo, debaixo do jugo Evangelico. Mas parece, que por nossos peccados, ou por algum juizo de Deos occulto a nós, em as entradas desta grande Ethyopia, que nós navegamos, poz hum Anjo percuçiente com hum espada de fogo de mortaes febres, que nos impede não poder penetrar o interior das fontes deste horto, de que procedem estes rios de ouro, que por tantas partes de nossa conquista sahem ao mar. Palavras de João de Barros.

João de  
Barros ubi  
sup.

## CAPITULO XII.

*Dos costumes , vida , e morte del Rey D. João segundo*

**D**Epois de todas estas conquistas , e descobrimentos , e obras heroicas deste grande Rey , não se apartando delle a lembrança do Principe seu filho , cujas faudades lhe causavaõ sobejo sentimento ; ou como alguns dizem , forçado de outras suspeitas , que sua real inteireza , e a malicia humana poderiaõ causar , veyo a cahir em tão peza-da tristeza , que lhe abbreviou os seus dias , sobrevindo-lhe huma grave , e prolixa infirmitade. E vendo , que ella lhe causava não poder effectuar as grandezas de seu alto animo , em o qual tinha determinado levantar avante as mais altas , e heroicas emprezas , que algum Rey nunca commetteo , veyo a morrer de hidropesia , e com estas palavras na boca : *Agnus Dei , qui tollis peccata mundi , miserere mei* , em a Villa de Alvor do Reyno dos Algarves , onde fora tomar banhos em humas caldas , que por ultimo remedio de sua saude lhe aconselháraõ os Medicos. Em o anno de Senhor mil e quatrocentos e noventa e cinco , em vinte e cinco de Outubro , tendo de idade quarenta annos , e de Reyno quatorze , passou sua alma desta vida com reaes mostras para o necessario áquella ultima hora : como foraõ as cautellas , de que na vida para os contrastes della soube usar ; e com tão evidentes sinaes , e mostras de santidade , que publicamente se affirmou então , que merecia ser canonizado pelos milagres , que Deos por elle fazia: entre os quaes foy hum tão publico , e sem duvida , que se prégo em humas suas exequias pelo Bispo de Tangere Dom Diogo Ortiz , seu Capellaõ mór. Porque depois de passados quatorze annos , que estava sepultado , acháraõ as taboas do ataude , onde seu corpo estava , quasi queimadas da cal , e aalcatifa , e lençol da mesma maneira ; e o corpo do Santo Rey tão inteiro , com barba , e cabellos em a cabeça , e mais partes delle , e até o estomago , como de pessoa viva ; e sobre tudo hum cheiro suavissimo , como de cousa Divina. Foy sepultado em a Sé da Cidade Silves no Reyno dos Algar-

1495.

ves



ves, e depois em o anno do Senhor mil e quatrocentos e noventa e nove, por mandado del Rey Dom Manoel foy trasladado com espantosa pompa, e veneração, ao Réal Mosteiro da Batalha, onde elle se mandou sepultar; e hora está depositado na Capella da Piedade dentro na melma Igreja á parte da Epistola. Sua morte foy taõ sentida de todos, como a vida foy estimada delles, porque na vida foy soccorro de pobres, exemplo de justiça, estimulo de altas empresas, e galardão de heroicas obras: sollicito mestre de bons costumes, notavel conservador de paz, e amizade, e Ministro unico da guerra, e sobre tudo hum verdadeiro zelador da honra de Christo, e de sua Igreja. E na morte foy hum perfeito exemplo para quem perfeitamente o quizer passar. Nas quaes duas cousas concorreraõ tantas mostras em prova desta verdade, que os presentes não duvidáraõ della; e os que depois vieraõ, lhe daõ tanto credito, que ainda hoje o seu corpo he reverenciado notavelmente.

Foy El Rey Dom João II. homem de boa estatura, mais grande, que pequeno, e em tudo bem proporcionado, e de tanta gravidade, que de todos era conhecido por Rey: tinha o rosto algum tanto comprido, e as mais feições a elle correspondentes: os olhos pretos, e graciosos, e nas alvas delles tinha algumas veyas de sangue, que o faziaõ com melancolia ser muy temido, nas cousas de prazer era alegre. A cor do corpo branca, e o rosto corado em boa maneira, a barba preta, e bem posta, e o cabello castanho, e corredo, e em idade de trinta e sete annos tinha já algumas cãs, de que mostrava contentamento. Até os trinta annos foy muy bem disposto, e da hi em diante engordou alguma cousa. Foy de alto, e agudo engenho, e mystico em o que fallava, e prezava-se bem disso, era acompanhado de felicissima memoria, e grande eloquencia, e propriedade nas palavras, as quaes em as cousas de substancia tinhaõ mais verdade, e authoridade, que despejo, nem sabor; porque algum tanto eraõ vagarosas, e entoadas pelos narizes; mas em as cousas de passa tempo era muito alegre, e de muita graça. Foy liberal, e não prodigo, fazendo as merces com muita brevidade, que he huma das partes, que as faz parecer

mayores

mayores. Dava a quem devia, e como devia, e por sua propria vontade, e não por importunação; porque era em todas as cousas de condição tão livre, e isento, que dizia muitas vezes, que indigno era de Real, e soberano dominio, cuja vontade pedia de alheyo arbitrio: e prezavase tambem disto, que o contrario dizia ser o mayor mal do mundo. Donde como ElRey de Inglaterra perguntalle a Monsiur de Escalas, irmão da Rainha, que em tempo deste Rey estivera neste Reyno, que cousa lhe parecera nelle mais notavel? Respondeo: que vira hum homem, que mandando a todos, ninguem o mandava a elle: e por esta isenção o tinhaõ por seco de condição os grandes do Reyno: com tudo isto, foy muito amigo de ser aconselhado, de quem o devia ser. A todos os criados de seu serviço accrescentava sempre as moradias, e dizia por quem as não pedia, que era pequice perder razão de Paço, pois lhe não haviaõ de impedir outras mercês. E não somente seus criados, e naturaes, mas em Castella, Aragoão, França, Roma, e Alemanha, muitas pessoas grandes em estado, e nobreza, recebiaõ delle mercês cada anno secretamente, a troco de avilios necessarios a seu serviço, e estado. As esmolas eraõ tantas, que chegavaõ a Jerusale'm; e em seu Reyno não sabia necessidade, a que logo não acudisse, e para isto tinha pessoas de confiança, que lho descobriaõ. E sendo tão liberal, e gastador; tinha grande astucia em adquirir, e ajuntar. Era justo e prudente; e nas execuções da justiça temperado, sem fazer excepção de pessoas: e até as leys, que fazia, cumpria tão inteiramente, como se fora sujeito a ellas; porque defendeo as mulas, sendo elle doente, nunca mais cavalgou nellas: defendeo as sedas, e nunca mais as vestio, e por isso em seu tempo senão usavaõ muito nas mais principaes pessoas; e não por falta dellas, e de pollicia, e galantaria, como alguns mal dizem: todavia deu licença aos homens para trazerem giboens, carapuças, e pantufos de seda: e as mulheres fainhos, cintas, e bordaduras de seus vestidos tambem de seda: e isto foy em o anno mil e quatro centos e oitenta e sete. Era amicissimo da justiça, e pnnição dos facinorosos, e desobedientes, mas nunca usou de poder absoluto, antes com clemencia



castigava, e em segredo tinha dito a Relação, que comol não fosse ladrao, nem tivesse parte, dessem vida aos homens, pois havia muitas lhas para povoar, e hum homem custava muito a criar. Todavia com toda esta moderacao, e brandura aborrecia tanto os peccados publicos, que mandou queimar publicamente em Lisboa na praça da palha hum casa de hum Cavalheiro honrado, porque nella se jogavao ordinariamente dados, e cartas, e outros jogos prohibidos, que com as circumstancias de blasfemias, e roubos, que ordinariamente acompanhaõ o jogo, era exercicio para senao deixar esquecer; nem menos o foy tambem este exemplar castigo; pois com a lembrança delle cessou a ousadia dos que costumavao dar tobolagem em suas casas. A's festas feiras pela manhã hia a Relação; e as tardes gastava com os Desembargadores do Paço; e aos sabbados se achava na Mesa da Fazenda com os Veadores, e Escrivaens della. Foy muy zelador da liberdade dos povos, que dos Fidalgos erao opprimidos do tempo delRey seu pay, que pelas muitas occupaçoens, e guerras, em que andava, lhe tolerava algumas insolencias. Era tao constante em o que prometia, que com hum a sua promessa se haviaõ os homens por bem despachados, mas nunca dava Alvarás de lembrança. Tinha tanto amor a seus vassallos, que sendo o que tinha a seu filho o mayor, que em Rey se vio nunca, dizia, quando se consolava pela sua desfezada morte, que até naquillo se lembrava Nosso Senhor da gente deste Reyno, porque seu filho não era para ser Rey delles: e isto dizia, porque o Principe era muito afeiçãoado a branduras, e prezava-se muito de sua gentileza. Era tao verdadeiro, que nunca o viraõ mentir, nem ainda em coufas leves, nem passar Alvará sem contrario de outro, nem algum lho ousava requerer: e porque hum dia mal informado o fez; mandou dar á parte duzentos mil reis em ouro, que o Alvará lhe fizera perder. Era tao reverenciado dos seus, que só com os olhos emmendava tudo; e de tal maneira trazia ensinados a seus criados, que não sabiaõ, que coufa era descortezia, e por isso os honrava tanto, que hia a casa de qualquer, que lho pedia, quando calava. Estimou sempre muito os homens virtuosos;

e os bons Cavalleiros, os verdadeiros, e os Letrados, e sobre todos, os seus naturaes; e a qualquer, que em alguma boa arte se avantajava, o recolhia para si, e acrescentava com honra, e mercê. Honrava muito as honradas Donas, as Religiosas, e os bons Religiosos; porque os homens, que alguma qualidade boa não tinhaõ, valiaõ pouco ante elle. Foy destro em as artes boas, e sciencias, e tão universal em todas, que qualquer homem em sua faculdade era necessario fallasse com tento em sua presença. Pelo qual costumava dizer, ser cousa impossivel serem os Reys nescios, porque além de communicarem ordinariamente com sabios, sempre se fallava entre elles com tento, e prudencia, por ignorante, que fosse o que sua causa propunha. Dançava singularmente; e na gineta, e brida era unico, e em todas as armas muito destro, e tão braceiro, e forçoso, que cortava com hum espada tres, e quatro tochas de hum só golpe, cousa, que nunca achou quem o fizesse. Estranhava muito aos moços trazerem espada, e defendialhas até certa idade, por senão costumarem a serem vencedores. Era tão esforçado, e sem medo, nem pavor, que chegou a hir fallar a hum morto, sabendo, que o era: e entre outras muitas provas desta verdade, lhe aconteceu hum galante, e foy: que vindo elle a pé com a Rainha, e Damas por hum rua de Alcochete, a caso se soltou hum bravo touro, ao qual não ousando esperar alguns Fidalgos da companhia, só ElRey tomando a Rainha pela mão, e a espada empunhada, e capa feita se poz diante della esperando o touro, ao qual parece não chegou sua ferocidade a fazer commetter tão grande animo, como o delRey, e assim passou sem entender com elles, e em os mais fez notavel estrago. Caso foy este, que se ElRey o vira fazer a outrem, lhe fizera grande mercê. Era muito afeiçoado a montaria, e caça, principalmente altenaria. Recreava-se muito com ver lutar, e lançar a barra, e lança, correr, e saltar, e outras desenvolturas de pé, e de cavallo; e havia muitos Fidalgos, que o faziaõ muito bem, e aos taes gabava tanto, que todos trabalhavaõ por se avantajarem. Favoreceo muito aos Cavalleiros, e dizia, que eraõ como a sardinha, que tinha tres muitos: era muita,



e sabia muito bem, e custava muito pouco. Era tão grandioso nas obras, que senão contentava senão com as mais perfeitas, e tão solícito, que algumas de seu gosto excederaõ em perfeiçãõ a muitas mais famosas. Em casa particularmente era muito familiar, e alegre com os seus criados, e parentes, e em publico tão grave, que os mais chegados lhe tinhaõ mais acatamento. Nas palavras muito honesto, e tão claro nellas, que a quem não tinha boa vontade, logo lho dava a entender, e tinha por cousa baixa ter odio. E se com paixão dizia, ou fazia alguma cousa, de maneira se mostrava arrependido com satisfação, que o Bispo de Viseu Dom Diogo Ortiz, seu Confessor, dizia delle, que foubra ser peccador, e singular penitente. Foy homem de coraçãõ invencivel, e de muy altos pensamentos, e muy deseioso de cousas grandes, tudo por serviço de Deos, e por sua honra, e accrescentamento de seus Reynos. Entre outras muitas virtudes tinha esta, muy inconveniente a grandes Principes, tanto cuidado, de quem o servia, que sem lhe pedirem mercê, lhas fazia a cada hum conforme o merecia. E para sua lembrança; e mais perfeiçãõ, e igualdade, em hum secreto memorial tinha escrito os meritos, e obrigaçoens de cada hum, e por allios provia, ainda que estivessem fóra do Reyno. Tambem tinha outro memorial em segredo, em que escrevia todos os homens, que elle achava merecedores de seu serviço, e em cada officio, e cargo havia seu titulo, em que estavaõ os que tinhaõ as qualidades para cada hum necessarias. E com esta providencia sempre nas eleiçoens de seus officios era muito acertado. E era tão provido em todas as cousas, que antes que dellas houvesse necessidade, as mandava fazer. Vestia-se ricamente, e nunca sem o dizer primeiro a muitas pessoas, que o mesmo fizessem, e para isso lhe fazia mercê; e á Rainha, e Damas fazia o mesmo: entãõ havia sarão, que ficava em festa. Nestes dias, e nos Santos, e Domingos cavalgava pela Cidade, e muitas vezes com trombetas, atabales, e sacabuxas, e com grande apparatus andava as ruas principaes, onde o povo com suas alcatifas, e paramentos, e outras alegrias ajudava a solemnizar as festas. Se via hum homem honrado á sua porta;

porta, detinhase com elle, e perguntavalle alguma cousa. Hia muitas vezes á carreira, e as mais dellas elle corria, e assim grangeava os corações de todos, de tal maneira, que não houve Rey mais desejado. Comia muito, e muito bem, com muito vagar, e cerimonia; mas duas vezes sómente ao dia, e sempre à mesa havia boas praticas, e algumas eraõ honestas disputas de grandes Letrados, e Theologos. E nos dias de festa havia danças, e muitos instrumentos musicos, e bailes de Mouros, e Mouras, vestidos de varias sedas, de que elle muito gostava. O serviço da mesa era muito limpo, e perfeito, e os officiaes della escolhidos, e bem dispostos, porque de os ver assim folgava muito. Nunca bebeo vinho até idade de trinta e seis annos, e dalli em diante, por suas infirmitades constrangido o fazia muy temperadamente. E ainda que foy amigo de mulheres, como Reynou foy notavelmente temperado, e casto. Foy muy temente a Deos, e amigo dos pobres, e taõ devoto da paixão de Christo, que nunca lhe pediraõ cousa alguma á honra das cinco Chagas; que a não fizesse, como á hora de sua morte elle mesmo confessou publicamente. Ouvia todos os dias Missa com muita devoção; e onde quer que estivesse, tinha sempre Oratorio fechado, em que todas as noites depois de despido se recolhia a rezar os sete Psalmos; affirmava-se que com os joelhos nus postos em terra; e muitas vezes tardava tanto, que dava grande trabalho aos que o aguardavaõ: pela manhã na cama, e á mesa rezava sempre as horas de nossa Senhora, e outras muitas orações. E depois de sua morte em huma boeta, de que elle só tinha a chave, se achou hum confessorio, e humas disciplinas, e hum aspero cilicio: muy convenientes arreyos a quaesquer vestiduras Reaes. Procurou sempre, que os officios Divinos se celebrassem com muita perfeição, e solemnidade; e em seu tempo em nenhuma parte do mundo se faziaõ melhor. Quinta feira da Cea do Senhor dormia onde o Santissimo Sacramento estava, com dó, e grande loba de capello. E o lavar dos pés fazia com tanto acatamento, e lagrimas, que aos religiosos mais perfeitos podia ser notavel exemplo. Todas as festas do anno eraõ por elle solemnizadas com muita veneração,



neração: e os antigos costumes de seus antecessores celebrava com grande estado: em o Natal consoada: na Pascoa, Ressurreição, dia de *Corpus Christi* Procissão, e touros; vespera de São João grandes fogueiras, e no dia Canas Reaes: e as mais festas conforme lhe parecia. Foy o primeiro, que em sua Capella ordenou rezarem as horas Canonicas, como em Igreja Cathedral, dandolhe para isso renda por distribuições, e em tudo o mais tanta perfeição, que nenhum Rey se lhe igualou nunca. E tanta veneração tinha ás cousas sagradas, que teve hum mez prezo a Diogo de Sousa, Deão da sua Capella, e depois Arcebispo de Braga, porque estando elle á Missa, levantou hum pantufo del Rey, e assim em joelhos lho quizerá calçar, dizendolhe logo então com muito agastamento estas palavras: tiraivos dahi, isso haveis vós de fazer? Homem que toma o Santissimo Sacramento nas mãos, as hade pôr em o meu Pantufo? Foy muito obediente a El Rey seu pay, e lhe desencarregou sua consciencia com muito cuidado, em tudo quanto pô le. Era tão zeloso do bem de seus vassallos, e prezavase tanto deste amor, que em mostra d'elle, trazia por divisa hum Pelicano, que sustentava os filhos com seu proprio sangue. E se com alguma razão o fazia, o pouco tempo, que viveo, e o muito, que pa leceo, quão pouco lhe parecia o muito, que fazia a seus vassallos, para o que lhe desejava: e as mais obras suas sejaõ testimunha desta verdade. Em fim este amor lhe acabou a vida tão perfeitamente, que de muitos he havido por Santo. E para que sua divisa se tenha por mais verdadeiramente appropriada, affirmase d'elle, que á hora de sua morte, de muitas mercês, que lhe pedião, assignava os Alvarás, tendo já na mão esquerda a candeya, a cuja luz morria, e na outra a pena, com que assignava; de maneira que até em sua morte dava vida. Eraõ estas excellencias tão conhecidas no mundo, que estando a Rainha Dona Isabel de Castella em hum Conselho, os grandes d'elle lhe disserão, que não soffresse tanto a El Rey de Portugal, e que lhe tomasse o Reyno: e perguntandolhe ella, que gente de cavallo haveria em ambos os Reynos, responderão, que em Castella mais de dezaseis mil; e em Portugal sete, ou oito

oito mil sómente: que faremos, replicou ella a isto, que esses todos são filhos, e os nossos vassallos? Outra vez a huns, que lhe diziaõ mal delle (como certa ponderadora de illustres merecimentos) respondeo: provêsse a Deos, que taes fossem meus filhos. E quando soube sua morte, com grande lastima, e sentimento disse: morto he o homem, que eu em tanta estimação tinha. E o nosso Rey D. João III. disse delle, que fora o melhor homem de seu officio, de quantos Hespanha teve até seu tempo. E El-Rey Carlos VIII de França aflombrado de huma liga contra elle da mayor parte da Christandade, fez pouco caso della, dizendo, que para desbaratar todos, não havia mister mais, que ser com El-Rey Dom João de Portugal seu irmão, e que para conquistar o mundo elles sóz baltavaõ. E El-Rey Dom Fernando de Castella, provocado de muitos grandes de seus Reynos, mandou vir ante si o Chronista, que escreveo a batalha de Touro, onde El-Rey Dom João, sendo Principe, ficára vencedor do seu campo, e depois delha mandar ler perante todos, disse, que estava muito bem escrito, que não tirasse, nem acrescentasse palavras, porque tudo aquillo, e muito mais era verdade; porque elle o via com seus olhos: palavras dignas demonstradoras, de quem elles ambos foraõ. E o Cardeal Dom Jorge da Costa, factura del-Rey Dom Affonso V. quando em Roma soube sua morte, disse publicamente, que entãó morrera o melhor Rey do mundo, filho do melhor homem do mundo: palavras por serem de inimigo, mais verdadeiras, e dignas de mayor estima. Em fim sua morte foy sentida de muitos, e com tristes lagrimas, e suspiros solemnizada de todos, os que o conheciaõ. Vestio se todo o Reyno de burel, almasfega, e de vazo; com mais tristeza na alma, do que os vestidos representavaõ; e a Cidade de Lisboa excedeo a todas, como sempre, mandando com graves penas, e se cumprio inteiramente, que nenhum barbeiro fizesse barba, nem cabello a alguem dahi a seis mezes: mostra de sentimento, que não está posto em memoria, que por algum Rey se fizesse.

E porque de muitos homens, que a fama engrandefese, contaõ os Historiadores muitos ditos, e apcthegmas delicados:



delicados, e sentenciosos, e delles se fabricáraõ alguns livros, que entre os sabios não tem o menor lugar do primeiro merecimento das heroicas obras: não vos pareça pezo. dojouirdes outro dia alguns deste Rey, de que fallamos: e eu fio de vosso entendimento, e curiosidade, lhe dareis o lugar devido, porque nelles, como nas mais perfeicoens, não ficou atraz dos mais famoços.

Foy casado com a Rainha Dona Leonor sua prima, filha do Infante Dom Fernando seu tio, filho del Rey D. Duarte; e della não houve mais que o seu unico primogenito Dom Affonso, que o Senhor lhes levou em Santarém, como já ouviste. E de Dona Anna de Mendonça, Senhora de nobre geração, que foy depois Commandadeira de Santos da Ordem de Santiago, houve hum filho bastardo, chamado Dom Jorge, que foy Duque de Coimbra, Senhor de Torres Novas, e Aveiro, e das Beatrias, e Montemor o Velho, com todas as mais terras do Infantado, assim como as possuira o Infante Dom Pedro seu bisavó, de quem neste Reyno não ha outra descendencia. Foy tambem Mestre de Santiago, e Aviz, e casou com Dona Beatriz de Vilhena, filha de D. Alvaro de Portugal, irmão de Dom Fernando, terceiro Duque de Bragança: e della houve Dom João, que lhe succedeo, e casou com Dona Juliana, filha de Dom Pedro de Menezes, Marquez de Villa Real, e de Dona Beatriz; e della houve Dom Jorge de Lancastre, que morreo na batalha de Alcazer-Quibir com El Rey Dom Sebastião; e Dom João, e Dom Pedro Diniz, e hum bastardo, Frade de São Domingos. O segundo filho do Mestre de Santiago foy Dom Affonso de Lancastre, que de Dona Violante, filha de D. João Coutinho, Conde do Rodondo: e de Dona Violante Henriques houve Dom Jorge; que morreo com El Rey Dom Sebastião; Dom Alvaro, que hoje he Duque de Aveiro; e Dom Manoel de Lancastre; e muitas filhas Freiras. O terceiro foy Dom Luiz de Lancastre, que casou com Dona Magdalena, filha do Infante de Granada, Donzella da Rainha Dona Catharina, e della houve Dom Luiz, e Dom João de Lancastre, e Dona Beatriz, que foy segunda mulher de Dom Theodosio Duque de Bragança, de que houve Dom James, que morreo em Africa,

e Dona

e Dona Isabel, com quem hoje esta recolhida em Landroal.

Estes iaõ os descendentes deste grande Rey D. Joaõ II. donde procedem por linha Masculina os Duques de Aveiro, e a Real familia dos Lencastrs deste Reyno. Taõ insigne em reaes virtudes de prudencia, e cavallaria, como bem affortunado em illustres progenitores, que he o mayor bem dos humanos, quando as obras dos presentes correspondem com a nobreza dos passados.

## C A P I T U L O XIII.

*De muitas cousas notaveis, que neste tempo acontecerã no mundo:*

**T**Aõ notaveis foraõ, disse o Italiano, as mortes destes dous Principes, Dom Joaõ, e seu pay Dom Affonso, em lastimas, e tristezas, e magoas, como as vidas delles foraõ unicas em trabalhos: em hum, porque naõ pode acabar, o que com tanto gosto principiava: e no outro, porque quiserã dar fim á sua vida: huma; e outra, dignas de mais largos annos, e prosperos successos. Mas deixando essas queixas, que parecem ser feitas a madrastra, ouvi algumas cousas, que neste tempo no mundo passãrã, taõ notaveis, que ellas vos façaõ mudar o pensamento, que magoado mostrais destas presentes.

No anno do Senhor 1453. Mahometh entre os Imperadores Turcos o segundo do nome, e o primeiro, que

pelo seu bellicoso animo alcançou por appellido Graõ Turco, determinou dar fim a huma empreza por seus passados muitas vezes começada, que era a conquista da nobilissima Cidade, e Imperio de Constantinopla: para a qual começou a fazer grandissimos apparatus de guerra, que ainda que muito encuberto pela paz, que com o Imperador tinha; todavia foraõ entendidos dos astutos Gregos, os quaes naõ se confiando em suas forças contra taõ poderoso inimigo, mandaraõ pedir soccorro aos Latinos, e Principes de Europa. Alguns dos quaes acharã taõ embaraçados nas particulares guerras, que naõ tiveram ocio para acudir a taõ universaes necessidades. E assim parece, que fechando os ouvidos a taõ justas queixas, e gemidos, e os olhos a taõ piedosas lagrimas, e voltan-

Joan. Sed  
nus de vi-  
ris Illustris  
buc. Gene-  
brar. lib. 4  
Pauli Jovi  
de reb. turc  
cis& in his-  
tor. sui temp  
pori An-  
dreas Cam-  
bin. de origi-  
gin Turcorum  
Plat.



vita Nic. 5 do o piedoso coração a tantas necessidades; e misérias; e  
 Iulian. ibid. deixaraõ de todo desamparados os Gregos, e o seu famoso  
 Bap. Ignat. Imperio entregue nas mãos d's mais barbaros, e crueis  
 tins de Ro- inimigos, que a Igreja Catholica nunca teve. A qual não  
 man. In pet. podendo com a diligencia necessaria acudir a tão grande  
 tat. l. 3. desventura, foy a Cidade Constantinopla tomada pelo  
 barbaro Mahomet, que com innumeravel multidão de  
 soldados, e espantosas maquinas, e estratagemas milita-  
 res, a combateo em espaço de sessenta dias: nos quaes  
 defendendo-se os Gregos animosamente; veyo o seu in-  
 clyto valor militar a ser superado da barbara multidão  
 dos Mahometanos. Os quaes a vinte e seis de Abril de  
 mil e quatro centos e cincoenta e tres, depois de gran-  
 dissima, e animosa resistencia, entraraõ a Cidade, e ao  
 seu Imperador Constantino (ultimo do nome, como o  
 primeiro, que a edificou) mataraõ nas portas della: onde  
 Sabelic. elle escolheo antes morrer animosamente, que vir às  
 JEnead. 1. mãos de tão nefando inimigo. O qual concedendo aos  
 lib. 6. Soldados a Cidade a sacco, foy ao furor delles de tal ma-  
 guia lib. 10. neira entregue, e de sua barbaria tão cruelmente trata-  
 Monarch. da, que não houve maldade abominada, nem torpeza  
 Ecc. lat. 11. inaudita, nem crueldade nefanda, que nella não se exe-  
 me l. 26 c. cutasse: trazendo ao fio da espada todo o genero de ho-  
 20. Garib. mens, mulheres; e meninas; violando com furia lucife-  
 rina sagradas Virgens, e illustres Donzellas, derrubando  
 Igrejas sumptuosas, e profanando as cousas sagradas del-  
 las. Fazendo infame estribaria do insigne Templo de San-  
 ta Sophia, pelo famoso Justiniano edificado, roubando-  
 lhe suas riquezas, e arrazando seus formosos edificios, e  
 os Corpos dos Santos, Reliquias, e Imagens fazendo pe-  
 daços.

Tudo emfim destruido; e arrazado; e queimado; ficou a Cidade lastimosa, miseranda, e desfigurada, ao barbaro Mahometho entregue, e o seu famosissimo Imperio dedicado ao dominio da casa Othomana. Depois que desde o primeiro Constantino filho de Helena, por espaço de mais de mil e noventa annos, se conservou em diversas naçoens, mas em huma só Ley, até o tempo do ultimo Constantino, filho tambem de Helena (ou Irene) que animosamente pelejando, deu o derradeiro dia a sua vida,

vida, e o fim a seu Imperio, que os Príncipes Christãos de Europa deixarão vergonhosamente extinguir: huns occupados em guerras menos importantes, outros engolfados em tyrannias, e inquietações, bem estranhadas, e sentidas. E todos ordinariamente para tão catholica empreza mais tibios, vagarosos, e descuidados, do que se mostraraõ para outras menos honrosas, menos santas, e menos illustres, e piedosas.

Ganhada a Cidade Constantinopla pelo Graõ Turco Mahometho, e não se contentando elle com chegarem os limites de seu esforço a tanto; antes pertendendo extendellos por toda a rodondeza da terra, começcu a conquistar as famolas Provincias da Moréa (chamada Peloponeto) Achaya, Epyro, Macedonia, Bulgaria, e outras muitas, e todas as que entre Adrianopoli, e os rios Savyo, e Danubio, situadas estavaõ. Até que de todo destruiu as antigas, e potentissimas Cidades Sinope, e Trapilonda; e matando o Senhor dellas, extinguiu aquelle Oriental Imperio, que o tyranno Alexio Coneno fundara havia duzentos annos. Finalmente chegou a tanto seu tyrannico poder, que tomou doze Reynos aos Christãos, e fez tantas conquistas, que affirmão perder nellas mais de trezentos mil homens. Este passou grandes contendas, trances, e batalhas com o famossissimo Jorge Castrioto, communmente chamado Scanderbego, o qual sendo filho de Joã Castrioto Principe de Albania, foy entregue com outros irmãos seus ao Graõ Turco Amurathes, em segurança, que seu pay senão levantaria com o seu senhorio, que vencido pelo Turco possuia como seu vassallo. E porque Jorge Castrioto em natural, valor, e esforço, e outras excellencias de pessoa, e animo, excedia muito aos outros irmãos; taõbem foy mais estimado, e mais querido; e mais avantajado, que nenhum delles, chamandolhe o mesmo Amurathes por excellencia Scanderbech, que na sua lingua he tanto, como entre nós grande Alexandre. Criado com estes favores, sahio em todo o exercicio militar taõ insigne, que o Imperador Turco, depois de haver provado em muitas occasiões a sua fidelidade, e prudencia militar, lhe encarregou grandes emprezas. As quaes sendo por elle feliz-

Pou'. Joã  
de rebatur.  
cic. & in  
hisor. sul  
temperis. Et  
omnes  
quide Turci  
scripserunt,  
Sabelicus;  
dec. 10  
Francise.  
Roc. in hile  
tor. seand  
derbeg.



mente acabadas, veyo entre os Turcos a ser o principal; e mais inligne Capitaõ de toda Grecia. E igualava elle com suas preclaras obras esta opiniaõ, que delle tethinha, com tanta vantagem, que assim seu valor, e destreza, como sua ventura, e favor, vieraõ a ser odiados de muitos. Mas como a virtude, crescendo nelle mais do costumado, era causa em muitos homens de grandes invejas, assim tambem a liberdade da propria natureza sua, e destreza de seu engenho, as superava todas, e aniquilava de maneira, que não podendo alguns suportar em estranho homem tantas glorias, tantos triumphos, e tantos favores, trabalharaõ tanto, que o fizeram suspeito ao barbaro Imperador. O qual, como era velho, e em Scanderbech conhecia animo, e ousadia, para se poder levantar com seu Imperio, pelo muito, que do governo militar delle lhe tinha entregue, veyo a desconfiar do venturoso Mancebo, e desejava alguma occasiaõ, de o não deixar vivo depois de sua morte. E porque elle era muito aceito ao povo, e da gente de guerra muito querido, não ousava o Turco de o matar descurtamente. Mas ordenando muitas justas, torneys, e desafios, e outras militares provas, algumas dellas muito perigosas, determinava em alguma dar-lhe o fim á vida. Mas assim como o seu valeroso animo nenhuma deixava, que não commettesse; assim tambem, com o favor de Deos, de todas sahia vencedor. Té que vindo elle a conhecer no barbaro Turco a má vontade, que lhe tinha, esperou occasiaõ conveniente, e se poz em salvo, e fóra de seu poder, e obediencia, indo-se á sua patria. Onde apoderando-se industriosamente de Croya, Cidade fortissima, e a principal de toda Albania; começou a convocar toda a gente della contra o Turco Amurathes; com o qual alcançou delle muitas, e muy gloriosas vitorias, pelo mais valeroso artificio ministradas, que em outro semelhante se vio nunca; com que se acabou de fazer Senhor de todo seu paterno estado, e de outros muitos, que como a porto seguro ao seu inclyto valor se encõmendavaõ, para se verem livres da barbara tyrannia Othomana.

Nestas contendas se passáraõ cousas muito estranhas, astucias no militar exercicio nunca vistas, com as quaes

quaes alcançou de Amurathes, e de seu filho Mahometh tão insignes vitórias, como a gloriosa fama dos seus louvores manifesta, e em a sua historia tão vulgar, como illustre em façanhas, e eloquencia achareis bastante-mente referida. Morreo o felicissimo Scanderbech o mesmo dia, em que a sua gente fez fugir hum poderoso exercito de Turcos, e delle alcançaraõ insigne vitoria, dia tão glorioso por ella, como lastimoso, e triste pela morte deste inclyto Principe, que entre os do seu tempo no militar esforço foy eminentissimo: passou desta vida no anno do Senhor mil e quatrocentos e sessenta e seis, e tendo de idade sessenta e tres annos, e de Imperio vinte e quatro. Sua morte foy tão sentida dos Principes Christãos, como chorada de todos os senhores da grande Albania, e Epyro: os quaes com ella começaram logo a lamentar o triste fim, que a seus Estados, e Coroas annunciavaõ, e lhe não foy dilatado muito tempo.

Tambem no anno do Senhor mil e quatrocentos e setenta e oito, ( disse o Portuguez ) reinando em Castella Dom Fernando V. em Portugal Dom Affonso V. teve principio na Cidade Sevilha aquella admiravel, e divina obra da Santa Inquisição. Sendo o seu principal instrumento o Cardeal Dom Pedro Gonçalves de Mendonça, Arcebispo de Sevilha, o qual com outros gravissimos varoens, em virtudes, e sciencias insignes, ordenou ( não sem inspiração divina ) muitas cousas, e Constituições Santas, e necessarias, para que os convertos á nossa Santa Fè estivessem firmes nella: e os outros hereges, e contumazes, fossem castigados, como merecem. Dos quaes, em o principio desta Santa obra, achando-se grande numero, e diversas heresias, se ajuntáraõ o mesmo Cardeal, e Prelados, e os mais Deputados, e reformaraõ, e perfeioaraõ os estatutos, conforme aos Santos Canones, e á necessidade presente; e outras cousas tão santas, como delicadas. Com tão divino favor, que se póde crer sem duvida, serem allumiados pelo Espirito Santo com dom particular, que a esta sua Hespanha quiz conceder o Omnipotente Deos com soberava misericordia. Foy nomeado por seu primeiro inquisidor Geral Frey Thomàs de Torquemada, da Ordem dos Pregadores: o

1466.

1478.

Garib. lib.  
19 Genet.  
l. 4 Anton  
us Nebriss.  
in hist. reg  
um cathol.  
Et alii non  
pauci

qua



qual administrou este Divino Officio admiravelmente; e ordenou, que em algumas partes mais convenientes do Reyno estivessem certos Juizes Apostolicos, que com nome de Inquisidores buscassem com Santo Officio os hereges, para os enmendar, e castigar, e doutrinar no verdadeiro conhecimento da Santa Fé Catholica. E estava naquelle tempo Hespanha tão coalhada delles, que com os primeiros edictos, que se publicaraõ, para que dentro em certo termo apparecessem todos os hereges, e apostatas, a se reconciliar com a Igreja Catholica: dizem, que se appresentaraõ mais de dezaete mil pessoas, a quem deraõ penitencia laudavel, e procederaõ contra os contumazes, dos quaes em breve tempo queimaraõ mais de dous mil por pertinazes, impenitentes, e relapsos. Por esta causa fugiraõ muitos a este Reyno, e outros a terras de Mouros, e outras partes, onde são tratados como sua incredula pertinacia merece. Té que vindo os mesmos Reis Catholicos sua pertinacia; e que não bastavaõ todas as diligencias, que os Ministros da Santa Inquisição faziaõ para se reduzirem á Fé Catholica, os lançaraõ todos do seu Reyno com publicos edictos.

Garibi ubi  
sup. Nebriſ.  
ubi sup.

1492.

Havendo dez annos, que os Reis Catholicos de Castella Don Fernando, e Dona Isabel, conquistavaõ o Reyno de Granada, trabalháraõ tanto nesta Santa obra, que em o anno do Senhor mil e quatrocentos e noventa e dous vieraõ a ser senhores daquelle bellicoso Reyno, que os Mahometanos havia oito centos annos tinhaõ usurpado; e porque com esta santa conquista acabaraõ de exterminar de Hespanha esta barbara canalha, alcançaraõ do Romano Pontifice cognomento de Reis Catholicos, que sempre estimaraõ muito, como he Author Genebrardo na sua Cronographia: e assim o parece; pois até entãõ não era este o ordinario cognomento dos Reis de Castella, como dalli em diante se costumou sempre.

Et bene Joſ.  
aun. Natus  
ſus præſa-  
tion. Oſorii  
noſtri D.  
Emanuel  
geſtis &  
alli quam  
plur.

1492.

E como taes no mesmo anno de mil e quatrocentos e noventa e dous, em que a conquista de Granada se acabou, começaraõ elles mesmos o descobrimento das Indias Occidenties; que por sua grandeza chamaõ o Novo mundo. Como que só aos Hespanhoes esteja particularmente encomendada a conquista dos Infieis, e pagãos;

ções, em quanto os outros Principes Christãos se lat s  
fazem de seus odios, e pertençaens. Porque tambem  
neste Reyno de Portugal neste tempo, e n uito dantes,  
por industria dos Reys delle, como dissemos, se traba-  
lhava muito nesta santa obra, e nella se fazia não me os  
proveito, que diligencia, descubriendo cada dia novas ter-  
ras, novos climas, e incognitos mares, e navegaçoens.  
E foraõ os Portuguezes nisto tão diligentes, e bem afor-  
tunados, que déraõ materia a Christovão Colon, para fa-  
zer os santos effeitos, que vemos nos mares do Occiden-  
te. Porque sendo elle Genovez, e muito pratico na arte  
de navegar, era tão pobre, que vivendo casado na Ilha  
da Madeira, se sustentava só em fazer cartas de Marear.  
Onde aportando huma náõ Portugueza, que forçada de  
contra os ventos, ou levada da cobiça, e oulado animo  
dos que a governavaõ, vinha daquellas grandes, e incog-  
nitas terras Occidentaes, que dizemos. E foy tal a ven-  
tura de Colon, que em sua casa se agazalharaõ os ho-  
mens, que nella vinhaõ ainda vivos, os quaes como em  
seu hospede vissem o que na pratica das cousas maritimas  
sabia (por lhe gratificarem o bom agasalho, que na vida  
lhes fizera) vendo-se juntos á morte, ou constrangidos,  
como as suspeitas de alguns dizem, lhe descubriãõ don-  
de vinhaõ, e as varias terras, que tinhaõ descubertas, e  
como, e por onde se podia navegar a ellas, e a grande  
riqueza, de que eraõ abundantissimas, e outras cousas;  
que necessarias lhe pareceraõ para este intento. Do qual  
lançando mão o astuto Genovez, se veyo logo, depois  
que elles morriaõ, a este Reyno, onde não lhe dando  
audiencia, pelo muito, que occupados andavaõ no des-  
cubrimiento do Oriente, se foy a Castella, e nella depois  
de largos requerimentos, e varios offerecimentos, que a  
diversos Reys, e Principes fez, e no fim da conquista de  
Granada lhe mandáraõ os Reys Catholicos apparelhar  
duas náõs, com todo o mais necessario para tão incogni-  
ta navegação, como Colon promettia. A qual fazendo  
elle prosperamente (ainda que com infinitos trabalhos)  
tornou a Castella no anno do Senhor mil e quatro centos  
e noventa e tres, trazendo muito ouro, e outras muitas  
cousas, em que dava claro testimonho, do que elle tinha  
promet-



promettido; e mal podera prometter, se os Portuguezes seus hospedes lho não descobrião. Pelo qual foy tão bem recebido de todas as gentes, especialmente dos Reys Catholicos, que em remuneração de tão heroico serviço o fizeraõ Almirante das Indias Occidentaes, e a hum seu irmão Adiantado nellas, que com outras magnificas mercês se houveraõ por satisfeitos, e tudo nelles foy bem empregado, pois déraõ principio a tão grande cousa. Com este Colon vieraõ alguns Hespanhoes, que naquellas partes ajuntando-se com as Indianas, vinhaõ inficionados de huma infirmitade, naquella terra muito ordinaria, que em Castella chamáraõ Bubas, e; dahi se foraõ extendendo por toda Andaluzia, logo por Castella, e pelos mais Reynos de Hespanha, até que hoje não ha parte no mundo, onde este mal senão acha. Que sendo cousa má, e por máo exercicio adquirida, não he muito em tão breve tempo inficionar tanta terra. Pois ella, e a nossa natureza pervertida, mais azinha se inclinaõ a produzir cousas semelhantes, que perfeitas, e boas. Ainda que não faltaõ alguns Authores graves, que a vinda desta infirmitade attribuem a outras Provincias. E se em Hespanha lhe chamaõ Morbo Galico: em Italia lhe chamaõ Morbo Hispanico, que confórma muito com a opiniaõ de Esteuaõ de Garibay no lugar acima,

Garib. ubi  
sup.







## CAPITULO XIV.

*Das Confas do Inuictissimo Rey D. Manoel, e como descubrio, e conquistou o riquissimo Imperio do Oriente*

**P**orque não ficou no grande Rey Dom João ( disse o Portuguez ) legitima descendencia , que no Reyno lhe succedesse, tanto que elle falleceo de sua prolixa infirmitade em Alvor do Reyno dos Algarves, como já disse-mos, logo em a Villa de Alcacer do Sal, onde com a Rainha sua irmã se achava Dom Manoel Duque de Beja, foy levantado por Rey de Portugal, de commun consentimento, como legitimo, e indubitavel herdeiro, e successor da Coroa Real, por parte do Infante D. Fernando seu pay, filho segundo del Rey D. Duarte, e irmão del Rey D. Affonso V. E ainda que isto por razão, e direito lhe era devido, foy tambem por vontade expressa del Rey D. João approvado. Porque era El Rey D. Manoel naquelle tempo mancebo de idade florescente de 26 annos, e nella dotado de muitas virtudes de pessoa, e animo, e como tal mais se exercitava em agradar, e servir a El Rey seu primo., e senhor, que em todos os mais annuncios de futuras honras. O que foy tão conhecido, e gratificado do prudentissimo Rey, que não sómente em vida lhe fez mercê dos estados do Duque seu irmão, e por sua morte o deixou nomeado por successor de sua Coroa; mas tambem authorizando o que delle se esperava, lhe mandou, que tomasse por Armas, e insignia a Esféra, como certa denunciadora de suas prosperas conquistas, e soberano dominio nas provincias de ambos os Polos, Arctico, e Anctartico. Divisa tão propria a suas heroicas obras, como necessaria á grandeza dellas, pois na terra fizeraõ seu nome immortal. e no Ceo sua alma gloriosa.

Chegado pois com tão felices principios á Magestade Real, que todos em extremo lhe desejavaõ, e elle com muita razão merecia; começou a fazer taes obras, nascidas de seu generoso animo, que a opiniaõ, que del le se tinha, com ellas confirmou, e ao que delle se esperava, deu glorioso principio. Porque vendo El Rey D.

Olorius  
Episco. Syl  
de rebus  
gest. ab  
Emanuel  
Portug Reg  
Damian de  
Goes in ejus  
vita Garib.  
ib Joan. de  
Barr. Deca  
I & 2. & 3.  
Joann. Ma  
phzu. So  
cietat. Jesu  
historiarum  
Indiarum  
lib. 1. 2. 3.  
& cxi. Fer  
dinand Lo  
pes Casta  
nheda in  
octo l. de  
rebus Indi  
cis Joan  
Natal. In  
quanus in  
Prælatione  
l.



Minoel as conquistas, e descobrimentos de novas terras, novos climas, novos mares, e navegaçoens do tempo del Rey Dom João de Boa Memoria, começadas, como já vos disse, por seu filho o Infante Dom Henrique, com tanto trabalho seu, e industria, a quem tudo, ou o principal dellas se deve, como em diversos escritos está posto em memoria pelos nossos tres famosos Portuguezes. O grande João de Barros na sua Asia, o verdadeiro Poeta Luiz de Camoens em os seus Lusíadas, e o Principe dos Oradores Dom Jeronymo Osorio, Bispo dos Algarves; e no Dialogo dos triunfos dos Lusitanos em alto estylo se relata, e Damiaõ de Goes na Chronica do Principe Dom João bastantemente o refere. E sabendo tambem, como foraõ continuadas por El Rey Dom Affonso V. na conquista dos lugares de Africa, e da Mina, e por seu filho El Rey Dom João II. no descobrimento de grande parte da costa da Ethyopia, e daquelle grande Promontorio, que chamou de Boa esperanza, sem o qual todas as mais diligencias eraõ sem proveito; parecendo-lhe a este felicissimo Principe, que para elle estavaõ guardadas aquellas conquistas, mandou proseguir com muyto ardente desejo, e diligencia. Naõ obstante as muitas admoestaçoens de seus vassallos, que o contrario lhe persuadiaõ, nem os medos, carrancas, que de taõ longa navegaçaõ, taõ procelosos máres, de taõ incognitos, e perigosos curtos, lhe eraõ com muita vehemencia cada dia representados; passando por tudo como inclyto, e magnanimo Principe que era; porque final he de animo generoso, e invencivel, em cujo peito grandes empresas se achaõ, e mais quando nos ensina o Divino Ambrosio, que entaõ se haõ de esperar mais em Deos, quando os presidios humanos mais nos faltarem. Quanto mais, que os grandes interesses de honra, e fama, em louvor de Deos fundada, saõ os mais ardentes estymulos, que pôdem ter os espirito dos Reys, e grandes homens. Com o qual este nosso Principe encheo o mundo de immortal fama de suas heroicas obras, e povoou o Ceo de invenciveis cavalleiros, e de muitos Martyres de Christo, e converteo as infames mesquitas, e pagodes da gentilidade, em sagrados Altares, e casas de oraçaõ, e Religiosos Templos, só ao culto

Divi.

Divino dedicados, fazendo adorar o Verdadeiro Corpo de Christo, onde dantes os brutos animaes se veneravaõ. E como novo Apostolo, extendendo os limites da Religião Chriistãa, mandou o conhecimento dellas a gentes incognitas, e do verdadeiro Deos, e Senhor nosso muito ignorantes, habitantes nas extremas partes do mundo. Podendo mais com elle este santo zelo da honra de Christo, e amplificação de sua Fé, que em seu peito ferveo sempre admiravelmente, continuando estas conquistas, que todos os inconvenientes, que os impedimentos humanos lhe punhaõ ante seus olhos, para deixar de proseguir o que seus antepassados, com tanta gloria sua, começáraõ, continuáraõ, e proteguitaõ, sem perdoarem aos excessivos gastos da sua fazenda, nem as continuas mortes de seus vassallos, sendo só a elle reservado este glorioso fim de seu trabalho. E permittio-o assim a Divina misericordia, para que já que em nossa Europa, pelas malignas, e hereticas obras, e diabolicas invençoens do malvado Heresiarca Luthero, se perdia muito da pureza Chriistãa, como as calamidades da grande Alemanha, e França são claro testemunho; lá nas outras partes do mundo, Africa, e Asia, pelas santas diligencias do Chriistianissimo Rey Dom Manoel, e por seus valerosos Capitaens, e triunfadoras Armas, com taõ santo zelo exercitadas, se recuperasse esta perda, em tanto mór ganho, usura, e accrescentamento do nome de Christo; como são todas as obras, que delle, como estas são, procedem. Com este Catholico desejo, depois de ter as informações, que pode, das terras do Oriente, e do commercio, e trato da especiaría, por homem, que El Rey Dom João II. tinha já mandado por terra, como já vos disse, e não obstante todas as contradicçoens, e inconvenientes, que diziamos, mandou apparelhar huma armada de quatro náos grandes: e por Capitaõ della Vasco da Gama, homem Fidalgo, natural de Sines no Algarve; mancebo solteiro, e de idade, e disposição para sofrer todos os trabalhos, e sobre tudo era dotado de hum animo grande, e incançavel, e além disto era curiosissimo da arte maritima, e taõ douto, e diligente nella, que podia competir no entendimento, e cuidado de suas cousas, com os mais experimen-



tados Pilotos de Europa. E como a elle, antes que a outro Fidalgo, dos muitos, que em aquelle tempo havia em Portugal, mercedores de grandes cousas, assim porque ElRey Dom João II. tinha dado a Capitania da mesma empreza a seu pay Estevão da Gama, que a este tempo era já fallecido, como tambem movido quasi por inspiração Divina fez esta eleição, segundo entre grandes pessoas deste Reyno de muito credito, e authoridade, ficou conservado em memoria. Dizendo, que quando ElRey D. Manoel andava todo occupado em dar principio a esta empreza, estando em huma janella só buscando em seu entendimento a pessoa conveniente a tão grande cousa; acertou de paillar Vasco da Gama, por onde ElRey o vio, e que mandando-o logo subitamente chamar ante si, lhe perguntou: se se atrevia a commetter em seu nome huma cousa a mayor, e mais difficultosa, que então em o mundo se sabia, fazendo nisto grande força, e encarecimento; e que Vasco da Gama lhe respondera com huma segurança tão notavel, e huma ousadia tão firme, que não haveria cousa, que por serviço não commettesse, e que para mayor empreza do mundo lhe não faltaria o animo. E que por então ficou o negocio assim encuberto, até que ElRey dahi a pouco tempo lhe declarou o que delle queria, e achando cada dia nelle mais qualidades das que se requeriaõ a esta empreza, lhe entregou a Capitania della. E ainda que por algumas vezes lhe tivesse ElRey declarado sua tenção nesta viagem; todavia pela novidade da empreza, quiz usar nella a solemnidade, que convém às grandes cousas, fazendolhe huma pratica publica perante muitas pessoas notaveis no Reyno, e de authoridade nelle: a qual o nosso João de Barros em a primeira Decada de sua Asia escreve desta maneira, para declarar mais a tenção delRey D. Manoel, e nós pela mesma razão neste lugar a collocamos.

Depois que aprôve ao Senhor, que eu recebesse o Sceptro desta Real herança de Portugal, mediante a sua graça, assim por haver a benção de meus Avós; de quem eu a herdey, os quaes com gloriosos feitos, e vitorias, que houveraõ de seus inimigos, a tem accrescentado por ajuda de tão leaes vassallos, e cavalleiros, como foraõ aquel-

aquelles, donde vos vindes, como (tambem por galardoar a natural lealdade, e amor, com que todos me servis. A mais principal cousa, que trago na memoria, depois do cuidado de vos reger, e governar em paz, e justiça, he, como poderey accrescentar o patrimonio deste meu Reyno, para que mais liberalmente possa distribuir por cada hum o galardão de seus servigos. E considerando eu por muitas vezes, qual seria a mais proveitosa, e honrosa empreza, e digna de mayor gloria, que podia tomar para seguir esta minha tenção; pois, louvado Deos, destas partes de Europa, em as de Africa a poder de ferro temos lançado os Mouros, e lá temos tomado os principaes lugares dos pórtos de Fez, que he da nossa conquista; achey que nenhuma outra he mais conveniente a este meu Reyno (como algumas vezes com vosco tenho consultado) que o descobrimento da India, e daquellas terras Orientaes: em as quaes partes, ainda que sejaõ muy remotas da Igreja Romana, espero da piedade de Deos, que não sómente a I é de Nosso Senhor Jesu Christo seu filho seja por essa administração publicada, e recebida, como ganharemos louvor ante elle, e fama, e louvor ácerca dos homens; mas ainda Reynos, e novos estados com muitas riquezas, vendicadas por armas das mãos dos barbaros, dos quaes meus avós, com ajuda, e serviço dos vossos, e vosso, tem conquistado este meu Reyno de Portugal, e accrescentado a Coroa delle. Porque se da costa de Ethyopia, que quasi de caminho he descuberta, este meu Reyno tem adquirido novos titulos, novos proveitos, e rendas: que se póde esperar, hindo mais adiante com este descobrimento, senão pudern os conseguir aquellas orientaes riquezas, tão celebradas dos antigos escriptores, parte das quaes por commercio tem feito tamanhas potencias, como Venezia, Genova, Illorença, e outras muy grandes comunidades da Italia. Assim que consideradas todas estas cousas, de que temos experiencia, e tambem como era ingratição a Deos engeitar, o que nos tão favoravelmente offerece, e injuria áquelles Principes de louvada memoria, de quem eu herdey este descobrimento, e offensa a vós outros, que nisso fostes, descuidarme eu nelle por muito tempo. Mandey armar quatro vellas, que (como sabeis)



em Lisboa estio de todo prestes, para seguir esta viagem de boaesperança. E tendo eu na memoria como Vasco da Gama, que estio presente, em todas as cousas, que lhe dei meu serviço foraõ entregues, e encommendadas, Ideu boa conta de si, eu o tenho escolhido para esta ida, como leal vassallo, e esforçado cavalleiro, merecedor de taõ honrada empreza. A qual espero, Nosso Senhor lhe deixará acabar, e a mim faça taes serviços, com que o seu galardão fique por memoria nelle, e naquelles, que o ajudarem nos trabalhos desta viagem, porque com esta confiança, pela experiencia, que tenho de todos, eu os escolhi por seus adjudadores, para em todo, o que tocar a meu serviço, lhe obedecerem. E eu, Vasco da Gama, vo-los encommendo, e a elles a vós, e juntamente a todos á paz, e concordia, a qual he taõ poderosa, que vence, e passa todos os perigos, e trabalhos, e os mayores deste caminho, que espero em Deos serem menores, que os passados; e que por vós este meu Reyno consiga o fructo delles.

Acabada a pratica, entregue a bandeira Real, e feitas as mais ceremonias em taes autos costumadas; se foy Vasco da Gama a Lisboa; e antes de sua partida hum dia, foy ter vigilia com os outros Capitães á casa de Nossa Senhora da Invocaçõ de Belém, situada em Rastello, lugar de anchoragem antiga, duas leguas da Cidade. Aqual em aquelle tempo era huma Hermida da Invocaçõ de Nossa Senhora de Belém, que o Infante Dom Henrique mandou fundar, e nella estavaõ alguns Freires do Convento de Taorm, da Ordem de Jesu Christo, de que elle era Governador, para ministrarem os Sacramentos aos mareantes. Em o dia seguinte, Sabbado oito de Julho de mil e quatrocentos e noventa e sete, por ser a casa de muita romagem, e para se despedirem dos novos Argonautas, concorria grande numero de gente da Cidade áquelle lugar; e na partida de Vasco da Gama se derramáraõ tantas lagrimas, que bem se póde dizer com Joaõ de Barros, que neste dia tomou aquella praya posseda de lagrimas, que ordinariamente se derramaõ na partida das armadas, que cada anno vaõ ás partes, que aquelles então hiaõ descobrir; donde com razão lhe chamaõ mes-

mo

mo, praya de lagrimas para os que vão, e terra de prazer aos que vem. Eraõ companheiros desta bem affortunada viagem, entre mareantes, e homens de armas, até cento e setenta pessoas: Capitaens Vasco da Gama, Paulo da Gama seu irmão, e Nicoláo Coelho; e da não, que levava sómente mantimentos de sobrecellente, era Capitão Gonçalo Nunes, Pilotos Pedro de Alamquer, que fora em o descobrimento do Cabo da Esperança, João de Coimbra, e Pedro Elcovar. Partidos daquelle Porto com prospera viagem, fizeraõ sua derrota, e antes de chegarem ao Cabo da Boa Esperança, tomáraõ terra, que he a Bahia, que chamaõ de Santa Helena, havendo cinco mezes, que eraõ partidos de Lisboa. Alli sahio Vasco da Gama em terra para fazer aguada, e para com mais certeza tomar a verdadeira altura do Sol, porque havia pouco tempo, que o curso do Astrolabio era inventado, como já vos disse.

Nesta Bahia, acudindo Vasco da Gama a recolher certos Soldados, que os negros da terra queriaõ matar, foy frechado em huma perna, como principio, diz João de Barros, e posse de quanto sangue se tem derramado naquella conquista, a que elle deu principio.

Daqui passando avante, a vinte de Novembro do mesmo anno de 97 passou naquella grande Cabo, que chamaõ de Boa Esperança, com menos tormenta, e perigo do que os Marinheiros esperavaõ, pela opiniaõ, que entre elles andava, donde lhe chamavaõ o Cabo das tormentas. E dia de Santa Catharina chegáraõ a Angra de S. Braz onde acháraõ negros já mais domesticos, e que se chegavaõ aos navios sem medo; e trocaraõ carneiros por algumas cousas, que os nossos lhes déraõ; e em os poucos dias, que alli estiveraõ, se amansaraõ tanto, que bailavaõ, cantavaõ, e tangiaõ, e faziaõ ao seu modo grande festa aos nossos. Os quaes quando houveraõ de passar avante, donde Bartholomeu Dias pufera o ultimo Padraõ, saltou com elles taõ grande temporal, que os Mareantes como se não tinhaõ visto em outra semelhante tormenta de máres, e climas não sabidos, andavaõ taõ fóra de si, que não havia mais accordo entre elles, que chamar por Deos; curando mais em a penitencia de seus peccados, que



que na mareagem das velas, porque tudo era sombra da morte, de que todos se viao cercados. Mas porque isto parecia impedimentos, que o demonio punha aos Portuguezes, não passarem á India, onde haviaõ de fazer tanto contrajelle, e em augmento da igreja de D. os, elle fez, como Pay de Mitericordias, com que cessou a tormenta, e elles foraõ avante, e passaraõ dia de Natal pela costa do Natal, por isto assim chamada, e dia dos Reys entraraõ no rio delles, que alguns chamaõ de cobre, pelo resgate delle, e de outras cousas, que os natu-  
raes da terra com os Portuguezes commutaraõ; e se trata-  
vaõ de maneira, que mandou Vasco da Gama hum mar-  
rinheiro a hum aldeya, que tornou bern contente do ga-  
salhado, que lhe fizera o Senhor della, mandando em sua  
companhia duzentos homens. E depois o mesmo com  
muitos acompanhado veyo ao navio, e deraõ mostras, que  
tinhaõ communicação com gente de boa razão; e por cau-  
sa desta familiaridade em cinco dias, que alli esteve Vasco  
da Gama, lhe poz nome Aguada de boa paz. E dalli por-  
diante começou de se assaltar da terra, porque passado o  
cabo, que hora chamaõ das Correntes, começou a colta a  
encuvar-se tanto para dentro, que temeo ser alguma ensea-  
da penetrante, donde não pudeisse sair. O qual temor lhe  
fez dar tanto resguardo, por fugir a terra, que passou sem  
haver vista da povoação de Gofala; taõ celebrada em aquel-  
las partes por causa do muito ouro, que os Mouros alli al-  
cançaõ por via do commercio dos negros da terra, como  
elle adiante soube: e foy entrar em hum rio muy gran-  
de abaixo della cincoenta leguas; onde habitavaõ gen-  
tios, que deraõ grande animo aos Portuguezes, que tan-  
to tinhaõ navegado, sem acharem mais que negros como  
os de Guiné: e por isto; e porque lhe contaraõ, que con-  
tra o nascimento do Sol havia gente branca, que navega-  
va com nãos como aquellas suas, chamou Vasco da Gama  
a este rio dos bons sinais. E posto que estes lhes davaõ  
esperança do que hia descobrir, tolavia, para que este  
prazer fosse agudo com alguns trabalhos, adoeceo alli  
muita gente, e lhe morreo alguma: e estando Vasco da  
Gama a bordo da não de seu irmão em hum bateira pe-  
quena com dous marinheiros, que a remavaõ, e tendo

as mãos pegadas em a cadeya das enxarfeas, em quanto estava fallando, delceo a agua tão teza, que lhe furtou a basteira por baixo: e elle, e os marinheiros não tiveram mais salvação, que ficarem pendurados com as cadeyas, até que lhes acudiraõ: mas logo depois até o mesmo navio esteve perdido naquelle rio, senão viera a maré, que o salvou. Então fizeraõ seu caminho até chegarem a Moçambique, onde logo acudiraõ muitos dos naturaes da terra, e entre elles alguns homens brancos com toucas fur eada, e vestidos de a' godaõ ao modo dos Mouros de Africa, e por hum delles mandou dizer Vasco da Gama ao Xequé daquella terra, chamado Cacojea, que elle hia para a India, e para isso lhe fizesse mercê de hum Piloto, e aceitasse delle certas confervas, que lhe mandava; o Xequé aceitou o recado de boa vontade, prometteo lhe Piloto, e veyo ver as náos, cuidando serem os Portuguezes Turcos. Mas depois que ficou desengañado, determinou destruillos, ou pelo menos fazer-lhes todo o mal, que pudesse; e posto que provou muitos, sempre ficou enganado de sua maldade, e castigado dos nossos, e deu o Piloto, que lhe pediaõ; mas de tal maneira enfiñado, que não navegava para onde caminhavaõ; antes deu com os navios entre humas ilhas bem perigosas, onde conhecido o erro, e achado o Piloto com o furto na mão, foy logo açoutado com tanta aspereza, que ficou nome ás ilhas do açoutado. O Mouro, como sobre o odio natural se lhe accrescentou estoutro castigo, determinou meter os navios em o porto de Quilóa, Cidade tão populosa, e forte, que lhe parecia não sahiriaõ delli os Portuguezes sem elle ser vingado. Mas como esta navegação era governada por Deos com mais cuidado, e poder, do que era o de quem a encontrava, não puderaõ tomar aquelle porto, e passando avante aportaraõ em Mombaça, Cidade toda de pedra, e cal, com formosas jánellas, e eirados, e taõbem assentada, que cuidáraõ os nossos, que entravaõ em hum dos portos de Hespanha. Logo acudiraõ alguns dos moradores da Cidade, todos bem tratados, a que Vasco da Gama mandou dizer quem era; e o caminho, que fazia, e a necessidade, que tinha de alguns mantimentos, e elles em nome de seu Rey res-



ponderaõ, que folgara muito com a sua vinda, e que lhe daria todo o necessario, e ainda carga de especiaría, se de seu porto a quisesse: mas que haviaõ de entrar em o porto para tirar suspeitas. E porque a este tempo o seu mao Piloto tinha já dito aos da terra, o que lhe tinhaõ feito, determinaraõ elles nossa destruição, em vingança daquelle Piloto Mouro, porque elles tambem o eraõ: e para isto vinhaõ muitas vezes visitar Vasco da Gama, que sem suspeitar alguma maldade, hia dilatando sua entrada, como homem prudente, e em casos repentinos muito acutelado: e entreteve-os dous dias, dizendo, que eraõ os da sua Pascoa, enelles mandou dous homens com hum presente a ElRey, e que de caminho vissem bem a fortaleza da Cidade: que elles naõ poderaõ fazer como convinha; porque sempre os Mouros os trouxeraõ pela mao, somente notaraõ o que se lhe offereceo á vista, que tudo foy a multidaõ do povo, que concorreo aos ver, e a nobreza dos Paços delRey, eo modo, com que osrecebeo. Pelo que passada a festa, determinou Vasco da Gama entrar no porto, e para isto mandou dar á vela a todos os navios, com que os Portuguezes se mostraraõ raõ contentes, como quem cuidava tinha acabado o fim de seus trabalhos, estando elles em perigo de perderem as vidas, segundo a tençaõ, comique eraõ levados. Mas Deos, em cujo poder estava a guarda delles neste caminho tanto de seu serviço, naõ permittio, que se effeituasse. Para acompanhar Vasco da Gama, sahiraõ da Cidade muitos barcos com muita gente, e grandes alegrias; e na terra estava tanta gente posta em armas, que naõ poderiaõ escapar: vinhaõ os Mouros confiados em sua traiçaõ, e em a nossa innocencia. Mas succedeo, que o navio de Vasco da Gama começou de hir descahindo sobre hum baixo; vendo elle o perigo, mandou com grandes brados soltar huma ancora: e como isto senaõ pode fazer, sem por todo o navio correrem os aparelhos, tanto que os mouros viraõ esta revolta, parecendo-lhes, que a traiçaõ era descuberta, huns por cima dos outros se lançaõ ao mar. Quando os nossos viraõ taõ subita novidade, abriu-lhe Deos o juizo para entenderem a causa della. E sem mais demõra se partiraõ logo ao longo da

da costa, e nella tomaraõ hum Zambuco com treze Mouros, e delles souberaõ, que dahi perto estava a Cidade Melinde, cujo Rey era homem humano, por meyo do qual haveria Piloto para a India, que estaria dalli setecentas leguas sómente. Com estas esperanças se partio logo Vasco da Gama, e ao outro dia, que era o de Pascoea, chegaraõ ao porto de Melinde com grande festa, onde mandou hum Portuguez, e hum dos Mouros, que levava, ao Rey da terra, pedir mantimentos, e Piloto para passar á India. E posto que o Rey era Mouro por ley, era taõ prudente, e bem inclinado de sua natureza, que sabendo do Mouro como os nossos se houveraõ com elles, e que lhe pareciaõ homens de grande animo no exercicio das armas, e na conversação brandos, e de muita caridade, não quiz perder a amizade de tal gente com más obras; como outros Principes fizeraõ, por cujos portos passáraõ, de que lhes resultou ficarem bem castigados. E assim com esta prudente determinação, por que Vasco da Gama não quiz sahir em terra, foy El Rey velo ao mar com tanta confiança, como se soubera quaõ generosos eraõ os Portuguezes, em cujas mãos se metia. E foy entre os nossos tanta a festa por esta paz, e benevolencia, que achavaõ, que tudo se confundia com alegria. Fallaraõ ambos, e da conversação ficaraõ bem satisfeitos hum do outro: de maneira, que todos os dias, que alli estiveraõ, vinha o Rey Mouro visitar Vasco da Gama, e delle soube o que Luiz de Camoens em os seus famosos Luziadas conta da Origem de Portugal, e dos seus Reys. E tratando este Rey buscar-lhe Piloto conveniente á sua necessidade; hum Mouro Cuzarate, movido da conversação dos Portuguezes, se offereceo para os levar á India; e com elle se houve Vasco da Gama por satisfeito, por entender delle ser homem de grande saber na arte de navegar, de que lhe mostrou huma carta de toda a costa da India, arrumada em meridianos, e parallellos muy miudos, sem outro algum rumo dos ventos, como hora se costuma, e já entaõ os Portuguezes o tinhamo inventado, como já vos disse. Com este Piloto, que Vasco da Gama houve, que lhe pareceo igual a hum grande thesouro, se partio daquelle porto, e Cida-



de Melinde a vinte e quatro de Abril, e em vinte e dous dias atraveitou, aquelle grande golfo de sete centas leguas, sem achar em todo elle cousa, que o impedisse. E a primeira terra, que tomou na costa da India, foy duas leguas abaixo da Cidade Calcut, e dalli por pescadores da terra foy levado á Cidade. A qual, como era o termo de sua navegação, e na instrução, de que del Rey Dom Manoel levava, nenhuma outra cousa lhe era mais encômendada; e para o Rey della levava cartas, e Embaixadas, como ao mais poderoso Principe daquellas partes, e o Senhor de todas as especiarias, que por excellencia se chamava Çamori; que he como entre nós o titulo de Imperador. Pareceu aos nossos, vendo-se em aquelle lugar, que tinhaõ acabado seus trabalhos, e dado fim á mayor empreza, que no mundo se sabia. Chegado Vasco da Gama á Cidade, mandou pedir licença a El Rey para lhe fallar: a qual não sómente lhe foy concedida, mas ainda o Rey Çamori o mandou esperar ao caminho com grande apparato a seu modo, com o qual chegou ante sua Real Pessoa; e ainda que foy recebido com graça, e alegre rosto, tinha o barbaro Rey tanta Magestade, e com tanta gravidade considerou primeiro as pessoas, trajes, e continencias dos Portuguezes, que ficáraõ maravillados de tamanha estranheza: e depois que praticou em palavras geraes com Vasco da Gama, e recebidas delle as cartas, o mandou repousar, e que se agasalhasse com quem quisesse: e Vasco da Gama o não quiz fazer, nem com os naturaes gentios, nem com os Mouros; com estes, por serem inimigos de Christãos, e com os outros, por não saber seus costumes: pelo que sendo de todos louvado de homem prudente, e cauteloso nas cousas da paz, o mandáraõ agasalhar por si só. E depois para tornar a fallar ao Çamori, lhe foy necessario franquear o caminho com hum presente, sem o qual não costumãõ ouvir ninguem aquelles Principes. E isto fez Vasco da Gama por conselho do Monçaide Mouro, e corretor de Mercadorias, que era natural da Cidade de Tunes, e tivera communicação com Portuguezes: aos quaes tanto se afeiçoou, que de dar a estes conselhos saudaveis, e que lhes foraõ de muito proveito, e de lhes descobrir algumas traiçoens, de  
que

que se não poderia liviar de outra maneira, se veyo com elles a este Reyno, e nelle nouteo Christão. Com este presente se abbreviou a licença de se fallar ao Çamori, e por ordem de Monçaide lhe fallou Vasco da Gama em breves palavras, por ser costume dos Reis daquelle Oriente, terem muy taixados no ouvir, e responder, e terem as orelhas mais promptas no seu proveito, que na eloquencia da Embaixada. E por esta razão Vasco da Gama disse em summa, que a causa principal, que movera a ElRey seu Senhor mandallo áquellas partes Orientaes tão remotas de seu estado, fora ser ante elle muy celebrada a fama da Real Pessoa delle Çamori, e da grandeza de seu Senhorio, e estarem em seu poder a mayor parte das especiarias, que por não dos Mouros se navegavaõ para as partes da Christandade. E porque elle tinha descoberto por seus Capitaens novo caminho, para entre elles haver amizade, e communicação do commercio, com que o Reyno delle Çamori fosse mais rico, por causa do muito ouro, prata, sedas, e outras muitas preciosas mercadorias, de que o seu Reyno de Portugal era tão abastado, quanto o de Calecut de pimenta: elle Senhor Rey o enviava com taquelles tres navios, a lhe notificar esta sua tenção; e sendo-lhe aceita, armaria muy grossas náos carregadas desta fazenda; e a ordem, e modo de commercio, e preço das cousas, seria aquelle, que fosse em proveito de ambos. O Çamori lhe respondeu, que folgava muito com a sua vinda, e que elle o despacharia muito cedo. Mas os Mouros, que alli estavaõ, e por quem corria quasi todo o trato da especia, vendo que ficava impedido seu commercio pelo muito contentamento, que o Çamori mostrava de nossa amizade, determinaraõ desviallo desta tenção. E para isto fizeraõ entre si consulta, e nella, entre outras cousas, hum delles contou huma historia, que poucos dias havia acontecera, em a qual hum astrologo afamado prognosticara com certeza a perda de certas náos, e juntamente, que aquelle anno haviaõ de hir à India outras para total destruição dos Mouros daquellas partes. Pelo qual, e pelo natural odio, que nos tem, vieraõ em conclusão, que de qualquer modo, que pudessem, procuraßem nossa destruição; e nem me-

moria



moria houvesse de taes pessoas, nem do que tinhamos descuberto, e porque o Çamori senão escandalizasse, se publicamente o fizessem, commetterão elle caio ao executor de toda a maldade, que he o dinheiro, subornando ao Catual, que tinha cargo dos nossos, para que indignasse a ElRey com algumas razoes apparentes. Elle, como lhe encherão as mãos, e as orelhas, começou logo a fazer seu officio, estreitando os nossos quasi como presos; e na primeira occasião tanto soube dizer ao Çamori, affirmando-lhe, que os Portuguezes eraõ colharios, e vinhaõ de sua casa fugitivos por alguns crimes. Quanto mais, que ainda que fallassem verdade, não havia de querer elle Çamori perder proveito tão certo, como tinha em os Mouros, pelo que promettiaõ homens, que habitavaõ em os fins da terra, e que assim perdia muitos vassallos; e não virem mais a seu porto náos de Mecca, Judá, Alem, e Ormuz, e del outras partes, em o commercio das quaes estava todo o seu estado: e com estas ajuntou tantas outras razoes, que o Çamori, ainda que como homem prudente tinha tenteado, quanto proveito podia receber neste novo caminho, que os nossos abrião para dar mayor sahida a suas especiarias; tanto se deixou vencer destas palavras, que sem mais examinar a verdade, senão de boca de outros tambem subornados, ficou assim trahornado, que teve os nossos na conta, que elles lhe pintaraõ, e de tal maneira, que faltava pouco para lhes ordenar o fim. Mas como o que Deos ordena, não se pode contrariar pelos homens, o modo, que estes Mouros buscaraõ para os destruir, esse foy causa serem mais cedo despachados, antes que viessem as náos de Mecca, com que os Mouros ameaçavaõ o mundo. Porque tanto que o Çamori concebeo o que lhe diziaõ por verdade, logo mandou chamar Vasco da Gama, e lhe disse, lhe descobrisse huma verdade, que elle promettia perdoar-lhe tudo, por ser cousa natural aos homens buscarem seu proveito; e que se andavaõ desterrados por algum caso, elle os ajudaria em tudo, porque segundo tinha sabido de alguns homens da parte da Turquia, donde elles diziaõ ser, elles não tinhaõ Rey; e se o havia na sua patria, mais tratava anlar pelo mar á maneira de colhario, que por ra-

zão de commercio. Vasco da Gama tanto que ouviu estas palavras, não contentando o seu cufado animo hirem ellas mais avante, lhas atalhou dizendo. Que verdadeiramente elle não punha culpa cuidarem delles muitas cousas, porque grande novidade devia ser a todos seus vassallos verem naquellas partes taõ nova gente em freligiaõ, e costumes, e mais vindo por caminho nunca navegado embaixada de hum Poderoso Rey, que não pertendia mais interesse, que huma amizade, e communicacão de commercio; para se dar nova sabida às especiarias daquelle seu Reyno Calcut; porque homens, armas, cavallos, ouro, prata, sedas, e outras cousas á humanavida necessarias, no seu Reyno as havia em tanta abundancia, que não tinha necessidade de as hir buscar aos alheios, e mais taõ remotos. Porém sabendo elle Çamori o que ElRey seu Senhor, quiz de mil e sete centas leguas de costa, que elles, e seus antecessores mandáraõ descobrir, haveria não ser cousa nova enviar mais avante por esta mesma costa, até chegar a sua Real Senioria, cuja fama era muy celebrada nas partes da Christandade. E em todas estas leguas, que mandou descobrir, achando-se alguns Reys, e Principes do genero gentio, não quiz mais delles, que doutrinallos em Fé de JESU Christo Redempor do mundo, e Senhor do Ceo, e da terra, que elle confessava, e adorava por seu Deos, por cujo louvor, e serviço elle tomava esta empreza de novos descobrimentos. E com este beneficio de salvacão das almas, mandava a estes Principes gentios juntamente muitas mercadorias, a troco de outras taõ estimadas como as daquelle seu Reyno de Calcut. E com estas commutaçoens os Reynos, que sua amizade tinhaõ, de barbaros eraõ feitos politicos, de fracos poderosos, e de pobres se faziaõ ricos, tudo á custa dos trabalhos, e industria dos Portuguezes, que não buscaõ nelles mais, que a gloria de acabar grandes cousas em serviço de seu Deos, honra de seu Rey, e fama de sua nação. Porém com os mouros, por serem seus contrarios, contrariamente se havia, porque a força de armas; em as partes de Africa, que elles habitavaõ, lhas tinha tomado quatro principaes forças, e portos do mar do Reyno de Fez, e por esta causa, onde quer que podiaõ, infamaç



infamavião de bôce o nome Portuguez, e não de rosto a rosto, por terem já experimentado muito á fúria esta, como corta o seu ferro. O testinhanho do qual se viu, em o que lhes fizeraõ em Moçambi que, e Mombica, onde pertenderaõ com enganos, e traicão esta sua natural vingança, que não experimentaraõ alli n, em quantas terras de Gentios tinhaõ descoberto, por serem natur lmente amigos do povo Chri tãõ; entendendo que todos procedem de huma mesma geraçãõ, e tambem por serem muy conformes em alguns costumes, e no modo de seus Templos. E de os Mouros saberem esta conformidade, trabalhavaõ que os Portuguezes ante elle Rey fossem infamados, e aborrecidos, sendo elle já obrigado a defendellos, pois ElRey seu senhor pela fama de sua grandeza, e das mais cousas, que lhe tinha dito, folgára de o enviar ante elle. E isto não era novo em Portugal, mas antes era já tantas vezes commettido este caminho, que ainda que elle Vasco da Gama, por algum desastre não tornasse a Portugal; foubesse certo que o haviaõ de continuar; ate lhe levarém noticia d'elle Quimori. Por tanto lhe pedia quisesse meter a mão neste odio; não consentindo serem os Mouros causa de algum grande incendio de guerra naquellas partes; porque a gente Portugueza não dissimulava injurias, principalmente de Mouros, dos quaes tinhaõ havido grandes vitorias.

Muy attento esteve ElRey a todas estas palavras, olhando com intençãõ a continencia, com que as dizia; e ainda que para conjecturar a verdade dellas de seu natural era prudente, todavia vencido, não sey de que, quiz em parte comprazer com a tençãõ dos Mouros, despedindo Vasco da Gama, e que ás náos lhe mandaria o despacho de sua Enbaixada. Mas tanto que os Mouros o fouberaõ, e que sendo assim, não tinham encaminhado seu negocio, deraõ ordem, com que os officiaes delRey, que eraõ Gentios, fizeraõ, com que Vasco da Gama não se embarcasse, procurando que os Portuguezes puzessem os navios em terra, para depois lhos queimarem, dizendo que o fiziaõ assim, por segurança da terra. Mas Vasco da Gama se escusou diilo, por não haver os instrumentos necessarios, e os seus navios serem de quilha differentes dos que

se usavaõ naquellas partes ; e depois de outras muitas replicas , e invençoens , que para isso provarão , deixu em terra sete Portuguezes com huma pouquidade de mercadoria , para com mutarem com alguma cousa , em quanto o seu despacho não vinha : de que se podia ter pouca esperança , porque tudo eraõ artificios dos Mouros , com que pretendiaõ não se partirem daquelle porto , até chegarem a elle as naos de Meca , com que determinavaõ sua destruição , segundo lhes dizia o Mouro Morçaide , que servio de espia doble. Vasco da Gama vendo este negocio tão damnado , e sabendo que os Mouros procuravaõ matalos a todos , ( e sempre o tiveraõ já feito , senão teriaõ a indignação do Çamori ) depois de largo conselho , determinou partir-se sem mais reposta , e para isto mandou dizer aos Portuguezes , que ficaraõ em terra , que a tal hora se viessem à praya com muito segredo ; mas não pode ser com tanto , que não fossem sentidos dos Mouros , que não dormiaõ , e os fizeião prender , e tomar toda a fazenda. A este ponto se vio Vasco da Gama quasi sem paciencia , e sem haver lugar para algum soffrimento , houve à não vinte , e tantos pescadores , e com elles se fez à vela , e para que suas mulheres , e parentes tratasem com mais cuidado seu resgate , andava fazendo huma volta ao mar , e outra à terra. Não festejaraõ os Mouros esta obra pouco , e exagerando-a sobre modo , procurarão com ella indignar o Çamori , o qual sabendo já o natural odio , com que nós tratamos com elles , mandou por dous homens sem suspeita saber a verdade do caso , e a causa do alvoroço : e sendo delles informado do que passava , mandou dizer a Vasco da Gama , tratasse tão bem os pescadores , como elle fazia aos Portuguezes , pelos quaes lhe mandaria o despacho , como logo mandou , escrevendo a El Rey Dom Manoel , que folgara muito com sua amizade , e commercio ; e que a causa daquelle seu Capitaõ partir daquelle modo , foiaõ differenças antigas entre Christãos , e Mouros. Com esta reposta ; e entregue os Portuguezes , se partio Vasco da Gama aquelle mesmo dia , vinte nove de Agosto de mil quatro centos e noventa e oito , havendo setenta e quatro dias , que chegara áquella Cidade Calcut : donde partindo não muy contente , ao outro dia andando



em calmaria legua e meya da mesma Cidade, vieraõ sobre elle mais de sessenta barcos atulhados de gente armada, confiados em sua multidão. Mas Vasco da Gama com huma tormenta de Artilharia, os dividio de maneira, que se voltáraõ, e elle seguiu seu caminho, e entre Brancanor, e Batalalá meteo, e arvorou o ultimo Padraõ chamado de Santa Maria, por entender, que o que deixava em Calcut, a industria dos Mouros logo derribaria, e com este foraõ cinco os que poz nesta viagem. Os quaes diz Joaõ de Barros, ainda que naõ sejaõ postos por nação tão gloriosa de escrever, como foy a gente Grega, nem o nosso estylo possa levantar a gloria deste feito no grão, que elle merece, ao menos será recompensado com a pureza da verdade, que em si contem. Naõ contando os fabulosos trabalhos de Hercules em pôr suas columnas, nem pintando alguma Argonautica de Capitaens Gregos, em tão curta, e segura navegação, como he de Grecia ao rio Phaso, sempre á vista da terra, jantando em hum porto, e ceando em outro. Nem escrevendo os errores de Ulysses, sem sair de hum clima, nem os varios casos de Æneas em tão breve caminho, nem outras fabulas da gentildade Grega, e Romana, que com tanto engenho na sua escriptura assim decantáraõ, e celebráraõ empreza, que cada hum tomou, que naõ se contentáraõ com dar nome de illustres Capitaens na terra aos authores destas obras, mas ainda com nome de Deoses os quizerãõ collocar no Ceo. E a gente Portugueza, Catholica por fé, e verdadeira adoração do culto, que se deve a Deos, arvorando aquella bandeira de Christo, sinal de nossa redempção, de que a Igreja canta: *Vexilla regis prodeunt*, naõ sómente á vista dos Mouros de Africa, Persia, e India, perfidós a ella, mas ainda diante de todo o paganismo destas partes, que della nunca tiverãõ noticia, e isto navegando por tantas mil leguas, que vem a ser antipodas de sua propria patria; cousa tão nova, e maravilhosa na opiniaõ das gentes. Nas quaes partes elles houvéraõ vitorias de todas estas naçoens, contendendo com os perigos do mar, trabalhos de fome, e sede, dores de novas infirmitades, e finalmente com as malicias, traçoens, e enganõs dos homens, que he mais duro de soffrer. Assim saõ proprias todas estas cousas em a

nação Portuguesa, e as tem por tão natural mantimento, depois que nascem, que os faz fastientos no trabalho de as querer contar, e escrever, como se tivesse a seus proprios feitos odio para os ouvir, depois que os faz; como são appetitosos para os commetter, e passados no acto de os fazer, e constantes em os segurar. Certo grave, e piedosa coula de ouvir; ver huma nação, a que Deos deu tanto animo, que se tivera creado outros mundos, já lá tivera metido outros padroens de vitorias; assim he descuidada na posteridade de seu nome, como senão fosse tão grande louvor dilatalo por pena, como ganhalo pela lança. Palavras de João de Barros.

Vasco da Gama desejando espalmar os navios de tão larga navegação, e dislo bem necessitados, foy ter a huns Ilheos; que hum Gentio da terra lhe inculcou, junto a terra firme, que hiora se chamaõ Angediva. E estando neste negocio occupado, hum collario chamado Timoja, que depois foy nosso amigo, veyo para o acommetter, e roubar, em muitos navios de remo cubertos de rammas, mas Vasco da Gama informado, lhe mandou atirar com artellaria, com que a rama se tirou, e elles desappareceraõ, e Nicoláo Coelho tomou hum delles com mantimentos, de que se aproveitaraõ. Mas como elles alli estavam de vagar, e o gentio da terra os servia de boa vontade, pela boa companhia, que lhe faziaõ, e dadivas, com que os afeiçoavaõ: espalhoulse a fama pela terra, atè que chegou a hum grande senhor Mouro chamado Sabayo, cuja era a Cidade Goa, doze leguas dalli. E porque era homem, que tinha consigo Arabios, Persas, Turcos, e alguns Levantiscos renegados, com ajuda, e industria dos quaes tinha em aquellas partes adquirido grandes estados, desejando tambem esta nova gente, chamou hum Judeo natural de Polonia, que lhe servia de Xabamdar, e perguntandolhe se sabia quem era aquella gente? O Judeo respondeo, que tinha sabido se chamavaõ Portuguezes, e que habitavaõ nos fins da Christandade, e que a ouvira nomear por guereirra, e soffredora de trabalhos, e muy leal ao Senhor, que serviaõ, e que devia trabalhar pela haver a seu serviço, porque com taes homens se podiao fazer grandes conquistas. O Sabayo ouvindo este lovor dos



noslos, desejando em seu serviço gente tão guerreira, mandou este Judeo, que os fosse commetter de sua parte com algum partido favoravel, e quando não o quizessem aceitar, traz elles irião logo muitos homens armados para os reter. Partido o Judeo, e chegando aos Portuguezes, deu final com huma Cruz de segurança. Mas Vasco da Gama informado, que devia ser Mouro, mandoulhe dar tratos, com que descubrio quem era, e ao que vinha, e a traição ordenada, e o que passara com o Sabayo; e sobre tudo espantado do grande mysterio, que lhe parecia Deos ordenava com a Christandade em tão remotas partes; pediu que o bautizassem, e assim se fez: chamou-se Gaspar; e por appellido Gama. Ao seguinte dia, por seu avizo, antes que viessem os Mouros do Sabayo, se partio Vasco da Gama, e se fez à vela para este Reyno, e atravessando o grande golfo até Melinde na costa de Africa, lhe adoeceo, e morreo muita gente das infirmitades passadas, por razão das grandes calmarias, que teve. E veyo pelo caminho, que já sabia, fazendo pouca detença, mas ainda teve alguns encontros de Mouros, de que se livrou com artelharía. E passando Melinde, onde o Rey della lhe fez gasalhado, tocou o navio S. Rafael, e foy-se ao fundo, de que lhe não pezou muito, pela pouca gente, que levava. Daqui passáráo por Moçambique, e pela aguada de S. Braz, e a vinte de Março dobraráo o Cabo de Boa Esperança, onde a gente começou a convalecer. Chegados com trabalho junto ás Ilhas do Cabo Verde, com hum temporal se apartou Nicoláo Coelho, e cuidando trazia ante si seu Capitaõ, veyo ter á barra de Lisboa a dez de Julho de mil e quatro centos e noventa e nove, e quando não achou o seu Capitaõ, quiserase tornar a buscalo, mas El-Rey lhe mandou que entrasse para dentro. Vasco da Gama foy ter á Ilha de Santiago, e para curar seu irmão, que vinha muito doente, mandou o seu navio com João de Sá por Capitaõ, que se viesse a Lisboa, e elle se foy á Ilha Terceira, onde acabou seu irmão, e deixando-o alli enterrado, partio-se, e a vinte de Agosto chegou a Lisboa. E sem entrar na Cidade, teve algumas novenas em a casa de nossa Senhora de Belém, donde elle partio a este descobrimento. A qui foy visitado de todos os Senho-

res da Corte, e que o vinhaõ ver, como a cousa maravilhosa, até sua entrada, que foy com grande solemnidade, que nisto quiz ElRey Dom Manoel mostrar o muito, que o estimava, havendo touros, canas, momos, e outras muitas festas, e alegrias. E a Vasco da Gama fez mercê, que elle, e seus irmãos, e seus descendentes se chamaßem de D. e que nas suas armas accrescentasse huma peça das Reaes deste Reyno, e lhe deu mais o officio de Almirante dos mares da India; e mais trezentos mil reis de juro, e que em cada hum anno pudesse empregar na India duzentos cruzados. Os quaes regularmente na especiaría, que lhe vinha do emprego delles no tempo de João de Barros, respondiaõ cá no Reyno, dous contos e cito centos mil reis, e depois o fez Conde da Vidigueira, quando as cousas da India mostravaõ ser a grandeza dellas mayor, do que parecia em os primeiros annos.

Na Ermida, que o Infante Dom Henrique fundou em Rastello da Invocaçaõ de Nossa Senhora de Belém, quando este descobrimento se começou, como já vos disse, ordenou, que estivessem Freires da Ordem de Christo, que administrassem os Sacramentos aos que trabalhavaõ nestas conquistas, e que cada Sabbado dissessem por elle huma Missa, e ao lavar das mãos o Sacerdote se virasse para o povo, e em alta voz pedisse hum *Pater Noster*, e huma *Ave Maria*, pela alma delle Infante, e pelos Cavalleiros da dita Ordem, e por aquelles, a que elle era obrigado. E ElRey Dom Manoel com o imitador deste Santo, e Catholico Avoengo, vendo, que succedera a este Infante em ser Governador da Ordem de Christo, e em proseguir este descobrimento, tanto que veyo Vasco da Gama, com que se terminou a esperança de tantos annos, quiz fundar hum sumptuoso Templo, como primicias de tamanha mercê, nesta Ermida de Belém. F escolheu este lugar; porque além da devoçaõ da Santa Ermida, como a causa, que elle teve de fazer tamanha despeza, nelle procedeo da mais notavel, e maravilhosa obra, que os homens viraõ; pois porella o mundo foy estimado em mais do que delle se cuidava antes, que descobrissemos esta sua taõ grande parte, convinha, que huma tal memoria de gratificaçaõ fosse feita em lugar, onde



onde as naçoens de tão varias gentes, como o mesmo mundo tem, quando entrassem neste Reyno a primeira cousa, que vissem, fosse aquelle sumptuoso edificio, fundado das vitorias de toda a rotondeza delle. E esta casa deu **ElRey** aos Religiosos de S. Jeronymo pela singular devoção, que lhe tinha: e a escolheu por sepultura sua, e de seus descendentes. E porque a casa, hortas, e terras tudo era da Ordem de Christo, **ElRey** lhes satisfez em outras partes com outras rendas: e alli mandou, que a Milia se dissesse; e a encommendação fosse pela alma do Infante D. Henrique primeiro Fundador desta casa, e por **ElRey** D. Manoel, e seus successores.

E para que esta nova alegria mais solemnizada ficasse, escreveu a todas as Cidades, e Villas notaveis de seu Reyno, como Vasco da Gama era chegado, e os grandes trabalhos, que tinha passado, e o que Nosso Senhor permittio, que no fim delles descobrissem: encommendando-lhes, que solemnizassem esta mercê de Deos com procissões, e festas espirituaes em seu louvor. E por ser **ElRey** Dom Manoel tão zeloso da honra de Deos, alcançou delle, que os dous primeiros annos, que Reynou, dedicubrisse mayor estado para a Coroa deste Reyno, do que era o patrimonio, que com elle herdara. Couza, que Deos não concede a nenhum outro Principe: nem a seus proprios antecessores, que nisso trabalháão por ditcurso de tantos annos. Nem se acha escriptura de Gregos, Romanos, ou de outra alguma nação, ainda que fabulosamente, que contasse tamanho feito: como eraõ tres navios, com cento e sessenta homens, quasi todos doentes de novas infirmitades, de que muitos faleceraõ, com a mudança de tão varios climas; porque passáão differença de mantimentos; que comiaõ; mares perigosos, que navegavaõ, e com fome, sede, frio, e temor, que mais atormenta que todas as outras necessidades; obrar nellés tanto a virtude da constancia, e preceito de seu Rey, que propostas todas estas cousas, navegaraõ tres mil e tantas leguas, e contenderaõ com tres, ou quatro Reys, tão differentes em Ley, costumes, e linguagem, sempre com vitoria de todas as industrias, e engenhos de guerras, que lhes fizeraõ. Por razão das quaes cousas, posto que

muito

muito se devesse ao esforço de tal Capitão, e vassallos, como ElRey mandou: mais se havia de attribuir á boa fortuna deste seu Rey, porque não era em poder, ou saber de homens, tão grande, e tão nova cousa como elles acabaraõ. Vinte e seis mezes gastou Vasco da Gama nesta sua navegação: trazendo no fim delles a este Reyno bastantes informaçoes do commercio, e forças daquelle Oriente; que foy tão alegre nova, como o conhecimento de tão grande Imperio merecia. Cuja conquista, ainda que perigosa, fez tanto aballo nos animos dos Portuguezes, que mais eraõ os que hora se offereciaõ a tão notorios trabalhos, dos que foraõ os que o contrario diziaõ, antes que se soubessem; porque os Portuguezes, para commetter grandes, e diffultosas empresas sempre estaõ aparelhados, pelo natural desprezo, que tem aos perigos, porque a honra se alcança.

Remunerados os grandes serviços do fortissimo D. Vasco da Gama, e seus companheiros, commercês, privilegios, e liberdades, gratificados, como diziamos: e informado ElRey bastantemente de quanta importancia era o negocio da nova navegação, e rico commercio da especiaria, e do muito proveito, que se poderia seguir, se poderosamente se continuasse; mandou em o anno centesimo do Jubileo, de mil e quinhentos; huma grande armada, e por Capitão mór della Pedro Alvarez Cabral, homem Fidalgo, esforçado, e Cavalleiro, e muito experimentado em guerras maritimas. O qual partito de Bellem em presença delRey, que naquelle auto lhe fez extraordinarios favores; e de grande multidão de gente, de que aquelle mar andava cuberto com barcos, e formoso com diversas, e alegres cores, e alvoroço de todos, que não parecia mar, mas hum campo de flores. Com as quaes differenças, que a vista, e ouvidos sentiaõ, o coração de todos estava entre prazer, e lagrimas, por ser esta a mais formosa, e poderosa armada, que até aquelle tempo para tão longe deste Reyno partira. Era de treze náos bem aparelhadas, e entre mareantes, e Soldados, até mil e duzentas pessoas; todas escolhidas, e bem armadas. Além destas armas, mandava outras espirituaes, que fotaõ oito Frades de São Francisco, e por Guardiaõ Frey

1500

Henrique



Henrique; que depois foy Bispo de Ceuta, e Confessor do Rey, homem de vida muy religiosa, e de muita prudencia; com mais oito Capellaens, e hum Vigario, para ministrar em terra os Sacramentos, todos com consideração escolhidos para aquella obra Evangelica. E a principal cousta do Regimento, que levava Pedro Alvarez Cabral, era, que primeiro que commettesse os Mouros, e gente idolatra daquellas partes com o gladio material, e secular; deixasse a estes Sacerdotes, e Religiosos, usar do seu espiritual, denunciando-lhes o Evangelho da parte da Igreja Romana com todas as razoes naturaes, e legaes, usando daquellas ceremonias, que o Direito Canonico dispoem: e quando fossen tão contumazes, que não aceitassem esta ley de Fé, e negassem a ley da paz, que se deve ter entre os homens para conservação da especie humana, e defendessem o commercio, e commutação, que he o meyo, porque se concilia, e trata a paz, e amor entre os homens, e por este commercio ser o fundamento de toda humana policia; em tal caso lhes puzessem ferro, e fogo, e lhe fizessem crua guerra: de todas as quaes cousas levava copiosos regimentos. Ao outro dia nove de Março de mil e quinhentos, partio Pedro Alvarez Cabral com sua frota, e com hum temporal arribou a Lisboa hum navio de sua companhia: e com os outros empregou se tanto em o mar, que depois de hum mez passado naquella grande volta descobrio a terra, que elle então chamou Santa Cruz; e hora o povo lhe chama Brasil, a vinte e quatro de Abril de mil e quinhentos: deixando nella hum alto Padrao dos que levava para o que novamente descobrisse, e dous degradados, se partio dalli com bom tempo, como a diante diremos. E caminhando para o Cabo de Boa esperança, já quasi nelle, depois de haverem vista de hum espantoso Cometa, lhe sobreveyo tão grande tempestade, qual nenhum delles tinha visto: rompendo em hum instante tão furiosamente, que meteo no fundo, e abyssmo do mar quatro navios, de hum dos quaes era Capitão Bartholomeu Dias, que tinha descoberto aquelle Cabo. E podemos dizer com verdade, forão aquelles os primeiros corpos humanos, que comerao os peixes daquelles mares: e as outras náos, que não se perde.

perderaõ, nem por isso elcaparaõ de muita fortuna, em que cada dia selhes representava a morte: passando cada hum tanto trabalho, que daria muito a quem o escrevesse, e muito mayor a quem o ouvisse, se todos os passos delle se particularizassem: basta saber, que não bastou a natural paciencia, com que os Portuguezes sofrem os trabalhos, e saberem-se tambem animar nos casos de semelhante perigo, e necessidade, para cuidarem, que aquelle podia ter fim. Mas a esta desconfiança acodia a prudencia do Capitaõ mór, até que abrandando a tormenta, e á vista de duas náos á véla, os alvoroçou todos de maneira, que lhes varreo da memoria o temor passado, e para qualquer trabalho presente se mostrou nelles o natural desejo, que os Portuguezes sabem ter ás mayores difficuldades. As duas náos vendo tamanha fróta, se acolheraõ a terra, mas não foy com tanta pressa, que hum não fosse tomada pelos nossos, que sabendo ser de hum parente delRey de Melinde, lhe fizeraõ bom galahado, e poseraõ em sua liberdade.

A vinte de Julho chegaraõ o Moçambique, e sendo melhor recebidos, que Vasco da Gama, partidos dalli, chegaraõ a Quilóa, onde o Rey della, mais com temor, que com desejo de amizade, veyo fallar com o Capitaõ mór Pedro Alvares Cabral, depois que se escusou de o não visitar dizendo, que ElRey Dom Manoel seu Senhor lhe mandava não sahisse em terra, senão para dar hum batalha, a quem não aceitasse sua amizade. Destas vistas não concluindo cousa alguma, por serem as que Pedro Alvares Cabral lhe commetteo, se queria converter-se á Fé de Christo: andou o barbaro Rey dilatando a resposta tres dias, em que determinava fortalecer-se de maneira, que não fosse offendido. E ainda que Pedro Alvares Cabral entendesse bem esta determinação, todavia porque interessava mais em abbreviar sua viagem, que na vingança de taõ pequeno aggravo, dilatando-o para outra occasião, se partio, e foy ter a Melinde. Cuyo Rey, já nosso amigo, mostrou tanto contentamento com a vista dos nossos, e a amizade começada confirmou de tal maneira, que mereceo todo o favor, que por ella sempre lhe fizeraõ. Alli lhe mandou o Capitaõ mór o presente, que ElRey Dom



Manoel lhe mandavã, que eitino sobre todas as cousas do mundo, vendo quão certa lhe sahia sua esperança em o galardão dos grandes trabalhos, que passou com a cruel, e portiada guerra, que ElRey de Mombaça lhe fez, pela amizade, que tinha com os Portuguezes. Em Melinde deixou Pedro Alvarez Cabral dous degradados, para que pelo certo dant o viessem descobrir o Preste João, que tanto ElRey de Portugal desejava. Elle se foy a Calecut, onde depois de se ver com o Çamori, e assentar com elle amizade, e commercio, e posta feitoria em terra com Ayres Correya, e outros sessenta Portuguezes, tanto trabalharaõ os Mouros para fazerem os nossos odiados naquellas partes, e tanto souberaõ dizer ao Capitão mór, que mandou tomar hum náo delRey de Cochim, para que aggravado, não aceitasse nossa amizade, que os Mouros de Calecut já receavaõ, e temiaõ. Mas tanto que se soube, que a não era de Cochim, logo lha mandaraõ com muitas desculpas, e mostras de amor, e amizade. E por: que este primeiro estratagema não sahio aos Mouros conforme o seu desejo, ordenaraõ outro, que meteo em confusão os nossos, e elles ficaraõ defenganados do pouco, que podiaõ, e a Cidade bem castigada por soffrer tão má companhia. Porque fazendo crer a Ayres Correya feitor, que de noite se dava carga de pimenta a náos de Mouros, que a elle senegava, a seus requerimentos deu o Çamori licença, que se tomassem as naos, e a pimenta por perdidas, e se carregasse em as nossas. Pedro Alvares Cabral, ainda que receando alguma novidade, duvidou muito do que lhe affirmavaõ; todavia mandou tomar hum daquellas naos, e não se achando nella mais que mantimentos, os Mouros, que a marejavaõ, fugiraõ para á Cidade; e nella juntos com os authores do estratagema, tanto appellidaraõ o povo, que se levantou todo em furia, e começaraõ a matar os nossos, hum dos quaes foy Ayres Correya: e assim houveraõ de ser todos os outros, se os batéis não acudiraõ, que salvaraõ a mayor parte, e os outros ficaraõ escondidos em casa de hum amigo. Esta injuria, e traição sentindo Pedro Alvares Cabral em extremo, mandou quizimar todas as naos, que estavaõ no porto, e eraõ quinze, e quasi todas carregadas;

das; e depois benbardeou a Cidade com tanta furia por espaço de dous dias, que não havia nella quem se houvesse por seguro de tão horrenda tormenta; porque lançou por terra grandissimo numero de casas, e quasi tudo o mais poz em destruição, com morte de mais de quinhentas pessoas. E porque nem com isto se abrandou ElRey, o Capitão mor se partio com duas náos sómente carregadas, e muita fazenda perdida, e muitos homens mortos, e outros cativos, e quasi todos feridos: e foy-se a Cochim, de que alli lhe déraõ noticia, que o Rey da terra era menos poderoso, mas o Reyno mais abastado de pimenta: ainda que por haver nelle poucos Mouros não era muito rico, que deu mais vontade a Pedro Alvares Cabral de se contratar com elle, e assim o fez, e assentou paz, e amizade, e commercio, com feitoria entregue a Gonçalo Gil Barboza, por via da qual começou fazer a sua carga. Neste tempo pela boa fama, que dos nossos publicavaõ os Gentios, e pelo odio, que todos os Reys daquella costa do Malavar tinhaõ ao Çamori; desejavaõ todos nossa amizade: e assim alguns delles o mandaraõ significar a Pedro Alvares Cabral, offerecendo-se para tudo, o que contra tão poderoso visinho se ordenasse: estes foraõ ElRey de Cananor, e os Governadores de Ceylaõ. Mas estas alianças, e amizades foraõ impedidas pelos Mouros de Calecut, que ordenando hum poderosa armada de mais de 60 velas, as mais dellas grossas, e bem armadas, vieraõ sobre os nossos; e sobre o Rey de Cochim; a que determináraõ destruir em pago do bem, que nos fazia; mas Pedro Alvares Cabral, deixando a carga, que fazia, os foy esperar ao caminho, e commetteo animosamente, com tanto esforgo, que se lhe acolheraõ; e elle por se chegar já o tempo de sua partida, se foy a Cananor acabar de carregar, e fazer sua amizade com o Rey della: o qual ficou tão firme, que mandou logo a ElRey Dom Manoel hum Embaixador com os de Cochim, offerecendo sua amizade: e tambem se souberaõ conservar nella estes dous Principes, que lhes aproveitou mais, que todas as heranças, e patrimonios de seus antepassados. Passadas estas mostras de concordia, Pedro Alvares Cabral se fez á vela para este Reyno a dezaseis de



3501.

de Janeiro, de mil e quinhentos e hum, attribuin-do a perda das naos a seus peccados, e ás delavencas entre elle, e ElRey de Calecut, a bem, e prosperidade das cousas delRey Dom Manoel; pois sem ellas não tinhaõ occasião de buscar tão boa, e verdadeira amizade, como a hou em Cochim, e Cananor. Fez sua viagem com prosperidade, ainda que lhe não faltaraõ pelo caminho alguns encontros, de que sempre ficava com a melhor. E por ter Bartholomeu Dias falecido na tormenta passada, e havia de ser mandado á Mina de Cofalla, mandou em seu lugar a Sancho de Toar em hum dos navios pequenos. Antes que Pedro Alvarez Cabral chegasse a este Reyno, ElRey D. Manoel, sem ter mais noticia daquellas cousas, que por não perder a conjunção do tempo da navegação daquellas partes, mandou a ellas Joaõ da Nova, Fidalgo de sua Casa, e que entendia bem os negocios do mar, por ter gastado muito tempo em armadas de Africa, onde sempre andou em honrados cargos: e partio de Lisboa a cinco de Março de mil e quinhentos e hum, e na viagem achou huma Ilha, a que poz nome da Conceição. Dalli fazendo sua derrota, passou por Quilóa, onde o Rey della lhe quizera fazer o que costumava. Mas passando avante pelo caminho descoberto, chegou á India: e por comprazer a ElRey de Cananor, deixou na sua Cidade feitoria com cinco Portuguezes, determinando carregar em Cochim, como levava por ordem; e ainda que ElRey de Cananor o avisou, que não passasse dali; porque huma poderosa armada de Calecut o estava esperando no caminho: elle como valente Cavalleiro o não quiz fazer; antes respondeu a ElRey, que esperava em Deos tornar àquelle seu porto muito cedo; mais carregado da vitoria da armada de Calecut, que da Pimenta de Cochim: e havido conselho, se foy encontrar com os inimigos, e lhes meteo no fundo cinco naos grossas, e nove paráos, com morte de quatro centas e dezasete pessoas: por quem todo Calecut poz em pranto, e os mais lhe fugiraõ: e elles victoriosos chegaraõ a Cochim, e feita sua carga, se foraõ a Cananor, e com o seu Rey assentaraõ de novo paz, e commercio, deixando huma feitoria entregue a Payo Rodrigues. Aqui lhe mandou o Camori grandes desculpas; e que

3501.

e que queria mandar Embaixadores a ElRey D. Manoel: mas João da Nova, por conselho dos mais Portuguezes, não lhe deu resposta alguma, e se partio para o Reynos. e no caminho tomou algumas nãos de importancia. E passado o cabo da Boa Esperança, accrescentou João da Nova a boa fortuna de suas vitórias huma, que realçou todas as mais: descobrindo huma Ilha muito pequena, a que chamou Santa Helena, e nella fez sua aguada com muito contentamento, por ser a terra para isso muito aparelhada. E parece que a criou Deos naquelle lugar para dar vida a muitos homens, que vem da India: onde delectação de tão larga, e prolixa navegação, com igual delectação ao trabalho passado, pelo muito refresco, de que sempre se lhe mostra abundante, como mais copiosamente outro dia diremos. Partido dalli o Capitão João da Nova, chegou a este Reyno a onze de Setembro de mil e quinhentos e dous. E ElRey D. Manoel o recebeu com natavel honra, pela muita, que ganhou como Cavalleiro, e como prudente, em os negocios, que fez, e acabou.

1502.

## CAPITULO XV.

*De como o Almirante D. Vasco da Gama passou segunda vez á India, e do que se passou em sua conquista, ate que a ella foy o primeiro Vice Rey.*

**C**ontinuando ElRey Dom Manoel o seu intento, de não passar anno algum, que nas partes da India faltasse, quem representasse o seu nome àquelles barbaros, antes que João da Nova chegasse ao Reyno, mandou delles o Almirante Dom Vasco da Gama com huma poderosa armada: e antes que ella partisse, houve largo conselho neste Reyno entre os que o governavaõ. Os mais delles apontavaõ mil inconvenientes, para se proseguir poderosamente com força de armas a conquista, e commercio de terra tão remota. Mayormente (diz João de Barros) vendo tão grande costa de terra pintada na Carta de Marear, com tantas voltas de rumos, que pareciaõ rodearem as nossas nãos duas vezes o mundo sabido, por entrarem em o caminho de outro novo, que queriamos descobrir; fa-



zia esta pintura huma tão espantosa imaginação, que lhe allombrava o juizo. E se esta pintura embarçava a vista com igual espanto, e magoa, como quando sobre os hombros de Hercules se vê a grande machina do mundo esferico, que os Poetas lhe puzeraõ huma vez, e os Pintores cada dia, como se não espantaria, e magoaria notavelmente qualquer prudente entendimento em sua consideração, ver este Reyno, de que elle era membro, tomar sobre os hombros de sua obrigação hum mundo não pintado, mas verdadeiro, que ás vezes o podia fazer curvar com o grande pezo da terra, do mar, do vento, e ardor do Sol, que em si continha; e o que era muito mais grave, e pezado, que estes elementos, a variedade de tantas gentes, como nelle havitavaõ? Porque ainda que a experiencia tinha mostrado, quaõ grandes trabalhos eraõ os daquella caminha pela furia dos ventos, que tem seus impetos a tempo; mas tratar com gente, cujas idolatrias, abusos, vicios, e opinioens, e feitas hum Apostolo de Christo por elle enviado, como foy S. Thomé, não pôde de todo reduzir ao caminha da verdade; como se podia esperar, que a nossa doutrina, ainda que Catholica, por ser com mão armada, e não por boca de Apostolo, mas de homens ordinariamente sujeitos a seus particulares interesses, podia fazer naquelles Gentios impressão alguma; principalmente para com os Mouros, que por razão desta doutrina Evangelica saõ nossos capitaes inimigos? Os quaes eraõ já tantos na costa da India, entre os Gentios naturaes della, que mais numero havia delles naquelles Reynos, do que ha em toda a nossa costa de Africa, que temos entre Ceuta, e Alexandria. Os quaes por razão do commercio da especiaría, que tinhaõ todos sobre si, eraõ muito ricos, e alguns tão poderosos, que mais levemente podiaõ fazer huma guerra, e comportar as despezas della por muito tempo, do que o podem fazer os Reis de Bellez, Tremecem, Oraõ, Argel, Bugia, e Tunes. E como com a nossa entrada na India perdiaõ este trato, todos conjuravaõ em nossa destruição, como já tinhamos experimentado. Outros havia, e eraõ os mais, que contradiziaõ estas razoes com outras mais vivas, e verdadeiras, e acompanhadas de huma generosa

nerosa constancia. Mas ElRey D. Manoel sempre contante, nem com as razoes de huns se atemorizou, nem as dos outros o estimulárao a mais, que a tratar aquelle negocio, e conquista com mais resguardo, e cuidado, e para que o mundo, que desta nova navegacao se espantava tanto, se desimaginasse, que elle nao havia desistir della. E vendo tambem que seus antecessores, sempre trabalhárao por conquista de infieis mais, que por outro algum injusto titulo, accrescentar o de sua Coroa, e ElRey D. Joao seu primo, como de caminho, por razao desta empreza se intitulara Senhor de Guine, e elle agora, tanto que chegou Pedro Alvares Cabral continuando, accrescentou estes tres: Senhor da Navegacao, Conquista, e commercio, da Ethyopia, Pe fia, e da India.

Passados estes autos de solemnidade, accrescentamento, e em o anno do Senhormil e quinhento e dous, a trinta de Janeiro; partio Vasco da Gama para a India com huma armada de vinte velas, cinco das quaes haviaõ de ficar em guarda das feitorias de Cechim, e Cananor, e de quando em quando havia de dar huma vista ao estreito do Mar Roxo esperar as naos de Meca, que com mayor odio nos impediaõ a entrada na India, por trazerem entre mãos o trato de todas as especiarias, que vinhaõ a Europa por via do Cairo, e Alexandria. E antes que partisse de Lisboa, lhe fez ElRey muitas mercês, e entre ellas o fcz Almirante do mar de Arabia, Persia, e da India, e de todo Oriente. Para o qual fazendo sua viagem, e chegando ás ilhas de Cabo Verde, achou hum arião nua, que vinha da Mina, e trazia grande somma douro em manilhas, e joyas, e outro muito por lavar, que o Almirante mandou mostrar aos Embaixadores dos Reys da India, que com elle liaõ. Os quaes ficaraõ muy espantados, por estarem em opiniaõ, que os Venezianos faziãõ os custos das armadas, que ElRey Dom Manoel mandava á India, como lhe tinhaõ dito huns familiares do Embaixador de Veneza, que este anno estava em Lisboa pedindo a ElRey soccorro contra o Turco, e fize-raõ crer aos Indios, que a fazer apparelhar aquella armada era alli vindo o Embaixador de Veneza de mandado da Senhoria, porque a mayor parte do commercio das especia-

1502



rias costumava correr por sua orden, antes que nós fossemos á India. Partio o Almirante, chegou a Quilóa, e porque o Rey della se mostrou sempre rebelde á nossa amizade, elle entrou com tanto terror de artellaria, que parecia, que tudo se acabava. E para que não houvesse as dilacões costumadas, se poz o Almirante em os bateis com a sua gente, e petrechos para assolar, e queimar a Cidade. Mas o Rey fazendo da necessidade virtude, o veyo esperar, antes que chegasse a terra; e depois de larga pratica, se fez vassallo del Rey Dom Monoel com certo tributo, e em todo o mais fez o que lhe pedio o Almirante, o qual se partio para Melinde, Cidade de Rey amigo, onde não podendo tomar o porto, se mandaraõ recados, e presentes, e passou avante até chegar á India, na Ilha Anchediva, onde se convaleceo a gente do trabalho passado. Estando alli mandou o Almirante, que todas as náos, e embarcações, que por toda aquella costa, e portos de mar se achassem, fossem trazidas ante elle, para dispor dellas, o que lhe parecesse. Fez-se isto com muito cuidado, e os navios de Cananor mandava livres, e que os de Calecut se retivessem, cujos mercadores lhe escrevéraõ, que o Camori estava com muito alvoroço esperando sua chegada, para aceitar a amizade del Rey de Portugal, que não dilataste este bem a elles, e lhes tratasse suas náos como de amigos. Mas o Almirante lembrado das traçoens contra elle commettidas, e das mortes dadas aos Portuguezes com tanta maldade, lhe respondeu, que ainda lhe não tinha feito o mal, que mereciaõ; mas que logo com algumas náos de Meca, porque andava esperando, os hia visitar. E andando nesta pesca de navios, lhe veyo á mão huma náos de Meca, famosa entre as mayores daquella terra, e por nome Meri, que trazia muitos Mouros honrados, e ricos de Calecut, que vinhaõ de romaria de sua casa de Meca, sepultura do seu Mafamede. Vinha nella muita fazenda; e duzentos e sessenta homens de peleja, e mulheres, e mininos mais de cincoenta. E porque elles determináraõ morrer pelegando, antes que deixarem se queimar, como os nossos determinávaõ, trataraõ sua defenção com tanto animo, e valentia, que custou muito trabalho a vitoria; mas quei-

queimada a não com quasi toda a gente, e fazenda, foy-se o Almirante a Cananor, e vendo-se com o Rey della, não se concordaraõ no preço das especiarias, e por isso se partito quasi delavindo com elle, e se foy a Calecut, prometendo pôr tudo a fogo, e sangue: de que o Camoriastombrado, lhe mandou mil recados de amizade; mas o Almirante lhe respondeo, que aténtaõ esperára pela não Meri, e que nella de duzentas e sessenta pessoas, so aquelle deixára com vida, e huns vinte e tantos mininos; e que matára os homens na não á conta dos quarenta Portuguezes, que matáraõ em Calacut; e os mininos foraõ bautizados á conta de hum moço portuguez, que os Mouros levaráõ a Meca a fazer Mouro: e que isto era huma pequena mostra do modo, que os Portuguezes tinham em tomar emmenda do damno, que recebiaõ; que o mais seria na propria Cidade Calecut, onde elle esperava hir muito cedo: como logo fez, tomando á vista della huma não carregada, e outra muita gente; que depois mandou enforcar nas antenas dos navios, depois que o Camori não quiz vir em concerto. Traz este defengano, se começou a mais brava bateria de pelouros, que naquellas partes se vio nunca, destruindo tudo por espaço de dous dias; de maneira, que não apparecia cousa alguma viva á vista da armada, nem edificio em pé, que a artilharia alcançasse: toda a gente estava encovada, escondida, e tão atemorizada, como se sobre todos viera o ultimo dia. E para mais terror; mandou o Almirante cortar as cabeças aos mortos, e todas em hum barco as mandou á Cidade com huma carta, em que dizia: que vissem o que custava fazer traição a Portuguezes; e se aquelles sómente pelo parentesco, que tinhaõ com os moradores dos Portuguezes, recebiaõ aquelle castigo, entendessem, que tal o daria aos proprios authores desta traição. E para mayor magoa, mandou lançar os corpos mortos a tempo, que a maré os levou á praya, que logo foy cuberta de prantos, e lagrimas, e os animos dos que o viaõ cercados com temor, e espanto. Acabado isto, se foy a Cochim, onde foy informado, que o Camori, depois da partida de Pedro Alvares Cabral, e João de Nova, tanto negociara com os Reys de Cananor, e de Cochim, que todos em



hum corpo conjuráraõ lançar os Portuguezes da India ; e de todo destruilos quando viessem : e para esta maldade ajuntáraõ em o mar mais de duzentas velas bem providas de gente , e armas. Mas como isto era invenção do demónio , acudio Deos com sua misericordia , e mandou sobre a armada dos inimigos tão grande tormenta , que a mayor parte della se desfez , e elles ficáraõ impossibilitados para conseguirem seu damnado intento por aquella via ; mas crescendolhes com este desvio sua obstinação , ordenaraõ , que cada hum em seus portos dilatassem tanto as nossas naos com enganos , e artificios , que invernassem na India , onde as haviaõ de queimar. E porque o Almirante o tinha quasi assim visto ao olho , em o que passara com El Rey de Cananor , por isso quando se vio com o de Cochim , houve se com elle de maneira , que sem mais dilações se desviaraõ , e o Almirante se partio d'elle melancolico ; mas vindo pelo rio abaixo recolhendo-se às suas naos , El Rey de Cochim lhe furtou o corpo , usando de hum notavel , e gracioso artificio de confiança , metendo-se em hum barco sem mais apparato , que seis homens , e com elles entrou em a caravella do Almirante , dizendo-lhe , que se d'elle tinha algumas queixas , logo em sua pessoa alli tomasse a vingança , porque não queria outra cousa , que ser amigo del Rey de Portugal. O Almirante estimou a obra como ella merecia ; e ao Rey agradeceo o honrado termo , e mostra de amizade , e concordia , as quaes logo com elle asse tou , e confirmou de maneira , que nunca mais se diminuiu hum ponto do que convinha. Estando em Cochim o Almirante , lhe vieraõ Embaixadores da gente Christãa , que habitava em as Commarcas de Cranganor , quatro leguas de Cochim , e em numero eraõ mais de trinta mil almas , que do tempo do Apostolo S. Thomé ficáraõ por aquellas partes : e porque naquelle tempo se achavaõ muy apertados , e perseguidos dos Mouros seus vizinhos , mandavaõ pedir favor , e ajuda ao Almirante , para poderem viver em sua Christandade quietos. Elle os recebeu bem , e os deixou encommendados ao Capitaõ , que ficava em guarda daquelles pórtos , e que em Portugal trataria suas cousas como convinha. E quando andava no mayor fervor destes negocios ; veyo a elle

hum Bramane de Calecut, que entre aquelles Gentios he hum principal pessoa, e fômente com hum seu filho, e sobrinho, e hum criado, se meteo em a nao do Almirante, dizendo que vinha a Portugal a El Rey Dom Manoel da parte do Çamori seu Senhor; e de pratica em pratica, como vinha industriado, tanto soube dizer, e prometter, que enganou o Almirante com tanta confiança, que logo se foy com elle em hum a nao grande, e hum a caravella ao porto de Calecut, para assentar a paz, e com mercio, com que tanto o rogavaõ. Mas não lhe durou muito este engano; porque, passados alguns dias em dissimuladas dilacões, sendo o quarto d'alva se vio a sua nao cercada de mais de cem parãos bem armados, e artilhados, e vinhaõ os Mouros nelles taõ oulados, que subiraõ muitos pelas cadeyas da guarnição. Nisto acordaraõ os Portuguezes, e começaraõ a defender-se animosamente com muito trabalho, até que o Almirante mandou cortar as amarras, e se fez ao largo, para se aproveitar da artelheria, e ainda que ella cemeçou com furia, eraõ tantos os parãos, que da Cidade cada momento sahiaõ armados, que se vira em estado de perdição, se Deos àquelle tempo não trouxera Vicente Sodré, que o Almirante tinha mandado chamar a Cananor, receando já o que entaõ tinha presente. Com a chegada do qual foraõ os parãos taõ bem servidos de pelouros, que quasi todos foraõ destruidos, e muita gente morta, e os mais se acolheraõ. E o Almirante mandou logo enforçar nas antenas o filho, e sobrinho, e criado do Bramane, e andou com elle á vista da Cidade, e depois lhos mandou em hum barco com hum a carta em reposta da traição, que lhe tinhaõ ordenada. Dalli se partio para Cochim, e achando já as naos prestes, se despedio del Rey, e ordenou como Diogo Fernandes Correya ficasse seguro em hum recolhimento de madeira, e trinta homens para sua guarda, e serviço da feitoria; e o mesmo fez em Cananor, para onde logo se partio, e acabou de carregar suas naos, e ficou por feitor Gonçallo Gil Barboza com mais vinte homens. Deixadas assim as cousas do Oriente em estado conveniente a grar des esperanças, se partio o Almirante para este Reyno, onde chegou a salvamento com nove náos suas, e duas de São Jorge da



Mina, e outras muitas de Levante, e Flandes, que achando-se juntas, lhe accrescentaraõ a authoridade em sua entrada, a dez dias de Outubro. E quando foy a El-Rey, levoulhe as pareas, e tributo del Rey de Quiloa, que se receberaõ com grande appa to, e alegria. E El Rey mandou dellas fazer huma Custodia riquissima para nossa Senhora de Belem. A cujas obras tambem applicou todas as prezas, que à sua pessoa pertencessem. E mais em quanto sua mercê fosse, lhe concedeo a vintena dos rendimentos do trato da quella conquista.

Tanto que o Almirante Dom Vasco da Gama se partio, entrou El Rey de Calecut em nova indignação contra o de Cochim, vendo crescer seu estado com a nossa entrada na India, e Calecut com a mesma diminuirse. E para com menos custo se vingar de nós, e melhor fazer seu negocio, tratou por via de seus Bramanes trazer El Rey de Cochim à sua opiniaõ: e posto que com toda industria a elle possível o procurou, não aproveitou cousa alguma em o animo del Rey de Cochim; pelo que depois que entendeu esta sua lealdade, determinou com cruel guerra destrui-lo, ou pelo menos constrangelo a lhe entregar os Portuguezes da feitoria. Ajuntou o Camori para esta guerra cincoenta mil homens, e com elles se foy a Cochim ameaçando o mundo; e o Rey Trimunipara se lhe defendeo animosamente, em quanto os seus o não desampararaõ: mas depois que alguns Principes, e Senhores de seu Reyno se passáraõ ao inimigo, veyo em tanto abatimento, que nem a propria Cidade de Cochim ousou a defender, porque o povo della tratava de entregar os Portuguezes da feitoria, que era o com que El Rey de Calecut se contentava. Mas o de Cochim vendo se neste estado, e desamparado de todos os seus, sómente com os Portuguezes, e o Caimal da Ilha Vaipi, se recolheo a ella, por ser mais forte, e tambem porque entre aquelles gentios era venerada, como entre nós os lugares sagrados. E para que não ficasse ao demonio por tentar cousa alguma nossa destruição, lá ordenou, que nesta occasião se lançassem com o Camori dous Christãos da companhia dos nossos, e naturaes de Esclavonia, que neste Reyno se embarcaraõ com nome de lapidarios, e elles eraõ bombardeiros,

ros; e fundidores de artilharia. E se he verdade, diz João de Barros ( o que senão pôde crer de huma Senhoria tão illustre como o de Veneza ) elles aquizerão infamar dizendo, que por seu meyo foraõ ter aquellas partes, para usar aquelle officio em nollõ damno. Estando assim ElRey de Cochim em estado tão trabalhoso, e toda sua terra entregue a seu inimigo, chegou Francisco de Albuquerque com seis naos, tres, com que partio do Reyno por Capitaõ, e outras tres da armada de Vicente Sodré, tio de Dom Vasco da Gama, que em seu tempo ficara na India com cinco velas; em guarda da feitoria de Cochim, e Cananor. O qual depois de fazer cruel guerra a ElRey de Calecut, e de lhe tomar muitas naos, e parãos carregadas de mercadorias, e de andar feito senhor de todo aquelle mar da India, foy avisado, como o Çamori determinava hir sobre Cochim; em cujo favor se foy offerecer a ElRey, para que lhe mandasse o que havia de fazer em seu serviço, como delRey seu senhor tinha por regimento. E porque a guerra não havia de ser senão em o Veraõ, ElRey agradecendolhe a vontade o despedio dizendolhe, que bem podia entre tanto dar vista à costa de Arabia, como tinha por ordem, e depois se recolhesse para o ajudar contra tão grande inimigo. Vicente Sodré se foy logo ao Cabo de Guardafu, que he a mais oriental terra, que tem a parte de Africa, e alli tomou muitas naos dos Mouros de Cambaya, e do estreito do mar Roxo, e se fez tão poderoso, que elle só mandava tudo em aquelles mares; até que por ventos contrarios se foy a recolher a huma das Ilhas, que chamaõ Curia Muria; e estando alli depois de dous mezes sobreveyo hum temporal tão furioso, que elle se perdeu, e o navio de Braz Sodré seu irmão, e os outros milagrosamente se salvarão, e foraõ ter onde Francisco de Albuquerque os achou. E com elles, e com Antonio do Campo, que tambem achou no caminho quasi perdido, chegou a Cochim, como diziamos, cujo Rey visitou da parte delRey Dom Manoel, e lhe deu presentes, e dinheiro; em tanta quantidade, que houve muitos, que lhe houverão inveja aos trabalhos, que por nolla amizade tinha passado; a que Vicente Sodré não pode acodir, pelo que temos dito. E em satisfação da injuria, que ElRey de



de Cochim tinha recebido de seus visinhos, e vassallos; Francisco de Albuquerque destruhio alguns, que já estavam rebellados, e lhe recuperou todo o Reyno, que quasi perdido tinha, e o meteo em posse pacifica delle com temor, e inveja de todos seus inimigos. E depois que elle se mostrou satisfeito do que os Portuguezes fazião em sua vingança, e restituição, lhe disse Francisco de Albuquerque, como El Rey Dom Manoel lhe mandava fizesse huma casa forte para segurança das mercadorias, e dos Portuguezes, e juntamente de toda a terra. E que bem sabia elle Rey, que se ella dantes estivera feita, não passara tanto mal, como tinha soffrido. El Rey o concedeo, parecendolhe conveniente, e necessario, e querendo darlhe principio, chegou deste Reyno Affonso de Albuquerque, filho de Gonçalo de Albuquerque, Senhor de Villa Verde: e em sua companhia por Capitão de hum naõ hia Duarte Pacheco Pereira, filho de João Pacheco. E porque Affonso de Albuquerque, além de outras qualidades de nobreza, e cavallaria, tinha por excellencia ser muy accelerado em suas obras, tomou á sua conta fazer a fortaleza, que pela brevidade do tempo se fez de madeira, e lhe chamou de Santiago, e nella hum Igreja da Invocação de São Bartholomeu, que foraõ as primeiras, que naquellas Orientaes Provincias os Portuguezes fundaraõ. E porque via, que não era obra, onde o seu braço não trabalhasse, tambem meteo a mão na vingança del Rey de Cochim; fazendo cruel guerra a seus inimigos, e vassallos rebellados, alcançando tantas victorias del Rey de Calcut, que as acharaõ dignas de mandar com ellas hum navio a este Reyno, em quanto elles não vinhaõ. Ainda que foraõ a trouco de grandes trabalhos, e perigos de sua pessoa, e companhia; porque os inimigos sabiaõ muito bem defender seu partido com o calor, com que o Camori se metia em sua defensão, aventurando muitas vezes todo seu estado, para ver se de alguma podia vingar as injurias, e perdas recebidas. E principalmente se occupava todo em procurar, que os nossos não achassem carga de pimenta, e assim invernassem naquellas partes, onde elle naquelle estado os dava por vencidos. Mas Deos; como trazia os Portuguezes nas mini-

nas de seus olhos, permittio, que a Rainha de Coulaõ, e os Governadores do Reyno, mandassem dizer a Affonso de Albuquerque, que lhe dariaõ carga para duas naos, que elle mesmo foy receber, e asentou paz, e amizade, deixou feitoria como em Cochim, e Cananor. E receando o Camori sua destruiçã, pediu pazes aos Albuquerque; que elles lhe concederaõ para se poderem retirar mais cedo: mas duroulhe pouco este contentamento; porque o Rey Barbaro quebrou logo as pazes, e tratou de se vingar, ainda que não pode mais fazer, que grandes apparatus de guerra para destruir Cochim, tanto que os Albuquerque se partissem. Os quaes antes que o fizessem, á petição del Rey de Cochim, e por lhe parecer assim necessario, deixaraõ em sua companhia o Capitão Duarte Pacheco Pereira com duas caravellas, e cem homens de peleja, e na fortaleza além dos officiaes da feitoria, deixaraõ mais cincoenta homens bem armados, e providos para qualquer grande afronta. Partidos os Capitaens mores para este Reyno, Affonso de Albuquerque chegou a elle a salvo, e Francisco de Albuquerque seu primo se perdeu, sem se saber nunca mais d'elle.

Quando os Albuquerque partiraõ deste Reyno, foy tambem em sua companhia em cutras tres naos Antonio de Saldanha, para andar de armada fóra do estreito das portas de Meca, entre o Cabo de Guardafu, e o mar de Arabia: e fazendo sua viagem com bom tempo, não pode tomar o cabo de Boa Esperança por erro de hum Piloto; antes sem chegara elle tomou terra, onde teve alguns encontros perigosos com os Cafres. E Ruy Lourenço Capitão de hum dos tres navios, com hum temporal se apartou d'elle, e passou o Cabo, e foy a Moçambique esperar pelo Saldanha, e quando vio, que não vinha, se foy a Quilóa; e passando avante foy ter á Ilha de Zanzibar, antes de chegar a Mombaça vinte leguas. Onde depois de varios recontros de guerra, mortes, e destruição de muitos, ficou o Rey tributario. Trazia a este tempo Ruy Lourenço muita artelharía de muitos navios, que vinha tomando pelo caminho, por lhe não quererem dar mantimentos por seu dinheiro em os portos d'elle, e por esta razã, e por trazer consigo muitos,

e muy



e muy esforçados homens, e em feitos de armas muito arriscados, pode em hum só navio fazer tantas cousas. Dalli se foy a Melinde, onde achou o seu Rey nosso amigo por esta causa em trabalhosa guerra com o Mombaça, que como mais poderoso, tinha o outro quasi desbaratado: mas Ruy Lorenzo se houve de maneira, que ElRey de Melinde se vio bem vingado de seu inimigo, e ficou seguro de seu grande poder. Entre estes castigos, que Ruy Lourenço sabia dar a quem impedia nossa amizade, lhe cahiraõ na mão algumas naos da Cidade Brava, posta naquella paragem, e que se regia por communidade, com a qual se houve tambem de paz, e de guerra, que ella por sua propria, e liberal vontade se fez tributaria a ElRey de Portugal. Nisto chegou Antonio de Saldanha, que tambem a ElRey de Quilóa nosso inimigo tomara alguns navios, com cuja chegada o de Mombaça teme do com razão sua ultima ruina, lá teve modo, com que se concertou com o de Melinde. E os Portuguezes se partirão vitoriosos, e se forão á costa da Arabia, acima de Adem, como traziaõ por regimento: e depois de a correrem toda, e de fazerem algumas prezas, e terem alguns recontros perigosos sobre fazer aguada, se tornaraõ á India: por ser o tempo chega lo, em que se não podia naquellas partes fazer mais demora.

Quando ElRey de Calecut soube, que os nossos ficavaõ em fortaleza, deu o negocio por concluido, segundo confiava em os apparatus de guerra, que tinha feito, que passavaõ de cincoenta mil homens por mar, e terra, com muita artelharia grossa, que lhe deraõ os Mouros das naos de Meca. Do que affombrado o de Cochim, logo se houve por perdido; e aos Portuguezes por mortos; mas Duarte Pacheco sentindo esta desconfiança, e temor, que ElRey trazia, o esforçou, promettedo-lhe, que por salvaçãõ de sua pessoa, e estado, elle, e os de sua companhia tinhaõ offerecido as vidas; e que com este presupposto aceitara ficar em sua companhia, como elle sabia, e tão longe de sua patria, que não tinha outro amparo senão as armas, com as quaes esperava aquietallo em seu estado com vitoria de seus inimigos: que se esta vontade sua Senhoria achasse em seus proprios vassallos

vassallos, tivelse por certa a segurança de suas couas. Com esta promessa, e palavras demonstradoras das grandes obras, que logo se seguirão, ficou ElRey mais confiado: mas os seus vassallos estavam já tão atemorizados, que muitos se sahião fóra do Reyno, tendo assim por mais certa sua salvação. E para que toda aquella gentildade entendesse a differença, que havia dos Portuguezes aos outros homens, Duarte Pacheco foy esperar ElRey de Calecut, antes que chegasse a Cochim; e sómente com trezentos homens da terra, e oitenta Portuguezes, deu por mar em huma parte do seu exercito, fazendo grande estrago nelle, matou muitos homens, e os outros assombrou com notavel espanto: vendo, que sómente os Portuguezes commettião tão grande couza, donde todos os de Cochim fugirão vergonhosamente. Com esta victoria, que Duarte Pacheco estimou mais, do que a grandeza de seu animo sofria, se recolheo a Cochim a preparar, e ordenar o que se havia de fazer contra inimigo tão poderoso, e que tão perto estava. E porque por aquella parte não podia ElRey de Calecut entrar Cochim, sem primeiro passar hum rio, que fazia aquella terra, quasi como Ilha: Duarte Pacheco o foy esperar em o vao, sómente com os de sua companhia; e lhe impedio o passo pelejando animosamente, com que alcançaraõ huma maravilhosa victoria; porque fazendo rosto a tão grande numero de gente, que toda pelejava com muitos instrumentos bellicos, não foraõ feridos mais de tres Portuguezes, e dos inimigos hum grande numero, e mortos cento e oitenta. Logo á festa feira de Endoenças (que em tal tempo se faziaõ estas obras) mandou o Camori outra vez commetter o passo, e dia de Pascoa outra; e não sómente por terra, mas tambem com grande somma de paiaõs armados, que quasi faziaõ huma ponte: mas aproveitoulhe pouco; porque a nossa artilharia meteo delles no fundo onze, e matou trezentos e sessenta homens, e parecendo-lhe que sua presença acabaria, o que seus Capitaens não podião, huma das oitavas tornou a commetter o passo em pessoa, e por isso mais poderosamente, e desta vez tambem se recolheo com grande tristeza vencido, e com morte de cento e trinta homens os mais



estorçados, que como taes ante sua pessoa mostraraõ o ultimo de suas forças. Com esta perda ficou taõ desacreditado, que lhe fugiraõ muitos homens de seu exercito, e muitos parãos de remo. Mas os Bramanes, e Caimaes, e senhores do conselho do Çamori, tanto que viraõ o negocio taõ mal parado, e que por nenhum modo podiaõ passar aquelle váo contra vontade dos Portuguezes; e que nem bastava andarem os naturaes de Cochim, e os Moures mercadores, todos em nossa perda, huns com medo naõ os ajudando, e outros com odio buscando invengoens de nos fazer guerra: e que o Çamori tomava tanto a sua conta esta vingança, e empreza, que por lhe dar fim aventurava sua pessoa, e estado com tanta contumacia: aconselharão-lhe que commettesse a entrada da Ilha por outra parte, e juntamente por muitas mandando fazer o mesmo; porque como naõ achassem Portuguezes em sua defensão, tudo ficava facil, e elles eraõ taõ poucos, que naõ poderiaõ acudir a tantas partes. Parecendo bem este conselho, logo se poz em obra; e ainda que Duarte Pacheco mandou pôr em o principal váo muitas estacas de páos tostados a modo de abrolhos, e nelle se afogou, e encravou grande numero de gente, naõ bastou isto; porque por alli huns por cima dos outros, e pelas outras partes entraraõ na Ilhas sem os Portuguezes lhes poderem valer; porque punhaõ tanta força na entrada della, como se por alli lhe ficasse a vitoria taõ certa, como logo a vio duvidosa, sendo vencido vergonhosamente de taõ pouca gente, que excede o credito do poder humano. Posto que neste encontro se vio Duarte Pacheco em la mayor afronta, e em mais certo perigo; porque lhe fugio muita gente de Cochim, e lhe foy necessario repartir a sua em muitas partes, e acudir a todas com sua pessoa: onde os Capitaens do Çamori vendo-se em sua presença, como desesperados, faziaõ maravilhas, em que morreraõ muitos, e dos nossos ficaraõ quasi todos bem sangrados. Com estas obras defenganado o Çamori, vendo que todas suas forças naõ bastavaõ, começou a usar de ardis, e artificios, fundalos em traiçoens, e maldades: mandando lançar peçonha na agua, que os Portuguezes haviaõ de beber, e trazer muita somma de Elefantes armados, e

hum invenção de castellos armados sobre parâos, que ficassem alterosos sobre as nossas caravellas. E em quanto elles apparatus se fazião, não deixava de mandar cometer a entrada por quantas partes podia, hora com traiçoens, que todas sempre cahiraõ sobre sua cabeça, com perda dos seus. Até que sabendo Duarte Pacheco, que em sua destruição se preparavaõ tantas cousas, e descontente das traiçoens dos Mouros de Cochim, e da fraqueza dos valiaillos del Rey, se foy lançar junto da Fortaleza, onde sómente com ella determinava defender-se a todo o poder do inimigo, até que Deos puzesse algum fim a tantos trabalhos. Estando alli, e parecendo aos barbaros inimigos, que já nelle entrava o temor, de que tão ilento o viraõ sempre, o commettiaõ muito a miudo, e com grande ousadia; mas sempre sahiraõ da escaramuça convidados, e castigado seu atrevimento: tomando-lhes muitos parâos armados, e muitas bombardas, e matando-lhes muita gente: sem aproveitar contra sua vigilancia, e valentia, procurarem muitas vezes queimar-lhe as caravellas, e que com enganos se descuidasse algum momento; e para isto lançaraõ seis Naires, (que entre aquella gentildade são os seus Fidalgos, e Cavalleiros) que como pudessem, matasem Duarte Pacheco, ou queimassem as caravellas. Mandáraõ dizer a Cananor, e Coulaõ, onde tinhamos feitorias, que os Portuguezes eraõ todos mortos, e o mesmo Rey escreveu a alguns Mouros daquellas partes, que matasem os Portuguezes, que lá estavam: e elles o houveraõ de fazer em Coulaõ, se Antonio de Sã, feitor, se não recolhera á casa forte com tempo; e ainda lhe matáraõ hum homem. Em fim não havendo meyo, nem invenção, com que o Camori se pudesse ver vingado dos Portuguezes, toda a esperança poz em castellos de madeira; principalmente depois que os vio acabados, parecendo-lhe tão formosos, que tudo com elles dava por acabado. Neste encontro, que foy o mayor perigo, em que hum, e outro mostrou o ultimo de suas forças, entraraõ ambos os Reis com muy desigual numero de gente ao que tinhaõ, quando começaraõ a guerra, porque de sessenta mil homens, com que o Camori entrou nella, não tinha a este tempo mais, que



quarenta mil, e os mais eraõ perdidos quasi todos a mãos dos Portuguezes, e tambem de infirmitades acabaraõ muitos, com as quaes Deos pelejava tambem pelo seu povo Christaõ. E El-Rey de Cochim de trinta mil homens, com que começou a defenderse, a este tempo de tanta necessidade não tinha oito mil: e ainda estes mais sujeitos ao temor, que animados a acompanharem seu Principe em tanto trabalho, porque os mais o deixaraõ logo. Além disto era tanto o temor, e espanto, que nos seus animos criava a invenção dos castellos, como o Camori vinha confiado nelles. Mas a esta falta de animo acudiu Duarte Pacheco com o seu invencivel, e mostrando, que para tudo tinha artificio, e delicadeza de engenho, mandou usar lde outra invenção bellica, e foy ajuntar ambas as caravellas com as poppas em terra, com rageiras por baixo para se alargarem, quando quizessem, e ao pé de cada huma mandou tambem armar outra maneira de Castellos, que quando os outros abalroassem, ficassem todos iguaes, e nas prôas além dos gorupezes, que eraõ mais compridos do necessario para a navegação, mandou atravessar dous mastros, para entreterem a chegada dos castellos ás caravellas, e lhe ficar espaço para jogar a artilharia. Preparadas assim estas cousas, repartio a gente, e os Portuguezes em a Fortaleza, em o váo, e em as caravellas, e ló com cento, e sessenta Portuguezes se apparelhou a receber o inimigo; que não tardou em apparecer á vista dos nossos com seu exercito por terra, e duzentos paráos armados por mar, e oito daquelles castellos taõ soberbos, e temerosos, que os nossos ainda estimaraõ mais a vista delles, que a fama. E porque o Camori confiava tudo delles, não quiz com metter o váo, senaõ hir-se logo direito ás caravellas, onde os Portuguezes, por ser aquelle dia da Conceição de Nossa Senhora, esperaraõ os inimigos com mais ousadia; e tanto que as maquinas dos castellos chegáraõ a tiro, começou a nossa artilharia representar hum dia do juizo afuzilando fogo, vaporando fumo, e atroando os ares de maneira, que com estas cousas, e com a mutilhaõ das frechas, e grita da gente, fazia tudo huma confusão medonha. Das maquinas por desordem não poderaõ chegar ás nossas caravellas, mais que

que duas, e essas logo pela nossa artelaria foraõ feitas em rachas, que ajudaraõ muito em o damno dos inimigos; e não parando a artelaria, dava tambem em os paiaes. que de virem muy bastos, não se perdia tiro. Com o qual se vio este barbaro Rey no mais miseravel estado, que elle nunca experimentou, vendo ante seus olhos matar a sua gente, e chegar seu poder a tanta diminuiçaõ, que nem para commetter o vao dahi a alguns dias lhe ficaraõ forças, com que pudesse fazer alguma aos que o defendiaõ. E assim não lhe aproveitando os seus castellos de vento, em que tanto confiava, nem sua contumacia, que elle tinha por invencivel, veyo a defenganarse do pouco, que podia contra os Portuguezes, e começando a dar credito a seus Bramanes, que diziaõ ser aquillo castigo dos seus Deoses, se rocolheo a fazer penitencia com perda de dezoito mil homens, e seis mezes de continua guerra. Acabada a qual, alguns dos Caimaes do Camori pediraõ pazes a Duarte Pacheco, e outros se fizeraõ vassallos com tributos. E estando nestas cousas occupado, por recado do feitor Antonio de Sá se foy a Coulaõ, e achando cinco náos de Mouros carregadas de pimenta, as mandou logo descarregar, e pagar, e fazendo outras cousas em proveito da feitoria, se tornou a Cochim, onde logo chegou Lopo Soares de Albegaria; a quem pelo odio dos Mouros, e do mal, que de nós tinhaõ recebido naquellas partes, e nas de Africa, El Rey Dom Manoel mandou este anno de mil e quinhentos e quatro, com huma armada de doze naos grõssas. E nellas hiaõ mil e duzentos homens, muita parte delles Fidalgos, e criados del Rey; e todos gente limpa, e lustrosa, e as naos grandes, bem artilhadas, e armadas. Partio de Lisboa a vinte e dous dias de Abril, e passados alguns recontros no caminho, chegou a Calecut, onde logo os Governadores da Cidade lhe mandaraõ os Portuguezes, que lá estavaõ reteudos, e em nome del Rey fizeraõ muitos offerecimentos, por elle estarão pé da Serra em seu recolhimento: e chegaraõ aquelles barbaros a offerecer amizade, a quem desejavaõ destruir, procurando abrandar a sanha dos nossos, que com razãõ receavaõ, pela guerra, que tinha feito a Cochim, de que muitos ainda não estavaõ saõs das feridas.

E por-



E porque até neste estado procedião com suas dilacões coitumadas, mandou Lopo Soares varejar a Cidade dous dias com artilharia, e nelles lançou por terra muita parte della, e matou grande numero de gente, e parte do Cerame delRey, entre aquelles Gentios cousa muito estimada, e venerada: e em tudo o mais fez destruição, que lhe durou a memoria della muito tempo. Dalli se foy a Cochim, onde com ElRey pallou muitas palavras de comprimento, e offerecimento, tudo em louvor de Duarte Pacheco. E porque de Cranganor os Mouros, e Gentios faziaõ grande damno a Cochim, a petição delRey foy lá Lopo Soares com vinte bateis armados: onde depois de larga resistência, com que os barbaros loubereaõ defender a terra, a entrou Lopo Soares com morte de muitos, e grande destruição de naos, e embarcações, que mandou queimar, juntamente com a mayor parte da Povoação, que ardia toda, se os Christãos, que alli habitavaõ, o naõ impediraõ, alcançando de Lopo Soares, mandasse cessar a furia do fogo, que na Cidade andava. Tudo isto custou muito trabalho; porque estava alli o Principe de Calecut com muita gente de armas em defensão da terra: mas naõ pode mais fazer, que salvar sua pessoa, e acabar de desacreditar ElRey seu tio, com tanto abatimento, e desprezo, que muitos vassallos seus oulraõ a se levantar contra elle: como foy ElRey de Tanor, que aproveitando-se desta occasião se levantou, e pode desbaratar o Çamori, antes que chegasse a Cranganor, onde hia em favor do Sobrinho; a que tambem fez companheiro no vencimento, acabando de o desbaratar, quando vinha fugindo das mãos dos Portuguezes: e com esta boa fortuna escusou ElRey de Tanor hu na ajuda, que Lopo Soares lhe tinha mandado a sua petição.

En quanto estas cousas se faziaõ, acabaraõ as naos de ser carregadas, e Lopo Soares se despedio delRey de Cochim, e fazendo sua viagem, se veyo a hum lugar delRey de Calecut chamado Panâne, de que os nossos recebiaõ sempre damno, e ao presente estavaõ nelle carregando dezafete naos de Meca. E tanto que elle chegou da frente do porto, logo lhe sahiraõ ao caminho vinte parãos bem artilhados, e providos de ousada gente, e como gi-

netes ligeiros commetêraõ animosamente, e de industria se foraõ recolhendo, para que os nossos entrassem dentro com a ceva de os vencer: nem elles se enganaraõ nisso, porque Lopo Soares indo traz elles teve vista das naos, e para se combater com elles partio das suas em quinze bateis, e duas caravellas, com trezentos e sessenta homens: com os quaes se foy para as naos dos Mouros, que eraõ dezalete muito grandes, e bem armadas, e encadeadas humas nas outras, taõ juntas com as pôppas em terra á maneira de Alcantilada, que parecia hum eirado soberbo sobre o mar; e em sua guarda estavaõ quatro mil homens já exercitados em guerra, e muitos delles Turcos. Mas como as cousas da honra (diz João de Barros) acerca daquelles, que a tem por vida, precedem a todos os perigos da morte, e mais neste feito, em que se tratava do estado da India, de tal maneira o fizeraõ os Soldados Portuguezes, que cada batel afferrou a sua nao, e a entrou, e queimou, passando primeiro muito trabalho, por serem defendidas animosamente. E para que a vitoria fosse mais trabalhosa, as caravellas se houveraõ de modo, que mais haviaõ mister ajuda, do que a podiaõ dar a ninguem. E assim levavaõ os Portuguezes o espirito posto em confiança de vitoria, que não lhes lembrava, que hum barco hia commetter huma nao atulhada de gente, e taõ alterosa como huma torre. Neste conflito Manoel Telles, e Duarte Pacheco afferraraõ huma nao, que diziaõ ser Capitania das outras, e nella acharaõ a mayor difficuldade, porque a defendiaõ muitos Turcos, taõ valentes, e desenvoltos na guerra, que não se deixaraõ tocar dos nossos, sem primeiro fazerem sangue. Finalmente cada hum em a nao que lhe coube em sorte, deu conta della; com morte do Capitão dos Turcos; e alguns Mouros, e muitos Gentios da terra, porque poucos, e poucos sobindo ao alto das naos se fizeraõ senhores dellas, lançando os Mouros ao mar, que tambem lhes servio de sepultura como aos mais, porque os marinheiros dos bateis, os matavaõ ás lançadas. Concluido o vencimento, mandaraõ pôr fogo ás naos vencidas, e tomou posse de maneira, que em breve espaço foraõ queimadas até o lume d'agua, do que os naturaes da terra, a cuja vista se fazia, ficàraõ muito espantados por estarem



tarem os navios já carregados, e terem dentro em si muita riqueza, que tudo os Portuguezes desprezavaõ, por vingarem a morte de Aires Correya, a que aquelles Genticos attribuião todas aquellas obras. Morreraõ dos inimigos sete centos, e aos nossos custou muito a vitoria, porque morreraõ vinte e tres, e mais de cento e setenta feridos; e ainda se houve por hum grande feito, pela desigualdade do numero da gente, e das embarcaçoens, e porque durou a peleja del se pela manhaã até o meyo dia. Com esta vitoria se partio Lopo Soares para este Reyno, e chegou a elle a salvamento a vinte e dous de Julho de mil e quinhentos e cinco. E veyo com elle Duarte Pacheco Pereira, de que tantas maravilhas ouvistes, que fizera em defenção del Rey de Cochim, e por honra do nome Portuguez: pelo menos sómente em aceitar aquella empreza com tão pouca gente, com oeraõ noventa homens, e em tempo, que El Rey de Calecut, que se chamava Imperador de Malabar, com grande apparato de guerra ameaçava o mundo, em vingança do mal, que dos Portuguezes tinha recebido, mostrou exceder em grandeza de animo aos mais famosos; nem a obra, que depois se seguiu, foy digna de menor louvor, antes tanto mais de louvar, quanto a contumacia do inimigo, e seu grande poder excediã a tudo, o que se pode crer das obras humanas. Pelo qual El Rey Dom Manoel neste Reyno fez á sua pessoa a mayor honra, que particular cavalleiro de Principe algum recebeo nunca. Houve procissão solemne, em que Duarte Pacheco hia junto com El Rey, e ambos apartados da outra gente, e houve prégação em seu louvor, e das vitorias, que o Céo lhe dera. O que junto com o applauso do povo, e de todas as mais pessoas de qualquer estado, foy hum cousa digna de muita consideração, e muito mais o será, quando ouvirdes, que depois de tantos serviços, e de outros muitos, que depois fez á Coroa deste Reyno, lhe deu El Rey em galardão, e pago sufficiente a seus merecimentos, a Capitania de São Jorge da Mina, donde entaõ os Capitaens tiravaõ para si grande somma de ouro. Mas mostrando a fortuna com este Fidalgo sua ordinaria inconstancia, encontrou com tanta força sua felicidade, que por capitulos, que delle deraõ alguns invejosos,

veyo

veyo a este Reyno prezo em ferros, e assim esteve com elles na cadeya muito tempo, ate que soube das culpas serem algumas fallas, e outras tão leves, que em tão notavel pessoa não eraõ de consideração. Sahio solto, e livre, mas tão pobre como quando se hia para a Mina a fazer rico; e seu filho, João Fernandes Pacheco, e sua mãy, mulher de tão grande homem, chegáõ a experimentar o ultimo da miseria humana, vivendo de esmólas, e elle morrendo no Hospital.

Cançado o demonio de procurar contra nós em vão toda sua industria, excogitou de novo huma invenção, que podéra caular muito trabalho, se a misericordia Divina a não contrariara. Porque provocou os Mouros, mercadores, e Principes da India, que considerassem, como em a nossa entrada nella em menos de cinco annos tinhamos tomado posse da navegação daquelles mares, e elles tinham perdido o commercio, de que tantos annos eraõ senhores; e sobre tudo (como diz João de Barros) eramos huma botetada na sua casa de Meca, pois já começavamos chegar ás portas do estreito do mar de Arabia, onde tolhiamos os romeiros, que áquella casa caminhavaõ: todas estas coulas eraõ a elles tão graves de soffrer, que não somente áquelles, que tinhamos offendido, mas a todos os mais daquelle Oriente era o nome Portuguez tão aborrecido, que cada hum em seu modo procurava destruillo. E para este effeito o Camorim de Calecut, e outros Senhores, e Reis do Oriente, se queixaraõ ao Suldaõ Cairo; pedindolhe, que mandasse huma armada com gente, e armas bastantes a nos lançar fóra da India, que elles a proveriaõ de dinheiro, e mantimentos. E o Suldaõ ensinado do demonio usou de outro melhor meyo, que foy escrever ao Papa huma carta, em que se queixava muito dos Reis de Hespanha Dom Fernando de Castella, e Dom Manoel de Portugal; porque hum fazia bautizar por força os Mouros de Granada, e outro, pelo que seus Capitães faziaõ na India, que era o mal, que mais os affligia. E cuidando o Barbaro Suldaõ que isto bastava, por lhe dizerem, que os Portuguezes, e os seus Reis eraõ muito zelosos da Fè, que tinhaõ, e muito religiosos na observancia della, e obedientissimos ao seu Summo Sacer-



dote. E para dar mais calor a este seu estratagemã, lançou fama, que sua tenção era destruir o Templo Santo de Jerusaleem, e a casa de Santa Catharina de Monte Sinay, com todas as Reliquias dos Lugares Santos, que em seu poder estavaõ: e mais não consentir, que em todo seu estado andasse algum Christão destas partes de Europa, e todos os que residiaõ no Cairo, Alexandria, Haleppo, Damasco, e Barut, por razã do commercio, por força os havia de fazer tornar Mouros, se dentro em tantos mezes senão sahisse de estas terras. Com estes, e outros muitos ameaços, e invençoens, deu ordem com que hum Frey Mauro mayoral da Casa de Santa Catharina de Monte Sinay o viesse rogar, e offerecer sua pessoa, para passar a Roma tratar este negocio, e pedir com efficacia que mais senão fizesse, o de que elle se queixava tanto. O frade como estava assombrado destes medos, e carrancas, e era homem zeloso do bem universal da Igreja, e simplez em as malicias dos Principes tyrannos, fez este negocio grande ante o Papa Alexandre, que se determinou em consistorio; que o mesmo Frey Mauro viesse a Hespanha aos Reys Dom Fernando, e Dom Manoel, como authorès da indignação deste tyranno. Parecendolhe bem, que desistisse da empreza, ou se moderasse na perseguição, que se fazia em seu nome no Oriente. Mas El Rey Dom Manoel festejou tanto esta nova, vendo que suas armadas na India, sem terem ainda feito assento nella, sómente de passagem faziaõ tanto damno ao Suldaõ, que chegava a se queixar delle publicamente: deu muitas graças a Deos, esperando com muita confiança, que como obras suas havia sempre de favorecer estas: como parecia já o Suldaõ começava a sentir, não tanto pelo que ao presente padecia, como pelo que ao diante receava: e esta embaixada não servio de mais, que de mandar dobrar a armada, que se estava fazendo, para que assim os barbaros tyrannos do Oriente perdessem as esperanças de seu descanso. E como obediente filho da Igreja Romana, respondeo ao Papa as razões, que tinha de hir avante, e a pouca, que Sua Santidade tinha de cuidar, que o Suldaõ havia de destruir os lugares Sagrados, pois lhe rendia mais a devoção dos Christãos Peregrinos, que toda a mercancia das espe-

especiarias: quanto mais, que por não indignar o povo Christão todo contra si, era bastante a enfrearlhe o desejo. E que Deos era testemunha, quanto sentimento elle tinha, por não ter o Suldaõ metido em tanta necessidade com suas armadas, que com mais justa causa se queixasse dellas. E que pois provêra a Deos, que toda a herança deste Reyno de Portugal se havia de conquistar das mãos dos Infeis, e na conquista de Africa por haver a benção de seus avós, sempre trazia seus exercitos: elle esperava em o mesmo Deos, e Senhor, pelos mares da gentilidade da India, e depois pelas portas do estreito do mar Roxo, donde sahio esta peste de gente, enviar tantas armadas, até que á força de ferro dêsse novo Patrimonio á Igreja Romana em aquellas partes Orientaes. E que a Bandeira Real da Milicia de Christo, herdeira destes taes triunfos, fosse dos Gentios, e Mouros temida, e adorada, para gloria, e louvor da Santa Igreja. E que não era para crer, que o Suldaõ cusasse a Sua Santidade, que todos os Christãos tinhaõ por verdadeira Cabeça de sua Santa Fé, e crever tantas cousas em sua deshonra, e abatimento, senão confiado na grande negligencia, e descuidos dos Principes Christãos; que occupados em cousas humanas; e de seu particular proveito somente, não se lembravaõ de tão universaes injurias, dos inimigos de Deos recebidas. E que o bom seria aproveitar-se de tão boa occasião, como era o temor, que o Suldaõ mostrava de tão pequeno poder, como seus Capitaens traziaõ na India: e convocando os principaes Christãos a tão Santa empresa, acabassem de extinguir de todo as lagrimas, que o povo Christão derrama cada momento pela liberdade do Santo Sepulchro, que em poder deste barbaro permanece: e a estas ajuntou tantas outras razoes, e offerecimentos, que o Papa Julio III, e os Cardeaes se houveraõ por satisfeitos.

E para que vejais a soberba deste barbaro Rey, e melhor se possa considerar seu poder, e grandeza, ouvi hum exordio da carta, que sobre este negocio mandou ao Papa pelo mesmo Frey Mauro, assim como a traz Damiaõ de Goes na primeira parte da Chronica del Rey Dom Manoel.



A<sup>a</sup> Santidade do Papa Excellentissimo, Santissimo, espirital, temente a Deos, bemfeitor dos Romanos na Seita antiga dos Christãos entre os fieis de Jesu; Rey dos Reys Nazarenos, ou Christãos, Conservador dos mares, e enseadas maritimas, Pay dos Patriarcas, e dos Bispos, e sabedor, pelos que têm os Evangelhos na sua Seita, das cousas licitas, e illicitas: agradavel aos Reys, e Principes, e possuidor do Reyno Romano, Deos accrescente sua gloria, e lhe dê muita saude. O mayor Rey, Senhor dos Senhores, nobre, e excellente, sabedor, justo, conquistador, vitorioso, Rey dos Reys, espada do mundo, Principe da fé de Mafamede, e dos que o seguem: vivificador da justiça, herdeiro dos Reynos em todo o mundo: Rey de Arabia, e de Persia, e Turquia: Sombra de Deos na terra, obra das boas obras de Deos, assim por elle mandadas, como não mandadas: aquelle, que agora neste tempo he como outro Alexandre, de quem muitos bens procedem. Rey dos que se assentão em Throno, e Cadeira Real, conservador dos que trazem Coroa na cabeça. Dador de climas, e Cidades: perseguidor dos rebeldes, e hereges, e infieis: conservador de dous lugares de peregrinos: Sūmo Sacerdote de dous Templos Sagrados; ajuntador, e conservador da fé de Mafamede, defensor da justiça, e bondade, Senhor dos Reys deste tempo, Sacerdote dos que temem a Deos, e Resplendor da Fé; Pay da verdade, causa de toda a cousa formosa, e elegante, e Pay da vitoria: Canaço Algaui: cujo Imperio Deos faça perpetuo, e seu exercito vitorioso, e Deos o ajude; e levante sua Cadeira sobre o Planeta *Geminis*, & cat.

## C A P I T U L O XVI.

*Do primeiro Vice-Rey da India D. Francisco de Almeida, e do que nella succedeo em sua conquista; em todo o tempo, que a governou.*

**V**endo El Rey Dom Manoel, que das cousas do Oriente se havia de fazer mais caso, do que até então se fizera, e que para se proseguirem com a felicidade começada, era necessario poder, e authoridade, em pessoas, que

que na terra residisse, e seu nome, e dignidade nella representasse: mandou em o anno do Senhor mil e quinhentos e cinco a Dom Francisco de Almeida, que com titulo de Vice-Rey (que foy o primeiro) governasse a India. Pessoa de altos merecimentos, e nobres qualidades para grandes, e difficultosas emprezas, e em guerras contra Mouros de Africa, e de Granada já muito experimentado. Pelo qual, e pela muita fidalguia, que com elle se embarcou, se celebrou este auto com a mayor solemnidade, que neste Reyno se vio nunca, não sendo de pessoa Real. Levou humma armada de vinte e duas vellas, dezaseis naos grossas; e seis caravellas: doze das quaes haviaõ de tornar o anno seguinte com carga de especiaría, e as mais haviaõ de lá andar de armada tres annos: termo, que ElRey entãõ limitou para todos os officios, e cargos, que entãõ se ordenaraõ, com soldo, e mantimento, logo por elle taxado.

Hiaõ nesta armada muitos, e muy horrados homens, muitos Fidalgos, e Cavalleiros na guerra muito curiados: com os quaes partio de Belém a vinte cinco do mez de Março de mil e quinhentos e cinco: e fazendo sua viagem, chegou ao Cabo Verde a salvamento, onde o Rey da terra veyo com sua mulher, e filhas a ver tão grande cousa, como a fama apregoava; e Dom Francisco de Almeida o mandou visitar, agradecendolhe a boa vontade. Dalli partido com bom tempo, e com o mesmo, mas muy trabalhosamente, dobrou o Cabo de Boa Esperança, e logo se lhe seguiu hum grande pé de vento, que lhe rompeo as velas da sua nao, e da de Diogo Correa, de que tambem cahiraõ alguns homens no mar, e hum, que se salvou, se chamava Fernão Lourenço: o qual como cahio da nao; em surdindo acima da agua, levantou hum braço para que o vissem, e disse em alta voz, que mandassem ter tento nelle até pela manhã, porque até entãõ se atrevia a nadar: o que o Capitão fez, e foy ao outro dia tomado. Passada esta tormenta, Dom Francisco chegou a Quilda com oito velas sómente, e logo o mandou o Rey da terra visitar, e concertados se vissem, foy Dom Francisco com os Fidalgos todos em os barcos vestidos de paz, e muito louções: mas o Rey temen-

Goes p. 2. c.  
Chronica  
de Rey D.  
Manoel.  
Barros l. 2.  
c. 3. Decad.  
1.



mendo-se; ou querendo ordenar alguma traição, como costumava, não veyo, tomando por agouro hum gato negro, que passou por elle. Quando Dom Francisco de Almeida, cansado de esperar, vio que o Rey não vinha; virou-se aos Fidalgos, dizendo: Tornemo-nos embora, e venhamos visitallo com as naturaes louçainhas, e que melhor estaão aos Portuguezes; porque como sabeis, os Mouros não ao nosso ouro, mas ao nosso ferro sempre fizeram mayor honra. Ao outro dia considerada a contumacia do Rey, que confirmava as velhacarias passadas, e como havia quatro annos, que não pagava o tributo devido, e que sempre com cautella, e enganos fazia o que queria: depois de largo conselho Dom Francisco se foy à Cidade com quinhentos homens escolhidos, e bem armados, que logo a entraraõ sem resistencia: mas depois pelas ruas serem estreitas, se viraõ em grande perigo; porque todos os Mouros, e moradores estavaõ postos em armas, e das janellas, e eirados, de que a Cidade era toda cuberta, faziaõ grande panno, e resistencia. Mas não bastou tão repentino, e não cuidado trabalho, para que os Portuguezes não chegassem aos paços do Rey, que valendo-se de sua industria se salvou, mandando-os entreter na mayor furia, com lhe mostrar humma bandeira de Portugal, que lhe tinhaõ dado, quando se fez tributario. Quando os Portuguezes conheceraõ a bandeira, todos juntamente lhe fizeraõ a adoração costumada, e por mandado do seu Capitão cessáraõ da obra. E teve o Rey Mouro tempo de se acolher por outra porta com sua mulher, e toda sua casa. Ao outro dia, que era dia do Apostolo Santiago, cujo habito Dom Francisco de Almeida tinha, descansou do trabalho, e não entendeo em mais, que solemnizar a festa o melhor, que naquelle estado se podia fazer. E logo depois tratou o que se havia de fazer daquella Cidade: propondo em conselho, como aquelle Rey, que fugira, não era legitimamente eleito, mas quasi tyranno, que de Governador se levantara como Reyno: consideradas suas traçoens, já por tantas vezes intentadas manifestamente, e de como tomara armas contra ElRey Dom Manoel seu Senhor, negando-lhe o tributo; e obediencia devida, como vassallo seu, que

que era, havia tantos annos. E vistos os muitos, e bons serviços, que hum Mouro, chamado Mahomet Anconii, tinha feito a todos os Capitaens Portuguezes, que por alli passaraõ, avisando-os de algumas traiçoens, que se lhes ordenavaõ: e como em tudo se tinha mostrado muito leal ao serviço delRey de Portugal; e como por esta lealdade se aventurara muitas vezes a se perder de todo: o que tudo considerado, assentáraõ em o mesmo conselho, que se lhe dêsse o governo da Cidade com titulo de Rey, com certas obrigaçoens, e tributos. O que logo puzeraõ por obra; levantando-o por Rey a nollo modo com grande solemnidade, e o mesmo D. Francisco o coroou com hum Coroa de ouro, que levava para ElRey de Cochim. E o novo Rey Mahometh Anconii tambem se soube aproveitar desta boa fortuna, que para se fazer bemquisiro na Cidade, alcaçou de Dom Francisco a liberdade a todos os cativos, que foraõ tomados na entrada della. E foy este hum auto de nova coroação, que alegrou summamente os nossos, e espantou os Mouros, vendo que por taõ pequenos serviços, como eraõ os de Mahometh, de escrivaõ da fazenda de Quilóa o faziaõ Rey della. E por esta causa naõ foraõ dalli em diante taõ rebeldes; nem se atrependeraõ disto pelo proveito, que lhes vinha de nossa communicação. Passado este dia; e mais tres, em que se solemnizou a coroação do novo Rey, entendeo Dom Francisco na fortaleza; e dentro em vinte dias a poz em estado, que bem podia soffrer qualquer furioso, e grande cerco: e a seu dia, elle mesmo era o primeiro, que lançava maõ da padiolla com muito gosto, e todos os mais trabalhavaõ com muita alegria, graças, mottes, e cantigas: e deixando nella por Capitaõ Pedro Ferreira Fogaça com cento e cincoenta homens, e hum caravella, e hum bargantim da armada para vigiar aquella costa, e Capitaõ Gonçallo Vaz de Goes; se partio para Mombaça; onde chegou a 13 de Agosto com onze náos, e tres navios. E porque o Rey della tendo-se por mais poderoso, que o de Quilóa, se quiz defender, negando a amizade, e communicação devida, e desprezando a nossa armada, e o nome Portuguez naquelle tempo taõ famoso naquellas partes: Dom Francisco, havido largo conselho, accommetteo



metteo a Cidade, repartindo sua gente em tres partes, elle pelo mais fragoso, e seu filho Dom Lourenço pelo rostro della, que estava costa acima, de maneira, que com pedras lançadas pelas ruas podia defenderle, e outros Capitaens foraõ queimar quinze naos de Mouros de Cambaya, que estavaõ furtas em hum onco detraz da Ilha. E posto que em todas as partes custou a vitoria muito, assim pela disposiçaõ, e fortaleza da Cidade, como pela multidaõ, e obstinaçaõ dos Mouros, que a defendiaõ, foy entrada por ambas as partes, e todas as naos queimadas, com morte de mil e quinhentos e treze Mouros, e duzentos cativos, e mil e tantos, que depois se tomaraõ ao tempo do saque. Mas custou a vitoria mais de setenta feridos, e cinco mortos. Foy logo a Cidade saqueada por conselho de todos, e como estava sem receyo de chegar áquelle estado, e era muito populosa, erica, achouse nella riquissimo despojo, e muitos cativos, de que naõ levarãõ mais de duzentos. Acabado isto, lhe puserãõ fogo, que ardeu de maneira, que antes de se partirem, estava quasi de todo queimada, e o Rey della com todos os mais, que o poderaõ fazer, se acolherãõ para os palmares, e nelles se embrenharaõ, como em semelhantes necessidadescostumaõ. E muitos Soldados, mais desejosos de gloria militar, que de riquezas, quizeraõ commetter o palmar, se D. Francisco lho naõ contradiffera com razoes, e authoridade, e entre ellas lhes disse, se contentassem dar lhe Deos aquella Cidade tanto a seu salvo, sendo a mais temida de toda aquella costa. E depois se soube, que toda a India ficara assombrada, quando ouviraõ o feito de Quilõa, e Mombaça, que entre elles tinhaõ grande nome, por razãõ do trato do ouro, de que ellas estavaõ abundantissimas.

Acabado isto, chegou Dom Francisco á India, e em Anchediva, desembarcadouro ordinario de todas as naçoens, fez huma fortaleza, e depois de acabada foy sobre ElRey de Oaor, com quem tinha já assentado paz, e amizade, e por causa de huns cavallos, que o Rey tomou sem razãõ a huns Portuguezes; e nunca quiz largar por mais admoestaçoens, que lhe fizeraõ: pelo qual foy desbaratado com quatro mil homens em sua companhia, e quatro

e quatorze naos suas queimadas, com muita parte da Cidade: e não custou tão pouco, que entre outros muitos não sahisse o mesmo Dom Francisco ferido de huma flecha. Dalli se partio para Cananor, onde logo tratou começar a fortaleza, e depois de varios acontecimentos de paz, e de guerra, em que sempre Deos ajudava os nossos, veyo a elle hum Embaixador del Rey Gentio de Narzinga, o mais poderoso de todo Oriente, que sabendo das grandes façanhas, que os Portuguezes tinham feito na conquista da India, desejou ter paz, e amizade com o seu Rey Dom Manoel, que elle imaginava muito poderoso: pois em tão apartadas Provincias faziaõ seus Capitaens em seu nome tamanhas cousas, e as sustentavaõ contra o poder, e vontade de todos os Reys, e Senhores do Oriente. E porque este Embaixador era de Rey tão grande, acordaraõ os Fidalgos, e pessoas do conselho de Dom Francisco, que pois elle representava a Pessoa del Rey de Portugal, para mayor authoridade lhe chamassem dalli em diante Vice-Rey: posto que não pudesse usar desta dignidade, ate não fazer as Fortalezas de Cochim, Cananor, e Coulaõ; em lugar das quaes podiaõ servir as de Quilõa, Anchediva, e Cananor, que já estava começada. A Embaixada era, desejar de ter paz, e amizade com El Rey Dom Manoel, e offerecer-lhe todas as naos de seus pórtos, e que nelles podia fazer Fortalezas: e mais que tinha huma irmã moça, e de bom parecer; que a casaria com o Principe seu filho, e com ella lhe daria tamanho dote em terras, e dinheiro, que fosse bem contente. Depois acabou a Fortaleza sobre os alicerces, que tinha feito o feitor Gonçalo Gil Barboza, e deixou nella por Capitaõ Lourenço de Brito, Copeiro mór del Rey, e cento cincoenta Soldados Portuguezes.

Considerando o Vice-Rey os trabalhos passados del Rey de Cochim, por sustentar nossa amizade, querendo gratificallos, o investio de novo no Reyno de Cochim em nome del Rey Dom Manoel, e o coroou por sua mão com huma Coroa de ouro, que El Rey Dom Manoel lhe mandava de Portugal, como a seu vassallo, e lhe impoz as obrigaçoens aos taes costumadas: e isto porque a este tempo o Rey Trimumpara, que passara os trabalhos em



companhia de Duarte Pacheco, era já morto, e este era seu sobrinho, que lhe succedeo, como se costuma entre todos os Gentios daquelle Oriente.

Neste mesmo tempo chegou Pedro de Anhaya a Cofalla, e por vontade do Rey, e Senhor della, fez huma Fortaleza: mas depois os Mouros tanto foubirão dizer a este Senhor, que se chamava Çufé, que ajuntando com muita diligencia mais de mil Cafres, a mandou combater com tanto fervor, e valentia, que os Portuguezes se houverão de ver em grande trabalho, se Acote de nação Abexim, e grande privado del Rey, se não metera nella com homens seus parentes, e amigos, todos em nosso favor convocados: com os quaes, e com a valentia do Capitão Abexim, se houverão os Portuguezes de maneira, que desbaratarão os Cafres, e entraraõ na povoação; e mataraõ a Çufé: e em seu lugar Pedro de Anhaya constituhio o Capitão Acote por sua lealdade, e lhe deu aquelle senhorio em nome del Rey Dom Manoel, como a vassallo seu: e neste tempo não havia na Fortaleza cincoenta homens Portuguezes; porque os mais eraõ já mortos de doenças, a que a terra he muito sujeita.

Não estava o Vice-Rey ocioso; porque em o seguinte mez de Novembro mandou seu filho Dom Lourenço ás Ilhas de Maldiva, de que havia grande fama de muitas riquezas; mas pelos ventos contrarios não podendo chegar a ellas, foy dar em hum porto da Ilha Zeiland; tambem famosa naquellas partes, e o seu Rey, pelo que já sabia dos Portuguezes, mandou visitar D. Lourenço, e depois vendo-se com elle, se obrigou a dar cada anno a El Rey de Portugal, como por tributo, quatro centos bahares de canella, com condigaõ, que seus portos ficassem debaixo de nossa guarda, e defençaõ. Logo se carregaraõ os bahares promettidos, e D. Lourenço se partiraõ para Cochim, donde logo partiraõ as naos para este Reyno em Fevereiro de mil e quinhentose seis, e nellas mandou o Vice-Rey o primeiro Elefante; que nestas partes se vio daquellas da India.

Nesta occasiaõ El Rey de Calecut fez huma poderosa Armada para segurar o seu porto contra nós, e em favor dos Mouros de Meca, e em companhia dellas ajun-

tou oitenta e quatro naos, e cento e vinte e quatro paráos, todos bem armados, e providos do necessario a hum grande feito: mas Dom Lourenço, filho do Vice-Rey, por seu mandado os foy esperar ao caminho com onze velas sómente; mas levava nellas oito centos soldados Portuguezes, os mais delles Fidalgos, e outra gente da terra: os quaes se houverão tão bem com estes ordinarios inimigos, que á vista del Rey de Cananor desbaratarão toda a Armada, depois de muy grande resistencia, com que a vitoria esteve muito tempo em duvida; porque haviaõ naos, em que vinhaõ quinhentos, e seis centos homens de peleja: mas Dom Lourenço sendo o primeiro, que saltou na Capitania, a rendeo com muita valentia, e com a mesma depois ajudou os outros; e todos o fizeram como Cavalleiros, rendendo tambem outra nao, que trazia quinhentos homens lustrosos, e costumados a continua guerra. Com estas naos assim vencidas, e outras maltratadas das mãos de Portuguezes, se poderaõ desbaratar todas, senão os paráos, que por se verem muitos, bem artilhados, e armados, tomaraõ tanta ousadia, que não receando o que em tantas naos viaõ feito, acmetteraõ os nossos com muito animo, e valentia, e com a mesma fizeram com que a vitoria custou desacomumado trabalho, em que houve tanto dar, e tomar, que durou todo aquelle dia a peleja, e grande parte da noite, em que a claridade da Lua foy cruela muitos; porque morreraõ dos inimigos mais de tres mil, e dos Portuguezes seis, e alguns Malabares de Cochim, e grande numero de feridos de huma, e outra parte. Meteraõ-se no fundo muitos paráos, e dez naos; huma das quaes hia carregada de Elefantes para o Reyno de Cambaya: tomaraõ-se nove naos, quasi todas já carregadas, e muito ricas, e o restante da Armada se poz em salvo quasi de todo desbaratada. Com esta tão grande vitoria, com que os coraçoes dos Mouros ficaraõ totalmente desesperados, se foy Dom Lourenço a Cochim, onde seu pay estava. Depois que El Rey de Cananor deu licença para em sua Cidade se fazer a Portaleza, saltaraõ com elle os mouros mercatores, e com dadivas, e valias del Rey de Calecut, tanto credito cobraraõ com elle, que começou a ouvir lhes suas



queixas contra nós: e elles tanto continuaraõ com estes seus artificios, que lhe fizeraõ crer, que a licença, que nos dêa, redundava em seu damno: pelo qual veyo a se arrepender, e tratar de lançar os Portuguezes fóra de Cananor; e para isso ajuntandose com ElRey de Calecut, nosso ordinario inimigo, e mais de quareenta mil Naires, e Mouros, puzeraõ cerco à Fortaleza a vinte e sete, de mil, e quinhentos e oito: e tantas invençoens bellicas, e instrumentos militares ajuntáraõ em nossa destruição, que parecia sem remedio tudo, o que os cercados podião inventar para se defenderem; e ainda que não se acharaõ na fortaleza mais de quatrocentos homens, eraõ tão bellicosos, e fortes, e tão bem armados, que cento e cincoenta delles ouláraõ a sahir fóra de noite, e dando subitamente no arrayal, descuidado de tal sobressalto, o puleraõ quasi em desbarato, primeiro que se determinassem, com morte de mais de trezentos. Mas por se lhe queimar huma casa na feitoria, onde tinhaõ todos seus mantimentos; vieraõ a estado de desesperação por ser inverno, e pouco conveniente a serem soccorridos dos seus. E assim ficáraõ em estado, que para sustentarem a vida, haviaõ primeiro de aventuralla com as armas na mão, por tomar das de seus inimigos algum mantimento, que nunca vinha sem sangue; e bem se póde dizer, que nelle se sustentavaõ, fazendo sobre esta contenda todos muy grandes feitos em armas; até que ElRey de Cananor veyo em conhecimento desta necessidade, e querendose aproveitar della, antes que de Cochim pudessem ser soccorridos, accommetteo outra vez a Fortaleza com novas forças, e novos artificios, e estratagemas: veyo com huma grande armada por ordem do Camori ajuntada, e nella dous castellos da invenção dos que se fizeraõ contra Duarte Pacheco em Cochim, mas muito mayores, e bem artilhados, e fortes, com mais de noventa homens em cada hum, e a mais gente por mar, e terra, eraõ mais de cincoenta mil homens, que o fizeraõ com tanto animo, e valentia, que durou a peleja de pela manhaã atè quasi Sol posto, em que de ambas as partes o combate foy bravo, e bem pelejado. Mas não podendo as obras de muitos abater a virtude aos poucos, ficáraõ os Portuguezes vencedores, sem delles morrer al-

gum; que não foy sem grande misterio; porque depóis da guerra acabada, perguntavaõ os Mouros por hum homem muito alto do corpo, e bem armado, que andava diante de todos com huma espada de ambas as mãos, com que os desbaratou tantas vezes.

Além deste successo, outro aconteceu tambem miraculoso em dia de Nossa Senhora de Agosto, a tempo que os da Fortaleza padeciaõ grandíssima fome, porque estando nesta desesperaçãõ, o mar começou a fazer hum grande marulho contra a Fortaleza, e lançou na praya della tanta quantidade de Lagostas, que todos se mantiveraõ dellas alguns dias: era tanto o gosto, com que as comeraõ, ou a virtude, que Deos entaõ lhes poz, de tanta efficacia, que saravaõ com ellas os doentes de varias infirmitades, como com outro manná, amalládo pelos Anjos, e pela misericordia de Deos concedido a seu pôvo. Durou o cerco quatro mezes do inverno daquellas partes, em que Lourenço de Brito Capitão da Fortaleza, e os mais Fidalgos, e Soldados, que nella se acharaõ, fizeraõ hum dos grandes feitos, que naquellas partes se tinhaõ visto.

Em o anno do Senhor 1506, mandou ElRey á India Tristão da Cunha por Capitão mór de huma armada, 1506. e em sua companhia Affonso de Albuquerque por Capitão mór de seis velas, com que havia de andar de armada no cabo de Guardafu, até que acabasse o seu triennio o Vice-Rey Dom Francisco de Almeida, a quem elle havia de succeder no governo da India; e fazendo sua viagem invernáraõ em Moçambique, onde Ruy Pereira Coutinho, que antes se perdera da frota, veyo ter, tendo descoberto a Ilha de S. Lourenço, de que deu larga noticia a Tristão da Cunha, que por conselho de Affonso de Albuquerque se foy a ella, pela banda de dentro a descubrio toda, assim como Fernão Suares a tinha descoberto pela de fóra, e achou ser cousa tão grande, que não parece haver no descoberto outra mayor; porque tem de comprido mais de trezentas leguas, e de largo mais de cento e vinte. De cuja grandeza, e fertilidade, e assim de outras muitas daquelle Oceano Oriental, trataremos outro dia, que intitularemos a segunda parte dos Dialogos de Varia Historia, como já vos disse. Dalli se partio Tristão da Cunha, e passando por



por Melinde, onde deixou em navaladores para o Preste João, e pela Cidade Hoja habitada de Mouros, que destruiu, e queimou, chegou á Cidade Brava, famosa entre todas as daquella costa, habitada de Mouros, e defendida de quatro mil homens de peleja, e entre elles muitos, e muy esforçados, dos quaes dous mil sahiraõ a defender a praya, naõ querendo aceitar a paz, e amizade; que lhe foy com nettida: e ainda que os nossos, por serem mais de nove centos bons Soldados, os fizeraõ retirar, e elles se houveraõ com tanto acordo, que fecharaõ as portas da Cidade sem perderem hum homem, e dentro se defenderaõ com tanta valentia, que pozeraõ os nossos em desconfiança da vitoria: mas Affonso de Albuquerque com a sua companhia de 400 homens, foy o primeiro, que subio ao muro, por onde a vio mais fraca, e acodindo logo Tristaõ da Cunha com a bandeira Real, se travou a peleja com muitas maravilhas, feitas de ambas as partes; mas depois de grande resistencia, foy a Cidade por alli entrada; e saqueada, e os seus moradores se acolheraõ á ferra, acuja vista se lhe poz fogo, e ardeio toda; Houve-se della riquissimo despojo, por ser terra muy abastada de ouro, e prata, pedraria, pannos de seda, algodão, marfim, ambar, e muitos cheiros, e especiaria, com todo o genero de mercadorias em grande abundancia. Foy esta vitoria estimada por humas das notaveis do mundo; e porque todos tiveraõ nella sua parte, e o mesmo Capitaõ mór foy ferido, quiz elle aproveitar-se daquelle dia, armando-se nelle cavalleiro, em louvor do Apostolo Santiago, em cujo nome alcançara aquella, e outras vitórias; e armou-o Affonso de Albuquerque, Cômendador da mesma Ordem, e a seu filho Nuno da Cunha, e elles depois a outros muitos. Dentreu na Cidade morreraõ a ferro mais de mil e quinhentos, e dos nossos quasi todos ficaraõ feridos, e cincoenta mortos; fóra despoito, que se perderaõ em hum batel, que hia carregado do melhor despojo para a noiva de Tristaõ da Cunha, e o batel se salvou. E póse fer que fossem estes daquelles, que naquella occasiã; por tirarem as manilhas de ouro, e prata, que as mulheres traziaõ nos braços, cortaraõ as mãos a mais de oito centas, e a todas o fizeraõ, se o Capitaõ mór

mór com pena de morte o não atalhar. Porque Deos não dissimula com crueldades, como também não dissimula com outras naquelle mesmo Oriente executadas por pessoas, que em seu serviço tinhaõ feito muy notaveis obras, de que a seu tempo não ficareis sem alguma noticia. No mez de Abril do anno 1507, chegou Tristão da Cunha á Ilha Socotorá, para fazer nella hum Fortaleza, e achou-a habitada de Christãos Jacobitas, e tyrannizada de Mouros, que tinhaõ nella hum Fortaleza, e por Capitão Coje Abraham, filho delRey de Caxem. Esta Cidade tomou Tristão da Cunha com Affonso de Albuquerque, e houve nelle a mais brava resistencia, que elles nunca viraõ; porque era o Capitão Coje Abraham taõ esforçado, que sahio a defender a praya com hum esquadrão de Fartaques seus naturaes, e bons Soldados, com os quaes se houve de maneira, que sendo menos que os nossos, se hiaõ recolhendo á Fortaleza com muita ordem, até que sendo dos pelcuros dos nossos constangidos a desordenarem-se, quasi de vencida o seu Capitão com oito Fartaques escolhidos, fez rosto a todos os Portuguezes como bom cavalleiro, de que Dom Affonso de Noronha, sobrinho de Affonso de Albuquerque, mostrou grande contentamento, por lhe parecer lhe convinha aquelle encontro, pois havia de succeder naquella fortaleza. Mas nem o esforço de D. Affonso, nem as obras dos de sua companhia, nem espantaraõ ao Capitão Mouro, antes com igual vontade á sua se apartou dos oito, e se foy para Dom Affonso, onde ambos tiveraõ hum formoso desafio, sem se poderem vencer; mas como os Fartaques foraõ de vencida, ficou este seu Capitão só com os oito semente, onde cercados da nossa gente morreraõ todos como bons cavalleiros, de que deraõ final no sangue, que derramáraõ dos nossos. Entre este desbarate, e desordem, ainda trinta Fartaques tiveraõ acordo, e valentia para se recolherem á Fortaleza, e fecharem as portas, e nella se defenderaõ com tanta valentia, sem terem artelharia, que foy necessario aos nossos com huma bombarda quebrar a porta, e depois entrar na Fortaleza com muito trabalho. Mas os Fartaques recolherdo-se á torre de homenagem, e dalli á do Alcaide, se defendiaõ com tanto animo, e acordo, que puzeraõ os  
nossos



noslos em desconfiança , principalmente vendo, que Affonso de Albuquerque , que com seus sobrinhos Dom Affonso , e Dom Antonio leváráo a palma deste feito, derao os cercados com hum canto na cabeça, de que esteve algumas horas se n falla. Em fim não querendo os valentes Partaques as vidas, com que Affonso de Albuquerque lhes mandou commetter , a troco de mostrarem huma pequena covardia , foraõ dando , e recebendo mortes , e feridas, até que todos morreráõ com estranho, e quasi nunca visto exemplo da valentia: senão foy hum Piloto, que depois servio a Affonso de Albuquerque na Costa da Arabia. Na Fortaleza não se achou cousa de preço, senão armas, e alguns mantimentos, sem artelharia; porque se a houvera; fora mais difficultosa a entrada, ou quasi impossivel , e muito custosa. Mas permittio Deos, que aquelles Christãos tyrannyzados ficassem com a liberdade desejada, em que viveráõ defendidos sempre dos Portuguezes, a que Deos para aquellas suas obras levára de tão longe aquellas partes tão miraculosamente.

Concluida esta vitoria , e partido Tristaõ da Cunha para a India, Affonso de Albuquerque se partio tambem para o mar da Arabia (ordinária entrada, e sahida dos Mouros naquellas partes da India) que elle levava por conquista em o Regimento del Rey, com aquella armada, com que partira do Reyno , a qual era de sete velas, e 460 homens de peleja. E por lhe não servirem os tempos para andar em meyo daquelles dous estreitos, se passou ao de Persia, on se está situada O muz, Cidade antiga de Carmania, muito populosa, e forte, de quem todo o Reyno tomou nome. E porque o achou todo habitado de Mouros, que não lhe quizeráõ aceitar sua amizade, e o receberáõ com mão armada, com a mesma os conquistou, tomando primeiro cinco Villas daquelle Reyno, postas na costa daquelle mar Perseo, e bem defendidas de seus habitantes. E porque Affonso de Albuquerque em algumas dellas se houve na execuçaõ da guerra com mostras de crueldade, por mais espantar aquelles communs inimigos; elles lhe ficaraõ tanto, que quando elle chegou ante a Cidade commetteráõ paz, e amizade, que não sendo guardada mais tempo, que em quanto elles o ti-  
veraõ

verão de melhor se fortalecerem, determinou Affonso de Albuquerque combatella á força de armas: e depois de muitas dilaçoens, e cautellas dos Mouros, todas em nosso damno excogitadas, commetteo a Cidade, por natureza, e arte bellicosima, defendida no mar, e na terra por mais de trinta mil homens de guerra, de nação Perseos, e Arabios: com os quaes se travou a peleja no mar com tanto fervor, e valentia de ambas as partes, que durou espaço de oito horas, sem se conhecer melhoria de algumas dellas; porque todos se houveraõ naquelle conflicto com ardentissimos animos, e com tanta variedade de bellicos instrumentos, que parecia, que todos os elementos eraõ guerra, e propria destruição sua: porque o estrepito horrendo da artelharia, que de quando em quando scintillava, fazia tal mistura de horrenda confusão, que os homens não sabião em que lugar estavaõ; as mulheres pejadas faziaõ aborto, e todas as creaturas viventes imaginavaõ, que se acabava o mundo. Mas emfim podendo mais a superioridade do Lusitano esforço, que o desigual, e excessivo numero dos inimigos, se alcançou delles naquelle dia tão perfeita vitoria no mar, que logo a terra se lhe entregou toda, e o Rey della se fez tributario, e a Fortaleza se começou. Nestas conquistas, em que Affonso de Albuquerque andou por Capitão mór quasi dous annos, desbaratou muitas vezes todo o poder del Rey de Ormuz, e todas as ajudas de outros seus visinhos, e amigos; e até os Embaixadores do Sophi da Persia, que naquella occasião vinhaõ buscar o tributo, que lhe pagava El Rey de Ormuz, espantou de maneira, que o seu Rey folgou de ser nosso amigo. Porque pedindo-lhe os Embaixadores o tributo, que lhe devia o Reyno conquistado por elle, lhe respondeo, que El Rey de Portugal, em cujo nome aquella conquista se fizera, não pagava a outros Reys outro tributo, se não armas de ferro, e fogo, que logo lhe mandou mostrar, e offerecer. E nem bastou conjurarem se contra elle os seus Capitaens, e alguns delles deixarem-no quasi só, e outros muitos enganos, e traçoens contra elle traçadas pelos Mouros, nem outras difficuldades de fome, e sede, e frio, para desistir da empreza; antes quando mais im-



possivel se lhe representava, entaõ lhe parecia, que seria de mayor proveito, e honra de Deos; do qual esperava sómente a vitoria, pois para seu serviço se encaminhava. Nesta conquista queimou mais de trezentos navios em diversos pórtos, e fez outras destruições taõ grandes, que lhe foraõ attribuidas a crueldade: mas tudo era necessario: porque foy taõ brava a resistencia, e taõ grande o poder dos que a faziaõ, que se naõ pode attribuir a vitoria; senaõ á Divina potencia, com que em semelhantes necessidades os Portuguezes sempre foraõ acompanhados naquellas partes. E em mais confirmação disto, naõ morreraõ aquelle dia dos nossos mais de dez, mas muitos feridos: e dos mouros morreraõ dous mil: cousa, que excede o credito do poder humano. E sobrevindo o inverno daquellas partes, foy-o elle passar á Ilha Socotorá, com assaz trabalho. Mas sendo favorecido de alguns navios nossos com mantimentos, se refez, e tornou a Ormuz, onde Cogear Governador, e tyranno daquelle Reyno, continuou com seus enganos, e maldades; concedendo o tributo, e vassallagem, se a fortaleza, que por nenhum modo se acabasse; pelo que Affonso de Albuquerque lhe tornou a fazer cruel guerra pelos arredores da Cidade, e sempre vitorioso: até que se passou á India, para succeder no governo della a Dom Francisco de Almeida.

1507.

A vinte e tres de Novembro deste anno de mil; e quinhentos e sete, se partio o Vice-Rey em pessoa com Tristaõ da Cunha, e sete centos Soldados Portuguezes, e alguns Naires de Cochim, para queimarem muitas naos de Meca, e Cilecut, que em Panáne estavaõ carregando; e ainda que em guarda dellas estava Cutiale Capitaõ do Canori com mais de quatro mil Soldados Mouros, e Naires, todavia foraõ queimadas dezoito naos, e a propria povoação, em que havia tantas riquezas, que o desprezo dellas foy havido por crueldade. Nesta entrada se fizeraõ grandes cavallarias, principalmente Dom Lourenço filho do Vice-Rey (que era o mayor homem Portuguez; que entaõ havia na India, e o mais gentil-homem, e mais bem disposto) fez tantas maravilhas de sua pessoa, que nunca esquecerão na memoria dos homens: e Nunoda  
Cunha;

Cunha, filho de Tristaão da Cunha, que nellas, e na pessoa, e disposição, não lhe foy muito inferior: com as quaes obras, e as de outros muitos Fidalgos, e Cavalleiros Portuguezes, que todos tambem neste dia ficaraõ famosos, foy havido aquelle feito por grande. Morreraõ dos inimigos trezentos, e dos nossos dezoito, e quasi todos de huma, e outra parte ficaraõ feridos, e entre elles D. Lourenço, e Nuno da Cunha, e outros Fidalgos.

No mez de Janeiro do anno seguinte de mil e quinhentos e oito, mandou o Vice-Rey seu filho Dom Lourenço com oito velas, em guarda de algumas naos de Cochim até Chaul: e sabendo no caminho, que em a Cidade de Dio do Reyno de Cambaya estava hum armada de Rumes do Suldaõ de Babylonia, e outra del Rey de Cambaya, em nossa destruição, logo se apparelhcou Dom Lourenço para os hir bulcar; e estando já quasi de caminho em a barra de Chaul, chegaraõ os Rumes oufados, e bem armados junto da Cidade. Dom Lourenço os mandou cometer, e os seus Soldados renderaõ quatro galés, e mataaõ muita gente, com grande espanto daquelles barbaros, que não eraõ costumados a serem vencidos; e tanto apertaraõ com elles os Portuguezes, que sempre os desbarataraõ de todo, senaõ sobreviera Melique-Az, Capitão, e Governador de Dio por El Rey de Cambaya, com trinta e quatro fustas bem artilhadas, e providas de gente. Vista pelos Portuguezes taõ grande armada, e como os da Cidade se declaravaõ da sua parte, e Dom Lourenço estar com duas frechadas, e muita outra gente ferida; e como elles tinhaõ já as naos de Cochim seguras, a que elles sómente vinhaõ, determinaraõ voltar-se de noite sem os inimigos os sentirem: mas não pode ser de modo, que a nao de Dom Lourenço, que hia detraz de todas, não fosse cercada de toda a armada, e sobre tudo lhe acalmou o vento, e com artilharia lhe quebraraõ o leme, e para que não tivesse algum remedio, foy dar em hum estacada de pescadores; e nella encalhou de maneira, que nunca pode dalli sair, nem com hum cabo, que lhe deu Payo de Sousa com grande perigo de sua pessoa, por as outras naos estarem todas em calma. E posto que cometeraõ a Dom Lourenço, que se salvasse no esquite da nao,

1508.



elle o não quiz fazer: antes ordenou sua gente, e se poz  
 em defenſa com ſetenta homens feridos, e trinta ſómen-  
 te ſãos: e com eſtar neſte eſtado, e a frota de Melique-Az,  
 e dos Rumes eſtarem em roda da ſua nao, nunca a ouſa-  
 raõ de afferrar, receando o eſforço de Dom Lourenço,  
 de que naquellas partes ſe fallava como em couſa mira-  
 culola: ſómente ſe puzeraõ ás bombardas batendo a a  
 miudo, que matavaõ muita gente, e ao meſmo Dom  
 Lourenço hum pelouro de bombardalhe levou huma co-  
 xa: mas ainda aſſim ferido ſe mandou pôr ao pé do maſ-  
 tro, e dalli mandava, e animava os ſeus, que o faziaõ  
 taõ valentemente, que ſenaõ viera outro pelouro de bom-  
 barda, que logo o matou, e lhe levou todas as coſtas da  
 parte direita deſcubrin-do-lhe os boſes, já pudera ſer, que  
 ſeu eſforço dilatara a vitoria, até que o vento ſerviſſe para  
 ſeus companheiros os poderem ſoccorrer. Mas eraõ taes os  
 animos dos que ficaraõ vivos, que nem a horrenda mor-  
 te, que ante ſeus olhos cada momento ſe lhes moſtrava  
 cruel, lhe pode mudar hum ponto de ſeu eſforço: antes  
 entaõ mais endurecidos, ſe determinaraõ vender bem  
 ſuas vidas, como logo fizeraõ. Porque entrados de ſeus  
 inimigos por tres vezes, não como homens mortaes, mas  
 como creaturas ſobrenaturaes ſe defendiaõ, fazendo taõ  
 eſpantofas fağanhas, que aquelles barbaros nunca viraõ.  
 E não tendo elles já polvora, nem ſangue, ainda a agua  
 tomou primeiro poſſe da nao, que os Mouros. O que eſ-  
 timando Melique-Az em muito, mandou, que lhe não ti-  
 raſſem com bombardas, e entrando elle em peſſoa em a  
 nao, quiz elle ſer o que gozaſſe a honra de vencer taes ho-  
 mens: com os quaes tanto fez; hora com partidos favo-  
 raveis; hora com as armas furioſo, que pode dar a vida  
 a vinte, que depois eſtimou, e tratou como hum tal fei-  
 to merecia. Morreraõ em eſta nao oitenta Portuguezes,  
 e dos cativos o que mais honra ganhou, foy hum grume-  
 te natural do Porto, chamado André Gonçalvez, o qual  
 eſtando ferido por huma eſpadoa de hum eſpingardaõ,  
 e aleijado da mão eſquerda, com a direita dous dias, e  
 meyo, da gavea na nao pelejou tanto, e taõ valeroſa-  
 mente ſem ſe querer dar, nem o poderem ferir, que Me-  
 lique-Az, vendo ſua valentia, mandou lhe não tiraſſem  
 mais

mais, e com promessas, e lhe segurar a vida o fez entregar. E foy em todo aquelle Oriente tão sentida a morte de taes homens, que até alguns dos inimigos do nome Portuguez se lastimavaõ destes: e outros muitos receando o mal, que em sua vingança se havia de seguir, houveraõ este feito por pouco proveitoso.

Tanto que o Vice-Rey soube da morte de seu filho, sofrendo esta tão triste nova com igual animo a tamanha desventura, logo se começou a apparellhar para lançar os Rumes da India, e vingar a morte de seu filho; ou acompanhallo nella, quando mais não pudesse. E posto que a esta occasião era grande impedimento o embargo, que a ella lhe poz Affonso de Albuquerque, que em o governo da India lhe havia de succeder, requerendo, que fosse antes de apôr em execução: e sobre isto houve parcialidades, e requerimentos indignos da nobreza das pessoas, entre quem corriaõ; todavia estava o Vice-Rey com tanta razão magoado daquelles barbaros, que não lhe soffreo o seu alto animo quietar-se sem tomar vingança de tamanha obra. Para o qual, ainda que Affonso de Albuquerque lhe não quiz dar licença por elle pedida, e com tanta razão sollicitada; todavia soffreo com paciencia não ser elle o author daquella vingança, pois já em o tempo, que elle havia de governar, se fazia. E não querendo o Vice-Rey aceitar em sua ajuda sua pessoa, logo se partio para Cochim, e o Vice-Rey para Dio, onde estavaõ os Rumes, e levava desanove velas, com mil e trezentos Malabares de Cochim, que sempre acompanhavaõ os nossos com muita lealdade. Eraõ seis naos grossas, quatro navios de gavia, e seis caravellas, duas galés, hum bargantim. E tão bravos hiaõ todos, e tão encarniçados em vingança, que de caminho destruiã a Cidade de Dábul, por ser do Cabayo, Senhor de Goa, que tambem entrava na ligacom os Rumes, para todos lançarem os Portuguezes da India; e na morte de Dom Lourenço tambem ajudára: e porque a Cidade era muito grande, e formosa, e cheya de muita riqueza, e em sua defensão estava hum Capitão famoso do Cabayo com quinhentos Turcos, e mais de seis mil homens de outras naçoens, custou a vitoria muito trabalho: e a grande resistencia, que acharaõ os Portuguezes, lhe



lhe indignou os animos de maneira, que foy a Cidade de todo destruida, e as casas, e mesquitas, que nella havia, foraõ abrazadas, e todas as naos, que se acharaõ nos portos queimadas, e metidas no fundo, em que se fez tanta perda, que se estimou em mais de dous contos de ouro, que todo o desejo de vingança desprezou. Morreraõ naquella Cidade o mayor numero de pessoas, que nunca naquellas partes se vio: porque a nenhuma coula vivente se deu a vida, assi n homens como mulheres, velhos, moços, e pessoas de qualquer estado, alguns dos quaes como vencidos pediaõ misericordia, e outros a vida a trouco de grande somma de ouro, e nada lhes valia: e chegou a crueldade a tanto, que os minimos eraõ arrebatados dos peitos de suas mãys, e esborrachados nas paredes, e ellas tambem mortas; e nem a cobiça de tantas riquezas os abrandou coula alguma, antes com a vista dellas parece se indureciaõ tanto, que chegou sua crueldade a ficar em proverbio entre aquelles barbaros, dizendo: a ira dos Frangues venha sobre ti, assim como veyo sobre Dabul. Ao outro dia se sahio o Vice-Rey da Cidade, e ao odor della fez queimar muitos Castellos, e quintas de muito preço; e estima, e se matou muita gente, que ao encontro lhes sahiraõ, e se destruiroã muitas Aldeyas, e povoaçoens ricas, e populosas. Morreraõ dos nossos dezaseis, e foraõ feridos duzentos e vinte. Dalli se partio o Vice-Rey, e de caminho recolheo o tributo de tres annos, que El Rey de Chaul devia. E dahi foy ter ao rio de Mahim, que he no Reyno de Cambaya, onde achou em hum lugar hum grande, e muy formosa mesquita, cercada de hum adro, em que havia mais de cem mil cabeceiras de covas de mortos, que segundo os naturaes lhe disseraõ, se puzeraõ alli em memoria de huma vitoria, que hum Rey, que entã era de Cambaya, alcançara do Grande Hercules, de que tantas grandezas se contaõ. E não lhe soffrendo o seu animo descanço algum, em quanto se não vingasse daquelles inimigos de Christo, que tanto mal lhe tinhaõ feito, logo se partio para a Cidade de Dio, a cuja barra chegou a dois de Fevereiro dia da Purificação de Nossa Senhora, onde achou a armada de Mirhocem, Capitaõ do Suldaõ de Babilonia Campson, Imperador do Egypto, que a petição dos

Reys

Reys da India a mandava, para em sua companhia ajudar a lançar os Portuguezes daquelle Oriente. Era esta armada, em que todos aquelles nossos inimigõs punhaõ toda sua salvaçaõ, e tres naos de espantosa grandeza, tres galeoens muy alterosos, e seis galés, com mais de quatro centas peças de artilharia grossa, e mais de dous mil homens brancos, a que elles chamavaõ Mamelucos, que saõ como entre os Turcos os seus famolos Janizaros; todos bem armados ao nosso modo, e escolhidos por tão valentes, e bellicosos, como huma tão grande cousa requeria. E não vos espanteis querer hum Rey tão grande como o Suldaõ de Babylonia, com tão poucas velas ameaçar o mundo, porque como o Egypto, por razão de ião chover nelle, carece de muitas cousas, todas necessarias para as taes armadas, foy necessario ao Suldaõ, para cumprir com a petição da India, e em vingança do desprezo, com que El Rey Dom Manoel recebera seus ameaços, prover-se de madeira, ferro, breu, velame, e officiaes do mar de Levante desta nossa Europa. E porque não podia ser mais perto, que nas terras do Grão Turco, com quem então não estava em amizade, valeuse dos Venezianos, e por sua via houve 25 naos carregadas destes apparelhos: e posto que em sua guarda mandou muitos dos seus Mamelucos, parece, que permittio Deos, que pois esta armada se fazia contra Portuguezes, Portuguezes fossem os que encetailem a madeira della, como prognostico, que depois a mesma havia tambem de fenecer a mãos de Portuguezes. Porque andando Frey André de Amaral Balio deste Reyno, nosso natural, Conservador, e Chanceller da Ordem de São João, naquelle tempo assistente em Rhodes, com huma armada da Religião de seis naos, e quatro galés, e nellas seis centos homens de peleja, deu nesta armada do Suldaõ, e lhe meteo cinco naos no fundo; e tomou seis, com morte de trezentos Mamelucos, e as mais se houvêraõ de maneira, que de todas ellas não chegáraõ ao porto de Alexandria mais de dez. E por esta perda, e gasto, e porque para chegar com esta madeira ao Cairo, e dalli por terra em Camellos até Suez em o mar Roxo, se gastou grande sôma de dinheiro, por esta razão, e falta não foraõ mais velas. Mas estas cheyas dos mais bellicosos,

e fortes

Barr. Deca  
2 l. 2. c. 7.



e fortes homens, que elle tinha em seus exercitos, para que sua grande valemia ajudasse a pequena Armada a fazer tão grande cousa. E Mir Hocem cór, Capitão mór della, foy entre todos escolhido para esta empreza, por ser homem grande, cavalleiro de sua pessoa, muy oulido nas cousas do mar. As quaes velas com as fustas de Melique-Az, e os guerreiros paráos de Calecut, e outros navios de Mouros mercadores de Cambaya, fazião o numero de duzentas velas, e entre ellas vinha huma nao de Melique-Az, tão poderosa como huma grande fortaleza, defendida de quatro centos homens brancos, todos Capitaens famosos, e em feitos de armas já muito experimentados. E não havia alguns delles, que duvidasse da vitoria, antes todos a tinham por tão certa, quanto imaginavaõ, que o Vice Rey desesperado de vingar a morte do filho, vinha acabar na empreza. Ao outro dia, que foy de São Braz, se encontraraõ as Armadas, e se começou a mais brava, e bem pelejada batalha, que de tantos a tão poucos se podia imaginar. Na qual se fizêraõ tão famosas obras, que exceedem todo o credito humano: mas por derradeiro ficou ao Vice-Rey a vitoria, e os inimigos de todo desbaratados, durando a força della, sem se conhecer melhoria, desde o meyo dia até noite. Morreraõ dos Mouros mais de tres mil, afóra os Mamelucos, que de todos não escaparaõ mais de vinte e dous, que não fossem mortos, ou cativos. Foy esta batalha tão bem travada, e bem commettida de ambas as partes, que não houve nenhuma vela das nossas, e n. que senão achassem muitos pelouros das bombardas dos inimigos, com que todas as obras mortas dellas até o lume da agua estavaõ arruinadas; e algumas houve, em que se acharaõ mais de cinco mil frechas. Havia na fróta dos Rumes tanta diversidade de gentes, e linguagens, que se acharaõ em asnaos, e galés, que delles os nossos tomaraõ, muitos livros em Latim, Italiano, Alemão, Esclavaõ, e Francez, Castelhanos, e alguns Portuguezes. E tudo se póde crer, porque como estes barbaros Mahometanos com esta infame ligapertendiaõ lançar os Portuguezes da India, e extinguir o seu nome nella, se ajuntaraõ tantos; e como os Portuguezes pelejavaõ em defensão de suas vidas, fazendas,

e cre-

e credito de seu Rey, e honra deste seu Capitaõ; que para vingar a morte do filho vinha taõ bravo, e sobre tudo pela honra do nome de Christo, cuja Ley andavaõ amplificando á custa de seu sangue por aquellas remotas partes; claramente se vio, que sua mão poderosa os favoreceo de maneira, que os infames Sarracenos conhecellem, quanta força tem a verdadeira religião daquelles, que lo em Deos fundão suas esperanças, e por sua honra tomão armas. Tomaraõ-se nesta armada tres bandeiras Reaes do Suldaõ; e a divisa, que elle trazia, por ter sujeita a casa Santa de Jerusalem, era hum Calix, e hum Hostia levantada metida nelle, que se trouxeraõ a este Reyno, e em o Convento de Thomar se mandaraõ guardar, em memoria desta vitoria. Ainda que não falta quem dê outra causa a esta divisa do Suldaõ, dizendo que quando S. Luiz Rey de França; em a jornada, que fez á Casa Santa, foy vencido, e prezo pelo Suldaõ, estando em a Cidade de Cairo, fez com elle concerto de se resgatar por hum somma de dinheiro, que elle havia de vir primeiro negociar a França, e que em segurança, e como a fiador de sua palavra, o Suldaõ aceitou mandar o Santo Rey dizer hum Missa, e depois da Hostia Consagrada, não se acabou a Missa, e a Hostia ficou posta sobre o Calix, e as velas azezas, e que não lhe esperasse o Suldaõ mais que em quanto ellas acabassem de se gastar, que elle promettia cumprir sua palavra: e que deixando-o o Suldaõ vir a França, e não podendo o Santo Rey em muito tempo negociar tanto dinheiro, sempre as velas estiveraõ ardendo, sem se gastarem cousa alguma, não sem grande admiração daquelles barbaros: até que depois de passado muito tempo, a palavra do Rey se desempenhou, e nessa mesma hora se consumiraõ de todo as velas: caso espantoso, e se tal he, digno de memoria eterna. Pelo menos dizem, que o Suldaõ por lembrança de tamanha maravilha, deu á Cidade de Cairo aquella divisa, e elle tambem a tomou para suas armas: e em testemunho disto dizem, que em os lugares publicos desta Cidade de Cairo, e nos edificios mais sumptuosos, estão estas armas por ornamento delles. E que perguntando hum certo a causa de tamanha novidade, lhe contaraõ entaõ esta

Joan. de  
Barros ubi  
supra



hiſtoria, que deſta maneira ſe conta e no Luzero de la-tierra Santa, que hum Fidalgo Caſtelhano compoz em noſſos tempos, como teſtimunha de viſta.

Havida eſta vitoria, e vingança bem merecida, e melhor deſejada, ſe partio o Vice-Rey para a India, e de caminho recebeo o tributo daquelle anno do Nizam-luco de Chaul, e lhe deu carta de vaſſallagem, e accreſcentou o tributo, que pagava El Rey de Onor: e chegando a Bitalalá, ſe vio com o ſeu Rey, e o deixou feito vaſſallo del Rey Dom Minoel, com dous mil fardos de pimenta de tributo. Acabado o qual auto, chegou a Cananor, onde para accreſcentar a feſta, com que o receberaõ, mandou entregar aos rapazes alguns Rumes, que trazia cativos, que depois enforcaraõ, e outros mandou pôr em as bocas das bombardas groſſas, e ſalvou com elles a Cidade, cujo Rey tambem naquella occaſião da morte de ſeu filho moſtrara algum contentamento. Crueldade, que depois pagou, morrendo a mãos da mais beſtial gente de todo o univerſo. Porque paſſadas algumas differenças, que ſobre entregar o governo da India paſſou com Afſonſo de Albuquerque, ſe partio o Vice-Rey Dom Francisco de Almeida com tres naos. E vindo junto ao Cabo de Boa Eſperança, onde chamão Aguada de Saldanha; por huma deſordem de bem leve caſo principiada, em o primeiro de Março do anno do Senhor mil e quinhentos e dez morreo Dom Francisco de Almeida com ſeſſenta e quatro Portuguezes de ſua companhia, e converſação, e entre elles doze Capitaens, todos muy eſforçados Cavalleiros, experimentados nas couſas da guerra, coſtumados a vencer por baixo de tiros de bombardas, e medonhas invenções de fogo; contra homens armados, e exercitados na guerra. Os quaes todos alli acabaraõ depois de tantas vitorias, e tantos ſerviços, ás mãos de gente barbara, a que chamão Cafres, deſarmada, e fraca, a tiros de pedras, e azagayas de ferro, com taõ pouco acordo; que pareceo caſtigo da Divina Juſtiça, contra quem nas vitorias executa ſua ira, e na paz ſegue ſeus appetites: caſo eſpantoso, e digno de muita conſideração. Morreo Dom Francisco em idade de 60 annos. E nas couſas da India foy de opinião, que quantas mais fortalezas El Rey

nella

Goes ubi  
ſupra.

1510.

nella tivesse, mais fraco estaria. e que a força, com que se havia de senharear aquelle Oriente, erão armadas grossas; que nunca teria bem servido, seraõ quando seus officiaes não comprassem, nem vendessem, nem levassem Camara. Sentiraõ sua morte em Portugal ElRey D. Manoel pelo muito; que em seu nome tinha feito, e pela falta das qualidades de sua pessoa, e em Castella se encerraraõ os Reys Catholicos pelos muitos serviços, que lhes tinha feito na conquista de Granada, onde mostrou exceder a muitos famosos em esforço, e valentia. Era filho setimo de Dom Lopo de Almeida primeiro Conde de Abrantes, e irmão de Dom Jorge de Almeida, Bispo de Coimbra, e de Dom Diogo Fernandes de Almeida; Prior do Crato, da Ordem de São João: pessoa de tanta authoridade, e confiança, que foy hum dos testamenteiros, a quem o prudentissimo Rey D. João II encômendou suas cousas. Era Dom Francisco homem de grave, e honrada presença, bom Cavalleiro; e muito prudente, e sagaz: de conselho, e de Corte, e por estas, e outras qualidades de sua pessoa era muito estimado. Em quanto andou na India, onde ha materia de muitos vícios, foy castissimo: nunca lhe ninguem sentio cubiça, senão de honra. E fazia-lhe mal mostrar-se muito confiado nestas suas boas partes de prudencia, e cavallaria: cousa dura de soffrer entre os homens, principalmente Portuguezes, que concedem a vantajem em muy poucas cousas a ninguem. E por ser muito largo, e liberal em fazer mercês, era de alguns odiado; porque os Portuguezes ordinariamente mais lhes dóe, e se indignaõ, pelo que dão a seu visinho; que pelo que elles não recebem, e alguns chamaõ a isto inveja, e querendo-lhe dar a causa, tambem cahem na rede. Assim que o Vice-Rey D. Francisco de Almeida no fim de tantos trabalhos, e de tão gloriosas vitorias, como Nosso Senhor lhe tinha dado, a cujos mercimentos se esperava, que o Rey, e o Reyno lhe dessem igual galardão; veyo a acabar por tão grande desastre; com que todos seus serviços ficaraõ sepultados com seu corpo.



## CAPITULO XVII.

*Do grande Afonso de Albuquerque, segundo Governador, e Capitão General da India, e do mais, que succedeo em sua conquista; em vida del Rey D. Manoel.*

**E** Porque quando vos disserem (continuou o Portuguez) que os Naires da India são muitos destros nas armas, e grandes jogadores de espada, e adaga principalmente; e que não podem ter outro officio, senão o da milicia, e que os Malabares são bons Soldados do mar, e terra, e os Abexins são homens valentes de sua pessoa, e nella muito confiados se prezão de Cavalleiros, e de sahir a desafio facilmente; e que outras nações da India, a que chamamos barbaros, sabem vender bem suas vidas, entendais, que tambem entre elles se acha esforço, e valentia, e por aqui venhais em conhecimento da grande honra, que alcança, quem com tanta desigualdade os venceo sempre: e que nem todo o esforço humano parece bastante a resistir a tão grande numero delles, senão com ajuda da mão Poderosa do Onnipotente, que cada dia em favor dos Portuguezes se experimenta em aquellas partes, em que elle de novo funda sua Igreja, a que chamaremos Oriental; pois a de Grecia, que estava em posse deste nome, pelos peccados dos homens se foy extinguindo tão miseravelmente, que della não vemos mais, que pequenas ruínas; e sinaes do que já foy. Consideray com attenção, como estes barbaros souberão vingar o desprezo, com que foraõ tratados. Porque como El Rey de Calecut toda a força de seu estado confiava de Naires principalmente; e delles trazia em sua corte, e casa, mais que nenhum outro Rey da India; e com elles, e com os Mouros nos fazia tão continua, e porfiada guerra, determinou El Rey Dom Manoel, sabendo estas cousas, mandarlhe destruir aquella Cidade, como mais ordinaria habitação destes barbaros, que por isto a faziaõ cabeça de tantos males, e inquietações: e para isto mandou o Marichal de Portugal Dom Fernando Coutinho com huma armada de quinze velas, e tres mil homens de peleja, que lhe pareceraõ bastan-

bastantes a hum grande feito; e que Affonso de Albuquerque, que havia de succeder em o governo da India, o ajudasse em tudo, o que elle quisesse, e para isto lhe deu poderes sobre todos os seus officiaes naquellas partes, e o fez izento de sua jurisdicção. Affonso de Albuquerque o acompanhou em pessoa, e ambos chegáão a Calecut a dous de Janeiro de mil e quinhentos e dez, cada hum por Capitão de sua armada, com dous mil homens Portuguezes, bem armados, e fortes, e seis centos Malabares de Cochim, que sempre com lealdade acompanhavão os nossos no que se offerecia. E posto que desembarcaraõ com trabalho, e sangue, com o mesmo entráão na Cidade, e lhe puzêão fogo: todavia recrelscêrão depois tantos Naires, que matáão o Marichal, e setenta e oito dos mais esforçados de sua companhia, e lhe ferirão mais de trezentos, e a Affonso de Albuquerque, por acudir ao Marichal, derão taes feridas, que o levarão meyo morto em hum pavez ás naos, e toda a outra gente ficou em tal estado, que nem para manear as armas lhe davaõ os Naires tempo; porque quando queriaõ dar huma ferida, tinham já recebido duas; e se cuidavão que os levavaõ na ponta da lança, em cocoras metidos debaixo das pernas os achavão, trabalhando por lhas jarretar. E não duvideis destas valentias, porque já aconteceu a estes Naires naquellas partes, depois de atravessados de parte a parte com huma lança, virem correndo por ella embebida no corpo até chegar ao contrario; e trataremno tão mal, que ambos cahião mortos em hum mesmo tempo, o Naire atravessado da lança, e o cutro da ferida, que depois recebeo. E por esta razão, e a calma ser grande, e a desordem muito mayor, se recolherão os Portuguezes com muita vergonha, e tanta pressa, que não cuidava que fazia pouco pela vida, quem entãõ se via com ella em as naos: e toda esta desaventura aconteceu por huma pequena desordem, e desprezo, de que o Marichal quiz usar; contra o parecer de Affonso de Albuquerque, e de todos os Capitaens da India, quando rão vio os Naires (com que lhe punhão tanto medo) armados com Cossolletes de Milão, espadas douradas, espingardas, e mosquetes. Todavia dos inimigos morrerão mil e cento e trinta Soldados

pele-



pelejando, e quinhentos pelas casas, que queimáraõ. Arderão tam'bem vinte naos de Meca, e outras muitas embarcaçoens da terra. E póde ser, que em o discurso de toda a conquista da India, senão viraõ dous casos tão contrarios a nós, como esta morte do Marichal, e a do Vice-Rey D. Francisco. Nem Affonso de Albuquerque se vio nunca em igual trabalho de sua pessoa, que toraõ as tres figuras principaes desta tragedia; de que só Deos sabe a causa, e permitta elle, que assim como estes casos nos espantaõ, nos avizem.

Passando esta desaventura, a primeira cousa, em que entendeo o Governador Affonso de Albuquerque, foy como acabaria de destruir o Çamori de Calecut, em vingança dos males passados; e do odio, com que sempre tratou os Portuguezes, já muito antigo. E para com mais facilidade, e segurança alcançar este seu desejo, mandou recado a El-Rey de Narzinga, com quem já tinhamos paz, e amizade, e desejava ser Senhor de todo o Oriente, pelo menos soffria mal, que o Çamori fosse senhor de toda a especiaria do Malabar. E em quanto esta confederação se negoceava em destruição daquelle contumaz inimigo, Affonso de Albuquerque poz em ordem huma boa armada, para hir outra vez sobre Ormuz acabar de segurar as cousas daquelle estado. Partido elle com vinte e tres velas, e dous mil Soldados Portuguezes, no caminho se encontrou com Timoja, que havia sido famoso collario de toda aquella costa, e hora era nosso amigo, confederado: entre outras cousas, que delle soube, foy huma boa occasião, que entaõ havia para se fazerem senhores de Goa, por estar o Hidalcao muito occupado em guerras, que por morte de seu pay o Çabayo lhe sobrevieraõ, e andava muy desviado daquelles portos. E posto que Affonso de Albuquerque, que trazia já aquella imaginação havia dias, e para quando houvesse occasião, se andava informando com muito segredo; todavia poz o negocio em conselho dos Capitães, e pessoas principaes de sua companhia, os quaes, consideradas muitas cousas, e todas muy conformes a esta nova empreza, mudaraõ de parecer, e voltáraõ todos com o mesmo Timoja sobre Goa. E achando os portos, e fortalezas della bem apercebidos,

toda

todavia pelo esforço, e ousadia, com que Dom Antonio de Noronha, sobrinho do Governador, se houve em humma fortaleza, que por baixo de bombardas, e tiros de fogo commetteo, e valentemente entrou, e rendeo; ficaraõ taõ atemorizados os moradores, e Governadores da Cidade, que logo se deraõ por perdidos, mas que naõ deixassem de se apparelhar como valentes, e com a mesma vontade se defenderaõ, até que parecendo-lhe os nossos em tuas obras, mais que homens mortaes, pela furia, com que pelejavaõ; e considerando, que o Hidalcaõ lhes naõ podia dar soccorro pela distancia, em que andava occupado, pareceo-lhes acertado entregarem-se, com partido das vidas, e fazendas, e sendo-lhes tudo concedido, entrou nelle Affonso de Albuquerque com grande pompa, e triumpho, como quem sabia a grandeza do feito, que entaõ acabava, em o mez de Fevereiro de mil e quinhentos e dez. E sómente nas estrebarias do Hidalcaõ achou cento e sessenta cavallos, e nos seus armazens quarenta bombardas grossas, e cincoenta e cinco falcoens, e seis berços; e duzentos espingardoens, e grande somma de pelouros; polvora, breu, alcatraõ, azeite, aço, ferro, cobre, e muitas armas, e outras muniçoens, para humma armada, que do tempo de Cabayo seu pay se estava ordenando, de quarenta velas grossas, e dezaeis bergantins, com que determinava lançar da India os Portuguezes. E naõ pareça sem fundamento esta esperança, porque entre todos os Principes daquellas partes este era o que em seu serviço trazia mais Turcos, e Mourcs, e Abexins, e outras naçoens, todos muito exercitados na guerra, e havidos por valentes, e conforme á valentia de cada hum, assim accrescentava, ou diminuia o soldo, e esta Cidade era taõ rica, que só as rendas das cizas delRey, que se chamaõ Tenadorias, rendiaõ mais de cem mil pardaos cada anno; e com tudo isto naõ era a mayor, nem a mais rica, que elle tinha em seu senhorio.

Tanto que o Hidalcaõ soube, que Goa era tomada, receando que qualquer pequena dilaçaõ arreigasse alli os Portuguezes de modo, que depois lhe ficasse sem remedio sua restauraçãõ, logo fez pazes com os seus contrarios, e com todo seu poder voltou sobre Goa, mandando primei-

1510.



ro diante hum Capitaõ seu com dezaete mil homens, os mais destros, e exercitados na guerra; e logo traz este mandou outro, e elle mesmo em pessoa nas suas costas com o resto do seu exercito vinha furioso, soffrendo mal, que o igualassem os Portuguezes com os outros Principes Gentios, a que elles tinhaõ guerreado; porque se tinha por mais poderoso, e melhor cavalleiro. Trazia o Hidalcaõ sessenta mil homens, em que entravaõ cinco mil de cavallo, toda gente escolhida, e em feitos de armas já muito experimentada. Com os quaes entrou primeiro na Ilha, e depois combateo a Cidade com tanta força de gente, e armas, e a cercou taõ estreitamente, que Affonso de Albuquerque, por conselho de todos os Capitaens se sahio della huma noite, por ser já entrado o inverno, e não podia ser soccorrido; e a Cidade ser grande, e elle ter conligo pouca gente. Mas porque os inimigos se não fortificassem tanto a seu gosto, não se sahio dorio, e nelle inverno por lhe terem entulhado o passo delle, por onde se havia de sahir, e os mais com as invernadas estavaõ taõ furiosos, que se não podiaõ navegar. Nesta invernada padeceo toda a gente grandissimo trabalho de fome, doenças, frio, e da continua guerra; porque como o Hidalcaõ era bom Soldado, e bem entendia o defenho de Affonso de Albuquerque, tratava de o não deixar permanecer alli até o veraõ, em que viriaõ naos do Reyno, com as quaes lhe ficava o negocio mais difficultoso. Aqui se fizeram grandes valentias, e se commetteraõ casos fóra de todas as forças humanas: e em hum delles aconteeço, que estando junto á Cidade hum armada feita para lançar ao rio, Affonso de Albuquerque mandou hum bargantim, que lhe puzesse o fogo, e por Capitaõ delle seu sobrinho Dom Antonio de Noronha, acompanhado de taes pessoas, que dous irmãos sómente defenderaõ hum fusta, que tinhaõ tomado, a toda armada dos inimigos, e taõ junto á propria pessoa do Hidalcaõ, que espantado elle da valentia daquelles dous Soldados, lhe mandou dizer, que com elles ousaria conquistar toda a India. E foy o negocio taõ bem pelejado, que houve muitos mortos, e feridos, e os dous sempre vencedores, até que déraõ com hum frecha hervada em o seu Capitaõ Dom Antonio de

Noronha; de que dali a tres dias morreu, sendo o mais esforçado Cavalleiro, que naquellas partes então militava, e porque junto com a valentia tinha hum natural brandura, e mansidão nobre, era de todos muy amado. E por esta razão mostraraõ todos o mayor sentimento, que com pessoa alguma em aquellas partes se tinha visto. Com este desgosto, e por se chegar o tempo, em que havia de vir do Reyno armada, se sahio Affonso de Albuquerque do Rio, e porto de Goa, e ainda o fez com trabalho, e perda; e se foy a pparelhar com vehemente cuidado para tornar logo a ella, como quem tratava da Metropoli, e cabeça, que havia de ser de todo aquelle Oriental Imperio. E ainda que o Hidalcaõ a fortificou de maneira, que parecia impossivel poder-se tomar por força, deixando nella, além da gente da terra, nove mil Soldados Turcos, e de outras naçoens bellicosas, entre todos os de seu exercito escolhidos, e tudo o mais bem preparado. Todavia Affonso de Albuquerque com a armada, que chegou do Reyno, e com a que elle pode ajuntar, tornou sobre ella no mesmo anno em omez de Novembro, com trinta e quatro velas, e mil e quinhentos Soldados Portuguezes, e trezentos Malabares, e em tudo o mais bem apercebido para hum taõ grande cousa: mas o seu animo vencia todas as mayores difficuldades. Com esta gente commetteo a Cidade, e ella em sua defenõa fez grandes valentias, e de pois de grande trabalho de parte a parte foy entrada á força de armas: mas os Turcos, e mais Soldados se defendiaõ com tanto animo, e acordo pelas ruas, que houve coraçõens ousados, e fortes, que desconfiaraõ de seu esforço. A este trabalho acudio a Divina Misericordia, como sempre costumava em semelhantes necessidades naquellas partes acontecidas e ajudou de modo os Portuguezes, que logo por elles foy conhecido o Divino favor, com que venciaõ aquelles inimigos de seu nome, os quaes pouco, e pouco ficaraõ de todo desbaratados, mas de alguma maneira honrados, pelo sobre natural esforço, que contra si sentiaõ aquelle dia, sem o qual ficava impossivel seu vencimento. Porque andando hum Capitaõ Abexim em hum grande cavallo, fazendo de sua pessoa tantas valentias, que elle só



dilatou a vitoria hum bom espaço, tanto apertaraõ com elle os nossos, que ás suas mãos foy morto, e subindo se no seu cavallo Minoel de Lacerda, que andava gentil homem com hum troço de humna setta cravada no rosto, acabaraõ-se de render os Turcos, e Mouros. Affirmando depois, que outro homem de cavallo fora o que os fizera fugir, cujos sinais nunca viraõ, nem tal homem havia entre os Portuguezes. Concluido o vencimento assim dos de pé, como de cavallo, achou-se, que dellas morreraõ aquelle dia tres mil, e dos nossos quarenta, e feridos mais de trezentos. Em que entrou Dom Jeronymo de Lima, que depois de ter feito famosas obras á entrada de hum porta dos Paços del Rey, lhe deraõ tantas feridas, que cahio atravessado no caminho, onde chegou seu irmão Dom João de Lima, e querendo alli morrer com elle, com muito animo lhe disse, que passasse avante a fazer seu officio, que elle estava acabando na obrigação de seu cargo: e D. João, que tinha animo cavalleiroto, e via a necessidade, que delle havia, passou avante, não com menos esforço, do que era a dor, que levava de desamparar em tal estado seu irmão, para nunca mais over. Mas ficou consolado com a vitoria, que logo se seguiu, de que aquelle seu desprezo foy grande parte; porque na entrada daquelles paços esteve todo o ganho, ou perda. E fez-nos Deos esta mercê a vinte e cinco de Novembro, que foy dia de Santa Catharina.

Tomada Goa, assentou Affonso de Albuquerque o governo della em tanta perfeição, que todos se espantavaõ, como embaraçado em tantos negocios de guerra, podia acudir áquellas cousas com tanto cuidado. Mandou edificar logo hum Fortaleza, a que chamou Manoel; e porque mandou escrever em hum pedra os nomes dos Capitaens, e principaes pessoas sómente, que naquella conquista se acháraõ, os mais Soldados, que nella tambem trabalharaõ, e alli senaõ nomeavaõ, e outros, porque não estavaõ eno lugar, que a seu merecimento se devia, se aggravaraõ de maneira, que o prudente Capitão a mandou virar da outra face com estas letras: *Lapitem, quem reprobaverunt edificantes, hic salus est in caput arguli*; e as outras ficaraõ embebidas na parede, e assim se mostraraõ

traraõ todos contentes; porque o Portuguez mais sente o louvor do visinho, que o esquecimento seu. Mandou tambem Affonso de Albuquerque, para nôr nobrezada-quella Cidade, lavrar moeda de ouro, prata, e cobre: à primeira chamou Manueis, á segunda Elperas, e meyas Elperas, á terceira de cobre Leaes. Além destas obras de nobreza, fez outra para mais firmeza, e assento: que foy calar mais de cento e cincoenta Portuguezes, muitos delles criados delRey, com moças, que tomára naquella Cidade nos paços do Hidalcaõ, e fez lhes tantas mercês; e gazalhados, honras, e accrescentamentos, que todos se havião por bem andantes. Dava-lhes dote da fazenda del-Rey, terras, e palmares, que repartia com igual merecimento, e com o mesmo repartio tambem por estes novos casados os officios do governo da Cidade; como Vereadores, Almotaceis, Juizes, Alcaldes, e os mais: com que se fazião tão estimados, que todo o Gentio, que tinha mais filhas, de que algum Portuguez se contentasse, lhe parecia, que tinha a vida mais honrada, e segura; porque Affonso de Albuquerque o mesmo, que fez áquelles, que cativou, fazia depois a todas as quèda gentilidade por casamento se convertião. E chamavalhes a ellas filhas, e aos maridos genros: elle mesmo os recebia, e acompanhava, e em tudo fazia mimos, e favores. Com o qual veyo a ser em tanto crescimento em a gente ordinaria este alvoroço de casar, que casando-se hum a noite huns poucos em casa do mesmo Governador, quando se despediraõ, levando cada hum sua esposa, parece, que com a multidão da gente perderaõ as mulheres, e ao buscar dellas, como a luz não era muito clara, trocáraõ as esposas, e depois quando veyo ao seguinte dia, cahindo no engano da troca, desfizeraõ este enleio, tomando cada hum a que recebeo por mulher, e ficou o regocio da honra tal por tal. E houve muitas, que sómente para gozar daquellas mercês, e regalos, se faziaõ Chriştãs: obra, que depois mostrou de quanta importancia foy esta invenção; e principio: pois hoje em a Cidade Goa se estranha tanto hum Gentio, ou Mouro, como em a nossa Lisboa. E porque ser Senhor de Goa era cousa tão grande, como depois se vio, e a fama daquella victoria affonbrou todo



Oriente, logo os Reys, e Principes delle mandaraõ visitar por seus Embaixadores Affonso de Albuquerque, dando-lhe os parabens, e offerecendo cada hum sua amizade: estes forã os Reys de Baticalá, o de Chaul, o grande Rey de Narzinga; o Çamori de Calecut, ElRey de Cambaya, o de Vengapor, e o de Onor, e outros, a que o temor, ou interesse ao mesmo estimulava.

Nesta occasiã foy Affonso de Albuquerque avisado, como os Mouros, residentes naquellas partes, estavaõ entre si fiatados, para pagarem huma grande armada de Rumes, que se fazia em o mar de Arabia contra Portuguezes; e que o mesmo faziaõ muitos Reys, e Principes. E sabendo elle, que alguns Mouros de Cochim, e Cananor, não tinhaõ ainda pago tudo, em que estavaõ fiatados, fez diligencia; e sabendo o que faltava, lhe fez pagar logo a dita quantia em suas mãos, dizendo, que nã era dos Mouros, o que elles tinhaõ promettido aos Rumes contra o Senhor, que os governava, e defendia. E com esta graça se aproveitou de huma grande somma de dinheiro, que sendo da mãõ de inimigos, lhe ficou em proveito dobrado.

E para esta armada de Rumes fez outra com determinação de tornar á Cidade Adem, sita no estreito do mar de Arabia, por onde haviaõ por força de passar os Rumes, ou pelo menos fazer naquella paragem huma fortaleza para o mesmo effeito, como ElRey Dom Manoel mandava. Mas depois de feita, e elle polto em caminho, ou que mudasse de parecer, elle já o tivesse dantes premeditado, foy sobre Malacova, pondo primeiro o negocio em conselho de seus Capitaens, e pessoas de authoridade, e experiencia. Esta Cidade he situada na Aurea Chersoneso, muy celebrada dos Geographos antigos, a mais rica, e mais populosa, de quantas havia naquelle Oriente, e de tanta grandeza, que nesta occasiã habitava nella hum mercador estrangeiro, Jão de nação; e não era Rey, nem Principe, que tinha seis mil homens casados, quasi como escravos, e outros muitos solteiros, todos continuos em seu serviço, e esta, em que ElRey não tinha jurisdicção, e chamava-se Utimuti Raja. E para esta conquista partio Affonso de Albuquerque com dezanove velas, e oitocen-

tos Portuguezes, e seis centos Malabares. E pelo caminho tomou cinco neos de Cambaya, assentou paz, e amizade com ElRey de Pedir, e com ElRey de Pacem, a quem pediu hum Mouro honrado de Malaca, que fora na conjuração, que se fez a Diogo Lopes de Sequeira, que o Rey tinha em seu poder, e porque lá ordenou com que o Mouro se acolhesse, Affonso de Albuquerque se partio descontente; mas o Mouro não ficou sem castigo, porque indo a armada perto de Malaca, o encontraraõ, e ainda que se defendeo com muita valentia, entraraõ o navio, e a elle lhe dêrãõ tantas feridas, que cahio em terra quasi morto; mas foy cousa maravilhosa, que nem acabava de morrer, nem lançava sangue por alguma de quantas feridas tinha; e não lhe valendo isto para não ser despido, acaio hum marinheiro lhe achou no braço hum manilha de osso, engastada em ouro da face de cima, e osso da parte da carne, a qual tirada, logo se vasou todo em sangue por todas as feridas, e espirou. Espantados os nossos, e com razão, de tamanha novidade souberaõ dos Mouros, que era osso de hum animal, que tinha aquella virtude de estancar sangue, do nome do qual, e qualidades estranhas de outros semelhantes, fallaremos outro dia. Aires Pereira, que era Capitão daquella Companhia, mais contente com a manilha, que com a vitoria, a levou a Affonso de Albuquerque. Tambem neste caminho tomou hum junco, que são grandes navios de carga, que importou mais de cento e cincoenta mil cruzados, e outro com trinta mil, e com estas prezas chegou a Malaca ao primeiro de Julho de mil e quinhentos e onze, e com a frota toda em hum corpo anchorou no porto della; os moradores da qual, quando viraõ o grande numero de velas, a pompa, e alegria de todos, e sobre tudo a trovoada de artilharia, que durou mais de meya hora, ficáraõ tristes, e em grande confusão metidos: mas se elles em nós viaõ que temer, os nossos em ver a grandeza da Cidade, de comprimento de hum a légua, o grande numero de povo, a multidaõ de náos, e navios, tambem tinhaõ que cuidar, posto que pela grande fama de sua riqueza tudo se convertia em desejo de a conquistar. E porque Affonso de Albuquerque desejava haver primeiro á mão os Portuguezes,



zes, que alli estavaõ do tempo de Diogo Lopes de Sequeira, não commetteo logo a Cidade, antes mostrou delejar paz, e amizade: a conclusaõ da qual ElRey de Malaca deu com cautellas, até que vielle seu Ammirante, que com hum grande armada não tardaria muito, para que juntos em hum corpo desbaratassem os nossos, e a seu salvo os tomassem ás mãos: tanto era o poder, e soberba daquelle barbaro. Mas sendo Affonso de Albuquerque avilado disto, e de como a Cidade estava muy fortalecida com mais de oito mil tiros de fogo entre espingardoens, e bombardas; parecendo-lhe, que a dilação podia fazer muito damno, mandou pôr fogo ás naos, que no porto estavaõ; e porque nellas se perdia hum grande somma de mil cruzados, o cauteloso Rey lhe mandou logo os Portuguezes, pedindo-lhe mandasse apagar o fogo; e não foy necessario, porque todos os Portuguezes ficáraõ taõ contentes com a liberdade daquelles seus companheiros, que todo aquelle dia se passou em festas, e ouvir o que elles contavaõ de seus trabalhos. Passado este contentamento, commetteo Affonso de Albuquerque a Cidade, elle por hum parte, e outros Capitaens por outra, os quaes fazendo primeiro grandes proezas em armas, a entraraõ todos, com morte de muitos, e o mesmo Rey recebeo hum lançada. Mas como a Cidade era grande, e nella havia mais de trinta mil homens de peleja, afóra os moradores, e grande numero de artilharia; e considerada a grande resistencia, que acháraõ nos Malayos, entaõ mais ousados, porque tinhaõ consigo ElRey de Paõ, e o Principe seu filho; que vinhaõ casar ambos com a filha, e irmã delRey de Malaca, pareceo a Affonso de Albuquerque por conselho dos seus, que devia retirar, e cessar aquelle dia de mais obra, para que a gente comesse, e descansasse, porque sendo já horas de vespera, ainda estavaõ em jejum; e ao recolher meteo na armada, das estancias, que ganhou, cincoenta e duas peças de artilharia, e outro muito despojo, deixando muita parte da Cidade desbaratada, e queimada. Morreraõ dos nossos dezasete, e setenta forraõ feridos de settas hervadas. Tanto que ElRey de Malaca se vio assombrado de Portuguezes, por alli, por onde elles entraraõ, fortificou a Cidade com muitas estancias,

cias, e ruas minadas, e semeadas de abrolhos; e outros muitos generos de defensão, em que parecia impossivel poderse ver em outra tal afronta, como a passada. Mas os Portuguezes considerando quanto importava ao estado da India o senhorio daquella Cidade, e quam abatido ficava o nome Portuguez, se deixallem aquelle barbaro Rey sem castigo das traicçens, e maldades contra elles commetidas, determinárao não desistir da empresa, ate lhe dar o desejado fim, ou morrer nella. E para isto em 17 dias, que durou o intervallo, se preparárao com muito cuidado, e diligencia, passados os quaes, em que sempre havia sangue de parte a parte, foy a Cidade entrada, e feito nella tao grande estrago; que as ruas erao cheyas de sangue, assim de Soldados, como mulheres, e meninos, que tudo Affonso de Albuquerque mandou, que morresse naquelle primeiro commettimento, e por esta razao não se pode saber o numero dos mortos. E dos nosos morrerao oitenta, e quasi todos feridos, e houve alguns, que jogarao as lançadas, e cutiladas com muitos Elefantes armados, e os tratarao tao mal, que escarmentados do nosso ferro, voltavao para traz, e faziao mayor mal a seus naturaes, do que era o proveito, em que elles vinhao muito confiados: El Rey se recolheo a seus paços com tres mil homens de sua guarda; e sobrevindo a noite, se acolheo com toda sua casa, e familia, e thesouros para o festao, e o mesmo fizeram muitos Mouros; e por isso o saque da Cidade não foy o que se esperava, mas ainda se acharao mais de tres mil peças de artellaria de ferro, e de metal. E afora o despojo, que se furtou, e não veyo a leilao para se repartir, ainda do que se achou, couberao á parte del Rey mais de duzentos mil cruzados, sem entrar nesta conta tudo, o que estava no barro dos Jaos, Pegus, e Quelins, e outros estrangeiros nosos confederados; que todos erao uma grande parte da Cidade. E não veyo á reparticao cousa de ouro, nem prata, nem os cativos; porque, se tudo viera, fora cousa quasi sem preço. Desta maneira ficou Affonso de Albuquerque Senhor da Cidade Malaca, cujo governo entregou a hum Gentio, amigo nosso, com leys, e ordenaçoes, porque se governassem, com appellação aos Portuguezes da fortaleza, que logo começou, e acabou com



com nome de famosa: e mandou lavar moeda de diversas fôrmas, e valias, e a huma certa de ouro de milreis de pezo poz nome Catholicos. E em tudo o mais, que necessario parecia para segurança daquella Cidade, poz tal ordem, e fortificou de modo, que nunca mais se perdeu; posto que sempre os Malayos, que fugirão com o seu Rey, e depois com o filho, procuravaõ tornara seu senhorio, e para isto convocavaõ em sua ajuda, e nossa destruição os Principes visinhos; mas contra o valor Catholico de Portuguezes nada lhe aproveitou para mais, que para lhe accrescentar a honra, e merecimento ante o seu Deos, e o seu Rey. E correu a fama desta conquista com tanto espanto por aquellas partes, que muitos Reys, e Principes mandáraõ por seus Embaixadores offerecer paz, e amizade com presentes de muito preço. E entre elles veyo hum Rey de João, que he a mais feroz gente de toda a India, com hum pretente de cavalleiro: mandou huma duzia de lanças, e hum panno comprido de algodão; em que estavaõ pintadas todas as batalhas, que houvera, e dois sinos grandes, com que tangem na guerra, e mais vinte pequenos, que servem como ataballes. E El Rey de Sámatra mandou dizer, que se queria fazer vassallo del Rey Dom Manoel. Mas como esta obra com tanta ordem feita não aprazia ao demonio, pelo que já receava naquella Cidade se havia de vir a fazer contra as suas adoraçoens, lá ordenou com que o principal governador, a que Affonso de Albuquerque entregou o governo, começou a conspirar contra elle para o matar, e levantar-se: mas sendo descoberto, não lhe custou menos, que a vida, e de hum filho, e genro, sendo degolados publicamente por sentença. Depois outro tambem fez o mesmo, e tambem passou os mesmos passos. E com todos estes contrastes ainda ficou a Cidade segura, e quieta, e Affonso de Albuquerque se partio para a India, e antes de chegar a ella, se houvera de perder com tormenta, mas salvando-se ella com toda a gente, logo veyo hum Embaixador do principal Rey das Ilhas de Maldiva, e se fez vassallo del Rey Dom Manoel. E porque foy avizado da guerra, que o Hidalcao mandava fazer a Goa por seus Capitaens, e depois por hum seu cunhado, que tinha em

muito

muito aperto os nossos, foy Affonso de Albuquerque a ella em pessoa com tres mil Portuguezes, e tomou logo a villa, e fortaleza de Banestarin, onde estava o cunhado do Hidalcao, e donde fazia muy apertada guerra á Cidade; mas sendo este Mouro vencido, e todos os seus desbaratados, ficou a guerra acabada, e elle entendeu em o governo, e fortificação da Cidade. Na qual estando occupado nestas cousas, ElRey de Vengapor se fez vassallo delRey de Portugal por hum Embaixador seu, e o mesmo Hidalcao lhe mandou pedir paz, e ElRey de Narzinga, e Melique-Az, senhor de Dio presentes, e ElRey de Campor offerecer amizade, e o Camori de Calecut offerecer fortaleza, que logo se começou, por ser já morto o velho Rey de Calecut nosso antigo inimigo. Esta vitoria foy naquellas partes muy celebrada; porque estavaõ naquelle passo de Banestarin com o cunhado do Hidalcao muitos Capitaens famosos, e grande numero de gente de armas, e a Villa muy fortificada, e todos foraõ vencidos á força de ferro, e fogo. E porque ElRey Dom Manoel apertava com Affonso de Albuquerque, que passasse ao estreito do mar Roxo, e se fizesse senhor da Cidade de Adem, ou alli perto alguma fortaleza, assentadas as couzas de Goa, e as mais, que lhe pareceraõ necessarias ao estado da India, partio a esta empreza em Fevereiro de 1513 com 20 velas, 1700 Soldados Portuguezes, e oito centos Canarins, e Malabares. Chegando a Adem, e querendo tratar paz, e amizade com o Capitaõ della, que era mouro, e não sendo bem recebida esta vontade, mas com dilaçoens querendo entretello, ou fortalecerse, Affonso de Albuquerque com metteo a Cidade á escala vista, e foy tanto o alvoroço de toda a gente em sobir ao muro, que quebraraõ as escadas com o grande pezo, ficando alguns Fidalgos já em cima do muro, e tornando a concertallas, o melhor que a brevidade do tempo soffreo, tornáraõ a quebrar com o pezo dos muitos, que queriaõ ser companheiros dos que já estavaõ em cima; alguns dos quaes morreraõ as mãos dos Mouros, e outros se salvaraõ por cordas, e escadas pequenas, que Affonso de Albuquerque mandava preparar com muita diligencia; e porque havia quatro horas, que durava



este combate, em que os defaitres tiveraõ mais poder, que a resistencia dos Mouros, e a calma era grande, e os feridos muitos, e a gente muito quebrada do alvoroço com o desastre, que lhe aconteceu: recolheraõ-se todos as naos, e ainda com trabalho, e não pouco sangue. E por muitas razoes, que a isso os moveraõ, não querendo tornar a combater a Cidade, se foy ao que mais importava, que era buscar a armada dos Rumes; deixando o castigo daquelles Mouros de Adem para outra occasiaõ. Foy ao Estreito, e correo todos os reconcavos delle, para ver se achava algum lugar accommodado para a fortaleza, que ElRey D. Manoel tanto lhe encommendava, e não achando cousa, que lhe contentasse, e sabendo, que a armada, que se fazia, era cousa de pouca consideração, nem haveria effeito taõ cedo, tornou por onde viera, e de caminho esteve em o porto de Adem alguns dias, esperando pela monção, e nelles bombardeou a Cidade, e lhe fez o mal, que pôde. E chegando o tempo, se partio para a India, onde chegaraõ a salvamento, mas muito trabalhados da jvernada, que lhe fizeraõ na Ilha Camaram do mar Roxo, onde á fome, e sede houveraõ de perecer todos: mas com a vista da India, e os regalllos della, tornaraõ brevemente á saude, e disposiçaõ desejada. Neste caminho soube de hum Mouro, que até a propria pessoa do Suldaõ ficara muy atemorizada, quando soube da sua entrada no Estreito: e que quasi se deu por perdido, por lhe dizerem, que era partida huma armada da Christandade de Europa a tomar Alexandria, e que o Xequel Ismael Sophi da Persia, confederado com Portuguezes, armava contra elle; e o Turco por outra parte pertendia o Caliphado, que he como entre nós o Summo Pontificado, que elle Suldaõ possuia, e que estes bens lhe fundiraõ os ameacos, com que assombrou Roma, de que estava muy arrependido, e deseioso de qualquer bom partido com Christãos, principalmente Portuguezes. Ao gosto, com que Affonso de Albuquerque ouvia estas cousas, se acrescentou achar o Camori de Calecut morto, e o sobriño jurado Rey, muy deseioso de nossa amisade, que confirmou, e rateficou, fazendo-se vassallo delRey D. Manoel com bom tributo, e fortaleza, que logo se come-

rou; e acabou. Como Affonso de Albuquerque, antes que governasse a India, deixou a conquista de Ormuz quasi de todo concluida, e a fortaleza começada, e depois por succeder no governo, não pode continuar esta empreza como convinha, pelas conquistas, que tendes ouvido, tanto que elle se vio desembaraçado daquella grande maquina de negocios, que atégora o trouxeraõ occupado, logo entendeu em tornar a Ormuz acabar de segurar aquelle estado; que lhe não parecia muito difficultoso, pelos bons fundamentos, que já nelle tinha lançado. E havido conselho de seus Capitaens, a vinte e hum de Fevereiro do anno de mil e quinhentos e quinze partio a 1515. este negocio com vinte e sete naos, e navios, todos muy bem armados, e outros alguns navios da terra, com gente do Malabar a Soldo, como sempre costumavaõ. Com esta companhia chegou à Cidade de Ormuz a vinte e sete de Março, onde o Rey, e Governador Tyranno, com que elle passára tantos trabalhos, já eraõ mortos, e em seu lugar outro Rey, e outro governador, que desejando nossa amizade, tinhaõ consigo hum Embaixador seu, que viera a este Reyno pedir a ElRey Dom Manoel a paz, que senaõ atreviaõ a alcançar de Affonso de Albuquerque pelos aggravos passados. E por esta razão quando elle agora chegou tão poderoso, logo lhe concederaõ o, que elle queria, e a fortaleza se acabou com muito gosto de todos, dando a ElRey para ella todas as ajudas necessarias. E porque hum privado delRey, chamado Raix Hamet, quiz matar a Affonso de Albuquerque em huma conjuraçaõ, elle foy na mesma morto às punhaladas. Esta morte poz tanto temor em todos os moradores daquella Cidade, que nenhum mais ousou conspirar contra Portuguezes, e se proveo, e governou tudo com tão boa ordem, que dalli em diante procedeo sempre aquella Cidade em o serviço delRey de Portugal com tanta obediencia, e resguardo, como se fora huma das deste Reyno, posto que em algumas occasioens o demonio sempre procurcu inquietar a nós, e a ella.

Naõ fazendo caso Affonso de Albuquerque de muitos capitulos, e más informaçcens, que d'elle marçavaõ a ElRey Dom Manoel, peſſcas, que por sua virtude, e



esforço lhe tinhaõ inveja muturadi com algum odio; e confiando elle na bondade del Rey com seus muitos serviços, tendo-lhe quasi toda a costa da India debaixo de seu dominio, com muitas Cidades della suas, e muitos Reys, e Principes, e Senhores lhe pagarem tributos, e serem seus vassallos, como era Ormuz, Goa, e Malaca, de que podia fazer conta, como de cousa sua propria, lhe pedio por cartas, em que lhe representava estas, e outras muitas obras, lhe fizesse mercê de titulo de Duque de Goa, onde desejava aposentarle, e repousar em seu serviço. Este requerimento, que merecia outro despacho diferente, accrescentou as suspeitas, que seus inimigos delle publicavaõ, dizendo, que era ordem conhecida para se levantar com a India; porque os Reys confederados eraõ grandes seus amigos, e os inimigos com temor lhe obedeceriaõ; e os Portuguezes o tinhaõ em lugar de Pay, e os Indios por senhor, e elle, que para tudo tinha grande animo, e artificio, e de condiçaõ era aparelhado para commetter mayores cousas. Pelas quaes razoes com tanto artificio infeitadas, mandou El Rey Dom Manoel Lopo Soares de Albergaria á India para lhe succeder nella, e o mandar a este Reyno. Era elle tal, além do que me tendes ouvido, que muitos Reys daquelle Oriente vinhaõ ver sua pessoa pela fama de suas obras, e todos o mandavaõ visitar muito amiudo com presentes. Elle mandou Embaixadores, e descobridores á China, ás Ilhas Malucas; ás de Maldiva, ao Reyno de Coulaõ, á grande Ilha de Ceilaõ, ao grande Ismael Sophi da Persia, a El Rey de Siaõ, e ao de Narzinga, e outras muitas Ilhas, e provincias, que todas por sua industria se vieraõ a conquistar, e meter na Coroa destes Reynos: com os quaes fez tantas outras obras de seu fortissimo animo nascidas, que mal póde a fraqueza de minhas palavras explicar a dignidade de sua grandeza. Pois diz hum Author, que ás façanhas dos Portuguezes na India, como estas foraõ, toda a eloquencia dos homens lhe não póde dar os devidos louvores. Ainda que o discurso do tempo tem mostrado, o que até este, em que hora fallamos, tinhaõ naquella Oriente os homens, por honra os meys, porque ella se alcança, e não tratos, porq se adquire fazenda, que dalli em diante se começaraõ

paraõ usar muy soltamente. Pelo que naõ he muito, se com o curio da cobiça veyo a fazer assento o de tantas vitorias, como tendes ouvido. Quando Lopo Soares chegou á India, estava Affonso de Albuquerque em Ormuz, e querendose hir para Goa adoeceo de camaras; mas deixando todas as cousas bem ordenadas, para lhe naõ ficar alguma, se partio toda via assim doente como estava. E no caminho sendo avisado da chegada de Lopo Soares, entendeu, que era negocio forjado por seus inimigos. Com tudo dando graças a Deos, levantou as mãos ao Ceu, dizendo estas palavras, que por serem suas, saõ já bem conhecidas de muitos: Deos seja louvado, mal com os homens, por amor delRey, e mal com ElRey por amor dos homens. E tanto imprimio nelle a paixãõ desta novidade, que logo se deu por acabado, dizendo, que a seus trabalhos tinha já Deos concedido o descanso delles; e logo escreveu huma carta a ElRey Dom Manoel, em que dizia: Senhor escrevo a V. A. com soluços, que he final de morte. Nelles Reynos tenho hum filho, peço-lhe, que me faça grande, como meus serviços merecem, os quaes lhe eu fiz com minha ferveçal condicãõ: pelo que a elle mandado, que com pena de minha bençaõ voloqueira. E quanto ás cousas da India, ellas fallaráõ por si, e por mim. Estando já á vista de Goa, antes que sahisse em terra, faleceo o grande Affonso de Albuquerque, com taõ claro nome de prefeito Governador, que naõ era facil a questãõ, que em seu louvor se movia: se resplandecia mais em suas excellencias o esforço de Alexandre, ou a sabedoria de Nestor? porque administrava a guerra como summo Imperador, e governava a Republica como perfeito magistrado. Passou desta vida hum Domingo ante manhaõ deza seis de Dezembro de mil e quinhentos e quinze: sua morte 1515 foy sentida naquellas partes, como se fora pay de todos; e os Reys daquelle Oriente se anojaraõ todos sobre modo, e alguns se enferrãrãõ, e a seu modo se vestiraõ de luto. E seu corpo foy venerado, como de hum Santo, que por tal o apregoou a paciencia de sua morte, e as perseguiçoens da vida. Depois em o anno 1566. se trouxe a Portugal, e se levou á Igreja de N. Senhora da Graça da Ordem de Santo 1566 Agostinho, com grande pompa, e apparato.



Ao grande Affonso de Albuquerque succedeo no governo da India Lopo Soares de Albergaria. O qual sendo neste Reyno estimado por homem de muita prudencia, e esforço, não foy neste seu triennio tão bem afortunado, como outros. Porque passando ao estreito do mar Roxo com hum a polerota armada de quarenta e tres velas, em que entravaõ dezaseis naos, quatorze gales, Galeotas, e fustas, hum bargantim, e hum caravelaõ, e hum juncos, e nella mil e duzentos Soldados Portuguezes, e mil Milabares, nem encontrou a armada do Suldaõ de Babilonia, que elle hia buscar; porque se lhe acolheo a Cidade Judá; nem pôde chegar a terra alguma do Rey de Abassia, na Ethyopia, chamado vulgarmente o Preite Joaõ, para lhe mandar o seu Embaixador Mattheus, que consigo levava deste Reyno, sendo a principal cousa deste descobrimento, saber-se deste Rey Christaõ, de que cá tinhamos noticia. Antes invernando na Ilha camarám, lhe morreo nella muita gente de fome, e sede; e de outras infirmitades. E para recuperar esta falta de mantimentos, foy em pessoa a Zeila, Cidade na costa de Ethyopia junto as portas do Estreito, e porque indo elle de paz, o receberaõ de guerra, nem por seu dinheiro lhe quizeraõ dar mantimentos, elle a combateo á força de armas, e a entrou, e queimou; mas não foy sem trabalho, por se defenderem animosamente os Mouros moradores della. Na India governou bem com muita inteireza, e igualdade, provendo tudo de maneira, que em seu tempo não houve guerra alguma trabalhosa contra nós. Mandou edificar a fortaleza de Coulaõ por Heitor Rodrigues natural de Coimbra, que como prudente Cavalleiro, venceo mil enganos, e artificios, com que os Mouros impediaõ aquella obra, que o tempo depois mostrou ser de muito proveito. E elle mesmo em pessoa foy fazer a fortaleza de Columbo, e por certas differenças, em que o meteraõ os Mouros com o Rey da terra, elle o fez vassallo del Rey de Portugal, e que pagasse de tributo cada anno dez Elefantes, e quatro centos bahares de canella, e vinte aneis com seus rubís finos, e acabou o seu triennio em o anno do Senhor mil e quinhentos e dezoito.

vernador àquellas partes Diogo Lopes de Sequeira, Almotacel mór do Principe Dom João, e Alcaide mór da Villa do Alandroal. O qual tinha já mostrado as qualidades de sua pessoa, quando descubrio a Ilha Samatra, e a riquissima Malaca, em tempo do Vice-Rey Dom Francisco de Almeida, onde escapou de huma grande traição pelos moradores da Cidade ordenada, em que lhe mataraõ alguns Portuguezes, e cativaraõ vinte: que depois em tempo de Affonso de Albuquerque senaõ resgatareaõ por menos, que pelo senhorio da mesma Cidade, e destruição do Rey della, e dos authores da traição. E hora quando governou a India, o fez com tanta perfeição, em que nenhuma das que compriaõ a seu cargo faltou hum ponto, antes deu principio a muitas, que depois outros Governadores felicemente acabaraõ. E sendo mais bem afortunado nas cousas do Estreito do mar Roxo, que Lopo Soares, passou lá com huma poderosa armada, e chegando ao porto de Archivo do Senhorio do Preste João, lhe mandou Embaixada, e presentes, em nome del Rey Dom Manoel, e por Dom Rodrigo de Lima, que prosperamente chegou a Abbassia, e se vio com o Rey della; e depois de estar lá alguns annos em seu serviço, tornou a este Reyno, e do que passou, e costumes, que vio, e notou, se escreveo hum tratado em nossa vulgar lingua Portugueza, que bastantemente o refere, e nós tambem outro diarelataremos. Fez tambem a fortaleza de Chaul, e indo para a fazer em Dio com huma poderosa armada de oitenta velas, e tres mil homens Portuguezes, Naires, e Canarins confederados, não concluiu cousa alguma, por não achar Melique-Az senhor da Cidade; mas depois deu ordem, com que se houvessem á mão certos Portuguezes, que nella estavaõ reteûdos; e logo mandou apregoar a guerra, e lha começou a fazer, como El Rey Dom Manoel lhe mandava, que foy principio de se meter aquella Cidade em a Coroa deste Reyno. Tambem em seu tempo, e por seu mandado Jorge de Albuquerque, Capitão mór de Malaca, foy restituir o Principe do Reyno de Pacem, que havia dias andava desterrado por hum tyranno seu vassallo, que por ser grande cavalleiro, e já muito poderoso, deu grande trabalho a alcançar delle victoria. Mas depois se



1521

de se fazerem nesta empreza muitas façanhas, dignas de particular escriptura, mata-rao o tyranno, e mais de quatrocentos dos principaes de sua cata, e dous mil Soldados, e tudo o mais desbaratado, e pacifico, e o Principe verdadeiro ficou Rey de Pacem, e feito vallallo delRey Dom Manoel, e se fez hum a fortaleza, que antes de se partir Jorge de Albuquerque se acabou, o qual tudo isto fez com menos de trezentos Soldados Portuguezes: foy já no anno de mil quinhentos e vinte e hum. E no mesmo chamou Antonio Correya, e lhe disse, que pelas grandes obras de prudencia, e cavallaria, que tinha feito naquellas partes, principalmente em Malaca, em hum grande cerco, e trabalhosa guerra, com que ElRey, que fora della, nunca cessava, confiava delle aquella empreza, em que destruiria a Ilha Baharem, e a restituiria a ElRey de Ormuz, que era vallallo delRey Dom Manoel; e por lhe ter levado com ella hum tyranno muito bellicoso, e forte: e para isto lhe deu hum a armada com quatrocentos Soldados Portuguezes, com os quaes Antonio Correya entrou na Ilha, que estava posta em armas, e a conquistou, e destruiu, e deixou em a obediencia delRey de Ormuz, cuja ella era. Esta conquista, e vitoria foy hum a das miraculosas, que se viraõ naquelle Oriente; porque Antonio Correya com tão pouca gente venceu doze mil Arabios, em que havia quatrocentos de cavallo, e trezentos Persas, e alguns Rumes espingardeiros, todos Soldados exercitados na guerra: com que aquelle tyranno setinha senhoreado daquelle Ilha, e nella tinha vencido os Capitães delRey de Ormuz muitas vezes, e afóra a gente da Cidade Baharem, de quem a Ilha tomou nome, e Antonio Correya desta vitoria tambem lhe ficou Baharem por apellido de nobreza. Era a Cidade grande, e populosa, e toda bem artilhada, e fortalecida, e por esta causa custou muito trabalho, e sangue, e o tyranno ficou ferido de maneira, que dahi a tres dias morreo: e por licença de Antonio Correya hum Capitão delRey de Ormuz lhe tocou o corpo, e depois de esfolado, encheraõ a pelle de algodão; e aleva-raõ a Ormuz, onde se festejou muito; e a cabeça foy posta em lugar publico, e letras em hum a pedra talhadas, que declaravaõ sua traizão, e quem o venceu,

ceo. Outras muitas obras famolas se fizeraõ em tempo deste governador, como aquella dos cinco Portuguezes taõ celebrada dos historiadores, que succedeo antes que Jorge de Albuquerque restituísse o Rey verdadeiro de Pacem. Andava Manoel Pacheco em aquella paragem com huma grande, e poderosa nao, fazendo todo o mal, que podia a este tyranno, e aos Achens seus confederados, tomandolhes as pelcarias, e fazendolhes arribar algumas naos a Malaca; e neste exercicio occupado muitos dias, mandou em hum delles fazer aguada em hum batel, remado por Malayos, e guardado de cinco Portuguezes. Succedeo, que sabiraõ em terra huma legua da Cidade Pacem, e feita sua aguada longe da praya, e vindose recolhendo com ella, acharaõ o batel cercado de Mouros, e grande numero de settas sobre elle para os entreter, até que vissem tres lanchas, que se estavaõ armando no porto, para os tomarem as mãos, e depois á nao, que tanto damno lhes tinha feito. Mas os cinco portuguezes se houveraõ taõ bem, nella primeira escaramuça, que poderaõ á força do seu ferro, e valentia lançar o batel ao mar, que estava quasi em secco, e metido nelle, hiaõ com suas adagas cubertos por causa das settas, que choviaõ, até á sua nao, que estava dalli hum pedaço, e sem vento: mas foraõ logo impedidos das lanchas, que furiosas vinhaõ humas a traz as outras pelo rio abaixo. E a capitania muito dianteira das outras, como quem tinha a preza certa, se chegou ao batel donde os cinco Portuguezes, tendo ja determinado, aconselhado, e encõmendandose a Deos, tanto que a lancha chegou, logo se lançaraõ dentro nella, taõ levemente, que ainda o pé não era posto na croxia, quando o ferro das lanças era no peito dos Mouros, com tanto animo, e desenvoltura, que como carneirada, em que daõ lobos, os fizeraõ logo remuinhar; e como eraõ muitos, huns embaraçavaõ os outros, por se não ferirem, e os nossos não tinhaõ outro officio, senão fornear, e enfiar as lanças nelles, com tanta força, e diligencia, que alguns se lançaraõ ao mar. Em fim foy tamanha a valentia destes cinco homens, que ainda que bem sangrados, Deos os ajudou de maneira; que ficaraõ senhores da lancha, morrendo grande parte dos Mouros, delles as lançadas,



delles affogados no mar. E o seu Capitaõ, que era João de nação, e famoso Capitaõ mór das armadas del Rey de Paçem, rouco de bradar, que senão lançassem ao mar, não como quem fugia, mas com indignação delles, se lançou tambem ao mar; e remando com hum braço, com o outro cortava nelles como homem desesperado; mas aproveitou tão pouco com elles este seu animo, como com elle mesmo, pois tambem se poz em salvo. As outras duas lanchás, quando de longe virão, que os nossos tão facilmente se fizeraõ senhores desta, que trazia oitenta Soldados bem armados, paracendo-lhes, que o batel trazia tanta gente, que podéra acabar aquelle feito, e que veria a sua nao com o vento, que já picava; fizeraõ volta para onde sahirão, tendose nisto por bem aconselhados. E o tyranno Rey sabendo o caso ficou tão envergonhado, e cheyo de tanto temor, que pediu logo pazes, que por então nós delle desejavamos, até seu tempo, em que Jorge de Albuquerque o destruiu, e matou.

Sendo Capitaõ de Malaca Garcia de Sá, enfadado dos continuos assaltos, e rebates, com que El Rey, que fora de Malaca, e hora se chamava Rey de Bintaõ, assim com seu poder, como com o de seus amigos, e parentes, com os quaes se tinha de novo fortificado em o rio Muar, dalli continuava em damno notavel da Cidade, tolhendo-lhe algumas naos, que a ella de mercadores navegavaõ de diversas partes: e estando então ahi Antonio Correya Baharem, se offereceo para lançar daquelle forte a este Rey. Garcia de Sá lho agradeceo, e lhe deu trinta velas com cento e cincoenta Portuguezes, e quatrocentos Soldados Malayos, com os quaes deu em huma grande tranqueira, que no rio tinha El Rey de Bintaõ, e a entrou, e desbaratou a gente, matando muitos, e tomou mais de vinte peças de artilharia, que nella estavaõ, e seguindo a victoria, foy logo nas costas dos que fugião, pelo rio acima com muito trabalho, e salteou a propria pessoa del Rey, que estava bem seguro de tal commettimento, mas bem apparelhado para qualquer trabalho. Mas não lhe valeo nenhum apercebimento de guerra, para que espantado da ousadia dos nossos, se não acolhesse para Bintaõ a unha de cavallo, e os seus foraõ desbaratados, e o lugar saqueado,

do, e queimado. e mais de cem fustas, e outras embarcações do proprio Rey, algumas de muita estima, porque todas foram queimadas, senão algumas, em que Antonio Correya trouxe a Malaca despojos, e mantimentos, de que ella estava bem necessitada. E nella se fizeram grandes, e extraordinarias alegrias, por se verem livres de tão contumaz, e importuno inimigo. E entre todos os Principes daquellas partes causou tanto espanto esta victoria, e desbarato del Rey de Bintaão, que não se fallava muito tempo em outra cousa. Tambem em tempo deste Governador as Rainhas de Coulaão, e Camori, induzidas pelos Mouros, mandaram cercar a nossa fortaleza de Coulaão, que alli edificara o esforçado cavalleiro Heitor Rodrigues, e ainda estava nella por Capitaão. Mas ainda que a poteraão em grande aperto, ficou vitorioso com o socorro, que lhe mandou de Malaca Dom Aleixo de Menezes por seu sobrinho Dom Afonso de Menezes, filho do Conde de Cantanhede, e elles se houverão de maneira, que logo as Rainhas pediram pazes, e se levantou o cerco, e ficaram conhecendo, que Deos pelejava pelos Portuguezes, e que os Mouros as aconselhavaõ mal. Pouco depois aconteceu, que estando o Governador Diogo Lopes de Sequeira em a barra de Chaul, tratando de se edificar a fortaleza, veyo Hagamahamet, Capitaão, e parente de Melique-Az, Senhor de Dio, por seu mandado, estorvar esta obra, por lhe ser muito prejudicial, e trazia hum grande numero de fustas muy bem armadas, e com ellas commetteo os nossos, que por estarem então em calmaria, não puderam pelear mais que os navios de remo, os quaes por serem poucos, ficou o negocio tão difficiltofo, que diante de toda a frota, e do mesmo Governador, Hagamahamet tratou tão mal os nossos navios, que pelearão, que Diogo Fernandes de Beja, que naquella mar tinha feito grandes façanhas, foy morto de huma bombarda, e os mais todos feridos, e quasi de todo desbaratados. Mas elles venderão tambem suas vidas, que Hagamahamet com tantas fustas, e tão favorecido do tempo, ficou da peleja tão destroçado, principalmente de huma galé de Dom Jorge de Menezes, que se retirou meyo desbaratado, e Dom Jorge com grande admiração



de todos, os que o viaõ, se mostrou vitorioso, seguindo algum espaço o Capitão Mouro. Morto Diogo Fernandes de Beja, que era Capitão mór daquelles mares, entregou Diogo Lopes a armada, que ficava, a Antonio Correya Baharem, rogandolhe muito, que a aceitasse, em quanto Dom Luiz de Menezes, irnãõ de Dom Duarte de Menezes, Governador, que já estava na India, não chegava, e que elle a entregaria, por vir provido de Capitão do mar da India. Antonio Correya, como era occasião de mostrar o seu grande animo, aceitou de boa vontade a empresa, em que teve melhor fortuna, que Diogo Fernandes de Beja. Porque tanto que Diogo Lopes de Sequeira se partio dalli, não tardou dous dias Hagamahamet com mais fustas, mais gente, e melhor vontade de seguir a vitoria começada. Mas Antonio Correya se houve com ella tão valerosamente, que á sua vista lhe mandou desbaratar hum grande companhia de bizzaros Soldados Mouros, que em quinze fustas hiaõ sobre hum nollo Baluarte, e traz este vencimento com o mesmo Hagamahamet se travou de modo, que o fez retirar vencido, e quasi de todo desbaratado, com morte dos principaes Chieffes, e Soldados de sua companhia. E para mais o magoar, mandou cortar as cabeças a trinta Mouros, que os do Baluarte mata- raõ em sua defensão, e as mandou ao Xequê Hagamahamet author daquellas cousas: e para que o mesmo Capitão Hagamahamet levasse sua parte de contentamento, mandou Antonio Correya enforcar na praya á vista do Capitão Mouro os corpos de todas aquellas cabeças. Com esta tão deshonorosa empresa ficou Melique Az tão injuriado, que mandou logo pedir pazes ao novo Governador D. Duarte de Menezes, com muitas desculpas de suas erradas obras, e muitos offerecimentos. Com estes felices successos, e outros muitos de menor qualidade, mas também dignos de memoria eterna, acabou Diogo Lopes de Sequeira o seu triennio em o fim do anno de mil, e quinhentos e vinte e hum.

E succedeolhe Dom Duarte de Menezes, já entrando o anno mil e quinhentos e vinte dous; o qual sendo filho, e herdeiro de Dom João de Menezes, Conde de Tarouça, e Prior do Crato, não sómente tinha os meritos de seu

de seu pay de honra, e estado, mas tambem os de sua pessoa, e cavallaria, em honrados feitos, que acabara em Africa na Cidade Tangere, onde estivera por Capitão. E ElRey Dom Manoel lhe deu o mayor ordenado, que aténtaõ se costumava; porque contando tudo, chegava a trinta mil cruzados cada anno, afóra os gastos ordinarios da justiça, e governo. E logo em o principio do seu triennio o novo Rey de Ormuz, mal aconselhado dos seus, determinou izentar-se do dominio dos Portuguezes, e para isto mandou matar todos, os que se acharaõ fóra da fortaleza: e à mesma tambem por mar, e terra combateu tão fortemente; que sempre a entrara, se acaso não viera por alli Mancel de Sousa Tavares com hum frota, com que andava correndo a costa de Arabia, e Persia; e Tristaõ Vaz da Veiga com trinta Portuguezes. Os quaes sabendo do aperto, em que estava a fortaleza, determinaraõ de a soccorrer: mas desviandose entre si sobre o commettimento, que viaõ muito difficultoso, Tristaõ Vaz da Veiga se partio no seu parao; e por entre toda a armada dos inimigos, que eraõ mais de cincoenta velas, que todas lhe correraõ com frechas, e artelharia, passou animosamente, e entrou na fortaleza à vista de todos; e pelo mesmo modo tornou em busca de Manoel de Sousa, passando tanto perigo, que manifestamente se vio o milagre; porque foy tão invencivel o seu animo, e esforço; que por baixo de muitas bombardas, e espingardas, e infinito numero de frechas, pelejou de maneira, que se póde crer excedeo as forças humanas. E depois de todos juntos na fortaleza passarem hum prolixo, e apertado cerco, ficaraõ todavia sempre vencedores; e taes obras fzeiraõ, que chegaraõ a constranger a ElRey, que sahisse da Cidade vergonhosamente, tendo nella mais de doze mil homens, afóra os moradores da Cidade. E tão desesperado se partio della, que mandou por hum seu privado põrlhe o fogo, que quatro dias com suas noites, ardeo tão bravamente, que ficou quasi de todo abrazada, sendo muy formosa em edificios, e famosa no mundo. E por fructo de todas estas traçoens, e levantamentos, ficou ElRey de Ormuz outra vez sujeito, e vassallo, e sobre vinte e cinco mil Xerapins, que dantes pagava;



pagava, lhe accrescentaraõ outros trinta e cinco mil de tributo.

Antes que este Governador fosse para a India, já seu irmão Dom Luiz de Menezes, sendo Capitaõ do mar, tinha feito grandes, e famosas obras: mas depois que elle começou a governar, e o mesmo Dom Luiz a servir de Capitaõ mór do mar da India, as continuou com tanta felicidade, e esforço, que ficou igual sua fama á do Governador seu irmão. Mas como ElRey Dom Manoel era já falecido neste tempo, logo os prosperos successos das conquistas da India, e Africa começaraõ a sentir a falta de sua prospera fortuna, não acompanhando, como costumava, estas empresas. Porque as primeiras naos, que partiraõ deste Reyno, de tres, não chegou á India, senão hum; e o seguinte anno, de oito, que partiraõ, sómente duas chegaraõ a salvamento. E todos os mais successos começaraõ a declinar taõ notavelmente, que não pareciaõ aquelles os mesmos Portuguezes, taõ vitoriosos naquellas partes, e famosos no mundo, como se vio claramente em as Ilhas de Maluco. Porque começando se a edificar hum a fortaleza em a Ilha Ternate com grande contentamento de todos, em o anno mil e quinhentos e vinte e hum, como com a vida delRey D. Manoel fizera termo nesta prosperidade, tanto que elle morreu, e antes que se acabasse a fortaleza, começou Antonio de Brito, Capitaõ della a ser perseguido com cruel, e aspera guerra dos Reys daquellas numerosas Ilhas, e principalmente delRey de Tidor, e Almanfor, como mais poderoso. O qual tendo feito muito damno aos nossos, em que estiveraõ quasi de todo perdidos com traiçoens, e enganos, todavia veyo a pedir pazes, que o Capitaõ mór lhe não quiz conceder: para que os outros Reys aprendessem a não quebrar nossa amizade. Antes lhe fez cruel guerra, e alcançou delle mil vitorias, destituindo-lhe suas terras, e povoaçoens, com ajuda de Cachildarros, que governava Ternate pelo Rey, que era menino, e estava em a nossa fortaleza; porque sua mãy, filha do Rey Almanfor, tratava com traiçoens vingar-se a si, e ao pay. E estas cousas se faziaõ já no anno mil e quinhentos e vinte e quatro, em que este Governador acabou

hou o seu triennio; tendo governado a India em paz, e justiça: dando galardão aos bons, e punindo os máos, e facinorosos, e todos aquelles, a que o jugo Portuguez parecia pezado.

## CAPITULO XVIII.

*Das conquistas, que ElRey D. Mancel fez em Africa até o tempo, em que passou a ella o Duque de Bragança.*

**M**As tornando às guerras Africanas, (continuo o Portuguezes) que deixey de industria, por não perverter a ordem das Orientaes, que hia contando, haveis de saber, que humas das cousas, que ElRey Dom Manoel mais teve nos olhos, e de que mostrou mais cuidado, e contentamento, foy a conquista de Africa: por ventura lembrado da cruel morte, que o Infante Dom Fernando padeceo nella, de quem o Infante seu pay herdara muitas cousas, e entre ellas hum grande estymulo destas conquistas; em que se occupou a mayor parte da sua vida, e se mostrou a ellas muito afeiçoado, e as deixou a elle Rey seu filho, quasi por benção, e patrimonio. O qual para mostrar, que aceitava esta herança com contentamento; tanto que começou a reynar em o anno mil e quatrocentos e noventa e cinco, mandou logo prover em muita abundancia todos os lugares, que naquella costa possuíamos, assim de mantimentos, como de gente de pé, e de cavallo, muniçoens, e artelharia, accrescentando os Soldados, e moracias aos Cavalleiros, e peſsoas, que nelles residiaõ. E para que todas suas cousas em louvor de Deos, e com ajuda sua tivessem principio, e fim, mandou se pagasse o dizimo ás Igrejas, que havia naquella costa, de todos os tributos, que nella pagavaõ os Mouros; o que dantes senaõ costumava. E foy cousa maravilhosa, que no mesmo dia, em que elle em a Villa de Montemor o novo ordenáva estas cousas em favor de Africa, se alcançou nella hum grande vitoria; sendo Ministro della o Capitaõ mór, e Governador de Arzilla, D. João de Menezes, da casa de Cantanhede, que foy hum dos mais estimados Fidalgos, que em todos os Reynos de Hespa;



Hespanha houve em muito tempo; levando muita variedade em armas, e prudencia a muitos, que por estas qualidades eraõ excellentes, e como tal ElRey Dom João II se servio delle em cousas de muita importancia, e ElRey Dom Manoel o fez Governador da Casa do Principe Dom João seu filho; e Camareiro mór. Este Capitão, estando em Arzilla, como diziamos, sahio com duzentos de cavallo a fazer pagar o tributo devido a certas Aldeyas, que com elle se levantavaõ: e no caminho foy avizado, como dous famosos Alcaldes Barraxá; e Amadarim, isentos da obediencia delRey de fez, andavaõ muy alterados por huma vitoria, que tinhaõ alcançado havia poucos dias na mesma Arzilla, desbaratando a Dom Rodrigo Coutinho, sobrinho do Conde de Borba; e que com o mesmo poder andavaõ hora senhores do campo, e vinhaõ sobre humas Aldeyas nossas tributarias com duas mil lanças, e oito centos homens de pé. Com esta nova se indignou tanto a grandeza de animo de Dom João de Menezes, que não podendo soffrer tão grande abatimento do nome Portuguez, logo os foy bulcar, e com as suas duzentas lanças os commetteo ousadamente, e com tanta valentia, e esforço deu nellas, que depois de larga, e porfiada peleja, lhe fez virar as costas desbaratados, e lhe foy no alcanse mais de duas leguas, matando quatro centos, e dezoito de cavallo, e cativando vinte e oito, e hum rico despojo, em que entravaõ oitenta e cinco cavallos de preço, e todas as bandeiras dos Alcaldes, que mandou a este Reyno.

E tanto se deixava ElRey vencer deste desejo da conquista de Africa, que não tendo ainda filhos, determinou passar a ella pessoalmente: e para isto mandou apparelhar vinte e seis mil homens bem armados, e entre elles seis mil de cavallo, e oito centos acubertados, afóra gastadores, e gente de serviço. Mas tendo ja feito muy grandes gastos, não foy, por acudir à Senhoria de Veneza, contra quem o Turco mandava huma armada, tão grande, e tão repentinamente, que lhe não dava lugar a nenhum Principe os poder soccorrer, senão elle, que estava ja quasi com toda a armada de verga-dalto: parte da qual, por não ser mais necessario, elle mandou logo  
por

por servir a Deos naquella necessidade, e tambem por interceder o Papa na petição. E o soccorro foy de trinta velas, com tres mil e quinhentos homens de guerra, e Capitão Dom João de Menezes, que então fez Conde de Tarouca, e quando chegou a Veneza, já o Turco era recolhido, e os Venezianos fortificados, e bem providas suas terras.

No anno do Senhor mil e quinhentos e hum, se 1501ajuntou Dom João de Menezes, Capitão de Arzilla, com Dom Rodrigo de Monfanto, Capitão de Tangere, e com menos de quatrocentas lanças foraõ dar sobre humas Aldeyas de valentes Cavalleiros, junto da Cidade Alcacer Quibir; e pelos acharem descuidados de semelhante oufadia, cativaraõ cento e oitenta, e mataraõ muitos, onde hum por amores de sua dama, que lhe levavaõ cativa, fez maravilhas em armas, e se tivera companhia, sempre alcançara o intento. Levaraõ nove centas cabeças de gado vacum, e grande numero do miudo, e muitos cavallos, azemelas, e asnos. E vindo com esta preza, já hum legua das Aldeyas, sahio-lhe ao encontro o Alcaide de Alcacer Quibir, a repique da Cidade, com mil, e duzentas lanças, e deu nelles taõ rijamente, que oufaraõ alhe apresentar batalha, senaõ juntos com sua cavalgada, foraõ escaramuçando, dando, e recebendo lançadas mais de tres leguas, sem romperem de todo, mas fizeraõ-se grandes gentilezas em armas: e em hum a volta, que D. João fez sobre os Mouros, já enfadado delles, lhe matou eincoenta de cavallo, e com os mais se houve de maneira, que pode chegar com sua cavalgada a salvamento, e se recolheo vitorioso.

Poucos dias depois sabendo o mesmo D. João, que El Rey de Fez, e seu irmão, andavaõ em companhia com doze mil homens de cavallo, e muita pionagem, e que muy furioso hia sobre Tangere: de que Dom Rodrigo não podia ser avisado senaõ por mar, e a pressa não dava lugar a dilacões, mandou atar hum a carta, em que lhe dava esta conta, metida em cera ao pescoço de hum a cadella de Tangere, que a caso estava áquella hora em Arzilla; e à boca da noite a mandou pôr fóra, primeiro muy bem açoutada: e ella se deu taõ bem com o negocio,

Tom. I. Mmm que,



que chegou a tempo, que Dom Rodrigo foy avisado, e se apparelhcou de maneira, que quando ElRey chegou á Cidade, e a commetteo com tamanho exercito, sahio a elles Dom Rodrigo, e animosamente os commetteo: mas carregaraõ com tanta força, que começou a se recolher; depois de durar a peleja duas horas e meya em pezo, em que lhe mataraõ hum filho, e oito Cavalleiros, e a elle déraõ huma lançada, e lhe pregaraõ o rosto com o peçoço, que foy causa de senaõ poderem retirar de modo, que os Mouros não chegassem á Cidade, levando os de rondaõ taõ mal tratados, que foy necessario a Dom Rodrigo, assim como estava fazer volta, em que se fizeraõ grandes façanhas: e ainda com tudo isto não poderaõ fechar a porta, nem correr a tranca, mais que até o meyo, que fez Ruy Martins o derradeiro, que entrou, e isto com tanto esforço, que dizendo outros, que a corresse de todo, elle lhe respondeo, que tal cousa não faria por honra de Portugal, que viessem os Mouros, que elle defenderia ás lançadas o que estava por morrer: e assim lhe foy necessario, porque os Mouros chegaraõ taõ perto, sem elle fazer pé atraz, que hum Alcaide Mouro deu huma cutilada na porta, com que fez hum bom final.

Partido de Tangere ElRey de Fez, foy com a mesma gente sobre Arzilla, onde Dom Joaõ de Menezes acudio logo, e sahio ao campo com quinze de cavallo, a ver o que passava nelle, deixando os outros em a Villa velha. E achando os corredores delRey de Fez, se começou a retirar ás lançadas, com as quaes apertaraõ tanto com elle os Mouros, que lhe foy forçado voltar ja elles: mas nesta volta não se achando mais, que com quatro, com elles fomite fez tanto em armas, que os Mouros se espantavaõ, e não podiaõ crer, o que seus olhos viaõ, e suas carnes sentiaõ: até que acudindo cincoenta dos que ficaraõ atraz, déraõ com tanto esforço nos Mouros, que os levaraõ de vencida hum grande espaço, matando, e ferindo nelles. E cuidando Dom Joaõ, que todos os que ficaraõ na Villa velha hiaõ traz elle, e elles não podendo, atalhados com huma grande multidãõ de Mouros, começou a passar avante pelo meyo de todo o exercito dos inimigos; mas lá vendo-se sem os seus, fez volta para se

recolher, e nella lhe mataraõ alguns Cavalleiros de nome, e lhe feriaõ quasi todos, e a elle com huma lança de arremesso lhe passaraõ as armas: com tudo isto chegou aos que estavaõ na Villa, com õs quaes fez huma comprida volta aos Mouros, e os lançou fóra da tranqueira com morte de muitos, e grande numero de cativos, e entre elles morreo hum famoso Alcaide, porquem ElRey de Fez mostrou grande sentimento, diante do qual todas estas cousas se passaraõ. E entre estes trabalhos hum Mouro de cavallo deu muito, que rira muitos, e muito; que lamentar a si só; porque deixando elle hum taõ grande exercito já entrado nas tranqueiras de Arzilla, e Dom João Capitaõ della com taõ poucos, metido no meyo de tantos, que todos lhe procuravaõ a morte: se apartou a caso, onde não vio as voltas da fortuna, e de D. João de Menezes, e tornando logo, e não vendo no campo mais que sinais de morte, deu o negocio por concluido, e se meteo pelas portas da Villa muito confiado; onde logo foy defenganado com a honra, que se costuma aos cativos.

E não cessando Dom João de Menezes, Capitaõ de Arzilla, de lastimar aquelles ordinarios inimigos, se ajuntou com Dom João de Menezes, Conde de Tarouca; Capitaõ de Tangere, e foraõ correr a Alcacer Quibir, que em Arabico quer dizer Cidade grande, a quem ElRey Dom Manoel lhe mandou; que sempre fizessem guerra. Por ventura sentindo já entaõ a desventura, que depois vimos padecer a Portuguezes nos campos daquella Cidade, quando ElRey D. Sebastiaõ nelles foy desbaratado. E junto a ella chegaraõ estes dous Capitaens com quatrocentos de cavallo, onde tiveraõ huma bem pelejada escaramuça com o seu Alcaide, e outros Xeques, que com mil e trezentas lanças lhe sahiraõ ao encontro: mas elles depois de alancearem muitos, se recolheraõ vitoriosos, não sem admiração daquelles barbaros; que aquella Cidade tinhaõ por afrontada com aquelle commettimento.

Pouco depois Dom João de Menezes foy avisado; que sete leguas de Arzilla; entre muitas Aldeyas havia huma, em que estavaõ as mais formosas Mouras de todas aquellas commarcas, e que as guardavaõ muitos Cavallei-



ros Mouros, havidos pelos mais valentes de toda a terra, seus parentes, e namorados. E desejando mandar algumas destas formosas á Rainha Dona Maria, que lho tinha encomendado, ordenouse de maneira, que em huma noite muito escura, com duzentas lanças, e algumas tochas accesas, deu de subito na Aldeya com tanto impeto, que os valentes Mouros não puderaõ fazer mais, que de fenderse; mas não puderaõ escusar a morte mais de oitenta, os mais esforçados, e cativos sessenta homens, e mulheres; em que entravaõ algumas das formosas: com que se veyo recolhendo, mas não sem grande perigo, e muito sangue; porque tanto que amanheceo, correrão aos nosos tantos Mouros daquella Aldeya, que fizeraõ com que aquelle feito ficou por hum dos mais notaveis, que acontecerã naquellas partes.

E porque em o porto da Cidade Larache, cinco leguas de Arzilla, estavaõ certas galés, e galeotas de Mouros, que pouco havia tinhaõ tomado algumas naos nossas que tambem tinhaõ naquelle porto, determinou D. João de Menezes não soffrer aquella injuria, e para isto armou tres caravelas, e com outras tres, que andavaõ no estreito, as foy commetter dentro no porto da Cidade, e á força de armas, rendeo huma galé Real do Alcaide Almandarim, e a queimou depois que nella se armou huma travada peleja, em que morreraõ muitos Mouros, e hum grande numero feridos; e todos, os que sahiraõ á defensão della, foraõ desbaratados de maneira, que póde Dom João trazer cinco galeotas, dous bargantins, e humas das nossas caravelas fômente, por não estarem as outras em parte conveniente a mais, que a lhe porem o fogo, com que arderaõ. E porque quando a gente da Cidade acabou de se armar para acudir a isso, já Dom João de Menezes tinha concluido com a empresa, que determinada levava, quando elles se começãõ a juntar, elle se foy recolhendo victorioso, sem perder mais que hum homem. Ousadia, que deu muito, em que cuidar muitos dias aos Mouros, porque até aquelle tempo nunca tal acontecera naquelle porto, nem depois se sabe que acontecesse. E ElRey Dom Manoel estimou tanto este feito, que falla nelle muitas vezes por maravilha, e acabou de entender, e confessar, que

que D. João de Menezes excedia a todos, os que por valerosos na guerra eraõ estimados no mundo. E isto foy a 24 de Julho de 1504.

Tanto cuidado tinha Dom João de Menezes de fazer guerra aos Mouros, que nenhuma boa occasiã deixava, e por suas intelligencias de todas era sabedor, e entre outras soube, como em certas Aldeyas andava grande somma de Mouros caçando, e folgando, e apascentando seus gados, e todos muito seguros, por se meter em meyo hum rio, que no inverno fenaõ deixava vadear. Mas D. João de Menezes desejando inquietar esta sua segurança, ordenou duas barcas quadradas, que as pudessem levar duas azemolas, e com ellas passou o rio com duzentos de cavallo em huma noite de tanta tempestade, que houve cavalleiros sem medo, queduvidaraõ; mas todavia provocados pelo seu Capitaõ, que foy dos primeiros, passáraõ avante, e deraõ nas Aldeyas, em que matáraõ, e cativáraõ muitos, e tomáraõ grande somma de gado, com que se tornaraõ naõ com pouco trabalho; mas todas aquellas commarcas, com razão espantadas, sendo os seus moradores muy valentes cavalleiros.

E para que aquelles barbaros naõ tivessem hum momento de descanso, deu setenta de cavallo a Francisco Pereira Pestana, que entaõ estava em Arzilla servindo El Rey como bom cavalleiro, e bem conhecido neste Reyno, com os quaes correu a humas Aldeyas das famosas, e com tanto acôrdo se heuve na empresa, que lhe tomou todo o gado; mas acudindo grande somma de Mouros, apertáraõ tanto com elle, que lhe houvêra de custar a vida sendo delles seguido ás lançadas mais de tres legoas, com tanto fervor, e valentia, que lhe foy necessario recolher-se a hum oiteiro com a sua gente; donde deu nelles com tanto animo, e esforço, que os poz em desbarato, matando oitenta, e cativando trinta e cinco, sem perder algum dos seus. E quando elle desceo aos Mouros, antes que o fizesse, lhe disse hum cavalleiro chamado Diogo Viegas, que voltasse aos Mouros, e elle parecendo-lhe muito, respondeu: Olhay que conselho de homem vestido em caçote de canharço! mas o cavalleiro rindo-se muito respondeu logo: Francisco Pereira, eu vos prometto, que este caçote



çate vos 'ha hoje de parecer arnez de Milaõ: e Francisco Pereira, que assi n o desejava, disse logo: já que tu estaõ valente, volta, volta. E assi n o fez, e desbaratou os inimigos como diziamos, e depois se lançou aos pés de Diogo Viegas, dizendo-lhe publicamente, que com seis como elle se atrevia a prender o Turco dentro em Constantinopla.

E para que com mais segurança aquellas conquistas se fizessem, mandou ElRey em o anno do Senhormil e quinhentos e cinco edificar o Castello Real em Africa por Diogo de Azambuja, que ficou nelle por Capitaõ, e o fez com grande trabalho pelejando com os Mouros, em quanto se trabalhava na obra. E ainda que alli não permaneceu, todavia houve-se por cousa proveitosa, porque delle, como de terra mais vizinha, se pode conquistar facilmente a Cidade Çafim (a que os Mouros chamaõ Azafi) em huma bella occasiaõ. Era esta Cidade, antes que a ganhassemos, por trato, e natureza muito rica, e povoada de mais de quatro mil vizinhos, e quatro centas casas de Judeos, e senhoreava muitas Aldeyas de Alarabes. E estando nesta prosperidade, em o anno do Senhor mil e quinhentos e seis, livre e izenta sem obedecer a ninguem, era entaõ governada por hum Mouro honrado, que se chamava Abdear Ramaõ, e em seu proceder quasi tyranno da liberdade publica. Este tinha huma filha moça, e formosa, que hum mancebo nobre tratava de amores, e conversava, chamado Haliadux, e ainda que este trato passava em segredo, não se pode esconder ao pay della, que logo determinou com cruel morte tomar vingança desta injuria. Do que sendo o mancebo avisado, communicou o negocio com outro mancebo, chamado Jeh Aben Tafu, bom cavalleiro, e muito aparentado; com o a qual, e com dez mais seus parentes, e amigos, em o proprio dia, em que Abdear Ramaõ determinava vingar-se, foy morto por elles dentro em a Mesquita, de que se seguiu taõ grande alvoroço entre as parentellas, que teve Haliadux tempo para hir ao Castello Real pedir a Diogo de Azambuja, se fosse meter na Cidade com alguma gente, e elle o ajudaria a se fazer senhor della. Diogo de Azambuja como era curfado nas cautellas da paz, e da guerra, se foy meter

ter nella como cavalleiro com outros doze sómente, e parecendolhe negocio de importancia, e proveito, deixou Jeh Aben Tafu governando a Cidade, e elle se veyo a este Reyno com quatro Mouros dos principaes a assentar vassallagem com ElRey Dom Manoel, que muy contente do caso, o tornou a mandar logo, e aos Mouros fez mercês, e mandou recado á Garcia de Mello, que andava darmada no estreito, ajudasse a Diogo de Azambuja. Os quaes com a gente, que os acompanhava, se meteraõ na Cidade; e porque já estavaõ arrependidos de nossa conversação, como Mouros, que eraõ, foy necessario a estes Capitaens usarem de grandes artificios, e invençoens bellicas, e traças de habilidade, para fazerem huma fortaleza dissimulada, e bem accommodada para qualquer defensão, a pezar de muitos, que receando o que depois sobre elles veyo, a impediaõ com todas as forças, não dando os mantimentos necesarios aos da fortaleza, e em outras cousas mostrando esta vontade. Mas Diogo de Azambuja, como teve a fortaleza em bom estado, mandou dizer a Haliadux, que mal lhe cumpria o promettido, pois lhe faltava com os mantimentos necesarios: e respondendolhe Haliadux, que não fallasse tão solto, pois elle não comia, nem bebia, fenaõ o que elle lhe dava: respondeo Diogo de Azambuja; que era verdade, mas que quando lhe faltasse, com sangue de Mouros mataria a sede aos seus, e a fome com as pernas delles. E logo se houve com elles de maneira, que os desbaratou muitas vezes, e destruiu a Cidade, e saqueou, e se fez senhor della absolutamente, a que os Mouros deraõ causa com suas costumadas traçoens, que sobre elles cahiraõ todas, e nestes recontros houve grandes feitos em armas, e entre elles se começou a mostrar Lopo Barriga; que depois foy tão famoso, como o mundo sabe. E acabouse de concluir esta conquista, em o anno do Senhor mil e quinhentos, e oito, ficando a Cidade nossa, e os moradores della tributarios. O que tudo se deve á industria, e valentia de Diogo de Azambuja, que nestas duas qualidades excedeo a muitos dos famosos do seu tempo.

*Historia  
des Xarifes  
c. 5*

1508.

Neste mesmo anno de mil e quinhentos e oito 1508.  
mandou ElRey Dom Mancel huma armada a Africa, em  
que



que hião quatrocentos homens de cavallo, e dous mil de pé, e por Capitaõ da empresa Dom João de Menezes, que fora Capitaõ de Arzilla, para que conquistasse a Cidade Azamor. E mandou ElRey tão pouca gente a huma empreza tão grande, contra o parecer dos mais experimentados, e enganado de alguns, que com fallas apparencias, e demonstraçoens, lho fizeraõ parecer assim conveniente, principalmente o moveo muito hum Mouro, que havia sido Rey de Maquinez, e andando desterrado, veyo a este Reyno, e se offereceo, que elle com todas suas valias ajudaria á conquista, por ser morador em Azamor, e se faria seu vassallo. Mas ainda que Dom João de Menezes chegou à Cidade, e a bombardeou, e desembarcou em terra animosamente, e lhe deu hum combate rijo, e bem pelejado, até pregarem as lanças nas portas della; todavia era ella tão populosa, e forte, e estava tão bem apercebida para aquella conquista, e tinha em sua defensão tantos Mouros, que Dom João não pode mais fazer, que depois de muitas mortes de parte a parte, recolher-se a salvamento, e ainda isto foy julgado por hum grande feito. Porque no campo andava o Rey desterrado, que promettera ajuda, e vassallagem, com dezaseis mil homens de pé, e de cavallo, e na Cidade havia mais de oito mil de peleja, com muita artelharia, e artificios de guerra, e muitas filadas, que lhe armaraõ, de que Deos, e o seu muito esforço, e destreza, o livraraõ: todavia morreraõ dos nossos dezaseis de cavallo, e seis de pé, e dos Mouros morreraõ mil e trezentos e sessenta e cinco, em que entraraõ cento e sessenta e quatro Alarabes de cavallo, todos grandes Cavalleiros.

Partido desta conquista Dom João de Menezes, e estando em Tangere com Dom Duarte de Menezes, foy avisado como o Conde de Borba Dom Vasco Coutinho seu cunhado estava em Arzilla em grande aperto, e cercado delRey de Fez, que com todo seu poder vinha tomar aquella Villa, e trazia consigo vinte mil homens de cavallo, e cento e vinte mil de pé, em que entravaõ dez mil espingardeiros, e besteiros; muitas bombardas grossas, e os mais petrechos, e muniçoens para o escalamento, que começou a fazer a dezanove de Outubro de mil e qui-

è quinhentos e oito, de que o Conde se defendia com muito accordo: mas era a Villa por todas as partes tão combatida, que nenhum dos nossos apparecia á vista, que logo não fosse encravado. E porque não estavaõ na Villa mais de quatrocentos Portuguezes de pé, e de cavallo, não poderaõ impedir, que os Mouros não arrazassem com minas hum lanço de muro, por onde entraraõ muitos delles: ao que o Conde acudio logo com cincoenta de cavallo, e com elles pelejou com tanto esforço, e valentia, que fez retirar os Mouros á custa de muito sangue. Mas como a multidão era tanta, e os de sua companhia tão poucos, foy-lhe forçado retirar-se ao Castello; e ainda o fizeraõ com tanta pressa, que os Mouros ás voltas houvéraõ de entrar com elles, senão mandara com presteza fechar a porta, deixando alguma gente fóra, e mulheres, e mininos, que logo foraõ todos mortos pelos Mouros: os quaes occupados em saquear a Villa, déraõ tempo ao Conde para que se refizesse, e descansasse, e Dom João de Menezes lhe acudisse a tempo, que já os Mouros tinhaõ o Castello minado de maneira, que os Portuguezes dentro nas minas pelejavaõ muitas vezes com os Mouros, que nem debaixo da terra podiaõ escapar ao furor Portuguez. Chegado Dom João á vista da Villa, foy tanta a contradicção dos Mouros, que estevesse tres dias sem desembarcar, esperando por tempo, e certeza, se estava ainda o Castello por entrar: mas informado do que lá passava, promettendo grandes premios a quem primeiro desembarcasse, sahio em terra com grande trabalho, e muy brava escaramuça, em que morreraõ e foraõ feridos muitos de parte a parte, e das mesmas se fizeraõ grandes façanhas. Mas Dom João tomando á força de ferro, e fogo huma estancia de Mouros, e nella seis bombardas, pode meter na Villa duzentos homens espingardeiros, e besteiros, e municoens, e petrechos: e ao outro dia, a pezar de todo o exercito, meteo outros tantos. Do qual sendo sabedor ElRey de Fez, disse que folgava com o soccorro; porque quantos mais fossem, mais seriaõ os vencidos. Mas não ficou sem reposta este seu desprezo, porque os dous famosos Alcaides Barráxa, e Almandarim, lhe responderaõ, que não estivesse tão



contado; porque Dom João de Menezes era tão fazedor, e manhoso nos feitos da guerra, que debaixo dos pés lhe hiria pôr o fogo. E continuando-se os combates, que se davaõ cada dia duas vezes com muito fervor, e valentia, sempre com a mesma foraõ rebatidos pelos Portuguezes, que Dom João de Menezes sempre favorecia, e animava. E porque em o seu animo não cabiaõ fenoõ cousas grandes, determinou apresentar batalha campal a ElRey de Fez, ou castigar sua obstinação, e para isto mandou logo recado a Castella como mais visinha, e a este Reyno. O Corregedor de Xerez foy o primeiro, que veyo ao soccorro, com huma caravella a remos, e a vela, muy bem armada, e provida de muita, e boa artelharia, com a qual fez tanta destruição nos Mouros, matando muitos com artelharia, que logo começaraõ a desconfiar alguns delles: mas logo foraõ de todo defengauados, porque acudindo tambem o Conde Pedro Navarro com tres mil e quinhentos Soldados, com que entaõ se achava acompanhado, com estes, e com os da companhia de D. João, quiz elle dar batalha a ElRey de Fez, e para isto se começou a apparellhar, como quem sabia, que só a vista de semelhante ousadia havia de quebrar os coraçoes aos Mouros. Mas ElRey o não quize esperar, por estar já desconfiado de tomar a Villa, e pelo muito damno, que cada momento recebia, e esperava receber, se retirou com grande perda de gente, e reputação, que aquelles barbaros mais estimaõ, e muito envergonhado, de que se mostrou toda a vida triste. Tanto que ElRey Dom Manoel soube deste cerco, logo na mesma hora se poz a cavallo, e com seis de cavallo sómente começou a caminhar para o Algarve, onde por recados seus, que do caminho mandou a Lisboa, e outras partes do Reyno, quando chegou, se ajuntaraõ com elle mais de vinte mil homens, os mais delles Fidalgos, e Cavalleiros, e muitas muniçoens, e mantimentos. E sendo avitado do soccorro, e como ElRey de Fez levantara o cerco, e ainda quizerá passar a Africa; mas pelo respeito, que se devia ao seu grande nome, e o pouco poder, que alli tinha, o deixou de fazer, bem contra sua vontade: tanto era o desejo, que tinha de fazer guerra aos Mouros de Africa. Todavia

man-

mandou logo soccorrer Arzilla com tanta gente, e muniçoens, que pudesse estar segura; e a todos, os que ajudavam em o soccorro, fez muita mercê, e a Dom João de Menezes sobre todos estimava sempre: e agora como author da salvação daquella Villa, muito mais que dantes. Cujos nome era tão famoso naquellas partes, que o mesmo Rey de Fez, depois de levantar o cerco, disfarçado, e em companhia de hum Mouro seu inimigo, veyo vera Dom João de Menezes dentro a Arzilla. Depois deste cerco muitos fidalgos se foraõ a Arzilla por fronteiros, com muita gente a sua custa, com que fizeraõ muy boas cavalgadas, sahindo muitas vezes ao campo, e em todas ellas achavaõ quem os não temia, nas sempre alcançavaõ vitoria, e alguns despojos, e cativos. E o primeiro fronteiro foy Nuno Fernandes de Atayde, que logo mostrou aquelles barbaros, o que depois muitos delles sentiraõ de seu esforço, e cavallaria. E o Conde de Borba, Capitão da Villa, tambem de huma vez, que sahio; cativou trinta almas, e trouxe seis centas cabeças de gado vacum; e do niudo mais de mil cabeças: não lhe custou barata a vitoria, porque os Alarabes do campo saõ os melhores Cavalleiros de toda Africa. De cujos costumes, e militar exercicio, e descripção de toda aquella maritima costa, e Reynos vizinhos, fallaremos outro dia, com que ficará mais claro o que hora dizemos. Destas prezas afrontado El Rey de Fez, tornou outra vez em pessoa sobre Arzilla com tanto poder, que enmenda-se o passado. Mas sabendo, que a Villa estava bem provida de Cavalleiros, muniçoens, e artelharia, se tornou com naya vergonha. A que tan bem imitava muitas vezes Barraxa; e Almandarim; e outros Alcaides famosos vinhaõ correr a ella, e sempre levavaõ na cabeça; porque além da gente ordinaria del Rey, que eraõ mais de dous mil homens; estavaõ nella Dom João Mascarenhas, Capitão dos ginetes, Dom Francisco de Portugal, que depois foy Conde do Vizeo, com vinte homens de cavallo, e oitenta de pé. Dom Francisco de Lima Visconde de Villa-Nova de Seveira com muita gente, e Diogo Lopes de Lima seu primo, com a sua muito bem cavalgada; João da Silva, filho do Regedor Ayres da Silva com doze homens de ca-



1510.

1512.

vallo, Alvaro Gonçalves de Moura com outros doze, e D. Francisco de Castro, Alcaide mór do Sabugal, com quarenta de cavallo, Ruy Gonçalves da Camara, Capitão da Ilha de S. Miguel, com quarenta de cavallo, e cincoenta besteiros, e outra gente de pé. Os quaes todos cada hum per si fizeraõ tantas cavallarias, que sempre dellas haverá memoria entre os homens: e estas cousas passaraõ em os annos de mil e quinhentos e dez, onze, e doze, que sempre os Alcaldes Mouros vinhaõ correr a Arzilla, e estes fronteiros lhe corriaõ os campos, Aduares, e Aldeyas; até que se vieraõ ao Reyno.

Depois de tomada a Cidade Çasim, como já ouvistes, entregou-se a Capitania della a Nuno Fernandes de Atayde, o qual com o seu Adail Lopo Barriga faziaõ cada dia tantas entradas; que os Mouros das Aldeyas, e cablidas, e aduares visinhos, se fizeraõ tributarios a El-Rey Dom Manoel, por viverem seguros deste seu Capitão, contra o qual se não atreviaõ. Mas depois induzidos por outros, se ajuntaraõ todos, determinando tomar a Cidade á força de armas: e para isto se acharaõ juntos hume numerosa companhia delles, em que haveria mais de cinco mil de cavallo, e a gente de pé se estimou em mais de seis centas mil almas, to das daquella opiniaõ confórmes; e com esta multidão puferaõ cerco à Cidade com muitas muniçoens, petrechos, mantas, e artelharia. Mas Nuno Fernandes tinha já na Cidade muitos soccorros de seus visinhos; e amigos, e estava bem fortalecido: ainda que a Cidade era taõ grande, que tinha em o muro oitenta e sete torres; e a cerca della era de mais de meya legua, que por esta causa passou grande trabalho em defendella de tanta multidão, que por duas vezes lhe déraõ dous combates rijos; e bem pelejados por todas as partes em que apertaraõ tanto os Portuguezes, que alguns chegaraõ a desamparar as estancias, que lhe estavaõ encõmendadas: e sempre succedera alguma desaventura, se Nuno Fernandes não acudira a tudo com tanto acordo, e valentia, que os Mouros foraõ sempre rebatidos, e muitos mortos, e cativos, até que do invencivel valor Portuguez foraõ todos constangidos a levantar o cerco, depois de estarem nelle desasete dias, que foy o ultimo de

Dezembro de mil e quinhentos e dez. E Nuno Fernandes de Atayde lhe sahio ao campo com quatro-centos de cavallo; como, durando o cerco, tambem muitas vezes fazia, e matou-lhe muitos Mouros, e cativou hum grande numero delles.

E depois deste cerco, muitos daquelles barbaros se fizeraõ tributarios; mas outros, que ficavaõ de guerra juntos em cabildes, andavaõ postos em armas para se defenderem dos nossos: mas logo foraõ castigados de Nuno Fernandes de Atayde, ainda que algumas vezes se vio em notavel termo de desconfiança; por serem os Mouros muitos, e muito valentes Cavalleiros. E chegou huma vez a largar huma grande preza; que da Cidade Almadiva trazia, já quasi nas portas da Cidade Casim, e o livrar-se de suas mãos, se houve por hum honrado feito. E querendo sanear-se desta afronta, a vinte e tres de Outubro de mil e quinhentos e onze, com quatrocentos de cavallo, e quinhentos de pé, deu sobre vinte e cinco aduares, que tomavaõ mais de meya legua; e havendo com elles huma formosa escaramuça, os desbaratou, e tomou mais de cinco mil cabeças de gado miudo, e mil vacas, e trezentos camellos, cavallos, e asnos, e quinhentas e sessenta e sete almas cativas, e mortos trezentos: e vindo com tamanha cavalgada, déraõ sobre elle trezentos de cavallo com tanto animo, que poseraõ em condição sua paciencia: mas elle sem se descompor, veyo leu caminho escaramuçando sempre com muito acordo, e os Mouros de traz fazendo suas algazarras costumadas; e não perdeu mais, que hum homem nesta empreza, que lhe mata-raõ, porque se desmandou.

1511

O anno seguinte de mil e quinhentos e doze, os Alcaldes Barráxa, e Almandarim, com oito centos de cavallo, e dous mil de pé, sahiraõ furiosos a destruir os Mouros nossos confederados, e vassallos, e andando senhores do campo fazendo grande mal, e destruição naquelles povos, chegarã ao campo de Tangere, onde lhe sahio Dom Duarte de Menezes, Capitaõ daquella Cidade, com duzentos de cavallo, e duzentos de pé. Tanto que os Mouros houveraõ vista delles, logo se poseraõ em tom de batalha, e se vieraõ para elles muy crespos,

1512

com



com grandes alaridos, e algazarra. Mas Barráxa, como mais versado, e destro naquellas occasioens, diu aos que estivaõ junto delle, que não era aquella a gente, que se havia de vencer com gritas, se não com armas, e muito esforço, que elle lhes pedia tivessem todos naquella hora; porque lhes certificava o haviaõ de haver bem mitter: e em dizendo isto, logo se começou a batalha: bem pelejada, e muito furiosa, em que ao principio os nossos levavaõ a peyor. Mas sobrevindo a pessoa de Dom Duarte de Menezes, de tal maneira se houveraõ com sua presença, e companhia, que depois de pelejarem huma hora em pezo, sem se conhecer melhoria, ficaraõ os Mouros vencidos, e desbaratados, fugindo Almandarim com cento de cavallo; e Barráxa correndo muito perigo de ser morto, porque ao fugir, cahio o cavallo com elle, e por sua grande destreza se salvou em outro, indo lhe os nossos no alcance. Morreraõ dos nossos seis, ou sete, e feridos vinte e tres. E dos Mouros ficaraõ mortos no campo seis centos, e cativos duzentos e quarenta; e entre elles muitos, e muito nobres, e especiaes Cavalleiros. Tomaraõ cento e sessenta azemolas, quarenta cavallos, vinte egoas, vinte camellos, e outro muito despojo.

Não estava neste tempo a Cidade Çasim ociosa, nem o seu Capitaõ Nano Fernandes de Atayde com o seu Adail Lopo Barriga; antes hora hum, hora outro, faziaõ muitas vezes ao campo, e se faziaõ senhores delle, e sobre lhe não quizerem pagar o tributo devido, e sobre defenderem os Mouros, que o pagavaõ, de outros, que por isto os tratavaõ mal, déraõ estes dous Capitaens notaveis castigos a muitos, matando-os, e cativando-os a pezar dos Reis de Fez, e Marrócos, e do Xarife, senhor das Provincias de Suz, e Hea: pelo que lhe era necessario andarem sempre armados, castigando hums, e favorecendo outros. E succedendo huma vez, em o anno de quinhentos e doze, Lopo Barriga desbaratar hum lugar grande de Mouros, onze leguas de Çasim, e tratálos tão mal, que elles, por se vingarem, foraõ depois sobre hum Mouro nosso confederado, e amigo, a que **El-Rey** Dom Manoel tinha visto em Lisboa, e lhe tinha dado o governo de certas provincias tributarias, chama-

do

do Ihe Aben Tafu; e achando-o no Castello de Miravel com cento e cincoenta de cavallo sómente, déraõ nelle com oitocentos de cavallo: mas o Mouro era taõ grande Cavalleiro, que os desbaratou. E depois elle com Lopo Barriga fizeraõ muitas cavalgadas, e assim D. Luiz de Menezes, filho do Conde de Tarouca, e D. Alvaro de Noronha, que depois foy Capitaõ de Azamor, que novamente foraõ por fronteiros àquella Cidade Çasim, tambem sahiraõ muitas vezes, e fizeraõ muy bem ao que delles se esperava.

Porque alguns Mouros da Cidade Almedina nos pagavaõ tributo, e ao presente em companhia de outros, que o não pagavaõ, andavaõ levantados, fazendo guerra aos nossos confederados, Nuno Fernandes de Atayde sahio contra elles com quatro centas lanças, e alguma gente de pé, e chegando á porta da Cidade houve taõ grande revolta, e escaramuça, que houvéraõ os nossos, que fora hum grande feito em armas, não serem vencidos, nem se retirarem com vergonha, porque os Mouros eraõ muitos, e muito grandes cavalleiros, mas com tudo ficaraõ bem sangrados do nosso ferro, e alguns mortos no campo. E sahindo logo sobre os outros rebeldes, Ihe disseraõ, que andava no campo El Rey de Marrócos, elle o foy buscar, e não o achando se recolheo vitorioso, fazendo pagar tributo aos vassallos del Rey de Marrócos, e do de Fez, e do Xarife, huns com medo, outros por vontade,

Neste tempo chegou a Çasim Dom Nuno Mascarenhas com cem lanças, e logo Nuno Fernandes de Atayde, como mestre, o mandou fazer algumas cavalgadas, em que os notaveis cavalleiros mostraraõ bem seu esforço; porque huma vez commetteraõ animosamente, e poseraõ quasi em desbarato o exercito del Rey de Marrócos, e outras vezes Ihe cativaraõ muita gente, e gado; em fim como senhores campeavaõ, e se faziaõ temidos: e sahindo tambem algumas vezes com elles Nuno Fernandes de Atayde, de huma dellas com quinhentas lanças, e alguns Mouros confederados, deu sobre o arrayal del Rey de Marrócos, e tanto estrago fez nelle, que o mesmo Rey esteve quasi preso, e salvouse em hum cavallo em cõso,  
e tudo



e tudo o mais ficou nas mãos dos Portuguezes, que foy muito, e de muito preço, com hum principal mulher delRey, e quatro centos cativos.

Outra vez sahindo a huns sete centos Mouros de cavallo da Cidade Almendina, os desbaratou, e depois de ferido o mesmo Nuno Fernandes de Atayde matou hum Xequê dos principaes daquella terra que era entre todos tão estimado, que resgatavaõ a sua cabeça por grande somma de ouro, e Nuno Fernandes de Atayde a mandou pôr em hum páo alto sobre a porta da Cidade, e depois por concertos lha entregou em pazes, que logo se concluireão, por meyo de Ihe Aben Tafu, com todos aquelles barbaros nossos vizinhos. E assim posta em paz toda aquella terra, ordenou Nuno Fernandes de Atayde, que a guerra se fizesse mais ao longe a ElRey de Marrócos, e ao Xarife, e para isso deu a Lopo Barriga cento e cincoenta lanças, que com o Mouro Ihe Aben Tafu, com seus Alarabes fizessem continua guerra áquelles Reys. Os quaes estando doze leguas de Çasim, e sabendo, que ao pé dos Montes Claros, chamados antigamente os Montes Atlantes, estavaõ nove aduares de Mouros, deraõ nelles, e os desbarataraõ, matando mais de mil Mouros, e trouxeraõ cativos cento e cincoenta e oito, muito despojo, com que se recolheraõ ricos, e famosos, e de caminho cativaraõ outras cento e cincoenta almas, mas foraõ encontrar com o Xarife, que com grande companhia de cavallo, de gente cortezãa, e bem ataviada; deu nelles, e os fez retirar hum bom espaço, naõ sem muito sangue derramalo. Mas tornando sobre elle Lopo Barriga, que já se achava com duzentos e cincoenta de cavallo, o desbaratou, e lhe matou muitos, e entre elles morreo hum filho delRey de Dara; e os Xarifes se retiraraõ deixando no campo muitos cavallos. Logo foy sobre hum lugar desta mesma Commarca, dandolhe hum fero assalto, e os de dentro lançaõ pelo muro tantos cortiços de abelhas, que fizeraõ cessar logo o combate, e retirar-se tanto sem acordo, como se fora algum magico contentamento, acompanhando tambem Lopo Barriga o desastre, com receber hum ferida de muito perigo.

E tornando ás cousas de Arzilla, naõ estava nella  
descui

descuidado o Conde de Borba seu Capitão, fazendo continua guerra aos Mouros, em que lhe matava, e cativava muitos, e sempre vitorioso, até que ElRey de Fez foy sobre ella com grande poder de gente de armas, e depois de por em estreito cerco a Villa, e de ter tomado nella hum baluarte, e sobre elle perdido muitos homens, o veyo a largar; e porque em hum forte combate, que lhe deu, achou animos Portuguezes costumados a grandes afrontas, levantou de todo o cerco, e se retirou com muita perda, e vergonha. E logo no anno seguinte de mil e quinhentos, e doze veyo outra vez sobre a mesma Arzilla com grande exercito, e posto que a meteo em aperto, o Conde de Borba o fez tão valerosamente, que outra vez levantou o cerco.

## CAPITULO XIX.

*Das mais conquistas, e obras heroicas, que em Africa se fizeram, até á morte del Rey D. Manoel.*

**A**inda que ElRey Dom Manoel tinha por tributaria a Cidade Azamor em Africa, todavia desejava ser Senhor della, porque muitas vezes lhe negava o tributo, e se ajuntava com seus inimigos: pelo que determinou mandalla conquistar. E para isso em o anno do Senhor mil e quinhentos e treze mandou fazer huma poderosa armada de mais de quatrocentas velas, e dezoito mil homens de pé, de que tres mil erão do Duque de Bragança Dom Gemes, que hia por General desta armada, que tambem levava quatro centos e cincoenta homens de cavallo, e cento acubertados, e todos seus criados, e vassallos; além destes hiaõ mais de dous mil de cavallo, e duzentos acubertados, todos criados delRey, afóra a pionaagem, que estes todos levavaõ. Partido o Duque com esta formosa companhia, foy surgir duas leguas de Marzagão a 28 de Agolto dia de Santo Agostinho, Africano de nação. E porque logo acudiraõ de Azamor cinco mil homens de cavallo, e sete mil de pé, para darembatalha ao Duque, se achassem occasião favoravel, elles se acharaõ tão confusos com a vista da boa ordem do campo dos Christãos, e de seu esforço, e valentia, que provarão em al-



algumas escaramuças, que logo se foraõ a Azamor, e por seu conselho, e avizo, se aparelharaõ para poderem resistir a tão grande mal, como sobre suas cabeças já estavaõ annunciando, lançando fora da Cidade mulheres; e gente inutil na guerra, e os mais se prepararaõ, e fortificaraõ para tão grande cousa. De Marzagão partio o exercito ao primeiro de Setembro, e no caminho tiveraõ hum grossa escaramça com hum grande batalhaõ de Mouros, que foy necessario acudir o mesmo Duque em pessoa, em que de parte a parte se fizeraõ grandes cavallarias. Mas fazendo-se senhor da campanha, chegou a Azamor, e mandou logo dar o primeiro combate, com tanta ordem commettido, e com tanto fervor, e valentia, que os Mouros, ainda que muitos, e bem armados, e fortalecidos, e muito versados em cavallarias, desconfiaraõ de se poderem defender. Principalmente quando viraõ mo to de hum bombardar ao Capitão mór da Cidade, cuja vista os acabou de defenganar de todo; e sobrevindo a noite, se sahiraõ da Cidade com muita pressa por não verem o segundo combate, em que elles esperavaõ dobradas maravilhas, todas em seu damno executadas. Ao outro dia, sendo o Duque avisado do que passara, deu logo graças a Deos publicamente, e com grande triumpho entrou na Cidade, e muito mayor contentamento em o seu animo, por hum taõ grande, e taõ barata vitoria, que lhe não custou nem hum só homem. E tanto assombrou esta conquista a todos aquelles barbaros Mauritanos, que logo as Cidades Titer, e Almedina se despojaraõ, e os Portuguezes se entregaraõ dellas. Nuno Fernandes de Atayde, Capitão de Çasim, se entregou de Almedina; a cujos moradores fez logo tornar a ella, com promessas, e liberdades: e para que não se pudesse levantar mais, mandou derribar dous lanços do muro, hum da parte de Azamor, outro da de Çasim. E todas as mais cousas da Cidade novamente conquistada, ordenadas, como convinha ao governo, e defensão della, se veyo o Duque de Bragança ao Reyno, deixando encõmendada sua casa a seu primo Dom Francisco Portugal, que foy o primeiro Conde do Vimioso, e por Capitão mor do Exercito Dom João de Menezes. E ElRey Dom Manoel mandou em o seu Reyno

nos dar publicas graças a Deos por aquellas obras de sua Omnipotencia, tanto em seu louvor acabadas; e o mesmo mandou o Papa Leão X. fazer em Roma, tanto que o soube, com huma solemne Procissão, em que elle disse Missa em Pontifical, e houve prégação em louvor dos Portuguezes, e de suas heroicas obras pela exaltação da Fé, e augmento de sua Igreja.

E não estranheis proceder ElRey Dom Manoel nestas conquistas de Africa com tanto fervor, e tantos gastos, porque se mostrou a ellas tão afeiçoado, que costumava dizer muitas vezes, que as empresas de Africa eraõ suas proprias, e as das mais Provincias sómente de seus vassallos.

Partido o Duque de Bragança, e ficando Dom João de Menezes por Capitão mor do Exercito, como diziamos, não deixava hum só momento de fazer cruel guerra aos Mouros: e então mais prompto nella, porque para saber com o desejado fim tinha mais poder, e melhor occasião para novas empresas, de que sempre alcançava vitoria, destruindo de huma vez a Villa de Benacafiz; e Dom Bernardo Manoel com parte dos cavalleiros, fazendo o mesmo a outra chamada Tafu, que ambas foraõ saqueadas, e queimadas, a pezar de muita resistencia, que nella acharaõ, por serem seus moradores espeziaes cavalleiros, que foy tambem causa de se estimar mais a vitoria. Neste mesmo anno 1513. Nuno Fernandes de Atayde Capitão de Çasim com 400 lanças, e Ihe Aben Tafu com dous mil Alarabes de cavallo, e sete centos de pé, ambos juntos foraõ sobre a Cidade Tednest da Provincia de Hea, que era o regalo do Xarife senhor della, que os esperou com todo o seu poder, antes que chegasssem a ella: e Nuno Fernandes de Atayde, por dar honra a Ihe Aben Tafu, a sua petição o deixou com o Xarife, ficando elle á vista, onde os Alarabes confederados o fizeraõ com tanto animo, e valentia, que o Xarife foy desbaratado, fugindo vergonhosamente. Nuno Fernandes Ihe foy no alcanse; matando, e cativando grande numero delles, e ainda ficáraõ nas mãos aos vencedores mais de duas mil cabeças de gado grosso, e miudo; e mais de tres mil camellos, cavallos, e outros animaes de serviço.



1514.

Passada esta victoria, logo o anno seguinte de 1514: foybe Dom João de Menezes, que ainda estava em Azamor, que os Reys de Fez, e Maquinez se apparelhavaõ para virem com todo seu poder sobre Azamor, e para começar a guerra, e cerco, mandavaõ diante dous seus Alcaides famosos; com muitos, e bons cavalleiros, e gente de guerra, que por todos eraõ quatro mil de cavallo, e grande numero de pé. E parecendo a Dom João de Menezes, que desbaratando estes Alcaides, se escusaria o cerco, que os Reys lhe queriaõ pôr, se ajuntou com Nuno Fernandes de Atayde com as suas quatrocentas lanças; e com o Mouro amigo lhe Aben Tafu, com mil, e quinhentas lanças, e elle com oitocentos homens de cavallo, e mil de pé; deraõ todos sobre os Alcaides, que confiados em sua multidaõ, e fama, os receberaõ com muito animo, e com o mesmo se começáraõ a defender como cavalleiros, mas os nossos com tanto impeto, e fervor entraraõ, e continuáraõ a batalha, que foraõ os Alcaides desbaratados, ficando hum delles morto no campo, com mais de dous mil e seis centos de cavallo; e o outro se salvou deixando a lança, adaga, e cavallo, para com mais dissimulaçaõ, e ligeireza o poder fazer. Morreraõ mais sete Xeques, pessoas entre elles de grande authoridade, e da gente de pé hum grandissimo numero. Cativos houve muitos de toda a sorte, e todas as mulheres dos Xeques, e muy rico despojo.

Antes que estes dous Reys foubessem o desbarato de seus Alcaides, ajuntáraõ todo o seu poder, e com elle caminhou ElRey de Maquinez para Azamor, e levava tanta gente de pé, e de cavallo, que esteve em passar o rio sete dias, e pelos caminhos, e povoaçoens, por onde passava o seu exercito, deixava tudo comido, e gastado, e destruido. Mas nem com esta multidaõ, e vontade, que levava muy acceza, ousou cercar Azamor, atemorizado do desbarato de seus Alcaides; nem destruiu lhe Aben Tafu, como levava no seu peito; antes este bellicoso Mouro o tratou taõ mal, que lhe poz o seu numerozo campo em desbarato, com tanto menos poder, que lhe foy entre aquelles barbaros muy louvada fama, e a ElRey eterna infamia; porque fez nella o valente Mouro obras de  
taõ

taõ esforçado cavalleiro , que espantou a todos. E ate os Mouros da Xerquia tomaraõ tanto atrevimento contra o pouco, que ElRey de Maquinez fizera, com tanto poder contra taõ poucos, que lhe sahiraõ ao caminho, e o acabaraõ de desbaratar, cativandolhe mais de mil homens, e oito centos cavallos.

Naõ logrou muito estas vitorias Dom Joaõ de Menezes, porque em o anno de mil e quinhentos e quatorze morreo em Azamor de huma mortal infirmitade, a tempo, que ElRey Dom Manoel lhe tinha mandado havia poucos dias muitos agradecimentos dos aslinados serviços, que lhe fazia, e das famosas obras, que em seu nome acabava, rogandolhe muito por seu amor quizesse ainda ficar naquella nova Cidade mais dous mezes, passados os quaes, viria receber o galardão de seus serviços, que lhe satisfaria como merecia. Sua morte foy muito lamentada naquellas partes de Africa, e neste Reyno com muita razãõ sentida; e até os inimigos, que tinhaõ já provado o seu braço, mostraõ nella notavel sentimento, e quasi naturalmente devido aos grandes Cavalleiros, dos outros, que saõ havidos por tae; e assim era bem que seus amigos, e inimigos mostrassem este reconhecimento de louvor em sua morte, pois huns, e outros, e todos em sua vida, lhe concediaõ os primeiros merecimentos, por onde elle se alcança. De cujas heroicas obras, de aviso, prudencia, e cavallaria nascidas, se pudera dizer muito, se este lugar, e a brevidade, com que vou relatando estes successos, o soffera. E succedeo-lhe na Capitania D. Pedro de Sousa, que depois foy Conde do Prado.

Tambem neste tempo naõ estavaõ em a Cidade de Ceuta ociosos os que a defendiaõ; porque Dom Pedro de Menezes Conde de Alcoutim, filho do Marquez de Villarreal Dom Fernando, residia entãõ nella por mandado delRey; e como extremado Cavalleiro, naõ cessava de inquietar os Mouros de sua conquista, fazendo-lhes taõ cruel guerra, que naõ podendo elles soffrer a continuação dos seus duros assaltos, vieraõ a desamparar suas herdades, Castellos; e seus campos, e naõ se davaõ por seguros, senaõ em as Villas cercadas. E entre estas emprezas, em que de continuo se occupava, huma vez em o mez de Ju-



lho do mesmo anno de mil e quinhentos e quatorze, em que hora fallamos, com muy pouca gente foy no alcanse de hum grande companhia de Mouros, matando, e alanceando nelles, até as atalayas de Tetuaõ vitorioso: com tanto espanto dos Mouros daquellas Commarcas, que muitos se foraõ para Fez, e outros ia outras Cidades fortes; e outros se fizeraõ Vassallos del Rey de Portugal, para viverem livres, e seguros deste seu Capitaõ. O qual em o mez de Outubro deste mesmo anno, sabendo que dous irmãos del Rey de Fez vinhaõ sobre Ceuta com dez mil lanças, e muita pionagem, por mar, e terra muy furiosos, e bem apercebidos, se apparelhrou para os receber com o seu costumado esforço, e chegando elles á vista da Cidade, logo lhe sahio ao encontro com cento e cincoenta de cavallo, e deu nelles com muito animo; mas por serem os inimigos muitos, se veyo retirando para os vallos, dando, e recebendo lançadas, com as quaes apertaraõ tanto, que foy entrado de muitos, sobre os quaes logo voltou com duzentos e cincoenta de cavallo, e se houve com elles com tanta valentia, que matou duzentos, a tempo que chegáraõ os dous irmãos muito poderosos, aos quaes naõ podendo resistir, se recolheo para a Cidade com tanta ordem, e destreza, que lhe naõ matáraõ mais de hum só homem dos seus, deixando elle mortos no campo muitos Mouros, e alguns delles de authoridade, e fama.

Neste mesmo anno, vindo Diogo Lopes Almocadem de Çasim com certos camellos carregados de trigo do tributo da Xerquia, para aquietar certas differenças, que sobrevieraõ entre os Mouros, que traziaõ as cargas, e o Adail de Azamor, tomou quatrocentos delles, todos de cavallo, com vinte e sete Portuguezes, e se foy correr a Marrócos; e antes que chegassem, huma legua acharaõ huns Aduares, que logo desbaratáraõ, matando muitos, e cativando 53; tomáraõ mais dez mil ovelhas, e 300 camellos, e outro muito despojo. E alguns destes Mouros de sua companhia se adiantáraõ tanto, que chegáraõ ás portas de Marrócos; onde batendo com os contos das lanças, disseraõ em altas vozes: viva El Rey D. Manoel nosso senhor. A esta afronta, que era a mayor que

que aquella grande Cidade tinha até então recebido, acudio o seu Rey em pessoa com tanta gente, que então alli tinha: e ainda que a grande magoa lhe deo ouladiã para commetterem animosamente os que tanto os aggravação, todavia não foy parte, para lhe impedirem trazerem sua cavalgada a salvamento, ainda que á custa do sangue de muitos; e da vida de alguns. E o Almocadem entrou em Çasim vitorioso, e com muitos cativos, e grandes riquezas. E foy esta vitoria havida portaõ honrada, que chegou a inveja, não sómente aos principaes Fidalgos, e Cavalleiros, que então se achavão na Cidade, mas ainda ao proprio Capitaõ Nuno Fernandes de Atayde, que della levou melhor parte de proveito.

Poucos dias depois desta vitoria, Dom Affonso de Noronha, herdeiro do Conde de Odemira, com duzentos homens de cavallo, e Lopo Barriga com cento, e Ilhe Abentafu com mil lanças dos seus Mouros, sahiraõ de Çasim, e foraõ sobre quarenta Aduares, que estavaõ vinte e cinco leguas de Çasim: e encontrando-se com elles, houve grandes façanhas de parte a parte, e muitos mortos, e feridos: mas os Portuguezes apertaraõ tanto com os Mouros, que os desbarataõ, e cativaraõ quinhentos, e trouxeraõ quatro centos camellos, e mais de mil cabeças de gado grande, e vinte mil do miudo. E vindo com esta cavalgada caminhando tornaraõ á ser acõmettidos animosamente de grande numero de Mouros: mas assim como da primeira vez, tambem desta ficaraõ vencidos: mas com mayor trabalho, e mais mortes de parte a parte dadas, e recebidas, e entraraõ com toda esta preza em a sua Cidade vitoriosos.

Tambem em este anno de mile quinhentos e quatorze em Arzilla houve cavallarias notaveis; porque vindo se Dom Vasco Coutinho, Conde de Borba, a este Reyno a negocios de importancia, deixou em seu lugar, e Capitania seu filho Dom Joaõ Coutinho, que depois foy Conde do Rodondo, Cavalleiro muito esforçado, e nas cousas da guerra muito industrioso; e taõ continuo nellas, que poucos dias se viaõ aquelles campos sem sua presença, e sempre vitorioso. E entre as mais notaveis está posta em memoria, que indo elle, com cento e quarenta lan-

1514



ças correr a Serra do Farrabó, bem conhecida, por ser habitada de valentes Cavalleiros, encontrou no caminho com huns Alcaldes famosos do Reyno de Fez, que com oito centas lanças hiaõ a correr a Tangere; e com elles houve hum a brava, e cruel batalha, de ambas as partes bem pelejada, que se rematou com serem os Mouros desbarados com morte de duzentos, alguns delles parentes dos Alcaldes, e outros muitos nobres, com hum parente del Rey de Fez: houve tambem muitos cativos de toda a sorte, e com noventa e seis cavalloos sellados, e enfreados, e com ricos jaezes, e guarnicimentos.

1514.

Pouco depois Lopo Barriga com cincoenta homens de cavallo Portuguezes foy em favor dos Mouros confederados de Xiatima, a que o Xarife fazia continua guerra; e depois de desbaratar os que lhes faziaõ mal, o mesmo Xarife em pessoa acudio aos seus com mil e seis centas lanças, a tempo, que já estava com Lopo Barriga, Jorge Mendes de Atayde, que Nuno Fernandes de Atayde mandara com cincoenta lanças. Os quaes juntos com os Mouros de pazes, esperaraõ o Xarife, e com elle se houveraõ com tanta valentia, que o desbaratareaõ, e puseraõ em fugida, matando muitos, e os mais delles dos principaes da Corte, com quem mostrou Lopo Barriga exceder em valentia a muitos dos famosos de teu tempo. Passada esta quebra, naõ esteve muitos dias o Xarife, sem tornar a provar o nosso ferro; porque o mesmo Lopo Barriga, e Alvaro Mendes Serveira, sobrinho de Nuno Fernandes, com duzentas lanças, e quinhentos homens de pé, e alguns Mouros de pazes, déraõ em a villa de Anagor, onde o Xarife estava; e taõ bravamente se houveraõ com sete centos Mouros de cavallo, que lhe sahirã ao encontro, que os desbaratareaõ todos, e aos mais, que na Villa ficavaõ, espantaraõ de maneira, que o Xarife fugio deixando muitos mortos, e cativos quatro centos, e entre elles hum seu tio: e muy rico despojo, e cento e cincoenta camellos, ricamente jaezados, com que os Portuguezes entraraõ em Casim vitoriosos, e ahi foraõ de todos recebidos com muita honra, e naõ menos inveja.

E para que acabemos de contar las obras, que nes-

te anno de mil e quinhentos e quatorze os Portuguezes 1514.  
fizeraõ naquellas partes, haveis de saber, que Lopo Barriga com o seu animo incantavel, e cento e cincoenta lanças, e alguns de pe, e Mouros de pazes, foy sobre o Castello de Argel, onde o Xarife estava taõ bem acompanhado, que commetteraõ a Lopo Barriga huma multidão de Mouros taõ esforçados, que o pozeraõ quasi em desbarato, e a sua propria pessoa tomaraõ ás mãos, e muito mal ferido: mas elle ainda em tal estado naõ se dando por vencido, tanto fez, e trabalhou, que em hum cavallo dos que o tomaraõ, se salvou quasi miraculosamente. Do que querendo-se vingar logo, ao outro dia sahio a elles, mas sendo desamparado dos Mouros amigos, que consigo levava, se vio quasi em outro mayor perigo, defendendo-se fora de toda a esperança, ate que lhe acodiraõ com trabalho, por andarem os Mouros muitos, e vitoriosos.

No anno seguinte de mil e quinhentos e quinze chegou a tanto o forte, e invencivel animo de Nuno Fernandes de Atayde, que desprezando os evidentes perigos, que no lertaõ de Africa cada dia se achãõ, e superando todas as fildas, a que os Mouros della saõ muito afeiçãoados, passou por tudo, até chegar á populosa Cidade Marrocos, pelas suas maçãs de ouro muito celebrada, e com pouca gente hindo alanceando hum bom numero de Mauritanos, foy tanto o terror, e espanto nos daquella Cidade, que sem darem favor aos que fugiaõ, fecharaõ as portas, e se poseraõ em armas, cuidando, que toda a Christandade sobre elles hia. Mas depois que viraõ, quaõ pouca gente os espantava tanto, sahiraõ fóra em bastante numero, para se desaggravarem de outros muitos mais inimigos: mas o fortissimo Atayde com quinhentos Portuguezes de cavallo (que he a gente, com que naquellas partes se peleja) e com elle Dom Pedro de Sousa, Capitaõ de Azamor, e alguns Mouros de pazes, de tal maneira se houve com elles, que naõ recebeo mayor perda, que ficar fóra da Cidade, mas rico dos despojos dos vencidos, e cansado de alancear nelles. E o Rey della derramando com triste vulto copiosas lagrimas, que o seu grande sentimento demonstravaõ, Todavia houve



muitos feridos da nossa parte, e entre elles Lopo Barriga foy lançado do cavallo mal ferido.

Gees 3. p.  
cap. 74.

Não estava a este tempo ocioso em Arzilla Dom João Coutinho filho do Conde de Borba; porque enfadado das muitas vezes, que lhe vinhaõ correr a terra os Mouros de Aljubilá, formosa Villa na Serra do Farobo, se ajuntou com Dom Duarte de Menezes, Capitaõ de Tangere, e dando sobre elles poderosamente, tiveraõ humma boa escaramuça com seus moradores, que lhe sahiraõ ao encontro: com os quaes entrando de envolta, queimaraõ, e destruiaraõ a Villa, e toda aquella Serra, de maneira, que ficou a mayor parte da Provincia em condição de se despovoar. E depois foy-se o mesmo Dom João Coutinho prover de carnes á Villa Tintaixe, junto de Alcacer Quibir: empreza, ainda que muito difficilissima, que a necessidade facilitou de modo, que com duzentos e cincoenta de cavallo a entrou, e desbaratou, e saqueou, e se proveo do que buscava com muita abundancia: mas não sem grande trabalho; porque lhe vieraõ sempre ladrando nas costas trezentos homens de cavallo, e elles a seu pezar vitoriosos se recolheraõ com sua cavalgada. Não tardou muito ElRey de Fez, que lhe não viesse logo pôr hum cerco muy poderosamente com cem mil homens de peleja, em que entravaõ trinta mil de cavallo: a que Dom João Coutinho soube resistir com tanto animo, e acordo, que primeiro que fosse entrado, foy soccorrido deste Reyno com tanto fervor, e em tanto numero, que ElRey de Fez receando aventurar todo o seu poder em humma só batalha, se retirou do cerco vergonhosamente, e sahindo-lhe D. João nas costas, houve muitos mortos, e cativos.

Neste anno em o mez de Mayo sahio Nuno Fernandes de Atayde com quatrocentos e trinta Portuguezes de cavallo, e quatro mil Mouros confederados, a castigar alguns rebeldes, e outros, que aos vassallos delRey de Portugal faziaõ guerra, e achando-os junto aos Montes-claros, deu sobre elles com tanto esforço, que os desbaratou a todos, sem delles se salvar, senaõ o seu Capitaõ Raho benxamut com poucos. E porque este Mouro era o mais esforçado, que naquelle tempo se sabia em to-

da Mauritania, logo veyo ao caminho com oitenta de cavallo, e encontrou a gente de Nuno Fernandes com muito impeto, e valentia. Mas não podendo melhorar-se por força de armas, tratou de o fazer, convocando os Mouros de pazes da companhia dos nossos: nem ainda isto podendo alcançar, hia traz elles ladrando, e escaramuçando, com quem lhe sahia: até que huma sua mulher, chamada Hora, que hia cativa, e d'elle era muito amada, se lhe queixou muito com palavras a seu modo de amor, pedindo-lhe, que a livrasse de poder de Christãos, a que o valente Mouro respondeo com outras semelhantes, e entre ellas lhe disse, que o dia era grande, e o vencimento estava em Deos, e o esforço em seu braço. Com as quaes, e outras palavras, tanto se inflâmou o Mouro em o amor da mulher, que fazendo huma notavel pratica aos seus, logo se começaram a mover em vingança, e pelo livramento da formosa Hora: e com este fervor mais esforçados, arremetterão os Christãos com tanto animo; que foy necessario acudir a pessoa de Nuno Fernandes de Atayde; e não fazendo calo dos Mouros, por serem poucos, trazia o grojal desabrochado, e zombando do encontro, dizia, que lhe não matasem os seus mourinhos, que elle andava criando: mas não lhe durou muito este desprezo; porque o namorado Mouro lhe tirou com huma azagaya tão bem apontada, que lhe atravessou a garganta pela abertura do grojal, com que logo cahio morto o grande Nuno Fernandes de Atayde, o mais industrioso Cavalleiro, que em seu tempo heuve em Africa; e tão incançavel em os negocios da guerra, que de amigos, e inimigos era chamado communmente nunca está quedo. Porque com mettia tantas empresas por caminhos tão incognitos, e desacostumados, que nem os Mouros sabião, onde estivessem d'elle seguros, nem os Christãos podião conjecturar, onde haviaão de pelejar. No qual trabalhoso exercicio, mas de muito proveito, e honra, continuou com igual curso ao de sua vida, até que morreo; como hora ouviste. Ao qual logo se seguirão tantas differenças sobre quem lhe havia de succeder, que os Mouros confederados, e que na vitoria ajudaraão muito, convocados pelos outros, que detraz os seguião, ou por



ventura, parecendo-lhe occasião conveniente para poderem ser companheiros com elles no roubo, se ajuntarão todos, e dando sobre os Christãos, que embaraçados acharão, e entre si differentes, com muita facilidade os venceraõ, e de todo desbarataraõ, e mataraõ quasi todos os mais nobres da Companhia, e os mais esforçados della. Com que o namorado Mouro Rahobexamut se houve por vingado, e a mulher tão agradecida, que lhe pagou este amor dalli alguns annos; deixando-se morrer sem comer, nem beber, sobre o corpo do marido morto tambem de hum lança de remesso pela garganta. Nesta desventura ficáraõ cativos cincoenta Cavalleiros Portuguezes, alguns delles Fidalgos, e esforçados; e entre elles o foy tambem Lopo Barriga, o qual, e alguns dos outros vieraõ depois a poder do Xarife, que por se vingar dos males, que Lopo Barriga lhe tinha feito, o tratava mal, e alperamente em o cativoiro. Mas era tal a fama de seu esforço por aquellas partes, que de muy longe vinhaõ muitas pessoas a Marrócos, somente a ver hum homem, de que tanto espanto havia entre elles. Hum destes foy hum valente Mouro de Tremecem, o qual entrando em hum estrebearia, onde estava prezo, e carregado de ferros Lopo Barriga, se chegou a elle, e como por escarneo lhe disse: Tu es o Christão, de quem se contaõ tantos feitos valerosos em armas? quizera, que estiveras em liberdade, porque eu te arrancara essas barbas; e alargando a mão, lhe pegou dellas. Mas o animoso Portuguez não podendo soffrer, ainda naquelle estado, o atrevimento, e insolencia, com hum pão, que achou alli junto, lhe deu na cabeça com tanta força, que cahio logo morto; e querendo fazer o mesmo a outros, elles se pozeraõ em salvo, e o foraõ dizer ao Xarife, que mandando-o levar ante si, lhe disse, que atrevimento fora o seu em matar tão honrado Mouro? mas com a sua resposta ficou o tyranno Rey defenganado; porque lhe disse logo, que mayor atrevimento fora o do Mouro querer-lhe arrancar as barbas estando cativo, que elle não ousára commetter, se em outro estado o vira. Palavras, que em qualquer presença de animo generoso houveraõ de ser muito louvadas, e o tyranno Xarife as recebeu tanto ao

contra-

contrario, que lhe mandou logo dar dous mil açoutes, tão crueis, que a camisa se lhe fez em pedaços pegada nas costas, sem elle mostrar algum sentimento: e com estas soffreo outras muitas injurias, e vituperios, até que mandou a propria camisa a ElRey Dom João III, que considerado o merecimento de sua pessoa, e o trabalho que passava, o mandou logo reigatar em o anno de 1524. 1524. Mas da hi a poucos dias sahio de Casima huns Mouros, que corriaõ a terra, e atravessando por hum caminho fundo, hum mancebo Mouro lhe atirou com huma lança, com que lhe atravessou a graganta pelo proprio lugar, que a Nuno Fernandes de Atayde, e ao valente Rahobenxamut, que todõs tres foraõ semelhantes na morte, e no esforço, e fama os mais notaveis, que todos os mais, que houve em muitos tempos em todas aquellas provincias. Outra cavallaria, a que chamaremos espiritual, aconteceu neste anno de 1516, em Africa a hum natural della, já feito Christão, chamado Gonçallo Vaz, e tinha por officio Almocadem, por saber bem a terra, e ser homem de muita confiança. Porque vindo elle de Tangere para Azilla em huma caravela, foy salteado de duas fustas de Larache, e sem resistencia o cativaraõ, e os de sua companhia, por elle vir muito enfermo. E porque sendo Mouro de naçaõ, e ley, se fizera Christão, e porque como tal fazia contra seus naturaes muitas cousas de importancia, o matáraõ com estranha crueldade: dous dias o tiveraõ em tormento crucificado em huma Cruz aspada, e nella o acanaveáraõ, e tiráraõ pouco, e pouco as unhas dos pés, e das mãos, sem nunca tão duro tormento lhe fazer esquecer o Nome de JESU, em quanto teve linguas, e depois que por esta causa lha tiráraõ, ainda com muitas horas de vida, passadas ellas, e elle para a gloria, lhe acháraõ o mesmo Nome de JESU escrito no coração. Mercê de Deos concedida a poucos Santos. E outro seu irmão também já feito Christão, e muito esforçado cavalleiro, em vingança de tão injusta morte fazia todo o damno, e guerra, que seu poder, e industria alcançava, aos Mouros daquellas partes; e neste exercicio todo occupado, tantas vezes se aventurou, que huma veyo a cahir nas mãos de seus inimigos, com seu irmão, e com a mesma

Dam.ão de  
Gots ubi  
sup.



cruel lade o mataraõ; mas com differente martyrio. Abetu-  
maraõ lhe todo o corpo com estopas, breu, e alcatraõ, e  
assim lhe poseraõ o fogo, que pouco, e pouco o abrazou  
todo, de que morreo em idade de vinte e cinco annos.  
Mas ainda que o genero de morte foy differente, a cons-  
tancia, e fé foy igual em ambos com notavel admiração de  
toda Mauritania.

Eraõ ambos Mouros de nascimento, e em seus  
nefandos costumes criados, e nem esse antigo uio lhes im-  
pedio hum ponto da paciencia Christãa, e a gloria do  
martyrio, que por ella merecem os que na consiliaõ da  
fé daquella maneira acabaõ. E ainda que estes dous, e  
outros semelhantes, que em nossas conquistas assim aca-  
baraõ, não alcançaraõ nesta vida serem escritos em o ca-  
talogo dos Santos Martyres, lá no Ceo estaõ já suas al-  
mas no lugar de seus merecimentos collocadas, e seus  
nomes escritos no livro da vida com o sangue, que por Je-  
su Christo derramaraõ.

Dom Alvaro de Noronha, que succedeo na Capi-  
tania de Azamor, fez nella obras de notavel Cavalleiro,  
dando, e recebendo mortes, e trabalhos, que naquella  
ocasião senaõ havia por pouco; porque governava entaõ  
aquella Capitania mais de quinze mil Mouros de cavallo,  
todos vassallos, e tributarios, e confederados. Mas elle  
não cessando de continuar a guerra, em menos de dous  
annos em muitas vezes, que sahio, somente com du-  
zentas e cincoenta lanças, e algumas vezes menos, ca-  
tivou mais de dous mil Mouros, homens, e mulheres,  
e matou hum grande numero delles; com tanto risco de  
sua pessoa, que junto a Tamarrocos, Villa onze leguas  
de Azamor, depois de alcançar huma grande vitoria, o  
seguiraõ taõ grande multidaõ de Mouros de cavallo, e  
de pé, que lhe foy necessario ser elle dos primeiros, que  
lhe sahio ao encontro, onde andando ás lançadas, e aca-  
bando de atravessar hum valente Mouro, lhe deraõ sobre  
o capacete com hum garrochaõ taõ grande golpe, que  
logo cahio do cavallo, tanto sem acordo, que sempre  
acabara alli, se Vasco Fernandes Cesar, seu Adail, e  
hum Martim Gil, e outros alguns, lhe não acodiraõ pe-  
lejando taõ bravamente, que o pozeraõ outra vez a ca-  
vallo;

vallo; onde tornando a seu acôrdo, se veyo retirando pouco apouco pelejando sempre, mas com toda sua calvalgada; com o qual poz tanto espanto em todas aquellas cablidas as mais bellicolas de toda Mauritania, que muitas dellas se fizeraõ tributarias, e os rebeldes se reduzi-  
raõ logo, e ainda se haviaõ por bem andantes. E outra vez entrando outra Villa, tambem das guerrreiras daquelle terra, o seu Adail Vasco Fernandes Cesar se mostrou avantajado a muitos em armas: entrando hum alcraõ, onde estava recolhido hum batalhaõ de Mouros bons cavalleiros, com os quaes se travou com tanto fevor, e valentia, que veyo a braços com alguns dos mais valentes, e vencendo-os, os passou a todos á espada. Pelo qual mereceo, que ElRey Dom Manoel o mandasse o anno de mil e quinhentos e vinte andar de armada guardando aquelle estreito. Não estavaõ em Arzilla neste tempo ociosos Dom Joaõ Coutinho Capitaõ mór, e Dom Manoel Mascarenhas seu cunhado; porque revezando-se, hora hum, hora outro, faziaõ suas entradas pela terra dentro, e sempre se recolhiaõ vitoriosos, ainda que algumas vezes achavaõ tanta resistencia, que se viaõ em grandes perigos. Mas elles o faziaõ com tanto esforço, que ElRey de Fez, que em extremo desejava alcançar daquelle Villa alguma vitoria, nunca pode fazer mais, que acrescentarlhe honra, e cativos, que deixava naquelles campos as muitas vezes, que com grande poder vinha a elles provar sua ventura.

1520.

Tambem em a Cidade Casim Dcm Nuno Mascarenhas, seu Capitaõ mór, continuou a guerra contra Mouros com felicidade, sabindo muitas vezes ao campo, e entre elles foy huma mais notavel, dando sobre cem aduares de valentes Mouros com duzentos e cinccenta Portuguezes de cavallo, e cento e vinte de pé, com tanto impeto, que matou trezentos, e cativou cento e setenta e seis, e grande somma de gado, que depois lhes largou, para que entendessem, que não estimava a vitoria, se não por castigar os rebeldes á invencivel Coroa de Portugal. E depois de poucos dias com duzentos e sessenta de cavallo, e sessenta de pé, se meteo pela terra dentro mais de dezaseis leguas, por entre grande numero de

1520.

leões.



leões; e outras feras, que o commettiaõ com muita braveza, e elle pissando por tudo, deu sobrecinco aduares de taõ valentes Mouros, que esteve a vitoria em conjição de ser contra nós; mas foraõ os Mouros desbaratados, com muitos mortos, e cativos, e rico despojo: com que se veyo recolhendo quasi sempre as lançadas com cem Mouros, que o vinhaõ seguindo, rodeados de muita pionenagem. Contra os quaes elle se mostrou taõ destro, e esforçado, que se pode recolher com sua cavalgada a Çasim, espantando toda aquella barbaria, e dahi a tres dias se fizeraõ vassallos muitos Mouros, que dantes lhes faziaõ cruel guerra.

Tambem na Cidade Ceuta havia vitorias, e trabalhos neste tempo; porque estando nella por Capitaõ Gomes da Sylva de Valconcellos, soube, que duas fustas de dous irmãos Mouros, moradores em Tetuaõ, faziaõ grandes roubos em todo aquelle estreito, de quatro annos aquella parte, sem haver quem lho impedisse, por serem estes Mouros valentes Soldados, e andarem acompanhados de outros muitos, com que se faziaõ superiores a outras mayores companhias. Pelo que a esta empresa mandou dous filhos seus em dous bargantins bem armados: hum dos quaes, que se chamava Miguel da Sylva, se adiantou tanto, que pode encontrar-se só com hum das fustas, com a qual investindo, ella o encontrou, e tratou de maneira, que os seus Soldados Portuguezes se meteraõ debaixo da cuberta, donde elle acudindo, os lançou fóra á força de lançadas; e com as mesmas se houve com os Mouros. E como tinhaõ a vitoria taõ certa, tornaraõ a entrar no bargantim outra vez acompanhados do seu Capitaõ, que commetteo a entrada com tanto animo, que esteve o bargantim readido: mas o Capitaõ Miguel da Sylva neste instante com hum lança de remesso, quasi já desesperado, atravessou o Capitaõ Mouro, e com esta morte começaraõ a tratar de se defender, que para mais não havia forças, nem animo. E principalmente o Capitaõ o fez com tanto esforço, que dilatou a conclusão da batalha, até que chegou seu irmão, que logo fez varar a fusta em terra, onde seu pay estava com gente de cavallo, com que os Mouros ficáraõ todos cativos;

tivos, e fusta em poder das nossas, que a este Capitão Miguel da Sylva receberão com grandíssima honra, bem merecida pelo que fez esta vez, e outras muitas, em que sempre chegava a acabar com sua pessoa, cousas, de que os seus amigos tinham inveja, e os inimigos espanto.

Neste mesmo anno de mil e quinhentos e vinte, aconteceu em Arzilla hum caso digno de louvor: e espanto, e galante, e pouco para imitar. Andando ElRey de Fez por aquelles campos fazendo continua guerra aos nossos, e estando então bem junto de Arzilla com muita gente toda encuberta, esperando alguma boa occasião; a calo vio sahir da Villa vinte cavalleiros, e cuidando serem Almogaraves, mandou que os esperassem quatro centos de cavallo, que bastavaõ segundo seu parecer para os tomarem ás mãos. Mas assim como nisto, se enganou em o mais, porque elles eraõ cavalleiros moradores em Arzilla, que para a saude de hum Soldado velho seu amigo, chamado Diogo Pirez, e estava doente de Pthifica, hiaõ ao rio doce buscar cágados. Os quaes andando na pesca muito embebidos, por ser o dia de muita calma, e fazerem grande grita nadando, e pescando, não sentiraõ os Mouros, senão a tempo, que o não tiveraõ para mais, que para se pôrem acavallo, sem mais vestidos, nem armas, nem sellas, nem freyos, e sómente com algumas lanças, em que os cavallos estavaõ atados; assim nũs remeteraõ aos Mouros com tanto esforço, que passaraõ por entre elles, dando, e recebendo golpes; mas nenhum delles sahio ferido, com espanto de todos, a que tamanha ousadia, e tão estranho accommettimento parece tolheo as mãos para lhe não poderem tolher que não passassem, e chegassem a Arzilla a tempo, que Dom João Coutinho estava fóra da porta vendo o que era, pelos ter a elles já por mortos, ou cativos, e de tamanha novidade com razão confundido; quando mais se chegáraõ, mais se desfaziaõ em rizo, porque assim nũs vinhaõ com tanto fervor, como se vieraõ armados, e da mesma maneira quasi todos entraraõ na Villa publicamente; e outros mal cubertos, com que á vista das pessoas della dobravaõ o riso; e contentamento. Dom João lhe fez mercê, e ElRey de Fez, quando soube o caso, o festejou muito, e louvou o



esforço, sobre todos os que seus olhos tinhaõ visto: e não vos espanteis de assim o fazer, porque era especial cavalleiro, e prezava-se muito dillo.

Poucos dias depois passava de Arzilla para Tangere huma caravella carregada de mulheres, e fazenda, e fazendo seu caminho com a segurança costumada, foy salteada de huma fulta de Mouros corsarios, bem armada, que logo saltaraõ dentro, quasi sem resistencia. Mas dous irmãos, João Coelho, e Ayres coelho, e hum Grimaldo pescador, por não haver na caravella mais gente, que pudesse pelejar, lhe sahiraõ ao encontro, e lhe resistiaõ com tanta braveza, e valentia, que foraõ os Mouros rebatidos, e lançados fóra, hum a vez, e outra, que não vendo mais que tres defensores, tornáraõ a entrar dentro quinze os mais valentes, e bem armados, a que os tres receberam, e trataraõ com tanta aspereza, que matando alguns, e ferindo os outtos, ficáraõ livres de todos, desafferrandose a fulta bem fustigada, e espantada: mas nem por isso deixáraõ de os seguir ás espingardadas, de que tambem se defenderaõ, tomando o valente Grimaldo o seu fogaõ, e lançando-o na fulta, com que matou, e cegou alguns, e ferio muitos: do que obitinados os outtos, ás espingardadas determináraõ vingar-se, e sempre o fizeraõ, senaõ sobrevieraõ duas naos biscainhas, de cuja vista se acolheo a fulta a Larache, e a caravela a Tangere, onde foy recebida com muito alvoroço, e o esforço dos tres cavalleiros havido por monstruoso: e para ser mais conhecido, e louvado no mundo, não lhe faltou mais que não serem Portuguezes, que a outros muitos feitos não inferiores a este tem dado a morte com o silencio.

Estando Dom Francisco de Castro por Capitaõ do Castello de Santa Cruz; na Villa de Cabo de Aguer, sahia muitas vezes ao campo como bom cavalleiro, continuando sempre a guerra contra aquelles Mauritanos. E enfadado dos continuos assaltos, que lhe faziaõ os moradores da Villa de Turuquiquo, foy sobre ella, e a entrou por força de armas, e destruhio, matando, e cativando quasi todos seus moradores. E a todos os Christãos mercadores, que nella estavaõ, prendeo: e achando serem os mais delles

dellas Genovezes ; e Levantifcos, mandou dizer a ElRey D. Manoel, que havia de fazer daquelles Chriftãos; por que os feus Soldados, e cavalleiros, que foraõ na vitoria, lhos pediaõ para venderem, como a Mouros, e que elles por taes se podiaõ haver, pois taõ foltamente contra os preceitos Chriftãos, Divinos, e humanos, viviaõ entre Infiéis, e com elles tratavaõ em mercadorias defefas, e prejudiciaes á Chriftandade.

E neste mefmo anno de mil e quinhentos e vinte, mandou ElRey Dom Manoel a Vasco Fernandes Cefar, que com huma caravella guardaffe aquelle eftreito, e elle o fez fempre com tanta ventura, e valentia, que alcançou mil vitorias, e a poder dellas fe fez muito temido daquelles barbaros. E porque huma vez com grande perigo de fua peffoa, efpanto de todos, os que o viraõ, desbaratou leis galeotas de Mouros, mereceo que ElRey lhas delle por armas, como demostradoras daquella vitoria, que feus descendentes trazem já hoje muito accrefcentadas de outras nobrezas.

Em Azamor tambem havia vitorias principalmente grangeadas por hum Mouro amigo, grande fenhornaquellas partes, que aggravado delRey de Fez, fe fez vafalllo delRey Dom Manoel, e mandou a ifto hum irmão a efte Reyno. Mas como era taõ poderoso, e efpecial cavalleiro, e por eftas qualidades entaõ mais temido delRey de Fez, tanto foubenegocear, que fe reconciliou com elle. E para mostrar, que o eftava com mais firmeza, determinou levar por engano a Fez algum numero de Portuguezes, com que ordinariamente costumava fahir muitas vezes; e fendo Dom Alvaro de Noronha avisado da traiaõ ordenada, naõ confentio, que o accompanhaffe mais algum. Mas o Mouro indofea Marzagaõ, e enganando o Capitaõ, alcançou quinze de cavallo, com que fe fez na volta de Fez, e a dezaseis leguas de Azamor defcubrio a traiaõ ao irmão, que em feunome viera a efte Reyno. O qual por efca causa mostrou bem fua nobreza, porque logo lhe refpondeo; que nunca Deos tal quizeffe, que ( pois eftava determinado de fe paflar a ElRey de Fez) levasse comfigo os Chriftãos, que lhe entregaraõ com a fé de cavalleiro; nem a tenda, e bandeira,



ra, que ElRey Dom Manoel lhe tinha mandado por elle. Porque se elle lhe vira o rosto, não tivera animo, nem vontade de commetter tão grande traição; e com estas palavras lhe disse outras de tanta nobreza, e grandeza de animo, que se houveraõ de matar ambos, e nesta revolta tiveraõ os quinze Christãos tempo para se salvarem: e o mesmo fiel Mouro se quizera vir com elles, se o irmão o não levava consigo para desculpa do feito, que não custou a ambos menos que as cabeças, que ElRey de Fez lhe mandou cortar; por serem pessoas da casa Real, e muito poderosos, e grandes cavalleiros: a hum, porque não levou os Christãos, como lhe prometteo; e ao outro, porque lho impedira; principalmente a tenda, e bandeira delRey Dom Manoel, que já estimava, como se delle alcançara alguma grande vitoria, e ainda que imaginada, nem assim o consentio sua invencivel estrella. Invejado o valente Sid lhe Aben Tafu de muitos, e mexiricado de alguns com ElRey Dom Manoel, determinou apagar com boas obras as suspeitas, que delle semeavaõ os inimigos de suas façanhas, fazendo duas as mayores, que entaõ hum grande animo podia cõmetter. Que eraõ aventurar até o ultimo de suas forças sua pessoa com a de Xarife, e depois correr a Marrócos, e chegar a suas portas. E para isto mandou pedir a Dom Nuno Mascarenhas ajuda de Portuguezes, sem os quaes não queria fazer cousa alguma grande: e ainda que pelo discredito, em que sua lealdade andava, lhe não deu mais que trinta de cavallo, e quinze de pé, com Dom Rodrigo de Noronha por Capitão: todavia porque o Mouro era bem conhecido por especial cavalleiro, muito venturoso na guerra, e de estranha lealdade com os companheiros, foy de muitos seguido; que sem licença se foraõ com elle, em numero de cincoenta de cavallo, e outros cincoenta de pé, e hum bombardeiro com dous berços. Com os quaes o valente Sid, que assim lhe chamavaõ por excellencia, ajuntou sua gente, e andando convocando ao mesmo intento outros Mouros de pazes, acaso em companhia de tres Xeques foy visitar hum, que estava anojado, com o qual estando comendo; o matáraõ às agumiadas, por detraz, e os tres Xeques, por lhe quererem acudir; e depois sal-

táraõ com os nossos huns, e outros, e os desbaratáraõ, e cativaraõ, matando alguns, em que entrou o mesmo Dom Rodrigo de Noronha Capitaõ, estando fallando em negocios com hum Xequê. E sendo D. Nuno Mascarenhas avisado desta traiçaõ, no mesmo dia sahio ao campo com cento e cincoenta lanças, e alcançando-os, desbaratou a mayor parte, matando cento e cincoenta, e cativando seiscentos e sessenta, e muito gado, e outras peças ricas. E assim acabou o valente Sid Ihe-Abentafu, taõ famolo, e temido em toda Mauritania, que com razaõ receavaõ viesse a ser senhor de toda ella.

Pois Dom João Coutinho, Capitaõ de Arzilla, tambem acompanhou a felicidade delRey Dom Manoel até este ultimo anno de sua vida, alcançando muitas vitorias daquelles Mauritanos, especialmente huma junto a Alcaicer Quibir, onde matou, e cativou muitos á vista do Alcaide Laroç, famolo entre todos: que por se vingar desta afronta, lhe sahio ao encontro com trezentos de cavallo, e duzentos de pé, e chegou taõ perto, que se feriaõ huns, e outros com lanças de remeço: mas nem por isso Dom João Coutinho deixou de se recolher com toda a cavalgada. Do que escandalizado o Alcaide, veyo correr a Arzilla dahi a poucos dias com quatrocentos homens de cavallo: e sahindo-lhe D. João com sua gente, hum Miguel Nunes com vinte e cinco de cavallo, que o seguiriaõ, se adiantou de todos, ferindo taõ bravamente nos Mouros, e taõ envolto com elles, que lhe deraõ nos braços, e nas pernas mais de cincoenta lançadas, e lhe mataraõ quatro dos mais esforçados dos quinze, a tempo, que D. João acudio, e chegando aos Mouros, o fez com tanto impeto, e esforço, que naõ o podendo sofrer, se retiraraõ com muita perda, e vergonha.

A Cidade Tangere tambem se mostrou invencivel neste ultimo tempo da vida delRey: porque succedendolhe na Capitania a Dom Duarte de Menezes seu irmaõ Dom Henrique de Menezes, ainda que era estudante Filosofo, e Theologo, deu de sua pessoa taõ notaveis mostras em cavallaria, que naõ foy pequena a honra, que á sua nobreza entaõ accrescentou: sendo taõ animoso, e accelerado em os combettimentos, que em tudo queria ser  
o pri-



o primeiro. Delle se conta, que sabendo que o Alcaide de Tetuaõ, pessoa famosa em armas, havia de correr a Tãgere, elle o esperou fóra da Cidade tres dias, no fim dos quaes parecendo-lhe que já o Alcaide não viria, começou de se recolher: e ainda o não tinha feito de todo, quando o Alcaide affomou com muy brava companhia. Mas Dom Henrique lhe sahio ao encontro com tanto animo, e valentia, que a pezar do seu ferro o fez retirar, quasi desbaratado, deixando no campo muitos mortos, cativos, e feridos. Mas não foy tão barato o recontro, que não custasse muito sangue.

E para que acabemos desta Relação das cousas de Africa com huma das mais notaveis, haveis de saber, que andando Vasco Fernandes Cesar com a sua caravela guardando o estreito, e fazendo nelle o que já me ouvistes, soube co no quatro naos Inglezas traziaõ atoadas huma caravela de Portugal; e ainda que lhe ficava muito inferior, logo as foy commetter animosamente, e andando ás bombardas com huma, e tendo-lhe já mortos, e feridos alguns Mouros, se via em grande perigo cercado de todas: mas nem isto foy bastante para o seu animo cançar, nem o de hum Alemão Condestavel de artelhar a, que confiado em suas forças, posto que já andava muito ferido, tomou hum falcão ao hombro, e pondo lhe outro o fogo, elle apontou de maneira, que de tres tiros, que assim lançou, fez amainar os Inglezes com muitos mortos, e feridos: o que não podera ser de outra maneira por ser a caravela muy alterosa sobre as naos, e passar-lhe a artelharia por alto. Isto estupendo, assim de forças, como de grandeza de animo, e bem digno de com elle rematarmos as grandes, e glórias conquistas deste grande Rey Dom Manoel, que com estes, e outros muitos Cavalleiros, todos em obras heroicas abalizados, e da opiniaõ daquelles, que tem por mayores as honras aos mayores perigos alcançadas, sustentou estas guerras, e conquistas Africanas com tanta felicidade, que quasi todos os lugares maritimos della senhareou, alcançando dos Mouros infinitas vitorias, não menos miraculosas, que as da India: cuja estranheza excede o credito humano, e a excellencia dellas he desigual a toda a eloquencia

cia dos homens. E isto com tão desigual numero de gente, que nunca alcançaraõ vitorias os Portuguezes, que não houvesse para cada hum mais de dez inimigos. Pelo qual andavaõ todos os Alarabes Mauritanos tão espantados, e temerosos, que muitos se fizeraõ seus vassallos, e outros não se haviaõ por seguros, senão militando debaixo de suas bandeiras; e todos igualmente receando-o, lhe annunciavaõ supremo Imperio naquella grande provincia Mauritania. Mas a morte consumidora das humanas cousas, nos impedio estas futuras, mas muy certas glorias, levando-o a tempo, em que mais necessaria era sua vida, assim em as conquistas desta parte de Africa; que em tempo de seus descendentes se diminuiãõ miseravelmente; como em as do Oriente, que com quasi infinito trabalho se accrescentaraõ pouco mais, do que elle as deixou; ainda que em huma, e outra se criããõ sempre valerosos animos, que admiravelmente resplandeceraõ em famosas obras, que deixo de referir, porque não relato historia de Varoens illustres. E tambem porque as dos mais insignes achareis copiosamente em verso, e prosa, referidas, e encômendadas á immortalidade. E recebey estas; que tão brevemente ouvistes, só para vos estimular em a copiosa relação dellas.

## CAPITULO XX.

*Das mais obras del Rey D. Manoel, e todas as mais cousas, que em sua vida, e morte acontecerão neste Reyno.*

**P**orque estas conquistas da India, e Africa, que hora acabastes de ouvir, foraõ as obras, em que El Rey D. Manoel se occupou com mais vehemente cuidado, deixey de industria as outras cousas de sua vida, e morte, para este lugar em que com mais clareza ficareis sabedor dellas, que não estimareis pouco, por serem todas unicas no mundo, em prudencia e zelo da Religião Chriãã, e accrescentamento da Coroa do mesmo Rey, e nobreza de seus vassallos. E assim em o primeiro anno, que reynou, impetrou do Papa Alexandre VI. a relaxação dos votos de castidade, a que os Cavalleiros professos das Ordens Militares



litares de Santiago, e de Aviz, deste Reyno; eraõ obrigados guardar, ficando dalli em diante em liberdade para poderem casar, e não haver tantos homens nobres maculados com o labéo de bastardia. E em o anno do Senhor; mil e quatrocentos e noventa e oito, estando em Çaragoça do Reyno de Aragoã com os Reys Catholicos Dom Fernando, e Dona Isabel, pays de sua mulher Dona Leonor, elle de seu proprio motu, sem alguém lhe requerer, nem pedir, e pelo zelo, que sempre teve da Religiaõ Christãa, e liberdade Ecclesiastica, concedeo a todos os Clerigos deste Reyno; que não pagassem ciza, nem dízima, nem outros direitos Reaes, como até entã se costumava. E o mesmo concedeo depois no anno de mil e quinhentos e quatro aos Cavalleiros da Ordem de Christo, para elles, e seus criados.

E estando ainda na mesma Cidade de Çaragoça com os mesmos Reys Catholicos, lhe veyo á noticia, que na Corte de Roma viviaõ todos com muita soltura, dissimulando se com todo o genero de vicios, com notavel escandalo de toda a Republica Christãa; assim em as dispensaçoes, e breves Apostolicos, como em os costumes de seus moradores. E desejando acudir a esta desordem como Principes Catholicos, mandaraõ seus Embaixadores, que ao Papa Alexandre VI. déssem conta do que passava, e em seu nome lhe pedissem mandasse reformar tantos males. E elegeo para isto ElRey Dom Manoel a Dom Rodrigo de Castro, Alcaide mór de Covilhãa, e Senhor de Valhelhas, e a Dom Henrique Coutinho, filho do Marichal Dom Fernando Coutinho, que era seu Desembargador do Paço. Os quaes juntamente com Garcilasso de la Vega, em nome dos Reys Catholicos, fizeraõ sua Embaixada, e admoestação em Roma, com tão boa ordem, que o Papa, vindo em conhecimento do que dantes ignorava, mandou logo acudir a tantos males, e dalli em diante se reformou tudo em notavel perfeição naquella Corte Romana.

E tão grande era a confiança, que ElRey Dom Manoel tinha de Deos o ajudar nestas suas novas conquistas, e descobrimentos da gentildade da India, que para o mundo entender; que só nelle punha todas suas esperanças,

ças; particularmente elle, e a Rainha Dona Maria sua mulher, procuravaõ com esmolas, devoçoens, e obras pias, alcançar este favor: e entre outras cousas, que fez, em o anno do Senhor 1502 o mesmo Rey foy a Santiago de Galiza com poucos de sua companhia. E lá fez muitas mercês, e esmolas, e depois mandou áquella Santa Casa huma formosa lampada de prata, da feição de hum Castello de rica obra, e muita valia; e para allumiar continuamente ante a sepultura do Sagrado Apostolo, ordenou certa renda de juro perpetuo. E de caminho em a Cidade do Porto mandou fazer a sepultura de S. Pantaleão, como Iho mandára em testamento ElRey D. João II seu primo, e cunhado. E nesta Cidade Coimbra vio as sepulturas dos Reys D. Affonso Henrique, e D. Sancho, e porque estavaõ mais humildes, do que convinha a tão grandes pessoas, logo determinou mandallas fabricar muy sumptuosas, como depois fez.

E nas cousas do Reyno de Congo, e costa de Guiné não tendo menos cuidado, que seus predecessores, em o anno mil e quinhentos e quatro mandou a ElRey de Congo Letrados em Theologia, Mestres de ler, e escrever, e tambem outros para ensinarem Canto-chaõ da Igreja, e musica de Canto de Orgão, e muitos livros da doutrina Christãa, vestimentas, e ornamentos de brocado, e teca, Cruzes, Calices, e thuribulos de prata, e outras muitas cousas necessarias para o serviço do culto Divino. As quaes cousas todas, e Ministros dellas, forão de muita importancia para o augmento da Igreja Christãa naquellas partes tão remotas. E de tão ordenadas perfeiçãos da nossa Religião estymulados muitos Principes, e Reys daquellas Provincias, mandavaõ seus filhos, e parentes moços a este Reyno aprender Artes, Theologia, e bons costumes Catholicos, e pios, em os quaes depois de bem instruidos, tornavaõ a suas terras, e nellas fizeraõ muy notavel proveito, prégando, e administrando os Sacramentos.

Em o anno de mil, e quinhentos e cinco mandou ElRey Dom Manoel reformar as Leys, e Ordenaçoens antigas do Reyno, e accrescentar nellas algumas cousas, que lhe pareceraõ necessarias: as quaes já tinha reforma-



1516,

1508.

das o Infante Dom Pedro, quando governou o Reyno por ElRey Dom Affonso V. E depois em o anno de mille quinhentos e dezaseis mandou ao mesmo Rey de Congo a sua petição, para se governar por ellas. O qual, ainda que barbaro, depois que as mandou ler, e considerar bem, e conferir com os costumes de seus naturaes, vendo a multidão, e variedade, e miudeza dellas, disse a hum Portuguez, que com elle as lia, que pena davaõ em Portugal a quem punha os pés no chaõ? Mas se este Rey foubra o que com estas leys, e ordenações se uia-va neste Reyno, mais achara, que notar na pouca execução dellas, que na muita variedade, e miudeza. E depois no anno 1508, mandou ao mesmo Reyno de Congo João de Santa Maria, Religioso da Ordem de S. João Evangelista dos azuis, com doze Padres da mesma Ordem, para em aquellas partes trabalharem em a doutrina, e pregação da Fé. E tanto cuidado tinha destas cousas, que todos os annos mandava a Congo, e Guiné presentes, Embaixadas, e admoestações, e conselhos para os moradores daquellas Provincias se converterem á Fé, e outros se confirmarem nella. E para que a malicia não lançasse suas raizes, como tinha feito em outras partes, mandou hum Corregedor com alçada, que castigasse os Portuguezes com justiça, e a todos favorecesse, e juntamente muitos Religiosos, e Sacerdotes, ornamentos, e cousas necessarias ao culto Divino. E não se esquecendo da guerra, tratou, e ajudou a se fortificar, e defender aquella terra, de seus inimigos, com armas, fortalezas, e artilharia. E chegou o barbaro Rey Dom Affonso de Congo a tanta policia, que por ordem del Rey Dom Manoel mandou Embaixada, e presente ao Papa, dando-lhe a obediencia devida, como faziaõ os mais Principes Christãos: a qual foy tão festejada em Roma pelo Papa Leão X, e pelo Collegio dos Cardeaes, que deraõ publicas graças com solemne Procissão a Deos por aquella pureza Christãa em gente tão barbara, a que fizeraõ muita honra, e favor. E da volta mandou ElRey Dom Manoel ao de Congo hum escudo d'armas, que significava a miraculosa vitoria, que alcançou de seu irmaõ, como já ouvistes, e vinte escudos, que o mesmo demonstra-  
vaõ

vão, para os de mais limpa geração, daquelles vinte e seis, com que sómente alcançou aquella vitoria.

E tanto que as conquistas da India chegáraõ a este estado, que ElRey Dom Manoel lhe pareceo bastante para nella se fundar, e restaurar a Igreja Catholica Oriental, com as Cidades Goa, Ormuz, e Malaca, já suas, cada huma dellas habitada de poderosos Reys, logo o mandou significar ao Papa Leão X, dandolhe obediencia em nome daquellas Provincias. E para que Roma entendesse não ser ella só a mayor grandeza do mundo, e como primicias de seus trabalhos, mandou hum presente riquissimo das melhores cousas daquellas partes, frutos maravilhosos, e artificios estranhos, e juntamente hum Pontifical inteiro, de tanto ouro, e pedraria, que Roma se espantou, e tantas outras joyas, e cousas ricas, e preciosas, qual a memoria dos homens nunca vira em aquella Cidade; e tudo isto levado em animaes estranhos, e não vistos nestas partes da Europa, com tal ordem, e apparato, que foy julgado pela mais formosa mostra, e espectáculo, que os olhos dos Romanos tinhaõ visto. E o Papa para accrescentar honra, e louvor aos Portuguezes recebeu aquellas primicias de seus trabalhos com grandissima, e nunca vista pompa, e apparato; como copiosamente refere Alberto de Carpe em huma carta, que escreveu ao Imperador Maximiliano, em cujo nome estava por Embaixador na Corte de Roma em aquelle tempo, não cansando de engrandecer a riqueza, e artificio do presente, e honras, com que o receberaõ: e foy Embaixador, e portador delle Tristaõ da Cunha, pay do grande Nuno da Cunha, que depois governou a India, e nella accrescentou muito.

E succedendo em seu tempo em Castella as Communidades (taõ decantadas, e lamentadas de tantos) pelos muitos direitos, que o Imperador Carlos V. cada dia de novo accrescentava, e excessivos subsidios de dinheiro, que pedia huns sobre outros, levantando-se com a Cidade de Toledo João de Padilha, Fidalgo natural della, e com Camora o seu Bispo, e outros com as Cidades Burgos, Leão, Soria, Salamanca, Madrid, Touro, Avila, Segovia, Valhadolid, e Cuenqua; lhe offereceraõ todos



estes communeiros a ElRey D. Manoel os Reynos de Castella, e Leaõ, e Toledo, que eraõ os levantados, e que como cousa sua quizesse ajudallos: mas elle estimando mais o parentesco, e amizade, que já tinha com o Imperador seu cunhado, que taõ grandes senhorios, como com tanta facilidade lhe offereciaõ, despresou tudo, e naõ quiz aceitar, o que tanto no mundo se deseja, antes o ajudou contra elles com muita artelharia, e polvora, e cincoenta mil cruzados; sem o qual podéra ser, que fora impossivel, ou pelo menos muito difficultoso, o remedio, que logo se seguiu, ao principio de tamanha desaventura.

1500.

No principio da conquista, e descubrimento da India do anno mil e quinhentos, ordenou doze mercieiros pagos na casa da Mina, para encômendarem a Deos aquellas conquistas, os quaes com outras trinta cavallarias, que já tinha ordenado na casa da India, meteo depois no conto dos cincoenta Cavalleiros do Habito de Christo; Foy o primeiro Rey de Portugal, que de todas suas rendas mandou separar hum por cento para obras pias, de que elle mandava ter especial cuidado, e que para as mesmas se pagassem no contrato de cada quintal das especarias hum quarto de cruzado. Mandou, que todo o pão, que viesse de fóra a este Reyno, naõ pagasse ciza. Mandou escrever nove Chronicas dos Reys deste Reyno, e fez muitas mercês aos authores dellas. Quebrou os privilegios da Cidade do Porto, para que nella podessem viver Fidalgos, que dantes se naõ permittia. Em o anno do Senhor mil e quinhentos e tres mandou lançar por todo o

1503:

Reyno pezos de cobre, porque os de ferro com a forrum se faziaõ falsos. Mandou tirar todos os balcoens, e facadas das casas da Cidade de Lisboa. Ordenou Juizes de fóra em todas as Cidades, e Villas notaveis do Reyno, pagos á custa de sua fazenda; pela experiencia ter mostrado, que os naturaes dellas ministravaõ a justiça affeicoados. Mandou lançar por todas as Cidades, e Villas do Reyno armas, couraças, e lanças, e que houvesse arameiros pagos de sua fazenda em as Cidades, Coimbra, Evora, Porto; Santarém, Elvas, Beja, Tavilla, e Lagos, e nas Villas, Moura, Mouraõ, Montlaraz, Covilhã,

lhãa; Viana de foz de Lima, Castello Branco, e a Torre de Moncorvo. Mandou lavrar muitas, e varias moedas de ouro, e prata, e entre ellas huma, a que chamou Portuguez, em o anno do Senhor mil e quatrocentos e noventa e nove; e eraõ de ouro fino de vinte e quatro quilates, e de pezo de dez cruzados, que era a valia dos cruzados velhos, e hoje pelo muito, que creſceo tudo, valem quinze cruzados. E neste meſmo anno mandou lavrar huma moeda de prata, que chamaõ Indios, do tamanho dos marcellos Venezeanos. E no anno de mil e quinhentos e quatro mandou lavrar os Portuguezes de prata, que valiaõ quatrocentos reis dos meſmos cunhos dos de ouro. E da meſma ſorte mandou fazer meynos, e quartos, de duzentos reis, e cem reis. Continuou em os cruzados de ouro del Rey D. Affonso V. ſeu tio, e del Rey D. Joã II, do meſmo pezo, e ley, e o meſmo fez nos vintens, e ceitis, e mandou lavrar reaes de cobre; de ſeis ceitis. E no anno mil e quinhentos e dezaſeis fez meynos toſtoens de prata, e toſtoens de ouro, que elle trazia na bolſa para dar a pobres.

Ordenou de novo em o dia da Viſitação de Noſſa Senhora, e Santa Iſabel, huma ſolemne Prociſſaõ. E alcançou hum breve Apoſtolico para em ſeus Reynos ſe celebrar a feſta do Anjo Cuſtodio em o terceiro Domingo de Julho: e no meſmo dia ordenou ſe fizeſſe huma Prociſſaõ taõ ſolemne como a de *Corpus Chriſti*. Impetrou do Papa Leão X vinte mil cruzados cada anno das Igrejas do Padroado da Coroa, e outras muitas, que ordenou, e dividio em Preceptorias, a que vulgarmente chamaõ Commendas, para os Cavalleiros da Ordem de Chriſto, que em Africa por ſua licença militaſſem dous annos á ſua cuſta.

E o meſmo ordenou das outras Commendas velhas, mas que reſidiſſem primeiro em Africa quatro annos, da meſma maneira. Ordenou mais em todos os lugares de Africa, em cada hum delles, certa renda de dinheiro, como em lugar de Commenda, para cem Cavalleiros, moradores nos meſmos lugares, vencerem, e os cincoenta delles trazerem o Habito. Mandou ver todas as ſepulturas do Reyno, inſignias, e letreiros, que nellas havia;



conforme aos quaes mandou pintar todos os escudos de armas, com suas cores, e timbres, orlas, e divizas, em hum ma fallá, que para isto mandou edificar em os Paços Reaes de Cintra; e juntamente mandou fazer hum livro, em que estão illuminados os meismos escudos de toda a nobreza deste Reyno. E para se melhor ordenarem, se mandou informar, do que os principes Chriştãos costumavaõ em organizar os escudos d'armas, ás Cortes do Imperador, e Reys de França, e Inglaterra, que são nisto os mais perfeitos, e escrupulosos.

E sendo a edificar não menos afeiçãoado, que ás mais excellencias, que em elle concorreraõ, fez muitos edificios de novo, e outro grande numero delles reformou, restaurou, ennobreceo notavelmente, em que gastou muy grande parte de seus thesouros, e por isto foy de algumas pessoas notado com menos decencia do que convinha. Mas como eraõ obras em louvor de Deos, e de sua Igreja, e ornamento deste Reyno, entaõ quasi todo occupado em seu serviço, nunca o que nellas gasta, lhe fázia tanta falta em todas as mais, que não proleguisse nellas como era necessario á sua grandeza, e fama, que pelo mundo tinha de liberal, e magnifico. E entre ellas estão postas em memoria as que hora ouvireis. Mandou edificar o corpo da Igreja, Coro, e Claustro pequena, e outra Claustro, que chamaõ de lavor, do sumptuoso Convento da Ordem de JESU Christo, que está em a Villa de Thomar, e fez quasi de novo a mesma Villa, em que dispendeo grande somma de dinheiro. Fundou de novo em a Cidade do Porto o Mosteiro das Freiras da Ordem de São Bento, recolhendo, e reduzindo a elle as Freiras, e rendas de alguns Mosteiros pequenos da mesma Ordem, que havia em Entre-Douro, e Minho. E na Cidade Tavilla do Reyno dos Algarves o Mosteiro de Freiras da Ordem de Santa Clara. Na Villa de Serpa o Mosteiro de frades de São Francisco: em Cintra o Mosteiro de Nossa Senhora da Pena de Frades Jeronymos, e na Villa de Estromoz o Mosteiro de São João. Em a Villa de Setubal fez de novo o sumptuoso Mosteiro da invocação de JESU, da Ordem de Santa Clara das descaldas da primeira Regra, a instancia de Justa Rodriguez sua  
ama,

ama, que o criára, a qual foy buscar as primeiras freiras, que nelle estiveraõ; ao Mosteiro de Santa Clara de Gandia do Reyno de Valença, por não haver em Hespanha até aquelle tempo outras Freiras daquella Regra. Em Monte mor o Novo fundou o Mosteiro de Freiras da Ordem de São Domingos. Em a Cidade de Lisboa trasladou o Mosteiro da Annunciada de Freiras da Ordem de S. Domingos para o lugar, onde hora está; onde entaõ estava hum Hoipital, e casa de Santo Antonio Abbadé, a qual mandou para onde dantes estava o Mosteiro da Annunciada. Fundou de novo os Hoipitaes de Coimbra; Montemor o Velho, e o de Beja, e os dotou de sua fazenda. Fundou o Mosteiro de Santo Antonio do Pinheiro da Ordem de São Francisco, e o Mosteiro da Serra da Ordem de São Domingos. Fez de novo as Igrejas de Soure, Nisa, e São João Bautista de Thomar, as de Alcacer do Sal, Olivença; e em Lisboa as Igrejas de São Gíão, de Santo Antonio, e de Nossa Senhora da Conceição, em o lugar, onde fora a Sinagoga dos Judeos. Reformou, e accrescentou os Mosteiros de São Francisco das Cidades Lisboa, Evora, Santarem, a que fez a sua Igreja. Fundou os Mosteiros do Mato, e das Berlengas da Ordem de S. Jeronymo. Fundou a casa da Misericordia de Lisboa, e a dotou de quinhentos mil reis de renda, e mais quinhentos mil reis cada anno para obras pias. Reedificou a ponte de Olivença sobre o rio Guadiana, e nesta Cidade a ponte nova, e os Paços del Rey, onde estão as Escólas geraes, pelas velhas estarem muy arruinadas; e edificou as duas formosas sepulturas del Rey Dom Affonso Henriquez, e de seu filho El Rey Dom Sancho, em o Mosteiro de Santa Cruz, ornando aquella Real casa de outros edificios magnificos, e sumptuosos. Fez de novo em Lisboa junto á Igreja de S. Martinho os Paços da Casa da Supplicação, e do Cível, e a cadeya do Limoeiro, onde dantes fora casa da moeda, e depois Paços dos Reis até o tempo del Rey Dom Diniz, que fez os Paços de Alcaçova. Reparou o Castello de Almeirim, e o fez quasi de novo. Mandou acabar o Castello de Santa Cruz em Africa, e o de Aguz, e o Castello Real ras Ilhas do Mosado. Reparou quasi de novo o Cero, e a Ajella mór de Alechaga, e mandou acabar



bar as Capellas dos Reys, que estaõ na Batalha. Acabou a obra da agua da Cidade de Lagos no Algarve. Mandou abrir o paul de Muja. Mandou edificar a casa de armaria em Santarém. A Praça, e chafariz de Beja. Reparou quasi de novo o Castello de Almeida: fez a Fortaleza de Castelmom, e o Castello de Alfayates, e a cerca da Villa, e a cerca nova de Olivença, e a de Campo-Mayor. Em a Cidade de Lisboa fez muito em o grande Hospital. Fez de novo o Cais da pedra, e o Terreiro do Paço, que por ser praya, custou muito trabalho; começou a casa da Alfandega. Edificou de novo os Paços da Ribeira, depois que descobrio, e conquistou a India, e a casa dos Armazens, e a proveo de grande numero de armas de pé, e de cavallo, e acubertados, e artilharia, e outras armas. E as casas da contratação de Guiné. Começou as teracenas da porta da Cruz, para se fundir a artilharia, e a casa da polvora. Mandou edificar as Sés da Cidade do Funchal, e das outras Ilhas, todas de sua conquista: deu titulo de Cidades ás Villas do Funchal, Ilha da Madeira, Tavilla, Elvas, e Beja. Concedeo muitos privilegios, assim ás Cidades; e Villas do Reyno, como ás das Ilhas, e lugares de sua conquista em Africa, Guiné, Terra de Santa Cruz, e da India. Mandou edificar em Africa o Castello de Marzagão, e na India as fortalezas de Cochim, Cananor, Coulaõ, Quiloa, Cofalla, Moçambique, Anchemiva, Cocolorá, Ormuz, Goa; com todos os Castellos, que ha na India, e a de Pacem, Pedir, Calecut, Chaul, Zeiland, Malaca; e nas de Maluco a de Ternate, que se mandou fazer depois de seu falecimento. E em todas estas Cidades mandou fazer Igrejas, e alguns Mosteiros de Frades com renda para elles, e para os Clerigos, e todos os ornamentos necessarios.

Além destas, fez outras muitas fortalezas, e intentou outras bem necessarias a seus Estados, e nas intelligencias secretas, e publicas, que para isso fazia, gastou muito. Para sua sepultura edificou o Real Mosteiro de Belem, obra entre todas as de Hespanha sumptuosissima, e da Ordem de S. Jeronymo. E não longe delle, e para sua guarda, e segurança da barra, e trato, mandou edificar a Torre de Belem, da Invocação de São Vicente.

Além destas obras, não sómente amplificou seus Reynos com grandes conquistas; mas também engrandeceu seus vassallos com honoríficos titulos, e dignidades. Porque a seu Ayo Diogo da Sylva fez Conde de Portalegre de juro; e lhe deu mais as Villas de Celorico, Gouveya, e S. Romão na Beira. Fez Duque de Bragança a Dom Gemes filho mais velho do Duque Dom Fernando. Fez Duque de Coimbra a Dom Jorge filho natural del Rey Dom João II, com todas as mais terras, e titulos, que já vos disse. A Dom Vasco da Gama seu Almirante da India, e Conde da Vidigueira. A Dom João de Menezes, seu Mordomo mór, Conde de Tarouca, e Prior do Crato da Ordem do Hospital de S. João: A Dom Martinho de Castello-Branco Conde de Villa-Nova de Portimaõ. A Dom Rodrigo de Mello, filho mais velho de Dom Alvaro irmão do Duque Dom Fernando, Conde de Tentugal, que depois foy Marquez de Ferreira. A Dom Francisco Portugal, filho de Dom Affonso Bispo de Evora, que era Neto do primeiro Duque de Bragança, fez Conde do Vimiole. A Dom Antonio de Noronha, que era seu Escrivão da Puridade, e irmão do Marquez de Villa Real Dom Fernando, fez Conde de Linhares. A Dom Diogo Pereira Conde da Feira. Fez Condes de Alcoutim todos os primogenitos do Marquez de Villa Real. Fez Condestavel do Reyno a D. Affonso, filho natural de seu irmão D. Diogo Duque de Viseu. Fez Marquez de Torres Novas a D. João de Lancastre, filho primogenito do Mestre de Santiago, e Duque de Coimbra D. Jorge. E desta maneira deu titulos de honra a outros muitos, a cuja cavallaria dava igual nobreza.

Mas ainda que a mayor parte de sua vida foy sempre insigne em glorias, e triunfos, nem por isso o fim della deixou de mostrar em seus successos a natural condição das humanas cousas, que quando mais prosperas, então menos seguras, e permanentes se achão. Porque nos ultimos annos de seu Imperio teve algumas perdas, que sentio muito, e entre ellas, e a de mayor sentimento, foy a morte da Rainha Dona Maria sua segunda mulher, com quem todos os goslos do mundo lhe começára a faltar, e os trabalhos nelle a multiplicarse. Os



quaes conhecendo da mão do Omnipotente serem vindos; e que como a seu mimolo o tocava com aquellas adversidades, e perturbaçoens ( muy costumadas delicias de seus escolhidos ) os sofria com paciencia, e se consolava com elles, como Christianissimo Principe. Nestas, e outras obras pias, e santas occupado, em que seu catholico animo sempre se exercitava, e com ardentissimos desejos da amplificação da Ley de Christo, que sobre todas as cousas sempre procurava, e estando em Lisboa, a melhor Cidade de Hespanha, tendo descubertas, e conquistadas tantas Provincias, e nellas muitos Reys, e Principes vassallos, e amigos, com sua Corte cheya de muitos Embaixadores de Reys, e Principes Christãos, e Inheis, amado dos seus, e de todos os estranhos, onde a fama de suas obras chegava; com seu Reyno muito rico, e pacifico, casado com hum das mais formosas Princezas da Christandade, irmã do mayor Senhor della; com seis filhos, todos dotados de muita formosura, e de perfeiçoens, e excellentes virtudes. E estando tão feliz, que senão podia desejar outro bem, se não o da gloria, veyo a fallecer de modorra em Lisboa a treze de Dezembro nove horas depois do meyo dia de 1521. tendo de idade cinquenta e dous annos, seis mezes, e treze dias; e de verdadeiro Imperio vinte e seis annos, hum mez, e dezanove dias. Seu corpo está sepultado em o Real Mosteiro de Belém da Ordem de S. Jeronymo, da invocação de Nossa Senhora, fi-to naribeira do mar junto a Lisboa; que elle mesmo mandára edificar sumptuosissimo, quando se começou a conquista da India, como já vos disse.

Foy El Rey Dom Manoel homem de boa estatura; de corpo mais delicado, que grosso, a cabeça sobre o ro-dondo, os cabellos castanhos, a testa levantada, e bem descuberta delles, os olhos alegres entre verdes, e brancos, alvo, risonho, bem affombrado, os braços carnu-dos, e tão compridos; que os dedos das mãos lhe chega-vão abaixo dos joelhos, tinha as pernas compridas, e muito proporcionadas com o corpo. A voz clara, e bem entoada. Era muito attentado em fallar; e muito honesto, e discreto em suas praticas. Quando comia, era apresetado, mas não tanto, que deixasse de praticar, e dispu-

tar com Letrados, que sempre estava á sua mesa: e sobre tudo se deleitou em fallar com homens Estrangeiros, ou com os seus, que tinhaõ andado fóra do Reyno. Era sofredor, manso, e clemente, perdoava com facilidade qualquer desgosto dos que tocavaõ á sua fazenda, e pessoa, e nos casos da Justiça seguia a ordem della. Era taõ solícito de pagar os serviços, que perguntava muitas vezes se havia algum seu criado, a que por esquecimento não tivesse satisfeito. Foy na vida continentissimo, na Religião pio, e de natureza benigno, e manso, e com muita gravidade brando, e affavel, e de rara prudencia, e juizo muy claro, e por isto pouco sujeito aos do seu conselho: mas lastimava se tanto das necessidades de seus vassallos, que algumas vezes passava huns Alvarás em contrario de outros, por acodir a todos. Na administração da justiça, e despachos de todos os negocios ao governo necessarios, era taõ diligente, que se pôde haver por cousa maravilhosa, e digna de admiração, estando impedido em tantas conquistas taõ remotas, e apertadas guerras com os estranhos, como pôde em tanta perfeição dar a devida expedição aos negocios de seu Reyno: fazendo muitas leys justas, e pias, cuja execução mandava guardar inviolavelmente. Era em fallar alegre, e suave, em conversar facil, e urbano, e em fazer mercês muito liberal, em tanto extremo, que quando hia á caça, mandava hir ante si todos os meços de monte, dançando sempre, e fazendo folias: e algumas vezes tomavaõ elles tanta ouladia, que o rodeavaõ todos, até que lhe concedia as mercês, que pediaõ. Era continentissimo em comer, e nunca bebeo vinho, nem comeo azeite, nem cousa, que o levasse: e taõ temperado no appetite, que com difficuldade se conhecia nelle, a que cousa de comer era mais inclinado. Todos os Domingos, e dias de guarda, comia com charamellas, e outros muitos instrumentos, e pelo Natal consoava publicamente em a sala grande, com grande Magestade, e dava de consoar a todos os Fidalgos presentes, e depois mandava ás Damas. Trazia em sua Corte chocarreiros castelhanos, e folgava, que com ditos galantes lhe motejassem os vicios de seus criados, e dos Fidalgos: as necessidades de seus vassallos acodia



dia com benignidade; e com eltranha caridade provia os pobres de seu Reyno. Aos Soldados, e Cavalleiros, que em qualquer notavel obra se avantajavaõ, não sómente dava os devidos louvores (que he affás honrada satisfação da boca de altos Principes) mas tambem com mercês, e honras os gratificava. Em castigar maldades era severo; posto que de natureza tambem era clemente: delitava-se muito com a musica, e para isso tinha tantos instrumentos, e tantos Ministros delles, como senão occupá-o pensamento em outra cousa; mas não de maneira, que lhe impedisse o cuidado do governo. Porque no mesmo tempo muitos, e excellentes musicos a diversos instrumentos cantavaõ: e tambem os Letrados, e Ministros da justiça, e governo, tratavaõ os negocios do bem publico. E em todas as mais delicias, e prazeres, a que era inclinado, fazia o mesmo. Nunca faltou na Casa da Supplicação ao despacho, e nenhum negocio lho impedio, senão doença. E na mesma sexta-feira depois de comer despachava com os Desembargadores do Paço, mas não tinhaõ casinha como agora. E nunca eraõ mais de dois, de muita authoridade, e doutrina. E lembra-se Damiaõ de Goes, que vio servir juntos Dom Pedro, Bispo da Guarda, e Prior de Santa Cruz de Coimbra, e a Dom Diogo Pinheiro, Bispo de Funchal, e por fallecimento do Bispo da Guarda entrou no officio Dom Pedro de Menezes. Dava audiencia publica muitas vezes a todos os que lhe queriaõ fallar. Usou de Senhoria alguns annos em os papeis, e Alvarás. Todas as sextas-feiras jejuou-a paõ, e agua, até idade de quarenta annos. Foy muito limpo em o trato de sua pessoa, e galante, e vestia muito bem, de que se prezava tanto, que quasi todos os dias vestia alguma cousa nova: e por isso muitas pessoas traziaõ seus vestidos; e eraõ tantos, que quando morreo, se repartiraõ por muitas Igrejas do Reyno seus roupoens para ornamentos, e em tanta quantidade, que excede o credito da historia.]

Era amigo das letras, e favorecedor dellas, fazendo muitas mercês a homens sabios, e aconselhando-se com elles em muitas cousas. E para que em tudo fosse consumado, era observantissimo da Religião Christãa, cujo augmento com muita diligencia procurava, e solicitava:

eaven;

Goes 4 p.  
na Chron.  
do Rey  
Manoel.

e a veneração, e culto Divino della fazia guardar perfeitamente: edificando muitos Templos, e sumptuosos, e com Real liberalidade fazendo muitas mercês a muitos Religiosos, cujos Mosteiros frequentava, e as necessidades provia, e por isso muitas vezes hia ouvir Missa fóra do Paço, e perguntando pelo estado da casa, se havia necessidade, logo a previa. Foy muito dado a Astrologia judiciaria, mas com os termos Catholicos entendia nella. Em quanto viveo teve sempre guarda camara, e dos ginetes, e da camara havia vinte e quatro cavalleiros dos melhores da Corte, que dormião no paço junto á sua camara, e na mesma fazião o mesmo alguns moços Fidalgos; e na sala, outros tantos moços de monte. Na guarda dos ginetes havia duzentos cavalleiros, todos de boa geração, e conhecidos por valentes, que todos o acompanhavaõ, quando caminhava, com lanças, e adagas, e para isto estavaõ sempre prestes com armas, e cavallos. Sabia muito das historias, especialmente nas dos Reys deste Reyno se deleitava muito, e em sua presença as fazia ler ao Principe seu filho, e em quanto esteve viuvo, não passava festa, em que lhe não mandasse fazer o mesmo. Deleitava-se muito da caça, e sempre hia a ella com muitos instrumentos de musica. Era homem de pouco somno, e os tres dias das Endoenças até a Pascoa dormia ao pé do Altar no chão, sem se despir. E de tal maneira se entregava a administração da Republica, e governo de sua casa, e pessoa, que não se esquecia hum pento do que convinha á guerra; e sendo a esta mais afeiçoado, no mayor fervor de seus apparatos se lembrava daquella tudo, o que era necessario. Em seu tempo floresceirão varoens illustres em esforço, e em toda disciplina militar excellentes; por cuja industria acabou grandes, e maravilhosas empresas, e alcançou famosos titulos, e prerogativas. Em fim foy hum perfeito exemplo de perfeitos Principes, e tão insigne em todas as virtudes, que devem resplandecer nos Reys, e pessoas, a que he commettido o governo de tantos homens; que não lhe leváráõ vantagem os mayores Monarcas, que o mundo senhoreavaõ. Porque se com elle quisermos conferir alguns dos mais famosos, que nas antigas, ou modernas historias dignamente



mente são celebrados, acharemos que foy tão igual aos presentes, como superior aos passados, sendo aos que depois d'elle em excellencias se signaláram hum pungente estímulo de heroicas obras. Porque as batalhas, que venceu, as Províncias, e terras, que conquistou, as gentes barbaras, que domou, e os trofeos, e vitorias, que alcançou, e as riquissimas Províncias, que senhoreou, e os poderosos Reys, que soggiugou, forão tantos, e suas excellencias taes, que tão difficultosas são para se imitarem, como trabalhosas para se escreverem, ainda que para isso nos lobeje tanto desejo, como a possibilidade nos falta.

Em seu tempo andou a pobreza desterrada deste Reyno, nem havia nelle tristezas, nem queixas, nem lamentações se ouviaõ, e em lugar dellas alegrias, e musicas soavaõ. Era tão ordinaria a cavallaria, e esforço em os nobres daquelle tempo, que em sua casa se criavaõ, que nenhum homem podia trazer capa, que já em Africa não tivesse feito alguma obra finalada. E ainda que as donzelas nobres, que no Paço andavaõ, tivessem alguma honesta afeição, não admittiaõ a algum sem primeiro em militar exercicio se mostrar forte, e animoso; porque neste tempo a ambição andava degradada deste Reyno, e a simplez modestia reynava nelle, e sobre tudo a cavallaria, e esforço se estimava, se procurava, e tinha em muito.

E porque todas estas obras, e louvaveis costumes, eraõ nascidos da maravilhosa prudencia, e felicidade deste Rey, não he de espantar, se em quanto elle viveo, floresceraõ em grande perfeição, e depois de sua morte se forão pouco, e pouco extinguindo. E porque nelle a varonilidade do Reyno de Portugal fez seu assento, e chegou ao ultimo de suas gloriosas forças, e alteza de tal maneira, que nenhuma se póde comparar com ella, em bondade de costumes, e grandeza de animos, e nos militares exercicios nobres; e heroicos, parecia necessario, que para não se preverter a ordem das humanas cousas, que começassem os successos dellas a descer, e a diminuirse, dando principio á sua veneranda velhice com El-Rey Dom João III, que muito ao vivo a representou, como logo diremos, Mas para que entendais, que se acaba-

naõ com a vida deste Principe as felicidades, que sempre o acompanharão; quero referir sua amplissima descendencia de oito filhos, e quatro filhas, onde seu nome, e fama ficou mais resplandecente, como vemos, e esperamos; pois a excellencia da arvore no fruto se mostra, e se conhece.

## CAPITULO XXI.

*Da amplissima geraçõ de filhos, e filhas del Rey D. Manoel.*

**E**L Rey Dom Manoel foy casado tres vezes. A primeira com a Rainha Dona Isabel, Princeza de Castella, mulher que fora do Principe Dom Affonso, que morreo em Santarem da queda do cavallo; e filha mayor dos Reys Catholicos de Castella Dom Fernando, e Dona Isabel, que recebeo em a Villa de Valença de Alcantara, em Outubro de mil e quatrocentos e noventa e sete. E porque a este tempo falleceo na Cidade de Salamanca o Principe Dom Joã primogenito de Castella, seu irmão, sem deixar filhos, nem os Reys Catholicos outro algum filho varão tinhaõ; veyo á nova Rainha Dona Isabel a successão dos Reynos de Castella, e Leão, Aragoã, e Sicilia, nos quaes em presença de seus pays, e a seu chamado, sendo ella já, e seu marido, jurados por herdeiros de tão poderosos Reynos, veyo ella a fallecer em Çaragoça de Aragoã, onde foy enterrada a vinte e quatro de Agosto de mil e quatro centos e noventa e oito, deixando já hum filho, de cujo parto morreo em o mesmo dia de seu nascimento, chamado Dom Miguel, universal herdeiro da potentissima Coroa de Hespanha, que nelle se ajuntava toda. Mas pela sua breve morte, que em Granada succedeo, no anno do Senhor 1500 a 18 de Julho, sendo de idade de 22 mezes veyo a successão dos mesmos Reynos á Princeza Dona Joanna, filha dos Reys Catholicos, que casada estava com Philippe Archiduque de Austria, filho do Imperador Maximiliano, e Madama Margarita, filha, e herdeira do Grão Duque Carlos de Borgonha, que morreo em Nansi. E ficou o nosso Rey Dom Manoel com muita razaõ annojado, e triste,

1497

1498

1500



1500.

triste sem tal mulher, tal filho, e tão poderosos Reynos. A segunda mulher foy a Rainha Dona Maria, Infanta de Castella, filha terceira tambem dos Reys Catholicos, e cunhada delle mesmo, com a qual casou em Outubro de 1500, e della houve amplissima geração. O primeiro foy o primogenito Dom João, que lhe succedeo no Reyno, e foy III do nome. Dona Isabel, dignissima Imperatriz de Alemanha, que casou com o Imperador Carlos V. Rey de Hespanha, filho do Archiduque Philippe, de que nasceo a Magestade Catholica del Rey Dom Philippe, que Deos tem, segundo do nome, e unico Rey, e Senhor de toda a Monarquia de Hespanha; e dos potentissimos Reynos a ella sujeitos, o qual nasceo no anno do Senhor de mil e quinhentos e vinte e sete. Desta mesma Imperatriz nasceraõ mais duas filhas: a primeira Dona Maria, que casando com seu primo Maximiliano Rey de Ungria, e Bohemia, e Imperador de Alemanha, houve delle cinco filhos, e duas filhas: Dona Anna, que foy Rainha de Hespanha, e mãy de Philippe III; Dona Isabel, o Imperador Rodolpho, que nasceo em Julho de mil e quinhentos e cincoenta e dois; Hernesto Mathias, e Maximiliano, e o Cardeal Alberto Archiduque de Austria, e Venceslao; e Margarita, Freira em o Mosteiro das descalças de Santa Clara em Madrid. A outra filha do Imperador Carlos foy a Princeza Dona Joanna, que casou com o Principe de Portugal Dom João seu primo, e delles nasceo El Rey Dom Sebastião. Houve mais El Rey Dom Manoel, Dona Beatriz, que foy casada com Carlos Duque de Saboya, de Charolois, e de Augusta, Principe de Piemonte, e Rey de Chypre, Principe, e Vigario Geral do Sacro Imperio Romano, e Marquez em Italia, Conde de Geneva, Baugianois, e Monte rodondo, Barão de Avandigaõ, e Fucingaõ, e Nice, Versal, e Brisse. Dos quaes nasceo o Duque Manoel Filisberto, que de Madama Margarita, filha del Rey Francisco de França, houve o Duque Carlos Manoel, que casou com Dona Catharina, Infanta de Castella, irmãa del Rey D. Philippe III.

O inclyto Infante Dom Luiz, Duque de Beja, e Condestavel de Portugal, senhor de Serpa, Moura, Covi-  
lhã

lhãa; e Almada, e outras terras; e Governador do Priorado do Crato, da Ordem do Hospital de São João: Principe tão adornado de virtudes, e excellencias, que não se poderá a dignidade dellas de outra maneira explicar, senão como nas taboas Geographicas se costuma, onde a grandeza do rio Nilo se mostra por huma estreita linha, e a magestade de Roma por hum breve ponto. Resplandeceraõ nelle, entre outras grandissimas virtudes, duas principalmente; zelo da Religião Christãa, que he a fonte de piedade, com que a paz não se goza sem dignidade, nem a guerra se faz sem justiça, e sciencia de Arte militar, com que os grandes Imperios se conquistaõ, e conservaõ. Os quaes não chegou a alcançar; porque o levou Deos ao melhor tempo pelos peccados dos homens, que tantas glorias ver não mereciaõ. E ainda que em seu tempo se moveraõ poucas guerras, em que elle se pudelle achar; não faltáraõ algumas, em que as excellencias de sua pessoa, e animo se manifestaraõ ao mundo. Porque esteve quasi de caminho para passar a Africa com huma armada de sessenta velas bem apparelhadas com a flor da nobreza, e cavallaria deste Reyno, empreza, que elle sollicitava com grande vehemencia, mas por alguns respeitos lhe revogou ElRey seu irmão a licença. Mas como nelle este desejo de fazer guerra aos Mouros era quasi natural, determinou hirle secretamente para o Imperador seu cunhado, quando fazia guerra ao Turco, e ElRey lhe tomou a menagem, que o não fizesse. Até que sabendo que o mesmo Imperador passava a Africa, se foy para elle sem alguma licença, nem companhia: ao que ElRey seu irmão acodio logo; dando licença a alguns fidalgos que o seguissem, e mandando a huma armada sua, que já lá estava, lhe obedecesse, de que era Capitsõ Antonio de Saldanha, e para todo o dinheiro, que gastasse, lhe mandou grande credito. E por esta via se achou com formosa cavallaria da nobreza de seu Reyno acompanhada, em ajuda do invictissimo Imperador Carlos V. seu cunhado, na conquista da Goletta, e Tunez, que por seu conselho se conquistou, contra o parecer de muitos Capitaens mais antigos, e experimentados, que o contrario diziaõ. Mas o nosso Infante não podendo soffrer, que no exercito, onde elle se achava, se enxergasse ponto

Joan Fco  
nandes la  
orat,



algun de covardia, tanto faltio neste seu parecer, que o Imperador deixou de levantar o cerco, como determinava, e o mandava proseguir animosamente, como o Infante dizia. O qual militando debaixo da bandeira do Imperador, se mostrou Soldado digno de tal Capitão, e elle se havia por bem afortunado da milicia de tal Soldado, com cuja presença se achava felicissimo, parecendo-lhe no conselho hum Nestor, e no exercito outro Achilles. Porque mostrava fortaleza nos perigos, industria nas obras, em executallas diligencia, e em as ordenar conselho, e em tudo bons successos: naturaes artes de invenciveis Soldados, e vardadeiras virtudes de grandes Imperadores. Era aos amigos companheiro, aos inimigos propicio, aos estrangeiros benigno, e aos naturaes affavel, e com todos geralmente liberalissimo. Pelo qual de huns era estreitamente amado, e dos outros igualmente muy louvado. Nas artes liberaes teve por Mestre o Doutor Pero Nunes, Portuguez de nação, e o mais excellente Cosmographo, que em todas as idades houve no mundo: com tal Mestre ficou este Infante tão doutrinado nellas, que se as quísera ensinar publicamente, não lhe faltára auditorio; chegou a compor hum livro de proporções, e medidas. No exercicio das armas ninguem lhe levou vantagem, assim a pé, como a cavallo, em tanto extremo, que em todas a canas; justas, e torneyos, em que entrava, sempre levava algum dos preços, e muitas vezes os mayores, assim de esforçado, como de galante. Emfim era este inclyto Infante hum claro espelho de imperiaes virtudes, onde todos, os que a grandes Monarquias quíserem subir, podem ver muitas para desejar, e o exercicio dellas para com gloria imitar, com que se faraõ no mundo famosos, e no Ceo gloriosos; porque suas virtudes moviaõ os inimigos a que o venerassem, e a fama de suas excellencias constrangia os infieis a que o amassem, de tal maneira, que não faltou alguém, que deixando os erros de sua falsa seita, lhe queria entregar sua pessoa, e muy grandes estados, e thesouros; como do Author da historia dos Xarifes, dizendo, que estando elle mesmo em huma horta do Xarife, Rey de Morrócos, sabio a folgar por ella huma filha donzella, moça, e muito formosa, a acompanhada de outras muitas Mouras, e Christãs, e che-

gandolhe elle a beijar a mão, como costumava, ella lhe mandou lhe fizesse huma capella, ou coroa de flores, ao modo que usavaõ os Reys Christãos; que fazendoa o Author logo com a mayor perfeição, que pôde, lha apresentou, e que ella a poz em a cabeça muito contente dizendo-lhe, que nunca Deos quizesse, que ella morresse, sem se ver calada com o Infante D. Luiz, sendo Rey de Marrócos. E não nos espantemos desta vontade, porque sómente para este fim sabia muito bem fallar a lingua Portugueza, e trazia consigo o retrato do Infante. E ainda chegaõ a mais algumas pessoas dignas de credito, dizendo que estes dous Infantes se escreviaõ, e tratavaõ de amores, o fim dos quaes vendo ella taõ impossibilitado, por ElRey Dom Joaõ não deixar passar o Infante a Africa, dizem que ella lhe mandou dizer, não deixasse de o fazer por falta de dinheiro, porque ella lhe mandaria tanto, que se pudesse fazer huma ponte de ouro, e prata de Lisboa ate Marócos. Alem disto tambem dos Principes Christãos era taõ estimado, que houve alguns, que o pertenderaõ por filho, e successor de grandes seihorios, como testemunha de vista Damiaõ de Goes em a Chronica DelRey Dom Manoel, affirmando, que estando elle em a Cidade Cracovia, do Reyno de Polonia, em negocios delRey Dom Joaõ III em o anno do Senhor mil e quinhentos e vinte e nove, foy commettido avisasse ElRey seu Senhor que o de Polonia Sigismundo casaria com o Infante Dom Luiz huma filha sua unica, chamada Dona Heduige, e de Dona Barbara, irmã delRey de Ungria, Joaõ Sepusio, com tanto dote, que não ficasse descontente: quanto mais, que o Rey de Polonia não tinha mais que hum filho de sua segunda mulher, que não estava bemquisto em o Reyno, e como era de eleição, podia o Infante vir a ser Rey de hum grande Reyno. E se parecerem muitos estes casamentos, tambem se sabe em certeza, que este Infante esleve quasi concertado casarse com a Infanta Madama Maria, filha, e herdeira delRey Henrique VIII. de Inglaterra, com quem ElRey Dom Philippe I. depois casou. E sempre entaõ houvera effeito com o Infante, se o Imperador Carlos V. senaõ entremetera neste casamento, ao tempo, que estava para se concluir. Tendo-lhe tambem já desviado outro com a Princeza Dona Maria, sua

1 parte  
Cap. 101

1529:



fua sobrinha; filha delRey Dom Joaõ III seu irmão, com que estava concertado casar: mas por alguns respeitos casou ella com ElRey Dom Philippe, e foy sua primeira mulher. E tudo parecia pouco para as excellencias, e grandezas deste Infante; pois a presença de sua pessoa, e authoridade, e a vista de suas heroicas obras, e o conhecimento de suas grandezas; tambem servio de grande estímulo a todo generoso animo, para que em grandes, e altas cousas sempre se exercitasse, com que alcançasse, e merecesse as Monarquias, que elle mereceo, e não alcançou: fallecendo em Lisboa, quando mais apparelhado estava de senhorear o mundo, no anno do Senhor mil e quinhentos e cincoenta e cinco, e quarenta e nove, e nove mezes de sua idade. E o acompanharaõ por mandado delRey seu irmão, até que deu a alma, D. Antonio de Atayde, primeiro Conde da Castanheira, e Pedro de Alcaçova Carneiro. Era homem de meã estatura, louro, e de bom parecer, bem disposto, alegre em fallar, galante em vestir, e bom cortezaõ. Amparo de Religiosos, de pobres, orfaõs, e viuvras, e amava muito seus criados, e segundo mereciaõ lhes fazia mercê. Seu corpo está sepultado no Real Mosteiro de Belém. Ficou d'elle hum filho bastardo, que seguiu mal as pizadas de taõ inclyto pay.

Houve mais ElRey Dom Manoel o Infante Dom Fernando, que sendo casado com Dona Guimar, filha unica, e herdeira de Dom Francisco Coutinho, Conde de Marialva, e de sua mulher Dona Beatriz, Condesa de Loulé: falleceo sem filhos em Abrantes em idade de vinte e sete annos, e no de nossa redempçaõ mil e quinhentos e trinta e quatro. Seu corpo está sepultado em Belem. Foy Duque da Guarda, Conde de Marialva, e de Loulé, Senhor de Abrantes, e Trancoso, e Castel-Rodrigo, Sabugal, Alfayates, e do Couto de Liomil, do morgado de Mello, e de outras terras. Tinha veneravel pessoa, de bom parecer, e boa disposiçaõ em toda a idade. Além disto era homem de muita opiniaõ, muito verdadeiro no que tratava; e fallava, e muito livre no que dizia a ElRey seu irmão em favor da republica. Foy tambem muito inclinado a letras, e dado ao estudo das historias verdadeiras, e inimigo das fabulosas, e principalmente nas dos seus progenitores trabalhou muito, por saber

faber sua origem desde o nosso Padre Adaõ : è nisto gal-  
tou grande somma de dinheiro, dando a muitos homens  
doutos grandes salarios para nisto trabalharem. E Da-  
miao de Goes lhe mandou de Flandes muitas chronicas  
impressas, e de maõ em diferentes linguas ; porque nestas  
coisas se delectava, e occupava muito.

O Infante Dom Affonso, Cardeal da Santa Igreja  
de Roma, que primeiro foy Bispo de Viseu, e depois  
Arcebispo de Lisboa, e teve em administração o Arcebis-  
pado de Evora, e a Abbadia de Alcobaça; e no an-  
no de mil e quinhentos e dezaseis o Papa Leão X. lhe  
mandou o Capello com titulo de Bispo Zagitano, e Di-  
acono Cardeal de Santa Lucia. Foy Principe generoso, e 1516  
magnanimo, de Real clemencia, e mansidão, de suavissimos  
costumes, e affável conversação; em tão alto grão de Goet 2 p.  
cap. 42  
excellencia, como o sentimento de sua morte deu cla-  
ro testemunho de quantos lhe desejavaõ a vida: pois em  
todo o Keyno assim lamentaraõ della, como se fora com-  
mum pay de todos. Era muito douto na lingua latina, e  
estudiosissimo de letras, e sciencias, e favorecia muito  
os homens doutos nellas. E sendo Bispo por dignidade,  
a exercitava como por officio, no qual era tão humilde,  
que por sua propria pessoa administrava os Sacramentos,  
e ensinava a doutrina Christãa aos meninos, como qual-  
quer Parocho: costume, que elle de novo instituiu, or-  
denando, que se ensinasse a doutrina Christãa nas Paro-  
chias cada dia, e elle mesmo bautizava as crianças. E  
com isto na authoridade de sua pessoa, nobreza de cria-  
dos, no apparato de sua casa, e na magestade de tudo,  
parecia Rey poderoso. E na Religiaõ com Deos, na pie-  
dade com os ricos, e na misericordia com os pobres, e  
em tudo o mais, se mostrava verdadeiro Cura de almas;  
humilde Prelado, e diligente Pastor. Foy hum dos mais  
perfeitos Ecclesiasticos de seu tempo, e muy douto, e  
destro nas ceremonias da Igreja, de que se prezava mu-  
ito. Ordenou tambem, que se escrevessem nas Parochias  
os nomes dos bautizados, e dos que se casavaõ. E que  
na Sé de Lisboa, e em todo o Arcebisado se rezasse o officio  
Romano, e se deixasse o de Sarisbea, que de Inglaterra trou-  
xera a este Reyno o Infante D. Fernando, filho del Rey D.  
João I. de boa memoria. Falleceo em Lisboa a vinte e hum  
da



de Abril de mil e quinhentose trinta e hum annos; foy sepultado em Lisboa; onde esteve, até que se acabou a sua sepultura em o Real Mosteiro de Belem, onde hora está.

1531.

O Infante D. Henrique, que succedendo a ElRey D. Sebastião, veyo a ser Rey de Portugal, depois de outras muitas dignidades Ecclesiasticas, e Seculares.

O Infante Dom Duarte, que foy Principe muito devoto, e abstinente, e muito inclinado a letras, e armas, grande caçador, e muito musico. Foy casado com Dona Isabel, filha do Duque de Bragança D. Gemes, e da Duqueza sua primeira mulher, Dona Leonor de Mendoça, filha de D. João de Gusmão, o III Duque de Medina Sidonia, e Conde de Niebla. Viveo casado quatro annos, e houve della duas filhas, e hum filho. A Princeza Dona Maria, que casou com Alexandre Farnesio, Principe de Parma, e Duque de Placencia, filho do Duque Octavio ( que era Neto do Papa Paulo III. ) de legitimo matrimonio nascido, e de Madama Margarita, filha illegitima do Imperador Carlos V. A segunda foy Sua Alteza, a Senhora Dona Catharina, que sendo casada com D. João, Duque do grande estado de Bragança, houve amplissima geração de filhos, e filhas, que hoje em virtude, e excellencias se mostraõ dignos de seus inclytos progenitores. Morreo o Infante D. Duarte em idade de vinte e cinco annos, a vinte de Outubro de mil e quinhentos e quarenta: e antes que morresse, disse a seus familiares, que havia de morrer em tal dia, e hora: e entã lhe acharã hum aspero cilicio, que sempre trouxe com tanto segredo, que nem ao vestir, e despir lhe deraõ fé delle: e está sepultado em Belem. Deixando hum filho posthumo, que depois d'elle nasceo, e se chamou D. Duarte, e foy Duque de Guimaraens, e Condestavel deste Reyno, Principe digno de mais largos annos. Houve mais a Infanta Dona Maria, que morreo menina.

1540.

E no ultimo anno da Rainha Dona Maria houve della hum filho, que se chamou Dom Antonio, cujo nascimento veyo acompanhado de duas mortes, fallecendo elle, e a Rainha sua Mãe, em o anno do Senhor mil e quinhentos e dezaete, a sete de Março, sendo de idade de trinta e cinco annos. Era de boa estatura, alva, e bem assombrada, o queixo do rosto hum pouco sumido; pouco

1517.

risonha, e muito honesta em todas suas praticas, que pela mayor parte eraõ de cousas divinas, lavrava, e castigava seus filhos por sua propria mão; e era muito inimiga de passar tempo em ocio: toda se occupava em amparar orfãos, e viúvas. Fundou de novo o Mosteiro das Berlengas, da Ordem de S. Jeronymo. Foy sepultada em o Mosteiro da Madre de Deos de Xabregas. E depois ElRey seu filho trasladou seu corpo ao Real Mosteiro de Belém

A desgraça desta morte, entre outras, que ElRey D. Manoel ja em aquelle tempo padecia, sentio em extremo. E sendo então de idade de quarenta e nove annos, em o do Senhor mil e quinhentos e dezoito, casou a terceira vez 1518. com Dona Leonor, Infanta de Castella, irmãa do Imperador Carlos V. E no mesmo dia do recebimento recebeu a Ordem do Tusaõ; e mandou em Flandes fazer hum Pontifical tão rico, que só o que elle mandou ao Papa, lhe levava vantagem no mundo. E desta mulher houve o Infante D. Carlos, que morreo minino, e a Infanta Dona Maria; Princeza de Reaes virtudes, e de hereditarios patrimonios riquissima, e de tão grande casa, que para dizer, que foy igual a todas as Rainhas de Europa, não lhe faltou mais, que o nome de huma dellas. Porque em Portugal, Castella, e França, tinha Cidades, Villas, e outras muitas terras; e juos de renda, de que era Senhora. Além de grande somma de dinheiro, que lhe devia a Coroa de Portugal, das arras, com que a Rainha sua Mãe casou. Pelo qual se desviaraõ todos os casamentos, que com ella se procuravaõ, segundo he a opiniaõ de muitos, que todos ella não aceitou, por não levar tantas riquezas fóra deste Reyno. Esteve concertada casar com D. Francisco Delfim de França filho delRey Henrique, e morrendo elle se tratou casamento com Maximiliano, Rey de Romanos, que depois foy Imperador. Depois com ElRey D. Philippe, huma vez, e depois de viuvo outra, e sempre não haviaõ effeito estes casamentos; porque morreo esta Infanta sem casar: deixando de si unico exemplo a todas as Princezas, de virtude; e honestidade: e deixou a ElRey D. Sebastiaõ seu sobrinho por seu herdeiro universal, e em seu testamento tantos legados para obras pias, que excedeo o credito da historia sua multi-  
daõ, e grandeza. Mandouse sepultar em o Capitulo das Freiras da Madre de Deos de Lisboa em deposito; até se

Goës 4 p.  
cap. 68.



acabar a sua Capella mor de N. Senhora da Luz, da Ordem de Christo, junto á Cidade de Lisboa, que ella mandou lavar para isso sumptuosissima, e entre os legados de seu testamento mandou fazer de novo o Mosteiro do Calvario da Evora, da Ordem das Descalças da Primeira Regra de S. Clara. E foy nisto semelhante á Rainha Dona Leonor sua tia, irmãa delRey seu pay, mulher, que fora delRey D. João II. Por cuja morte ficando a Rainha viuva, sempre se houve com tanta prudencia, que ElRey seu irmão lhe encômendou algumas vezes o governo de seus Reynos, e na caridade, e clemencia era tão excellente, que cômummente lhe chamavaõ Máy, e amparo dos pobres. E todas estas prerogativas lhe eraõ muito convenientes, porque fundou de novo o Hospital das Caldas, e o dotou de muita renda, assim para o serviço da Igreja, e Hospital, como tambem para se dar o necessario aos enfermos, que a elle se fossem curar, no tempo, em que aquellas aguas fazem sua obra: e não com tão pouco proveito, que não seja huma das mais notaveis cousas, que se sabem na Europa, pelos muitos caes, que cada dia nellas se vem quasi miraculosos: dando aquellas aguas em muy pouco tempo perfeita saude a infirmitades, a que toda a Physica humana não achava remedio. Fundou tambem de novo o Mosteiro de Freiras Descalças da Primeira Regra de S. Clara, da invocação da Madre de Deos, situada no Valle de Xabregas junto á Cidade de Lisboa, e nelle em huma sepultura humilde está sepultada. Na ausencia delRey seu irmão, em que ella ficou por Regente destes Reynos, entre outras muitas obras excellentes, deu principio a huma muy famosa no mundo, e muito necessaria ás necessiades d'elle. Esta foy a Confraria da Casa Santa da Misericordia, que só nestes Reynos se inventou, e admiravelmente fortifica em obras de caridade Christãa: sem a qual os pobres eraõ privados de muitas esmolas, e os ricos do que pelas fazer merecem. Fez trazer da Cidade Colonia Agripina o corpo de Santa Aua, huma das onze mil Virgens, e está em o Mosteiro da Madre de Deos, que ella fundou. O que tudo a esta Rainha se deve, e outras muitas cousas, cuja relação o meu breve estylo não consente.

# DIALOGOS

D E

## VARIA HISTORIA,

EM QUE SE CONTINUAM AS VIDAS DOS SENHORES  
Reys de Portugal, e mais noticias conducentes aos nossos  
Reynos, e Conquistas,

AUTHOR

PEDRO DE MARIZ.

T O M O II.

DEDICADOS

A O SENHOR

DUARTE SALTER  
DE MENDONÇA,

Fidalgo da Casa de Sua Magestade, do seu Conselho, e  
do de sua Real fazenda, &c.

E NOVAMENTE ACCRESCENTADOS  
*até a vida del Rey Nosso Senhor. D. João V.*

PELO PADRE

Fr. FRANCISCO XAVIER  
DOS SERAFINS PITARRA.

Religioso de São Francisco da Provincia dos Algarves,  
Academico dos Escolhidos da Corte.

L I S B O A:

Na Officina de MANOEL DA SILVA.

M. D. CC. XLIX.

*Com as Licenças necessarias.*



DIABOGOS

DIABOGOS

DIABOGOS

DIABOGOS

DIABOGOS

DIABOGOS

DIABOGOS

DIABOGOS

DIABOGOS

DIABOGOS

DIABOGOS

DIABOGOS

# INDEX

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTE'M  
nesto segundo Tomo.

**D**IALOGO. V. *Em que se contaõ os successos de Portugal, a que chamamos Velhice, e quarta ida-  
de sua, pag. 1.*

Cap. I. *Del Rey D. Joaõ III. do nome, e XV. Rey, ibi.*

Cap. II. *Do descobrimento, e conquista da Provincia Santa Cruz, vulgarmente chamada Brasil, 36*

Cap. III. *Das cousas mais notaveis, que El Rey D. Joaõ fez te sua morte, e da trasladação, e amplificação da Universidade de Coimbra, 51.*

Cap. IV. *Del Rey D. Sebastião, unico do nome, e XVI Rey. 83.*

Cap. V. *Del Rey D. Henrique, unico do nome, e XVII Rey. 111*

**SUPPLEMENTO aos Dialogos. 117**

Cap. I. *Del Rey D. Filippe II de Castella, e I em Portugal, e das cousas, que neste Reyno succederão em seu tempo, ibid.*

Cap. II. *Del Rey D. Filippe III. de Castella, e II de Portugal, e das cousas, que em seu tempo succederão, 131*

Cap. III. *Del Rey D. Filippe IV de Castella, e III de Portugal, 133.*

Cap. IV. *Referem-se varios successos, que neste tempo succederão em Hespanha, e em outras partes do mundo, 142*

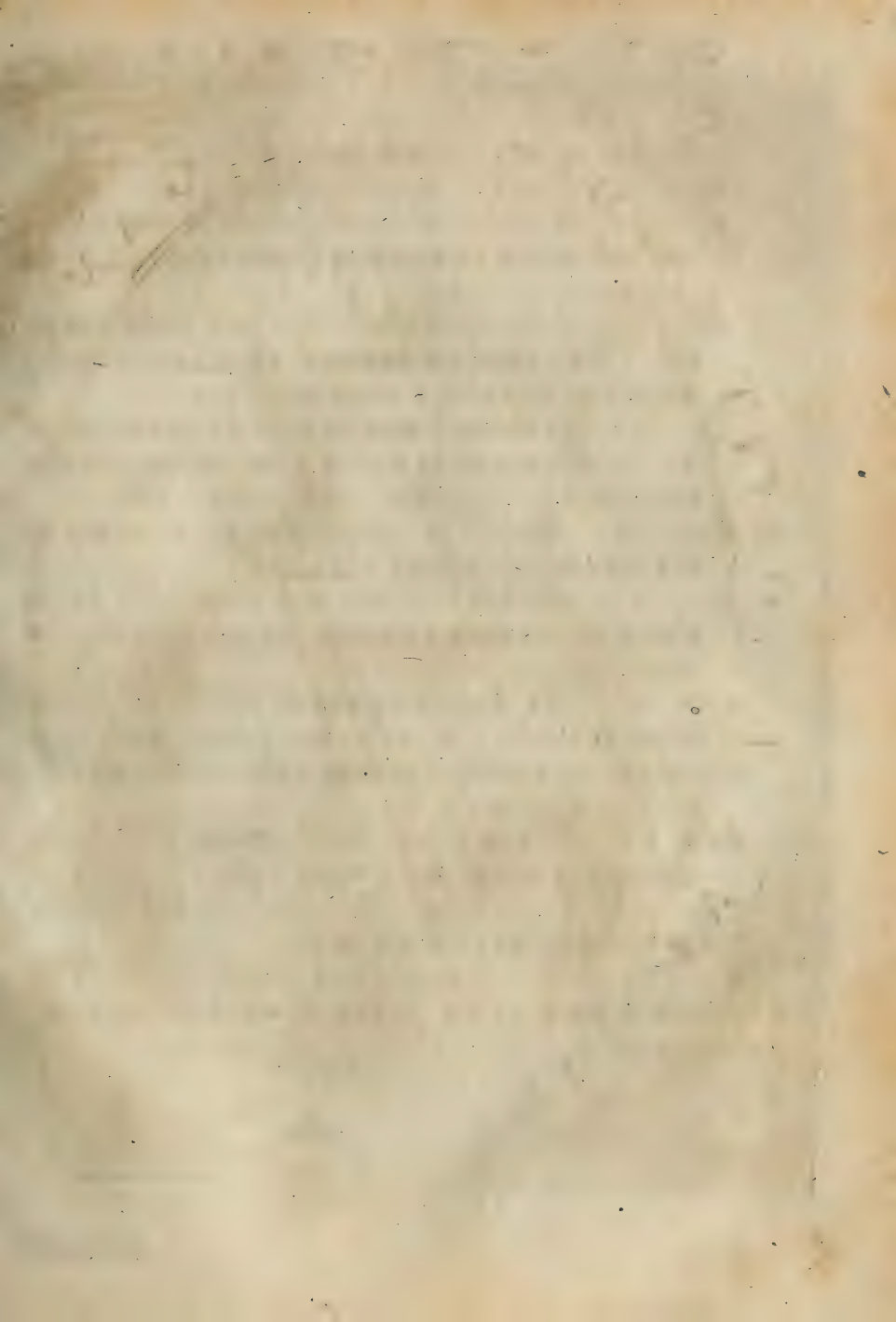
Cap. V. *Da felice acclamação do Senhor Rey D. Joaõ o IV, 147.*

Cap. VI. *Do que obrou El Rey D. Joaõ IV, depois que tomou posse do Reyno, 155*

Cap.



- Cap. VII. *Das militares empresas, e victoriosas conquistas del Rey D. João, IV.* 158
- Cap. VIII. *Da indole, e partes naturaes, e singulares acçoens da vida, e morte del Rey D. João IV,* 166
- SUPPLEMENTO II. aos Dialogos, 171
- Cap. IX. *Memorias de alguns successos mais notaveis, que acontecerão no mundo no Reynado del Rey D. João IV, ibid.*
- Cap. X. *Del Rey D. Affonso VI. e XIX Rey de Portugal, e das cousas, que succederão em sua menor idade, durando o governo da Rainha Mãe,* 175
- Cap. XI. *De varios progressos das nossas armas em todas as Provincias do Reyno, e seus Estados; do casamento del Rey D. Affonso, e seu governo.* 178.
- Cap. XII. *Memoria de alguns successos do mundo no tempo del Rey D. Affonso VI,* 188
- Cap. XIII. *Del Rey D. Pedro II. do nome, XX Rey de Portugal, chamado o Pacifico, e de seu governo, em quanto Principe Regente,* 191.
- Cap. XIV. *Do segundo casamento del Rey D. Pedro, vinda de Carlos III. a Portugal, varios successos da guerra contra Hespanha, e das cousas em seu tempo succedidas até sua morte,* 194.
- Cap. XV. *De alguns successos do mundo no Reynado del Rey D. Pedro II de Portugal,* 207
- Cap. XVI. *Del Rey D. João V. XXI. Rey de Portugal, e de seu felicissimo governo,* 211.
- Cap. XVII. *Memorias de alguns successos do mundo no feliz Reynado del Rey D. João V. até o anno de 1749*  
237.







# DIALOGO V.

## DE VARIA HISTORIA.

### TOMO II.

*Em que se contaõ os successos de Portugal, a que chamamos velhice, e quarta idade sua.*

#### CAPITULO I.

*Del Rey D. João III. do nome, e XV. Rey.*

**A**INDA que he muy proprio em os homens, quando chegaõ a idade madura; com os annos della cobrar authoridade; tambem lhe he natural perder entaõ as forças corporaes, e o fervor dellas irse-lhe diminuindo. Como se vio claramente nesta idade de Portugal, que com razaõ começamos em El Rey D. João III. Porque quando chegou ao estado, em que a posemos no Rey passado, acabou de subir ao supremo grão da magestade, e reputaçã: pois tantos, e taõ excellentes, e poderosos Reys, e Príncipes, e Senhores no Oriente, e em Africa, e na Asia, lhe obedeciaõ, e pagavaõ tributo, e reconheciaõ senhorio. Mas depois que falleceo, e juntamente com elle fizeraõ termo suas felicissimas conquistas, parece necessario confessarmos, que nelle tambem se acabou a idade varonil deste Reyno, e que a venerada velhice delle teve principio em este Rey, de que fallamos. Em cujo tempo, posto que se gozou de quieta, e descansada paz, e tranquillidade, e por isso he de alguns havido pelo mais bem-aventurado, todavia tambem se pôde affirmar, que nesse tempo de tanta quietaçã, e paz, se foy consumindo, e perdendo o que com a guerra se adquirio, e accrescentou; que parece concordar muito com o que diz Pythagoras, quando comparando a velhice do homem ao inverno, lhe chama tempo, em que já se não gozaõ senaõ os frutos das

Garib. in  
eius vita  
Joan. de  
Bar. Dec.  
terceira  
Ferdinando  
Lop. Casta  
nheda.  
Maphæus  
histor. in  
dicarum.  
L. Andr.  
Refend. in  
oratione.  
hab. Conime  
brice Mel  
chior Bel  
lagoin ora  
tione. Hi  
larias Mo  
lina in alia  
oratione  
Ignac. Mo  
reira' ibida  
Eti in Enco  
mliis Co  
nimbrigeni



Enmanuel á outras idades. E por que estes foraõ tantos, que bastáráõ neste tempo a produzir delles outros de novo, com razão lhe applicamos a comparaçaõ do Filosofo. Porque as conquistas, que nelle se fizeraõ, as vitorias, que se alcançáraõ, e as obras heroicas, que se acabáraõ (única razão de toda bemaventurança) e as mais cousas, em que El-Rey Dom João se mostrou excellente; em todas foraõ ministradas, governadas, e executadas pelos valerosos Cavalleiros, e experimentados Capitaens, que na militar escola del-Rey seu pay se criáraõ, e fizeraõ famosos. E as outras obras, que fez, em que seu poder se manifestou ao mundo, tambem se produziraõ dos riquissimos theouros, que lhe deixou juntos. Pois a fama de tua nobreza, a reverencia do seu nome, e a magestade de sua casa, e a descansada paz, de que gozou se npre, tambem parece se deve attribuir á felicidade de seu invictissimo pay: pois exercitou a guerra de maneira, que todos lhe commettiaõ pazs, e estas aceitava de modo, que muitos lhe eraõ sujeitos, e outros se faziaõ seus muitos leaes amigos; e parentes muito propinquos. Mas como eraõ frutos nascidos de outros frutos, que não tendo raizes, são de pouca dura, daqui procedeo a declinaçaõ do Imperio Lusitano neste seu Rey; pois de tal maneira quiz gozar da paz, que não curava da guerra, quando era necessario: e assim se entregou ás letras, e Letrados, que se esquecia às vezes dos cavalleiros, e Soldados. Não se querendo lembrar, que algumas vezes não pode haver perpetua paz sem continua guerra; nem esta perfeita, sem se favorecerem seus Ministros: pois a malicia destes calamitosos tempos tem introduzido o antigo proverbio: Que a boa guerra faz boa paz: como dizem Salustio, e Vegecio: e parece o confirma tambem S. Gregorio, dizendo: que para estarmos em paz com Deos, he necessario trazer perpetua guerra com o mundo, e seus companheiros. Mas ainda que digamos, que neste Rey começou a declinaçaõ deste Reyno, nem por isso confessamos, que esta sua idade foy trabalhosa: Antes ouzarey afirmar, que nem o tempo do primeiro Augusto. foy de mais Magestade, nem o de outro algum de mais quieta paz, e tranquillidade. Mas quanto mais desta gozou, a fez de menos dura: pois

o ferro

o ferro com o ocio se consome , e com o trabalho resplan- Plin: nat: historia lib: 35 cap. 23  
dece, e se faz forte; e quanto mais delicias causaraõ as riquezas do Oriente, tanto menos fortes se fizeraõ os fer-  
zes animos dos Portuguezes , e foraõ nisto semelhantes aos ambiciosos Romanos, que com os triunfos, que alcan-  
çaraõ em Asia, trouxeraõ a causa de serem desbaratados em Roma. E mais sendo isto contra o natural exercicio dos  
Portuguezes, pois foraõ sempre taõ bellicosos, que chegou hum nosso historiador a affirmar, que por elles com verdade  
se podia dizer , terem vestido mais armas, que pellotes. Quanto isto assim seja, o discurso desta breve relação vos  
tem dado bastante noticia, e do que tenho dito, e di-  
rey, entendereis, que fallo verdade

Joan. de  
Barr. dec. c.  
I in prolog

Assim que succedendo El Rey Dom Joaõ em idade de vinte annos em os grandes estados, e riquezas del-  
Rey Dom Manoel seu pay, começou a governalos de ma-  
neira, que em seu tempo gozaraõ todos de descansada paz. E dispendeo os thesouros taõ liberalmente, que com-  
ficar riquissimo, fez seus vassallos prosperos, e abundan-  
tes. E posto que naõ foy muito afeiçoado ao exercicio da guerra, todavia de tal maneira a proseguia, que naõ per-  
desse a authoridade de sua pessoa , nem o credito de seu poder se diminuisse. E foy isto tanto assim, que o primei-  
ro Governador, que o novo Rey elegeo, e mandou á India, foy o Conde Almirante Dom Valco da Gama com  
titulo de Vice-Rey, e soberano dominio naquelle Orien-  
tal Imperio , de que elle era verdadeiro Almirante , e des-  
cubridor; o qual entrando poderosamente na India, tan-  
to que seu nome nella se ouviu, e a sua invencivel pessoa áquellas partes tornava, foy tanto o temor, e espanto  
nos perfidos animos dos Mahometanos, e em todos os mais Gentios, e moradores da terra , que cada hum pro-  
curava de se pôr em salvo; cuidando que alguma grande destruição , e diluvio de trabalhos sobre elles vinha. Mas  
durou pouco este receyo aos barbaros, e aos Portuguezes as glorias , que por suas excellencias já lhe annunciavaõ:  
porque o Vice-Rey veyo a fallecer em Cochim no anno do Senhor 1524 a 25 de Dezembro, havendo tres mezes, 1524  
e vinte dias, que governava a India. Era Dom Valco da Gama homem de meãa estatura, hum pouco envolto em



carnes : Cavalleiro de sua peitosa , ousado em commetter qualquer grande feito , em mandar aspero , e muito para temer em qualquer paixaõ , sofredor de trabalho , e grande executor no castigo de qualquer culpa em cumprimentada justiça.

Por cuja morte se abrião as succelloens , e ficou o governo della a Dom Henrique de Menezes , que era Capitão de Goa , e foy septimo Governador , e Capitão General daquellas partes; o qual sendo naturalmente inclinado a guerras de Mouros , e bem afortunado nellas , assim no tempo , que se achou em Africa , como na India elle pouco , que nella viveo : castigou o Rey de Calecut , que sempre contra os Portuguezes se achava armado , e prestes , destruindo-lhe duas muy populosas ; e importantes povoaçoens. E porque elle poz em aspero , e trabalhoso cerco a nossa Fortaleza , que em Calecut estava , e por Capitão Dom João de Lima , a foy o Governador soccorrer em pessoa , o qual depois que desbaratou o poder do Camori , e descercou a fortaleza , a mandou pôr por terra ; por vir a entender , que era mais occasião de trabalhosa guerra , que de proveito. E alcançando de outros barbaros gloriosas vitorias , se fez delles tão temido , que não ousou mais algum de se rebelar ; posto que para isso sempre estavam aparelhados , como foy El Rey de Bintaõ , Rey que fora de Malaca , a que fazia continua guerra : mas em tempo deste Governador foy sua importunação castigada por Jorge de Albuquerque Capitão della , e por Pedro Mascarenhas , que lhe succedeo. E determinando fazer huma grande empreza , que era tomar Dio , partio de Cochim com huma poderosa armada , bastante a effeituvar o que seu coração desejava. E no caminho mandou por Dom Jorge de Menezes destruir Chalé , fortaleza do Camori de Calecut : e antes que chegasse a Cananor , lhe sahiraõ ao encontro grande somma de parãos bem armados , com que pelejáraõ , e Dom Jorge , porque o seu batel encalhou , fez nelle maravilhas , dignas de mais larga historia. Mas chegando o Governador a Cananor , a morte lhe atalhou seus altos pensamentos a que segundo era bem afortunado , se esperava lhe daria fim gloriosamente : morreo a vinte e tres de Fevereiro de

mil e quinhentos e vinte e seis, em idade de trinta annos. 1526.  
Era filho de Dom Fernando de Menezes, de alcunha o Roxo, irmão do grande Dom João de Menezes, da casa de Cantanhede; Capitaõ de Arzilla, e Azamor. Era homem de grande, e honrada presença, a quem com razão se podia chamar gentil-homem. Era muito catholico, e amigo da justiça; limpo em seu officio, e muito cubiçoso da honra, sem nenhuma cubiça de fazenda; posto que andava na India, onde ha grande materia de tentações. Naturalmente era inclinado a guerra de Mouros; e bem afortunado nella: muito amigo do serviço delRey, e dos homens, que seguiaõ esta sua natureza. Tinha grande odio aos revoltosos, que foy causa de alguns Fidalgos se escandalizarem delle; mas os que estavaõ mais aggravados, sendo sua falta conhecida, e sentida, o louvaraõ publicamente. Era leve em conversação, e não inflado; nem imperioso, e hum pouco desconfiado; mas não, que chegasse ao estado de se vingar por isso. Em fim tinha duas excellencias, a poucos concedidas, com que se defendia de seus inimigos, e accrescentava a fazenda delRey: era homem sem nenhum medo, e sem nenhuma cubiça, pelas quaes cousas todas sentio ElRey Dom João tanto sua morte, que sendo-lhe notado o muito sentimento, que mostrava por hum seu privado, elle respondeo: Que quereis, que faça hum homem, a quem morreo Dom Henrique.

Lopo Vaz de Sempayo, depois de muitas differenças, que teve com Pedro Mascarenhas, e suas valias, sobre quem havia de ser Governador; abertas as successões, succedeo no governo da India a Dom Henrique de Menezes; e não lhe sendo dessemelhante nas virtudes, e esforço, governou aquelles estados com muita satisfação delRey, e dos homens. E sendo taõ esforçado na guerra, que desbaratou por muitas vezes grandes armadas delRey de Malaca, que com seus amigos, e parentes pertendia aproveitar-se das discordias, em que os Portuguezes andavaõ; e do Camori de Calecut, e do Sultaõ de cambaya, e de outros Reys, que poderosamente se ajuntaraõ para nesta occasião lançarem os Portuguezes da India: todavia foy constante na justiça, mandando castigar os culpados



com aspereza, e os bons gratificando com mercês. E assim como o diabo com estas discordias na India procurou estorvar o bem, que nella faziaõ Portuguezes, de zelperado já daquella parte, lá ordenou o mesmo em outras, que também chegáráõ a estado de ultima perdição, a Dom Jorge de Menezes Capitaõ de Ternáte em Maluco, e Dom Garcia de Menezes. Mas a humas, e outras acudio Deos com sua misericordia. E depois de ter feito outras muitas obras, e edificios para segurança das fortalezas daquelle Oriente muy necessarias, e para o credito del Rey de Portugal muito importantes, acabou o seu triennio, deixando feita, e aparelhada huma grande armada de cento e trinta e seis velas (a mayor parte dellas grossas) com que determinava conquistar Dio, que tanto os Portuguezes desejavaõ, e alguns invejosos de sua boa fortuna lhe desviaraõ.

Corte-Real  
no cerco de  
Dio canto  
31.

E succedeolhe Nuno da Cunha, varaõ nobre, e prudente, grave, affavel, e esforçado. O qual tendo mostrado o valor de sua pessoa em companhia de seu pay Tristaõ Vaz da Cunha nas famosas vitorias, que em tempo do Vice Rey Dom Francisco de Almeida alcançou dos Mouros na costa do Malabar, veyo a governar a India em tempo, que ella tinha mais necessidade. E começou o governo della com mostras de prudencia, e cavallaria. E porque os Governadores passados com vehemente cuidado trabalháraõ por conquistar a Cidade de Dio, e para isso deixaraõ já feitos grandes apparatus de guerra; este Governador logo entendeu nesta empreza, partindo para ella com huma armada de trezentas velas grandes, e pequenas, bem armadas, e apercebidas, e nellas tres mil homens Portuguezes, e dous mil Malabares, e Canarins. E chegando assim á Cidade de Damaõ na costa de Cambaya, a achou desamparada, e despejada com medo de tamanha frota: mas não fizeraõ assim os moradores da Ilha Batelle, na mesma costa; e oito leguas de Dio, a mais forte, e inexpugnavel de toda aquella paragem, e defendida entaõ por hum Capitaõ Turco com dous mil homens armados, e mais de mil de outra gente da terra. Os quaes, ainda que lhes não faltava ousadia para resistir a grandes poderes, todavia vendo a nossa fróta, quise-

raõ-se

rao-se pôr em salvo; e por não terem navios, nem embarcações, mandárao pedir ao Governador licença para se sahirem com partido honesto para ambas as partes, que lhe não foy concedido. E elles com esta nova tão triste determinárao morrer todos, desesperados já de todo remedio. E para isto o Capitão da fortaleza despojou de noite o mais que pode, e os outros tudo o mais trouxerao á praça, e em hum monte lhe puêrao fogo; e matarao as mulheres, e filhos, e velhos, que não podiao pelejar; e de todos, os que ficárao, se escolheraão sete centos havidos por mais valentes, e a seu modo se juramentárao de morrerem na empreza conjurados. E assim o fizerao, defendendole com tanta braveza, que os Portuguezes se espantavao não podendo vencer tão pouca gente. Mas como lhe matárao o Capitão, começárao a enfraquecer tanto, que forão entrados, e vencidos, mas não tão facilmente, que não custasse a vitoria muitas mortes, e sangue; porque morrerao dezasete Portuguezes Fidalcos, e os mais esforçados, e muitos ficarao tão mal feridos, que depois elcaparao poucos. Dos Mouros muy poucos ficárao com vida, porque não pertendiao na batalha senão morrer; mas primeiro se defendiao com tanto animo, que estando hum delles atravessado de huma lança, se veyo correndo por ella, até que chegou a hum Portuguez, que a tinha, e com huma espada lhe cortou huma perna; e assim bem se pode dizer, que em hum mesmo instante, quasi de huma pancada cahiraão ambos. Nesta Ilha, e conquista della, gastou o Governador oito dias, que derao vida á Cidade de Dio, porque nelles se fortificou com tanta diligencia, e ordem, que se pode defender de modo, que mais mal recetêrao os nossos, do que foy o que lhe fizerao; porque estavao na Cidade onze mil homens armados, e seis mil Turcos, e trezentos Arabes, todos Soldados velhos, muito experimentados, com muita artelharia, e entre ella havia tres peças de monstruosa grandeza, com que tratárao mal a nossa armada, que o Governador levantou o cerco logo, e se foy a Goa com razão magoado de aproveitar tão pouco tanto apparato; e deixou naquella costa Antonio de Saldanha com huma armada; para fazer cruel guerra a ElRey de Canbaya. E elle o



fez com tanto acordo, e valentia, que em pouco tempo lhe destruiu muitos lugares, e lhe tomou muitas naos, e o poz em miseravel estado; não ousando ninguem sahír daquella Cidade, que não se dêsse logo por perdido em mãos dos Portuguezes, como a muitos acontecia. Até que chegou o verão daquellas partes, em que o Governador Nuno da Cunha tornou á empreza com 80 navios quasi todos grandes, dous mil Portuguezes, e dous mil Indios de soldo: e chegando a Baçaim Cidade grande, e forte naquella costa de Cambaya, a achou defendida de mais de dez mil homens, e tanta artilharia, que se teve por milagre grande andarem os nossos na praya derramados, onde cahiaõ infinitos pelouros, e não acertarem em algum, que deu causa a muitos Indios dos nossos Soldados se converterem. Dos inimigos sahiraõ fóra da Cidade dez mil, e apresentando batalha aos nossos, elles o fizeraõ com tanto esforço, e valentia, levando o Capitão Silveira a dianteira, que foraõ desbaratados, e fugindo para a Cidade, entráraõ com elles, e depois fizeraõ o meímo aos da fortaleza; em o que se fizeraõ muy grandes valentias, que o Governador remunerou logo dando premios a muitos publicamente, como antigamente costumavaõ os Romanos. Acharaõ-se naquella Cidade, e fortaleza muitos instrumentos de guerra, muita polvora, e quatro centas peças de artilharia grossa: morreraõ quinhentos, e cincoenta Mouros, e seis Christãos sómente: arrazouse a fortaleza, e a tudo, o que na terra, e seus arredores havia de proveito, se poz o fogo, e se destruiu; com o que dandose o Governador por satisfeito da perda, que recebera, e afronta, que passara em Dio, se partio para Goa a invernar, e apparelhase. Mas entre tanto mandou a Martim Affonso de Sousa, que com trinta e cinco velas, e seis centos Portuguezes fosse sobre Damaõ, Cidade forte, e bem armada, tambem naquella costa, quatorze leguas de Baçaim. Chegado elle com esta companhia á vista da Cidade, os moradores della fugiraõ todos; mas na fortaleza ficáraõ quinhentos Turcos, e alguns Rhesbuto, gente muy féra, e criada em latrocínios, habitantes em os confins de Carmania. Os quaes todos em hum corpo pelejáraõ com tanto fervor, e desesperaçãõ, que nenhum ficou com vida

vide; á custa de a tirarem a dez Portuguezes, e muitos feridos, mas a fortaleza foy toda destruida, e arrazada até os fundamentos. Com esta vitoria animados os Portuguezes fizeraõ dalli em diante tão cruel guerra a toda aquella costa de Cambaya, e á mesma Cidade de Dio, causadora de tantos males, que o Sultaõ Bandur seu Rey, sabendo o que passava, e com quanta crueldade os Portuguezes se haviaõ com elle, determinou pedirhe pazes com algum honesto partido, em quanto elle se aliviava de dous grandes inimigos, que entaõ lhe moviaõ guerra. Hum delles era hum Rainha de Sanga, chamada Crementina, muito formosa, mas em tudo o mais, mais que varonil, criada no exercicio das armas ao modo das Amazonas, a qual com dous mil homens de cavallo, e trinta mil de pé sómente lhe fazia cruel guerra, mais com seu esforço, que com a multidãõ da gente. O outro inimigo del Rey de Cambaya era El Rey Miramudit, que se prezava de descendente do grande Tamoraõ: era de nação Scytha, e aos seus vassallos chamavaõ Mogores, e elle de sua pessoa muito bellicofo, e tão avantajado em poder, e grandeza, que toda a terra, por onde passava com seu exercito deixava destruida. Vinha vingar-se del Rey de Cambaya, e restituirle de hum Reyno, que hum seu avò lhe usurpára. Esta foy a causa, por onde este Rey assentou paz com Portuguezes, dando-lhes a Cidade Bacaim, e outras Ilhas, e muitas terras pelo sertão dentro. E com esta conclusãõ se apparelhou a resistir a tão grandes contrarios. E para que saibais o grande poder daquelles Reis do Oriente, ouvi o aparato de guerra, com que El Rey de Cambaya lhe sahio ao encontro. Leváva duzentos e cincoenta mil homens de cavallo, dos quaes bem armados eraõ trinta mil, quinhentos mil homens de pé, e nelles mais de quinze mil Soldados vellos, de varias naçoens grangeados. Os Capitaens eraõ Partacos, e Abexins, trezentos Turcos, com Mustaphá famoso Capitãõ, leváva tambem oitenta Christãos tirados de cativello para esta guerra, dos quaes cincoenta eraõ Portuguezes, e os mais Francezes. Levava mais mil peças de artilharia de Bronze toda encavalgada, e nella havia quatro Basiliscos, que não podiaõ caminhar senaõ á força de



cem juntas de bois: elefantes eraõ duzentos armados; com seus castellos, e em cada hum quatro Soldados com muitos tiros de arremeço. E sobre tudo levava quinhentas carretas de ouro, e prata em moeda. Além deste apparato, que todo era da propria fazenda del Rey de Cambaya, hiaõ tambem com elle todos seus Satrapas, e senhores de seus Reynos, com todos seus thesouros; e algum destes havia, que tinha oitocentos, e nove centos mil cruzados de renda em cada hum anno. Mas nem taõ grande poder, e taõ avantajadas riquezas foraõ bastantes, para deixar de ser vencido da multidaõ, e barbaria dos Mogores, que todos a cavallo ao modo dos Persas, se houveraõ com elle de maneira, que foy delles duas vezes vencido, e posto em tal estado, que se recolheo á Cidade de Dio, taõ atemorizado, que ainda nella para se ver seguro, rogou aos Portuguezes com sua amizade, e lhe offereceo lugar para fortaleza, que logo se começou, estando presentes o Governador Nuno da Cunha, e o Capitaõ mór Martim Affonso de Sousa, de quem o Rey havia grande medo, e foy isto em o anno do Senhor mil e quinhentos e trinta e cinco. E naõ lhe foy mal do partido, porque logo se ajudou dos Portuguezes, mandando duzentos e cincoenta delles em companhia de outros seus Soldados, que passando primeiro grandes afrontas, lhe recuperáraõ muitas fortalezas, que lhe tinhaõ tomado os Mogores. Os quaes, entrando o Inverno, se foraõ para sua terra muito ricos, e bem vingados, e El Rey ficou entendendo em recuperar o que tinha perdido; e para se vingar como desejava, mandou pedir favor ao graõ Turco, e para isso lhe mandou grande somma de ouro.

Neste anno aconteceu hum caso, que pudera escurecer, ainda entre fabulosos Poetas, a celebrada fama da sua nao Argos; porque hum Portuguez chamado Diogo Botelho, que andava na India, em desgraça do seu Rey, por alguns crimes, que inimigos de seu esforço lhe impozeram, e desejando tornar-se em a graça perdida, com alguma obra digna de seu animo, determinou trazer a El Rey Dom Joaõ nova da fundação da Fortaleza de Dio; por ser cousa, de que elle tinha grandissimo desejo. E por-

que

que era Inverno, e não havia nao de viagem, fez, e armou á sua custa huma embarcação de dezoito pés de comprimento, e seis de largo, de tal modo fabricada, que a nenhuma tempestade se rendesse. E metendo alguns marinheiros nella enganados, e todo, o que lhe pareceo necessario para navegação tão comprida, como foy em alto mar, lhe descubrio seu intento, e a huns com dadivas, e outros com medo, a todos fez continuar o caminho. Em o qual depois de varios casos, que lhe aconteceraõ, passou o Cabo de Boa Esperança, tão temeroso no mundo: e fóra de toda a esperança, chegou a Portugal atravessando a mór parte do mundo; em tão pequena embarcação: que mais se festejou neste Reyno a novidade de sua navegação, e ouladia, que a nova da nova fortaleza, que tanto se delejava, e tão importante era áquelles estados da India. Pelo que, e por ElRey D. João conhecer em aquelle homem tão animoso coração, lhe perdoou, e tornou em sua graça, e fez notaveis mercês.

Posta a fortaleza de Dio em estado para se poder defender, se partio o Governador Nuno da Cunha, deixando Manoel de Sousa, com oitocentos Portuguezes, por Capitão; e elle se foy invernar a Goa: onde achando os Reis de Cochim, e Calecut em cruel guerra, mandou a Martim Affonso de Sousa favorecesse o de Cochim. O qual renovando as grandes vitorias de Duarte Pacheco, em alguns dos mesmos lugares alcançou outras, tambem miraculosas: e desbaratando elRey de Calecut, e huma sua poderosa armada, duas vezes o fez retirar com grande perda, e magoa. Mas não poderaõ os Portuguezes estar muito tempo quietos em a fortaleza de Dio; porque o mesmo Rey Bandur, que a concedeo, envejando nossa felicidade, ou, como alguns dizem, não lhe parecendo bem ter em suas terras gente tão indomita, como são Portuguezes na India, tratou diversos meynos para ros lançar fóra della, depois que se vio livre, e desasombrado de seus inimigos, e porque quantos artificios provava para executar esta maldade, todos lhe sahirão em damno de lealdade, que devia a quem o ajudara em sua necessidade, determinou matar o Governador em hum banquete, com q̃ lhe parecia podia chegar ao fim desejado: não sabendo, que



qualquer animo Portuguez, dos que áquellas partes passão deste Reyno, he bastante a conquistar hum grande Imperio, quanto mais defenderse de Reis barbaros, posto que muito poderosos, como elle era. E tanto se deixou vencer desta paixão, e desejo, que veyo á noticia do Governador, que logo como teve occaſião, lhe fez dar a morte, que o barbaro Rey lhe tinha traçado; mas não foy com tanto acordo ministrada, que a falta d'elle não fizesse morrer alguns Portuguezes em sangue nobilissimos, e no valor militar insignes, e muito experimentados; e entre elles morreo Manoel de Sousa, sem o qual o barbaro Rey já escapava, e deolhe huma cutilada hum Mouro fidalgo da companhia del Rey, a que por seu esforço nas armas chamavao Tigre do mundo. Mas como a troco destas mortes se comprava a segurança daquelles estados da India, que aquelle Rey tão poderoso determinava extinguir, démo-las por bem empregadas.

Estando aqui o Governador, veyo ante elle hum Mouro natural de Bengála, de idade de trezentos e trinta e cinco annos, já bem provada, e confirmada por muitas conjecturas, e testemunhas verdadeiras; porque sem saber ler, nem escrever dizia o Mouro os successos das cousas de todos aquelles annos, assim como estava em os seus annaes postos em memoria: além disto todos os seus naturaes se lembravao, que a seus pays, e avós ouviraõ fallar em aquelle homem. E a este tempo já se lhe haviaõ cahido os dentes algumas vezes, e outras tantas lhe nasciaõ de novo: e a barba se lhe fizera branca, e preta outras tantas vezes. Foy Gentio até os cem annos, e entao era Mouro, e tinha hum filho de noventa annos. E por ser cousa tão notavel, o seu Bandur lhe dava certo estipendio para sua sustentação. E como o Governador Nuno da Cunha se apoderava de todas aquellas terras do morto Rey, veyo este Mouro pedir lhe não lhe tirasse a mercê, e ordenado mantimento, que tinha: o que por elle lhe foy concedido, com tanta admiração de todos, que muito tempo se fallou em tamanha estranheza. Morto el Rey de Cambaya, logo o Governador se fez senhor da Cidade, e outras muitas terras daquella costa de Cambaya, deixando-a em sua obediencia, em nome del Rey de Portugal,

gal; e deixando a fortaleza muito accrescentada, e nella por Capitaõ Antonio da Sylveira com seis centos Soldados entre todos escolhidos, se partio para Goa.

Mas logo a fortaleza foy combatida pelos Governadores do Reyno de Cambaya, em nome de hum neto do Mouro Rey, que lhe succedera: os quaes com dez mil homens de pé, e cinco mil de cavallo, gente escolhida, e bem exercitada, e juntamente com tres mil Soldados, e mil de cavallo, que Cogeçofar armou á sua custa, todos os melhores de todaaquella provincia, commeteraõ a fortaleza com muito animo, e valentia: e em o primeiro combate, sendo o mesmo Cogeçofar ferido, desistiraõ entaõ da guerra, para melhor se prepararem, quando viesse a armada do graõ Turco, que estavaõ esperando muito grande, e muito poderosa.

E porque em quanto ella se apparelha, naõ estejamos ociosos, ouvi o que em o tempo deste Governador se passou nos mais estados da India, digno de memoria; até que veyo esta armada taõ desejada de tantos. Em o anno atraz mil e quinhentos e trinta, governando ji a India Nuno da Cunha, foy Heytor da Sylveira ao estreito do mar de Arabia com huma armada, como todos os annos se costumava: e foy a tempo, que chegando á vista de Adém, a estavaõ combatendo havia cinco mezes dous Capitaens do graõ Turco, e a tinhaõ em tanto aperto, que ficaraõ senhores della, senaõ chegara Heytor da Sylveira: com cuja vista sobreveyo tanto temor aos Turcos, que logo levantáraõ o cerco, e quasi como vencidos se fizeraõ na volta do porto de Suez: deixando aquelle mar taõ desamparado, que pode Heytor da Sylveira tomar algumas naos carregadas de especiarias; em que houve sangue de parte a parte derramado. Despejado assim o mar, chegou o Capitaõ a Adém, e aproveitando-se da occasiaõ, disse ao Rey della, que sabendo elle daquelle cerco, viera com aquella armada em seu favor, por lhe mandar El-Rey de Portugal, que com elle tratasse muita amizade. O qual com mais temor da nossa armada, que das duas de Turcos, que pouco antes o tinhaõ em estado de perdição, aceitou a amizade, e se offereceo por vassallo del-Rey de Portugal com certo tributo. Mas naõ lhe durou  
mais



mais este concerto, que em quanto acabou outro com o Turco; porque logo matou todos os Portuguezes, que Heytor da Sylveira deixou naquella Cidade, e lhe tomou huma nao carregada de mercadoria.

Em as Ilhas Malucas tambem neste tempo succederaõ tantas cousas, que se vio Dom Jorge de Menezes, Capitaõ, e Governador dellas, em estado de perdição assim com os proprios naturaes daquellas mesmas terras, que com traçoens pertendiaõ matallo; como com Castelhãos, que aquellas partes foraõ ter em navios bem armados, dizendo que aquellas Ilhas eraõ de sua conquista. Mas o favor Divino, e o braço, e ferro dos Portuguezes, de huns, e outros contrarios lhe alcançaraõ mil vitorias. E acabado o seu triennio, lhe succedeo Gonçalo Pereira, que se houve taõ mal com os naturaes da terra, que em huma conjuração o mataraõ á traição, e o mesmo houveraõ de fazer a todos os Portuguezes, que lá estavaõ, se a valentia de alguns não excedera as humanas forças em sua defenção; e da fortaleza, que esteve quasi perdida. Succedeo-lhe Vicente da Fonteca, que governou aquelle estado, em quanto não chegou Tristão de Atayde, que foy por Capitaõ, e Governador de Maluco: e em seu tempo se começaraõ a bautizar muitos Genrios em aquellas provincias, principalmente em a Cidade Monoya da Ilha de Moro; porque o Senhor della se bautizou por industria, e trabalho de Gonçalo Veloso, que lá andava negociando: e traz elle muitos vassallos seus, e moradores da mesma Cidade. Mas o diabo ordenou de modo suas cousas em aquelles novos Christãos, que durou pouco a Christandade em os mais delles: levantando-se todos os moradores da Cidade contra os Portuguezes, matando alguns, e entre elles os Clerigos, que os doutrinaõ, e bautizavaõ, e em tudo o mais fizeram de maneira, que não ficou em a constancia Christãa, senão o senhor da terra com muy poucos. A este Governador, e Capitaõ de Maluco, succedeo Antonio Galvaõ, filho de Duarte Galvaõ, Chronista mor destes annos, e sendo mais felice, que os passados, começou-se em seu tempo, e por sua industria, e prégaação, a Christandade em aquellas partes, com tanto fervor, e accrescentamento,

to, que se bautizaraõ Reys, e Principes, com grande multidão de parentes, e criados. E desta maneira alcançou este Capitaõ vitoria do diabo nesta conversão, e dos inimigos da nossa Fé em mil batalhas, que cada dia vençia. Com que se fez o seu tempo bem afortunado em aquellas partes tão remotas, e de tão grande proveito.

Tambem neste tempo em Goa o seu Capitaõ Dom João Pereira alcançou hum miraculosa vitoria de hum grande Capitaõ de Azedecaõ vassallo do Idalcaõ, indo soccorrer a fortaleza de Rackol. Eraõ os Mouros nove mil Soldados escolhidos, em que havia muitos Turcos, e entre elles vinhaõ cincoenta de cavallo armados; e vinte cavallos ligeiros, de que naquellas terras ha muy poucos, por lhe virem todos de Persia, e em pouca quantidade, e muito preço. E Dom João Pereira se encontrou com elles com quatro centos Portuguezes sômente, e cento de cavallo, e mil Indios amigos. E com tanta valentia se houveraõ neste primeiro commettimento, que os Portuguezes se viraõ desconfiados da vida; e como desesperados arremeteraõ os inimigos com tanto animo, que lhe fizeraõ virar as costas, deixando mortos no campo mil e sete centos, e hum grande numero de cativos. E em satisfação desta perda, mandou logo Azedecaõ outro exercito com dezoito Capitaens Turcos, e entre elles hum famoso em armas, que com oito centos de cavallo, e quatro mil de pé commetteo esta empreza animosamente: mas tambem foraõ vencidos pelos Portuguezes, e todos os Capitaens Turcos mortos, e em toda a outra gente foy grande destruição; mas não sem alguns dos nossos morrerem como Cavalleiros. E todas estas cousas atraz aconteceraõ do principio do governo de Nuno da Cunha até o anno mil e quinhentos e trinta e cinco. Com estas, e outras vitorias, e successos bemafortunados, que os Portuguezes alcançaraõ em aquelles estados do Oriente; se passou o tempo, até que chegou o termo da desejada vingança, pela merecida morte del Rey de Canbaya, entrando hum poderosa armada na India, solicitada por quasi todos os Mouros daquellas partes: e por Capitaõ mór della vinha Solimaõ Baxá Albaréz, Rey do Cairo, e Alexandria, Roxatej, e Damasco, e outros muitos senhores, de que o graõ



o graõ Turco lhe fizera mercê pela industria, que deu aos instrumentos, com que a Ilha de Rhodes se conquistou. E hora o mandava á India a petição dos Reys della, e principalmente de hum mulher do morto Rey de Cambaya, para lançar fóra os Portuguezes, e seu nome extinguir em aquellas partes. E aceitou o graõ Turco facilmente mandar fazer esta empreza, por lhe parecer era cousa muito indecente á sua grandeza deixar envelhecer tanto os Portuguezes no senhorio das partes da Persia, e India, e do riquissimo trato, e commercio de todo o mar do Oriente, onde a mayor parte dos mercadores eraõ da sua feita, e Alcoraõ de Mafoma. Além destas razoes, bastantes a qualquer Rey Barbaro, ou tyranno, tambem desejava vingarse delles pela a mizade, que tinhaõ com o Sophi da Persia, seu inimigo: em ajuda do qual sabia, que o anno a traz andára hum boa companhia de arcabuzeiros, e muitos Mestres de fundir a artelharia, e alguns bombeiros, todos Portuguezes, com que o Sophi lhe fazia cruel, e aspera guerra; e com elles havia pouco alcançara do mesmo graõ Turco a mayor vitoria, que elle nunca tinha experimentado, de que estava ainda magoadissimo. Sobre tudo isto, não sofria a perda, que com a nossa navegação, e commercio recebia, pelo proveito, que dantes tinhaõ com ella os Reys, e Caliphas do Egypto (a quem elle usurpara o senhorio) levando as especiarias, e drogas pelo mar de Arabia ao Cairo, por hum canal de vinte leguas, que o antigo Rey Sefostris para isto fizera: e dahi pelo Nilo a Alexandria davaõ com ellas em Venneza, donde se repartiaõ por toda a Asia, e Europa. Principalmente vendo, que hora nom mayor facilidade os Portuguezes as levavaõ a Portugal, e dahi se espalhavaõ por toda Hespanha, França, Italia, Alemanha, e Inglaterra, e todas as mais Ilhas, e reoncavos do mar Oceano, Occidental, e Austral, e em muito menor preço, e mayor quantidade, do que dantes se costumava. E assim estimulado destas tres cousas, zelo da Religiaõ, vingança, e interesse, que saõ os mais poderosos estimulos, e occasioens das mayores guerras, que no mundo succederaõ; o que tudo junto com a insaciavel cobiça da casa Othomana, de que elle era cabeça, e o mayor, se determinou

minou mandar esse seu Eunucho, de cuja militar prudencia haviu negocio de tanto pezo, como elle entendia havia de ser, em lançar os Portuguezes da India, que elle como cavalleiro sabia serem valerosos nas armas, e grandes conquistadores. O qual levando a madeira do monte de Albania ao Cairo, antigamente chamado Memphis; e depois que alli lavrou todos os vasos, os fez levar em camellos, em partes divididos, a Suez, antigamente chamada Arsinoe; Cidade maritima do mar Vermelho, onde acabados de fabricar, se lançarão em aquelle mar, depois que nelles se gastou grande somma de dinheiro: e por isso não foram em tanta quantidade, e grandeza, como a cobiça do grão Turco costumava, nem com tantos Soldados; mas os que levava, eram já veteranos, e muito experimentados, e costumados a vencer grandes inimigos. Era esta armada de oitenta velas grossas, em que entravam cincoenta e quatro galés, seis galeões grandes, e quatro galeças, e outros navios de alto bordo, todos bem artilhados, com mais de seis mil e quinhentos homens de guerra: dos quaes os dous mil eram os famosos Jenisaros, com que elles espantam o mundo; e os outros eram Turcos, todos escolhidos, e gente limpa, que lhe fora de Constantinopla, cada hum dos quaes podia governar grandes exercitos. Com esta custosa armada levava este Capitão ordem para se fazer senhor das Cidades de Goa, Ormuz, e Dio, e dos grandes thesouros dos Reys de Cambaya, e Bengála, que muy famosos eram no mundo. Mas como esta empreza podia impedir o felice curso, com que a Christandade do Oriente se hia accrescentando, acodio Deos aos edificadores desta sua Igreja, como aos taes costuma; e com seu braço Omnipotente obrou de modo, que esse pertinaz tyranno com sua indomita cobiça, nem se fizesse senhor daquelles Reynos, e Cidades, nem lhe tomasse seus thesouros, nem lançasse os Portuguezes da India; antes fosse vencido delles com muy pouco poder, e forças. Tendo primeiro estes barbaros cercada a fortaleza de Dio (ainda não acabada de edificar) por espaço de dous mezes, em os quaes o Capitão Antonio da Sylveira com seiscentos Portuguezes somente a defendeo a toda esta armada, e



outra muita gente do Reyno de Cambaya; que Cogeçofar seu Capitão governava. E apertaraõ tanto com elles, que lhe foy necessario em sua defenſaõ fazerem faç nhas nunca ouvidas, e experimentarſe a mayor lealdade, com o mayor animo, e valentia, que naquellas partes ſe vio nunca; e taõ grande fervor Chriſtão, e bellicoſo, que houve hum Soldado, a que ſenaõ ſabe o nome, que ſaltando-lhe pelouros em huma eſcaramuçã de muita importancia, em o mayor impeto do combate, tirou da ſua propria boca hum dente, e com elle fez ſeu tiro: e tudo era necesario: porque naõ pelejávaõ entaõ com Mthyopes deſarmados, nem com Indios fugitivos, ſenaõ com gente bellicoſa, e forte, Turcos, e Jenizaros, e valentes Mouros, governados por Capitão famoſo, e todo o genero de bellicos instrumentos. E além do ſoberano eſforço, que os Portuguezes neste cerco moſtraraõ, tambem ſe viraõ nelle milagres evidentes, demoſtradores do favor Divino. Até que em o ultimo combate, em que os Turcos provaçaõ o ultimo de ſuas forças, eſtando as dos Portuguezes taõ diminuidas, que naõ havia mais de ſeſenta, que podeſſem tomar armas, elles ſe houveraõ de maneira, que lhe fizeraõ levantar o cerco, deixando mortos aquelle dia mais de quinhentos Turcos, que com os outros, que morreraõ em os outros dias, chegaraõ a tres mil, os mais eſforçados delles; porque eſtes ſão ſempre os que dos mayores perigos primeiro ſe abalançaõ. Os outros, que ficaraõ vivos, receando o ſoccorro, que já ſe eſperava, ſe embarcáraõ com tanta preſſa, e temor, que deixáraõ com barbara crueldade eſtendidos no campo mais de quinhentos feridos, que com toda a artelharia vieraõ às mãos dos Portuguezes. Os quaes déraõ g'orioſo fim a huma das mayores façanhas, que no mundo ſe vio, pelo qual foy eſta heroica obra taõ famoſa, e eſtimada, que ElRey Francisco de França (unico remunerador de valeroſos animos) movido da clara fama de taõ illuſtre façanha; mandou buscar a eſte Reyno o retrato do valeroſo Capitão Antonio da Sylveira, e o collocou dignamente entre os dos famoſos homens do mundo na gloria militar excellentes. Foy eſta miraculoſa vitoria alcançada no anno do Senhor mil e quinhentos e trinta e oito. Depois

Maphrus  
Indiarum  
hiſtor. l. 12

pois do qual seguiu, e fortificou, o Governador Nuno da Cunha esta fortaleza, e a de Baçaim, destruindo toda aquella costa de Cambaya: fazendo o mesmo a todas as fortalezas, que deixou seguras à Coroa deste Reyno, com todos os mais estados daquelle Oriente amplificados, e livres, com as insignes vitórias, que elle, e seus Capitães alcançaram da barbara gente; com que ficaram desembaraçados, e quietos, e elle triunfante, e seus Soldados ricos, e famosos, e o nome Portuguez mais temido, reverenciado, e acatado naquellas partes. Depois de todas estas vitórias, e havendo mais de dez annos, que governava a India, chegou a ella Dom Gracia de Noronha, que lhe succedeo, e o grão Nuno da Cunha se partio para este Reyno, e vindo junto do Cabo de Boa Esperança falleceo em parte, onde lhe deram o mar por sepultura, que para tão grande homem ainda parecia estreita, pequena, e breve.

E porque ElRey Dom João receava esta armada do Turco, de que estava avizado por via de Veneza, mandou com este Governador onze naos grandes, e entre ellas huma famosa, a que chamavam Galega, carregada de homens homiziados, degradados, e facinorosos: esperando delles, que fariam maravilhas contra os Turcos, pois contra os seus naturaes tinham mostrado tanto. Mas partidas as naos todas juntas, esta não appareceo mais, nem se soube onde, nem como se perdera. Causa notavel, e que não carece de mysterio: não permittir Deos, que em a fundação desta sua Igreja homens sanguinolentos ajudassem.

Entregue do governo da India Dom Gracia de Noronha, de quem por suas virtudes insignes, e experiencia de guerra, se esperava, que nella fizesse muito proveito: não durou nelle mais de seis mezes; porque falleceo em o anno do Senhor mil e quinhentos e quarenta, deixando feita paz com o Rey de Cambaya, e as cousas de Dio bem assentadas, e na fortaleza por Capitão Diogo Lopes de Sousa com nove centos homens, com que elle se fez senhor de toda aquella costa, e lugares maritimos della com todas as Ilhas circunvisinhas. E deixando as mais cousas da India em bom estado, e com bom prin-

1540.



cipio ordenadas, não sem trabalhosa guerra; com que os Mouros determinavaõ acabar o que os Turcos começaraõ. Em seu tempo aconteeo, que andando hum Sacerdote Portuguez catechizando alguns moços Gentios do Malabar, para se baptizarem, a caso por hum descuido, que alguns delles commetteraõ, deu huma bofetada em hum, em final de doutrina; e porque em aquellas partes o tal castigo se tem por mortal injuria, os pays dos moços se alvorocaraõ de maneira, que feitos em motim, se foraõ ao Sacerdote armados para se vingarem nelle. Mas os moços, posto que esbofeteados, ensinados já da divina graça, se ajuntaraõ todos em hum corpo, e com pedras contra seus proprios pays defenderaõ o Mestre com tanto espirito, e fervor, que os fizeraõ recolher por força, e bem espantados de taõ grande maravilha. Mas porque Martim Affonso de Sousa, que no primeiro lugar estava nomeado, era partido para este Reyno; succedeo o segundo nomeado na succellaõ, que era Dom Estevaõ da Gama, filho segundo do grande Dom Valco da Gama, Conde Almirante, que havia pouco tempo fora Capitão de Malaca: o qual sendo valeroso, e forte, e sobre tudo estimulado da gloria paterna, de cujas virtudes por suas claras obras se mostrou legitimo herdeiro, determinou effectuar o que seu predecessor desejava muito, que era queimar a armada, que o grão Turco tinha em Suez, para outra vez tornar á India. E assim ordenando huma formosa frota, entrou com ella naquelle perigoso estreito do mar de Arabia, que o vulgo chama Roxo. Mas pela muita curiosidade, que levava de ver o intimo daquellas maritimas costas, foy a tempo, que já os Turcos estavaõ recolhidos, e fortificados de modo, que lhe não pode fazer algum mal. Mas convertendo o todo contra os Mahometanos, habitantes naquellas partes; destruiu muitas Cidades populosas, e fortes, não sem grande resistencia, e sangue de parte a parte derramado em muitas batalhas, de que sempre alcançava victoria; em hum das quaes junto ao Monte Sinay, foy armado Cavalleiro D. Luiz de Atayde pelo mesmo Governador.

E chegando a hum porto do Preste Joã, Rey da Abbaissia (chamado Claudio) e achando nelle hum seu bom baixador

baixador ; porque lhe pedia soccorro contra hum tyranno, que o tinha desterrado, elle lhe mandou seu irmão Dom Christovão da Gama, mancebo de intrepido coração, e animo, para grandes emprezas muito conveniente, com quatro centos homens Portuguezes bem armados, com os quaes, e muitas peças de artilharia, e com outta muita gente, que lá se lhe ajuntou, restituiu o Rey em seus estados, e coroa, alcançando de seus inimigos miraculosas victorias. Mas vindo em huma batalha (que por descuido se perdeu) a ser cativo delles, foy tão cruelmente atormentado, que sem lhe poder valer o Rey restituído, morreo em os tormentos gloriosamente, deixando o corpo nas mãos de seus inimigos, e a cabeça foy mandada ao grão Turco. Alguns o poem em o Catalogo dos Santos Martyres, e o mesmo Rey Claudio escreveu ao Governador da sua morte, chamando-lhe Martyr de Christo: affirmando mais, que em vingança della, Deos lhe concedera dahi a poucos dias huma grande victoria com ajuda dos Portuguezes, que ficaraõ vivos. Alguns dos quaes tornaraõ a este Reyno; e os outros se deixaraõ ficar naquella Ethyopia, ricos, e honrados. Tornando-se o Governador a India, e occupando o seu generoso animo em outras obras necessarias, e proveitosas assim ao governo daquelle Oriente, como ao credito de sua pessoa, e augmento da Fé de Christo, que conservou, e extendeo sempre como filho de tão bom pay, chegou de Portugal Martin Affonso de Sousa, que lhe succedeo. O qual antes que fosse Governador da India, fez nella tão heroicas obras, e alcançou dos inimigos tão gloriosas victorias, que se esperava d'elle, que chegando áquella dignidade, faria maravilhas naquelle Imperio. E posto que não houve occasião de novas conquistas, nem edificacão de fortalezas, todavia governou em paz, e justiça, e deu asperos castigos á Rainha de Baticalá, e outros inimigos do nome Portuguez. E extinguindo as armas del-Rey de Calecut, o constrangeo a que pedisse paz, e alcançando d'elle, e de outros mil victorias, assombrou com seu esforço, e boa fortuna, todas aquellas Provincias. Foy este seu triennio notavel, por levar á India o Padre S. Francisco Xavier, Sacerdote (dos primeiros, que vieraõ

Maphiaz  
Indiarum  
histor. l. 1. c. 17.



a Portugal) da Companhia de Jesu, que nella fez muito proveito na conversão das almas, que cegas viviaõ em suas idolatrias, e bestiaes ceremonias: começando daqui em diante naquelle Oriente o augmento da Religião com mais fervor, e fructo, do que antes se fazia. Porque occupados os Governadores, e Capitaens Portuguezes em conquistar, segurar, e fortificar aquelle Oriental Imperio, gastavaõ atégora o tempo. Mas desembaraçados deste Impedimento, começaraõ a occupar-se com todas as forças, e cuidado, na propagação do Evangelho: e fizeraõ muy notavel proveito na amplificação d'elle em toda a costa da India, e nos Reynos de Cambaya, Bengala; Ormuz, e Malaca, e em todas as mais terras, á quem; e além do Ganges, e nas Ilhas do Japão, e de Maluco, onde fizeraõ Seminarios, para nesta santa obra se criarem, e doutrinarem aquelles Gentios. Sendo diligentes Ministros desta apostolica obra os Religiosos de S. Francisco, que foraõ os primeiros Fundadores deste formoso edificio, e os de S. Domingos, que igualmente os ajudaraõ, e depois os Religiosos da Companhia de Jesus a proseguiraõ com taõ admiravel fervor, e diligencia, como o fructo, que de suas obras nasce cada dia, claramente manifesta; assim em aquellas partes já descubertas, como em as Ilhas de Japão, que neste anno de mil e quinhentos e quarenta e dous se descobriraõ, indo do Reyno de Siao para a China alguns Portuguezes, e entre elles Antonio da Motta, Francisco Zeimoto, e Antonio Peixoto: los quaes levados de contrarios ventos, foraõ quasi perdidos a estas Ilhas do Japão, de que elles trouxeraõ a primeira noticia á India, de cuja fertilidade, fructos, e descripção, e conversão fallaremos outro dia.

Tambem em tempo deste Governador em a Cidade de Meliapor do Malabar, onde o Apostolo São Thomé foy martyrizado, segundo era constante fama de todas aquellas gentes, andando-se fazendo hum Templo em seu nome edificado, em os fundamentos d'elle se achou hum pedra quadrada, com hum Cruz entalhada nella, cercada de gottas de sangue ainda fresco com algumas letras incognitas, mas os Bracmanes, que são os Sabios daquellas partes, disseraõ, que nellas se relatava o martyrio

tyrio do Santo. O qual parece te confirmou logo com hum milagre, que aconteceu na primeira Missa, que alli se disse: porque chegando o Sacerdote com a Missa ao Evangelho, logo a Cruz começou a suar, e mudar a cor, e fazer-se muy resplandecente, e no fim da Missa se tornou logo á cor, que dantes tinha. E tem-se por sem duvida, que o mesmo faz todos os annos em o dia, que celebra seu martyrio; e o povo está tão costumado a ver aquelle resplendor miraculoso naquella Cruz, que quando assim não acontece, o tem por sinal infelice. Estes, e outros semelhantes frutos se viaõ em aquella nova Christandade, em quanto estas tres Religioens nella trabalhavaõ: até que abrindose a porta a outros muitos Religiosos, tem dado todos mostras de grandes edificadores nesta santa obra.

Maphæus  
hist. India  
lib. 12.

Succedeolhe Dom João de Castro em o anno do Senhor mil e quinhentos e quarenta e dous, e foy XIII. Governador, e Capitão General deste Oriental Imperio. O qual sendo grandissimo Mathematico, e em outras sciencias excellencias illustrissimo, era tambem de sua pessoa tão esforçado, como em letras insigne. Com as quaes governou a India seis annos em descansada paz, e inteira justiça, com admiravel cuidado da amplificação da Fé, que sobre todas as cousas procurava, conservando a authoridade do nome Portuguez, com muitas obras só dignas do seu generoso animo. Das quaes foy aquella famosa vitoria, que alcançou do potentissimo Rey de Cambaya, Sultão Mamude. O qual estimulado dos seus vassallos, que a fama dos Portuguezes huns invejáraõ como cavalleiros, e outros como perfidos Mahometanos queriaõ extinguir; e magoado na alma da morte del Rey seu avô Sultão Bandur, a suas mãos morto violentamente, e os seus exercitos tantas vezes por elles vencidos, e desbaratados, e sobre tudo não lhe soffria a opiniaõ, que tinha de sua grandeza, e poder, que tão poucos Portuguezes, tão remotos de sua patria, cercados de tantos contrarios, e em tão breve tempo, se fizessem senhores de todo o Marítimo Oriente, fazendo muitos Reys vassallos, e outros de todo extinguindo, e até aos mais poderosos consternando, que em suas terras lhe deixassem edificar fortalezas.

Maphæus  
hist. India  
Hieronim.  
Corte Real  
elegantiss.  
mus.



zas, como fora seu avô. Entre estes pensamentos, vendo-se rico com grandes thesouros, poderoso em vassallos, e senhor da mais rica, e fertil terra de todo o Oriente, determinou acabar o que tantos, e tão poderosos Principes, juntos, e apartados, por tantas vezes intentaraõ. E communicando este seu desejo com os famosos Capitaens Turcos, e Abexins, que em seu Reyno, e Corte andavaõ, se apparellhou com muita diligencia para esta empresa, ajuntando grande numero de Soldados Turcos, os mais valentes, e experimentados, e em que tinha toda sua esperança, e outros muitos de varias nações bellicolas, e loberbas, com todos os mais instrumentos bellicos, muniçoens, e petrechos, e artelharia, em que havia huma peça, que lançava pelouro de treze palmos de roda, e todas as mais cousas necessarias para empresa, em que os exercitos dos mais poderosos inimigos do nome Christão foraõ vencidos. E com todo este poder ainda determinou vencer os Portuguezes com enganos: como quem receava o que sem elle lhe havia de acontecer; e sempre effectuara o seu damnado intento, se Deos não tivera especial cuidado de guardar a vida, a quem em seu serviço a aventurava tantas vezes permittindo se lhe descobrissem todos seus enganos, e traçoens, e tornandolhe em vão todos seus estratagemas, e artificios. Até que vindo o mesmo Rey Sultão Mamude em pessoa, começou a combater a fortaleza tão poderosamente, que qualquer ousado animo fizera desconfiar da vida; e com tanta contumacia, e fervor, que parecia sem fim seu commettimento. Mas os Portuguezes, que não eraõ mais de seis centos, lhe resistiraõ com tão esforçado animo, e valentia, que nunca pode mais fazer contra elles, que perder os mais esforçados de seu exercito, e consumir a mayor parte de todas suas muniçoens, e armas; com que chegou a tanto, que arrazou quasi de todo a fortaleza; e quasi todos seus defensores, commettendo-a por tantas partes com tantos generos de bellicos instrumentos, e multidaõ de valentes Soldados, que ficáraõ os cercados em campo aberto sem defensão alguma por huma parte, por onde os valentes Turcos, e Abexins entraraõ nella; mas acodindo o Capitão Dom João Mascarenhas com alguns Portuguezes, foraõ rebatidos á

força

força de armas, e de seu grande esforço. Em fim mostrando os cercados invencíveis, fazião muitas vezes a dar sobre seus inimigos descuidados, com tanto impeto, que os fazião pôr em armas todos, depois que o seu ferro os fazia acordar do descuido, e somno, em que estavam, com que sem damno se recolhião sempre. Até que depois de varios soccorros, que lhes vieraõ, e não bastando todos contra o grande poder de seu contrario, e com tanta contumacia, e desejo, chegou o próprio Vice-Rey Dom João de Castro hir em pessoa a este soccorro de cousa tão importante, em que já tinha perdido hum filho, que primeiro mandara aquelle sacrificio de bellicosos animos. E ainda que a peilõa do Vice-Rey alli se achava, não trazia mais em sua companhia que mil e quatrocentos Portuguezes, e trezentos Indios de Goa. Com os quaes em o principio do veraõ daquellas partes chegou a Dio, e com hum militar estratagemã pode desembarcar dentro na fortaleza á vista de tão grande exercito. E não lhe sofrendo o seu grande animo, e de seus companheiros, defenderemse dentro nelle, mandou abrir as portas, que tanto tempo estiverã fechadas, e sahindo ao campo animosamente, apresentou batalha ao inimigo, que estava bem intrincheirado, e fortalecido: e dando a Dom João Mascarenhas a dianteira ( que naquelles tempos era a mayor honra ) com quinhentos Soldados entre todos escolhidos, elles o fizeraõ com tanta prudencia militar, e animo invencivel, que entraraõ os inimigos, e os puzeraõ em desbarato por huma parte; e o Vice-Rey com o resto de seu pequeno exercito por outra; depois de grandes feitos em armas entre os mais valentes de parte a parte acabados, alcançaraõ huma victoria em o mundo poucas vezes vista, tão grande, e miraculosa, em o anno do Senhor mil e quinhentos e quarenta e sete; vencendo em campal batalha o graõ Sultãõ Mamude, Rey de Cambaya, com mil e novecentos Soldados Portuguezes, desbaratandolhe seu exercito, em que havia seis mil Turcos, e outros trinta mil Soldados, todos homens brancos, de diversas provincias do mundo, convocados com largas mercês para esta empreza: eraõ Abexins, Persios, e Arabios, e Nobiis, Resbutos, Par-taquiis, e muitos Helches, que saõ os Christãos renega-

1547.



dos, todos bem armados, e destros na guerra; com cem peças de artilharia grossa de campanha, alguma de monstruosa grandeza. Dos quaes morrerão em aquelle dia oito mil de pé, e de cavallo, e dos nossos cincoenta e cinco, mas os mais esforçados. E o seu Rey perdeu toda a nobreza, e honra de sua corte, e todos os famosos Capitaens de seu Reyno, e quasi todos, quantos thesouros tinha juntos, tão famosos no mundo, e elle ficou dos seus aborrecido, havido em pouco, e com justa razão para sempre triste. Roy esta vitoria aos Portuguezes gloriosa, assim pela grandeza do perigo, a que se offereceraõ, como pelo soberano esforço, e valentia dos que nella pelejaraõ: accrescentando muito esta Gloria os divinos milagres, que os mesmos inimigos confessavaõ, dizendo, que em o principio, e mayor furor da batalha, estando o Ceo sereno, e claro, as mayores peças de artilharia não queraõ tomar fogo, pondolho tres e quatro vezes. E que em todo o tempo, que durou a batalha, appareceo sobre as ameas da Igreja da fortaleza huma mulher tão resplandecente, que a todos perturbava de maneira, que como cegos, nem sabião seguir a ordem militar, nem, quando era necessario, ajuntar-se: antes sendo tão superiores em numero, lhes parecia, que cada hum pelejava com dez, ou doze Portuguezes, até que de tão repentino, e não esperado caso, de todo desconfiados de seu antigo esforço, se deraõ por vencidos. Seguirão a vitoria os nossos, principalmente aquelles, que mais magoados estavaõ, com tanta crueldade, que entrando na Cidade, toda a creatura vivente passavaõ á espada, (não perdoando a toda a idade, machos, e femeas; e até em os animaes brutos mostrando sua braveza, se não davaõ por vingados: em fim tudo, o que estava sujeito ja fogo, e ferro, destruiroã, e acabaroã, e a mesma Cidade toda pueraõ o saque, em que se achároã riquezas sem numero, que a confiança dos inimigos alli tinha guardado aos nossos.

Depois desta batalha assim vencida, e a vitoria continuada desta maneira, mandou o Governador refazer a fortaleza, e lançar por terra todos os muros, e torres da Cidade, e todas as maquinas, que a industria de inimigos tão poderosos tinha em nosso damno fabricado; com todas

das as mesquitas, e casas nobres, que mais altas se mostravaõ. E porque não fosse só aquella Cidade, a que pagalle a traição do seu Rey, mandou a Dom Manoel de Lima com algumas velas armadas a destruir toda a costa de Cambaya, como já antes da batalha tinham feito a parte della. E por este modo acompanharaõ a sentir seu castigo todas as Cidades, e lugares maritimos daquelle Reyno, sendo todos poltos a fogo, e ferro: e chegaraõ tanto ao ultimo nesta vingança os nossos, que lhe foy notado de alguns por crueldade; ainda que segundo a opiniaõ de outros, todo o mal merecem traidores, e infieis. A mayor honra de todas estas vitorias, e trabalhos, assim das coulas, que se passáraõ no cerco, que durou quatro mezes, como desta ultima, se deve a Dom João Mascarenhas Capitão da Fortaleza, em que elle deu a si unico exemplo de prudencia, e cavallaria, e no mundo alcançou taõ heroica fama, que não se falla nella; senão por maravilha. E porque estas estaõ já encômendadas a immortalidade em verso, e prosa, e em lingua Portugueza, e Latina, dellas não direy mais, senão, que assentadas as coulas como convinha á segurança daquelle estado, se partio o Governador para a Cidade de Goa, onde não o deixou estar muito tempo quieto o Hidalcao, mandando hum grande exercito contra aquellas partes: mas o Governador, sahindo-lhe ao encontro, o fez retirar vergonhosamente. E sabendo pouco depois, que o Rey vencido de Cambaya queria renovar a guerra, tendo hum poderoso exercito posto em armas, e bem aparelhado, tornou lá o Governador com mil e oitocentos Portuguezes, e quinhentos Naires; e não lhe sahindo alguém ao encontro; foy sobre a Cidade Barroco, onde estava o mesmo Rey com cinco mil homens de cavallo, e hum grande numero de elefantes armados, e outra muita gente de pé, bem apercebida. E apresentandolhe o Governador campal batalha, o Rey a recusou por conselho dos seus, que lhe diziaõ: não quizesse aventurar a sua propria pessoa; e a flor de seu Reyno, com os Portuguezes, que furiosos com raiva, e temeridade, desprezavaõ a vida. O que entendendo o Governador, contente de atemorizar tanto a hum Rey taõ poderoso, e taõ bem acompanhado, se par-



tio dalli com seu exercito inteiro, e salvo, e de caminho dando sobre Patâne, e Pate, e outros lugares de Mouros daquella costa, queimou muitas naos, matou grande numero de homens, destruhio, e assaltou toda a terra, arvores, fementeiras, celeiros, e mercadorias: até o medo, que toda aquella gente tinha a luas obras, fez com o decurso do tempo accrescentar a perda; porque nem ainda nas altas montanhas os Mouros se davao por seguros das mãos de Portuguezes vitoriosos. Com estes castigos tanto a feu gosto executados, e as mais cousas de Dio bem ordenadas, se partio o Governador para Goa, e de caminho tomou por força de armas a fortaleza de Dabul das terras do Hidalcão, e a destruhio, e queimou.

Pouco depois mandou o Hidalcão hum exercito de oito mil homens de pé, e sete centos de cavallo, todos estrangeiros, e exercitados na guerra, sobre as Tenedarias de Goa; e o Governador lhe sahio ao encontro com dous mil Portuguezes de pé, e cento e oitenta de cavallo, e dous mil e trezentos Indios, e dandolhe campal batalha, os desbaratou, depois que de parte a parte se fizerao grandes maravilhas em armas, pelejando com muito fervor, e furia, até que sobreveyo a noite, que valeo aos Mouros não morrerem mais de cento e cincoenta de cavallo, e seis centos de pé; e de cinco Capitaens famosos, morrerão os tres, e de nossa companhia hum só Portuguez, e dous Indios. Nesta batalha, e no mayor furor della, se invocou junto com Santiago o favor de São Thome, por mandado del Rey Dom João. E sendo a batalha em o seu dia, hum Sacerdote com hum Crucifixo nas mãos foy o author da nova invocação, e animou os Portuguezes. E não foraõ sem notavel proveito as petiçãoens do Ceo; nem as exhortaçãoens aos homens, porque se alcançou perfeita vitoria. Depois da qual mandou El Rey ao Governador Dom João de Castro titulo de Vice-Rey, e outras mercês de accrescentamento de honra, e estado, e o governo daquellas partes prorogado por outros tres annos. Mas logo veyo a fallecer no melhor tempo de sua ventura, e quando sua fama pelo mundo publicava mais suas grandezas, em lo anno do Senhor mil e quinhentos e quarenta e oito. Era esta Vice Rey de geração nobilissimo,

mo ; e por alguns desgostos o lançou seu pay de casa : mas elle trocando a conversação dos parentes pela das letras, teve particular amizade com o Doutor Pedro Nunes, famoso Mathematico daquelle tempo, e em todas as mais artes liberaes excellente, e delle aprendeo tanto, que podia ensinar outros com satisfação, e proveito ; e por estas partes o recebeu o Infante D. Luiz em sua casa: e quando foy á conquista da Goleta, e Tunez, o levou consigo, onde elle se mostrou em o conselho, e na guerra superior a muitos. Depois passando á India com Dom Gracia de Noronha, alcançou huns Commentarios Geographicos de toda aquella terra, e navegação de Lisboa até Goa, que dedicou ao Infante Dom Luiz, e estão conservados em a Livraria da Universidade de Evora. Tambem permanecem ainda algumas Epistolas, que mandou a ElRey, muito doudas, e de notavel erudição ; onde se mostrava taõ destro nas armas, como em o governo politico. E o que delle o povo mais celebra, he ; que por mais acompanhando, e occupado, que estivesse, sempre fazia adoração a qualquer figura da Cruz, pondo os joelhos em terra, e os olhos no Ceo, a que o mesmo povo todas suas vitorias attribuhia.

Mapheus  
hist. Ind.  
lib. 13.

Em tempo deste Vice-Rey andava o Padre S. Francisco Xavier nas Ilhas Malucas, todo occupado em a conversação da Gentilidade, trabalhando nesta santa obra com notavel fruto da Religião Christãa. Depois veyo á India, onde tambem fazia grande proveito nesta obra com todos seus companheiros, que nella juntamente o ajudavaõ, e por diversas partes daquelle Oriente, e do Japão tambem faziaõ maravilhas, edificando Seminarios em Goa, e outras Cidades, em que havia disposição, e possibilidade em os Christãos Portuguezes, e naturaes da terra. E a tudo ajudavaõ com grandes esmolos os Governadores da India em nome de Portugal ; e tambem de sua casa faziaõ excessivos gastos, dando de vestir a todos os novos bautizados, e de comer, em quanto elles o não tinhaõ. E chegava o negocio a tanto, que a muitos affayavaõ as casas, porque os outros parentes, que senão convertiaõ, lhe tomavaõ toda a fazenda: eraõ tantos em numero, que vinha a ser o que nisto se gastava, huma grande



*Map. l. 11* grande sommi, a que tudo El Rey D. João mandava prover em grande abundancia, como consta de huma carta, que sobre estas conversoens, e bom tratamento dos baptizados, em augmento da Religião Christãa, o mesmo Rey escreveu ao Vice-Rey D. João de Castro.

1548.

Ao qual em o anno do Senhor mil e quinhentos e quarenta e oito succedeo Gracia de Sá, em lugar de Dom João Mascarenhas, que era o primeiro na successão: e quando a morte do Vice-Rey aconteceu, era partido para este Reyno. Era este Governador grande em idade, illustre em famosas obras, e por sua prudencia muito conhecido, e estimado. Governou a India pouco mais de hum anno, mas com muita satisfação de todos; porque era muito benigno, e liberal, e das cousas do bem publico muito sollicito. E foy este seu tempo notavel; porque nesses poucos mezas, que governou, passaraõ á India doze Religiosos de S. Domingos, para trabalharem na conversão da Gentilidade, que com elles, e os de S. Francisco, e os da Companhia de Jesu, se poz em grande augmento, não sem muito trabalho de todos; porque além das fomes, e outras necessidades, e tormentas, tambem alguns foraõ martyrizados. Falleceo este Governador em o anno do Senhor 1549, deixando fortificadas, e accrescentadas as armadas, e fortalezas, que das guerras atraz estavaõ damnificadas, e mal providas, e as cousas da Religião Christãa em prospero estado.

Succedeo lhe Jorge Cabral, que era Capitaõ de Biçaim, e foy XV. Governador, já muito exercitado na guerra, e na paz, e piedade excellente: em seu tempo floresceo a Christandade em aquellas partes, e miraculosamente se multiplicou; ainda que o demonio emjas Ilhas de Maluco procurava impedir esta felicidade, fazendo, que alguns Reys daquellas Ilhas se levantassem contra os Portuguezes: mas sendo delles huma, e muitas vezes vencidos, e desbaratados, ficaraõ todos castigados com mil vitorias, que delles alcançavaõ com seu Capitaõ, e Governador Bernardim de Sousa; que em nenhuma outra cousa entendia de melhor vontade, que no accrescentamento da nossa Fé em aquellas remotissimas Provincias. E em quanto estas cousas se faziaõ em Maluco, o Gover

nador

nador na India tambem alcançou muitas vitorias, desbaratando algumas vezes ElRey de Calecut, que já tornava a levantar a cabeça, e destituindo a mayor parte dos moradores da costa do Malabar, que convocados pe'os Mouros se rebelavaõ cada dia: e nestas, e em outras cousas occupado, todas dignas de memoria, que fez em menos de hum anno, que governou a India, foy deste Reyno, para lhe succeder.

Dom Affonso de Noronha, que já fora Capitão de Ceuta em Africa, e era irmão do Marquez de Villa Real, e de sua pessoa tinha dado mostras de muita prudencia, e esforço, que conservou tambem na India, governando-a em paz, e justiça quatro annos: em os quaes alcançou dos inimigos do nome Portuguez insignes vitorias, assim em Columbo, restituindo-lhe o seu Rey, que o tinha tyrannizado, em cuja vingança destruhio, e assolou a Cidade Ceitavaca, onde o Rey tyranno se tinha fortalecido, fazendo o mesmo aos moradores de outras muitas partes da costa do Malabar, a cujas culpas dava igual castigo. Como tambem de huma poderosa armada de vinte e cinco galés Reaes, e outros muitos navios, que o grão Turco Solimão mandou á India com hum Capitão famoso, acompanhado de tão bellicosa gente, que podessẽ emmendar-se quebra passada, que recebera de Dio, de que se mostrava muito sentido. Mas ainda que foy a Ormuz pelo custoso caminho costumado, antes que alguem o sentisse, e cativou alguns Portuguezes, que se lhe entregaraõ com bom partido, e elle depois mandou matar com brabara crueldade: e levou riquissimo despojo da Cidade, que achou desamparada de todos seus moradores: tão elpantados, e atemorizados de tão crueis inimigos, que não se davaõ por seguros em as altas, e fragosas montanhas de Carmania, pela fama, que o Capitão Turco passado deixou de sua fereza, e barbaria em aquellas partes. Todavia os Portuguezes, que na fortaleza se acharaõ, e de tão repentino caso com-razaõ sobressaltados, entaõ se mostraraõ mais constantes, defendendo-se com tanta valentia, que não poderaõ ser entrados em muitos combates, que o Turco lhes deu fortissimos: até que achando os animos Portuguezes indemitos,

como

Maph. Eur.  
hist. Ind.  
lib. 16.



como sempre foraõ , elevantou o cerco, e desconfiando de acabar a empreza, a que era enviado, se partio carregado de grandissimas riquezas, mas naõ o pôde fazer, sem primeiro experimentar o castigo, que os Portuguezes coitumaõ dar por semelhantes ouladias. Porque tanto que elles o sentiraõ, lhe sahiraõ ao encontro de muitas partes; e de tal maneira o tratareaõ , que de todas as galés fõmente duas tornaraõ a Suez a salvamento, que o seu Capitaõ levou de noite com grande silencio, e perigo, por lhe hirem alguns dos nossos animosamente no alcance. E as outras, que naõ poderaõ fazer o mesmo, foraõ depois desbaratadas por Dom Fernando de Noronha, filho do Governador, que com huma pequena armada os foy buscar, e lhe deu batalha, em que os desbaratou com morte de dous mil. E tornando oito galés, as outras se acolheraõ á costa de Cambaya, onde por hum dos Reys della foraõ tratadas de maneira (por causa dos Portuguezes, com quem tinha amizade) que as galés se perderaõ todas, e os Turcos se extinguiraõ. E ao loberbo Capitaõ Turco, posto que as duas galés levava riquissimas, mandou o barbaro Turco Solimano cortar a cabeça, porque deixára as outras: e bem o mereceo, e o graõ Turco a perda, que teve. E entrou o vitoriozo mancebo em Goa (onde o pay estava) triunfando destes fortissimos inimigos, de que alcançou taõ insigne vitoria, que seu nome entre aquelles barbaros ficou celebrado, o seu esforço muy conhecido, e sua fama em todo o mundo gloriosa, immortal, e muy louvada.

Tambem aconteceo, que naõ havendo dinheiro del Rey em Goa, nem Soldados, para soccorrerem cincoenta mil Christãos, que em Pandaráne, constrangidos de huma armada de Cossarios Malabares, e Turcos, haviaõ de deixara Fé Catholica, se dentro em cinco dias os naõ soccorressem: o que vendo hum generoso Cavalleiro chamado Gil Fernandes de Carvalho, movido com catholico zelo, ajuntou á sua custa alguma gente, e em quatro galés, que ao presente se acharaõ, foy dentro no termo buscar aos inimigos; que eraõ doze galeotas de Turcos, e mais de quarenta outros navios de Malabares, todos famosos Cossarios; com os quaes encontrando-se

do-se o valeroso Portuguez, ainda que estava doente de hum a perna, todavia, confessado, e commungado, os cõmetteo animosamente com o Nome de Jesu na boca, e os desbaratou no mar com invencivel animo, e na terra destruiu as Mesquitas dos Mouros; renovandose naquella Orente os milagres da Lusitana milicia, que já hiaõ esquecendo. E para mayor felicidade deste Governador, tambem a conversão da Christandade em aquellas partes admiravelmente multiplicava: não recusando-os novamente bautizados padecer pela Fé crueis martyrios, que os Mouros lhes davaõ, como aconteceu a trinta e seis moços Malabares, que nenhum passava de dezasete annos: Os quaes sendo tomados de Turcos em o mar de Arabia, com tão varonil constancia soffreraõ os tormentos, que lhes davaõ, por não quererem deixar a Fé de Christo, que admirados os barbaros, cessáraõ de sua furia, depois de bem cançados em os tenros corpos dos novos Christãos.

Mas ainda que estas vitorias se alcançaraõ no Oriente, não faltaraõ nelle mesmo muitas calamidades, e desaventuras. Porque neste tempo aconteceu a miseravel perda de Manoel de Sousa de Sepulveda, que já fora Capitão de Dio, e era casado com Dona Leonor, filha do Governador Gracia de Sá: com a qual, e alguns filhinhos, e seis centos homens, se embarcou em hum grande nao, bem carregada de riquezas, todas suas, em a qual se perdeu dando à costa junto ao Cabo de Boa Esperança. E salvando toda a gente, e alguma fazenda da furia do mar, o não pode fazer das mãos dos barbaros Cafres, que com traçoens, e enganos o roubaraõ, e lhe mataraõ muitos de sua companhia, e a elle, e sua mulher, e filhos constrangeraõ a passar a mais lastimosa morte, que a miseria humana experimentou, como o verdadeiro Poeta Jeronymo Corte Real chora, e canta no seu heroico Poema, que elle dizia lhe sahira d'alma. Este caso, ainda que causou aos homens lagrimas, e piedade, não lhe diminuiu a cobiça, e cufadia. Porque em o anno seguinte de cinco naos, que partiraõ para este Reyno, hum só chegou a elle depois de varios infortunios: e das outras não se soube parte mais, que de hum chamada São Bento, em

Maphazê  
hisor. [Inq  
diaram 1.26



Maphizus  
116.

que vinha Fernão de Alvares Cabral; que na terra do Natal junto ao Cabo de Boa Esperança deu á costa, com que se perdesão no mar duzentas pessoas, e os poucos, que se salvarão, passaram tantos trabalhos, que hum Mesquita Perestrello, que escreveo *este naufragio*, o fez de maneira, que de cada canto quem o lê he saltando com novos, e nunca vistos terrores, e espantos. Com estas acontecerão tambem naquelle Oriente outras muitas calamidades, que mostrão bem a falta da felicidade del Rey Dom Manoel. E cá em Portugal tambem os successos de algumas cousas lastimosas, e tristes, confirmarão esta verdade, que foraõ nelle bem lamentadas, e no mundo sentidas: como foy a morte do Principe Dom João, pay del Rey Dom Sebastião, antes de seu nascimento quatorze dias; e a morte do Infante D. Luiz, e outros muitos que junto a este tempo succederão.

1552.

Tambem enj tempo deste Governador em o anno do Senhor mil e quinhentos e cincoenta e dous passou desta vida gloriosamente o Padre S. Francisco Xavier da Companhia de Jesus; depois que tinha trabalhado na conversão da gentilidade, de toda a costa da India, Malaca, e Ilhas Malucas, do Japão, e da China, e em outras muitas partes, onde sua doutrina lhe pareceo de proveito, passando muitas fomes, naufragios, desprezos, e perigos, e continuo trabalho, e inquietaçoens, depois que bautizou muitos milhares de Gentios: para confirmação dos quaes, e accrescentamento da Ley Evangelica, Deos obrava muitos milagres, tão grandes, que em os grandes Santos antigos são bem louvados. E desejando alcançar a Coroa de Martyrio, contra o parecer de todos os marinheiros, e companheiros, se embarcou na China para outra terra tão barbara, e cruel, que posto que não fora Christão, sómente por estrangeiro tinha certa a morte. Para onde hindo já no caminho a receber este contentamento de seu espirito, deu a alma nas mãos do Senhor; por quem tanto tinha trabalhado, em Novembro de mil e quinhentos e cincoenta e dous. Seu corpo dahi a muitos mezes se achou inteiro, e sem corrupção, nem lezaõ alguma, e com cheiro suavissimo. E até a sua tunica, çapatos, e mais vestidos estavaõ tão limpos, e sem nodos alguma;

1552.

alguma; e em estado, como se aquella hora fora sepultado: pelo que, e por outras obras miraculosas, que a sua vida largamente reconta, bem se pode haver por grande Santo.

Ao Governador Dom Affonso de Noronha succedeo Dom Pedro Mascarenhas, que foy Embaixador em Roma em o anno do Senhor 1554. O qual começando a entender no augmento da Religiao Christãa, que era o em que entao mais se trabalhava, e elle com grande fervor procurou sempre, e em outras obras dignas de quem elle era, veyo a fallecer em Goa, não havendo hum anno, que elle governava.

Succedeo-lhe Francisco Barreto, que foy XVIII. Governador: o qual administrou aquelle supremo cargo com muita satisfação, entendendo em fortificar aquelle Oriente, e em outras obras nascidas de seu grande animo, e prudencia: vencendo os Capitaens do Idalcao em campal batalla, onde alcançou huma insigne vitoria, de que elle levou a principal honra por seu esforço, e cavallaria. E foy este seu triennio felice, e bem afortunado na propagação do Evangelho; porque assim os Frades de S. Francisco, e Religiosos de S. Domingos, como todos os mais, que naquella santa obra trabalhavaõ, faziaõ tanto fruto, que sómente os Padres da Companhia de JESU baptizaraõ neste tempo em a Cidade de Goa dezoito mil e novecentos e noventa e oito; e todos faziaõ tão grande fruto nesta santa obra, que senão passava dia, em que se não fizessem muitos baptismos: e havia muitos, em que só em Goa se baptizaraõ doze mil pessoas, a que sempre o Governador se achava presente, e o necessario ministrava com real liberalidade: e nas outras partes da India eraõ tantos, os que se baptizavaõ, que sómente em Maluco doze Reys daquellas partes se baptizaraõ com todas suas casias, e familias, com tanto fervor, e zelo da Religiao, que logo mandaraõ pôr por terra todas as Mesquitas dos Mouros, e pagodes da gentildade. E não faltando em outras partes, onde a prégacao destes Religiosos, e sua catholica industria não era tão aceita, quem os atormentasse com barbara crueldade: passaraõ muitos desta vida á gloriosa, e eterna, com mais constancia, do que



se pode explicar. Nestas cousas occupado o Governador Francisco Barreto, acabou o seu triennio, e succedeo-lhe em o anno do Senhor, de mil e quinhentos e cincoenta e oito.

1558.

Dom Constantino, meyo irmao do Duque de Bragança D. Theodosio, e filho da segunda mulher do Duque D. Gemes, primo delRey D. Manoel; o qual com titulo de Vice-Rey governou aquelle Oriental Imperio com tao admiravel prudencia, como as obras, a que deu glorioso fim, saõ boas testemunhas.

## CAPITULO II.

*Do descobrimento, e conquista da Provincia Santa Cruz. vulgarmente chamada Brasil.*

**L** Embrais-vos tanto (disse o Italiano) das cousas do Oriente, e celebrais com tanto gosto as obras, que nella fizeraõ os Portuguezes, como se elles mesmos naõ tiveraõ outras conquistas, nem outras provincias de novo descobertas, onde com o valor de seu braço, sempre costumado a vencer, se conservaõ nesta posse, assim na conquista de Mauritania Tingitana, que tanto sangue tem custado, e na mayor parte da costa de Africa, em que tantos Reynos, e Provincias, e innumeravel copia de Ilhas tem senhoreado: como tambem em o mundo novo, de que vos mostrais tao esquecido na relaçaõ de suas cousas, como os que o governaõ em se aproveitarem de suas riquezas: pois he terra proxima com o Perù, e muito fertil; e fresca, e de ares suavissimos, segundo diz o Dialogo da gloria, e triunfos dos Lusitanos. Naõ estranharey muito, (respondeo o Portuguez) parecer-vos meu silencio na relaçaõ desta provincia com o descuido dos Senhores della; mas a fallar verdade, de industria o deixey para este lugar. pois este Rey, de que hora fallamos, foy o que com mais cuidado se lembrou della, determinando constituir neste estado hum grande Imperio; pelo achar capaz, e merecedor de tudo. E porque entendo me naõ venceis em o desejo de suas cousas serem celebradas, eu o farey de modo, que fiquemos ambos contentes.

Em o anno do Senhor mil e quinhentos , mandou 1500.

ElRey Dom Mancel huma armada, a continuar o descubrimento da India, que o grande Dom Vasco da Gama tinha começado, e por Capitaõ della Pedro Alvares Cabral, que neste caminho descobrio a Provincia do Brasil, ou S. Cruz, como já vos disse. Partido este Capitaõ de Lisboa, fez sua viagem pelo caminho já conhecido, até onde lhe pareceo conveniente mudar a derrota para tomar o Cabo de Boa Esperança de mais largo; e empregouse tanto no mar, que havendo hum mez, que hia naquella grande volta, foy dar em huma grande costa de terra firme, fora de toda a esperança, por estar averiguado entre os homens não haver alguma terra firme Occidental a toda a costa de Africa, como era aquella. E porque a vista della, já entre elles sem duvida, e esta opiniaõ, que diziamos, causou varios pareceres, mandou o Capitaõ mór hum batel, que rodeando a terra os desenganasse. O qual encontrando com gente bem differente, em a cor, e cabello da de Guiné, de que elles tinhaõ noticia, se tornou logo ao Capitaõ mór, que com esta nova querendo mandar mais bateis, lhe sobreveyo taõ grande vento, que com as ancoras na maõ correrãõ grande parte ao longo daquella costa, até que abrandando o tempo, foraõ ter a hum porto, que o Capitaõ chamou Seguro. Alli sahiraõ em terra, e se disse Missa, e prégação, a que muitos dos naturaes da terra estiverãõ presentes, e espantados de taõ grande novidade, andavaõ juntos em grande numero. E mostrou-se Deos nesta chra taõ maravilhoso, que deu noticia de si áquelles barbaros no Santissimo Sacramento: porque todos se punhaõ em joelhos, e usavaõ dos mesmos actos, que viaõ fazer aos nòs; como se tiverãõ noticia do mysterio, a que se humilhavaõ, e conhecessem a palavra, que muy promptos ouviaõ, ser do mesmo Omnipotente, que de nada os creára: o que deu causa aos nòs de mayor contemplaçãõ. Com esta nova, que a Pedro Cabral pareceo de grande importancia; e maravilhosa, mandou hum navio a ElRey Dom Manoel, que o recebeo com o contentamento, que taõ grande cousa merecia.

Barros Dec.

1. 5. 24

Neste porto esteve a armada alguns dias esperando tempo



tempo conveniente para sua viagem, e nelles lançou o mar na praya hum monſtruoſo peixe, a novidade do qual cauſou muita admiração a todos, e lhe deu eſperança de haver naquella terra as maravilhas, que depois lhe viraõ. Do qual, e de outras monſtruoſidades do mar, e terra; e da deſcripção della; aſſim das mil e cincoenta leguas, que tem de coſta, como tambem da terra firme pelo ter-  
taõ dentro, que a Coroa de Portugal ſeu horea ate o rio da Prata no Perù de Caſtella, dos frutos, e fertilidade da terra, e das ſerras de Crítal, e das minas de metaes, e pedras diferentes em cor, e qualidades, e da notavel eſtranheza, e infinito numero de arvores, todas proveitoſas á ſaude, e commercio dos homens; da temperança dos ares, e dos notaveis coſtumes de ſeus habitadores, e de outras muitas eſtranhezas, que a natureza naquelle eſtado ajuntou: de todas eſtas coſas não tratarey ao preſente, porque o determino fazer outro dia, que intitularey a ſegunda parte dos Dialogos de Vania Hiſtoria, como já vos diſſe. E por ſer a relação das coſas deſta provincia coſta tão grande, que João de Barros determinou fazer della a quarta parte do mundo, e da ſua hiſtoria, intitulandoa Santa Cruz; como elle meſmo diz em a primeira Decada: baſta por hora ſaber, que querendo Pedro Alvares Cabral partirſe daquella terra, pareceolhe bem não o fazer, ſem primeiro lhe deixar nome, como ſe coſtuma fazer de todas as coſas, que de novo ſahem á noticia dos homens. E para iſto em o dia, em que a Igreja celebra a Invenção da Santa Cruz, que he a tres de Mayo, mandou levantar hu na grande Cruz no mais alto de hum a arvore das muitas, que a terra tinha, e ao pé della ſe diſſe Miſſa; e a Cruz ſe benzeo com ſolemnidade, querendo que áquelle lugar, e a toda a provincia, ficaffe o nome de Santa Cruz; e por eſte nome foy conhecida muitos annos, e a Cruz arvorada durou alli alguns. Porém diz João de Barros, como o demonio com o ſinal da Cruz perdeo todo o dominio, que tinha ſobre os homens, receando perder tambem o muito, que poſſuhia ſobre aquella provincia, de que ainda hoje entre os barbaros della eſtá tão apoderado, que ſe lhe communica com muita facilidade muy particularmente, trabalhou que entre o povo ſe eſque-

esquecesse o primeiro nome, e lhe ficasse o de Brasil, que he hum pão vermelho assim chamado, de que vem a este Reyno grandissima quantidade. Como que importava mais, diz o mesmo João de Barros, o nome de hum pão, que tinge pannos, que daquelle Divino pão, que deu tinta, e virtude a todos os Sacramentos, porque somos salvos, pelo Sangue de Christo, que nelle foy derramado. E pois em outra cousa, diz o mesmo, me não posso vingar do demonio: amoesto da parte da Cruz de Christo a todos, os que este lugar lerem, que dem a esta terra o nome, que com esta solemnidade lhe foy posto, sobpena de a mesma Cruz, que nos ha de ser mostrada no dia final, os accusar de mais devotos do pão Brasil, que della. E por honra de tão grande terra, chamemos-lhe Provincia, e digamos a Provincia de Santa Cruz, que soa melhor entre prudentes, que Brasil, posso por vulgo sem consideração, e não habilitado para dar nome ás propriedades da Coroa Real. São palavras de João de Barros no lugar acima. Ainda que este nome (acodio o Italiano) lhe convem muito, pelo seu principio, e descobrimento lhe ser notavel occasião, como dizeis: todavia chamarlhehia eu a nova Lusitania, segundo já ouvi a hum curioso. Alguma razaõ tendes (respondeo o Portuguez) porque assim como parte das Indias de Castella chamaõ Nova Hespanha, por ser novamente áquella Coroa accrescentada, e a toda a mais terra; até nossos tempos não conhecida, chamaõ Novo mundo, e nelle intitulaõ outra nova Granada, e outra nova Sevilha: assim tambem a Provincia de Santa Cruz, que he terra no mundo nova, e novamente accrescentada á Coroa de Portugal, que antigamente, e ainda hoje se chama Lusitania, como os Reis de Castella tem feito da sua nova Hespanha; que com muita industria, e trabalho tem dado grande proveito aos que a possuem, como aos que tal não alcançaõ causa sentimento, e magoa.

E posto que ElRey Dom Manoel, em aquelle tempo se achava muito occupado com o descobrimento, e conquista do Imperio do Oriente, e de tantas Ilhas adjacentes ao mar Indico, e Austral, pelo proveito, que de si promettiaõ: e nas conquistas das guerras de Africa, pela



la gloria, e louvor, que a seus vassallos cada dia com ella se accrescentava; em prezas bastantes ao mais alto animo; todavia o animo deste Rey era tão capaz de grandes cousas, que tambem a esta nova terra, descuberta fora de toda a esperanza, para ver o que de si promettia, mandou, quando teve occasião, huma armada de seis velas, e por Capitão dellas Gonçalo Coelho, para que descubrisse esta costa. O qual andou por ella muitos mezes, descubribolhe os portos, rios, e em muitos delles entrou, e assentou Marcos com as armas del Rey Dom Manoel, que para isso levava lavrados. Mas pela pouca experiencia, que até então se tinha, de como corria a costa, e do curso dos ventos, com que se navegava, passou este Capitão nesta obra tantos trabalhos; e correo traz elle a desventura da sorte, que quando se recolheo a este Reyno, o fez com duas caravellas menos: mas com as informações, que pode alcançar, se apresentou a El Rey D. João III, que já neste tempo reynava. E parecendolhe cousa de importancia, mandou logo outra armada, por Capitão mór Christovão Jaques, Fidalgo de sua casa, que neste descobrimento, e conquista trabalhou com notavel proveito, sobre a clareza da navegação desta Provincia, continuando com seus Padroens nas partes, em que lhe parecia necessários. E andando correndo esta grande costa, foy dar com a Bahia, que chamou de todos os Santos, e entrando por ella, e especulando todos seus reconhecavos, achou em hum delles, que chamaõ o rio de Paragualu, duas naos Francezas, que estavam ancoradas, resgatando com o Gentio. E porque ellas se mostráram foberbas, e o quiserão tratar mal, elle as meteo no fundo com toda a gente, e fazenda, com que se houve por satisfeito de seu atrevimento, em fazerem commercio sem licença dos Portuguezes, e em terra por elles descoberta, de que o seu Rey era Senhor absoluto. E logo se veyo ao Reyno, e deu todas as informações, que pode alcançar, a Sua alteza. As quaes consideradas, com outras, que El Rey já tinha de Pedro Lopes de Sousa, que por esta costa tambem andára d'armada, e com as primeiras de Gonçalo Coelho; determinou mandar povoar esta Provincia, e repartir a terra della em capitaniás, por pessoas,

soas; que já se offerreciaõ a meter nesta obra todo o cabedal de suas fazendas; e segundo a obra fosse mostrando o proveito, assim hiria accrescentando, ou diminuindo em o processo della.

Duarte Coelho o velho, depois que veyo da India buscar o galardão de muitos serviços, que nella fizera, informado do que passava nesta Provincia de Santa Cruz, e o que ElRey nella ordenava de Capitancias, pediu humma, e Sua Alteza lha deu de cincoenta leguas de costa, logo por elle demarcadas. E como vinha rico da India, ordenou humma armada, e nella com sua mulher, e filhos, e amigos, e parentes, se embarcou bem provido de todo o necessario; e chegando á sua Capitania; desembarcou em hum porto, que se chama Pernambuco; e parecendo-lhe terra conveniente, se aposentou nella fazendo sua povoação em hum alto livre de padraos, onde se fortaleceo com humma Torre de pedra, e cal, que ainda hoje se vê na Praça da Villa. E começando a se aproveitar da terra, foy combatido por muitas vezes com trabalhosa guerra de grande numero de Gentios, e muitos Francezes, que em sua companhia andavaõ, e delles foy muitas vezes cercado estreitamente, e apertado com fome, e sede, porque o feriraõ muito mal, e lhe mataraõ muita gente. Mas elle com a constancia de seu esforço nunca desistio de sua pertençaõ, antes se mostrou nella taõ avantajado em militar exercicio, que naõ sómente se defendeo, mas tambem animosamente venceo por muitas vezes todos aquelles barbaros com os seus Francezes, matando muitos delles, e fazendo-lhes taõ cruel guerra, que os constrangeo a se afastarem da povoação, e despejarem as terras visinhas aos novos habitantes. Depois seu filho, tambem Duarte Coelho, continuando a guerra contra estes Gentios, que se chamaõ Caites, os tratou de maneira, matando, e cativando nelles, que lhes fez despejar toda a costa, como hoje está; e afastar della mais de cincoenta leguas pelo sertão dentro. E ainda que se gastaraõ neste trabalho muitos mil cruzados, na India adquiridos, foraõ todos bem empregados, pois delles resultou ter hoje seu filho Jorge de Albuquerque Coelho dez mil cruzados de renda, que tanto lhe importa a sua

Cabriel  
Seares c. 167



redizima, dizimo do peicado, e fóros, que lhe pagão os engenhos.

1535.

Lib. 6. c. 1.

Desejoso João de Barros de accrescentar sua fazenda tanto, como já tinha seu nome, e fama, pediu a El-Rey D. João III hum a Capitanía; e sendo-lhe dada de cincoenta leguas de costa, junto a Capitanía de Pedro Lopes de Tamaragua, com as demarcaçoens costumadas fez á sua custa hum a armada em companhia de Ayres da Cunha, e de Fernão Alvares de Andrade, Thesoureiro mór deste Reyno, em o anno do Senhor 1535, e levava nella novecentos homens, em que entravaõ cento e treze de cavallo; cousa, que para tão longe nunca sahio deste Reyno. E sendo Capitaõ mór della o mesmo Ayres da Cunha, partio deste Reyno levando dous filhos do mesmo João de Barros. Com os quaes chegando áquella costa, se perderaõ junto ao rio Maranhão: e alguns, que escaparaõ, se recolheraõ em hum a Ilha junto ao mesmo rio, e nella passaraõ muitos trabalhos, por senaõ poderem communicar com as outras Capitanías, e depois de alguns annos sem proveito a despovoaraõ, e se vieraõ ao Reyno. Nesta armada, e em outros navios, que João de Barros mandou em soccorro de seus filhos, gastou muitos mil cruzados sem algum proveito, de que elle se queixa muito em a primeira Decada da sua Asia.

Depois que Francisco Pereira Coutinho veyo da India, deixando nella acabadas grandes cousas com seu esforço, e feitos notaveis serviços a este Reyno, em satisfação delles lhe fez El-Rey mercê de hum a Capitanía de toda a terra, que ha da ponta do Padraõ até o rio de São Francisco; e depois lhe fez mercê da Bahia de todos os Santos com todos seus reconcavos, como a melhor cousa, que naquella terra havia. E como este Capitaõ tinha o animo incansavel, naõ receou hir em pessoa povoa a sua Capitanía, ordenando hum a boa armada á sua custa, com muitos Soldados, e moradores: e feita sua viagem, desembarcou da ponta do Padraõ della para dentro, e fortificou-se onde hora chamaõ a Villa-Velha, fazendo sua povoação, e fortaleza sobre o jmar. Os primeiros annos esteve em paz com o Gentio, e nelles fez dous engenhos de açucar, e algumas roças: mas logo os Gentios daquella

daquella paragem, que se chamaõ Tupinambas; e eraõ os mais valentes, e bellicosos de toda aquella costa, lhe começaraõ a fazer cruel guerra, em que lhe mataraõ muita gente, e muitos parentes, e hum filho seu bastardo, e lhe destruiaraõ os engenhos, e mais fazenda, em espaço de sete, e oito annos continuos, passando grandes fomes, e sedes, hora cercados, hora em tregoas. Depois destes infortunios requereraõ-lhe os moradores, que os livrasse daquelles males, e daquelles inimigos taõ crueis, que ainda não tomavaõ hum homem, quando os espedaçavaõ, e comiaõ. E vendo-se elle já com pouca gente, para alli poder dar remedio a tanto trabalho, foy-se á Capitania dos Ilhéos. Onde não esteve muito; porque depois com pazes, que os Gentios lhe commetteraõ, pelo proveito, que recebiaõ em o resgate dos mantimentos, tornou-se a embarcar para a Bahia, e antes de chegar a ella deu á costa, e salvou-se sómente com a gente, mas não das mãos dos Tupinambas, que o mataraõ, e todos os seus, fenaõ a Francisco Alvares, e alguns seus amigos por ser lingua entre elles conhecido. E desta maneira a mãos de barbaros acabou Francisco Pereira Coutinho, cujo esforço não poderaõ render os Rumes, nem Malabares na India.

Depois que ElRey soube da morte de Francisco Pereira Coutinho, e juntamente, que aquella Bahia tinha muitas qualidades para ser habitada, determinou fazer nella huma Cidade á sua custa, que fosse como coração de toda a mais costa, donde se pudessem soccorrer com facilidade todas as mais Capitanias, e povoaçoens. E para esta obra mandou fazer huma grande armada; com todo o necessario para ella, e por Capitão Thomé de Sousa, do seu Conselho, com titulo de Governador, e Capitão General de todo aquelle Estado: dando-lhe grande alçada de poderes, e regimento, em que quebrou todos, os que tinha concedido a todas as outras Capitanias. Partio Thomé de Sousa de Lisboa a dous de Fevereiro de 1549 mil e quinhentos e quarenta e nove, e a vinte nove de Março do mesmo anno desembarcou no porto da Villa Velha, que Francisco Pereira edificara, e com elle mil homens, seis centos Soldados, e quatro centos degrada-



dos, e outros muitos moradores casados, e alguns criados delRey, que hiaõ providos de cargos, que depois serviraõ. Era Thomé de Sousa homem muito avilado, e prudente, e muito experimentado nas guerras de Africa, e da India; onde estivera, e se tinha mostrado valeroso Cavalleiro, e por estes serviços, e experiencia mereceo confiar ElRey d'elle tamanha empreza, e dar principio a taõ grande Estado, de que ElRey D. João queria fazer hum grande Imperio. Foy com elle o Doutor Pedro Borges, para servir de Ouvidor geral, e para pôr em ordem o governo da Justiça da Bahia, e de todas as mais Capitanias, e Antonio Cardoso de Barros para ordenar as cousas da fazenda delRey; porque até entaõ não havia ordem em huma cousa, nem outra. Levou tambem muitos Sacerdotes, e Padres da Companhia.

Edificou-se a Cidade com sua cerca, e baluartes com artelharia, a Sé, e outras Igrejas, e a Casa para os Padres da Companhia, tudo á custa delRey, bem ordenado, e bem provido. E gastouse nesta obra ornamentos, e soldos, e ordenados, mais de trezentos mil cruzados; e era tanto o interesse, que se recebia, e esperavá, que tudo lhe parecia pouco.

1550.

Logo em o anno seguinte mil e quinhentos e cincoenta mandou ElRey nova armada com gente, e mantimento em o Galeão velho muito afamado, e outros navios, para soccorro da nova Cidade, a que puseraõ nome do Salvador, e por Capitão Simaõ da Gama. Nesta armada foy o Bispo Dom Pedro Fernandes Sardinha, pessoa de muita authoridade, e grande experiencia, e extremado Prégador, que levou consigo Clerigos, e ornamentos, e todo o mais necessario para o Culto Divino. Este Prelado depois de ter feito nesta Provincia muito proveito assim na conversão das almas, como na ordem do Culto Divino, e administração dos Sacramentos, e em tudo o mais, que com sua prudencia podia aproveitar, partio-se para este Reyno, e chegando junto ao rio de Cururupe, se perdeu com toda a mais gente, que vinha na mesma nao; que era Antonio Cardoso de Barros; que fora Provedor mór do Brasil, e dous Conegos, duas mulheres honradas casadas, e muitos homens nobres, e ou-

tra muita gente, que por todos seriaõ mais de cem pe-  
loas, fõra escravos; e toda ella escapou do naufragio  
com grandissimo trabalho: mas naõ das crueis mãos do  
Gentio Caite, que ao tal tempo senhoreava aquella  
costa.

Aos quaes depois de roubados, e despidos, ataraõ  
a bom recado, e poucos, e poucos os foraõ matando, e  
comendo, senaõ dous Indios da Bahia, e hum Portuguez,  
que sabia a lingua.

O anno seguinte de mil e quinhentos e cincoenta e 1551.  
hum mandou ElRey em favor desta sua Cidade outra  
armada, e por Capitãõ Antonio de Oliveira, com mul-  
tos moradores calados, e degradados, e moças orfãos,  
que a Rainha Dona Catharina encommendava muito ao  
Governador. E porque ainda na Bahia naõ havia mercado-  
res poderosos, mandava ElRey todos os annos huma arma-  
da com muitos moradores, e muita fazenda, e gado em  
tanta abundancia, e com tanta diligencia, e cuidado,  
que della se proverãõ as outras Capitãias em justiça, go-  
verno, e mais necessidades. Até que o Governador Tho-  
mé de Sousa acabou os seus tres annos, em que se occupou  
com muito cuidado em governar; e enobrecer aquelle Es-  
tado: no fim dos quaes a seu requerimento mandou ElRey  
outro Governador em o anno do Senhor mil e quinhentos  
e cincoenta e dous.

E foy Dom Duarte da Costa, que no seu triennio 1552.  
trabalhou muito por fortificar, e defender esta nova  
Cidade dos barbaros Gentios, que em seu tempo se le-  
vantavaõ, e commetteraõ grandes insultos, que elle emmen-  
dava; dissimulando alguns com prudencia, e castigando  
outros com armas; matando, e cativando nelles, e  
fazendo-os recolher com cruel guerra, de que era Capitãõ  
seu filho D. Alvaro da Costa, que valerosamente se houve  
em todo este tempo: em que sempre foy favorecido do  
Reyno com armada de muitos moradores, e soldados, e  
acabou o seu triennio em o anno do Senhor mil e quinhentos 1553.  
e cincoenta e cinco.

Succedeo-lhe Mende de Sá, grande Capitãõ; e já  
muito experimentado na guerra, e nesta provincia em  
quatorze annos, que servio este cargo de Capitãõ mór,  
e Ggr



e Governador geral, a fortuna o favoreceo de maneira, que á força de seu ferro, e industria de sua militar prudencia, meteo debaixo do jugo Portuguez os Gentios Tupinambas, desbaratando todos, os que no ferto da Bahia habitavaõ. E entrando com seu vitorioso braço pela terra dentro, foy desbaratando, matando, e cativando em todos os mais Gentios, até o rio de Janeiro, perseguindo-os, espantando-os de modo, que depois de restituir mais de trezentas Aldeas destes barbaros, os fez afastar de toda a costa do mar mais de quarenta leguas: favorecendo todas as outras Capitanias com tanto cuidado, que pode destruir, queimar, e assolar muy grande parte das innumeraveis povoaçoens daquelles Gentios, que industriados pelos Francezes, nunca cessavaõ de molestar os Portuguezes; e cada dia com novos alvoroços, e tumultos os guerreavaõ. Mas o Capitão, e Governador Mende de Sá, ainda que não tinha Soldados, nem mais gente de guerra, que os moradores da Bahia, todavia com elles sómente, com tanto animo, e industria se houve, que por duas vezes venceo, e desbaratou a muitas naõs Francezes em o rio de Janeiro, onde elles pela disposição de terra se tinhaõ já fortificado bastantemente, para se nella poderem defender a grandes exercitos, com boas fortalezas já de todo edificadas, e bem providas. E para que esta sua segurança não permanecesse, o Capitão Mende de Sá lhe fez tão aspera, e apertada guerra, que depois de muitas vezes vencidos, e desbaratados, se sahiraõ daquella terra, que sem elles ficou de todo segura, e ficou nella por Capitão Salvador Correya de Sá, sobrinho do Governador, com muitos moradores, e todo o mais necessario, com que a defendeo, e a propria Cidade de S. Sebastião, que em nome del Rey D. Sebastião, os que por elle governavaõ, tinhaõ mandado edificar. E tornando-se Mende de Sá á Bahia, que he ordinario assento dos Governadores daquella Provincia, dahi trabalhava sem descansar hum momento, por se fortificar, e favorecer melhor as outras Capitanias, hindo em pessoa a algumas, e a outras mandando seu filho Fernão de Sá: onde o Mancebo, depois que na Capitania do Espírito Santo, em favor de Vasco Fernandes Coutinho, fez grandes

des coufas em armas contra a multidão , e ousadia daquelles barbaros; e depois de varios acontecimentos de guerra , e paz, em que sempre se houve com muito animo , e prudencia, veyo a morrer a mãos de taõ vil gente, de huma frecha hervada , com que lhe atiraraõ de huma montanha, quando se estava embarcando. Mas por esta paixão, e magoa , não deixou o pay de continuar na fortificação, e defensão daquelle Estado, de que tanto caso se devia fazer, segundo o que elle tinha alcançado: de cujas obras nesta provincia acabadas se podera fazer huma notavel historia. Ainda que em todo o tempo, que nella residio, foy pouco favorecido do Reyno, por morrer logo El Rey D. João, que com tanto fervor trabalhava por favorecer, e engrandecer, e accrescentar este seu estado: imitando-o neste cuidado a Rainha Dona Catharina, em quanto governou. Mas como ella deixou o governo, logo as coufas desta provincia começaraõ a declinar notavelmente, e a esfriar o terror, com'que mereciaõ ser continuadas.

E se esta Capitania, e as outras, cresceraõ em gente, edificios, e fazenda, nasceo-lhe da grande fertilidade da terra, que ajudou os moradores de maneira, que com não terem do Reyno ajudados, e favorecidos, poderaõ chegar ao estado em que hoje os vemos. Porque sómente em a Capitania de Pernambuco vivem mais de cem homens, que cada hum delles tem de mil, até cinco mil cruzados de renda cada anno; e alguns de oito até dez mil cruzados; e vem a este Reyno desta Capitania, quarenta, e eincoenta navios carregados de açúcar, e pão; e sómente o pão rende tanto, que o tem sua Magestade arrendado por dez annos, por vinte mil cruzados cada anno. E com tudo isto houve neste Reyno tanto descuido desta provincia, que depois que Mende de Sá acabou o seu tempo, não tinhaõ neste Reyno mais cuidado, que recolher o proveito, que lhe vinha, e mandar huma nao, em que hia o Governador: porque as mais, que para lá navegavaõ, eraõ de mercadores, e outras pessoas, que aventuravaõ suas fazendas pelas multiplicarem taõ notavelmente, como viaõ por experiencia.

Mas El Rey Dom Sebastião, querendose mostrar  
mais



mais sollicito nas conquistas, do que o forão os que o governaraõ; tanto que elle o fez, logo mandou ao rio de Janeiro por Capitaõ, e Governador a Christovaõ de Barros. O qual assim na Cidade de S. Sebastiaõ, cabeça daquella Bahia, como em todos os mais reconcavos, e visinhança, accrescentou, e reedificou muita fazenda, de que se recebeo grande proveito neste Reyno. Depois vendendo o mesmo Rey, que esta Bahia era cousa taõ grande, como pelo proveito, que della recebia, e esperava, tinha boa experiencia, ordenou dividir todo o estado do Brasil, ou Santa Cruz, em duas Capitãias, e mandou a esta por Governador o Doutor Antonio Salema, que estava em Pernambuco com Alçada. E depois que este Governador nella esteve alguns dias, foy informado, que ao Cabo Frio estavaõ muitas naos Francezas, resgatando com o Gentio, e que todos os annos alli vinhaõ. Pelo qual logo determinou lançallos fóra, e para isto se ajuntou com Christovaõ de Barros, e com quatrocentos Portuguezes, e sete centos Gentios amigos, commettè ao animosamente os Francezes; e posto que os acháraõ já fortificados com os Tamojas, Gentios daquella costa, e se defenderaõ com muito animo, todavia apertáraõ tanto com elles, que os Francezes escolheraõ antes para sua salvaçaõ, entregaremse a Christãos inimigos, que a Gentios barbaros, ainda que confederados. E depois disto continuando os Portuguezes estas vitorias, desbaratareaõ de todo aos Tamojas, com tanto espanto do que tinhaõ visto, que logo se afastáraõ de toda aquella costa; e os Francezes tambem ficáraõ ensinados a naõ tornarem mais alli com suas naos a pagar seu atrevimento. E Antonio Salema fez desta guerra hum bom tratado, em que se podem ver alguns feitos em armas, iguaes aos mais famosos do mundo.

Pouco depois tornou o mesmo Rey Dom Sebastiaõ a ajuntar o estado do Brasil na Bahia de todos os Santos, e que a ella viessem as appellaçoens; e mandou ao Rio de Janeiro por Governador Salvador Correya de Sá, que em tempo de seu tio Mende de Sá estivera já naquella Bahia, e nella tinha feito muitas obras de valente cavalleiro, e agora fez a El Rey muitos serviços, pelejando

do com muitas naos Francezas , que por alli passavaõ ao seu trato sem sua licença , e às outras escramentando de modo , que teve aquella costa limpa delles em seu tempo.

Ao Governador Mende de Sá succedeo Manoel Telles Barreto, em cujo tempo os moradores de Pernambuco, sabendo que quatro naos Francezas andavaõ com os Gentios resgatando, e fortificandose, foraõ contra ellas; e posto que os Francezes de desesperados queimáraõ as naos, e se ajuntaraõ com os Gentios em muy grande numero, naõ pudéraõ resistir aos Portuguezes: antes depois de alcançarem delles muitas vitorias, fizeraõ naquelle lugar hum forte, que depois a experiencia mostrou ser de muita importancia para reprimir as forças, com que os Francezes continuavaõ aquelle commercio. Dos quaes muitos, que se cazáraõ com mulheres Gentias, houve alguns, que com os beiços furados vive-raõ entre elles feitos Gentios; e nisto naõ foraõ mal acompanhados de alguns Castelhanos, que escapavaõ das armadas, que se perdiaõ no estreito de Magalhaens, e outros, que voluntariamente o faziaõ, e por este modo deixáraõ entre aquella barbara gente muitos mestiços, que saõ os mayores inimigos, que os Christãos tem naquellas partes.

Depois governou aquella Provincia de Santa Cruz Luiz de Brito, e succedeolhe Lourenço da Veiga, e sempre tiveraõ, em que entender com Francezes, e com os mestiços, que diziamos; mas cada dia os venciaõ, e vencem com muito louvor seu, e proveito, que ordinariamente vemos tiraõ deste seu trabalho; pois naõ hay homem algum áquella Provincia, que naõ venha della rico, sem se haver na terra ainda descoberto minas de ouro, nem de prata, nem outras riquezas, e perolas, que nosso descuido tem sepultado nellas. E se os thesouros, que a natureza alli tem encerrados; foraõ já abertos, entaõ naõ fora maravilha enriquecerem os homens sem taõ pouco tempo, como a muitos vemos.

Donde se póde entender, que se com cuidado, e artificio se continuar esta obra, com pouca despeza se póde fazer hum dos soberanos Estados do mundo, e edificarse nelle hum grande Imperio, como ElRey Dom Joaõ



III determinava; e se vivera mais dez annos, sempre viramos esta grandeza, porque tem mais de mil leguas de costa, e a terra della muito fertil, e fresca, muito sadia, e lavada de bons ares, e regada de frescas, e frias aguas: muitos, e seguros portos, capazes de entrarem nelles grandes armadas, e com muita facilidade se fabricarem, pois tem para ellas mais quantidade de madeira, do que ha em outra alguma parte do mundo, e todos os outros apparelhos para isto necessarios em grande abundancia. He abastada de muitos mantimentos de muita substancia, e menos trabalhosos, que os de Hespanha. Criaõ-se nella muitas carnes, assim das naturaes, como das de Hespanha, em tanta quantidade, que he quasi sem credito a sua multiplicação. Daõ-se nella melhores algodoens, que em outra parte sabida, e muitos açucares, muita quantidade de pão, com que se fazem tintas. Em algumas partes se dá trigo, e milho, e vinho, e em todas todos os frutos, e sementes de Hespanha, e frutifica com espanto, e admiração. Ha nella todos os metaes em quantidade, que os descobridores delles querem conforme a industria, com que o procuraõ: porque não falta ferro, aço, cobre, prata, ouro, esmeraldas, crystal, e muito salitre, e pedras de mil cores, nascidas em huma grande serra toda de crystal, de que nosso descuido se não aproveita. Sahe todos os annos do mar muito Anbr. E de todas estas cousas, e outras muitas, que minha brevidade não sofre, pôde vir a este Reyno tanta quantidade, que o commercio dos estrangeiros nesta parte se escuse. Em fim considera, das bem todas estas cousas, que tendes ouvido, pôde-se esperar desta Provincia, que seja de mayor proveito, que o muito, que do mundo novo, e Indias de Castella se recebe; pois nellas não ha mais que ouro, e prata, e perolas, e nesta nossa tambem estes estimados metaes não faltão em grande quantidade; e além delles ha tantas outras cousas preciosas, e proveitosas á saude, e vida humana, que fica sem comparaçã o proveito, que diziamos. Sua navegação he muito breve, e de pouco perigo, e se se povoar com muitas Cidades, fortalezas, e povoaçoens de Portuguezes, entã se lhe pode chamar a Nova Lusitania, e ainda em melhor condiçã, que a propria; pelo que

que tenho dito, e pelos laudaveis ares, de que se alimenta, serem tão proveitosos á gente, que vive nella por enfiadamento. Mas porque determino fallarmos outro dia de todas estas cousas mais em particular, como vos dizia; baste por hora o que me ouvistes, que não foy tão pouco, que vos não provocasse muito a serdes da minha opiniaõ, e contra a daquelles, que tendo os thesourcs tão perto, os vão bulcar tão longe, atravessando o mundo, e aventurando a notaveis perigos a vida, e tão continuados nelles, que nem os que morrem na empreza, resfriaõ a cobiça, aos que de novo se metem nella. Não fallo nos animos cavalleirosos, que a sua nobreza não sofre deixarem os perigos por grandes; porque estes bem he, que atravessem o mundo com seu valor, e esforço, e metaõ debaixo de sua obediencia todos os habitantes d'elle. Ainda que já ouvi dizer, que neste tempo se estimava tanto a cavallaria, quanto de si promettia de proveito em fazenda, e que por esta se fazem todas as proezas, que o mundo tanto celebra;

## CAPITULO II.

*Dat mais cousas notaveis, que ElRey D. João fez até sua morte, e da trasladação, e amplificação da Universidade de Coimbra.*

**E**M quanto estas cousas se passavaõ na India, não se descuidavaõ em Africa os Capitaens, que nella estavam por ElRey de Portugal, de continuar com seu costumado esforço a catholica guerra contra os barbaros Alarabes, alcançando delles maravilhosas vitorias, e resistindo animosamente aos estreitos cercos, que com poderosos exercitos lhe punhaõ. E principalmente no anno do Senhor mil e quinhentos e trinta e nove, quando o Xarife Rey de Marrócos, poderoso tyranno naquelle tempo em Africa, foy contra a Cidade de Casim com mais de cem mil homens de pé, e de cavallo, muitos delles Turcos (gente escolhida, e com que elle conquistara tantos Reynos) com os quaes, com muitos instrumentos bellicos, a teve cercada seis mezes, combatendo-a bravissimamente: mas os Portuguezes, que dentro se acháraõ,

Garibaym  
sup. Hist. b  
Xarif. c. 40  
Er ali me  
mortales.  
Hist. gene  
ral de Afri  
ca de Luis  
del Mar  
mo



com tanto esforço, e valentia lhe resistirão, que nunca pode ser entrada. Antes sahirão da Cidade huma noite cem homens, tão ousados, que entrando animosamente no seu exercito, lhe puserão fogo a todas as maquinas de guerra, que apparelhadas tinham para o ultimo combate; e queimando, e matando juntamente muitos delles, se recolherão já alto dia á vista de todo o campo inimigo, e sem algum damno. Com que ficáraõ os barbaros Mauritânos tão confusos, e espantados, e sobre tudo de semilhante ousadia tão atemorizados, que logo levantarão o cerco vergonhosamente, e com grande perda de gente, muniçoens, e credito (que aquelle tyranno mais estimava) se recolherão a Marrócos. E os valerosos Portuguezes ficaram aliviados de tão poderoso tyranno, que os tinha já pôstos no derradeiro termo de sua confiança, e ousadia. Porque era tão pouca a gente, que na Cidade estava, que chegou o Capitão a mandar armas às mulheres, que nos muros andassem fazendo mostra de defensores. E ellas o fizeram tão animosamente, que nunca se enxergou esta falta, nem com o medo da artellaria, que espanta o mundo, desamparáraõ o lugar, antes houve algumas, que dalli varonilmente com tiros de remesso fizeram maravilhas. Mas sabendo El Rey Dom João este trabalho do cerco, que esta Cidade padecia, e considerando quão perto esteve de ser entrada, e que a outros semelhantes perigos estavaõ ella, e as outras offerecidas cada dia; pela vizinhança de inimigos tão poderosos, tratou mandar desamparar os lugares de Africa, que no ferto della em seu poder estavaõ. E porque era cousa de tanta importância, a communicou com os do seu conselho; e com algumas outras pessoas, de cuja prudencia em cousas tinha larga experiencia; entre os quaes houve varios pareceres, como em cousas grandes ordinariamente acontecea. Diziaõ huns, que El Rey de Portugal sustentava tres grandes conquistas fóra de seus Reynos, India, Guiné, e Brasil; para cada huma das quaes era necessario hum Principe poderoso; e desembaraçado de outras empresas. Porque os estados da India estavaõ tão remotos, e rodeados de tantos Reys, e Principes tão poderosos, que nenhuma força humana era bastante a sustentar em aquella terra

terra os Portuguezes, se Deos miraculosamente o não fizera, como a experiencia cada dia tinha mostrado, e a conquista da costa de Guiné, e dos grandes Reynos de Congo, Mina, e Angola, e as mais Ilhas circunvizinhas daquella paragem, era muy pernicioza á saúde dos homens, que a ella hiaõ de novo, pela constellação, e ardores da terra. Quanto mais, que a multidaõ, e barbaria, e fereza de seus moradores era bastante a occupar hum grande Reyno, para se puder fazer senhor de seus thesouros; como as mortes sem numero, e as calamidades, que nellas padece aõ Portuguezes, são boa testemunha. Pois a conquista, e descubrimento da grande Provincia de Santa Cruz, vulgarmente chamada Brasil, que ElRey Dom João tinha com tanto gosto começada, bem tinha mostrado ser cousa, de que senaõ podia tirar notavel proveito, se muy poderosamente senaõ continuasse, pois havia nella mais de mil leguas de costa, e o lertaõ era até o Perù, e Antilhas de Castella; onde havia tantas grandezas, que para as occupar, era tambem necessario poder muy avantajado, do que havia em Portugal naquelle tempo. E posto que o animo dos Portuguezes era capaz das mayores emprezas do mundo; eraõ elles taõ poucos, como tinhaõ mostrado os trabalhos, que passavaõ cada dia nestas tres conquistas, por não haver nellas numero delles bastante a mais, que para serem instrumento das maravilhas, que Deos naquellas partes obrava cada dia. Juntavase a isto, ser a conquista de Africa muy difficultosa, pela gente della ser muita em numero, e muito bellicosa; e a terra esteril, e de pouco fruto, e dos ardores do Sol muy abrazada: e que ElRey Dom João sómente em aquellos lugares, que nella sustentava, gastava mais cabedal, que em todas as outras conquistas, de que tantas riquezas lhe vinhaõ, e que dalli não tinhaõ mais interesse, que hum gloria vã de cavallaria Portugueza, em que ordinariamente morriaõ famosos homens em armas; e que se nas outras conquistas se exercitáraõ, fizeriaõ notavel proveito ao Reyno. E sobre tudo, ainda que sómente pela amplificação da Fé elle quisesa continuar esta conquista, a experiencia tinha mostrado ser trabalho de pouco fruto, pois em tantas centenas de annos; depois que os Mahe-  
metanos



mettios a se horeaçõ, nunca parte alguma della se pode reduzir á nossa Fé, como dantes fora em tempo do grande Agostinho, Santo Doutor da Igreja, e do famoso Tertuliano, ambos naturaes della, que viverão junto aos annos 200 depois da vinda de Christo. E que este desejo se podia haver por sem esperança pela barbaria dos Mouros, e pela sultura de seus nefandos costumes, que a Ley de Christo não soffre. E para de todo extinguirem estes barbaros, e de novo fazer habitar a terra de Christãos de Europa, era ella tão infructuosa como o mundo sabia. E concluião, que não se havendo de proseguir a conquista de Africa, como por estas razoes lhe parecia necessario, eraõ de pouco fruto aquellas Cidades, e fortalezas nellas, e por isso se haviaõ de largar, e o que nellas se gastava, mudar em outras partes de mais proveito.

Da outra parte não faltaraõ tambem muitas razoes em contrario, e que pareciaõ bem fundadas, dizendo: que senão podia chamar esterila a terra, que sustentava os seus naturaes em grande numero, sem ajuda de outras provincias, e que nesta, além deste ordinario mantimento, havia muitas minas de cobre, e ferro, prata, e outros metaes em grande abundancia, de que lavravaõ a sua moeda; e que tambem não lhe faltavaõ minas de ouro em a terra dos Montes claros; não muy longe do Reyno de Marrócos, como he Author o da historia dos Xarifes. Dizendo, que em seu tempo (que foy junto a este, em que himos fallando) estando elle em Marrócos, se descobrio nos mesmos montes huma grande mina de ouro, e que viõ homens, que nella trabalharaõ; da qual trazendo elles a mostra ao tyranno Xarife, que então era Rey de Marrócos, mandou cessar da obra, e que a mina se cegasse, e entupisse com muito segredo: dando em razão deste mandado, em sua cobiça tão estranhado, que se os Christãos soubessem, que tão perto havia tanta quantidade de ouro, não o hiriaõ buscar ás Indias, tão distantes de Hespanha, e com tantos trabalhos navegadas, e conquistadas. E que sendo isto assim, ainda que os Mouros fossem tão barbaros, e habituaõs em suas torpezas; que não podesse nelles fazer proveito a prégação Evangelica

gelica, bem se podia povoar a mayor parte daquella Provincia de Christãos do Reyno de Portugal, e dos de Castella: pois estava tão perto, e em disposição para dar de si muito proveito, que então lhe não viaõ; porque os Mouros não são curiosos de cultivara terra: e se não fora pela commum sustentação, que se não pôde escusar, ainda desse pouco, que fazem, o haviaõ de deixar. E que desta maneira se tornaria a recuperar a Christandade perdida em aquellas partes, e os Judeos, que nellas se recolhem, não poderiaõ usar de suas abominaçoens, com que Deos tanto se offende. Quanto mais, que ainda que a conquista de Africa se não podesse então continuar, como era necessario, para se seguirem estes proveitos, que hora diziaõ; não era de pequeno fruto sustentar, pelo menos aquelles lugares já conquistados: por não se perder a memoria da honra, que seus antepassados nellas ganharaõ; com tanto trabalho, tantas mortes, tanto, e tão nobre sangue em aquelles campos derramado; e os excessivos gastos de sua fazenda naquelles primeiros principios muito necessarios: o que hora não havia; pois com os Mouros fazia El Rey de Portugal guerra aos mesmos Mouros, porque já como Senhores os Portuguezes dominavaõ muy grande parte do sertão daquella Provincia, e pouco, e pouco podiaõ hir continuando, assim como o tempo desse occasião ás cousas. E mais sendo já então a mayor parte dos gastos, que nella se faziaõ, quasi de todo escusados: porque sómente na Cidade Casim pagavaõ de tributo os Mouros, vassallos daquellas commarcas, e suas cabildas, mais de 680 mil alqueires de cevada em cada hum anno, que dando a cada cavallo hum alqueire por dia, bastava a sustentar mais de 1500 cavallos continuos, e os mesmos pagavaõ de trigo mais de trezentos e setenta e oito mil alqueires em cada hum anno, que podiaõ sustentar mais de nove mil pessoas, contando a cada huma cinco alqueires cada mez. E isto fóra os direitos, que lhe pagavaõ nas Alfandegas os Christãos, Judeos, e Mouros, de muitas outras mercadorias, que de muitas partes alli corriaõ, que era huma boa somma de mil cruzados. O que junto com as mais cavalgadas, que cada dia se faziaõ, quasi sempre em proveito dos Portuguezes, que nellas traziaõ



traziaõ tanta quantidade de gado grosso, e miudo, que podiaõ comer, e partir com seus visinhos, não parecia muito difficultoso sustentarem-se aquelles lugares. Pelo menos só pela reputaçã do nome Portuguez, naquelle tempo taõ famoso no mundo, era bem, que se não largassem; quando outros proveitos se não tirassem delles.

Emfim concluiaõ, que este lhe parecia de proveito sómente pelo militar exercicio, em que todos os bons Cavalleiros se criavaõ naquellas fronteiras, a que chamavaõ escóla de bellicosos animos; donde todos os Portuguezes, que nas outras conquistas se abalizavaõ em obras heroicas, eraõ alli criados, e doutrinados. E que depois que assim não fosse, elles fariaõ falta, não sómente nas outras conquistas, onde taõ necessarios eraõ sempre, mas ainda os mesmos Mauritanos se fariaõ taõ insolentes, e soberbos, que ousariaõ molestar muitas vezes as outras maritimas forças, que naquella costa queriaõ deixar, e taõ necessarias eraõ á conservaçã da Christandade de Hespanha; não ousando elles naquelle tempo, em que isto se praticava, levantar a cabeça contra a poderosa Coroa deste Reyno. E virando as razoens contra o mesmo Rey, queriaõ se lembrasle, com quanta industria, e poder El Rey Dom Joã o I. seu terceiro Avó, tomou a Cidade Ceuta, e quaõ louvado por isso foy no mundo dos melhores delle, e o grande contentamento, e cuidado, com que seu neto El Rey Dom Affonso V. tomou Alcazer, Tangere, e Arzilla; honrando-se tanto desta conquista, que lhe ficou por cognomento, o Africano. Pois El Rey Dom Joã II, ainda que não conquistou de novo força alguma naquella Provincia; todavia continuou a guerra nella com tanto poder, e desejo, que muitos Mouros se lhe fizeraõ tributarios, e não se passava dia sem fallar com efficacia nas cousas de Africa: e até El Rey Dom Manoel seu Pay a proseguio com tanto fervor, que a esta só chamava conquista sua, e as outras, em que tanta fama alcançou, sómente de seus vassallos. E bem se vio em os grandes thesouros, que gastou, em se fazer Senhor da Cidade Casim, e Azamor, e em reedificarl, e amplificar as mais fortalezas. E que se elle vivera mais dez annos, sempre o seu animo, e ventura acompanhado do zelq

zelo da Religião, o fizeraõ Senhor das Cidades, Fez, e Marrócos, para o que lhe não faltou mais, que aproveitar-se de estrangeiros, para povoarem a terra; pois os Portuguezes bastavaõ sómente para conquistalla. O que Sua Alteza neste tempo, em que isto se praticava, tinha mais facil pelas alianças, que podia fazer com Hespanha, e França, e Inglaterra, por meyo de casamentos de seus irmãos, cada hum delles merecedor de grandes Imperios: a que podia largar todos estes Estados de Africa, que elles conservariaõ, e amplificariaõ de maneira, que tudo ficasse em felicidade.

E porque esta opiniaõ parecia a muitos se havia de seguir, e os que o contrario affirmavaõ, por ventura não tinhaõ contra ella outras mais apparentes razoes, quizerão-se valer de authoridades, ou, como outros dizem, procurando ser melhor aconselhados. E assim se communicou o negocio com o Papa, e Imperador. Os quaes conformando-se com o que lhes pareceo mais conveniente, ou não alcançando mais seus entendimentos, foraõ de parecer, que os lugares se largassem. E ElRey o fez, mandando largar aos Mouros as Cidades de Çasim, e Azamor, Alcacer, e Arzilla. E convertendo-se as forças daquellas Cidades em a povoação de Marzagaõ, que ElRey Dom Manoel alli conquistara, edificou nella mais junto ao mar huma fortaleza inexpugnavel, e a povoou com bons Soldados, e Cavalleiros, e a entregou a famosos Capitães, que nella sempre se mostraraõ taes. E posto que o estado das cousas daquelle tempo dava a entender ser necessario, e proveitoso, largarem-se aquelles lugares, todavia o succello das cousas, que depois vimos, claramente nos mostrou ao olho o proveito, que se podera conseguir, delRey de Portugal ter o seu poderoso braço metido pelo sertão dentro daquella grandissima Provincia: cuja conquista, quando alguma hora se quisesse proseguir, ficava por esta causa tão facil, como depois a vimos difficullosa, lastimosa, e triste, por falta della.

Depois disto, que foy assaz sentido, e neste Reyno juntamente lamentado, chegou o anno do Senhor de mil e quinhentos e quarenta e seis: estando em a fortale-



za de Marzagão, por Capitão mór Luiz de Loureiro, grande Cavalleiro, e muito experimentado Capitão, determinou não deixar os Mauritanos descansar no gosto, que tinhaõ de lhe largarem aquellas forças; assim ajuntando a mais gente, que seu poder alcançava, foy correr a Azamor; e a entrou animosamente, e desbaratando os moradores della, e saqueando-lhe a fazenda, se tornou vitorioso a sua casa, trazendo entre outros cativos tres Cacizes, dignidade entre elles, como em nós os Prelados, mas com tão grande opiniaõ de santidade, que com ella, ou com seus feitiços (de que os semilhantes naquella terra são grandes artifices) tinhaõ promettido ao Xarife defender aquella Cidade sem armas a todo o poder dos Christãos, para o qual se foraõ meter nella a tempo, que o mesmo Xarife a queria mandar despovoar, antes que sofrer as perseguiçoens de Luiz de Loureiro. Mas nem a sua santidade foy bastante, nem os mais artificios poderosos, para escusarem, que por seu resgate não dessem vinte mil cruzados. E querendo o Xarife sanear-se desta perda, mandou correr a Marzagão com quatro mil homens de cavallo, em quanto elle ficava apparelhando o resto de seu poder. Os quaes commettendo animosamente a empreza, lhe sahio ao encontro o valeroso Capitão Loureiro, e em campal batalha os venceo, e desbaratou, não tendo mais em sua companhia, que cento e oitenta homens de cavallo: mas esses tão esforçados, que seguirão os inimigos mais de oito leguas, e tão perto da Cidade de Marrócos, que sendo tão populosa, como he notorio, de tal maneira se espantaraõ os moradores della, que em grande confusão metidos, a começaraõ a despejar vergonhosamente, imaginando, que todo o poder de Portugal sobre elles vinha.

Mas logo no anno seguinte de mil e quinhentos e quarenta e sete mandou o Xarife seis mil homens de cavallo; e com elles os mais famosos Alcaides, e Cavalleiros de todos seus Estados, com grandes premios promettidos, a quem lhe mataste, ou prendesse o Capitão Luiz de Loureiro; e com tanta vontade commettia isto, que lhe mandou, que posto que para executarem o que tanto desejava, viessem desbaratados, haveria a empreza  
por

por bem acabada. Os quaes com estas cousas provocados, commetteraõ o negocio com muito animo, apparecendo em Marzagaõ huma quantidade delles, a que sahindo Luiz de Loureiro com cento e vinte homens de cavallo, como ordinariamente costumava, deu nelles com muito efforço; mas elles confiados em huma filada, o foraõ entretendo, até que houve vista della ainda a tempo, que podera voltar-le a salvamento, que muitos de sua companhia lhe requereraõ fizesse; e não querendo elle fazer pé atraz em terra, onde tantas proezas tinha acabado; sahiraõ os Mouros com tamanha algazarra de contentamento, como quem tinha a preza bem segura. Mas elle se defendeo com tanto acordo, e valentia, que Mouros, e Chriştãos lhe confessaraõ toda a vantagem, até que vendo elle, que os Mouros não abrandavaõ em sua furia, e a elle lo buscavaõ, não estimando muitos as vidas por lhe chegar, mandou a hum golpe de ginetes, que rompendo pelos inimigos lhe puzessem em salvo hum seu filho de quatorze annos, que alli trazia; e ainda que os ginetes o fizeraõ como Cavalleiros, não se puderaõ salvar mais, que sete, ficando o filho morto no campo com os outros. O que sentindo o Capitaõ Luiz de Loureiro como devia; que com sua morte, ou prizaõ engrandecia os Mouros, se começou a sair dentre elles. Mas posto que leváva hum cavallo muito ligeiro, e com a lança em risfe pelo meyo de todo o campo passou da outra parte, foy acommettido de tantos, que o não pode fazer sem ser primeiro mal ferido; e o cavallo, quasi morto, com as feridas mais esperto, pode chegar ás portas de Marzagaõ, onde cahio de todo morto, e elle em estado, que hum dos ginetes lhe deu a vida, pondo-se diante delle; e com ficar cativo se pode o seu Capitaõ pôr em salvo, e chamava-se Lazaro Martins. O Mouro Alcaide Capitaõ do exercito mandou a o Xarife seu senhor como testemunha do muito, que fizera, huma cabeça, que dizia fora do Capitaõ Luiz de Loureiro: mas a sua fama assim estava confirmada por aquelles barbaros, que não houve algum, que lhe desse credito: antes passáraõ nesta duvida tanta requestas de parte a parte, que o Capitaõ Mouro mandou cortar a cabeça a todos os Chriştãos mortos, e as mandou em sacco



Hist. dos  
Xarifes c. 55  
98 & 5.

a Marrôcos: em cujos moradores foy tamanho o contentamento, como se naquellas cabeças estivera todo o poder da Christandade acabado. E porque entre aquelles barbaros se costumava, se colhiaõ alguma cabeça, ou corpo de Christão, dar-lhe muitas picadas, tendo para si, que tantos merecimentos alcançaõ ante o seu **Mafoma**, aconteceo, que querendo huma Moura alcançar esta indulgencia, levou huma daquellas cabeças a sua casa, e fazendo-lhe seu officio, quando mais influída nella estava, conheceo, que a cabeça era de seu marido, que naquella empreza era tambem ido. E posto que foy caso tão particular, elle se divulgou de maneira, que toda a Cidade soube, e acabou del julgar o Capitão Mouro por covarde, e mentiroso, e assim não lhe bastaraõ todas estas diligencias para ficar de todo accreditado.

Depois que Luiz de Loureiro foy saõ de suas feridas, ElRey Dom Joaõ lhe fez mercê da Capitania de Tangere. Mas elle, como tinha o animo incançavel, sahio tantas vezes aos Mouros, que em huma dellas foy morto, depois que os espantou a todos aquelle dia com seu esforço, e grandes façanhas. E Tristaõ de Atayde, que lhe succedeo em Murzagaõ, continuou a guerra com muito animo, alcançando dos Mouros algumas vitorias, e molestando aquella Provincia com muitas sahidas, de que sempre ficava com o melhor; servindo-se de hum Mouro, que logo quando elle alli foy por Capitão, se veyo a elle para se fazer Christão. Ao qual ainda que não deraõ logo o baptismo, esperando, que fosse bem provada sua constancia, todavia a seu requerimento lhe começaraõ a chamar Tristaõ de Atayde. Era homem muy solto; e manhoso, e naturalmete atrevido, e como tal em quanto durava o tempo de seu catecismo, fazia suas entradas só por aquellas commarcas, e trazia grandes cavalgadas de muito gado, e cousas de muito preço, e muito facilmente, porque como ladraõ de casa, entrava, e sahia sem ser conhecido, e por habito fingido de Mouro tinha occasiaõ de fazer seus saltos. E com isto era tão temido, e famoso em todas aquellas commarcas, que cada dia se queixavaõ delle ao Xarife, que foy dissimulando com elle, até haver alguma occasiaõ. Mas estando o mesmo Xarife

Hist. dos  
Xarifes c.  
51.

em o dia da sua Pascoa celebrando suas festas fóra das portas de Marrócos, o bom Tristaão levou quasi ante seus olhos hum moço, e hum a moça, e os entregou aos Christãos; com o qual acabou o Rey de se indignar contra elle de modo, que não lhe lembrava outra cousa, senão a vingança de tamanho atrevimento; e para isto o encômendou a muitos, e prometteo grandes premios a quem lho prendesse. Mas, ainda que muitos andavaõ occupados nesta preza, fazia Tristaão suas cavalgadas sempre a seu salvo, e diante delles. Até que hum a vez, tendo já palavra de o bautizarem, fez hum bom salto, como costumava, e vindo com, elle hum rincho de hum cavallo o descubrio, e appellidandose toda a terra, foy prezo, e levado ao Xarife. O qual perguntandolhe, porque fazia mal aos Mouros, tendo-o elle tambem, respondeo, entre outras palavras, que já o não era, porque lhe tinham os Christãos promettido o baptismo, na confissão do qual havia de morrer. De que o Xarife muy enojado, mandou lhe cortassem logo a cabeça, e para isto o leváraõ os Mouros arrastrado pela Cidade até o lugar deputado, onde lha cortaraõ por de traz muito de vagar, para que sentisse mais tormento. Mas elle com tanta constancia o soffreo, que dizendo-lhe o povo se encômdasse ao seu Mafoma, elle chamava por JESU Christo, e pela Virgem MARIA sua mãy, e lhe offerencia aquella morte, em que se mostrou tão animoso, e Christão, que tomou hum pouco do seu proprio sangue em a mão, e o lançou sobre sua cabeça, dizendo; que pois não podera alcançar o baptismo, tendo feito da sua parte o possivel, confiava em a Misericordia de JESU Christo, receberia aquelle sangue por verdadeiro baptismo; e assim morreo. Os Mouros o apedrejáraõ logo com muita raiva, e lhe fizeraõ mil vituperios, a que querendo acodir o Author da historia dos Xarifes, que entãõ allí se achava, o foy pedir ao Xarife, que lho negou, não lhe aproveitando todos os meynos, que o Christão lhe commetteo, dizendo, queria que allí o comessem os caens. E foy cousa maravilhosa, que em quatro dias, que allí esteve na Praça, nunca houve cão, que lhe chegasse, andando junto a elle muitos. Entãõ peitou este Author a hum



hum Mouró, que o enterralle de noite; e nem isto bastou para haver á mão o seu corpo, que elle affirmava como de Santo Martyr se podia venerar, segundo os exteriores, que nelle vio; sua constancia na Fé, e a paciencia Christãa, com que acabou.

Neste anno de 1547, nesta mesma Cidade Marrócos crucificárao tres Mouros por graves delictos, como aos taes costumão fazer aquelles barbaros; ensinados dos Judeos, que entre elles vivem: e cahindo os corpos, tirárao as Cruzes levantadas, e aquillo, que em desprezo dos Christãos se fazia, tomavao os que alli se achavao, por honra, fazendolhe a reverencia, e adoração devida todas as vezes que passavao. Succedeo, que este mesmo anno estavao as sementeiras em esterilidade, por haver muito tempo, que não chovia; ao que querendo acodir os Cacizes, pediraõ ao Xarife, por conselho dos melmos Judeos, mandasse tirar aquellas Cruzes; por ellas alli estarem, e serem adoradas dos Christãos, o seu Matoma lhe mandara aquella esterilidade. E elle por lhe agradar, o mandou fazer; e logo choveo, e as novidades melhorárao tão notavelmente, que se persuadirao os Mouros fora por tirarem dalli as Cruzes, a que elles tem grande odio. Pelo qual a petição dos mesmos Cacizes mandou o mesmo Xarife, que mais se não justicassem os malfeitores daquella maneira; mas que os enforcassem, como dalli em diante se costumou, e com isto ficaraõ os Judeos com seu máo conselho frustrado.

Hist. do  
Xarif. c. 64

Mas como os Conselheiros del Rey Dom João o disuadiaõ desta conquista, que tinha mais de honra, que de proveito, por elles só pertendido, elle se havia nella com tanto descuido, que as vitorias, que nella se alcançavao, todas eraõ miraculosas; como foy esta, e outras muitas, que estes Capitaens alcançaraõ, e outros alguns, a que a nobreza de seu sangue, e razaõ de seus officios ao mesmo estimulava. Servindo aquelles lugares Atricanos de continua escola de valerosos animos, como já vos disse, onde sempre se criaraõ taes, que sabidos dalli, espantavao o mundo, na India, na Persia, na Ethyopia, e em toda a costa de Arabia, e nas mais Ilhas Orientaes; e Occidentaes do mar Oceano, e Oriental. E he certo,

que

que quantos mais discipulos nesta militar escola se criassem, tantos mais triunfos desta bellicosa nação se publicariao pelo mundo.

Mas deixando isto á parte, que tem mais de magoa, que de remedio: occupado ElRey nas cousas do Oriente, assim pelas riquezas delle, como pela pregação do Evangelho, que elle em extremo procurava, foy nisto taõ sollicito, que para nesta santa obra lhe não faltarem idoneos Ministros, que nella continuamente trabalhassem, trasladou, e quasi de novo instituhio nesta Cidade de Coimbra humas geraes escolas de todas as sciencias; mandando a ella os mais famosos letrados, que na Europa se sabiaõ, com os quaes a fez taõ insigne, como os fundadores eraõ eminentes: o que passou desta maneira.

Já tereis ouvido, que foraõ os esclarecidos Reys de Portugal taõ excellentes na paz, como valerosos na guerra, que com esta defendiaõ, e accrescentavaõ seus senhorios, e com a outra conservavaõ, e sustentavaõ em paz, e justiça seus Estados. E assim ElRey Dom Diniz de gloriosa memoria, e no politico governo sapientissimo, instituhio nesta Cidade humas escolas de todas as sciencias, com approvaçãõ do Summo Pontifice Joã XXII, segundo diz sua Chronica capitulo quatorze, que recopilou Ruy de Pina Chronista mór deste Reyno; em cuja confirmação traz huma pratica, que ElRey Dom Diniz fezaos Prelados, e homens nobres de seu conselho, que bastantemente mostra o intento, que teve em fazer esta obra nesta propria Cidade de Coimbra, antes que em outra alguma de seu Reyno. E por ser origem de escolas, a que todos devemos muito, sofrey ouvir o que elle disse aos seus.

Ao bom Principe, que da mão de Deos ha muitos de reger, sobre tudo lhe convem, que trabalhe, e procure, que elle; e os seus subditos, sobre todas as virtudes abracem a virtude da justiça, e em em, e figaõ os frutos della; porque os seus merecimentos saõ taes, e ante Deos de tanta estima, que não somente dà por elles neste Mundo alegria, e pacifica vida em quanto dura, mas ainda no outro, para a alma, não nega a gloria eterna, e bemaventurança para sempre. E certamente o

Escolas  
em Co-  
imbra.

De hac in  
stitutione  
scribit late  
Joan. Fer.  
dinad. in  
orati. &  
Doctor ?

Franciscus  
de Monson  
in sua insti-  
tutione  
Principis  
Christiani  
Et pater ex  
alio aucto-  
ribus illius  
temporis  
Et in Pro-

Rey



meo statuto.  
rum ejus.  
dem Uni-  
versitatis.

Rey na terra, e nos Reynos, que por graça de Deos lhe são encomendados, não pode fazer melhores obras, nem edificios de mór louvor, que procurar que vivaõ os homens em fé; e justiça, e fação obras santas; justas, e honestas. E porque isto se não pôde assim bem conseguir, e haver effeitos, sem haver no Reyno varoens em todas as doutrinas, e sciencias bem ensinados, considerando eu, que meus Reynos, pela providencia, e bondade de Deos, não sómente são providos de todos os mantimentos do mar, e da terra; mas abastados de muita gente de armas, e do bom uso, e exercicio dellas: e assim bem desejo de todo meu coração, que tambem haja nelles abundancia de homens letrados, e muy sabios; e para isso propuz dias ha, por bem commum de meu Reyno, e grande proveito de meus vassallos, e naturaes, fazer nelle hum Estudo geral, e muito hourado, em que todas as sciencias se leão, e que seja feito nesta Cidade de Coimbra, que he no meyo do Reyno, abastada das cousas necessarias, e aflagrada temperada dos ares para a saude dos homens; e porêr antes que o pusessem em obra, volo-quiz assim notificar, para me dizerdes vosso conselho, e parecer.

Mas no arquivo da mesma Universidade está posto em memoria desta instituição muito ao contrario; dizendo: que o mesmo Rey Dom Diniz fundou as escolas, primeiramente em Lisboa em o anno do Senhor mil e duzentos e noventa e hum, e do Pontificado de Nicolao IV. anno terceiro, vinte e cinco annos antes que o Papa João vigesimo-segundo fosse eleito. E que se pagavaõ entãõ os sellarios dos Lentes, e mais despezas, pelos Abbades de Alcobaça, e dos da Orde n de São Bento, e Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, com mais certa cotta de dinheiro, que os Escholares para isso davão. E que lhes assignou bairro particular, em que morassem os Escholares, que foy da porta do Sol, e Santo André em diante, por toda a Freguezia de Alfama, e liasse nas casas da moeda velha no dito bairro, que ElRey lhe deu. E que pelas muitas dissensoens, que entre os moradores da Cidade, e os Escholares succediaõ muitas vezes; o mesmo Rey Dom Diniz as trasladou para esta Cidade de Coimbra anno do Senhor mil e trezentos e oito, anno

terceiro

terceiro do Pontificado de Clemente V. tambem oito annos, antes que fosse eleito Joaõ XXII. em cujo tempo a Chronica diz, que foy a sua primeira instituiçaõ. E assim nesta Cidade estiveraõ as escolas por largos tempos, e no principio se liaõ as liçoens de Theologia em alguns Moiteiros, e as das outras sciencias, artes, e Latinidade em casas de aluguer. E depois se ajuntaraõ todas as lições em humas casas, que estavaõ junto dos Paços delRey, onde hora está o Collegio de São Pedro, e daquelle tempo ficou alli huma estatua de pedra da Sapiencia, que he insignia da Universidade. Pagavaõ-se entaõ os salarios, e mais gastos, das Igrejas de Pombal, e Soure, que depois se largáraõ, por o Mestre, e Convento de Christo, tomarem sobre si estes gastos. Depois de passados alguns annos, por ser a Cidade de Lisboa mais rica, e abastada; ou como alguns dizem, porque os Mestres estrangeiros residiaõ nella de melhor vontade, por seu grande commercio, ElRey Dom Fernando, bisneto do primeiro instituidor, a trasladou desta Cidade a Lisboa, junto ao anno do Senhor mil e trezentos e setenta e cinco, onde esteve nos proprios bairros, e casas da moeda velha. Até que no anno mil e quatrocentos e trinta e hum, o Infante Dom Henrique, famosissimo entre os Principes de seu tempo, e filho delRey Dom Joaõ I. lhe fez doação das proprias casas, em que vivia, e a dotou de grandes rendas, e enobreceo com sabios Mestres, e grandes privilegios, e liberdade, com que floresceraõ nella grandes engenhos. Mas como pelas conquistas da India (que este mesmo Infante começou a descobrir) veyo aquella Cidade Lisboa a ser de tanto trato, e negocio, que a quietaçaõ das sciencias se perturbava, pareceo a ElRey D. Joaõ III. se devia mudar por esta necessidade; e com o zelo, que tinha da Religiaõ Christãa, e de haver della em seus Reynos muitos Ministros, e da mais policia, e governo secular, tratou de a amplificar, e accrescentar. E porque não havia em todo o Reyno lugar mais acomodado, que esta Cidade, ordenou que nella se constituísse, assim pela fertilidade da terra, e temperança de ares; como tambem (que he o principal) pela natural quietaçaõ dos moradores; proprio sitio da verdadeira sabedoria, que foy tam-

1375.

1431.



bem causa de ser aqui a primeira instituição ; como já vós disse. E quiz ElRey Dom João III já que esta Cidade estava situada no meyo do Reyno , que com estas excellencias, que lhe accrescentava , ficasse como coração delle , donde as mais partes do corpo , a vida interior recebem. E assim parecia bem que fosse , que da mesma Cidade , donde antigamente na Infancia , e primeira idade deste Reyno , sahiraõ tantos exercitos armados , que vencidos os barbaros tyrannos, o Imperio Lusitano pouco , e pouco forão edificando. Hora no tempo presente della sahisse[m] tambem florescentes esquadroens de outra maneira armados , que toda a barbaria do mundo , e sua infidelidade , e a pertinacia de suas nefandas Seitas , e ceremonias perseguissem , e aniquilassem , como fazem , e pretendem. E moveose tambem este inclyto Principe a fazer esta generosa obra , sabendo muito bem , que já que nem as memorias dos Imperadores antigos , que nem dos Reys potentissimos ; nem todas as mais glorias de diversas naçoens , não se podião comparar com as suas ; assim na multidão das vitorias , como na grandeza dellas ; assim tambem , não se satisfazendo só com a gloria de tantos Imperios , de tantas Provincias sujeitas , de tantas vitorias , e triunfos alcançados ; não se aquietou com tudo isto ; até que as letras , quasi de todo o mundo fugitivas , e toda a sabedoria , depois de tantas peregrinaçoens , e calamidades , no seu Reyno ; como em seguro porto , se recolhessem , amparassem , e illustrassem para que assim em virtude , como na fortuna , a todos os mais Principes ficasse superior. E porque só nesta scientifica prerogativa cuidava lhe levavaõ vantagem as Provincias de Italia, França , Flandes , Alemanha , e Hespanha ; por isso de todas ellas mandou vir os mais eminentes homens , que nellas havia , em letras , e sciencias , assim em as linguas Latina , Grega , e Hebraica , como nas letras de humanidades , e Filosofia , e em todas as mais sciencias de Theologia , Canones , e Leys , e Medicina , e na doutrina de todas ellas muito exercitados , os quaes fizeraõ esta Academia em seus principios muito illustre , e no progresso muito florescente , e em tudo o mais felicissima.

Estes foram na faculdade de Theologia o Doutor Affonso de Prado, na doutrina de Santo Thomaz eminente: veyo da Universidade de Alcalá para a Cadeira de Prima Frey Martinho de Ledesma Castelhana, da Ordem dos Pregadores, veyo para Lente de Vespera; o Doutor Francisco de Monção Castelhana, Pregador muito douto, e em todas as partes muito erudito veyo tambem de Alcalá. Marcos Romeu, Lente do Testamento Velho, Doutor de Paris do Collegio de Sorbona, de nação Portuguez, e admiravel em letras, e grande humildade, e pureza de vida. Mestre Payo Rodrigues de Villarinho natural de Beja, Doutor de Paris, que entre todos os fundadores desta Universidade, em engenho, e prudencia se avantajava; porque era grande Philosopho, grande Theologo, e grande Orador, e lia a Cadeira do Testamento Novo com tanto applauso, que o hia ouvir o Doutor Navarro.

Lentes de faculdade de Canones, foram em a Cadeira de Prima o Doutor Martim de Aspilcueta Navarro, bem conhecido no mundo. Estudou em Alcalá Artes, e Filosofia: em Tolosa Canones, e Leys, e logo na mesma os ensinou com grande nome, dalli veyo a Salamanca, e nella quatorze annos a enriqueceo com sua doutrina. Depois sollicitado por El Rey Dom João III de Portugal, e rogado pelo Imperador Carlos V. veyo a dar principio á ultima trasladação desta Universidade, e a ensinar o mundo, assim com a vida, como com a sciencia, que foy profundissima, muito universal, e Catholica: para a Cadeira de Vespera juntamente com Navarro veyo o Doutor Luiz de Alarcão, tão nobre em sangue, como em engenho, e fertilidade de memoria excellente, em que em seu tempo ninguem lhe levou a vantagem. O Doutor João Peruchio Morgovejo, na muita continuação do estudo muito notavel, e na bondade de vida excellente. O Doutor Manoel de Andrade, cuja diligencia em ensinar era muito estimada, e a facilidade de sua memoria admiravel.

A' faculdade de Leys' derao principio o Doutor Gonçalo Vaz Pinto; Portuguez, na Cadeira de Prima; hum dos mais insignes Jurisconsultos, que florescerao



nos tempos antigos, cuja doutrina, como de Oraculo divino era recebida, estimada, e seguida. O Doutor Antonio Soares, Portuguez, na Cadeira de Vespera, em prudencia insigne: succedeo na de Prima ao primeiro, e depois foy ao Delambargo: e succedeo-lhe o Doutor Santa Cruz, Castelhana, muy grande Jurisconsulto. E por falta destes dous Portuguezes, succedeo na de Prima o Doutor Fabio, na sua faculdade doutissimo, na prudencia unico, e'em todas as mais excellencias de pessoa, e animo consumado, e grave. O Doutor Ascanio na eloquencia suavissimo; e no direito Civil muito douto.

Para a faculdade de Medicina vieraõ, Mestre Henrique Colhar Portuguez na de Prima. O Doutor Thomaz Rodriguez, Portuguez, na de Vespera, que foy na sua faculdade mais insigne, que todos, os que em muitos seculos floresceraõ no mundo. O Doutor Reynoso, nas letras Grega, e Hebraica muito erudito, e na sciencia, e experiencia outro Esculapio. O Doutor Franco Lente de Avicena, cuja sciencia era muito estimada, e a industria a todos charissima. O Doutor Luiz Grego, Interprete de Galeno, de rarissimo ingenho, e erudição. O Doutor Pedro Nunes, hum dos mais excellentes Mathematicos, que o mundo teve: foy Mestre dos Principes, e Infantes deste Reyno, e delles taõ estimado, que assim nas especulaçoens Mathematicas, como em as mais excellencias de prudencia, e entendimento, naõ teve o segundo lugar na opiniaõ delles.

O primeiro Curso de Artes lèo Mestre Diogo de Goveya, natural de Coimbra; foy depois Conego de Lisboa, Deputado da Mesa da Consciencia, e depois Dom Prior de Palmela, e morreo hum santo homem. Leraõ tambem Artes, Mestre Luiz Alvares Cabral, Portuguez, e Mestre Nicolao Grouchio, Francez, e o Doutor Bordallo, Interprete da moral Filosofia.

E para ensinarem Latim, e linguas Grega, e Hebraica, mandou El Rey Dom Joaõ vir de Paris hum Collegio inteiro. Para Principal vevo Mestre André de Goveya, Portuguez, Doutor Theologo de Paris, que era irmão de Marcial, tambem Mestre deste tempo. Subprincipal, Mestre Joaõ da Costa, Portuguez, Doutor de Paris

Paris em Leys. O Doutor Fabricio Mestre de Grego, e o Doutor Rozetto, Mestre de Hebraico. Lêo a primeira Classe, e Grego, Mestre Jorge Buccanano, Escoto. A segunda, Diogo de Teivez, Portuguez natural de Braga, Doutor em Leys. A terceira, Mestre Guilherme, Francez. A quarta, Mestre Patricio, irmão de Buccanano. A quinta, Mestre Arnoldo Fabricio, Francez. A sexta, Mestre Elias, Francez. A setima, Mestre Antonio Mendez, Portuguez, que depois foy Bispo de Elvas. A oitava, Mestre Pedro Henriques Portuguez, que estava já dantes em Portugal. Anona Mestre Gonçalo, Portuguez, que tambem já estava em Portugal. A decima, Mestre Jaquez, Francez. A undecima, Manoel Thomaz, Portuguez. E o Mestre João Fernandes, que tendo ensinado a Rhetorica nas duas Universidades de Salamanca, e Alcalá, nesta tambem fez o mesmo com muita satisfação, e applauso, porque foy perfeito Orador, e muito douto nas sciencias, e linguas, e tão geral em todas; que raramente se acharia seu igual em nenhuma Universidade do mundo.

Doutor  
Monião no  
seu Princi-  
pe Christão

Além destes primeiros Fundadores, houve tambem outros muitos neste primeiro principio, que successivamente succederao, tambem filhos da Universidade de Paris; que illustrarao esta notavelmente: como foy o Doutor Lopo Galego, Ignacio de Moraes, Belchior Belleago, Mestre André de Resende, o Cayado, todos Portuguezes, e Nicolao Clenardo, e outros muitos, que em letras de humanidade foraõ eminentes.

Em o principio desta ultima trasladação se lêo a Theologia, Artes, e humanidades em o Mosteiro de Santa Cruz, e as mais sciencias á porta de Belconce, em humas cáfas, que entao eraõ de Dom Gracia de Almeida, e dahi a pouco tempo se passaraõ as sciencias aos Paços delRey, e logo aos mesmos se passaraõ tambem as Escólas menores. E porque estas não pareceraõ alli bem accomodadas por muitos inconvenientes, que havia, mandou ElRey edificar para ellas o Collegio Real na rua de Santa Sophia; e nelle começaraõ a ler em o anno do Senhor 1548 os Mestres, que mandou vir de Paris, como já vos disse, e em nosso tempo se mudaraõ para onde se en-  
finão hoje.

1548:

E para



**E** para perpetuação desta Universidade ; ordenou ElRey nella muitos Collegios , alguns dos quaes fundou, e dotou , e a outros deu ordem para o mesmo, e a todos elmolas annuaes , e perpetuas. E para o salario, e gastos destas Escolas mayores, e menores, e seus encargos, alé n do que já tinhaõ em Lisboa, lhe dotou as Igrejas, que ficaraõ do Infante Dom Fernando, e impetrou do Papa Paulo III. se extinguisse o Priorado mór de Santa Cruz, e que a mayor parte das rendas delle se applicasse a esta Universidade, e nella se incorporasse. E que o Prior conventual deste Mosteiro fosse sempre o seu Cancellario, que nella he em os mayores grãos a principal pessoa.

Com estes homens taõ eminentes em letras, ficou esta universidade entre todas as de Europa florentissima; e de tal maneira fructificou, que tem produzido muitos Letrados, que leváraõ por opposição as principaes cadeiras em muy insignes Universidades, e em todas as mais foraõ bem conhecidos, e estimados. E sómente na de Salamanca houve desta Universidade; na Cadeira de Prima de Leys, tres Lentes successivamente; Manoel da Costa Ayres Pinhel, e Heytor Rodrigues, todos Portuguezes, e filhos desta Universidade. Verdade he o que dizeis (disse o Italiano) mas se tantos Letrados produzio em taõ pouco tempo esta Universidade, não vejo razaõ, para que haja taõ pouca fama delles pelo mundo; pois a fabledoria he huma das cousas, que não sofrem estar encubertas, senaõ alguns de cujos escritos algumas naçoens se tem aproveitado notavelmente: mas saõ elles taõ poucos, em comparação do que tendes dito; que se póde haver por cousa duvidosa. Antes (respondeo o Portuguez) ousarey affirmar, que não ha Universidade no mundo, que em taõ pouco tempo, como saõ sessenta annos, produzisse tantos como esta. E ainda que os escritos de muitos, que podiaõ illustrar o mundo, e honrar sua patria, estejaõ sepultados em trévas do esquecimento, ou porque saõ Portuguezes, que mais se prezaõ de dizer, que de fazer, ou por não se aventurarem ás linguas dos mal dizentes; porque a inveja dos covardes abate o animo aos ousa dos, todavia inda hoje vos fizera ficar com a noticia de  
tantos

tantos, que forçadamente mudeis a opiniaõ: cujas obras já sahidas a luz, em numero, e excellencia, mostraõ bem esta verdade: mas outro dia, quando em outras muitas cousas excellentes desta nossa nação praticarmos, cumprirẽy esta minha, e vossa vontade.

Com esta diligente industria não faltaraõ ao nosso Rey Magistrados, que lhe governassem seu Reyno em paz, e justiça, nem sollicitos Ministros, que no augmento da Religiaõ Christãa fructificassem, e admiravelmente a multiplicassem de maneira, que hoje vemos, no riquissimo Oriente, e suas lhas, e na grandissima Ethyopia, Arabia, e na Persia, e mundo novo, e em todas as mais terras, onde os Portuguezes com suas famosas navegaçoens chegaõ. Porque entre a turbulencia dos Soldados armados achareis sempre Sacerdotes Santos, e Religiosos, e entre a furiada das armas, e tormentas, ouvireis suas Preces, e Oraçoens, com que o mar se aquieta, os inimigos se entregão, ou são vencidos, e a terra he conquistada, e senhoreada, e os seus moradores convertidos á Santa Fé Catholica.

Em estas tão pias, e catholicas obras occupado este esclarecido Rey, veyo a falecer a tempo, em que sua vida era mais necessaria; assim pelas mortes de seus filhos, e irmãos; com que sua falta se podera recuperar, como pelo nascimento del Rey Dom Sebastião, seu neto, que no Reyno lhe havia de succeder, e ficava de tres annos de idade, pouco conveniente para tanto pezo, e muy necessitada da prudencia sua, com que admiravelmente governou sempre seus subditos. Mas a morte, dando principio a nossas desaventuras, lhe deu fim a sua desejada vida, levando-o em Lisboa na mesma casa, onde elle nasceo, em o anno do Senhor 1557, a onze de Junho, dia de São Bernabé, tendo de idade 55 annos, e de reinado 35. 1557. Seu corpo está sepultado em o Real Mosteiro de Belem. Sua morte foy muito sentida do povo, e de todos os Estados.

Foy El Rey Dom Joaõ, segundo suas obras testificação, em todas as virtudes excellente; porque na Religiaõ foy pio, na justiça clemente, na Fé muito catholico, na liberalidade magnifico, e na prudencia unico; e em todas

Resendian  
quadam  
oratione ubi  
supra,



as mais obras benigno, e grave. Aos severos juizes não se mostrava alegre, e no eleger delles, e dos magistrados era muito acertado. Abrogou as leys antigas, que mandavaõ fazer final no rosto aos ladroens de pouca contra, dizendo, que se podiaõ ainda emmendar, e reduzir á louvavel vida; e que era cousa cruel, e deshumana, macular a principal parte do homem, de maneira, que os sinaes da má vida passada lhe afeassem as boas obras da presente. Tambem costumava dizer por algum homem já emmendado dos erros, que não era razaõ, que para com ElRey fizesse nojo ao homem, o que já lho não fazia diante de Deos. Foy mais zeloso da conservação da Republica Christãa, e de a sustentar pacificamente, que de seguir seus particulares interesses á custa das vidas, e sangue de seus vassallos. Verificando-se nelle com mais justo titulo, o de que Marco Tullio se gloriava tanto, quando dizia. *Cedant arma togæ*: porque não o fez este nosso Principe de modo, que as togas da paz lhe tolhessem o exercicio das armas na guerra: vencendo fora com a prudencia os inimigos, para que os amigos em casa estivessem pacificos, e seguros. Foy muito amigo das letras, e favorecedor dos Letrados; e com ellas governou bem seus subditos, e fazendo mercê a elles, deixou cheyos de Sabios os seus Reynos. Folgava muito de favorecer a quem o bem servia, e de lhe fazer mercê a seu tempo: e tinha tanto cuidado disso, que indo lhe fallar o Conde do Prado, por ser já muito velho, levava em hum papel por addicções escrito o que lhe havia de pedir: foy tal o seu descuido; que não sómente lhe esqueceo tudo, mas o papel lhe cahio aos pés delRey, que mandando-o levantar depois do Conde hido, inda que nelle pedia algumas cousas grandes, elle lhe fez mercê de todas, e lhe mandou a Provisão a casa, sem o Conde o saber. Outra vez hum Fidalgo muito pobre, e de muitos serviços, hindo fallar a ElRey de noite, totalmente lhe esqueceo tudo: mas levando-se com estas palavras; Senhor, tudo, o que trazia cuidado, me esqueceo: sey-vos servir, e não vos sey pedir. Pois, respondeu ElRey, lembrai-vos á manhã, senão ao outro dia: se vos não lembrardes, lembrarmé-hey eu. Estimava tanto a honra dos seus vassallos, que mandou vir logo á Corte

à Corte Dom Alvaro de Abranches, Capitão de Azamor, para o castigar, por se queixar delle a sua Alteza hum Cavalleiro, que vinha vestido em hum capuz de dó, e hum corda ao pescoço, dizendo, que Dom Alvaro o mandara aqoutar. Mas porque depois ElRey soube, que o Capitão fora justamente provocado, pelo outro se gabar, que era favorecido de huma sua parenta: e porque tambem entendeu do modo de proceder do Cavalleiro, ser homem baixo (que como se depois soube era filho de hum marchante) perguntoulhe, em quanto estimava aquella afronta: e respondendo-lhe o Cavalleiro, que em mil e quinhentos cruzados, acodio ElRey, tanto vos mandarey dar logo.

Tambem aconteceu, que indo ElRey hum tarde a Belém, o Corregedor da Corte diante delle se apeou, por fallar a hum homem, que vinha a pé, e mal vestido: e tornando a cavalgar, e continuar, ElRey lhe perguntou a que fora? E respondendo-lhe o Corregedor, que fora fallar a seu pay, que vinha do Algarve, onde era morador, ElRey lhe disse então, que ficasse, e agasalhasse o hospede, e que lhe fallasse, quando se quisesse hir: e fazendo-o assim o Corregedor, ElRey fez mercê ao pay de huma boa tença, no lugar onde vivia. Não querendo as regateiras de Lisboa guardar hum taixa nova, e dizendo-o a ElRey, que em quanto as não mandasse aqoutar, não se emmendariao: respondeo elle, que filhos de regateiras vinhaõ a ser Capitaens na India, fidalgos de sua casa: e não queria dantemaõ deshonorlos, mandando-lhes aqoutar as mãys. Pedindo hum Fidalgo a ElRey, perdoalle a hum homem os açoutes, a que estava condemnado; disse o mesmo Rey a outro, que o contradizia: E hum homem aqoutado para que presta? e desta maneira estimava seus vassallos, e criados, e por isso elles o amavaõ, e serviaõ todos com muita lealdade. Era taõ sollicito de não errarem o que governava, que fora de sua condicão, se aproveitava de malfins; mas não, que por isso os tivesse em melhor conta. E perguntando-lhe o seu Camareiro mór, porque os ouvia: Porque me dizem, lhe respondeo, o que vós, e os homens de vossa qualidade me não haõ de dizer: mas vede vós se por serem esses;

Tom. II, K lhes



lhes faça eu algumas merces. Era tão brando, que houve quem disse, excedia o modo necessario á authoridade dos Reys, e Principes: era isto tanto assim, que humavez, que muito se enojou de hum homem o importunar com hum prolixo requerimento, o deixou sem resposta, e entrando logo com elle o Conde da Castanheira, grande seu privado, e conhecendo no vulto a tristeza, e enfadamento do animo, lhe perguntou a causa: a que ElRey respondeo, que lhe fallára alli fuaõ com palavras tão descomedidas, que estivera para o levar pelos cabellos, e se o tivera feito, toda a sua vida fora triste. Estando ElRey com a Rainha, veyolhe fallar hum mulher, queixando-se de hum sem justiça, e procedendo de modo, que se enfadou a Rainha, e reprehendendo ElRey porque sofria aquillo: mas elle lhe respondeo, que se lho elle não soffesse, quem lho havia de soffrer.

E porque vos vejo alegre com as cousas de louvor; que deste Rey estais ouviado, querovos referir alguns apotegmas seus, dos muitos, que se contaõ d'elle, e em que dizem era notavel. Estava hum seu criado doente de gotta, e porque tambem era d'elle bem conhecido, perguntou ao Pisico mór, como estava de sua doença, e respondendolhe, que não estava já saõ, por não querer deixar o vinho: como quereis vós, replicou ElRey, que deixe elle por hum gotta tantas gottas? Praticandose á sua mesa no muito damno, que os Coellarios Francezes faziaõ a este Reyno, e que melhor seria sua paz fingida; não nos cumpre guerra com França, disse ElRey, porque temos fóra todo o movel. Fallandose na mesma mesa na grande abundancia de lebres, e coelhos, que havia em certo lugar de Alentejo, e que por serem muitos, comiaõ as seãras; para isso, disse ElRey, mandalos-hey cortar.

Quiz ElRey estar hum inverno em Almeirim, e pondo certa pena a todo seu criado, que lá não estivesse; perguntando-lhe Fernaõ Cardoso, que era natural de Santarém ( donde para Almeirim não havia mais que passar o rio Tejo) se quem estivesse em Santarém, bolaria em Almeirim? segundo lhe riscarem a bóla, respondeo ElRey. Mandou ElRey ao Provedor da Alfandega, vendesse hum somma de Arbins, que se acharaõ escondidos em casa

de hum Fidalgo, e que desse o terço a quem lhe desse tal final: porque hum Fidalgo, que lho descobrira; protestára por elle; mas parece-vos a vós, accrescentou ElRey, que siarey eu desta Fidalgo huma Fortaleza? Hum Fidalgo de muitos servigos se queixou a ElRey, por lhe não dar certa Capitania, e dizendo os muitos servigos, e merecimentos seus, disse mais, que se cumprisse, era homem, que lhe traria alli ElRey de França prezo pela barba: não he necessario, respondeo ElRey, porque estou agora de paz com elle. Mandou ElRey ao Corregedor da Corte, prendesse hum certo Fidalgo por hum grave culpa, que delle tinha; e andando o Corregedor traz elle, e relevandolhe ao Fidalgo andar alguns mezes na Corte, aproveitouse de hum ardil para o enganar, até que fizesse seu negocio. Mandou hum seu pagem, que por sua industria se foy ao Corregedor, e lhe prometteo, lhe entregaria seu amo. E parecendo ao Corregedor, que tinha a preza nas mãos, não fez mais diligencia, que seguir, e continuar com o pagem, que hindo, e vindo ao Fidalgo, trouxe enganado o Corregedor; até que passados seis mezes, se descobrio a maranha, e prendeo o pagem, e se foy a ElRey pedirhe licença para o mandar açoutar; vedes que he necessario, respondeo ElRey, que diga o pregaõ, porque enganou ElRey, e o Corregedor da Corte; pelo que me parece, que por minha honra, e vossa, o devemos mandar soltar. Fazendo ElRey mercê a hum criado (a que tinha afeição) de hum officio para a India, com que viesse rico, o outro lhe respondeo, que não hiria á India, se não se sua Alteza lhe mandasse ladrilhar o caminho, e fazer vendas de cinco em cinco leguas, e que lho desse em Portugal, o que ElRey logo fez. Dahi a muitos annos achandose este homem pobre, e com filhos pedio a ElRey hum officio para a India. Está o Reyno muito gastado, respondeo ElRey, para tamanha calçada, e tantas estalagens.

Além disto foy tão admiravel em prudencia, que ardendo em seu tempo toda Europa em guerras, ministradas pelos mayores potentados da Christandade, de tal modo se houve nestas universaes molestias, que nem faltou ás obrigaçoens de parentesco, nem offendeo ás leys



da verdadeira amizade, antes favorecendo hum; e aconselhando outro satisfez com todos, e seus Reynos preferiou de grandes angustias, que as civis guerras sempre acompanhão. Pelo qual pode sustentar seu Reyno em paz, e seus subditos em igual justiça, fazendo que o tempo, que reynou, se houvesse por bem afortunado, e esta ultima idade se chamasse dourada, e com razão, porque floresceo nella eminencia de letras, e sciencia, grandeza de animos; e bondade de costumes, descansada paz, e gloriosa guerra. A sua memoria era felicissima, e nella excedeo aos mais famosos, que a antiguidade louva, porque quando veyo a esta Universidade, depois que hum vez lhe disserão os nomes dos estudantes della, sempre dalli em diante a quantos fallava, o fazia por seus proprios nomes, sendo então elles, e os appellidos em grande numero, e differença. Foy da Religião tão zeloso, que ampliou muitos Bispos em novos Prelados, e novas preeminencias, e edificios; fazendo o Papa á sua instancia a Dom Juliao de Alva primeiro Bispo de Portalegre, e de Leiria tambem primeiro Bispo a Dom Braz de Barros, da Ordem de São Jeronymo, que foy reformador dos Conegos Regulares de Santa Cruz, da Ordem de Santo Agostinho; e a Dom Turibio Lopes primeiro Bispo de Miranda. A' sua instancia foy erigida a Igreja Episcopal de Evora em Arcebispado: e foy o primeiro Arcebispo o Cardeal Infante Dom Henrique seu irmão. Mandou os primeiros Bispos ao Cabo Verde na costa de Guine, a Cochim na India Oriental, e a Malaca, tambem na India. Edificou em seu Reyno as primeiras casas dos Religiosos da Companhia de JESU, que a seu requerimento vierão de Roma a este Reyno, e forão os primeiros, o Padre Francisco Xavier, de nação Francez, em virtudes tão insigne, como já me ouvistes, e o Padre Simão Rodrigues Portuguez, que neste Reyno ficou, e nelle fez o fructo, que hoje vemos, em virtudes tão florescente, em exemplo tão santo, como em fervor de doutrina catholico. Dotoulhe ElRey em Lisboa as casas de Santo Antão, que foy a primeira casa propria, que tiverão em todo o mundo: e não parando aqui o muito, que os favoreceo, á sua instancia concedeo o Papa

Paulo

Paulo III. a estes Religiosos extensaõ ; e confirmação da sua Ordem, e outros muitos privilegios. Também lhes fez o Collegio de Coimbra, e lhe dotou muy grossas rendas, entregandolhes o governo das Escólas menores, com que acabou de os constituir em lugar, onde sobiraõ, onde hoje os vemos. Impetrou do Papa mandalle a seu Reyno o Tribunal de Santa Inquisição, obra divina, e para a conservação da pureza Christãa tão necessaria como a experiencia cada dia mostra: e o primeiro Inquisidor Geral foy Dom Frey Diogo da Silva, Frade de São Francisco, da Ordem da Piedade, o qual antes de ser Frade, foy Desembargador da casa da Supplicação, e depois de Frade foy Confessor delRey, e Bispo de Ceuta; e entaõ Inquisidormór, e morreo Arcebispo de Braga. Fez reformar o insigne Mosteiro de Santa Cruz em tanta perfeição, e obsevancia, que excede a todas as congregaçõens de Conegos regulares, que ha na Igreja de Deos: e andando dantes por fóra, como quaesquer outros Religiosos, os fez votar perpetua clausura; elego para esta confirmação Frey Braz de Barros da Ordem de São Jeronymo. Tiroulhe da meta Prioral muitas rendas para sustentação destes Conegos reformados; as quaes dantes comia qualquer pessoa, que ElRey nomeava. Também mandou fazer a mesma reformação em os dous Mosteiros da mesma Ordem da Invocaçãõ de S. Vicente em Lisboa, e de Grijó no Porto. Mandou reformar o Convento de Thomar da Ordem de JESU Christo, de que elle era Mestre, por Frey Antonio de Lisboa, da Ordem de São Jeronymo, e o fez Dom Prior do mesmo Convento; ordenando, que os Freires trouxessem habito monachal, como hoje trazem, com authoridade do Summo Pontifice: deulhe muitas rendas, e fez grandes edificios em o mesmo Convento, muito sumptuosos. Nelle se vio em todo seu tempo em muita perfeição, recolhimento, e clausura. Deu também a esta Ordem a Hermida de Nossa Senhora da Luz, junto a Lisboa, para se fazer em Mosteiro. Fez reformar a Ordem do Carmo por Mestre Frey Balthasar Limpo Portuguez, da mesma Ordem, e muy grande Prégador, que depois foy Bispo do Porto, e morreo Arcebispo de Braga,



Braga, e mandou edificar, e dotou o Collegio, que tem em Coimbra. Mandou vir de Castella Frey Francisco de Villa Franca, e Frey Luiz de Montoya, Frades da Ordem de Santo Agostinho, e por elles mandou reformar a mesma Ordem nestes Reynos, a qual andando dantes muy relaxada, elles a pozeraõ em tanta perfeiçãõ em seu tempo, que mais pareciaõ Anjos do Ceo, que homens. Deulhe ElRey alvitres, com que se edificou a Igreja, que tem em Lisboa, e se reformou o Mosteiro: tambem lhe deu, e edificou o Mosteiro, que tem em Evora, e o Collegio de Coimbra, e os dotou de muita renda. Tambem mandou vir de Castella o Mestre Frey Jeronymo de Padilha da Ordem de São Domingos, muy douto Prêgador; e mandou edificar o Collegio de Santo Thomás de Coimbra, e trasladar a elle o Collegio, que seu pay tinha edificado, e dotado em Lisboa. A Ordem de Cister, da Invocaçãõ de S. Bernardo neste Reyno, tambem em seu tempo se reformou, sendo seu irmão o Cardeal Infante Dom Affonso Governador do Mosteiro de Alcobaça, e depois pelo Cardeal Infante Dom Henrique, que lhe succedeo na Abbadia. Fez reformar a Ordem da Santissima Trindade, e para isso mandou criar noviços, com o habito da Trindade, em São Vicente de fóra, da Ordem de Conegos Regulares de Santo Agostinho, os quaes depois de professos, e Sacerdotes, fizeraõ esta reformaçãõ. Em seu tempo tiveraõ principio as Provincias da Piedade, e da Arrabida, reformadissima, da Ordem dos descalços, e burel de São Francisco, e se dividio da Provincia de Portugal, da mesma Ordem, a dos Algarves. Tambem reformou o Mosteiro de Lorvaõ, de Freiras da Ordem de São Bernardo, e outros muitos de outras Ordens, porque naquelles tempos com as novas conquistas, e grande occupaçãõ, e descuido dos homens, e muita diligencia do demonio, andavaõ todas muy relaxadas, e depravadas, e elle as reduzio todas à sua clausura, e trabalhou nesta santa obra de maneira, que em quanto viveo, floresceraõ todas as Religioens em mais perfeiçoens, do que fazia em todas as mais partes da Christandade, e sua morte foy sentida em a declinaçãõ de algumas daquella perfeiçãõ primeira. Acabou a Igreja

de Belém, que seu pay deixou começada, e trasladou a ella os corpos de seu pay, e mãy, e do Cardeal D. Afonso seu irmão. Fez, e dotou os Collegios de S. Francisco, e de S. Jeronymo em Coimbra, e o mesmo fez ao Collegio dos Religiosos de S. João Evangelista, chamados Loyos, e lhe deu administração do Hospital da Cidade, que seu pay edificára.

Sobre todas estas excellencias, tambem foy bem afortunado em a eleição das pessoas de seu conselho, serem as que se podiaõ desejar, honradissimas, e muy prudentes. Dom Francisco de Portugal, que foy primeiro Conde do Vimioso, e Dom Antonio de Atayde, primeiro Conde da Castanheira, com o qual se criou da idade de quatro annos, e em tanta conformidade, que quasi como segredo occulto da natureza se estimava. Foy lhe sempre muito aceito, e continuou o serviço, valia, graça, e privança, e os conservou, até que ElRey morreo. Foy este Conde homem de rarissima prudencia, de grande modestia, muy continuo no serviço, e teve em todas as idades grande virtude, e authoridade. Mais antigosteyte por conselheiros, Dom Martinho de Castelbranco, Conde de Villa-Nova de Portugal, Dom Luiz da Silveira, primeiro Conde de Sortelha, Dom Pedro de Meneses, Marquez de Villa-Real, todos homens de muita prudencia, e grande conselho, e com estes successivamente se aconselhou em quanto viveraõ. E sobre tudo fazia muito caso do Infante Dom Luiz seu irmão, em as cousas do governo.

Provia ElRey Dom João todos os Hospitaes de seu Reyno, e Mosteiros de Religiosos, e Religiosas, e em muitos dos de Castella, e Galiza, que todos tinhaõ delle cada anno toda a especiaria, e açucar, quanto haviaõ mister para as enfermarias, e todo o incenso, que gastassem para o culto Divino. Casava cada anno muitas orfans, e para as filhas dos nobres tinha ordenados seus casamentos, e sustentava muitas viuvvas honradas; resgatava grande somma de cativos em Africa; e a seus criados pobres dava de seu thesouro para se vestirem, e para este fim tinha provido o thesouto de muitos pannos, e sedas de toda a sorte. Edificou muitas Igrejas nas  
Ilhas,



linhas, Índias, Guiné, Brant, Africa; e em seus Reynos, e Senhorios, e todas proveo de calices, e outros ornamentos. Edificou a fortaleza de Marzagão, humas das mais fortes, e bem traçadas, que tem o mundo. Era tão liberal, que se tardava a alguns homens com algum despacho, satisfazialhes o tempo, que gastavaõ, com novas mercês á sua custa. Tambem accrescentou muito em o hospital de Lisboa, o qual tem junto em si, por enfermarias, ordem para se curarem todas as infirmitades apartadas, que por todos os hospitaes de Hespanha, e Europa estão divididos. E sendo coula tão grande, de quasi todas as camas se ouve Missa na capella mór. E cada cama tem com notavel artificio sua porta falsa; e por onde tiraõ o doente, que morre, e o levaõ a enterrar, sem ser visto dos outros enfermos, perfeição tão necessaria como as mais, com que em todas as coulas aquelle hospital se governa.

Em fim foy este nosso Rey em todas as coulas tão perfeito, que dignamente mereceo ser havido por Pay da Patria, irmão das Religioens, e Filho obediente da Santa Igreja Catholica Romana, cujo augmento procurou sempre, e seus decretos, e preceitos fazia guardar inviolavelmente.

E porque as excellencias deste Principe forão tantas em numero, como grandes em qualidade, farey fim em as referir; porque primeiro me faltará o tempo, que a materia dellas; pois estão hoje tão vivas na memoria dos homens, que esta nossa lembrança será bem escusada.

Mas ainda que todas estas nelle resplandeceraõ; e no seu tempo se viraõ manifestamente, não lhe faltaraõ tambem muitas perdas, e calamidades, como proprios descontos dos bens do mundo; que não sabe dar coula perfeita. E entre ellas se pôdem contar as mortes de tantos filhos, e de tão insignes irmãos, as perdas de Africa, e da India, e outras muitas calamidades do Reyno, que sempre suas glorias forão acompanhando.

Foy casado com Dona Catharina, filha de Dom Philippe o primeiro do nome Rey de Castella, e Archiduque de Austria, e Duque de Borgonha, e da Rainha de

de Castella Dona Joanna, filha dos Reys Catholicos, e mãy do Imperador Carlos V. E della houve seis filhos, e tres filhas. D. Affonso, que morreo minino. Dona Maria, que nalceo nesta Cidade de Coimbra dentro nos Paços, onde hoje está a Universidade: e casou em Salamanca com ElRey D. Filippe II de Castella, cuja primeira mulher foy: e morreo em Valhadolid, tambem Universidade, em o anno do Senhor 1545, e no de sua idade XVII. Dona Isabel, que morreo moça. Dona Beatris, D. Manoel, D. Filippe, D. Diniz, e D. Antonio, que todos morreraõ mininos de pouca idade.

Houve tambem o Principe Dom Joaõ, que sendo casado com a Princeza Dona Joanna filha do Imperador Carlos V. falleceo no mesmo anno de seu matrimonio, que foy em 1554, em o mez de Janeiro, em idade de 16 annos, e 7 mezes: deixando hum filho posthumo, que depois d'elle nalceo; que foy D. Sebastiaõ, que no Reyno succedeo ao avó. Houve tambem ElRey Dom Joaõ, antes que fosse casado, hum filho chamado Dom Duarte, que foy Arcebispo de Braga. E sendo em todas as boas letras, e sciencias muito douto, e na Filosofia, e Theologia muito erudito, e em todas as mais excellencias de pessoa, e animo insigne, falleceo na flor de sua idade, sendo Diacono de Ordens de Evangelho, Prior de Santa Cruz, Abbade de Rosoyos, e de outras Igrejas: deixando os seus subditos saudosos, e o Pay magoado, e toda a mais gente sentida, e triste. E tudo he devido a suas generosas obras: pois foraõ taes, que a memoria dellas está hoje tão presente, como elle foy contiauo em as fazer magnificas, e cheyas de caridade. Delle se sabe, que começou a escrever na lingua Latina huma copiosa historia de todos os Reys de Portugal, e que lhe atalhou a morte esta heroica empreza, deixando já escrita a vida do primeiro Rey Dom Affonso Henriques, que elle mandou á Cidade Roma; para que naõ só em os limitados fins de huma Provincia, nem nos limites de huma só lingua, as preclaras façanhas de hum tal Principe fossem sabidas. Antes pertendendo, que com a Magestade da lingua Latina aquella verdadeira Magestade de tão grandes cousas a todos os homens fosse notoria, e em todas as Provincias, e

Joan. Bernard. in  
orat. funebre  
in morte  
huj. Edu-  
ardi



regioens do mundo fosse manifesta, foy aquella historia, em que as heroicas obras de hum inclyto Rey, em reaes excellencias taõ eminente, pela mão de hum nobilissimo Escriitor, em reaes virtudes taõ insigne, fossem dignamente encõmendadas á immortalidade. Não he esta cousa nova, nem em nosso tempo inventada, (acodio o Italiano) antes parece, que esse illustrissimo engenho quiz com ella restituir a historia em sua antiga honra, e dignidade. Porque sómente entre os Caldeos, e Egypcios havia justa ley, porque se mandava, que nenhum pudesse escrever os seus annaes, que não fosse Sacerdote (entre elles officio de real nobreza, e dignidade (ou pelo menos Principe, que no governo; e honra eraõ os primeiros: e com razão; porque a authoridade da pessoa faz muito credito em suas palavras. Mas tambem nos tempos mais modernos, o exercicio de escrever historia ennobreceo entre os Romanos. Julio Cesar, muy digno fundamento dos seus Imperadores, e para com os Gregos o mesmo fez Thucidides, entre todos os seus Principes muito insigne. E assim parece mais acertado: pois mal pôde tratar bem as nobres cousas, quem não tiver nobre entendimento: nem este ordinariamente falta, onde o sangue he tambem nobre. Mas eu vejo, que quanto alguns mais tem delle, menos se exercitaõ em seus exercicios: como que a hum nobre não esteja tambem o livro, e a penna, como a espada, e o cavallo, para que com as façanhas, que obra com esta, aquella lhe dê luz, e perpetua vida: pois he clara prerogativa do animo nobre, ou fazer cousas dignas de se escreverem, ou escrevellas dignas de se lerem. E não mostrar-se na paz hum feroz Soldado, e quando vem á guerra, fazer menos que hum humilde Sacerdote, que nella muitas vezes vence mais inimigos com suas oraçoens, que os outros fazem com suas espadas: principalmente quando na mão andaõ daquelles, em cujas obras se acha: Blazonem bem do Arnez, e vista-o quem quizer,

*Latè patet  
ex Histori  
graph anti  
quæ ut Be  
ros. Caldæ,  
Manetho,  
Egyptiur*

*Suetonius  
Tranquillus  
in ejus vita.*

*João. Bern  
ubi supra*







## CAPITULO IV.

*Del Rey D. Sebastião, unico do nome, e XVI. Rey.*

**P**Rincipiada a venerada velhice deste Reyno em El-Rey D. João III, como diziamos ( disse o Portuguez ) logo immediatamente se seguiu a idade decrepita delle com o seu Rey Dom Sebastião. Em cujo tempo se arruinaraõ tanto as cousas Lusitanas, que vieraõ ao breve, e calamitoso estado, que o mundo soube. Que será também causa de ser nellas mais breve, do que o fuy nas passadas; porque nas lastimas, tristezas, e magoas, o sentimento pôde escusar a relação dellas. E mais quando estaõ hoje tão presentes na memoria dos homens, como as feridas, que muito magoaõ são lembradas delles. Porque havemos de fallar em hum Rey, que foy nascido com lagrimas de vassallos, criado com discordias de parentes, e servido com inveja de privados: aconselhado mais conforme ao grande animo, que tinha, que á grande prudencia, tão necessaria a qualquer real entendimento: e em huma, e outra seguido, segundo foraõ os Autores dellas, e a alguns delles mais affeçoado, seguiu seus conselhos na vida, até que o chegaraõ á morte, e sendo delles em huma, e outra bem acompanhado; se na obra, ou tenção erraraõ, os successos das cousas, que vimos, nos tem dado o defengano, do que nisso duvidamos. Emfim em seu nascimento, em sua criação, em seu serviço, e em seus conselhos. e em toda sua vida, e morte, foy acompanhado de tantas maravilhas, que se pela grandeza dellas costumã as taes acontecer raramente no mundo, bem podemos naõ esperar nelle outras tão cedo, que de si lançassem tantas linhas, e dependencias tão notaveis.

Antes que El-Rey Dom João falecesse, casou o Principe Dom. João seu filho com a Princesa Dona Joanna, Infanta de Castella, filha do Imperador Carlos V. e poucos mezes depois de seu matrimonio; falleceo em Lisboa, ficando a Princeza pejada, como já ouvistes. E porque de tão nobre ajuntamento se esperava igual descendencia ao que se podia desejar, e do velho Rey Dom João naõ

Hieronymus Franc.  
chi in suo  
libro.

Dei facti  
Dei Portug.  
que si Ant.  
Pin. mult. in  
locis.

Amarallius  
in l. de obli-  
gatio. Mar-  
zarganli, in  
Africa.

Et alie me-  
morie ma-  
nuscripte,  
& testes  
oculati, &  
fide digni



havia outro legitimo descendente, em todo o Reyno se fizeraõ continuas oraçoens; solemnizadas com muitas lagrimas, e disciplinas, jejuns, e cilicios, publicos, e secretos: e aquelles quatorze, ou quinze dias, que a Princeza esteve sem parir, depois da morte do Principe, em todos elles, de dia, e de noite em todo o Reyno, se não entendia em outra cousa, senão em pedir a Deos com muitas procissoens publicas, e oraçoens secretas, lhe desse hum herdeiro a este Reyno, que elles entãõ haviaõ por desamparado. Chegada a hora do parto em dia de S. Sebastiaõ, 20 de Janeiro, anno de 1554, nasceo Dom Sebastiaõ, que depois em idade de 3 annos succedeo a El-Rey seu avô, e foy levantado por Rey de Portugal com grande contentamento, e alvoroço: annunciandolhe logo todos seus vassallos mil vitorias, e conquistas de grandes Reynos, e Imperios, todos cortados pela medida de seu desejo, e sua pessoa foy entregue debaixo da tutella da prudentissima Rainha Dona Catharina sua avó. A qual por não se atrever a tão grande cargo, renunciou o governo do Reyno publicamente em Cortes, dando sufficientes escusas de sua impossibilidade; mas foy isto tão sentido neste Reyno, como depois juntamente lamentado nelle. Mas em quanto o pequeno Rey se criava com particular cuidado, não se mostravaõ no commum proveito negligentes em Africa, e na India os inimigos Capitães, que as governavaõ. Porque chegado o anno do Senhor 1562. sendo El-Rey de oito annos, estando em Marzagão Rodrigo de Sousa; que em lugar de seu irmão Alvaro de Carvalho servia de Capitão mór naquella fortaleza, lhe foy posto aquelle famoso cerco, em que o Xarife Abdalá mostrou o ultimo de seu poder, e o filho Mahomet o mais a que suas forças chegavaõ; e seus famosos Alcaides o valor, e esforço, em que se tinhaõ por insignes.

Amarallus  
de obitio.  
de Marza-  
gani in li-  
gua Tosca-  
na & allit

Sabia Muley Abdalá Xarife, Rey de Marrócos; de Fez, de Cuz, de Tarudante, de Belles, Dara, e Tremessem, de Bogodaõ, e de outros muitos Reynos, e Provincias, que a guarniçaõ da cavallaria de Marzagão se reduzira em fôrma de fortaleza, com Soldados arcabuzeiros sómente, e ainda estes poucos, e mal providos,

pela

pela mudança, que ElRey Dom João tinha feito das conquistas, e que o Capitão mór Alvaro de Carvalho estava ausente, e a fortaleza desapercebida de artilharias, e munições de guerra, determinou conquistalla nesta occasião, que lhe pareceo de grande effeito, e muita gloria sua, e do Principe seu filho, novamente levantado Rey de Cuz, a quem fez Capitão General desta empresa, para que com a vitoria, que elle imaginava sem duvida, ficasse o seu Reyno de Marrócos, sem aquelle impedimento, livre para todas suas expedições. E juntamente publicou, que o fazia por devoção do seu falso Mafomai invenção, com que os Xarifes de Africa se fizeraõ Senhores de tantos Reynos. Era o exercito de oito mil arcabuzeiros, todos Turcos, e Christãos renegados, que era a mayor força daquelle barbaro Rey: quinze mil de cavallo, todos escolhidos, e setenta mil Soldados de pé, com doze mil gastadores, e gente de serviço. E para as governar, mandou por Mestre de Campo General hum Christão renegado, Soldado velho, e muito experimentado na guerra, e que muitos annos militara no exercito do Imperador Carlos V. e por conselheiro lhe deu o Alcaide dos Alcaides, que entre elles he hum grande dignidade. E por companheiros todos os mais valentes Alcaides, e Fidalgos de sua Corte, e a mais bellicosa gente de toda Mauritania, e muita artilharia, e munições de guerra; com que fizeraõ hum apparatus tão grande, que todas suas imaginações de vitorias não pareciaõ sem fundamento. Com este grande exercito chegou o Rey de Cuz a Marzagão a treze de Março de 1562. E depois que vio a artilharia de pouco effeito pela grande fortaleza do muro, mandou fazer hum trincheira com seus baluartes, de terra tão alta, que igualasse o muro, e tão larga, que pudesse todo seu exercito de pé, e de cavallo em campo formado combater com os Portuguezes igualmente. E porque na fortaleza não havia mais de sete centos homens de pé, e cento de cavallo, não pode o Capitão mór Rodrigo de Sousa impediros Mouros, que aquella sua obra não crescesse muito. Mas mandou a este Reyno, que entao governava a Rainha Dona Catharina; a qual tomando este negocio à sua conta, mandou logo  
fazer



fazer grandes apparatos de guerra, e entre tanto mandou o Capitão Alvaro de Carvalho com quatro centos Fidalgos, e Cavalleiros, que sem licença de Sua Alteza e contra vontade de seus pays, e parentes, se embarcavao em tanto numero, que mandou a Rainha, que não se recebesse mais algum em os navios, com grandes penas. E dous dias, antes que este soccorro chegasse, estavao já em Mirzagaõ trezentos homens do Reyno dos Algarves, que á sua custa, e de sua vontade se embarcarao em hum navio com cem Soldados velhos, que Jorge da Silva á sua custa mandou logo. E ainda que este soccorro animou muito aos cercados, não perderao os Mouros hum ponto de seu trabalho naquella grande maquina, em que tinhao toda a sua esperanza, combatendo continuamente a fortaleza; em quanto a obra se fazia. E sabendo a Rainha, que a espantosa maquina dos Mouros hia em tanto crescimento, que ameaçava ultima ruina á fortaleza, mandou logo tres companhias de trezentos Soldados arcabuzeiros, e piqueiros, com muitos Fidalgos, e Capitaens, costumados a vencer Mouros, e Turcos, e que delles tinhao alcançado mil vitorias. E da Cidade de Tangere mandou quatro centos arcabuzeiros, Soldados velhos; que por todos faziao numero de dous mil e seis centos, com os que estavao já na fortaleza. Os quaes não podendo impedir a obra dos Mouros pela muita artelharia, que de continuo tirava, tanto a miudo, que de rescalhada reventou muita parte della, com que os nossos não podiao apparecer na muralha, que logo não fossem encravados: e assim poderao os Mouros igualar a sua trincheira com o mais alto do nosso muro: e com admiravel artificio por huma estrada cuberta, grande multidao delles poderao entulhar a cava da fortaleza, e fazer hum terrapleno, de maneira, que entre os Portuguezes, e os Mouros não havia outro muro, nem defensiva, senao seus invenciveis peitos; e hum parapeito de cestoes de terra, que os dividiao. Porque a trincheira era tao larga, que pateavao por ella sessenta cavallos todos a par. Com esta maquina, e ordem tao facil de combater a fortaleza, que já o não era, senao campo razo; a vinte quatro de Abril, huma hora depois do meyo dia, para tomarem os Portuguezes

guezes descuidados, commetteraõ os Mouros o assalto, elcolhendo-se para elle os Turcos, e renegados; e os mais valentes de todo o exercito. Os quaes mostrando os seus animos guerreiros, com hum grande rumor; a seu costume, entráraõ pela trincheira, e dahi até o baluarte Santo Espirito, com tanto alvoroço, como quem tinha por certo alcançar aquelle dia grande triumpho. Mas os Portuguezes, que alli se acharaõ, começáraõ a escaramuça com tanto valor, e valentia, que não davaõ golpe, que não mataßem, ou derribassem algum Mouro. E posto que estes golpes, e valentia eraõ bastantes a espantar grandes animos, todavia de tal maneira os Turcos, e renegados tomaraõ este assalto á sua conta, que nem o damno recebido em suas pessoas, a multidão dos mortos ante seus olhos, e o perigo dos que feridos jaziaõ em terra, lhes punhaõ espanto; antes passando por tudo como valentes; arvoraraõ suas bandeiras na praça do baluarte. O que os nossos vendo, principalmente hum riquissimo, e grande estendarte do barbaro Rey, que em meyo de huma escolhida, e guerreira companhia estava arvorado, e não podendo soffrer tamanha afronta, no mesmo instante de outras estancias concorreraõ muitos Portuguezes com admiravel presteza, e todos em hum corpo commetteraõ os Turcos, e se envolveraõ com elles com tanto fervor, e grandeza de animo, fazendo cada hum delles taes obras, que aos mesmos Turcos, com quem se combatiaõ, puzeraõ em duvida a vitoria, que por sua multidão, e valentia, e pouco numero dos nossos, já se imaginavaõ. Nesta duvida fizeraõ os Portuguezes hum impeto tão maravilhoso, que romperiaõ de todo os Turcos, e Mouros, e nelles fizeraõ grande estrago, matando todos á espada; tomáraõ-lhes cinco bandeiras, e o rico estendarte, que diante do barbaro Rey arrastráraõ, e fizeraõ pedaços. O qual andando animando os seus com palavras de prudente Capitão, com a vista daquella affronta ante seus olhos em seu desprezo assim acabada; entrou em seu juvenil animo huma tão furiosa colera, que não attendendo pelo damno recebido, mandava de novo refrescar a escaramuça com grandissimo fervor; e desejo de vingança. Mas os nossos neste grande furor de guerra,



guerra se refrescáraõ tambem em seu esforço, e perseverando ardentissimamente feriaõ, e matavaõ nos inimigos, até que de tal maneira se houveraõ com elles, que ficáraõ senhores da praça do baluarte, lançando de todo fóra os Mouros, que este dia receberaõ huma grandissima perda: e sempre fora mayor, se no mayor calor da batalha se não puzera fogo a alguma polvora, e muniçoens, que elles tinhaõ naquella praça, que ardendo toda, saltou em alguns delles, e chamuscou a muitos, com que se detiveraõ algum tanto do impeto, com que feriaõ, e matavaõ, e deraõ lugar contra sua vontade a outros, que continuáraõ o estrago animosamente; ficando huns, e outros vitoriosos. Durou esta sanguinolenta, e cruel batalha bem quatro horas, e foy de ambas as partes taõ bem pelejada, que se não sabia julgar melhora de alguma em todo aquelle tempo: espectáculo verdadeiramente horrendo á vista, e muy digno de ser estimado de todos. No fim dos quaes, posto que todos em hum corpo, com o nome de Santiago, e do seu novo Rey Sebastiaõ na boca, deraõ nelles com tanto impeto, que começando de mostrar a vitoria por sua parte pelo mesmo lugar, e trincheira, por onde os Mouros tinhaõ subido pouco antes de seu exercito, elles os houveraõ de seguir vitoriosamente até seus alojamentos, se com a força da gente se não rebaixára a terra, por onde haviaõ de passar, mais de vinte palmos, por causa de huma mina, que pouco antes alli se fizera, cujo successo he bem que não fique em esquecimento.

A treze de Abril, depois de feita a trincheira, começáraõ os Mouros a picar o muro do baluarte, para de todo o lançarem a terra, e sendo sentidos dos nossos, fizeraõ logo huma contramina, que em dous dias foy encontrar-se com a dos inimigos, e lá debaixo da terra tivéraõ huns com outros huma porfiada briga, em que houve mortos, e feridos, e depois de grande resistencia, ficáraõ os nossos senhoress daquelle campo escuro: não consentindo, que nem ainda no centro da terra seus inimigos estivessem delles seguros. Além desta contramina fizeraõ outra muito secreta, e mais baixa, e ao tempo, que a outra se descuhrio, lhe déraõ fogo, e ella se mostrou

trou tão furiosa, levantando para o ar huma grande montanha de terra, bem povoada de lustrosos Soldados Mouros, e Turcos, que vinhaõ fazendo cóstas, e dando calor aos da mina; que todos, os que alcançou, foraõ voando pelo ar mortos, e feitos pedaços, o que se houve por huma grande perda; e por serem muitos, e todos armados, ao modo que naquella terra não costumaõ fazer, não os nobres, foy cousa maravilhosa o espanto, que os Mouros receberaõ de tão desacostumado successo, e ficáraõ dalli ensinados a não fazerem mais caso de minas, que de seus fortes braços. E seguindo os nossos o bom successo das minas, fizeraõ outra mais baixa, e pondo-lhe fogo, levantou aquelle terrapleno tão alto, que todos, os que nelle se acharaõ, foraõ pelo ar feitos pedaços, e com desacostumado damno mostrou horrendo á vista aquelle caso, em que passáraõ de quatro centos os Turcos, e Mouros, que morreraõ nelle, e o terrenno se rebaixou mais de vinte palmos, que foy causa, com que os vitoriosos Portuguezes não seguiraõ de todo a victoria. Mas todos os Mouros, que ficáraõ, foraõ mortos, e outros muitos, que pelos soccorrer se aventuravaõ; que por todos foraõ mais de mil cavalleiros mortos, e feridos; e queimados hum numero quasi infinito. Tanto que a trincheira se rebaixou, ficou a nossa artilharia descoberta, e começou a varejar com grande estrondo; acompanhado da arcabuzeria; e matava nos Mouros com tanto espanto, que senaõ ficára por esta via a estrada atalhada; poderaõ muy bem sair fóra, e chegando animosamente a seus alojamentos, acabar aquelle dia a guerra, que fora a mayor façanha, que no mundo se vio nunca. Mas o Capitão mór Alvaro de Carvalho temperando este orgulho com a brandura necessaria aos oulados animos Portuguezes, trataraõ todos de curar os feridos, e enterrar os mortos, que foraõ aquelle dia vinte e tres quasi todos Fidalgos, e muitos de grande nome em semilhantes provas de esforço, e valentia, e nellas sempre vencedores.

E ainda que este dia foy para os Portuguezes tão alegre, como aos Mouros triste, nem por isso se lhes diminuiu a necessidade, e perigo, em que a muita contuma-



cia, e fereza dos inimigos os punha; porque logo continuáraõ em refazer a obra arruinada, e fazer outras trincheiras de novo ao longo do mar, para impedir os soccorros, para que mais a seu salvo dessem outro combate, em que determinavaõ acabar a conquista, ou perecer todos nella; porque assim lho mandava o Xarife, que em Marrócos bramando mandou, que della se não desistisse, sem todos primeiro acabarem: e para isso mandou grandes ajudas de municoens, e gente, em quanto ficava apparelhando o resto de seu poder, para se achar em pessoa naquella conquista: e usou tantas crueldades com os que fugiaõ, e ameaçou os outros de maneira, que determináraõ todos morrer antes pelejando, que soffrer tantas tyrannias, e infamias; e assim com este medo, mais que com desejo de pelejar com Portuguezes, se apparelhaõ com muito fervor. Com estas novas posto o Capitão Alvaro de Carvalho em novo cuidado, determinou avisar a Rainha Dona Catharina, assim da vitoria passada, como da necessidade presente, e querendo a illo mandar hum pessoa pratica na guerra, nunca pode acabar com algum, que o aceitasse, receando todos, que sem elles se vissem os companheiros em extremo perigo, de que a Nação Portugueza costuma fazer tanto caso; que o tem pela mayor honra. E vendo esta tanta, e cavalleirosa emulaçãõ, mandou hum Frade de São Francisco, que se achava presente na batalha com hum Crucifixo nas mãos animando os nossos, e no pé do Crucifixo lhe deu hum pelouro furioso, mas em o tocando, abrandou de modo, que lhe cahio aos pés, e elle o trouxe a este Reyno. Tambem ja hum Religioso da Companhia de Jesu, que com hum Cruz fazia o mesmo, lhe deraõ hum arcabuzada nas costas, que lhe passou o vestido, e lhe fez hum pequeno final na carne.

Com esta nova ficou a Rainha metida em novo cuidado, chamando a conselho os melhores d'elle: depois de largas consideraçõens determináraõ, que o soccorro se mandasse tão poderoso, que pudessem fahir em campo, e lançar os Mouros fóra, e dahi dar principio a alguma grande felicidade; que por ventura Deos tinha guardado á nação Portugueza naquella occasiaõ: e ordenando

nando que fossem vinte mil homens, o Cardeal Infante Dom Henrique offereceo sua pessoa a esta empreza; mas a Rainha agradecendolhe a vontade determinou, que fosse o Duque de Bragança Dom Theodosio. E em quanto esta gente com grande calor se apparelhava, mandou hum armada para fazer o mar livre, e contortar os cercados, e espantar os Mouros, e nella quatro mil homens de guerra, e grande quantidade de muniçoens, e vitualhas, que no cerco já faltavaõ, e o famoso galeão São Sebastião, que tinha trezentas e sessenta peças de artilharia grossas, e por Capitão della Francisco Barreto, que já fora famoso Governador da India. E para que tambem o soccorro do Ceo lhe não faltasse, mandou por todo o Reyno fazer continuas procissoens, e penitencias. E tendo os Mouros ordenadas todas as cousas, para o segundo combate necessarias, que elles determinavaõ dar fortissimo em vespera de São Philippe; e Santiago, descobrião oito velas grossas da nossa armada; e porque ellas se não pudessem achar nelle o dia seguinte, ordenáraõ a batalha com mais furia, que nunca, pela furiosa determinação, que levávaõ de vencer, ou morrer. E assim sahindo de sua trincheira com grande impeto; entráraõ o principio da praça do Baluarte, e nelle arvoráraõ duas bandeiras, e o estendarte del Rey de Cuz, e com tão grande rumor, e vozerias rompiaõ as nuvens, como vencedores. Mas o Capitão mór Alvaro de Carvalho, ensinado já do erro passado, e costume dos cavalleiros Portuguezes ser tão orgulhoso, que por não ficarem detraz de alguem nos perigos, se perturbaõ algumas vezes de maneira, que ou acabaõ nelles, ou são maltratados; mandou a Dom Pedro de Menezes, filho de Dom João de Menezes Capitão de Tangere, da casa de Cantanhede, que com a espada na mão não deixasse sahir pela escada do baluarte, senão aquelles, que nelle podiaõ pelejar a seu salvo; e assim cada hum em seu lugar, receberaõ todos aquelle furioso encontro de inimigos com o seu antigo, e invencivel animo Portuguez, fazendo tão brava resistencia, que não pudéraõ os Mouros ganhar hum palmo da praça do baluarte, e com tanto fervor, e esforço de ambas as partes se ajuntavaõ, que



naõ havia entre elles outro muro, senão o de seus peitos: mas com o valor delles, crescendo a furia de todas as partes, se davaõ golpes estupendos, acompanhados de labaredas de fogo, queimando huns, e matando outros, e todos com tanta crueldade, ira, e furor, que era hum espectáculo em grande extremo horrendo, e medonho; porque a furia da batalha durou cinco horas inteiras, combatendose com lanças, espadas, partazanas, e alabardas, e todo o baluarte chamejava com fogo pelas muitas invençoens delle, que alli se prováraõ de huma, e outra parte. Onde se vio bem claro o valor dos Portuguezes, superior a todos, os que no mundo são mais estimados. Neste combate morreraõ mais de dous mil dos inimigos, os mais nobres delles; feridos, e queimados hum numero infinito, de que depois morreraõ grande parte.

Sendo o Xarife avisado da perda deste asfalto; e considerando como fabio Capitaõ, que todos os Turcos, e renegados eraõ já mortos, e outros muitos Mouros muito esforçados, de que confiava muito; e que aos Portuguezes lhe vinha cada dia soccorro, e que estando taõ perto de Portugal lhe podia vir taõ poderoso, que sahisse em campo, e que entaõ podiaõ succeder algumas das grandes novidades em Africa taõ costumadas; e quaõ perigoso seria provocar os Portuguezes a sahir em campanha: e discorrendo com a fantasia as suas vitorias na India, e que o poder Othomano, que tanto espantava o mundo, nunca pudera entrar naquellas partes, pertendendo-o com tantas armadas, com tanto calor ministradas, e acompanhadas de muy poderosos Reys, e Principes daquelle Oriente; antes ficando todos sempre vencidos, lhe crescia a magoa, e aos Portuguezes a gloria, e fazenda. E sobre tudo lembrandose das subitas mudanças da Africa, com que seu pay de nada se fizera senhor de toda ella, abrandando em seu appetite, e raiva, e desejo de vingança, mandou ao filho levantasse logo o cerco, e naõ indignasse mais aquella gente. Com este mandado, de todos taõ desejado, se levantou o exercito em dia da Ascensãõ do Senhor, que foy a sete de Mayo: e mandando primeiro diante a mayor parte da gente

gente, entrou depois o barbaro Principe na sua Cidade Mariócos com tão grande abatimento de sua reputação, e credito, como elle levava de esperança de felice successo, quando dalli partio a esta empreza, com que determinava accrescentar seu nome, e fama, e accreditar sua falsa ley, e religião. Com esta nova cessou logo neste Reyno o grande apparatus de guerra, que se apparelhava; e em Marzagão se entendeo de refazer o damni ficando pelos Mauritanos, que tanto apertarão com ella. E a Rainha Dona Catharina, como era toda Catholica, e santa, mandou por todo o Reyno dar muitas graças ao Omnipotente, e á Virgem sua Mãe, por tamanhas mercês, que sem sua muy particular ajuda não se poderaõ levar a tão ditoso fim. Porque se conta por certo, que no discurso deste cerco aconteceraõ muy evidentes milagres; como de ordinario se manifesta, quando pela honra de Deos se tomaõ armas. E foy este cerco havido pelo mais estupendo, e maravilhoso, e apertado, que todos os mais, que em nossos tempos se viraõ, nem na India, nem em Africa, nem em toda a Europa. Affirma-se, que neste famoso cerco se fizeraõ as mais altas provas de esforço, e valentia, que em algum tempo se viraõ, e se experimentou a mayor lealdade nos animos Portuguezes, que em nação alguma se vio nunca. Porque tanto que neste Reyno se soube a nova do trabalhoso cerco de Marzagão, e em quanto perigo estavaõ os que o defendiaõ; assim se offereciaõ todos ao soccorro, como se nelle houvessem de achar banquetes, e passatempos. Foy cousa maravilhosa ver muitos moços Fidalgos, criados em delicias (que naquelle tempo reynavaõ muito, e o faziaõ calamitoso, e triste) e nellas exercitados, fugirem de casa de seus pays, e meterem-se nos navios, sem ordem, nem licença, e tão ousados, que nem receavaõ as afrontas, que sabiaõ, que lá não faltavaõ, nem temiaõ a morte, que naquelle cerco a muitos se mostrava horrenda, e lastimosa. E faziaõ nisto tantos excessos, que em qualquer entendimento causaraõ admiração, e duvida; se estes não foraõ Portuguezes tão gulosos! (como diz hum nosso Historiador) dos perigos, em que a vida se aventura, que não se satisfazendo tanto, dos que podem correr com alguma



alguma obrigação, como de os buscar sem ella, desprezaõ tudo. Porque lhes parece, que nas afrontas, em que se não achaõ, perdem mais honra, da que podem ganhar os outros, que as pafsão, e sofrem.

1562.

Depois deste cerco, e o successo delle felicemente acabado, com tanto louvor da Rainha Dona Catharina; vendo-se ella já cansada com tantos negocios de governo; e a mayor parte delles encaminhados muito ao contrario do que ella desejava, determinou deixalos todos, e em seu recolhimento tratar do que mais lhe convinha à sua idade, e grandes virtudes. E para isso em as Cortes, que se fizeraõ em Lisboa este mesmo anno de mil e quinhentos e sessenta e dous, renunciou publicamente o governo do Reyno, que logo foy entregue ao Cardeal Infante D. Henrique, seu cunhado. E ou que ella se arrependesse de o assim ter feito; ou de algum divino e spirito movida, ou como alguns dizem, pelo que via, e sentia, desesperando do remedio conveniente ao que receava, determinou pafsar-se a Castella, como quem, por não ver o cutello, que desce, fecha os olhos.

E em quanto estas cousas se pafsavaõ em Africa, e neste Reyno, não estavaõ ociosos na India os que a governavaõ, e defendiaõ. Porque sendo o ultimo Governador, e Vice-Rey, que El Rey Dom Joaõ mandou á India, e XIX em ordem, e no ultimo anno de sua vida, Dom Constantino de Bragança, como já vos disse, elle governou aquelle Oriental Imperio com tanta perfeiçaõ; que suas obras, e vida, ficou por doutrina, e exemplo aos que depois delle succederaõ naquelle cargo. E occupando-se principalmente na conversão da gentilidade, foy muy notavel o fructo, que em o seu triennio fizeraõ os Religiosos naquellas partes, a que elle sempre ajudava, e favorecia com sua pessoa, e fazenda, com tanta liberalidade, e humildade, que muitos Gentios se baptizavaõ, provocados das mercês, que viaõ receber a outros. E das outras cousas seculares não tendo o menor cuidado; do que convinha á conservação; e augmento daquelles estados, tambem tomou por força de armas a Cidade Damaõ, e fez a fortaleza, de que foy primeiro Capitão Dom Diogo de Noronha, o Corcoz, irmão de D.

Fernaõ

Fernão Alvares de Noronha, General das galés deste Rey. no. **R** desbaratou, e destruiu o Rey de Jafanapatao, junto a Ceilao, e tomou a fortaleza, e deixou nella por Capitão Fernão de Sousa de Castel-Branco.

Succedeo-lhe o Conde de Rodondo Dom Francisco Coutinho XX. Governador, e Vice Rey, que tambem na conversão da gentildade, e em outras obras de Cavalleiro, trabalhou muito, e teve em seu tempo aquelle Imperio em paz, e justiça, até que primeiro, que acabasse o seu triennio, se lhe acabou a vida, anno do Senhor 1564.

E abertas as successoens, succedeo-lhe João de Mendoça Castão, o qual depois de governar nove mezes aquelle Imperio em paz, e justiça, e foy XXI. Governador,

Succedeo-lhe D. Antão de Noronha, meyo irmão do Marquez de Villa-Real, que com titulo de Vice Rey XXII. não se esquecendo da amplificação da Fé áquellas partes, ajudou muito nella, e foy fazer a fortaleza de Mangalor, e deixou por Capitão della a seu cunhado D. Antonio Pereira; e depois de governar quatro annos aquelle Imperio com muita satisfação,

Succedeo-lhe Dom Luiz de Atayde com titulo de Vice-Rey XXIII, o qual depois de fazer a fortaleza de Onor, e deixar nella por Capitão Jorge de Moura, e a fortaleza de Bracellos, e deixar nella por Capitão Antonio Botelho, com que ficaraõ ambas as fortalezas bem soccorridas; e depois de mostrar áquelles barbaros Principes, a quanto chegava sua prudencia, e esforço, em muitas, e muy famosas obras, que nella cada dia fazia, foy de todos elles, com infame conjuração, tão poderosamente combatido, que esteve em condição de se perder de todo. Mas o Omnipotente Deos, que para o augmento de sua santa Ley áquellas partes tão miraculosamente levou os Portuguezes, os ajudou nellas com o seu poderoso braço de maneira, que ao impeto de tão potentissimos inimigos poderaõ sempre resistir, e delles alcançaraõ insignes victorias. Que passou desta maneira.

Depois que o Hidalcao, e o Nizamaluco, e Cotaluco, e outros Principes Mouros do Reyno do Decaõ desbara-



desbarataraõ o Rey Gentio de Narlinga, e seu nome, naquelle Oriente famoso, extingui-raõ, vendose poderosos sem elle, e ricos com seus thesouros se ajuntaraõ com o Çamori de Calecut, nosso ordinario inimigo, e com o tyranno Achem de Sâmatra; e entre todos trataraõ, que com huma concorde, e poderosa liga, lançassem da India os Portuguezes, que nella tanto podiaõ. E assim como o determinaraõ, o puseraõ por obra, no anno do Senhor 1572, em o qual ajuntando cada hum o mais, que seu poder alcançava, vieraõ todos em hum mesmo tempo cercar as nossas fortalezas, que nas terras de cada hum possuamos. O Hidalcaõ sobre Goa, o Nizamaluco sobre Chaul, o Çamori sobre Chalé, e o Achem sobre Malaca: mas como em todas ellas havia defensores Portuguezes, em todas foy igual a resistencia. De tal maneira, que nem o Hidalcaõ (entre todos o mais poderoso) pode fazer alguma cousa em Goa; que o invencivel Vice-Rey Dom Luiz de Atayde, que nella estava, parecesse cercado. Nem o seu poderoso exercito de tantos milhares de homens fez tanto, que em os nossos causasse perda. Antes tiveraõ os barbaros della mais parte, quanto mór era a prudencia do Vice-Rey, em se defender de taõ grande inimigo; que nem o Africano Annibal entrou muito mais poderoso em Italia, do que este fez sobre Goa: nem o Romano Fabio Maximo, que o venceu com a vagarosa determinação, fez mayor façanha. Porque foy taõ admiravel a ordem, com que o insigne Vice-Rey se houve neste extremo perigo; que sem perder ponto de sua authoridade, nem deixou de mandar todas as ordinarias armadas, que costumava; nem os mais soccorros necessarios faltaraõ, onde cumpria. E por esta causa, e pela visinhança de inimigos taõ poderosos, ficou a Cidade mais offerecida a muitos assaltos, e nua da guarnição principal; porque os Capitaens das armadas, que o Vice-Rey expedira a Malaca, Malabar, e Chaul, escolheraõ a flor dos Soldados da India; e não houve Portuguez valeroso, que deixasse de seguir o partido por mais arriscado. Ficavaõ somente dous mil homens, pouco mais, ou menos em Goa com a gente da terra. Mas o Vice-Rey, entendendo, que a salvação dos nossos pendia de assegurar

tar os paços baixos da Ilha, e suster os primeiros impetores delles: porque, entretida esta furia, podiaõ entretanto tornar as armadas de Achem, e do Malabar, das quaes esperava valer-se nesta defeza. Ainda que os nossos eraõ taõ poucos, e a praça ao longo do rio ficava taõ larga, que era forçado ao Vice-Rey não perdoara vigia, e trabalho, e assim repartio os Soldados, e Capitaens Portuguezes, dando a cada hum sua estancia, com tal ordenança, que quem vira de fóra ambos os campos, igualmente o espantára o poder dos inimigos, e a ordem, e industria dos nossos. E mandou, que por nenhum aperto, que se offerecesse em outra parte, ninguém desamparasse a sua estancia, porque os Mouros tentavaõ de commetter muitos passos; para desordenarem os nossos, e lhe ficar algum leve de entrar: tambem mandou guardar o rio com as embarcaçoens, que havia. E porque a Cidade desamparada á vista de ambos os campos, por esta mingoa não desse espirito aos inimigos, e aos nossos espanto; ordenou quatro bandeiras de escravos da terra; que repartidos pelas estancias do muro, asomavaõ de longe huma guarnição muy segura. Com esta ordem sofreraõ os Portuguezes o cerco, que os inimigos pretenderaõ com todas as forças apertar. Mas a ordem do Vice-Rey, e seu desacostumado esforço, e dos Fidalgos; e Soldados, que com elle estavaõ, o faziaõ de modo, que o inimigo desconfiado de seus estratagemas, determinou com graõ poder em hum corpo commetter hum só de muitos passos, que os nossos guardavaõ com taõ pouca gente. Mas nem por este aperto, e visinhança de tamanho inimigo, deixou o Vice-Rey de mandar hum bom soccorro a Chaul, que tambem estava cercado, cousa desacostumada no mundo, sahir soccorro de hum cerco para outro. Com a vista do qual animado mais o Hidalcaõ, escolhendo o passo do rio por mais fraco, e desacompanhado, o commetteo poderosamente. Mas os Portuguezes lembrandolhe a occasião, que tinhaõ entre mãos de salvar o Estado da India, remeteraõ aos inimigos, entrados já na Lira, com impeto bravo: e á vista do Hidalcaõ se tratou a batalha taõ azeda de ambas as partes, que não durou menos a força della, que o espaço da primeira man



nhaã até a boca da noite; porque os nossos seguindo hum  
 ma vitoria traz outra, e os inimigos, como desesperados  
 da vida, não deixavaõ determinar vantagem de perigo  
 entre os vencidos, e vencedores. Os olhos do Vice-Rey  
 de huma parte, da outra, que ficava mais longe, todo  
 o poder do Hidalcaõ, com tanta desigualdade de forças  
 escureceraõ todo este tempo a vitoria. Mas emfim os nos-  
 sos ajudados de Deos, cansados de ferir, matar, e reco-  
 lher o despojo, acabaraõ com as derradeiras horas do dia  
 de terminar por sua parte a batalha com grande estrago  
 de todos, os que commetteraõ aquelle passo. Perdeo neste  
 dia o Hidalcaõ muitos Capitaens valerosos, em que ti-  
 nhaõ posta a esperança desta jornada: o Vice-Rey reco-  
 lheu os nossos, e deixou as estancias seguras, abraçando,  
 e louvando todos publicamente. E começou a defenga-  
 nar-se o inimigo, poder ganhar por assalto, ou bateria o  
 passo do rio: e sómente lhe ficou esperança do tempo,  
 que lhe parecia pouco, e pouco hiria gastando as forças  
 dos nossos; e assim não levantou o cerco cinco mezes de-  
 pois desta rota, até que as novas da defensão de Chaul,  
 e as cousas, que em Goa cada dia se viaõ, lhe quebraraõ  
 o espirito de todo. Depois disto vieraõ algumas das ar-  
 madas, que o Vice-Rey no principio do cerco mandara  
 acodissem ás fortalezas, que estavaõ nas terras dos outros  
 conjurados, de que todos alcançaraõ vitoria: concebeo  
 tanto temor o Hidalcaõ, entendendo, que nos sobeja-  
 va gente de guerra, e animo para vencer mayores traba-  
 lhos; começou a desconfiar da vitoria, que por taõ sem-  
 duvida teve o principio de tamanha conjuração, como  
 contra taõ pouca gente faziaõ os mais poderosos Princi-  
 pes da India. E succedendo depois ordenar o Vice-Rey  
 entre alguns Mouros honrados suspeitas de matarem o  
 Hidalcaõ, e de se verem nesta conjuração favorecidos do  
 Nizamaluco; vieã as cousas a estado, que chegando a  
 armada de Portugal a Goa com novo successor de seu car-  
 go, logo se concluiu o trato das pazes, que o Hidalcaõ  
 commetteo, e aceitou, com menos soberba, da com que  
 commettera a empreza. Trouxe o Hidalcaõ a este cerco  
 trinta e cinco mil homens de cavallo, os mais delles de  
 nação Turcos, e de outras naçoens bellicosas, e estran-  
 geiras,

geiras, e sessenta mil de pé, mais de deus mil Elefantes armados, e duzentas peças de artilharia de campo; a mais della de monstruosa grandeza, e toda a gente recolhida, e em feitos de armas já muito experimentada. Alguem alargão esta conta com aventureiros, e gastadores, e outros muitos, a que alli trazia a esperança do socorro, e dizem, que occupava ( toda posta por suas estancias, e ordenança militar ) mais de duas leguas, em que não se enxergava valle, nem monte, que não fosse cuberto de tendas, e estancias, e trincheiras.

Pois em Chaul, em que se não achavaõ mais, que novecentos Portuguezes, não houve menos honra, nem menor vitoria, antes huma, e outra tanto mais avantajada, quanto o inimigo vinha mais poderoso, e os defensores eraõ menos, e a Cidade mais fraca, e tão mal accommodada para soffrer qualquer trabalho, que o Capitão, que nella estava, com ser muito esforçado, duvidando poder esperar tão grande furia, mandou pedir ao Vice-Rey licença para desamparar a Cidade, dizendo: como era verdade; que pois todo o poder dos Portuguezes na India não bastava a resistir a qualquer destes inimigos, melhor seria segurar bem huma fortaleza, que aventuralas todas a tão certo perigo. Mas o Vice-Rey, não admittindo tão razoados requerimentos, antes confiando em seu costumado valor, determinou contra o conselho de muitos não desamparar alguma. E assim rogou ao famoso Dom Francisco Mascarenhas, filho do Capitão dos Ginetes, que por serviço do Rey, por honra do appellido, que tinhaõ bem afortunado na India, e conhecido por tantas vitorias, tomasse a cargo esta jornada, como a mayor empreza do mundo. A qual elle aceitou com muito alvoroço, levando apoz si a mayor parte a nobreza da India, e com ella estimulado daquelle desejo de honra, que a nobreza do sangue costuma criar nos corações dos homens, se foy meter na Cidade Chaul, tanto mais contente, quanto parecia que ficava mais arriscado. Porque Chaul não tinha ainda então cerca, nem fortificação alguma, em que os bellicosos animos pudessem descansar do trabalho, nem o inimigo tinha tão pequenas peças de artilharia, que força alguma humana pudesse resistir



à tua furia. Porque havia alguns dellas, que eraõ de vinte e cinco palmos de comprido, e lançavaõ de si pelouros com tanto impeto, que atravessavaõ alguns toda a Cidade por dentro de muitas casas, e da outra parte hiaõ cahir no mar. Pois os barbaros Soldados eraõ taõ bellicosos, que naõ faltáraõ alguns, que aos Portuguezes desafiáraõ, se com elles de pessoa a pessoa se combateraõ animosamente. E chegava o numero delles a cem mil combatentes de pé, e cincoenta e cinco mil de cavallo, gente de guerra a mais esforçada de todo Oriente, toda escolhida, e grangeada de longe com largas mercês para esta jornada, em que o barbaro Rey determinava escurecer a fama do Grande Alexandre. Mas o invencivel Mascarenhas, e o Capitaõ da Cidade, com a sua inclyta companhia, a todos os inconvenientes da fraqueza da Cidade acodia com o necessario remedio: e da monstruosa grandeza da artelharia se defendia quanto bastava, para naõ ser entrado; e aos bellicosos inimigos tratava de modo, que lhe dilatou a vitoria nove mezes, em que grande numero delles deixáraõ as vidas no campo. O que vendo o Nizamaluco, e que em todos os assaltos, e rebates, que os seus davaõ com tanto poder, e esforço, ficavaõ sempre destrocados, muitos mortos, feridos, e queimados, sem se puderem valer ao fervor das vitorias, que cada dia, e hora delles alcançavaõ os nossos; e consideradas estas perdas, que cada momento via com os olhos, fez conselho de guerra, onde representou aos Capitaens escolhidos, e gente de guerra, as forças, e armas, que neste cerco ajuntára; quaõ pouco fundia o mayor poder de todo Oriente, o conselho industria, e esforço de tantos. De outra parte naõ via mil Portuguezes, e estes criados em trato commercio, governados por dous Capitaens entre si mal, e acordados, que sem terem muros, nem obediencia na guerra, tinhaõ ganhado mais honra, que todos os Reys da India, que tantas vezes venceraõ. Nem podia crer, que da nossa parte Deos pelejasse; pois naõ costumava favorecer a tyrannos, que a taõ longe leváva a cobiça; mas sómente era desdita sua, e fraqueza de seus Capitaens; e se huma cousa, e outra podiaõ restaurar, honra, estado, e thesouro, lhes

rogava distribuísem o seu, tomassem seu Reyno, tomassem-lhe a vida a trouco daquella Cidade fraca arrazada, batida por todas as partes, em que não ficava mais para fazer, que commetterem como vencedores. Os Capitaens abalados destas palavras, fahiraõ ao campo com as armas na mão, dado final á bateria de tão espantosa artilharia cada vez mais brava, cingiraõ a Cidade de valentes Soldados, abriraõ caminho a seus Elefantes armados, e a suas bandeiras, determinadamente foy outra vez a Cidade em roda batida, e os inimigos a entraraõ por todas as partes até os entulhos, onde os nossos lhe quebravaõ a furia dos assaltos, esforçados pelo Capitaõ mór, e os mais Capitaens; huns reparavaõ dentro a perda, e ruina, que a bateria fazia; outros offerecendo os peitos às bombardas, e armas contrarias, se remessavaõ aos mayores perigos; e não consentiaõ lograr o inimigo hum passo ganhado. E com todo este esforço, e invencivel animo dos nossos, os inimigos os pozeraõ em tal estado, que foy o Nizamaluco avisado ser já entrada a Cidade. O qual por agradecer mais cedo aos Capitaens a vitoria, fahiose ao campo, e em lugar de nossos despojos, e bandeiras perdidas, achou as suas pelo campo arrastradas, os Soldados mortos, e feridos em grande numero, e os Capitaens cheyos de medo, e espanto. Mas á sua vista, por lhe não darem conta mais estreita de alguma fraqueza, renovaraõ a furia, primeiro favorecidos, e esforçados por elle, commeteraõ outra vez os entulhos, e arvoraraõ algumas bandeiras, e não lhe valeo tanto o esforço, e a vista de seu Rey, que não fossem outra vez pelos Portuguezes feridos, mortos, e valerosamente lançados: só o espirito do Nizamaluco não afroxava, e a magoa de tamanho destroço era o que mais o accendia; entaõ apertava mais este cerco, e fazia arrazar edificios, e não ficou invenção de mina, bateria, e assalto, que não fizesse tentar muitas vezes: e com tão grande estrondo, e fervor de artilharia, que só hum monte de metal pudera soffrer a furia das peças; mas o espirito dos Portuguezes era o reparo de tão brava tormenta. E nem com a vista de tamanho esforço, e tão miraculosa defenõ, cessavaõ os inimigos de commetter animosamente os nossos, inventando



ventando cada dia novos eltiatagemas, e artificios, em famosos cercos, renovando seus espiritos muitas vezes, determináraõ alguns, a trouco de hum palmo de terra, que ganhassem, perder quantos Soldados traziaõ, para que o destroço delles fosse causa de sua vitoria, cuidando que se entregassem os noßos cansados de ferir, e matar. Como aconteceu a hum famoso Capitaõ Abexim, chamado Sulatecaõ, que enganado de espirito lobejo, usando destes meynos, prometteo ganhar a Cidade. Mas ainda que o procurou com ousado animo, renovando sete vezes a briga, cada vez mais acceza, e determinada, não pode fazer mais, que accrescentar gloria aos noßos, que ferindo ao mesmo Abexim, o fizeraõ retirar desesperado de melhorar o partido, e com grande acordo seguiraõ a vitoria, com a qual seacabou o dia, e teima porfiada do Nizamaluco, depois de nove mezes de cerco, tanto apercebimento de guerra e doze mil Mouros perdidos. E acabáraõ os Portuguezes de entender, que defendia Deos os Estados da India, e era servido abrir por esta conquista o caminho de extender seu nome por todo Oriente; porque oito centos homens de guerra, que se acháraõ nestes trabalhos, cercados por mar, e terra, commettidos por tantas partes, tantas vezes entrados, ainda haviaõ mister mais maravilhas, para crerem suas façanhas, serem com a mão poderosa do Omnipotente acabadas, permittindo, que entre os barbaros Reys se ordenasse cousa, que os fez desconfiar hum do outro, de maneira, que recolhendose a suas terras, levantáraõ ambos os seus exercitos, e pediraõ pazes; com tanta perda de hum, como discredito de outro, que elle muito estimava. Porque como o Hidalcaõ entre elles se tinha pelo mais poderoso, e contra o Vice-Rey fez taõ pouco, que não lhe matou vinte homens, houve-se por injuriado. E como no campo de Nizamaluco sobre Chaul morreraõ dos inimigos mais de doze mil, os mais esforçados delles, ficou a perda grande. Acharaõ-se neste cerco muitos Soldados Portuguezes; que fugiaõ de outras fortalezas, a que o mesmo perigo tambem ameaçava, e se vinhaõ meter em Chaul abrazado, havendo as tranqueiras desta Cidade por altares da honra; onde cada hum desejava

java offerêcer sacrificio da vida. Ainda que neste cerco, e no de Goa perdoárao as bombárdas muitas vezes a espiritos sem medo, não lhe fazendo os pelouros outro mayor damno, que cahirlhe aos pés, deixando sómente alguns sinaes no corpo, para se não duvidar do milagre. Pelo que bem se pôde affirmar ser mais para lembrar esta empreza, que quantas succederao no mundo, depois que homens tomao armas nas mãos. E ainda que os nossos se defendessem com estranho valor, e a fortuna da guerra se dava á virtude, ou fraqueza, de quem a governa, nesta se offereceo de huma parte vantagem de forças tão poderosas, de outras o sitio, e armas tão desiguaes, que os perigos, assaltos, espantos do cerco, vencerao a industria, e forças humanas, e não parecem terem outra guia, senão o favor, e amparo do Ceo.

E posto que o Achem, tyranno de Sámatra, não fez outro tanto aquelle anno a Malaca, porque encontrando-se no mar com Luiz de Mello da Sylva em naval batalha, foy vencido delle, todavia no anno seguinte commetteo a empreza poderosamente, cercando a Cidade tão estreitamente, que sempre sahira com seu intento (pelo tanto, que costumaõ tardar os soccoros da India áquellas partes) se nella senão achara Tristaõ Vaz da Veiga, que lha defendeo animosamente, huma, e muitas vezes, em que o barbaro tyranno refazendo o seu poder, a combateo muy fortemente por mar, e terra. Mas não aproveitando contra os Portuguezes, nem infames ligas de tyrannos, nem conjuraçoens de barbaros, nem todos os mais inconvenientes de seu pouco poder, e do muito dos inimigos; para que hum palmo perdesse da terra, que com tanto sangue, e sobrenatural esforço tinhaõ ganhado, ficárao vitoriosos, e invenciveis, e triunfantes: e os inimigos impossibilitados, para não puderem fazer dali em diante nenhum delles, o que todos juntos entãõ não puderaõ. E aquelle Oriental Imperio (em que parece, que a perda da Igreja Catholica, de Alemanha, e França, se vay recuperando) ficou mais firme, e mais forte, e mais seguro.

Em quanto estas cousas se faziaõ na India gloriosas, sahio da idade popular o moço Rey Dom Sebastiaõ, o qual



o qual como era de natureza teroz, e robusta, e de espirito vehemente, e levantado, e de coração invencivel, e determinado, não cuidava senão em guerra, e em famosas conquistas, e militares empresas. E nem he possivel, senão que hum dia imaginava sujeitar a si toda Barbaria; outro arrazar os muros de Constantinopla; logo fazerle senhor do Caliphado do Egypto, e ter á sua obediencia a veneranda Palestina: em fim todo o seu invencivel animo cortaria pela medida de seu desejo. Que sendo forjado no zelo do augmento da Religião Christãa, e na gloriosa fama, que de suas cousas queria, que por todo o mundo apregoalle seus louvores, tudo se pôde crer delle.

E deose tanto a este bellicofo pensamento; que já por seu mandado no seu Reyno não soava outra cousa, senão armas; todos se exercitavaõ nellas, e elle muy contente. Até que não podendo o seu bellicofo animo estar quieto, como era homem de pouca idade, e pouco conveniente a negocios de tanto pezo, passou a Africa sem ordem, nem gente, nem as mais cousas, que necessarias eraõ a tão grande empresa. E sempre então houve-ra o fim miserando, que depois lhe vimos, se alguns Capitaens Portuguezes com sua prudencia lhe não estorváraõ sua intrepida determinação, mostrandolhe claramente os inconvenientes, que o levávaõ á sua ultima ruina, não sò pelo respeito de seu poder, mas tambem pelo muito, a que sem elle sua pessão se aventurava; porque os Mauritános ao tocar do tambor se ajuntavaõ todos armados em bastante numero para resistir a potentissimos exercitos.

Naõ serviraõ estas prudentissimas amoeftações de tão pouco, que ao animoso Rey não fizessem conhecer seu erro. Do qual desejando sanearse, se tornou ao Reyno, e nelle com ardentissimo cuidado começou a apparellhar todas as cousas, que necessarias lhe pareciaõ para tornar a Africa. E punhale nellas tão grande diligencia, como se costuma empregar na execuçaõ das cousas de mayor alvoroço dos Reys.

Mas como os Christianissimos Reys de Portugal sejaõ sempre tão mimosos de Deos, como desta breve  
relaçãõ

relação tereis entendido : assim parece, que a este (de que miraculosamente nos fez mercê) querendo continuar as que costuma fazer particularmente a este Reyno, o avistou com algumas demonstraçoens clarissimas, que este seu precipitoso intento não seguisse : pois lhe havia de trazer o fim á vida, e ultima perdição, e ruina a todo seu Reyno, naquelle tempo florentissimo, assim em riquezas, como em delicias, de que os vicios costumão nalcer contagiosos. Que foraõ tambem causa de elle não considerat os inconvenientes, que o impossibilitavaõ a tão impertinente jornada. Porque ElRey D. Philippe lhe quiz persuadir o contrario, e o Infante Cardeal D. Henrique trabalhhou muito na mesma opiniaõ. Os homens, a que a experiencia tinha feito capazes de militar conselho, tambem lhe diziaõ, que tal não fizesse : a terra lhe tolhia os seus ordinaries frustos, para que não pudesse : o ar se inficionava de tal maneira, que nos homens causava pestiferas, e mortaes infirmidades, e nos animaes infinitas mortes : o Ceo com horrendos sinaes mostrava grandes ameaças ; e todos demonstradores sem duvida da ultima ruina de seu Reyno. Emfim tudo se conjurou de modo, que podera elle conjecturar sua perdição.

Mas o seu intrepido coração, confiando mais em suas forças, do que ellas podiaõ, passou por todos estes inconvenientes, avisos, e amoesçoens ; e ajuntando hum numeroso exercito ; mais loução, que forte, passou a Africa na mais formosa armada, que no mar se vio nunca : pois se affirma, que passava de mil velas, e não falta Escritor grave, que accrescenta mais trezentas. Mas nem a grandeza de tal armada, nem a valerosa gente, que levava nella, nem todas as mais diligencias, que se fizeraõ, foraõ bastantes, para que elle em quatro de Agosto de 5578. não fosse vencido, e os seus desbaratados, mortos ; e cativos, no campo de Alcacer pelejando contra Muley 1578

Maluco, que tomado tinha o Reyno a Muley Mahameth Xarife seu sobrinho, em cujo favor o nosso Rey passava áquellas partes. Onde a pouca idade delRey (que não chegava a vinte e cinco annos,) a pouca experiencia dos homens, porque entaõ se governava ; e o pouco numero dos Soldados, que não chegavaõ a dous mil de cavallo, e



dez mil Infantes: e sobre tudo a desordem de todos me-  
teo na mão dos perfidos Mauritanos a mais insigne vito-  
ria, que elles nunca alcançaraõ, o mais rico despojo,  
que elles nunca viraõ, e a mayor gloria, que elles nunca  
imaginaõ. Principalmente de gente, que tantas vezes  
os venceo, e desbaratou; tantas vezes lhe conquistou  
suas Cidades, e fortalezas, e a quem os mais bellicosos  
Mauritanos pagavaõ tributo, e reconheciaõ senhorio.  
Mas não he de espantar; porque se pôde dizer, não ha-  
via no exercito Capitaõ experimentado, que levasse car-  
go de importancia: e alguns, que havia, não se seguirão  
entaõ seus conselhos, quando elles houveraõ de aprovei-  
tar mais, que nunca. Não houve nenhum delles, que  
logo pela desordem não antevisse o desbarato: nem  
ElRey procedeo de modo, que podesse ter melhor suc-  
cesso.

Viraõ-se naquelle dia em particulares Cavalleiros  
as mais heroicas façanhas, que nunca no mundo se fize-  
raõ; e experimentou-se a mais inclyta lealdade, que Sa-  
guntinos nunca mostraraõ; e o mayor desprezo da vida  
por acompanhar na morte o seu Rey; que se pôde ima-  
ginar. Porque assim se metiaõ entre os inimigos, como  
se nelles estivesse sua salvação: e assim se offerenciaõ á  
morte, como se nella houvessem de segurar a vida. Não  
havia nenhum, que aceitasse soccorro para não morrer.  
Os nobres, digo, que todos com o seu Rey acabaraõ ani-  
mosamente, ou foraõ cativos depois que mais não po-  
derão; porque os mais só o estrondo da artelharia os es-  
pantou de maneira, que não sabiaõ onde estavaõ: e o  
rijo ferir dos inimigos os fez recear chegar a elles, e vi-  
rar-lhe as costas, e a grande multidão de sua cavallaria  
(que chegava a oitenta mil) os fez desesperar do remedio.  
Enfim foy tudo huma barbara confusão, e desconcerto,  
e o mais lastimoso espectaculo, que a miseria humana  
nunca experimentou. Porque se perdeu em hum só dia,  
e em menos de quatro horas, hum florentissimo Reyno,  
e hum riquissimo thesouro, e hum potentissimo Rey. Em  
cuja morte (como hum Escritor considera) concorreraõ  
todas as cousas, que a podiaõ fazer lastimosa, e triste. A  
idade juvenil, a esperança de sua virtude, a violencia  
da

da morte, e a prizão do corpo. Morreraõ neste dia tres Reys poderosos, os vencidos, e o vencedor: em que parece, que a providencia Divina mostrou aos homens, que os inimigos de seu nome não merecem vitorias, e que aos que favorecem tyrannos, não pôde faltar da sua mão o castigo.

Foy ElRey Dom Sebastiaõ dotado de excellentes qualidades, e insignes virtudes, e formosa disposição: mas não se pode ajudar dellas; porque o não deixaraõ chegar á idade, a que acompanha sempre a virtude, governadora de nossas obras. Ainda que os pungentes estímulos, que o levarão ao seu lastimoso fim, se fabricaraõ todos em sua grandeza de animo, em que não teve segundo no zelo da Religiaõ Christãa; que sobre tudo procurou sempre: no desejo da gloria militar, de que foy ambiciosissimo: na galhardia do corpo, em que o igualavaõ poucos: na abundancia de forças, em que vencia todos, e na fortaleza de coração, em que excedia a tudo. E foy nisto semelhante ao grande Alexandre de Macedonia, de quem se dizia, que tinha as virtudes da natureza, e os vícios da fortuna; porque com os bens desta se fez insolente, soberbo; e ambiciosissimo, e com os dotes da outra era liberalissimo, generoso, e grande. Assim ElRey Dom Sebastiaõ, se bem consideramos o discurso de sua vida, acharemos, que de natureza teve as virtudes em grande excellencia, e da criação os defeitos em igual quantidade: não por culpa sua, porque parecia ser nascido só para cousas grandes. Mas Deos, que lhe deu aquelle espirito, e permittio, que fosse assim criado, que na opiniaõ de alguns, foy principio de tantas desaventuras, elle sabe o porque. Com tudo isto foy liberal, e magnifico; ainda que sendo moço, fez algumas mercês; que depois de madura idade não fizera; ou porque dava mais do que era necessario; ou dava a hum só, o que podia dividir por muitos. Em tudo o mais foy em perfeiçoens muito insignificante; e tão zeloso da honra de Deos, que aceitava casamento, solicitado pelo Papa Pio V. com Margarita, filha de Henrique Rey de França; e não queria mais dote com ella, senão, que entrassem os Reys de França poderosamente na liga contra o Turco, que o Papa pertendia: e



elle mesmo se offercia , que pelo mar roxo , é Persico molestaria o Graõ Turco com suas armadas , naquelle tempo vitoriosas ; e nisso trabalharia com todo seu poder, e forças. Mas não se concluindo este matrimonio , que tantos males, e desaventuras podera escusar , casou com ella Henrique de Borbon , Duque de Vandoma , e Principe de Biene. Foy tambem tão zelozo do culto Divino, que não encontrava vez alguma o Santissimo Sacramento, que senão apeasse, e algumas vezes o acompanhava até a casa do enfermo, onde o levavaõ, ou á Igreja, onde se havia de recolher. E era isto tão formoso aos olhos de todos os Catholicos , como hoje parecerá feyo, quando em menores pessoas o contrario apparece. Porque em respeito de Deos , todos os homens são iguaes: e o exemplo dos grandes he ordinaria regra, por onde os pequenos te governaõ. E porque não cuideis , que as cousas da India me vão já esquecendo, continuarey com os Governadores della , com mais brevidade, do que mostrey nos passados, por fugir o perigo dos que esquevem as cousas do seu tempo.

A Dom Luiz de Atayde succedeo Dom Antonio de Noronha, Cattarraz , que foy XXIV Vice-Rey da India, a qual governou dous annos, e nelles tambem se multiplicava notavelmente a conversão da gentildade naquellas partes, a que elle favorecia, e ajudava com muito zelo.

Succedeo-lhe Antonio Moniz Barreto , que foy XXV Governador da India; e a governou quatro annos, e nelles teve algumas differenças com os conjurados contra o nome Portuguez ; e acabou o seu tempo no anno 1577.

E indo do Reyno Ruy Lourenço de Tavora , para ser Vice-Rey XXVI. morreo no caminho no mesmo anno de mil e quinhentose setenta e sete,

E succedeo-lhe D. Diogo de Menezes, por successão, e foy XXVII, Governador, e Capitaõ General da India, sete mezes, e nelles fez muitas cousas merecedoras de muito valor, e estima, como Cavalleiro, e prudente na paz, e na guerra.

Succedeo-lhe o grande Dom Luiz de Atayde. e foy XXVIII.

XXVIII Vice-Rey, e partio para a India no mez de Outubro do anno 1577, antes que ElRey D. Sebastião partisse para Africa. E como o Vice-Rey tinha mostrado tanto de seu valor, e prudencia, quando outra vez governou aquelle Imperio, como já me ouvistes; esperou-se tanto d'elle esta segunda, que passava áquellas partes, que os Reys, e Principes Mouros, e Gentios dellas, nossos inimigos, começáraõ a se apparelhar para algũa grande desaventura, que sobre si já imaginavaõ. A qual sempre tivera effeito, se elle não morrera, quando com mais calor se apparelhava para castigar os rebeldes, e defender os amigos, Reys, Principes daquelle Oriente: não havendo mais, que dous annos, e cinco mezes, que governava, morreo no mez de Abril de mil e quinhentos e oitenta. 1580.



1871  
The following is a list of the names of the persons who have been elected to the office of Justice of the Peace for the year 1871. The names are given in alphabetical order of their surnames.

1872  
The following is a list of the names of the persons who have been elected to the office of Justice of the Peace for the year 1872. The names are given in alphabetical order of their surnames.







OBII A.M.D.LXXX

HENRICVS

ANN LXVIII

VIXIT

REX XVII

PORT



## CAPITULO V.

*Del Rey D. Henrique unico de no nome, XVII. Rey.*

Tanto que em Portugal se soube o desbarato de Africa, e a perda del Rey Dom Sebastião se certificou, logo foy levantado por Rey o Cardeal Infante Dom Henrique, seu tio, e irmão del Rey Dom João III seu Avô. Mas estava já em idade tão carregada, assim de annos, como de trabalhos, e paixoes, que com a nova Coroa do Reyno (que costumava dar a vida a muitos) começou elle a entrar em artigo de morte, sobrevindo-lhe huma gravissima infirmitade, que lhe cortou as esperanças de sua vida. Principalmente quando considerava tantos milhares de homens cativos em Africa, para cuja liberdade não bastavaõ grandissimos thesouros, e cá em Portugal os tristissimos gemidos de tantas viúvas, o desamparo de tantas orfãos, e o justo sentimento de tantos pays, que os filhos juntamente lamentavaõ, e todas as mais calamidades, que huma tão grande perda trouxe consigo. E sobre tudo o affligia muito a contenda, que sobre a successão havia, e os trabalhos, que ao miseravel Reyno já estavam ameaçando. As quaes cousas, cada huma dellas bastante a perturbar qualquer grande entendimento, e ver, que a brevidade de sua vida lhe impossibilitava poder deixar declarado quem lhe havia de succeder no Reyno, o poseraõ em desesperação de lhe dar remedio. Ao qual procurando acudir com os melhores meyo, que entaõ o seu entendimento lhe pode representar, passou desta presente vida em Almeirim o ultimo dia do mez de Janeiro, em que elle nasceo, do anno de mil e quinhentos e oitenta, 1580. quando a Lua padecia hum grande eclipse. Seu corpo foy na mesma Villa sepultado, e dahi esteve até o anno de mil e quinhentos e oitenta e dous, em o qual seu sobrinho El Rey Filippe o mandou trasladar ao Real Mosteiro de Belem. Viveo sessenta e oito annos, dos quaes reynou hum, e cinco mezes, e cinco dias.

Foy El Rey Dom Henrique de meã estatura, mas nas feições do rosto muito semelhante a El Rey seu pay: era breve em suas praticas, mas sempre de muita substancia.

Goës na  
Chr. del.  
Rey D.  
Man. p. 3  
C. 27.



cia, e elle; e ElRey Dom Sebastião foraõ homens de muita verdade em grande extremo. De sua condiçaõ foy encolhido, e vergonhoso, e por isso não tratava com soltura o que entendia, nem aos homens contentava no bom acolhimento, que dos Principes esperavaõ. No trato de sua pessoa severo, e pouco animoso, muy continente, e temperado. Teve grande sentimento nas paixoes, e trabalhos, e pela verdade, que tratava, parecia a muitos secco em suas palavras. Foy homem de muito segredo, e fóra de ouvir murmuraçoens. E em a justiça tão inteiro, que nunca por nenhum respeito se inclinou nella. Muito livre, e izento de se entregar a privados: sómente trazia ante os olhos o proveito commum, e culto da Religião, e reformação dos costumes de seus Ministros: favorecendo muito aos virtuosos, e aos que não eraõ taes castigando com aspereza, ainda que também usava de clemencia com os culpados, em que sentia conhecimento. E porque aborrecia, e castigava todos os vicios com grande zelo, não foy amado dos viciosos. Aprendeo bem Latim; e de Grego, Hebraico, e Mathematico, Filosofia, e Theologia, entendeo bem os principios: depois entrando mais em idade, da liçaõ dos livros sagrados recebeo muito proveito. Em idade de quatorze annos tomou habito de Clerigo. E a primeira dignidade, que teve, foy o Priorado mór de Santa Cruz de Coimbra, por renunciação do Cardeal Dom Affonso seu irmão. E estando o Infante Dom Luiz de caminho para se achar na batalha de Ungria com o Imperador seu cunhado, lhe dava a sua legitima para ajuda dos gastos: depois casando o Infante Dom Duarte; também seu irmão, lhe deu a mesma legitima com o Priorado de Santa Cruz em Comenda. Foy provisto do Arcebispado de Braga por morte de D. Diogo de Sousa, cujos criados despachou, e favoreceo, como se fossem seus: e governou o Arcebispado com muito cuidado, e diligencia; buscando para isso os melhores Ministros, que a disposição do tempo lhe offerecia. Teve sempre bons homens em seu serviço, ou os que eraõ havidos por taes, e Letrados eminentes em todas as faculdades; e de maneira os tratava, que nem por descuido, nem por necessidade deixassem de fazer, o que entendiaõ. E  
nesta

nesta Prelazia, como nas outras, que depois teve, proveo sempre com muita liberalidade as esterilidades publicas, e necessidades secretas: e para estas tinha infinitos Ministros, e nas outras entendia com muito cuidado, e diligencia. Sustentava muitos orfaõs, e desamparados; e depois os casava, e lhe remedeava a vida. Resgatava muitos cativos, e a muitas pessoas nobres ajudava a casar as filhas, e lhe dava esmolas para ajuda de sua sustentação. Visitava pessoalmente todos os lugares de suas Prelazias, e todos os officios de Prelado exercitava, quando podia, bautizando, visitando, e levando o Santissimo Sacramento do Altar aos enfermos. Fez Synodo em Braga, e Constituições, e o dinheiro synodal ordenou se gastaſse em castimentos de orfãos, e na fabrica de humas escolas, que logo se fizeram na mesma Cidade, a qual ennobreceo com obras publicas. Mandou concertar o Mosteiro de São Fructuoso, e proveo a sua Igreja de prata, e ornamentos. Na eleição dos visitadores tinha muito cuidado, que fossem virtuosos, e Letrados: e por estes taes tambem mandou visitar as Igrejas do Cabido da sua Sé, por remediar a negligencia, e descuido, que na visitaçãõ dellas havia. Depois foy provído de Inquisidor Geral, em que levou grande trabalho por não estarem ainda as cousas naquelle principio bem ordenadas, e teve nellas muitas contradicções, assim da parte do Nuncio, como de favores de Roma, que os Christãos novos negociavaõ com grande artificio, e muito poder, que tinhaõ em aquelle tempo neste Reyno. E ainda que duraraõ muito tempo estas duvidas, todavia com o favor de Deos, e ajuda del Rey seu irmão, foy ávante a Inquisição, e se fizeram muitos autos, em que foraõ condemnados grande numero de Hereges, e se deu principio a tão grande proveito, como o mundo sabe. E sendo logo provído do Arcebispado de Evora, teve mais tempo, e mais experiencia, e possibilidade para continuar nas esmolas, e obras pias, e catholicas, em que sempre se occupava, e a que era muito afeiçoado. Tomou a seu cargo o Hospital de Evora, e fazia á Casa da Misericordia grandes esmolas; e a todas as mais do Arcebispado. E lhe mandava curar os enfermos, a que elles não podiaõ acodir. Em as quatro

Tom, II, P festas



festas do anno; Pascoa, Epiphania Santo, Assumpção da Virgem Nossa Senhora, e Natal, mandava repartir esmolas de pão, e dinheiro, e no Inverno vestir pobres. Tinha repartidos pelo Arcebispado muitos Prégadores, bons Letrados, e de boa vida; os quaes estavaõ em cada terra certo tempo doutrinando a gente. Além destes tinha nos principaes lugares outros, que examinavaõ os Clerigos, e os ensinavaõ, e faziaõ viver bem, e fazer seus officios, e proviaõ do necessario para o culto Divino. Provêo a Sé de pessoas idoneas, virtuosas, e Letrados. E em tudo provia sempre com muito zelo da Religião, e desejo de acertar; e desta maneira se castigavaõ os vícios sem escandalo, que os Melinhos dos Clerigos grangeavaõ para lhe durar mais tempo a fazenda, de que se mantinhaõ; para que todos seus desejos eraõ, seraõ eternos os peccados dos Ecclesiasticos. E não cessando aqui o seu santo zelo, ordenou hum Collegio, onde se ensinasse Latim, e Grego, Virtude, e Religião. Depois vendo o fruto, que dahi nascia, ordenou Lentes de Theologia. E finalmente fez huma Universidade, onde há huma boa copia de Estudantes. E para isso fez hum grande edificio, e o dotou de tanta renda, que ha nelle mais de cem Religiosos, e entaõ eraõ setenta, vinte Lentes, e outros vinte Ministros, e Officiaes, e os trinta Estudantes, todos da Companhia de JESU, a quem encarregou, e deu administração daquellas Escolas. Ordenou mais hum Capella, com renda para vinte e oito Clerigos pobres, que convem cada dia liçoens de casos de consciencia no dito Collegio: e daqui sahem para as Igrejas, Curados, sufficientemente idoneos. Ordenou outra Capella, tambem de Clerigos pobres, vinte e quatro, que ouvem Artes, e Theologia; e huns, e outros se provem por opposição, e tem, e guardaõ seus estatutos, e obrigação de hum Missa cada semana cada hum pela tenção do Cardeal Instituidor. Ordenou outro Collegio de Mininos orfaõs, criados em virtude, e doutrina, e tambem para moços do Coro; e outros para moços, a que seus pays davaõ o necessario: e para todos os mais da Cidade dava Mestres de ler, e escrever. Assentou em Evora á sua custa outra Inquisição como a de Lisboa; em que gastou muito, e a outra ajudava

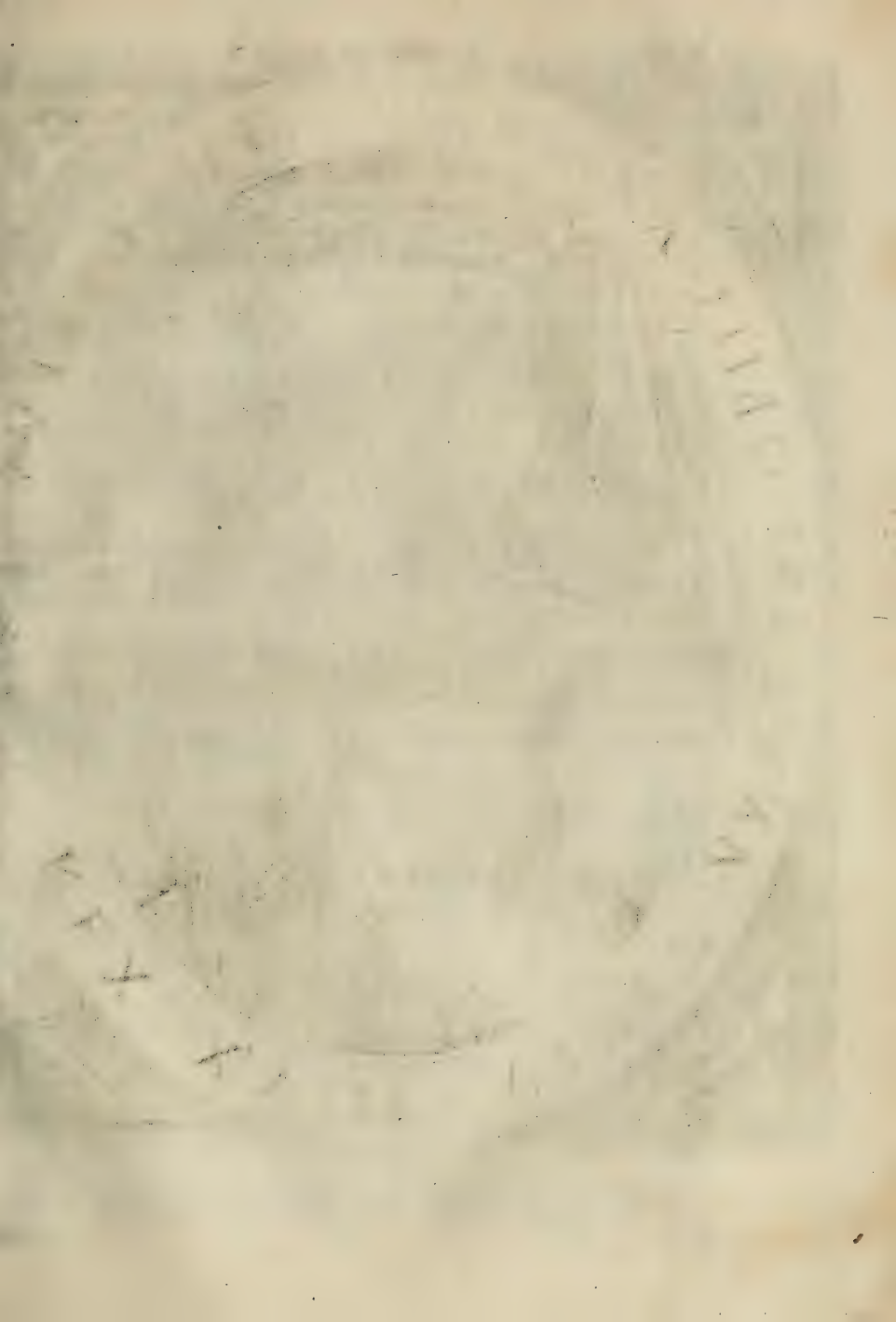
ajudava em sua fazenda. Provido do Mosteiro de Alcobaça, que achou muito falto em tudo, entendeu em sua reformação de maneira, que he hoje hum das melhores obervancias daquelle Ordem. Fez nelle muy grandes despezas em obras necessarias, em que gastava tudo, o que lhe rendia. Impetrou do Papa, que a jurisdicção espiritual do dito Mosteiro, se apartasse para os Prelados triennaes delle, e a tirou, e separou da renda do Cômendatario. Fez quasi de novo o Mosteiro de Cóz, de Freiras de São Bernardo, e o Collegio de São Bernardo de Coimbra tambem ordenou, e fundou. Fez restituir muitos Mosteiros á dita ordem, que lhe tinhão tomado para o Convento de Thomar, e por esta causa estava já quasi para se extinguir por falta delles. Reformou no espiritual, e temporal o Mosteiro de Aguiar, e o mesmo fez a outros muitos. Poz Collegio de Latim em Tarouca. Foy feito Cardeal, e depois alguns annos Legado Apostolico, em que fez muito serviço a Deos, e á Igreja. Por morte do Infante Dom Luiz seu irmão se lhe dobráraõ os cuidados em despachar os criados, e fazer cumprir seu testamento, e ajudar ElRey seu irmão com tanto cuidado, que nem elle o achava menos em as cousas do governo, nem em o seu Arcebisado faltava em alguma.

Ajudou á Rainha Dona Catharina a governar o Reyno, que lhe deu muito trabalho, e então fez edificar a fortaleza de São Giaõ no rio de Lisboa á custa de hum por cento das mercadorias, que sahiaõ della. Re edificou o cano da agua da Prata em Evora. No cerco de Marzagão ajudou com muita despeza, e diligencia. Então a Rainha renunciou nelle o cargo do governo do Reyno, que elle aceitou com amor, e administrou com zelo de justiça. Foy Arcebispo de Lisboa, por morte de D. Duarte de Menezes, e renunciou o de Evora em D. João de Mello, por cujo falecimento, tendo já entregue o governo a ElRey D. Sebastião, renunciou o de Lisboa, e se tornou a Evora.

Dotou o Collegio de Santo Antão de Lisboa dos Padres da Companhia de Jesu, e edificou o Mosteiro de Santo Antonio de Evora, e o de Valverde, da Provin-



cia da Piedade; e junto a Alcobaça o Mosteiro da Magdalená, da Provincia da Arrabida; em o Mosteiro de Alcobaça mandou edificar os novos dormitorios, e claustros. Depois que morreo ElRey seu irmão, teve sempre particular cuidado de todas as ordens de Religião; e quando governava, mandou reformar a ordem de S. Bento. Era muito devoto, e continuava sempre celebrar Missa com muita devoção, e ainda depois de Rey, em quanto teve forças para o fazer, todos os Domingos, e festas, e muitas vezes na semana, e algumas publicamente o fazia nas Igrejas, onde hia ouvir os Officios Divinos, antes que se começassem. Todo o tempo, que esteve doente, depois que não pode celebrar, recebia o Santissimo Sacramento com muitas lagrimas, e devoção, e isto em todos os Domingos, e dias Santos, ainda que viessem muitos, e o mesmo fazia ás festas feiras da quaresma. Nem quando o levantáraõ por Rey, nem nas Cortes, quiz consentir lhe vestissem ópas de brocado, como costumáraõ sempre os Reys em semelhantes actos, e sempre usou vestido clerical; e em quanto lhe durou o Reyno, nunca fez hum vestido; porque tinha escrupulo gastar consigo; nem ainda cousa de tão pouco momento, estando tantos nobres, e tanto povo cativo em Africa,







## SUPPLEMENTO.

AOS DIALOGOS DE  
PEDRO DE MARIZ.

## CAPITULO I.

*De ElRey Dom Filippe de Castella, e primeiro intruso em Portugal, e das cousas, que neste Reyno succederão em seu tempo.*

Morto o Cardeal Rey Dom Henrique, começaram logo os alvoroços, que de sua morte já se annunciavaõ; porque logo se sentiraõ dissensões nos animos de todos, e inclinaçoens diferentes, approvando cada hum para succeder no Reyno o direito daquelle, em cujo governo esperava mais bem fundada a sua conveniencia; não faltando tambem alguns, a quem só movia o zelo da verdade, e amor da Patria. Deixára em seu testamento o Rey Dom Henrique nomeados onze Juizes, para que declarassem por sentença a pessoa, a quem a successão do Reyno pertencia; e cinco Governadores, para que em quanto não fosse declarado o successor pelos Juizes, administrassem justiça, e evitassem tumultos populares, que prudentemente se temiaõ; posto que nenhum cuidado, e vigilancia dos Governadores foy bastante para conter o braço popular quieto, e obediente, desejoso summamente de ter o successor Portuguez, e igualmente receoso de o ver Castelhana; e como os Governadores não eraõ muito á satisfação do povo, nunca pôde ser delle bem aceito o seu governo, principalmente entendendo, que tres delles faziaõ as partes do Rey Catholico, e se declaravaõ a seu favor notoriamente, e não queria por isto admittilos, nem obedecerlhes, antes os recusava por suspeitos, e queria eleger outros, que com mais liberdade, menos paixão, exercessem o governo. E Febo Moniz, Desembargador, que era de authoridade, pedio por parte do povo aos Governadores algu-



mas cousas, que pareciaõ convenientes ao estado, em que por entaõ se achava o Reyno, intimandolhes, que despedissem de si os Soldados, que tinhaõ em sua guarda, com o que se esculariaõ os gastos, que faziaõ, e o escandalo, que causavaõ. que pedissem ao Rey Catholico, que tratasse de sua justiça, como os mais pertendentes, sem fazer violencia com estrondo de armas, com que já se achava; que se guarnecessem as fortalezas de mar, e terra, e nas provincias se puzessem pessoas de authoridade para dilpor as cousas della á sua defenla; que se desse conta ao Summo Pontífice, e ao Imperador, pedindolhes, que escrevessem ao Rey Catholico, que despedisse o exercito, e esperasse a sentença na causa da successão de Portugal. Tratouse de algumas das cousas, que se propuseraõ com aquella frieza, que a confusão em que todos se achavaõ, permittia. Estava no mesmo tempo na Corte de Castella Fernaõ da Sylva Embaixador ordinario de Portugal pelo morto Rey Dom Henrique, e por meyo do mesmo Embaixador se pedio a El Rey Philippe da parte dos Governadores, que não quizesse tirar a liberdade aos Juizes com o terror das armas do exercito, que levantava, senaõ que esperasse delles sentença com justiça no pleito da successão de Portugal, como que se tirariaõ á sua consciencia os escrupulos, ao mundo o escandalo, ás guerras a occasião, e á Christandade o damno do máo exemplo. Respondeolhe El Rey Philippe ao Embaixador, que o seu direito a succeder no Reyno de Portugal era taõ certo, e a todos taõ notorio, que não tinha mais obrigação, que de o haver representado a El Rey Dom Henrique, e a seu conselho, como fizera, pedindolhe, que o declarasse por successor em sua vida, e que por sua morte não havia Juiz algum, que fosse competente áquella causa, porque sendo a materia puramente temporal, e elle Rey soberano, não havia pessoa, a quem pudesse tocar a jurisdicção de decidila. E que nem os Juizes, que nomeara El Rey D. Henrique, tinhaõ authoridade para julgar a causa; porque não podia eleger para depois de sua morte; antes nem o mesmo Rey podia ser Juiz do que depois de sua vida lhe succedia; pois pela morte lhe espirava a jurisdicção, passando ao successor

cessor na mesma forma, que a tinha; nem o Reyno todo podia julgar a causa; porque quando se elegeo primeiro Rey com pacto de se lhe obedecer, e a seus successores, ficava todo o Reyno sujeito ao successor, no qual tambem transferio o poder na primeira eleição, que sendo cousa tão notoria, e fora de contenda o verdadeiro successor, não havia quem pudesse ser juiz.

Estava já em Castella conduzido o exercito, que havia fazer entrada em Portugal; e porque senão havia feito eleição de General, que o governasse, se fez então na peitosa do Duque de Alva, que no mesmo tempo estava prezo no Castello de Uteda, Capitaõ de grande nome naquelles tempos, e de cuja prudencia, e experiencia militar se podia fiar a mayor empreza. Partio o Rey Catholico da Corte a fazer a sua entrada em Portugal; e em Guadalupe lhe chegaram a fallar o Bispo de Coimbra Dom Gaspar do Casal, e Manoel de Mello, mandados pelos Governadores de Portugal a pedir-lhe, que não entrasse com exercito no Reyno, porque se havia tomado assento de se decidir com toda a brevidade a successão, e se não podia esperar dos Juizes, se não boa sentença. E sobre a resposta, que o Rey tinha dado a seu Embaixador Fernão da Sylva, lhe representava o Reyno, que em quanto não era declarado por sentença Rey; ou successor em Portugal, a mesma jurisdicção, e poder, que tinha o Rey defuncto, ficava ao Reyno, o qual representavaõ os Tres Estados; porque nunca os povos de tal maneira transferirão de si ao principio o poder nos Reys, que neste caso, e em outros semelhantes o não possam tornar a exercitar, usando do poder, quando necessario for para sua conservação. Pelo que era determinado em direito, que quando muitos contendem sobre a successão de algum Reyno, os Tres Estados do mesmo Reyno a possam determinar; e isto mesmo se havia praticado no Reyno de Aragoã por morte del Rey Dom Martinho, e no de Navarra por morte del Rey Carlos de França, que tambem o era de Navarra, determinando as duvidas da successão daquelles Reynos os Tres Estados, como Juizes legitimos, e competentes; o que constava claramente das historias. E que não obstante fer

Princ.



Principe soberano o Rey Catholico, quando era parte com os que não eraõ seus subditos, devia esperar sentença, como fizera ElRey Dom Duarte de Inglaterra, que também não reconhecia superior, e pertendendo a lucellaõ do Reyno de Navarra, demandou sua justiça diante dos Tres Estados daquelle Reyno. E que o direito delRey Catholico para pertender a successão de Portugal, era somente como sobrinho delRey Dom Henrique, no qual grão de parentesco concorriaõ outros pertendentes, os quaes se não tivessem Juiz, a quem pudessem representar as razoes da sua Justiça, ficariaõ impossibilitados de alcançala, e o mesmo direito da successão frustrado, não havendo Juiz competente, perante quem pudesse requererse, o que parecia ser contra a razão, e ordem da justiça, principalmente havendo já deduzido seu direito diante delRey Dom Henrique, e estando a causa para se resolver a final, e elles promptos para pedir sua justiça perante os Juizes, que estavaõ assignados, a quem juraraõ, no que tocava á sentença, obedecer; porém nada foy bastante para dissuadir de seu intento ao Rey Catholico, porque a tudo respondia, que nem a notoriedade do seu direito, nem a soberania da pessoa se podiaõ sujeitar a Juizes.

Os Governadores tratavaõ de pôr cuidado na defesa do Reyno, mais por dar alguma satisfação ao povo, que a desejava, que por elles terem intento de fazer resistencias: com tudo armaraõ galeoens, conduzirãõ armas, alistaraõ gente, e trataraõ das mais preparaçoens: mas como estavaõ divididos entre si, porque tres delles queriaõ descubertamente, que succedesse no governo ElRey Catholico, tudo se fazia com tal confusão, que não dava esperança de effeito, todas as diligencias tardas, as ordens desordenadas, tudo andava como corpo sem cabeça, como Reyno sem Rey. Estava neste tempo o Duque de Ossuna em Portugal, mandado por ElRey Philippe por Embaixador a ElRey Dom Henrique, para effeito de o declarar em sua vida por successor, e Dom Christovão de Moura para tentar, e grangear os animos dos Conselheiros a favor de Castella: fez bons officios Dom Christovão com o Senhor Dom Antonio, para que

que desistisse do direito, que tinha á successão, offerecendo-lhe mercês, e honras da parte do Rey Catholico; e para lhe grangear o animo se faziaõ as mayores diligencias; e este era o mayor empenho de Castella, porque se temia Philippe o prudente, que os sequeles do Senhor Dom Antonio lhe dispuzessem as cousas em fórma, que os povos o seguissem, e tomassem sua voz, e as armas em sua ajuda, como antigamente tinhaõ feito em favor do Mestre de Avis o Senhor Rey Dom Joaõ o I de boa memoria; e a lembrança deste exemplo cautava não leve temor nos Castelhanos. O Duque de Bragança Dom Joaõ instava aos Governadores, que declarassem estava o direito da successão entre a Senhora Dona Catharina sua mulher, e El-Rey Catholico, e que o perdesse, quem tomasse armas, estando pendente o pleyto, antes de haver sentença. E vendo que lhe não deferiaõ ás instancias, que fazia, pediu a Senhora Dona Catharina aos Governadores, que declarassem por General ao Duque seu marido, para a defensão, e quietação do Reyno; mas nada se concluia com resolução, e effeito necessario, tudo parava em desordem; e confusão. Neste tempo conseguiu o Embaixador de Portugal, que por ordem do Reyno havia ido a Roma, do Summo Pontifice Gregorio XIII, que entaõ governava a Igreja de Deos, que pelo Cardeal Riario, seu Legado, amoestasse ao Rey Catholico, que não quizesse com escandalo do mundo, e damno da Igreja usar mais do poder, que do direito, pondo só a força de seu direito nas forças de suas armas, e o fferecendo-lhe arbitros, que com plena liberdade, e sem nota de suspeita, ou paixão, decidissem a causa, em caso, que recusasse de Juizes os Portuguezes; porem a resolução del-Rey Philippe foy de não ouvir o Legado, nem admittir tão piedosas supplicas de hum Pastor, e pay universal da Igreja: e respondeo, que o Reyno de Portugal lhe competia com tão indubitavel direito; que ninguem o poderia encontrar; e que se alguem o intentasse, primeiro havia mover guerra, que demanda, e que em cousas temporaes era indigno da Magestade admittir arbitros.

Chegou El-Rey Philippe a Badajoz com seu exercito, e o Duque de Alva o moveo contra Elvas, Cidade fron-



teira de Portugal, na qual quasi toda a nobreza, e a mayor parte do povo, que queria antes admittir o governo de Castella, que a guerra, por se não achar com forças para fazer resistencia ao poder de Castella, que tão perto os ameaçava, e occupados do temor, estavaõ irresolutos os da Cidade, alguns querião defender-se; os mais entregarse. Neste tempo foy aclamado por Rey de Portugal em Santarém o senhor D. Antonio por muita gente popular, e reconhecido por tal de alguns Fidalgos, e na Camera da Villa se lhe tomou juramento de guardar aos moradores seus privilegios, creou officiaes de sua casa, passou ordens, e foy recebido com as solemnidades de Rey. Passou a Lisboa, e se aposentou nos paços Reaes, bateo moeda, e escreveu como Rey ás mais Cidades, e Villas. O exercito de Castella depois de render a Alvas, e as mais praças visinhas, veyo marchando sem resistencia até chegar a Setuval, que tambem se lhe rendeo; e dahi passou sua gente nas galés, que trazia, a Cascaes, onde teve desembarcação mais livre do que esperava; porque como nos animos de todos haviaõ dissensões, tudo era froxidão nas resistencias. O senhor Dom Antonio se preparou para buscar o inimigo; ajuntou muita gente mal armada, e chegando a Belém achou saltar quasi toda, e que só nente o seguiaõ mil homens de pé, e quinhentos de cavallo, todos elles sem ordem, nem disciplina militar; com os quaes se retirou á eminencia da porta de Alcantara com resolução de esperar alli o inimigo, que passados poucos dias, o investio com o exercito, e armada; e como era tão desigual o partido, ficou pelos Castelhanos a vitoria, e o senhor D. Antonio se retirou a Santarem, e dahi ao Porto, onde se embarcou para França, e a Cidade de Lisboa se entregou a El Rey Philippe por mãos de seu General o Duque de Alva.

Depois entrou o mesmo Rey Philippe a Portugal, estando já todo o Reyno á sua obediencia, fez Cortes em Thomar, e nellas prometteo com juramento guardar muitas cousas, de que não se experimentou depois total satisfação: veyo a Lisboa, onde foy recebido com demonstreações de alegria, e o Rey se procurava fazer bem-quisto aos Portuguezes, fazendo-lhes mercês, e honras, para

para os ter contentes para o tempo adiante á sua obediencia, mas não quiz perdoar a alguns dos que trataraõ de defender o Reyno; o que não foy bem recebido; porque se esperava, que satisfeito o Rey com o meterem de posse do Reyno alheyo, não quistelle castigar a obrigação, que cada hum tinha de defender o proprio. Brevemente se viraõ os Portuguezes descontentes com o novo Rey; porque ás mercês foraõ muito meõs do que as promessas, ainda áquelles mesmos, que vencidos dellas, quiteraõ da escravidão de sua patria fabricar a esperança vã de suas melhoras; tão vã, que não chegando a ver das melhoras mais que as promessas, com intauostos fins acabaraõ todos as vidas de sua propria infamia castigados. Nas Cortes prometteo o Rey guardar aos Portuguezes seus fóros; o que cumprio tão mal, como as mais promessas, de cuja falta queixando-se humavez certo Portuguez Castelhana; e allegado o muito que obrara para ficar Portugal na sujeição de Castella; a que respondeo o Rey prudente nisto mais, que em usurpar o alheyo: *Si la corona era mia, nada es devo; pues me distes lo que era mio, y sinó era mia, assás de merced os hago en nó castigaros por el delito.* Reposta, que devia servir a todos de exemplo, e desengano, de que os Reys ao mesmo passo, que amaõ a traição, aborrecem o traidor. Sentiaõ os Portuguezes amargamente verem no Castello de Lisboa presidio Castelhana, para que estivessem sempre sofrendo o jugo de Castella, contra o que o Rey nas Cortes tinha jurado. E o que mais lastimava os animos de todos, eraõ as mortes, que se davaõ aos Ecclesiasticos, em que cada noite se faziaõ justiças, lançando ao mar muitos Sacerdotes, e Religiosos pela gruta da torre de São Gão, formandolhes crime de haverm desejado, e aconselhado a defensão de sua patria, e até na insensibilidade do mar se conheceo publicamente o sentimento de tão exorbitante atrocidade; pois por muito tempo não deu peixe, antes tiravaõ nas redes os pescadores pedaços de corpos humanos mortos, com tão espantosa confusão dos moradores, que foy necessario hir o Arcebispo Dom Jorge de Almeida a exercismar o mar com as santas ceremonias da Igreja; com o que cessou



o horror, com que o mar tinha aflombrado a todos. O Rey Catholico, depois de tomar pacifica posse do Reyno de Portugal, partio de Lisboa deixando em sua ausencia por Governador ao Cardeal Alberto; e chegando a Madrid foy recebido com grande solemnidade, e extraordinaria alegria, por verem a seu Rey accrescentada a Coroa Lusitana.

No anno de 1582 a 8 de Mayo appareceo no Ceo hum grande Cometa a modo de foice, o qual durou 14 dias, e foy annuncio de grandes calamidades, que depois experimentou este Reyno por muitos annos. Aos 11 de Junho do mesmo anno partio de Lisboa hum armada de 40 navios em que hia por General o Marquez de Santa Cruz Dom Alvaro Bação, para conquistar a Ilha Terceira, que estava á obediencia do Senhor Dom Antonio Prior do Crato, e por Governador della Dom Manoel da Sylva a quem o Prior do Crato tinha dado o titulo de Conde de Torres Vedras. Veyo em soccorro da Ilha o Senhor Dom Antonio com hum armada de França de 18 navios, e seis mil Soldados. Avistaraõ-se ambas as armadas junto á Ilha em dia de Santa Anna do mesmo anno, em que depois de se pelejar esforçadamente, ficou vencida a armada Franceza, rendeo-se a sua Capitania, prendeo-se o Almirante, e outros muitos navios: ficou cativo o seu General Philippe Stroz, e o Conde de Vimioso Dom Francisco de Portugal, os quaes ambos logo depois morreraõ, por ficarem muito mal feridos da peleja, e o senhor Dom Antonio se retirou para a Ilha em hum navio ligeiro; ficaraõ prisioneiros muitos Francezes nobres, e outras muitas pessoas de menos conta. Tornou a armada vitoriosa para Lisboa, e logo no seguinte anno a 24 de Junho partio outra armada de sessenta embarcações, de que era General o mesmo Marquez de Santa Cruz, para conquistar a Ilha Terceira, que ainda se sustentava á obediencia do Senhor Dom Antonio, governada pelo mesmo Dom Manoel da Sylva, o qual foy combatido rijamente, sem querer admittir partido algum; e por estar a Ilha falta de gente, e dos mais aprestos necessarios para resistir ao poder de taõ grossa armada, não foy bastante o animo, e valor, com que o Governador

pelejou

pelejou, para que não fosse entrada a fortaleza, e conquistada a ilha; e sendo tomado ás mãos o Governador, foy de gollado em theatro publico, por não querer admitir partido, e esperar ser avançado á escala, fazendo-se-lhe crime de seu valor.

Neste tempo andava o Senhor Dom Antonio no Norte em Reynos estranhos, e em sua companhia Manoel de Brito de Almeida, natural de Torres Novas, que nunca em quanto viveo o largou, solicitando soccorro daquelles Principes, com que pudesse conquistar a Portugal; e o conseguiu em Inglaterra da Rainha Isabel, depois de muitas contradicções dos Conselheiros daquelle Parlamento, offerecendo o Prior do Crato ajudar com algum dinheiro, do que lhe havia prestado ElRey de Fez, e deixando em penhor a seu filho Dom Manoel, que depois no anno de 1597 casou com Madama Anna irmã do Conde Mauricio. Constava a armada, que a Rainha de Inglaterra mandou á conquista de Portugal, de vinte e dous mil homens em sessenta navios; era General do mar Francisco Drake, e Joaõ Noris era tambem General da terra, em que se havia lançar gente, para por todas as partes investirem a Cidade de Lisboa, com cuja obediencia, como de cabeça, se promettiaõ a de todas as mais terras. Em Lisboa governava o Infante Cardeal Alberto: e para melhor expediente dos negocios de guerra, tinha em sua companhia o Conde de Fontes. Navegavaõ os Inglezes a Portugal, e em huma festa feira vinte e dous de Mayo de 1589, chegarão a Peniche; no Sabbatho seguinte acabaraõ de desembarcar, e com quatorze mil Infantes, e alguma gente de cavallo tomaraõ a Villa. Marcharaõ em boa ordem, e ao Domingo chegarão a Lourinhã; á segunda feira a Torres-Vedras, á terça á Enxara, á quarta a Loures, e á quinta, dia de Corpo de Deos, a Alvalade; e sem resistencia a Lisboa pela parte da Boa Vista, de donde fizeraõ marcha até São Roque. Os Soldados Castelhanos, que ficáraõ do exercito do Duque de Alva, para presidiarem a Cidade á obediencia delRey Catholico, estavaõ da parte do rocão, e os Portuguezes da parte do Caes do carvão; huns, e outros pelos muros, e portas da Cidade, o Castello estava provido



do de todo o necessario para muito tempo, cujo governo havia ElRey Philippe tirado a D. Gabriel Niño, e o havia dado a D. Luiz de Lancastro. Sexta feira de manhã chegaram os Inglezes a S. Roque, e todo aquelle dia deraõ rijabateria á Cidade sem damno algum della.

Estava traçada huma traição por ordem dos Confidentes do Prior do Crato, para que os Inglezes entrassem na Cidade pela banda do postigo da Trindade, de que senão tirou outro effeito mais que as mortes dos que a maquinação, porque sendo descoberta muito a tempo, forão justicados os delinquentes. Não foy leve o engano do Prior na muita confiança, que fez no sequito da gente popular, que na occasião lhe não foy util, por ser de pouca conta, e nem poder, nem ainda armas tinha para lhe fazer a assistencia necessaria a tão grande empreza, como era o da conquista de hum Reyno possuido, e defendido de poder tão grande, como era o delRey Philippe. O Conde de Fontes com a gente de guerra apertava instantemente aos Inglezes, que faltos de mantimentos sahiraõ a buscallos muito unidos, e ordenados com grande numero de molqueteiros, e nem a boa ordem, com que sahiraõ, foy bastante, para que não morressem muitos ás mãos dos Soldados da Cidade, que continuamente os acossavaõ. Dom Alvaro Bçaõ, Marquez de Santa Cruz, tambem com as galés pela parte do mar offendia o exercito Inglez, que por todas partes se achava perseguido, e cercado de inimigos com pouca esperança de conseguir a entrada da Cidade: e vendo os Inglezes que o General do mar Francisco Draque não quizera entrar com a armada até Lisboa, se resolveo o General da terra Joaõ Noris em retirar o exercito; o que se fez deixando saqueados os arrabaldes, e toda a parte da Cidade, que ficava fóra dos muros; e com boa ordem de guerra se foraõ até Cascaes, onde estava por Capitaõ da fortaleza o Villafanha, que a entregou aos Inglezes bisonhamente, persuadido de humas noticias falsas, que lhe deraõ, de que ficava Lisboa rendida, e entregue ao Prior do Crato, o que pagou com a vida, sendo degollado por faltar á defensão da sua praça. Os Inglezes sahiraõ de Cascaes deixando a Villa saqueada, e se embarcavaõ

carão logo, por verem entrar pela barra de Lisboa ao Adi-  
antado de Castella com huma esquadra de galés, o qual  
com ellas, e alguns navios mais os quiz seguir; porém  
forão em vão todas as diligencias; que fez, porque o ven-  
to foy de sorte, que logo os perdeu de vista. Achou-se;  
que morreraõ mais de dous mil Inglezes, sem fazerem  
couza de substancia no intento, que tiveraõ. O Prior do  
Crato depois deste successo solicitando soccorros de Fran-  
ça, residio em Pariz com menor fortuna, do que espera-  
va, e nella morreo no anno de 1595. Foy sepultado sem  
pompa no Convento de São Francisco da mesma Cidade  
em huma sepultura de pedra metida na parede, e cuber-  
ta com hum; anno de veludo negro, e nelle bordadas as  
Armas Reaes de Portugal; e com hum letreiro de titulo  
de Rey.

Em Mayo do mesmo anno se levantou em todo o  
Reyno grande motim, dizendo-se ser vivo, e apparecido  
ElRey Dom Sebastião; que o seguia muita gente, e trata-  
va como a Rey: era hum homem, que estiva em Penae-  
macor, que na presença se parecia como o Rey Dom Se-  
bastião, e vendo que muitos se enganavaõ com elle, com  
simulação inculcava o engano deixando-se tratar, e res-  
peitar como Rey. Foy prezo, e trasido a Lisboa, onde  
logo confessou ser filho de hum conteiro da Batalha; foy  
açoitado, e lançado a galés por toda a vida; e enfor-  
cado hum homem, que lhe persuadio o fingimento. No  
anno de 1585 na Enceira, e seus contornos houve tam-  
bem outro, que se fingio ser ElRey Dom Sebastião, a  
quem seguio muita gente vil dos povos circumvisinhos,  
huns por força, e outros por vontade. Por Casa Real, e  
armou-se fortemente com a gente, que o seguia; escre-  
veo cartas ao Cardeal Alberto; nomeando-se Rey D. Se-  
bastião; mandou enforcar muitas pessoas, que o não qui-  
zeraõ reconhecer por Rey, e lhe negaraõ a obediencia;  
entre os quaes foraõ o Corregedor de Torres-Vedras, e  
hum Juiz, e outros officiaes de Justiça; pelo que, e por-  
que não crescesse mais o damno, foy necessario acodir com  
o remedio; e se mandaraõ ajuntar os Ministros da Justiça  
com seus officiaes, e outra muita gente, e hum Terço de  
Infantaria de gente de guerra, e se lhes ordenou, que  
fossem



foissem prender o fingido Rey, o que fizeram depois de muito trabalho, e porfiada resistencia da gente, que o seguia, e o trouxeram prezo a Lisboa com dous companheiros mais, com grande alvoroço da gente da Cidade, que concorria aos ver: foram metidos na cadeia do Limoeiro, de donde sahio a padecer o falso Rey a 14 de Junho com hum pregação, que dizia: Justiça, que manda fazer ElRey Nosso Senhor: manda cortar a mão direita a este homem, por fazer provisoens, e Alvarás falsos; e assim o manda enforçar; e esquartejar, por se fazer ElRey Dom Sebastião, que está em gloria, e por se fazer alvoroçador do povo, sendo Ermitão de huma Ermida de São Julião da Ericeira, e filho de hum pedreiro da Ilha Terceira, e elle tambem pedreiro. A mão ficou no pelourinho, a cabeça na forca, e os quartos pelas portas da Cidade. Aos 15 do mesmo mez foram enforcados, e esquartejados os seus dous companheiros; o mais velho, que fazia officio de Veador mayor, seria de 40 annos; o outro, que servia de pagem privado, de vinte annos. Na Ericeira foram enforcados 20 homens, companheiros do falso Rey; muitos foram lançados a galés, e hum Pedro Afonso, que fazia officio de Secretario, fugio no tempo da prizaõ dos mais; mas pouco depois foy prezo, e morreo em Lisboa, cortadas as mãos, enforcado, e esquartejado, e outro seu companheiro, não se querendo entregar á prizaõ, foy morto á espingarda. Em Castella alguns annos depois hum pasteleiro de Madrigal, chamado Gabriel de Espinosa, se fingio ser ElRey Dom Sebastião; mas brevemente se desvaneeo esta ficção com morte, e damno não só de quem a fez, mas de quem a causou. Pouco depois em Veneza hum Marco Tullio Calabres de nação, natural da Villa de Taverna, e casado em Missina com Paula de Tiento, se fingio ElRey D. Sebastião de Portugal, e escreveo muitas cartas a Lisboa a algumas pessoas Portuguezas, que lhe enviaram grande quantidade de dinheiro, imaginando faziaõ com elle serviço ao seu Rey; porem fazendo jornada de Veneza para França, foy prezo em Florença, e por ordem do Graõ Duque mandado a Napoles, onde o Vice-Rey o mandou lançar nas galés, e depois veyo prezo a Castella, onde morreo servindo nas galés. Todos estes trabalhos sentia o mi-

o miseravel Reyno, porque não só padecia a desgraça de se ver sujeito a Rey estranho, mas tambem a ignorancia dos fingimentos, que se levantaraõ de Rey proprio.

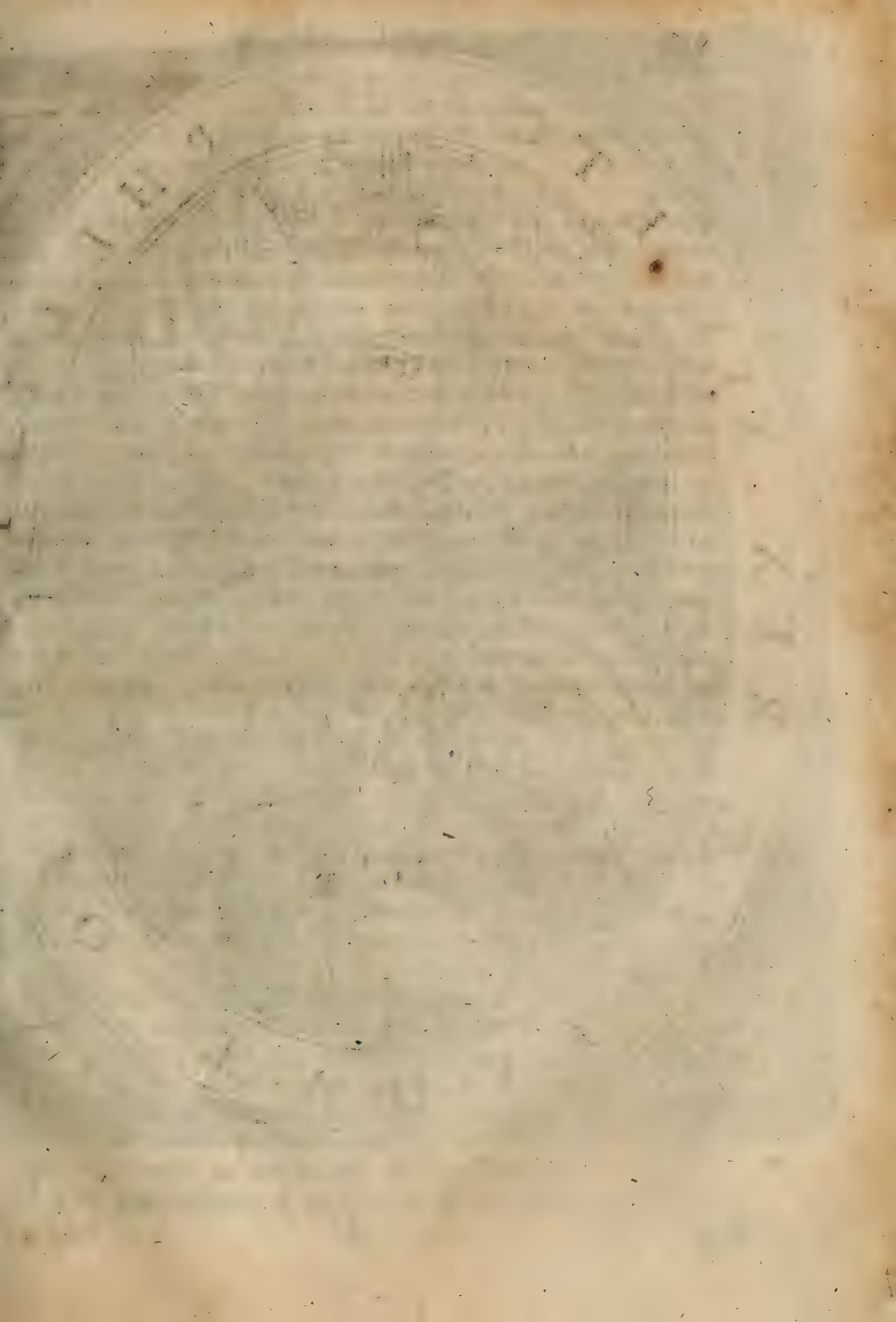
No anno de 1588 sahio huma armada de Lisboa contra Inglaterra, e por General della Dom Affonso Peres de Gusmão o bom; constava a armada de 130 navios de guerra com 20U Soldados, a flor da milicia Hespanhola; mas de tanta flor não se chegou a colher mais fruto, que a ruina da armada, e discredito da reputação de nossas armas, em que se não achavaõ naquelle tempo os generosos alentos, com que no de seus Reys naturaes se fizeraõ respeitar de todo o mundo; porque partindo a armada no mez de Junho, com alguns temporaes chegou á Corunha dest'oçada, donde não pode sair, senão em Setembro, e chegando a Flandes com a armada de Inglaterra já pelas costas, que lhe tirava continuamente artelharia; e com os muitos baixos daquellas partes se via a armada em grande aperto, e alguns navios foraõ tomados dos Inglezes, e os outros constangidos de huma furiosa tormenta foraõ rodeando toda Inglaterra pela parte do Norte por cima das Ilhas Orcades em altura de 60 grãos pelo Setenptriaõ; e com tão larga navegação, e tormenta naufragaraõ muitos navios; e com o grande frio, e falta de mantimentos pereceo muita gente, de sorte, que de tão grossa armada muito poucas naos, e muito poucos homens escaparaõ para poderem relatar successo tão lastimoso.

No tempo deste Rey se descubriraõ os Batuecos, gente occulta no coração de Hespanha, que habitava nas asperezas dos montes mais escondidos desde o tempo del Rey Dom Rodrigo ultimo dos Godos, que perdeu a Hespanha, de que se não dá aqui mais dilatada noticia, por ser cousa sabida, e a não permittir a brevidade deste compendio. No tempo deste Rey se fizeraõ algumas cousas dignas de memoria. Ordenou-se na Cidade do Porto o Tribunal da Relação para mayor expedição das cousas de todo o Reyno; porque sentiaõ grande molestia os moradores das provincias de Entre Douro, e Minho, Tras os Montes, e Beira, em vir a Lisboa seguir as appellaçoens, e agravos de suas cousas com grandes gallos, e discom-



dos pela grande distancia das terras, em que viviaõ. Mandou este Rey augmentar a fortaleza, e torre de S. Gias na barra de Lisboa, a de S. Philippe em Setuval, e a da Ilha Terceira, e outros mais edificios sumptuosos mandou fazer de utilidade, e ornamento do Reyno, entre os quaes foy o forte do terreiro do Paço, cujo alicerce se começou a abrir aos 15 de Março de 1584, com muitas festas, e danças da Cidade, e em breve tempo depois se vio consumado taõ vistoso edificio.

Foy Philippe II de Castella o primeiro de Portugal filho do Imperador Carlos V e da Imperatriz Dona Isabel filha del Rey D. Manoel de Portugal; nasceu em Valholid junto á Villa de Santo Quintino dia do Martyr São Lourenço 10 de Agosto de 1557. Venceo aquella grande batalha contra os Francezes, na qual se achou pessoalmente; de cuja vitoria resultou edificar o grande Convento do Escorial em rendimento de graças, fabrica taõ magestosa, que foy admiração de todo o mundo, em que dispendeo mais de 25 Milhoens. Morreo no mesmo Convento, sendo de idade de 71 annos aos 17 do mez de Setembro do anno de 1598, e com 71 annos de idade, 18 de Rey de Portugal, e 43 de Rey de Hespanha; no dito Convento jaz sepultado.







## CAPITULO II.

*Del Rey D. Filippe III. de Castilla, e II. de Portugal, e das cousas no seu tempo succedidas.*

**P**Or morte de Filippe II. de Castilla lhe succedeo no Reyno seu filho Filippe III. e II. de Portugal chamado o Pio, ou o bom, por suas muitas virtudes. Foy jurado Principe em Portugal no anno de 1583 em Castilla, e Leão no de 1584 em Aragoão, Cathalunna; e Valença no de 1585, e em Navarra no de 1586. Foy o primeiro Principe jurado em toda Hespanha, e dignamente applaudido do dilatado Imperio, que governava; porque era nelle igual a Religião de seus costumes ao supremo poder da Coroa, que regia. Costumava dizer, que não sabia como podia acabar consigo hum Christão a se deitar na cama, e se entregar ao somno em peccado mortal. Casou no anno de 1599 com sua prima II. a Senhora Dona Margarita de Austria, filha dos Archiduques Carlos, e Maria. No anno de 1609 unio á sua Coroa a Cidade, e forralezas de Larache por concerto, que fez com Muley Xeque, de que foraõ causa as vitorias, que naquelle tempo alcançaraõ dos Mouros os Portuguezes. No anno de 1610 attendendo sómente ao serviço de Deos, e á pureza da Religião Catholica, lançou fóra de seus Reynos todos os Mouriscos, que viviaõ nelles, que seria em o numero nove centos mil, permittindo-lhes, que levassem seus bens moveis, e os de raiz ficassem ao Senhores, em cujos lugares viviaõ em Catalunha, Valença, e Aragoão, e os das mais partes se applicassem ao Fisco. No anno de 1602 recobrou as Ilhas Malucas, e adquirio o Marquezado do Final; no de 1614 ganhou a Mamora; no de 1619 descobrio o Estreito de S. Vicente, e no mesmo anno fez entrada em Lisboa em dia de São Pedro com seu filho herdeiro, que lhe succedeo no Reyno a 24 de Mayo de 1614, em Sabbado foy espantoso o terremoto, que houve na Ilha Terceira com ruina de muitos edificios, e morte de muitas pessoas; na Villa da Praya foy mayor o damno, onde se arruinaraõ muitos Mosteiros, Igrejas, e calas particulares; e na Cidade de Angra onze Igrejas



de Sacramento, e 12 Ermidas, fóra muitos outros edificios, que cahiraõ por terra.

Em seu tempo tambem se descobrio o occulto, e notavel nascimenco do rio Nilo em doze grãos da linha Equinocial da parte do Norte na Abbassia por diligencia, e observação dos Padres da Companhia de JESUS, cousa, de que não havia até os nossos tempos noticia certa, e que errava toda a Cosmografia, que tratava do nascimenco deste grande rio; porém depois que o Patriarca de Ethyopia D. Affonso Mendes, e outros Padres Doutos, que naquellas partes assistiraõ, fizeraõ observação, se soube a certeza; de que fizeraõ a este Reyno relações fidedignas, dando noticias do nascimento do rio Nilo, de suas Catadupas, e da grande lagoa Dambea, e de outras muitas cousas notaveis; dos Abessins, de que já tem sahido livros com mais dilatado estylo, do que a este compendio se permite. No governo deste Principe na India alcançou o grande André Furtado de Mendonça as illustres victorias, que o Mundo reconhece, sustentando o apertado cerco, que Holandezes, e Gentios lhe puzeraõ em Malacca, de que sahio vencedor, e destruindo as armadas dos inimigos do Estado da India; e rendendo muitas naos de Meca. Rendeo a inexpugnavel fortaleza de Cunhale á força d'armas, e industria, e ao mesmo Cunhale trouxe prezo no banco de sua galé a Goa, donde foy degolado na praça della. Sujeitou o Reyno de Jafanapataõ, que estava rebelde, degolando o Rey, e pondo outro á sua obediencia; em Goa lhe prepararaõ triumpho, e a inveja lho não deixou lograr.

Nasceo este nosso Rey em Madrid a 14 de Abril do anno de 1578; foy filho de Philippe o Prudente, e de sua quarta mulher, e sobrinha Dona Anna de Austria, reynou 21 annos, falleceo em Madrid a 13 de Março de 1621 tendo 43 annos de idade, e 32 de reynado. Governou, e conservou sua Monarquia em paz, foy sepultado no Convento de S. Lourenço do Escorial.







## CAPITULO II.

*Del Rey D. Philippe IV. de Castella, e III. de Portugal.*

**S**uccedeo a Philippe o Pio seu filho Philippe IV; em cujo tempo sentio a Coroa de Portugal grandes calamidades, assim de perdas, que teve nas conquistas, como de vexações, que padeceo no Reyno, causadas da desafeição, com que os ministros Chastelhanos tratavaõ as cousas dos Portuguezes. Na Asia, e America perdeu este Reyno as mais importantes praças, que haviaõ sido ganhadas ao infieis com o sangue dos Portuguezes, dando novos filhos á Igreja, e nova gloria a sua nação; e lamentava Portugal perdido aquelle lustre, que por tantas façanhas adquirira, fazendo seu nome venerado com assombros pelos mais remotos climas; mas sempre conservou radicados no nativo valor aquelles ardentes brios, que o fez por todo o mundo glorioso. Em 24 de Junho de 1622 intentáraõ os Holandezes com huma armada de 17 embarcações de alto bordo ganhar a Cidade de Macão, praça aberta, e não fortificada, que temos na China; para o que lançáraõ oito centos mosqueteiros em terra; e com menos de duzentos homens Portuguezes forraõ rebatidos, com morte de quatro centos Soldados Holandezes.

Sahio de Holanda a 21 de Dezembro de 1623 huma armada de trinta e quatro embarcações, com tres mil homens de mar, e guerra, chegáraõ á Bahia de S. Salvador com vento prospero, e com prosperidade de successo senhorearaõ a Cidade, que sentio o castigo de seu descuido, vendose na sujeição dos inimigos, antes que pudessem fazer preparação para defensão. Deixaraõ suas casas os moradores entregues a seus contrarios, e retirados se achavaõ embarcados os naturaes daquelle Cidade com o cuidado de darem cabeça á gente daquelle estado em lugar do Governador Diogo de Mendonça Furtado, que havia sido cativo: abriraõ as vias, e nellas acharaõ por Governadores Mathias de Albuquerque, que o era de Pernambuco. Tratáraõ de pôr em aperto os Holandezes com

contjs



continua, e instante guerra, que lhe faziaõ, para que prezos na Cidade se não extendessem por fóra, fizeraõ a El Rey aviso, em que referiaõ o estado, a que os reduzi-  
ra sua desgraça, pedindo soccorro, e dando a entender que era mayor seu valor para recuperar a Cidade, do que o fora o seu descuido para perdela. Sentio muito o Rey tão grande perda, mandou fazer a Deos muitas oraçoens em toda Hespanha; tratando em primeiro lugar da reformação das vidas de seus vassallos, e de aplacará Deos para o ter procipio a seus intentos, ordenou logo soccorros para o Brasil. Os Fidalgos, Prelados, e outras mais pessoas, ajularam voluntariamente com grande somma de dinheiro, e assim tambem, por sua propria vontade foraõ servir nesta occasiaõ muitos Titulos, e senhores morgidos casados, e solteiros de Portugal, de que El Rey fez singular estimação agradecendo a todos tão honrada açãõ com cartas particulares, em que lhes fazia grande honra. Deu pressa ás armadas de Portugal, e Castella, ordenando lugares, e tempos, onde se podiaõ ajuntar, pelo que convinha não irem os poderes divididos. Partio primeiro a armada de Portugal a vinte e dous de Novembro de 1624; constava de vinte e seis navios com quatro mil homens de mar, e guerra, General Dom Manoel de Menezes: esperou a de Castella no Cabo Verde, donde partiraõ ambas para a Bahia em 11 de Fevereiro de 1625; a de Castella constava de mais navios com oito mil homens de mar, e guerra, era General desta empreza, e da armada de Castella Dom Fradique de Toledo. Neste tempo houve na Bahia diversos successos por mar, e terra, e entre Portuguezes, e Holandezes, fortunas varias, atè que em Abril chegaraõ as armadas áquella Cidade, que os Holandezes tinhaõ bem guarnecida com muitos artificios, e petrechos de guerra, e noventa e duas peças de artilharia. Ordenaraõ-se varios sitios para bater a Cidade, mostrando em todos sempre os Portuguezes grande valor, e o animo, que os levava á recuperaçãõ daquella praça, e nos combates morreo de huma bala de artilharia o morgado de Oliveira Martim Affonso de Oliveira e Miranda, que foy a pessoa de mayor consideraçãõ, que na jornada faltou, e de que o

Rey mostrou grande sentimento. Ao primeiro de Mayo se rendeo a Cidade com tudo, quanto nella tinhaõ os Holandezes assim, e da maneira, que o quiz o General Dom Pradique de Toledo, e foy em tal fórma, que não havia mais que desejar. Tudo, o que se achou na Cidade, se tomou ao Holandez, em que entraraõ duzentas e desanove peças de artilharia, e duzentos navios. Pela restauração da Bahia mandou ElRey dar em Madrid puplicas graças a Deos, e o mesmo se fez tambem em Lisboa por tão gloriosa victoria, a que se seguiu logo outra de não menor credito para os Portuguezes; porque navegando de Holanda huma armada de vinte oite navios, para soccorrer a Bahia, mas já tarde, porque naquelle tempo estava restaurada, e occupada dos Portuguezes, por que-terem os Holandezes fazer alguma facção, foraõ demandar as Capitanias do Norte, Pernambuco, e Paraíba; mas acudindo a tudo com cuidado, e valor o Governador Mathias de Albuquerque, se retiraraõ, sem obrarem cousa alguma. As nossas armadas tornaraõ a navegar para Hespanha, por se chegar o tempo; e por o Holandez andar sempre fuguindo, o não lançaraõ fóa da costa de Pernambuco, nem puderaõ alli estar mais tempo por causa das tormentas, que nem deraõ lugar, a que os navios viessem na conserva, em que foraõ; antes apartando-se muitos de huma, e outra armada, sem a derrota de seus Generaes, tiveraõ varios calos da fortuna, guerra, e tormenta; e finalmente chegaraõ a varios portos de Hespanha, e a Capitania da armada de Portugal chegou a Lisboa em 14 de Outubro do mesmo anno, havendo dez mezes, e vinte dous dias, que tinhaõ sahido da mesma barra. E por alguns annos depois cessou no Brasil a guerra, nem ouve naquellas partes successo memoravel.

No anno de 1630 comecaõ os Holandezes a hirtomando terras em Pernambuco; o que conseguiraõ com grande felicidade sua, e lamentavel perda dos Portuguezes, por espaço de dez annos, ou pouco menos: ao principio governava Pernambuco Mathias de Albuquerque, e a guerra foy governada pelo Conde de Bonhuelo com titulo de Mestre de Campo General, e



como a industria dos Holandezes era grande, e para a conquista do Brasil se havia levantado novamente em Holanda huma grossa companhia com muito importantes cabedaes, puderão mandar áquelles estados repetidas vezes grossas armadas, e finalmente humade cincuenta navios, de que era General Theodoro Vandemburgo, com que lograraõ o bom successo de tomar a Pernambuco, que se lhe rendeo por falta de Soldados, e petrechos necessarios. Sabida esta perda em Hespanha, se poz cuidado no soccorro para a recuperação de Pernambuco: e aos 15 de Mayo de 1631 partio de Lisboa huma armada de dezaete navios de Portugal, e Castella, com dous tercos de Infantaria, hum de Castelhanos, outro de Portuguezes, de mil homens cada hum dos Portuguezes era Mestre de Campo General Dom Alvaro de Mello, da Ordem de São João, e os Capitaens de Infantaria eraõ todos Fidalgos Portuguezes. Do terço Castelhanao era Mestre de Campo o Bocca negra, e General desta gente era o Conde de Bonhuelo, e da armada toda Dom Antonio Oquendo, Almirante Real da armada de Castella. Antes de sahir esta armada, já se havia acudido a Pernambuco com soccorro de Soldados Portuguezes, e Castelhanos, que foraõ em Caravellas com quantidade de armas, muniçoens, e outras cousas necessarias para a guerra. Chegaraõ os navios á Cidade da Bahia de todos os Santos, onde tiveraõ noticias, que naquella costa andavaõ os Holandezes com quarenta naos de guerra, esperando os Hespanhoes para pelejar com elles, e como a Cidade da Bahia por entaõ corria risco, por se achar com pouca força, e com muita visinhança dos inimigos, que corriaõ livres aquelles mares, foy necessario guarnecella com alguns Soldados Portuguezes, e Italianos, e o resto da gente se embarcou para Pernambuco: e em breve tomáraõ porto em Poivea, duas legoas do cabo de Santo Agostinho, e dalli deraõ á vela, navegando na volta de Sueste, por ser o vento Norte, até altura de 17 graos, e meyo do Sul, hindo juntas todas as embarcaçoens, que já eraõ entaõ mais das que sahirão de Lisboa, porque se uniraõ algumas mercantis, que chegaraõ a fazer mayor numero. Na Madrugada de

doze

doze de Setembro a dez dias de viagem se descobrirão muitas velas a barlavento por baixo dos rayos do Sol ; que em breve tempo se puzeraõ junto á nossa armada, e se conhecerão ser dezafete naos de guerra Holandezas, em numero igual ás nossas, que podiaõ pelear. Puzeraõ se logo em ordem de batalha, vindo os Holandezes para os Hespanhoes vento em pópa ; e nesta fó ma se investiraõ as Capitánias, e Almirantas, e as mais naos humas com outras, como se acertou, commettendo-se todas entre si com furioso impeto, tirando primeiro a Capitania Holandesa, e atracandose logo com a Hespanhola ; mas de sorte foy esta recebida, que lhe foy bem necessario ser soccorrida de huma nao Holandesa, pela ver estar em perigo. Travou-se a peleja cruamente ; e os Holandezes de cima das gáveas lançavaõ muitos tiros nos convezes, com que matareaõ muitos Hespanhoes; desaferraraõ-se as Capitánias, largando os arpéos, por se sentir arder a Holandesa, e se acanhoaraõ, e mosquetearaõ rijamente. Com igual furor pelejavaõ no mesmo tempo as duas Almirantas ; a nossa foy investida de duas naos Holandezas, estando já muito destrocada, e tendo morta a mais da gente, e assim se foy ao fundo. Durou a batalha oito horas ; de huma, e outra parte foraõ muitos os mortos ; e houve perda grande de naos ; porque humas se queimáraõ, outras se foraõ a pique, e as que se não perderaõ, ficáraõ tão destrocadas, que se não viaõ nellas mais, que ruínas do que foraõ. João Adriaõ Patri, General da Armada Holandesa, vendo os destroços de seus navios, e que a sua Capitania se queimava, com desesperaçãõ se deitou ao mar vestido, e armado com a espada, e adaga ; sepultando nas ondas com tão precipitada acção a fama de seu valor, que em muitas occasioens militares tinha adquirido. Chegou-se a noite, e toda ella passaraõ os nossos vigiando com as armas nas mãos até pela manhã, na qual se repararaõ o melhor, que puderaõ ; fugio o Holandez bem destrocado, e os nossos seguindo-o chegaraõ a Pernambuco ; onde ficou o Conde de Borhuelo com algum soccorro ; e a armada voltou para Hespanha com D. Antonio de Oquendo.

Com esta armada de Dom Antonio Oquendo não



foy de proveito a Pernambuco, tratou de se mandar outra para o recuperar; esta sahio de Lisboa em 7 de Setembro de 1635. Constava de trinta navios de guerra; huns de Portugal, outros de Castella; dos de Castella era General Dom Lope de Olés, e Cordova; Almirante Dom Joseph de Menezes; e dos de Portugal era General Dom Rodrigo Lobo, e Almirante João de Sequeira Varella. Nesta armada hia Dom Luiz de Rojas e Borja, para succeder a Mathias de Albuquerque no governo de Pernambuco; e Pedro da Sylva para succeder a Diogo Luiz de Oliveira no governo de Capitão General do Brasil na Bahia. Esta armada se deteve em Cabo verde 15 dias, onde os Generaes fizeraõ conselho para determinarem, onde primeiro hiriaõ, se á Bahia, ou logo a Pernambuco: resolveose, que fossem logo tomar vista do Recife, que está em oito grãos da Equinocial ao Sul, e oito leguas do Cabo de Santo Agostinho ao Norte. Com esta resolução deraõ á vela em vinte seis de Novembro, e vieraõ a amanhecer á Villa de Olinda, situada em hum monte, huma legoa abaixo do porto do Recife; e outra delle ao mar estavaõ furtas nove naos Holandezas com assucar, e outras fazendas, sem cuidado, nem gente, mais que cinco homens em cada huma, e os mais estavaõ no Recife sem imaginarem, que tinhaõ taõ perto de si armada inimiga. Deixaraõ os da nossa armada de tomar estas nove navos, por lhes parecer erradamente, que não podiaõ chegar a ellas os nossos navios. E não só se perdeu esta taõ boa occasiaõ, mas tambem outra, e a melhor, que a fortuna nos podia offerecer, e nós desejar; porque se a nossa armada se detivera com a preza destas naos, ou dera fundo por duas horas sómente, (que sempre a armada andou á vela) havia tempo para que os moradores, que estavaõ prevenidos, pudessem avilar aos nossos Generaes do estado das cousas de Pernambuco; e de como o General Holandez Sigismundo estava no Recife com 200 homens sómente, e sem prevençaõ, com que pudessem resistir ao poder da nossa armada; com cuja vista se desanimou tanto o Sigismundo, que lançou o chapeo, e bastaõ no chaõ, dizendo, que era perdido; e os seus officiaes, e Soldados foraõ dar joyas, e algumas cousas de preço

aos moradores Portuguezes, que lhas guardassem para lhes darem metade depois, porque se consideravao já conquistados. Fizerao logo aviso os moradores da terra á nossa armada de tudo, o que passava no Recife; mas como ella não deu fundo, e o tempo era de Nordeste, com que as aguas alli correm ao Sul, foraõ descachindo de modo, que não puderaõ tomar nenhuma dasjangadas, que levavaõ os avisos da terra, e assim foraõ por diante para a Bahia, sem obrarem cousa alguma em Pernambuco, onde o Sigismundo fez aviso á Holanda, pedindo soccorros, que lhe vieraõ com brevidade; e com elles o Conde de Nassao Joaõ Mauricio.

Com estes soccorros, que de Holanda chegaraõ ao Recife, ficaraõ taõ ufanos os Holandezes, que quizerãõ não perder a fortuna, que favorecia a ousadia de suas armas; assim a oito de Julho de 1637 sahirãõ do Recife dez naos, e dous pataxos, dos quaes era Cabo Joaõ Lonio, e em 25 do mesmo mez se puzeraõ sobre a nossa fortaleza de São Jorge da Mina de Guiné, que está em altura de quatro grãos, e meyo da Equinocial da parte do Norte. Estava a terra taõ mal provida de gente, e de tudo o mais, que era necessario á defenſa, que facilmente foy entrada, e occupada dos Holandezes em 29 de Agosto do mesmo anno, que havendo sido sua fundação gloria de Portugal, e empreza particular del Rey D. Joaõ o II, que a fundou com prodigioso zelo, fazia della singular estimação.

E como o poder de nossas armas estava taõ debilitado nos Estados do Brasil, e o dos Holandezes taõ augmentado, vendo elles, que os successos de suas emprezas respondiaõ prosperamente a seus intentos, se animou o Conde de Nassao a hir pôr sitio á Cidade de São Salvador da Bahia com muita gente, e navios, em Abril do anno de 1638. Na Bahia se achava governando neste tempo Pedro da Sylva, e á mesma Cidade tinha chegado, havia pouco tempo, o Conde de Bonhuelo, a quem se entregou o governo das armas, e defenſa da Cidade. Puzeraõ os Holandezes apertadissimo sitio, que continuaraõ com repetidas avançadas por espaço de quarenta dias, nos quaes a defenderãõ valerosamente os nossos, rechaçando sem-



pre os inimigos com grande damno, e no fim de quarenta dias se foraõ os Holandezes com mais de dous mil homens mortos, e ás pessoas, que mais se finalaraõ na defenla da Cidade, fez ElRey mercês de muitos bons despachos.

Dava cuidado ao Reyno todo o lastimoso estado, em que se via o Brasil com a guerra dos Holandezes, que senhores do Recife seguiaõ a fortuna, que se lhes mostrava propicia, e para acudir ao remedio dos danos, que padecia aquelle Estado, partio de Lisboa em os oito de Setembro de 1638 hum armada de sete galeoens da Coroa de Portugal, de que era General Francisco de Mello de Castro, e Almirante Cosme de Couto Barbosa. Foraõ esperar nas Ilhas de Cabo Verde pela armada de Castella, e na espera se detiveraõ mais de quarenta dias, nos quaes morreo o General, e mais de dous mil homens de hum pestilencial infirmitade. Chegou a armada de Castella, que constava de onze galeoens, de que era General Dom João da Veiga Balsaõ, e Almirante Francisco Dias Pimenta, e por Generalissimo destas duas armadas foy Dom Fernando Mascarenhas, Conde da Torre, muito grande Soldado, assim no valor, como na sciencia militar. Das Ilhas de Cabo Verde partirãõ ambas as armadas para o Brasil; avistaraõ Pernambuco; mas chegaram em tal estado, que o naõ puderãõ restaurar, nem ainda soccorrer; e por esta causa se foraõ para a Bahia, onde estiverãõ perto de hum anno, e depois sahindo à vista de Pernambuco em Janeiro de 1640 junto de Itamaracá, cinco leguas do Recife, encontraraõ hum armada de Holandezes, que constava de trinta e quatro naos de guerra, com que pelejaraõ quatro dias continuos, metendolhe a pique algumas naos. No fim dos quatro dias por causa dos ventos, e correntes das aguas, foraõ as nossas naos para as Indias de Castella, e outras varias partes: por que vendo o Conde da Torre, e como a fortuna nos negara a boa sorte, que esperavamos, e elle entãõ com taõ boa diligencia procurava, se sahio de nossa armada à vista de Pernambuco, e se meteo em hum caravela, em que voltou para a Bahia. Por muito tempo, que se seguiu, estiverãõ os Holandezes de posse do Recife, de-

No cargo  
de General  
desta arma-  
da succe-  
deo D. Pe-  
dro Lobo  
da Sylveira

pois já da felice acclamação do senhor Rey D. João o IV. No de 1647 partio de Lisboa hum armáda de dez navios de guerra com pouco mais de tres mil infantes, de que era General Antonio Telles da Sylva, Conde de Villa Pouca, e Almirante o Mestre de Campo General Luiz da Sylva Telles, e Mestre de Campo Dom Fernando Telles de Faro, e Dom Luiz de Almeida. Foy esta armáda ao Brasil a soccorrer a Cidade da Bahia, e tirar ao Holandez do sitio, em que estava posto, e fortificado muito perto da Cidade, onde chamaõ Taparica. E tanto que os Holandezes souberaõ, que havia partido a armáda a este effeito, antes que ella chegasse, largaraõ o porto de Taparica, e se recolheraõ no Recife.

Foy Filippe IV Monarca dotado de excellentes prendas, muito pio, e benigno, e grande Christaõ: parece, que quiz Deos provar a grandeza de seu animo com a adversidade da fortuna, que sempre sentio com grandes perdas d'estados, e alvoroços dos povos; e deixando as perdas, que teve em outros Reynos, nas Conquistas de Portugal foraõ muitas, e grandes; e ainda que nem todas succederaõ no seu tempo, com tudo nelle tiveraõ a causa para succederem depois, sem se lhe poder evitar o damno nascido da desattenção, e desaffeição, com que os Ministros de Castella tratavaõ as cousas de Portugal: donde nasceo, que nos tomaraõ os Persas na India a Cidade de Ormuz, ajudados dos Inglezes, no anno de 1621. Os Holandezes nos tomaraõ a Cidade de Malaca no anno de 1641. As terras de Mangalor, Barcalor, Onor, e Camboli tomaraõ os Canarás no anno de 1653. Em Ceilaõ tomaraõ os Holandezes ajudados dos Xingalás o Reyno de Jafanapataõ, e as Cidades de Columbo, e Negumbo, e as terras, e Fortalezas de Gale, Triclimalé, Batecalo, e Manar. Tomaraõ mais os Holandezes na costa do Mula-bar, que vay de Norte ao Sul até o cabo do Comorim, e da outra parte no golfo de Bengala, as terras e Cidades de Cochim, Meliapor, Coulaõ, Negapataõ, Cranganor, Cananor, e Titucorim. E da parte do Norte nos tomaraõ na Arabia os Arabes a Cidade de Mascate no anno de 1649.

Mas, como este breve Epitome he sómente do Reyno de



de Portugal, no tempo que o governaraõ, e neste se restituiu o noſſo Reyno á ſua liberdade com a felice acclamação del Rey D. Joaõ o IV, não parece conveniente aqui dizer os mais ſucceſſos, que ſe referiráõ nos Capitulos ſeguintes. Eſte Rey Filippe nasceo em Valhadolid em huma ſexta feira da ſemana ſanta a 8 de Abril de 1619; poſſuiu o ſenhorio de Portugal até o ultimo de Novembro de 1640. Faleceo na ſua Corte de Madrid em 17 de Setembro de 1665; jaz ſepultado em S. Lourenço do Eſcurial.

#### C A P I T U L O IV.

*Reſerem ſe varios ſucceſſos, que neste tempo houve em Heſpanha, e outras partes do mundo.*

**N**O anno de 1640 exacerbados os Catalaens das violencias, que recebiaõ dos Soldados Caſtelhanos, que excedendo a liberdade militar pareciaõ mais que Soldados inimigos; e contra elles como taes ſe armaraõ muitos dos ſegadores do campo, homens rulticos, e entrando armados em Barcelona em dia de Corpo de Deos, romperaõ as cadeyas, e ſoltaraõ todos os prezos, e com hum tumulto popular ſe commetteraõ muitos intultos, que em ſemilhantes occaſioens coſtumaõ ſucceder, até chegarem a matar o Vice-Rey D. Dalmao de Queralto Conde de Santa Coloma. A iſto ſe ſeguiaraõ as guerras, que aſſolaraõ aquelle Principado, das quaes opprimidos os Catalaens, pediraõ a protecção a El Rey de França Luiz XIII; o que elle lhes concedeo, e depois ſe lhe fizeraõ vaſſallos, e lhe juraraõ obediencia, paſſando o Rey de França de Protector a Senhor: ſeguiu ſe taõ cruel guerra em Catalunha, que toda ella foy hum lago de ſangue por tempo de doze annos, havendo em todos elles campanhas, ſitios de praças, e grandes batalhas, até que El Rey de Caſtella tornou a ſenhorear com força de armas aquelle Eſtado: com que ficaraõ pacificos os povos tornando á ſua antiga quietação; e os Caſtelhanos ficaraõ ſenhores de toda Catalunha, excepto o Condado de Roſſelhon, que ficou ao Francez.

No anno de 1647 a Cidade de Napoles; e todo o Reyno

Reyno se alvoroçou ao estrondo de huma alteração, que se rematou com guerra em todo aquelle Reyno, de que foy a causa a carga de tributos, que sentia aquelle povo. Deu principio ao motim, manifestando-se Author delle, hum homem vil por officio pescador, por nome Thomás Anhielo de Amalse, e por alcunha se chamava Mançanelo: acompanhado, e seguido da plebe mais baixa daquelle Cidade formou huma Republica Democratica, e repentinamente se fez Mançanelo senhor absoluto de tão grande Cidade, alistando, e armando ás suas ordens mais de 130U pessoas; durou-lhe porém o senhorio pouco mais de 8 dias; no fim dos quaes morreo como merecia; porque quatro homens apostados lhe tiraraõ quatro cravinaços com tão boa pontaria, que nenhum delles o errou, e lhe cortaraõ a cabeça, que na ponta de hum pique foy levada pela Cidade; e a puzeraõ em hum lugar publico, e seu corpo foy arrastado pelas ruas, e depois enterado em hum monturo, com que veyo a concluir sua tragedia. E ainda se foy extendendo o damno pelo Reyno com precipitada, e impetuosa corrente, que ameaçava estrago universal á Cidade, e Reyno; porém lhe acodio com valor, e cuidado Dom João de Austria com huma grande armada, com que reduzio á sujeição do Rey os animos rebeldes. A estes fez França offerecimentos de soccorros, e protecção, e a este intento veyo logo Henrique de Lorena Duque de Guisa, a quem a plebe Napolitana tomou por seu Duque, e Cabeça; pouco depois chegou á vista de Napoles soccorro de França com armada, contra o qual sahio a de Hespanha, e a obrigou a se retirar por entaõ. E antes que de França viessem mais soccorros, que servissem de embaraço; se resolveo Dom João de Austria a conquistar a Cidade á força de armas, e dar-lhe hum assalto geral; o que conseguiu felizmente. O Duque de Guisa se poz em retirada, e nella ficou prisioneiro, e seu palacio saqueado, e todo o Reyno reduzido á obediencia do Rey. E depois com a mesma felicidade socegou Dom João de Austria os motins de Palermo, com que poz em paz todos os povos daquelle Reyno.

Em Inglaterra houve neste tempo crueis guerras de



de que se seguirão successos lastimosos. Carlos Estuardo, Rey de Graõ Bretanha, teve dillençoens com seus vassallos sobre pontos de seus antigos direitos, e depois de varias queixas, e contendas, se oppuzeraõ á authoridade Real com mostras de rebeldia; com o que offendido o Rey se resolveo a obrigarllos á sujeição com força; e por mar, e terra fez todas as prevençoens, que lhe foy possível, e elles da mesma sorte se armaraõ para defenõa; para o que ajuntaraõ somma de dinheiro, e receberaõ soccorros de armas, e gente de França, e Holanda, a quem convinha, que houvessem revoltas, e turbaçoens naquella Reyno: e assim succedeo; porque padeceo grandes trabalhos, e varias fortunas da guerra entre o Rey, e seu Parlamento, banhando-se toda aquella terra de sangue por espaço de oito annos com quarenta e cinco batalhas, cuja relação não pode dar a brevidade deste Compendio. Foy a ultima em quatorze de Junho de mil e seiscentos e quarenta e cinco, em que o Rey ficou vencido em Hesbic, e desconfiado de fazer novas levas, por estar consumido o erario regio; pelo que tratou de ajustar treguas com os Escoccezes, que foraõ delles aceitas; e juradas de ambas as partes em Oxford: nesta fórma se retirou o Rey a Escocia, onde fiando-se do Governador da Ilha de Vite, e passando á fortaleza, foy prezo aleivosamente, e entregue nas mãos do Parlamento de Inglaterra, que o trouxe a Londres, onde passou dous annos em despezos, e miserias. Dominavaõ naquelle tempo em Londres duas facçoens de gente, huma de Presbiteranos, outra de Independentes; os primeiro compadecidos das miserias de seu Rey, trataraõ de o livrar, e Cromuel, cabeça dos Independentes, assistido de seu genro Ayorton, e do General Tairfax, escolhendo do numero do povo hum cento de pessoas, foraõ nomeados Juizes na causa do Rey, e trazendo-o cinco vezes á sua presença com guarda de soldadesca, pertenderaõ obrigalo a responder aos cargos, que se lhe faziaõ. O Rey allegandõ o haver nascido livre, e superior a seus subditos, nunca se quiz mostrar Reo, nem responder em juizo. Pelo que vendo-o resolutõ, e constante, lhe intimaraõ a sentença de morte; e a 10 de Fevereiro de 1649 se executou a sentença, cortando-lhe a cabeça em hum cadafalso

à vista de todo'o povo. Este foy o termo infeliz, e lastimoso, fim de Carlos Estuado, primeiro Rey de Escocia; Inglaterra, e Irlanda, e foy tão exorbitante este successo, que se não achará nas historias exemplo semelhante:

Contra Cunchin Imperador da China se levantaraõ no anno de 1640, dentro nella dous vassallos seus, traidores, hum se chamava Caõ, e outro Li, fizeraõ guerra, e tomaraõ terras, e Provincias a seu Principe; o que vendo o Tartaro, não quiz perder a boa occasião, que lhe offerecia a fortuna, e assim tratou de fazer prevençoens militares contra a China, na qual entrou no anno de 1644, com grande poder Xunchi Rey de Tartaria, sendo entãõ menino de onze annos de idade, muito alvo, e louro, acompanhado de tres Tios seus, homens de bom juizo, e grande valor; e foraõ conquistando a China de tal sorte, que quando chegou o anno de 1647 já toda a China estava sujeita à obediencia dos Tartaros. E assim se veyo a cumprir o agouro dos Chins tão celebre entre elles, que os havia conquistar hum alvo, e louro, que tivesse os olhos azuis. Ha noticias por cartas, que se escrevem daquellas partes, que recebeo o Tartaro o Embaixador de Portugal com demonstraçoens de grandes honras, e que dà grandes esperanças, de que se faça naquelle Reyno grande fruto na Fé Catholica.











## CAPITULO V.

*Da felice aclamação do Senhor Rey D. João IV, e das varias anu-  
tecedencias, porque os Portuguezes se deliberarão a ella.*

C Heyos estavaõ os Portuguezes das esperanças (remedio, com que sempre se anima o perdido) de restituirem seu Reyno á liberdade, que por tantos annos já lamentavaõ perdida: e vindo muito em favor destas esperanças no anno de 1638 á Cidade de Lisboa o Infante Dom Duarte de Alemanha, onde assistia havia tempos nos exercitos do Imperador, parecendo aos Fidalgos Portuguezes em semilhante occasião a vinda mysteriosa, os poucos, que alcançaraõ fallar-lhe (porque se occultou a visitas) lhe propuzeraõ de sorte as cousas de Portugal, que a benigna prudencia deste Principe lhes respondeo, que dispondo Deos as cousas conforme ao que mais fosse seu serviço, elle, donde quer que se achasse, lhes não faltaria, assistindo em pessoa; e porque era preciso o voltar-se, se partio para Alemanha.

Governava a Portugal a Princeza de Mantua por Philippe; tinha o proprio por carta sua avisado ao Duque de Bragança passasse a Lisboa a ver-se com a Princeza sobre importancias, que o mesmo Rey arbitrava muito suas; violentado da ordem deste aviso, chegou o Duque a Almada no anno de 1639, que nesta vinda do Duque nos trouxe faustas vespersas da suspirada idade de 40. Dous mezes esteve o Duque em Almada sem se lhe ajustar o dia de sua passagem a Lisboa, e sendo este espaço de tempo bastante, para os Grandes de Portugal se lhe darem a conhecer, e elle a elles, esteve o negocio da parte da Fidalguia tão proximo a concluir-se, que chegou Dom Antonio Mascarenhas a dizer ao Duque: Senhor para a occasião da passagem de V. Excellencia a Lisboa tem minha esperança alvoroçados os Fidalgos na confiança, que nos anima, fazendo vossa Excellencia, que este dia seja para todos muito nosso. Dissimulou o Duque com a resposta; chegou a hora da passagem; fez-se a visita com notavel sentimento dos que a viaõ tão



quieta; e voltando a Villa Viçosa, sem dar occasião ainda á suspeita de huma palavra a lmittir, o que a razão lhe propunha, e a instancia importunava: não bastou tudo isto, para que os Fidalgos delaniassem, antes faziao brio de proseguir com mais alento, quanto mais lhe offerecia difficuldades o perigo. Davao repetidos gritos varios presagios propicios a Portugal; era hum destes patente á vista de todos: que no tempo, que governasse huma Senhora estrangeira, se passaria a Coroa Lusitana á pessoa, a quem por legitima successão era devida: Clamavao, ainda que naturalmente mudas, aquellas notaveis pedras, que o mar lançou nas prayas de Almada, ao mesmo tempo, que na propria Villa o Duque a llistia; erao de cor maritima com a proporção de huma noz, que na superficie do ovado tinha de relevo, como de pedra marmore branca, humas letras, que diziao, *Duque*, na mesma fôrma, e algo, de que elle mesmo usava em suas firmas. Por tradição constantemête observada com particular cuidado era vulgar em Villa-Viçosa, que no Duque, que entrasse em huma horta, que na Tapada se chama dos Machados, se extinguiria a Casa de Bragança. Desta tradição tinha noticia o Duque D. João o II do nome entre os os Augustos daquella Real Casa, e ou por não ceder ao temor, ou por impulso mayor entrou naquella fatal horta. O que succedeo, sem que se diga, o está já vendo o mundo.

Porém sem dar mais credito a estas antecedentes contingencias, hia passando já a prodigiosa idade de 40, e apertava o Rey de Castella aos Grandes, e Fidalgos de Portugal com a jornada de Catalunha: dispunha o Ceo parece que por estes meyo, ainda que contrarios, a Restauração de Portugal; que para o seu poder todos saõ indifferentes. Esta ordem de serem chamados com instancia para as guerras de Catalunha os Titulares, e senhores Portuguezes, estimulou aquelles Varoens Grandes, eternamente memoraveis, cuja fama vivirá sempre na memoria de todos, a que occupassem suas armas em melhor cousa, tratando de restituir á sua Patria a liberdade, e glorias antigas, que na sujeição de Castella choravao sepultadas. E conferindo por muitas vezes negocio tão arduo em juntas, que faziao, a que a casa de

Jorge de Mello, irmão do Monteiro mór, no sítio de Xabregas era acertado confistorio: por seguras intelligencias folicitarão ao Marquez de Ferreira, que de Evora, onde residia, como tão chegado em sangue á Casa de Bragança, nizelle instancia em persuadir ao Duque a deliberação, com que os Fidalgos esperavaõ quizesse admittir suas propostas. E no mesmo tempo se ordenou, que Pero de Mendonça, senhor de Mourão, com cautela fosse a Villa Viçosa: e não o sortindo estas diligencias, passou a Villa Viçosa o Doutor João Pinto Ribeiro, confidente criado do Duque, e que por Agente seu residia em Lisboa. Propoz elle de sorte as razoes, que faziaõ ao intento, que foraõ poderosas a inclinar a vontade do Duque ao fim, que desejavaõ. Com a nova desta resolução, voltou logo o Doutor João Pinto Ribeiro, trazendo carta de crença, em que o Duque dizia aos Fidalgos, de que se compunha aquella junta: que o dito João Pinto lhe propuzera o que elles para liberdade da Patria, e para restituir em Portugal a Coroa, havia tantos annos usurpada, intentavaõ; e que consideradas as razoes, para se conseguir empreza de tanta importancia, offerecia seu favor, e admittia a proposta, e por aquella carta dava poder ao menageiro, para em seu nome ordenar, e dispor tudo, como melhor, e mais seguro parecesse. Foy grande o alvoroço, com que esta resolução foy de todos recebida, e o applauso, com que foy celebrada; e a 24. de Novembro em casa do Doutor João Pinto Ribeiro no Paço do Duque, para onde as juntas se tinham transferido, se concluiu, por obviar a perigos de tardança, que o dia da prodigiosa acclamação fosse o seguinte Sabbado, primeiro dia de Dezembro de 1640, e que tivesse principio pela morte de Miguel de Vasconcelos, Secretario de Estado por Philippe de Castella.

Resoluto por fim, que o fim de sua vida fosse principio de nossa liberdade, e que com ella acabassem os infortunios de Portugal, se procuráraõ as seguranças que se pediaõ para o bom successo no sequito do Povo; porque em semelhantes occasioens he tambem a sombra do Povo de boa sombra para os Grandes. Por pessoas capazes, prudentes, e de muita experiencia, se



deu parte de tudo, o que estava disposto, ao Juiz do Povo, Mestres, e aos Vintequatro, e outros mais officiaes, que se julgáram capazes de se lhes confiar o importante de tanta empreza; porém como o máo successo das inquietações de Evora estava tanto á vista, no receyo de todos ouve duvidas, retardando o desejo grande, que todos tinhaõ de ver executada tão gloriosa acção, o temor do perigo de algum successo infausito; mas vencendo em breve o amor da Patria o temor do perigo, assentáram; que o Povo estaria firme em seguir os Fidalgos, se elles se empenhassem de sorte, que de nenhum modo se pudessem retroceder na acção. Resolveuse na junta; que o aviso, que se havia mandar ao Duque do dia, e hora destinado á sua feliz acclamação, fosse tão ajustado como o tempo; que não ficasse lugar de interromperse o effeito por alguma nova ordem. E com a mayor diligencia possivel por diversas vias se despacharam logo nove proprios, em que ElRey nosso Senhor ordenava a seu irmão o Senhor Infante Dom Duarte, que logo deixando as terras do Imperador se viesse a Portugal; mas pode mais a desgraca, que a diligencia, para que não chegasse a tempo nenhum aviso. E sendo que por diversas o teve a Senhora Rainha de Suecia, não pode darlhe o effeito, que desejava, porque ao querer intentalo lhe constou, como levavaõ prezo ao Infante para o Castello de Milão, com expressa ordem, que humasombra só, que parecesse, ainda em suspeita, que vinha a libertalo, fosse precisa causa de lhe tirarem a vida com duas balas.

No dia de 30 de Novembro antecedente ao da felice acclamação, todos os Fidalgos da junta, por cuja conta corria o pezo de tão grande obra, recorreram a implorar o favor do Ceo confessandose, e recebendo na Igreja communhão, abrigo, que sempre a piedade Portuguesa nella busca contra os mayores perigos; mandaram dizer muitas missas, e solicitaram o soccorro de varios Religiosos de exemplar, e conhecida virtude, para que em penitentes supplicas alcançassem do Ceo o bom successo daquella acção, que sem lha declararem, lhe encaeciaõ. Na tarde precedente áquella memoravel manhã do seguinte Sabbado foy o Juiz do povo a certificar aos

Fidalgos

Fidalgos o deliberado alvoroço, com que o povo se achava resolutos aos seguir na sua acção proxima futura, até dar a vida a todo o risco: com aquella nova ficou tão alentada a confiança de todos, que já se promettia infalível o bom successo.

Amanheceo por fim aquelle tão fatal, como suspirado Sabbado, o primeiro dia de Dezembro de 1640, e além de outras prodigiosas circumstancias, que nelle concorrerao, e davao indicios de venturas no patrocínio Celeste, foy huma bem observada, que repetio a Igreja nelle aquellas efficacissimas palavras da Epistola ad Rom. em que no Cap. 13 diz o Apostolo São Paulo: *Frates, hora est jam nos de somno surgere; nunc enim propior est nostra salus; quam cum credidimus.* Que parece, que o mesmo Deos nestas palavras de seu Apostolo nos estava dizendo, ser chegada aquella felice hora do *Respiciam, & videbo*, que elle disse a ElRey Dom Affonso Henriques. Deo-te o ponto final para o principio da portentosa acclamação aquelle, em que o Relógio do Paço desse nove horas; e deo-se tambem ordem a todos, que poucos, e poucos por varios caminhos se fossem ao terreiro do Paço; o que se fez com tanto recato, e boa disposição, que huns a cavallo, outros em coches, e liteiras, e muitos a pé, se dividiraõ em troços por todo o espaço, que ha do arco dos pregos até o arco do ouro. Andava já o segredo tão publico, que até os criados o sabião; e o que mais he, que o Doutor João Pinto Ribeiro vindo naquella manhã de sua casa para o Paço esperar os Fidalgos na porta da Capella, encontrando hum dos amigos, que elle, sem lhe dizer o para que o tinha convidado, a se acharem a tal hora na mesma porta, sendo perguntado onde hia, respondeo com desenfado: Não he nada, himos até á sala dos Tudescos a tirar hum Rey; e pôr outro, e logo nos voltamos para casa. E na mesma hora, em que se havia de concluir este negocio, entrou na Secretaria quem avisou ao Secretario, que sahisse pela porta, que olha para o mar; e na sua gandola se passasse á banda dâtem, se quera escapar a vida; porém já neste tempo eraõ muito sem tempo as prevenções, que pudessem fazer util a resistencia. Deu nesta occasião

A acclamação delRey D. João IV dia de São Eloy em o primeiro de Dezembro de 1640.



O Relógio do Paço nove horas, final, que esperavaõ impacientes já os desejos de tantos coraçõens, quando deixando os coches, e liteiras, começaraõ os Fidalgos a subir por huma, e outra escada do Paço á sala dos Tudescos, levando em seu alcance muitos deliberados, que os seguiuã; e começando já os Soldados da guarda a sobressaltarie, com o que o temor lhes intimava no terrível aspecto de tantos Grandes, timidos, e confusos intentaraõ não só fecharas portas, que sobem aos quartos altos, mas a defendellas com alabardas, a que remeteraõ, quando ao subito estrepito de varias armas de fogo, que dispararaõ juntas, Dom Miguel de Almeida mateo maõ á espada, e clamando liberdade, liberdade, viva ElRey Dom João o IV, discorreio por huma, e outra parte da sala; e logo vindo á varanda, que cahe sobre o terreiro acenou ao Povo, que em numerosa multidãõ vinha concorrendo, e deu causa, a que todos rompessem em repetidos vivas ao novo Rey, que acclamavaõ. No mesmo tempo Jorge de Mello, e seu primo Estevaõ da Cunha com Antonio de Mello de Castro, sahiraõ de hum coche á Praça de armas, e puzeraõ em fugida quantos Castellhanos em vaõ quizerãõ defendella; e vendo vencida esta difficuldade, subiraõ á sala dos Tudescos a introduzirse na valerosa esquadra dos mais senhores, quando já os Tudescos estavaõ postos em fugida, sendo hum morto, e varios mal feridos. Dom Antonio Tello havia dado palavra de ser elle, o que abrisse a porta da liberdade do Reyno, rompendo o peito do ministro, que a fechava; e estava em atalaya nesta occasiaõ na entrada da galaria, que vay para o forte. E temendo, que hum confidente do Secretario, que havia passado para dentro, lhe fosse com algum aviso, quiz atalhar demoras entrando na galaria, e com elle Pedro de Mendoça, Ayres de Saldanha, João de Saldanha de Sousa, Sancho Dias de Saldanha, João de Saldanha da Gama, e seus dous irmãos Antonio de Saldanha; e Bartholomeu de Saldanha, Dom Castaõ Coutinho, Dom Antonio Luiz de Menezes, e Dom Rodrigo, filhos do Conde de Cantanhede, Dom João de Sá de Menezes Camareiro mór, o Conde de Atouguia, Dom Francisco Coutinho seu irmão, Tristaõ da

da Cunha de Atayde, Luiz da Cunha, e Nuno da Cunha, Dom Manoel Chil de Rolim, Dom Antonio da Cunha, e outros muitos, todos á competencia de entrar primeiros já hiaõ para andar na estancia, em que assistia o Secretario, quando elle sentindo o sobressalto com huma cravina, que tomou, se escondeo em hum almario de papeis ao mesmo tempo, que os Fidalgos entraraõ rompendo a porta; e não vendo a quem buscavaõ fazendo diligencia em todos os aposentos, fazendo ameaços aos familiares da casa para o ministrarem; não foy necessario repetir os ameaços; porque como o Secretario estava costumado á largueza dos lugares grandes, não lhe soffrendo o animo o aperto do limitado, em que estava, elle mesmo revoltando-se pelo estrepito dos papeis disse onde estava, e sahindo descomposto, pallido, e tremendo, disparando sem effeito a cravina, que trazia, cahio no chaõ, donde foy com formidavel precipicio arrojado semivivo por huma janella fóra ao Terreiro do Paço; ficando esta quéda por exemplo das que a fortuna costuma dar no mundo.

Entre as vehemencias de taõ inopinado sobressalto; descomposta delde huma janella da galaria, que cahe sobre a porta da Capella, dava vozes a Infanta de Saboya solicitando em vão com suas lagrimas alguma resistencia a tanta furia; mas subindo á sala, em que a affligida Senhora assistia, Dom Antaõ de Almada, Dom Luiz de Almada seu filho, e outros Fidalgos, atalhando-se lhe a estancia, que ella fazia por descer a mostrar-se ao povo, temendo alguma novidade em ella ser vista, e nas razoes, com que anciosa intentava voltar as cousas em favor do Rey de Castella; com a cortezia, e respeito, que se devia a huma Infanta descendente del Rey Dom Manoel, a obrigaraõ a que se recolhesse; e ficando Dom Antaõ de Almada em guarda da estancia, em que a Infanta se recolhera, os mais, que alli tinhaõ concorrido, voltaraõ a unir-se com os que em galhardo concurso já pelo Terreiro do Paço hiaõ acclamando repetidos vivas a El Rey Dom Joaõ IV, seguindo os passos destes Senhores hum innumeravel congresso do povo. Desta maneira por mais expediente se dividiraõ, indo huns aos lugares mais frequentados, outros ao Tribunal da Casa da Supplicação para manifestar



nifestar aos Ministros della o admiravel successo da prodigiosa acclamação, e déraõ liberdade a quantos miseraveis se achavaõ nas prisoens; julgando por tyrannia o poder achar-se, quem nos apertos de prezo não gozasse da liberdade de tão fausto dia, e foraõ tambem ao Paço do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha dar-lhe conta do succedido, para que com sua presença, e applauso authorizasse tão grande acto, e apadrinhasse causa, que era de tanta importancia para hum Reyno, em que elle estava sendo o primeiro Prelado; e ainda que em razão de sua modestia duvidou achar-se presente em tão grande tumulto, com tudo o amor da Patria, e consideração do negocio o fez resolver a sahir do Paço, acompanhado da mayor parte do Clero, levando diante a Cruz Arcebispal: fez caminho por detraz da Sé, e se ajuntou com alguns Fidalgos, que estavaõ á porta dos Paços do Senado da Camera esperando, que se abrisse, para levarem a bandeira da Cidade pelas ruas em final, de que tinhaõ triunfado de tão famosa empreza, e que o mesmo Tribunal, donde pende todo o governo politico da Republica, approvava a acclamação. E achando-a fechada, a poucos golpes a abriu o porteiro por mando do Presidente, que entaõ era o Conde de Cantanhede; e entrando dentro tiraraõ a bandeira, e se entregou a Dom Alvaro de Abranches, o qual posto a cavallo, depois que acclamou tres vezes a ElRey Dom João o IV veyo com todo acompanhamento á porta de Santo Antonio, e chegando a ella, onde estava grande tumulto de gente, foy visto de todos, os que presentes estavaõ, que a Imagem de Christo Crucificado arvorada na Cruz, que precedia ao Arcebispo, descravara a mão direita torcendo o cravo, com que estava cravado: no que dava final certo, que não só com a sua mão direita applaudia, e confirmava a acclamação, mas que tambem havia ser em seu favor para os amparar, e em sua ajuda para os defender. Com este tão grande caso ficaraõ mais alentados os animos, e animados os brios dos Portuguezes, entendendo por certo, que em seu amparo tinhaõ hum Senhor, que lhe havia conservar a liberdade; hum Rey, que lhe havia augmentar o Reyno, e hum Capitão, que havia alcançar as vitorias contra seus inimigos. E vindo á no-

á noticia de todos, es que duvidavaõ pelos acontecimen-  
 os futuros, ficaraõ certos em que teriaõ neste negocio bom  
 successo, pois nelle se achavaõ com taõ bom Padripho.  
 Neste tempo se foraõ recolhendo os Castelhanos, que esta-  
 vaõ de presidio na Cidade, ao Castello, aos quaes foy se-  
 guindo alguma gente do povo, e por se fecharem nelle na  
 melhor fôrma, que poderaõ, os cercaraõ por todas as par-  
 tes; e vendo que a sua resistencia era de pouca utilidade,  
 se entregaraõ; e assim se foraõ entregando em breve tem-  
 po todas as partes do Reyno sem resistencia alguma, tiran-  
 do-o do poder do mayor Monarca da Europa: no que se  
 vio claramente, quanto he poderosa a razãõ, e que a ac-  
 clamação deste Principe foy obra da maõ de Deos.

## C A P I T U L O VI.

*Das acções, que obrou o Senhor Dom João IV. depois que te-  
 mou posse do Reyno:*

**S**Uccessivo áquelle memoravel Sabbado amanheceo o  
 Domingo, no qual, e nos mais dias seguintes se conti-  
 nuaraõ os applausos da liberdade, em que os Portuguezes  
 já se viaõ entregues de todas as esperanças, com que ancio-  
 samente suspiravaõ pela vinda de seu taõ desejado Rey:  
 até que a seis do proprio mez chegou de Villa-Viçosa á  
 Cidade de Lisboa, estimando todos, os que se viaõ lograr  
 taõ grande dita, que com a posse tinhaõ mais do que a  
 esperança lhes propunha. Aos quinze do dito mez o jurá-  
 raõ por Rey, e coroaõ, para o que se fez hum theatro  
 no Terreiro do Paço, em que estava hum Throno com  
 huma cadeira de brocado debaixo de hum docel; em a qual  
 o pozeraõ; fez-lhe a pratica o Inquisidor mór, e teve  
 maõ no estoque o Marquez de Ferreira: e feito o acto  
 com as solemnidades, que se costumãõ fazer em sem-  
 lhantes occasiões, o levarãõ em procissão debaixo de  
 hum Pallio á Sé, e levarãõ as varas d'elle os Vereadores  
 da Cidade vestidos de gala. Aos 18. dia de Nossa Senhora  
 do O' pelas duas horas da tarde fez o Arcebispo huma  
 procissão com todos os Frades, e Clerigos, e o mesmo  
 Arcebispo levou o Santo Lenho da Sé até S. Domingos.



Aos 28 de Janeiro do anno seguinte se jurou o Principe D. Theodosio na sala dos Tudescos, e ao 29 se fizeraõ Cortes na mesma sala, aonde assistiraõ os Procuradores de todas as Cidades, e Villas do Reyno, e assim se foraõ fazendo as mais cousas necessarias para bem do Reyno, e conservação da posse, que delle tinha tomado.

Em breves dias armou suas Fronteiras, provendo-as de valerosos Soldados, e Capitaens experimentados, municoens, e petrechos necessarios; poz Armadas no mar, que foraõ de todos temidas pela naçaõ, de que eraõ governadas: enviou Embaixadores aos mais dos Reys, e Principes da Europa, conseguindo pelo espanto, em que sua acclamaçaõ poz o Universo firmes pazes com França, Inglaterra, e Suecia; conseguiu neutralidade com Dinamarca, assentou treguas com os estados das Provincias unidas: e naõ obstante, que a nossa causa foy mais bem aceita das Provincias do Norte, que dos Potentados de Italia, naõ faltaraõ a Portugal obsequios na illustre Republica de Genova, Senhoria de Veneza, Florença, Modena, Mantua, e Parma, ainda quando viraõ, que o Summo Pontifice Urbano VIII faltava, com lhe faltara vida, em admittir o filial obsequio, que El Rey D. João o IV lhe mandou offerecer por seu Embaixador D. Miguel de Portugal Bispo de Lamego.

Succedendo pouco tempo depois de tomar posse do Reyno, descobrir-se huma conjuraçaõ, porque foraõ presos dentro no Paço em hum dia muitos Fidalgos, e Titulares, em que entravaõ os mayores Prelados Ecclesiasticos, e Ministros Seculares de Reyno; houve-se com elles com tanta benignidade, e dissimulaçaõ (porque naõ parecesse, que o incitava o odio ao castigo) que os mais poderaõ mostrar sua innocencia, ou encobrir sua culpa, e os que a tinhaõ foraõ castigados, mais porque se visse, que naõ faltava á justiça no tempo, em que a vinha restituir ao Reyno, do que se vingava do crime commettido. Ao seguinte dia se poz hum edital, que dizia, como Sua Magestade perdoava a toda a pessoa, de qualquer qualidade, que fosse, que descobrisse a traizaõ, que lhe estava fulminada, o que fariaõ dentro de quatro dias: e foy tanta a gente, que acodio a-se descobrir, que foy necessario proro-

prorogarem-se mais oito para se tomarem as confissões a todos, e foraõ todos perdoados; mostrando, que mais quera conhecer os inimigos, que castigallos. Houvese tambem com notavel moderação em premiar os benemeritos, dando com igualdade os premios conforme as pessoas, e o prestimo dellas; porque se visse, que os não repartia levado do amor, senão conforme o merecimento: e porque depois de succederem as prisoens referidas se inquietou o povo grandemente; porque não succedessem alguns desmanchos, dos que costumaõ succeder com semelhantes successos, mandou pôr o edital seguinte.

„ Com particular sentimento meu mandey fazer as  
„ prisoens, que se tem feito, antepondo a laude pu-  
„ blica de meus Reynos, e vassallos a meu desejo de  
„ tratar a todos com favor, e mercê; e assim que-  
„ ro, que se tenha entendido; encômendo, e mando  
„ a meus bons, e leaes vassallos da Nobreza, e Po-  
„ vo, que com a quietação, e conformidade, que so-  
„ bre tudo lhe importa, aguardem a resolução, e  
„ execução do mais, que convir, e ordenar, que eu  
„ procurarey se ajuste com as obrigaçoens da justiça,  
„ e bom governo, de maneira, que o premio, e casti-  
„ go sejaõ iguaes ao merecimento de cada hum; e de  
„ que se proceda em contrario, havendo a menor in-  
„ quietação, ou excessso, me darey formal servido.

REY.

No anno de 1646 chamou o Rey os tres Estados & Cortes na Cidade de Lisboa, e entre muitas cousas, que tratou, pertencentes ao bem da Coroa, declarou por Padroeira do Reyno a Virgem Nossa Senhora da Conceição, fazendo-se lhe tributario em cada anno; e com solemne voto ratificado com juramento prometteraõ o Rey, Principe, e tres Estados do Reyno, e se firmaraõ por vassallos da mesma Senhora com tributo annual de cincoenta cruzados de ouro pagos á mesma Senhora na sua Casa de Villa-Viçosa, por ser esta a primeira, que em Hespanha se lhe fundou com tal invocação, sendo Author o Santo Condestavel Dom Nuno Alvares Pereira, e  
que



que defenderia até dar a vida, ter a Virgem Senhora Mãe de Deos concebidas em peccado original.

## C A P I T U L O VII.

*Das militares empresas, e victoriosas conquistas del Rey Dom João o IV.*

**Q**uerendo ElRey Dom João o IV attender só á firme conservação do Reyno, de que novamente se achava com a posse; e á quietação de seus vassallos, tratou de fortalecer todas as fronteiras, ordenando aos Cabos em todas as praças, não fossem elles os que rompessem a guerra; mostrando nisto com a experiencia, que nos aprestos da guerra, de que tratava, tinha só por alvo o intento de conservar-se no Reyno, que tantos annos violentamente lhe estava usurpado, dissimulando naquelles principios algumas demazias dos Castelhanos; e chegando ellas a termos de haver a culpa no dissimularem-se, ordenou a seus fronteiros rompessem a guerra admittida pela parte opposta, e causada já com tão languinolento horror, que obrigou ao nossos amudar do moderado estylo, com que sua valentia desejava guardar-se para seu tempo. Começou a guerra a todo o risco de fogo, e sangue com taes excessos, que até as pedras sentiraõ seus effeitos.

Soube deste rompimento o Christianissimo Luiz XIII de França, e querendo não perder occasião tão opportuna, e accommodada para a guerra de Catalunha, que proseguia, pedia por seu Embaixador a ElRey Dom João mandasse avivar a guerra em suas fronteiras. Com esta petição, e a causa, que lhes davaõ os inimigos, determinou ElRey passar ao Alem-Tejo no anno de 1643, tendo já entrado em Galiza, pelo Minho, em Tras os Montes, e na Beira dous exercitos Portuguezes, que puzeraõ horror ás confianças de Castella.

Partio ElRey de Lisboa hum Domingo de tarde 19 de Julho; foy á Cathedral da mesma Cidade, levando em seu seguimento hum exercito mais copioso de Affectos, que de Soldados, com incrível alegria dos que o viaõ, e nelle o transumpto dos Patrios Reys seus progenitores.

Chegou

Chegou á Sé; e recebendo a agua benta da mão do Veneravel Prelado o Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha, se foy prostrar ao Rey dos Reys impetrando successo fausto para a empreza, e levou consigo a Imagem do Senhor Crucificado, que no dia de sua acclamação descavara a mão direita, deu volta a embarcar-se no terreiro do Paço. Levou juntamente consigo para a Cidade de Evora, onde residio, em quanto o exercito esteve em campanha, os dous Conselhos de Estado, e Guerra, com dous Dezembargadores do Paço; e para guarda de sua Real Pessoa huma companhia de Arcabuzeiros veteranos, de que era Capitão Luiz da Lomba de Araujo.

Foy a entrada delRey em Evora com ostentação magnifica: convocou-se de varias partes do Reyno hum luzido exercito a Elvas Cidade, Praça de Armas do Alem-Tejo: constava de dez terços de Infantaria, de que eraõ Mestres de Campo Dom Francisco de Sousa, Francisco de Mello, Luiz da Sylva Telles, Ayres de Saldanha, Dom Nuno Mascarenhas, André de Albuquerque, Martim Ferreira, David Calé Inglez, Estacio Bique Holandez, e Joaõ de Saldanha, que tinha sido Governador das Armas na Provincia da Beira. Da cavallaria (que constava de 3500 cavallos, sem entrarem neste numero os dos Fidalgos, e particulares, que á sua custa foraõ servir nesta occasião) era General Francisco de Mello Monteiro mór do Reyno, e Embaixador extraordinario, que fora ao Christianissimo Rey de França, e General de artelharia era Dom Joaõ da Costa; o trem della constava de dez canhões de bronze, de sete até oito livras, com infinito numero de petardos, e outros instrumentos bellicos. De todo este exercito nomeou ElRey por Governador a Dom Vasco Mascarenhas Conde de Obidos, do Conselho de Guerra; e por seu Mestre de Campo General a Joanne Mendes de Vasconcellos, tambem do mesmo Conselho, o qual posto fora da Cidade a 6. de Setembro de 643. em o sitio entre o Mosteiro de S. Paulo, e o Forte de Santa Luzia (ficando por Governador na Cidade Antonio de Saldanha) se começou a marcha nesta fórma.

Hia de vanguarda Dom Rodrigo de Castro, Tenente General da cavallaria, com as companhias de cavallo  
de



de João de Saldanha da Gama, Dom Francisco de Azevedo, Fernão Pereira de Castro, e a companhia de Dragomens de Antonio Teixeira, e cinco tropas Holandezas com o seu Coronel Chil Gravelinguis; seguia-se a Infantaria, cuja vanguarda levava o Mestre de Campo Dom Francisco de Sousa, Luiz da Sylva Telles com a artilharia, e bagagem, e no alcance desta, na retaguarda, Ayres de Saldanha com alguns aventureiros. Era a marcha á ponte de Olivença, e foyse fazer alto aquella noite huma legua distante de Elvas, onde chamaõ as hortas de Argamaça.

Indo pois o exercito proseguindo a derrota de varios alojamentos, aos oito de Setembro, por ser dia do Nascimento da Virgem Senhora Nossa, se disse Missa nas mais das tendas; e pondo-se depois o exercito em batalha, entrou em Castella (sendo este, que nesta fórma se fez, o primeiro desde o nosso Rey D. Affonso o IV depois de cento e setenta annos (levando o rosto em Valverde.

Era esta povoação de seis para setemil vizinhos, delicia da Extremadura, e chave sua, como lhe chamaõ seus naturaes, sita entre frescos valles, com o regalo de hortas, pomares, e quintas, abundantes do mais mimoso do Estio, e Primavera, muito bem fortificada, com presidio de 1500. Soldados pagos, a cargo do Mestre de Campo João Baptista Píñatello Italiano, assistido de Marco Antonio de Genan Sargento mór, e de Dom Gabriel de Sá Vedra, e de outros Cabos Castelhanos, e estrangeiros.

Para esta Praça se foy destroçando o nosso exercito; muito bem formado por Monsieur de Lafarte, porém como se entendeo, que se havia logo de pelejar, e sejaõ os Portuguezes mal soffridos no dilatarem-se, se levantaraõ duas competencias; huma entre os Mestres de Campo sobre quem havia ser o primeiro; o que atalhou o Conde Governador, mandando que o exercito em troços marchasse no fórma, em que hia, e as vanguardas levassem os Mestres de Campo Dom Francisco de Sousa, Francisco de Mello, e Martim Ferreira. Foy a segunda pendencia entre os Fidalgos, e Officiaes reformados; sobre quererem todos ser primeiros; esta se acabou tam-

bem

bem com mandar o Conde Governador, marchasse cada hum em seu posto.

Era muito para notar a valentia, e animo, com que os nossos se haviaõ no atacar da Praça ( mas deixando-os para huma illustre pena, que escreve as nossas guerras, e o não permite este resumo ) sendo a valentia igual em todos, em todos foy tão primeira, que em nenhum houve segundo no ganhar os postos, que se lhe destinaraõ.

Estava a Praça bem presidiada de Cabos, e petrechos militares, que fazia resistencia continua aos cercadores, mas inutil; para que se lhe não ganhassem duas eminencias importantissimas com tão galharda rezoluçaõ, que a evidencia do perigo foy a melhor mostra da grandeza do valor. Ganhadas ellas, antes que se dêsse o assalto, mandou o General Conde de Obidos, por atalhar a ruina de tantas vidas, como a occasiã promettia, hum voluntim a dizer aos defensores se rendessem ao partido; mas responderaõ animosos, que não aceitariaõ outro partido mais, que o das armas, com que esperavaõ ser vencedores: com esta reposta se tocou logo ao assalto, que atalhou Mathias de Albuquerque, mostrando com razoes, que lhe dictava sua muita experiencia, não ser conveniente ao serviço delRey pôr em risco conhecido a flor da milicia Portugueza por huma Praça, que não só por estar sujeita á eminencia; mas por outras muitas razoes, que apontou, senão poderia defender do inimigo.

Desagradou o parecer ao brio de muitos, que nos mayores perigos queriaõ mostrar, que era mayor, que todos, seu valor; mas como foy de hum sujeito tão exper-to na milicia, foy admittido, e se mandou apertar o cerco; o que bastou, para que o Governador da Praça João Baptista Piñatelo, lançando bandeira branca escrevesse ao nosso Governador o Conde de Obidos sobre capitulaçoens; admittida a proposta pelo Conde Governador, sahio de Valverde Dom Gabriel de Sá-Vedra, Capitãõ de cavallos, e Dom Antonio Genero, com quem se capitulou sahisssem os cercados com armas, mechas acezas, bandeiras extendidas; tocando caxas, e com tudo, o que pudessem levar vinte carros, e lhe finalaraõ districtos para sua passagem, pelos quaes hiriaõ entrar em Castella por

Tom. II, X Aya.



Ayamonte; fizraõ sua marcha por Olivença, deo-se a commissaõ de os comboyar ao Capitão Bernardino de Siqueira, indolhe de Vanguarda Francisco de Mello com o seu terço, e de retaguarda João de Saldanha de Sousa; hia o Monteiro mór General da cavallaria, e seu Tenente com ella; e a companhia dos Dragões do Capitão Antonio Teixeira, e seu Tenente Antonio Banha: e pouco depois de sahirem de Olivença, se voltaraõ para o exercito com a cavallaria os nossos dous terços, ficando lós duas tropas a D. Francisco Manoel de Mello, e Bernardino de Siqueira, que os comboyaraõ com gente de Ordenança até a Villa de Extremós.

Entrou o nosso exercito em Valverde, em lugar dos applausos de haverem ganhado a Praça, com tantas murmuraçoens dos Soldados sobre o favoravel das condiçoens dos rendidos, que lhes tirou o gosto do bom successo. Acharaõ-se na Praça despojos de armas, e mantimentos em grande abundancia, duas peças de bronze de calibre de seis até sete livras, e sendo tudo saqueado, arrazadas as fortificaçoens, se poz o fogo á Villa, cujas cinzas foraõ lastima dos naturaes, e allombro, e desengano aos mais da força, com que costuma render, e destruir a quem lhe resiste, o braço Portuguez.

Em Badajoz, praça de armas do Castelhana, estava por Governador o Conde de Santo Estevão com a mayor parte do seu poder, que não era pouco: querendo o nosso de Obidos mostrarlhe o pouco, que o temia, tanto que os nossos terços, e cavallaria se recolheraõ, a seus olhos mandou talarlhe a campanha; e não contente com isto, sem que contra nós se intentasse nem sombra de hostilidade, lhe chegou a pôr principio de apertado cerco, que proseguiria, se não tivesse ordem de não continuar mais a occupação do lugar, em que se achava.

Succedeo nelle Mathias de Albuquerque, que logo principiou a senhorear o largo daquella Extremadura. Rendeo Villa Nova del Fresno, Chelés, e Hígera, Carcarrota, Codiceira, e Enzinasola, e o inexpugnavel Castello da Alconchel, e outras mais Praças, das quaes humas se deixaraõ com presidio, e outras menos uteis se arrazaraõ. E depois de Sua Magestade já recolhido a

Lisboa, se alcançou a celebre victoria de Montijo, por mais que os Castelhanos queriaõ, que fosse a queda de ambos, fundados em nos chegarem a ganhar a artelharia; o que só servio de mayor credito á victoria; porque Dom João da Costa, General da artelharia, vendo a perda, com a espada na mão elle, e alguns, que o seguirão, fizeram tal destroço nos inimigos, que com perda de muitas vidas, que quizerão resistir, cobraram a artelharia perdida, ficando o senhor do Campo, em que esteve muito tempo, e acclamou a victoria.

Na Provincia da Beira rendeo o nosso Governador Fernão Telles de Menezes, e seu valeroso Mestre de Campo Dom Sancho Manoel a Villa de Eljas, e a seu antiquissimo Castello, ficando nelle de presidio o mesmo Dom Sancho em ausencia do General; querendo-o restaurar o Castelhanao, junto hum copioso exercito, o cercou, e bateo com porfiadas cargas, das quaes se defendeo valerosamente, até que veyo em favor dos cercados o General Fernão Telles, com cujo soccorro se alcançou huma famosa victoria, depois da qual pareceo conveniente, que assim a Villa de Eljas, como o Castello, que della tomou o nome, se arrasassem. O mesmo succedeo no Castello do Guardaõ da mesma provincia presidido com 500 Soldados pagos, e varias tropas de cavallaria, que depois de rendido pelos nossos, o querer restauralo o inimigo lhe custou perder muita gente em huma batalha, de que tivemos bem gloriosa victoria; e se arrasou o Castello, foraõ destruidas as notaveis Villas de Aldeya del o Bispo, Fuentes, Frexineda, e a famosa Villa da Sarça: os choques da cavallaria, e encontros dos mosqueiteiros sempre foraõ com damno, e fugida dos contrarios; e tantos no numero, que não pôde ter lugar o referillos no abbreviado desteresumo.

Em Tras os Montes não foraõ menos, nem menores as victorias, porque os Governadores das armas Ruy de Figüeredo de Alarcão, e Dom João de Sousa tiveram muitos, e muy felices successos com repetidos triunfos de nossas armas; entre os quaes tem lugar a famosa victoria de Brandilhanes. Depois de terem assolado os Portuguezes ao inimigo os abundantes, e notaveis valles de



Salas, e Monte-Rey, tão povoados de gente bellicosa, que ao repique, que elles chamaõ da irmandade, em muito breve espaço se convocaõ milhares de homens atrevidos, e bem armados, na provincia de Galiza, que confina com a nossa de Tras os Montes; e incitados com a magoa da perda ao desejo de se restaurarem com satisfação, ajuntaraõ hum copioso exercito, que amanheceo hum dia nos campos de Chaves aos 8 de Setembro de 1643, não se achando nesta occasião o nosso Governador com mayor apresto de quarenta cavallos; mandou com tudo, que estes sahisses por respeito de o avisarem dos intentos do inimigo, com resguardo de se não empenharem com elle. Sahiraõ os quarenta cavallos, e achando já o inimigo junto ao lugar do Outeiro secco, meya legua de Chaves, tendo mandado aviso, ao querer tomar huma colina para se poderem melhor defender, se fossem investidos; antes de chegarem a ella, o foraõ com tanta pressa de 300 cavallos do inimigo, que não tiveraõ outro remedio mais, que pôr sua salvação na valentia de seus braços; e assim dando, e recebendo cargas os invenciveis quarenta, lançando maõ ás espadas foy o conflicto de sorte, que morrerã sómente quatro dos nossos, e dos inimigos mais de cincoenta; e vendo, que os inimigos se retiravaõ, não lhes soffrendo o animo deixar de os seguir com animo Portuguez; e postos em desordenada fugida lhe matareaõ muitos, e trouxeraõ hum fargento, a que deraõ vida, para delle terem noticias do intento do inimigo, e assim se recolheraõ.

Na Beira ouve prezas, e entreprezas de confiança, entre as quaes foy memoravel a do forte de Escalhão, que ficou presidado de nossas armas. No Minho, que governou Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, e Sousa, Conde de Castelmelhor, não eraõ menos gloriosos os successos de nossas armas, com que foraõ assoladas muitas Villas, e lugares do inimigo, e rendida, e guarnecida de nossa gente a famosa Praça de Salvaterra, e por respeito de sua melhor defenfa se edificou sobre o rio Minho hum admiravel ponte, que se mandou fazer para seu soccorro.

Fôra do Reyno foraõ com igual gloria prodigiosas

las as empresas, porque neste tempo poz ElRey Dom João o IV armadas no mar, com que investio o porto de Cadis, e infestou as costas de Andaluzia, e da Corunha; mandou em favor do Rey Christianissimo repetidas armadas; restaurou pela constancia, e fidelidade de seus Vassallos o admiravel castello da Ilha Terceira, que presidiavaõ Castelhanos; cobrou o vastissimo Estado do Maranhão com os Reynos de Angola; e de Congo, senhoreado das armas de Holanda; e sobre os soccorros, que mandou a suas remotas conquistas, a mayor acção de todasas deste tempo foy a restauração de Pernambuco, em que depois de hum sitio proseguido por vinte e quatro annos com differentes armadas, e assistencia de todo o poder de Hespanha sem effeito, vencerão os Portuguezes huma praça com 32 fortificaçoens, reforçadas com tantos, e tão fortes canhoens de bronze, que em cada hum dos fortes se não divisava mais, que as suas largas bocas, estando presidiada dos mais illustres cabos de todo o Norte, com tantos escolhidos Soldados, que havia nos cercados cinco inimigos para cada hum Portuguez, com armadas suas, bem providas, não só á vista, mas contiguas á mesma Praça, e com setecentas leguas de districto a ella sujeitas. Foy o despojo em fórma, que se acharão na praça 123 peças de artilharia de bronze, e 170 de ferro, muita polvora, e mais de seis mil ballas de artilharia de todo o calibre, muitas armas, e muita ferramenta de gastadores, ferro, breu, e maçame para navios. Tinhaõ os Holandezes mantimentos, com que se podiaõ sustentar perto de hum anno. Tinhaõ mil e duzentos Soldados, fóra Indios, e pretos em grande numero, e ainda mais, com que se achava o General Sigismundo ao tempo, que foy conquistado Pernambuco; sendo a facção de geral admiração ao mundo, e especial gloria de Portugal; com que mostrou se não havia de todo esquecido seu valor de triunfar de inimigos poderosos, para dilatar a Fé Catholica nos mais remotos climas.



## CAPITULO VIII.

*Da indole ; e paires naturaes , e singulares acçoens da vida , e morte del Rey D. João o IV.*

**D**O Sereníssimo Dom Theodosio II do nome , e VII, Duque de Bragança , e Barcelos , e da Illustrissima Sennora Dona Anna de Velaſco, filha de Dom João de Velaſco Duque da Cidade de Frias , e Condeſtabel de Caſtella aos 19 de Março da era de 1604 , nasceu em Villa Viçosa. El Rey Dom João IV : foy de eſtatura bem proporcionada , o roſto alvo , que declinava mais para o eſferico , que para o comprido , com huns ſinaes de bexigas , que lhe davaõ grãça , os olhos azues , as faces encarnadas , a barba baſtantemente povoada , o corpo avultado , mais groſſo , que ſecco , facil no rizo , e naturalmente alegre , e agradavel ; dotado de muitas forças , que a experiencia moſtrou em acçoens particulares ; e de muy alentado animo. Era facil em communicarſe , e aſſavel com os que o trataraõ ; no veſtir ſummamente modelto , e deſpreſador das curioſidades , e riquezas de galas. Na brida , e gineta admirava a todos , e taõ inclinado ao exercicio deſtas , e da caça de monte , que o tinha pela occupaçaõ mais deſleitavel ; no regalo dos manjares pouco melindroſo ; muito amigo de deſpachar ; e para eſte effeito dava todas as ſemanas às quartas , e ſextas feiras audiencia publica , e aos Sabbados particular aos Fidalgos ; muitas vezes aſſiſtia na Relaçãõ , principalmente em todos os actos publicos ; amante da juſtiça , e zeloso de ſua obſervancancia ; tanto , que obrigava a que os miniſtros foſſem muy reſpectivos della. Amava o povo com hum verdadeiramente affecto paternal ; e promulgou varios decretos em favor ſeu ; ouvia muitas vezes o Juiz do povo , e lhe encarregava o cuidado de lhe apontar o que era em favor de ſeus vaſſallos , e não permittia , que contra elles prevaleceſſe a violencia dos poderoſos. Fazia taõ mão roſto á liſonja , que huma ſó palavra de adulaçaõ baſtava para lhe fazer ſuſpeitoſa a peſſoa , que a dizia. Nas materias do governo elle ſó governava nos negocios arduos , e que pediaõ mais contradicçaõ , e admittia ſós ſcien-

tes, e timoratos, aos quaes sempre teve grande respeito, e em semelhantes occasioens lhes dizia, que ficassem as resoluçoens sobre suas consciencias. Com excessso foy inclinado a Musica, o que alguns lhe censuraraõ por demasia, não advertindo, que os mais famosos Reys do mundo a julgaraõ por digna occupação de hum Monarca. Teve della muita sciencia, e em sua theorica magistral foy eminente, em que compoz muitas obras, que hoje em dia se cantaõ na sua Capella.

Na veneração do Culto Divino foy hum exemplar sem exemplo em todas as idades. Em quinta feira de Fndoenças até dia de Pascoa defencerrado o Senhor, que acompanhava na procissão, não sahia da tribuna, senão em occasioens precisas. O Lavapés da Ceya fazia com tanta devoção, que em todos, os que fez em Lisboa, provocavaõ a lagrimas a quantos lhe assistiaõ, as muitas, que elle derramava; e servindo aos pobres á mesa, elle mesmo lhes cortava o pão, e chegava os pratos. Em obras para o Culto Divino foy singular, como bem mostra a grandeza, e perfeição de sua Capella, e claustra della, que mandou fazer. Obra sua he hum riquissimo ornamento pontifical de tela branca, que serve na mesma Capella os dias festivos de Nossa Senhora. As Cruzes de prata para os Altares Colateraes, disposição sua foraõ. E sobre tudo aquella preciosissima Cruz, que na mesma Capella serve no Altar mayor nos dias da Cruz de Mayo, e Setembro, na qual huma grande Reliquia do Santo Lenho, thesouro inestimavel da Casa de Bragança, se engasta em tantas, e tão finas pedras preciosas, que os rayos destas parece, que bastaõ a confirmar, o que a Igreja Catholica diz della, que he mais resplandecente, que todas as Estrellas. Venerava com rendido, e affectuoso obsequio o admirando mysterio do Altar, e sentindo, que não tivesse effeito a diligencia, com que seus clarissimos Ascendentes procuravaõ, que estivesse o Senhor no Sacratio de sua Capella de Villa-Viçosa: ainda sendo Duque com intensa piedade entre as saudades, e abraços, com que se despedio de seu irmão o senhor Infante Dom Duarte, partindo-se para Alemanha, lhe fez huma, e muitas instancias lhe conseguisse de Sua Santidade esta graça, gloriosa palma da Casa de



de Bragança; e conseguindo-a lhe mandou logo fazer hum Sacrario de prata, em que foy posto com solemne procissão, e á tarde com seus Fidalgos fez festas de cavallo, dizendo, que aquelle fora o dia mais alegre, que tivera. Commungava muitas vezes em particular, e nos dias solemnes em publico na sua Capella. Tanta veneração mostrou sempre a este mysterio, que entrando hum vez nas Cortes em Lisboa, vendo armado na sala, em que ellas se fazião, hum docel, que antes tinha visto em Santa Engracia em hum dos tres dias solemnes, que naquella Igreja se celebraõ, mandou logo chamar o Guardareposta, e reprehendendo-o lhe disse, que aquelle docel não servisse mais, que no ministerio, em que a primeira vez o vira. Indo para a mesma Igreja de Santa Engracia em hum daquelles tres dias, apenas ouvindo ao longe os longes da campainha, que precede ao Senhor, quando se leva aos enfermos, se apeou logo, e acompanhou ao Senhor até casa do enfermo; e no tempo, em que se deteve esperando, se mandou informar da qualidade do enfermo; e sabendo ser pobre, o mandou prover com hum largá esmola; e depois de acompanhar o Senhor até a Paroquia tornou a lembrar, que logo se levasse a esmola, que mandara.

Tinha particular gosto em fazer mercês, e singular providencia no distribuilas, de jeitão de não dar occasião de queixas, ainda aos mal affectos; não lhe bastando porém isto para que não fosse notado de menos liberal de muitos, que não attendendo aos muitos gastos, que se fizeraõ precisamente no tempo de seu governo, e ás poucas riquezas do Reyno, exhaustas todas com as repetidas perdas, que havia sentido em tanto tempo; e entre elles assistio com generoso animo a Carlos I. Rey de Inglaterra; e depois d'elle morto a seu filho Carlos II, desterrado dava mesadas muy conformes á sua pessoa todo o tempo, que lhe foy forçado estar ausente de seu Reyno. Aos Principes Palatinos Roberto, e Mauricio recolheo, e amparou em seu Reyno em tempo, que ainda os parentes mais chegados em sangue se apartaraõ delles até os deixarem sós, e em seus apertos só acharaõ a magnificencia del Rey Dom João o IV, que os abrigou sem temor do

do Parlamento, que com hum grossa armada, querendo vingar o beneficio feito a estes Principes, como aggravo dos seus Parlamentarios, infestou a Barra de Lisboa, fazendo grandes damnos. Effeito foy da sua devoção, e grandeza o Convento novo de Santa Clara de Coimbra, que deixou já em grande altura, e por legado em seu testamento o preciso de acabar-se aquella obra. Reedificou muitos mosteiros em vida, e deixou por legado em morte grande quantia de dinheiro para Mosteiros pobres, e dotes de varias donzellas, não fallando em outros muitos soccorros occultos, que por pessoas confidentes costumava fazer muito de ordinario.

Tão cuidadoso foy do governo de seu Reyno, que procurava alcançar todas as noticias dos estranhos, com que nenhuma occasioens lhe vinha a ser repentinas, nem lhe causava sobressalto. Huma vez se estava divertindo com o exercicio da Musica, quando entrou hum pessoa grande, e lhe disse; que hum exercito inimigo de muita gente tinha feito alto á vista de Badajós: mostrou o Rey pouca alteração com a nova; e parecendo a quem a tinha dado, que não fora entendido, a tornou a repetir com mais encarecimento; ao que o Rey respondeo: Não tenhais medo, que esteja alli muito tempo. Passados quatro dias tornou a mesma pessoa a dizer, que já o exercito se havia levantado, e se fora; e o Rey então lhe disse, que o exercito fazia marcha para Catalunha, e que viera só a dar mostra, e que poderia ser, que não chegasse á terra, para que marchava; e que em quanto vivesse, havia livrar a seus povos de sobressaltos com as noticias estranhas, que procurava.

Morreo em 26 de Novembro de 1656, de idade de cincoenta e dous annos, sete mezes, e vinte oito dias. Reynou quinze annos, onze mezes, e seis dias. Em seu testamento declarou, que ainda que lhe era indubitavel o direito, que tinha á Coroa de Portugal. o não obrigara tanto a aceitala o desejo de a restituir á sua Casa, quanto a compaixão das miserias, e véxagoens, que padeciaõ os Portuguezes debaixo do jugo estranho, e a vontade de os livrar de tão dilatada oppressão. Deixou por tutora; e curadora de seus filhos, e Regente do Reyno a Rainha  
Tom. II. Y sua



lua mulher. Dispoz que fosse enterrado seu corpo no Real Convento de S. Vicente de fóra, dos Conegos Regulares de Santo Agostinho da Cidade de Lisboa; e está o seu tumulo debaixo do Sacrario da mesma Igreja com admiravel pompa, e grandeza. Foy este grande Rey affectuosissimamente devoto do Santissimo Sacramento do Altar; e alli parece, que o mesmo, que no Ceo he coroa dos Bemaventurados, o está na terra coroando por seu devoto; sendo nesta grandeza seu sepulchro incomparavel aos de quantos Monarcas teve o mundo,

Foy casado com a Senhora Dona Luiza de Gusmao, filha de D. Joao Peres de Gusmao, el Bueno, Duque de Medina Sidonia: de menina teve vaticinios, que havia ser Rainha, e por meyo deste Matrimonio sahiraõ verificados. Sendo Duque de Bragança, teve por filhos ao Senhor D. Theodosio, que ao depois foy jurado Principe do Reyno, e morreo moço, cortando nelle a morte em flor as esperanças do mais admiravel Principe de nossa idade; a Senhora Dona Joanna, que tambem morreo na primavera dos annos, e a Senhora Dona Catharina, que hoje he Rainha da graõ Bretanha. Depois de Rey teve a El Rey D. Affonso VI, que lhe succedeo no Reyno, e ao Principe D. Pedro, que em ausencia de seu irmao lhe hoje Regente, e Governador do Reyno.

SUPPLEMENTO II.

A O S

DIALOGOS

DE VARIA HISTORIA.

D E

PEDRO DE MARIZ,

*QUE CONTE'M AS VIDAS, E ELOGIO*

*dos Reys D. Affonso VI. D. Pedro II. e o Magna-*

*nimo D. Joao V.*

ORDENADO, E ESCRITO PELO PADRE

Fr. FRANCISCO XAVIER

DOS SERAFINS PITARRA,

Religioso de Saõ Francisco da Provincia dos Algarves;  
Academico dos Escolhidos da Corte.

C A P I T U L O XIX.

*Memoria de alguns successos mais notaveis, que acontecerão no  
mundo no Reynado del Rey D. Joao IV.*

**G**Overnaraõ a Igreja successivamente tres Papas;  
Urbano VIII, que morreo no anno de 1644; In-  
nocencio X, que falleceo no de 1655; succeden-  
dolhe a 6 de Abril do mesmo anno Alexandre VII.

Imperaraõ em Alemanha dous Seberanos, Fernando  
III, e Leopoldo I, que lhe succedeo no Imperio. Nos  
principios do anno de 40, lançaõ fóra os Castelhanos  
do Condado de Rossilhon aos Francezes; mas no mesmo  
anno rebelados contra Filippe IV, se entregaraõ ao do-  
minio Francez, depois de matarem ao Duque de Cardona,  
Governador do Principado de Catalunha.

Armando de Plessis, Cardeal Duque de Richelieu,



morreo em Pariz a 4 de Dezembro, sendo primeiro Ministro de Luiz XIII, e hum dos mayores Politicos de seu tempo. Os Maltezes aprezerão tres grandes navios de guerra Turcos, carregados de preciosos móveis, e summa riqueza, que conduziaõ a Zambul Agá, Principe Othomano, que se retirava para Meca. O Graõ Turco Ibrahim, querendo despica-se desta perda, armou no anno seguinte huma poderosa armada de trezentas setenta e oito naos entre grandes, e pequenas, nas quaes embarcou cincoenta mil Soldados, e trinta mil obreiros de differentes grêmios: sitiou Canêa, importante praça de Candia, sujeita aos Venezianos, e ganhou-a em oito dias de combate.

Filippe IV Rey de Hespanha entregou o governo dos Paizes baixos a Guilhelmo Archiduque de Austria, irmão do Imperador Fernando III. Este mesmo Principe conquistando algumas praças, se adiantou com o seu exercito ate as fronteiras de França, nas quaes combatendo ao Principe de Condé, perdeu em Lens huma das mais famosas batalhas, que se virão naquelle paiz.

Esta sensível perda fez capitular com mais vigor as pazes, que se começavaõ a tratar em Munster, Cidade de Alemanha, desde o anno de 1644, mandando todas as Provincias de Europa, que se achavaõ entregues a huma terrível guerra, seus Plenipotenciarios ao dito Congresso. Sustentava França colligada com Suecia, Holanda, e Portugal a guerra contra o Imperio, Hespanha, e o Duque de Lorena.

O Papa, e Republica Veneziana se dispunhaõ medianeiros entre os Principes Catholicos, e depois de varias Conferencias, foraõ as pazes concluidas em Munster em 24 de Outubro de 1648 entre o Imperador, e o Francez, e em trinta de Janeiro, entre os Hespanhoes, e Holandezes; ficando por este Tratado reconhecidos os Estados Geraes por livres, soberanos, e independentes. Erigiose hum oitavo Eleitorado a favor de Carlos Luiz, Principe Palatino do Rheno, que foy posto segunda vez na posse do inferior Palatinado. Regulou-se no mesmo anno no tratado, que se celebrou em Osnaburg, o estado da Religião Catholica, e Protestante em Alemanha, com

com tanto sentimento da verdadeira, que vários Arcebispos, Bispos, e Abbadias se secularizaraõ, obtendo os Hereges humas Igrejas, e largando outras aos Catholicos; sendo este Tratado para os mesmos Protestantes de pouca vantagem; porque o Nuncio Apostolico fez hum solemne protesto contra tudo, quanto se tinha determinado em Olnaburg.

No anno de 1649, foy degolado em publico cadafalso na praça de Londres a 9 de Fevereiro Carlos I, Rey de Inglaterra, tendo quarenta annos de idade, e vinte e cinco de governo. Condemnando-o o Parlamento, como se fora traidor, e inimigo da patria; sendo declarado Protector do mesmo Reyno Oliverio Cromuel, sahindo desterrada toda a familia Real.

No mesmo tempo dando os Turcos garrote a Ibrain seu Sultaõ, puzeraõ em seu lugar no throno de Constantinopla a Mahometo IV, tendo sete annos de idade. O Cardeal Julio Massarini, que deixando o cargo de primeiro Ministro de Luiz XIV de França, se havia retirado a Have de Grace, voltou para a Corte de Paris no anno de 1652, fazendo prender ao Cardeal de Betz. Neste tempo recobrou ElRey de Hespanha Barcelona, cujo sitio tinha durado quinze mezes, conseguindo seus habitantes o perdaõ de sua rebeldia. No seguinte anno condemnou o Papa Innocencio X as cinco proposicoens de Jansenio, mandando ElRey de França por hum edicto, passado a 7 de Julho; que se executasse a Bulla do Papa, quanto ás ditas proposicoens.

Filippe Rey de Hespanha mandou edificar huma sumptuosa capella no Escorial; trasladando a ella os ossos dos Reys seus Predecessores. O Archiduque Leopoldo, Governador dos Paizes baixos, fez prender em Brussellas ao Duque de Lorena, e o mandou levar á fortaleza de Amberes, e daqui a Dunquerque, para conduzi-lo a Hespanha: o Duque Francisco, seu irmaõ, passou de Viena, para mandar as tropas do Duque prezo; mas no anno depois de sua chegada, que foy o de 1655, deixou o partido de Hespanha, e tomou o de França.

Os Venezianos, a rógos do Pontifice Alexandre VII, e Luiz XIV de França, concederaõ o reestabelecimento



mento dos Padres da Companhia em sua Republica: El Rey de Portugal ratificou o Tratado feito entre os Ingleses, lançando fóra suas tropas, que estavam no Brasil, aos Holandezes de todos os lugares, que occupava a violencia de suas armas.

Proseguio-se a guerra, que estava declarada entre os Hespanhoes, e Inglaterra, com grandes hostilidades de ambas as partes: foy derrotada a frota de Hespanha, que vinha de suas Indias, pelos Ingleses, e amparando-se depois de huma parte da America, assolaraõ todas as Indias Occidentaes de Hespanha.



ALFRED A. W. PORT. REV. AND





ALFONSUS VI. PORT. REX. XXII.

Vixit XL: *Ann. Obiit .A<sup>o</sup> 1683.*

## CAPITULO X.

*Del Rey D. Afonso VI, decimonono Rey de Portugal, e das cousas, que succederão em sua menor idade, durando o governo da Rainha sua Mãe.*

**F**Oy El Rey D. Afonso filho de D. João IV, felicissimo Restaurador do Lusitano Imperio. Nalceo em Lisboa em 21 de Agosto de 1643. Morio seu Augustissimo Pay, foy aclamado Rey, tendo treze annos de idade, aos 15 de Novembro de 1656. Procurou a Rainha sua Mãe, Regente do Reyno por sua menoridade, imprimir-lhe com as Instrucçoens de suas virtudes, e insignes magisterios aquelles Reaes espiritos, que lhe faltavaõ pela lesão, a que o sujeitou huma grandissima enfermidade padecida na infancia; mas não puderaõ reprimir sua degenerada inclinação.

Continuavaõ com furiosa guerra neste tempo os Castelhanos a conquista de Portugal; mas com tão infausta fortuna, quanta era a felicidade das nossas armas, governadas por Joanne Mendes de Vasconcellos; perdendo a batalha de São Miguel, Forte, que pertencia á praça de Badajoz, sendo o seu presidio quasi todo degollado, sem que lhe valesse a vigilancia, e militar disciplina dos Duques de Osuna, e de S. German. Para resarcir esta perdida reputação de suas armas, sahio o exercito Castelhano do alojamento de Talavera, e entrou em Badajoz, trazendo por Capitão General a D. Luiz de Haro, Marquez del Carpio, Conde Duque de Olivares: constava o exercito de quatorze mil infantes, cinco mil cavallos, e artilharia, muniçoens, e mantimentos proporcionados a este corpo: era a forte praça de Ulvas o objecto desta empreza. Governava a dita praça o Mestre de campo General D. Sancho Manoel. A 22 de Outubro de 1659 chegou o exercito inimigo á vista da praça, e começou a combatela:

Chegou a Lisboa a noticia deste sitio, e elegeo a Rainha para o seu soccorro, e Governador das armas da Provincia do Alentejo ao Conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes. Passou este a Extremoz para juntar exercito.



exercito. Tinhaõ a este tempo os inimigos lançado hum cordão a Elvas, para lhe impedir os soccorros. Padecia a praça hum tão terrivel contagio, que em cada dia acabavaõ trezentas peiloas; mas compadecido o Ceo desta fatalidade, quiz que a compensasse humavitoria.

Em hum Sabbado 11 de Janeiro do mesmo anno fahio de Extremoz o nosso exercito, mandado pelo invicto valor do Conde, e mais Generaes, que o acompanhavaõ: compunha-se este corpo de oito mil infantes, dous mil e quinhentos cavallos, e quatrocentas égoas, sete peças de campanha, com todas as prevençoens precisas. Ate que amanhecendo o dia de 14 de Janeiro, sempre memoravel nos Portuguezes Fastos, se romperaõ as linhas, foy livre a praça, ficando os inimigos totalmente desbaratados; sendo esta humas das mayores perdas, que em muitos seculos havia experimentado dentro em Hespanha aquella Monarquia; porque de quatorze mil infantes, e tres mil cavallos, com que D. Luiz de Haro tinha defendido as linhas, naõ achou em Badajos mais, que cinco mil infantes, e mil e trezentos cavallos, ficando prizioneiros cinco mil.

O estado, em que ficou o Reyno depois destas gloriosas campanhas pela falta de gente, e cabedal, obrigou a Rainha Regente a sollicitar em França algum soccorro, nomeando por Embaixador Extraordinario áquelle Corte ao Conde de Soure. Chegou este a Paris a tempo, que se começava o ajuste de paz entre Hespanha, e aquella Coroa, que governava o Cardeal Massarino, cuja politica o mostrava pouco inclinado á Nação Portuguesa pelos interesses da sua: desgostou-se o Conde Embaixador com estas contradicçoens, sendo a principal ver, que senaõ incluiaõ naquelle Tratado as conveniencias do seu Soberano. Favorecia o Marechal de Turena a nosso causa com tanta actividade, que a pezar das intençoens daquelle Ministro, fez levantar algumas tropas em França para soccorro de Portugal, nomeando para Generaes dellas aos dous Condes de Schomberg, e Inchequim; este Irlandez, e aquelle Alemaõ, e ambos de distincto valor.

Os negocios de Roma neste tempo corriaõ a mesma

ma fortuna, que os de França, avaliando-se naquella Corte por mais indubitavel a ruina de Portugal com a noticia, de que França no tratado da paz em Castella se desobrigara de soccorrer-no, prevalecendo as negociações dos Castelhanos

A 11 de Novembro de 1660, desembarcou em Lisboa o Conde de Schomberg, a quem a Rainha tinha recomendado passasse a Londres a propor a Carlos II, de pouco introduzido no throno de Inglaterra, o casamento da Senhora Infanta Dona Catharina, com tão feliz successo, que segura a Rainha do ajuste, mandou áquella Corte a Francisco de Mello, Marquez de Sande, para continuar aquelle negocio, e concluir o casamento.

Combateo Castella com todo o esforço de sua politica este ajuste, offerecendo a Carlos tres milhoens, se casasse com hum Princeza Protestante; sendo propostas as de Dinamarca, Saxonia, e Orange; porém o Chanceler de Inglaterra representou vivamente ao seu Rey, a pezar das injustas pertençoens de Hespanha, quanto importava sustentar no throno de Portugal a Sereníssima Casa de Bragança, não consentindo, que todas as Hespanhas fossem injeitas a hum só Soberano.

Casou em fim Carlos com a dita Infanta no anno de 1661, e em favor desta aliança mandou logo a Portugal hum corpo de exercito, commandado pelo Conde Inchequim, ainda que pouco depois mandou, que obedecessem as suas tropas ao Conde de Schomberg. Neste tempo, em que todas as cousas do Reyno se viaõ bem reguladas pelo prudente governo da Rainha á satisfação de todos os seus vassallos, succedeo, que em quanto se applicava com grande cuidado em segurar a Coroa na cabeça de seu filho, este dominado de hum genio estranho de Magestade, não podia soffrer a justa authoridade de sua Mãe; e desprezando os sabios conselhos de seus Ministros, menos tolerava a companhia dos mais qualificados do Reyno, que lhe tinhaõ destinado para acompanhalo.

Sentida a Rainha destes indecentes procedimentos, julgou, que os vicios de seu filho, e o pouco caso, que fazia da Nobreza, lhe faria cahir da cabeça a Coroa, pertendeo encerralo; porém temendo hum

Tom. II, Z guerra



guerra civil, favoravel aos inimigos, não se atreveo á execucao. Intentou com ternuras de Mãe emmendalo, tirandolhe do lado a indigna companhia de hum Antonio Conti, a quem elRey tinha feito seu valido, e ministro secreto de suas desenholturas, o qual prezo com hum seu irmão complice nos mesmos delictos, foraõ remettidos para o Brasil. Sentindo ElRey este retiro, largoulhe a Rainha o governo, e desenganada das grandezas do mundo, se retirou para a sua quinta do Grilo, sitio, em que começava a fundar hum Convento de Agostinhas Descalças. onde falleceo em hum Sabbado 27 de Fevereiro de 1666, com todos os actos de huma Catholica Princeza. Houve-se nas prosperidades sem algum delvanecimento de sua fortuna; e nos infortunios tem a impaciencia, que costumaõ causar as adversidades; honrando em fim todos os seculos com as qualidades de huma Princeza admiravel, heroico exemplo das mais virtuosas Soberanias. Dispostos os seus funeraes com decente pompa, toylevado seu Real corpo ao Mosteiro do Sacramento de Carmelitas Descalças, que tambem edificára, onde esteve por deposito, até se acabar a Igreja das Religiosas Agostinhas Descalças, no qual descansão suas Reaes cinzas.

### C A P I T U L O XI.

*De varios progressos das nossas armas em todas as Provincias do Reyno, e seus Estados; do casamento delRey D. Affonso, e seu governo.*

**C**elebrada a paz entre ElRey Philippe IV, e ElRey Luiz XIV, vendose os Castelhanos livres de tão poderoso inimigo, se empregaraõ com todo o valor em proseguir a restauração de Portugal, e com esta resolução mandaraõ neste anno de 1662 hum poderoso exercito, governado por D. João de Austria, filho illegitimo de Philippe IV; e rendendo Arronches, e outros lugares menos importantes, se retirou satisfeito com esta empresa. No anno seguinte sahio á campanha, assolando tudo, por onde passava: não chegou muito distante de Lisboa, e á houvera ganhado, se como Annibal accelerara as marchas; mas como o exercito se via fatigado,

descan-

descansou alguns dias. Mandou parte das tropas a Villa-Boim; era o Governador Francez, entregou-se sem resistencia. Marchou a bulcar o nosso exercito, que acampava debaixo da artilharia de Extremoz: provocou-o a batalha, mas sem effeito; rendendo a Borba com honrados pactos, avistou Geromenha, Villa bem fortificada, e depois de hum mez de porfiada resistencia se rendeo com honradas condiçoens.

Passou á Veiros, e ganhando-a, fez voar o seu Castello; padecendo o mesmo estrago Monforte, Alter Pedrozo, Assumar, e Ouguela. No Crato mandou enforcar o Governador, que lhe resistira. Passou a Alegrete: era seu Governador Francez: mandou-lhe dizer, que se rendesse. Respondeo-lhe com dous frascos de vinho, rogando ao General, que provasse daquelle excellente licor, que produzia aquella Villa, e que por isso mesmo se via obrigado a defendela até á ultima gotta de seu sangue: e agradando a Dom João de Austria este generoso desembaraço, passou adiante sem offendela. Seguiu a corrente de seus presumidos triunfos, e continuando as marchas até a Cidade de Evora, illustre capital daquelle Provincia, a sitiou, e rendida, mandou sua guarnição para Hespanha prizioneira, ainda que lhe não durou muito tempo esta gloria; porque depois de perder huma batalha, recuperou aquella Cidade o Conde de Villa-Flor assistido do valor, e militar industria do Conde de Schomberg. De Evora mandou destacar tres mil cavallos, e dous mil infantes para Alcacer do Sal, Villa não muito distante de Setuval, porto do mar o mais consideravel do Reyno depois do de Lisboa.

Todos estes movimentos dos Castelhanos incitaram neste tempo no povo de Lisboa hum tumulto, fomentado pelo indiscreto zelo do Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo, com tanta ferocidade, que de todo se arruinariam riquissimas casas, a não se oppôr a esta popular desordem o impenetravel escudo da Nobreza. Socegou-se em fim dentro de poucas horas este tumulto.

Formado hum corpo consideravel de tropas, marcharam os Condes de Schomberg, e Villa-Flora a cortar a



corrente da invação inimiga, com tão feliz progresso, que em breves tempos fizeraõ retirar os Castelhanos para as suas fronteiras, depois de perdida a memoravel batalha do Amexial, em que ficaraõ mortos dos inimigos mais de quatro mil, e seis mil prizioneiros, entre os quaes entravaõ o Marquez de Eliche, cinco vezes Grande de Hespanha, hum filho do Duque de Medina de las Torres; e das tropas estrangeiras, os Condes de Escalante, de Theico, de But, e de Loscequin: foy conseguida esta vitoria no anno de 1663 a 8 de Junho.

Neste mesmo tempo não eraõ menos prosperos os successos militares de Entre Douro, e Minho, que governava o Conde de Prado D. Francisco de Sousa primeiro Marquez das Minas, illustrando o nascimento com o valor do seu braço; degollou nas portas do Forte da Conceição em Galiza grande numero de Valoens, e reprezou cincoenta cavallos inimigos. Sitiou a Villa da Guarda, e rendendo-a, a deixou guarnecida; e ganhadas outras praças, a pezar do Condestavel de Galiza, se retirou a Celebrar a sua fortuna.

O Conde de S. João Luiz Alvares de Tavora Governador das armas da Provincia de Trasdos Montes, queimou o lugar de Vilace em Galiza; desbaratando duzentos e cincoenta cavallos, equinhentos infantes da guarnição de Monte-Rey. Partio a este tempo o Conde de Alentejo, e voltando para o seu governo, soube as hostilidades, que tinhaõ em sua ausencia padecido alguns lugares abertos; e em sua satisfação saqueou os lugares de Oimbra, Fama-guelos, Marraços, e Tosal, e rendendo em fim a Rôa, lugar grande, muito rico, e bem fortificado, se recolheu com a ventura de vencedor.

Na Beira não foraõ menos felices os successos; porque entrando por ella o Duque de Ossuna com tres mil infantes, mil cavallos, e sete peças de artilharia, parou todo este militar estrondo em destruir a novidades daquelles contornos, retirando-se à Cidade Rodrigo. Soube Pedro Jaques Magalhaens, Governador daquella Provincia, que o Duque tinha dividido as tropas, marchou a queimar a Villa do Sobradilho. Dispoz o Duque a vingança, juntou todas as suas tropas, que constavaõ de  
quatro

quatro mil infantes, setecentos cavallos, e nove peças de artilharia, e a tres de Julho amanheceu sobre Castello Rodrigo, praça sem mais defensão, que humra antiga, e arruinada muralha. Formou o Duque as batarias com desesperada actividade; partio a soccorrella Pedro Jaques com dous mil e quinhentos infantes, e quinhentos cavallos, e duas peças de campanha, e investindo valerosamente os inimigos, foraõ todos em breve tempo derrotados, livrando-se o Duque com poucos cavallos disfarçado. Ficou na campanha por despojo toda a infantaria, com a artilharia, bandeiras, muniçoens, e bagagens, naõ escapando deste estrago parte da cavallaria, e mortos mil e duzentos infantes.

Governou o Conde de Atouguia com grande satisfação o Estado do Brasil, nomeou ElRey para lhe succeder a Francisco Barreto, que com gloriosas acçoens havia concluido a guerra de Pernambuco, expulsos os Holandezes de todas as praças daquelle Estado. A este succedeo o Conde de Obidos D. Vasco Mascarenhas, que tinha sido Governador das armas do Alentejo. A este Alexandre de Sousa Freyre no anno de 1663, que em Africa tinha occupado o posto de Capitão General de Marzagão. Em 1671. lhe foy succeder Affonso Furtado de Mendoça, primeiro Visconde de Barbacena, que morreo no governo, e por sua morte entrou a governar aquelle Estado Roque da Costa Barreto no anno de 1678, que tinha governado a Provincia da Extremadura com a patente de Sargento mór de Batalha. Succedendo-lhe em fim no anno de 1685 Antonio de Sousa de Menezes, chamado o braço de prata, por trazer hum deste metal em lugar do que perdera na guerra de Pernambuco.

Continuavaõ o governo da India Luiz de Mendonça Furtado, e D. Pedro de Alencastre. com pouco poder, e menos uniaõ, infelicidade bastante a destruir o mayor Imperio. Sitiavaõ neste tempo os Holandezes Cochim, e Cranganor, e depois de varios successos infelices pelas dissençoens dos dous Governadores, entraraõ os Holandezes a Cranganor, levantando o sitio de Cochim. Continuou o ultimo até 13 de Novembro de 1662.

Neste mesmo anno passou áquelle governo Antonio



de Mello de Castro, com ordem de entregar aos Inglezes a Praça de Bombaim, promettida em dote á Senhora Dona Catharina. A este succedeo João Nunes da Cunha primeiro Conde de São Vicente: falleceo no governo, a que foy succeder Luiz de Mendocça Furtado e Albuquerque, primeiro Conde do Lavradio, sendo quarta vez Vice-Rey do mesmo Estado, mas morreo na viagem. Succedeo lhe Dom Pedro de Almeida, e tomando posse a 30 de Outubro de 1677, falleceo voltando da empreza de Palê para Moçambique. Passou a governar aquelle Estado Francisco de Tavora, primeiro Conde de Alvor, até á morte del Rey Dom Affonso.

Continuava o Conde da Ericeira o governo de Tangere, que sitiaraõ neste tempo os Mouros, a quem tyrannicamente dominava Gaylan valeroso barbaro: chegaraõ á vista da Cidade em Quarta feira de Trevas com hum exercito de vinte e cinco mil homens, e depois de porfiados combates de huma, e outra parte, se retirou Gaylan, deixando aquelle campo semeado de mortos, e nas mãos do Conde humagloriosa vitoria; pouco depois foy entregue aos Inglezes na fórma da capitulação feita com El Rey de Inglaterra, contando cento e noventa e hum annos de dominio Portuguez, depois que Affonso V. a conquistara.

Neste tempo retirado D. João de Austria para Conuegra, deixada a campanha do Alentejo, nomeou Filipe IV General de hum poderoso exercito ao Marquez de Carracena. De Lisboa partio para a mesma Provincia o Marquez de Marialva por Governador de suas armas: soube este, que o Marquez de Carracena tinha ganhado a Villa-Vicosa, estimavel Corte dos Serenissimos Duques de Bragança, constando o seu exercito de quinze mil infantes, sete mil e seiscentos cavallos, quatorze peças de artilharia, e grande numero de muniçoens. Partio a soccorrer aquella praça, que ainda conservava a sua Cidadella defendida por Christovão de Brito, que a governava: compunha-se o nosso exercito de quinze mil infantes, cinco mil e quinhentos cavallos, e vinte peças de artilharia. Avistaraõ-se os dous exercitos ao romper da manhã de 17 de Junho de 1665, e occupados os postos

conve

convenientes de ambas as partes, se deo a memoravel batalha de Montes-Claros, que perderão os inimigos, deixando na campanha quatro mil mortos, e seis mil prisioneiros, em que entraraõ alguns Officiaes de mayor distincção, quatorze peças de campanha, oitenta e seis bandeiras, e tres mil e quinhentos cavallos, que se distribuirão pelas nossas tropas, tendo esta a ultima de seis batalhas, que os Portuguezes ganharaõ depois da feliz acclamação del Rey D. João IV, succedendo esta vitoria a delafete de Junho do mesmo anno.

Menos prosperos, que os da guerra, eraõ os successos da Corte, pelo violento do governo de alguns, que assistiaõ a El Rey: com tudo para que seguissem a mesma ventura, que os militares, os politicos, e progressos, determinou El Rey pedir ao de França para sua Esposa a Princeza Dona Maria Francisca Isabel de Saboya, filha de Carlos Amadeo Duque de Nemurs, e de Isabel de Vandoma. Ajustados os tratados do matrimonio entre Francisco de Mello, Conde da Ponte, e Marquez de Sandes, e o Duque de Estrées, Bispo Conde de Laon, tio da Rainha, a conduzio o mesmo Duque para o Reyno, acompanhando a este o Illustrissimo Condutor, como Embaixador de França, o Marquez de Rouvigne. Partio a Rainha a 4 de Julho do porto de Arrochela, distante cento e vinte legoas de Paris. A 2 de Agosto de 1666 chegou com prospera viagem a armada Franceza ao porto de Lisboa: foy recebida a Rainha com alegria da Nobreza, e povo, alternando se salvas de artilharia, e instrumentos musicos, representando-se todo este custoso, e magnifico apparato no sitio de Belem, o mais aprasivel theatro, que reconhece o mundo.

Teve todo este devido alvoroço o descontento de ver-se El Rey tão alheyo das obrigaçoens, em que o punhaõ as precisas demonstraçoens de tal dia; porque com o pretexto de ganhar o Jubileo da Porciuncula, se tinha retirado para o Convento de Santo Antonio dos Capuchos, dando com este sensivel descuido evidente testimonho de sua incapacidade.

Acabadas as festas, que com alegre magnificencia fez a Cidade no recebimento da Rainha, se renovarão os funestos



funestos accidentes , fundados no injusto odio; que El Rey tinha ao Infante seu irmão , não havendo dia, em que não crescessem os desconcertos. Passou para Salvaterra, tratando a Rainha com tanta desigualdade, que se vio aquella Princeza innocente objecto da comitteração de todos; porque as brilhantes virtudes, que nella resplandeciaõ, rendiaõ os coraçõens de seus vassallos , já parciaes de sua razaõ , e seu alto merecimento.

Voltou em fim para a Corte El Rey abrigando em seu coração o aborrecimento do Infante: tem razõens , e injustiças, que tocavaõ no seu decóro , foraõ os estimulos do seu justo sentimento, que o obrigaraõ a pedir satisfação de suas queixas, ou buscar na distancia da patria o desafogo dellas. Nesta confusão se achava a Corte, e neste embaraço todo o Reyno, sendo diversos os effeitos, que produziaõ taõ perigosas controversias; porque os interessados avaliavaõ as acçoens á medida de suas conveniencias; huma guerra civil se temia imminente, que podia perturbar a felicidade da patria.

Resolveo-se emfim o Infante , vendo os desconcertos do governo , acompanhado da mayor Nobreza, a falar a El Rey, e revestindo os periodos daquelle respeito, a que se vincula a Magestade, lhe disse entre attençoens resolutas: „ Que não duvidava concorressen para os maiores acertos as soberanas intençoens de Sua Magestade, „ mas que era justo, que os vassallos merecedores do premio se attendessem, e os delinquentes se castigassem; „ porque nestes dous firmíssimos pólos se sustentava huma bem regulada Monarquia.

Escutou-o El Rey colerico, pedio com gritos a espada, que ainda não tinha cingida, e o Infante atalhando prudente este excesso, tirando com heroico impulso a sua da baihna, lha offereceo dizendo: „ Se V. Magestade necessita de espada para castigar alguma inadvertencia da „ minha sinceridade; aqui tem esta para desafogo da sua „ paixãõ; se para empregala em alheyos delictos, eu se- „ rey o melhor executor dos seus preceitos.

Estas razõens, que poderaõ domesticar a mais indomita fera, produziraõ em El Rey palavras taõ indecentes contra o Infante, que não puderaõ moderalas alguns

Fidalgos, que se achavaõ prelentes; malogrando ElRey as generosas diligencias, que o mesmo Infante applicava para segurar-lhe a Coroa na cabeça; de que a sacodia a indecencia de seus excessos, e malicia de seus confidentes.

Achava-se a Rainha reduzida a tão grande afflicção, que lhe não era possível descobrir alivio. Sendo á vista das indecencias, que tolerava, tão generoso seu espirito, que buscava desafogo no soffimento, se não accresceraõ á dor de aggravada os estímulos da consciencia offendida. A's inspiraçoens deste heroico conhecimento pertendeo vencer todas as difficuldades, separando-se da companhia delRey; e depois de varias espirituaes, e doudas conferencias, se retirou para o Convento da Esperança da Ordem Serafica, nobilissimo deposito da mais qualificada Nobreza do Reyno, em 21 de Novembro, deixando nas mãos de seu Mordomo mór o Conde de Santa Cruz huma carta para ElRey nesta substancia.

„ Deixey a patria, a casa, os parentes; e vendi  
„ minha fazenda, por vir acompanhar a V. Magestade  
„ com desleijo de o fazer á sua satisfação, e tenho senti-  
„ do muito a desgraca de não o poder conseguir, por  
„ mais que o procurey, e obrigada de minha consciencia  
„ me resolvi tornar para França nos navios de guerra,  
„ que aqui chegaraõ. Peço a V. Magestade me faça mer-  
„ cê de me mandar entregar o meu dote, pois que V. Ma-  
„ gestade sabe muito bem, que não estou casada com el-  
„ le. Espero da grandeza de V. Magestade me mande fa-  
„ zer, assim entrega do meu dote, como tambem o fa-  
„ vor, que merece huma Princeza estrangeira, e desampa-  
„ rada nestes Reynos, e que veyo buscar a V. Magestade de  
„ parte tão distante.

Recebeo ElRey este aviso com tão desordenada paixão, que com estrondosa pressa buscou o dito Convento; e encontrando cerradas as portas, intentou despedaças-las; mas atalhando este desacordo o Infante com prudentes satisfaçoens, se recolheo ElRey ao Paço, e dentro de breves horas, esquecido do successo, se entregou aos mesmos divertimentos, a que sempre se applicava. Livre a Rainha deste perigo, escreveu ao Cabido da Sé, que entaõ



era Vacante, dando-lhe conta da nullidade de seu casamento, pedindo-lhe, que como Juiz daquella causa, a decidisse para descargo da sua consciencia. Respondeo o Cabido á carta da Rainha, e feitas todas as diligencias, que pedia a gravidade da materia, e sem Direito estabelecidas, pronunciou sentença, na qual a desobrigava dos laços do Matrimonio, por ser contrahido de facto, e não de Direito; e por isso nullo.

Neste tempo já Sua Alteza tinha tomado posse do governo do Reyno ás instancias da Nobreza, e Povos, assignando ElRey a desistencia em papel, feito pelo Seu Secretario de Estado Antonio de Cabide, do theor seguinte. „ ElRey nosso Senhor tendo respeito ao estado, em „ que o Reyno se acha, e ao que representou o Confe- „ lho de Estado, e outras muitas cousas, e razoes, que „ a isso o obrigaraõ, de seu moto proprio, poder Real, „ e absoluto, ha por bem fazer desistencia destes seus „ Reynos, assim, e da maneira, que os possue, de hoje „ em diante para todo sempre em a Pessoa do Senhor „ Infante D. Pedro seu irmão, e em seus legitimos Des- „ cendentes; com declaração, que do melhor parado das „ rendas reserva cem mil cruzados de renda em cada hum „ anno, dos quaes poderá testar por sua morte, por tempo „ de dez annos; e outrossim reserva a Casa de Bragança „ com todas suas pertencas, e em fé de verdade de Sua „ Magestade assim o mandar cumprir, e guardar, me man- „ dou fazer este, e o firmou. Antonio de Cabide o fez a „ 23 de Novembro de 1667.

Não consentio generosamente o Infante na proposta dos póvos, que persistiaõ firmemente, que devia coroar-se; não querendo admittir, em quanto fosse vivo ElRey, mais que o titulo de Governador do Reyno. Porém tendo chegado á Corte os Procuradores dos Cabidos, Cidades, e Villas do Reyno, juntos os Tres Estados, o juraraõ Príncipe com a costumada solemnidade em 27 de Janeiro de 1668, e por tal foy respeitado até à morte delRey D. Affonso, que succedeo no palacio de Cintra a 12 de Setembro de 1683, e foy sepultado no Pantheon de Belem, Convento dos Monges de São Jeronymo; sendo em todo o tempo, que lhe durou a vida, servi-

servido, e respeitado com finas attençoens do Principe Regente.

Era ElRey D. Affonso de excellente presença, alto, olhos azues, perfeito nariz, cabello louro, e comprido, e de grande memoria: foy affavel, caritativo, e liberal, e ainda que leio de meyo corpo, era muito forte a cavallo. Edincou em Santarem a Igreja de Nolla Senhora de Piedade, em que lançou a primeira pedra. Creou de novo os titulos seguintes. A Antonio Luiz de Menezes Conde de Cantanhede fez Marquez de Marialva. A Francisco de Sá e Menezes Conde de Penaguião, e seu Camameiro mór, fez Marquez de Fontes. A D. Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor. A João Nunes da Cunha, Conde de S. Vicente. A Francisco de Mello Conde de Ponte, Marquez de Sande. A D. Luiz de Almeida, Conde de Avintes. A D. Pedro de Castel-Branco, Conde de Pombeiro, A Lourenço de Sousa seu Aposentador mór, Conde de Santiago. A Martim Correya de Sá, Visconde de Asteca, e a Luiz de Sousa de Macedo, filho do Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo, Barão da Ilha grande.

Felicitou com a sua vida o Reyno de forte, que ao mesmo tempo, que caminhava para a sepultura, entraraõ pelo Tejo as frotas da America com duas naos da India; derrotando em seu tempo os Portuguezes aos Hespanhoes em varias campanhas, como foraõ a de S. Miguel junto a Badajoz, as Linhas de Elvas, a do Amexial, Castello Rodrigo, e Montes Claros. Na sua morte o Papa Innocencio XI celebrou com solemnißima pompa as suas exequias em Roma com assistencia de toda aquella Sagraria, recitando ao mesmo tempo nellas o Cardeal de Eftrees, Protector de Portugal, na presença do Papa huma funebre Oração, em que juntamente rendia as graças ao Papa; e mostrando com eloquentes periodos, quanto eraõ benemeritosos Reys Portuguezes da attenção da Sé Apostolica pelos seus serviços á Igreja, Fé, e Religião incorrupta. Não deixou ElRey D. Affonso filhos.



## CAPITULO XII.

*Memoria de alguns successos do mundo no tempo del Rey  
D. Afonso VI.*

**F**Oy Pontifice da Igreja Alexandre VII, morreo a 22 de Março de 1667, e succedeo-lhe Clemente IX. Imperaraõ em Alemanha successivamente Fernando III, e Leopoldo I. Em 13 do mez de Setembro morreo em Londres Oliverio Cromuel Protector de Inglaterra, triunfou de seus inimigos, e fez-se arbitro de toda Europa até o fim da vida. Na anno de 1661 morto o tyranno Cromuel, voltou para Inglaterra Carlos II filho do infelice Carlos I, foy Coroado, e posto no Throno com approvaçãõ do Parlamento.

No de 1663 fizeraõ os Turcos notaveis progressos em Hungria contra o Imperador Leopoldo, ganhando varias Cidades; e as Provincias de Silesia, e Moravia; no qual tempo varios Judeos de Constantinopla, em obsequio do Sultaõ; e suas vitorias, perseguiaõ cruelmente aos Christãos; mas irritado contra elles Mahomet IV castigou severissimamente sua obstinada insolencia.

Intentou o mesmo Sultaõ conquistar a Austria com hum formidavel exercito, mas foraõ derrotadas suas tropas na memoravel batalha de S. Godar no anno de 1664 pelo General Montecuculi com ajuda dos Condes de Fevillhada, e Colini, que com tropas Francezas tinhaõ corrido para soccorrer Ungria. Depois desta feliz campanha celebrou Leopoldo treguas com Mahomet no anno seguinte.

Morreo no mesmo anno em 23 de Mayo a Veneravel Madre Soror Maria de JESU da Ordem de S. Francisco, Abbadessa do Convento da Immaculada Conceição na Villa de Agreda, com opiniaõ em Santidade. Philippe IV aestimava muito; e Carlos II. seu filho lia com muito gozo os admiraveis livros da Mystica Cidade de Deos, que ella tinha composto, e andaõ traduzidos em diversos idiomas de Europa.

Philippe V. no anno de 1729, passou a Agreda a visitar seu Veneravel corpo, que vio incorrupto, e inteiro.

Trabalha-se em Roma na causa de sua Beatificação, lidos seus livros depois de varias controversias por consentimento da Igreja, com sũma consolação da Christandade, como milagre da Divina graça.

No mesmo anno Canonizou o Papa Alexandre VII em 19 de Abril a Santo Thomás de Villa-Nova, Religioso de Santo Agostinho, Arcebispo de Valença; e a S. Francisco de Sales, Bispo, e Principe de Genebra, no mesmo tempo houve em Londres hum contagio, que matou mais de tres mil pessoas cada semana. Em 24 de Fevereiro de 1666 foy acclamado D. Carlos II Rey de Hespanha por Principe Soberano dos Paizes baixos de idade de quatro annos, governando sua mãy Mariana de Austria, filha do Imperador Fernando III, por sua menor idade.

No segundo dia de Setembro do mesmo anno houve hum tão violento incendio na Corte de Londres, que abraçou em breve tempo mais de duas mil cazas. Luiz XIV, Rey de França declarou a guerra a Hespanha pelo direito, que tinha sobre huma parte dos Paizes baixos, que lhe pertencião por sua mulher Maria Theresa de Austria, os quaes Hespanha lhe não queria ceder.

A Villa de Ragusa, situada sobre o mar Mediterraneo, foy no mesmo anno inteiramente destruida, por hum terremoto terrivel, perecendo o seu Duque com sete, ou oito mil habitantes.





## CAPITULO XIII.

*Del Rey D. Pedro II. do nome, vigesimo Rey de Portugal, chamado o Pacifico, e de seu governo, em quanto Principe Regente.*

**F**Oyo Infante D. Pedro, terceiro filho del Rey D. Joaõ IV. Nasceo em Lisboa a 26 de Abril de 1648, compoz-lhe seu pay decente estado, dando-lhe com outras terras o Ducado de Beja. Deposto do throno por justissimas causas El Rey seu irmão, foy jurado Principe Regente em 27 de Janeiro de 1668.

Quando a Rainha se recolheo para o Mosteiro da Esperança, e principiou a causa do seu divorcio mandou a França a Luiz de Verjû, que com o caracter de Enviado do Duque de Vandôma assistia em Lisboa, para informar naquella Corte a El Rey, e seus Parentes da justiça do seu procedimento, e da sentença do seu divorcio; referindo-lhe, que muito tempo antes, que ella tomasse esta resolução, era já notoria a incapacidade del Rey.

Vista pelos Estados do Reyno juntos em Cortes a cópia da sentença da separação do Matrimonio, uniformes convieraõ se celebrasse o casamento do Principe com a Rainha, com applauso universal de todo o Reyno, dispensando no parentesco de ambos, e no impedimento de publica honestidade, pelos fundamentos da sentença, dada pelo Cabido de Lisboa, o Papa Clemente IX, sendo Juizes do Breve Apostolico D. Diogo de Souza, que foy Arcebispo de Evora, Antonio de Mendoça, e D. Luiz de Sousa, que successivamente foraõ Arcebispos de Lisboa, Martim Affonso de Mello, que foy Bispo da Guarda, e Manoel de Magalhaens de Menezes. E a 2 de Abril do mesmo anno os recebeu em hum Oratorio particular do Palacio o Bispo Deaõ, sendo Procuradores do Principe, o Marquez de Niza, e D. Rodrigo de Menezes seu Escribeiro mór; e da Princeza, o Duque de Cadaval, e o Marquez de Marialva.

Começou a governar com taõ felicissimos acertos, que logo o Reyno se vio livre daquellas desordens, a que o tinhaõ reduzido a insolencia, e o descuido. Era muito



muito observante da justiça, não resolvendo cousa alguma, que lhe pertencesse sem a consulta de seus sábios Ministros. Refrearaõ-se os delinquentes pelo temor do pronto castigo, sendo sua severidade em taes casos precisa para socego do Reyno; porque os delictos até este tempo se executavaõ sem temor da justiça; foraõ os seus primeiros cuidados pôr o Reyno em estado de hum poderosa defen-  
sa; e para aliviar os seus póvos das terriveis oppres-  
soens da guerra, admittio a paz, que com honrosas van-  
tagens das suas armas lhe pedia Castella.

Na memoravel batalha do Anexial havia sido prisioneiro de guerra D. Gaspar de Haro, Marquez del Carpio, assistindo como tal no Castello de S. Jorge de Lisboa; e como lhe naõ eraõ occultos os successos da Corte, mostrou cartas da Rainha, que era Regente da Coroa de Castella pela menoridade del Rey seu filho, nellas poderes, para que com grandes conveniencias de ambosos Reynos ajustasse a pertendida paz.

Soube destes intentos o Abbade de S. Romain Embaixador de França, e instou com todas as razoens, ministradas pela sua politica, que seinaõ alterassem em deterimento do seu Soberano os ajustes da liga; mas conhecendo Castella, que aquella era a occasião mais feliz para o seu socego, e que El Rey da Graõ Bretanha se havia offerecido medianeiro, fez a Rainha Regente, com que passasse a este Reyno o Conde de Sandwich, Embaixador Extraordinario de Inglaterra na Corte de Hespanha, o qual entrando em Lisboa deo grande calor ao tratado da paz.

Entregou El Rey D. Pedro; depois de hum consulta, que lhe fizeraõ os tres Estados do Reyno, Senado, e Camera de Lisboa, este importante negocio a seus Plenipotenciarios, que eraõ, o Duque do Cadaval, o Marquez de Niza; os Marquezes de Gouvea, e Marialva, o Conde de Miranda; e o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva. Juntaraõ-se estes com o Marquez del Carpio, e Conde de Sanduwich Duarte de Montegû; com poderes de seus Principes para os tratados, e depois de varias conferencias, se veyo a concluir a paz com gloriosa utilidade do Reyno, e foy publicado em Lisboa a 2  
de

de Mayo de 1668, reconhecendo a este tempo a Corte de Roma, a ElRey D. Pedro por legitimo Rey de Portugal, e concedendolhe faculdade para prover os Bispos de seus dominios, que estavaõ vagos havia vinte e nove annos.

Feitas as pazes, conservou sempre ElRey com Hespanha fidelissima amizade, soccorrenda-a em todas as occasioens precisas, como foy na defenſa da Praça de Oraõ contra o poder dos Mouros, que a tinhaõ sitiado, sendo General da nossa armada Pedro Jaquez Magalhaens. Valeo-se segunda vez Hespanha das nossas armas no soccorro de Ceuta, para cuja defenſa partio do porto de Lisboa com hum Regimento de Infantaria Pedro Matcarenhas Barreto, tendo bastante este soccorro para desafrentar aquella praça da obstinada invasão de tantos barbaros.

Neste tempo intentou ElRey casar sua filha primogenita a Senhora Infanta Dona Isabel, jurada Princeza deste Reyno, com o Duque de Saboya seu primo; e chamando a Cortes, foy nellas dispensada a Ley fundamental das de Lamego, que prohibem caſem as filhas herdeiras fóra do Reyno. Preparou-se para conduzir o Duque huma luzidissima armada, composta de oito naos, de que era General Pedro Jaques de Magalhaens, sendo Embaixador, e Condutor daquelle Principe o Duque de Cadaval.

Sahio a armada do Porto de Lisboa a 13 de Mayo de 1682, e chegando com feliz viagem á Corte de Turim, achou o seu Duque mal convalecido de huma perigosa febre, que não cedendo logo á actividade dos remedios, se dilatou de tal sorte a sua convalecença, que foy preciso voltar a armada para Lisboa. Para esta occasião tinha ElRey mandado lavrar huma medalha de ouro, que pezava vinte e quatro mil reis, tendo de huma parte o seu retrato com esta inscripção: *Petrus D. G. Portugal. & Algarb. Princeps*; e da outra as Portuguezas Quinas, orladas com esta letra: *In hoc signo vinces, respiciam, & videbo*. Vendo-se finalmente na sua grossura as seguintes: *Ut portent nomen meum in exteras gentes*.

A esta Princeza tinhaõ pertendido os Duques de  
Tom, II, Bb Tole



Tolcma, e Parma; est: para seu primogenito o Principe D. Duarte, como se vê em huma carta cheya de respeito do theor seguinte.

**O** Serenissimo Senhor D. Raymundo II, Duque de Parma, Placencia, &c. Offerece ao Serenissimo Principe D. Pedro Regente de Portugal o seu primogenito D. Duarte Principe de Parma para casamento da Serenissima Senhora Dona Isabel Princeza de Portugal, e offerece o dito seu filho com todas aquellas condiçoens, que o Senhor D. Pedro, como justissimo, e sapientissimo Principe, for servido determinar, na qual offerta, sendo aceita, se renovará o antigo parentesco com hum mais estreito, e mais apertado vinculo. E se por justa causa não for admittida, o mesmo Serenissimo Duque de Parma se gloriara sempre, como ate agora, do seu antigo parentesco com os Reys de Portugal, e conservara o mesmo intensissimo amor para com os seus Reaes parentes, professando ser sempre muito obrigado.

*Servidor de SS. AA. RR.*

Não teve effeito este offerecimento; porque estava destinada esta Princeza para melhor Esposo por suas excellentes virtudes. Falleceo e n Lisboa em 21 de Outubro de 1690; e jaz sepultada no Convento das Religiosas Capuchas Francezas, fundação da Rainha sua mãy, que sete annos antes tinha fallecido em Palhavãa, junto a Lisboa, jazendo suas Reaes cinzas no dito Convento.

#### C A P I T U L O XIV.

*Do segundo casamento do Rey D. Pedro, vindo de Carlos III. a Portugal, varios successos da guerra contra Hespanha, e das cousas em seu tempo succedidas até sua morte.*

**E**M 11 de Agosto de 1687 passou El Rey a segundo Matrimonio com a Senhora Dona Maria Sofia Isabel, filha de Filippe Vilhelmo, Eleitor Palatino, Duque de Neobourg. Celebrando a Corte estas Reaes vodas com

luzi.

luzida pompa, e estranha alegria, em que se esmerou com magnifico luzimento o Embaixador de Hespanha, que então era D. Fr. Diogo Fernandes de Angulo, da Ordem Serafica, Bispo de Avila, Arcebispo, e Vice-Rey, que havia sido do Reyno de Sardenha, hum dos mais beneméritos Prelados do seu seculo. Entrou a Rainha em Lisboa em 11 de Agosto do seguinte anno, conduzida em huma armada Ingleza, que governava o Duque de Gráston Henrique Titz, filho del Rey Carlos II de Inglaterra. Foy esta Princeza dotada de excellentissimas qualidades, devota, e caritativa; nunca se meteo em materias de Estado, e extremosamente amada de seus vassallos. Falleceo a 4 de Agosto de 1699, deixando ao Reyno gloriosa posteridade: jaz sepultada em S. Vicente de fóra.

No primeiro de Novembro de 1700 morreo em Madrid sem successão Carlos II Rey de Hespanha, deixando nomeado em seu Testamento por successor de seus Estados a Philippe de França, Duque de Anjou, seu sobrinho, Neto do Grande Luiz XIV. Tinha neste tempo El Rey D. Pedro feito hum tratado de Aliança offensiva, e defensiva com França, e Hespanha; porém seguindo depois o partido da Casa de Austria, fez outro tratado semelhante com os Aliados, inimigos daquellas duas Coroas, mostrando os interesses deste Reyno inspirados pelos Ministros de Alemanha, Inglaterra, e Holanda, quanto lhe era conveniente a amizade daquella Augustissima Casa, a tempo, que tinha assustado de tal sorte a toda Europa o Testamento de Carlos II, que cada hum de seus Principes considerava, a quem seguiria para a conservação de seus Estados.

Reclamou Leopoldo I o dito Testamento com a mayor parte dos Principes do Imperio, fazendo huma liga offensiva, a que chamaraõ da *Grande Aliança*, com Inglaterra, e Holanda, em que entrou depois Saboya, para meterem de posse da Coroa de Hespanha ao Archiduque Carlos, coroando-o ao mesmo tempo em Vienna Rey daquelles Reynos, e elegendo a Portugal para theatro desta formidavel disputa. Obrigou-se El Rey D. Pedro por força desta liga a sustentar á sua custa doze mil infantes, e tres mil cavallos, e que para se formar hum



exercito de vinte e oito mil homens, levantaria ElRey mais treze mil de seu Reyno, pagos pelos Aliados; fomentando todo este militar apparato em favor de Carlos III o Almirante de Castella, que descontente da nova posse delRey Philippe V, se tinha retirado para Portugal. Acompanhado em fim de huma das mais poderosas armadas, que sustentou o Oceano, desembarcou Carlos, III no porto de Lisboa em 7 de Março de 1704, onde foy recebido, e cortejado com Real magnificencia,

Declarada a guerra, nomeou ElRey Governadores das Provincias. Ao Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Menezes para a Beira; para o Minho o Conde da Atalaya D. Luiz Manoel; o Conde de Alvor Francisco de Tavora para Traz. dos Montes, governando a Provincia do Alentejo o Conde das Galveas Diniz de Mello de Castro; Extremadura o Duque de Cadaval, e o Reyno do Algarve o Conde de Avintes Dom Antonio de Almeida.

No mez de Abril tinha ElRey Philippe V passado a Placencia para se pôr em campanha, e entrando em 5 de Mayo em Alcantara, marchou com o seu exercito contra Portugal. Fez investir pela parte da Beira a praça de Salvaterra pelo Conde de Aguilar, e Marquez de Thovi, que foy entrada com a guarnição prizioneira. Em quanto as nossas tropas se dilatavaõ em sahir á campanha, continuou o inimigo as suas emprezas, ganhou algumas povoaçoens sem resistencia, tomando por alto Monsanto, e Idanha a Nova. Passou a Castello-Branco, e atravessando o Tejo em Villa Velha em huma ponte de barcas, se vio o exercito inimigo na Provincia de Alentejo. Ganhou Portalegre, e Castello de Vide, sujeitando alguns lugares abertos de pouca importancia.

Sahio a este tempo de Almeida o Marquez das Minas a oppor-se ás inimigas hostilidades. Mandou ao Conde de S. João Luiz Bernardo de Tavora, que atacasse a Villa de Fuente Guinaldo, rica, e importante, por se terem a ella recolhido com todo o seu movel os moradores de Arganhaõ; e a pezar da valerosa guarnição, que a defendia, foy entregue ao saque com perda de hum só Soldado. Avistou Monsanto, presidida por Fran-

cezes; foy ganhado o seu Castello, e roto no seu campo o General D. Francisco Ronquillo, que com todo o exercito vinha soccorrelo.

Na Provincia do Alentejo, querendo o seu Governador das armas o Conde das Galveyas reparar es danos, que os inimigos tinhaõ feito naquelle continente, destruindo as duas aldeyas, Nova, e Santo Aleixo, mandou fazer huma entrada pelo Condado de Niebla com hum corpo de quatro mil homens, o qual rendeo a Villa de Alqueria, que depois de posta a saque, foy finalmente abrazada.

Em 28 Março de 1704 sahio El Rey D. Pedro de Lisboa para a Beira, acompanhando a Carlos III. Chegaraõ ambas as Magestades a Almeida, onde se achava o exercito, que governava o Marquez das Minas, sendo General das tropas Inglezas o Conde de Galoway em lugar do Schomberg, que se tinha retirado para Inglaterra. Determinou o nosso exercito passar o rio Agueda, que corre junto a Ciudad Rodrigo: porẽm naõ o pode conseguir, porque lhe disputava a passagem o General Duque de Bervich, com poder muito mayor, do que o tinha figurado o Almirante de Castella.

Voltaraõ as Magestades para Lisboa, deixando ordenado ao Conde das Galveyas, Governador das armas do Alentejo, sahisse á campanha no principio da Primavera proxima. Teve a mesma ordem o Marquez das Minas. Entrou o Conde por Castella, e sitiando Valença de Alcantara, huma das mais bem fortificadas praças das fronteiras, a rendeo a 8 de Mayo; chegou á vista de Albuquerque, que soffrendo tres dias o fogo da nossa artilharia, foy finalmente ganhada.

Ao mesmo tempo obrava o Marquez das Minas na Beira milagres de valor. Chegou com o seu exercito á praça de Salvaterra, que havia sido o emprego do Duque de Bervich, recuperou-a; ficando a guarnição prizioneira de guerra. Saqueou o rico lugar de Sarça, presidado por Francezes, e totalmente demolidos os seus edificios, foy queimado o restante da Villa.

Neste anno de 1705 chegou a Lisboa huma armada de Inglaterra, e Holanda, da qual era Almirante o  
Cavale



Cavalleiro Schovvel; e deixando no porto de Lisboa humma esquadra de treze naos, se fez com as restantes á vela para as costas de Hespanha, conduzindo a ElRey Carlos III, que partio para Catalunha, assistindolhe como Embaixador Extraordinario de Portugal o Conde de Allumar D. Joaõ de Almeida.

No Outono do mesmo anno emprendeo o Marquez das Minas o sitio de Badajoz, tendo distante duas legoas o exercito inimigo, que governava o Conde de Tessé; mas não tendo effeito o sitio, se retirou o exercito para Elvas. Ao mesmo tempo sitiava Carlos III a Barcelonã, e ganhanda depois de hum porfiado sitio, ficou sendo Corte daquella Magestade. Empenhouse Philippe V em recuperala, combatendo a por mar o Conde de Tolosa com a armada Franceza, e por terra com trinta e cinco mil homens o Marechal de Tessé; mas chegado o soccorro dos Aliados, levantou ElRey Philippe o sitio.

A 31 de Março do seguinte anno partio do campo de entre Caya, e Cayola o nosso exercito com todos os partidos das Provincias da Beira; Minho, e Traz dos Montes com os seus Generaes, sendo o supremo o Marquez das Minas, e conquistadas as povoaçoens de Membrão, e São Vicente, avistou Broços, Villa populosa, que soccorrida com ardor grande pelo Duque de Bervich; fez mais plausível o triunfo do Marquez; ficando rendida, e a mayor parte do inimigo campo desbaratado. Continuou o Marquez a marcha para Alcantara, praça famosa em todas as idades, cabeça illustre da insigne Ordem de seu nome, e a 14 de Abril de 1706 foy ganhada, depois de seis dias de bloqueyo, sahindo a sua guarnição prizoeneira.

O Visconde de Barbacena; que governava as armas na Provincia de Alentejo formou hum corpo de tropas composto de treze Regimentos de infantaria, trinta batalhoens, e seis peças de campanha. Com este exercito marchou a 20 de Mayo sobre Xerez de los Cavalheros, que pertendeo soccorrer o Marquez de Bay, Governador das armas Hespanholas na Extremadura; mas foy cortado com bastante perda, e rendida por capitulação a Cidade. Passou adiante o Visconde, e ganhadas as Villas de Barca-

rota, Alconhel, Salva-Leaõ, e outros lugares menos consideraveis, se recolheo nos principios de Julho a gozar dos frutos de suas vitorias.

Depois de rendida Alcantara, sujeitou o Marquez das Minas á obediencia delRey Carlos III todas as Villas, e lugares de huma, e outra margem do Tejo, soffrendo o mesmo jugo as Cidades de Coria, Galisteo, Caceres, e Trugilho. Buscou a 28 de Abril a Cidade de Placencia, que a pezar do Duque de Bervich, que intentou defen-della, se declarou por ElRey Carlos, com as mais po-voações circunferentes. Seguiu o Marquez a sua fortu-na, e a sua gloria; cahio sobre Ciudad Rodrigo, a qual rendida ao immortal valor de suas armas, passou a Sala-manca, que submetida á protecção delRey Carlos, rece-beo ao Marquez obsequiosa, mostrando o mesmo rendi-mento a Cidade de Avila.

Tinha desamparado a este tempo ElRey Filipe a Corte de Madrid, deixando livre aquelle theatro para hum dos mayores triunfos, que vio Europa; e no dia 27 de Junho entrou nella o Marquez com universal applau-so. Acclamou a Carlos III Rey de Hespanha, havendo rendido á sua obediencia a mayor parte das Provincias da Extremadura, Castella a Velha, e Reyno de Leaõ. Esta glo-riosa empreza encheo de assombro a toda a Europa, e na Corte de Roma obrigou ao Papa Clemente XI a que reco-nhecesse ao Archiduque Rey de Hespanha, que até entãõ recuzara. Passou esta acção a fazer espantoso ecco em Afri-ca, dando Muley Ismael Imperador de Marrocos os para-bens destas vitorias a ElRey D. Pedro com summo respei-to na seguinte carta, que por satisfação da curiosidade transcrevemos, he do theor seguinte.

**H**Um só Deos todo Poderoso em todo o mundo, elle seja muito louvado para todo sempre, como aquelle, a quem se deve tudo, que elle ha de ajudar a quem tiver justica, e razaõ, porque he Bemaventurado entre todas as nações do mundo.

Muito alto, e poderoso Rey D. Pedro II de Portu-gal, aquelle, a quem a fama pública em huma-mão a espada, e em outra a justica.



A ti verdadeiro Rey de todos os Estados de Portugal. Com as noticias, que tenho, de que fazes bem aos meus por meu respeito, te confidero digno de minha amizade, e que eu te esteja agradecido, pois o estou certamente, pela pratica, que me fez o meu Capitão de mar Abdelá Benache, que sendo cativo dos Inglezes, arribou ao Porto dessa Corte, e chegando á presença Real da tua Pessoa, logrou a mayor fortuna, tendo-a por este respeito a má, que lhe tinha succedido do seu cativeiro, dando-lhe o resplendor de tua pessoa Real huma tal alegria pela affabilidade, e carinho, que hum escravo Mouro achou em hum Mouro tão superior, dando-lhe huma esmola de cincoenta meticaes, e tudo o mais.

Estas finezas, meu Rey, me puzeraõ em grande agradecimento, parecendo-me, que trazem as tuas veas aquelle illustre sangue de teu antecessor ElRey Dom Sebastião, que valendo-se d'elle o Xarife Muley Hamet, por chegar á sua presença, bastou para empenhar a sua pessoa, Reyno, e fazenda, e assim o executou, passando com as suas gentes; para restituir o Xarife meu parente antecessor ao seu Reyno. Historia; que temos nos nossos livros, e consideramos pela mayor fineza, que Reys fizeram no mundo por gente de diferente ley; pois ElRey de Castella, a quem chamaraõ o segundo, o não quiz fazer: e como tinha empenhado a sua palavra, não quiz faltar, tomando sobre si huma obrigação de tanto pezo pelo não hir desgostoso.

E torno a dizer, que esta fineza está por lembrança, em quanto o mundo for mundo; e como te confidero desta mesma opiniaõ, conheço descendes deste mesmo Rey, e te affirmo pela ley, que sigo, que te heyde servir com tudo; quanto no Reyno tenho com grande vontade.

E se quizeres os cativos Portuguezes resgatados; todos os darey com grande vontade; e por este respeito procurey a Joseph Hespanhol meu cativo, por ser homem de verdade, e razão; de quem faço muito caso, e está casado com huma Portugueza, e como conheço o seu procedimento, o mando a esse Reyno com esta minha carta para aviso, de que desejo dar resgaste aos cativos

Por

Portuguezes; e se para este effeito, em reposta desta me-  
mandares o aviso por pessoa de authoridade, o estimarey, e  
naõ o sendo, mandarey a meu Capitaõ de mar Abdelá Be-  
nache; e tudo, quanto se tratar com hum, e outro, será  
de minha vontade:

Tenho festejado muito, que o teu poder entrasse na  
Corte de Madrid, sujeitando aos Hespanhoes, cousa, que  
até agora a algum dos teus antecessores succedeo. Estas  
novas foraõ de tanto gosto, que as festejey como proprias.  
Deos entre mim, e ti. Escrita em Maquinez na minha Al-  
cáçova em 13 de Outubro, que he o mez de Reyebt. do  
anno da nossa ley 1118.

**E**M Madrid esperava o Marquez das Minas a ElRey  
Carlos, para que, unidas todas as tropas, fosse mais  
facil o seu estabelecimento naquella Corte; porém vendo  
o Marquez, que naõ tinha effeito esta pretendida uniaõ;  
e que naõ só as tropas inimigas se hiaõ engrossando com os  
loccorros de França, mas que tambem as Praças ganhadas  
se lhe hiaõ sublevando; sahio de Madrid em busca do ex-  
ercito dos Aliados, a tempo, que já ElRey Carlos tinha  
chegado a Çaragoça, capital do Reyno de Aragaõ, que o  
acclamou Rey daquelle Reyno.

Chegou emfim ElRey Carlos ao nosso exercito a 8  
de Agosto: pertendeo atacar os inimigos; mas consumi-  
das as forragens, e mais provisoens do exercito, se resol-  
veo a marchar para Chinchon, onde permaneceu por al-  
gum tempo com as precisas commodidades, buscando de-  
pois as fronteiras de Valença, donde pudessem cobrir  
este Reyno, Aragaõ, e Catalunha, que eraõ os tres domi-  
nios, que ElRey Carlos possuia. A 15 de Agosto sahio o  
nosso exercito de Chinchon, e passando o Tejo em Fuente  
Dueña, a tempo, que o atraveçava tambem o Duque de  
Berwick, marcharaõ ambos os exercitos em pouca distancia  
hum do outro, sem mais operaçaõ, que continuar o nosso,  
até que entrou em quarteis junto a Valença.

Neste tempo falleceo no seu Palacio da Bemposta  
a Serenissima Senhora Dona Catharina Rainha da Graõ  
Bretanha, huma das mais virtuosas Princezas de seu se-  
culo. Tinha casado com Carlos II Rey de Inglaterra, de  
Tom. II, Cc quem



quem não teve filhos. Voltou por morte daquelle para Portugal em 20 de Janeiro de 1693. Foy Regente do Reyno em ausencia delRey seu irmão. Jaz em Belém.

Renovou-se a ElRey D. Pedro a antiga queixa, de que tinha enfermado annos antes vindo da campanha, e aggravando-se cada dia mais, veyo a falecer com sentimento dos seus vassallos a 9 de Dezembro de 1706; trocando pelo immortal diadema da Gloria a terrena Coroa, no seu Paço de Alcantara, contando cincoenta e oito annos e meyo de idade, e vinte e tres de feliz Imperio; tempo limitado para a sua grande gloria, que só póde caber no templo da eternidade. Foy depositado com sumptuosa pompa no Real Convento de S. Vicente de fóra, onde jazem as saudosas cinzas de seu Augusto Pay.

Foy ElRey D. Pedro adornado de singularissimas qualidades, de grande estatura, e robustez extraordinaria; tinha magestoso aspecto, mas revestido de huma modestia não ordinaria nas Pessôas de seu altissimo caracter; cor trigueira, olhos grandes, nariz aquilino, boca grossa, e cabelo preto; excedeo a todos no seu tempo a destreza de andar a cavallo. Não tinha tempo reservado para ouvir o seus vassallos; que para os Reys Portuguezes sempre foraõ filhos. Foy dotado de summa piedade; com hum ardor grande da conversão dos infieis; para o que mandou muitos Missionarios a varias partes do mundo a promulgar a Ley Evangelica, fazendo com estas espirituas conquistas mais gloriozas as suas armas. Respeitava os Sacerdotes, e Religiosos, tendo especial devoção com os filhos do Serafim Chagado, em cuja Terceira ordem era professo, mandando-se sepultar com o seu Habito.

No seu tempo intentaraõ os Hebreos conseguir do Papa, que alterasse a fórma do procedimento do recto Tribunal da Inquisição destes Reynos, negocio, que prosperava o seu grande cabedal com algumas pessôas grandes, a quem tinhaõ persuadido para medianeiros com enganosos artificios. Porém ElRey (então Principe Regente) com hum ardente zelo do augmento da Religião mais pura, mandou a Roma no anno de 1677 por seu Embaixador Extraordinario a Dom Luiz de Sousa, Bispo que

que era de Lamego, Varão contumado em letras, e virtudes, que assistindo largo tempo em Roma no tempo dos Pontífices Clemente X, e Innocencio XI, vencidas no tempo do ultimo todas as contradicções conseguiu no anno de 1681 com grande utilidade da Religião, e alegria do Reyno, a restituição do Santo Tribunal, que havia estado todo este tempo suspenso do despacho: publicando ElRey hum Decreto, passado a 5 de Agosto para que fossem desterrados de seus dominios todos os Reos, que convencidos de seus erros abjurassem em fórma nos Autos publicos da Fé, a qual ley teve alguns tempos execução, sendo Inquisidor Geral neste tempo D. Verissimo de Lencastre, que havia sido Arcebispo de Braga, e Cardeal da Santa Igreja de Roma.

Exercitou sua religiosa liberalidade no grande socorro de dinheiro, que mandou ao Papa Innocencio XI. para a guerra contra o Graõ Turco Mahomet IV, que tinha sitiado a Corte de Vienna, agradecendo-lhe o Pontífice este subsidio com hum Breve cheyo de distincas, e affectuosas expresseões. Teve a fortuna alistada em seus estandartes pelas vitorias, que conseguiram suas armas em todos os seus dominios. No Reyno de Angola, sendo seu Governador Francisco de Tavora, alcançou hum victoria do Rey de Congo, conseguindo paz daquelle Estado. No da India, ainda que perdida a Praça de Mombaça, obraram os sitiados em sua defenza prodigios de valor; conjurados os elementos para a tua infelicidade na derrota, que padeceo a armada, que vinha a soccorrela, governada por Henrique Jaquez de Magalhaens.

No seu Reynado começaram a apparecer as Minas geraes; que nelle mandou povoar, pondo-lhes Governador com amplas jurisdicções, com tropas para a segurança daquelle Paiz, Ministros repartidos pelas Commarcas, e outros officiaes para a arrecadação da fazenda Real. Formou a Junta do tabaco com hum Presidente, e seus Ministros para a administração daquelle Tribunal: alterou a fórma do governo do Senado da Camera, nomeando Vereadores Fidalgos, sem Presidente, até que elle mesmo o restituiu a seu antigo estabelecimento: não perdoava a desvelo algum, que se encaminhasse á utilidade de



seus vassallos, e á publica do Rey, ainda com grande deteriorimento da sua Real fazenda, extinguindo toda a moeda, a que haviaõ falsificado, ou diminuido, e mandando lavrar outra de novo, augmentando todas.

A' sua instancia passou a Metropolitano o Bispado da Bahia, e se crearaõ os Bispados de Pernambuco, Rio de Janeiro, e Maranhão, o de Péckim, e Nanckim na China, por Bulla passada no anno de 1690. Por nomeação sua creou o Papa Clemente X Cardeal a Cesar de Estrees Bispo, e Duque de Leon no anno de 1672. O Papa Innocencio XI a D. Verissimo de Lencastre Inquisidor Geral no anno de 1686. A D. Luiz de Sousa, Arcebispo de Lisboa o Papa Innocencio XII no anno de 1697.

Aos lugares Santos de Jerusalem se extendeo a sua Real piedade, mandando-lhes hum riquissimo ornamento bordado de ouro, huma bacia de prata para o lava-pés, e duas lampadas do mesmo metal, de tão primoroso feittio, que excedem a quantas ardem naquelle Santuario, deixando para o azeite dellas sufficiente renda na Casa da India.

Fez Duques de Cadaval a Dom Luiz Ambrosio de Mello, e a seu irmão D. Jayme de Mello; ao Conde do Prado D. Francisco de Sousa Marquez das Minas; ao Conde da Torre D. João Mascarenhas Marquez de Fronteira; Marquez de Tavora ao Conde de S. João Luiz Alvares de Tavora; ao Conde de Villar Mayor Manoel Telles da Sylva Marquez de Alegrete; a D. Francisco Mascarenhas Conde de Coculí; a D. Joseph de Menezes Conde de Vianna; a Dom Manoel Coutinho Conde do Rodondo; a Francisco de Tavora Conde de Alvor; a Diniz de Mello de Castro Conde das Galveyas; a Luiz de Mendoga Conde do Lavradio; a D. João de Almeida Conde do Assumar; a D. Miguel Luiz de Menezes Conde de Valadares; a Lopo Furtado de Mendoga Conde do Rio grande; a João Gomes da Sylva Conde de Tarouca; e a Pedro Jaques de Magalhaens Visconde de Fonte Arcada.

Casou, como já se disse; duas vezes, a primeira com a Princeza Dona Maria Isabel Francisca de Saboya, de quem teve huma unica;

## F I L H A.

**A** Infanta Dona Isabel; que nasceu em Lisboa a 6 de Janeiro de 1669, foy baptizada a 2 de Março por D. Francisco Sotomayor, Bispo de Targa, Deão da Real Capella; sendo seu Padrinho ElRey de França Luiz XIV. Foy jurada Princeza do Reyno em Cortes a 27 de Janeiro de 1690, jaz sepultada no Convento das Capuchas Francezas.

Casou segunda vez com a Senhora Dona Maria Sofia Mabel, Princeza Palatina de Neobourg, de quem teve os seguintes.

## F I L H O S.

**O** Principe Dom Joaõ, que nasceu em Lisboa a 30 de Agosto de 1688, foy baptizado a 13 de Setembro pelo Arcebispo de Lisboa. Foy Padrinho seu avô o Conde de Palatino, e Madrinha sua irmã a Infanta Dona Isabel. Morreo a 17 de Setembro do mesmo anno, e jaz sepultado em S. Vicente de fóra,

O Principe D. Joaõ, que nasceu em Lisboa a 22 de Outubro de 1689, foy baptizado em 19 de Novembro pelo Arcebispo D. Luiz de Sousa: seus Padrinhos os mesmos, que de seu irmão. Reyna hoje felicissimamente.

O Infante D. Francisco, que nasceu em Lisboa em 25 de Mayo de 1691, foy baptizado em 20 de Junho pelo dito Arcebispo: seu Padrinho o Eleitor irmão da Rainha. Morreo nas Caldas a 21 de Julho de 1742, jaz sepultado em S. Vicente de fóra.

O Infante D. Antonio, que nasceu em Lisboa a 15 de Março de 1695, foy baptizado em 16 de Abril pelo mesmo Arcebispo, sendo seu Padrinho o Imperador Leopoldo, e sua Madrinha a Rainha da Graõ Bretanha sua tia.

A Infanta Dona Theresa, que nasceu em Lisboa a 24 de Fevereiro de 1696, foy baptizada em 25 de Março pelo dito Arcebispo de Lisboa. Forão seus Padrinhos Carlos II. Rey de Hespanha, e a Imperatriz irmã da Rainha.



na. Faleceo a 16 de Fevereiro de 1704. jaz sepultada em S. vicente de fóra.

O Infante D. Manoel , que nasceo em Lisboa a 3 de Agosto de 1697 , foy bautizado a 24 do mesmo mez pelo Cardeal Soula Arcebispo de Lisboa, tendo Padrinhos seus avós os Condes Palatinos do Rhim.

A Infanta Dona Francisca, que nasceo em Lisboa a 30 de Janeiro de 1699 , foy bautizada pelo mesmo Cardeal Soula , sendo Padrinho Joseph Rey dos Romanos. Faleceo em 15 de Julho de 1736 , jaz sepultada em S. Vicente de fóra.

### I L L E G I T I M O S

**A** Senhora Dona Luiza , que nasceo em Lisboa a 9 de Janeiro de 1679 , casou duas vezes: a primeira com D. Luiz Ambrosio de Mello Duque de Cadaval, de quem não teve filhos, e por sua morte passou a segundas voas com seu Cunhado o Duque D. Jayme. Faleceo a 23 de Dezembro de 1732 sem successão, jaz sepultada em Evora no Convento de S. João Evangelista.

O Senhor D. Miguel , que nasceo em Lisboa a 15 de Outubro de 1699 , casou com Dona Luiza Casimira de Nassau, Herdeira da Casa de Arronches: morreo lastimosamente affogado no Tejo em 13 de Janeiro de 1724, jaz sepultado no Convento de Santa Catharina de Ribamar da Provincia da Arrabida.

O Senhor D. Joseph , que nasceo em Lisboa a 6 de Mayo de 1703 , foy nomeado Arcebispo Primaz de Braga em 11 de Fevereiro de 1739 , e foy Sagrado na Igreja Patriarcal a 5 de Fevereiro de 1741 pelo Cardeal Patriarca, tomando posse daquella Augusta Primacial a 23 de Julho do mesmo anno.

## CAPITULO XV.

*De alguns successos do mundo no Reynado del Rey D.  
Pedro II de Portugal.*

**S**uccedeo na Cadeira de S Pedro a Alexandre VII Clemente IX, conhecido com o nome de Julio Rospigliosi na anno de 1667. No seguinte anno lhe succedeo Clemente X, e a este Bento Odescalchi com o nome de Innocencio XI no anno de 1676, depois do qual foy eleito Papa Pedro Ottobani com o nome de Alexandre VIII no anno de 1689. Por sua morte subio ao throno Pontificio Antonio Pinhateli com o nome de Innocencio XII no anno de 1691, succedendo finalmente a este Joaõ Francisco Albano com o nome de Clemente XI no anno de 1700.

Governaraõ neste tempo em Alemanha tres Imperadores: Leopoldo I, Joseph I, e Carlos VI. No anno de 1669 se fizeraõ os Turcos senhores da Cidade de Candia; capital da Ilha deste nome, sujeita aos Venezianos, durando o sitio dous annos. No mesmo anno Canonizou Clemente XI a S. Pedro de Alcantara, Franciscano, e Santa Maria Magdalena de Pazzi, Carmelitana.

No anno de 1670 se celebrou em Brusselas, Cidade da Provincia de Brabante, hum Jubileo de tres mil annos, em memoria do milagre succedido na Parroquia de Santa Catharina no anno de 1370, em que huns Judeos, roubando algumas hostias Conagradas, e dandolhes de punhaladas, sahio dellas muito sangue: por este barbaro sacrilegio os mandou queimar vivos o Duque de Brabante. Conservaõ-se ainda estas adoraveis Reliquias, e em cada anno as celebraõ em solemne procissãõ.

A 14 do mez de Abril do anno de 1671 Canonizou o Papa Clemente XI a S. Caetano, Fundador da Ilustrissima Religiaõ dos Theatinos; a S. Francisco de Borja, da Sagrada Companhia de JESUS; Saõ Filippe Benicio Servita; S. Luiz Beltraõ, Dominicano; Santa Rosa de Lima da mesma Ordem, e a Santa Margarida Rainha de Escócia; Beatificando ao mesmo tempo a Dom Fernando III Rey de Castella. No anno de 1675 florescia Luis Mo-



teri, Author do celebre Diccionario Francez. No mesmo anno o Marechal de Turena, hum dos mayores Generaes de Europa commandando o exercito de França sobre o Rheno, morreo de huma bala, a tempo, que reconhecia o Exercito do Imperador, de quem era General o Conde Monteculi. No de 1677 morreo em Roma o Sultaõ, ou irmão, como affirmão alguns, de Ibraim Imperador de Constantinopla, que sendo cativo no mar pelos Maltezes, e feito Christaõ, tomou o habito de São Domingos, e conhecido pelo Padre Othomano; floresceo em letras, e virtudes. No fim do mesmo anno se deixou ver no Ceo huma grande Estrella com huma cauda, vendo-se á entrada da noite por toda a Europa; e mais distinctamente no mez de Janeiro de 1678.

No dito anno Mahomet IV Graõ Turco mandou por seu genro o Graõ Visir Mustafá visitar a Corte de Vienna com hum exercito de trezentos mil homens, e em 12 do mez de Setembro foy soccorrida por ElRey de Polonia, e Carlos Duque de Lorena, e os Eleitores de Brandeburg, e Baviera, com tanto valor, que os Turcos perderão naquelle campo o grande estandarte do Imperio, toda a artelharia, e bagagem: fazendo dar o Sultaõ garrote ao Visir seu genro, porque o tinha induzi-do para esta guerra.

No anno seguinte morreo em Londres a 16 de Janeiro Carlos II, casado com a Infanta Dona Catharina, filha de D. João IV Rey de Portugal, com a fama, de que annos antes tinha abraçado a verdeira Religiaõ; succedendolhe na Coroa Jacobo II seu irmão, Duque de Yorch; O Duque de Montmout; filho illegitimo do mesmo Carlos, havendo tomado o titulo de Rey, foy prezo, e degollado na Cidade de Londres por sentença do Parlamento em 16 de Agosto do mesmo anno.

Por hum Decreto de Luiz XIV de 2 de Outubro de 1685 foy revogado o edicto de Nantes, que Henrique IV tinha passado a favor dos Hereges em 5 de Abril de 1598, sendo demolidos todos os seus templos, e elles desterrados de França. Em 2 de Setembro do mesmo anno foy ganhada a importante Praça de Buda pelo Eleitor de Baviera, Maximiliano, e Carlos Duque de Lore.

na, possuindo-a os Turcos cento cincoenta e quatro annos.

Em 17 do mez de Novembro do dito anno foy coroado Joseph, filho primogenito do Imperador, Rey de Hungria na Cidade de Presburgo. No mesmo anno sahindo de Holanda com huma poderosa armada Guilherme Principe de Orange, entrou em Londres, tomou violentamente posse daquella Coroa, que a este tempo tinha desamparado Jacobo II, passando com sua familia a França, cujo filho chamaõ o Pertendente, e Cavalleiro de S. Jorge.

Em 19 de Agosto do mesmo anno morreo em Roma a Grande Christina de Suecia de idade de sessenta e tres annos: foy filha de Gustavo Adolfo, a quem succedeo no anno de 1663: deixou o Reyno a seu primo Carlos Gustavo; Palatino das duas Pontes. Professou a Religião Catholica Romana, e sendo em todas as sciencias bem instruida, se fez illustrissima Protectora dos homens sabios do seu tempo.

No anno de 1690 Canonizou o Papa Alexandre VIII a 18 de Outubro a Saõ Lourenço Justiniano, Patriarca de Veneza; S. Joaõ de Capistrano, Inquisidor Generalissimo; S. Pascoal Baylon, ambos Franciscanos; S. Joaõ de S. Facundo, Augustiniano; e a S. Joaõ de Deos, Portuguez, natural de Montemor o Novo, Fundador da Hospitalidade.

No anno seguinte em 19 de Agosto o Principe Luiz de Badem, General do Imperador Leopoldo em Hungria, derrotou em Salankement a hum numeroso exercito Turco, tomandolhe cento cincoenta e oito peças de artilharia, e quinze morteiros, por cuja causa o fez o mesmo Imperador Generalissimo dos seus exercitos. A 25 do mez de Mayo do mesmo anno passou El Rey de França a sitiari pessoalmente a Cidade de Namur; ganhando-a a 30 de Mayo.

Em 13 de Dezembro do anno seguinte morreo em Lisboa o Cardeal D. Verissimo de Lancastre, Inquisidor Geral do Reyno de Portugal. No segundo dia de Janeiro de 1702 faleceo em Lisboa o Cardeal D. Luiz de Sousa, Arcebispo da mesma Cidade. No anno de 1704 sitiaraõ



os Iglezas, e Holandezes a praça de Gibraltar por mar, e por terra com oitenta navios de guerra, ganhando-a ao quarto dia do mez de Agosto. Philippe V a sitiou no mesmo anno, em que foy ganhada; mas foy obrigado a levantar o sitio. Intentou-o segunda vez, mas sem effeito. Em 5 de Mayo de 1705 morreu em Vienna o Imperador Leopoldo I de idade de sessenta e dous annos, succedendo-lhe no Imperial throno seu filho Joseph Rey dos Romanos. Imperou quarenta e oito annos, alcançando de seus inimigos esclarecidas vitorias.





IOANES V. PORT. REX. XXIV.



B. Pinet delinavit 1745

## CAPITULO XVI.

*Del Rey D. João V. vigesimo primeiro Rey de Portugal, e de seu felicissimo governo.*

**N**asceo ElRey D. João o V a 22 de Outubro de 1689 com geral alegria de seus vassallos. Começou logo na sua infancia a mostrar aquellas excellentes inclinações, e Real espirito, de que o tinha dotado a natureza, empenhado em fazelo perfeita cópia de hum Rey verdadeiramente Chriistão, pera estabelecer em sua Real Descendencia a perpetuidade de hum glorioso Imperio. Applicouse logo nos seus primeiros annos ás sciencias, que contra as séveras máximas de alguns Politicos, não deixaõ de ser magestoso ornamento de hum Principe perfeito; alcançando em breve tempo hum profundo conhecimento dos idiomas Latino, Italiano, Francez, e Hespanhol, fazendo com mais inclinação admiraveis progressos na Mathematica.

Complétos os oito annos de idade, no primeiro de Dezembro de 1697 foy jurado Principe herdeiro do Reyno com venturoso auspicio, por ser este dia sempre plausivel nos Lusitanos Fastos pela gloriosa acclamação de seu Grande avô o Augusto Rey Dom João IV. No dia primeiro de Janeiro de 1707 foy acclamado Rey deste Reyno, celebrada esta Real cerimonia em hum sumptuoso theatro, feito na praça do palacio, servindo nesta acção de Condestavel o Serenissimo Infante D. Francisco seu irmão; e feitas todas as formalidades deste Magestoso acto, o jurou a Nobreza do Reyno, celebrando todo o povo com alegres vivas a sua felicidade, por lograrem hum tal Soberano.

Segurou logo aos Embaixadores de Inglaterra, e Holanda, que continuaria com inalteravel fidelidade os tratados de Aliança, que ElRey seu pay havia feito com o Imperador, e seus Aliados, para disputar o estabelecimento de hum novo Principe, cuja introducção na Coroa de Hespanha se fazia fatal a todas as Potencias de Europa, para cujo effeito ordenou, que em todas as Provincias se continuasse a guerra,



O Marquez das Minas, que governava o exercito dos Aliados no Condado da Catalunha, tendo expugnado o Castello de Vilhena, intentou atacar os inimigos em Ecla, e Montealegre; mas não logrou o pretendido effeito esta resolução; porque lha evitou o Duque de Brewick, seguindo este General as suas marchas por Montealegre, até acampar em A'mança.

Resolverão os Generaes da Grande Aliança seguir-lhe o alcance, acampando em Caudete; e no dia 25 de Abril de 1707, avistando os inimigos se poz o nosso exercito em batalha, que se disputou com valor grande de ambas as partes; mas enfadada a fortuna de seguir sempre hum partido, quiz meter nas mãos do Duque de Bervvick esta vitoria, que lhe não custou tão barata, que não fosse mayor a sua perda, refarcida com o grande numero de prizioneiros de treze Regimentos, que se lhe entregaraõ.

Era a este tempo a Beira o destinado theatro desta guerra, entrando pela parte de Portugal hum exercito, que havia de governar o Duque de Cadaval para incorporar-se com o dos Aliados; mas fez mudar esta idéa o successo infeliz de Almança, perdendo-se por interpreza tambem Alcantara. Na Provincia de Alentejo, que governava o Visconde de Barbacena, faltaraõ as tropas, que se tinhaõ puxado para a Beira, que governava o Marquez de Fronteira, e sabendo o Duque de Ossuna desta falta, atacou Serpa, que ganhou com pouca defensão; e passando a faltar Moura, que Francisco de Mello Senhor de Ficalho valerosamente defendia, não o pode conseguir, senão depois de brecha aberta; e com o ultimo defengano, de que não podia ser soccorrida a Praça, sahindo o seu Governador com honrosas capitulaçoens.

Mandava em lugar do Visconde, (que se tinha retirado para Lisboa, o Marquez de Fronteira o exercito, desvanecendo com a sua presença, o bloqueyo de Olivença, que o Marquez de Bay intentara; porém adoecendo o Marquez, e retirado para a Corte; tomou posse do governo o Conde de S. João Luiz Alvares de Tavora. Passou a reconhecer Moura, que encontrou bem guarnecida, e com a noticia de que a vinha soccorrer o Marquez

quez de Bay: entrando o inverno, se recolheu o Conde para o seu governo de Traz dos Montes.

Tinha determinado ElRey D. Pedro dar esposa ao Principe, e escolheu entre as Princezas da Europa a Archiduqueza D. Maria Anna de Austria, filha do Imperador Leopoldo I, e de Eleonora Magdalena Theresa de Neubourg Princeza Palatina sua terceira mulher; encarregando este negocio ao grande talento de D. João de Almeida Conde de Aslumar, que assistia como Embaixador Extraordinario a Carlos III; até que feitos os ajustes, sendo preciso mandar Ministro á Corte de Vienna para pôr em execução o tratado, e pedir com formalidade a Archiduqueza; nomeou ElRey por seu Embaixador Extraordinario ao Conde de Villar-Major, e firmados os artigos, se casou a dita Senhora em Cloistre Neuburg, junto daquella Corte, a 9 de Julho de 1768; e em 27 de Outubro do mesmo anno chegou a Rainha nossa Senhora a Lisboa, conduzida em huma luzidissima armada Inglesa, commandada pelo General Jorge Bings, a quem a Rainha de Inglaterra tinha recommendado este magnifico cortejo. Foy recebida na Corte de Lisboa com triumphal pompa, e gostosas aclamaçoens de seus vassallos, que se esmeraraõ em fazer as mayores, e mais publicas demonstraçoens de alegria no recebimento de huma Rainha, e Senhora verdadeiramente dotada daquellas rarissimas virtudes, que constituem huma excellentissima Princeza, luzidissimo esplendor de sua Augusta Casa, felicitando o Rey no com huma gloriosa posteridade.

Neste mesmo anno chegou de Barcelona a Lisboa o Marquez das Minas; e Milord Golovvay, a quem a Magestade Britanica nomeara General de suas tropas, com o caracter de Embaixador Extraordinario nesta Corte. Intentavaõ neste tempo as duas Ceroas Franceza, e Inglesa separar a ElRey da Grande Aliança com condiçoens vantajosas: mas repugnadas pelo seu grande espirito, se quiz conservar na resolução do dito tratado, com tanto ardor, que fez publicar novas ordenanças, e reduzidas a melhor disciplina as suas tropas, ordenou-se compuzessem de Regimentos, a cavallaria, e infantaria, que então se formava de Terços,



Governava o Marquez de Fronteira as armas do Alentejo, e sahindo com o Exercito em campanha, impedio valerosamente algumas ideas do Marquez de Bay, rejeitando este General a batalha, que por duas vezes lhe offereceo o Marquez, demolindo perfeitamente a pezar das opposiçoens inimigas a praça de Valença de Alcantara, e dando fim por este anno a guerra de Portugal; não havendo nas outras Provincias outras acçoens mais, que marcharem as suas tropas a unir-se com as do Alentejo; abandonando o inimigo a este tempo Serpa, e Moura, e outros lugares, que haviaõ occupado, deixando-os arruinados.

No anno seguinte de 1709, sahio o Marquez de Fronteira de Elvas com hum exercito composto de trinta e cinco batalhoens, e treze Regimentos de Cavallaria. Os inimigos conservavaõ dous corpos, hum junto a Xêvora, e outro na planicie de Badajos, e ambos se compunhaõ de dezaseis Regimentos de cavallaria, e vinte e quatro batalhoens. Teve o Marquez noticia, de que o inimigo com toda a cavallaria se tinha lançado sobre as searas de Campo-Mayor; e para atalhar este estrago, mandou passar o exercito o Cuiya, e com esta operação fez retirar a cavallaria inimiga; mas em breve tempo se vio empenhado no conflicto; porque os Castelhanos carregando com os seus esquadroens o lado esquerdo do nosso exercito, que occupavaõ os Inglezes, foraõ cortados os da primeira linha com seu General Milord Galoway, não bastando a atalhar esta desordem a grande providencia do Marquez, nem o valor do Mestre de Campo General Pedro Mascarenhas, que se lhe poz na sua frente, acompanhando do Conde de Alvor: sentio a cavallaria da segunda linha da esquerda a mesma derrota, que a da primeira, sem que pudesse voltala todo o militar esforço do Conde da Ericeira. O mesmo exemplo seguiu a cavallaria do lado direito, que governava o Conde de S. João, que ficou prisioneiro, sendo totalmente desbaratado o Regimento de Dragoens de Tras dos Montes.

A infantaria da direita, vigorosamente atacada, fez com incessante fogo grande damno ao inimigo, conservando impenetravel esta linha os Generaes D. João Diogo de

de Ataíde, e D. João Manoel de Noronha, e obrando o mesmo os da segunda, se foram retirando sem perder a forma até Campo-Mayor, mandando o Marquez em fim segurar Olivença de alguma invasão contraria. A perda, que tivemos, não deixou de ser consideravel; porque além de oito centos homens mortos, e feridos, ficaraõ os dous Regimentos de Inglezes, e Pedro Carle Hespanhol prisioneiros, não sendo menor a perda.

Continuava ElRey Carlos III a guerra por Catalunha com felices successos; mas como a felicidade se firmava nos progressos das nossas armas, quiz provar de todo a sua fortuna; e no anno 1710, estando o exercito sobre o rio Segre cobrindo a praça de Belenger; chegou ElRey Philippe V. com as suas tropas; avistaraõ se ambos os corpos; mas sem mais acção, que acanhoar-se todo hum dia. Passou o nosso exercito os rios Segre, e Noguera para tomar o posto de Almenara, marcha, que tambem levavaõ os inimigos; e sobre esta os atacaraõ os nossos em 27 de Julho com tanto vigor, que muitos dos que escaparaõ ao fio da espada, perderaõ a vida nas correntes do Noguera, largando a artelharia, e bagagem.

Suceddeo immediato o choque de Candafnos, junto do Reyno de Aragoã, glorioso ensayo da batalha de Caragoça ganhada a 20 de Agosto, e disputada com tanta actividade de ambas as partes, que durou seis horas o conflicto; distinguindo-se as nossas tropas com universal applauso, e não menos gloria de seus Generaes, que eraõ D. Pedro de Almeida, depois Conde de Assumar, o Conde da Atalaya D. Pedro Manoel, e o Marechal Guido Baldo Conde de Estaramberg, que mandava as tropas Aliadas; sendo o valor das nossas, o que lhe meteo nas mãos a vitoria na batalha de Villa-Viçosa, que o mesmo Staramberg ganhou neste mesmo anno a 10 de Dezembro.

Em Tras dos Montes succeddeo a infelicidade de occuparem os inimigos a Cidade de Miranda, sem mais dispendio, que o vil preço, porque foy vendida, sem que o Conde de Alvor, Governador da Provincia pudesse evitar, que os inimigos penetrassem até a Torre de Moncorvo.



corvo, tirando della, e mais lugares vizinhos grossas contribuiçens, porque se achava sem tropas, que a este tempo se tinhaõ puxado para Alentejo.

O Conde de Villa-Verde, que em lugar do Marquez de Fronteira governava a Provincia de Alentejo, sahio a 30 de Setembro em campanha, e occupando Barcarrota, marchou a Xerês, que aos primeiros ataques foy rendida à discreção do Conde, mandandolhe demolir a fortificação, e encravar a artilharia. Neste mesmo tempo mandando em Traz dos Montes Pedro Mascarenhas hum corpo de tropas, entrou no Reyno de Leão, ganhou Carvajales, e marchando a Alcanicas, tomou Puebla de Sanabria, praça de importancia, pondo em contribuição quasi todo aquelle Paiz.

Emprenderão neste anno os Francezes a conquista do Rio de Janeiro, e a 6 de Agosto foraõ sentidos pelo Governador Francisco de Moraes de Castro, que dispoz a sua defenſa com tanto valor, e diligencia, que além de não lograrem os Francezes o pertendido effeito, ficaraõ todos mortos; e prisioneiros com o seu Commandante Duclere.

Os inimigos apoderados de Miranda, que governava o Brigadeiro Palomino, mandaraõ notificar todos os lugares contiguos para huma contribuição, que lhe impediõ o General de Batalha Francisco Xavier de Tavora; Governador de Bragança; e atacando huma partida, que tinha sahido de Miranda, os deixou no campo mortos, e prisioneiros. A mesma fortuna experimentaraõ na empreza da Carvajales, que lhe defendeo o seu Governador Manoel de Almeida de Castello-branco, perdendo nesta empreza, que mandava o Marquez de Qulús, mais de quatrocentos homens.

Determinaraõ os nossos recuperar a Cidade de Miranda, largando-se este importante empenho ao Conde de Atalaya; que lhe poz formalmente o sitio em 13 de Março do dito anno, cujo vigor não podendo soffrer o Commandante D. Antonio de Mendoça Sandoval, entregou a praça a 15 do mesmo mez, ficando com mil e trinta e seis Soldados prisioneiros.

Pela parte do Alentejo na seguinte Primavera; sahio

bio o nosso exercito a campo, composto de seis mil cavallos, e treze mil infantes, ás ordens do Conde de Villa-Verde seu General, e acampando no paiz inimigo, ganharaõ Almendral, Nogales, e Safra, sem mais opposição, que estragarem os inimigos as terras de Borba.

Neste mesmo anno padeceo o Rio de Janeiro segunda invasão dos Francezes, entrando a 13 de Setembro na sua barra, favorecido de hum a espeda nevoa, Dugué Trovin com hum a esquadra de dezoito naos de guerra; Occuparaõ a Ilha das Cobras, e lançando alguma gente em terra na Cidade de S. Sebastião, a delampararaõ os moradores, passando com parte do seu movel para o interior do Sertão. Capitulou finalmente o Governador com o Commandante Francez, que recebendo dos habitantes grossas quantias de dinheiro, e outros generos, se recolheo para França.

Morto o Imperador Joseph, foy eleito Carlos III, que se achava a este tempo em Barcelona, e deixando nella a sua Esposa, passou a Alemanha, e foy coroado em Francfort, a 22 de Dezembro do mesmo anno, em que seu irmão tinha falecido. Eraõ já publicas na Europa as esperanças da paz, fatigadas todas as Naçoens, que militavaõ; de hum a tão dilatada guerra, nomeada a Cidade de Utrech para theatro deste Congresso.

Governando já as armas do Alentejo Pedro Mascarenhas, sahio o Marquez de Bay á campanha com vinte e sete esquadroens, e treze batalhoens. Intentou ganhar o Castello de Barbacena, mas sem effeito, pela valerosa resistencia de sua guarnição, que governava o Capitão Jeronymo da Sylveira. Passou a Arronches com a mesma fortuna, porque lhe rechaçou o assalto o Tenente Coronel André Ferreira, que o defendia, deixando por final da vitoria muitos mortos, e feridos dos inimigos. Não descançava a este tempo Pedro Mascarenhas, logrando o seu valor na campanha prosperos successos: tinha dividido o exercito em tres corpos, acampados em Borba, Extremoz, e Villa-Viçosa; e sabendo, que os inimigos se recolhiaõ a quarteis, lhe atacou a retaguarda, recolhendo-se o Marquez com perda, e sem conseguir cousa alguma.



Era já notoria a suspensão de armas entre França, Hespanha, e Inglaterra no Congresso de Utrecht, onde se achavaõ os Plenipotenciarios de Portugal, o Conde de Arouca, e D. Luiz da Cunha; e por este respeito teve ordem o General Inglez da sua Soberana a Rainha da Grão Bretanha, para que reformando as suas tropas passalle a Inglaterra. Continuou com tudo a nossa Corte com tropas nacionaes a guerra em todas as Provincias do Reyno, mandando recolher aos seus governos todos os Generaes com ordens, de que executassem tudo, o que pudesse concorrer para hum vigorosa defenſa.

Sobre Elvas appareceo a 20 de Setembro o Marquez de Bay com numeroſo exercito, composto de oito mil cavallos, dez mil infantes, tres mil gastaadores, vinte e dous canhoens, dezoito peças de campanha, e onze morteiros, além de cem carros de faxina, e outros instrumentos de expugnação. presumio-se ser contra Elvas todo este militar apparato. Tratou o General Pedro Mascarenhas de foccorrela: mas a 28 de Setembro aliviou deste receyo o Marquez de Bay; porque atravessando o Caya, foy acampar hum legoa de Campo Mayor, que governava Estevão da Gama, assistido de outros officiaes de distincto valor; não constando a este tempo a sua guarnição, mais que de quatro Regimentos, e estes tão diminutos, que apenas se achavaõ capazes de servirem novecentos quarenta e sete Soldados, trezentos paizanos, poucos artelheiros, com quarenta cavallos.

Com esta defenſa se dispoz a Praça para hum sitio, que começava a dispor hum tão numeroſo exercito; mas suppriação esta falta os corações de seus defensores. Ao quarto dia de Outubro começou o inimigo a abrir trincheira; e na noite do mesmo dia entrou a foccorrer os sitiados com hum destacamento de trezentos granadeiros o Conde da Ribeira Grande, que apezar de hum grosso batalhão de cavallaria contraria entrou na Praça com incrível fortuna.

O mesmo executou com igual valor o General de batalha D. Hogan Irlandez com trezentos granadeiros, e cincoenta cavallos.

Batiaõ os inimigos a brecha com tanto ardor, que lança-

lançavaõ cada dia oitocentos tiros. Intentou o Conde da Ribeira encravar-lhe a artilharia, mandando para este effeito quatro companhias de granadeiros, governados pelo Tenente Coronel André Ferreira, os quaes lançando-se dentro dos ataques, foy tal o estrago, que fizeraõ nos inimigos, que colhidos do repentino assalto, ficáraõ trezentos mortos, e feridos, não perdendo os nossos nesta acção, mais que hum Alferes com dez granadeiros mortos, e oito prizioneiros, a quem a cobiça do despojo fez menos prompta a retirada: não se logrando a encravação da artilharia, porque o demasiado ardor dos nossos, e huma espessa nevoa, que confundia o terreno, malograraõ esta valerosa resolução.

No dia 24 já a brecha se via praticavel; porque batida com vinte e quatro peças da primeira bateria, e com duas de outra o flanco esquerdo do Baluarte de São João, offerencia prompto o assalto, vendo-se mais profundos, e mais largos os ultimos ramaes. Sabia Pedro Mascarenhas os apertos, a que se hia reduzindo a Praça, e que a guarnição não constava mais, que de mil e trezentos homens: mandou pelas nove horas da noite ao Brigadeiro João Malle, que fizesse cortar grande quantidade de lenha, e misturandolhe faxinas alcatroadas, a lançasse ao pé da brecha, e dar-lhe fogo.

Mandou depois marchar tres Companhias de granadeiros, e quinhentos infantes ás ordens do Conde da Ribeira D. Luiz de Menezes, e do General de batalha Paulo Caetano, ambos de escolhida reputação para este soccorro. Sahio de Elvas este corpo, e junto a hum destacamento de seiscentos homens de Villa-Viçosa, passaraõ o Caya; e enganadas as primeiras sentinelas inimigas, foraõ conhecidos das segundas, que atropeladas com incrível valor, deraõ lugar, a que entrassem emfim na Praça, rompendo já a este tempo com a espada na mão por entre oito mil cavallos, e dez mil infantes, acção tão estupenda, que tem raros exemplos nas historias.

Assaltaraõ finalmente os inimigos a brecha, mas não podendo já soffrer o grande fogo, que por todos os lados os abrazava, se viraõ obrigados a desamparalla. Intentaraõ segundo, e terceiro assalto, mas com a mesma



fortuna, ficando todos mortos, e feridos, e desesperados do pertendido effeito, se retiraraõ de todo para as trincheiras, durando hora e meya esta acção obstinada, até que desanimado de todo o inimigo se retirou do campo; deixando por despojo da victoria mais de dous mil homens entre mortos, e feridos, e dos nossos setenta Soldados mortos, e outros tantos feridos: sendo hum dos mais esclarecidos triunfos, que alcançaraõ os nossas armas das inimigas, em quanto durou esta guerra.

Não foraõ menos felices os successos na Corte; porque no mesmo tempo entrou no seu porto a frota do Brasil, composta de setenta navios, com a importancia de cincoenta milhoens, tendo escapado de huma terrivel tormenta, e das inimigas esquadras; confirmando a noticia, de que se tinhaõ reparado no Rio de Janeiro os danos padecidos na invasão dos Francezes, e do socego, em que ficavaõ todos aquelles distantes povos.

Com o tratado da suspensão de armas, estabelecido em Utrecht, cessaraõ todos os movimentos militares, passando para Portugal as tropas, que militavaõ em Catalunha, conduzidas pelo Conde de Assumar D. Pedro de Almeida, que com prudencia, e valor as meteo de posse da patria, ainda a pezar de alguma opposição dos Castelhãos. Concluiãõ os nossos Plenipotenciarios com os de França em Utrecht o tratado da paz entre as duas Corôas, que affinaraõ o Conde de Arouca, e D. Luiz da Cunha, e dos Francezes o Marechal de Huxelles, e Mons. Mennager; e a 6 de Fevereiro de 1715 se concluiãõ no dito Congresso os ajustes da mesma paz entre este Reyno, e o de Hespanha, affinando com os nossos Ministros o Duque de Ossuna, Plenipotenciario del Rey Philippe V, publicandose em Lisboa a 6 de Abril do mesmo anno.

Com esta paz começaraõ os povos a gozar de huma feliz tranquillidade, recebendo o Reyno de seu Soberano suaves leys; sendo entre ellas a expulsão dos Siganos, passada a 10 de Dezembro de 1718; a prohibição das facas, adagas, e armas de fogo, passada a 20 de Dezembro de 1719; outra passada a 23 de Março de 1720, que prohibe, que neahuma pessoa possa passar para o Estado do Brasil sem passaporte. Outra passada a 29 de Agosto do mesmo

mesmo anno, que prohibe aos Vice-Reys, Governadores, e mais Ministros poderem commerciar por si, ou por outrem. Outra, em que determina o tratamento dos Grandes, Ecclesiasticos, e Seculares d'este Reyno, regulando-lhes o tratamento conforme as preeminencias de seus postos, e lugares, passada a 29. de Janeiro de 1739. E outra finalmente passada nos fins de Mayo de 1749, em que prohibe o uso de todo o tecido de ouro, e prata, e mais de sedas de fóra do Reyno, determinando outras cousas importantes ao bom governo dos povos.

Em seu felicissimo Reynado, verdadeiramente seculo de ouro, começaram as minas a desentranhar-se em riquissimos tributos, não só as que El Rey seu pay tinha mandado povoar, mas outras novamente descobertas, como são as do Quiabá, e Goyazes, por Rodrigo Cesar de Menezes no anno de 1719, sendo a mais preciosa a do Rio Frio; porque não contente com tributar ouro ao seu Dominante, lhe offerece tambem diamantes tão admiraveis, que não invejão os do Oriente.

No Estado da India infundio o seu imperio naquelles barbaros profundos respeito, destruindo as suas armas aos Reys de Canará, e Sunda, vencidos em huma batalha naval. No anno de 1717 reduzio a cinzas a Cidade de Porpatane o General D. Lopo de Almeida. No de 1719. alcançou huma completa vitoria dos Arabios o Almirante Antonio de Figueiredo Utra. No de 1726 sujeitou o Vice-Rey João de Saldanha ao orgulhoso Regulo Sar-Deslay de Cuddale, obrigando-o a pedir a paz depois de abraçar-lhe as Aldeas de Peligaõ, e de Maim; adiantando o mesmo Vice-Rey estas vitorias, ganhando Bicholim depois de seis dias de sitio.

Constandolhe, que com furiosa guerra invadia o Maratá a todo o Norte, até encher de sustos a Goa; levado do zelo da Religiaõ, que se via profanada naquella Christandade, mandou por Vice-Rey daquelle Estado ao Conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes com huma numerosa esquadra: o mesmo importante soccorro acompanhou a Pedro Mascarenhas, que lhe succedeo no governo; até que ultimamente governando aquelle Estado o Marquez de Castello-Novo, alcançou dos Bonulos tantas vitorias, como



como contaõ de varios Manifestos , rendendo todas aquellas praças , que nos governos passados desde a acclamação delRey D. Joaõ o IV tinhamos perdido naquelle Estado; fazendo gloriosa a sua memoria , e não menos immortal o seu nome nos Portuguezes Fastos ; remetendo-lhe ElRey importantissimos soccorros para seguir os seus triunfos , e dando-lhe em premio de seus distinctos merecimentos o titulo de Marquez de Alorna, hum das praças conquistadas pelo seu valor , que tem posto em reverente consternação todo aquelle vastissimo continente.

No Reyno de Angola o Principe de Caconda, visinho de Bengalla, commettendo algumas hostilidades contra o nosso Presidio, foy obrigado a pedir pazes pelo valor do General D. Joaõ Manoel de Noronha. Na Africa pela parte de Moçambique foy vencido em tres batalhas o Principe Changamira pelo Tenente Coronel Rafael Alvares da Sylva. Com o mesmo vigor foy soccorrida a Nova-Colonia do Sacramento, que valerolamente defendeo o Brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, que a governava. Emfim em todas as Capitanias daquelle Estado assiste sempre a fortuna do seu Soberano pela inteireza, zelo, e cuidado de seus Governadores.

Informado de sua piedade, e zelo grande da Religião, instou a ElRey por hum Breve, passado a 18 de Janeiro de 1715, o Papa Clemente XI, para que soccorresse a Christandade, ameaçada pelas arrogantes armas Otomanas, sendo a Ilha de Corfû o emprego da sua furia; depois de conquistada a Morea aos Venezianos; e movido de suas instancias, mandou hum luzida esquadra, governada pelo Conde do Rio Grande, acompanhado de muita Nobreza, que sahindo de Lisboa a 5 de Julho buscando Corfû, se recolheo a 25 de Novembro com a gloria, de que com a noticia do seu soccorro tinhaõ levantado os Turcos o sitio daquelle Ilha, que defendia o Marechal de Scoulembourg valerosamente.

No anno de 1717 tornou a mesma armada a demandar o Mediterraneo; sahindo de Lisboa a 28 de Abril, commandada pelo mesmo Conde do Rio; e avistando os inimigos, se puzeraõ em batalha, formando hum linha; com

com dous navios de Malta, e huma fragata Veneziana. A armada Turca se compunha de vinte duas sultanas, e vinte e seis navios de Alexandria a Barbaria. A Veneziana de vinte e cinco da primeira, e segunda linha, que com as auxiliares faziaõ o numero de trinta e quatro. Foy a nossa esquadra determinadamente buscada pelos inimigos, que soffreo o seu fogo dez horas; tem perder fôrma, nem tahir da linha, correspondendo incessantemente com tão formidavel estrago, que não podendo soffrelo os Turcos, rota já pelos nossos a sua linha, se puzeraõ em fugida, e nos largaraõ a vitoria; não sendo os Venezianos mais, que testemunhas do valor, com que lhe defendemos os seus Estados; e a 6 de Novembro entrou a armada em Lisboa com a gloria de hum triunfo, que poz em gostosa expectação a toda a Europa,

O mesmo Pontifice Clemente XI depois de feita na sua Real Capella huma insigne Collegiada com o antigo titulo de S Thomé, erigio de consentimento del Rey a mesma Collegiada em Igreja, e Basilica Patriarcal, por Bulla passada a 7 dos Idus de Novembro de 1716, sendo o seu primeiro Patriarca D. Thomás de Almeida, Varaõ esclarecido em sangue, letras, e virtudes, Bispo que havia sido do Porto, e Lamego, exercitando o seu sublime talento em varios honorificos empregos da Monarquia. Depois o Papa Clemente XI lo creou Cardeal a 20 de Dezembro de 1737; declarando ser esta dignidade perpetua em seus Succellores Patriarcas.

Foy dividida Lisboa em duas Cidades por hum Alvará Real passado a 15 de Janeiro de 1717, determinando lhe governo separado, tanto Ecclesiastico, como secular, ficando a antiga Metropoli com a parte do Oriente, e o Patriarcado com a Occidental; constando esta Basilica de seis Dignidades, dezoito Conegos, doze Beneficiados, Prebendados, e outros Ministerios, deputados para o seu serviço. illustrou-se esta de hum egregio Cabido composto de vinte e quatro lugares, nomeando El Rey as Dignidades, e Conegos, que ao depois se chamaraõ Principaes, titulo, que o Papa approvou, sendo as pessoas mais qualificadas do Reyno em sangue, e letras, com grossas rendas para a subsistencia de sua Authoridade,



ridade, conferindo-lhes ElRey todas as honras de Grandes por Alvará de 24 de Dezembro de 1716; ficando aquella Basilica na riqueza, pompa, e magnificencia não só excedendo as mais celebres Cathedraes de Europa, mas magestosa emulação de Roma.

Passados alguns tempos, por Bulla de 8 de Fevereiro de 1738 continuou o Papa Clemente XII todas as graças concedidas a esta Santa Basilica; reduzindo as quartas partes dos Arcebispados, e Bispados, de que estava de posse os Reis de Portugal, e terças partes; concedendo-lhe de novo certas partes dos frutos de outras Cathedraes do Reyno, dando ao Cardeal Patriarca a faculdade para erigir com conselho, e consentimento delRey novas Prebendas, e Beneficios, que gozassem das mesmas qualidades, que os primeiros; ou moderando os conforme lhe parecesse.

Em virtude desta faculdade se crearaõ setenta e dous Prelados, que ElRey nomeou do seu Conselho, com differença de ordens, entre Presbyteros, Prothonotarios, Subdiaconos, e Acolytos, vinte Canonicatos, trinta e dous Beneficiados, e trinta e dous Clerigos Beneficiados, todos do Padroado Real, a que se juntou hum grande numero de Musicos dos mais famosos na sua arte, e mais Cantores para o serviço da Basilica, logrando todos de largas rendas para a sua subsistencia.

Enriquecida esta Santa Igreja de hum rico thesouro em muitas pedras preciosas, ouro, prata, e outros metaes, tudo o mais pollido, que se póde considerar, sendo huma das cousas mais primorosas, que contem esta Sagrada Basilica, a Pia de baptizar, feita de excellente pedraria, e exquisita fabrica. Foy finalmente Sagrada pelo Cardeal Patriarca em 13 de Novembro de 1746, celebrando se esta Sagração com hum solemnissimo oitavario, que continuaraõ as Sagraçoens dos mais Altares o Arcebispo de Lacedemonia, e outros Bispos.

O mesmo Papa Clemente XII cedeo a ElRey para sempre, unindo-os ao Real Padroado, todos os provimentos das Dignidades, Cónезias, e mais beneficios da antiga Cathedral de Lisboa, por huma Bulla, passada a 8 de Março de 1737. E rezidia já na Cadeira de S. Pedro o Santissi-

o Santissimo Padre Benedicto XIV por huma Bulla, passada a 13 de Dezembro de 1740, supprimio o nome das antigas Dignidades, e Canonicatos pelos de Principaes da Santa Igreja de Lisboa, compondo hum só Cabido Patriarcal: e em virtude desta Bulla, que mandou intimar aos antigos Conegos da Igreja de Santa Maria, chamada de Lisboa Oriental, no primeiro dia de Setembro de 1741, tomou posse o Cardeal Patriarca de todo o territorio com o nome de Patriarca de Lisboa; ficando unida a Cidade por hum Alvará Real, passado a 31 de Agosto do mesmo anno.

Illustrou o mundo literato, instituindo por Decreto de 8 de Dezembro de 1720 a Academia Real da Historia Portugueza, sendo seu sapientissimo Protector, nomeando cincoenta sujeitos dos mais doutos para seus Academicos, pelos quaes distribuio as partes da Historia Ecclesiastica, e Secular destes Reynos, e suas Conquistas; honrando muitas vezes com a sua Real presenca suas sabias Conferencias, e enriquecendo a dita Academia de izençoens, e privilegios. A mesma Soberana protecção lhe tem devido a Academia dos Arcades em Roma, fazendo-se seu Sócio com o titulo de *Pastor Albano*, mandandolhe lavrar huma sumptuosa Arcadia: lendose sobre a porta principal deste magestoso edificio esta elegante,



# INSCRIPÇÃO JOAN. V.

*Lusitaniae Regi;  
Pio, Felici, Invicto,  
Quod Parrhasi nemoris  
Stabilitati*

*Munificentissimè  
Prospexerit,*

*Cetus Arcadum universus  
Posuit.*

*Andrea de Mello, e Castro  
Comite de Galvéas  
Regio Oratore.*

*Anno salutis M. D. CC. XXVI.*

A Academia dos Escolhidos, Applicados, Anonymos, e Occultos da Corte tem feito neste felicissimo tempo scientificos progressos com a sabia inspiração de hum soberano, que tanto se empenha em fazer gloriosos os seus dominios pelas letras, e pelas armas, suavizando os horrores de Marte com as sonoras consonancias de Minerva; principalmente a dos Escolhidos no Douto, e Real Certame, que em 18. de Outubro de 1742 fez á sua melhoria no Collegio de Santo Antão, onde com a assistencia da Nobreza, e compostosa expectação de tão Douto Congresso se recitaraõ engenhosos, e eruditos Discursos, exercitando-se com igual erudição a dos Occultos para immortal credito da nação no Palacio do Illustrissimo, e Excellentissimo Marquez de Alegrete.

Será sempre immortal monumento de sua Real piedade, e Augusta magnificencia a sumptuosa Obra de Mafra, respeitoso pafmo de todas as Naçoens, que tem vindo a admirar huma maravilha, que emmudece as que até agora tem celebrado o mundo. Começou-se a fundar este Sagrado edificio em 17. de Novembro de 1717. Vê-se edificado hum Convento, em que assistem mais de

trezentos Religiosos, filhos do Serafim dos Patriarcas da Provincia da Arrabida, com hum pollido Templo, consagrado á Virgem Santissima, e ao il.igne Portuguez Santo Antonio ornado tudo de finissima pedraria, bronzes, estatuas, ornamentos, e tudo o mais pertencente ao Divino culto; em que excede o primor do artificio ao precioso da materia, tudo cercado de hum grandioso Palacio: com dilatados hosques, que circula huma extensa Tapada, mostrando tudo a incomparavel grandeza do seu Fundador: Foy Sagrado pelo Patriarca a 22 de Outubro de 1730 com pomposa Magestade.

No Louriçal edificou hum Mosteiro de Religiosas da Primeira Regra de Santa Clara, com particular Estatuto de crarem em Lauf-perenne diante do Santissimo Sacramento duas Religiosas: dotando este Santuario, e enriquecendo o com generosa, e Real profusaõ. Reedificou o Convento das Religiosas Commendadeiras da Incarnação da Ordem de Avís, que por hum terrivel incendio tinha sido arruinado: devendolhe o Sagrado hum incançavel desvelo; augmentando o seu respeito com excellentes fabricas; como vê a suspenção em huma riquissima capella, que mandou lavrar em Roma, e collocala em S. Roque, dedicada a S. Joaõ Bautista, de finissimas, e exquisitas pedras, guarnecidas de bronze dourado; tudo obrado com primoroso artificio. Em outra não menos sumptuosa, que actualmente se está lavrando no Convento de S. Francisco de Xabregas, consagrada a S. Benedicto, a quem a tinha promettido seu Augusto pay.

A Real fabrica da Igreja, Convento, e Palacio das Necessidades no sitio de Alcantara para os Padres da Congregação do Oratorio, he hum prodigio da arte. Nas Caldas da Rainha mandou fabricar huma grandiosa enfermaria com todas as providencias necessarias para o commodo dos enfermos, mandando-lhe abrir mais dous banhos. Esta piedade exercita no Hospital de Todos os Santos em outra não menos grande enfermaria. A Reynos estranhos se tem extendido a sua liberalidade em muitos Conventos, e Igrejas, reparados, e eutros piedosos dispendios, eternos padroens de sua Real grandeza. Como se vê na Igreja



do Santo Sepulcro de Jerutalem em humariquissima aramãção para toda a Igreja, de veludo lavrado, sobretecido de ouro, com guarniçoens do mesmo, bordadas as janefas com as suas Reaes Armas, e preciosos ornamentos para servirem nas festas mais solemnes daquelle adoravel Santuario.

Celebrou á sua Real despeza diversas Canonizaçoens, extremos exemplos de sua religião; como forão as dos Santos Estanião Kostka, e Luiz Gonzaga na Igreja de S. Roque; a de S. João Francisco Regis na mesma Igreja; S. Toribio Marovejo, e S. Peregrino no Collegio de Santo Antão, S. Vicente de Paula Fundador dos Clerigos da Misão, na sua Casa, dando-lhe nelle mesmo tempo licença para a propria fundação, e contribuindo com humagolla e esmola para a fabrica do seu Convento. Finalmente a Canonização de S. Camillo de Lellis, Fundador dos Clerigos Regulares Ministros dos Enfermos, que mandou celebrar com portentosa magnificencia no Hospital de todos os Santos, honrando todas estas solemnidades com sua Real presença.

O grande ardor, com que venera o Mysterio da Immaculada Conceição de Maria Santissima, que seu Augusto avó fez Patroeira do Reyno, lhe inspirou mandasse por Carta, firmada de sua Realmaõ, em 12 de de Novembro de 1717 a todos os Prelados das Cathedraes, e Collegiadas do Reyno, que celebrassem esta solemnidade com as mayores demonstraçoens de grandeza.

Com generoso, e compassivo animo tem sempre remediado a necessidade de seus povos; como se vio em hum ramo de contagio, que no anno de 1723 padeceraõ alguns Bairos de Lisboa, mandando soccorrer a todos os enfermos com remedios, e dinheiro. A mesma Real providencia experimentou a mayor parte da Provincia do Alentejo, e campo de Ourique em huma lastimosa esterilidade, padecida no anno de 1734, mandando reparar para sustento dos necessitados consideraveis sommas de dinheiro.

Mandou reedificar a praça de Campo Mayor, que por hum rayo despedido sobre a torre da polvora no anno de 1732 padecera hum deploravel estrago, acodindo a seus

a seus habitantes com copiosas esmolas. A mesma committeração lhe devem as almas do Purgatorio, de que he devotissimo, aliviando-as com continuos suffragios, e infinitas Millas.

São tuas as sumptuosas fabricas dos Arsenaes de Lisboa, e Extremoz, em que se vem com ordem distribuidos innumeraveis instrumentos militares, e infinitas armas, não cedendo no pollido aos melhores de Europa. Mandou erigir a Fabrica da seda no sitio da Cotovia, em que se trabalha com tanta perfeição, que se tecem as mais delicadas sedas, e todo o genero de tisus, telas, e estufos de ouro, e prata. Em fim no seu felice Reynado se ve Lisboa tão amplificada, que tem excedido a terçã parte do que de antes era em diversas ruas, e vistosas fabricas; enriquecida com a celebre das Agoas livres, tão sumptuosa, que excede na magestade de seu arcos a todos os aquaductos mais famosos no mundo, tudo obraço com excessivas despezas, que lhe tem adquirido o brilhante titulo de *Magranimo*, com magestosa inveja de todas as mais Soberanias.

Mandou bater diversas moedas de differente valor: humas com o seu retrato de huma parte, e no reverso com as Armas Reas. Começaõ em quatrocentos reis, e vaõ subindo a oito tostoes, dezaseis, tres mil e duzentos, seis mil e quatrocentos; doze mil e oitocentos, e vinte e quatro mil reis.

Entre as sciencias lhe tem devido a Mathematica especial inclinação, mandando vir de Italia dous insignes Professores, que forão o Padre Domingos Capace, e o Padre João Bautista Carbone, ambos da Companhia de JESUS, aproveitando-se do grande talento deste ultimo para o expediente de varios negocios da Monarquia, em que tem dado excellentes mostras de sua sublime capacidade, prudencia, e mais virtudes, que constituem hum Varão eminente, ainda na efflimação de hum Soberano; que tanto sabe conhecer os merecimentos de seus vassallos para o emprego do seu servico. Mandou buscar primorosos instrumentos para as operaçoens daquella nobre arte, que exercita com admiração dos Professores; conservando em seu Real Palacio huma numerosa, e admiravel



livraria de rarissimas edicções, grande numero de exquisitos manuscritos, admiraveis relogios, e outras raridades, que occupão muitos gabinetes.

Não menos enriqueceo os antigos Palacios da Serenissima Casa de Bragança em Lisboa, e Villa Viçosa; fabricando o primeiro de novo ao moderno. Ampliou o antigo Seminario de Villa-Viçosa, e a Capella do Paço em Capelaens, Cantores, e riquissimos ornamentos, destinando para o seu serviço hum thesouro, continuando o culto Divino com magestosa pompa.

A' sua instancia creou o Papa Clemente XI o Bispo do Grao Pará; por Bulla passada a 4 de Março de 1719 sendo seu primeiro Prelado D. Fr. Bartholomeu do Pilar Religioso do Carmo; contribuindo ElRey para o edificio da sua Cathedral, e seu ornato, prata, e riquissimos ornamentos com mão liberalissima. Por nomina sua foram creados Cardeaes da Santa Igreja de Roma, Nuno da Cunha Inquisidor Geral em 18 de Março de 1712 D. Joseph Pereira de Lacerda Bispo do Algarve a 19 de Novembro de 1719, ambos pelo Papa Clemente XI Por Benedicto XIII a 9 de Dezembro de 1726 a D. João da Mota e Sylva. E D. Thomás de Almeida Patriarca de Lisboa a 20 de Dezembro de 1737 por Clemente XII.

Affistindo em Madrid Antonio Guedes Pereira por Enviado Extraordinario, fez aviso a ElRey, que o de Hespanha solicitava huma reciproca aliança entre as duas Coroas; firmandoa com duplicados vinculos. Passou áquella Corte com pleno poder, que se extendia tambem ao mesmo Enviado, Joseph da Cunha Brochado, do Concelho delRey, e de sua Fazenda, e se ajustaraõ os preliminares artigos com os ditos Plenipotenciarios da parte delRey, e com o Marquez de Grimaldo Ministro delRey Catholico, firmados a 7 de Outubro de 1725, que aquelles Reys ratificaraõ; ElRey em Lisboa a 13 do mesmo mez, e anno, e ElRey Catholico a 14 do dito anno e mez em Santo Ildefonso.

Concluidos estes primeiros ajustes; passou áquella Corte por Embaixador Extraordinario o Marquez de Abrantes, e para a de Lisboa o Marquez de los Balbazes com o mesmo caracter; passando-se em huma, e outra Corte

Corte os tratados Matrimoniaes.

Celebraraõ-se os Desposorios do Principe do Brasil com a Infanta Dona Mariana Victoria na Corte de Madrid, e na de Lisboa os do Principe das Asturias com a Infanta Dona Maria Barbara na Santa Igreja Patriarcal; fazendo esta funçaõ o Patriarca com a assistencia das Peshoas Reaes, e de toda a Grandeza Ecclesiastica, e Secular; celebrando a Corte estas Reaes vodas com publicas, e sumptuosas festas.

Concordaraõ os Reys de se avistarem ao tempo da entrega das Princezas, e partio de Madrid toda a Corte de Hespanha no mez de Dezembro de 1718. Ordenou ElRey o seu dia da partida a 8 de Janeiro de 1719, acompanhado de toda a Real familia, e nobreza da Corte, o Cardeal da Cunha, e o Patriarca com hum parte do Collegio da Santa Igreja Patriarcal; e passados nove dias de feliz jornada, entrou em Elvas, onde esperou o dia destinado para a Real entrega.

Chegou emfim este ditosissimo dia, em que se haviaõ avistar huns, e outros Reys, sahio o nollo com toda a familia Real em hum magnifico coche, tirado de oito frizoens, com luzidissima comitiva, tanto nas galas, como nas carruages, coberto tudo de ouro, e prata; e marchando com admiravel ordem, chegaraõ os Reys ao Caya, linha que divide as duas Monarquias, sobre o qual se tinha fabricado hum magestoso palacio, digno de taõ grandes Monarcas, guarnecido de riquissima tapeçaria. Viraõ-se as Magestades com grande gozto, e demonstraçoens de contentamento; e depois de se complimentarem com reciproca satisfacção, se fizeraõ astrocas, e pegando cada hum das Rainhas na Princeza, que lhe tocava.

Despedidas as Magestades, entraraõ nos coches, caminhando com as duas vistosas comitivas de ambas as Cortes, cercando as guardas de hum, e outra parte as vistosas margens do rio; com hum immenso concurso do povo, que concorreo a admirar hum funçaõ, que excedeo na pompa, riqueza, e luzimento a quantas desse genero se tem celebrado na Europa, e hum dos mais faustos dias, que se lerá na Historia.



No dia 12 de Fevereiro se recolheu ElRey para a Corte, recebendo-o esta, e aos Reys Confortes com singularissimas demonstraçoens de alegria, expressadas no custoso apparato de seus adornos, e triunfaes arcs de singular arquitetura, por onde se haviaõ de conduzir os Reaes Esposos.

Continuou esta reciproca aliança, confirmada entre as duas Coroas, até que deo a Corte de Madrid alguns motivos para rompela já na usurpação de Monte Vidio, e logo na disputa do continente da Nova-Colonia do Sacramento, cedido pelo tratado de Utrech. Accresceraõ finalmente os da delatençaõ, que experimentou naquella Corte Pedro Alvares Cabral, que servia de nosso Plenipotenciario, prendendolhe dentro do seu mesmo Palacio á ordem do Presidente de Castella os seus criados, sem que se lhe dêsse a devida satisfação da quebrada immuniidade, e direito das gentes.

Avisando aquelle Ministro á sua Corte deste insulto, procedeo esta com differente moderação contra o Marquez de Capecelatro Embaixador delRey Catholico, ainda que se usou com os criados o mesmo, que em Madrid com o nosso Ministro para sua segurança, até que se recolheraõ ambos para as Cortes de seus Soberanos. Este movimento fez usar ambas as partes das prevençoens precisas, passando á Corte de Londres com o caracter de Enviado Marco Antonio de Azevedo Coutinho, que com grande acerto, não só segurou a antiga aliança destas duas Coroas, mas tambem a defenfa dos portos, frotas, e Condições; expedindo logo aquella Corte huma luzida esquadra de vinte e cinco naos de guerra, e outras embarcaçoens, governada pelo famoso Almirante João Noris, a quem ElRey mandou hum grandioso refresco.

Poz ElRey a este tempo em campanha, sem tributo algum de seus vassallos, hum dos mayores exercitos, que até entãõ se vio no Reyno, composto em menos de tres mezes de mais de trinta mil infantes, e de seis mil cavallos, que com os Regimentos da artelharia, e guarniçoens das Praças excediaõ o numero de quarenta mil homens pagos, e outros tantos auxiliares, a quem tambem se pagou, e municiou para presidiarem as fortalezas das

Provin-

Provincias, nomeando por General de todo este corpo a D. João Manoel de Noronha Conde de Atalaya, Director da Infantaria do Reyno, e General da Cavallaria a D. Pedro de Almeida Conde de Assumar, e da artelharía a D. Antonio Telles da Sylva. Todo este numerofo exercito, composto de tropas nacionaes, se poz prompto nas fronteiras no anno de 1735; porém como ElRey da Graõ Bretanha se via a este tempo neutral na guerra, que França, e Hespanha fazia ao Imperador em Alemanha, e Italia, fez o empenho mayor em evitar esta guerra, conseguindo com França, e os Estados geraes, a suspensão deste rompimento, vindo-se a compor a differença destas duas potencias, continuando a antiga harmonia, em que astinhaõ posto aquelles felicissimos desposorios, e pelos artigos ajustados em París.

Creou de novo até o presente anno de 1749 os seguintes

### TITULOS.

**A**D. Pedro Henrique de Bragança e Sousa seu sobrinho, fez Duque de Lafões, e a sua mãy fez tambem a mercê de Duqueza da mesma terra.

A D. Pedro Antonio de Noronha segundo Conde de Vila-Verde fez Marquez de Angeja. A D. Martinho Mascarenhas, VI Conde de Santa Cruz, Marquez de Gouvêa, dando-lhe o tratamento de Sobrinho; e a seu filho D. João Mascarenhas o de Conde de Santa Cruz, que ao depois fez Marquez de Govêa. A D. Francisco de Portugal VII Conde de Vimioso fez Marquez de Valença, e a seu filho Conde de Vimioso, continuando-lhe o tratamento de Sobrinho. A Rodrigo Eannes de Sá e Menezes, III Marquez de Fontes, fez Marquez de Abrantes com o tratamento de sobrinho: e a seu filho VIII Conde de Penaguião fez Marquez de Fontes, que depois succedeo no de Abrantes por morte de seu pay. A D. Luiz de Menezes, V Conde da Ericeira, fez Marquez de Lourical, e a seu filho Conde da Ericeira en vida de seu avô, e agora Marquez de Lourical. A Fernão de Sousa, senhor de Govêa, fez Conde de Rodondo. A D. Sancho de Faro Senhor de Vimieiro Conde da mesma Villa. A Tristão da Cunha, e

Tom. II, Gg Ataide



taide Senhor de Povoaide, fez Conde da mesma Villa. A D. Antonio de Almeida fez Conde do Lavradio de juro. A D. João Diogo de Atayde fez Conde de Alva. A Vasco Fernandes Cesar de Menezes fez Conde de Sabugosa, e por sua morte a Luiz Cesar de Menezes seu filho. A Pedro Mascarenhas fez Conde de Sandomil. A D. Luiz de Castro, Conde de Mon-Santo, fez Marquez de Cascaes, dandolhe o tratamento de sobrinho, quando casou com Dona Joanna Perpetua, a quem concedeo as honras de Duqueza. A D. João de Bragança Sousa e Ligne, seu sobrinho, deo as honras de Marquez. A D. Pedro de Almeida Conde de Assumar, nomeando o Vice-Rey do Estado da India, fez Marquez de Castello Novo, e ultimamente Marquez de Alorna, hum das Praças, que conquistou naquele Estado. A seu filho fez Conde de Assumar.

Multiplicou em alguns transversaes os Titulos de suas Casas, como a D. Fernando de Noronha, que fez Conde de Mon-Santo, e a André de Mello Conde das Galveas, e agora ultimamente a D. Nuno de Mello, por morte de seu pay o Duque D. Jaime, fez Duque do Cadaval, com todas as honras, e preeminencias, que lograva o Duque D. Nuno seu avó.

Creou de novo tres Secretarios de Estado, dividindo por estes todos os negocios dos seus Estados. A Pedro da Motta e Sylva, do Reyno, e mercês. A Antonio Guedes Pereira, que agora he falecido, da Marinha, e Conquistas. A Marco Antonio de Azevedo Coutinho, dos negocios Estrangeiros, e de Guerra, de cuja ultima Secretaria está agora de posse Pedro de Mello.

Nos tribunaes tambem creou de novo Presidentes. Na Mesa da Consciencia, e Ordens, o Duque de Cadaval D. Jayme. No Dezembargo do Paço o Marquez de Fronteira D. Fernando Mascarenhas. Regedor das Justicas o Conde de Aveiro João da Sylva Tello, lugar, que tambem occupou o Bispo de Leiria D. Alvaro de Abranches. No Senado da Camera foy Presidente João de Saldanha de Albuquerque, o Conde de Aveiras segunda vez, depois de ser Regedor, e o Conde da Ribeira grande D. Joseph Rodrigo da Camera. Da Junta do commercio foy Presidente D. Lourenço de Almada. Agora porém por seu  
novo,

novos, e Real despacho, passado em 25 de Agosto deste presente anno de 1749, deputou para Presidentes dos meismos Tribunaes os Fidalgos seguintes. Para Regedor das Justças, o Duque de Lafoens, para Presidente do Desembargo do Paço o Marquez de Goveya Mordomo mor. Para Presidente da Mesa da Consciencia o Conde de Vímio. Para Presidente do Conselho Ultramarino o Conde de Arouca. Para Presidente do Senado da Camera o Conde de Barão, e finalmente, para a Junta do Tabaco o Conde de Povolide. No Tribunal da Cruzada Presidio o Commisario Geral D. Francisco de Sousa, por sua morte Pedro Haile de Belém. Succedeo-lhe João Duarte Ribeiro. A este le seguiu D. Manoel Cietano de Sousa Clerigo Regular com o titulo de Pro-Commisario Geral da Bulla. Seguiu-se o P. Fr. Domingos de Santo Thomaz da Ordem de S. Domingos, e finalmente a este Fr. Sebastião Pereira de Castro.

São emfim as acçoens do nosso Monarca incomparavelmente grandes, sem que em seus elogios possa ter parte a lisonja, porque a natureza o dotou superior a toda a grandeza. He Pio, Magnanimo, e Devoto; estes são os brilhantes Caractéres, com que o respeita o mundo todo. He Pio, na compaixão, e soccorro da pobreza; Magnanimo, na generosa liberalidade, com que premey a merecimentos de seus vassallos; e devoto na profunda reverencia, com que trata o Sagrado. Faz ministrar exactamente a justiça, tomando conhecimento de todas as couzas, que conduzem para a sua observancia. He de estatura proporcionada, magestoso aspecto, agradável presenca, agil, e desembaraçado, antes da queixa, de que enfermou a 10 de Mayo de 1741, de que tem, a incessantes lagrimas, e supplicas dos seus Povos, recebido melhorias. He animado de hum vivo espirito, comprehensão, agudeza imponderavel, e portentosa memoria. Nos divertimentos moderado, sendo a sua mais estimavel recreação os livros, que o tem de tal sorte instruido nas sciencias, que logra huma universal Enciclopedia; he em fim todo huma brilhante idea de hum Monarca perfeito, cujas acçoens, lidas pela posteridade com respeitoso assombro na Historia, apenas cabem no templo da Herocidade.



Casou como já se disse, a 27 de Outubro de 1708 com a Rainha Dona Maria Anna de Austria, nascendo desta uniaõ Real os seguintes

### FILHOS.

**A** Infanta Dona Maria Barbara Rainha, que agora he de Hespanha, que nasceo a 4 de Dezembro de 1711, foy bautizada a 18 do mesmo mez por Nuno da Cunha Bispo Capellaõ mór, e Inquisidor Geral; sendo seus Padrinhos o Infante D. Francisco seu tio, e a Emperatriz Leonor sua avó.

D. Pedro Principe do Brasil, que nasceo em Lisboa a 19 de Outubro de 1712, foy bautizado a 22 de Novembro pelo dito Inquisidor Geral; sendo seus Padrinhos o Imperador Carlos VI, e a Infanta Dona Francisca sua tia: falleceo a 29 de Outubro de 1714, e jaz sepultado em S. Vicente de fóra.

O Serenissimo Senhor D. Joseph Principe do Brasil, que nasceo a 6 de Junho de 1714, e foy bautizado a 27 de Agosto pelo Cardeal da Cunha Capellaõ mór.

O Infante D. Carlos, que nasceo em 2 de Mayo de 1716, e foy bautizado pelo Cardeal da Cunha; sendo seu Padrinho o Serenissimo Infante D. Antonio seu tio, e Madrinha Dona Maria sua irmãa. Falleceo a 30 de Março de 1736. Jaz sepultado em S. Vicente de fóra.

O Infante D. Pedro, que nasceo a 5 de Julho de 1717, e foy bautizado a 29 de Agosto pelo Patriarca de Lisboa D. Thomaz de Almeida: foraõ seus Padrinhos o Papa Clemente XI, e a Infanta Dona Maria Barbara sua irmãa.

O Infante D. Alexandre, que nasceo a 24 de Setembro de 1723, foy bautizado a 6 de Dezembro pelo mesmo Patriarca; sendo seus Padrinhos, ElRey Catholico Philippe V, e a Rainha Dona Mariana de Neubourg, viuva de Carlos II. Falleceo a 2 de Agosto de 1728. Jaz sepultado em S. Vicente de fóra.

## CAPITULO XVII.

*Memorias de alguns successos do Mundo no feliz Reynado del Rey  
D. João o V ale o anno de 1749.*

**A**O Papa Clemente XI, que morreo a 10 de Março de 1721, succedeo Innocencio XII, o qual fallecendo no anno de 1724, tomou posse da Cadeira Pontificia Benedicto XIII. Morto este, governou actualmente a Igreja Benedicto XIV. Imperaraõ successivamente neste tempo em Alemanha os Imperadores Joseph I, e seu irmão Carlos VI, a quem succedeo ultimamente Francisco I, Graõ Duque de Tuscana, Augusto Esposo da Imperatriz Maria Theresia, Archiduqueza de Austria, e Rainha de Ungria.

Desde o anno de 1706 até o de 1714 se vio Europa theatro de huma formidavel guerra entre França, e o Imperio, perdendo a primeira varias campanhas, como a de Ramilies, lugar entre a Cidade de Namur, e Tirlemmon, commandando o exercito dos Francezes o Duque de Villeroy, deixando desembaraçada toda a Provincia de Brabante, sendo o General do exercito contrario o Duque de Marlbouroug.

A 7 de Setembro do dito anno continuou o Principe Eugenio de Saboya estas vitorias, fazendo levantar o sitio, que sobre a Cidade de Turin tinha feito pôr pelo Duque de la Fevillade Luiz XIV Rey de França, perdendo nesta empreza a mayor parte de suas torpas, e toda a artelharía. Foy Toulon na Provença o despique daquelle sitio; porém defendida com valor, se retiraraõ com perda consideravel o Duque de Saboya; e o Principe Eugenio, que a combatiaõ. Perto de Odenarda, lugar da Provincia de Flandes, a 11 de Julho de 1708 se deraõ huma bem disputada batalha os exercitos dos Aliados, que governavaõ o mesmo Principe Eugenio, e o Duque de Marlbouroug, e o de França commandado pelos Duques de Borgonha, e de Vandóma, perdendo os Francezes mais de 5000 homens entre mortos, e prisioneiros.

No anno seguinte em 6 de Janeiro cahio hum taõ espello gelo na mayor parte da Europa, que durou nove  
semanas



soninas, sentindo especialmente a França em seus campos hum terrível effeito. Neste mesmo anno começou a descahir a militar fortuna de Carlos XII Rey de Suecia, sendo derrotado na batalha de Pultova por Pedro I, Impérador da Russia, buscando Carlos em Bender o favor ao Turco. Tomou posse Augusto do Throno de Polonia, lançando fóra d'elle a Estanislao seu competidor, que o mesmo Carlos Rey de Suecia tinha introduzido por violencia. Em 11 do mez de Setembro do dito anno perderão os Francezes a batalha de Malplaquet, ganhando depois os Aliados a Villa de Mons no Condado de Henau, fruto daquelle vitoria.

Em 14 de Abril de 1711 morreo Luiz Delfin de França, filho unico de Luiz XIV, e de Maria Theresia de Austria Infanta de Hespanha: seu filho primogenito o Duque de Borgonha foy reconhecido Delfin de França. Morreo no mesmo em 17 de Abril em Vienna o Imperador Joseph filho primogenito de Leopoldo, e foy eleito para o Imperio seu irmão Carlos III, que a este tempo se achava em Barcelona; Corou-se em Franc-Fort em 22 de Dezembro do seguinte anno, e foy reconhecido com o nome de Carlos VI.

Foy fatal a França este anno de 1712 pela intempestiva morte de seus Principes, fallecendo quasi ao mesmo tempo a Delfina Maria de Saboya, e seu marido seis dias depois em Fevereiro. Deu Luiz XIV o titulo de Delfin ao Duque de Bretanha filho primogenito do Delfin defuncto, que acabou de idade de cincoenta annos, passando o Delfinado ao Duque de Anjou irmão do defuncto, que ao presente vive com o nome de Luiz XV.

Em 12 de Mayo do dito anno Canonizou o Papa Clemente XI a S. Pio V. da Ordem de S. Domingos, S. Feliz de Cantalicio, da de S. Francisco. Santo André Avelli, no Clerigo Regular, e Santa Catharina de Bolonha Franciscana. No anno seguinte fulminou o mesmo Pontifice a Bulla *Unigenitus* contra o livro de Patcoal Quefnel, e condemnou cento e huma proposioens suas, extrahidas do seu livro intitulado *Moral dos Evangelhos*: toda a Christandade aceitou esta Bulla, excepto alguns Bispos Francezes, de quem era cabeça o Cardeal de Noaylhes.

A guerra

A guerra, que havia assolado a toda Europa por espaço de doze annos, cessou pela paz concluida em Utrech a 13 de Abril do mesmo anno.

No seguinte a 6 de Março se concluiu a paz em Rastatt Villa de Suecia entre o Imperador Carlos VI, e Luiz XIV de França, sendo Plenipotenciarios o Principe Eugenio de Saboya General do Imperio, e o Marechal Duque de Vilars General de França, confirmando o dito tratado em Bade a 7 de Setembro,

Em 10 de Abril do mesmo anno morreo em Londres Anna Stuarda Rainha de Inglaterra. Succedeolhe Jorge-Eleitor de Hanover com o nome de Jorge I.

No anno de 1515 falleceo em Versalhes no primeiro de Setembro o grande Luiz XIV, havendo Reynado setenta e dous annos. Succedeolhe seu Bisneto Luiz XV governando por sua menoridade aquelle Reyno Philippe Duque de Orleans.

No seguinte anno romperão os Turcos as treguas de Carlovitz, ganhando aos Venezianos toda a Moréa. O Imperador Carlos VI em virtude da aliança, feita com esta Republica, se obrigou a declarar a guerra, mandando ao Principe Eugenio a Ungria com poderoso exercito, com que o mesmo Principe derrotou os Turcos na batalha de Peter-Varadin, ganhando depois a Praça de Temesvar. E em 18 de Junho do anno seguinte, continuando o mesmo Principe as suas vitorias, passou a sitiar Belgrado, Capital da Servia, que depois de hum mez de sitio foy felizmente ganhada, derrotados os Turcos, que pertendião com hum grande exercito defendella.

O tratado da Triple aliança, que se havia firmado em Haya pelos Embaixadores de França, e Hollanda nos principios do anno passado, foy firmado em Londres no de 1718 a dous de Agosto pelos Plenipotenciarios do Imperador, juntos com os das ditas Potencias, e por esta causa se chamou esta liga a *Quadruple Aliança*; em virtude da qual derrotou em favor do Imperador o Almirante Bingh Inglez a armada Hespanhola, que havia abordado a Palermo.

Em 11 do mez de Dezembro do sobredito anno fez o Imperador pazes com o Turco, firmando-se este tratado



em Petrowits a 21 de Julho. Em 11 do mez de Dezembro do mesmo anno foy morto Carlos XII Rey de Suecia de huma bala no sitio de Frederixhal, contando trinta e seis annos de idade; succedeo lhe naquelles Estados sua irmã Ulrique Eleonora.

Em 19 de Janeiro de 1720 morreo em Vienna com fama de Santidade a virtuosa Imperatriz Eleonora Magdalena, mulher do Imperador Leopoldo I, de idade de sessenta e cinco annos. Era Mãe dos Imperadores Joseph I, e Carlos VI, da Rainha de Portugal Dona Maria Anna Archiduqueza de Austria, de Maria Isabel Archiduqueza, Governadora dos Paizes baixos, e de Maria Magdalena segunda Archiduqueza.

No mesmo anno se estabeleceo hum tratado de suspensão de armas entre o Imperador, e Philippe V, Rey de Hespanha, em virtude do qual tomou posse o Imperador do Reyno de Sécilia, com condição de que os Inglezes lhe restituiriaõ Gibraltar, e Porto Mahon. O Duque de Saboya fez em attenção ao Imperador deixação do dito Reyno, depois da paz de Badtstat, tomando o titulo de Rey de Sardenha, que hoje possui.

A 30 de Janeiro de 1724 cedeo Philippe V a Coroa de Hespanha a seu filho primogenito Luiz, Principe das Asturias, que se chamou Luiz I: mas não gozou muito tempo desta dignidade; porque morreo em Madrid a 31 de Agosto do mesmo anno tornando a Reynar seu Pay Philippe V. Em 8 de Fevereiro do dito anno faleceo em Petresburgo Pedro Alexiovitz grande Imperador da Russia: foy sua primeira mulher Catharina Federona, da qual se apartou depois de ter della hum filho, chamado Blexio Petrovitz, a quem mandou tirar a vida na prizaõ. A segunda mulher foy Catharina, natural da Livonia, de baixa esfera, a quem coroou em Moscou Imperatriz da Russia, e lhe succedeo em seu vasto Imperio.

Em 30 de Abril de 1725 se concluiu a paz em Vienna entre o Imperador, e Philippe V, Rey de Hespanha; sendo os Ministros della pela parte do primeiro o Principe Eugenio de Saboya, o Conde de Sinzendorf, e o Conde de Estaramberg; e do segundo o Barão de Riperda. Em 15 de Mayo do mesmo anno se publicou em Brusselas com grande

grande solemnidade huma Pragmatica de ley perpetua, que continha a ordem da successão, e união indissolúvel de todos os Reynos, Provincias, e Estados hereditarios de Sua Magestade Imperial, para que por falta de filhos varoens, succedesse sua filha primogenita Maria Thereza Archiduqueza de Austria; cuja ley juraraõ todos os Ministros dos Estados respectivos de todos os Reynos, e Paizes hereditarios da Caia de Austria.

Os Reis de França, de Inglaterra, e de Prussia, invejosos da Aliança concluida em Vienna entre o Imperador, e Philippe V. Rey de Hespanha, fizeraõ tambem outra entre si, cujo tratado foy firmado em Herrenhausen perto de Hannover em 3 de Setembro do mesmo anno, na qual entraraõ os Estados geraes das Provincias unidas, deziñdo pouco depois della El Rey da Prussia para seguir o que se tinha estipulado em Vienna.

Em 17 de Mayo de 1727 morreo em Petresburgo Catharina Alexiena Imperatriz da Russia, deixando por seu successor a Pedro Alexiovitz, neto de seu defunto esposo Pedro I: foy huma das mais heroicas Matronas do seu seculo. No mez de Dezembro do dito anno canonizou o Papa Benedicto XIII a Saõ Toribio Arcebispo de Lorna nas Indias Occidentaes; a S. Jacome da Marca, S. Francisco Solano, Franciscanos; a S. Peregrino Lazioni da Ordem dos Servitas. A Saõ Joaõ da Cruz da Ordem do Carmo, a Santa Ignez do Monte Policiano Dominica, e a S. Luiz Gonzaga da Companhia de JESUS; pondo em 26 de Mayo do anno seguinte no Cathalogo dos Santos a Santa Margarida de Cortona, Franciscana, e no dito anno se achou em Pavia o Corpo do Glorioso Doutor da Igreja, Santo Agostinho, que se hãvia enterrado muitos seculos antes na Igreja de S. Pedro, chamada de *Calo aureo*.

O mesmo Pontifice a instancia do Cardeal Cienfuegos, Ministro do Imperador, canonizou a 29 de Março do dito anno a S. Joaõ Nepomuceno, Conego da Sé de Praga, Capital de Bohemia, o qual tinha sido arrojado ao rio Moldava no anno de 1383, por haver recusado a Venceslao Rey de Bohemia o revelar a confissão da Rainha Joanna sua Esposa. Beatificou o Papa ao mesmo tempo ao



Padre Fr. Fideli de Sigmaringa. Franciscano, martyrizado em Rheti pela Fé Catholica a 24 de Abril de 1622.

Por Decreto da Sagrada Congregação de Ritos de 21 de Março do mesmo anno se entrou a trabalhar na Beatificação da Veneravel Maria de JESUS de Agreda, declarando, que seus livros da *Mística Cidade de Deos* se podiaõ ler sem ulterior exame. No Convento de S. Francisco da Cidade do Porto morreo e n 16 de Abril de 1729 de cento e quatorze annos de idade o Padre Fr. Manoel de S. Bernardino, com opiniaõ constante de virtude, tendo pronosticada a hora de sua morte, accreditada de preciosa pela inflexibilidade de seu cadaver, authenticada esta maravilha por innumeravel concurso de povo, que concorreo ao seu enterro.

No de 1731 em 18 de Abril falleceo, tendo de idade setenta e oito annos, o Padre Fr. Joseph de Santa Anna, Religioso de S. Francisco da Provincia dos Algarves, no Convento de Xabregas em Lisboa, fazendo em vida, e morte muitos milagres, visitando-o no feretro as Magestades; que o estimaraõ vivo por suas heroicas virtudes: foy estupenda sua inflexibilidade; authenticada em juridica fórma pelo Cabido; que entaõ era da Sê Oriental, sendo visitado seu sepulcro por alguns tempos pela devoção do Povo.

No anno de 1722 a 24 de Janeiro he eleito em Francfort Imperador com o nome de Carlos VII o Eleitor Duque de Baviera, e a 12 de Fevereiro he Coroado na mesma Cidade com magnifica pompa.

A 6 de Mayo do mesmo anno se coroou a Imperatriz da Russia a Princeza Isabel, filha do grande Pedro I, lançando fóra daquelle throno a Princeza Anna, e os Principes seus filhos, que o occupavaõ.

F I M.





